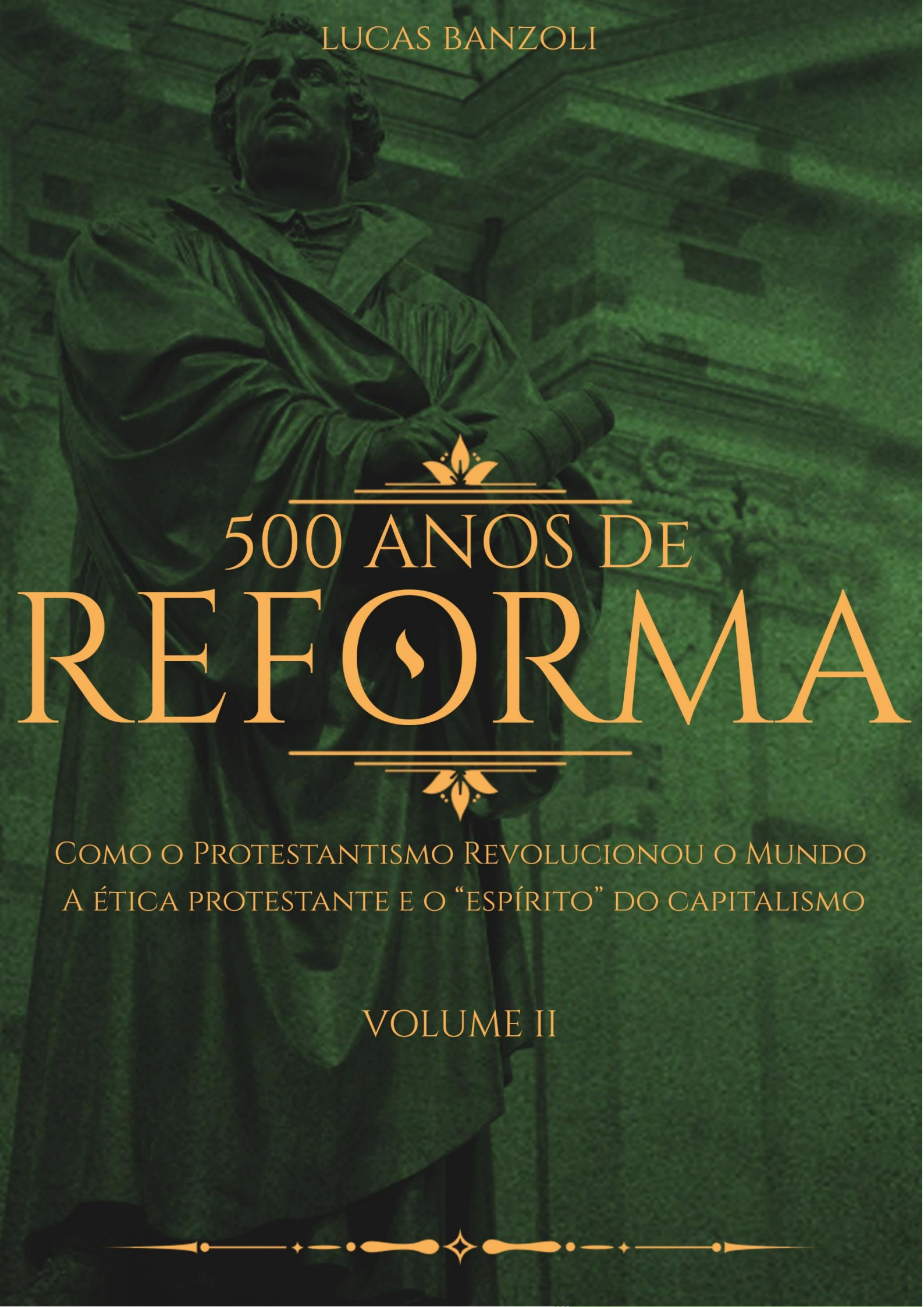
LUCAS BANZOLI



500 ANOS DE REFORMA

Como o Protestantismo Revolucionou o Mundo
A ética protestante e o "espírito" do capitalismo

VOLUME II

É livre a divulgação e reprodução desta obra (desde que dados os devidos créditos), exceto para fins lucrativos.

Para citar:

BANZOLI, Lucas. *500 Anos de Reforma: Como o Protestantismo Revolucionou o Mundo. Vol. 2: A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* Curitiba: Clube de Autores, 2020.

Lucas Banzoli é mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, pós-graduado em História pela Universidade Cândido Mendes, licenciando em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e tecnólogo em Comunicação Institucional pela Universidade Federal do Paraná. É autor de outros 22 livros e escreve semanalmente no site:

www.lucasbanzoli.com

Sumário

PREFÁCIO **5**

INTRODUÇÃO **8**

CAP. 1 – COMO ERA O MUNDO ANTES DO CAPITALISMO **13**

- A vida e o cotidiano 13
- A pirâmide social 33
- Quando o Oriente estava à frente 59
- O fracasso das experiências socialistas 75
- A ascensão do capitalismo industrial 155

CAP. 2 – A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO ... **185**

- A Igreja contra o lucro 187
- A Igreja contra o comércio 202
- As dificuldades dos mercadores 211
- Igreja rica, povo pobre 217
- O "capitalismo" medieval 236
- O "capitalismo" das cidades italianas 243
- O "capitalismo" das ordens mendicantes 249
- A Igreja contra o trabalho 252
- O sacerdócio universal de todos os crentes 265
- A valorização do trabalho pelos protestantes 286
- Como a Reforma removeu os obstáculos 318

• O papel dos judeus na atividade econômica 333
• Pobreza e caridade na perspectiva católica 336
• Pobreza e caridade na perspectiva protestante 341

CAP. 3 – IGREJA E POLÍTICA NA IDADE MÉDIA 374
• A influência da Igreja na cultura e no cotidiano 374
• A influência da Igreja na política 385

CAP. 4 – A POLÍTICA ECONÔMICA DOS PAÍSES CATÓLICOS 431
• Espanha 433
• Portugal 456
• França 465
• Itália 488
• Os Estados Papais 494
• Polônia 501
• A América Espanhola 504
• Brasil 517

CAP. 5 – A POLÍTICA ECONÔMICA DOS PAÍSES PROTESTANTES 547
• Alemanha 547
• Suíça 554
• Países Nórdicos 558
• Holanda 562
• Inglaterra 574
• Estados Unidos 600

CAP. 6 – UMA ANÁLISE DOS ÍNDICES ECONÔMICOS 691

- Os índices de Angus Maddison 692
- Os índices de Leandro Prados de la Escosura 718
- Os índices de Max Roser 732
- Dados referentes à marinha 744
- Considerações adicionais 750

CAP. 7 – PROTESTANTISMO, CATOLICISMO E DEMOCRACIA LIBERAL 780

- O protestantismo e a democracia 780
- O protestantismo e o liberalismo 811
- O catolicismo e o liberalismo 823
- Conservadorismo, reacionarismo e coletivismo 881
- A mentalidade coletivista 934
- Como o catolicismo é o sustentáculo da extrema-esquerda 961
- Como o protestantismo é o sustentáculo da direita 1008

CONSIDERAÇÕES FINAIS 1025

REFERÊNCIAS 1035

- Fontes impressas 1035
- Fontes digitais 1059

PREFÁCIO

Vendo a situação do Brasil e de toda a América Latina, digo que este continente sofre daquilo que chamo de "cultura caudilhista ibero-americana". Explico: o latino-americano tem uma tendência quase "natural" a idolatrar pessoas como "líderes que querem ajudar o povo, em especial os mais pobres", um pensamento completamente messiânico que abre as portas do autoritarismo e que perverte o real significado do que é ser político dentro de uma democracia: ser um *gestor* do bem público que está *à serviço* da sociedade.

Na prática, os latino-americanos não elegem gestores, mas "reis" para chamarem de "seus". Na teoria dizem odiar políticos corruptos... desde que não sejam os *seus próprios*. Em suma, o grande mal do latino é a sua forte tendência à *idolatria.* Os motivos da existência dessa mentalidade nos latino-americanos são diversos. Mas tem dois componentes da psiquê latina que não podem passar batido: o seu processo de colonização e formação nacional, e sua religião.

O primeiro diz respeito aos formadores desta região, que foram as monarquias portuguesa e espanhola. É o que vimos aqui no continente dentro do período de colonização: dois regimes altamente centralistas, personalistas, patrimonialistas, extrativistas, exploradores, escravocratas e inquisitórios de colonização e formação social. E mais: o negócio é tão fadado ao fracasso que nem mesmo as metrópoles conseguiram desenvolver *a si mesmas,* visto que tanto Espanha quanto Portugal são os países mais atrasados da Europa Ocidental até hoje. Ou seja, não é apenas uma questão de colonizadores e colonizados, mas de uma "cultura" de atraso em comum nos dois.

Já como segundo componente de formação psicológica do continente está a religião. Pense comigo: vendo que o latino tende a adorar políticos e até o próprio Estado, qual é a religião ocidental que mais flerta com a idolatria? E se a visão religiosa de um povo influencia nas suas decisões seculares? Não é preciso responder, porque a resposta é óbvia.

Observando a cosmovisão das religiões, o catolicismo tem, na prática, o seguinte resultado para o mundo (se tiver sucesso no seu empenho): um regime mundial de religião única, sob uma organização religiosa e política – o Vaticano é um Estado – e regida por um "líder supremo", o papa. Ou seja, nessa religião se prega como modelo um regime totalmente centralista e personalista, muito similar ao que se chama hoje de globalismo (o curioso é que os articulistas católicos sempre dizem combater o globalismo... desde que não seja o globalismo *deles*). Então, novamente pergunto: como a democracia, a liberdade e o capitalismo podem florescer nesse regime político-religioso?

Com relação ao protestantismo, sua doutrina fundamental diz que a salvação está pautada num único mediador transcendente e que a única forma de revelação divina está nas Escrituras, assim ambas as teses rechaçam a interferência de uma instituição humana dentro do processo da salvação. Ou seja, o cristão protestante é treinado a pensar que sua salvação não está nas mãos de um "papa" (assim nega a idolatria personalista), que a sua salvação é individual (assim estimula a individualidade e nega o coletivismo e o "comportamento manada"), e que o único meio de revelação é a Bíblia (assim estimula as suas faculdades mentais, o debate intelectual e o senso de descoberta individual).

Portanto, não é de se admirar que a religião protestante seja mais influente no progresso econômico e social, não sendo necessário um acadêmico constatar algo que já é intuitivo e evidente. Apesar de hoje o meio protestante (em especial o brasileiro) estar muito manchado pela idolatria personalista "macedista", no catolicismo esse comportamento é *sine qua non* para o sustento da sua doutrina.

Roberto Gomes.

INTRODUÇÃO

No volume anterior, abordamos *Como a Reforma Revolucionou o Mundo* no que se refere à liberdade de consciência, a primeira e sem dúvida a mais importante conquista, fundamental para que todas as outras se tornassem possíveis. Estudar a história da Reforma é descobrir como o mundo transitou do atraso para o progresso, do feudalismo para o capitalismo, da subsistência para o empreendedorismo, do estatismo para o liberalismo, do absolutismo para a democracia, do obscurantismo para a modernidade, da escravidão para a liberdade.

Por dizer isso, há não muito tempo um leitor me acusou de "enxergar o protestantismo como tendo mais uma visão civilizatória do que redentora". Embora essa impressão possa ser facilmente causada a quem lê apenas os volumes dos *500 Anos de Reforma*, a afirmação em si não é verdadeira. De fato, o protestantismo é um caminho de fé e a salvação é o seu propósito maior, como é o de qualquer religião. Ao mesmo tempo, porém, é capaz de transformar o mundo à sua volta, tornando-o uma coisa melhor do que era antes.

Se algum tipo de Cristianismo fica apenas no papel sem ter qualquer potencial de transformar o mundo em que vivemos, esse "Cristianismo" deve ser seriamente contestado. Se um verdadeiro cristão tem a obrigação de dar frutos (Mt 7:20), *muitos cristãos darão muitos frutos.* E a despeito do fato de existirem maus cristãos em todos os lugares e em qualquer época, uma sociedade verdadeiramente pautada em princípios cristãos inevitavelmente se distinguirá para muito além da "quantidade de salvos", que não pode ser mensurada objetivamente.

Por isso Camargo corretamente assinala que "a Reforma foi a faceta religiosa de todo um processo social, econômico, político e cultural que resultou na superação da Idade Média e no emergir da modernidade"[1]. Isso não significa negar que a Reforma tenha sido um fenômeno religioso cuja prioridade era a salvação da alma através da restauração de um evangelho mais simples e genuíno, mas implica em reconhecer que ela também teve profundas consequências políticas, econômicas e sociais bem perceptíveis a qualquer bom observador.

O maior exemplo disso é o capitalismo, cuja relação com a Reforma a ser explorada neste volume é reconhecida tanto pelos seus críticos como pelos apoiadores, com a diferença de que na opinião de alguns isso desmerece a Reforma, e para outros a engrandece. Nem precisa dizer qual tese será defendida aqui. O problema é que essa parte dos *efeitos* da Reforma no mundo secular é muito pouco lembrada (na verdade, é mais lembrada pelos críticos do que pelos apoiadores).

Assim, as pessoas comuns não apenas não fazem a menor ideia das contribuições da Reforma para além da esfera religiosa, como ainda pensam que se alguma coisa mudou, foi pra pior. De fato, a tese de que "o mundo está piorando" é bem popular tanto entre leigos como entre acadêmicos, apesar de ser uma inverdade completa. Este é o primeiro grande mito que precisa ser derrubado, e por isso o primeiro capítulo se dedica inteiramente a isso.

[1] CAMARGO, César S. "A visão de Estado no pensamento da Reforma Protestante". *Revista Grifos: dossiê religião*, Chapecó/SC, n. 17, nov. 2004, p. 65.

Como Rubem destaca, "os protestantes sempre viram na sua religião a razão de ser do seu progresso econômico"[2]. O economista belga Émile Laveleye acentuou que "da história e principalmente dos acontecimentos contemporâneos parece resultar que os povos católicos progridem muito menos depressa que as nações que deixam o catolicismo e que, relativamente a estas, parecem recuar"[3]. Compreensivelmente, conclusões desse tipo, por mais verdadeiras que possam ser, não agradarão alguns – em especial aqueles que se apegam a uma visão romantizada e revisionista do passado, bem como os detratores do protestantismo e do capitalismo.

Por conta disso, diversas manobras revisionistas têm sido feitas na tentativa de negar a realidade, sobrando até ataques a Max Weber, o sociólogo que consagrou a tese universalmente aceita da ética protestante como o "motor" – ou o *"espírito"*, como ele chama – do capitalismo. Mas antes de entrarmos nessa discussão, será preciso compreender o mundo pré-capitalista e suas nuances, pois não é incomum o pensamento de que os problemas da sociedade nasceram com o capitalismo ou foram severamente agravados por ele. Ambas as visões estão inteiramente equivocadas do ponto de vista histórico, apesar de serem tão usuais que viraram senso comum.

Muitos dirão que esta obra é puramente um enaltecimento da riqueza como tal, como que de uma forma egoísta – mais uma inverdade, mas que esconde certa hipocrisia. Não há vício mais comum em nossa sociedade que o louvor à pobreza e

[2] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 66.
[3] LAVELEYE, Emílio. *Do futuro dos povos católicos, estudo de economia social*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1951, p. 8.

a demonização do dinheiro. Ironicamente, essas mesmas pessoas dizem querer acabar com a pobreza no mundo, o que não se consegue sem produzir riqueza. Os países que mais erradicaram a pobreza em suas fronteiras foram justamente aqueles que mais enriqueceram devido ao capitalismo impulsionado pela ética protestante. Se erradicar a pobreza é o que desejamos, enaltecê-la é completamente sem sentido.

Diferente do que muitos pensam, Jesus nunca engrandeceu a pobreza em si, mas sim *os pobres* (Lc 6:20). Foi com Francisco de Assis que a pobreza em si se tornou um ideal, como se fosse um ato de bem-aventurança manter o pobre na miséria, quando o propósito da caridade bíblica é precisamente o de *tirá-lo* desta infeliz condição. Quem exalta a pobreza não quer o bem do pobre, mas que ele nunca deixe de ser pobre. Isso está mais para sadismo do que pra caridade. O que a Bíblia condena é o *apego* ao dinheiro, a *obsessão* pelo dinheiro, o *amor* ao dinheiro, não que o pobre melhore de vida (ganhando dinheiro).

Muitos são rápidos em condenar o dinheiro em si, mas poucos estão dispostos a ir viver no meio do mato igual os índios com quem Cabral se deparou, os quais nunca tinham visto uma moeda sequer. A verdade é que gostamos de criticar o dinheiro ao mesmo tempo em que sabemos o quanto ele é necessário e importante. O capitalismo é mau, dizem os críticos enquanto usam os seus iPhones e Androids. Todos odeiam o capitalismo na mesma medida em que adoram usufruir dos bens que ele proporcionou.

Por mais que você não seja um milionário, provavelmente tem o que comer, com o que se vestir e onde morar. Provavelmente tem também algum entretenimento

para passar o tempo, um celular com internet, uma geladeira para preservar a comida, energia elétrica em casa e uma televisão digital. Por mais "simples" que essas coisas nos pareçam, durante quase toda a história do mundo a maior parte da sociedade foi privada destes bens, sendo mais que corriqueiro os casos de pessoas que literalmente morriam de fome – e não só na África. A baixa expectativa de vida daqueles tempos era um reflexo das condições precárias que toda a humanidade compartilhava, numa medida maior ou menor.

Se hoje a maior parte das pessoas tem um prato de comida do primeiro ao último dia de vida, é porque essa mentalidade de enaltecimento da pobreza foi superada. Conseguiu-se por meio do capitalismo aquilo que a simples esmola nunca foi capaz: tirar multidões da miséria. Poucos param para notar que todo mundo que demoniza o dinheiro diz que quer acabar com a fome no mundo, como se sem dinheiro isso fosse possível. Onde há menos dinheiro – como em Cuba, Congo e Coreia do Norte – há também mais pobreza. A ética do capitalismo não é a ética da avareza, mas do trabalho, poupança e investimento que geram emprego, oportunidade e dignidade a quem antes era privado dos bens mais básicos da vida.

Nem mesmo os críticos mais vorazes do capitalismo não gostam de usufruir dos bens que ele proporcionou – seja no campo da medicina, ou da ciência, ou da tecnologia, ou do entretenimento, ou mesmo o conforto material. Praticamente tudo o que desfrutamos hoje devemos à transição do mundo antigo para o mundo moderno, que tem como epicentro a ascensão do capitalismo movido pela ética protestante. Atacar o capitalismo não é defender os pobres, é defender a pobreza – uma pobreza que muitos exaltam, mas ninguém quer para si.

CAP. 1 – COMO ERA O MUNDO ANTES DO CAPITALISMO

• A vida e o cotidiano

Na escola, na mídia, na televisão, numa mesa de bar ou seja lá onde for, somos sempre bombardeados com ataques dos mais inflamados ao capitalismo, seja atribuindo ao mesmo a pobreza que há no mundo, seja o responsabilizando pela desigualdade social. A impressão que se tem é que antes do capitalismo o mundo era uma maravilha, não havia pobreza, eram todos felizes, imperava uma invejável igualdade social e viviam todos em um Paraíso terrestre maculado pelo capitalismo opressor.

Somos tão massificados com o discurso anticapitalista que dificilmente você não deve ter tido essa impressão algum dia. Eu também a tinha, até começar a estudar a história do mundo – especialmente aquela parte tão frequentemente esquecida, a de quando não havia qualquer capitalismo. Como veremos aqui, o capitalismo foi o único sistema que conseguiu tirar o mundo de *milênios* de estagnação econômica e imobilidade social para uma prosperidade nunca antes alcançada e tampouco imaginada.

E se hoje não faltam críticas ao mundo atual, não é porque os nossos antepassados de tempos remotos fossem menos críticos em relação à sua própria época. O poeta francês medieval Eustache Deschamps (1346-1406) descrevia o seu tempo como

uma "época de lágrimas, de inveja, de tormento... de declínio próximo do fim"[4]. Nas palavras de outro poeta francês, Jean de Meung, "maldita seja a hora em que o pobre foi concebido, pois ele nunca estará bem alimentado, nem bem vestido, nem bem calçado. Tampouco será amado nem educado"[5].

Já na fase final da Idade Média, o poeta bretão Jean Meschinot (1420-1491) assim ecoava o sentimento popular:

> Ó vida miserável e tão triste! (...) Sofremos com a guerra, a morte e a fome; o frio e o calor, o dia e a noite esgotam nossas forças; as pulgas, a sarna e tantos outros vermes fazem guerra contra nós. Tem, portanto, piedade de nós, Senhor, de nossas pessoas perversas cuja vida é tão curta.[6]

O curioso é que as gerações passadas tinham o mesmo saudosismo que a geração atual, isto é, o mesmo apelo a um passado nostálgico que nunca existiu de fato. Isso é bem ilustrado no filme "Meia Noite em Paris", de Woody Allen. O personagem principal vai pulando de era em era, tentando sempre andar pra trás a fim de encontrar a grande "era romântica", a "época bela" da França. Só que ele não consegue, pois ao chegar ao século XIX descobre que o bom era antes, então retrocede ao século XVI e o bom era antes, então volta mais ainda e o bom continua sendo antes, e assim sucessivamente. E ele vai percebendo que as pessoas de cada

[4] DESCHAMPS apud LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 38.
[5] MEUNG apud ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 82.
[6] MESCHINOT apud HUIZINGA, Johan. *The Waning of the Middle Ages: a study of the forms of life, thought and art in France and the Netherlands in the dawn of the Renaissance.* Garden City: Doubleday Anchor, 1956, p. 34.

época olhavam para a época anterior como melhor que a sua, num ciclo vicioso em que o presente nunca está bom, o bom sempre é o passado (não o passado real, mas o que existe no imaginário das pessoas).

O fato é que se dependermos de critérios objetivos (como expectativa de vida, mortalidade infantil, ciência, tecnologia, opções de entretenimento e lazer), é certo que nunca houve uma época em que a qualidade de vida esteve tão alta como hoje. Basta comparar a nossa sociedade com as sociedades antigas, especialmente com aquelas que gostamos tanto de romantizar. Na Europa medieval, onde quase tudo era rural, havia apenas duas células sociais: uma era o monaquismo de S. Bento, baseado numa economia «simples e fechada»[7], a outra era o feudalismo, "um sistema repressivo e anárquico, sufocando o crescimento econômico e conduzindo a perpétuo facciosismo militar"[8].

O feudalismo consistia numa economia «totalmente fechada»[9], onde as pessoas viviam de subsistência (i.e, produziam apenas o suficiente para a sobrevivência, isso quando conseguiam). Vicentino explica que "a pequena divisão sociotécnica do trabalho – ou seja, a baixa produtividade e a utilização de técnicas rudimentares – explica as características do processo de produção feudal. A implicação de que, se a produtividade fosse maior, maior seria a quantidade de impostos a ser paga, justifica o esforço dos trabalhadores, que se satisfaziam no limite da subsistência"[10].

[7] ROPER, Hugh Trevor. *A Formação da Europa Cristã*. Lisboa: Editorial Verbo, 1975, p. 118.
[8] ibid, p. 119.
[9] BAUER, P. T. *West African Trade: A study of competition, oligarchy and monopoly in a changing economy*. Cambridge University Press, 1954, p. 19.
[10] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1*. São Paulo: Anglo, 2008, p. 64.

Para o renomado historiador belga Henri Pirenne, "a aparição do feudalismo na Europa ocidental, no curso do século IX, não é mais que a repercussão, na ordem política, do regresso da sociedade a uma civilização puramente rural"[11]. Essa sociedade estava estruturada em três segmentos, nas palavras do bispo Adalberón de Laón, em 1016: "Uns rogam, outros lutam, e por último os demais trabalham"[12]. Como já é de se supor, esses que «rogam» são o clero e os que «lutam» são os nobres, restando à imensa massa popular o peso de todo o trabalho.

"Pelo menos esse trabalho era menos árduo", você deve pensar. É aí que se engana. Uma das medidas mais imediatas e úteis para se perceber a qualidade de vida das pessoas é saber quanto tempo viviam[13], e no caso deles era muito... muito pouco. Certo estudioso católico reconhece que

> em sua maioria os habitantes apresentavam-se mal alimentados, de saúde medíocre e vida curta. Viviam 20 a 25 anos, em média. A metade das crianças morria antes de completar um ano. Os sobreviventes morriam amiúde entre os 30 e os 40 anos. Mesmo os que se nutriam melhor, reis, grãos-senhores, grandes burgueses, desapareciam comumente entre 48 e 56 anos. Entretanto, essa população não é jovem, pois as criaturas envelhecem depressa. Depois dos 40 anos, um homem é um velho caduco. Nas regiões pobres, camponesas de 30 anos parecem anciãs enrugadas e encurvadas. O número de habitantes conserva-se em nível pouco elevado, pois, quando sobe,

[11] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 13.
[12] LAÓN apud LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 19.
[13] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 125.

> diminui a quantidade de alimentos *per capita* e aumenta a mortalidade.[14]

Com uma expectativa de vida tão baixa, não é de se admirar que a mortalidade infantil fosse assustadoramente mais alta que nos dias atuais. Sobre isso, o mesmo autor comenta:

> A mortalidade infantil era enorme inclusive nas classes superiores. A história registra incontáveis filhos de nobres e até mesmo de reis que faleceram ao nascer ou muito jovens. As famílias eram muito numerosas, e facilmente chegavam a ter mais de vinte filhos. Portanto, não fosse o forte índice de mortalidade, calcula-se que as populações dobrariam a cada vinte e cinco anos. Com muita frequência as mulheres morriam durante o parto.[15]

Estudos modernos sobre crescimento e nutrição demonstraram que a altura das pessoas está diretamente relacionada à qualidade e quantidade de sua alimentação, e a estatura média dos cadáveres enterrados por toda a Europa entre 100 e 1800 d.C "indicam que não houve praticamente alteração na altura média das pessoas"[16]. Ou seja, até o advento do capitalismo, a alimentação das pessoas permaneceu continuamente ruim, o que está de acordo com os seus baixíssimos

[14] GONZAGA, João Bernardino Garcia. *A Inquisição em seu Mundo*. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993, p. 52-53.
[15] ibid p. 53.
[16] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 127.

índices de expectativa de vida. Em épocas de crise, a mortalidade podia atingir num só ano incríveis 30% da população[17].

Jacques Herman ressalta que a expectativa de vida girava entre os 30 e os 40 anos, enquanto Marlon Fluck aponta uma média de 33 anos por volta de 1450[18]. O historiador francês Roland Mousnier comenta que "a economia continua principalmente agrícola, a população tende sempre a ultrapassar os meios de subsistência, e a fome é endêmica, com bruscos surtos gerais que, de tempos em tempos, atraem a atenção"[19].

Não há limitações de nascimentos, sendo frequentes as «famílias com 20 a 22 filhos», o que faria a população dobrar em menos de 25 anos, se não fosse a «espantosa mortalidade»[20]. Por isso, apesar da enorme quantidade de filhos, a população crescia muito lentamente. No século XI, por exemplo, havia em toda a Europa ocidental 40 milhões de habitantes – menos que o atual Reino Unido[21].

Também tinha lugar as "deploráveis condições de higiene, carências de toda a ordem, epidemias como a peste, e guerras frequentes que contribuem para o agravamento das dificuldades da vida quotidiana, particularmente nas zonas rurais"[22]. Acompanhando tudo isso tínhamos a pobreza, que, muito mais do que

[17] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 164.
[18] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 21.
[19] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 161.
[20] ibid.
[21] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 368.
[22] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 146.

hoje, era generalizada até mesmo nos países mais "ricos" da Europa e do mundo. O historiador e sociólogo americano Jack Goldstone destaca que

> as economias pré-modernas eram cíclicas. O número de pessoas pobres aumentava e diminuía ao longo dos tempos, tal como os salários, o desemprego, as rendas das terras e outras medidas da vida econômica. No mundo pré-industrial, a pobreza esteve sempre presente, tanto na Europa como na África, como na Ásia. A pobreza significava não ter abrigo para a chuva e para o frio, ou sapatos para calçar, ou roupa para a pessoa se tapar – e não se ter a certeza de ter o suficiente para comer.[23]

No campo ou na cidade, os cidadãos ainda estavam sujeitos às pestes que, na falta de condições higiênicas e sanitárias adequadas, ocorriam com frequência e se alastravam com rapidez. A mais famosa delas, a Peste Negra (1343-1353), dizimou cerca de um terço da população europeia[24], deixando a Europa num "caos generalizado, reforçado ainda mais pelas guerras"[25]. Se as cruzadas não resolveram o problema de Jerusalém – que no fim de tudo continuou sob o domínio árabe – elas pelo menos conseguiram um êxito: importar a lepra para a Europa.

> Extremamente comum na Judeia, e disseminada pelos cruzados, já pela falta de higiene então reinante, pelo uso medieval dos banhos

[23] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 117.
[24] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 101.
[25] ibid.

> em comum. Na primeira metade do século XIII, só na França se encontravam pelo menos dois mil leprosos.[26]

A população era «fraca e malnutrida»[27], razão pela qual era alvo fácil de surtos de febre tifoide[28]. O medievalista francês Georges Duby acentua que o estado sanitário era "comparável ao da África negra em 1900"[29], alimentando-se ainda pior e desprovida de remédios[30]. Na falta de medicina, apelava-se para as superstições:

> A epidemia que preocupa os cronistas do ano 1000 era o mal dos ardentes, o fogo de Santo Antônio. Sabemos hoje que é uma doença carencial, provocada pelo consumo do esporão do centeio presente na farinha. Em 997, um cronista descreve-a desse modo, dramatizando: "É um fogo dissimulado que ataca um membro, que o consome, que o separa do corpo. A maioria dos homens, no intervalo de uma noite, é completamente devorado por essa combustão medonha". Não se sabia sua causa, nem seu remédio. Então, tentava-se tudo. O cronista conta que os bispos da Aquitânia reuniram-se numa pradaria perto de Limoges.
>
> Haviam levado as relíquias dos santos, o corpo de São Marcial e muitos outros. E, repentinamente, o mal cessou. Tudo isso é muito significativo. Diante de um mal desconhecido, o terror é imenso. O único recurso é o sobrenatural. Reivindica-se a graça do céu e retiram-

[26] LINS, Ivan. *A Idade Média: A Cavalaria e as Cruzadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1944, p. 414.
[27] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 41.
[28] ibid.
[29] DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 80.
[30] ibid.

> se de suas tumbas os santos protetores. Um pouco mais tarde, em Paris – invadida por uma doença desconhecida à qual não se sabia curar –, carregou-se pelas ruas o relicário de Santa Genoveva. Ondas de mortalidade grassavam e refluíam tão misteriosamente como haviam aparecido, não pela intercessão de São Marcial, mas porque o corpo humano aprendera a defender-se.[31]

As cidades eram imundas, um "lar ideal para os ratos que carregavam as pulgas"[32]; seus telhados de sapé e suas ruas cheias de sujeira "ofereciam as plataformas ideais de lançamento para a trajetória das pulgas até as pessoas"[33], de modo que as epidemias se espalhavam rapidamente e as infecções eram letais em quase 100% dos casos[34]. As cidades eram «um viveiro de doenças», agravadas pelos dejetos de animais e humanos rotineiramente deixados nas ruas, que eram verdadeiros esgotos a céu aberto[35] (é significativo o fato de que o Palácio de Versalhes, o mais suntuoso daqueles tempos, não tinha sequer um único banheiro[36]).

O historiador britânico John Roberts escreve:

> Durante muito tempo pouco se soube a respeito das condições que levavam à disseminação das doenças, e tampouco em como tratá-las; portanto, não eram tomadas precauções hoje consideradas óbvias.

[31] ibid, p. 80-81.
[32] McNEILL, William H. *Plagues and Peoples.* Garden City: Anchor, 1976.
[33] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 41.
[34] ZIEGLER, Philip. *The Black Death.* London: Penguin, 1969.
[35] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 128.
[36] MENDES, Lucas. *Império dos mijões.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/cultura/2010/02/100218_lucasmendes_tp>. Acesso em: 17/06/2019.

> Por exemplo, nenhuma cidade europeia da Idade Média tinha esgotos tão bons quanto os de muitas cidades romanas de séculos antes, nem mesmo como os de Mohenjo-Daro. O lixo e a sujeira eram empilhados nas ruas, atraindo moscas, mau cheiro e infecções, até que a chuva os lavasse. Os doentes raramente eram afastados das outras pessoas, embora a Peste Negra resultasse nas primeiras tentativas de quarentena de navios do Oriente. Às vezes, quando uma doença era levada de um lugar para outro, tinha efeitos especialmente violentos, porque as imunidades eram muito localizadas.[37]

Plínio Bastos, em sua História do Mundo, acrescenta:

> À noite ninguém ousava andar pelas ruas. Existiam ladrões e assassinos que estavam sempre prontos a assaltar os pedestres. As ruas eram estreitas, sujas e tortuosas. As epidemias assolavam. Não havia higiene; ninguém tomava banho. A peste era doença muito comum, matando rapidamente milhares de pessoas, extinguindo, às vezes, cidades inteiras. Além da grande ignorância do povo, surgiram as bruxarias, as feitiçarias, e as superstições dominavam.[38]

O historiador francês Jacques Le Goff, a maior autoridade em Idade Média do século XX, ressalta que a Cristandade ocidental revelava, além de «uma técnica e uma economia atrasadas»[39], "uma sociedade dominada por uma minoria de exploradores e dilapidadores, a fragilidade dos corpos, a instabilidade de uma

[37] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 395-396.
[38] BASTOS, Plínio. *História do Mundo - Da pré-história aos nossos dias.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Império, 1983, p. 106.
[39] LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 25.

sensibilidade tosca, primitivismo do instrumental lógico, o império de uma ideologia que prega o desprezo do mundo e das ciências profanas"[40]. Nichols vai além e descreve a Idade Média da seguinte maneira:

> A religião do povo não passava de um Cristianismo bastante aviltado, totalmente paganizado. Neste período, o povo em geral era grosseiramente ignorante e pobre, vivendo um estado de miséria e imundície dificilmente encontrada hoje em dia. Vista como a única força existente para elevá-los desse estado de desgraça, em uma religião desfigurada como esta, não admira que houvesse, dominando em toda a parte, tanta miséria e maldade. A depravação e a miséria prevaleciam assustadoramente no meio das massas, especialmente nas grandes cidades.[41]

Com o advento do capitalismo moderno, estamos habituados à realidade das pessoas que moram nas cidades viverem mais do que as do campo, mas por tudo isso você já deve supor que as coisas naquela época não eram bem assim. A expectativa de vida das pessoas nas cidades era "muito mais curta do que a das que viviam no campo, o oposto daquilo que se verifica normalmente nas sociedades modernas"[42].

Como se não bastasse as ruas serem um verdadeiro chiqueiro e as doenças proliferarem com facilidade, era muito mais difícil arranjar trabalho nas cidades. E

[40] ibid.
[41] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 120-121.
[42] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 127.

como eles viviam numa economia de subsistência, as pessoas literalmente morriam de fome quando não encontravam um[43]. Mesmo se encontrassem, corriam o risco de sucumbir ao mesmo destino caso uma crise de cereais levasse ao aumento dos preços, que os tornavam inacessíveis às pessoas comuns[44]. Sobre isso, o historiador americano Carter Lindberg disserta:

> A grande maioria daqueles que se dirigiam em grandes multidões para as cidades com a expectativa de encontrar uma vida nova não a encontravam; excluídos das guildas, quando não reduzidos à condição de pedintes, a maior parte dos recém-chegados ficavam na dependência de empregos que proporcionavam pouco mais do que as condições mínimas necessárias para a existência.[45]

Na falta de roupas adequadas, o próprio frio fazia inúmeras vítimas. E para piorar, "os lobos esfaimados penetram no interior das cidades e das aldeias, atacando os seus habitantes"[46]. Tudo isso se juntava aos desastres naturais, cuja consequência era ainda mais grave para aquela época do que é hoje, dada a dependência que as cidades tinham dos campos e a falta de transporte de longa distância[47].

As cidades sofriam com o «empobrecimento geral», e numerosos comércios cessavam sua atividade[48]. Nessas condições, a quantidade de "despossuídos" (cidadãos que não possuíam propriedade) variava entre 30 e 75%, número

[43] ibid, p. 128.
[44] ibid.
[45] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 40.
[46] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 101.
[47] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 41.
[48] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 104.

assustadoramente maior que nos dias de hoje. Um grande número de diaristas sobrevivia no nível da mera subsistência, sem qualquer reserva para épocas de crise, e por isso estavam sempre à beira da mendigagem[49]. Por tudo isso, estima-se que no máximo 20% de todo o povo vivia em cidades grandes ou médias[50], e o restante da população era «essencialmente agrícola»[51].

Mas não pense que a vida no campo era muito melhor. Muitos camponeses viviam em estado de miséria e não tinham defesa contra uma má colheita provocada por secas, inundações, condições climáticas desfavoráveis ou passagens de soldados pelas terras cultivadas[52]. Isso explica por que as revoltas camponesas eram tão numerosas, como vimos no volume anterior. Além disso, as terras não eram cultivadas com os meios técnicos adequados, razão pela qual se esgotavam rapidamente[53].

Com a colheita ruim, o preço do pão sobe consideravelmente e os pobres são os primeiros a serem atingidos pela fome. O que substitui o pão é de tão má qualidade que "faz, por si só, inúmeras vítimas"[54]. Uma série de quebras de safra devido ao mau tempo gerou uma «fome coletiva de ampla difusão» em toda a Europa setentrional, por volta de 1320. O historiador francês Jacques Chiffoleau, especialista em Idade Média, relata as crônicas da época:

[49] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 140.
[50] ibid, p. 48.
[51] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 146.
[52] ibid, p. 94.
[53] ibid, p. 101.
[54] ibid.

> Em torno de 1320, quase toda a Europa setentrional estava sofrendo com uma fome coletiva de ampla difusão, precipitada por uma série de quebras de safra que se deveram às condições extremamente anormais de mau tempo. As crônicas da época arrolam uma sucessão de enchentes, de invernos rigorosos e de secas severas. No sul da França, as chuvas inundaram a região da Provença em 1307-1308 e em 1315. Clérigos e leigos marcharam em procissão, com os pés descalços, para apaziguar a Deus em razão dos pecados humanos, mas "Deus demorou a ouvir nossas orações". Os rios pareciam transbordar com uma regularidade terrível, levando consigo pontes, colheitas e pessoas. Invernos rigorosos congelavam os rios, as vinhas e os animais. Em 1355, Avinhão presenciou uma nevasca que durou quase 20 dias, e em 1439 os lobos vagueavam à caça de suas presas por toda a região de Carpentras. No verão, o calor assava grãos de cereal, e as fontes d'água secavam.[55]

O professor e doutor em história medieval Hartmut Boockmann também escreve:

> No sudeste da Alemanha, tremores de terra e grandes enxames gafanhotos seguiram-se às crises de fome aguda dos anos de 1315-1317. O imperador Carlos IV escreveu a respeito do fato de ter sido despertado uma manhã por um cavaleiro, que lhe teria dito as seguintes palavras: "Levanta-te, senhor! O Juízo Final está aqui, pois o mundo inteiro está cheio de gafanhotos". Carlos saiu montado a cavalo para medir a extensão dos enxames. Após um dia inteiro de

[55] CHIFFOLEAU, Jacques. *La Compabilité de l'Au-delà: lês hommes, la mort et la religion dans la région d'Avinhão à la fin du Moyen Age (vers 1320-1480).* Roma: École Française de Rome, 1980, p. 101-102.

> cavalgada, de cerca de 25 quilômetros, ele ainda não tinha chegado ao fim do enxame, que devorava toda a vegetação encontrada em seu caminho.[56]

As terras também eram assoladas pelas intermináveis guerras senhoriais, que frequentemente queimavam e pilhavam aldeias inteiras. Isso obrigava numerosos camponeses a se entregar "ao banditismo, à vagabundagem e à mendigagem para sobreviver"[57]. A insegurança reinante dificultava a circulação de mercadorias e emperrava as trocas comerciais, que eram ainda mais prejudicadas pelos pesados impostos[58].

A defasada técnica agrícola não permitia produzir o suficiente[59], o que os forçava a plantar cereais que hoje chamamos de secundários, como o centeio e a aveia[60]. A comida era composta essencialmente por sopa e pão – isso quando tinha pão. No entanto, o pão de frumento era um luxo dos consumidores mais abastados[61]. Ricardo Vera Tornell faz o seguinte retrato desse período:

> Na Itália, apesar de sua tradição de refinamento e suavidade, os modos eram rudes: o marido e sua mulher comiam em um mesmo prato; na casa não havia facas com cabo de madeira; não se conheciam as velas de cera ou de sebo e a iluminação se conseguia

[56] BOOCKMANN, Hartmut. *Stauferzeit und Spates Mittelalter: Deutschland 1215-1517.* Berlim: Siedler, 1987, p. 228.
[57] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 103.
[58] ibid, p. 104.
[59] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 161.
[60] ibid.
[61] ibid.

> por meio de tochas acesas. Os vestidos dos homens eram de coro sem forrar, usando-se muito raramente adornos de ouro e de prato no vestuário. As pessoas em geral só comiam carne três vezes por semana e guardavam comida fria para jantar. O trigo era escasso, e muitos não consumiam vinho no verão. Os dotes das mulheres eram pequenos e seus vestidos, mesmo depois de casadas, eram simples. Os homens só se orgulhavam de possuir armas e cavalos.[62]

A técnica agrícola também não permitia cultivar mais de 60% das terras lavráveis, tornando o restante improdutivo. Mesmo nessas terras "produtivas", o rendimento era «medíocre», faltavam adubos, o gado era pouco numeroso, mal alimentado, fraco e cansava logo; a mão de obra era insuficiente, utilizava-se arados que mais arranhavam o solo do que o lavravam, a colheita era feita principalmente na base da foice, o que tornava o trabalho mais demorado e difícil; os grãos eram mal cuidados e mal semeados, e a população encontrava-se mal radicada no solo, criando um número considerável de «errantes e vagabundos»[63].

Diante de um cenário tão caótico, Roberts escreve:

> Durante muito tempo a subsistência foi tudo o que se podia esperar. O adubo animal e a aragem de novos solos eram os únicos meios de melhorar um retorno de colheita e de trabalho, que, pelos padrões modernos, seria irrisório. Somente séculos de laboriosa lavoura

[62] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 652-653.
[63] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 163.

> mudariam este quadro. Os animais que viviam com os mirrados, miseráveis e oprimidos proprietários num cenário dominado pela pobreza também eram subnutridos e raquíticos; para conseguir gordura, o camponês mais afortunado dependia do porco, e quanto aos habitantes do sul, do óleo.[64]

E sobre a alimentação dos camponeses, ele comenta:

> Como a maioria das pessoas durante a maior parte da história, sua comida em geral era sem graça e repetitiva. As pessoas só podiam comer o que havia facilmente disponível onde viviam, e isto habitualmente provinha dos grãos, quase sempre trigo e cevada, preparados sob a forma de mingaus e papas, suficientes para preencher a necessidade de alimento, mas não devem ter sido muito saborosos. Para melhorar o sabor desta dieta não havia praticamente nada, a não ser um pouco de mel, coalhada e leite azedo.[65]

> Em geral, a maioria das pessoas não obtinha gorduras e vitaminas suficientes para enfrentar bem as doenças ou a vida difícil que levavam. Tendiam a morrer ainda jovens, a ficar doente com mais facilidade e a sofrer de doenças de pele e ter dentes ruins (muitas vezes causados pela má alimentação), muito mais do que hoje, até mesmo nos lugares mais pobres do mundo. As mulheres também enfrentavam riscos adicionais, pois enfraqueciam com gravidezes frequentes e o trabalho pesado nos campos, ao mesmo tempo em

[64] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 366.
[65] ibid, p. 395.

> que a falta de habilidade médica fazia do próprio parto um grande perigo.[66]

A má alimentação se somava à fome, que assolava todas as cidades da Europa. Mousnier diz que "são as grandes fomes que impressionaram vivamente os historiadores: na França, as de 1629-1630, de 1648-1651, de 1660-1661, de 1693-1694, de 1709-1710, mas *não passa um ano sem que haja fome em alguma província*, e é muito difícil remediá-la"[67]. Herman diz que as condições de vida dos camponeses "são miseráveis, quer quanto à alimentação e vestuário quer quanto à habitação"[68].

Como se isso não fosse o suficiente, os camponeses esfomeados viviam em condição de servidão, que, como vimos no volume anterior, se assemelhava em quase tudo à escravidão. Fala-se muito da exploração dos tempos da Revolução Industrial, mas raramente alguém menciona o fato de que a condição dos camponeses na era pré-industrial era ainda mais humilhante e degradante, porque, para começar, não eram nem mesmo livres.

A exploração por parte dos nobres podia ser «extremamente dura», e os senhores "tratavam muitas vezes os seus súbditos com desprezo mal dissimulado e até com ódio, recusando-lhes toda e qualquer dignidade humana"[69]. Sua condição era

---

[66] ibid.
[67] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 164.
[68] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 91.
[69] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 175.

"muito parecida com a do escravo antigo"[70], podendo até levar as mesmas chicotadas que os escravos sofriam[71]. Isso explica as palavras de Zwetsch:

> A crise social corria solta. De baixo vinha uma pressão sem precedentes, exigindo revolução social. Entre os camponeses reinava uma forte agitação havia décadas, enquanto as camadas baixas das cidades estavam em constante inquietação. A miséria grassava e o descontentamento era generalizado. Os pobres dos povoados e cidadezinhas ressentiam-se da política opressiva dos ricos e poderosos. Muitos camponeses livres estavam perdendo suas pequenas propriedades e tornando-se servos, trabalhadores sem direitos. Nesta condição, eram forçados a trabalhar nas propriedades dos nobres, onde eram proibidos de caçar ou pescar, além de terem de pagar taxas extorsivas sobre os produtos que cultivavam. Um clamor se levantava por toda parte, exigindo justiça divina e liberdade cristã.[72]

A servidão, a exploração, os desastres, a fome, a sujeira, a falta de higiene, a irrisória expectativa de vida, os alarmantes índices de mortalidade infantil, a dificuldade de se fazer comércio, a má alimentação, as incessantes guerras e revoltas camponesas, a rápida e fácil proliferação de epidemias, pestes e doenças contra as quais não havia remédio nem vacina tornavam a existência do homem medieval extremamente precária, como permaneceu até o surto capitalista. O mundo deles

[70] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 16.
[71] FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970, p. 41.
[72] ZWETSCH, Roberto Ervino. "Lutero e o Movimento da Reforma". *Startseite*. Bd. 33, Nr. 1 (1993), p. 91.

diferia do atual "a um ponto quase inimaginável"[73], mal se podendo notar indícios de mudanças futuras[74]. A morte, que para nós é um evento incomum e singular, para eles era "algo presente no cotidiano e configurou-se em um elemento corriqueiro de seu imaginário"[75].

Como a morte era uma realidade cotidiana, as pessoas tinham uma verdadeira obsessão pelos mortos. Essa obsessão logo se traduziu em doutrinas cada vez mais volumosas que foram sendo criadas ao longo dos séculos, tais como o culto aos mortos, a oração pelos mortos, a reza aos mortos, a intercessão de "santos" falecidos, o limbo dos infantes, o purgatório, a missa de sétimo dia, as festas e solenidades em honra aos mortos, o dia de finados, o uso de velas para os mortos, a missa pelos mortos, a veneração de defuntos tidos como "relíquias", as procissões com imagens de quem já morreu, a canonização de gente falecida, e a lista vai longe.

Tudo na Igreja Católica girava em torno dos mortos; nada acontecia senão pelos mortos e para os mortos. A morte, tanto no sentido literal como no teológico, "pertencia ao dia a dia muito mais fortemente que entre nós hoje"[76]. No imaginário do homem medieval, os mortos estavam tão presentes quanto os vivos – senão ainda mais.

[73] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 396.
[74] ibid.
[75] DIAS, Thiago Fernando. "A religiosidade sustentada pelo medo: elementos de mudança no imaginário popular a partir da peste do século XIV". *Em tempo de Histórias.* PPGHIS/UnB. Nº. 29, Brasília, Ago-Dez 2016, p. 46.
[76] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 21.

• A pirâmide social

Neste ponto, você talvez tenha se convencido de que o mundo pré-capitalista era bem diferente de como imaginava, e que as dificuldades eram muito maiores que as de hoje. Mas ainda resta um argumento, tão constantemente usado pelos críticos do capitalismo: a desigualdade social. Muitas pessoas acreditam sem dizer, ou dizem sem acreditar, que o capitalismo é responsável por toda a desigualdade que existe, como se antes do capitalismo a desigualdade fosse muito menor.

Esse tipo de pensamento também é fruto da ignorância sobre o passado, que não apenas foi fortemente marcado pela desigualdade social em um nível muito maior que o atual, mas também – o que é o mais preocupante – por uma completa **imobilidade social**, que praticamente tornava impossível que os pobres deixassem a pobreza por mais que se esforçassem. De fato, a realidade do mundo todo durante os milênios que precederam o capitalismo foi de uma desigualdade muito mais acentuada e difícil de ser superada que a de hoje.

Para começo de conversa, existia em todo o lugar a escravidão, com os escravos na base piramidal da sociedade – pessoas essas que não tinham literalmente nada além da obrigação de trabalhar forçosamente além das suas forças até morrer. Por falar nisso, o capitalismo teve um papel fundamental na abolição da escravidão, pois forneceu aos povos aquilo que eles pensavam ser impossível à parte da servidão de outras pessoas.

Num tempo sem máquinas, em que o trabalho braçal valia bem mais do que hoje, ter escravo era algo valioso – valor este que foi sendo gradualmente reduzido na

medida em que o capitalismo avançava, até se tornar de tão pouco valor que foi abolido. É por isso que os países com maior presença de escravidão moderna são justamente os *menos* capitalistas (seguindo a ordem, Índia, China, Paquistão e Coreia do Norte lideram o ranking[77]). No passado, quando não havia capitalismo algum em nenhum país, essa era a realidade de todos eles.

Um pouco acima dos escravos (mas ainda miseravelmente pobres) estavam os servos, cuja experiência de vida não se distinguia muito do escravo. E acima dos dois estavam os nobres, que tinham literalmente tudo: a terra, o dinheiro e o poder político. Era basicamente essa a estrutura piramidal das sociedades antigas, com pequenas variações dependendo do lugar e época. É curioso notar que mesmo o Novo Mundo descoberto por Colombo, embora totalmente desconectado dos hábitos do mundo então conhecido, tinha uma estrutura social bastante similar à vigente na própria Europa: escravos, servos e nobres constituíam os três blocos sociais de qualquer povo indígena civilizado, como maias, astecas e incas.

Vicentino afirma que "a sociedade dos astecas achava-se dividida em camadas rígidas, **sem mobilidade social**. Compunham essa sociedade os nobres, os sacerdotes, os comerciantes, os populares e os escravos (em geral, prisioneiros de guerra)"[78]. Compare essa sociedade asteca com a do Egito antigo, tão distante temporalmente, geograficamente e culturalmente, mas onde vigorava a mesma estrutura social básica:

[77] G1. *Escravidão moderna atinge mais de 40 milhões no mundo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/20/escravidao-moderna-atinge-mais-de-40-milhoes-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 31/12/2019.
[78] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1*. São Paulo: Anglo, 2008, p. 141.

> A sociedade do antigo Egito era formada por **rígidos estratos sociais, sem mobilidade vertical** e estruturada em forma piramidal. No ápice, estavam o faraó e sua família; sucessivamente, vinham os sacerdotes, os aristocratas e os militares. A camada média era formada pelos escribas (letrados), comerciantes e artesãos. Na base, estavam os camponeses e, em menor número, os escravos (exceto na época expansionista).[79]

Embora muitos tenham uma visão romanceada dos servos (em grande parte devido aos filmes), sua realidade era quase tão dura e triste quanto a dos escravos, como demonstrado no terceiro capítulo do volume anterior.

Na Idade Média, por exemplo, os servos eram proibidos de participar das assembleias judiciais[80], não podiam entrar para a vida religiosa[81], estavam excluídos dos tribunais públicos[82], não podiam se casar fora do senhorio[83], não podiam nem testemunhar nem prestar juramento[84], eram escravos da terra onde nasceram[85], podiam levar chibatadas tal como os escravos[86], eram obrigados a regressar à força caso tentassem fugir[87] e eram basicamente "coisas" do seu senhor, que dispunha do seu corpo e do seu trabalho enquanto aproveitava as regalias de seu luxuoso castelo[88].

[79] ibid, p. 22.
[80] BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 268.
[81] FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970, p. 44.
[82] ibid.
[83] BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 271.
[84] FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970, p. 44.
[85] BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 270.
[86] ibid, p. 271.
[87] FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970, p. 43.
[88] LINS, Ivan. *A Idade Média: A Cavalaria e as Cruzadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1944, p. 43.

Talvez o pior aspecto de todos era a total *falta de perspectiva* que qualquer não-nobre tinha de "crescer na vida", ou daquilo que chamamos hoje de "progressão de carreira". Um escravo nascia escravo, vivia escravo e morria escravo, com raríssimas exceções de alforria (que nem sempre representavam uma melhoria na prática). Da mesma forma, um servo nascia servo, vivia como servo e morria servo. A propriedade em que vivia não era dele e nem se tornaria dele, e ele já sabia que a condição de seus filhos e netos seria tão dura e sem perspectiva quanto a de si próprio.

Por contraste, um nobre era sempre nobre, título este automaticamente transmitido de pai para filho. Estes podiam se tornar senhores feudais, ou clérigos, ou integrar o exército real, mas estavam sempre em condições incomparavelmente vantajosas em relação à imensa massa que constituía a esmagadora maioria da população. Em outras palavras: se você nascesse nobre teria garantida a manutenção de sua riqueza, poder e privilégios independentemente do que fizesse (a não ser, é claro, se perdesse guerras e se tornasse prisioneiro de outro nobre), mas se tivesse o azar de nascer na "plebe" era melhor já ir se acostumando a uma vida desgraçada e miserável até o último suspiro (assim como a de toda a sua família e prole).

A sociedade era fixa e sem mobilidade social, o que evidentemente apenas elevava a desigualdade e a tornava não apenas gigante, mas aparentemente *impossível* de ser superada ou revertida. Oliveira destaca esse aspecto quando diz que "a sociedade medieval tinha uma rigidez bem clara no que tange às classes sociais às quais o camponês jamais chegaria à condição de nobre. O poder pairava sobre

aqueles que detinham grandes propriedades"[89]. A sociedade era «estática e hierárquica»[90], onde "o camponês estava reduzido à uma condição escrava, enquanto o nobre e a Igreja se beneficiavam dessa condição servil"[91]. A dificuldade de ascensão social é realçada nas palavras de Vicentino:

> As possibilidades de ascensão eram muito limitadas e definidas pelo *status* do indivíduo. Por exemplo, o vilão, que podia transformar-se em escudeiro e, posteriormente, compor o que se denominou "pequena nobreza". Tendo caráter coletivista, a sociedade feudal estabelecia, de forma bem definida, as funções de cada grupo ou ordem: o clero devia ser o responsável pela salvação das almas; o nobre, pela preservação da vida; e o servo, pelo sustento das demais ordens. A ideologia era mantida pela Igreja, única instituição organizada e monopolizadora da cultura.[92]

Até a esperança de crescer na vida entrando para o clero era ínfima, dado o fato de que "a grande maioria dos monges e freiras pertenciam à nobreza e às famílias mais ricas"[93]. Em uma sociedade estática desse tipo, os cidadãos não tinham autonomia nem para escolher sua própria profissão, pois "a profissão exercida pelo chefe de

[89] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 19.
[90] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 82.
[91] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 17.
[92] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 64.
[93] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 112.

família é a profissão de toda a família e passa, por herança, de pais para filhos"[94]. Do ponto de vista da superação das desigualdades, tudo parecia completamente perdido. O filho estava fadado a repetir a má sorte do pai, o que excluía qualquer prazer no trabalho ou na própria vida.

Então vem o capitalismo. Então vem um camelô chamado Senor Abravanel, que se torna o nosso Sílvio Santos. Então vem um varredor de chão de loja chamado Jan Koum, que virou programador e criou o WhatsApp, vendido ao Facebook pela bagatela de 22 bilhões de dólares. Então vem Oprah, a moça que precisou de bolsa para cursar universidade e se tornou a maior apresentadora da TV americana de todos os tempos. Então vem o zelador e atendente de posto de gasolina Won Chang, que se torna o dono de uma das maiores redes de lojas de roupa do mundo.

Então vem Roman Abramovich, o menino que ficou órfão aos dois anos e se tornou o dono do Chelsea. Então vem Li Ka-shing, que precisou largar a escola aos 15 anos para sustentar a família após a morte do pai, antes de se tornar o empresário mais rico de Hong Kong. Então vem Samuel Klein, o adolescente polonês aprisionado nos campos de concentração nazista que se tornou vendedor ambulante e depois fundador das Casas Bahia. Então vem Luiza Trajano, a balconista na loja dos tios pioneira em lojas virtuais e fundadora da Magazine Luiza.

Então vem Leonardo Del Vecchio, criado em um orfanato porque sua mãe viúva não tinha condições de alimentá-lo, e se torna o maior fabricante mundial de óculos, com um patrimônio superior a 24 bilhões de dólares. Então vem Larry Ellison, que

[94] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 185.

abandonou a faculdade depois que sua mãe adotiva morreu e ganhou a vida fazendo bicos por oito anos, até se tornar o fundador da Oracle. Então vem Howard Schultz, um menino que cresceu em um complexo de habitação para pobres e se tornou CEO da Starbucks. Então vem Shahid Khan, que sobrevivia lavando pratos a um dólar por hora, e hoje é um dos empresários mais ricos do mundo.

Então vem milhões e milhões de casos bem-sucedidos de pessoas totalmente marginalizadas na sociedade, que em qualquer outra época não teriam a menor perspectiva de vida e nem a mais mísera chance de ascender profissionalmente, mas que graças ao que o capitalismo lhes proporciona tiveram melhoras significativas de nível de vida (ainda que não tenham se tornado milionárias). É evidente que nem todos se tornarão "magnatas" apenas tendo esforço e vontade, mas é igualmente inegável que nunca antes na história houve um sistema que facilitasse tanto a *mobilidade social*, mesmo que seja para sair da extrema-pobreza para uma classe média, e ainda que isso não aconteça da noite pro dia.

Da mesma forma, os ricos de hoje não continuam no topo por terem "sangue azul" como os de antigamente, que não precisavam fazer rigorosamente nada para assegurar sua riqueza que já estava garantida por direito de nascimento. Ao contrário: ou ele aprende a ralar suado, ou está fadado a perder tudo o que conquistou. Do mesmo modo que citamos casos de sucesso de quem se esforçou para alcançar isso, poderíamos citar infindáveis exemplos de indivíduos extremamente ricos que por falta de esforço, competência ou responsabilidade perderam tudo e foram à falência, como você já deve saber.

O "nobre" de hoje não é mais alguém que pode passar o dia todo se espreguiçando sem fazer nada, mas tem que criar, inovar, se esforçar e mostrar competência para se manter lá em cima, ou senão *hasta la vista* – outro vai tomar o seu lugar, mesmo que venha das camadas mais baixas. No mundo capitalista, você pode subir ou descer, dependendo da sua dedicação, foco, iniciativa e oportunismo, numa escala maior ou menor. Já no estacionário mundo pré-capitalista a sua condição estava determinada desde antes do seu nascimento até sua morte.

Os nobres eram fundamentalmente inúteis, improdutivos e inteiramente despreocupados, enquanto o burguês é por definição alguém que arrisca o seu capital para poder fazer bons negócios, gerar empregos e produzir riqueza num nível que nenhum senhor feudal jamais foi capaz, riqueza essa que passa por muito mais mãos do que nas eras passadas. A própria "classe média" seria totalmente anacrônica na pirâmide do mundo pré-capitalista, onde ou você era o nobre de nascimento, ou era um pobre diabo.

A classe *média* existe justamente porque o capitalismo criou essa ponte intermediária entre o pobre e o rico, ponte essa na qual ambos podem atravessar para um lado ou para outro. Por isso é tão comum ouvirmos histórias de antepassados nossos que eram tão ricos ou tão miseráveis, em contraste com a nossa situação atual. Isso ocorre sobretudo devido às *escolhas* que cada um toma na vida, as quais geram consequências não só para nós mesmos, mas também para as futuras gerações, que por sua vez também poderão trilhar seu próprio caminho para melhor ou pior.

É por isso que hoje em dia vemos greves, mas não os surtos de violência bestial que víamos tão rotineiramente no passado. Os trabalhadores não tinham direito a virtualmente nada no mundo pré-capitalista – direitos esses que foram conquistando com o tempo, a partir do capitalismo –, e por isso revoltas de camponeses eram tão frequentes, como constatamos no volume anterior. Fala-se muito na Revolta dos Camponeses de 1525 por ter ocorrido na época de Lutero, mas o fato é que revoltas desse tipo eram extremamente comuns no mundo antigo e basicamente podiam ocorrer a qualquer hora e em qualquer lugar.

E não pense em comparar essas revoltas com as greves contemporâneas, que são brincadeirinha de criança em comparação a elas. Enquanto as greves que vemos hoje são normalmente pacíficas, as revoltas camponesas eram indistinguíveis de uma guerra real, causando destruição e morte em todo lugar e sendo combatidas com a mesma ferocidade por parte do Estado. Isso tudo era, como vimos, fruto da condição profundamente degradante e miserável dos camponeses, sujeitos a inúmeras restrições que os deixavam praticamente na condição de escravos, sem qualquer comparação com o capitalismo moderno no pior cenário que seja.

O resultado inevitável eram conflitos desse tipo, que irrompiam vez após vez, mesmo eles sabendo que a morte era um destino quase inevitável, que eles encaravam sem medo por não terem muita coisa a perder. Para quem ainda pensa que o capitalismo é o culpado pela desigualdade que há no mundo, apenas uma coisa é necessária: estudar a história do mundo pré-capitalista e fazer a comparação por si mesmo.

O mundo teve milênios para evoluir e em todo este tempo avançou muito pouco, vivendo tempos cíclicos de melhor para pior com variações em pequena escala. Então veio o capitalismo, e em pouco tempo o mundo multiplicou todos os índices de expectativa e qualidade de vida, reduzindo extraordinariamente a mortalidade infantil, o analfabetismo, a escravidão, as vítimas de pestes e até mesmo as guerras.

A tecnologia foi impulsionada como nunca antes, bem como a produção de riqueza e sua distribuição a parcelas significativas da população que por milênios estiveram totalmente à parte de qualquer participação econômica. Coisas que para nós são simples, como saneamento básico e energia elétrica, eram impensáveis até para os ricos antes do capitalismo. Pela primeira vez na história, a "pirâmide" foi desafiada – e sem precisar apelar ao socialismo, que apenas nivela todos por baixo, numa igual distribuição das misérias.

Em um vídeo curto mas extremamente instrutivo, o médico e estatístico sueco Hans Rosling, presidente da Fundação Gapminder, mostrou a história do desenvolvimento do mundo nos últimos dois séculos, transformando essas estatísticas em animação gráfica interativa que deixam ainda mais nítido o contraste entre o mundo antigo e o moderno – além de nos mostrar claramente que os índices melhoram mais rápido nos países mais capitalistas, e progridem mais lentamente nos demais.

O vídeo, disponível na nota de rodapé[95], é um excelente material para se enviar ao seu amigo de esquerda que não tem paciência ou disposição pra ler um livro como

[95] ROSLING, Hans. *200 países, 200 anos, 4 minutos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qe9Lw_nIFQU>. Acesso em: 22/02/2019.

este, mas que talvez tenha para assistir a um vídeo de quatro minutos que resume tudo isso de forma interativa e didática.

Em uma de suas palestras, Rosling discursa para uma plateia que usa um aparelho para responder perguntas de múltipla escolha (mais uma vez, o link da palestra está disponível na nota de rodapé deste livro)[96]. A primeira questão era: "Quanto ao número de mortes por ano por desastre natural, o quanto isso mudou durante o último século?". As alternativas eram: (a) aumentou mais que o dobro; (b) permaneceu quase o mesmo no mundo todo; (c) caiu para menos da metade.

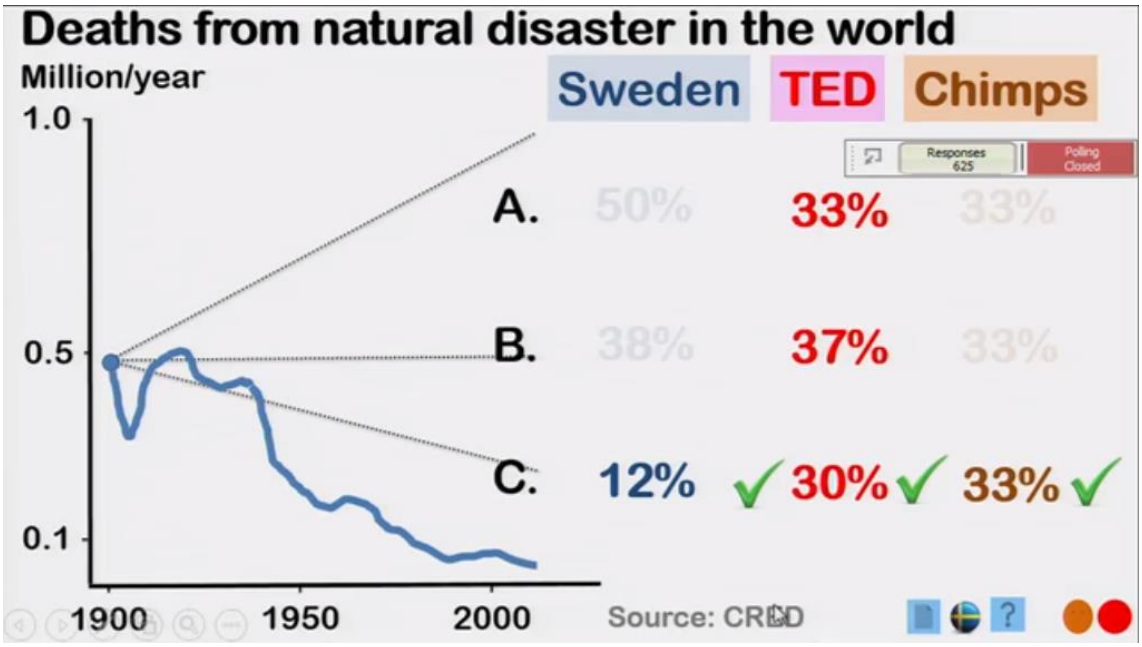
A próxima pergunta era: "No mundo, por quanto tempo as mulheres de 30 anos ficam na escola?". As opções: (a) sete anos; (b) cinco anos; (c) três anos. E a última pergunta: "Nos últimos anos, quanto variou a porcentagem de pessoas no mundo que vivem em extrema pobreza, por não ter comida para o dia?". Alternativas: (a) quase dobrou; (b) ficou mais ou menos o mesmo; (c) caiu pela metade. Em relação à primeira questão, Rosling comenta:

> Em 1900, havia quase meio milhão de pessoas que morriam todos os anos por desastres naturais – inundações, terremotos, erupções vulcânicas, secas, etc. Então, como isso mudou? Gapminder perguntou ao público na Suécia. Aqui está a resposta deles. Acharam que dobrou: 50%. Disseram que é mais ou menos o mesmo: 38%. Disseram que caiu à metade: 12%. Estes são os melhores dados de pesquisadores de desastres, eles sobem e descem, e vão até a Segunda Guerra Mundial. Depois disso, vão caindo, e continuam

[96] ibid.

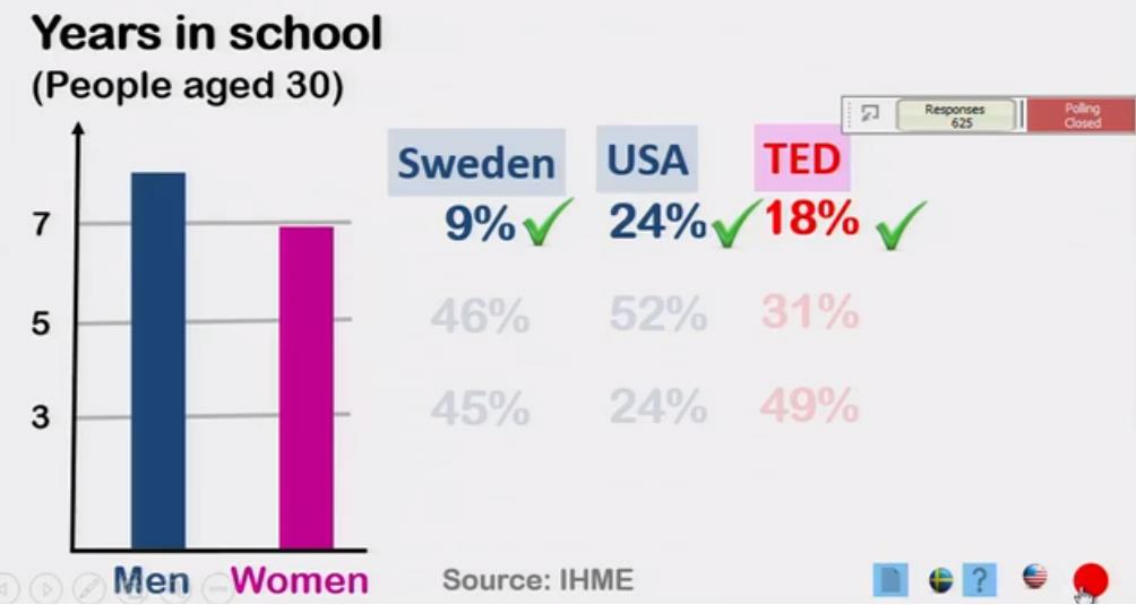
> caindo, e descem a muito menos que a metade. O mundo tem sido muito mais capaz, conforme as décadas passam, de proteger as pessoas disso, vocês sabem. Mas apenas 12% dos suecos sabem disso.[97]

Ele brinca dizendo que "foi ao zoológico" e "perguntou aos chimpanzés": 33% acertaram. O que Rosling quer dizer é que as respostas de seus conterrâneos suecos estão abaixo da escolha aleatória. Ou seja, se alguém simplesmente "chutasse" a resposta certa entre as três alternativas dadas, teria uma chance muito maior de acertar a questão do que pensando racionalmente e escolhendo de acordo com os seus conhecimentos prévios. A conclusão é que a escolha racional é, neste caso, pior do que a escolha aleatória. No auditório, a plateia se saiu melhor do que os suecos – mas ainda assim abaixo dos chimpanzés:



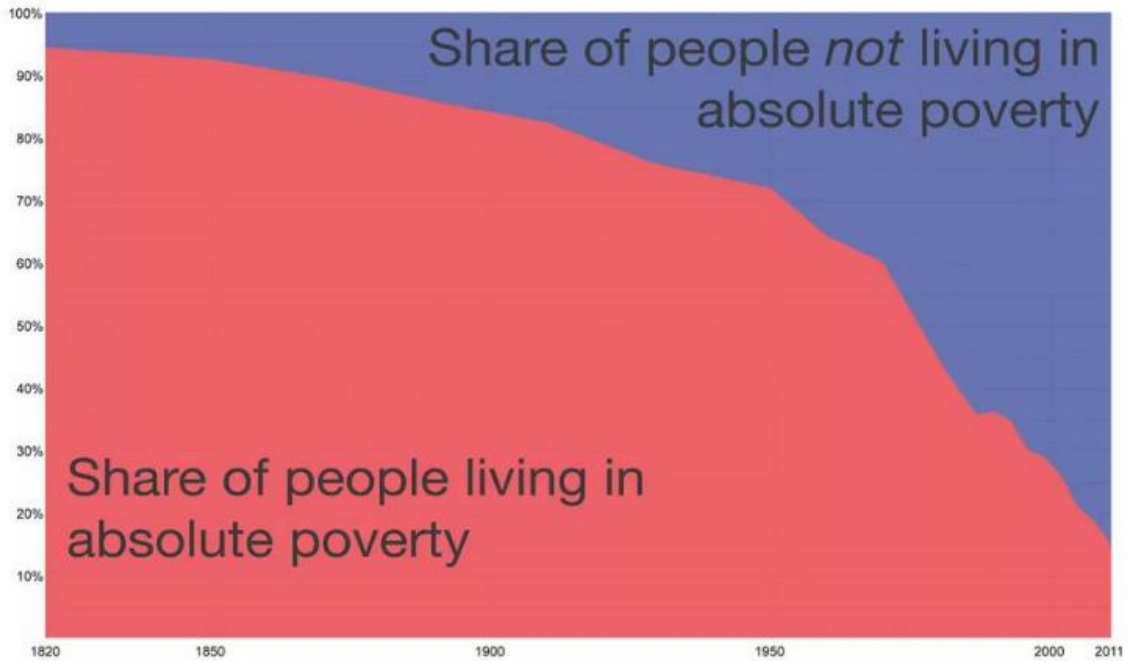
[97] ibid.

Vamos à próxima questão: mulheres na escola. Os dados mostram que os homens ficam na escola oito anos, em média. Quanto tempo as mulheres ficam? A resposta certa era a primeira alternativa: sete anos (apenas um a menos que os homens). Somente 9% dos suecos acertaram a questão, em comparação a 24% dos americanos e 18% do auditório (mais uma vez perdendo para a escolha aleatória).



E em relação à terceira questão? A essa altura, você já deve supor que a resposta certa era a C: a extrema-pobreza caiu pela metade (na verdade, para bem menos da metade!). Havia impressionantes 95% da população mundial vivendo em condições de extrema-pobreza em 1820, cifra que caiu para 14% em 2011. Ou seja, quanto mais o capitalismo avançou, mais a pobreza recuou – apesar de toda a mídia e a doutrinação ideológica nos bombardear com o contrário[98]. No gráfico, acompanhe como a extrema-pobreza (em vermelho) recuou de 1820 pra cá:

[98] MATTHEWS, Dylan. *This chart shows one of humanity's greatest modern accomplishments*. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/8/13/9145467/extreme-poverty-global-poverty>. Acesso em: 24/02/2018.



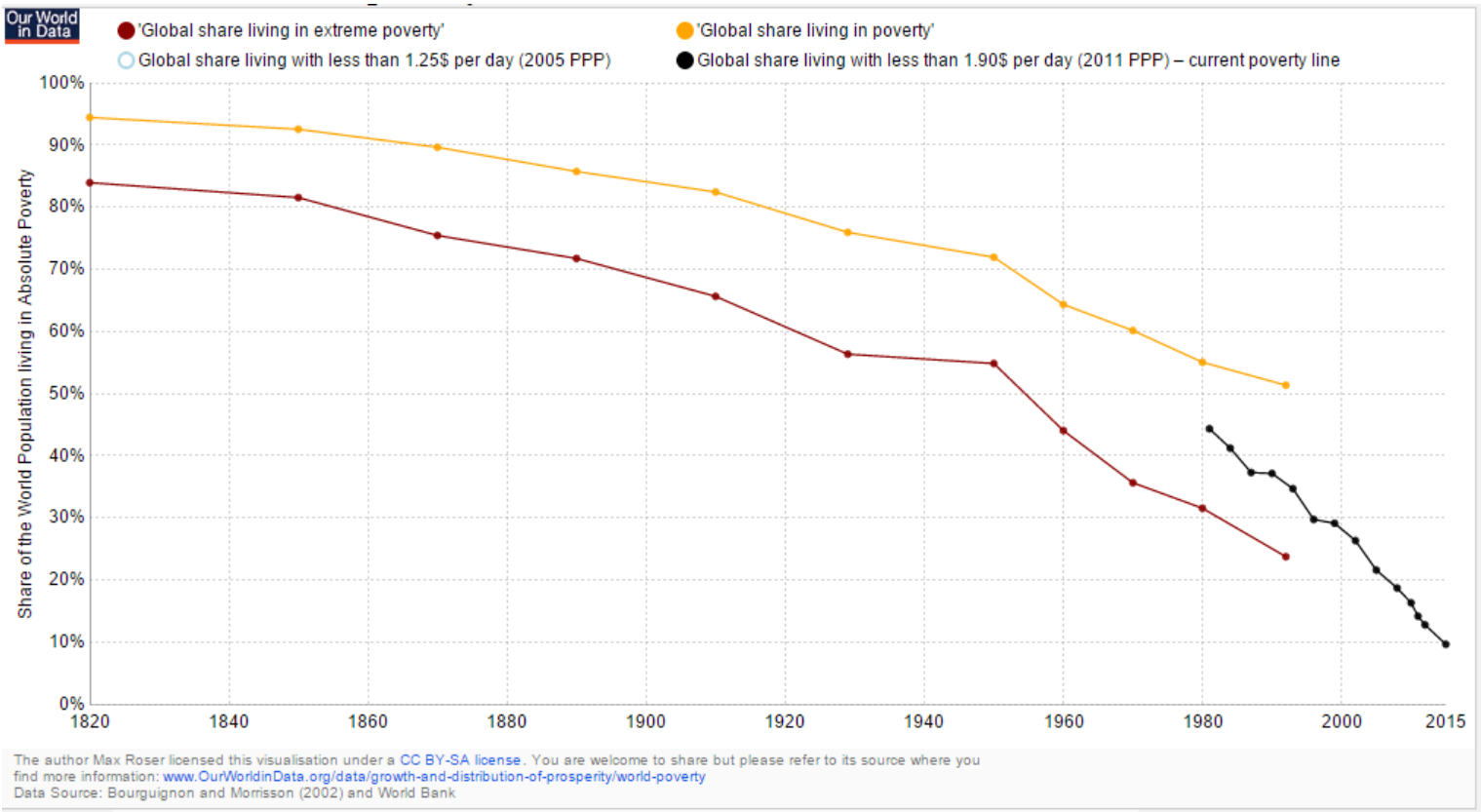
Não apenas a pobreza recuou com o avanço do capitalismo, mas as regiões mais pobres do mundo são justamente as mais resistentes ao capitalismo – ou seja, as que preferiram adotar outros sistemas como o socialismo ou algo próximo disso. Tal é o caso da África e da Ásia, que passaram por muitas revoluções socialistas no último século e que praticamente detém o monopólio da extrema-pobreza no mundo.

Por contraste, os países que mais aderiram ao capitalismo – em especial os de tradição protestante, como veremos aqui – foram os que mais rápido superaram a extrema-pobreza e tem os melhores índices de desenvolvimento humano e bem-estar. Narloch é preciso quando escreve:

> Principalmente por causa do avanço do capitalismo na Ásia, a pobreza despencou na última década a níveis inéditos em toda a história da humanidade. Em 2000, a meta estabelecida pela ONU, de cortar pela

> metade o número de pessoas que viviam com menos de US$ 1,25 por dia até 2015, parecia ambiciosa demais. Pois o mundo conseguiu atingir esse objetivo cinco anos antes do previsto. Nunca uma parcela tão pequena da população mundial foi miserável.[99]

Como podemos observar, os gráficos de Max Roser, economista mundialmente reconhecido, vão ao encontro disso[100]:

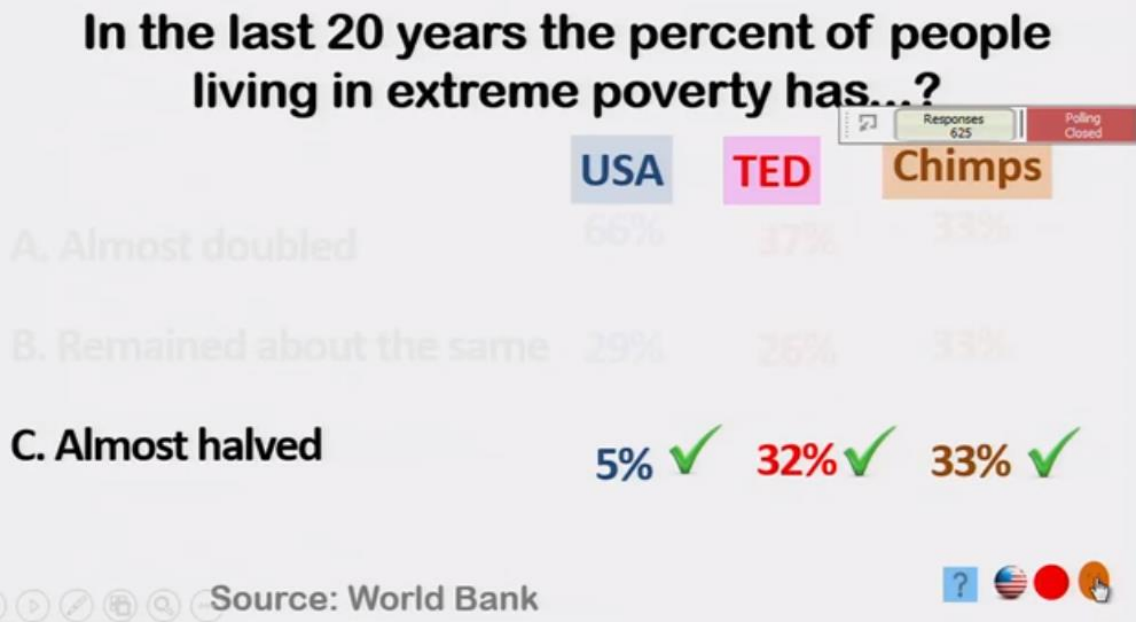


Como se vê, o número de pessoas no mundo vivendo com menos de US$ 1,90 por dia caiu para menos de 10% em 2015, um índice jamais atingido na história e que

[99] NARLOCH, Leandro. *Os mitos e omissões da Oxfam sobre a desigualdade*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/os-mitos-e-omissoes-da-oxfam-sobre-a-desigualdade>. Acesso em: 03/05/2019.
[100] Disponível em: <https://ourworldindata.org>. Acesso em: 03/05/2019.

surpreende até o capitalista mais otimista dos séculos passados. Não à toa, anticapitalistas precisam a todo o momento recorrer a manobras desonestas para continuar mantendo a aparência de que o mundo está piorando, por exemplo *redefinindo* o conceito de pobreza sempre que precisam apresentar dados mais alarmantes (uma vez que o padrão fixado apresenta melhoras significativas).

Como já é de se esperar, os humanos falharam novamente em responder a questão: tanto a média do auditório como a dos cidadãos americanos esteve abaixo dos chimpanzés (i.e, abaixo do aleatório):

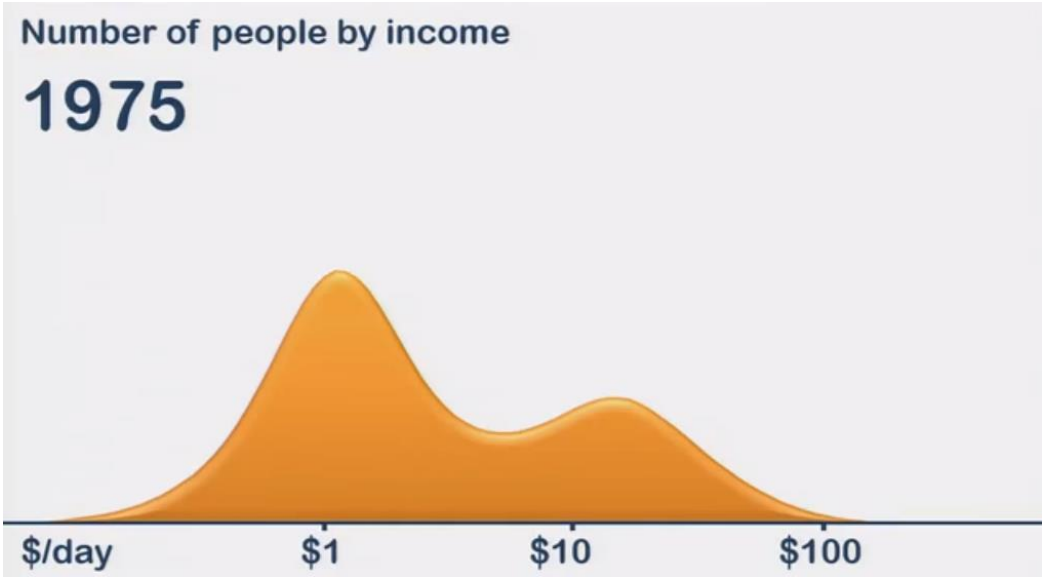


Poderíamos fazer o mesmo teste com as mesmas perguntas para os brasileiros ou quem quer que seja, que encontraríamos as mesmas respostas, ou melhor, os mesmos erros. O que Rosling demonstra através desses experimentos é que nossa mente é tomada por ideias preconcebidas– entre elas, uma hostilidade "natural" ao capitalismo e ao mundo moderno, como se tudo estivesse sempre indo de mal a pior.

E essas ideias preconcebidas, embora completamente falsas, são o que causam respostas tão miseravelmente erradas, abaixo até da resposta aleatória – o que faz com que um chimpanzé tenha chances maiores de acertá-las que uma pessoa comum ou mesmo um acadêmico. Essas questões são as primeiras do "Projeto da Ignorância", da Fundação Gapminder, conduzida por Hans Rosling e por seu filho Ola Rosling, que comenta:

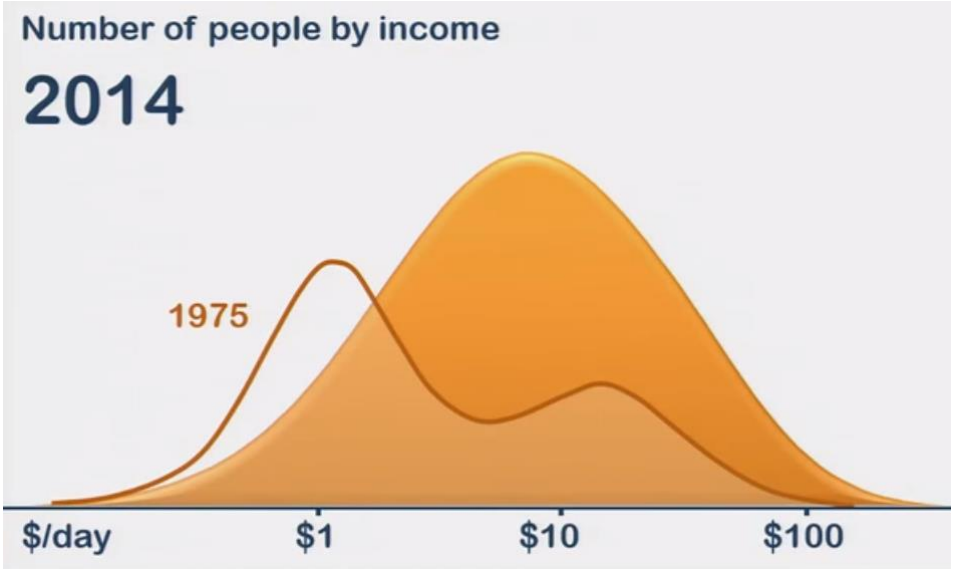
> Nós temos que ser mais sistemáticos quando lutamos contra a ignorância devastadora. Os projetos pilotos já revelam que tantos no público acertam menos que o aleatório. Temos que pensar em ideias preconcebidas, e uma das principais ideias preconcebidas é a distribuição de renda mundial.[101]

Como era a distribuição de renda em 1975? Era assim:



[101] ROSLING, Hans. *Como não ser ignorante sobre o mundo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Un_NuAlbplo>. Acesso em: 22/02/2019.

Embora o número de pessoas miseráveis (na linha da extrema-pobreza) já fosse bem menos que nos séculos passados, ainda havia muita gente vivendo com apenas um dólar por dia. Agora compare com os dados mais recentes:



A diferença é notável. Não apenas muito mais gente saiu do um dólar por dia para uma quantia substancialmente maior, como a própria desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres regrediu significativamente. Como Rosling brinca na comparação dos gráficos, deixou de ser um camelo com duas corcovas para se tornar um dromedário, com apenas uma corcova. Antes havia poucos entre os mais pobres e os mais ricos, e hoje muito mais, impulsionado pelos que saíram da condição de extrema-pobreza para a classe média.

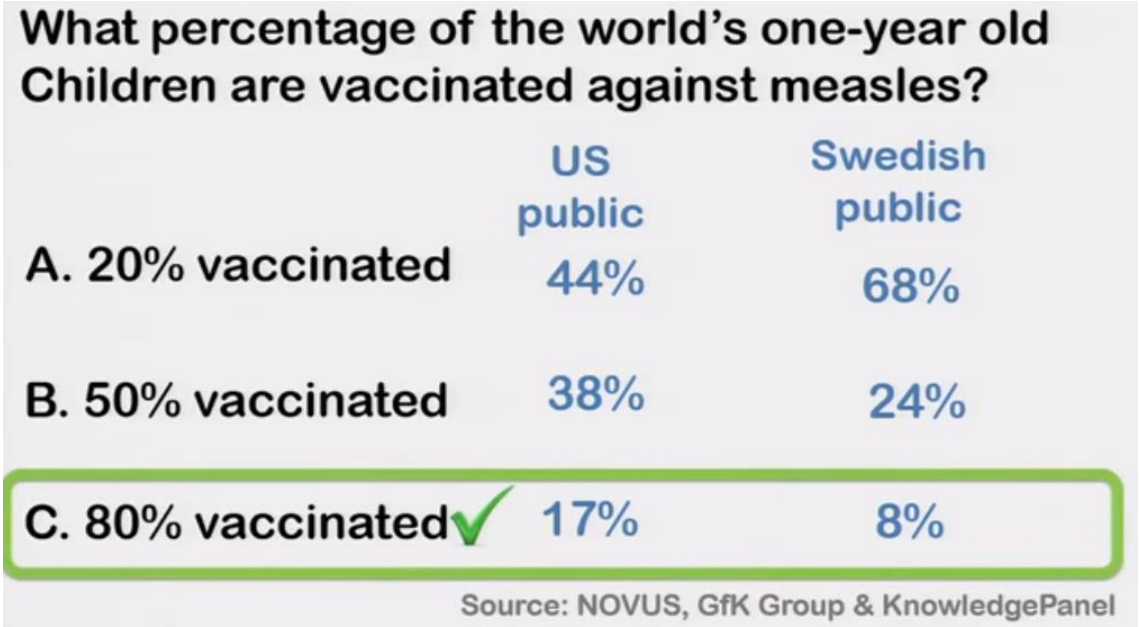
Em outras palavras, quanto mais o capitalismo avança nas regiões do mundo que até pouco tempo lhe fechavam as portas, mais a distância entre pobres e ricos está *encurtando* – e não aumentando, como quase todo mundo pensa. Coisas que há não muito tempo eram privilégio exclusivo dos mais ricos – tais como eletricidade,

saneamento básico, alfabetização ou acesso aos meios digitais – hoje são acessíveis a uma gama muito maior de pessoas, incluindo pessoas pobres de terceiro mundo.

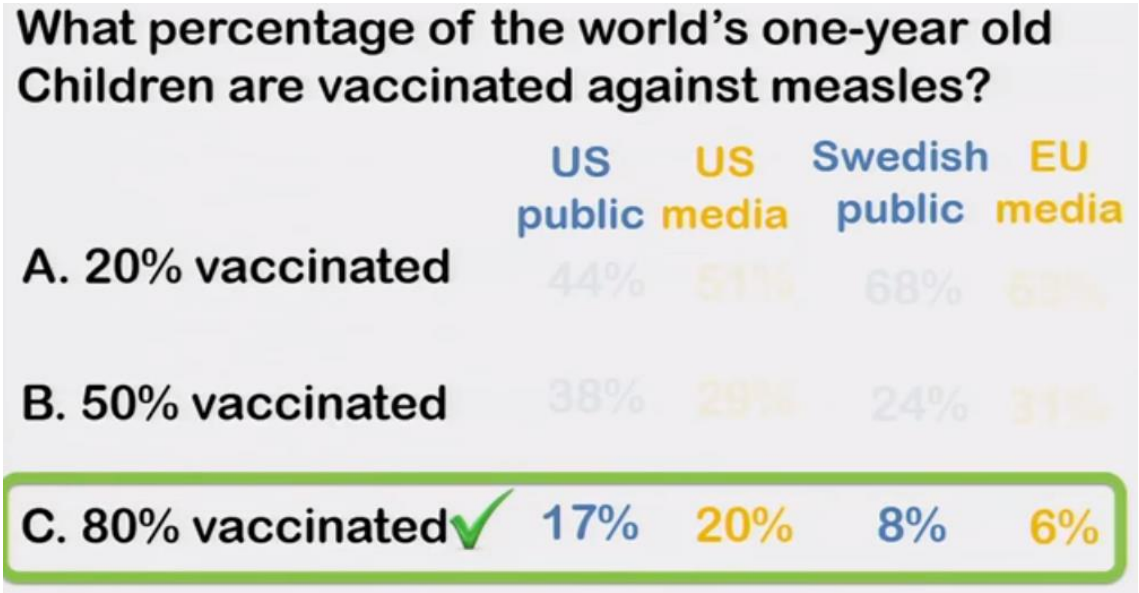
Por isso não devemos dar atenção a dados sensacionalistas que dizem algo como "os 1% mais ricos tem a mesma riqueza que os 99% restantes"[102], que por "riqueza" consideram apenas a conta no banco, como se qualquer pessoa endividada estivesse em condições piores que um mendigo – ainda que tenha conforto e bens materiais, um teto para morar, roupas de sobra para vestir e comida suficiente para não passar fome (ou seja, coisas que no passado eram privilégio exclusivo dos mais ricos, até nos países de primeiro mundo). Se esse tipo de metodologia desonesta[103] fosse aplicada no passado, a desproporção seria ainda mais devastadora, levando em conta que a maior parte da população sequer dispunha de moedas[104].

Rosling mostra os resultados de uma última pergunta feita aos suecos e aos americanos: qual a porcentagem de crianças de um ano que tomaram vacinas básicas (por exemplo, contra sarampo)? Mais uma vez, a resposta certa foi a menos escolhida tanto por suecos quanto por americanos – apenas 17% dos americanos e 8% dos suecos achavam que 80% das crianças no mundo foram vacinadas.

[102] Você pode saber mais sobre esse tipo de metodologia desonesta neste vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=EqI1Ao2DXq0>. Acesso em: 28/02/2018.
[103] Leandro Narloch aponta algumas razões pelas quais a metodologia usada por esses relatórios é desonesta: (1) O relatório toma endividados como pobres; (2) O relatório não inclui a riqueza informal; (3) Pela primeira vez na história, menos de 10% da população mundial são pobres. Você pode ler o artigo completo em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/os-mitos-e-omissoes-da-oxfam-sobre-a-desigualdade>. Acesso em: 03/05/2019.
[104] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, Introdução.



A conclusão só pode ser uma: a ignorância que temos sobre o mundo é invencível. Mas de onde essa ignorância invencível procede? Alguns poderiam dizer que vem da falta de informação, ou seja, porque as pessoas não assistem muito aos noticiários. Então Rosling decidiu fazer o mesmo teste com a mídia americana e europeia. O resultado foi surpreendente: nem a mídia sabia!



A mídia americana conhecia um pouco mais que o público geral, a mídia sueca um pouco *menos,* mas ambas eram colossalmente ignorantes sobre o mundo, passando longe da escolha aleatória. Um chimpanzé continuaria tendo muito mais chances de acertar a questão do que a mídia, que respondeu de acordo com os seus pré-conceitos. A conclusão é que o problema não é que as pessoas não leem ou não escutam a mídia, mas sim que *a própria mídia não sabe!*

Há muitas coisas que ajudam a criar a falsa percepção de que as coisas eram melhores no passado do que são hoje. Uma delas são os noticiários. Um jornal impresso precisa vender muito para continuar existindo, e um telejornal precisa de audiência para atrair anunciantes. Ou seja, eles precisam transmitir aquilo que acreditam que tem um potencial maior de prender a atenção das pessoas, o que quase sempre envolve tragédias, escândalos e outras coisas negativas.

É por isso que o jornal de amanhã irá noticiar o acidente na rua que deixou dois mortos e outros quatro feridos, em vez de noticiar que não havia nenhum acidente fatal naquela rua há tantos meses. A notícia do acidente causa impacto, enquanto a do não-acidente é indiferente e ninguém daria atenção. Um bom jornalista sabe escolher uma boa manchete, e a "boa manchete" é a mais sensacional. Daí vem o termo "sensacionalismo", usado para quem busca notícias "sensacionais" até onde não existe, dramatizando coisas simples e explorando-as ao máximo na intenção de causar impacto.

Isso explica por que os noticiários são rotineiramente preenchidos com tragédias, tragédias e mais tragédias. Eventos incomuns são sempre muito mais interessantes do que eventos comuns, e a tragédia sempre chama mais atenção que as boas

ações. Ninguém vai parar o que está fazendo para ver alguém ajudando uma velhinha a atravessar a rua ou dando comida a um necessitado, mas se houver uma batida feia de carro ou duas pessoas saindo no tapa, uma multidão se ajunta à sua volta em poucos segundos.

Os jornalistas sabem disso, e por isso fazem questão de explorar os assuntos que chocam mais. Como Rosling destaca, "um tubarão que atacou um sueco seria manchete durante duas semanas na Suécia"[105] – apesar de mortes por tubarão serem incrivelmente raras. Quanto mais impacto, mais audiência. Portanto, quanto mais escândalos, homicídios, violência, perigo e caos, melhor. São essas as notícias que os bons jornalistas vão à caça. É isso o que vai bombar o dia inteiro nos jornais, revistas, televisão e rádio – não tem como escapar –, fazendo você pensar que o mundo está indo de mal a pior.

E é claro que eles não vão noticiar as tragédias do passado, porque é o presente que vende. As tragédias do passado você aprende brevemente em algumas aulas de história e logo se esquece; as do presente você é bombardeado todos os dias e o dia todo, o que reforça a imagem de que está tudo piorando. Por isso, quanto mais você assiste aos noticiários, mais reforça em seu subconsciente a imagem de que o mundo está piorando.

Sem ter como evitar, você é afetado por uma *distorção da realidade,* que é exatamente o tipo de *pré-conceito* que nos *predispõe* a essas respostas erradas sobre o mundo. Isso explica a tendência em se apegar a um passado nostálgico que

[105] ROSLING, Hans. *Como não ser ignorante sobre o mundo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Un_NuAlbplo>. Acesso em: 22/02/2019.

jamais existiu, em detrimento do mundo presente. E como o capitalismo é o sistema que impera na maior parte deste «mundo presente», a maioria das pessoas é ensinada desde cedo a odiá-lo, usando o capitalismo como um bode expiatório que "explica" todos os problemas que há no mundo, quando ele é justamente o contrário: a causa da *superação* em larga escala desses mesmos problemas que eram muito mais graves e rotineiros no passado.

Narloch tem razão quando escreve que "quando o assunto é pobreza e desigualdade, temos muitos motivos para comemorar. Mas sabe como é: notícias alegres não ganham destaque nos jornais nem geram doações para ONGs britânicas"[106]. Quem deu o maior e mais perfeito exemplo prático de como as pessoas tem a tendência de aceitar como verdade *a priori* qualquer notícia negativa, desastrosa e mentirosa sobre o mundo foi o ex-presidente Lula (na época em que estava solto). Em uma palestra gravada no Instituto Lula, ele confessou:

> Eu cansei de viajar o mundo falando mal do Brasil, gente. Era bonito a gente viajar o mundo e falar: "O Brasil tem 30 milhões de crianças de rua" (a gente nem sabia), "tem não sei quantos milhões de abortos", era tudo clandestino mas a gente ia citando números, sabe. Se o cara perguntasse a fonte a gente não tinha, mas a gente ia citando número. Eu não esqueço nunca o dia em que estavam debatendo eu, o Roberto Marinho e o Jaime Lerner em Paris. Eu ficava dizendo: "No Brasil tem 25 milhões de crianças de rua", e eu era aplaudido calorosamente pelos franceses. Quando eu terminei de falar, o Jaime Lerner falou

[106] NARLOCH, Leandro. *Os mitos e omissões da Oxfam sobre a desigualdade*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/os-mitos-e-omissoes-da-oxfam-sobre-a-desigualdade>. Acesso em: 03/05/2019.

> assim pra mim: "Ô Lula, não pode ter 25 milhões de crianças de rua, Lula. Porque senão a gente não conseguiria andar na rua, Lula. É muita gente!" (risos).[107]

O que mais me espanta não é um ex-presidente notoriamente corrupto admitir que mentia tão descaradamente, mas sim que aparentemente ninguém além do Jaime Lerner percebia a fraude. A mente das pessoas está tão completamente cauterizada pela mídia e condicionada pela doutrinação ideológica que dizer que existem 30 milhões de crianças de rua no Brasil soa como algo natural. É assim que a esquerda consegue convencer as massas incautas de que o capitalismo "piorou o mundo", invertendo a realidade da forma mais grosseira possível – tão grosseira quanto as mentiras do Lula.

Além da mídia, que é tão ignorante sobre o mundo quanto os seus ouvintes, temos ainda as escolas e universidades, que deveriam ensinar o saber, mas que frequentemente reforçam a desinformação e induzem à mesma ignorância. Os livros escolares são em grande parte materiais defasados que refletem mais o viés ideológico de quem os escreveu do que a realidade do mundo, e tal viés compromete a qualidade do ensino. Muitos professores se limitam a repetir aquilo que foram ensinados por seus próprios professores, que reproduziam fielmente o que consta nos materiais escolares, numa transmissão sucessiva de erros.

Por isso não admira que a doutrinação ideológica seja tão forte, com visões ultrapassadas de mundo sendo ensinadas ainda hoje como se fossem verdade

[107] SILVA, Luiz Inácio Lula da. *"Eu mentia mesmo, falava números que não existiam".* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5bOtqmvJHE&feature=youtu.be>. Acesso em: 11/12/2019.

(ainda mais em países de terceiro mundo, como o nosso). Muito se tem dito, e não sem razão, que as escolas de hoje não formam estudantes, mas militantes. E não militantes de uma esquerda moderada, mas precisamente de uma extrema-esquerda ultrapassada e perigosa que parou no tempo no século XIX e que coloca na cabeça dos alunos que o objetivo de cada um deles é ser um revolucionário no pior e mais completo sentido do termo.

O resultado é que os jovens saem da universidade odiando os cristãos, odiando os conservadores, odiando os liberais, odiando os empresários, odiando os ricos, odiando o capitalismo, odiando a "elite branca" e hasteando uma bandeira do PT (ou pior ainda, do PSOL ou do PSTU). Sabemos que o jovem é condicionado desde cedo a pensar que o professor está certo em tudo. A mente dele está habituada a pensar que a "resposta certa" na prova não é a dele, mas a que o professor disse que é a certa. O professor é aquele que detém o conhecimento e a verdade, o aluno é aquele que aprende e concorda.

Essa tendência leva o jovem a não apenas admirar o professor enquanto tal, mas a reproduzir suas ideias e pensamentos como se fossem os seus. Assim, muitos se tornam militantes de extrema-esquerda pensando que chegaram a essa conclusão pela própria cabeça, quando na verdade foram apenas condicionados a isso desde o primeiro momento – o que muitos chamariam de lavagem cerebral.

Somadas, a mídia e a doutrinação ideológica ajudam a nos passar a sensação de que o mundo vai de mal a pior e que a culpa disso é do capitalismo, que gera a pobreza e eleva a desigualdade – ou seja, o exato oposto do mundo real. É por isso

que um chimpanzé, que não assiste TV nem vai à escola, acerta mais questões sobre a realidade do mundo do que a maioria de nós.

Não que a solução seja não ir à escola e não assistir TV, mas se alguém espera formar todo o seu conhecimento apenas a partir deles estará fadado a uma perspectiva tendenciosa e enviesada de mundo, imersa no tão perigoso senso comum que torna todos ignorantes por igual (enquanto pensam estar certos devido ao viés de confirmação). É o que Rosling chama de «ignorância invencível».

A verdade que você dificilmente ouvirá alguém dizer (especialmente na mídia e na escola) é que os problemas da sociedade contemporânea já foram bem mais acentuados, e que se o capitalismo interferiu em alguma coisa foi para *diminuir* a barreira entre o pobre e o rico, criando uma ponte entre eles que permite a passagem de ambos.

Longe de aumentar a pobreza e a desigualdade, o que o capitalismo fez foi proporcionar oportunidade de vida a pessoas completamente marginalizadas nas sociedades pré-capitalistas, oportunidades essas que elas jamais teriam em qualquer sociedade do passado ou nos países que ainda seguem rejeitando o capitalismo.

• Quando o Oriente estava à frente

Um olhar para o mundo atual nos faz pensar que o Ocidente esteve sempre à frente do Oriente, o que é sem dúvida mais um mito que estamos inclinados a crer. Dessa vez a culpa não é nem da mídia e nem da escola, mas do nosso próprio hábito de julgar o passado através das lentes do presente. Muitos também se surpreendem em saber que um dia o Guarani, a Portuguesa e o Bangu eram considerados times grandes no Brasil, ou que até o final da década de 70 o clube inglês com mais títulos da Champions League era o Nottingham Forest[108].

A razão pela qual nos surpreendemos é porque temos uma tendência natural a pensar que o passado imitava o presente (o que muitas vezes não é verdade). Hoje olhamos para o Ocidente e vemos o retrato de um mundo desenvolvido, com elevados índices de IDH e PIB, sobretudo pela Europa e América do Norte. Ao mesmo tempo, olhamos para o Oriente e vemos o retrato de uma Ásia atrasada, de um Oriente Médio pobre, de países muçulmanos sobrevivendo exclusivamente do petróleo e dos dois gigantes populacionais (China e Índia) vivendo em situações absolutamente precárias.

Isso nos leva facilmente a presumir que a supremacia do Ocidente remete a tempos muito antigos, quando na verdade é uma construção bem mais recente do que estamos inclinados a pensar. Quando estudamos a história, constatamos não apenas que o Oriente foi superior ao Ocidente durante a maior parte da existência humana, mas que essa vantagem durou até o surgimento da Reforma Protestante

[108] Empatado com o Liverpool (ambos com dois títulos). O Manchester United tinha um título, e os demais times ingleses nenhum.

e a ascensão do capitalismo (que os orientais demoraram a engolir). Se você leu o meu livro sobre as cruzadas[109], deve estar lembrado de como os cruzados (católicos medievais de países europeus) ficaram maravilhados ao chegar às portas de Constantinopla, a capital bizantina, como um favelado que visita a Disneylândia.

Já para os gregos, "muito mais civilizados do que aqueles"[110], os ocidentais eram bárbaros com modos rudes, roupas feias e hábitos selvagens, em quem não se podia confiar nem esperar coisa alguma. Por isso, "quando o imperador de Constantinopla viu chegarem os primeiros cruzados, teve muito, muito medo. *Nós* éramos os bárbaros"[111], escreve Duby. Le Goff afirma que a Cristandade ocidental era "pobre, exígua, bárbara e de aparência mesquinha frente à brilhante Cristandade bizantina"[112].

Por isso não admira que os cruzados, tomados pela ganância, saquearam Constantinopla na Quarta Cruzada (1204) cometendo toda a sorte de malefícios, incluindo assassinatos cruéis, estupro de freiras, profanações (fizeram sentar uma prostituta no trono do patriarca grego) e depredações com uma ferocidade poucas vezes vista[113]. Essas cenas pavorosas não foram esquecidas tão cedo. Já em 1453, com os turcos às portas de Constantinopla, pensou-se em pedir ajuda aos

[109] Disponível em: <http://www.lucasbanzoli.com/2017/04/0.html>.
[110] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna.* Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 17.
[111] DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 71.
[112] LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 3.
[113] Você pode ler sobre a Quarta Cruzada em detalhes no livro: PHILLIPS, Jonathan. *La cuarta cruzada y el saco de Constantinopla*. Barcelona: CRÍTICA, S. L., 2005. Ou pode conferir o capítulo específico sobre isso no meu livro sobre as cruzadas: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2016/05/a-quarta-cruzada-e-o-saque-de.html>.

ocidentais, mas um general bizantino resumiu o pensamento popular: "Prefiro o turbante dos muçulmanos à mitra dos latinos"[114].

Pirenne diz que "até o século XII, o Oriente havia sido o centro indiscutível e fundamental da civilização"[115], e Goldstone acrescenta que "até 1500, a Europa estava de certa forma atrasada em termos de riqueza, tecnologia e ciência"[116], não sendo de forma alguma a zona mais rica do mundo[117]. Mesmo em 1600, as sociedades asiáticas ainda estavam «ligeiramente à frente»[118], com destaque à "magnificência de Constantinopla, Córdoba, Bagdá ou Changan"[119], contra as quais a antes gloriosa Roma nem podia comparar-se[120].

Roberts escreve que neste período "a Europa ocidental não produziu ciência nem escola que se comparasse às da Espanha árabe ou da Ásia. Era culturalmente atrasada. Seus habitantes cresceram acostumados com a privação e não com as oportunidades, e se amontoavam sob o domínio de guerreiros de cuja proteção necessitavam"[121]. Goldstone lembra que o deslumbre dos europeus com as riquezas do Oriente foi precisamente o que levou Colombo a procurar uma nova rota de comércio com a Índia, uma terra «que mana leite e mel»:

---

[114] FRANCO, Hilário. *As Cruzadas.* São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 81.
[115] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 186.
[116] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 264.
[117] ibid, p. 11.
[118] ibid, p. 152-153.
[119] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 341.
[120] ibid.
[121] ibid.

> Os europeus ficaram deslumbrados com a riqueza, o comércio e as capacidades de produção com que se depararam quando visitaram outros centros de civilização, tanto no Oriente Médio, no sul e no leste da Ásia, como no Novo Mundo. Nesta altura, a Ásia tinha de modo geral uma maior produtividade agrícola e um artesanato mais requintado de produtos, tais como tecidos de seda e de algodão, porcelana, café, chá e especiarias, que os europeus tanto desejavam.[122]

Ele ainda questiona:

> Por que motivo é que os europeus se deram a tanto trabalho? Por que motivo é que os europeus consideravam a Índia e a China terras de riquezas, na época de Colombo? A resposta é que estas regiões *eram* as mais ricas em quase todos os aspectos. Os campos da Índia e da China eram mais férteis e produtivos, e a sua tecnologia de produção era superior. A China foi a primeira região do mundo a fabricar uma série de produtos, incluindo papel, pólvora, embarcações de grande porte com lemes de cadaste e cascos multicompartimentados, a bússola, a chamada vela latina, instrumentos de ferro fundido e porcelana de grande qualidade. A Índia foi líder mundial de produção de tecidos de algodão de luxo, maravilhosamente coloridos, e a China e a Pérsia foram líderes mundiais de produção de seda. Na Índia e na

[122] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 11.

> China, as pessoas vestiam-se com tecidos delicados de algodão, enquanto os europeus se vestiam com roupa grosseira de linho e lã.[123]

Em comparação aos ocidentais, os agricultores chineses cultivavam o solo com um arado mais leve e eficaz, que ao invés de desgastar o solo como os europeus, "abria caminho num solo leve, como uma faca sobre manteiga, permitindo que a terra fosse arada por um único trabalhador ou por um ou dois animais"[124].

Os chineses utilizavam fornos revestidos à cerâmica para a fundição de ferro séculos antes que o Ocidente[125], bem como a fundição de bronze pesado, tornando-se peritos em moldar utensílios de ferro mil anos antes dos europeus[126]. A cerâmica chinesa também estava bem à frente, e no século XVII já tinham fábricas a carvão com milhares de operários produzindo peças com um design cuidadosamente concebido[127]. Goldstone acrescenta que

> os chineses inventaram também o papel barato e a impressão com blocos de madeira, e tinham enormes bibliotecas, séculos antes de terem surgido na Europa a impressão do livro em grande escala e as bibliotecas. Até o dinheiro em papel (também tornado possível devido ao papel barato e à impressão) foi utilizado na China muito antes de o ter sido na Europa. Na Idade Média, os europeus usavam pele cara de animais (velino ou pergaminho) na maioria dos textos. Intermediários árabes venderam papel asiático aos europeus durante cerca de 400

[123] ibid, p. 17.
[124] ibid, p. 21.
[125] ibid.
[126] ibid, p. 25.
[127] ibid.

> anos, de 800 d.C a 1200, antes de os europeus terem aprendido a manufaturá-lo. Pigmentos dispendiosos (para tingir roupa e pintar quadros), pólvora e fósforos, tudo provinha de várias regiões da Ásia.[128]

A China também assumiu a liderança "na invenção e no desenvolvimento do carrinho de mão, dos canais e das comportas, da bússola magnética, da cartografia exata de grandes regiões, do barco com leme cadaste, das embarcações de grande porte, da pólvora, do ferro fundido, da porcelana, da seda, da impressão e do papel"[129]. Na matemática, os chineses já tinham resolvido no século XIII equações polinomiais de ordem superior, usando a álgebra para resolver problemas geométricos "de uma forma que só foi descoberta na Europa cerca de quatro séculos depois, por Descartes"[130].

Só no século XIII os ocidentais viriam a conhecer os tecidos de seda, artigo de luxo comercializado com frequência na Ásia (dando nome à "Rota da Seda")[131]. As terras asiáticas também eram as fontes de «especiarias, pomadas e perfumes», e até mesmo do chá e do café que os europeus bebiam diariamente[132]. Por volta de 1500, a produção de aço, tecidos de algodão, cerâmica, embarcações e ferro fundido era muito superior na Ásia do que na Europa[133]. É por coisas como essas que o comerciante veneziano Marco Polo, ao visitar a China no século XIII, ficou fascinado

[128] ibid.
[129] ibid, p. 47.
[130] ibid, p. 219.
[131] ibid, p. 24.
[132] ibid, p. 26.
[133] ibid, p. 272.

com a agricultura mais produtiva, a tecnologia mais avançada e a quantidade de barcos que navegavam nos rios chineses[134].

A Índia não ficava por menos. Além de liderar a produção mundial de tecidos de algodão «de grande variedade e excelente qualidade»[135], seus matemáticos "fizeram progressos notáveis no estudo da aritmética"[136], desenvolvendo métodos para calcular somas de séries infinitas e calculando o valor de pi até a décima casa decimal, "cerca de 300 anos antes de terem sido desenvolvidas descobertas semelhantes na Europa"[137].

Quem também entendia muito disso eram os árabes, pois "quase tudo o que entendemos como ciência e matemática europeias dos séculos XVI e XVII foi baseado na evolução da matemática, da física, da química e da medicina islâmicas de 800 a 1400"[138]. Goldstone escreve:

> Sabe-se atualmente que muitas das ideias que se pensava terem sido novas concepções brilhantes de matemáticos europeus dos séculos XVI, XVII e XVIII, foram desenvolvidas por matemáticos arábico-islâmicos cerca de quatro séculos antes. A matemática que é estudada atualmente aproxima-se muito mais, em termos de estilo, da contribuição dos arábico-islâmicos do que dos gregos.[139]

[134] ibid, p. 26.
[135] ibid, p. 47.
[136] ibid, p. 219.
[137] ibid.
[138] ibid, p. 272.
[139] ibid, p. 221.

Na área das ciências naturais, Jabir Ibn Hayyan da Síria revolucionou o estudo da química no século IX, sendo o primeiro a reconhecer que "os elementos nas reações químicas estavam sempre combinados exatamente nas mesmas proporções, antecipando-se talvez mil anos à descoberta europeia baseada no mesmo princípio"[140]. Jabir foi o pioneiro de uma série de aplicações práticas de química, como a liquefação de ouro, a prevenção de ferrugem e o aperfeiçoamento da qualidade do vidro e do aço; escreveu tratados sobre estilação, cristalização e evaporação, e descobriu os ácidos cítrico, nítrico e hidroclorídico[141].

Na astronomia, os geógrafos árabes "mediram a terra e o firmamento com uma precisão sem precedentes"[142]. Omar Khayyam mediu a extensão do ano corretamente em 365,2421986 dias, ainda em 1079 d.C. Ele também inventou um calendário mais preciso que o gregoriano (com o erro de um dia em mais de 5000 anos, em comparação com um dia a cada 3330 anos no calendário gregoriano de 1582)[143].

As terras islâmicas lideravam o cenário mundial em termos de avanços científicos da época[144], de modo que "entre 1000 e 1500, o conhecimento científico e prático islâmicos estavam muito à frente da Europa"[145]. Grande parte disso deve-se a investigadores árabes como Al-Battani, Al-Biruni e Al-Zarqali, que

[140] ibid, p. 222.
[141] ibid.
[142] ibid.
[143] ibid, p. 223.
[144] ibid, p. 79.
[145] ibid, p. 224.

> corrigiram os erros de Ptolomeu acerca do movimento da lua, da inclinação do eixo da terra e do tamanho do mar Mediterrâneo. As suas obras, mais tarde citadas por Copérnico, influenciaram também Kepler e Galileu. Dos séculos XII ao XV, astrônomos muçulmanos, incluindo Al-Urdi, Al-Tusi, Ibn-Shatir e Al-Shirazi trabalharam nos melhores observatórios do mundo e desenvolveram novos teoremas matemáticos, que foram essenciais para a astronomia de Copérnico. Al-Haytham e Al-Farisi tiveram estudos precursores no estudo da óptica, desenvolvendo tratamentos matemáticos da reflexão e refração e explicando as cores do arco-íris.[146]

Os árabes já conheciam o papel desde o século VIII, e é a partir deles que a Europa substitui progressivamente o pergaminho[147]. Eles fundaram os primeiros «verdadeiros hospitais» para tratar os doentes num «ambiente limpo e profissional»[148], e foram os primeiros a desenvolver e aplicar a quarentena para controlar doenças contagiosas[149].

As sociedades muçulmanas "foram as primeiras a licenciar farmacólogos através de exames aos seus conhecimentos de ervas e medicamentos"[150]. Bagdá sozinha chegou a ter 862 farmacêuticos registrados, todos eles passando por exames formais[151]. Entre os progressos observados em terras muçulmanas neste período, podemos destacar:

---

[146] ibid, p. 223.
[147] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 135.
[148] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 223.
[149] ibid.
[150] ibid, p. 224.
[151] ibid.

• Fundaram e mantiveram um bom sistema de escolas, colégios, bibliotecas, universidades e escolas de medicina (entre elas a de Córdoba)[152]. Estudavam literatura, retórica, astronomia, matemática, medicina, zoologia, botânica e química[153]. A Universidade de Al Quarawiyyia, fundada pelos árabes, é reconhecida como a mais antiga do mundo, de acordo com indicadores internacionais como a UNESCO e o Guinness Book.

• Escreveram importantes tratados de mineralogia, zoologia e botânica[154], evoluíram na física, mecânica e astronomia[155], cultivaram os estudos de geografia e história[156], brilharam na literatura imaginativa e na poesia[157].

• Várias ciências têm sua origem em suas atividades, como a alquimia, que se transformou na química[158]. Outras receberam um grande impulso, como a astronomia e a matemática[159].

• Foram os criadores da álgebra e da trigonometria[160]. Montaram importantes observatórios, calcularam a obliquidade da eclíptica e mediram um grau de meridiano[161].

[152] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 97-98.
[153] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 668.
[154] ibid, p. 550.
[155] ibid.
[156] ibid.
[157] ibid.
[158] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 97-98.
[159] ibid.
[160] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 376-377.
[161] ibid.

• A filosofia também mereceu sua atenção, estudando-a através das obras de Aristóteles e dos neoplatônicos, e existiram ao longo do tempo vários notáveis filósofos muçulmanos, alguns deles de origem espanhola[162] (o próprio Tomás de Aquino estudou os escritos de Aristóteles devido à sua "redescoberta" pelos árabes, que trouxeram Aristóteles ao Ocidente através da Espanha muçulmana do século XII).

• Os médicos árabes eram os melhores de seu tempo e gozavam de estima geral[163]. Possuíam verdadeiras clínicas, criaram a farmácia e realizaram intervenções cirúrgicas, como a das cataratas[164].

• Na Espanha e em muitas outras partes, os árabes reorganizaram os sistemas de irrigação construídos pelos romanos[165]. Construíram grandes cidades e famosas mesquitas[166].

• Ensinaram aos europeus a fabricação do vidro, o uso do sabão, a elaboração do papel e a pólvora (provenientes da China)[167]. Transmitiram também à Europa os chamados números arábicos, que provém da Índia[168].

[162] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 550.
[163] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 97-98.
[164] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 376-377.
[165] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 97-98.
[166] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 550.
[167] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 97-98.
[168] ibid.

• A eles se deve a introdução na Europa da cana-de-açúcar e do arroz que importaram da Índia[169]. Trouxeram igualmente a amoreira, o açafrão, o cânhamo, a laranja e outras muitas frutas e hortaliças[170].

• Destacaram-se na produção de especiarias e nas incrustações de latão e madeira e distinguiram-se na produção de «magníficos tapetes e mantas»[171].

• Se aplicaram intensamente à agricultura, e com hábeis procedimentos de irrigação melhoraram muito os campos em todas as partes[172]. Plantavam arroz, cana de açúcar, café e açafrão; cultivavam hortas e pomares[173].

• Entre outros avanços podemos citar a introdução dos moinhos de vento, usados na Ásia Menor e instalados em Normandia em 1105[174].

• Criaram uma importante indústria de perfumaria, sabonetes, tintas e medicamentos[175]. Foram também mestres na arte de tecer, que aprenderam com os persas e elevaram à grande perfeição; Mosul, que se especializou nos tecidos finos, deu seu nome à musselina[176].

[169] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 375.
[170] ibid.
[171] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 47.
[172] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 375.
[173] ibid.
[174] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 609.
[175] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 375.
[176] ibid.

• Se distinguiram igualmente como fabricantes de armas, objetos de ourivesaria, joias, bronzes, artesanato, trabalhos em madeira, em marfim e em relevo, esculpidos em pedra[177]. Fabricaram estupendos mosaicos, cerâmicas, porcelanas e vidros, e seus couros eram universalmente famosos[178]. Esculpiam em madeira, fabricavam tapetes e muitos objetos de cobre.

• Desenvolveram também o comércio, cuja profissão, que havia sido a de Maomé, era muito estimada entre os árabes[179]. Comercializavam com quase todos os povos orientais[180].

• Donos de toda a costa norte-africana e, ademais, de numerosas ilhas – entre elas Creta, Chipre e parte da Sicília –, dominaram com seus navios todo o Mediterrâneo, arrebatando a hegemonia naval de Bizâncio[181].

Em síntese, "para explicarmos a ascensão do Ocidente não podemos identificar nenhuma 'vantagem europeia' geral anterior a 1700 em termos de bem-estar material ou de tecnologia"[182]. O progresso europeu até essa época não consistia fundamentalmente na invenção de coisas novas, mas na adaptação de métodos já conhecidos[183]. Seja em comparação ao Império Bizantino, aos chineses ou aos

[177] ibid.
[178] ibid.
[179] ibid, p. 376.
[180] BASTOS, Plínio. *História do Mundo - Da pré-história aos nossos dias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Império, 1983, p. 86.
[181] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 376.
[182] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 206.
[183] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 393.

árabes, os europeus estavam muito atrás, condição essa ainda mais acentuada na Idade Média (476-1453), e gradualmente revertida nos séculos seguintes.

Sobre isso, Duby escreve:

> A Europa da expansão, a Europa do ano 1000, juvenil, que se lançava à conquista de outras partes do mundo, estava em estado de inferioridade em comparação às civilizações do sul, bizantina e islâmica. A Europa não teve como se defender contra a contaminação de uma cultura estrangeira. Ao contrário, nutriu-se das culturas que, muito mais ricas, estavam ao seu redor. O desenvolvimento intelectual e técnico da Europa do século XII baseia-se naquilo que os conquistadores cristãos encontraram nas bibliotecas árabes de Toledo ou de Palermo. Os árabes tinham reunido o legado da ciência e da filosofia gregas, que os romanos tinham desprezado, e foi em seus livros que os europeus descobriram Euclides, Aristóteles, a Medicina, a Lógica, a Astronomia, Ptolomeu. Esses conquistadores lançaram-se sobre esse tesouro como nós o fazemos sobre alguns produtos da cultura americana. A Europa era, então, vigorosa o bastante para criar sua própria cultura com o que ela tomava de outros lugares.[184]

Por isso é bom tirarmos de mente a ideia de que o Ocidente era de qualquer maneira superior ao Oriente antes da Reforma. Thomas Woods não está completamente errado quando diz que "a Igreja Católica construiu a civilização

[184] DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 70.

ocidental", mas omite que essa "civilização ocidental" que a Igreja ajudou a construir era o primo pobre e fraco da Ásia, não o que é hoje. O Ocidente só passou da condição de subalterno e secundário quando a influência da Igreja passou a ser muito mais limitada e restrita aos estados católicos.

A partir de então o desprezado «subúrbio» do mundo foi adquirindo a supremacia que possui hoje, mas não de uma hora pra outra, e nem sem uma causa direta. Se a civilização ocidental foi "construída" pela Igreja Católica ao longo de todo o período de atraso em relação ao mundo oriental, o que a Reforma fez foi transformar essa Europa fraca e impotente em um gigante econômico que em pouco tempo deixaria o resto do mundo pra trás, fazendo com que hoje a Ásia nos pareça tão atrasada.

Podemos discordar em muita coisa do sociólogo Rodney Stark[185], mas não da conclusão inevitável à qual ele chega: a única coisa que explica a ascensão do Ocidente em detrimento do Oriente é a adoção do capitalismo por parte deste, mas não daquele:

> Há autores modernos que atribuem o segredo do sucesso do europeu a uma posição geográfica favorável. Mas a mesma geografia durante muito tempo sustentou culturas europeias atrasadas relativamente às asiáticas. Outros afirmam que o desenvolvimento ocidental foi devido ao ferro, às armas ou aos navios, e outros ainda apontam uma agricultura mais produtiva. O problema é que estas conclusões fazem parte daquilo que falta explicar: *por que razão* os europeus

[185] A tese de Stark acerta e erra: por um lado, ele acerta quando atribui ao capitalismo a ascensão e supremacia do Ocidente, mas, por outro, erra ao negar que a Reforma tenha sido fundamental para o desenvolvimento do capitalismo (recorrendo a raciocínios tortuosos que refutaremos no capítulo 6).

> desenvolveram a metalurgia, a construção de navios e a agricultura? A resposta mais convincente atribui o domínio ocidental ao surgimento do sistema capitalista, que também só surgiu na Europa.
>
> Mesmo os inimigos mais ferozes do capitalismo reconhecem que gerou uma produtividade e um progresso nunca antes imaginado. Karl Marx e Friedrich Engels, no *Manifesto Comunista*, sugerem que, antes do capitalismo, as pessoas eram extremamente preguiçosas e que o sistema capitalista "foi o primeiro a demonstrar o que a atividade humana pode criar... forças produtivas mais colossais e massivas do que todas as gerações passadas juntas". O capitalismo conseguiu este "milagre" através do investimento regular em maior capacidade produtiva, em avanços tecnológicos que aumentaram a produtividade, e através da motivação financeira de administradores e trabalhadores.[186]

Enquanto os europeus adotaram o capitalismo – começando pelos países protestantes – os asiáticos preferiram se apegar aos velhos costumes que os impediram de passar pelo mesmo salto desenvolvimentista no mesmo período. Os maiores países orientais foram abertamente hostis ao capitalismo, bastando lembrar os muitos anos em que União Soviética e China adotaram o socialismo, enquanto o capitalismo se movia a todo o vapor no mundo ocidental, impulsionado sobretudo por Estados Unidos e Reino Unido.

[186] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 41-42.

Em outras palavras, a escolha pelo capitalismo levou à supremacia do Ocidente, e sua rejeição levou à estagnação do Oriente – que agora cresce graças às políticas de abertura promovidas desde o final da União Soviética[187]. No capítulo seguinte, veremos que a mesma lógica também se aplica aos países europeus entre si – aqueles que aderiram ao capitalismo mais cedo e em maior volume se tornaram os mais prósperos, e os que mais resistiram a isso ficaram pra trás.

Uma vez que a ética reformada era o grande motor por detrás da engrenagem capitalista, os países protestantes não tardaram em assumir a dianteira, deixando os mais católicos (como Espanha, Itália e Portugal) numa condição análoga aos países asiáticos por sua rejeição ao progresso.

• O fracasso das experiências socialistas

Quando falamos em capitalismo, é inevitável a associação com a industrialização, e, consequentemente, com a Revolução Industrial. Até Marx reconhecia que a Revolução Industrial gerou mais riqueza no mundo do que nunca antes – fato este muitas vezes ofuscado e até mesmo negado por marxistas modernos. Mas à margem desse extraordinário progresso, nas primeiras indústrias era comum ver operários trabalhando 14, 15 e até 16 horas por dia, incluindo mulheres e crianças, praticamente sem folga, férias e os direitos trabalhistas que temos hoje.

[187] Um exemplo é a própria China, que se abriu ao mercado nas últimas décadas e aderiu a um «capitalismo de Estado» (ainda que controlado pelo partido único comunista).

Tal situação gerou um compreensível clima de revolta, o que abriu espaço para diversos teóricos que tentaram solucionar o problema. É aí que entra Karl Marx (1818-1883). Para ele, os culpados pela exploração do trabalhador eram os donos das empresas, ou seja, os empresários. A solução, por sua vez, seria estatizar tudo, isto é, o Estado tomar para si (ou em linguagem mais clara: roubar) aquilo que é de propriedade privada, e então distribuir aos operários de forma "justa" e "igualitária".

Mas não pense que Marx queria estatizar apenas as indústrias: seu objetivo era estatizar tudo o que era privado. A sua casa não seria mais "sua" casa, mas do Estado, que por concessão permite que você more aí (mas que a qualquer momento pode suspender essa concessão). Em outras palavras, o Estado passa a ser *totalitário*, isto é, a concentrar todo o poder em suas mãos, esmagando toda a iniciativa e autonomia individual. Em um sistema totalitário os indivíduos são, por definição, "escravos" dessa entidade máxima e suprema chamada Estado, que envolve tudo e todos.

No Manifesto Comunista de Marx e Engels, publicado em 1848, é expressamente dito que um dos objetivos do comunismo é a "expropriação da propriedade sobre a terra e aplicação de toda a renda obtida com a terra nas despesas do Estado"[188]. Assim, o Estado tirava das mãos das pessoas o poder de produzir e consumir seu próprio alimento. Sem propriedade, um indivíduo com fome não poderia mais plantar e colher como sempre fez, mas estaria inteiramente entregue à mercê do Estado, que supostamente redistribuiria os mantimentos igualmente (mas que na

[188] MARX, Karl. *MIA: Marxists: Marx & Engels: Library: 1848: Manifesto of the Communist Party: Chapter 2*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1848/communist-manifesto/ch02.htm>. Acesso em: 15/12/2019.

prática resultou no recorde absoluto de mortes por fome em cada lugar que implantou essas medidas, como veremos mais adiante).

Todos tinham que trabalhar para o Estado e o trabalho era «obrigatório para todos»[189], tornando, na prática, todos escravos do Estado. Mas o Estado não era um monstro, pelo menos não na concepção dos teóricos marxistas. Em tese, o Estado seria uma instituição benevolente que misericordiosamente distribuiria as riquezas de forma imparcial, para não haver desigualdade na sociedade. No discurso é tudo tão bonito e atraente que consegue facilmente cativar a mente dos mais jovens, com sua simplicidade e superficialidade.

O socialismo oferece aquilo que toda mente de inteligência curta quer: uma resposta fácil para um problema complexo. Todos os problemas do mundo podem ser resolvidos, em um passe de mágica, bastando dar ao Estado todo o poder. Assim, o socialismo consistiria em inchar o Estado o máximo possível, dando-lhe poderes totalitários (supostamente em defesa dos mais pobres). E o comunismo? O comunismo seria a fase seguinte do "plano", que por ironia seria a eliminação do próprio Estado, quando ele já não fosse mais necessário.

A forma como isso aconteceria nunca foi bem explicada e jamais ocorreu em lugar nenhum (nem nos países onde os comunistas tomaram o poder), porque é de fato uma *utopia*, que os próprios socialistas jamais tiveram a pretensão real de levar adiante. Tampouco faria sentido, considerando que quanto maior é o Estado, mais

[189] ibid.

difícil é acabar com ele. É como se a solução para se matar um monstro fosse o alimentando e o tornando cada vez maior e mais forte.

Mas, afinal, qual é o problema do socialismo? Em primeiro lugar, Marx identificou os problemas errados. A razão pela qual a primeira fase do capitalismo industrial gerou a exploração da classe trabalhadora não foi por causa da propriedade privada, mas por causa dos *monopólios*. Em outras palavras, como a concorrência na época era baixíssima, os patrões não tinham qualquer motivação para melhorar as coisas, uma vez que sairiam ganhando em qualquer cenário.

Para ilustrar isso, pense em quando você viaja longas distâncias de carro ou de ônibus. Em algum momento do percurso há paradas onde você pode fazer compras ou comer, em locais afastados de tudo e de todos, sem qualquer concorrência naquela região. Se você já entrou num desses lugares alguma vez, deve ter notado que os preços ali são exorbitantemente altos, se comparados aos preços da cidade. Dificilmente você conseguirá comprar alguma coisa ali que não seja pelo menos o dobro do preço "normal".

Se o problema fosse a propriedade privada em si, os preços seriam altos em todo lugar. Mas são altos ali, e mais baixos na cidade. O que explica isso é a *concorrência*, que existe na cidade grande, mas não em locais isolados. Sem concorrência, um patrão pode colocar o preço que quiser, que as pessoas serão "obrigadas" a comprar, se não quiserem fazer uma boa dieta (coisa que os comunistas entendem bem).

Para qualquer pessoa inteligente, a solução seria *criar mais concorrência*, ou seja, estimular mais investimentos em todo lugar, o levaria à diminuição dos preços para não perder para a concorrência. Mas o que os socialistas querem é exatamente o oposto: o monopólio do Estado. Eles simplesmente trocam um monopólio privado por um monopólio estatal, o que é ainda pior. Em uma sociedade capitalista com estímulo ao investimento, até mesmo a busca pelo lucro é algo que favorece o consumidor, porque para lucrar será necessário preços menores e produtos melhores, se quiser vencer a concorrência. É por isso que todos os países ricos com desenvolvimento tecnológico floresceram em um ambiente capitalista.

Imagine que você seja o típico "empresário opressor" do imaginário marxista, que odeia os pobres e só ambiciona uma coisa: o lucro. Tudo o que você quer na vida é ficar rico, rico e mais rico. O que você faz, então? Um socialista de DCE responderia a essa questão dizendo que exploraria os trabalhadores, produziria os produtos mais porcos possíveis e os venderia por preços astronômicos. Você decide seguir a ideia, mas logo percebe que ninguém quer trabalhar na sua empresa, porque na concorrência eles são mais bem tratados, recebendo melhores salários.

Você dá o braço a torcer neste ponto, mas continua um fracasso, porque ninguém quer comprar os seus produtos de quinta, já que os da concorrência são bem melhores. Então você decide oferecer produtos bons, mas sua empresa vai à falência, porque por preços tão altos ninguém quer comprar, já que na concorrência encontra a mesma coisa por menor preço.

Você finalmente percebe que a única forma de lucrar em um ambiente de livre mercado é **oferecendo bons salários, produzindo bons produtos e os vendendo a**

preço de mercado. Ironicamente, é justamente a sua ânsia pelo lucro que o obriga a fazer o que é melhor para as pessoas, gerando emprego, oportunidade e serviço aos mais pobres, mesmo que você não goste nada deles. Com o monopólio do Estado é exatamente o oposto: uma vez que o Estado controla tudo e não tem concorrência, ninguém é motivado a melhorar o serviço ou mesmo a trabalhar.

Afinal, ter uma empresa que na verdade não é sua, mas propriedade do Estado que a confia a você como um mero administrador, é algo que não exige e nem requer qualquer esforço ou dedicação para se superar e derrotar uma concorrência que não existe. É por isso que escolas privadas são tão melhores que escolas públicas, que hospitais privados são tão melhores que o SUS, que transporte privado é tão melhor que transporte público, e assim por diante (e não diga que é porque "um é pago e o outro é de graça", porque esse "de graça" é pago com todos os nossos impostos, e não é pouco).

Os próprios funcionários públicos não têm qualquer motivação ou ambição, pois já sabem que estarão assegurados no cargo independentemente da qualidade do serviço que prestarem. Não há nenhuma recompensa por ser o melhor naquilo que faz, nem o risco de ser demitido caso faça mal. Num sistema socialista, não há qualquer vantagem em se preparar e estudar, ou em criar uma nova tecnologia que revolucione o mundo.

Tudo funciona na base do "mínimo esforço", já que um preguiçoso qualquer receberá o mesmo salário de alguém que dá o sangue no trabalho. E como um caixa de supermercado receberá praticamente o mesmo que um bombeiro que arrisca a vida ou que um médico que salva vidas, também não há qualquer motivação para

se expor a trabalhos mais arriscados, difíceis ou perigosos, por mais úteis e necessários que sejam à sociedade. No fim das contas, para forçar uma "igualdade" artificial, toda a sociedade sai perdendo.

Mesmo no Brasil, que (ainda) não é socialista, nós podemos ver as consequências nefastas de um funcionalismo público obsoleto e sanguessuga. Só o STF contratou – com dinheiro público, é claro – uma empresa por R$ 30 mil para fornecer o lanche que os onze ministros fazem nos gabinetes e intervalos das sessões, que ocorrem três vezes por semana[190]. O Brasil é um país tão corrupto que aqui um político não precisa nem roubar pra conseguir multiplicar seu patrimônio (embora roube mesmo assim), uma vez que os gastos com o funcionalismo público já são um verdadeiro roubo.

Mesmo sendo um país pobre, temos o segundo Congresso mais caro do mundo e o com mais privilégios e regalias, com cada deputado custando nada a menos que incríveis 7,4 milhões de dólares por ano aos cofres públicos (o equivalente a mais de 30 milhões de reais para custear *um único deputado* de Brasília)[191], e isso sem falar do fundo eleitoral, que usa mais bilhões dos cofres públicos para fazer propaganda política (ou seja, tiram dinheiro da saúde e da educação para fazer propaganda de político que promete melhorar a saúde e a educação)[192]. É uma verdadeira farra com o dinheiro público.

[190] BRÍGIDO, Carolina. *STF vai gastar R$ 30 mil em frutas para lanche de ministros e servidores*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/stf-vai-gastar-30-mil-em-frutas-para-lanche-de-ministros-servidores-23936850>. Acesso em: 13/12/2019.
[191] PASSARINHO, Nathalia. *Segundo mais caro do mundo, Congresso brasileiro tem parlamentares demais?* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46427803>. Acesso em: 13/12/2019.
[192] CORRÊA, Marcello. *Comissão aprova fundo eleitoral de R$ 2 bilhões para 2020*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/comissao-aprova-fundo-eleitoral-de-2-bilhoes-para-2020-psl-pt-deixarao-de-receber-356-milhoes-24144506>. Acesso em: 31/12/2019.

Em apenas um ano você é mais assaltado de forma "legal", na forma de impostos usados para bancar o parasitismo dos outros, do que é assaltado por bandidos de rua ao longo de toda a vida. E eles ainda tem a prerrogativa de aumentar seu próprio salário (o que fazem sempre que podem e sem pensar duas vezes), algo que nenhum trabalhador comum tem direito. Em um único dia, os deputados chegaram a aumentar seu salário em 91% (ou seja, quase dobraram de salário da noite pro dia!)[193].

Aqui os servidores públicos recebem de forma totalmente desproporcional ao PIB per capita do país (ou seja, somos um país pobre que gasta com funcionalismo público como um país rico, o que ajuda a quebrar a economia), sem falar que funcionários públicos se aposentam pelo menos cinco anos antes que um trabalhador comum (dependendo da função, até bem mais que isso).

Muitos passaram em concurso e trabalham muito pouco ou quase nada – faltando sempre que possível –, por saber que seu emprego está assegurado a despeito de seu profissionalismo (e isso sem entrar no mérito dos funcionários fantasmas). E essa acomodação torna o serviço público cada vez mais defasado em relação ao setor privado, onde há concorrência e competitividade.

Note que não se trata do setor privado ter pessoas mais qualificadas, pois muitas vezes os que trabalham no funcionalismo público são até bem mais capacitados. A diferença é que um leva à acomodação e consequentemente entrega um serviço

[193] G1. *Parlamentares aumentam os próprios salários em 91%.* Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1387610-5601,00-PARLAMENTARES+AUMENTAM+OS+PROPRIOS+SALARIOS+EM.html>. Acesso em: 13/12/2019.

ruim, enquanto o outro leva a se esforçar para entregar um serviço melhor, sabendo que seu trabalho depende de sua eficácia.

Sabemos que o ser humano é movido a dopamina, por isso sempre prefere o prazer ao trabalho. Se uma pessoa comum puder optar entre trabalhar ou não trabalhar, irá sempre escolher não trabalhar. Nós trabalhamos não porque gostamos de trabalhar, mas porque sabemos que é necessário. Por isso o Estado está sempre perdendo para a iniciativa privada: a competitividade de um serve como um *estímulo* ao trabalho, e a falta de competitividade do outro leva à acomodação. Um ser humano que tem por hábito fazer o mínimo esforço necessário não irá mudar de repente porque pensa no "bem maior" da nação.

Por isso há tantos funcionários públicos que faltam por qualquer razão (ou sem nenhuma razão) e que fazem as coisas de qualquer jeito, os quais seriam facilmente demitidos numa empresa privada, mas no setor público podem parasitar à vontade e até indicar amigos e parentes para parasitar junto. Tais pessoas não teriam a mesma atitude numa empresa privada, não porque automaticamente passassem a gostar de trabalhar, mas porque *precisariam* se esforçar caso quisessem manter seu emprego.

A mesma lógica se aplica ao empresariado: sua preocupação maior não é gerar o bem-estar social, mas seu próprio bem-estar, como qualquer pessoa. As pessoas se preocupam primeiro em garantir seu próprio sustento e o de sua família, depois é que pensam no próximo. O que o esquerdista não percebe é que justamente essa prioridade "egoísta" da busca pelo lucro pessoal *exige* que o empresário se esforce

o máximo possível, garantindo o sustento de muitos outros, mesmo que essa não seja a sua prioridade.

Para manter uma empresa ele precisa contratar funcionários, e para vencer no mercado ele precisa oferecer bons produtos ou serviços a preço de mercado. Desta forma, o capitalismo de livre concorrência exige que o empresário gere valor à sociedade, mesmo que esta não seja sua intenção primordial. Ao contrário do discurso esquerdista, os "burgueses" *precisam* que os pobres ganhem dinheiro para poder comprar os produtos e serviços que eles oferecem, gostando ou não de pobre.

A máxima de que "a elite odeia que pobre pegue avião" é uma enorme bobagem de um discurso tacanha e ultrapassado de luta de classes. Se você fosse dono de uma linha aérea, o que desejaria? Que sua empresa fosse à falência (ou tivesse uma margem muito pequena de lucro) porque só os mais ricos podem comprar passagens na sua companhia, ou que o maior número de pessoas tivesse condições de pegar avião e assim aumentasse a sua margem de lucro?

A resposta é óbvia, como é óbvia a ignorância de quem insiste em um discurso maniqueísta de "burguês malvado" e "proletário bonzinho", quando os dois são seres humanos iguais e estão sujeitos às mesmas emoções e índole. Com o capitalismo, os empresários são obrigados a fazerem mais e melhor para competirem bem no mercado, o que jamais existiu antes disso, razão pela qual os bens e serviços de antigamente eram tão ruins e escassos.

É bastante irônico e perturbador que os anticapitalistas façam sua militância de extrema-esquerda no Facebook, no YouTube, no Twitter e em outras plataformas criadas por empresas capitalistas em países capitalistas, sem os quais provavelmente a própria internet (criada pelo Departamento de Defesa americano) jamais existiria. O anticapitalismo só se mantém em evidência por viver à custa do capitalismo. Eles desfrutam dos bens que o capitalismo e apenas o capitalismo oferece, enquanto atacam o próprio capitalismo.

Não existe uma "rede estatal de internet" ou serviços públicos que sejam minimamente competitivos, porque a criatividade e a iniciativa empreendedora são características que passam longe da burocracia estatal. Não é que nos países socialistas não existam mentes brilhantes, mas essas mentes são sufocadas por um sistema que impede qualquer possibilidade de emancipação, enquanto no capitalismo qualquer um pode lucrar muito inventando uma nova tecnologia ou um serviço que seja útil às pessoas.

Ou seja, só no capitalismo ele tem a *motivação* necessária para se dedicar inteiramente a isso e fazer com que este projeto saia do papel para se tornar realidade. Você já parou por um momento para pensar por que não existe um "Steve Jobs cubano"? A razão é simples: como o Steve Jobs cubano receberia o mesmo que um atendente de fast-food e sua criação seria logo expropriada pelo Estado, ele não teria qualquer motivação para chegar aonde chegou, dedicando anos e anos da sua vida para criar uma nova tecnologia que revolucionasse o mundo.

Não há no socialismo qualquer incentivo a ser o melhor, a estar entre os melhores, a se especializar no que faz para "vencer na vida". Não há perspectivas de crescimento na carreira, mas apenas um estímulo negativo gerado por um governo que elimina todas as recompensas em prol da "sociedade igualitária", sempre nivelada por baixo. É por isso que os "socialistas de iPhone" precisam desfrutar dos benefícios proporcionados pelo "capitalismo opressor", uma vez que os próprios países socialistas são incapazes de gerar riqueza. O conto a seguir exemplifica isso de uma forma que não poderia ser mais precisa:

> Um professor de economia na universidade Texas Tech disse que ele nunca reprovou um só aluno antes, mas tinha, uma vez, reprovado uma classe inteira.
>
> Esta classe em particular tinha insistido que o socialismo realmente funcionava: ninguém seria pobre e ninguém seria rico, tudo seria igualitário e "justo".
>
> O professor então disse: "Ok, vamos fazer um experimento socialista nesta classe. Ao invés de dinheiro, usaremos suas notas nas provas". Todas as notas seriam concedidas com base na média da classe, e portanto seriam "justas". Isso quis dizer que todos receberiam as mesmas notas, o que significou que ninguém seria reprovado. Isso também quis dizer, claro, que ninguém receberia um "A"...
>
> Depois que a média das primeiras provas foram tiradas, todos receberam "B". Quem estudou com dedicação ficou indignado, mas

os alunos que não se esforçaram ficaram muito felizes com o resultado.

Quando a segunda prova foi aplicada, os preguiçosos estudaram ainda menos – eles esperavam tirar notas boas de qualquer forma. Aqueles que tinham estudado bastante no início resolveram que eles também se aproveitariam do trem da alegria das notas. Portanto, agindo contra suas tendências, eles copiaram os hábitos dos preguiçosos. Como um resultado, a segunda média das provas foi "D". Ninguém gostou.

Depois da terceira prova, a média geral foi um "F". As notas não voltaram a patamares mais altos, mas as desavenças entre os alunos, buscas por culpados e palavrões passaram a fazer parte da atmosfera das aulas daquela classe. A busca por "justiça" dos alunos tinha sido a principal causa das reclamações, inimizades e senso de injustiça que passaram a fazer parte daquela turma. No final das contas, ninguém queria mais estudar para beneficiar o resto da sala. Portanto, todos os alunos repetiram o ano... para sua total surpresa.

O professor explicou que o experimento socialista tinha falhado porque ele foi baseado no menor esforço possível da parte de seus participantes.

Preguiça e mágoas foi seu resultado. Sempre haveria fracasso na situação a partir da qual o experimento tinha começado. "Quando a recompensa é grande", ele disse, "o esforço pelo sucesso é grande,

> pelo menos para alguns de nós. Mas quando o governo elimina todas as recompensas ao tirar coisas dos outros sem seu consentimento para dar a outros que não batalharam por elas, então o fracasso é inevitável".

Isso pode parecer chocante para alguns, mas parte da desigualdade que existe hoje não é mais que natural. Mesmo se amanhã o governo impusesse uma igualdade absoluta pela força, não demoraria muito para surgir aqueles que gastariam tudo em bebida, que se viciariam nas drogas, que seguiriam sua vida no crime, que se recusariam a trabalhar por preguiça, que gastariam uma nota com prostitutas, que jogariam dinheiro fora em apostas, que gastariam o que não tem em coisas fúteis, que se endividariam para comprar um eletrodoméstico a 64 prestações por olho gordo, que prefeririam comprar um carro caro do ano do que dar comida para os filhos, que pagariam duzentos reais em um ingresso de futebol para ver seu time perder com uma visão privilegiada, e assim por diante.

Ao mesmo tempo, também haveria aqueles que trabalhariam com afinco para ser o melhor no seu ramo, que usariam seu dinheiro com responsabilidade, que fariam bons investimentos, que evitariam o consumismo desenfreado, que estudariam para tirar as melhores notas e passar nas melhores universidades, e que logo destoariam dos outros em nível de riqueza. Logo logo, a desigualdade estaria aí de novo, em decorrência das escolhas pessoais que fazemos todos os dias.

Você pode até imaginar um mundo sem meritocracia, onde quem pilota o avião que você pega é um amador que teve as piores notas no curso de aviação, onde o prédio em que você mora foi projetado por cotistas que não terminaram a

faculdade, onde o professor de história do seu filho não sabe nem quem descobriu o Brasil, onde o motorista do Uber que você toma não precisou tirar a carteira, e onde o médico que vai fazer sua cirurgia faltou à metade das aulas na faculdade de medicina. Este é o mundo onde a meritocracia é completamente descartada em prol da "igualdade".

Algo semelhante a isso ocorreu quando o sistema de aprovação automática foi implementado em São Paulo por recomendação de Paulo Freire, então secretário da educação municipal (na gestão da prefeita petista Luiza Erundina). Alunos que já costumavam estudar apenas o "necessário" para tirar nota azul passaram a não fazer nem isso, já que ao final das disciplinas eles eram aprovados independentemente de nota. O resultado foi um verdadeiro exército de alunos preguiçosos e burros, e o padrão de qualidade do ensino público local regredindo significativamente. São Paulo, que até então se orgulhava de ter de longe a melhor educação do país, entrou em decadência e hoje está bem longe disso, com índices piorando a cada ano que passa.

O que Freire ignorava é o mesmo que qualquer socialista ignora: a dificuldade que os seres humanos têm de agir na falta de estímulos. Neste caso, a possibilidade de reprovação funcionava como um *estímulo* para se esforçar e tirar boas notas. Freire, que apostava na "bondade natural" dos alunos, acreditava que eles continuariam se empenhando mesmo à parte desse estímulo. Não podia estar mais enganado. É isso o que acontece quando uma ideologia parte de um pressuposto errado – neste caso, a crença na bondade natural do homem (o oposto do que diz a Escritura)[194].

[194] A crença bíblica na depravação total pode ser conferida em: <http://lucasbanzoli.no.comunidades.net/depravacao-total-e-graca-proveniente>.

O comunismo é fruto dessa racionalização filosófica de humanistas seculares, que creem que o homem nasce naturalmente bom e a sociedade é que o corrompe. Partindo dessa premissa, acreditam que as pessoas continuariam trabalhando com fervor para o progresso da nação mesmo sabendo que não ganhariam no final do mês mais do que migalhas, e que o sustento viria do mesmo jeito trabalhando ou não.

É só nesse mundo utópico, criado pela engenhosa imaginação humana, que todos vão trabalhar mesmo sem qualquer incentivo, ou se esforçarão em criar inovações tecnológicas à parte de qualquer lucro pessoal. É um sistema que talvez tivesse alguma chance de funcionar em um universo alternativo de robôs e máquinas automatizadas sem sentimentos, emoções, ambições, aspirações, motivações, egoísmo, tristeza, ressentimentos, desejos e interesses. Mas não aqui.

Por isso é um sistema puramente *teórico*, imaginado e planejado para dar certo somente na teoria, cujos cálculos frios desconsideram o quão complexo é um ser humano real e o quanto essa realidade pode mudar tudo. Qualquer sistema maravilhoso e utópico de um paraíso terrestre tirado de contos de fada não irá jamais funcionar enquanto o mundo for habitado por uma humanidade caída no pecado e separada de Deus.

Não à toa, os maiores fracassos e genocídios políticos perpetrados na história da humanidade se deram justamente em regimes que sonhavam com "um mundo melhor". É preciso entender que o mundo jamais será moralmente melhor enquanto os indivíduos não forem melhores. A verdadeira mudança não é de fora pra dentro, mas de dentro pra fora. Qualquer sistema político ou econômico que

não considere as predisposições inatas de um ser humano real está fadado ao fracasso, como a história tem comprovado com perfeição.

Um exemplo mais concreto da necessidade de motivação (lucro) no contexto da produção de conteúdo é o próprio YouTube – uma plataforma que surgiu pela iniciativa privada em um país capitalista (Estados Unidos). Os maiores e mais relevantes canais de qualquer gênero recebem um valor em dinheiro correspondente às visualizações que recebe, vinculado à apresentação de propagandas de cinco segundos que geralmente iniciam os vídeos. Recentemente, um youtuber de esquerda esbravejou contra esse "sistema capitalista perverso" do YouTube, pois estava perdendo parte da monetização do canal. Ele disse:

> No capitalismo, tanto na internet como fora, nós só somos engrenagens. Nós só somos úteis quando geramos dinheiro para as empresas e corporações. Quando não geramos mais, vai pra rua e acabou, se vire.[195]

O que ele se esqueceu de dizer? Primeiro, que ninguém o obrigou a criar um canal no YouTube. Ele poderia criar em qualquer outro lugar, mas *preferiu* o YouTube, apesar de suas críticas. Fora do capitalismo nem sequer existem plataformas de compartilhamento de vídeos. Não existe um "YouTube cubano" ou norte-coreano; na ausência de capitalismo, simplesmente não há nada – a esmagadora maioria do povo não tem nem mesmo acesso à internet[196].

[195] BUGALHO, Henry. *Este é o fim do canal?!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zQ9ldkiwlB4&t>. Acesso em: 03/05/2019.
[196] PINTO, Ana Estela de Sousa. *Sem internet nem redes sociais, norte-coreanos ainda falam ao celular*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/sem-internet-nem-redes-sociais-norte-coreanos-ainda-falam-ao-celular.shtml>. Acesso em: 03/05/2019.

A segunda coisa que ele se esqueceu de dizer é que ninguém apontou uma arma em sua cabeça e o obrigou a monetizar o canal. Ele aderiu ao sistema de monetização *porque quis.* O YouTube não praticou nenhuma censura, não retirou um vídeo dele da plataforma, não deletou o canal – coisas que teria o direito de fazer, caso quisesse – e muito menos o "chutou para a rua". Tudo o que fez foi desmonetizar alguns vídeos. Ele poderia fazer vídeos apenas como passatempo, sem monetizar nada, mas quis fazer profissionalmente, como um negócio (negócio esse que *ele mesmo decidiu entrar)*.

Como o Estado obviamente não pode bancar milhões de youtubers com o dinheiro público, a monetização só pode vir do patrocínio de empresas privadas, o que ele critica ferozmente, mas nem cogita abrir mão. YouTubers socialistas cospem no prato em que comem: lucram com uma plataforma capitalista e ainda reclamam disso, quando não receberiam um mísero centavo fazendo isso em um país socialista (na verdade, não teriam nem mesmo um canal para se comunicar com o público).

Em vez de serem agradecidos pelo capitalismo lhes proporcionar algo impensável em tempos passados ou em outros sistemas contemporâneos, o que eles fazem é *condenar* o próprio capitalismo, em um surto de hipocrisia sem precedentes. Na verdade, o próprio fato dele reclamar da desmonetização é porque ele *sabe* que o lucro é importante, sem o qual ele não estaria gravando os vídeos (ou pelo menos não com a mesma frequência e qualidade).

Se você reparar bem, verá que quase todos os youtubers de grande projeção estão na plataforma pela *motivação do lucro* (o que não é problema nenhum dentro do

capitalismo, desde que o lucro não seja obtido de forma desonesta). Sem a monetização, a maioria deles já teria abandonado a plataforma há muito tempo, ou se limitariam a usá-la como mero entretenimento para postar vídeos esporádicos.

É o lucro que os *motiva* a produzir profissionalmente, e quem ganha com isso são todos os seus seguidores, que podem acompanhar muito mais vídeos e com uma qualidade maior do que teria caso não houvesse a motivação do lucro. Assim, com a tão atacada "lógica do lucro", todos saem ganhando: o youtuber, que recebe a monetização e tem um canal de interação com o público; o público, que assiste a todos os vídeos de graça; as empresas, que investem na plataforma porque sabem do retorno financeiro; e, por fim, o próprio YouTube, que torna possível isso tudo (e que também sai no lucro, é lógico).

A mesma lógica se aplica a qualquer outro negócio, o que explica a imensa superioridade do capitalismo sobre os outros modelos em todos os quesitos. Se a "lógica do lucro" fosse descartada do processo, todos sairiam perdendo – e o resultado disso é a mais pura realidade dos países socialistas, que vivem na miséria, amargurando resultados sociais e tecnológicos pífios, basicamente sobrevivendo das migalhas do comércio com o mundo capitalista mais desenvolvido.

"O socialismo dura até acabar o dinheiro dos outros", já dizia a célebre primeira-ministra britânica Margareth Thatcher, atenta aos resultados pífios da lógica estatizante, na qual tudo gira em torno do Estado e o Estado controla tudo, quebrando a livre iniciativa empreendedora e suprimindo qualquer motivação pessoal. É por isso que quando uma empresa estrangeira se estabelece no país os

ideólogos de esquerda a denunciam como uma "inimiga", em vez de encará-la como uma aliada.

Enquanto os capitalistas entendem essa parceria como *cooperação* (pois estará gerando milhares de empregos aqui, além de movimentar a economia e oferecer bens e serviços), os socialistas preferem chamar de "concorrência desleal" – fruto de uma mentalidade nacionalista tacanha que é tão retrógrada quanto estúpida.

Só pelo risco de um socialista assumir o poder, a Bolsa despenca e o Real perde valor – o que significa que o que você ganha terá um poder de compra cada vez menor –, porque ninguém é louco de investir em um país que pode, a qualquer momento, confiscar suas propriedades e asfixiar a indústria com pesadas taxações e impostos (sem falar em toda a burocracia), tornando cada vez mais difícil abrir e manter uma empresa no Brasil.

Quem também lida com essa visão ultrapassada de "concorrência desleal", como se a concorrência fosse uma coisa ruim, é Clarion de Laffalot, em um artigo sobre "como o hamburgão da esquina vai concorrer com o McDonald's" – um argumento típico de anticapitalistas que se opõem à liberdade econômica e ao empreendedorismo privado. Em linguagem clara, objetiva e simples, ele lida na prática com questões como:

• Como é que o Dollyinho vai competir com a Coca-Cola?

• Como é que o pão de queijo da dona Cleide vai competir com o Starbucks?

• Como é que o seu Zé da barraquinha de hambúrguer vai competir com o McDonald's?

Então ele diz:

> Essa é uma pergunta que está cercada de um profundo desconhecimento do que significa a palavra *concorrência*.
>
> Geralmente, as pessoas imaginam a concorrência como uma espécie de luta de MMA: Dois entram no octógono. 1 versus 1, divididos em "categorias de peso". Um sai vencedor quando nocautear o adversário.
>
> Nada mais distante da realidade. No mundo dos negócios, a concorrência é disputada ao mesmo tempo por dezenas de empresas, numa imensa bagunça. Sem fair play, sem octógono, sem categorias de peso.
>
> O Dollynho nunca está concorrendo "com a Coca-Cola", assim, no 1 versus 1. Ele está concorrendo ao mesmo tempo com a Coca-Cola, com o guaraná Antarctica, com a água de coco, o caldo de cana e o suco de laranja aguada do boteco. Disputando milhares de lutas por minuto, em milhares de lugares ao mesmo tempo.
>
> Mais que isso, raramente existe nocaute. No mercado não existe espaço para um único vencedor. O Dollynho pode perder a imensa maioria dessas disputas pela concorrência, e continuar sendo *um*

sucesso. Tudo que ele precisa é conseguir uma quantidade de vitórias (leia-se *vendas*) suficiente pra se manter lucrativo. Então ele é mais um dos inúmeros vencedores.

Mesma coisa pro tiozão do trailer de hambúrguer da esquina. Ele está concorrendo não apenas com o McDonald's, mas com a carrocinha de cachorro-quente, com o pastel, com o pipoqueiro, com a coxinha da lanchonete e o pão com mortadela da padaria. E cada um desses concorrentes pode ter "vitórias" o suficiente pra se manterem ativos e rentáveis, todos ao mesmo tempo.

Claro, uns serão pequenos, outros serão médios, outros serão grandes e gigantes. Mas não significa que o gigante *nocauteou* o pequeno. Com certeza alguém nessa postagem vai comentar que o podrão da esquina é muito melhor que o Big Mac por algum motivo – preço, tamanho, sabor, etc. Assim como o pequeno Davi enfrentando Golias, o tiozão da esquina sempre consegue, empilhando bastante maionese e batata palha, vencer *algumas* batalhas contra o McDonald's, em quantidade suficiente pra tirar o seu sustento. *Isso* é concorrência.

Se não houvesse o podrão da esquina, o McDonald's poderia cobrar o dobro do preço no seu combo. Se não houvesse o McDonald's, o podrão da esquina poderia colocar a metade do bacon no seu sanduíche.

> No fim das contas, os dois ficariam felizes se não concorressem um com o outro.
>
> O único prejudicado seria você.[197]

Em outras palavras, o espantalho da "concorrência desleal" ignora o fato de que para uma empresa ser considerada um sucesso basta que seja *lucrativa,* e não necessariamente que seja a "número 1". O mercado não é uma corrida de Fórmula 1 onde só um piloto pode vencer a corrida e todos os outros perdem, como imaginam os anticapitalistas. Na lógica do mercado, todos que disputam a Fórmula 1 "vencem" pelo simples fato de serem lucrativos o suficiente para conseguir se manter e continuar disputando.

Logicamente, uma marca mais vencedora como a Ferrari ganhará mais evidência e terá um lucro maior, mas isso não significa que as outras marcas saiam no prejuízo. Até mesmo a Dolly, que está sempre "perdendo" para a Coca-Cola, tem um faturamento anual multimilionário[198], o que jamais seria de se esperar caso a fábula da "concorrência desleal" fosse verdadeira.

Infelizmente, pela incompreensão de conceitos tão simples, a livre concorrência continua sendo atacada com falácias por aqueles que ainda pensam que o mercado funciona na base do "tudo ou nada", onde ou você é o Lewis Hamilton e ganha tudo

[197] LAFFALOT, Clarion de. *Como é que o hamburgão da esquina vai concorrer com o McDonald's?* Disponível em: <https://www.patreon.com/posts/como-e-que-o-da-18917579>. Acesso em: 03/03/2019.
[198] ROSARIO, Mariana. *Dono da Dolly comanda império multimilionário e é rodeado por polêmicas*. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/laerte-codonho-dolly-polemicas-perfil>. Acesso em: 31/12/2019.

ou é um derrotado fracassado e oprimido que só sai no prejuízo. Veja por exemplo como Orlando Fedeli, antigo líder de uma seita tradicionalista católica, "refuta" a livre concorrência:

> A livre concorrência absoluta vai fazer triunfar não o melhor produtor, mas sim aquele que tem mais dinheiro, aquele que tiver supremacia no número, na propaganda, na quantidade. A livre concorrência absoluta, junto com o amoralismo do capitalismo, vão fazer triunfar o grande produtor, o grande comerciante, que vai eliminando todos os concorrentes menores. O Super Mercado devora o empório do seu Manoel da esquina. A livre concorrência absoluta, separada da moral, a longo prazo, extingue toda a concorrência e cria os grandes *trusts* e os grandes monopólios.[199]

O mais irônico disso é que o Brasil historicamente seguiu à risca a lógica de Fedeli: muita regulação de mercado e pouca concorrência, na tentativa de evitar os monopólios. O que aconteceu então? Exatamente o oposto do que esperavam: na ausência da livre concorrência, os monopólios surgiram. Tome como exemplo os bancos. Enquanto nos Estados Unidos há 12 mil bancos concorrendo entre si[200], no Brasil há apenas 150, com um monopólio de cinco deles (Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Caixa e Santander), que detêm 4 de cada 5 reais movimentados[201].

[199] FEDELI, Orlando. *Economia Liberal, Capitalismo e Socialismo*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/cartas/politica/20050319112251>. Acesso em: 31/12/2019.
[200] O SUL. *Os Estados Unidos possuem 12 mil bancos e cooperativas de crédito*. Disponível em: <http://www.osul.com.br/os-estados-unidos-possuem-12-mil-bancos-e-cooperativas-de-credito>. Acesso em: 31/12/2019.
[201] UOL ECONOMIA. *Bancos nas mãos de poucos.* Disponível em: <https://www.uol/economia/especiais/concentracao-de-bancos.htm#bancos-nas-maos-de-poucos>. Acesso em: 31/12/2019.

A mesma coisa acontece no ramo das companhias telefônicas: enquanto nos Estados Unidos há centenas delas[202], no Brasil há apenas oito, com um monopólio de quatro delas (Vivo, Claro, TIM e Oi). Ou seja, enquanto os Estados Unidos estimula a livre concorrência e isso o previne dos monopólios, o Brasil restringe a livre concorrência e acaba criando os monopólios, o que tem por consequência um serviço muito pior.

Por que isso acontece? A resposta é simples: quanto maior for a concorrência, mais difícil é uma ou algumas poucas empresas monopolizarem o ramo todo. O inverso também é verdadeiro: quando há pouca concorrência, fica incomparavelmente mais fácil que uma ou outra se destaque e tenha um monopólio. Assim, em vez de combater os monopólios, tudo o que a teoria do Sr. Fedeli faz na prática é *favorecê-los* indisfarçadamente.

Basta usar o cérebro para pensar um pouco: se você fosse um magnata bilionário e dono de uma megaempresa, o que preferiria? Que sua empresa tivesse muitas empresas concorrentes (sejam elas de baixo, médio ou grande porte), ou que tivesse poucas? Não é preciso ser um Sherlock Holmes para adivinhar isso. Mesmo uma microempresa, como o empório do seu Manoel da esquina (do exemplo de Fedeli), irá abater uma parte do lucro da "megaempresa" *naquela região,* ainda que não possa abater nos outros lugares.

[202] Confira uma lista em: <https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_United_States_wireless_communications_service_providers>. Acesso em: 31/12/2019.

Por consequência, se houverem muitos "empórios do seu Manuel da esquina" em muitas regiões diferentes (como um "empório do seu José", outro "empório do seu Augusto", outro "empório do seu Cristóvão", e assim por diante), a tal "megaempresa" irá lucrar menos *em cada região,* devido à livre concorrência desses pequenos empórios regionais.

Um exemplo disso é que você nem sempre lancha nas "megaempresas" como o McDonald's, mas às vezes prefere comer no dogão da esquina ou em outro estabelecimento simples e humilde criado por um microempresário que pode estar longe de ser rico, mas consegue lucrar o suficiente para sustentar a si mesmo e ainda viver com algum conforto (mesmo considerando a concorrência pesada das grandes multinacionais e toda a burocracia estatal brasileira).

Por mais óbvio que isso seja, gente como Fedeli não consegue entender, porque na cabeça deles se o "empório do seu Manuel da esquina" não for tão grande e lucrativo quanto o supermercado, ele será "eliminado" e o supermercado vai dominar tudo (o que é obviamente falso). Em nenhum lugar do mundo a concorrência é mais livre que nos Estados Unidos, e em nenhum lugar do mundo há mais empresas de todos os portes – pequenas, médias e grandes – concorrendo entre si neste ambiente de livre mercado.

Se a tese de Fedeli fosse verdadeira, esses pequenos e médios negócios não existiriam, mas seriam logo engolidos pelas grandes empresas que monopolizariam tudo. É impressionante como as pessoas defendem teses que conflitam de modo tão flagrante com a realidade do mundo em que vivemos, e elas sequer são capazes de perceber isso. É por causa da ausência de livre concorrência que as operadoras

que tem o monopólio no Brasil podem nos cobrar absurdos e entregar um lixo, e você não tem como simplesmente fugir porque precisa muito desse serviço e é o único que tem.

Quando não há livre concorrência, o que resta é um monopólio de um punhado de empresas oferecendo um serviço imprestável a um custo muito mais alto do que essas mesmas empresas entregariam em um país com livre concorrência. Agências reguladoras estatais como a Anatel, que supostamente visam "defender" o consumidor, na prática tudo o que fazem é impor uma burocracia pesada que inviabiliza o surgimento de novas operadoras, favorecendo assim os monopólios. Sempre que o Estado se mete no que é privado, o resultado não pode ser menos que desastroso.

A própria crítica ao mercado é um completo *nonsense,* já que quando falamos de "mercado" em linguagem econômica não estamos nos referindo a um supermercado como o Walmart, ou a um banco, ou mesmo à Bolsa de Valores. Isso que chamamos de "mercado" designa o «conjunto de consumidores, encarados como futuros compradores de uma mercadoria ou beneficiários de um serviço».

O livre mercado, por sua vez, diz respeito à «condição em que as partes negociam livremente as mercadorias, os valores mobiliários ou moedas». Ou seja, esse "monstro" chamado "mercado" nada mais é senão o desejo de consumo dos próprios cidadãos. Quando dizemos que queremos um mercado livre, o que estamos dizendo é que nada deve se interpor à escolha de cada cidadão por aquilo que ele julga ser o melhor para ele.

Quando uma empresa vai à falência costuma-se dizer que ela "não resistiu no mercado", mas o que se quer realmente dizer com isso é que *as pessoas* não se interessaram pelos bens ou serviços que ela oferecia (seja por serem caros demais, seja pela qualidade inferior, seja por qualquer outra razão), de modo que *as pessoas* preferiram livremente escolher comprar de outro lugar e não dela.

Da mesma forma, quando se diz que Vingadores Ultimato foi um sucesso de bilheteria e o filme do Porta dos Fundos foi um fiasco, o responsável por isso não é "o mercado", mas sim *as pessoas* que optaram por ver um e não o outro, porque a grande maioria delas julgou que um filme era bom o suficiente para merecer ser assistido pelo valor que se paga por ele, e o outro não.

Ou seja, o "mercado" é apenas um termo técnico usado em economia para se referir às escolhas livres dos indivíduos de uma região. Um mercado livre, portanto, nada mais é que *o respeito às escolhas livres dos cidadãos*. O contrário acontece quando o Estado decide intervir de forma protecionista, manipulando o mercado para favorecer um negócio em detrimento de outro – o que significa intervir contra a nossa própria liberdade pessoal de escolha.

Isso ocorre, por exemplo, quando um produto estrangeiro é taxado pesadamente para chegar caro aqui no Brasil de modo a nos "obrigar" a comprar produtos nacionais (mesmo os que são piores e mais caros), ou quando o Estado intervém no cinema e estabelece uma cota de filmes nacionais, restringindo as opções de filmes estrangeiros.

Agindo assim, o Estado não está atuando contra o "mercado" enquanto ente abstrato, mas contra *todos nós,* ao limitar nossas escolhas e condicioná-las para aquilo que um político ou um órgão estatal deseja. Essa manipulação do mercado ocorre muitas vezes por puro partidarismo, ou por nepotismo, ou em benefício de um grupo que irá retribuir esse "favor" de alguma forma, levando à corrupção.

Não à toa o Brasil é um dos países mais corruptos do mundo (e um dos países mais intervencionistas do mundo). Toda vez que o Estado taxa um produto, congela os preços, privilegia uma empresa em detrimento das outras ou explora a atividade econômica através dos nossos impostos (como o Correios) ele não está manipulando "o mercado", mas *o povo,* ao limitar ou eliminar a livre concorrência (na prática, nos tirando a livre opção de escolha).

Como os socialistas tem uma visão distorcida e infantilizada dos princípios econômicos mais básicos, eles ainda acreditam numa economia de «soma zero», onde o mundo jamais poderia evoluir ou decair em termos de riqueza produzida, mas apenas continuar estável no mesmo patamar. Por essa ótica, se alguém ficou rico, então é porque alguém ficou pobre, na mesma proporção (o que qualifica todos os ricos como "exploradores do proletariado" pelo simples fato de serem ricos).

Como ilustração, imagine que há dez crianças e dez brinquedos espalhados numa sala. Se uma criança tem dois brinquedos, você supõe que outra criança ficou sem brinquedo, e que a culpa disso é porque uma delas pegou mais do que um. A solução seria fácil: cada criança fica com um brinquedo, e assim não falta brinquedo a nenhuma. Os socialistas imaginam que a economia funciona como essa ilustração:

há um tanto fixo de riqueza (equivalente aos dez brinquedos) para a população do planeta (equivalente às dez crianças), e por isso basta dividir essa riqueza em partes iguais que todo mundo fica feliz.

É por essa lógica simplista que tanta gente jovem se atrai pelo socialismo, o qual é muito mais fácil de se entender do que a complexidade da economia real. Então, quando essa lógica simplista é aplicada no mundo real, ela resulta sempre em miséria generalizada, porque o mundo real se difere imensamente da «soma zero». Isso acontece porque eles não entendem que a riqueza é *produzida,* e para isso os investimentos privados precisam ser estimulados, já que são pessoas – e não o Estado – que geram riqueza.

Por conseguinte, alguém fica rico não por ser um "explorador", mas por ter gerado valor para a sociedade (empregando pessoas e oferecendo bens e serviços úteis em uma sociedade de mercado). Se a riqueza de uns atraísse a pobreza de outros, então os Estados Unidos, país onde existe mais ricos no mundo, deveria ser também o país onde há mais miseráveis, mas a realidade é bem diferente disso.

Um país como o Congo, que tem poucos ricos, deveria ter também poucos pobres, mas não é isso o que vemos. Assim como duas pessoas podem fazer um negócio e ambas saírem ganhando de alguma forma, não há na economia um pêndulo que faça alguém necessariamente empobrecer porque outra pessoa enriqueceu. Tanto a riqueza como a pobreza são causados por motivos diferentes, que não necessariamente tem relação entre si.

Tome como exemplo a "guerra comercial" entre Estados Unidos e China. Ambos os países aumentaram as taxas alfandegárias em retaliação um ao outro, tornando mais difícil a exportação de produtos. O que um entusiasta da teoria da soma zero diria? Certamente diria que isso foi um negócio bom para um e ruim para o outro, na mesma medida. No entanto, não apenas os dois países tem se prejudicado com essas medidas protecionistas, mas a guerra comercial teve efeitos colaterais em outros países, afetando a economia do mundo todo[203] (inclusive a brasileira[204]).

O que parecia ser um negócio vantajoso para um e prejudicial para o outro, acabou sendo prejudicial para todos – até para os que não estavam diretamente envolvidos –, provando que o seu inverso é igualmente verdadeiro: que o livre comércio é *benéfico* para todos. Quanto mais aberta for a relação comercial entre Estados Unidos e China, melhor será para os Estados Unidos, melhor será para a China, melhor será para o mundo. Quanto mais fechada for, pior será para os Estados Unidos, pior será para a China, pior será para o mundo.

Em vez de soma zero, a história nos mostra que há muitos cenários onde todos ganham, do mesmo modo que há muitos cenários onde todos perdem. Por isso não impressiona que os países mais capitalistas do mundo – como Estados Unidos, Reino Unido e Suíça – sejam os que tem mais riqueza, ao mesmo tempo em que são os que tem menos pobreza. Uma coisa não provoca a outra, como se a causa da riqueza de alguém fosse sempre a pobreza de outro.

[203] TREVISAN, Karina. *Guerra comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/16/guerra-comercial-entenda-a-piora-das-tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial.ghtml>. Acesso em: 15/12/2019.

[204] FERRARI, Hamilton. *Guerra comercial entre EUA e China afeta economia do Brasil*. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/05/14/internas_economia,1053577/guerra-comercial-entre-eua-e-china-afeta-economia-do-brasil.shtml>. Acesso em: 15/12/2019.

Quase sempre, quando os ricos vão bem há mais empresas, com mais empresas há mais gente empregada, e com mais gente empregada há menos pobreza. O inverso é igualmente válido: quando os ricos vão mal há menos empresas, com menos empresas há mais gente desempregada, e com mais gente desempregada a pobreza é maior. O rico não puxa o pobre para baixo, como na teoria da luta de classes, mas pode perfeitamente contribuir para a ascensão dele, muito mais do que se tivesse sua riqueza confiscada e o dinheiro simplesmente doado aos pobres.

Uma doação pode dar comida no prato de alguém por um dia, já o emprego pode dar comida no prato de alguém por toda a vida, além de movimentar a economia e gerar riqueza que, de uma forma ou de outra, incidirá sobre toda a sociedade. Nada explica isso melhor do que o seguinte diálogo entre um homem que representa bem o pensamento predominante na esquerda, e a resposta que representa bem o dinamismo e a complexidade da economia real:

> Estava colocando gasolina na minha Mercedes quando um homem se aproximou e me disse: "Sabe quantas pessoas você poderia alimentar com o dinheiro que custou seu automóvel?". Eu respondi: "Não sei quantas. Mas com certeza alimentou muitas famílias em Stuttgart, onde o fabricaram, e também alimentou os que trabalharam no Japão para fazer os pneus. Também na Guatemala, a muitos que fizeram os componentes internos; no Chile, às pessoas que trabalham nas minas de cobre pelos cabos elétricos, e às pessoas que fizeram os caminhões que transportaram o cobre, e aos motoristas desses caminhões. Seguramente alimentou os fazendeiros que venderam o couro dos assentos, aos trabalhadores da agência dessa cidade, ao vendedor

> que me atendeu amavelmente e até as pessoas encarregadas da limpeza da sala de vendas. E com os impostos que eu pago para tê-lo e usá-lo, o governo paga o salário de policiais, professores e outros servidores públicos".
>
> O homem ficou mudo, deu meia-volta e se foi. Essa é a grande diferença entre o capitalismo e o socialismo: quando você compra algo, você põe dinheiro no bolso de muitas pessoas, e lhes dá a dignidade de ter produzido algo que você dá valor. Este dinheiro faz andar a economia. Mas quando você dá dinheiro a alguém em troco de nada, você lhe rouba a dignidade e a autoestima, e este dinheiro grátis não produz nenhum valor. Pior ainda, destrói sua capacidade de conquistar. Capitalismo é dar livremente o dinheiro que você ganha com esforço em troca de algo que tem valor pra você. O socialismo é quando tomam o seu dinheiro para dar de graça a alguém, que na maioria das vezes não fez algo para merecê-lo. É necessário tirar o socialismo da nossa forma de pensar.[205]

Vicentino também destacou o efeito multiplicador da riqueza no capitalismo quando escreveu:

> Suponha que você fosse um investidor que resolvesse aplicar seu capital na montagem de uma fábrica. Você compraria um terreno, contrataria um arquiteto para projetar as instalações e um empreiteiro para construí-la, compraria o material de construção e as máquinas;

[205] ROJAS, Jose. *El capitalismo vs el socialismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kvl6U-5ZvKA&feature=youtu.be>. Acesso em: 15/12/2019.

> em seguida, iria adquirir a matéria-prima e, finalmente, empregaria um certo número de operários e começaria a produzir. Veja que, para construir sua fábrica, você movimentaria diversos outros setores da economia, dando lucro a uma série de pessoas e empresas: à imobiliária que lhe vendeu o terreno, ao arquiteto que fez o projeto, à empreiteira que construiu o prédio, ao fornecedor do material de construção, ao fabricante das máquinas, ao produtor da matéria-prima e, por fim, você pagaria o salário de seus operários.
>
> Cada uma dessas empresas e pessoas, por sua vez, utilizará o dinheiro que você lhes forneceu para suas próprias despesas, pagando aluguéis, impostos, salários, etc. Portanto, ao aplicar capital em um setor da economia, automaticamente você estará estimulando outros setores a se desenvolverem. E como esses setores, para crescer, também precisam investir capital, conclui-se que, quando você aplica capital no *seu* setor, está incentivando pessoas de outros setores a também aplicarem nos *delas.* É o chamado efeito multiplicador. Se, ao aplicar R$ 10,00 em seu setor, você provocar aplicações de R$ 20,00 em outras atividades, dizemos que o multiplicador de emprego de seu setor é de 2.[206]

Quando minha família se mudou para a cidade onde moro, São José dos Pinhais era apenas uma modesta cidadezinha que nem shopping tinha. Alguns anos depois, a cidade já havia crescido muito, e um elegante shopping foi construído no centro da cidade pelo Grupo Soifer, a um investimento de R$ 90 milhões. O shopping, que

[206] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 3.* São Paulo: Anglo, 2002, p. 447.

jamais poderia ter sido feito com o dinheiro da prefeitura (sem orçamento pra isso), gerou cerca de dois mil empregos criados durante a construção do shopping, e pelo menos 300 outras vagas foram abertas pelas grandes lojas.

Além de proporcionar uma excelente opção de espaço recreativo, lazer e passatempo para todas as idades, o shopping ajudou a dinamizar a economia local e atraiu ainda mais investimentos na cidade. Para muitos, estamos falando apenas de um shopping concebido por burgueses fascistas e opressores do proletariado; para outros, estamos falando de algo que gerou milhares de empregos diretos e indiretos, além de bens e serviços oferecidos a quem antes não tinha sequer a opção de entrar numa sala de cinema.

Capitalismo é isso: o livre investimento de empresários que fazem pela cidade aquilo que o Estado é incapaz de fazer. Todas as partes ganham: o empresário, que terá sua margem de lucro, os que ali trabalham, que tem um emprego, e os que frequentam o shopping, que podem desfrutar de um agradável espaço. Não há "soma zero". Antes do capitalismo já existia pessoas tão ricas quanto as do grupo responsável pela criação do shopping, a diferença é que elas não se importavam nem um pouco em empreender para gerar riqueza a toda a sociedade.

Preferiam construir castelos e fazer guerras para aumentar sua fortuna pessoal, em vez de poupar e investir parte dela. Só no capitalismo é que um rico arrisca seu capital para algo que pode ser lucrativo para ele e benéfico para toda a sociedade – um risco que, por mais calculado que possa ser, os nobres do passado nem pensavam em se expor. É sempre bem mais cômodo não investir nada e gastar toda

a riqueza consigo mesmo do que arriscar perder dinheiro com algo que beneficiará terceiros.

Por isso a mentalidade empreendedora é a raiz e a essência do capitalismo. Ricos sempre existiram, avareza sempre existiu, exploração sempre existiu, mas investimento e empreendimento não – pelo menos não na escala que o capitalismo fez surgir. Onde não há capitalismo, o que sobra são investimentos miúdos e superfaturados feitos por um Estado inchado e ineficiente, que tira do povo qualidade de vida, emprego e bem-estar.

Por isso, a prioridade de qualquer Estado responsável deveria ser propiciar condições favoráveis aos investimentos, e não repeli-los, como faz o Brasil (onde ser empresário é sinônimo de ser um vilão de cinema). Se não tem emprego é porque não tem empresa, e se não tem empresa é porque o custo para manter uma empresa é muito alto. Sem empresas, os bens e serviços são escassos, o que eleva o custo de vida (como os bens são escassos, eles são caros, pois a concorrência é menor e a procura é maior).

É por isso que um mesmo automóvel no Brasil custa até três vezes mais do que nos Estados Unidos[207]. Com mil dólares em mãos, você compra carros usados melhores que a maioria dos brasileiros possui[208]. Além disso, nos Estados Unidos financiar um automóvel é muito mais fácil, a manutenção é muito mais barata, o preço do combustível é incomparavelmente menor, e os pedágios são incrivelmente mais

[207] Compare em: <http://www.f24.com.br/geral/mundo-automotivo/preco-de-carro-nos-estados-unidos-eua-x-carros-do-brasil>. Acesso em: 04/05/2018.
[208] Confira em: <https://www.noticiasautomotivas.com.br/conheca-seis-carros-usados-que-custam-ate-us-1-000-nos-eua>. Acesso em: 04/05/2018.

baixos (o pedágio *mais caro* dos Estados Unidos custa o equivalente a R$ 3,39, e o segundo mais caro custa R$ 1,74, enquanto qualquer pedágio daqui custa bem mais que isso)[209].

Não pense que isso é apenas coincidência ou sorte. Com mais empresas, mais produtos são produzidos, mais serviços são ofertados e maior é o acúmulo de riqueza. E ainda que a maior parte dessa riqueza seja concentrada pelos ricos, o que "sobra" para o americano comum é muito mais do que o que nós temos, ou do que qualquer país estatista tem.

Ao mesmo tempo, a grande quantidade de empresas aumenta a concorrência e a competitividade, o que gera uma baixa nos preços e um aumento na qualidade. Mas quando as empresas são poucas, a demanda fica maior do que a oferta (ou seja, são poucos produtos produzidos para muita gente precisando deles), e consequentemente os preços crescem e o desemprego aumenta. É menos riqueza gerada, mais gente na rua, menos competitividade e uma economia em frangalhos.

Deveria parecer lógico a todos que a solução para o desemprego é facilitar – ou pelo menos parar de dificultar – quem quer abrir uma empresa ou quem já tem uma. Essa visão hostil ao empresário se resume em toda a papelada burocrática que se exige para abrir uma empresa no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos qualquer um

[209] Compare em: <https://carros.ig.com.br/2018-01-10/custos-brasil-eua.html>. Acesso em: 04/05/2018.

pode abrir uma empresa dentro de 24h, aqui não se leva menos que 107 dias[210]. Até lá, a empresa já quebra antes mesmo de abrir.

A guerra contra o empregador é uma imbecilidade que afeta em primeiro lugar os próprios empregados. É a classe trabalhadora que será afligida com menos empregos, menos bens, menos serviços e menos riqueza, somado a um custo de vida maior. A diferença entre Brasil e Estados Unidos é que aqui o empresário ainda é visto como um vilão, enquanto eles já entenderam há muito tempo que é parte da solução. O Brasil é um país que pune pessoas por gerarem emprego, onde alguém se dizer empresário é quase o mesmo que confessar um crime.

O discurso marxista da luta de classes e seu maniqueísmo tosco de "empresário malvadão" e "proletário bonzinho", como se os dois lados estivessem em guerra um com o outro, se reflete em nossa legislação, que visa atingir o empresariado pensando com isso estar favorecendo o povo – que acaba sendo o mais prejudicado –, enquanto a deles favorece os empresários, que por sua vez podem gerar mais empregos que beneficiam todo tipo de gente.

Quando o Estado pesa a mão sobre o empresariado, ele não está defendendo o povo contra os empresários, mas o esmagando juntamente com eles. É quando a burguesia é apoiada que empregos são gerados, que riqueza é produzida e que a renda cresce. Enquanto o discurso da luta de classes divide a sociedade e coloca um contra o outro para a ruína de ambos, a mentalidade liberal atua no sentido oposto,

[210] DESIDÉRIO, Mariana. *Quanto tempo demora para abrir uma empresa no Brasil?* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/quanto-tempo-demora-para-abrir-uma-empresa-no-brasil>. Acesso em: 04/05/2019.

enxergando empresários e trabalhadores como aliados indispensáveis que dependem um do outro para o progresso da nação.

Dentro dessa visão holística, favorecer a geração de empregos não é oprimir o proletariado, mas propiciar seu crescimento mútuo. Não à toa, no país mais capitalista do mundo (Estados Unidos), o salário médio pago aos trabalhadores é o equivalente a 6.680 reais por mês, quase quatro vezes mais que o salário médio pago aqui no Brasil, que é de 1.768 reais[211].

Como o Brasil comprou o discurso marxista da luta de classes (onde patrões e empregados estão numa guerra mortal e é preciso escolher um dos lados), aqui nós temos leis trabalhistas draconianas contra quem quer abrir um negócio, mas mesmo assim os trabalhadores no Brasil ganham muito menos que nos Estados Unidos, onde os empresários recebem incentivos como menos taxas e impostos, menos burocracia, menos regulação, menos imposições trabalhistas e etc.

Como a lei deles facilita os empreendimentos, lá há muito mais bilionários do que aqui, mas justamente por serem tão ricos tem condições de investir muito mais, elevando assim o nível de vida de toda a sociedade, o que explica por que o trabalhador americano médio ganha muito mais que um trabalhador brasileiro. Em outras palavras, ao punir o patrão, nós estamos punindo o trabalhador. Eles elevam o nível de vida dos dois, e nós esmagamos os trabalhadores com a mesma mão que usamos para esmagar seus patrões – a mão pesada do Estado.

[211] Disponível em: <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/qual-o-salario-medio-de-um-trabalhador-nos-estados-unidos.html>. Acesso em: 01/07/2019.

Por pensar que punir o empresário é o caminho para "defender" o trabalhador, o Brasil conseguiu causar a insatisfação de ambos, tornando tão difícil abrir um negócio quanto encontrar um emprego. O empresário brasileiro trabalha 12 ou mais horas por dia, não tem direito a férias, não recebe décimo terceiro, não recebe hora extra, não tem nenhum "vale" ou "auxílio" dado pelo governo, precisa lidar com uma enormidade de problemas todos os dias e ainda tem que depositar do próprio bolso um alto valor para iniciar o negócio (além de trabalhar por resultado e sem garantias).

O preço pago por tantas imposições trabalhistas é o desemprego recorde que estamos vivenciando. Quando o trabalhador se torna caro, custeá-lo não é nada fácil. E diferente do que a esquerda imagina, a maioria dos empresários não está nadando no dinheiro a ponto de pagar tudo isso e ainda sair no lucro. Uma hora a conta sempre vem, seja na forma de desemprego, seja na forma de salários baixos.

Brasileiro sonha em ir morar nos Estados Unidos, mas quer manter os privilégios que não existem nem nos Estados Unidos, nem em lugar nenhum. Ou seja, quer o "bem bom" ao mesmo tempo em que não está disposto a pagar o preço por isso. Por isso estamos nessa situação, sem um horizonte à vista, acreditando em Papai Noel e em almoço grátis, sendo ingênuos ao ponto de pensar que o 13° não é naturalmente descontado dos outros doze salários, e caindo nos discursos mais rasos e populistas possíveis. Para ser franco, merecemos o que temos.

Não à toa ultimamente tanta gente esteja se tornando Uber (um serviço desregulamentado), sem o qual não teriam nem o que comer. Se a regulamentação (leia-se: mais taxas, mais impostos, mais burocracia estatal) significasse algo bom,

todos esses que encontraram emprego no Uber teriam virado taxistas. A razão pela qual o táxi nunca será competitivo como o Uber é que ele está sujeito a uma burocracia tão grande que o custo se torna alto – não porque os taxistas coloquem um preço mais alto de propósito só para perder clientes pro Uber.

Mas a estupidez da esquerda é tão grande que ao invés de querer desregulamentar o táxi para ficar tão bom quanto o Uber, querem regulamentar o Uber para ficar tão ruim quanto o táxi. Em vez de melhorar o que é ruim para nivelar com o que é bom, a esquerda quer piorar o que é bom para nivelar com o que é ruim. Essa é a "igualdade" que a esquerda adora.

Os Estados Unidos pode ser considerado um país "desigual", mas é uma desigualdade nivelada por cima. Em certas regiões do país, uma família que se sustenta com o equivalente a R$ 450 mil por ano é considerada, acredite, de "baixa renda"(!), mesmo ganhando o equivalente a 37 mil reais mensais – o que aqui seria facilmente tido como um rico da "elite branca opressora"[212]. Mesmo ganhando tão bem, eles ainda assim são considerados "pobres" *para o padrão deles,* porque o padrão deles é muito maior que o nosso.

Em outras palavras, há uma desigualdade social, mas uma desigualdade nivelada tão alto que nenhum "pobre" se incomoda a ponto de querer uma "revolução". Em contraste, nos países socialistas a "igualdade" se resume a todos empobrecerem até uma condição na qual serão igualmente pobres e miseráveis. A Coreia do Norte é o

[212] NUNN, Ryan; SHAMBAUGH, Jay. *O lugar onde um salário anual de R$ 450 mil é considerado baixo.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2018/07/1974434-o-lugar-onde-um-salario-anual-de-r-450-mil-e-considerado-baixo.shtml>. Acesso em: 01/07/2019.

exemplo mais perfeito disso, onde todos são "iguais", porque vivem na mesma prisão. Por isso a nossa militância principal não deveria ser pela igualdade em si – a qual é extremamente fácil de se alcançar, se for nivelada por baixo – mas por *melhores condições de vida para todos,* o que, como vimos, só pode ser conseguido em um sistema capitalista.

Por isso, diferente da analogia dos brinquedos, no mundo real todo mundo pode enriquecer (como nos países mais capitalistas do mundo) ou empobrecer junto (como nos países socialistas). Em todos os lugares onde o socialismo foi implantado o que se viu foi uma diminuição significativa no padrão de vida de *toda* a sociedade (não só dos mais ricos), em contraste ao modelo capitalista liberal, onde toda a sociedade é favorecida numa medida maior ou menor.

Assim, uma analogia mais pautada na realidade não é uma na qual existem dez brinquedos fixos para dez crianças e basta dividi-los igualmente entre elas, mas sim uma em que os brinquedos são *produzidos* de modo que todas as crianças possam ter bem mais que um. O discurso marxista da luta de classes visa provocar ódio social entre ricos e pobres e convencer estes de que jamais deixarão de ser pobres senão por meio da revolução socialista.

Isso não apenas se demonstrou duplamente falso (muitos pobres deixaram a pobreza em países capitalistas, e todos os pobres se tornaram ainda mais pobres nos países socialistas), como também ignora a própria *natureza* da pobreza, que, como vimos, era uma coisa no passado, e outra coisa hoje. Não à toa os critérios usados pelo Banco Mundial para definir a pobreza estão sempre mudando conforme a conveniência: o que antes era 1 dólar por dia passou para 3,20 dólares

e depois para 5,50 dólares (mesmo com os valores já ajustados pela inflação), e continua crescendo na medida em que os níveis anteriores vão sendo superados, a fim de reforçar a imagem de que a pobreza tem aumentado.

No marxismo, o ideal não é a eliminação da pobreza, mas das classes sociais. Eles pensam que o problema do pobre é o rico, e não a pobreza. Consequentemente, eliminam os ricos e tornam os pobres mais pobres. É como se o pobre fosse inerentemente um invejoso cuja maior aspiração na vida fosse ver a ruína dos ricos, em vez de querer melhorar sua própria vida independentemente dos outros (o que mostra o quanto os marxistas não conhecem os pobres, embora se achem no direito de falar por eles).

Consequentemente, onde os socialistas chegaram ao poder, conseguiram o que queriam – a eliminação das classes sociais –, mas não o que o pobre queria: melhorar de vida. Para fazer valer seus argumentos, a esquerda apela aos extremos: os extremamente ricos, os extremamente pobres. Fica um argumento convincente aos mais leigos, mas fora da realidade. A verdade é que não se diminui a pobreza tentando diminuir a riqueza dos mais ricos.

Todos os que acreditaram nessa falácia e seguiram em frente com ela, confiscando os bens pessoais e as empresas dos mais ricos, conseguiram mais pobreza, escassez e miséria a médio e longo prazo. A discussão é sempre mais profunda do que a esquerda marxista imagina, porque ela pensa com a mentalidade de uma criança jogando Banco Imobiliário, e não de acordo com a complexidade do mundo real.

Numa sociedade livre, igualdade não é todos terem a mesma riqueza (e muito menos a mesma pobreza), mas assegurar que todos tenham os mesmos direitos e oportunidades. A desigualdade, por si só, é tão natural quanto irrelevante. Se Bill Gates decidisse se mudar para a Zâmbia, o nível de desigualdade em Zâmbia aumentaria um pouco, mas isso não mudaria rigorosamente nada na vida dos cidadãos do país.

A desigualdade só tem relevância quando a riqueza de um consiste na pobreza do outro. E como vimos, a desigualdade também é natural, porque mesmo se amanhã todos fossem colocados num mesmo nível de riqueza, não demoraria para surgir pessoas pobres, ricas e de classe média com o tempo, pois enquanto uns gastariam todo o salário com bebida, prostitutas e festas, outros usariam o dinheiro com sabedoria e prosperariam.

Todos devem se lembrar da parábola do filho pródigo, que em pouco tempo conseguiu gastar toda a herança do pai com futilidades, da mesma forma que todos devem ter ouvido falar nos muitos casos de pessoas simples que ganham na loteria, ficam milionárias da noite pro dia e dentro de pouco tempo estão pobres de novo[213]. De modo inverso, muitos devem conhecer casos de sujeitos que nasceram pobres ou de classe média, mas que por meio do trabalho suado, da poupança e de uma visão empreendedora se tornaram extremamente ricos – como é o caso do próprio Bill Gates, criado em uma família de classe média.

[213] PORTAL TERRA. *Do luxo ao lixo: conheça ganhadores da loteria que perderam tudo*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/do-luxo-ao-lixo-conheca-ganhadores-da-loteria-que-perderam-tudo,5c184af60c6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 13/12/2019.

A desigualdade é algo tão natural que ela só pode ser desfeita de modo *forçado,* como fizeram as ditaduras socialistas, que na tentativa de igualar um homem preguiçoso e bêbado com um Bill Gates conseguiram criar sociedades anêmicas e superdependentes do Estado. Um país cuja política é estatista é por regra parasitário, e onde a riqueza não é gerada só resta dividir as migalhas até que elas acabem – por isso o socialismo é um sistema parasitário que só dura até o dinheiro dos outros acabar.

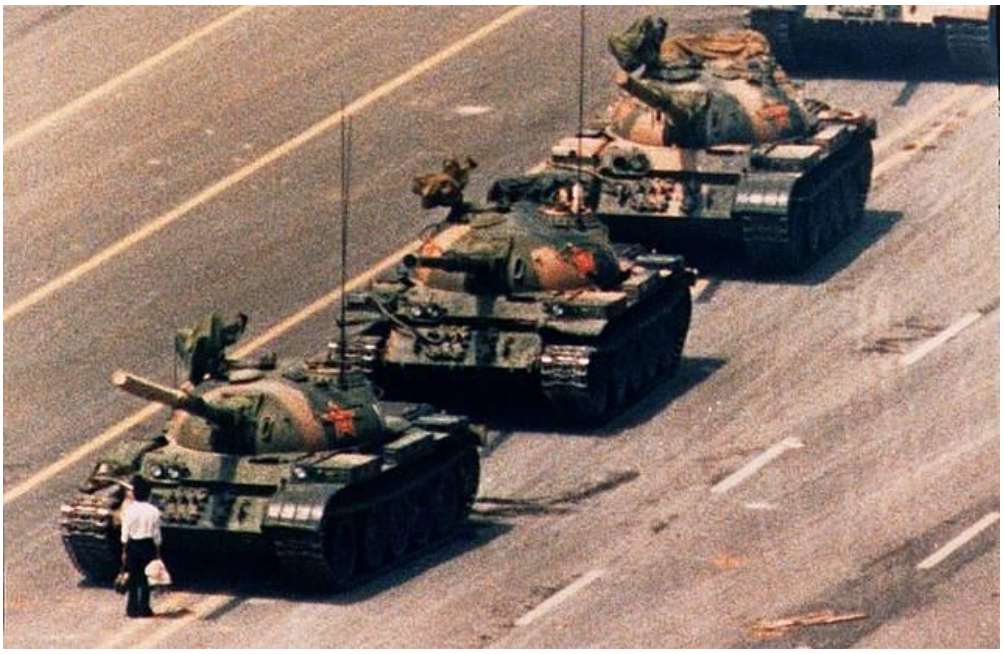
Em contraste, um país onde o capitalismo de livre mercado é estimulado propicia condições favoráveis ao crescimento econômico de todos – o que explica a multidão de cubanos que fogem todos os anos para o "porco capitalista" que você já sabe quem é. A insistência em ignorar essa realidade óbvia resulta em sociedades anêmicas, miseráveis e despossuídas daquilo que há de mais básico, esperando que o Estado gere e distribua a riqueza que de fato só pode ser produzida por indivíduos livres, de acordo com as necessidades do mercado.

Por isso não surpreende que o socialismo tenha causado miséria em cada canto de terra em que se instalou no planeta. Foi assim na China, onde mais de 50 milhões de chineses literalmente morreram de fome durante o regime do ditador genocida Mao Tsé-Tung (1949-1976), porque o governo comunista, incapaz de gerar riqueza, não tinha como alimentá-los. O jeito foi deixar morrer, provocando o maior morticínio em massa do qual há registro na história humana. Após o falecimento de Mao, seus sucessores viram que se continuasse assim não haveria mais China, e precisaram mudar de estratégia.

Abandonando a ortodoxia marxista, a partir de 1978 a China promoveu uma abertura econômica, aderindo a um «capitalismo de Estado». Assim, a China passou a permitir a existência de empresas privadas e a receber investimentos privados estrangeiros, o que salvou o país da ruína completa em que se encontrava e o fez crescer numa taxa média de 9,5% ao ano entre 1981 e 2001.

No entanto, não há muito o que comemorar. A China permanece uma ditadura de partido único (o Partido Comunista da China, que governa o país desde a Revolução de 1949) e literalmente fuzila os manifestantes pró-democracia. O caso mais icônico foi o Massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989, quando milhares de estudantes foram executados durante uma manifestação pacífica em 4 de julho. Em vez de atender as reivindicações dos estudantes, o governo preferiu declarar lei marcial e enviar tanques de guerra à praça de Tian'anmen.

As cenas que se seguiram ficariam marcadas para sempre como um dos massacres mais covardes da história. Foi nessa ocasião que um jovem solitário, desarmado e desconhecido invadiu a Praça da Paz Celestial e se colocou em frente a uma fileira de tanques, numa foto emblemática que se tornaria um dos símbolos da luta contra a tirania e a repressão:



O "O Rebelde Desconhecido da Praça da Paz Celestial", como ficou conhecido o anônimo que se colocou na frente dos tanques, tornou-se um herói de todos os amantes da liberdade de expressão. Ninguém sabe o paradeiro do homem que peitou o Estado chinês, mas ele ficará para sempre na memória de todos os chineses que ainda sonham com dias melhores.

Lamentavelmente, na própria China muitos sequer ficaram sabendo disso, uma vez que toda a imprensa e a mídia são rigidamente controladas pelo governo, que proíbe a liberdade de pensamento. Enquanto no capitalismo todo mundo é livre para criticar o sistema, se você criticar o socialismo num país socialista o destino provável é um campo de trabalho forçado, se tiver sorte, ou ser atropelado por um tanque de guerra, se não tiver.

E num país que sobrevive da miséria e da escravidão dos seus cidadãos, a falta de democracia é o menor dos problemas. Comunista adora criar leis trabalhistas em

países capitalistas, mas na China de partido único comunista essas leis passam bem longe. Milhões de chineses trabalham em regime de escravidão ou semiescravidão, incluindo mulheres, idosos e crianças, com um expediente de trabalho que chega a durar 17h, tudo para tornar a economia chinesa competitiva[214].

E como a China é um dos países mais desiguais do mundo[215] e onde a desigualdade mais cresce[216], o lucro comercial fica nas mãos de poucos, deixando uma imensa massa na miséria. A China ocupa a 83ª posição em PIB per capita, ficando atrás até do Brasil, que aparece em 64º. Daí já se percebe que, apesar do crescimento aparente, ele se dá às custas da escravidão humana, do totalitarismo de Estado e de uma grande desigualdade acompanhada de uma pobreza maior ainda.

E pensar que é este o exemplo de "socialismo que funciona" dado por tantos extremistas de esquerda em nosso país. Outro exemplo de "socialismo que funciona" é Cuba, a ilha que parou no tempo, onde os carros são os mesmos desde a década de 50 (ou seja, os mesmos de antes da revolução). O socialismo funciona tão bem em Cuba que a todo o momento os cidadãos dessa ilha paradisíaca arriscam a vida tentando fugir dali em botes improvisados levando apenas as roupas do corpo, buscando abrigo ilegalmente nos Estados Unidos.

[214] G1. *Chineses em condições análogas à escravidão são resgatados no Rio*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/mais-chineses-em-condicao-analoga-escravidao-sao-resgatados-no-rio.html>. Acesso em: 14/12/2019.
[215] BBC NEWS. *Desigualdade na China: a jovem que se alimentou só de arroz e pimenta por 5 anos*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50288203>. Acesso em: 14/12/2019.
[216] BALTHAZAR, Ricardo. *Desigualdade é maior no Brasil, mas cresce mais na China, afirma relatório.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/12/1943159-desigualdade-e-maior-no-brasil-mas-cresce-mais-na-china-afirma-relatorio.shtml>. Acesso em: 14/2/2019.

Morales, um desses muitos fugitivos que chegou às praias de Miami após dez dias de travessia em um grupo com nove integrantes, disse que fugiu por não ver futuro em Cuba: "Ali você tem que decidir entre comprar comida ou sapatos"[217].



(Qualquer coisa que flutue está valendo, dado o desespero em fugir da ilha paradisíaca dos socialistas)

Alguns devem se lembrar que nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, vários atletas cubanos ao chegarem ao Brasil se esconderam, pediram asilo ao governo brasileiro e não voltaram mais a Cuba[218]. Isso também acontece regularmente em qualquer Olimpíada. Eles preferem viver pobres em um país capitalista do que miseráveis e sem perspectiva de futuro em um país socialista (eu procurei, mas por alguma misteriosa razão não pude encontrar um atleta de um país capitalista desertando e pedindo asilo político em um país socialista).

[217] CONSTANTINO, Rodrigo. *Fuga desesperada do "paraíso" socialista: enquanto os cubanos querem fugir de lá, o PT quer importar o modelo para cá*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/fuga-desesperada-do-paraiso-socialista-enquanto-os-cubanos-querem-fugir-de-la-o-pt-quer-importar-o-modelo-para-ca>. Acesso em: 24/03/2019.

[218] ESTADÃO. *Brasil concede asilo a atletas cubanos que desertaram no Pan*. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-concede-asilo-a-atletas-cubanos-que-desertaram-no-pan,57875>. Acesso em: 24/03/2019.

Isso ocorre porque a carniceira família Castro impede que seus cidadãos saiam de Cuba. Eles são mantidos eternamente presos em uma prisão sem muros, uma favela a céu aberto, sem acesso ao mundo externo, sem tecnologia, sem internet e dirigindo os mesmos carros da década de 50, que remontam à época em que Cuba ainda era um país capitalista e civilizado, poderoso economicamente e respeitado no continente.



(Foto inédita dos norte-americanos fugindo dos EUA em direção a Cuba. Dê um zoom de 1000% que você encontra. Ou não.)

Os crimes humanitários cometidos por Fidel em seu regime foram tantos que até sua filha Alina Fernández, que se recusa a usar o sobrenome Castro, fugiu da ilha. Enquanto Fidel Castro andava Mercedes-Benz, tinha mordomos e comia lagostas, seu povo vivia e continua vivendo na pobreza, andando em carros velhos que mal conseguem rodar e tentando sobreviver ganhando 15 dólares por mês. O salário mais alto é o dos médicos: 30 dólares mensais.

É assim em todo regime socialista: as autoridades da esquerda caviar comem do bom e do melhor, enriquecendo cada vez mais às custas dos idiotas úteis que

apoiam este sistema – e que terminam numa eterna pobreza sem perspectiva nenhuma de futuro. Em Cuba, o povo tem que conviver com meio quilo de carne de porco misturada com soja a cada quinze dias; meio quilo de carne de vaca e um sabão em pedra a cada dois meses; um par de sapatos a cada seis meses.

Uma faxineira ganha cinco dólares por mês. O ridículo salário recebido em Cuba é o que leva uma enorme quantidade de mulheres a se prostituir, fazendo de Cuba um dos destinos preferidos do turismo sexual, já que as prostitutas recebem gorjetas em dólares. Isso também faz de Cuba recordista mundial no mercado negro, que movimenta 40% da economia do país, por debaixo dos panos. E eu nem vou falar da corrupção, que a essa altura você já deve imaginar como é.

A escassez de comida leva a filas quilométricas por alimentos e produtos de higiene (como sabonete e pasta de dente), e as pessoas quase se matam nessas filas para conseguir uma língua de porco. "É incrível que depois de 60 anos da revolução, as pessoas quase se matem para comprar uma língua de porco"[219], diz por telefone o cubano Pinar del Rio Teresa García, de 86 anos, à BBC News. Outro cidadão cubano diz: "Eu tenho pesadelo com as filas. Há fila para tudo. Você perde a vida nas filas"[220].

Mas com o racionamento de tudo o que é básico, esperar nas filas é a única saída para não morrer de fome. Comprar salsicha, frango, arroz, ervilha, feijão, ovo ou óleo é um desafio diário para os cubanos. Maydelis Blanco Rodríguez, uma cubana

[219] G1. *Escassez de comida leva a longas filas e desespero em Cuba: 'A gente quase se mata para comprar uma língua de porco'*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/02/escassez-de-comida-leva-a-longas-filas-e-desespero-em-cuba-a-gente-quase-se-mata-para-comprar-uma-lingua-de-porco.ghtml>. Acesso em: 31/12/2019.
[220] ibid.

de 32 anos, diz que toda manhã, quando acorda, só pensa em uma coisa: "O que vou dar de comer ao meu filho hoje?"[221]. A filóloga e jornalista cubana Yoani Sánchez, crítica da ditadura castrista, descreve Cuba como

> um país onde as pessoas precisam esconder suas opiniões com medo de represálias, onde muitos jovens querem emigrar por falta de expectativa, onde o Estado tenta controlar todos os detalhes da vida. Onde colocar um prato de comida em cima da mesa significa submergir-se diariamente à ilegalidade para conseguir dinheiro.[222]

Sobreviver em Cuba é um verdadeiro desafio, não apenas pela constante repressão estatal que já resultou em milhares de mortes, mas sobretudo para conseguir recursos básicos como a alimentação. Sobre isso, Yoani afirma:

> Cada cubano tem direito a uma cota mensal de alimento com preços subvencionados pelo Estado. Estudos dizem é possível se alimentar razoavelmente bem por duas semanas com essa cota. Nela existe arroz, açúcar – que por sinal é brasileiro –, um pouco de café, azeite e, às vezes, frango. Para sobreviver a outra metade do mês os cubanos precisam ter os pesos conversíveis. O salário médio na ilha é de 20 dólares. Um litro de leite custa 1,80 dólares. Por isso, as pessoas apelam para a ilegalidade: roubam do Estado e vendem no mercado negro, prostituem-se, exercem atividades ilegais, como dirigir táxis ou vender produtos para os turistas. Graças a isso e às remessas enviadas

[221] ibid.
[222] CORDERO, Yoani María Sánchez. *Yoani: 'Tentam me calar porque divulgo a Cuba real'.* Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/yoani-tentam-me-calar-porque-divulgo-a-cuba-real>. Acesso em: 14/12/2019.

> pelos cubanos exilados é possível sobreviver. Uma revolução que rechaçou esses exilados agora depende deles.[223]

A situação dos aposentados é ainda mais lastimável, os quais ganham 15 dólares conversíveis por mês e amargam a miséria absoluta. Yoani diz que "como a maioria dos cubanos não vive do salário, mas do que pode roubar do Estado dentro do local de trabalho, quando se aposenta ele perde essa fonte de renda. Em Havana é possível ver muitos velhos vendendo cigarros nas ruas"[224]. Yoani também rebate o mito da "saúde cubana", usado como propaganda do regime na tentativa de ludibriar os mais tolos.

Ela conta que a medicina cubana é tão atrasada que "quando um cubano vai a um hospital, leva um presente para o médico. É um acordo informal para que o atendam bem e rápido. Levam também desinfetante, agulha, algodão, linha para as suturas"[225]. Nathalia Watkins, autora de uma matéria a respeito de saúde em Cuba, diz que "a medicina cubana é uma das mais atrasadas do mundo. A maioria dos seus profissionais se forma sem nunca ter visto um aparelho de ultrassom, sem ouvir falar em stent coronário e sem poder se atualizar pela internet"[226].

Embora os dados oficiais da ditadura aleguem que a expectativa de vida no país é tão alta quanto a do Canadá, é preciso colocar um nariz de palhaço e duas orelhas

[223] ibid.
[224] ibid.
[225] ibid.
[226] WATKINS apud NUNES, Augusto. *Se o exército de jalecos cubanos não for outra mentira da série dos 6 mil, vai aumentar espetacularmente a taxa de mortalidade estabelecida por militantes do MST diplomados em medicina na ilha-presídio*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/se-o-exercito-de-jalecos-cubanos-nao-for-outra-mentira-da-serie-dos-6-mil-vai-aumentar-espetacularmente-a-taxa-de-mortalidade-estabelecida-por-militantes-do-mst-diplomados-em-medicina-na-ilha-presidio>. Acesso em: 14/12/2019.

de burro na cabeça pra levar a sério uma afirmação dessa natureza. A medicina cubana é tão defasada quanto o resto do país, se não for pior. A este respeito, Watkins escreveu:

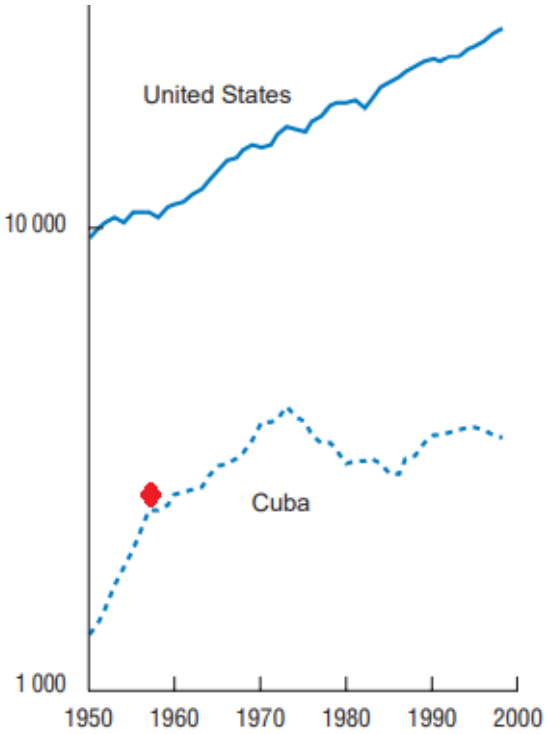
> O escorpião-azul (em espanhol, *alacrán*) é um animal peçonhento só encontrado em Cuba. Desde 1995, cientistas da ilha estudam o seu veneno e garantem que é eficaz no tratamento de vários tipos de câncer. A partir dele, fabricam e comercializam os remédios Escozul e Vidatox. Outra espécie endêmica na ilha é a medicina avessa às evidências. Submeter os estudos a uma publicação científica é considerado traição à pátria comunista, submissão ao imperialismo americano. Não há nenhuma comprovação de que o veneno funciona. No Pubmed, a maior base de dados científica sobre saúde no mundo, não há um registro sequer sobre o tal remédio. Sua suposta eficácia é um dos muitos mitos sobre a medicina cubana criados e perpetuados pelos irmãos ditadores Fidel e Raúl Castro para enganar governos incautos como o do Brasil.
>
> A mentira – e não apenas na medicina – é a principal política de estado na ilha dos irmãos Castro. A atual epidemia de cólera, por exemplo, que as autoridades não conseguem mais esconder, é controlada com um remédio homeopático. "Dar cinco gotas via oral de uma droga homeopática sem eficácia comprovada em um país onde não há tratamento adequado da água e onde a falta de higiene é regra parece uma piada de mau gosto", diz o médico cubano Eloy González, exilado nos Estados Unidos. Para se ter uma ideia de como Cuba está atrasada, a cólera foi erradicada no século XIX em vários países com o

> saneamento básico. Propagandear a obsoleta medicina cubana como avançada e pioneira é indispensável para a ditadura, que depende da exportação de mão de obra do setor de saúde para se sustentar.
>
> Os missionários de jaleco são atualmente a principal fonte de divisas do regime. Em dezesseis escolas de medicina, Cuba formou neste ano mais de 10.000 doutores e outros 20.000 profissionais de outras carreiras de saúde, como enfermagem e nutrição. Seria uma notícia boa em 1959, quando a Faculdade de Medicina de Havana era uma das dez melhores do mundo. Hoje o curso é uma vergonha e está em 68º lugar no ranking de qualidade da América Latina. Com as missões no exterior, pouquíssimos médicos ficam na ilha, o que levou ao fechamento de 54 hospitais nos últimos três anos. "Antes era preciso levar lençóis, lâmpadas, comida e seringas para o hospital para ser atendido. Daqui a pouco será preciso levar também o médico e a enfermeira", diz por telefone um morador de Havana, que preferiu não ser identificado. Não é incomum ser atendido por um jamaicano ou um estudante chinês, que falam o espanhol com dificuldade.[227]

Na comparação de Maddison entre o PIB per capita americano e cubano de 1950 a 2000, podemos notar que antes da Revolução de 1959 (assinalada em vermelho) Cuba passava por uma nítida evolução econômica, que continuou por mais algum tempo após a revolução. Mas como *uma hora o dinheiro dos outros acaba,* não

[227] WATKINS, Nathalia. *Medicina de Cuba é cheia de exemplos a não ser seguidos*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/medicina-de-cuba-e-cheia-de-exemplos-a-nao-ser-seguidos>. Acesso em: 14/12/2019.

demorou para a economia declinar e definhar de pouco em pouco, num processo fúnebre que continua até hoje:



Graças à revolução, Cuba virou a ilha dos bairros com esgoto a céu aberto, dos racionamentos de água, luz e combustíveis, dos cortiços nos quais famílias inteiras se amontoam para tentar viver em um pequeno espaço que nem pertence a elas e sim ao governo, e sobretudo da fome e da repressão. A ditadura escolhe cada detalhe da vida privada dos cidadãos, incluindo o que comer, o que vestir e onde morar.

Onde tudo é controlado e subsidiado pelo Estado não há espaço para a autonomia individual, mas uma superdependência do Estado como um bebê precisa da mãe. Onde o Estado e o partido do Estado são a mesma coisa, quem não faz parte do PCC (não o PCC que você está pensando, mas outro muito pior) corre o risco de ser

preso sem sequer passar por julgamento. O PCC é o Partido Comunista Cubano, diante do qual o Primeiro Comando da Capital é brincadeirinha de criança.

Por falar em organização criminosa, não podemos deixar de fora um mafioso e assassino em série que é até hoje idolatrado pelos socialistas: Josef Stalin (1878-1953). Este terrorista travestido de revolucionário praticou um dos maiores e mais covardes massacres já cometidos na história humana: o holodomor, que resultou em aproximadamente vinte milhões de mortos *do seu próprio povo*. Holodomor é o nome dado à fome de caráter genocidiário, que tem como raiz etimológica as palavras *holod* (fome) e *moryty* (matar) – matar pela fome.

Stalin matou muito mais do que Hitler, só não precisou levar para campos de concentração – ele matava seu povo em sua própria terra, simplesmente deixando-os sem ter o que comer. Esse monstro empregou na década de 1930 uma nova política para a União Soviética que visava a apropriação do Estado das terras pertencentes aos camponeses (semelhante ao que foi feito por Mao Tsé-Tung, na China). O roubo é sempre o primeiro passo de todo e qualquer regime socialista que se preze. Depois vem o genocídio, especialmente se você não concorda com o roubo.

Todos se tornam escravos do Estado máximo, da "Pátria Grande", que tem poderes totalitários ilimitados para fazer o que quiser com quem quer que seja. Os socialistas se esquecem que um governo que é poderoso o suficiente para nos dar tudo o que quisermos também é poderoso o suficiente para tirar tudo o que nos pertence. Por isso ideias socialistas podem soar bem quando escritas no papel, mas sempre resultam em desordem e chacina.

Stalin se aproveitou disso como quis. Sua nova política socialista visava a liquidação dos camponeses enquanto classe. O problema era que os camponeses representavam na época "apenas" 82% da população soviética. Então eles foram forçados, por meio de todos os abusos e violências que os socialistas já estão habituados, a entregar seus bens ao Estado e aderir às explorações agrícolas estatais.

A situação piorou quando Stalin decidiu deportar os kulaks para outras regiões, em especial ao Cazaquistão e à Sibéria, abandonando-os nesses territórios distantes e inóspitos. Ao todo, foram deportados 2,8 milhões de pessoas. Consequentemente, muitas delas, principalmente as crianças, morreram devido ao trabalho extenuante, à fome e ao frio. Estima-se que o número de mortos entre as vítimas da opressão após a deportação foi de 500 mil.

Então o "inesperado" aconteceu: fome, miséria, pobreza e escassez de recursos (quem diria), pois o Estado nunca consegue substituir à altura a iniciativa privada. Isso deu a Stalin a monstruosa ideia, semelhante à de seu companheiro Mao na China, de deixá-los morrer. A "solução" era sacrificá-los em prol da revolução. Deixá-los passando fome até a morte, já que seu regime sanguinário era inteiramente incapaz de sustentá-los. Era o «holocausto revolucionário»[228], do qual Marx tanto falava.

Em 1932, o mundo viu um dos maiores alastramentos de fome, de fuga dos camponeses e de genocídio perpetrados na história. Os cidadãos, em condições

[228] *Marx People's Paper*. April 16, 1853; citado também no *Journal of the History of Ideas*, Vol. 12, n.1, 1981.

agravantes e desumanas de desnutrição, iam morrendo aos olhares de indiferença de Stalin e seus correligionários, e seus corpos iam sendo largados nas ruas, à beira das estradas, nos cantos das praças, ao olhar de qualquer um que passasse por ali:



(Mulher caminha em meio aos corpos durante o holodomor)



(Corpo de uma vítima em meio às pessoas durante o holodomor)



(Corpos de vítimas do holodomor)



(Crianças vítimas do holodomor)



(Crianças vítimas do holodomor)

Em vez de alimentar os pobres, a URSS preferia deixá-los morrer de fome para investir tudo o que podia numa guerra cultural, científica e tecnológica com os Estados Unidos, numa tentativa vã e fracassada de provar que seu sistema era superior. Era a chamada "Guerra Fria". O resultado não poderia ser mais desastroso: os Estados Unidos não apenas derrotaram os soviéticos no campo cultural, científico e tecnológico sem fazer muito esforço, mas ainda conseguiram isso enquanto o país passava por um período de prosperidade, liberdade e democracia – tudo aquilo que não havia na URSS.

Como Sevcenko comenta, "os Estados Unidos manifestavam esmagadora superioridade, fosse na esfera militar ou na produção e consumo de bens, produtos e serviços"[229]. Se os dois lados estavam querendo mostrar ao mundo qual era o melhor, a resposta não podia ter ficado mais clara. Em 1990, à beira da dissolução

[229] SEVCENKO, Nicolau. "Meio ambiente, corpos e comunidades". In: *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 115.

da União Soviética, seu PIB per capita era de 7.762, e o americano de 23.214 (ou seja, cerca de três vezes maior)[230].

Sem ter como competir em igualdade de condições – uma hora o dinheiro dos outros acaba –, só restou aos soviéticos hastear bandeira branca, declarar falência e reconhecer a derrota:

> Os dirigentes soviéticos apavoraram-se perante as perspectivas do projeto *Guerra nas Estrelas* ser levado realmente adiante pelos norte-americanos. A concorrência com os norte-americanos, até então, tinha sido feita de uma maneira muito intensa, mas sempre com desvantagens para os soviéticos, principalmente no campo tecnológico. A própria corrida espacial, que os soviéticos lideraram nos anos iniciais, foi perdida quando os Estados Unidos alcançaram a lua. Os arsenais atômicos soviéticos eram menores e com tecnologia muito inferior, comparando-se com a mesma tecnologia norte-americana. O projeto *Guerra nas Estrelas* foi a "pá de cal" na concorrência soviética no quesito de armazenamento. O todo poderoso império soviético não tinha condições de realizar, tanto em termos tecnológicos ou econômicos, um projeto de tal magnitude. Não tendo condições de rivalizar com os norte-americanos e com sua economia decaindo desesperadamente a cada ano, toda a estrutura soviética foi repensada.[231]

[230] De acordo com os dados de Maddison.
[231] BIAGI, Orivaldo Leme. "O Imaginário da Guerra Fria". *Revista de História Regional.* v. 6, n. 1, 2001, p. 103.

O mesmo processo ocorre hoje à vista de todos na Venezuela de Nicolás Maduro, que levou uma nação próspera ao colapso total, com uma economia falida, uma recessão de 15% ao ano, mais de 1.500.000% de inflação e com falta de tudo aquilo que é básico (incluindo papel higiênico)[232].

Como na Venezuela o salário mínimo do mês inteiro é de 40 mil bolívares e um litro de leite custa 12 mil bolívares[233], uma multidão está largando tudo para atravessar a fronteira e buscar refúgio em Roraima, por preferir mendigar no Brasil a continuar vivendo em seu país miserável com milhares de presos políticos e manifestantes assassinados nas ruas. Os que não tiveram a sorte de conseguir fugir do país para mendigar em outro lugar foram obrigados a saquear supermercados e a comer cachorros de rua para sobreviver[234].

Talvez nada ilustre melhor a imensa superioridade do capitalismo sobre o socialismo do que dois exemplos bem didáticos: o da Alemanha Ocidental vs Alemanha Oriental, e o da Coreia do Sul vs Coreia do Norte. Após a Segunda Guerra Mundial, tanto a Alemanha como a Coreia foram divididas em dois blocos distintos, um capitalista sob a influência dos Estados Unidos, e outro socialista sob a influência da URSS.

[232] G1. *Na Venezuela, falta remédio, comida e até papel higiênico*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/hugo-chavez/videos/v/na-venezuela-falta-remedio-comida-e-ate-papel-higienico/4266101>. Acesso em: 12/11/2019.
[233] AGÊNCIA BRASIL. *Inflação na Venezuela ultrapassa 1 milhão por cento*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-06/inflacao-na-venezuela-ultrapassa-1-milhao-por-cento>. Acesso em: 12/11/2019.
[234] O'GRADY, Mary Anastasia. *O socialismo venezuelano: pessoas comendo cachorros, saqueando supermercados e morrendo de inanição*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2410>. Acesso em: 07/03/2019.

O resultado é que a Coreia do Sul (capitalista) é hoje um dos países mais desenvolvidos (e livres) do planeta, enquanto a Coreia do Norte (socialista) é literalmente uma prisão gigantesca, que mantém seu próprio povo prisioneiro do Estado. Eu fortemente recomendo que você assista a dois testemunhos de norte-coreanas que conseguiram fugir do país, para ter uma leve noção do que aquilo se trata (os vídeos estão disponíveis na nota de rodapé)[235].

Uma das coisas mais aterradoras que existe são as imagens de satélite da Coreia do Norte à noite: enquanto a Coreia do Sul aparece bastante iluminada, no norte literalmente parece que não há país algum[236]!

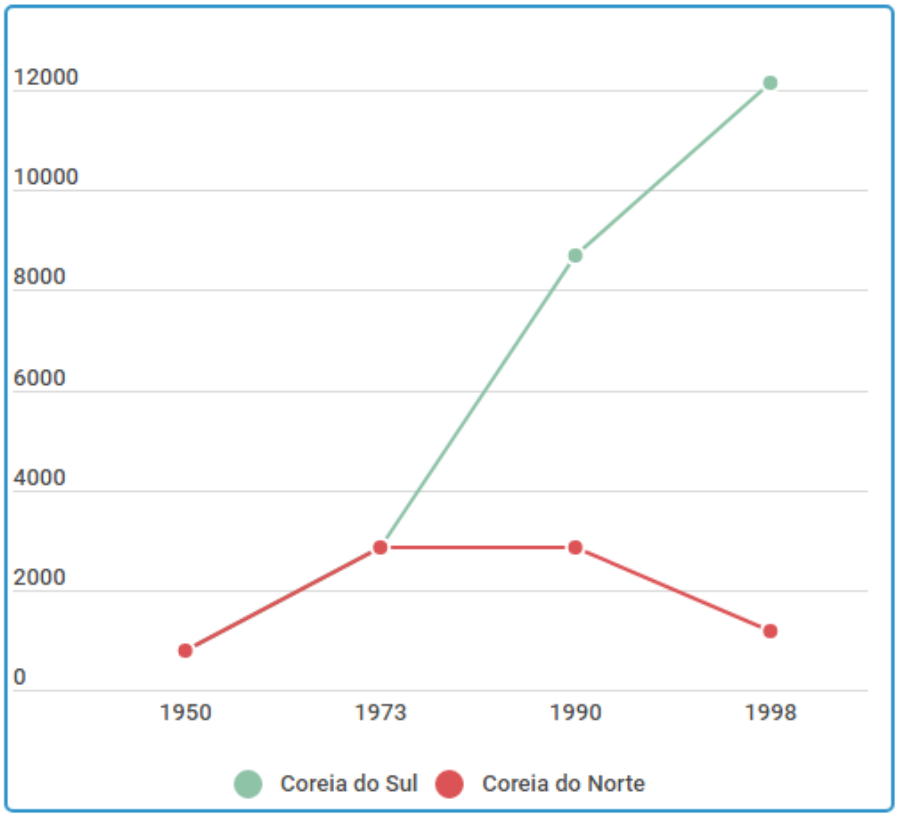


[235] 1) <https://www.youtube.com/watch?v=SDhiuBqRlT0>. Acesso em: 02/03/2019.
2) <https://www.youtube.com/watch?v=8GNUSi4cevc>. Acesso em: 02/03/2019.
[236] G1. *Sem luzes noturnas, Coreia do Norte 'desaparece' em foto espacial*. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/02/sem-luzes-noturnas-coreia-do-norte-desaparece-em-foto-espacial.html>. Acesso em: 08/03/2019.

É assim todas as noites, todos os dias. O que explica isso não é que a Coreia do Norte seja repleta de "cidades-fantasma" ou que esteja fora do mapa como Tangamandápio, mas porque eles praticamente não têm energia elétrica. Vivem completamente à margem dos avanços capitalistas, isolados politicamente e com uma mentalidade digna de *Idade das Trevas* (com o perdão do trocadilho), há *anos-luz* da outra Coreia (com o perdão de mais um trocadilho).

Quem viaja à Coreia do Norte ou simplesmente vê uma imagem por satélite como essa não consegue imaginar ou acreditar que há menos de um século ela estava no mesmo patamar que a sua irmã do sul. Enquanto os sul-coreanos adotaram o capitalismo e passaram a ser um dos países mais desenvolvidos do mundo, os norte-coreanos que adotaram o socialismo pararam no tempo – ou melhor, *regrediram* – e vivem hoje na escuridão, em todos os sentidos (e trocadilhos) possíveis.

A completa disparidade entre as Coreias é ilustrada nos índices de Angus Maddison, que mede o PIB per capita histórico dos dois países. Como podemos observar pelos gráficos, embora os dois tenham iniciado de um mesmo patamar, não demorou muito para a superioridade da Coreia capitalista se tornar mais do que evidente. Como o problema do socialismo é que *uma hora o dinheiro dos outros acaba,* logo que isso aconteceu a Coreia socialista entrou em um declínio abismal do qual não saiu até hoje:



No ranking de PIB per capita das Nações Unidas de 2014, a Coreia do Norte ocupava a 179ª posição (entre 194 países), com US$ 696, e a Coreia do Sul a 32ª, com US$ 28.166 (o que significa que a renda média na Coreia do Sul é mais de 40 vezes superior à renda média na Coreia do Norte).

Na Alemanha foi a mesma coisa. Rapidamente a Alemanha Oriental surtiu os efeitos do ciclo natural do socialismo (empobrecer e entrar em miséria), sendo bem elucidativo o simples fato de que os alemães orientais começaram a fugir em massa para o lado ocidental (capitalista), o que forçou os orientais a construírem o famoso muro de Berlim, onde muita gente morreu tentando fugir para a parte ocidental (mas nunca ninguém tentou pular o muro do lado contrário).

Essa é uma das diferenças mais notáveis entre capitalismo e socialismo: enquanto um país capitalista como os Estados Unidos precisa controlar a entrada porque todo mundo quer entrar lá, o país socialista precisa controlar a saída, porque todos querem fugir de lá. Por causa da trágica experiência socialista, até hoje a região oriental da Alemanha é menos desenvolvida que a ocidental (embora atualmente a diferença seja menor do que já foi).

Finalmente, o muro foi derrubado em 1989, a Alemanha voltou a ser um só país capitalista, e tem hoje a quarta maior economia do mundo. Não importa onde quer que você analise: o roteiro é *sempre* o mesmo. Os países que optam pelo capitalismo liberal têm sucesso e prosperidade, e os que escolhem o socialismo ganham com isso ruína, miséria, genocídios e ditaduras sem fim. É uma verdadeira praga política, que hoje só se prolifera em países subdesenvolvidos de terceiro mundo, onde é mais fácil enganar e controlar as massas.

Essa, a propósito, é a característica mais comum de todo regime socialista, depois da miséria. Literalmente todos os países socialistas foram ou são ditaduras, onde o povo não tem a menor possibilidade de eleger seu governante ou de escolher o regime político. A esquerda marxista pregar democracia é a mesma coisa de Satanás pregar arrependimento de pecados.

Como eles sabem que democraticamente jamais chegariam ao poder e muito menos se manteriam lá, o jeito é tomá-lo pela força e não largar o osso jamais. Sempre que um país passa por uma revolução é através de golpes, totalitarismo de Estado, censura de toda a mídia e muito, muito sangue derramado. Os ditadores

passam a se achar os donos do país, sentados em um trono de ouro do qual só a morte pode tirá-los.

A família Castro é a "dona" de Cuba desde a revolução de 59, os "Kim" são os "donos" da Coreia do Norte desde sua criação em 45, na antiga URSS um ditador só assumia depois que o anterior morria, e mais recentemente, na Venezuela, Maduro pisou na Constituição, desprezou o Congresso, criou uma Constituinte paralela para lhe outorgar amplos poderes, antecipou eleições manifestamente fraudulentas, disse que quem não votasse nele perderia o "Cartão da Pátria" (uma espécie de Bolsa Família venezuelano, com a diferença de ser a única coisa que eles tem para sobreviver), prendeu quase todos os políticos da oposição (alguns desapareceram misteriosamente) e só não fechou a emissora de TV que criticava o socialismo porque seu antecessor Hugo Chávez já tinha feito isso antes dele.

Além da miséria, dos genocídios e das ditaduras, uma outra característica marca todo regime socialista: a completa e deliberada alienação das massas. Marx sabia bem disso, razão pela qual o Manifesto Comunista é claro em pregar a "centralização, nas mãos do Estado, de todos os meios de comunicação"[237]. Só com os meios de comunicação inteiramente nas mãos do Estado é que as massas podem se alienar o suficiente a ponto de se tornarem completamente inertes à realidade dramática em que vivem.

[237] MARX, Karl. *MIA: Marxists: Marx & Engels: Library: 1848: Manifesto of the Communist Party: Chapter 2*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1848/communist-manifesto/ch02.htm>. Acesso em: 15/12/2019.

Em nenhum país socialista há imprensa livre, em nenhum deles há jornais criticando o governo, em nenhum deles há sequer acesso à internet. Não existe internet em Cuba, da mesma forma que não há internet na Coreia do Norte (a exceção, é óbvio, recai sobre os próprios ditadores e demais autoridades públicas).

Recentemente o Fantástico fez uma reportagem na Coreia do Norte (disponível na nota de rodapé)[238] e aproveitou a oportunidade para entrevistar alguns cidadãos. Nenhum deles fazia a menor ideia do que é Facebook ou de quem é Justin Bieber (ignore o fato de que não saber quem é este último talvez seja coisa boa). O mais chocante é que nem mesmo o guia turístico (que o governo obriga que vigie o turista o tempo inteiro, como um cão de guarda) sabia o que era "internet"!

Na Venezuela, a pobreza é tamanha que o acesso à internet se tornou um bem escasso, e em breve o acesso será tão impossível quanto na Coreia do Norte e em Cuba. Lembro-me de vários jogadores venezuelanos de Age of Empires 3 com os quais jogava online há alguns anos, que já há muito desapareceram misteriosamente. O último que eu vi estava pedindo doação a um amigo *iraquiano* para poder comer, para ter uma noção do ponto em que a coisa chegou.

Ao mesmo tempo, não há qualquer interesse do governo em oferecer esse tipo de serviço ao povo. Com o acesso à informação eles teriam mais consciência da desgraça em que vivem na comparação com os outros países, o que aumentaria a revolta e a indignação popular – algo que o governo decisivamente não quer. A ideia do governo totalitário é manter todos como um gado alienado e subserviente

[238] FANTÁSTICO. *Da capital moderna ao interior atrasado, conheça a vida na Coreia do Norte*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7038844>. Acesso em: 02/03/2018.

ao Estado, que atua como um verdadeiro parasita que suga tudo para si, e então despeja migalhas para os outros.

Nicolae Ceaușescu, o ditador da Romênia socialista de 1974 a 1989, permitiu que fosse exibida a série americana *Dallas* em seu país na intenção de que as pessoas vissem o "vício" do capitalismo e concluíssem que havia muita vantagem no sistema socialista em que viviam. O que ele não esperava é que o tiro sairia pela culatra, já que o povo começou a ver toda aquela suntuosidade e se perguntar o porquê de eles não terem acesso àquilo. Por fim, o povo derrubou e executou o ditador, juntamente com sua esposa[239]. De lá pra cá, os socialistas aprenderam a lição: quanto mais o povo for mantido na ignorância, melhor. Portanto, nada de séries americanas, nem mesmo as anticapitalistas!

O lendário primeiro-ministro britânico Winston Churchill dizia que o lado ruim do capitalismo é a desigual distribuição das riquezas, e o lado bom do socialismo é a igual distribuição das misérias. Mas nessas misérias há uma exceção, que a essa altura você já deve suspeitar quem seja: o ditador, é claro. Enquanto o povo cubano morre de fome, a família Castro vive, literalmente, em um palácio. Enquanto o povo norte-coreano é mantido preso e refém do seu próprio Estado, a família Kim tem tudo do bom e do melhor. E enquanto o povo venezuelano perdeu em média 11 kg por falta de alimento nos últimos anos[240], Maduro não apenas engordou, como

[239] FOX NEWS. *Larry Hagman and 'Dallas' helped end communism in Romania*. Disponível em: <https://www.foxnews.com/entertainment/larry-hagman-and-dallas-helped-end-communism-in-romania>. Acesso em: 20/05/2019.
[240] EXAME. *64% dos venezuelanos perderam média de 11kg por falta de alimento*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/64-dos-venezuelanos-perderam-11kg-por-falta-de-alimentos>. Acesso em: 03/03/2019.

ainda janta em restaurante cinco estrelas na Europa[241]. Eu não preciso nem dizer como.

A massa de alienados pode até acreditar no socialismo com sinceridade, mas para as lideranças políticas o socialismo é apenas uma massa de manobra para controlar o povo, fazê-lo refém do Estado, instaurar um regime totalitário, perpetuar sua família no poder, roubar as propriedades alheias e engordar muito. Nenhum deles tem realmente a menor intenção de melhorar a vida do povo e muito menos se importam com os pobres, aos quais usam.

São como sanguessugas, que se apropriam de uma análise já refutada de Marx em um cenário de duzentos anos atrás para instaurar aqui em nossos dias o mesmo regime de terror que produziu não menos que cem milhões de mortes ao redor do mundo (mais que as duas guerras mundiais somadas), bem documentadas no "Livro Negro do Comunismo"[242].

Mas não só de miséria e de mortos vive o socialismo: também de campos de concentração. Campos de concentração com trabalho forçado (escravo) desempenharam um papel vital nos sistemas comunistas desde o início, a começar pelos campos de Lenin na União Soviética, em 1918[243]. Já em 1930, sob Stalin, havia

[241] G1. *Com país em crise, Maduro janta em restaurante famoso na Turquia e é criticado por opositores e venezuelanos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/18/com-pais-em-crise-maduro-janta-em-restaurante-famoso-na-turquia-e-e-criticado-por-opositores-e-venezuelanos.ghtml>. Acesso em: 02/03/2018.
[242] COURTOIS, Stéphane. *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror, Repressão*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.
[243] CAPLAN, Bryan. *Museum of Communism*. Disponível em: <http://econfaculty.gmu.edu/bcaplan/museum/comfaq.htm>. Acesso em: 13/03/2017.

mais de um milhão de internos, número que aumentou para dez milhões em 1940, em condições cada vez mais degradantes[244].

Parte desses horrores foi narrada pelo pastor Richard Wurmbrand (1909-2001), que passou vários anos preso e torturado nas prisões soviéticas por pregar o evangelho. Ele escreveu:

> Nós, crentes, éramos colocados em caixões apenas um pouco maiores do que nós. Não havia lugar para qualquer movimento. Muitas dúzias de pregos com suas pontas afiadas como giletes eram colocadas por todos os lados. Enquanto estávamos perfeitamente quietos, tudo ia bem. Éramos forçados a permanecer nessas caixas horas a fio. Quando, porém, nos fatigávamos e tombávamos de cansaço, os pregos estavam em nosso corpo. Se nos movêssemos, ou estremecêssemos um músculo, ali estariam os horríveis pregos.[245]

Ele também descreveu as formas de tortura e zombaria empregadas pelos comunistas ateus contra os cristãos, como colocá-los numa cruz para zombar de Cristo:

> Ali testemunhei coisas horríveis, tais como crentes amarrados em cruzes por quatro dias e quatro noites. A seguir eram as cruzes colocadas no chão e centenas de prisioneiros tinham de atender suas necessidades fisiológicas em cima dos rostos e dos corpos dos que

[244] ibid.
[245] WURMBRAND, Richard. *Torturado por amor a Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 2000, p. 24.

> estavam crucificados. Depois as cruzes eram de novo levantadas e os comunistas escarneciam: "Olhem para o Cristo de vocês! Que bonito ele é! E que fragrância traz dos céus!". Descrevi como, depois de ficar quase louco pelas torturas, um padre ortodoxo foi obrigado a consagrar fezes e urina humana para dar em comunhão aos cristãos.[246]

A China socialista também possuía seus campos de concentração[247] e acredita-se que permanece possuindo até hoje, embora negue oficialmente[248] (nota: por ironia do destino, o governo chinês admitiu a existência desses campos antes do término da escrita deste livro. Obrigado, governo chinês![249]). Estima-se que nos últimos 50 anos mais de 50 milhões de pessoas foram enviadas a estes campos[250] e que atualmente ainda existem centenas ou milhares destes campos de trabalho forçado, destinados principalmente para presos políticos[251], mas que também inclui exploração sexual de mulheres e crianças[252].

---

[246] ibid, p. 25.
[247] SILVA, Francisco. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções: 1919-1945: a época dos fascismos, das ditaduras e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. v. 2, p. 155.
[248] AL JAZEERA ENGLISH. *Prison slaves: China is the world's factory, but does a dark secret lurk behind this apparent success story?* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/slaverya21stcenturyevil/2011/10/2011101091153782814.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[249] G1. *China diz que maioria dos internos em campos de concentração foram libertados*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/30/china-diz-que-maioria-dos-internos-em-campos-de-concentracao-foram-libertados.ghtml>. Acesso em: 14/12/2019.
[250] LEWIS, Aaron. *Inside the Lao Gai*. Disponível em: <http://news.sbs.com.au/dateline/inside_the_lao_gai_130581>. Acesso em: 13/03/2017.
[251] WU, Harry. *Labor camps reinforce China's totalitarian rule*. Disponível em: <http://edition.cnn.com/SPECIALS/1999/china.50/red.giant/prisons/wu.essay/>. Acesso em: 13/03/2017.
[252] SMITH, Alexander. *30 million people still live in slavery, human rights group says*. Disponível em: <http://www.nbcnews.com/news/other/30-million-people-still-live-slavery-human-rights-group-says-f8C11409499>. Acesso em: 13/03/2017.

Quem também emprega o trabalho escravo atualmente em campos de concentração é a Coreia do Norte, onde os presos são sujeitos à tortura e a tratamentos desumanos[253], além de execuções públicas[254] (inclusive de crianças) e infanticídio por meio de aborto forçado ou assassinato de bebês depois do nascimento[255]. São muitos os que morrem em decorrência das torturas, da fome ou de doenças[256]. Estima-se que haja 200 mil prisioneiros nestes campos de concentração[257], sendo 50 mil deles só em Hoeryong[258]. A existência destes campos só foi reconhecida recentemente pelas autoridades norte-coreanas[259].

Um relatório de 400 páginas da ONU com duzentos testemunhos de prisioneiros fugitivos e ex-guardas norte-coreanos[260] registrou, entre outras coisas, crianças lutando sobre quem poderia comer um grão de milho obtido a partir de esterco de

[253] KRISTOF, Nicholas D. *Survivors report torture in North Korea labor camps*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1996/07/14/world/survivors-report-torture-in-north-korea-labor-camps.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[254] AMNESTY INTERNATIONAL. *North Korea: torture, death penalty and abductions - information sheet*. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/documents/ASA24/003/2009/en/>. Acesso em: 13/03/2017.
[255] HAWK, David. *The hidden gulag – Part Five: summary of torture and infanticide information*. Disponível em: <http://www.hrnk.org/uploads/pdfs/HRNK_HiddenGulag2_Web_5-18.pdf>. Acesso em: 13/03/2017.
[256] TIME. *Running Out of the Darkness*. Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1186569,00.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[257] AMNESTY INTERNATIONAL. *North Korea: torture, death penalty and abductions - information sheet*. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/documents/ASA24/003/2009/en/>. Acesso em: 13/03/2017.
[258] AMNESTY INTERNATIONAL. *North Korea: Political Prison Camps*. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/library/asset/ASA24/001/2011/en/2671e54f-1cd1-46c1-96f1-6a463efa6f65/asa240012011en.pdf/>. Acesso em: 13/03/2017.
[259] O GLOBO. *Coreia do Norte admite existência de campos de concentração para 'reformar' cidadãos*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/coreia-do-norte-admite-existencia-de-campos-de-concentracao-para-reformar-cidadaos-14179373>. Acesso em: 13/03/2017.
[260] UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. *Report of the Commission of Inquiry on Human Rights in the Democratic People's Republic of Korea*. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/CoIDPRK/Pages/ReportoftheCommissionofInquiryDPRK.aspx>. Acesso em: 13/03/2017.

vaca[261], guardas cortando o dedo de um homem[262], forçando presos a comerem sapos[263], obrigando uma mãe a matar seu próprio bebê em uma vasilha com água[264], crianças dadas como "prêmio" para cães[265] e sendo enterradas vivas[266], pessoas obrigadas a delatar seus familiares em troca de uma ração completa de arroz para encher o estômago e depois vê-los sendo enforcados publicamente[267], e centenas de milhares de prisioneiros sobrevivendo apenas com uma ração diária de 400 gramas de mingau de milho, tendo que comer ratos vivos para não morrer de fome[268].

O que a antiga União Soviética tinha em comum com a China e a Coreia do Norte comunistas, além do histórico de genocídios? O ateísmo de Estado. Nestes lugares, a religião era ou é proibida, e o ateísmo é fortemente encorajado, senão *forçado* à população[269]. O líder comunista chinês Chou En-lai declarou: "Nós, comunistas, somos ateus"[270]. Marx dizia que "a religião é o ópio do povo"[271], que "o comunismo começa onde começa o ateísmo"[272] e que "o comunismo abole as verdades eternas,

[261] NATIONAL GEOGRAPHIC. *Inside North Korea*, transmitido pelo The History Channel em 2006.
[262] EXAME. *Horrores de campos de concentração norte-coreanos expostos*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/coreanos-sao-expostos-em-comissao-da-onu/>. Acesso em: 13/03/2017.
[263] ibid.
[264] ibid.
[265] PORTAL TERRA. *Crianças eram dadas como 'prêmio' para cães na Coreia do Norte*. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/mundo/asia/criancas-eram-dadas-como-premio-para-caes-na-coreia-do-norte,4f4243ec72e64410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[266] ibid.
[267] EL PAÍS INTERNACIONAL. *Um desertor norte-coreano: "Delatei minha mãe por uma ração de arroz".* Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/18/internacional/1392732706_750079.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[268] ibid.
[269] RAUM, Elizabeth. *North Korea. Series: Countries Around the World*. North Mankato: Heinemann, 2012, p. 28.
[270] ENLAI apud NOEBEL, David. *The Battle for Truth*. Oregon: Harvest House, 2001, p. 68.
[271] MARX, Karl. *Introduction to a contribution to the critique of Hegel's philosophy of right*. Disponível em: <http://www.quotationspage.com/quote/31765.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[272] MARX, Karl. *Private property and communism*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/manuscripts/comm.htm>. Acesso em: 13/03/2017.

abole a religião e a moral"[273]. Lenin não deixava por menos: "O marxista tem que ser um materialista, isto é, um inimigo da religião"[274]. Havia a necessidade de ser "absolutamente ateísta e positivamente hostil a todas as religiões"[275].

Ele ordenava roubar as propriedades da Igreja Ortodoxa Russa "com a mais agressiva e brutal energia"[276] e "por quaisquer meios necessários"[277]. McGrath afirmou que "em seus esforços de forçar a ideologia ateísta, as autoridades soviéticas destruíram e eliminaram sistematicamente a grande maioria das igrejas e dos sacerdotes entre 1918 e 1941. A violência e a repressão foram empreendidas na busca de um programa ateísta: a eliminação da religião"[278].

De 1917 a 1923 foram presos 128 bispos e cerca de 25 mil sacerdotes, terminando quase todos assassinados nos campos de concentração[279]. Neste mesmo período, cerca de 40 mil igrejas foram destruídas ou destinadas a outros fins[280]. Engels sustentava que o comunismo "levaria à morte da religião"[281], e Stalin era conhecido por fazer propaganda pública do ateísmo pelo país, usando a máquina do Estado para este fim. O socialista ateu Maxim Gorky escreveu à época uma carta a Stalin, onde sugere:

---

[273] LENIN, Vladmir. *The attitude of the workers' party to religion*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1909/may/13.htm>. Acesso em: 13/03/2017.
[274] LENIN apud CAPLAN, Bryan. *Museum of Communism*. Disponível em: <http://econfaculty.gmu.edu/bcaplan/museum/comfaq.htm>. Acesso em: 13/03/2017.
[275] LENIN, Vladmir. *The attitude of the workers' party to religion*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1909/may/13.htm>. Acesso em: 13/03/2017.
[276] LENIN, Vladmir. *Letter from Lenin*. Disponível em: <http://www.loc.gov/exhibits/archives/ae2bkhun.html>. Acesso em: 13/03/2017.
[277] ibid.
[278] McGRATH, Alister; McGRATH, Joanna. *O Delírio de Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 99.
[279] Brotéria: cultura e informação (1964), p. 719. Disponível em: <https://goo.gl/8eljRO>. Acesso em: 13/03/2017.
[280] ibid.
[281] LENIN, Vladmir. *The attitude of the workers' party to religion*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1909/may/13.htm>. Acesso em: 13/03/2017.

> É imperativo colocar a propaganda do ateísmo em patamar sólido. Você não conseguirá muito com as armas de Marx e o materialismo, como temos visto. Materialismo e religião são dois diferentes planos e eles não coincidem. Se um tolo fala dos céus e o sábio de uma fábrica, eles não irão se entender. O sábio precisa atingir o tolo com seu cajado, com sua arma.[282]

Como se nota, os comunistas têm não apenas um plano político de destruição dos países que ocupam, mas também um plano de destruição da religião, seja ela qual for, o que foi de fato implementado em cada lugar onde eles assumiram o poder. O comunismo se dá tão bem com a religião quanto se dá com o capitalismo. Às vezes se aproximam de líderes religiosos para conseguir chegar ao poder, mas uma vez tendo alcançado o que queriam cospem na cara e os tratam com toda crueldade que é possível imaginar.

Foi assim que Cuba passou de uma ilha católica para ateia, e o mesmo se deu com muitos dos países que antes compunham a URSS e tinham a ortodoxia oriental como a principal fé nacional, sendo hoje esmagadoramente ateus. Na China, a Igreja Católica teve recentemente que se dobrar perante o Partido Comunista Chinês e reconhecer lealdade a ele para ser oficialmente aceita[283], permitindo que o Partido Comunista nomeasse os bispos, enquanto as igrejas evangélicas preferiram permanecer subterrâneas e ilegais.

---

[282] GORKY, Maxim. *Letter from Gorky to Stalin*. Disponível em: <http://www.loc.gov/exhibits/archives/f2gorky.html>. Acesso em: 13/03/2017.

[283] G1. *Igreja Católica da China jura lealdade ao Partido Comunista após acordo com Vaticano*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/23/igreja-catolica-da-china-jura-lealdade-ao-partido-comunista-apos-acordo-com-vaticano.ghtml>. Acesso em: 02/03/2019.

Salta aos olhos o fato de artistas "globais" declaradamente socialistas nunca passarem as férias em Cuba, na Venezuela ou na Coreia do Norte, embora defendam regimes como esses e despejem sua fúria contra os Estados Unidos, o porco capitalista. Ironicamente, é justamente o "porco capitalista" o destino preferido dessas mesmas celebridades, e quando não é os Estados Unidos é algum outro país tipicamente capitalista da Europa. Para os outros pregam o socialismo; para eles mesmos, socialismo nem pensar.

Essa típica postura esquerdista é o tema do livro *Esquerda Caviar,* de Rodrigo Constantino, que denuncia a hipocrisia dos artistas e intelectuais "progressistas" no Brasil e no mundo, que são por si só uma prova incontestável da superioridade do capitalismo[284]. É cômodo demais criticar o capitalismo enquanto usufruem da liberdade, conforto e direitos que nenhum outro sistema oferece – muito menos aquele que eles tanto defendem.

Em síntese, os erros socialistas não são "falhas de aplicação", mas equívocos estruturais. Trata-se antes de tudo de um sistema político baseado em falsas premissas econômicas e filosóficas, que dá respostas erradas a um problema antigo que já foi superado há muito tempo nos países desenvolvidos, não através de revoluções marxistas, mas por meio do puro e simples capitalismo de mercado.

É a livre concorrência e o livre mercado que proporcionam melhores condições de vida para todos, enquanto o socialismo se limita a socializar as misérias, dividindo igualmente as migalhas a um povo esfomeado e desesperançoso (exceto para o

[284] CONSTANTINO, Rodrigo. *Esquerda caviar: A hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo*. São Paulo: Record, 2013.

ditador e a família do ditador, que merecem uma fatia maior). Basta olhar para os países mais desenvolvidos do mundo, onde praticamente não há pobreza e todos vivem bem – como Suíça, Inglaterra, Alemanha, Noruega, Holanda e etc – para ver que eles não chegaram a este patamar através de uma "ditadura do proletariado", mas precisamente pelo capitalismo.

Mesmo assim, ao invés de nós, latino-americanos em estágio de desenvolvimento, aprendermos com eles e seguirmos seus passos, preferimos seguir o mau exemplo de países que só conseguiram matanças, genocídios, perseguições, totalitarismo, miséria e escassez de tudo o que é básico. É preciso ser ignorante em extremo para acreditar realmente que o caminho da prosperidade é aquele mesmo que só gerou desgraça em cada canto de terra em que foi implementado, e não o aplicado pelos países mais bem-sucedidos do mundo (que o aplicam desde muito antes de nós, e por isso estão à nossa frente).

Infelizmente, a maioria dos jovens não está satisfeita com uma evolução lenta e gradual. Dizer que a extrema-pobreza cai 0,5% por ano soa como nada para alguém que tem pressa pra tudo na vida e colocou na cabeça que sua geração vai mudar o mundo da noite pro dia, o que nenhum sistema sério é capaz de oferecer. Por isso se inclinam tão facilmente a teorias de "solução fácil" como o socialismo, que na prática servem apenas para emperrar o progresso e colocar tudo a perder – incluindo a liberdade, os direitos civis, os bens adquiridos com tanto trabalho e, acima de tudo, vidas humanas.

Numa fase em que o cérebro ainda está em formação e que é mais facilmente inclinado a aceitar acriticamente o que lhe é posto, teorias que resolvem tudo em

um passe de mágica fazem um enorme sucesso. É só depois que crescem que começam a perceber que o mundo não é tão simples como pensavam, e que a prática destoa muito da teoria. Infelizmente, alguns nunca chegam a crescer, e quando estes "adultos não-crescidos" chegam ao poder, é hora de fazer as malas.

Como disse Georges Clemenceau, "um homem que não seja um socialista aos 20 anos não tem coração. Um homem que ainda seja um socialista aos 40 não tem cérebro". Ninguém definiu melhor o socialismo que o famoso campeão mundial de xadrez Garry Kasparov, que nasceu na União Soviética e sabe na pele o que é isso: *Socialism, where everything is free except you!* ("Socialismo, onde tudo é livre, exceto você")[285].

Como a ideologia socialista apresenta desde o princípio uma visão totalitária de Estado, é natural que toda sociedade revolucionária seja totalitária, perpetuando ditadores no poder, que lá se mantém à base de genocídios, campos de concentração, cerceamento total da liberdade de imprensa e alienação completa das massas. É mais que um regime de terror: é o próprio inferno na terra.

[285] Disponível em: <https://twitter.com/kasparov63/status/691666895146070016>. Acesso em: 05/05/2019.

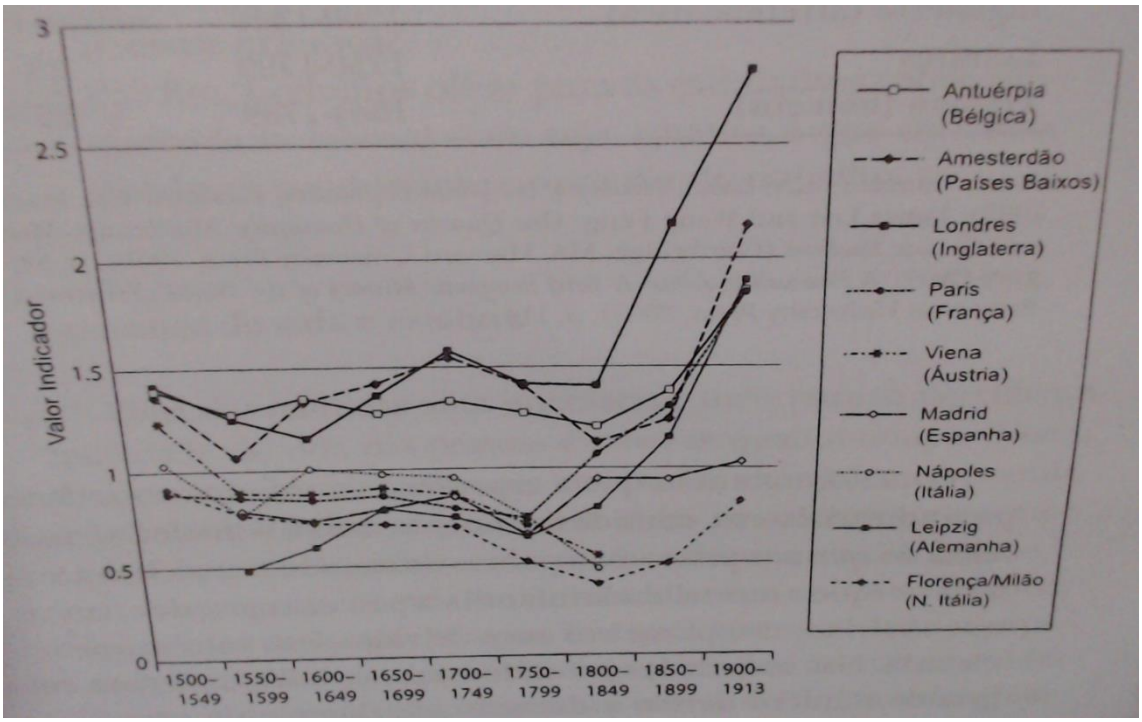
• A ascensão do capitalismo industrial

O capitalismo industrial tem suas raízes na Revolução Industrial inglesa, nas últimas décadas do século XVIII. "É a Inglaterra que abre as portas à grande indústria durante a segunda metade do século. É neste país que nasce a Revolução Industrial, que se estenderá sobre a globalidade do continente europeu antes de ser aceita pelo resto do mundo ao longo dos séculos XIX e XX"[286].

Já vimos que antes do capitalismo os salários aumentavam e diminuíam de ano para ano, mas em geral se mantinham estáveis, por isso a médio e longo prazo não havia crescimento. Goldstone diz que "se mostrássemos os salários de todos os anos, o gráfico descreveria um ziguezague ascendente e descendente, semelhante ao das ondas de rádio"[287].

Tudo muda a partir da Revolução Industrial, que elevou os salários reais nas cidades numa escala muito superior a qualquer outra época. Em seu livro, Goldstone mostra os gráficos que comparam o salário real nas cidades durante os anos 1500-1913. Como você pode observar, a partir de 1800 os salários começam a disparar, principalmente em Londres (Inglaterra), que lidera o gráfico com ampla vantagem sobre os demais:

[286] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 152.
[287] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 130.

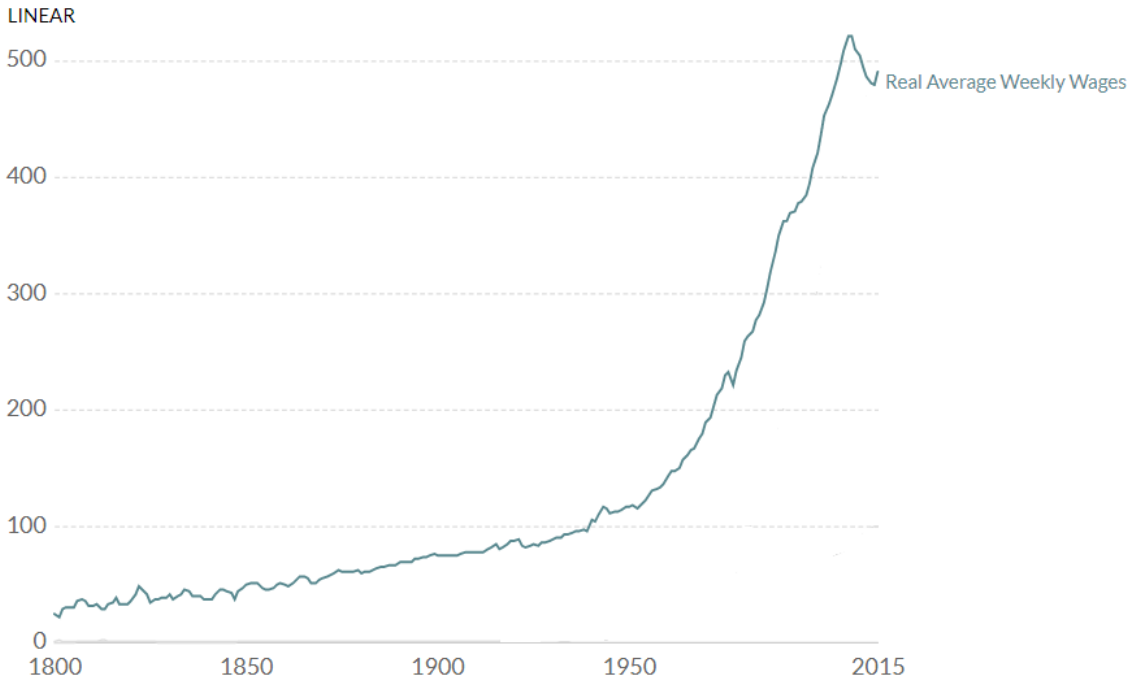


(Fonte: GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 129)

Em outras palavras, embora a propaganda marxista nos diga o contrário, foi a Revolução Industrial que aumentou o salário real dos trabalhadores e colocou o mundo em patamares jamais alcançados, nos proporcionando as condições de vida que temos hoje. Se o mundo atual se parece tão distante do que era na Idade Média, devemos muito disso à Revolução Industrial.

Os números não mentem: um inglês em 1900 ganhava praticamente *o dobro* de um inglês do período anterior à revolução. Assim, embora os primeiros anos não tenham sido nada fáceis – como também não eram fáceis antes –, em pouco tempo a situação mudou tanto que todos os países da Europa passaram a se espelhar no modelo inglês e a se industrializar também.

No gráfico do economista Max Roser[288], podemos ver claramente a ascensão meteórica no salário real dos ingleses a partir da Revolução Industrial:



Vale lembrar que, diferente do salário nominal, que consiste na quantidade de notas ou moedas recebidas de acordo com o padrão monetário vigente, o salário real é medido em termos de poder de compra (de bens e serviços). Por exemplo, com a crise na Venezuela, a moeda venezuelana perdeu tanto valor que passou a valer quase nada. Em 2018, um quilo de pêssegos custava cerca de 1,1 milhão de bolívares. A inflação (desvalorização da moeda) alcançou o maior patamar da história do mundo, com 1.500.000% anuais. Como a moeda venezuelana já estava valendo menos que dinheiro de Banco Imobiliário, Maduro aumentou o salário mínimo em 150% (o que na prática significava rigorosamente nada).

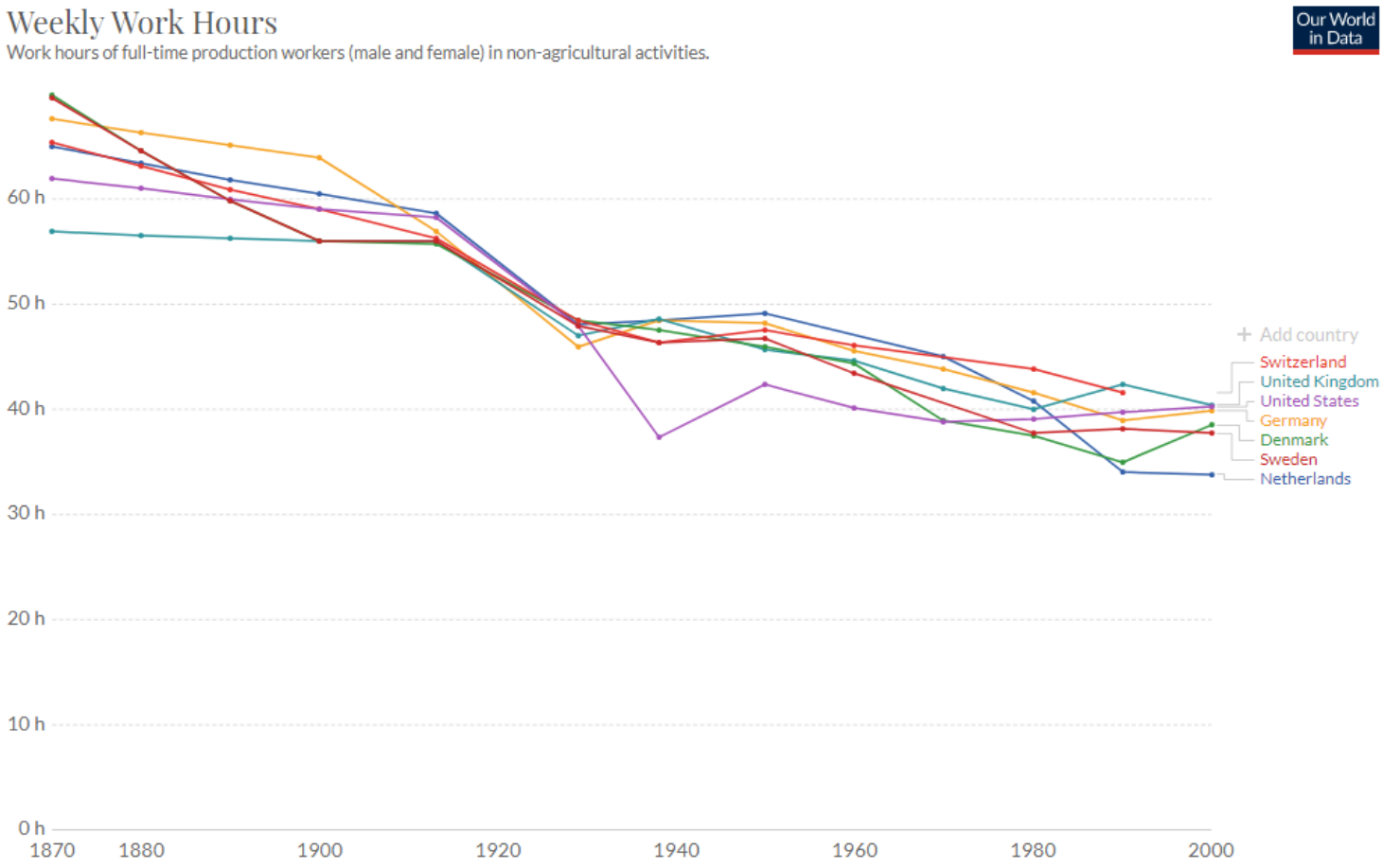
[288] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/nominal-wages-consumer-prices-and-real-wages-in-the-uk-since-1750?time=1800..2015>. Acesso em: 13/09/2019.

Note que uma coisa é o salário *nominal,* que aumentou 150%, e outra coisa totalmente diferente é o salário *real* (poder de compra), que continuou despencando com a inflação astronômica. Quando mostramos neste gráfico a elevação acelerada do salário *real* inglês a partir da Revolução Industrial, não estamos falando de um mero "aumento de moedas", mas de um *poder de compra* maior.

De fato, o salário nominal inglês pouco aumentou até 1970, mas com o salário que se ganhava em 1970 se podia comprar sete vezes mais do que se comprava em 1800. Isso significa que a Revolução Industrial *realmente* elevou o padrão de vida das pessoas, e não pouca coisa. Ao mesmo tempo em que os salários reais aumentaram consideravelmente a partir da Revolução Industrial e continuaram crescendo desde então, as horas semanais de trabalho foram diminuindo na medida em que o capitalismo avançava no mundo todo.

No gráfico abaixo, também de Max Roser, podemos ver a média de horas trabalhadas por semana na Suíça, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, Dinamarca, Suécia e Holanda. Note que no século XIX a média de horas de trabalho por semana ultrapassava as 60h, diminuindo progressivamente até chegar a menos de 40h em 2000[289]:

[289] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/work-hours-per-week?time=1870..2000&country=NLD+DEU+GBR+DNK+CHE+USA+SWE>. Acesso em: 31/12/2019.



Note ainda que o único país que em 1870 estava abaixo das 60h semanais de trabalho era o Reino Unido, que até aquele momento era justamente o país que tinha o estágio mais avançado de capitalismo. Esses dados mostram com clareza que quanto mais o capitalismo progride em um lugar, menos horas de trabalho são necessárias para produzir o suficiente para todos. Se nos tempos antigos as pessoas passavam o dia todo trabalhando praticamente sem folga, hoje o cenário é bem diferente nos países mais capitalistas do mundo (com férias, feriados, fins de semana, intervalo de 1h para o almoço e menos de 40h de trabalho por semana).

Isso significa que o capitalismo industrial elevou a produção e os salários ao mesmo tempo em que diminuiu as horas trabalhadas, o que levou a uma mudança drástica na lógica milenar do campo como sendo melhor do que a cidade. Assim, "algumas

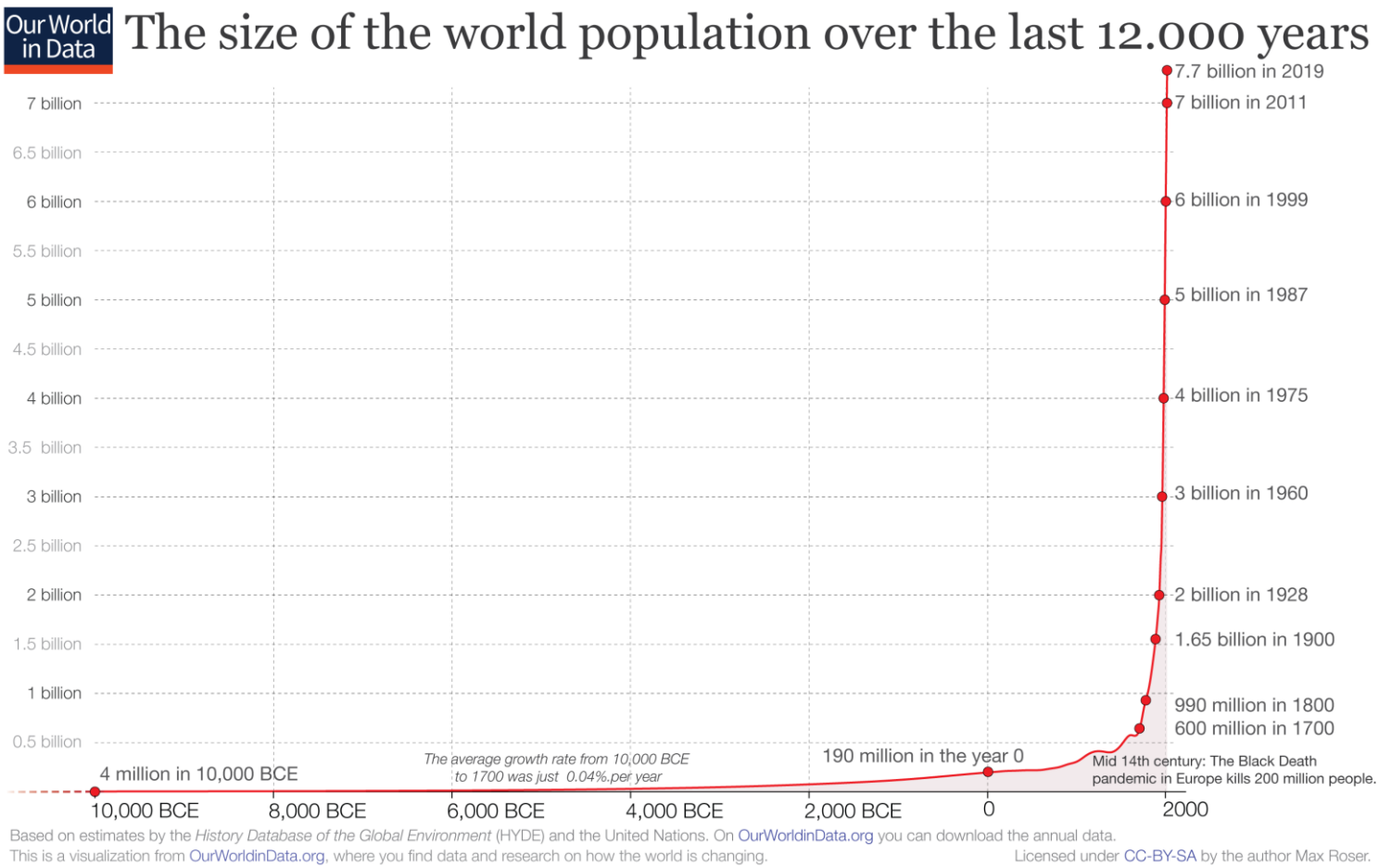
regiões e países inteiros que dependiam sobretudo da agricultura ficaram para trás"[290].

Goldstone diz que "apesar das histórias que se contavam sobre as terríveis condições fabris e a pobreza dos operários, foi nestes países onde a indústria continuou totalmente ausente durante o século XIX – Itália, Espanha e Áustria – que os salários reais desceram mais, e os trabalhadores ganharam menos"[291]. Embora a maioria das pessoas ainda acredite no mito de que a Revolução Industrial abaixou drasticamente o padrão de vida dos trabalhadores, "o padrão médio de vida se elevou"[292].

A melhoria radical no padrão de vida levou ao súbito aumento populacional, pois elevou a expectativa de vida na mesma medida em que a mortalidade infantil decaía. A humanidade inteira levou milhares de anos para atingir a marca de um bilhão de habitantes em 1800 (no início da Revolução Industrial). Isso significa pelo menos 200 mil anos, se você for evolucionista, ou 6 mil, se for criacionista.

Apenas um século depois, já tinha quase dobrado esse contingente. Mais um século, e chegamos hoje a incríveis sete bilhões, algo inimaginável há tão pouco tempo. No gráfico de Max Roser, você pode conferir como o mundo crescia de forma regular até os anos 1700-1800, e começa a disparar desde então[293]:

[290] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 149.
[291] ibid, p. 151-152.
[292] WOODS JR, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental.* São Paulo: Quadrante, 2008, p. 71.
[293] Disponível em: <https://ourworldindata.org/uploads/2018/11/Annual-World-Population-since-10-thousand-BCE-for-OWID.png>. Acesso em: 23/12/2019.



O crescimento a partir da Revolução Industrial foi tão incrível que, ao final do século XX, o número de pessoas que nascia em cada vinte anos já era superior ao total da população global duzentos anos antes[294]. Esses impressionantes números corroboram tudo o que vimos até aqui: a qualidade de vida, que se manteve praticamente estática em um patamar baixo até o capitalismo moderno, passou por uma verdadeira revolução, proporcionando a nós hoje um padrão de vida inatingível a qualquer cidadão de séculos passados. E graças a isso a população passou a crescer como nunca, favorecida pelos novos índices de expectativa de vida, que superam em muito os do passado.

[294] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 31.

A ilusão que se tem de que o padrão de vida atual é pior do que já foi no passado é tão errada quanta a ilusão de que esse crescimento se deu de forma crescente, lenta e gradual, que teria nos levado até hoje. Na verdade, o que houve foi um *salto abrupto* na qualidade de vida, equivalente ao surto capitalista. Se não fosse pelo capitalismo, os últimos duzentos anos não teriam sido diferentes de qualquer outro intervalo de tempo equivalente em qualquer época anterior, quando pouca coisa foi mudada para melhor ou pior.

É o surto capitalista que gerou o aumento brusco da população, que, vivendo mais e melhor, morre menos e se multiplica com facilidade. É importante reforçar que esse surto populacional não se deu simplesmente porque as pessoas decidiram ter mais filhos. Na verdade, seria o contrário. Como vimos, antes do capitalismo era comum famílias de até vinte filhos, mas esses filhos morriam cedo, muitos deles antes mesmo de completar um ano.

Após o capitalismo industrial as pessoas passaram a ter menos filhos, mas mesmo assim a população cresceu e segue crescendo, porque a maior *qualidade* de vida implica em maior *expectativa* de vida. Esse aumento populacional não se observava de modo significativo nos séculos que antecederam o capitalismo, pelo simples fato de que não havia nenhuma qualidade de vida que o acompanhasse. Neste contexto, Goldstone escreve:

> Em qualquer sociedade, a expectativa de vida era mais baixa nos períodos de surtos epidêmicos e mais elevada quando os níveis de doença desciam. No entanto, ao olharmos para sociedades diferentes, nos mesmos períodos da história mundial, partimos do princípio de

> que nos lugares onde havia mais alimentos, melhores habitações e roupa melhor, as pessoas viviam mais tempo.[295]

Vicentino complementa:

> Não há dúvidas quanto aos proveitos tecnocientíficos e de produção resultantes da industrialização. Medicina, comunicações, alimentação, transportes, entre outros setores, exibem situação incomparável à existente até o século XVIII. Um exemplo evidente é a expectativa de vida nos países europeus, que até o século XVIII não passava dos 30 anos e hoje vai além dos 70.[296]

Os efeitos da Revolução Industrial foram imediatamente sentidos em toda a Europa. Nenhuma cidade tinha mais de 100 mil habitantes antes da revolução, mas em 1850 já havia 22 cidades europeias com este contingente populacional, que apenas dez anos mais tarde saltaria para 45, e em 1913 subiria para 184. No início do século XX, "mais da metade da população da Europa Ocidental já vivia em cidades, atraída por oportunidades geradas pela industrialização"[297].

Pense nisso: durante *toda* a história humana até a Revolução Industrial, a população que vivia no campo sempre foi muito mais numerosa do que a que vivia nas cidades, mas este quadro se inverteu drasticamente a partir de então. O que explica uma reviravolta tão brusca e inesperada? Embora a mudança tenha sido imensa,

[295] ibid, p. 125.
[296] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 30.
[297] ibid, p. 72.

entendê-la não é difícil. Antes, a vida na cidade não proporcionava tantas oportunidades como hoje, por isso as pessoas do campo preferiam continuar vivendo no campo.

Depois, a vida na cidade se tornou mais atraente, na medida em que novas oportunidades foram surgindo e proporcionando melhores condições de vida ali do que no campo, o que levou a uma onda migratória gigante do campo para a cidade. O que mudou não foi o campo, que continua sendo o mesmo de antes, mas as cidades, que antes eram piores de se viver, e depois ficaram melhores.

Essa ruptura radical no padrão que a humanidade observou em *toda* a história não apenas "coincide" com o capitalismo industrial, mas é diretamente causada por ele. Foram as melhores condições de vida que o capitalismo proporcionou nas cidades que serviram de motivação para a transição de milhões de pessoas da área rural para a urbana.

Em 1800, as pessoas que viajavam por terra ainda viajavam a pé, ou a cavalo, ou em carroças puxadas a cavalo, como faziam há milhares de anos[298]. Um cidadão de qualquer lugar do mundo no século XVIII, se ressuscitasse nos dias de hoje, teria uma mistura de assombro e fascínio ao ver aviões, carros ou mesmo bicicletas, que fazem qualquer pessoa de classe média desfrutar de coisas que nem o homem mais rico do mundo sonharia há poucos séculos.

[298] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 32.

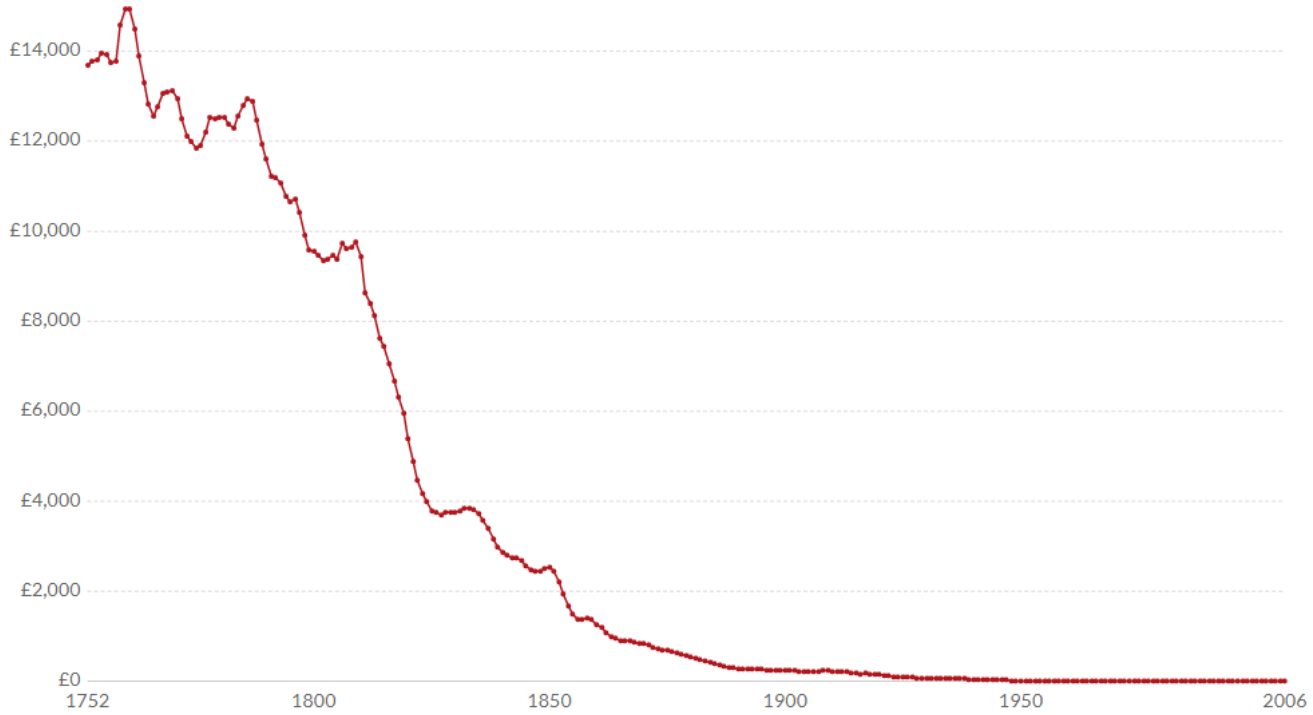
Um "bilionário" do passado se impressionaria muito mais com um "simples" computador, uma "simples" televisão, um "simples" carro, um "simples" smartphone, uma "simples" lâmpada elétrica, um "simples" sistema de saneamento e abastecimento, um "simples" fogão para cozinhar, uma "simples" geladeira para conservar a comida ou uma "simples" internet para conversar com pessoas do mundo todo, do que com toda a riqueza de seu palácio.

Todas essas coisas nos parecem hoje tão simples porque são *usuais,* o que nos faz frequentemente ignorar o seu valor (mas nós logo recordamos quando precisamos acender velas na ausência de energia elétrica, passando por breves momentos um pouco daquilo que eles passavam na vida inteira). São essas coisas "usuais" que fazem qualquer um de nós ser mais privilegiado que os reis do passado, que podiam ter tudo o que era possível ter naquela época, o que ainda assim representava muito pouco em comparação ao que qualquer pessoa de classe média tem nos dias de hoje, sem as quais dificilmente conseguiríamos viver satisfatoriamente.

Em outras palavras, coisas que para nós são "normais", para eles estariam acima do extraordinário. Tome como exemplo a energia elétrica, descoberta por Benjamin Franklin em 1752. No princípio, o custo da iluminação por milhão de lúmens-hora no Reino Unido era gigantesco, o que na prática significa que apenas as pessoas mais ricas podiam dispor deste privilégio.

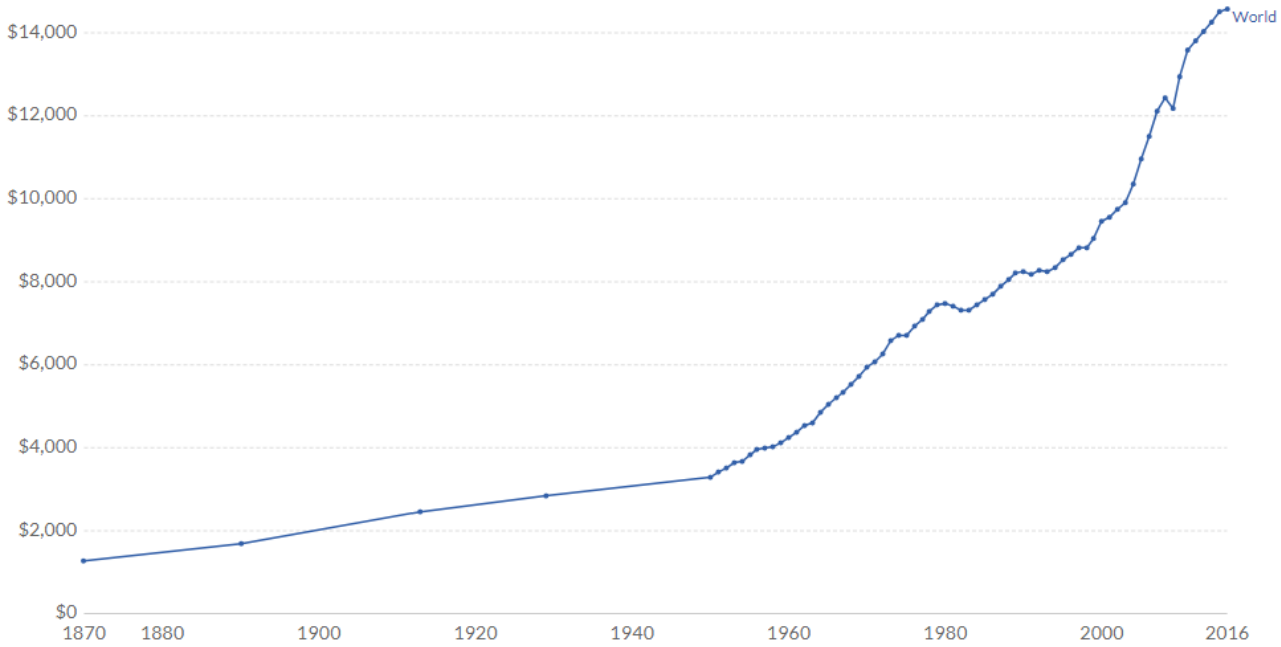
Com o passar do tempo, e sobretudo em função da Revolução Industrial, o preço da iluminação foi se tornando cada vez mais acessível, a ponto de hoje haver

energia elétrica até para quem mora em uma favela ou no sertão do Nordeste. O gráfico abaixo de Max Roser demonstra isso com números[299]:



Ao mesmo tempo em que a mortalidade infantil diminui com o capitalismo, a renda per capita (já ajustada pela inflação e pelo poder de compra) cresce como nunca antes[300]:

[299] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/the-price-for-lighting-per-million-lumen-hours-in-the-uk-in-british-pound?time=1752..2006>. Acesso em: 11/12/2019.
[300] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/maddison-data-gdp-per-capita-in-2011us?tab=chart&time=1870..2016&country=OWID_WRL>. Acesso em: 11/12/2019.



Mas se a renda cresce tanto, por que isso nos parece quase imperceptível? O que melhor explica isso é a nossa tendência em relativizar as coisas comparando-nos com o próximo, em vez de com nós mesmos. Se você parar pra pensar, verá que muita coisa evoluiu na sua vida de quinze anos pra cá, mesmo que não pareça. Há quinze anos, você provavelmente tinha uma internet discada que custava proporcionalmente muito mais do seu salário (mesmo sendo muito pior) e que fazia um barulho ensurdecedor só pra conectar. Há quinze anos, você provavelmente ainda tinha um Windows 98, onde um único jogo ou filme baixado da internet ocupava toda a memória do computador.

Há quinze anos, o carro que você usava era provavelmente um modelo pior e mais ultrapassado de carro do que o que você usa hoje. Há quinze anos, você provavelmente tinha uma televisão de tubo de 15 polegadas e precisava a todo momento arrumar a antena para a imagem ficar menos ruim, e hoje tem uma TV digital maior e melhor. Há quinze anos, você provavelmente tinha um rádio velho,

uma geladeira velha, um microondas velho, um fogão velho e uma máquina de lavar velha que foram trocados por aparelhos melhores e mais modernos.

Há quinze anos, você provavelmente tinha menos roupas no armário do que tem hoje, seus tênis e camisas eram mais simples, talvez sua rua (como a minha) não fosse asfaltada, não tinha redes sociais, se contentava com um Super Nintendo, não existia o Google para ajudar nas pesquisas, seu celular era um "tijolão" e nem sonhando teria WhatsApp (para enviar mensagens, só por SMS pago) ou aplicativos como o Uber (quer chegar em casa, pega um táxi), sem falar que recebia trotes no telefone fixo sem saber o número de quem ligou e sem ter como bloqueá-lo.

Durante esses 15 anos, muitos conseguiram uma casa própria, ou alugaram um lugar melhor, ou reformaram suas propriedades. Muitos entraram na universidade, muitos fizeram pós-graduação, muitos abriram um negócio, muitos aumentaram de renda, muitos passavam fome e não passam mais. Logicamente há exceções, mas quase sempre a pessoa que é pobre hoje era mais pobre ainda há 15 anos.

Esse progresso não aconteceu apenas no Brasil, mas no mundo todo. E isso porque estamos falando *apenas dos últimos quinze anos,* que são quase nada em se tratando da história humana como um todo ou desde a ascensão do capitalismo. Se recuássemos um pouco mais, a televisão seria em preto e branco, o computador nem existiria, o celular seria uma coisa tão impossível quanto carros voadores e quem tinha um chevette era rico.

Então, voltando à pergunta, por que a maioria das pessoas tem a sensação de que nada muda nas suas vidas e que elas continuam na mesma? Porque ao invés de nos

compararmos com nós mesmos, temos a tendência de nos comparamos *com o próximo*. E como o próximo está progredindo da mesma forma que a gente, a *percepção* que temos é que não saímos do mesmo lugar (mesmo que isso esteja longe de ser verdade).

Se você estiver no interior de um trem de levitação magnética, com as janelas fechadas e com um bom isolamento acústico, você não será capaz de dizer a qual velocidade você se move, nem ao menos perceberia o movimento do trem. Isso acontece porque você e o trem se movem com a mesma velocidade. Da mesma forma, nós muitas vezes não damos o devido valor ao que conquistamos na vida porque temos o péssimo hábito de nos compararmos com o próximo e de só acharmos que estamos melhor se ele estiver pior.

Uma criança não consegue saber que está crescendo apenas se comparando a outra criança que esteja crescendo da mesma forma que ela. Para que ela saiba que está crescendo e o quanto está crescendo, precisa se comparar com algo que permanece estático, como uma fita métrica ou uma marcação na parede. Ou seja, é quando ela compara a *sua própria medida* antiga com a atual que ela percebe que cresceu, não quando simplesmente olha para o coleguinha que cresceu tanto quanto ela.

Por isso o progresso nos parece tão "imperceptível", ainda que esteja evidente em todo o mundo à nossa volta. Nos consideramos "pobres" porque a régua que utilizamos para medir a pobreza são as pessoas à nossa volta, e diante de alguém como Bill Gates ou Sílvio Santos somos realmente muito pobres. Contudo, o progresso do mundo se nota não na comparação com o próximo (onde sempre

existirá alguém mais rico), mas sim quando comparamos a vida que temos hoje com a vida que tínhamos antes, ou com a vida de nossos antepassados.

Sempre existirão classes sociais, mas isso não significa que essas classes vivam hoje do mesmo modo que viviam antes. Houve uma época em que ser pobre era não ter o que comer e nem onde cair morto; hoje, alguém com moradia, televisão, computador, celular, geladeira, chuveiro, energia elétrica, saneamento básico e um salário mínimo é considerado pobre. Continua havendo ricos e pobres, mas a régua que mede ambos é outra. Narloch é cirúrgico a este respeito quando escreve:

> Décadas atrás, desigualdade significava ter ou não alimentos e uma geladeira em casa. Em 1937, por exemplo, a "Folha da Manhã" sorteou uma geladeira de 15 contos de réis. Esse preço equivalia a mais de 60 vezes o valor salário mínimo que seria criado em 1940. De lá para cá, empresas podem ter concentrado renda, mas, ao tornar produtos mais acessíveis, diminuíram a relevância da desigualdade. Hoje, mais de 93% dos brasileiros têm geladeira – não tão boa quanto a do Jorge Paulo Lemann, mas que conserva alimentos da mesma forma.[301]

Tudo isso não surgiu do nada, nem por acaso, nem por coincidência, nem pela genialidade de algumas mentes esparsas: surgiu porque o capitalismo moderno impulsionou a tecnologia como nunca antes[302]. Stark tem razão quando diz *"desde*

[301] NARLOCH, Leandro. *As boas notícias que a Oxfam não conta sobre a desigualdade*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2017/09/1922134-as-boas-noticias-que-a-oxfam-nao-conta-sobre-a-desigualdade.shtml>. Acesso em: 03/05/2019.

[302] Para não tornar este livro exorbitantemente longo, abordarei a questão tecnológica no próximo volume.

o início, o capitalismo trouxe riqueza"[303] – riqueza essa convertida em progresso, avanço tecnológico e desenvolvimento humano, literalmente *como nunca antes.* Goldstone destaca esse aspecto quando escreve:

> É claro que ao longo da história sempre houve inovações e progressos tecnológicos. Os romanos inventaram o cimento e o papel, a bússola, as comportas e o ábaco. Os indianos e as sociedades islâmicas inventaram o moinho de vento, o relógio, a universidade e o observatório. Porém, em cada um destes casos houve uma série de invenções que assinalaram uma idade de ouro ou um período de crescimento econômico, que desapareceram, deixando a sociedade numa posição estável ou inclusive de declínio. Uma expansão contínua implica mais do que algumas ideias brilhantes.
>
> Como observou o economista Nathan Rosenberg, "os melhoramentos no desempenho numa parte [de um sistema] têm uma importância limitada se não se verificarem simultaneamente melhoramentos noutras partes". O que transformou a Europa e o mundo foi um crescimento constante e um conjunto de inovações relacionadas entre si, no âmbito da agricultura, dos transportes, da manufatura, das finanças, da maquinaria, do ensino e do *marketing.* O ritmo das transformações não só começou a aumentar em finais do século XVIII e princípios do século XIX, como continua a aumentar até hoje.[304]

[303] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 110.
[304] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 204-205.

Ludwig von Mises, o maior representante da Escola Austríaca de economia, discorreu sobre a hipocrisia daqueles que ao mencionarem a Revolução Industrial só sabem destacar a exploração dos trabalhadores naquele primeiro momento, ignorando o fato de que essa condição deplorável se dava em função da precariedade que eram os sistemas pré-capitalistas, inteiramente incapazes de lidar com o problema da extrema-pobreza, que só foi superada em grande parte devido justamente ao próprio capitalismo emergente:

> As fábricas aliviaram as autoridades e a aristocracia rural de um embaraçoso problema que estas já não tinham como resolver. As novas instalações fabris proporcionavam trabalho às massas pobres que, dessa maneira, podiam ganhar seu sustento; esvaziaram os asilos, as casas de correção e as prisões. Converteram mendigos famintos em pessoas capazes de ganhar o seu próprio pão. Os proprietários das fábricas não tinham poderes para obrigar ninguém a aceitar um emprego nas suas empresas. Podiam apenas contratar pessoas que quisessem trabalhar pelos salários que lhes eram oferecidos. Mesmo que esses salários fossem baixos, eram ainda assim muito mais do que aqueles indigentes poderiam ganhar em qualquer outro lugar.
>
> É uma distorção dos fatos dizer que as fábricas arrancaram as donas de casa de seus lares ou as crianças de seus brinquedos. Essas mulheres não tinham como alimentar os seus filhos. Essas crianças estavam carentes e famintas. Seu único refúgio era a fábrica; salvou-as, no estrito senso do termo, de morrer de fome. É deplorável que

> tal situação existisse. Mas, se quisermos culpar os responsáveis, não devemos acusar os proprietários das fábricas, que – certamente movidos pelo egoísmo e não pelo altruísmo – fizeram todo o possível para erradicá-la. O que causava esses males era a ordem econômica do período pré-capitalista, a ordem daquilo que, pelo que se infere da leitura das obras destes historiadores, eram os "bons velhos tempos".[305]

Nunca é tarde repetir que, a despeito da propaganda marxista que acredita que todo habitante do mundo é uma criança faminta da África, a extrema-pobreza correspondia a 95% da população mundial antes do capitalismo, e apenas 14% hoje[306]. As crianças que morrem de fome na África já morriam antes do capitalismo, com a diferença de que morriam numa escala muito maior e no mundo todo. Certamente o problema da fome no mundo está longe de ser totalmente superado (apesar das projeções para as próximas décadas serem animadoras), mas o capitalismo foi um *passo pra frente* neste sentido – talvez o único que já demos –, e não o causador da pobreza, como querem os anticapitalistas.

A própria estratégia de se apropriar das imagens de crianças africanas em extrema-pobreza para usá-las como propaganda política contra o capitalismo pode fazer algum sentido em termos propagandísticos, mas não sob um ponto de vista ético e muito menos como um argumento sério. Seria muito mais honesto se explorassem a miséria predominante em países símbolos do capitalismo liberal –

[305] MISES, Ludwig von. *Fatos e mitos sobre a "Revolução Industrial".* Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1056>. Acesso em: 05/03/2019.
[306] MATTHEWS, Dylan. *This chart shows one of humanity's greatest modern accomplishments*. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/8/13/9145467/extreme-poverty-global-poverty>. Acesso em: 24/02/2018.

tais como o Reino Unido e os Estados Unidos –, o que de fato mostraria ao mundo o quanto o capitalismo realmente gera miséria.

Por que não há imagens de crianças desnutridas morrendo de fome em países capitalistas liberais? Porque o capitalismo liberal *supera* a miséria, em vez de fomentá-la. E como eles não têm nenhum exemplo de miséria em sistemas reconhecidamente liberais, apelam para a miséria na África e na Ásia, os continentes mais *hostis* ao capitalismo liberal no mundo todo, e em última análise à pobreza dos países latinos, que além de não serem nenhum exemplo liberalismo ainda eram muito mais pobres quando não adotavam o capitalismo em qualquer medida.

A verificação histórica da pobreza no mundo nos mostra com clareza que *quanto antes um país adotou o capitalismo, mais rápido ele superou a pobreza.* Enquanto a Ásia e a África eram dominadas por revoluções socialistas e a América Latina vivia sob o regime de ditaduras estatizantes, a América do Norte, a Oceania e a maior parte da Europa já havia adotado o capitalismo há muito tempo, o que prosperou não apenas os burgueses desses lugares, mas tornou o próprio cidadão das classes mais populares um "abastado" em comparação aos cidadãos de países mais resistentes ao capitalismo.

Não é coincidência vermos tantas histórias de pessoas simples que saíram do Brasil com uma mão na frente e outra atrás, e em poucos anos nos Estados Unidos alcançaram um padrão de vida considerado altíssimo para um brasileiro médio. Tome como exemplo os órfãos e viúvas. Se você tem familiaridade com a Bíblia, deve ficar impressionado com a quantidade de vezes que ela faz questão de

ressaltar o auxílio necessário aos órfãos e viúvas, muito mais do que nós costumamos enfatizar nos dias de hoje.

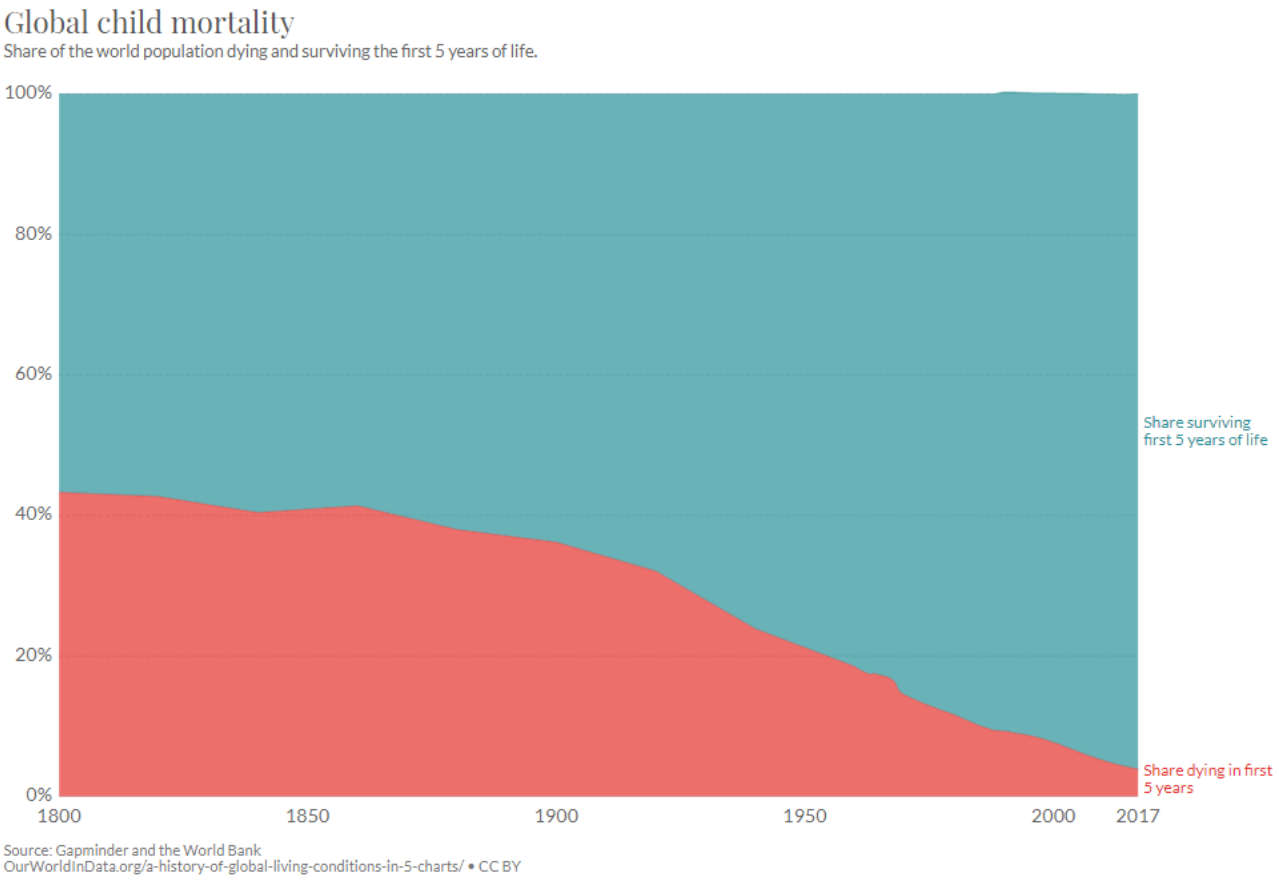
Há dúzias de textos que se focam especificamente neles, em conjunto (cf. Êx 22:22; Dt 14:29, 16:11, 16:14; Jó 22:9; Sl 68:5, 94:6; Is 10:2; Ml 3:5; Tg 1:27, etc). A razão por que isso era tão importante é que naquela época a quantidade de órfãos e viúvas era muito maior, devido à morte precoce de adultos afligidos por qualquer doença, que deixavam filhos órfãos ou uma esposa viúva em condições de extrema pobreza, uma vez que dependiam deles para se sustentar.

Em tempos passados, havia uma multidão de orfanatos, e ser um filho órfão de pai ou de mãe (ou de ambos) era algo extremamente comum. Hoje nós ainda vemos uma multidão de órfãos e viúvas em países hostis ao capitalismo, mas o percentual nos países que adotaram o capitalismo liberal é consideravelmente baixo. De acordo com os dados da ONU, a Índia lidera em número de órfãos com 25 milhões, vindo em seguida China (com 20 mi), Nigéria (8,6 mi), Indonésia (5,3 mi), Etiópia (4,6 mi) e Bangladesh (4,4 mi)[307].

O percentual de órfãos nos países capitalistas no início também era enorme, mas foi superado em larga escala devido aos avanços proporcionados pelo mesmo com o tempo (efeito este que mal se consegue observar nos países com pouco ou nenhum capitalismo).

[307] FOLHA DE LONDRINA. *Brasil tem 3,7 milhões de órfãos, diz Unicef*. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/brasil-tem-37-milhoes-de-orfaos-diz-unicef-590430.html>. Acesso em: 20/03/2019.

O capitalismo não apenas diminuiu a quantidade de órfãos, mas também a mortalidade infantil. Como se pode observar no gráfico de Max Roser[308], em 1800 o percentual de crianças que morriam antes de chegar aos 5 anos passava de 40%, e hoje está em menos de 4% (uma queda de 90% em pouco mais de dois séculos):



Dispensa comentar que os países com o maior índice atual de mortalidade infantil são também os menos capitalistas.

Outro argumento muitas vezes levantado contra o capitalismo é que "o capitalismo destrói a natureza". Quem diz isso parece não saber que o mundo já estava quase

[308] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/global-child-mortality-timeseries>. Acesso em: 11/12/2019.

todo desmatado antes do capitalismo. Nem os portugueses precisaram do capitalismo para desmatar o Brasil, nem os europeus precisaram de capitalismo para desmatar a maior parte da Europa muitos séculos antes de surgir a primeira indústria.

A China, país que notoriamente nunca se deu bem com o capitalismo, é o país que mais devora florestas tropicais[309] e um dos líderes de desmatamento no mundo[310]. O capitalismo, ao contrário, propiciou condições favoráveis ao reflorestamento, coisa que nunca antes havia acontecido na história, como observa Narloch:

> O que pouco se diz é que só depois de um certo nível de prosperidade (criada pelo capitalismo) surge a preocupação dos cidadãos com o meio ambiente. Isso fica claro com o seguinte dilema. Imagine o leitor que está à beira de morrer de fome e consegue caçar um pato. Mas tem um problema: trata-se de um animal em extinção, talvez o último sobrevivente daquela espécie rara de pato. Quem preza pela própria vida até lamentaria o fim da espécie, mas comeria o infortunado pato sem pensar demais. Já se o leitor está de barriga cheia, fica mais fácil poupar o animal. Do mesmo modo, só países enriquecidos pelo capitalismo podem se dar ao luxo de se importar com a natureza. Os economistas chamam esse fenômeno de "curva ambiental de Kuznets". Quando um país atinge a marca de 4 mil dólares de renda

[309] RFI. *China é o país que mais "devora" florestas tropicais, diz Ong*. Disponível em: <http://www.rfi.fr/br/mundo/20121129-china-e-o-pais-que-mais-devora-florestas-tropicais-no-planeta-diz-ong>. Acesso em: 12/12/2019.
[310] G1. *Desmate acelerado na China ameaça espécie de gibão, diz Greenpeace*. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/11/desmate-acelerado-na-china-ameaca-especie-de-gibao-diz-greenpeace.html>. Acesso em: 12/12/2019.

> per capita, a ecologia entra na agenda pública. Florestas, animais, ar e rios limpos ganham relevância.[311]

Não à toa, a União Europeia reflorestou o equivalente a um Portugal inteiro nos últimos 15 anos[312], fato extraordinário e inédito que teria sido impossível de acontecer em qualquer outra época. Desmatamento tem muito mais a ver com a expansão populacional para povoar novas terras do que propriamente com o capitalismo em si. Desde que o mundo é mundo, pessoas desmatam para possuir a terra, para ampliar sua área de cultivo ou para extrair riquezas naturais (como os portugueses fizeram com o pau-brasil), e para tais coisas não é preciso capitalismo algum.

Outro argumento levantado contra o capitalismo são as crises que por vezes ocorrem no sistema. A mais famosa delas (e também a mais grave) foi a de 1929, citada à exaustão pelos anticapitalistas como a "prova" de que o capitalismo é um sistema imperfeito e falho. O que esse argumento ignora, em primeiro lugar, é que o capitalismo não tem a pretensão de ser "perfeito", pois qualquer sistema elaborado por homens será naturalmente falho em função da própria imperfeição da natureza humana.

Eles também ignoram que as crises do capitalismo nem de longe se comparam às crises dos outros sistemas, que não apenas eram muito mais frequentes e

[311] NARLOCH, Leandro. *Três mitos sobre o capitalismo no discurso do papa*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/tres-mitos-sobre-o-capitalismo-no-discurso-do-papa>. Acesso em: 12/12/2019.
[312] PAIVA, Vitor. *União Europeia reflorestou um Portugal inteiro em 15 anos*. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/07/uniao-europeia-reflorestou-um-portugal-inteiro-em-15-anos>. Acesso em: 12/12/2019.

duradouras, como apresentavam resultados incrivelmente mais trágicos, com uma miséria tão generalizada que as mortes superavam as de países em guerra. Muitos perderam tudo com a crise de 29, mas apenas dez anos depois, em 1939, a produção industrial dos Estados Unidos já havia atingido o mesmo patamar de antes[313]. Mesmo neste meio-tempo, a população americana continuou crescendo, apesar de alguns terem se matado por perderem o valor das suas ações.

Por comparação, dezenas de milhões de chineses e soviéticos literalmente morreram de fome por não terem o que comer em seus países socialistas, nesta mesma época e depois. Dez anos depois, eles estavam morrendo de fome de novo; mais dez anos e adivinhe: morriam de fome de novo. Não apenas não havia recuperação econômica, mas a própria crise era o *status quo* – o estado "normal" da sociedade –, enquanto os países capitalistas cresciam e prosperavam.

Foi assim até eles desistirem desse sistema por um menos ruim, com mais abertura ao mercado. E eles fizeram isso não por vontade própria, mas pela mais pura necessidade. Essa é a diferença básica entre as crises esporádicas do capitalismo e a contínua crise sem fim dos outros sistemas. Mesmo na crise, o capitalismo ainda é melhor que os outros sistemas em suas condições normais de temperatura e pressão.

Mesmo assim, os livros escolares normalmente omitem as dezenas de milhões de pessoas eliminadas pela fome nos regimes socialistas, enquanto fazem toda a questão do mundo de ressaltar e explorar ao máximo a Crise de 29 como se fosse a

[313] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 145.

pior coisa que tivesse acontecido na história do mundo. A outra acusação que o capitalismo recebe com frequência é a de ser um sistema de "gananciosos", pois estimularia a avareza e a cobiça em acumular riquezas.

Mais uma vez, o erro aqui está em ignorar toda a história pré-capitalista, que sempre foi marcada por pessoas egoístas com amor ao dinheiro, apesar de não ouvirem nem falar em "capitalismo". São muitos os que usam textos bíblicos para condenar o capitalismo – textos estes que combatem o acúmulo de riquezas pessoais e o apego ao dinheiro (cf. 1Tm 6:10; Mt 6:19; Lc 18:24-25) –, mas se esquecem que os escritores bíblicos diziam isso quando o capitalismo nem sequer existia, o que significa que tudo isso já era uma realidade a despeito de qualquer capitalismo. Em outras palavras: a ganância não existe por causa do capitalismo, ela sempre existiu.

Leia por exemplo o que Tiago disse a respeito dos ricos de seu tempo, no primeiro século da era cristã:

"Ouçam agora vocês, ricos! Chorem e lamentem-se, tendo em vista a miséria que lhes sobrevirá. A riqueza de vocês apodreceu, e as traças corroeram as suas roupas. O ouro e a prata de vocês enferrujaram, e a ferrugem deles testemunhará contra vocês e como fogo lhes devorará a carne. Vocês acumularam bens nestes últimos dias. Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que por vocês foi retido com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Vocês viveram luxuosamente na terra, desfrutando prazeres, e fartaram-se de comida em dia de abate. Vocês têm condenado e matado o justo, sem que ele ofereça resistência" (Tiago 5:1-6)

Este texto, bem como outros do gênero, são por vezes usados como a "prova" de que a Bíblia condena o capitalismo, confundindo e igualando «capitalismo» a «ganância». Mas observe que Tiago não escreveu isso sobre os ricos do século XXI, que ele sequer conhecia, mas sobre os de seu tempo.

Portanto, se isso serve para condenar um sistema econômico como um todo, serviria sobretudo para condenar o sistema de sua época, que os anticapitalistas preferem em detrimento do próprio capitalismo. Isso obviamente não significa que não haja em nosso século ricos capitalistas que caem como uma luva na descrição de Tiago, significa apenas que o problema da ganância independe de sistemas econômicos e não é *causado* por um deles em específico.

Por isso Weber corretamente assinala que "o ganho desbragado, sem vínculo interno com norma nenhuma, sempre existiu em todos os períodos da história, onde quer e como quer que de fato fosse possível"[314]. Xavier também diz que "toda inclinação para o ganho, lucro e acúmulo de dinheiro ou bens sempre estiveram presentes em todos os povos em suas diversas ocupações ao longo da história, não sendo desta forma tal inclinação produto do capitalismo. Sempre a ganância permeou a humanidade, não sendo em nenhuma hipótese resultado do capitalismo e nem mesmo de um espírito"[315].

[314] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 50.
[315] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 11.

Inclusive a taxa de juros no período pré-capitalista (um dos elementos mais citados para se falar da "ganância" do capitalismo) costumava ser muito maior que nos dias atuais, "permanecendo num nível que hoje seria visto como altíssimo, cerca de 20%"[316]. Não é preciso fazer muito esforço para concluir que a ganância e a avareza são realidades muito anteriores ao capitalismo, e inclusive bem mais ávidas antes dele.

Pense por exemplo na realeza e na nobreza de antigamente: quem em sã consciência diria que eram desprovidos de interesses materiais, de avareza e de ganância, só porque não existia capitalismo? É o contrário: sua imensa fortuna e luxo desmedido vinham justamente das classes populares, para as quais eles pouco ou nada contribuíam, mas sugavam tudo como verdadeiros parasitas – e não precisavam de capitalismo nenhum para isso.

A diferença disso para o capitalismo moderno é que, como vimos neste capítulo, o rico de hoje é via de regra um empresário que gera trabalho e oportunidade para as classes mais pobres, o que fez com que a extrema-pobreza fosse largamente superada na maior parte do mundo, onde antes ela era um câncer generalizado e sem cura.

A maioria desses ricos capitalistas de nossos dias pode não fazer isso por caridade e bondade de coração, mas são obrigados a fazer se quiserem continuar ricos. Essa é a diferença fundamental do capitalismo para os sistemas pré-capitalistas e também para o socialismo, que ama tanto os pobres que multiplica a quantidade

[316] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.

de pobres em todo lugar (o que eu suspeito que não seja o propósito do evangelho).

Antigamente, os ricos apenas se preocupavam em acumular fortuna, sem que isso implicasse minimamente na melhoria de vida de outras pessoas e sem se expor a qualquer risco. Muitas vezes essa riqueza era construída à custa da escravidão de seres humanos (o que o capitalismo ajudou em eliminar). Não há dúvidas de que há ricos hoje que também acumulam verdadeiras fortunas, mas não sem arriscar seu capital e investir para produzir riqueza a outras pessoas que, gostando ele ou não, serão favorecidas em função disso.

O princípio do capitalismo é a austeridade, o inverso do que prevalecia nas sociedades pré-capitalistas, onde um nobre podia gastar tudo o que tinha em seus próprios deleites e mesmo assim sua riqueza não estaria ameaçada nem de longe. Com razão, Biéler escreve:

> Naquele tempo [i.e, na Idade Média], a aquisição da riqueza, em geral, e a acumulação de grandes fortunas, em particular, visavam como fim primeiro ao prestígio e ao poder. Era preciso esbanjá-los largamente, para ser considerado. Mas um espírito novo provocou a transposição de uma situação pré-capitalista – em que o povo, em geral, trabalha exatamente o bastante para satisfazer suas necessidades vitais, como em todas as sociedades primitivas – para a situação característica do desenvolvimento econômico moderno.[317]

[317] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 98.

Em síntese, a ganância e o acúmulo de riquezas foi uma característica de todos os sistemas, em todas as épocas. O que diferencia o capitalismo de todos os outros é que essa riqueza acumulada é convertida em empreendimentos que de uma forma ou de outra beneficiam toda a sociedade, incluindo os mais pobres, que estiveram por milênios completamente à margem da história.

"O capitalismo é desumano", dizem os críticos, que se esquecem que o mal milenar da escravidão acabou em grande parte devido ao capitalismo (que fez da escravidão um mau negócio), que o capitalismo tirou da extrema-pobreza 80% da população mundial nos últimos dois séculos, que o capitalismo diminuiu a mortalidade infantil e elevou a expectativa de vida a níveis exorbitantemente mais altos, e que fez progredir a ciência e a tecnologia como nunca se viu antes. Se isso é ser desumano, Bill Gates deve ser o Voldemort.

CAP. 2 – A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO

No capítulo anterior, vimos como o capitalismo teve uma importância crucial em tirar o mundo de milênios de crescimento supérfluo para, em poucos séculos, colocá-lo em um patamar econômico, tecnológico, científico e social que ninguém jamais imaginaria ser possível tão cedo. Mas como você deve desconfiar, o capitalismo não surgiu "do nada", nem espontaneamente, nem pelas ideias isoladas de uma ou outra mente. Ele é o resultado das *transformações* que o mundo passou no campo da *ética,* que por tanto tempo colocou empecilhos ao desenvolvimento de algo que podemos chamar de «capitalismo».

Ou seja, certos obstáculos que impediam a consolidação do capitalismo foram em certo momento retirados, tornando possível que o capitalismo se desenvolvesse da forma que vemos. Quem melhor desenvolveu uma teoria que explica isso foi o sociólogo, intelectual, jurista e economista mundialmente reconhecido Max Weber (1864-1920), em sua clássica obra intitulada *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo,* até hoje tida como a maior referência na área, amplamente aceita academicamente e atestada empiricamente.

Weber é considerado nada a menos que "um dos fundadores da sociologia e dos estudos comparados sobre cultura e religião, disciplinas às quais deu um impulso decisivo"[318]. Seu estudo, publicado no início do século XX, não demorou a se tornar

[318] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 66.

«espantosamente influente»[319] e «mundialmente aceito»[320]. O trabalho de Weber conseguiu o extraordinário feito de ser reconhecido não apenas entre os protestantes e capitalistas, mas até entre os maiores inimigos de ambos.

Um historiador esquerdista e ateu admitiu que "as análises de Weber sobre o tema continuam não apenas atuais e insuperadas, como também não houve críticas capazes de mostrar qualquer falsidade nelas"[321]. Isso até ser recentemente colocado em xeque por um punhado de revisionistas católicos liberais que, em desacordo com a Doutrina Social de sua própria Igreja (que sempre condenou o capitalismo liberal, como veremos no capítulo 7), precisaram se opor ao trabalho de Weber para creditar à Igreja Católica todo o mérito pelo desenvolvimento do capitalismo, em uma notória e flagrante negação da realidade.

É importante acentuar que, diferente do que geralmente se pensa, Weber não estava "defendendo" o protestantismo e nem fazendo qualquer juízo de valor. Alves é categórico quando diz que "de forma alguma poderíamos incluir Max Weber entre os apologetas do protestantismo, e muito menos entre os apologetas da modernidade"[322]. Ele não estava fazendo uma apologia, mas apenas *descrevendo a realidade.* A realidade é que a ética protestante foi a responsável pelo desenvolvimento do capitalismo, e se isso é bom ou ruim, ele não entra no mérito.

[319] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 44.
[320] ibid, p. 44.
[321] SOUSA, Bertone. *Olavo de Carvalho: um filósofo para racistas e idiotas*. Disponível em: <https://bertonesousa.wordpress.com/2012/10/28/olavo-de-carvalho-um-filosofo-para-racistas-e-idiotas>. Acesso em: 08/03/2019.
[322] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 90.

Como já foi dito no início do livro, um comunista poderia encarar essa afirmação com horror e espanto, responsabilizando o protestantismo pelos males da humanidade, enquanto um simpatizante do capitalismo irá ver nisso um grande logro da Reforma. O que ambos não podem negar é que a afirmação, em si, é um *fato.* Bem ou mal, o fato é que a ética predominante nas sociedades que precederam a Reforma Protestante era extremamente hostil à lógica capitalista, impondo diversos obstáculos ao desenvolvimento do capitalismo sob múltiplas e diferentes formas.

Como escrever sobre todos os povos, culturas e civilizações de todas as épocas seria algo extremamente trabalhoso que exigiria um livro ainda maior, para este estudo o foco recairá no contexto histórico e cultural em que a Reforma nasceu, isto é, a Europa católica romana do período medieval e da época dos reformadores (o que não significa que em outros lugares não houvesse os mesmos empecilhos).

• A Igreja contra o lucro

Um dos princípios mais elementares do capitalismo, como todos sabem, é o lucro. Hoje vemos a "busca pelo lucro" ser demonizada em toda a parte, como se o desejo de lucrar fizesse de alguém necessariamente um avarento egoísta e individualista que só pensa em si mesmo e que explora outras pessoas para atingir este fim (ainda que o lucro seja o que move a economia e todos precisem dele para sobreviver). Diferente do que muitos pensam, a demonização do lucro não foi uma invenção de Marx, mas tem procedência bem mais antiga.

Os marxistas apenas repetiram o discurso tradicional da Igreja Católica, que acreditava que o lucro de alguém implicava na pobreza de outro (a famosa teoria da «soma zero», da qual já falamos no capítulo anterior). Essa incompreensão de conceitos básicos da economia foi o principal obstáculo que manteve o mundo à margem de qualquer progresso significativo em séculos passados.

Isso porque o lucro, em si, não é apenas importante, mas *necessário* em qualquer sociedade que esteja pelo menos um pouco acima do grau de subsistência. Pensemos em um exemplo extremamente simples e dos mais comuns: um vendedor. Se o vendedor não colocar uma margem de lucro nos produtos que vende, o risco de decretar falência é de 100%.

Sem essa margem de lucro, o vendedor será obrigado a fechar as portas mesmo se conseguir vender todos os produtos, já que teria ganho apenas o mesmo que gastou para produzi-los ou para comprá-los, não o necessário para a sua sobrevivência, e muito menos algo que o coloque em uma situação minimamente confortável (sem ter que se inquietar pensando que amanhã ele e sua família estarão mendigando o pão na rua). Em outras palavras, sem o lucro, qualquer negócio está fadado ao fracasso antes mesmo de começar.

O problema é que quando alguém ouve falar em "lucro", tende a pensar em um magnata bilionário, quando estes são uma minoria. Na maioria absoluta dos casos, quem precisa e vive do lucro são justamente essas pessoas mais simples, que lucram o suficiente para pagar suas despesas ou para comprar algo a mais – nada além que o merecido por seu trabalho suado.

Ademais, ninguém seria insano de investir em algo que sabe que não terá margem de lucro – ou seja, ninguém jogaria dinheiro fora. As pessoas investem porque presumem que terão um retorno financeiro, retorno este que só é possível graças ao lucro. Sem esses investimentos, o mundo jamais teria chegado perto do patamar em que chegou.

Portanto, sem lucro não existe investimento, sem investimento não existe crescimento, e sem crescimento estaríamos fadados a continuar numa Idade Média prolongada (que presumivelmente teria outro nome nos livros de história). Na Idade Média, a lógica capitalista de investimento e lucro que beneficia todas as partes envolvidas em um cenário de livre mercado era desprezada em detrimento de uma sociedade estática, com uma economia fechada, vivendo de subsistência, hostil ao comércio e com um verdadeiro horror àquilo que chamavam de "usura".

Embora hoje em dia se use o termo usura no sentido de «juros exorbitantes», na Idade Média e nos dois séculos seguintes chamava-se usura a cobrança de juros de qualquer espécie, isto é, "um valor imposto sobre o poder aquisitivo, sem relação com a produção"[323]. A Igreja Católica definia a usura como um «pecado mortal»[324], "sempre proibida ao clero"[325]. A partir do século IX essa proibição foi estendida também aos leigos[326], que chegavam a ser punidos em tribunal por esse delito[327]. Em 1140, Graciano de Bolonha, grande autoridade medieval em lei canônica, declarou:

[323] LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a Vida*. São Paulo: Brasilíense, 1986, p. 25.
[324] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 327.
[325] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 17.
[326] ibid.
[327] ibid.

> Receber, exigir ou até mesmo emprestar esperando receber algo acima do capital emprestado é ser culpado de usura; a usura pode existir em relação ao dinheiro ou outras coisas; o indivíduo que recebe usura é culpado de roubo, tão culpável quanto um ladrão; a proibição contra a usura vale tanto para o leigo quanto para o clérigo, mas o último, quando culpado, será punido com mais severidade.[328]

Os escolásticos, no geral, consideravam qualquer margem de lucro como usura, o que talvez ajude a explicar por que se acomodaram ao feudalismo por tanto tempo. Tomás de Aquino, ao mesmo tempo em que era contra a usura, era explicitamente a favor do roubo para suprir as necessidades de alguém. Em um trecho que parece ter sido tirado de um livro de Robin Hood, ele responde a objeção de Agostinho da seguinte maneira:

> **Objeção:** Devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Ora, não é lícito furtar para socorrer ao próximo com a esmola, como diz Agostinho. Logo, também não é lícito furtar para socorrer à própria necessidade.
>
> **Resposta:** Em caso de semelhante necessidade também podemos nos apoderar da coisa alheia para socorrermos ao próximo assim necessitado.[329]

[328] BOLONHA apud McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 327.
[329] AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. "Secunda Secundae". Questão 66, Art. 7.

Ou seja, para o «doutor angélico», como é chamado, roubar é lícito se for para dar esmola a outra pessoa ou para socorrer a si mesmo. Escolásticos como Aquino ajudaram a criar a atmosfera de demonização do dinheiro, algo tão presente no mundo medieval, como explica Le Goff:

> O século XIII acrescenta à natureza diabólica do dinheiro um novo aspecto que os grandes autores escolásticos foram buscar em Aristóteles, ele próprio grande descoberta intelectual do século XIII. Tomás disse depois de Aristóteles *nummus non parit nummos* ("o dinheiro não produz coisas pequenas" ou "o dinheiro não produz coisas baratas"). De modo que a usura é também um pecado contra a natureza, sendo a natureza a partir daquele momento, aos olhos dos teólogos escolásticos, uma criação divina.[330]

O autor acrescenta que para o usurário "não há salvação, como mostram os escultores nos quais uma bolsa cheia de dinheiro pendurada no pescoço puxa o usurário para baixo, é uma descida ao inferno"[331]. O papa Leão I consagrou o ditado *fenus pecuniae, funus esta animae* ("aproveitar o dinheiro é a morte da alma")[332]. Mais tarde, o segundo Concílio de Latrão (1139) declarou que o usurário não contrito é condenado pelo Antigo e Novo Testamento e, portanto, não é digno consolos eclesiásticos nem de enterro cristão[333].

[330] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.
[331] ibid.
[332] LEÃO I apud LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.
[333] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 114.

Pouco depois, em 1179, o terceiro Concílio de Latrão declarava que os usurários eram estranhos nas cidades cristãs e reforçou que a eles devia ser recusada a sepultura[334]. Alguns anos mais tarde, o Concílio de Paris de 1213 considerou a usura um pecado tão grave quanto a heresia[335], e finalmente, em 1331, o Concílio de Viena autorizou a Inquisição a perseguir os cristãos que praticavam a usura[336]. Textos narrando a morte horrível que o usurário sofreria também são abundantes no século XIII. Um manuscrito da época diz o seguinte:

> Os usurários pecam contra a natureza querendo fazer com que do dinheiro nasça dinheiro, como de um cavalo nasce um cavalo e de um burro nasce um burro. Além do mais, os usurários são ladrões porque vendem o tempo que não lhes pertence e vender um bem de outrem, seja quem for o possuidor, é um roubo. E não é só isso: como tudo que eles vendem é a expectativa do dinheiro, ou seja, o tempo, vendem dias e noites. Mas o dia é o tempo da luz e a noite o tempo do descanso. Em consequência eles vendem a luz e o descanso. Não é portanto justo que venham a ter a luz e o repouso eternos.[337]

Como se nota, eles não acreditavam que a riqueza pudesse ser *produzida,* mas apenas *distribuída* (a mesma lógica adotada mais tarde pelos marxistas). Por isso, quem lucra está roubando outra pessoa (e neste caso o roubo era ilícito), devendo ser punido como tal. É famoso o ditado do Decreto de Graciano (1140), segundo o

[334] GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.
[335] LUZ, Liliane Pinheiro da. *Inquisição: Poder e Política em Terras Lusitanas (1536-1540).* Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001, p. 30.
[336] ibid.
[337] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.

qual *quidquid ultra sortem exigitur usura est* ("tudo o que é exigido além do capital é usura")[338]. O Credo do Usureiro, também muito conhecido, dizia: "Sua alma se separa do corpo e apenas sai aos diabos que a aprisionam, amém, ao inferno eterno"[339].

Le Goff comenta que "a Igreja no século XIII não se contenta em prometer ao usurário o inferno, ela o aponta com o dedo ao desprezo e à reprovação dos homens"[340]. A usura era condenada como um dos pecados mais graves[341], e o usurário é regularmente descrito como "um leão violento, uma raposa pérfida, um lobo ladrão e glutão"[342]. Por isso os pregadores medievais "mostram frequentemente o usurário como animal que vai perder a pele na hora da morte porque sua pele são as riquezas roubadas no correr da vida"[343].

O animal mais utilizado para descrever o usurário é a aranha, que ilustrava o hábito dos usurários de prosseguir na ignomínia através de seus herdeiros[344]. A usura era com frequência retratada como uma forma de roubo, tal como advogava o Decreto de Graciano. E como se ladrão não fosse o bastante, o usurário é também tido como «assassino dos pobres»[345]. Aos usurários são lançadas as investidas mais ameaçadoras. Nos *exempla* – histórias breves incluídas nos sermões – o usurário é

[338] LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1995, p. 22.
[339] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 89.
[340] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.
[341] ibid, c. 15.
[342] ibid, c. 7.
[343] ibid.
[344] ibid.
[345] ibid, c. 14.

descrito como um «monstro moral», um «inimigo de Deus, da natureza e do homem»[346].

O economista francês Octave Gélinier disse que "os lombardos, inventores geniais da contabilidade moderna e banqueiros eficientes, são isolados nos guetos e condenados por usura"[347]. Pirenne afirma que nessa mentalidade "a finalidade do trabalho não é enriquecer, mas conservar-se na condição em que cada um nasceu, até que, desta vida mortal, passe à vida eterna. A renúncia do monge é o ideal que toda a sociedade deve aspirar. Procurar a riqueza é cair no pecado da avareza. A pobreza é de origem divina e de ordem providencial"[348].

Naturalmente, uma visão como essa inviabilizava o investimento para a produção de riqueza, uma vez que o ideal era a própria pobreza, tida como necessária para manter a sociedade estática e imutável (o que muito agradava a Igreja, que se encontrava no topo da hierarquia social e não estava disposta a perder essa posição). Como já vimos, essa hierarquia era dividida em três: os que rezam (clero), os que lutam (nobreza) e os que trabalham (camponeses).

Mas o teólogo católico medieval Jacques de Vitry (1160-1240) acrescentou uma quarta categoria, a única que comprometia essa estrutura básica: trata-se dos usurários (mais tarde chamados de "burgueses"), um «quarto gênero de homem criado pelo diabo», que "não participam do trabalho dos homens e não serão

[346] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 68.
[347] GÉLINIER apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 82.
[348] PIRENNE, Henri. *História Econômica e Social da Idade Media*. 6ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 19.

castigados com os homens, mas com os demônios"[349]. Acrescenta ainda que "a quantidade de dinheiro que eles recebem com a usura corresponde à quantidade de lenha enviada ao inferno para queimá-los"[350].

As histórias e contos sobre os usurários com a finalidade de despertar pavor e medo eram bem vívidas nessa época, como descreve o medievalista russo Aron Gurevic:

> Durante uma viagem por mar, uma macaca empoleirou-se no mastro depois de se ter apoderado da bolsa de um usurário e, cheirando as moedas, atirou ao mar as que tinham sido ganhas em atividades usurárias. O julgamento da alma do usurário efetua-se no preciso momento em que morre e há uns demônios, de aspecto terrível, que transportam a sua alma diretamente para o inferno, enquanto lhe vão extraindo da boca moedas em brasa. O usurário é o servo mais fiel do demônio e este aparece, de repente, em busca da sua alma, sem dar ao infeliz o mais pequeno prazo para reparar o prejuízo causado ou para fazer perdoar os seus pecados com orações. Recordemos as cenas das penas infernais infligidas aos usurários, no Inferno de Dante. Não há nada que possa salvar a alma do financeiro que viveu dos juros, a não ser a distribuição de toda a riqueza acumulada injustamente por aqueles que explorou em vida. Nenhuma compensação parcial o poderá ajudar.[351]

[349] VITRY apud LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.
[350] ibid.
[351] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 168.

Ele conta ainda:

> O peso da maldição que caiu sobre a alma do usurário é tão grande que, no funeral de um deles, os vizinhos não tiveram força para erguer o corpo. Os padres recusavam-se a sepultar os exploradores na terra consagrada e, quando colocavam o cadáver do usurário em cima do burro, este levava-o para fora da cidade e lançava-o num montão de estrume sob a forca. Existe um *exemplum* em que o rico usurário, à hora da morte, tenta convencer a sua alma a não o abandonar, prometendo-lhe ouro e prata, mas, não tendo conseguido, manda-a para o inferno, indignado.
>
> Os usurários têm consciência do caráter pecaminoso da sua profissão e são por vezes assaltados por visões terríveis. Um deles, estando a dormir, viu-se inesperadamente perante o juízo final e ouviu a sentença que o entregava nas mãos dos demônios. Acordando, teve um ataque de loucura e saiu de casa, recusando arrepender-se e reparar os prejuízos que causara; então, no rio apareceu um barco que navegava velozmente e não tinha piloto. O usurário gritou que o barco estava cheio de demônios e estes imediatamente o agarraram e o levaram com eles.[352]

Mesmo em Florença, um dos apontados centros do chamado "capitalismo primitivo", a taxa de lucro permitida não podia ultrapassar os 15% e o ganho com empréstimos não podia ser superior a 11%[353]. Isso era em grande parte o reflexo

[352] ibid, p. 169.
[353] ibid, p. 183.

das pregações inflamadas do clero, para o qual "a cólera suscitada pela usura é incomensurável"[354]. Durante um sermão, um padre chegou a declarar: "Não rezem pela alma de meu pai que foi um usurário e não quis restituir os bens acumulados com a usura. Maldita seja a sua alma e que sofra eternamente no inferno para que nunca possa vislumbrar o rosto de Deus nem escapar às garras dos demônios"[355]. Se esse era o ódio nutrido *pelo próprio pai* usurário, imagine pelos judeus...

Gurevic complementa:

> O ódio contra os usurários era total. Um cronista da primeira metade do século XIII, Mateus de Paris, escrevia, a propósito dos lombardos (como eram denominados, nos países a norte dos Alpes, os banqueiros e os usurários italianos): "Os lombardos, grandes manhosos... são traidores e impostores... devoram os homens e os animais domésticos e também os moinhos, os castelos, as propriedades, os prados, as matas e as florestas. (...) Numa das mãos têm a folha de papel e na outra, a pena; roubam as pessoas do lugar e enchem as bolsas com o seu dinheiro... engordam à custa das necessidades alheias e são como os lobos que devoram os homens". As perseguições e os massacres de usurários italianos no Ocidente, e, em especial, na França no decorrer do último quarto do século XIII e no século XIV, são um fenômeno tão frequente e disseminado como os pogroms judeus, apenas com a diferença de estes últimos serem

[354] ibid, p. 169.
[355] ibid, p. 170.

> justificados não só pelo ódio para com os ricos usurários de fé diferente, mas também por motivos religiosos.[356]

Além das ameaças físicas, os usurários eram constantemente amedrontados com ameaças espirituais numa época em que a religiosidade era muito mais intensa. O franciscano e grande pregador popular medieval Bertoldo di Ratisbona se dirigiu a um usurário nos seguintes termos: "Podes receber a cruz do papa, atravessar os mares, combater contra os infiéis, conquistar o Santo Sepulcro, morrer pela causa de Deus e até ser sepultado no Santo Sepulcro. No entanto, apesar de toda a tua santidade, a tua alma está condenada"[357]. Nada podia salvar o usurário, a não ser a reparação total, "até ao último tostão, do prejuízo que causou"[358].

E não pense que isso é tudo. Para o pregador franciscano Bernardino de Siena (1380-1444), o usurário ainda é condenado por todas as forças sagradas e por todo o universo! Em suas palavras:

> Todos os santos, os beatos e os anjos exclamam, no paraíso: "Para o inferno, vá para o inferno"; os céus e as estrelas gritam: "Para o fogo, para o fogo!"; os planetas exclamam: "Para as profundas do inferno, para as profundas do inferno!", e os elementos, erguendo-se contra ele, gritam: "Ao suplício, ao suplício!". E a casa em que jaz o moribundo

[356] ibid, p. 169-170.
[357] RATISBONA apud GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 170.
[358] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 170.

> (o usurário), com as suas traves e as suas paredes, não cessa de implorar castigos para ele.[359]

O inquisidor dominicano Etienne de Bourbon (1180-1261) acrescenta outros exemplos vívidos que tipificam o pensamento medieval:

> Ouvi falar de um usurário gravemente doente que nada quis restituir, mas ordenou que fosse distribuído aos pobres seu celeiro cheio de trigo. Quando os empregados foram recolher o trigo, acharam-no transformado em serpentes. Ao saber disso, o usurário contrito restituiu tudo e determinou que seu cadáver fosse jogado nu no meio das serpentes para ser devorado por elas aqui na terra a fim de evitar que a alma fosse para o além. A ordem foi cumprida. As serpentes devoraram seu corpo e deixaram no celeiro apenas ossos esbranquiçados. Há quem acrescente que o trabalho fez as serpentes desaparecerem e tudo que restou para se ver foram os ossos brancos e nus.[360]

Pirenne conta um curioso episódio da vida de São Geraldo de Aurillac (909), que nos revela a incompatibilidade da moral eclesiástica com o espírito da atividade mercantil:

> Ao regressar de uma peregrinação a Roma, o piedoso abade encontrou em Pavia uns comerciantes venezianos que lhe

[359] SIENA apud GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 170.
[360] BOURBON apud LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.

> propuseram vender alguns tecidos orientais e algumas especiarias. Como acabava de adquirir em Roma um magnífico manto, teve a oportunidade de revelar-lhes o preço que havia pago por ele. O felicitaram por sua tão vantajosa compra, pois o manto, segundo eles, custaria muito mais em Constantinopla. Geraldo, temeroso de ter enganado ao vendedor, se apressou a enviar-lhe a diferença, que não cria poder aproveitar sem incorrer no pecado de avareza.[361]

A noção medieval de "preço justo" inviabilizava o desenvolvimento de qualquer forma de capitalismo, uma vez que consistia "exatamente no contrário daquilo que se entende habitualmente pela noção de concorrência e de livre jogo da oferta e da procura"[362]. A proibição do empréstimo a juros arruinou o comércio, que se manteve em todo o tempo a um nível consideravelmente abaixo do praticado no Oriente.

Pirenne diz que "há nisto, sem dúvida, uma prova do desaparecimento do grande comércio"[363], pois "desapareceram, via de regra, os mercadores de profissão na época carolíngia; quando muito, encontramos, sobretudo na época das fomes, mercadores ocasionais e servos de abadias que cobiçam os produtos da terra e os vendem ou compram em caso de escassez"[364]. Desde 789 d.C, o capitulário proibia todo o lucro sobre o dinheiro ou qualquer outra coisa que rendesse juros[365]. Vários

[361] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 27.
[362] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 15.
[363] PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970, p. 222.
[364] ibid.
[365] ibid.

concílios eclesiásticos renovaram essa proibição, incluindo o terceiro Concílio de Latrão, de 1179[366], e o quinto, de 1515[367].

Como consequência, os monarcas medievais convidaram os judeus (que não estavam sujeitos às leis da Igreja) para dentro dos seus domínios a fim de servirem como prestamistas, gerando uma onda de antissemitismo que se misturou ao ódio religioso já mencionado no volume anterior[368]. Le Goff acentua que "a Igreja vê oficialmente em quase todas as operações de crédito uma forma de empréstimo com interesse"[369], e Pirenne destaca que essa proibição "haveria de pesar sobre a vida econômica dos séculos seguintes, impedindo aos comerciantes que se enriquecessem em plena liberdade de consciência e conciliassem a prática dos negócios com os preceitos da religião"[370].

Só muito tempo mais tarde é que a Igreja reviu essa condenação aos juros e seu (mal) entendimento em relação à usura[371]. Sobre isso, Weber escreve:

> Ocorre que ele [F. Keller, um apologista católico crítico de Weber] deturpou por completo a significação da proibição dos juros, o que aqui não cabe expor no pormenor (de início ela foi muitas vezes superestimada, depois fortemente subestimada e agora, na era dos multimilionários inclusive católicos, foi virada – para fins apologéticos

[366] SIDER, Ronald J. *Cristãos Ricos em Tempos de Fome*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1982, p. 99.
[367] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 60.
[368] SIDER, Ronald J. *Cristãos Ricos em Tempos de Fome*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1982, p. 99.
[369] LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 42.
[370] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 27.
[371] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 183.

> – literalmente de ponta-cabeça), proibição que, como todos sabem – apesar da fundamentação bíblica! – só foi revogada no século passado mediante instrução da Congregação do Santo Ofício, e mesmo assim somente *temporum ratione habita* e de forma indireta, ou seja: por meio da proibição de importunar com indagações sobre a *usuraria pravitas* os fiéis confessantes e contanto que se pudesse deles esperar obediência também para o caso de a norma voltar a ter vigência.[372]

Naturalmente, todo esse tempo perdido não ia ficar impune. Apesar das manobras que leigos e clérigos faziam para passar por cima das normas eclesiásticas, o comércio de um modo geral foi atrofiado nas sociedades católicas, que de tanto cultuarem a pobreza não puderam criar outra coisa senão estados raquíticos e miseravelmente pobres.

• A Igreja contra o comércio

Pode parecer estranho nos dias de hoje dizer que uma igreja, qualquer que seja, se opôs ao comércio ou impôs restrições tão pesadas sobre ele que o tornava inviável, dada a importância ímpar que hoje universalmente se reconhece nesta atividade. Mas era justamente isso o que a Igreja Romana fazia nos tempos em que tinha o poder político e uma influência sem igual.

[372] ibid.

Le Goff, que escreveu muitos livros sobre isso, alega que a atitude da Igreja a respeito do comerciante medieval "o obstaculizou em sua atividade profissional e o rebaixou no meio social"[373], pois "condenado por ela no próprio exercício de seu ofício, havia sido uma espécie de pária da sociedade medieval, dominada pela influência cristã"[374]. Só do que vimos até aqui já podemos ter uma ideia das dificuldades que um mercador enfrentava: além da proibição à usura e aos juros, havia ainda uma completa demonização do dinheiro, que se estendia por sua vez àqueles que trabalhavam com isso.

O Decreto de Graciano consagrou a famosa máxima de que *homo mercator nunquam aut vix potest Deo placere* ("o comerciante não pode agradar a Deus")[375], que se tornaria preceito e regra nos séculos seguintes. Isso refletia a opinião do papa Leão Magno, segundo o qual "é difícil não pecar quando se tem como profissão comprar e vender"[376]. Xavier escreve que

> a concepção teológica da Igreja, desenvolvida durante o período medieval, era talhada aos moldes do sistema feudal, baseada na economia fechada e na autossuficiência dos feudos somente como subsistência, sendo assim o comércio era uma atividade marginal. Tudo isso era respaldado pela Igreja Romana e o trabalho era considerado no máximo "eticamente neutro".[377]

[373] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 87.
[374] ibid.
[375] ibid.
[376] LEÃO I apud LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 55.
[377] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 20.

Por essas e outras, o comércio constava entre as chamadas «profissões proibidas» e «ofícios desonrosos», à semelhança da prostituição – no que contava com o apoio dos "intelectuais" da época. Le Goff comenta que

> os documentos eclesiásticos – manuais de confissão, estatutos sinodais, repertórios de casos de consciência – que dão listas de profissões proibidas; *illicita negocia,* ou de ofícios desonrosos; *inhonesta mercimonia,* quase sempre incluem o comércio. Reproduzem uma frase de uma *decretal* do papa São Leão o Grande – às vezes atribuída a Gregório o Grande – segundo a qual "é difícil não pecar quando se tem a profissão de comprar e vender". Tomás de Aquino sublinhará que "o comércio, considerado em si mesmo, tem certo caráter vergonhoso" – *quamdam turpitudinem habet.* Pode-se dizer que a Igreja repudia o comerciante, junto com as prostitutas, os menestréis, os cozinheiros, os soldados, os açougueiros, os estalajadeiros e, por outra parte, também junto com os advogados, os notários, os juízes, os médicos, os cirurgiões, etc.[378]

O historiador polonês Bronislaw Geremek também destaca:

> A lista das profissões proibidas apresenta-se sob formas diversas, e desde as grandes coletâneas do direito canônico até aos simples estatutos sinodais, vai-se reduzindo gradualmente. Abrange jograis e histriões, as atividades ligadas à prostituição, as profissões relacionadas com derramamento de sangue, cadáveres de animais e

[378] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 87-88.

> porcaria e, finalmente, os usurários ou até nos primeiros documentos – os que vivem do comércio. Quanto às pessoas que, devido à profissão que exercem, são consideradas «*personnes diffamez*», os estatutos sinodais e os artigos do direito consuetudinário mencionam por vezes os estalajadeiros, os bruxos e os mágicos de vários gêneros («*enchanteyr*», «*sorcier*»), aqueles que se encarregavam da higiene urbana (ou seja, aqueles que limpavam as latrinas), etc. A infâmia que pesava sobre estas profissões não só impedia o acesso à carreira eclesiástica como, em certas cidades, privava do direito de ocupar cargos cívicos.[379]

O mercador era desprezado e malvisto numa sociedade esmagadoramente hostil ao comércio e a qualquer coisa útil que produzisse riqueza (ou seja, que comprometesse a hierarquia social já estabelecida). Gurevic diz que ele era um «pária» da sociedade medieval, pois ao revender as mercadorias a um preço mais elevado "é difícil que não se insinue pecado"[380].

Ele acrescenta que "nas listas dos ofícios classificados como «desonestos», «impuros» – listas que eram elaboradas por teólogos –, figurava quase sempre o comércio. Ao rejeitarem o mundo terreno, ao minimizá-lo em comparação com o mundo celestial, o clero não podia deixar de condenar o comércio, ocupação que tinha por objetivo o lucro"[381].

[379] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 243.
[380] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 167.
[381] ibid.

Com exceção a pequenas províncias italianas, no geral o comércio era visto da forma com que Tomás de Aquino o descrevia: «O comércio tem em si algo de vergonhoso»[382]. Fora da Itália, "o mercador italiano, o lombardo, é malvisto e, em toda a Cristandade, a imagem do judeu detestado reflete-se na sua"[383]. O mercador era acusado de "vender o tempo", que «pertence apenas a Deus»[384], uma acusação da qual era difícil de escapar, pois era construída com base nos sofismas mais aprimorados daqueles tempos. O comércio era tão reprovável quanto o dinheiro, pois "também ele é perigoso para a alma, pois a aparta de seus fins últimos"[385].

A marginalização dos mercadores é evidente pela própria estrutura social da época, que os deixava *à margem* da sociedade:

> O «espírito econômico» da alta Idade Média não ia além do horizonte traçado pela economia natural. Do mesmo modo, os teóricos da sociedade feudal em formação, representando-a como um sistema trinominal dirigido pelo monarca, mencionavam apenas o clero («aqueles que oram»), os cavaleiros («aqueles que combatem») e os camponeses («aqueles que lavram a terra»). A população urbana, os artesãos e os mercadores escapam ao seu horizonte.[386]

Gurevic acrescenta:

[382] AQUINO apud LE GOFF, Jacques. *O homem medieval.* Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 21.
[383] LE GOFF, Jacques. *O homem medieval.* Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 21.
[384] ibid.
[385] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 17.
[386] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 166.

> Se, para o funcionamento do corpo social, o trabalho do agricultor é tão necessário como as orações dos monges e dos clérigos e os feitos dos guerreiros, as ocupações urbanas e, em especial, o comércio, mantêm-se dúbias e cautelosas sob o ponto de vista da ética dominante. A desconfiança dos camponeses e a soberba desdenhosa dos nobres em relação ao mercador tinham, no plano ideológico, um paralelo e uma motivação nos ensinamentos da Igreja.[387]

Até Erasmo, o «mais humano dos humanistas», era cheio de comiseração por essa categoria desprezada pela Igreja e pela sociedade. Ele escreve: "Os mais loucos e os mais desprezíveis atores do teatro da vida humana são os negociantes: nada mais baixo que sua profissão e eles a exercem de forma vil"[388]. Esse desprezo aos comerciantes estava intimamente relacionado ao "pecado da usura", como destaca Le Goff, razão pela qual o testamento de um mercador não tinha validade:

> Desde cedo, a Igreja promulgou éditos com toda uma série de sanções contra a usura, considerada pecado mortal, fontes de fortunas ilícitas, e da qual, em teoria, ninguém poderia servir-se com fins caridosos. Em primeiro lugar, penas espirituais: excomunhão e privação de sepultura. Depois, penas temporais: obrigação de restituir os benefícios ilícitos; e certas incapacidades civis, tais como a invalidação dos testamentos dos comerciantes.[389]

Ele escreve ainda:

---

[387] ibid.
[388] ERASMO apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 82.
[389] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 96.

> Às vezes é pouco clara a transição entre a condenação plena e total por parte da Igreja de todas as atitudes ligadas às práticas comerciais e bancárias e aquelas tachadas de usura, por um lado, e por outro lado a prática inerente ao pecado da cupidez, *avaritia*, em rigor um dos sete pecados capitais. A condenação desse pecado de modo oficial existe desde o século XII, mas depois vai sendo substituída lentamente por uma atitude de tolerância, entre alguns pré-humanistas.[390]

Ademais, a concepção de uma sociedade estática e hierárquica fortalecia o desprezo aos comerciantes, como escreve Gélinier:

> O princípio hierárquico, herdado do Império Romano que havia este assimilado das tiranias orientais, é adotado como base da organização social, com seu corolário: a eliminação da concorrência. (...) Na lógica de uma sociedade hierárquica e estática, os bens adquiridos, que se usufruem sem esforço, são considerados nobres e preservados; enquanto as riquezas novas, criadas com esforço, são menosprezadas e muitas vezes espoliadas.[391]

É por essa razão que as "heresias" dos séculos XII e XIII surgiram principalmente em um contexto urbano, especialmente entre comerciantes que se encontravam no sul da França ou no norte da Itália, marginalizados que eram pela Igreja oficial[392]. O renomado historiador católico Paul Johnson afirma que "para essa burguesia

[390] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 14.
[391] GÉLINIER, Octave. *Morale de l'entreprise et destin de la nation*. Paris: PLON, 1965, p. 128.
[392] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 114-115.

urbana, mais ou menos da mesma maneira como para Erasmo, fora impossível chegar a um acordo com a Igreja anterior à Reforma"[393], porque "o instinto comercial tendia a voltar os homens contra a Igreja Católica"[394].

Esse "instinto comercial" só voltava os mercadores contra a Igreja porque esta, por sua vez,

> se surpreende e se escandaliza ao ver um membro desta sociedade dedicando-se a negócios. *Ignobilis mercatura,* diz a vida de São Guidon de Anderlecht no século XI, e aqui, evidentemente, *ignobilis* significa "que não convém a um nobre", mais que "infame", e o comerciante que incita o santo a comercializar é rotulado de *diaboli minister,* ministro do diabo.[395]

Como o conceito de usura envolvia «todo trato que inclua o pagamento de um interesse», o crédito – a base do grande comércio e dos bancos – era proibido, sufocando ainda mais os negócios[396]. Le Goff diz que praticamente todo comerciante e banqueiro era tido como um usurário[397], e Pirenne informa que "foram necessários muitos séculos para que se admitisse as novas práticas que exigiriam o renascimento econômico do futuro e para que se aceitasse sem reservas

[393] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 380.
[394] ibid, p. 378.
[395] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 117.
[396] ibid, p. 90.
[397] ibid.

mentais a legitimidade das utilidades do comércio, da produtividade do capital e do empréstimo com interesse"[398].

Nessas condições, "o que resta para sustentar o comércio são os judeus"[399], o que "reforça a atitude de desprezo da Igreja frente a estas atividades"[400]. Apesar dos comerciantes serem os únicos a movimentar a economia da Europa, "esta função não devia ser fácil de ser executada, tendo em vista que para a Igreja medieval esta prática, que consistia em obter lucro, era condenada como um pecado: a usura"[401].

O historiador medieval Lester Little comenta que "a tradição recebida era predisposta contra todos os principais elementos da nova economia: contra as cidades, contra o dinheiro e contra as profissões urbanas"[402]. O contraste com a ética protestante era notável: "Enquanto a sociedade medieval menosprezava o comércio, o Cristianismo reformado via-o de outra forma, inspirado no ensino bíblico"[403]. Como consequência da visão hostil ao comércio, "segue havendo católicos que são comerciantes, mas cada vez menos comerciantes católicos"[404].

[398] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 18.
[399] PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970, p. 153.
[400] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 116-117.
[401] LUZ, Liliane Pinheiro da. *Inquisição: Poder e Política em Terras Lusitanas (1536-1540).* Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001, p. 30.
[402] LITTLE, Lester K. *Religious Poverty and the Profit Economy in Medieval Europe.* Ithaca: Cornell University, 1978, p. 35.
[403] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 64.
[404] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 124.

• As dificuldades dos mercadores

Você já deve ter ouvido por aí que a vida de um comerciante não é fácil. Se não é fácil hoje, imagine séculos atrás. Nessa época, ser um mercador era arriscar muita coisa, a começar pela própria vida. Como se não bastasse a oposição implacável da Igreja, que proibia tudo o que se relacionava ao comércio, os mercadores enfrentavam pela frente uma imensidão de problemas dos mais variados tipos, como conta Gurevic:

> Os mercadores do primeiro período medieval tinham de se deslocar a países longínquos com as suas caravanas, vaguear por entre gentes e povos estranhos e deparavam com muitos e variados perigos, desde os salteadores até aos senhores locais, que se assemelhavam bastante aos bandidos e que faziam de tudo para se apoderarem das suas riquezas, quer sobrecarregando-os com impostos quer, mais simplesmente, roubando-lhes as mercadorias e os lucros. Os mercadores sofriam com as tempestades no mar e com as dificuldades do tráfico por via terrestre, dado o estado impraticável das estradas. O rendimento das mercadorias raras podia ser bastante elevado, mas o risco que comportavam não era menor.[405]

> O mercador tinha de estar preparado para enfrentar o perigo, que constituía um aspecto imprescindível da sua profissão, e, por conseguinte, a consciência do risco, da ameaça, nunca o abandonava. O perigo escondia-se nas viagens de longo curso, sobretudo as que

[405] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 166.

> eram feitas por mar: os naufrágios, os assaltos dos piratas ou dos mercadores rivais. Mas o perigo também vinha das perturbações do mercado e das pessoas com quem o mercador estabelecia relações de vários gêneros. É por isso que, nos apontamentos e nas instruções saídos da pena dos mercadores-escritores, existem insistentes avisos em relação às partes contrárias, aos concidadãos, aos amigos e até aos parentes. Aconselha-se o mercador a estar sempre alerta.[406]

O mercador era "obrigado a errar à chuva, por entre a tempestade e sob a neve, enfrentando todos os perigos do caminho"[407], expondo-se a «perigos de todos os gêneros»[408].

> Um mercador de Kiev confessava que tinha passado a vida em trabalhos, perigos e preocupações. A criação das companhias comerciais que, em caso de prejuízo, coparticipavam nas perdas do mercador proprietário do capital comercial e do mercador-navegador ficou, em grande medida, a dever-se à consciência do perigo iminente; aquele arriscava dinheiro e mercadorias; este arriscava a vida e os meios.[409]

Ao invés de encurtar as dificuldades, a postura da Igreja servia de mais entrave às práticas comerciais:

[406] ibid, p. 178.
[407] ibid.
[408] ibid.
[409] ibid.

> No *colloquium* do escritor eclesiástico e abade inglês Aelfric (inícios do século XI), em que são caracterizadas as várias profissões, para além do monge, do agricultor, do pastor, do tecelão, do salineiro, do pescador, do caçador e do ferreiro, é também mencionado o mercador. Na sua boca, são colocadas estas palavras: «Sou útil ao rei, ao nobre, ao rico e a todo o povo. Embarco com as minhas mercadorias e vou até aos países ultramarinos, vendo a mercadoria e adquiro as coisas valiosas que não se encontram no meu país. Transporto-as com grande risco e, por vezes, naufrago, perdendo todos os haveres e salvando, a custo, a vida». O mercador traz roupas e tecidos caros, vinho, óleo, marfim, ferro e outros metais, vidro e uma grande quantidade de outros produtos. O interlocutor pergunta-lhe: «Vendes estas mercadorias pelo preço a que as compraste?» «Não. Se assim fosse, o que lucraria com o meu trabalho? Vendo mais caro do que comprei a fim de lucrar qualquer coisa e manter a mulher e os filhos».[410]

Nos dias de hoje, essa resposta soaria como uma postura honrosa e digna – lucrar para poder sustentar esposa e filhos, algo normal na profissão de qualquer um – mas naquela época era justamente a "prova" de que ele era um usurário desonrado e pecador pertinaz. Numa sociedade como essa, Geremek tem razão ao dizer que "o vendedor ambulante era considerado um vagabundo"[411].

É no mínimo curioso que aqueles que arriscavam a vida e o capital para movimentar o pouco que a economia da época permitia não apenas não tinham o devido

[410] ibid, p. 166.
[411] ibid, p. 236.

reconhecimento, mas eram tratados com desprezo e escárnio, principalmente pelas autoridades eclesiásticas. Não é de se admirar que somente após a Reforma o comércio foi levado a um outro nível.

Menosprezada pela Igreja e malvista pelo povo, a atividade mercantil foi em seus primórdios exercida "por desocupados e errantes que não tinham emprego fixo na atividade agrícola, o que era comum no período feudal"[412]. O pior de tudo é que nem mesmo esses «desocupados e errantes» conseguiam levar a profissão adiante, pois mesmo quando por uma rara felicidade obtinham sucesso, as circunstâncias da época os forçavam a abandonar tudo por prudência e a se estabelecer no campo como os demais, onde a vida era muito mais segura e tranquila.

Assim escreve o autor do *Speeulum regale*, ao reconhecer o grande risco que o comércio ultramarino estava associado:

> Quando vires que, em resultado das tuas viagens comerciais, a tua riqueza aumentou solidamente, o melhor será retirares dos negócios dois terços do capital e investi-los em terras, já que esse tipo de bens parece ser o mais seguro quer para o proprietário, quer para os seus descendentes.[413]

Chama a atenção que semelhante conselho seja dado na Noruega, um país onde falta espaço para a agricultura. O comércio não podia ir adiante, porque viver do

[412] PIRENNE, Henry. *História Econômica e Social da Idade Média*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1963, p. 52.
[413] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 167.

comércio era arriscado e temeroso. Por essa razão, os mercadores preferiam abandonar a profissão para viver da agricultura assim que adquiriam condições para isso:

> Uma parte dos mercadores, na tentativa de evitar o risco ligado ao comércio com um grande raio de ação, passa para um sistema de investimento de dinheiro mais garantido. Não será, por acaso, paradigmática a história da família veneziana dos Barbarigo? Se, no fim da sua vida, o mercador Andréa o Velho já preferia comprar terras, seu filho Niccolo deixou escrito no seu testamento que seu filho, Andrea o Moço, não devia investir capitais no comércio. Da mesma forma, Matteo Palmieri, autor de *Da vida civil* (1438-1439), embora elogie o comércio mercantil, coloca acima de tudo a agricultura, que garante uma vida tranquila. A renúncia ao comércio em favor das finanças e da propriedade fundiária afastou os homens de negócios italianos da participação nos descobrimentos no oceano Atlântico. As descobertas levadas a cabo nos séculos XV e XVI coincidiram com o início da decadência econômica da Itália, que se encontrava afastada das novas vias comerciais.[414]

Assim, o desprezo que se tinha pelo comércio, a falta de apoio, os perigos de todos os tipos e "o risco social e econômico da profissão levam os mercadores a regressar à área mais segura da propriedade de terras"[415]. E isso não é o pior, pois na falta de perspectiva muitos mercadores apelavam para a ilegalidade, transformando-se em

[414] ibid, p. 184.
[415] ibid, p. 167.

corsários e investindo na pirataria. Era essa a conjuntura obscura e anárquica que não poucos mercadores se submetiam para vislumbrar possibilidades de lucro:

> O mercador transforma-se, facilmente, em corsário. É o que nos relata a quarta novela do *Decameron:* depois de ter sido assaltado e roubado, o próprio mercador entrega-se à pirataria, regressando à casa mais rico. Os mercadores partiam armados para as suas viagens de comércio e, em 1344, em Gênova, foi aprovada uma lei que os proibia de se deslocarem, sem armas, para lá da Sicília ou de Maiorca.[416]

Em suma, a sociedade estava estruturada de uma maneira que não havia espaço para o comércio. Como consequência, o comércio era deixado para os marginalizados da sociedade, que tão logo encontravam alguma solidez financeira abandonavam a profissão e se estabeleciam no campo, se igualando aos demais. Por isso é inútil procurar na Idade Média algum comércio em larga escala e de longa data: ele se resumia a um fenômeno periférico e isolado, cujo efeito prático na sociedade era muito baixo.

Toda a demonização do lucro aos olhos da Igreja e a consequente depreciação da profissão de mercador resultaram numa sociedade estática, muito diferente da que vivemos hoje. Por isso Gurevic diz que "a atividade dos homens de negócios, que necessitava de um novo sistema de valores, não foi imediatamente reconhecida pela literatura. Dante olhava os mercadores com altivez, friamente, com um

[416] ibid, p. 177-178.

aristocrático desprezo; Petrarca, muito simplesmente, nem sequer reparava neles"[417].

Diante disso, não surpreende que o feudalismo consistisse em unidades agrárias isoladas umas das outras, vivendo à base de subsistência e "quase não havendo comércio entre elas nem poder político que as reunisse"[418]. Uma economia que hoje seria facilmente considerada mais pobre que os países mais pobres da África, mas que a essa altura era enaltecida pela Igreja como o modelo de sociedade, onde os mercadores não tinham voz nem vez.

• Igreja rica, povo pobre

Com toda a demonização feita em cima de tudo o que envolvia o dinheiro, deveríamos esperar que a Igreja, que colocava esses pesados fardos nas costas dos leigos, fosse o exemplo número 1 em questão de simplicidade e modéstia. Mas, ironicamente, era o exato oposto disso. A pobreza era cultuada e imposta como modelo ao povo, ao mesmo tempo em que o alto clero vivia no luxo e desfrutava das regalias e mordomias conseguidas às custas do trabalho suado dos camponeses.

Enquanto homens e mulheres trabalhavam duro para comprar a salvação através das indulgências e das missas rezadas por suas almas, esse lucro era explorado pela

[417] ibid, p. 186.
[418] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 53.

Igreja, que preferia usá-lo para construções suntuosas em engrandecimento próprio do que para a iniciativa empreendedora, como destaca Paul Johnson[419]. A sociedade medieval "não fazia reservas; ou melhor, guardava seus tesouros nos céus. Possuía uma Igreja abastada em lugar de empresas capitalistas, para apresentar como indústria"[420].

A pobreza era boa – desde que fosse em um monastério bem distante de tudo e de todos, ou entre as massas de camponeses famintos. Para o próprio clero, pobreza nem pensar. Mas para entendermos isso, primeiro precisamos conhecer o que era considerado «riqueza» na Idade Média:

> Nos dias de hoje, a riqueza de um homem pode, em tese, ser medida pelos bens patrimoniais e pecuniários que ele possui. Além disso, a riqueza está também envolvida pela capacidade de investimento na produção para, desta maneira, buscar gerar mais riqueza por meio do lucro. Entretanto, no período medieval, principalmente no dos feudos, a riqueza de um homem era medida pela quantidade de terras que ele possui.[421]

Em outras palavras, numa época em que as moedas eram escassas, a riqueza consistia primordialmente em **possuir terras**. Ocorre que a maioria do povo literalmente não tinha terras – trabalhavam nas terras dos senhores feudais, como

[419] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 377.
[420] ibid, p. 378.
[421] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 15.

servos deles – enquanto a Igreja era a "a maior proprietária de terras do período feudal"[422]. Sobre isso, Huberman escreve:

> Não eram apenas os nobres que possuíam terras, a Igreja também foi a maior proprietária no período feudal e, para isso, não precisava de muito esforço para consegui-las. Uma das formas era em razão de que muitos nobres, quando estavam às portas da morte, buscavam, através de atos benevolentes, os favores divinos de uma morte tranquila e de um lugar especial onde queriam passar a eternidade e, para isso, eram orientados pelo clero a doarem suas terras à Igreja. Uma outra destacava que, tradicionalmente, quando um rei ou nobre ganhava uma guerra e se apoderava das terras dos derrotados, este doava parte dessas terras à Igreja.
>
> Com isso, a Igreja aumentava consideravelmente suas propriedades, chegando a possuir mais de um terço de todas as terras da Europa Ocidental. Outra questão que deve ser considerada sobre as propriedades da Igreja, é que existia uma forte razão porque se proibia o casamento dos padres: os chefes da Igreja não queriam arriscar-se de perder seus bens em detrimento dos possíveis herdeiros que pudessem surgir. Dessa forma, conserva-se o celibato como garantia de que não haveria tais riscos.[423]

[422] ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993, p. 86.
[423] HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 23.

Outro fator que corroborou para o aumento das posses da Igreja foram as cruzadas, que obrigaram os homens a hipotecar ou a vender suas terras e direitos de propriedade à Igreja para conseguir financiá-las[424]. Diante disso, Pirenne ressalta que "nesse mundo rigorosamente hierárquico, o lugar mais importante e o primeiro pertence à Igreja. Esta possui, além do ascendente econômico, o ascendente moral. Seus inumeráveis domínios são tão superiores aos da nobreza por sua extensão como ela mesma é superior à nobreza por sua instrução"[425].

Stark concorda que "durante toda a época medieval, a Igreja era a maior proprietária de terras na Europa e os seus bens líquidos e rendimentos anuais ultrapassavam em muito os do mais rico monarca e, provavelmente, os de toda a nobreza"[426], e Clark declara que "na Igreja não havia o problema de divisão de heranças, o que lhe permitia conservar e expandir suas propriedades"[427].

Melo escreve que "uma renda incalculável de todas essas terras fluía continuamente para os cofres da Igreja, tanto os dízimos que eram as taxas eclesiásticas pagas por toda a gente, como os tributos que se cobravam pelos serviços religiosos, além das vendas das indulgências, que muito rendiam"[428]. Roberts acrescenta que "a Igreja, grande proprietária de terras, controlava muito da riqueza da sociedade; sua renda provinha sobretudo da terra, e um mosteiro ou cabido podia ter grandes

[424] PHILLIPS, Jonathan. *La cuarta cruzadas y el saco de Constantinopla.* Barcelona: CRÍTICA, S. L., 2005, p. 57.
[425] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 16.
[426] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 108.
[427] CLARK, Kenneth. *Civilização.* São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 55.
[428] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011, p. 81.

propriedades"[429], e Gomes destaca que "na Idade Média as riquezas pertenciam ao clero e à nobreza"[430].

Armando Maior lembra que a Igreja possuía um terço das terras do território alemão – terras essas com total isenção de impostos[431]. Como se não bastasse, os clérigos eram julgados em cortes próprias (as «cortes eclesiásticas», em vez das cortes civis como todo mundo) e podiam apelar diretamente à Sé romana, que impunha "pesados impostos eclesiásticos que alienavam o povo e seus governantes de Roma"[432], enquanto o clero não pagava nada aos estados nacionais[433]. Zwetsch discorre:

> Além de ser proprietária de quase um terço de todas as terras do Sacro Império, a Igreja possuía, em certas regiões, um quarto de todas as propriedades comerciais. Ainda assim, cobrava um imposto anual, o óbulo de Pedro, enviado a Roma; além disso, cada família cristã deveria pagar o dízimo – dez por cento de sua renda –, usado para o sustento da paróquia local. Com tais arrecadações, acrescidas de pesadas taxas sobre os príncipes e o próprio povo, a Igreja convertera-se numa rica potência.[434]

[429] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 366.
[430] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 72.
[431] MAIOR, Armando Souto. *História Geral.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 349. O mesmo também nos cantões suíços (cf: CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 109).
[432] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 252.
[433] ibid, p. 254.
[434] ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993, p. 91.

Se os governantes seculares "lamentavam a perda do dinheiro enviado para o tesouro papal em Roma"[435], os camponeses não ficavam por menos, lastimando o fato da Igreja possuir numerosas terras que eles gostariam de usufruir e trabalhar[436]. E ainda eram afligidos pelo imposto eclesiástico, na forma dos dízimos obrigatórios e dos alugueis cobrados pelo alto clero local[437] – em ambos os casos, os camponeses não tinham a opção de não pagar.

Segundo Le Goff, esse dízimo compulsório começou em 1199, quando o papa Inocêncio III o decretou como uma taxa especial para a Quarta Cruzada. Ao se findar a cruzada ele continuou sendo cobrado com outros pretextos até se tornar permanente[438], no cânon 32 do quarto Concílio de Latrão (1215)[439]. E esse dízimo ainda era duplo: o chamado «dízimo grande» (a décima parte da colheita do trigo ou do vinho) e o «dízimo pequeno» (a décima parte das ovelhas, dos vitelhos, dos porcos e dos ovos)[440].

Como se já não fosse o bastante, "os padres e os frades recebiam renumeração pelos batismos, pelos casamentos, pelas confirmações e pelos enterros"[441] (numa época em que o único casamento que existia era o da Igreja e quando ser católico era uma obrigação, o que incluía a participação em todos os ritos pagos). Em circunstâncias especiais, como na construção da catedral de Notre-Dame, a Igreja

[435] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 254.
[436] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 8.
[437] ibid.
[438] LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 233.
[439] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 6.
[440] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 215.
[441] ibid.

inventava ainda um outro imposto denominado talha, o qual "impôs de maneira repetida durante o primeiro período de construção"[442].

Valentin sublinha que "a Igreja manteve por toda a parte com grande êxito a luta pelos dízimos. Donativos, dispensas, as espórtulas e os emolumentos dos serviços espirituais aumentavam notavelmente as rendas do clero"[443]. Os métodos de exploração financeira por parte da Igreja Romana incluíam ainda as «anatas, colações, reservações, expectações, dispensações, indulgências, simonia, comendações, *jus spoliorum,* taxas especiais»[444] e tudo o mais que fosse preciso para aumentar os rendimentos.

Bastava dar luz à criatividade para criar uma nova taxa, sob qualquer pretexto que fosse. Não à toa, Lutero dizia:

> Chega-se à conclusão de que uma cidade é pilhada em tomo de sessenta vezes por ano, sem contar aquilo que é pago à autoridade secular com taxas, impostos e ônus, mais o que a Sé romana rouba com sua mercadoria e o que consomem inutilmente. Que ainda podemos existir e nos alimentar é, para mim, um dos maiores prodígios de Deus.[445]

Em seu *Apelo à Nobreza Germânica,* ele escreve:

---

[442] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 4.
[443] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo II.* 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 59.
[444] OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *História do Cristianismo em Esboço.* Recife: STBNB Edições, 1998, p. 86.
[445] ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993, p. 91.

> Qual a utilidade no Cristianismo dos assim chamados "cardeais"? Eu vo-lo direi. Na Itália e na Alemanha há diversos mosteiros ricos, dotações, prebendas e benefícios, e para melhor tê-los em suas mãos, Roma criou os cardeais e lhes dá os bispados, os conventos e os cargos prelatícios, destruindo assim o serviço de Deus. Esta é a razão por que a Itália é agora na sua maior parte um deserto; os conventos estão destruídos; as sedes estão esgotadas; as rendas das prelazias e de todas as igrejas são drenadas para Roma; cidades estão decaídas; o país e o povo arruinados porque não há mais serviço de Deus ou pregação. Por quê? Porque os cardeais devem ter todas as riquezas. Os próprios turcos não poderiam ter devastado a Itália a tal ponto, nem ter destruído melhor o serviço de Deus.
>
> Agora que a Itália é uma fonte seca, eles vêm à Alemanha. Começam de modo silencioso, mas logo veremos a Alemanha reduzida ao mesmo estado que a Itália. Já temos alguns cardeais. O que os romanistas realmente pretendem fazer os "bêbados alemães" não verão senão quando tiverem perdido tudo. (...) Ora, este diabólico estado de coisas não só está aberto à roubalheira, ao engano e ao prevalecimento das portas do inferno, mas está ainda destruindo a própria alma e vida do Cristianismo. Por isto estamos obrigados a usar de toda a nossa diligência para afastar essa calamidade e destruição. (...) Roma é o maior ladrão e salteador que jamais apareceu sobre a terra.[446]

[446] LUTERO, Martinho. *Apelo à nobreza germânica. Luther's Werke* (Weimar), XI. 405-415. Tradução baseada em Wace e Buchheim, *Luther's Primary Works.* Extratos em Kidd, n. 35. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 244.

E acrescenta:

> Pobres alemães que somos – fomos enganados! – nascemos para ser senhores e fomos obrigados a inclinar a cabeça sob o jugo de nossos tiranos e a tornar-nos escravos. Nome, título, sinais exteriores de realeza – tudo isto temos; força, poder, direito, liberdade – tudo isto passou aos papas que nos roubaram isso. Eles têm o cerne, nós a casca. (...) É chegado o tempo de o glorioso povo teutônico deixar de ser o boneco do pontífice romano. Pelo fato de o papa coroar o imperador não se segue que o papa é superior ao imperador. Samuel que coroou Saul e Davi não estava acima desses reis, nem Natã acima de Salomão a quem consagrou. (...) Que o imperador seja um verdadeiro imperador e não mais permita ser despojado de sua espada e de seu cetro![447]

Cairns comenta que "a tentativa papal de tirar mais dinheiro da Alemanha no século XVI aborreceu profundamente a classe média emergente em estados como a Saxônia. Essa perda de recursos se agravou com a inflação e elevação do custo de vida"[448]. A gota d'água foi "o abuso do sistema das indulgências, que empobrecia ainda mais a Alemanha em benefício do papado, o que enfureceu Lutero"[449]. Ribard ressalta que "João Huss invocara a nação tcheca; Lutero invocava-a ao germanismo. Era o grito de vingança contra o alto clero italiano que considerava como gado

[447] ibid, p. 245.
[448] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 254.
[449] ibid.

esses camponeses alemães desprezados pela Europa. Era a afirmação da fé germânica contra a Igreja que havia séculos despojava a Alemanha"[450].

Desde as 95 Teses, Lutero expunha o pensamento popular que escancarava a hipocrisia do papado: «Por que o papa, cuja fortuna hoje é maior do que a dos mais ricos Crassos, não constrói com seu próprio dinheiro ao menos esta uma basílica de São Pedro, ao invés de fazê-lo com o dinheiro dos pobres fiéis?»[451]. Mas, como Lindberg diz,

> ao invés de responder às críticas filosóficas, teológicas e literárias dirigidas contra si, o papado desenvolveu mecanismos administrativos cada vez mais eficientes para coletar mais e mais impostos, misturar suas milhares de páginas de documentos referentes a benefícios eclesiásticos, indulgências e política, e administrar suas redes de padroado.[452]

A Igreja, que despojava os estados nacionais como a Alemanha, usava essa fortuna para esbanjar sua riqueza à vista de todos, especialmente na forma de construções monumentais. Os historiadores católicos Michael Collins e Matthew Price afirmam que o papa Bento XII "gastou uma fortuna na construção do Palácio dos Papas, um palácio-fortaleza em Avinhão, entre 1334 e 1342, mostrando que abandonara qualquer ideia de voltar para Roma"[453]. Neste período, os papas ostentaram mais

[450] RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 9.
[451] Tese 86. Você pode conferir as teses completas em: <http://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html>. Acesso em: 29/03/2019.
[452] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 59.
[453] COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé.* São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 120.

do que nunca, aumentando suas despesas em dois terços, e usaram parte dessa renda para financiar guerras por território na Itália[454].

A corte pontifícia dispunha de 400 a 500 pessoas, muito mais que as cortes dos governos civis, e gastava 120 mil florins, valores astronômicos para os padrões da época, sendo 30 mil deles para o seu palácio – coisas como criadagem, alimentação, cera, madeira, feno, lavagem de roupa e manutenção dos cavalos[455]. Le Goff destaca que o palácio dos papas em Avinhão, bem como os outros palácios e monumentos papais, não eram construídos por prazer pessoal, mas "por afirmação coletiva de prestígio"[456], pois "o papado é uma das instituições mais gastadoras, senão a mais gastadora entre todas, no Ocidente"[457].

Em outras palavras, o papado esbanjava sua riqueza, fortuna e luxo como uma forma de afirmação e prestígio, uma maneira de reforçar sua indiscutível superioridade sobre o "populacho". Um exemplo disso foi a coroação do papa Alexandre VI (1492-1503), honrado pelo povo romano que levantou um arco de triunfo no qual se encontrava a inscrição: «A Roma dos Césares foi grande, esta dos papas é maior; aqueles eram imperadores, estes são deuses»[458].

A distância intransponível entre o povo e o clero servia para promover o prestígio deste último, manifestado na forma de construções suntuosas e gastos exorbitantes. Le Goff sustenta que "o Estado que se desenvolve mais cedo nesse

[454] ibid.
[455] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 11.
[456] ibid, c. 12.
[457] ibid.
[458] PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro*. Barcelona: Salvat Editores, 1933, p. 99-100.

contexto, o mais dominador e o mais bem irrigado em dinheiro é o da Igreja, ou seja, a Santa Sé. A Santa Sé recolhe, por um lado, os rendimentos das terras e das cidades que estão diretamente sob a dominação pontifícia, o que se chama o patrimônio de São Pedro"[459].

Mas se engana quem pensa que o problema do luxo desmedido do papado provém apenas do período dos papas de Avinhão (1309-1377). Já desde muito o papado esbanjava riquezas a ponto de ser recriminado até pelos monarcas mais ricos da época, como Luís IX da França (mais tarde canonizado pela Igreja), que em 1247 enviou ao papa "uma carta virulenta acusando o papado de se ter tornado um templo do dinheiro"[460].

Zwetsch afirma que "os abusos eram tão flagrantes que alguns chegavam a dizer: «Não é com os pobres que o dinheiro da Igreja é gasto, mas com os sobrinhos favoritos e os parentes dos padres»"[461]. Isso se mostrava evidente pelos funcionários nomeados pelos papas, em número cada vez maior e sem qualquer necessidade, em um ciclo vicioso de corrupção e ganância. Sobre isso, o historiador espanhol José Pijoán escreve:

> Júlio II criou um colégio de cem funcionários, a quem pagou 14 mil ducados por seu emprego. Leão X nomeou sessenta camareiros e cento e quarenta escudeiros, que lhe pagaram, juntos, 90.000 e 112.000 ducados, respectivamente. Essas posições, obtidas pelo

[459] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 6.
[460] ibid.
[461] ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993, p. 91.

> dinheiro, foram consideradas imobiliárias e algumas delas poderiam ser transferidas por seus possuidores para outros que as compraram pagando-lhes um preço extra. Assim, foi criado um círculo vicioso: para pagar os salários dos simoníacos, mais dinheiro tinha que ser adquirido, e os fundos, em muitos casos, tinham que ser obtidos através da criação de outros empregos para vendê-los para novos simoníacos. Às vezes, temia-se que um papa reformista viesse a cortar os privilégios, deixando sem emprego e salário às sanguessugas da cúria romana.[462]

Fluck destaca que "opressão e miséria tinham se abatido por sobre a Cristandade graças ao sistema de extorsão estabelecido por Roma"[463], e que o papado estava "destruindo a Cristandade em corpo e alma"[464]. Para Mackinnon, "Roma era a verdadeira multinacional que exercitava cobiça e roubos, vendia bispados, acumulava bens de forma ilícita e fazia coisas bem piores do que os não-cristãos. Ali, o dinheiro comprava tudo"[465]. Existia até um provérbio italiano que dizia que "quem for a Roma vai perder sua fé"[466], ilustrando a cobiça dos papas pelo acróstico "ROMA": ***R**adix **O**mnium **M**alorum **A**varatia* – «o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males»[467].

---

[462] PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro*. Barcelona: Salvat Editores, 1933, p. 101.
[463] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 45.
[464] ibid.
[465] MACKINNON, James. *Sobre a ética econômica de Lutero,* cf.: FISCHER, Joachim. *Lutero e o capitalismo incipiente.* Estudos Teológicos; *Reflexões em torno de Lutero.* São Leopoldo, 21 (número especial): 1981, p. 88.
[466] OLIN, John C. *Catholic Reform: from cardinal Ximenes to the Council of Trent 1495-1563.* New York: Fordham University, 1990, p. 57.
[467] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 398.

Conta-se que naquela época o papa, mostrando as riquezas da Igreja a um visitante, lembrando-se de Pedro, disse: "Veja, já não podemos mais dizer «não tenho prata nem ouro»"[468]. Ao que o visitante respondeu: "Sim, e nem podemos mais dizer «levanta-te e anda»"[469]. E não pense que essa triste realidade se limitava a Roma. Johnson relata a visita de Colet e Erasmo ao santuário de S. Tomás Becket, em Cantuária, na Inglaterra pré-reformada:

> Em algum momento entre 1511 e 1513, dois dos principais eruditos europeus fizeram uma visita ao santuário de S. Tomás Becket, em Cantuária. Um era John Colet, reitor da Escola de S. Paulo e fundador de sua nova escola de gramática; o outro era o holandês Erasmo, autor do principal guia espiritual para os leigos cristãos e de uma muito admirada sátira à Igreja, *Elogio da Loucura.* Em um de seus últimos *Colóquios,* Erasmo deixou-nos um relato da visita e seria difícil conceber um pequeno episódio mais pungente, às vésperas da Reforma, que esse confronto entre o santuário do triunfalista clerical martirizado e os dois mais convictos apóstolos do Novo Ensino. Os dois eruditos eram homens pios e sua visita foi reverente. Contudo, o relato de Erasmo deixa claro que ambos ficaram profundamente chocados com o que viram. As riquezas que adornavam o santuário eram espantosas.
>
> Erasmo considerou-as incongruentes, desproporcionais, tesouros "perante os quais Midas ou Creso teriam parecido mendigos"; trinta anos depois, os agentes de Henrique VIII recolheriam, dali, 140 quilos

[468] DUDUCH, João. *História da Igreja.* São Paulo: Novas edições líderes evangélicos, 1974, p. 146.
[469] ibid.

> de ouro, 125 de folheado de prata, 150 de prata pura e 26 carroças de outros tesouros. Colet irritou o sacristão que os acompanhava ao sugerir que S. Tomás preferiria que tudo aquilo fosse dado aos pobres. Conseguiu piorar as coisas ao recusar-se a dar um beijo reverencial em uma importante relíquia, o braço de S. Jorge, e ao tratar um velho trapo supostamente embebido no sangue de S. Tomás com um "assobio de desprezo". A três quilômetros da cidade, perto do asilo de pobres de Harbledown, a impaciência do reitor com o "Cristianismo mecânico" foi submetida a mais testes quando um mendigo licenciado os aspergiu com água benta e ofereceu o sapato de S. Tomás para que o beijassem.[470]

Ribard observa que o clero e sua aristocracia eram «colossalmente ricos», em um «contraste mortal» com a pobreza popular amplamente dominante na época[471]. Da mesma forma, as imensas e esplêndidas catedrais não podiam se comparar à simplicidade do povo que mal tinha onde cair morto. Como o medievalista francês Robert Fossier dizia, "a Igreja não se sentia mal por possuir grandes manadas com caras humanas"[472].

Nichols resume o cenário da época nas seguintes palavras:

> Uma renda incalculável de todas essas terras fluía continuamente para os cofres da Igreja, tanto as dízimas que eram as taxas eclesiásticas

[470] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 321.
[471] RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 45.
[472] FOSSIER apud BONNASSIE, Pierre. *From Slavery to Feudalism in South-Western Europe.* Cambrigde University Press, 1991, p. 6.

> pagas por toda a gente, como os tributos que se cobravam pelos serviços religiosos, além das vendas das indulgências, que muito rendiam. O papa recebia para si próprio os impostos dos Estados Papais e do óbulo de São Pedro, óbulo que todos pagavam. Também o papa cobrava um imposto do clero e contribuições outras dos bispados, em virtude do ofício dos bispos e arrecadava muitas outras taxas de várias naturezas. Foi assim que essa grande Igreja internacional se tornou o poder mais rico do mundo, ultrapassando, na Europa, a qualquer governo, em recursos financeiros. Mesmo que os homens não acreditassem na sua autoridade divina, ao menos a temiam por sua tremenda influência, por suas enormes riquezas.[473]

Ele acrescenta que, embora alguma coisa fosse gasta em práticas de caridade, "a maior parte das suas riquezas era gasta egoisticamente, em ostentações luxuosas"[474]. Inclusive "muitos mosteiros tinham adquirido ricas e extensas propriedades que exploravam em benefício próprio"[475]. Stark, um apologeta do catolicismo, diz que "um Estado despótico investe pouco na riqueza criada na produção"[476], porque "em vez disso consome-a, muitas vezes só para mostrar que o pode fazer"[477]. Ele cita como exemplo as pirâmides do Egito e o Taj Mahal, que "não tinham valor produtivo e foram pagos com miséria e carência"[478], esquecendo-se que os monumentos católicos caem como uma luva nessa mesma categoria.

[473] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 100.
[474] ibid.
[475] ibid, p. 103.
[476] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 121.
[477] ibid.
[478] ibid.

Le Goff enfatiza que "a construção das catedrais, de numerosas igrejas e numerosos castelos-fortes eram construídos em pedra quando as casas urbanas eram quase sempre de madeira"[479]. Ele também destaca que "a construção das grandes catedrais custou caro e, admirando esses monumentos, pode-se considerar, como já assinalei, que uma das razões de a economia europeia não ter decolado na Idade Média foi, com as cruzadas e a fragmentação monetária, o custo das catedrais"[480].

A Igreja que deveria estimular a economia fazia o contrário, falindo-a. Não é sem razão que "o confisco de propriedades eclesiásticas, resultante da ruptura com a Igreja, enriqueceu o Estado e muitos empresários de indústrias"[481]. As cidades se endividavam, não para bancar investimentos necessários para o bem-estar social e para o desenvolvimento do capitalismo, mas para custear o projeto megalomaníaco das gigantescas catedrais:

> Em Amiens, o essencial da construção, entre 1220 e 1250, foi garantido por uma contribuição financeira dos burgueses. O bispo Geoffroy d'Eu, por sua vez, vendeu uma parte de seus bens. De resto, o bispo proibiu durante a construção da catedral todas as doações para as outras igrejas da cidade. No fim do século XIII, a cidade fez, para o acabamento dos trabalhos, importantes empréstimos que aumentaram consideravelmente sua dívida. (...) Outras igrejas tinham

[479] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 1.
[480] ibid, c. 4.
[481] CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 130.

> consumido os juros e as posses dos habitantes das cidades e do clero.[482]

Os reformadores não ficaram impassíveis a isso. O reconhecido historiador Geoffrey Blainey comenta que "os católicos acreditavam em grandiosas cerimônias religiosas, ricas procissões e joias colocadas na mitra do arcebispo; ao contrário, muitos dos reformadores insistiam na simplicidade e, mesmo quando ricos, preferiam uma igreja sem vitrais"[483]. O próprio Calvino disparava: "Seria ridícula e inepta imitação dos papistas imaginar que fazemos a Deus um serviço mais digno ornamentando nossos templos. Enquanto as pessoas se distraem com as coisas externas, se profana o culto a Deus"[484].

A Igreja monopolizava terras, moedas e monumentos que constituíam sua inesgotável riqueza, conseguida às custas do trabalho pesado, do suor e até do sangue do povo amedrontado com o fogo eterno do inferno e desesperado em livrar uma alma do purgatório. Todo o consciente era trabalhado de modo a gerar o máximo de pavor e medo, e através desse terrorismo psicológico a Igreja só tinha a ganhar – no sentido mais literal possível.

Hoje somos tentados a pensar o homem medieval como inacreditavelmente ignorante e ingênuo, mas a realidade é que suas atitudes eram apenas o reflexo natural e compreensível de um povo que *acreditava piamente* em tudo aquilo que a Igreja maquinava na finalidade de gerar uma oportuna e lucrativa psicose coletiva.

---

[482] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 4.
[483] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010, p. 185.
[484] RANDALL, John H. *La formación del pensamiento moderno.* Buenos Aires: Editorial Nova, 1952, p. 164.

É por isso que a estratégia da Igreja – de enriquecer a si mesma ao mesmo tempo em que ensinava os demais a serem pobres – dava tão certo. A «Santa Madre Igreja», como o nome pressupõe, era a "mãe" espiritual de todos os cristãos, a quem todos deviam tudo, incluindo a vida e o sustento.

Em outras palavras, o pobre camponês devia se contentar com sua vida miserável que já era mais do que ele merecia, e a Igreja, por contraste, era digna de toda a fortuna que pudesse acumular na terra, uma vez que seus representantes são vigários de Cristo, a quem pertence o ouro e a prata. Assim, como destaca Le Goff, "no tempo de Francisco de Assis e da senhora Pobreza, a verdade é que os pobres são desprezados e a usura pode ser um meio de ascensão social que o espantalho do Inferno permite refrear"[485].

Ninguém melhor descreveu a forma com que a Igreja empobrecia o povo e sufocava o espírito do capitalismo do que Roland Mousnier e Ernest Labrousse, que escreveram:

> Os mosteiros são refúgios de mandriões, que privam o Estado de agricultura, de artesãos e comerciantes. O celibato eclesiástico impede a multiplicação dos homens, rouba produtores ao corpo social, assim como consumidores e soldados. As remessas de dinheiro para o papa empobrecem a nação. Os eclesiásticos acham-se isentos

[485] LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a Vida: economia e religião na Idade Média*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004, p. 38.

> de impostos, embora possuam bens imensos e privem o Estado de abundantes recursos.[486]

A Igreja tinha muito dinheiro e poder, mas usava ambos da pior forma possível. Privando a agricultura, prejudicando o comércio, proibindo o lucro, obstruindo os negócios e extorquindo as nações para encher o bolso dos bispos, não é surpresa que a Europa medieval fosse tão pobre e hostil ao espírito do capitalismo. As inesgotáveis riquezas da Igreja tinham objetivos tão fúteis quanto as dos nobres, e eram tão inúteis quanto eles.

Por isso o nível de riqueza não crescia, não importava quantos séculos passassem. Neste contexto, não admira que o capitalismo tenha tardado tanto tempo a surgir. Tudo isso era fruto da visão ultrapassada e superada de uma Igreja em decadência, que precisava ser remodelada e reformada se quisesse sonhar com dias melhores.

• O "capitalismo" medieval

As tentativas de se encontrar um "capitalismo medieval" esbarram na própria estrutura social da época, que limitava e entravava qualquer avanço nesta direção. Biéler afirma que "nesse sistema simples, não havia um comércio desenvolvido. As intensas formas de comércio na época romana são agora quase inexistentes. O cultivo da terra era praticamente para a subsistência do feudo"[487]. Oliveira também

[486] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 91.
[487] BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de João Calvino.* São Paulo: Cultura Cristã, 1990, p. 207.

aborda o aspecto primitivo do comércio, que inviabilizava por completo o surgimento do capitalismo, ao mesmo tempo em que o dinheiro da Igreja e dos nobres não era usado como capital para qualquer tipo de investimento no sentido de multiplicar a riqueza, como ocorre no capitalismo:

> O sistema comercial no período feudal era bastante arcaico e quase primitivo. As pessoas "compravam" (se é que podemos chamar assim), por meio de trocas, aquilo que precisavam para atender as suas necessidades. Dessa forma, se alguém precisasse de um casaco de lã, por exemplo, e tivesse um boi para trocar por ele, esse "consumidor" precisaria encontrar alguém que estivesse necessitando de um boi e que tivesse um casaco de lã para trocar com ele. O dinheiro, portanto, era quase inexistente para o comércio.
>
> Além disso, o acesso ao capital, também era para poucos. A Igreja, no entanto, possuía seus cofres abarrotados de ouro e prata. Esses valores permaneciam guardados e, portanto, estáticos, sem utilidade comercial. O dinheiro da Igreja não podia ser usado para investimento no sentido de multiplicar sua riqueza, exceto para comprar enfeites para os altares. Da mesma sorte, o capital dos nobres estava nessa mesma situação, ou seja, não havia saída para ele, pois o comércio não se servia desse capital. Assim, todo o capital, tanto do clero quanto dos nobres, permanecia improdutivo.[488]

[488] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 16.

Somado ao comércio e aos investimentos, outro elemento de crucial importância no sistema capitalista é o dinheiro (naquela época, na forma de moedas). Você não consegue capitalismo apenas por meio de trocas simples, como o mundo antigo funcionou por tanto tempo. A troca de animais e produtos da terra faz sentido em uma economia elementar de subsistência, mas não em um sistema mais completo. O problema é que "a moeda não deixou na Idade Média de ser rara e sobretudo muito fragmentada e diversa, e essa fragmentação foi uma das causas de sua dificuldade para decolar do ponto de vista econômico"[489].

Jacques Le Goff, que dedica a isso uma grande parte de seu ensaio *A Idade Média e o Dinheiro,* ressalta que "o Império Romano legou ao Cristianismo um uso limitado mas importante do dinheiro, que não cessou de se enfraquecer do século IV ao século VII"[490]. A escassez monetária na Europa medieval fez com que "só o grande comércio com o Oriente mantivesse no Ocidente uma certa circulação em ouro sob a forma de moeda bizantina e muçulmana"[491]. Em outras palavras, a circulação monetária na Europa era tão pequena que as poucas moedas que os europeus usavam eram as bizantinas e muçulmanas, em vez de moedas próprias.

Ele acrescenta:

> O valor dessas peças de ouro era tão elevado que a grande maioria da população medieval nunca se serviu delas. As moedas de ouro eram apanágio dos nobres, dos administradores importantes e dos grandes

[489] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, Introdução.
[490] ibid, c. 1.
[491] ibid.

> comerciantes. Quando em 1433 o novo "cavaleiro de ouro" holandês foi posto em circulação, valia setenta e dois *gros*. No ano seguinte em Antuérpia, os mestres pedreiros que construíam a igreja de Notre-Dame recebiam oito *gros* por dia e seus diaristas quatro *gros* e meio. No campo, o salário dos trabalhadores agrícolas era ainda menor.[492]
>
> Quais são, aos meus olhos, os elementos constitutivos do capitalismo que não existem na Europa medieval? O primeiro é uma alimentação suficiente e regular seja de metais preciosos permitindo a fabricação de moeda, seja de papel-moeda, como já faziam os chineses. Ora, vimos que a Idade Média esteve muitas vezes à beira da fome monetária e isso ocorreu ainda no fim do século XV.[493]

Oliveira ainda destaca outros problemas com as moedas da época:

> Além da escassez monetária, as moedas que existiam não obedeciam a um padrão monetário. Elas variavam de região para região. O transporte de mercadorias era outro problema. As estradas eram mal conservadas e perigosas. Adicionando-se a todos esses problemas, o sistema métrico era também bastante problemático, pois a medição do peso dos produtos variava de lugar para lugar. Assim, por todos esses motivos assinalados, o comércio feudal era bastante ineficiente e consequentemente pequeno.[494]

[492] ibid, c. 12.
[493] ibid, c. 15.
[494] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 16-17.

A maior parte das poucas moedas existentes na época ficava a cargo da Igreja, que, como vimos, possuía um monopólio da riqueza e a usava de forma dispendiosa e irresponsável:

> A Igreja, e especialmente os mosteiros, por intermédio do dízimo, uma parte do qual entra em dinheiro, e da exploração de seus domínios, entesoura a maior parte desses rendimentos monetários. As moedas e o metal precioso que guardam, os lingotes de ouro e de prata são transformados em objetos de ourivesaria que, fechados nos tesouros das igrejas e dos mosteiros, constituem uma reserva monetária.[495]

Le Goff acentua que a Igreja era "um tanto reticente e mesmo hostil em relação ao dinheiro"[496], e que "sua atitude de desconfiança a respeito do dinheiro inspirou não apenas os pensadores, mas os homens e as mulheres na vida cotidiana pelo menos até o século XIV"[497]. Até mesmo "as imagens medievais, onde o dinheiro aparece de maneira frequentemente simbólica, são sempre pejorativas e tendem a impressionar aquele que as vê, levando-o a temer o dinheiro"[498].

Como exemplo, "o principal símbolo iconográfico do dinheiro na Idade Média é uma bolsa no pescoço de um rico que a leva consigo ao inferno"[499]. Neste mundo em que o dinheiro é demonizado, não surpreende que "a maior parte dos estabelecimentos chamados bancos na Idade Média faliu"[500], incluindo os grandes

[495] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 1.
[496] ibid, c. 14.
[497] ibid.
[498] ibid, Introdução.
[499] ibid, Introdução.
[500] ibid, c. 15.

bancos[501]. É por essas e outras que não se pode falar em «capitalismo medieval», apesar de certos *aspectos* do capitalismo estarem presentes, em escala modesta, não apenas na Idade Média, mas também na Antiguidade (o que de modo algum faz do mundo antigo "capitalista").

Le Goff é um dos muitos medievalistas que concordam que "não se pode falar de capitalismo antes do século XVI"[502], pois para ele "o capitalismo só se impõe verdadeiramente nos séculos XVI e XVII, deixando a Idade Média fora do capitalismo"[503]. Ele reforça que até o fim do século XV "é impossível falar em capitalismo ou mesmo em pré-capitalismo"[504], pois "só no século XVI haveria elementos que se reencontrariam no capitalismo"[505].

O economista Philippe Norel, em seu *L'Histoire économique globale,* sustenta que as primeiras formas de capitalismo agrícola surgiram na Inglaterra anglicana do século XVI, que constituiu a base do capitalismo industrial do século XVIII, no que Le Goff concorda[506]. Corrigindo aqueles que disseminam a tese do "capitalismo medieval", Le Goff escreve:

> Pareceu-me uma imposição precisar, como já o fizeram muitos historiadores notórios, que o capitalismo não nasceu na Idade Média, e até mesmo que a Idade Média não foi um período pré-capitalista: a

[501] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 188.
[502] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 15.
[503] ibid.
[504] ibid.
[505] ibid.
[506] ibid.

> penúria de metais preciosos, a fragmentação dos mercados impediam a criação de condições para isso. Só no período que vai do século XVI ao XVIII produzir-se-á a "grande revolução" que Paolo Prodi situa erradamente, como tentei demonstrar, na Idade Média. Na Idade Média o dinheiro, como também o poder econômico, não se emancipou do sistema global de valores da religião e da sociedade cristãs. A criatividade da Idade Média está em outros pontos.[507]

Paul Johnson também concorda que a Igreja Católica Romana

> não produziu uma teologia do comércio ou do capitalismo. Não criou ordens que fizessem contribuições às técnicas comerciais, assim como os beneditinos e cistercienses haviam colaborado para o avanço das técnicas agrícolas; de fato, mesmo na agricultura, desde o século XIV, ela havia trocado o papel de produtora pelo de senhorio. Os templários, agindo como banqueiros, eram a única ordem cristã a apresentar uma contribuição comercial e foram suprimidos e saqueados pelo pontificado e pela coroa, agindo em conjunto. Durante as Cruzadas, que constituíram um fórum crucial para a inovação econômica, foram os mercadores seculares das cidades marítimas italianas que assumiram o papel pioneiro, do lado de fora da estrutura institucional da Igreja.[508]

[507] ibid, Conclusão.
[508] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 376.

Mousnier assente que "a atividade capitalista, tanto como o neopitagorismo, desenvolve no século XVI o espírito quantitativo"[509]. Para o autor,

> o surto do capitalismo caracteriza efetivamente o século XVI. Um número maior de homens fornece a outros (artesãos, agricultores ou soldados) capitais, ferramentas, máquinas, matérias-primas, armas, munições ou dinheiro para adquiri-los, fazendo-os aplicar tudo isso, e guardam parte do lucro. A massa de capitais assim posta em circulação vai aumentando.[510].

Portanto, é só em meados do século XVI – o século da Reforma – que ocorre um «renascimento econômico», quando começam a aparecer os primeiros sinais de um capitalismo de fato[511]. A classe média emergente, que antes enviava suas riquezas a Roma para o usufruto do papado, passa a investir seu capital na produção de riqueza[512], o que decisivamente mudaria o destino do mundo.

• O "capitalismo" das cidades italianas

Contra tudo o que vimos aqui, os revisionistas tem uma carta guardada na manga: o "capitalismo" primitivo das cidades italianas, especialmente em Florença e

[509] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 59.
[510] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 58.
[511] ibid.
[512] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 254.

Veneza, nos últimos séculos da Idade Média[513]. Essa seria a evidência de que a Igreja era favorável ao capitalismo, ou que pelo menos não se opunha ao mesmo. O que eles ignoram, em primeiro lugar, é que esse surto de atividade mercantil (distinguiremos isso do capitalismo em si, assim como Le Goff e muitos outros historiadores de primeira classe) não ocorreu por incentivo da Igreja, mas, ao contrário, pelas mãos de leigos em *desobediência* aos regulamentos da Igreja[514].

A Inquisição nunca foi capaz de eliminar por completo as "heresias", apesar de caçar e perseguir os "hereges" até a morte[515]. Da mesma forma, a Igreja recriminava o comércio e tudo o que envolvia lucro, mas não foi capaz de evitar a prática mercantil por completo (embora tenha sido eficiente em neutralizá-la e reduzi-la na medida do possível). Hereges ou mercadores (o que no fim das contas costumava ser o mesmo), sempre houve quem estivesse disposto a burlar a lei canônica através dos mais sofisticados subterfúgios.

Por isso Le Goff diz que "a condenação da usura e de certas formas de empréstimo com interesse obrigou aos comerciantes a aperfeiçoar métodos e a recorrer a sutilezas"[516], de modo que até mesmo "os próprios monastérios frequentemente quebravam os preceitos da Igreja"[517]. Ele também informa que "na maioria das vezes, a Igreja fecha os olhos, tanto mais quanto que os banqueiros e os

[513] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 58.
[514] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 119.
[515] Discorri sobre isso no capítulo 1 do volume anterior. Também disponível em: <http://www.lucasbanzoli.com/2018/01/a-reforma-antes-de-lutero_27.html>.
[516] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 121.
[517] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 18.

comerciantes acharam rapidamente numerosos modos de esquivar das interdições eclesiásticas, de dissimular a usura disfarçando o interesse"[518].

Le Goff acrescenta que "a Igreja foi gradualmente tomando uma postura mais tolerante, admitindo pouco a pouco derrogações e justificou exceções cada vez mais numerosas e importantes"[519]. Em outras palavras, os comerciantes encontravam meios de "driblar" a lei canônica, e muitas vezes a Igreja fazia vista grossa a isso (dado o fato de que ela mesma recorria às mesmas práticas quando queria).

Para o azar dos comerciantes, essa "vista grossa" não durou muito. Com a Contrarreforma, a Igreja voltou a ser mais rigorosa em relação às suas leis, o que resultou num êxodo de comerciantes católicos em direção aos países protestantes, como relata Johnson:

> De cidades de Flandres como Liege, Bruxelas e Ghent, onde o catolicismo da nova variedade da Contrarreforma estava sendo imposto à força pelos *tercios* espanhóis, ocorreu um movimento para Frankfurt, Hamburgo, Bremen, Renânia e Suíça, assim como para a Holanda protestante, sobretudo após a queda de Antuérpia perante os espanhóis, em 1585.[520]

[518] LE GOFF, Jacques. *Mercadores y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 96.
[519] ibid, p. 97.
[520] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 380.

Esse radicalismo da Contrarreforma que resultou na supressão do pouco que alguns chamam de "capitalismo" medieval está de acordo com o que observamos no volume anterior: a Contrarreforma não foi um movimento de abertura, diálogo ou aproximação com os princípios humanistas ou reformados, mas justamente a sua antítese, caminhando em direção ao autoritarismo legalista – uma "volta às raízes" de um catolicismo rigoroso e intransigente, que atrofiou o comércio e retardou o capitalismo.

Até Stark admite que "no fim do século XVI, as cidades-estado italianas já não eram potências econômicas"[521], uma vez que o "capitalismo" italiano "quase desaparecera da Itália e Flandres, e os reis das duas maiores potências europeias, a Espanha e a França, não eram receptivos ao capitalismo como não eram à democracia e ao protestantismo"[522]. Elas se tornaram "sociedades fortemente católicas, governadas por déspotas que impuseram impostos, furtos e regulamentos comerciais"[523], enquanto "o capitalissmo continuou a prosperar na Inglaterra e na Holanda, dois países protestantes"[524].

Por todas essas razões, é um erro considerar a atividade mercantil das cidades italianas como um tipo de "capitalismo primitivo", e ainda mais errado atribuir a elas o nascimento do próprio capitalismo, como se o capitalismo devesse algo a elas. Tais teses são derrotadas pelo seu rápido atrofiamento, muito antes de ter tempo de influenciar ou se espalhar pelo resto da Europa ou do mundo.

[521] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 211.
[522] ibid, p. 203.
[523] ibid.
[524] ibid.

Por isso esse período não é tido como mais que um "surto" de atividade mercantil, à semelhança de outros tantos em muitos lugares e épocas, que igualmente chegaram a um estado de esgotamento sem dar um passo adiante. O próprio Rodney Stark cita o exemplo da China, que no século X já fazia mais do que as cidades italianas, mas que, tal como elas, não foi capaz de ir adiante:

> No fim do século X, começou a desenvolver-se uma indústria de ferro na China do Norte. Pensa-se que em 1018 os fundidores de ferro produziram mais de trinta e cinco mil toneladas, uma quantidade admirável para a época. Sessenta anos mais tarde, a produção era de talvez cem mil toneladas. Não era uma atividade do governo. Indivíduos particulares tinham visto a oportunidade criada pela forte procura de ferro e produtos de fácil extração como minerais e carvão. Com as fundições situadas ao longo de uma rede de canais e rios navegáveis, o ferro era facilmente transportado para mercados longínquos.
>
> Em pouco tempo os novos industriais chineses de ferro colheram grandes lucros e reinvestiram para expandir as fundições. A produção continuou a aumentar. A existência de grandes quantidades de ferro levou à introdução de ferramentas agrícolas de ferro, que, por sua vez, levaram a um aumento na produção agrícola. Resumindo, a China começou a desenvolver o capitalismo e a entrar numa revolução industrial. Mas depois tudo acabou, tão depressa como tinha

> começado. No fim do século XI, pouquíssimo ferro era produzido, e pouco depois os fundidores foram abandonadas.[525]

Stark considera esse estágio chinês do século X uma forma de «capitalismo primitivo», do mesmo modo que considera capitalismo as práticas das cidades italianas alguns séculos mais tarde, porque para ele qualquer acúmulo de capital para investimentos futuros é qualificado como capitalismo. Mas como vimos, essa classificação é contestada por muitos historiadores, que tendem a enxergar o capitalismo como um fenômeno do século XVI dissociado das cidades italianas medievais, assim como da China medieval e do mundo antigo como um todo.

Capitalismo ou não, o fato é que esses surtos ocorreram em locais e épocas diferentes, não apenas nas terras católicas, mas em muitas outras regiões desde sempre. Até mesmo o Islã primitivo teve essa fase, com estudiosos muçulmanos defendendo o livre mercado muito antes de qualquer escolástico fazer o mesmo[526].

E, tal como o "capitalismo" italiano, fracassaram mais cedo ou mais tarde, porque esse tipo de negócio era contrário a tudo o que as autoridades desejavam (ou, em outros termos, pela falta de uma *ética do trabalho* que desse continuidade a esse esforço inicial). Como Weber destaca, "'capitalismo' existiu na China, na Índia, na Babilônia, na Antiguidade e na Idade Média. Mas faltava-lhe precisamente esse *ethos* peculiar"[527].

[525] ibid, p. 120.
[526] MAHMASSANI, Sobhi. *The Economic Thought of Ibn Khaldoun*. Lyon: BOSC Frères, 1932.
[527] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 45.

Portanto, atribuir ao catolicismo o mérito pelo surgimento do capitalismo é escandalosamente falso, não só pela discussão conceitual de capitalismo, mas sobretudo pela total falta de interesse por parte das autoridades eclesiásticas e civis, que em vez de estimularem esse surto comercial fizeram apenas colapsar qualquer coisa que pudesse ser chamada de "capitalismo primitivo" nas cidades italianas daquele período – além de travar e obstruir o advento do capitalismo em outras partes.

O capitalismo moderno nem de longe provém dessa fonte que tanto se esforçou em atrofiar o comércio, mas de um *ethos* que rompeu com todo o espírito do tempo para construir um novo mundo, em novos moldes.

• O "capitalismo" das ordens mendicantes

Além das cidades italianas, alguns católicos liberais têm identificado nas ordens mendicantes o início do capitalismo. Um dos principais entusiastas dessa tese é o sociólogo Rodney Stark, para quem "os primeiros exemplos de capitalismo surgiram nos grandes mosteiros cristãos"[528]. O problema é que essa tese é hoje largamente desacreditada pelos historiadores mais conceituados, incluindo Le Goff. Em sua obra *A Idade Média e o Dinheiro,* ele mostra por que ela não se sustenta:

> Muitos historiadores modernos e contemporâneos consideraram que as ordens mendicantes, e mais especialmente os franciscanos,

[528] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 45.

desenvolveram de maneira paradoxal, a partir da ideia de pobreza voluntária, uma concepção do dinheiro que inspirará a "sociedade de mercado". Contentar-me-ei em sublinhar aqui a fragilidade da obra sobre a qual, apesar de sua grande erudição, se apoia essencialmente Giacomo Todeschini, o *De emptionibus et venditionibus* ("Sobre compras e vendas"), de Pierre de Jean Olivi, com quem já topamos aqui e que foi objeto de uma áspera polêmica. Situo-me entre os que consideram que esse tratado marginal teve pouca influência na Idade Média e representa antes o aspecto bizarro de um pensamento fora das normas do que um ponto de vista que tenha sido professado de um modo mais geral.[529]

(...)

Nesse quadro em particular, como deixou claro uma mesa-redonda realizada em 2003 em Roma, nem a própria Câmara Apostólica unificou suas diversas contabilidades. No uso dessas contabilidades os franciscanos deram sempre prioridade ao princípio da pobreza voluntária, que é sua mensagem essencial. De fato, as práticas contábeis dos mendicantes, para retomar os termos de Jacques Chiffoleau, hoje nos parecem mais rústicas do que as dos especialistas dos negócios ou dos impostos. Consistem essencialmente essas práticas "em verificar de modo regular o estado de sua pobreza considerando-se suas despesas de boca [alimentação], vestimentas, suas dívidas diante de doações inesperadas e de rendas regulares com as quais podem contar". Em face do recurso a práticas administrativas novas a partir de 1360-1380, os mendicantes continuam a ser

[529] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 13.

essencialmente orientados para aquilo que Max Weber chamou de "economia da salvação". Como magistralmente mostrou, por exemplo, o estudo já citado de Chiara Frugoni a propósito da construção e da decoração da capela dos Scrovegni em Pádua, o financiamento das igrejas e conventos dos mendicantes que se acelera no século XIV provém essencialmente de doações *pro mortuis*, de testamentos, de pedidos de inumação em suas igrejas ou seus cemitérios. São comportamentos muito diferentes daqueles praticados no caso de investimento financeiro dos leigos ricos na construção.[530]

(...)

As rendas dos mendicantes em toda a Europa provêm principalmente de rendimentos constituídos, criados pelas autoridades urbanas ou principescas para gerar a dívida pública, e por consequência entram na salvaguarda do bem comum e não se tornam propriedade dos frades como também não das autoridades urbanas ou principescas. A palavra *pensio*, que designa todas essas rendas dos frades, tem como sentido básico o fato de que se trata antes de tudo de um simples fornecimento do *victum et vestitum* (a alimentação e as vestes), o que não quebra a prática da pobreza.[531]

(...)

Certamente, os ensinamentos e os comportamentos da Igreja incluem preceitos e práticas que têm alguma incidência sobre o que chamamos hoje economia, porém como na Idade Média a economia não apenas deixa de ser percebida mas não existe, as percepções e os

[530] ibid.
[531] ibid.

> pensamentos dos franciscanos têm uma outra significação e se dirigem a uma outra coisa. A pobreza voluntária não tem caráter econômico.[532]
>
> (...)
>
> Essa ausência da noção medieval de dinheiro deve ser situada em correlação com a ausência não apenas de um domínio econômico específico, mas de teses ou teorias econômicas, e os historiadores que atribuem um pensamento econômico a teólogos escolásticos ou às ordens mendicantes, particularmente aos franciscanos, cometem um anacronismo.[533]

Em suma, a alegação de que o capitalismo teve origem nas ordens mendicantes é um anacronismo que vai de encontro ao propósito mais elementar dessas ordens, cuja simpatia por princípios capitalistas como a busca pela lucro era zero.

• A Igreja contra o trabalho

Já vimos como a Igreja medieval era hostil ao lucro, ao comércio e ao dinheiro (exceto para si mesma). Mas havia outra coisa que a Igreja encarava com maus olhos: o próprio trabalho. Predominava na época a mentalidade de que o trabalho era uma maldição oriunda do pecado de Adão; portanto, era uma atividade desonrosa praticada apenas por necessidade, razão pela qual recaía sobre as camadas marginalizadas e pobres. É por isso que dos três estados sociais da Idade

[532] ibid.
[533] ibid, Conclusão.

Média – clero, nobreza e camponeses – apenas o último trabalhava. Mesmo as ordens menores costumavam viver da mendicância em vez de trabalhar, e os nobres se recusavam a trabalhar mesmo na ausência de guerras.

Trabalhar para eles era uma forma de humilhação, do mesmo modo como muitos ainda veem com certo desprezo o trabalho de lixeiros e garis (Boris Casoy que o diga). A diferença é que na Idade Média essa visão depreciativa se aplicava a *qualquer* trabalho, sobretudo os trabalhos manuais. Essa noção pejorativa do trabalho deve muito a uma separação radical entre o "mundano" e o "sagrado", num sentido contrário ao expresso nas Escrituras.

Quando a Bíblia fala de "mundo" em um sentido pejorativo, se refere especificamente ao *pecado,* do qual o crente deve se manter afastado. Mas desde o século IV alguns Pais da Igreja passaram a interpretar o "mundo" como se referindo a qualquer atividade terrena, o que acabou por tornar desonroso qualquer ofício "não-espiritual". Eusébio de Cesareia (263-339 d.C), por exemplo, escreveu:

> Dois modos de vida foram dados pela lei de Cristo à sua Igreja, um está acima da natureza e além do viver humano comum. (...) Inteira e permanentemente separada da vida habitual comum da humanidade, dedica-se somente ao serviço de Deus. (...) Tal é então a forma perfeita da vida cristã. E o outro, mais humilde, mais humano, permite aos homens ter mentalidade para lavoura, para o comércio e os outros

> interesses mais seculares do que à religião... e um tipo de grau secundário de piedade é atribuída a eles.[534]

McGrath comenta essa postura de Eusébio:

> Para Eusébio de Cesareia, a vida cristã perfeita era aquela devotada a servir a Deus, não contaminada pelo trabalho físico. Os que escolhiam trabalhar para conseguir sustento eram cristãos de segunda classe. Viver e trabalhar no mundo correspondia a perder o chamado para ser cristão de primeira classe, com tudo o que isso implicava. O trabalho, muitas vezes, era visto como uma atividade depreciativa e humilhante. É provável que essa atitude tenha alcançado seu ponto máximo de influência durante a Idade Média.[535]

Infelizmente, Eusébio não estava sozinho. Até Agostinho (354-430), o mais renomado bispo da Igreja antiga, sustentava que "o labor, embora útil, é em sim mesmo uma punição"[536]. De «grau secundário» e «punição em si mesmo», os escolásticos medievais conseguiram rebaixar ainda mais o trabalho, transformando-o numa verdadeira maldição. Até mesmo seu mais sofisticado representante, Tomás de Aquino, escreveu:

> E, por aqui, foi triplicemente punido. Primeiro, pela esterilidade da terra, o que exprimem as palavras: "A terra será maldita na tua obra".

[534] CESAREIA, Eusébio de. *Praeparatio evangélica*. Citado em: XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 67-68.
[535] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 331.
[536] HIPONA, Agostinho de. *A Cidade de Deus*, XXII, 22. Citado em: VAN TIL, Henry R. *O Conceito Calvinista de Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 119.

> Segundo pelo sofrimento do trabalho, sem o qual não colhe os frutos da terra, segundo refere o texto: "Tu tirarás o teu sustento dela com muitas fadigas, todos os dias da tua vida". Terceiro, pelos obstáculos, que a terra impõe aos que a cultivam, o que a Escritura assim exprime: "Ela te produzirá espinhos e abrolhos".[537]

Como seus pares, Aquino tinha uma compreensão equivocada da "maldição do trabalho", registrada em Gênesis 3. O texto em questão não diz que Deus puniu o homem com o trabalho, como os escolásticos pensavam, mas sim que esse trabalho viria com sofrimento (ou seja, «com o suor do seu rosto»):

"E ao homem declarou: 'Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará'" (Gênesis 3:17-19)

O trabalho em si não é uma maldição, porque Adão havia sido criado para trabalhar no jardim desde antes do pecado:

"O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo" (Gênesis 2:15)

[537] AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. "Secunda Secundae". Questão 164, Art. 2.

Gomes comenta que

> a grande contribuição que o calvinismo pode ter tido encontra-se exatamente no fato de que tudo isto contribui para a construção de uma ética do trabalho. Faz-se necessário lembrar que no catolicismo romano o trabalho é encarado como uma maldição de Deus. O catolicismo, em sua hermenêutica, não considera que Adão trabalhava desde antes da queda, como afirma Gênesis 2:6. Sobre o trabalho, interpretam, porém, que este teve início somente após a queda, isto é, a partir de Gênesis 3:7, e devido a isso relacionam o trabalho a uma maldição divina. Já os protestantes consideram o fato de que Adão trabalhava antes mesmo da queda quando ainda desconhecia qualquer maldição de Deus, e não relacionam o trabalho com as consequências pecaminosas da queda. A teologia protestante relaciona com a queda de Adão apenas os sofrimentos oriundos do trabalho após a queda, como afirma Gênesis 3.[538]

Em outras palavras, os escolásticos confundiam a maldição do *sofrimento* no trabalho com o *trabalho em si*, como se o homem tivesse sido criado para não trabalhar e fosse forçado a trabalhar por causa do pecado. Essa incompreensão do texto bíblico ajudou a fomentar uma concepção negativa do trabalho, o que explica por que para eles o trabalho será abolido na eternidade, algo que a Escritura jamais afirma, mas Aquino sim: "Os dons não produzem os mesmos atos nesta vida e na pátria, onde nos darão o gozo perfeito do fim. Por isso, o ato da fortaleza, lá,

[538] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 108.

consistirá em fruirmos um gozo perfeito, plenamente livres de trabalhos e de males"[539].

Isso também explica por que algumas comunidades monásticas preferiam trabalhar a viver de mendicância: não porque elas valorizassem o trabalho, mas justamente pelo contrário, porque qualificavam o trabalho como uma forma de penitência. Ou seja, eles trabalhavam pela mesma razão que se autoflagelavam. Le Goff explica que "se a regra de São Bento em particular tornava obrigatório o trabalho manual, este era sobretudo uma forma de contrição, e numerosos monges o abandonavam aos irmãos leigos"[540].

Era assim que a teologia da época via o trabalho: uma maldição, um fardo, um infortúnio deixado a cargo dos mais pobres, os únicos que mereciam se submeter a tais atividades "degradantes" (além de monges em penitência). O trabalho braçal era uma «coisa de mouros e judeus», que se opunha ao ideal católico aristocrático:

> Na península Ibérica os mouros e judeus tinham se dedicado a atividades como o artesanato e o comércio. O verbo "mourejar", sinônimo em português de trabalhar, é uma herança desse fato. O ideal da aristocracia Ibérica era, exatamente, levar uma vida na qual o trabalho braçal não fosse uma necessidade. O trabalho braçal era considerado coisa de mouros e judeus. O ideal católico de vida contemplativa reforçava essa ideia. As ordens religiosas católicas cuidavam para deixar aos monges o maior tempo livre possível para

[539] AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica.* "Secunda Secundae". Questão 139, Art. 1.
[540] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 7.

> que se dedicassem à oração. O trabalho existia nos mosteiros, mas era usualmente visto como um castigo para o homem, pois Deus, ao expulsar Adão do Paraíso, havia anunciado que ele ganharia o "pão com o suor do rosto". O homem só passou a trabalhar quando foi expulso do Paraíso.[541]

Em decorrência de toda a concepção negativa que se tinha do trabalho, ele foi gradualmente rebaixado até ser deixado para escravos e servos, uma das características mais patentes do mundo medieval:

> A espiritualidade monástica do período medieval, em geral, considerava o trabalho degradante. (...) A atitude medieval mais difundida era a encontrada no conto de Chaucer, *O vendedor de indulgências,* que se vangloriava por não se rebaixar tanto a ponto de tecer cestos com as próprias mãos. Como Adriano Tilgher, historiador da cultura italiana, conclui, em seu estudo final do trabalho no mundo ocidental, que a espiritualidade monástica nunca considerou o trabalho diário no mundo como algo de valor.
>
> Os que escolhiam viver e trabalhar no mundo, na melhor das hipóteses, eram "vistos com indulgente caridade". Os que se comprometiam – quer por escolha quer por falta de alternativa – a viver e a trabalhar no mundo diário eram considerados inferiores, destituídos de um "chamado". O termo latino vocação era entendido com o sentido de chamado para a vida monástica, a qual envolvia

[541] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 49.

> deixar o mundo para trás. Desde o início, o protestantismo rejeitou a crítica distinção medieval entre as ordens "sagrada" e "secular".[542]

Tudo isso refletia a mentalidade ascética de "afastamento do mundo", que se contrastava diretamente com a ambição cada vez maior da Igreja por posses terrenas, bens temporais e poder político, como Lins habilmente observa:

> Transferindo o catolicismo o destino do homem para um outro mundo, considera a vida terrena peregrinação passageira e desprezível, conduzindo ao ascetismo, e, consequentemente, ao aniquilamento da vida social. Todos os santos neste mundo se reputaram por peregrinos – diz Vieira no *Sermão oitavo dos desvelos de São Francisco Xavier acordado.* (...) Daí dizer Comte, na *Política Positiva,* deverem os adeptos da teologia ser intimados, em nome de seus próprios princípios, abdicar o governo de um mundo estranho ao seu objetivo doutrinário.[543]

A crítica é cirúrgica: a Igreja se julgava "peregrina" e por isso desprezava os negócios deste mundo, mas quando o assunto era o governo temporal ela repentinamente se esquecia deste princípio e não abria mão nem em sonhos. A "parte ruim" do mundo (trabalhar) a Igreja dispensava aos servos, mas a "boa" (governar) retinha para ela. Este duplo critério era um dos muitos escrúpulos eclesiásticos que perfazem toda a Idade Média e Moderna: dinheiro é ruim, exceto quando é o deles; envolver-se com o mundo é ruim, menos quando é pra governar os outros.

---

[542] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 332.
[543] LINS, Ivan. *A Idade Média: A Cavalaria e as Cruzadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1944, p. 244-245.

Le Goff é um dos muitos historiadores que concordam que "o trabalho manual sofria certa 'pejorização'"[544] e que "durante a alta Idade Média o trabalho foi desprezado pelo Cristianismo, considerado consequência do pecado original"[545]. Geremek também destaca "a noção de indignidade de certas profissões, o que as tornava objeto de exclusão da sociedade cristã. A isso se referia igualmente o direito canônico e era fato evidente nos costumes municipais"[546]. Aquino ajudou a popularizar este conceito depreciativo do trabalho quando disse que "ao prazer do corpo se opõem os trabalhos; por isso, as coisas trabalhosas somente impedem o prazer"[547].

Não contente com isso, ele escreve ainda:

> Como já dissemos, o temor é provocado pelo mal futuro, que nos sobrepuja o poder, de modo que lhe não podemos resistir. Ora, como o bem, também o mal do homem pode ser considerado quanto à sua operação ou quanto às coisas externas. Quanto à sua operação o homem pode temer um duplo mal. O primeiro é o trabalho, que causa gravame [ofensa] à natureza; e, daí a indolência, consistente em evitar a atividade por temor do trabalho sobreexcedente.[548]

Esse tipo de filosofia que encarava o trabalho como uma «ofensa à natureza» e algo que «somente impede o prazer» criou na Alemanha medieval (pré-luterana)

[544] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 3.
[545] ibid, c. 7.
[546] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 242.
[547] AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica.* "Secunda Secundae". Questão 138, Art. 1.
[548] ibid. "Pars Prima Secundae". Questão 41, Art. 4.

estatutos oficiais de "profissões indignas", entre as quais constavam quase todos os trabalhos manuais:

> Nos estatutos dos artesãos das cidades alemãs, está amplamente presente o conceito de profissão indigna que pesa sobre os descendentes. As «boas origens» exigidas pelos estatutos como uma das condições para se obter os direitos corporativos, implicam a exclusão não só dos filhos ilegítimos ou de pais escravos, mas também dos descendentes de quem pertença a determinadas categorias profissionais. A longa lista abrange, antes do mais, as profissões de carrasco, carcereiro, ajudante de carrasco, certos funcionários da polícia urbana, coveiro, magarefe, guarda dos banhos públicos, barbeiro, prostituta, chulo, músico, acrobata, bobo, tecelão de tela, pisoeiro e pastor [do campo] (no folclore alemão, o provérbio «*Schäfer und Schinder – bersch wister kinder*» – «pastor e carcereiro são quase a mesma coisa» – é prova eloquente da persistência da infâmia que pesa sobre a profissão de pastor).[549]

Biéler também escreve:

> O trabalho, especialmente o trabalho criador de bens e riqueza, o trabalho manual, se não decaíra mais até o nível do trabalho servil da Antiguidade foi, todavia, considerado como uma necessidade temporal desprezível com relação aos exercícios da piedade. E

[549] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 243.

> aqueles que se dedicavam as atividades econômicas e financeiras, os negociantes e banqueiros, eram particularmente desconsiderados.[550]

O historiador holandês da ciência, Reijer Hooykaas, argumenta que o avanço tecnológico medieval poderia ser bem maior se não fosse por esse preconceito em relação às «profissões servis»:

> Persistiam ainda grandes obstáculos sociais à introdução de novidades tecnológicas. Além disso, os ensinamentos escolásticos contribuíam para manter vivo o contraste entre as artes liberais e as não-liberais ou "servis", bem como os preconceitos contra estas últimas. Assim como existia uma escala moral de valores, que colocava as ocupações intelectuais e religiosas acima dos ofícios manuais, havia também uma hierarquia feudal, na qual cada categoria tinha seus deveres específicos: à nobreza competia defender, ao clero rezar, e aos trabalhadores sustentar a todos.[551]

Geremek diz que "essas atitudes provocaram a marginalização de pessoas em virtude do ofício que tinham"[552], e Xavier ressalva que

> isto difere da concepção de trabalho e suas relações, difundida por toda a Idade Média, por meio da desvalorização do mesmo. A própria palavra "trabalho" vinha de um instrumento de tortura, que em latim

[550] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 82.
[551] HOOYKAAS, R. *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna.* Brasília: Editora Polis, 1988, p. 113-114.
[552] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 243.

> seria *tripalium* (tripudiar). Havia também a influência de uma interpretação peculiar de Gênesis, adotada pela Igreja Católica e o Império Greco-Romano, que o trabalho seria uma prática amaldiçoada da parte de Deus.[553]

Chega a ser irônico que católicos de direita digam que "comunista não gosta de trabalhar", quando essa mentalidade hostil ao trabalho era uma característica do próprio catolicismo medieval, do qual os marxistas apenas emprestaram e embelezaram o conceito. Não obstante, é importante ressaltar que tal concepção depreciativa do trabalho estava longe de ser exclusividade dos católicos medievais. Em muitos outros lugares e épocas o trabalho era encarado da mesma forma, particularmente entre os nativos do Novo Mundo, que nas palavras de Tocqueville "não consideram o trabalho apenas um mal, mas também uma desonra"[554].

O mundo antigo não costumava ser diferente. Em Gênesis, vemos José dizendo a seus irmãos que "todos os pastores são desprezados pelos egípcios" (Gn 46:34), pois se tratava de um trabalho "ralé" aos olhos deles (embora fosse tido em alta estima pelos hebreus). McGrath disserta a respeito da Antiguidade clássica:

> Para avaliar a relevância do surgimento do trabalho ético protestante, é necessário entender o intenso desgosto de como a cultura clássica via o trabalho. Os patrícios sociais da antiga Roma consideravam o trabalho algo incompatível com sua posição social. Essa atitude

[553] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 21.
[554] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 384.

> negativa em relação ao trabalho refletiu no Cristianismo primitivo, em especial, no surgimento do movimento monástico.[555]

Stark acrescenta:

> As condições materiais necessárias ao desenvolvimento do capitalismo existiram em muitas civilizações, e em muitas épocas, incluindo China, Índia, Islã, Bizâncio, e provavelmente também Roma e a Grécia antiga. Porém, nenhuma destas sociedades desenvolveu o capitalismo, porque nenhuma delas desenvolveu uma visão ética compatível com a dinâmica deste sistema econômico. Pelo contrário, as maiores religiões não-ocidentais apelaram ao ascetismo e condenaram os lucros, e a riqueza foi negada a agricultores e comerciantes por elites apreciadoras do consumo e da ostentação.[556]

Apenas uma nova ética do trabalho poderia romper esses preconceitos e derrotar a mentalidade ascética, legitimando o lucro, estimulando a atividade mercantil e valorizando o trabalho – ou seja, tornando possível o mundo em que vivemos. É aí que começamos a falar da Reforma.

[555] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 331.
[556] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 45.

• O sacerdócio universal de todos os crentes

Fala-se muito nas *Cinco Solas* da Reforma Protestante – Sola Scriptura, Sola Christus, Sola Fide, Sola Gratia e Soli Deo Gloria – mas pouco se menciona o princípio que norteia cada um deles, que é de fato o mais importante da Reforma e o ponto crucial que separa a teologia protestante da católica: o sacerdócio universal de todos os crentes. A Reforma quebrou o longo e largo muro espiritual que separava leigos e clérigos, fazendo de cada fiel um sacerdote espiritual, isto é, alguém com acesso direto a Deus, sem a necessidade de intermediários.

Na teologia católica, a figura do sacerdote é central. Ele é imprescindível para a salvação do fiel, e sem ele o contato com Deus é obstruído. É o sacerdote que perdoa os pecados, que ministra o sacrifício da eucaristia, que batiza e que concede os demais sacramentos, que na teologia católica possuem poder salvífico. Em outras palavras: sem sacerdote, sem salvação.

Por isso a máxima papal que regeu toda a Idade Média – a de que «fora da Igreja Católica não há salvação e nem perdão dos pecados»[557], como já dizia o papa Bonifácio VIII – não se referia apenas a outras igrejas de outras religiões, mas também a católicos que não recebiam os sacramentos ou que estavam sob excomunhão. Geremek diz que a excomunhão na Idade Média "determinava o isolamento da pessoa, excluindo-a das relações comunitárias mundanas – era,

[557] O leitor pode conferir mais citações desse tipo nessa página católica tradicionalista: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/foradaigreja>. Acesso em: 13/04/2019.

inclusive, proibido ter contatos de qualquer tipo com os familiares do excomungado – e privando-a da esperança de salvação eterna"[558].

Quando uma região era colocada sobre interdito (uma censura papal que consistia na cessação dos serviços eclesiásticos em um dado lugar), como a Inglaterra de Isabel nos tempos da bula de Pio V[559], *toda aquela região* era privada da salvação, uma vez que era dispensada dos ritos e sacramentos. Por isso a necessidade do sacerdote era total e tudo girava em torno dele, como escreve Nichols:

> A Igreja infligia punição aos que não se submetiam à sua disciplina. Havia penalidades menores, como suspensão dos privilégios eclesiásticos e multas. Para as grandes faltas, a penalidade era a excomunhão, isto é, expulsão da Igreja com privações dos seus ministérios. Para o povo daquela época, isto constituía uma punição aterradora.
>
> Os fiéis da Igreja eram impedidos de manter qualquer aproximação com a pessoa excomungada, e desde que, praticamente, todos estavam na Igreja, o contato com o excomungado era evitado por todo mundo. Em alguns países o excomungado perdia os direitos legais e era julgado fora da lei. A excomunhão, portanto, representava virtualmente a expulsão da sociedade humana. E desde que faltar aos sacramentos da Igreja e morrer fora da sua comunhão importava na perda da salvação, alguém nesta situação era considerado como

[558] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 235.
[559] Já discorremos sobre essa bula (*Regnans in excelsis*) no capítulo 7 do volume anterior, para quem tiver interesse em se aprofundar no assunto.

> condenado ao castigo eterno. O medo da excomunhão concedia, à Igreja, terrível poder para tratar com os homens em todas as suas atividades. Até mesmo grandes reis e imperadores tremiam ante essa arma terrível.[560]

Em outras palavras, no catolicismo romano da época, os leigos eram inteiramente dependentes dos sacerdotes formalmente ordenados pela Igreja e não eram nada sem eles. Por isso o clero estava no topo da pirâmide social da Idade Média (acima até da nobreza e dos reis). Os padres estavam acima de tudo e de todos e deles dependia a salvação da alma, do mísero camponês ao mais poderoso rei. Por mais sincero e temente a Deus que um leigo fosse, ele não chegaria a lugar algum sem a intermediação do sacerdote, o único que tinha acesso direto a Deus.

E isso tudo apesar da multidão de textos bíblicos pregando o livre acesso de forma tão clara, sem intermediários terrenos:

"Portanto, irmãos, **temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus**, por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo. Temos, pois, um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada e tendo os nossos corpos lavados com água pura. Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel" (Hebreus 10:19-23)

[560] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 105.

"A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor, **por intermédio de quem temos livre acesso a Deus** em confiança, pela fé nele" (Efésios 3:10-12)

"Ele veio e anunciou paz a vocês que estavam longe e paz aos que estavam perto, pois por meio dele **tanto nós como vocês temos acesso ao Pai**, por um só Espírito" (Efésios 2:17-18)

"Pois há um só Deus e **um só mediador** entre Deus e os homens: o homem **Cristo Jesus**" (1ª Timóteo 2:5)

Nos tempos do Antigo Testamento, os sacerdotes serviam de ponte entre o povo de Israel e o Senhor. Mas tudo mudou com a morte e ressurreição de Cristo, quando o véu se rasgou e Ele nos abriu um novo e vivo caminho:

"E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. **Eis que o véu do santuário se rasgou** em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas" (Mateus 27:50-51)

Este texto não está na Bíblia à toa, mas representa algo tão poderoso quanto profundo. O véu do santuário era o que separava o «lugar santo» do «Santo dos Santos», onde somente o sumo sacerdote podia entrar, uma vez por ano, para fazer expiação pelos pecados do povo. Em outras palavras, assim como na teologia católica, no Judaísmo o sacerdote funcionava como um *mediador* entre o povo e

Deus. Sem ele, o povo não alcançava perdão nem graça. O que nem judeus nem católicos perceberam é que *o véu se rasgou,* ilustrando o fato de que hoje temos livre acesso a Deus mediante Jesus, "o único mediador entre Deus e os homens" (1Tm 2:5).

Já não temos mais mediadores terrenos, pois Jesus morreu por nós precisamente para nos conectar direto ao Pai. Essa conexão continua obstruída na teologia católica, que toma do Judaísmo o modelo da antiga aliança, em vez da nova. É por isso que João diz que Cristo "nos fez reis **e sacerdotes** para Deus e seu Pai" (Ap 1:6), e Pedro (que para os católicos teria sido o primeiro papa) declara que "vocês são geração eleita, **sacerdócio real**, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1Pe 2:9).

Na ausência do véu, todos nós podemos chegar ao Santo dos Santos com confiança (Hb 10:19), pois somos todos sacerdotes espirituais. Já não estamos mais dependentes de sacerdotes formais para chegarmos a Deus, uma vez que Cristo nos abriu esse caminho ao Pai. Os sacerdotes formalmente instituídos servem para nos instruir, nos orientar e nos guiar, não para controlar a nossa salvação. Por isso cada crente é plenamente responsável por si mesmo e "cada um dará contas de si mesmo a Deus" (Rm 14:12).

O Antigo Testamento tinha sacerdotes e um *sumo* sacerdote acima deles. O catolicismo romano também tem sacerdotes e um sumo sacerdote – mais conhecido pelo nome de Sumo Pontífice – acima deles (o pontífice romano, apelidado de "papa"). Ou seja, eles pegam do Judaísmo o modelo de sacerdócio, o

que não seria um problema, se o Novo Testamento não tivesse mudado tudo. Na nova aliança, o único sumo sacerdote é Cristo. De fato, toda a carta de Hebreus foi escrita para provar exatamente isso a hebreus acostumados com o velho modelo da velha aliança, razão pela qual essa temática é tão reiterada do início ao fim da carta:

"Portanto, irmãos santos, participantes da vocação que vos destina à herança do céu, considerai o mensageiro e pontífice da fé que professamos, Jesus" (Hebreus 3:1)

"Temos, portanto, um grande Sumo Sacerdote que penetrou nos céus, Jesus, Filho de Deus. Conservemos firme a nossa fé" (Hebreus 4:14)

"Onde Jesus entrou por nós como precursor, Pontífice eterno, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 6:20)

"E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque pela morte foram impedidos de permanecer. Mas este, visto que vive para sempre, Jesus tem um sacerdócio permanente. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, pois vive para sempre para interceder por eles" (Hebreus 7:23-25)

"Tal é, com efeito, o pontífice que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus" (Hebreus 7:26)

"Pois a lei constitui sumos sacerdotes a homens que têm fraquezas; mas o juramento, que veio depois da lei, constitui o Filho, perfeito para sempre" (Hebreus 7:28)

"O ponto essencial do que acabamos de dizer é este: temos um sumo sacerdote, que está sentado à direita do trono da majestade divina nos céus" (Hebreus 8:1)

"Ao nosso sumo sacerdote, entretanto, compete ministério tanto mais excelente quanto ele é mediador de uma aliança mais perfeita, selada por melhores promessas" (Hebreus 8:6)

"Porém, já veio Cristo, sumo sacerdote dos bens vindouros. E através de um tabernáculo mais excelente e mais perfeito, não construído por mãos humanas {isto é, não deste mundo}" (Hebreus 9:11)

"E dado que temos um sumo sacerdote estabelecido sobre a casa de Deus" (Hebreus 10:21)

Como vemos, todo o ponto de Hebreus gira em torno da *transição* do sumo sacerdócio da antiga para a nova aliança, onde esse pontificado não é mais exercido por um ser humano mortal, mas por nosso Senhor e salvador Jesus Cristo, no céu:

Sumo Sacerdote no Antigo Testamento	Sumo Sacerdote no Novo Testamento
Mortal (Hb 7:23)	Imortal (Hb 7:25)
Terreno (Hb 7:26)	Celestial (Hb 4:14)
Pecador (Hb 7:28)	Imaculado (Hb 7:26)
Realizado na terra (Hb 7:23)	Realizado no céu (Hb 8:1)
Realizado por homens (Hb 7:28)	Realizado pelo Filho de Deus (Hb 10:21)

Isso não apenas refuta o papado em si, mas também está de acordo com o sacerdócio universal de todos os crentes, segundo o qual todos os cristãos verdadeiros são sacerdotes espirituais (Ap 1:6; 1Pe 2:9), tendo como cabeça apenas um Sumo Pontífice, que é Cristo (Hb 7:28, 8:1, 10:21). Assim, o papel que na antiga aliança cabia ao sumo sacerdote (de representar o povo perante Deus) é hoje realizado por Cristo no céu, o eterno e único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2:5), que nos garante o livre acesso ao Pai (Jo 14:6; Hb 10:19-23; Ef 2:17-18, 3:10-12).

Toda a lógica papista é a da velha aliança, que desconsidera totalmente o véu rasgado e as boas novas do evangelho. Nela, o papa usurpa o lugar de Cristo, dizendo-se Sumo Pontífice quando à luz da nova aliança só temos um sumo sacerdote, o que está no céu à destra do Pai. É por isso que a Reforma, à semelhança da Igreja primitiva, rejeitou toda a noção hierárquica que fazia os leigos espiritualmente dependentes dos sacerdotes para se conectarem a Deus, uma vez que eles mesmos são sacerdotes.

No protestantismo, tal como na Bíblia, os fiéis podem se confessar diretamente a Deus e receber dEle o perdão (1Jo 1:9, 2:1; Mt 11:28), e a única condição para a salvação é a fé genuína no sacrifício substitutivo de Cristo por nós (Gl 2:16; Ef 2:8-9; Rm 4:5; 2Co 3:5; Fp 2:9).

Assim, aquela longa e densa barreira que separava o clero dos leigos (perfeitamente simbolizada na missa feita pelo padre em um idioma desconhecido do povo e virado de costas pra ele) foi demolida, o que não apenas abriu a oportunidade dos leigos lerem a Palavra de Deus em seu próprio idioma, mas também os dignificou, visto que já não havia mais qualquer relação de superioridade espiritual no cargo eclesiástico de um em relação à ocupação secular do outro. Todos são iguais aos olhos de Deus, desde que cumpram o propósito para o qual foram chamados.

Isso teria consequências profundas na prática comercial e financeira. Nós acabamos de ver que uma das razões pelas quais o trabalho era desprezado é porque ele era renegado a um degrau inferior em relação aos serviços clericais, como se apenas o padre por sua condição de padre estivesse agradando a Deus, mas não um camponês ou artesão em suas atividades habituais. Ao quebrar ao meio a noção da superioridade do clero, o próprio trabalhador comum passou a ser dignificado, em pé de igualdade com os sacerdotes formalmente ordenados.

Todos podiam agradar a Deus, ao fazer aquilo para o qual foram chamados. Esse chamado, que incluía as atividades leigas do meio secular, é o que Lutero chamava de *vocação:*

> A abordagem de Lutero no tocante à vocação representou uma ruptura importante com a tradição medieval. Antes dele, a palavra "vocação" era reservada especificamente para designar a vida religiosa de um sacerdote, monge ou freira. A ênfase de Lutero de que cada cristão pertence ao sacerdócio dos crentes libertou a ideia de vocação de sua definição estreitamente religiosa. A vocação não ocorre fora da esfera da vida cotidiana. Os cristãos não são chamados a um serviço no outro mundo, e sim a um serviço neste mundo. Uma vez que, proclamou Lutero, nossa dignidade enquanto pessoas não depende daquilo que fazemos, e sim de quem somos, toda a energia que o cristão medieval dirigia à religião está agora liberada para a atividade no mundo, por amor aos outros.[561]

Fluck também ressalta este aspecto quando escreve:

> A redescoberta do valor do matrimônio e da vocação são os elementos inovadores da visão de Lutero. Família e vocação vêm antes do Estado. É no lar que devem ser estabelecidos os valores norteadores da vida do ser humano, e é no exercício de sua vocação que ele se realiza. Anteriormente se colocava como ideal para todos a dedicação ao sacerdócio. Lutero defendeu, no entanto, que cada um é um sacerdote em sua profissão. Não é necessário ser padre ou pastor para fazer a vontade de Deus. Cada ser humano deve servir a Deus através da sua profissão, onde exerce sua vocação.[562]

[561] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 158.
[562] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 93.

É daí que vem a diferença crucial de entendimento do que vem a ser a «Igreja», que está na base da divergência teológica que divide católicos e protestantes e que também tem procedência na doutrina do sacerdócio universal. Uma vez que para os católicos apenas os padres são sacerdotes, «Igreja» para eles designa particularmente a hierarquia católica romana. Daí eles pensarem que a "Igreja verdadeira" é uma instituição religiosa específica (no caso, a deles), em detrimento de todas as demais congregações cristãs.

Por contraste, na Bíblia o termo *ekklesia* (igreja) diz respeito a *todo o povo de Deus*[563] (aquilo que o Novo Testamento chama de «corpo de Cristo», do qual cada cristão em particular é um membro, cf. 1Co 12:27). Ou seja, a Igreja em seu sentido bíblico original não é uma placa A ou B, uma hierarquia religiosa específica ou uma denominação em particular, mas somos todos nós que adoramos a Deus "em espírito e em verdade" (Jo 4:23), onde quer que congreguemos.

Por isso podem haver muitas "igrejas" (no sentido de *templos* ou *congregações* religiosas), mas há uma única Igreja (no sentido de um único corpo de Cristo, do qual todos os cristãos regenerados fazem parte independentemente da congregação física a qual pertencem). Mesmo se apenas dois ou três estiverem reunidos em Seu Nome, onde quer que seja, ali está a Igreja, ali está Cristo (Mt 18:20) – e "dois ou três" era quase que uma contagem literal em se tratando de épocas remotas.

[563] Você pode conferir um estudo detalhado a respeito do conceito de Igreja no Novo Testamento em: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2017/12/a-igreja-somos-nos-e-nao-uma.html>.

O medievalista francês Jean Flori ressalta que "a Igreja (do grego *ekklesia* = *assembleia*) designava outrora o conjunto dos crentes. A palavra acaba pouco a pouco designando sobretudo o clero, sacerdotes e bispos, que formam seu esqueleto dirigente. É exigido desses membros mais que dos simples fiéis, que chamamos agora de 'os leigos'"[564]. Lutero e os reformistas romperam com o conceito medieval de Igreja, então entendida como uma instituição hierárquica, restaurando o princípio bíblico da Igreja como toda a comunidade de fiéis – o conjunto de todos os crentes nascidos de novo em Cristo.

Este entendimento bíblico de Igreja, que abrange *todos os fiéis* e não apenas uma elite clerical, levou ao fim da intermediação dessa elite sobre o povo, como escreve Biéler:

> Um dos primeiros ensinamentos evangélicos exaltados pela Reforma, que mais transtornou a condição humana com relação às concepções da Idade Média, é a proclamação de que um *chamamento individual* é endereçado por Deus *a cada indivíduo* qualquer que seja ele, e sem a intermediação necessária de uma hierarquia clerical, o que faz de cada indivíduo uma pessoa única e inteiramente *responsável por si própria*. Essa responsabilidade *primeira* dos indivíduos deve exercer-se em todos os domínios.[565]

[564] FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 131.
[565] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 32.

Disso decorre uma nova perspectiva sobre os leigos, não mais vistos como um gado obediente nas mãos de uma hierarquia estrita com poder de vida e morte sobre as almas dos fiéis, mas como verdadeiros sacerdotes espirituais que de fato são:

> Essa Igreja [Católica] mantinha tal posição e poder em virtude da autoridade que se cria lhe fora divinamente concedida, autoridade que pertencia exclusivamente ao seu sacerdócio. Quando os protestantes falam de Igreja, referem-se à comunidade do povo cristão. Para eles, tanto os leigos como os pastores são simples membros da Igreja. Os pastores têm um serviço especial a realizar na Igreja, mas isto não lhes confere especiais privilégios espirituais ou poderes. Tanto os membros da Igreja, como os clérigos, ficam diante de Deus no mesmo pé de igualdade.
>
> Mas quando o homem da Idade Média falava em Igreja referia-se principalmente ao sacerdote. Os padres tinham poderes terríveis e misteriosos que recebiam de Cristo pela ordenação, que os colocava entre os homens e Deus. Os dons divinos vinham aos homens e estes só se aproximavam de Deus por intermédio dos sacerdotes, e somente por meio deles, que tinham nas mãos o poder de vida e morte, nos céus e no inferno. Estar fora da comunhão da Igreja era estar fora da comunhão divina e condenado ao castigo eterno.[566]

Nichols escreve ainda:

[566] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 111.

> O padre da Idade Média dispunha de um poder quase absoluto sobre o povo, o que não é comum nos dias atuais. Com ele estavam os sacramentos julgados necessários à salvação, razão por que ele exercia tão espantosa autoridade. Através do confessionário o padre conhecia e controlava a conduta do povo sob sua orientação e governo. O pároco ministrava aos meninos e meninas a instrução religiosa e o ensino primário. Por serem raras as escolas, o que o clero ministrava era toda a educação que os pobres podiam receber. Fazia caridade com as esmolas das caixas da igreja.
>
> O sacerdote era, ao mesmo tempo, ministro, mestre-escola, polícia, juiz em pendências menores, dispenseiro dos pobres, etc. (...) É verdade que nem todos os padres realizavam todos esses misteres, pois no meio deles haviam muitíssimos preguiçosos que também eram ignorantes e imorais. A verdade é que o padre, em virtude do seu ofício, dispunha de um poder extraordinário. Precisamos entender este ponto sem o qual não compreenderemos o absoluto domínio da Igreja sobre a vida humana, na Idade Média.[567]

O princípio do sacerdócio universal de todos os crentes podia parecer coisa nova para os católicos do tempo de Lutero, mas era não apenas o conceito expresso no Novo Testamento, mas também o que permaneceu vigente nos primeiros séculos da Igreja, antes de sucumbir à hierarquização total. Tertuliano (160-220), por exemplo, escreveu:

[567] ibid, p. 101.

> Nós, os leigos, por acaso, não somos sacerdotes? Está escrito: "Constituiu-nos reino e sacerdotes para Deus e seu Pai" (Ap 1:6). Entre a Ordem e o povo, a diferença é devida à autoridade da Igreja e a consagração deles é feita pela formação de um tribunal especial para a ordenação. Onde não há um tribunal, oferece sacrifícios, batiza e se tem o mesmo sacerdote. Pois onde há três ali há uma igreja (Mt 18:20), embora sejam leigos. (...) Logo, se em ti mesmo tens os direitos sacerdotais para casos de necessidade, cuida que também tenhas a disciplina sacerdotal, onde for necessário exerceres os direitos sacerdotais.[568]

McGrath explica que "não há distinção fundamental entre o clero e os leigos. Essa ideia, enunciada na doutrina de Lutero do 'sacerdócio de todos os crentes', tinha implicações muito importantes. Tanto clero como leigos, afirmou ele, deviam receber comunhão em duas espécies. Os clérigos deviam ter permissão para casar como qualquer outra pessoa"[569]. Acabou-se a tese de que o clero é uma elite de "supercrentes" com poderes especiais e até sobrenaturais, com domínio total sobre a vida dos fiéis. Agora, eles eram igualados espiritualmente a todos os crentes em Cristo que constituem o mesmo corpo místico chamado Igreja.

Paulo dizia preferir falar cinco palavras compreensíveis na igreja para instruir os fiéis do que dez mil em língua desconhecida (1Co 14:19), mas a missa era feita com dez mil palavras em língua desconhecida (o latim) e nem mesmo cinco compreensíveis – com o padre virado de costas, não se esqueça. Tudo isso era muito representativo,

[568] CARTAGO, Tertuliano de. *De exhort. Castitatis,* 7. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 10.
[569] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 62.

ao mesmo tempo da distância e da preeminência de um clero revestido de toda a autoridade sobre simples leigos desprovidos de dignidade. Uma distância intransponível que o famigerado Concílio Vaticano II, o concílio detestado pelos tradicionalistas, encurtou em tempos recentes.

A dignificação dos leigos através da Reforma foi lembrada pelo historiador Jean-Henri Merle d'Aubigné, no contexto da Dieta de Augsburgo de 1530:

> A coragem dos príncipes protestantes surpreendeu a todos. Roma esmagara os membros da Igreja, reduzira-os a uma multidão de escravos, aos quais arrastava, silenciosos e humilhados, atrás de si: a Reforma libertou-os e, com os seus direitos, restaurou-lhes os deveres. Os padres já não tinham o monopólio da religião; todo chefe de família voltou, novamente, a ser ministro em sua própria casa, e todos os membros da Igreja de Deus foram, daí por diante, admitidos na classe dos confessores. Os leigos nada, ou quase nada, significam no partido de Roma, mas são a parte essencial da Igreja de Jesus Cristo.[570]

Com a Reforma, o clero perdeu o controle exclusivo das Escrituras, como vimos no volume anterior[571]. Lutero não apenas privou o clero do controle da Palavra de Deus, mas também do controle sobre o próprio povo. Ele defendeu que a assembleia de crentes tem o direito de julgar toda doutrina, chamar, nomear e

[570] D'AUBIGNÉ, Merle J. H. *História da Reforma do décimo-sexto século.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1962. v. 5, p. 183-184.
[571] Você também pode ler o capítulo em questão em: <http://www.lucasbanzoli.com/2018/04/conheca-toda-perseguicao-e-proibicao-da.html>.

demitir pregadores, apoiado no texto bíblico que exprime que os líderes da igreja são *servos* do povo de Deus (Mc 9:35), não seus dominadores, como se via na prática.

McGrath diz que "cada congregação devia poder eleger seus próprios pregadores e, se necessário, destituí-los de seu cargo. Mais uma vez, o tema fundamental é a democratização – a eliminação de toda a noção de «elite espiritual»"[572]. Lutero parafraseou Gálatas 3:28, dizendo: "Não há padre nem leigo, não há cônego nem vigário, não há rico nem pobre, nem beneditino, cartuxo, frade menor nem agostiniano, pois não é uma questão deste ou daquele status, grau ou ordem"[573].

Seu escrito, que ainda hoje deixaria muita gente perplexa, foi revolucionário para a época e considerado "um colossal endosso da igualdade e autonomia comunitárias"[574]. Como disse o reformador inglês William Tyndale, resumindo toda a doutrina do sacerdócio universal, "a oração de um sapateiro vale tanto quanto a de um cardeal, a de um açougueiro vale tanto quanto a de um bispo, e a bênção de um padeiro que conhece a verdade vale tanto quanto a bênção do santíssimo padre, o papa"[575].

De "súdito" do clero, o povo passou a ocupar seu lugar de direito, o que ajudou a reduzir a gigantesca onda de depravação moral das autoridades eclesiásticas, que

[572] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 62.
[573] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 328.
[574] OZMENT, Steven. "Luther's Political Legacy". In: HARRIS, James F. (Ed.). *German-American Interrelations: Heritage and Challenge.* Tubingen: Tubingen University, 1985, p. 9.
[575] RICHARDSON, Anne. *William Tyndale and the Law.* Kirksville: Sixteenth Century, 1994, p. 29.

por não terem que prestar contas a ninguém se corrompiam com uma imensa facilidade[576]. Saussure, biógrafo de Lutero, destaca que

> em vez do abismo imenso que separava o padre dos leigos, Lutero não reconhecia outra prerrogativa ao sacerdote senão a de pregação e distribuição dos sacramentos. Portanto, não haveria mais ordem hierárquica nem autoridade papal, mas sim um espírito de amor e de fraterna comunhão que abraçaria os hussitas e os cristãos da Igreja oriental.[577]

Quebrada a rígida estrutura hierárquica romana e deslocando a ênfase das estruturas para o indivíduo[578], "o homem tinha agora acesso pessoal direto a Deus"[579]. Nenhum mediador terreno era mais necessário, pois cada crente era um sacerdote espiritual que oferecia sacrifícios espirituais a Deus[580]. Por isso Cairns diz que aos leigos foi dada uma responsabilidade maior na administração das igrejas protestantes[581], e Blainey sublinha que

> tal como o luteranismo, o calvinismo pregava que a Bíblia, e não a Igreja, era o tribunal de apelação de última instância, ao qual todos os cristãos devotos e inteligentes podiam recorrer. No calvinismo, as

[576] Para não tornar este volume ainda mais longo, deixei para o próximo volume as considerações a respeito da corrupção moral da Igreja antes de Lutero.
[577] SAUSSURE, A de. *Lutero: o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja.* São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 55.
[578] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 127.
[579] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 327.
[580] ibid.
[581] ibid.

> pessoas comuns tinham mais influência do que em qualquer congregação católica.[582]

Ao assumir o princípio do sacerdócio universal de todos os crentes, os reformadores também elevaram o nível de responsabilidade individual dos leigos, a quem cabe aceitar o convite dirigido a cada indivíduo pelo evangelho, na "vida nova que se lhe segue quando essa vocação é percebida e atendida"[583].

Da mesma forma que fiel algum poderia ser privado da salvação pelos caprichos de um padre, ele não poderia esperar ser salvo por causa de um. Tanto a salvação como a condenação deixavam de recair sobre a hierarquia e passavam ao âmbito individual. Daí o lema hoje muito popular de que «igreja (ou religião) não salva ninguém», pois é impossível que o coletivo fale pelo individual. "Cada um prestará contas de si mesmo a Deus" (Rm 14:12), disse Paulo.

Por isso, para os protestantes, a salvação é de inteira responsabilidade individual e se dá somente através de Cristo, na comunhão direta que temos com ele. Daí o contraste entre a teologia católica, onde o contato do fiel com Deus é "terceirizado" e tudo recai sobre os padres, e a teologia protestante, onde cada crente deve buscar um relacionamento pessoal com Deus, e desse relacionamento é que resulta uma vida transformada pelo evangelho e mais próxima do Criador.

Assim, no protestantismo, não são ritos externos ou sacramentos que nos deixam mais próximos do Pai, mas uma comunhão íntima com Ele que se dá no nível

[582] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010, p. 188.
[583] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 35.

individual em um coração arrependido e sincero que se entrega inteiramente a Ele, abandonando o nosso próprio "eu". É assim que Paulo dizia que "já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20).

Disso resulta toda a diferença da praxe católica e protestante, como as rezas mecânicas e repetitivas em contraste às orações espontâneas, a confissão ao padre em contraste à confissão direta com Deus, a liturgia maçante e enfadonha em contraste a um culto vívido e com mais liberdade, e tudo o mais que no catolicismo se traduz em mecanicismo e tradicionalismo, na tentativa de se fabricar uma espiritualidade artificial cujo único propósito é manter a estrutura da tradição.

Um exemplo dos mais intrigantes é o termo grego *metanoia,* que as Bíblias protestantes traduzem como "arrependimento", e as Bíblias católicas por "penitência"[584]. Mas enquanto arrependimento consiste na transformação da mente (*metanoia* no grego significa exatamente «mudança de mente»[585]), o que envolve o abandono do pecado e voltar-se para Deus em contrição, a penitência no catolicismo se refere a uma pena imposta para a expiação de um erro (por exemplo, repetir tantas vezes a Ave Maria ou subir de joelhos as escadarias da igreja do Senhor do Bonfim), ou seja, a um ato mecânico que não tem respaldo na Bíblia, mas que diz muito sobre a diferença entre católicos e protestantes no âmbito da mentalidade.

[584] Na verdade, quando Jerônimo verteu por "penitência" o termo grego *metanoia* em sua Vulgata Latina no século V, ele tinha em mente o mesmo que os protestantes entendem por arrependimento (e não o sentido que o termo ganhou mais tarde). Com o tempo, porém, o termo foi ganhando um significado cada vez mais ritualista na medida em que a Igreja foi dando atenção cada vez maior aos ritos externos em detrimento da mudança interior, o que fez com que "penitência" seja hoje encarada desta maneira tão distante dos evangelhos (o que faria Jerônimo se revirar no túmulo).
[585] §3341 da Concordância de Strong.

Os efeitos dessa mudança de mentalidade se tornaram visíveis desde o primeiro momento, a começar pelo fato dos pastores protestantes pregarem de frente para o povo e na língua deles. A Bíblia foi traduzida e distribuída aos fiéis, e "protestantes como Zwínglio rebaixaram o altar a uma simples mesa, em torno da qual os crentes podiam compartilhar uma refeição comemorativa"[586]. Essa dignificação dos leigos também se estendeu para fora da esfera religiosa, pois enquanto a Igreja Romana "sacramentava" o trabalho dos sacerdotes e desprezava o dos leigos, a Reforma tratou de quebrar essa barreira que discriminava um e outro.

Sobre isso, Alves escreve:

> Ao abandonar as estruturas como o ponto de partida, o humanismo protestante criava, germinalmente, uma forma de pensar que poderia, eventualmente, vir a romper os laços da ordem existente. Não há estruturas sagradas. Deus não tem comunhão com as estruturas, mas somente com pessoas. Por isso os homens são sacerdotes e livres. O sacerdócio universal implicava assim o fim de todo autoritarismo religioso ou secular. E ao mesmo tempo exigia uma sociedade fraterna, de comunhão, de participação, de direitos humanos iguais. Se Deus se relaciona igualmente com todos os homens, não se pode tolerar uma sociedade onde alguns homens dominam outros. Exige-se uma sociedade democrática.[587]

[586] COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé.* São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 149.
[587] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 127.

Lindberg diz que a única diferença entre a vida "religiosa" e a "secular" para Lutero estava na forma, não no conteúdo. A abolição das distinções entre cristãos "abriu o caminho para sua concepção do sacerdócio de todos os batizados e de todos os cristãos como possuidores de um chamado divino, de uma vocação no mundo"[588].

Em outras palavras, ao dignificar os leigos, a Reforma dignificou o trabalho secular praticado por eles que por tanto tempo foi desprezado pela Igreja Romana. O véu que se rasgou quebrou ao meio o monopólio do sagrado e enobreceu o trabalho secular, abrindo as portas para um desenvolvimento nunca antes visto, conduzido justamente por essas classes marginalizadas no mundo anterior à Reforma.

• A valorização do trabalho pelos protestantes

Com o sacerdócio universal de todos os crentes, quebrou-se a barreira que separava os serviços religiosos (entendidos como "sagrados" e por isso mais importantes) dos serviços seculares (frequentemente desprezados e renegados a um patamar inferior). Os reformadores estenderam a noção de "chamado", que até então era aplicado exclusivamente à vida religiosa, a qualquer profissão que fosse dignamente exercida por um cidadão comum. Isso não consistia em "dessacralizar" o sagrado mais do que em "sacralizar" o secular, como aponta McGrath:

> Embora seja fácil interpretar essa posição como reivindicação para a descentralização do sagrado, ela pode igualmente bem ser

[588] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 124.

> entendida como uma reivindicação para a sacralização do secular. No início de 1520, Lutero lançou os fundamentos conceituais essenciais para criar o espaço sagrado no secular. Sua doutrina do "sacerdócio de todos os crentes" afirmava que não há diferença genuína de posição entre a ordem "espiritual" e a "temporal".
>
> Todos os cristãos são chamados a serem sacerdotes – e podem exercer esse chamado no mundo do dia a dia. A noção de "chamado" foi fundamentalmente redefinida: não dizia mais respeito a ser chamado para servir a Deus deixando o mundo; agora, dizia respeito a servir a Deus no mundo. Deus não chama seu povo só para a fé, mas também para expressar essa fé em áreas bem distintas da vida. Essa noção de "chamado duplo" desempenhou um papel especialmente importante no pensamento de William Perkins, que insistia que o indivíduo é chamado, primeiro, a ser cristão e, segundo, a viver essa fé no mundo em urna determinada esfera de atividade.[589]

Em outras palavras, com a Reforma, todas as profissões foram consideradas "sagradas" desde que praticadas para a glória de Deus, e todas eram igualmente dignas aos olhos dEle. O antigo muro se rompeu, abrindo inúmeras possibilidades até então reprimidas. Comentando Gênesis 3:19, Lutero dizia que "o que parece ser trabalho secular, na verdade, é o louvor a Deus e representa a obediência que bem pode agradar a ele"[590].

[589] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 331-332.
[590] ibid, p. 332.

O reformador alemão enaltecia o valor do trabalho doméstico – outra área depreciada na época, e em certa medida até hoje –, declarando que "apesar de não ter aparência de santidade, todavia, essas mesmas pequenas tarefas domésticas tinham de ser mais valorizadas que todas as obras de monges e monjas"[591]. Ele também disse que "se alguém encontra seu coração confiante de que agrada a Deus, a obra é boa, mesmo se for uma coisa tão pequena como apanhar uma palha"[592], fazendo jus às palavras de Paulo: "Quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Co 10:31).

Coisas simples, como comer e beber, podem ser exercidas para a glória de Deus tanto quanto as práticas religiosas de monges e monjas. O reformador defendia o «princípio da igualdade carismática de todas as funções no corpo cristão», pois "cada profissão, vocação, artífice e trabalhador manual é um ofício carismático no sentido paulino, assim como são os ofícios de bispos, professores e diáconos"[593].

Calvino, na mesma linha, argumentava que "se seguirmos fielmente nosso chamamento divino, receberemos o consolo de saber que não há trabalho insignificante ou nojento que não seja verdadeiramente respeitado e importante ante os olhos de Deus"[594]. Para ele, "não há obra, por mais humilde e humilhante que seja, que não brilhe diante de Deus e que não lhe seja preciosa, contanto que a realizemos no serviço e cumprimento da nossa vocação"[595].

[591] ibid.
[592] LUTERO, Martinho. *A treatise on Good Works.* Citado em: VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Renascença e Reforma.* São Paulo: Realizações, 2014. v. 4, p. 305.
[593] LUTERO apud VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Renascença e Reforma.* São Paulo: Realizações, 2014. v. 4, p. 276.
[594] CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã.* São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2000, p. 77.
[595] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 225.

Dado que toda vocação é concedida por Deus aos homens, Calvino defende que "não há emprego desprezível e sórdido, que não seja de fato respeitável, julgado como altamente importante aos olhos de Deus"[596]. Tyndale dizia que apesar de lavar louça e pregar a Palavra de Deus serem atividades diferentes, no que diz respeito a agradar a Deus não havia diferença essencial entre ambas[597].

Mais uma vez, é preciso reforçar que isso não consistia num "rebaixamento" das atividades religiosas – os próprios reformadores eram teólogos e pastores –, mas sim uma nova concepção que dignificava o trabalho secular e doméstico que por tanto tempo havia sido depreciado em detrimento da vida religiosa (e não é nem preciso dizer que um país que dá pouco valor ao trabalho não pode esperar grandes coisas).

O grande mérito dos reformadores foi ter chamado os cristãos não para fora do mundo, como o catolicismo monástico, mas para atuar dentro dele, como Lindberg afirma:

> Lutero, e também Calvino na próxima geração, defendia a ideia de que Deus não chama o cristão para fora do mundo, e sim para dentro dele. Porque a aceitação de Deus ocorre no nível do humano, as pessoas não são chamadas a realizar tarefas extraordinárias, e sim tarefas mundanas. Isso levou a uma revalorização religiosa do trabalho comum.[598]

[596] CALVINO, João. *Institutas.* Livro 3, 10:6.
[597] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 332.
[598] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 158.

É digno de nota que Jesus nunca pediu para os discípulos se afastarem do mundo, tal como as ordens monásticas que se isolavam da sociedade encerradas em seus mosteiros, mas sim que fizessem brilhar sua luz diante de todos – ou seja, uma atuação *intramundana,* em contraste à "fuga do mundo":

"Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas do maligno" (João 17:15)

"Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus" (Mateus 5:14-16)

O professor e historiador alemão Veit Valentin comentou:

> Se o supremo ideal católico era o ascetismo, a fuga do mundo, o protestantismo adquire no novo conceito de profissão uma consagração do trabalho cotidiano, dignifica-o, elevando-o como algo altamente moralizador, como algo que deve ser feito espontaneamente. Lutero na sua tradução da Bíblia dera à palavra "profissão" esta nova e eloquente significação.[599]

McGrath também é preciso quando escreve:

[599] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo II.* 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 273.

> É bastante notável a transformação histórica da posição do trabalho por meio dessa ética. Vittorio Tranquilli, em seu magistral estudo sobre a posição do trabalho de Aristóteles a Calvino, mostrou como a teologia de Calvino levou diretamente de uma percepção do trabalho como algo humilhante da perspectiva social, se necessário no sentido pragmático, melhor confiado aos de classe inferior, para um meio dignificante e glorioso de louvar a Deus em sua criação e por intermédio dela ao mesmo tempo em que contribui para o bem-estar dessa criação.
>
> Não foi por acidente que as regiões europeias que adotaram o protestantismo logo se viram prosperando economicamente – um desmembramento, não uma consequência pretendida e premeditada, da nova importância religiosa ligada ao trabalho. Hoje, o trabalho ético protestante, com frequência, é descrito em termos de uma "ética de depender de si mesmo"; nessa percepção, o trabalho é algo que é bom em si mesmo. O conceito de "vocação" ou "chamado" perdeu o sentido de "sagrado" e, agora, refere-se a qualquer coisa que o indivíduo queira fazer com a sua vida.[600]

De uma maldição ou quando muito algo «neutro», o trabalho passou a ser visto como um bem em si mesmo e um louvor a Deus, quando praticado para a glória dEle. Os reformadores compreenderam que qualquer trabalho praticado honestamente é um bem ao próximo, e, portanto, é agradável a Deus.

[600] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 333.

Por exemplo, por mais que muitos considerem "simples" a profissão de agricultor familiar, é por meio dela que vem o sustento da família, sem o qual eles sequer poderiam estar vivos para prestar culto a Deus. A não ser que você trabalhe para a TekPix, não há serviço honesto que não produza algo útil para a sociedade, que quanto mais produzido for, mais acessível será. O trabalho é a maior "caridade" que se pode fazer pelo próximo, e o emprego é o melhor "programa social" que os mais pobres podem ter se quiserem deixar a pobreza.

Por isso Lutero ampliou o conceito de "chamado" para as profissões comuns, confrontando o monopólio clerical do termo. Não apenas padres cumpriam o chamado de Deus: qualquer pessoa comum tinha um chamado, ainda que na sua própria esfera de atuação. Se alguém foi chamado para ser carpinteiro, como o pai de Jesus, e executa essa função com honestidade, está cumprindo o seu chamado mesmo à parte de um ofício na igreja enquanto templo, uma vez que nós mesmos somos o templo do Deus vivo (1Co 3:16, 6:19).

Lutero dava a isso o nome de *vocação* (do alemão *beruf),* um termo que embora não tenha sido criado por ele, conceitualmente pertence a ele, como explica Weber:

> Não dá para não notar que já na palavra alemã *beruf*, e talvez de forma ainda mais nítida no termo inglês *calling*, pelo menos ressoa uma conotação religiosa – a de uma missão dada por Deus –, e quanto mais enfaticamente acentuamos a palavra num caso concreto, mais ela se faz sentir. E, ao acompanharmos a palavra ao longo da história e através das línguas de diferentes culturas, constata-se em primeiro lugar que os povos predominantemente católicos ignoram uma

> expressão de colorido análogo para aquilo que em alemão chamamos *beruf* (no sentido de uma posição na vida, de um ramo de trabalho definido), tal como a ignorou a Antiguidade clássica, ao passo que ela está presente em *todos* os povos predominantemente protestantes.[601]

Não apenas o significado da palavra era novo, mas também "a ideia é nova, e é um produto da Reforma"[602]. O conceito de vocação era parte importante no trabalho de valorização das profissões do mundo secular, como observa Lindberg:

> A contribuição da compreensão reformatória de vocação consistiu em interromper o controle da elite religiosa sobre a vocação, bem como em democratizá-la e imbuir a vida como um todo da religião. A vocação abarca todas as relações humanas a uma só vez, no sentido de uma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, filha, mãe, esposa, cidadã, trabalhadora, estudante, etc. Para Lutero, a vida humana é uma teia de relações, e seus muitos fios estão ancorados no centro que é o perdão dos pecados. A vocação é praticada nessas relações da vida; e isso significa que existe na vida um "caráter de ser" dado por Deus, caráter este específico às relações e talentos particulares de cada pessoa.
>
> A tendência humana perene a desvalorizar aquilo que está próximo de nós e a buscar fazer algo de extraordinário foi precisamente o que Lutero atacou na compreensão medieval dos votos vocacionais (isto

[601] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 71.
[602] ibid, p. 72.

> é, religiosos). As pessoas não queriam realizar tarefas mundanas dadas por Deus, como, por exemplo, ser pai/mãe; antes, elas inventavam suas próprias tarefas – como, por exemplo, o celibato que acreditavam que agradariam a Deus e as tornariam santas. E a orientação por objetivos distantes levava as pessoas a negligenciar as tarefas diante de seu nariz. Por essa razão, Lutero sempre colheu seus exemplos de vocação da vida diária: o pai que lava fraldas fedorentas, a criada que varre o assoalho, o cervejeiro que faz boa cerveja. Estas atividades são formas concretas de servir ao próximo.[603]

O autor acrescenta ainda:

> O que Lutero quer dizer é que as pessoas não são chamadas com uma exigência que ultrapassa seus talentos, mas são chamadas apenas a serem fiéis àquilo que lhes foi dado. Lutero jamais defendeu a ideia de que os cristãos deveriam se retirar do mundo. O significado de sua compreensão do evangelho era justamente que, por ser a salvação o fundamento e o objetivo da vida, o cristão está livre para redirecionar ao serviço do próximo o tempo e a energia antes gastos com a busca da salvação. Exprimindo a ideia de maneira audaciosa: Lutero estava a defender um "Cristianismo sem religião". Uma vez que o cristão é "chamado" a servir no mundo, Lutero distinguiu enfaticamente entre o reino de Deus e o reino do mundo.

[603] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 159.

> Ele martelou sem cessar nesta distinção, pois queria chamar cristãos à ação política numa época que concebia a religião primordialmente como afastamento do mundo. Até mesmo reis – inclusive o imperador Carlos V – preferiam passar seus últimos dias em um mosteiro, para poderem ser sepultados em hábito religioso. A pessoa medieval não podia conceber a ideia de ter uma vocação no mundo, pois o sentido de vocação estritamente religioso e a política era algo "sujo". Lutero esperava libertar os cristãos para o serviço em um mundo que está sempre encoberto por ambiguidades políticas e éticas ao distinguir entre a justiça das leis humanas e civis, que exigem realizações, e a justiça diante de Deus, que é um dom livre.[604]

Contra a tradição escolástica que por tanto tempo travou o comércio e desvalorizou o trabalho secular, os protestantes "cederam o passo à referência cada vez mais enfática ao cumprimento dos deveres intramundanos como a única via de agradar a Deus em todas as situações, que esta e somente esta é a vontade de Deus, e por isso toda profissão lícita simplesmente vale muito e vale igual perante Deus"[605]. Como resume McKin, "qualquer chamado legítimo tem exatamente o mesmo valor aos olhos de Deus"[606].

Weber acrescenta ainda:

[604] ibid, p. 160.
[605] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 73.
[606] McKIN, Donald K. *Grandes Temas da Tradição Reformada*. Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998, p. 302.

> Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a auto-realização moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *beruf* esse sentido. No conceito de *beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em *praecepta* e *consilia* e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua "vocação profissional".[607]

O trabalho, que até então era concebido como na melhor das hipóteses «eticamente neutro»[608] e na pior como «degradante para o ser humano» e "inferior ao ócio, ao descanso, ao repouso e à vida contemplativa e ociosa"[609], é elevado a um patamar de honra e dignidade, extinguindo a antiga dicotomia entre o trabalho "sagrado" e o "secular":

> Foi esta dicotomia que os puritanos reprovaram e rejeitaram como marco no inicio para sua cosmovisão do trabalho, sendo Lutero o

[607] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 72.
[608] COSTA, Herminsten M. P. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 118.
[609] RUPPELL JÚNIOR, Ivan Santos. *A ética protestante e o pensamento de João Calvino*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007, p. 85.

> primeiro desbravador que derrubou o conceito de que os clérigos tinham um trabalho mais santo que o do lavrador. Eram trabalhos diferentes, mas não em relação a agradar a Deus. Calvino mais tarde veio a respaldar tal argumento no que dizia respeito a esta nova cosmovisão do trabalho, sendo os puritanos fiéis em seguir tal caminho.[610]

Weber complementa:

> Foi, portanto, neste conceito de vocação que se manifestou o dogma central de todos os ramos do protestantismo, descartado pela divisão católica dos preceitos éticos em *praecepta* e *consilia*, e segundo a qual a única maneira de viver a aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas seculares, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo, nisso é que está a sua vocação.[611]

Enquanto os católicos consideravam o trabalho manual uma coisa degradante, entre os protestantes

> não houve uma associação nítida entre o trabalho e os grupos considerados inferiores. Além disso, a forte influência calvinista veio trazer um novo significado ao trabalho. O ócio é pecado, enriquecer pelo trabalho é uma obrigação do cristão, dizia o advogado francês

[610] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 68.
[611] WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 8ª ed. São Paulo: Pioneira, 1994, p. 53.

> Calvino. O trabalho não é castigo na concepção protestante: é uma bênção e o dever básico.[612]

Se Lutero teve um papel fundamental em valorizar o trabalho secular, Calvino deu um salto adiante para a ética do capitalismo. Tal como Lutero, Calvino ressaltava que "a fonte de que todo o resto consiste em cada um estar contente com sua vocação, que a siga, que não esteja inclinado a buscar outra. Vocação no Espírito significa um estado e maneira de viver legítimos"[613].

Oliveira sublinha que Calvino "valorizou a livre iniciativa, base do capitalismo liberal, ressaltando que tal liberdade correspondia a um aspecto importante da vocação: a direção que Deus dava a cada indivíduo pelo exercício de seu trabalho particular"[614]. Compare a interpretação escolástica do trabalho nos primeiros capítulos de Gênesis (entendido por eles como uma maldição) com a de Calvino, que escreveu:

> Moisés acrescenta (Gn 1:15) agora que a terra foi outorgada ao homem com esta condição: que se ocupasse em cultivá-la, de onde se segue que foram os homens criados para empregar-se em fazer alguma coisa e não para estarem ociosos e indolentes. Verdade é que esse labor era bem alegre e agradável, longe de todo enfado e insatisfação; todavia, quando Deus quis que o homem se afizesse a

[612] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 49.
[613] BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990, p. 348.
[614] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 63.

> cultivar a terra, na pessoa dele condenou a ociosidade e a indiferença.[615]

Nas Institutas, ele também declara:

> Em todas estas áreas do conhecimento os cristãos não são maiores em contribuições do que os não-cristãos, pois Deus se serve do labor de cristãos e não-cristãos para fazer desenvolver as sociedades, pois intelectuais ou trabalhadores braçais, todos com seus dons tem que colocá-los em ação para o serviço de Deus e da sociedade.[616]

Biéler diz que Calvino é "um dos raros teólogos a pôr em evidência, com tanta clareza, a participação do trabalho do homem na obra de Deus. Dessarte, conferiu ele ao labor humano dignidade e valor espirituais que jamais teve na escolástica, nem por mais forte razão, nem na Antiguidade. Este fato irá ter grandes repercussões no desenvolvimento das sociedades calvinistas"[617]. Calvino considerava todos os que trabalhavam em alguma coisa como «operários de Deus»[618], independente de se tratar de valores espirituais ou realidades materiais[619].

---

[615] CALVINO apud BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: CEP, 1990.
[616] CALVINO, João. *Institutas.* Tomo II, c. 2, 14. Citado em: XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 94.
[617] BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã,1990, p. 538-539.
[618] FEBVRE, Lucien. *Esboço de um retrato de João Calvino*. Cadernos de Pós-Graduação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.
[619] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 40.

> O grande reformador, por meio da Bíblia, ensina que os bens materiais são instrumentos da providência de Deus, sendo o dinheiro o meio pelo qual Deus se serve para proporcionar não só ao homem o que é necessário para o seu sustento, mas também ao seu próximo. Dessa forma, a riqueza é colocada à disposição do homem como ferramenta para organização de sua vida e da sociedade.[620]

É por meio do trabalho que conseguimos o necessário para nós mesmos e para o bem do próximo, razão pela qual a ociosidade é tão condenável. Por isso Calvino escrevia:

> Há modos diferentes de se trabalhar. Para quem ajuda a sociedade dos homens pela indústria ou regendo a sua família, ou na administração pública ou em negócios privados, ou aconselhando, ou ensinando ou de qualquer outra maneira, não será considerado entre os inativos. Paulo censura aqueles zangões preguiçosos que querem viver pelo suor dos outros, não contribuindo assim com nenhum serviço em comum para ajudar a raça humana.[621]

Biéler comenta que, para Calvino, "o não-trabalho é contrário à natureza do homem. A ociosidade é, portanto, a recusa do homem à sua vocação divina, é um ato de rebeldia contra Deus, uma ofensa a Deus"[622]. Para o reformador genebrino,

[620] ibid.
[621] CALVINO apud COSTA, Hermisten M. P. da. *Pensadores Cristãos: Calvino de A a Z*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 355.
[622] BIÉLER, André. *O Humanismo Social de Calvino*. São Paulo: Edições Oikumene, 1970, p. 51.

"a bendição do Senhor acompanha as mãos do que trabalha e certamente a preguiça e o ócio são amaldiçoados por Deus"[623].

Desta forma, "Calvino rechaça todos aqueles que tiram o seu sustento do trabalho dos outros sem o oferecimento à sociedade de qualquer tipo de serviço"[624], chamando-os de «parasitas inúteis» por nada fazerem para ajudar o gênero humano[625]. Calvino condenava aquele que tendo condições para trabalhar se recusava a isso para viver de mendicância, como era a praxe das ordens monásticas católicas. Em seu comentário a João 9:4, ele afirma:

> Assim é imperioso que, segundo é alguém chamado desempregar algum cargo público, nisso se empregue como em sua jornada de trabalho, executando o que seu oficio requer. Disto forçoso nos é inferir uma regra geral: que o curso desta vida é como o dia a cada um. Assim como a brevidade do período de luz deve incitar os operários a trabalhar e a ser diligentes, temendo que aos primeiros esforços as trevas e sombras da noite os surpreendam, assim também quando vemos que bem pouco tempo de vida nos é dado, tenhamos vergonha de ficar ociosos. Em suma, tão logo Deus nos ilumina em nos chamando, de mister nos é pormo-nos imediatamente a trabalhar, a fim de que a ocasião e a oportunidade não nos escapem.[626]

[623] ibid.
[624] ibid.
[625] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 46.
[626] CALVINO apud BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: CEP, 1990.

Considerando que o trabalho é o meio pelo qual o homem realiza a vocação que Deus lhe deu, a ociosidade é um vício que corrompe sua humanidade. Assim, a preguiça é vista como uma ruptura com o Criador, como Calvino escreve comentando 2ª Tessalonicenses 3:10 (o texto em que Paulo diz que «se alguém não quiser trabalhar, também não coma»): "A bênção do Senhor está nas mãos daquele que trabalha. É certo que a preguiça e a ociosidade são malditas por Deus"[627].

Ele descreve tais preguiçosos como "ociosos e inúteis que vivem do suor alheio e não prestam contribuição alguma para ajudar o gênero humano"[628]. Por isso Calvino se esforçava em combater o desemprego em Genebra, não através da mendigagem ou do puro assistencialismo, mas dando oportunidade de trabalho a todos:

> Sabe-se com que vigor Calvino se esforçou em pôr em prática o ensino espiritual e ético que ele ministrava cotidianamente. Interveio constantemente junto às autoridades, tanto para eliminar a ociosidade quanto para combater o desemprego, que se tornava ameaçador quando os refugiados estrangeiros afluíam para a cidade de Genebra. Foi em razão de suas insistências que o Pequeno Conselho, um dos conselhos da cidade, estimulou a criação de novas indústrias, como a tecelagem, em seguida as manufaturas de tecidos de seda para criar assim novos postos de trabalho e absorver o desemprego.[629]

[627] CALVINO, João. *Commentaire N. T.*, II Thessaloniciens, c. 3, v. 10. Citado em: BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 88.
[628] ibid.
[629] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 89-90.

Alister McGrath destaca que "o trabalho secular se tornou uma parte integrante da espiritualidade de Calvino, conferindo um novo sentido à máxima monástica medieval *laborare est orare*, 'trabalhar é orar'. O trabalho manual não era somente regra em Genebra; era o ideal religiosamente sancionado"[630]. Xavier também comenta que

> através da ética protestante e do pensamento social de Calvino foi conferido ao labor humano dignidade que jamais teve na escolástica, fato este que teve grande participação mais tarde no surgimento de um novo modelo econômico comercial na sociedade moderna. Na ética protestante iniciada a partir das novas concepções bíblicas de Lutero e posteriormente do pensamento econômico e social de Calvino não havia lugar para a ociosidade, pois defendiam o conceito de que o trabalho estava relacionado ao progresso de toda humanidade, pois havia diversos modos do homem não cair na vala dos inativos e ociosos, por meio da ajuda oferecida à sociedade pela indústria, ou regendo sua família, ou na administração pública, ou em negócios privados, ou aconselhando, ou ensinando.[631]

Weber acrescenta que "a conduta de vida monástica é encarada não só como evidentemente sem valor para a justificação perante Deus, mas também como produto de uma egoística falta de amor que se esquiva aos deveres do mundo. Em

[630] McGRATH, Alister E. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 264.
[631] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 20.

contraste com isso, o trabalho profissional mundano aparece como expressão exterior do amor ao próximo"[632].

Ele também diz que "todo mundo logo sente que essa vigorosa expressão do austero devotamento puritano ao mundo, ou seja, a valoração da vida intramundana como missão, seria impossível na pena de um escritor medieval"[633]. Randall também observa que "o luteranismo, com sua ênfase na santidade da profissão, e ainda mais o calvinismo, estimulavam as qualidades necessárias para o êxito mundano"[634].

Não à toa, McGrath acentua que "se houve qualquer movimento religioso, no século XVI, que tenha tido uma atitude afirmativa em relação ao mundo, esse foi o calvinismo"[635]. Essa concepção positiva do trabalho, do dinheiro e das atividades "intramundanas" se reflete na concepção favorável ao comércio, ao qual os protestantes deram um estímulo imprescindível, como aponta Biéler:

> Enquanto a sociedade medieval menosprezava o comércio, o Cristianismo reformado o reabilitou inspirando-se uma vez mais no ensinamento bíblico. Já que Deus convoca cada indivíduo para uma missão particular, explica Calvino, torna-o dessa forma dependente do trabalho e dos serviços alheios. Assim, pois, cada indivíduo tem necessidade de usufruir das outras atividades humanas. Certa divisão

[632] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 73.
[633] ibid, p. 80.
[634] RANDALL, John H. *La formación del pensamiento moderno.* Buenos Aires: Editorial Nova, 1952, p. 165.
[635] McGRATH, Alister E. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 249.

> do trabalho está, portanto, em conformidade com o desígnio de Deus. Ela manifesta a interdependência de suas criaturas e acentua a utilidade dos vínculos que a atividade econômica tece na sociedade. Cada indivíduo é dependente dos outros. Desse modo expressa-se a solidariedade que liga os homens entre si. E tal solidariedade implica troca permanente entre os indivíduos, reciprocidade de serviços. O comércio por consequência é o corolário da vocação individual para um trabalho particular. As trocas são por conseguinte indispensáveis para que se realize a ordem social harmoniosa que Deus quer ver reinar entre os homens. Nenhum deles pode bastar-se.[636]

Comentando Levítico 19:35, Calvino diz que "quando não mais se pode comprar nem vender, a companhia dos homens é como que destruída"[637]. E comentando Amós 8:5, diz que "manter os armazéns [dos negociantes] fechados é como que degolar os pobres, quando os esfomeiam desse modo"[638]. Ou seja, para o reformador, "a liberdade do comércio, a livre troca, é um grande bem"[639].

Ele também enfatizava que "se a providência de Deus usa a atividade do homem, determinando-lhe o trabalho, a obra do homem é um dos instrumentos do grande labor de Deus"[640], e que "o primeiro princípio a considerar é que, se os dons de Deus são dirigidos ao mesmo propósito para o qual foram criados e destinados, não podem ser utilizados equivocadamente"[641].

---

[636] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 92.
[637] ibid.
[638] ibid, p. 92-93.
[639] ibid, p. 93.
[640] BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990, p. 311.
[641] CALVINO apud COSTA, Hermisten. *Pensadores cristãos: Calvino de A a Z.* São Paulo: Editoria Vida, 2006, p. 103.

O tema da «vocação» também é reiterado por Calvino, que dizia ser "nosso dever observar diligentemente que Deus ordena que cada um de nós leve em conta a sua vocação em todas as ações de sua existência"[642]. Para o reformador, "é suficiente que saibamos que a vocação de Deus é como que um princípio e fundamento baseados no qual podemos e devemos governar bem todas as coisas"[643]. Até mesmo o poder civil é "uma vocação não somente santa e legítima diante de Deus, mas também deveras sacrossanta e honrosa entre todas as demais"[644].

Cada um devia "lembrar-se de que foi criado por Deus a fim de trabalhar diligentemente e entregar-se à sua tarefa"[645]. Com razão, Cairns diz que "sua ênfase na vocação como chamada divina e a importância que dava à frugalidade e ao trabalho estimularam o capitalismo"[646], e Van Til conclui que "podemos considerar grande a contribuição de Calvino para economia de sua época"[647]. Weber ainda acresce:

> Um traço característico e em certo sentido "típico" das igrejas huguenotes francesas foi que, por exemplo, os monges e os industriais (comerciantes, artesãos) estivessem desde logo numericamente bem representados entre os prosélitos, e assim permaneceram mesmo nos tempos de perseguição. Já sabiam os

[642] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 224.
[643] ibid, p. 225.
[644] ibid, p. 150.
[645] CALVINO apud BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990, p. 522.
[646] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 283.
[647] VAN TIL, Henry R. *O Conceito Calvinista de Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 119.

> espanhóis que "a heresia" (ou seja, o calvinismo dos Países Baixos) "fomentava o espírito comercial"[648].

Numa obra de referência do puritanismo intitulada *Religious Tradesman,* de Richard Steele (1629-1692), "aparece claramente a ênfase que o puritanismo põe na incessante diligência, o trabalho árduo e o pecado de gozar das riquezas por um consumo dispendioso"[649]. O autor escreve que "depois da salvação de sua alma, a ocupação e cuidado do comerciante é servir a Deus em sua profissão, e levá-la tão longe como possa"[650]. Biéler ressalva que, para os reformadores, "na medida em que o trabalho toma o lugar de Deus, absorve toda a existência e está fadado ao fracasso... na medida, ao contrário, em que o trabalho é relacionado com Deus, na fé e na obediência, ele é acompanhado de bênção"[651].

Há nisso também uma diferença essencial entre a perspectiva católica e a protestante: enquanto o conhecimento era para os católicos algo "sagrado" e por isso reservado a uma elite que entendia latim e grego, os protestantes fizeram de tudo para *universalizar* o conhecimento, razão pela qual se empenhavam em traduzir as obras mais importantes de cada ofício para que até o trabalhador mais simples tivesse acesso a elas. Hooykaas discorre sobre isso citando alguns exemplos:

---

[648] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 37.
[649] RANDALL, John H. *La formación del pensamiento moderno.* Buenos Aires: Editorial Nova, 1952, p. 168.
[650] STEELE apud RANDALL, John H. *La formación del pensamiento moderno.* Buenos Aires: Editorial Nova, 1952, p. 168.
[651] BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990, p. 527.

> Por volta de 1550, Robert Recorde, médico e escritor teológico, escreveu seus trabalhos matemáticos em inglês, para que pudessem ser entendidos pelos artífices. Leonard Digges declarou que não queria esconder os seus talentos e limitar o seu conhecimento a línguas estrangeiras, e que escrevia em inglês em proveito de pessoas tais como agrimensores, carpinteiros ou pedreiros. Seu filho Thomas Digges abandonou a matemática puramente contemplativa para dedicar-se a "nações experimentais".
>
> O erudito John Dee colocou os livros de sua grande biblioteca à disposição de seus amigos artífices. A partir de 1588, Thomas Hood passou a fazer conferências públicas em Londres, sobre matemática e astronomia, para marinheiros, artífices e soldados. Em 1598, o Gresham College de Londres tornou-se conhecido como um local de encontro de estudiosos e artífices, onde eram realizados conferências sobre ciência, matemática e teologia, tanto em latim como em inglês. Os renomados Henry Briggs, Henry Gellibrand e Samuel Foster figuravam entre os seus professores, e é evidente, pelas suas biografias pessoais, que essa escola também fez jus à sua reputação de centro ativo do puritanismo.[652]

A Reforma Protestante quebrou o largo muro que separava as profissões "cerebrais" (tais como a filosofia e a teologia) das "servis". Enquanto as primeiras eram supervalorizadas e restritas a uma "elite intelectual", os trabalhos manuais eram desprezados e renegados às classes inferiores, como de somenos importância. Nos

[652] HOOYKAAS, R. *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna.* Brasília: Editora Polis, 1988, p. 119.

países protestantes, contudo, as profissões servis foram reconhecidas e valorizadas, como prossegue Hooykaas:

> Sem dúvida alguma, a familiaridade geral com a Bíblia, nos círculos da Reforma, estimulou essa concepção. William Perkins, teólogo puritano do século XVI, era de opinião que um ofício manual, desempenhado para a glória de Deus e em benefício da humanidade, era tão abençoado por Deus como o de um magistrado ou de um ministro da religião. Hugh Latimer dizia a seu público que ninguém deveria se sentir indigno de seguir a Cristo, o carpinteiro, em uma "vocação comum", já que todas as ocupações foram abençoadas por Seu exemplo.
>
> No século seguinte, encontramos George Herbert, em seu célebre poema *Elixir,* ensinando que a expressão "Por Seu amor" torna divina a dura vida de um servo: "Quem varre uma sala em obediência às Suas leis, executa bem a sua tarefa e faz disso uma ação meritória". A cerimônia de casamento da Igreja Reformada da Holanda refere-se ao "chamamento divino" do esposo. Reconheceu-se que não era o trabalho manual em si mesmo, mas o seu exercício laborioso e estafante, que representava a punição para o pecado. Os avanços tecnológicos passaram a ser considerados algumas vezes como parte de uma restauração cristã, precisamente pelo fato de abrandarem o caráter penoso do trabalho manual.[653]

[653] ibid, p. 121.

A síntese entre o trabalho servil e o "intelectual" teve consequências práticas. O conhecimento científico passou a ser ensinado a "simples" marinheiros, e a engenharia passou a ser ensinada nas universidades – ambos considerados igualmente importantes e ao alcance de todos:

> Nos Países Baixos, por volta de 1600, existiu a mesma estreita cooperação entre estudiosos e homens práticos. Uma escola para engenheiros foi fundada na Universidade de Leyden, onde o ensino devia ser ministrado em língua holandesa. O ministro protestante Petrus Plancius ensinava ciência náutica a marinheiros, do púlpito da Oudezyds Kapel, em Amsterdã. No início do século XVII, o erudito Dr. Isaac Beeckman fundou uma Faculdade de Mecânica em Roterdã, cujos membros eram o próprio Beeckman (diretor-assistente da escola de latim), juntamente com um tintureiro de sedas, um comerciante, um fabricante de moinhos, um fabricante de navios, um carpinteiro, um médico, um matemático e um cirurgião.
>
> Quando Beeckman tornou-se diretor de escola em Dordrecht, fundou a primeira estação meteorológico da Europa; realizou observações astronômicas com a ajuda do ministro protestante Philips van Lansbergen, e tinha entre os seus discípulos George Ent e Jan de Witt, que se tornaram famosos, o primeiro como defensor de Harvey, e o outro como estadista e matemático.[654]

[654] ibid, p. 120.

O resultado dessa cooperação entre artífices e estudiosos foi «um rápido desenvolvimento e aperfeiçoamento do método experimental», porque «a habilidade manual e o pensamento metódico passaram a caminhar juntos»[655]. Hooykaas também cita exemplos práticos que demonstram a valorização das profissões comuns pelos protestantes:

> Ideias desse tipo certamente contribuíram para aumentar a autoestima dos artífices. Isaac Beeckman (1588-1637) havia sido preparado para ser um teólogo no ministério da Igreja Reformada, e havia também obtido o grau de doutor em medicina. No entanto preferiu, durante vários anos, seguir o ramo de comércio da familia como fabricante de velas e de condutos para água, porque esse trabalho deixava-o mais livre e em condições de realizar experiências físicas para as quais, à época, as oficinas mecânicas estavam muito melhor aparelhadas do que as universidades.
>
> A opção de Beeckman prova que, nos Paises Baixos, um letrado não julgava ser indigno de sua condição o fato de seguir um ofício. O oleiro huguenote Bernard Palissy (século XVI) sentia orgulho do seu desempenho como artesão; exortava os jovens da nobreza a produzir inventos em beneficio da agricultura, em vez de desperdiçarem tempo e dinheiro em busca do prazer. A agricultura, enfatizava ele, "era um trabalho honesto, digno de ser elogiado e respeitado", e que requeria mais “filosofia” (ciência) do que qualquer outra ocupação.[656]

[655] ibid, p. 121.
[656] ibid, p. 121-122.

A valorização das profissões técnicas explica por que a presença de protestantes na indústria e no comércio era muito maior que a de católicos, como Weber já havia observado:

> Weber observa que o número de católicos que se preparam para as profissões técnicas, exigidas pela indústria e o comércio é bem menor do que o número de protestantes, pois a indústria e o comércio não os atraem tanto, tendo eles mais interesse pelos ginásios clássicos. Isto também ocorre no artesanato, no qual os protestantes com melhor formação e preparo saem deste meio e migram para as profissões comerciais que requerem um perfil diferenciado, ou seja, mais empreendedor e dinâmico, enquanto os católicos optam e aspiram à mestria.[657]

A este respeito, Biéler escreve:

> Outra manifestação de extrema relevância que permitirá conduzir para a mesma afirmação é com relação a alguns protestantes e judeus que após serem excluídos dos postos do Estado inclinavam-se para ocuparem posições na indústria e comércio, fato este ocorrido, por exemplo, com os poloneses na Rússia e na Prússia Oriental, dos huguenotes na França onde dominava Luiz XIV, dos não conformistas, dos quakers na Inglaterra e judeus ao longo do século. No entanto, os católicos não faziam questão da mesma inclinação, evidenciando desta forma o desapego para com a indústria e comércio e consequentemente para a economia e o capital vigente.[658]

[657] BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: CEP, 1990, p. 622.
[658] ibid.

Ao observar as estatísticas sobre as atividades profissionais de países onde havia católicos e protestantes, Weber também notou que os protestantes são proporcionalmente mais numerosos entre os profissionais técnicos e comerciais de nível superior[659], porque "o pragmatismo protestante facilita a aquisição de tecnologia e habilidades comerciais"[660].

Isso explica por que a Revolução Industrial eclodiu primeiro nos países onde a Reforma Protestante destronou o papado, sendo só posteriormente seguido pelos países católicos, que se limitavam a copiar tardiamente o que se fazia nos países mais avançados tecnologicamente. Como Weber ressalta,

> um exame das estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista traz à luz, com uma frequência notável, uma situação que, por várias vezes, tem provocado discussões na imprensa e na literatura católicas... ou seja, o fato de que os líderes dos negócios e donos do capital, bem como os escalões mais altos do trabalho especializado, e ainda o pessoal mais altamente treinado em técnicas e no comércio, são, numa maioria esmagadora, protestantes.[661]

A mentalidade protestante sobre o trabalho pode ser resumida no famoso lema de John Wesley: «Ganhe tudo o que puder, poupe tudo o que puder, doe tudo o que puder». Trabalho, poupança e investimento são a base do capitalismo. Sem

[659] WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
[660] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 95.
[661] WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism.* New York: Scribner, 1958, p. 35.

trabalho, ninguém tem o que poupar. Sem poupança, ninguém tem como investir. Sem investimento, ninguém gera riqueza. É a soma de trabalho, poupança e investimento que faz a economia girar e um país se desenvolver. Com trabalho, poupança e investimento todos fazem a sua parte, todos tem o bastante para si e todos criam oportunidades para os demais.

A riqueza conseguida mediante o trabalho honesto não tem por finalidade o gasto desenfreado e desinibido, mas a produção de mais riqueza de modo que ela alcance mais pessoas. Como disse o puritano inglês Richard Baxter (1615-1691), "embora os ricos não tenham necessidade externa que os exija, eles têm a mesma necessidade de obedecer a Deus, e Deus ordenou estritamente o trabalho a todos"[662]. Ele pedia para "dedicar-se inteiramente ao seu negócio diligente em sua profissão legal quando você não está envolvido em um serviço divino mais imediato"[663].

Da mesma forma, o dramaturgo e político Richard Steele (1672-1729) dizia que "depois da salvação de sua alma, a ocupação e o cuidado do comerciante é servir a Deus em sua profissão e levá-la o mais longe possível"[664]. Vale ressaltar que a ética do Cristianismo reformado inspirou até mesmo aqueles que não eram religiosos, mas que estavam sob a influência de uma ética religiosa. Um dos melhores exemplos é o de Benjamin Franklin (1706-1790), que redigiu com Thomas Jefferson a Declaração da Independência dos Estados Unidos.

---

[662] BAXTER, Richard. *A Christian Directory, Or, A Body of Practical Divinity and Cases of Conscience: Christian ethics.* Cambridge: Richard Edwards, 1825, p. 376. v. 1.
[663] STEELE, Richard. *The Religious Tradesman.* Citado em: TAWNEY, R. H. "Religious Thought in Social and Economic Questions in the Sixteenth and Seventeenth Centuries". *Journal of Political Economy,* 1923.
[664] BAXTER, Richard. *A Christian Directory, Or, A Body of Practical Divinity and Cases of Conscience: Christian ethics.* Cambridge: Richard Edwards, 1825, p. 336. v. 1.

Franklin passava longe de ser um homem religioso, mas ele nasceu e passou toda a vida em um país protestante, sendo criado sob a ética reformada, por um pai puritano devoto que, segundo sua autobiografia, não se cansava de lhe repetir Provérbios 22:29 quando jovem: «Vês um homem exímio em sua profissão? Digno ele é de apresentar-se perante os reis»[665]. Ainda em 1748, antes de se tornar um homem de destaque na política americana, Franklin dava essas instruções a um jovem aprendiz:

> Lembra-te que tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho de ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. Lembra-te que, como diz o diabo, um bom pagador é senhor da bolsa alheia. Quem é conhecido por pagar pontualmente na data combinada pode a qualquer momento pedir emprestado todo o dinheiro que seus amigos não gastam. Isto pode ser de grande utilidade. A par de presteza e frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que pontualidade e retidão em todos os seus negócios.
>
> Por isso, jamais retenhas dinheiro emprestado uma hora a mais do que prometeste, para que tal dissabor não te feche para sempre a bolsa de teu amigo. As mais insignificantes ações que afetam o crédito de um homem devem ser por ele ponderadas. As pancadas de teu martelo que teu credor escuta às cinco da manhã ou às oito da noite

[665] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 47.

> o deixam seis meses sossegados; mas se te vê à mesa de bilhar ou escuta tua voz numa taberna quando devias estar a trabalhar, no dia seguinte vai reclamar-te o reembolso e exigir seu dinheiro antes que o tenhas à disposição, duma vez só.[666]
>
> Recorda que tempo é dinheiro... recorda que crédito é dinheiro... o dinheiro pode gerar dinheiro e tua prole pode gerar mais... o caminho da riqueza depende principalmente de duas palavras: diligência e frugalidade; isto é, não desperdices tempo nem dinheiro, mas os emprega da melhor maneira possível... quem ganha tudo o que pode honradamente e guarda tudo o que ganha (excetuando os gastos necessários), sem dúvida alguma chegará a ser rico, se este Ser que governa o mundo a quem todos devemos pedir a bênção para nossas empresas honestas não determina o contrário na Sua sábia providência.[667]

Não é preciso dizer que instruções como essas jamais teriam saído da pena de um escolástico na Idade Média ou de qualquer autoridade católica. Se dependesse apenas deles, não teríamos sequer deixado o feudalismo.

Franklin se considerava um "bom trabalhador protestante, que envolve Deus em seus negócios"[668]. As "regras franklinianas" para um viver feliz incluíam "trabalhar de

[666] FRANKLIN apud XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 61.
[667] FRANKLIN apud KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 90.
[668] ibid.

sol a sol, não desperdiçar, poupar e acumular"[669], sendo o próprio Franklin um exemplo disso. Longe de ser só mais um político engravatado que vive às custas do dinheiro público, Franklin era um "trabalhador gráfico que, à força de trabalho e economia, criou uma grande imprensa na Filadélfia, dedicou-se a pesquisas científicas (é o inventor do para-raios), e exerceu intensa atividade para desenvolver a instrução pública e a cultura"[670].

Entre as suas máximas mais conhecidas, Weber destaca as seguintes:

> É preciso estar-se atento a todos os atos insignificantes que favorecem o crédito de um homem... Lembra-te de que o dinheiro é prolífero e produtivo... Quem mata uma porca destrói-lhe todos os descendentes até o milésimo... Quem destrói uma moeda de cinco xelins aniquila tudo o que ela poderia vir a produzir, pilhas de libras esterlinas.[671]

Como diz Weber, "Franklin estava repleto de 'espírito capitalista' numa época em que sua tipografia formalmente não se distinguia em nada de uma oficina artesanal qualquer"[672]. Foi esse "espírito capitalista" criado pela Reforma que fechou as portas do feudalismo, abriu as portas da modernidade e fez dos Estados Unidos a maior nação do mundo.

---

[669] ibid.
[670] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 99.
[671] WEBER, Max. *Die Protestantische Ethik und der Geis des Kapitalismus*. Tübingen: Holzinger, 1920, p. 39.
[672] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 57.

• Como a Reforma removeu os obstáculos

Vimos que a Reforma teve um papel vital em revalorizar o trabalho secular, levando os leigos a se envolver ativamente em atividades "intramundanas", especialmente no mundo dos negócios. Em contrapartida, como destaca McGrath, "a Igreja Católica foi lenta em se adaptar à nova realidade econômica"[673]. Na verdade, ela não apenas foi lenta: ela impunha obstáculos. Entre esses obstáculos, devem-se constar todos os pontos anteriormente abordados, tais como a visão depreciativa que se tinha do lucro, do comércio, do trabalho e do dinheiro, o que emperrava o avanço de qualquer coisa que pudéssemos chamar de capitalismo.

Era preciso uma verdadeira *reforma* na mentalidade para que essa cultura hostil ao capitalismo desse lugar ao mundo desenvolvido que existe hoje. A correlação entre capitalismo e protestantismo é tão evidente que até Marx admitia que "o protestantismo desempenha um importante papel na gênese do capital"[674], embora ele invertesse os fatores. Para ele, o capitalismo é que trouxe o protestantismo à existência. Weber, que estudou essa relação mais a fundo, demonstrou o contrário. Não foi o capitalismo que deu origem ao protestantismo, mas o protestantismo ao capitalismo[675].

Isso aconteceu *removendo os obstáculos* que por tanto tempo se colocaram entre a humanidade e o progresso, do feudalismo ao capitalismo. A Reforma "tornou o sucesso comercial respeitável ao declarar que as virtudes que estão por trás dele – como a parcimônia, a austeridade e a disciplina – são elas mesmas aceitáveis aos

[673] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 41.
[674] MARX, Karl. *Le Capital*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969. v. 1, p. 621.
[675] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 326.

olhos de Deus"[676], e o próprio Calvino "declarou que o empréstimo a juros era lícito e a aquisição de riquezas, legítima"[677]. Por isso, os puritanos sempre figuraram entre «os mais ativos capitalistas»[678].

Mousnier observa que antes da Reforma "o capitalista sentia certo peso na consciência e interrogava-se ansiosamente sobre a justiça da sua atividade. Por vezes desembaraçava-se de seus bens ao morrer. O capitalista luterano ou calvinista, ao contrário, persuadido de executar a vontade de Deus, podia trabalhar com todas as suas forças"[679]. O próprio Lutero, o mais «tradicional» dos reformadores, "para deixar liberdade ao espírito, recusara legislar em matéria econômica"[680].

Segundo ele, o comerciante devia consultar o evangelho e sua consciência, o que livrou muitos deles das restrições escolásticas e da censura eclesiástica[681]. Por isso, antes mesmo do calvinismo, o luteranismo já havia provocado um «surto do capitalismo»[682]. O que Calvino fez foi elevar esse surto a outros patamares, removendo obstáculos além daqueles que Lutero havia derrubado.

Por isso Herbert Luthy assegura que a grande ruptura com a doutrina social medieval da Igreja se deu de forma definitiva com Calvino, um "espírito sistemático formado na jurisprudência e erudição humanista"[683]. Calvino repudiava a doutrina

[676] ibid.
[677] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 60.
[678] ibid.
[679] ibid, p. 60-61.
[680] ibid, p. 91.
[681] ibid.
[682] ibid.
[683] LUTHY, Herbert. *Cahier Vilfredo Paretto*. Genebra, 1963. v. 2, p. 31.

social da época que considerava antiético um trabalhador desfrutar dos frutos do seu trabalho para além da mera necessidade, como se o prazer e a recreação conquistados mediante o trabalho suado fossem pecaminosos. Ele escreveu:

> O primeiro ponto que se deve adotar é que no uso dos dons de Deus não é mau se limitar ao fim para o qual Deus os criou e os destinou, visto que os criou para o nosso bem, e não para o nosso mal. (...) Ora, se considerarmos o fim para o qual Deus criou os alimentos, veremos que ele não só quis prover à nossa necessidade, mas também ao nosso prazer e recreação.[684]

> Deixemos de lado, pois, essa filosofia desumana que, não concedendo ao homem nenhuma utilização das coisas criadas por Deus, a não ser por sua real necessidade, não somente nos priva sem razão do fruto lícito da benignidade divina, mas também, quando aplicada, despoja o homem de todo sentimento e o torna insensível como uma acha de lenha.[685]

Passando para a linguagem dos dias de hoje, é como se Calvino estivesse dizendo que não há mal algum em tirar férias na praia, em comprar um carro novo ou em se tornar sócio de um clube, desde que essas coisas fossem conseguidas através do trabalho honesto. Mas para a teologia da época, qualquer prazer era visto com maus olhos, como se o certo fosse viver debaixo de uma contínua e constante penitência imposta como exigência para se herdar o céu, razão pela qual não

[684] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 219.
[685] ibid, p. 220.

podiam ter mais do que o estritamente necessário (o que ajuda a explicar por que a sociedade como um todo vivia numa pobreza tão generalizada).

Em vista disso, Calvino diz que "proibiram aos homens o uso de bens materiais, a não ser em caso de real necessidade... ataram as consciências muito mais apertadamente do que as obriga a Palavra de Deus"[686]. Até o próprio sexo matrimonial, como veremos no terceiro volume, era encarado como um "mal necessário", permitido apenas na condição específica de gerar filhos, sendo censurado o chamado "sexo recreativo" (mesmo entre duas pessoas casadas). Para Calvino,

> o capital, o crédito, os bancos, o grande comércio, a finança são desejados por Deus e tão respeitáveis como o salário de um operário ou o aluguel de uma propriedade. O pagamento de juros pelo empréstimo de dinheiro é tão razoável como o pagamento de uma renda pelo aluguel de uma terra. É Deus quem chama cada um a uma vocação particular, que tem por objetivo a Sua glorificação. O comerciante que procura o lucro por meio das qualidades exigidas pelo êxito econômico – trabalho, sobriedade, frugalidade e ordem – corresponde também ao apelo de Deus, santifica, no que lhe concerne, o mundo pelo seu esforço e, portanto, a sua ação é santa. "O trabalhador é o que mais se assemelha a Deus", "um homem que não quer trabalhar também não deve comer", afirma.[687]

[686] ibid, p. 219.
[687] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 94-95.

O historiador Kenneth Latourette diz que Calvino «fez muito para desenvolver o comércio e a indústria de tecelagem», tornando próspera a comunidade de Genebra[688]. Ele encorajava o empréstimo de dinheiro dentro de juros razoáveis, e assim "contribuiu para uma nova economia industrial e comercial"[689]. A Igreja Católica proibia os juros baseando-se principalmente em Deuteronômio 23:19, mas Calvino rebateu essa interpretação ao afirmar que o texto em questão se aplica apenas aos hebreus (como o próprio texto declara) e não pretendia ser universal[690].

Ademais, Calvino distinguiu o tipo de empréstimo a juros que o Antigo Testamento proibia do tipo de empréstimo característico do capitalismo:

> Calvino fez uma importante distinção entre empréstimos de consumo e o empréstimo de produção, pois o primeiro seria mero empréstimo de assistência, sendo improdutivo para o devedor e não exigindo desta forma nenhuma remuneração, já o segundo, considerado como um empréstimo de aplicação, onde o tomador acrescenta algum trabalho e assim alcançar novo ganho torna-se legítimo remunerá-lo, sendo este alheio aos textos bíblicos. Todavia Calvino ressalta que tanto o Novo Testamento como o Antigo, quando se refere ao empréstimo a juros, faz referencia à primeira distinção, ou seja, o empréstimo de consumo, a saber, para assistência.[691]

[688] LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2, p. 1026.
[689] ibid.
[690] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 378.
[691] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 124.

Biéler também escreve:

> O reformador não se contenta, de modo algum, com um literalismo muito frequente na interpretação das Escrituras, que consiste em repetir determinada prescrição bíblica aplicando-a pura e simplesmente a situações históricas novas. Analisa a realidade econômica contemporânea e compara-a com a antiga economia dos tempos bíblicos. E constata: quando a Bíblia fala de juros ou de usura, não se refere ao fenômeno relativamente recente do empréstimo produtivo.
>
> Na economia à longa distância, a economia atlântica em pleno desenvolvimento no início do século XVI, importa distinguir o empréstimo assistencial do novo tipo de empréstimo que exige a expansão dos mercados. Um empréstimo produtivo é um capital necessário à realização de um trabalho remunerador. Se, por exemplo, argumenta Calvino, empresto a um agricultor terra para que a cultive para seu benefício, o aluguel que obtenho desse empréstimo não é a remuneração de um empréstimo assistencial. Não lhe inflijo prejuízo algum exigindo esse aluguel. Retirará essa importância da receita oriunda do trabalho executado graças ao empréstimo dessa terra. Reparte comigo essa receita (à taxa pactuada). Por que não se daria a mesma coisa com o lucro daquele a quem empresto capital que expandirá com seu empreendimento?[692]

[692] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 94.

Ou seja, para Calvino, a Bíblia não proíbe o empréstimo contraído para a produção, característico do capitalismo. Neste caso, não se trata de socorrer alguém ou de abusar da miséria alheia, mas de emprestar um capital que será aplicado na produção e no trabalho[693]. Isso ia de encontro à tradição católica que condenava qualquer interesse sob a falácia de que «dinheiro não produz dinheiro»[694]. Contra isso, Calvino argumenta: "Ora, se é legítimo alugar uma propriedade imóvel para que outro a explore, por que não exigir um aluguel de quem utiliza para fins idênticos a um bem móvel, como é o dinheiro?"[695].

Assim, Calvino "contradisse tudo aquilo que se pensava acerca do empréstimo do dinheiro e da cobrança de juros nessas operações"[696], regulamentando o empréstimo a juros fixado numa taxa básica de 5%, considerado um valor baixo para aquela época[697]. A respeito do lucro, Calvino desafiava os padrões da época ao escrever:

> Deus dispôs todas as coisas de modo a determinarem a sua própria vontade. Portanto, o capital, o crédito, o banco, o grande comércio e as finanças são desejados por Deus e tão respeitáveis quanto o salário do operário. (...) Deus chama cada um para uma vocação particular cujo objetivo é a glorificação de Deus. O comerciante que busca o lucro, pelas qualidades que o sucesso econômico exige (trabalho,

[693] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 49.
[694] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 94.
[695] CALVINO apud BIÉLER, André. *O Humanismo Social de Calvino*. São Paulo: Edições Oikumene, 1970, p. 65.
[696] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 48.
[697] ibid.

> sobriedade, ordem), responde também ao chamado de Deus, santifica de seu lado o mundo pelo esforço e sua ação é santa.[698]

Por mais natural que essas palavras nos pareçam nos dias de hoje, para aquele tempo eram inovadoras e ousadas. Para que uma mudança efetiva tivesse êxito, foi preciso quebrar as barreiras e preconceitos do mundo medieval, que lhe impediam de progredir para a maturidade do progresso econômico. Houve de fato uma ruptura, uma quebra de padrão, um divórcio com a tradição escolástica, o que explica por que não vivemos hoje nos mesmos moldes do mundo da época. O protestantismo fez surgir o capitalismo das cinzas do feudalismo, sepultando a Idade Média para inaugurar o mundo moderno.

Isso não aconteceu de uma hora pra outra, nem sem encontrar certa resistência. Johnson informa que no início os ministros protestantes ainda estavam apegados ao velho ensino católico sobre a usura e os juros, o que foi sendo mudado de pouco em pouco:

> Entre 1564 e 1565, Bartolomeu Gernhard, pastor de Sto. André, Rudolstadt, perdeu seu ofício por recusar a comunhão a dois homens que haviam emprestado dinheiro a juros; e, em 1587, em Ratisbon, cinco pregadores foram expulsos por insistir em pregar contra a usura. O Parlamento britânico, com maioria protestante, aprovou o empréstimo a juros em 1545, voltando a repeti-lo em 1571.[699]

[698] CALVINO apud MOUSNIER, Roland. "Os séculos XVI e XVII". In: *História geral das civilizações.* São Paulo: Difel, 1973. v. 1, t. IV.
[699] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 378-379.

O próprio Calvino pertencia à burguesia, a pequena "classe média" da época, que muito ajudou a remover os obstáculos que impediam a ascensão do capitalismo[700]. Cairns afirma que ao romper com a oposição medieval à usura, a Reforma «estimulou o capitalismo»[701], e que sua ênfase "na poupança, no trabalho, na necessidade de se evitar as diversões mundanas caras resultou na provisão de recursos que seriam usados como capital para novas aventuras econômicas"[702].

Lindberg também sustenta que "não resta dúvida de que as virtudes calvinistas do trabalho duro e da parcimônia, ambas motivadas por uma teologia da vocação, encaixavam-se perfeitamente numa economia orientada pelo lucro"[703]. Para os protestantes, o lucro não era um pecado, mas o "fruto do esforço do cristão para agradar a Deus por meio do seu trabalho"[704]. Na contramão da concepção medieval que via a usura como um pecado grave e uma desonra, os protestantes a entendiam como legítima[705].

Tawney reconhece que o calvinismo criou novas regras de conduta de assuntos econômicos, e que "talvez seja o primeiro corpo sistemático de ensinamento religioso a cujo respeito se pode afirmar que reconhece e aplaude as virtudes

[700] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 71.
[701] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 327.
[702] ibid.
[703] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 338.
[704] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 96.
[705] RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 25.

econômicas"[706]. Para o jurista espanhol Gregorio Martinez, "todo esse impulso do protestantismo, voltado para a iniciativa individual, deve-se ao processo de ruptura com a autoridade da Igreja e com a adesão ao livre exame"[707].

Wallace diz que Calvino "aprovava o desenvolvimento do comércio e esclarecia os pensamentos confusos dos homens a respeito do assunto da usura"[708], e Oliveira pondera que "pode-se fazer toda espécie de crítica a Calvino, mas ninguém pode negar que o reformador genebrino trouxe grandes contribuições através de seus pensamentos e da sua influência sobre uma sociedade que estava mergulhada na ignorância e miséria econômica"[709].

Vicentino também destaca que "Calvino criou uma doutrina que alicerçava o capitalismo, estimulando o lucro, o trabalho e, portanto, a burguesia"[710], o que faz de Calvino o «ideólogo religioso do capitalismo»[711]. O pensamento de Calvino

> deu grande abertura no processo de fortalecimento do encorajamento a atividade econômica. O risco, o prazer, o dinheiro, o comércio, o trabalho, a prosperidade coletiva, tudo isso representa, para Calvino, o próprio homem como instrumento e elemento fundamental no cumprimento dos propósitos divinos. Dessa forma,

[706] TAWNEY, R. H. *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1971, p. 113.
[707] PECES-BARBA MARTINEZ, Gregorio (Org.). *História de los Derechos Fundamentales*. *Tomo I: Transito a la modernidad. Siglos XVI – XVII.* Madrid: Dykinson, 1998, p. 118.
[708] WALLACE, Ronald S. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 84.
[709] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 69.
[710] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 99.
[711] ibid.

> nas questões econômicas, Calvino rejeita a inércia, onde o imperativo da Bíblia é "fazer frutificar todos os dons de Deus". Assim, a vida econômica não poderia ser reduzida a distribuição de renda mais ou menos equitativa de riqueza. Calvino deslocou a mentalidade econômica da divisão da riqueza em direção à criação de riquezas.[712]

McGrath resumiu a contribuição de Calvino no que se refere ao capitalismo nas seguintes palavras:

> A contribuição de Calvino pode ser considerada como efetiva em dois níveis: em um deles, foram retirados os desestímulos (tal como o opróbrio social e religioso de que era investida a geração de capital no período medieval); no outro, estímulos positivos encorajaram a adoção de posturas e práticas favoráveis à emergência do capitalismo.[713]

Calvino, desta forma, legitimou a moral burguesa, o que permitiu que a mesma pudesse tomar o lugar da antiga nobreza parasitária e inútil. Não à toa, Mousnier diz que o protestantismo obteve grande êxito entre os burgueses comerciantes e industriais de Antuérpia, Londres e Amsterdã[714]. Os princípios reformados saíram de Genebra e se espalharam por toda a Europa, onde antes vigorava um modelo econômico ultrapassado e incapaz de gerar riqueza.

---

[712] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 70.
[713] McGRATH, Alister E. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 264.
[714] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 94.

A ética do catolicismo medieval foi substituída pelo espírito de poupança e investimento em operações econômicas, "que fizeram com que o protestantismo acelerasse o desenvolvimento do capitalismo"[715]. O professor francês Delgado de Carvalho concorda que a Reforma «favoreceu os negócios» e "acelerou o surto capitalista no mundo moderno"[716].

Na ética protestante, "a livre iniciativa é altamente incentivada e premiada"[717], tanto que o historiador católico Paul Johnson reconhece que "os Estados protestantes não oprimiam o comércio com a lei canônica"[718] e que "o protestantismo desenvolveu doutrinas específicas que, desde então, vêm sendo identificadas como as forças geradores da mentalidade capitalista e suas técnicas de concentração no trabalho"[719]. Ele acrescenta ainda que os protestantes

> aceitavam a religião "privada", e colocavam o casamento e a família em seu núcleo. Eram, pois, mais compatíveis com a comunidade capitalista. Por conseguinte, as sociedades protestantes mostraram-se muito mais bem-sucedidas que as católicas à medida que o sistema capitalista se desenvolvia.[720]

Karnal também discorre:

---

[715] MAIOR, Armando Souto. *História Geral.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 354.
[716] CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 130.
[717] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 94.
[718] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 381.
[719] ibid, p. 377.
[720] ibid, p. 381.

> Na Idade Média a Igreja Católica proibia o lucro e o juro, punidos como crimes. O ideal católico era a salvação da alma; o progresso econômico era visto com desconfiança. Demônio e riqueza estavam constantemente associados na ética católica e medieval. Os protestantes, no entanto, particularmente os calvinistas, desenvolveram uma ética religiosa oposta. Deus ama o trabalho e a poupança: o dinheiro é sinal externo da graça de Deus. O ócio é pecado, o luxo também: assim falava o austero advogado Calvino, na Suíça. Protestantismo e capitalismo estão associados profundamente, conforme analisou o sociólogo alemão Max Weber.[721]

A Reforma deixou para trás a «sociedade hierárquica e desconfiada» da Idade Média por uma «sociedade confiável, responsável e contratual» moderna[722]. Peyrefitte diz que "a sociedade deixa de ser um dado que se impõe a todos, um meio fatal e hierarquizado, para tornar-se uma empresa coletiva da qual cada um participa com zelo igual e direitos iguais"[723]. Onde o protestantismo cresce, cresce também o comércio, e "onde o comerciante tem influência, a economia progride, a agricultura se desenvolve, as cidades se estruturam"[724].

Carvalho lembra que "no fim da Idade Média, a respeitabilidade social era associada à atividade não-econômica, exceto para o senhor rural. A execução de uma obra-prima era apreciada, mas o trabalho era tido de natureza penitencial e o proveito

[721] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 16.
[722] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 18.
[723] PEYREFITTE, Alain. *O Mal Francês*. Paris: Plon, 1976, p. 173.
[724] ATTALI, Jacques. *1492: os acontecimentos que marcaram o início da era moderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 66.

era malvisto"[725]. Por isso, "coube ao protestantismo apagar o estigma do enriquecimento pessoal por negócio e, ao contrário, glorificar o comércio"[726].

Camargo concorda quando diz que, com a Reforma, "a valorização do trabalho e legitimação dos seus resultados, a quebra do monopólio financeiro da Igreja e da Coroa, a transferência de recursos para as mãos de muitos substitui uma sociedade estamental por uma de classes. Abre-se caminho ao social e à crença no direito à iniciativa particular e livre"[727]. Voyenne também ressalta a contribuição protestante no «desenvolvimento do capital» e destaca o fato dos tesouros nacionais estarem livres dos encargos da fiscalização pontifícia, liberando os recursos para investimentos na área econômica[728].

Biéler é da opinião de que "no tempo como no espaço, o protestantismo parece favorável ao capitalismo moderno, que aliás nasceu quase no mesmo tempo que ele"[729]. O economista e historiador alemão Eberhard Gothein com razão designa a Reforma como «o viveiro em que floresceu a economia capitalista»[730], e Oliveira conclui que "é inegável que a ética do Cristianismo reformado conduziu à reabilitação do trabalho, do dinheiro e da vida econômica em geral"[731].

[725] CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 130.
[726] ibid.
[727] CAMARGO, César S. "A visão de Estado no pensamento da Reforma Protestante". *Revista Grifos: dossiê religião*, Chapecó/SC, n. 17, nov. 2004, p. 66.
[728] VOYENNE, Bernard. *Historia de la Idea Europea*. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1979, p. 70.
[729] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 79.
[730] GOTHEIN, Eberhard. *Wirtschaftsgeschichte des Schwarzwalds*. New York: K.J. Trübner, 1970, p. 67.
[731] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 65.

Max Weber lança um questionamento que torna evidente a influência do *ethos* protestante no mundo corporativo:

> Como se explica historicamente o fato de que no centro do desenvolvimento capitalista do mundo de então, na Florença dos séculos XIV e XV, mercado financeiro e de capitais de todas as grandes potências políticas, fosse tido como moralmente suspeito (ou quando muito tolerável) aquilo que nos horizontes provincianos e pequeno-burgueses da Pensilvânia do século XVI – onde a economia, por pura escassez de moeda, estava sempre ameaçada de degenerar em escambo, onde mal havia traços de empreendimentos industriais de certa monta e apenas se faziam notar os primeiros rudimentos de bancos – pôde valer como conteúdo de uma conduta de vida moralmente louvável, recomendada mesmo? Querer falar aqui de um "reflexo" das condições "materiais" na "superestrutura ideal" seria rematado absurdo.[732]

Florença tinha todos os recursos econômicos, mas, como vimos, suas práticas comerciais e financeiras eram censuradas pela Igreja. E como a Igreja tinha na época o monopólio da cultura e do capital, esse comércio não pôde ir adiante e entrou em decadência. Por outro lado, a Pensilvânia protestante era a princípio um território pobre e sem recursos, mas ali o capitalismo era estimulado e bem aceito.

[732] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 66.

O que explica o capitalismo ser louvado na Pensilvânia e reprovado em Florença certamente não são as condições materiais (que eram melhores em Florença do que na Pensilvânia), mas a ética católica em contraste com a protestante, no que se refere às questões econômicas. Foi a ética protestante que removeu os obstáculos ao capitalismo e libertou a consciência dos homens de negócios para construir um mundo desenvolvido e próspero, onde a pobre Pensilvânia se tornaria em pouco tempo mais rica que as outrora gloriosas cidades italianas largadas ao ostracismo.

• O papel dos judeus na atividade econômica

Uma vez que a usura era proibida pela Igreja, essa prática acabou recaindo sobre os judeus, que não estavam sujeitos à lei canônica e que eram proibidos de exercer atividades nas guildas (corporações de ofício medievais onde os artesãos se reuniam para exercer um mesmo ofício[733]):

> Os maiores usurários desta época eram os judeus e sobre eles é que recaiu, sob a figura do cristão-novo, a maior atuação do Tribunal do Santo Ofício. Impossibilitados de exercer qualquer atividade nas guildas, este grupo procurou alternativas para sobreviver, e a que lhe sobrou foi a de comercializar, o que muito bem sabiam fazer, fornecendo empréstimos e cobrando juros sobre o dinheiro negociado, conforme o tempo que o negociante esperava para receber.[734]

[733] CARMO, Sonia Irene do. *História: passado, presente*. São Paulo: Atual, 1994, p. 133.
[734] LUZ, Liliane Pinheiro da. *Inquisição: Poder e Política em Terras Lusitanas (1536-1540).* Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001, p. 31.

Com isso, os judeus "podiam exercer uma atividade que, na prática, era necessária, mas que era decisivamente condenada pela Igreja como uma profissão não-cristã"[735]. O problema é que, como vimos exaustivamente no volume anterior[736], os judeus eram intensamente perseguidos pela Igreja, pelo Estado e pelo povo fanático e com ódio pelas dívidas que contraíam com uma «raça de infiéis». Por isso eles eram vistos como «escravos da Igreja», que podia dispor deles como bem lhe aprouvesse, incluindo para castigá-los fisicamente e confiscar seus bens.

Mais uma vez, Tomás de Aquino legitima essa barbaridade quando escreve:

> Os infiéis, como castigo da sua infidelidade, merecem perder o governo dos fiéis, transformados em filhos de Deus. Mas isto a Igreja faz umas vezes e, outras, não. Assim, quanto aos infiéis a ela sujeitos, mesmo temporalmente, e aos seus membros, estabeleceu o direito seguinte. O escravo de judeus, uma vez tornado cristão, seja libertado da escravidão, sem nenhuma recompensa, se for escravo crioulo, isto é, nascido tal; e semelhantemente, se foi comprado como escravo, quando ainda era infiel. Se porém foi comprado para ser vendido, deve ser exposto à venda durante três meses. **E nisto não comete a Igreja nenhuma injustiça, porque, sendo os judeus seus escravos, pode dispor das coisas deles**, assim como também os príncipes seculares fizeram muitas leis sobre os seus súditos, no interesse da liberdade.[737]

[735] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 168.
[736] Você também pode ler o texto em questão em: <http://www.lucasbanzoli.com/2018/06/conheca-todo-o-odio-intolerancia-e.html>.
[737] AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica.* "Secunda Secundae". Questão 10, Art. 10.

Como se não bastasse referir-se aos escravos como «coisas» deles e de fazer apologia da escravidão, os judeus como um todo são retratados por Aquino como "escravos" da Igreja, mesmo os que não viviam sob uma condição servil. Duby diz que os infiéis tinham que ser «convertidos ou destruídos», "porque o reino de Deus deve implantar-se sobre a terra, e ele só se estabelecerá quando toda a humanidade for convertida ao Cristianismo, como dizia São Luís, esse modelo de santidade"[738].

Quando perguntavam a esse rei francês canonizado pela Igreja se era lícito discutir com muçulmanos e judeus, ele respondia: "Com essa gente, há apenas um argumento: a espada. É preciso enfiá-la no seu ventre"[739]. Com esse tipo de tratamento, não admira que os judeus, que movimentavam o pouco que a economia medieval permitia[740], constantemente fugissem para os países protestantes – isso quando não eram literalmente expulsos –, para onde ajudavam a revitalizar a economia (no capítulo 4, veremos como a expulsão dos judeus da Espanha e de Portugal contribuiu para a decadência ibérica).

É digno de nota que os judeus jamais foram expulsos de qualquer país protestante. Embora o sentimento antissemita não estivesse completamente ausente neles, era muito mais seguro um judeu viver num país protestante do que num católico, como conferimos no volume anterior. Não à toa, o primeiro-ministro israelense Benjamin

[738] DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 63.
[739] ibid.
[740] BROOKE, Christopher. *Europa en el centro de la Edad Media (962-1154).* Madrid: Aguilar, 1973, p. 118.

Netanyahu disse que os judeus não têm melhores amigos no mundo do que a comunidade evangélica[741].

• Pobreza e caridade na perspectiva católica

Havia ainda mais um aspecto na teologia católica que ajudava a perpetuar a pobreza: a "necessidade" da mesma. Como já vimos, os escolásticos entendiam a economia como de «soma zero», da mesma forma que muitos teóricos da esquerda moderna. Em outras palavras, eles acreditavam que alguém só podia enriquecer se outra pessoa se tornasse mais pobre, na mesma proporção. Não existia ainda a noção de que a riqueza era *produzida,* e que, portanto, todos podiam enriquecer numa medida maior ou menor (da mesma forma que todos podiam ficar mais pobres). Por isso ideias como lucro e juros eram tão malvistas, e consequentemente todo o mundo comercial e empresarial.

Essa noção pueril da economia fomentava a opinião de que os pobres eram necessários para manter as riquezas da nobreza. Hoje sabemos que quanto mais os pobres enriquecem mais tem condições de adquirir bens e serviços da burguesia, o que torna o sucesso dos mais pobres algo importante para o aumento da riqueza dos mais ricos. O inverso também é verdadeiro, e é por isso que quando uma crise econômica ocorre e abate a renda dos mais pobres muitas empresas vão à falência

[741] GUIAME. *"Não temos melhores amigos no mundo do que a comunidade evangélica", diz Netanyahu.* Disponível em: <https://www.guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/nao-temos-melhores-amigos-no-mundo-do-que-comunidade-evangelica-diz-netanyahu.html>. Acesso em: 09/05/2019.

ou perdem lucros consideráveis. Em outras palavras, quando um ganha, o outro ganha; quando um perde, o outro perde.

Mas na Idade Média, os nobres não pensavam assim. Para eles, um camponês sair da pobreza significava um homem a menos trabalhando compulsoriamente para eles (lembremos mais uma vez que a nobreza da época era parasitária e vivia exclusivamente às custas do trabalho servil alheio). Por isso, era imperativo que os pobres continuassem pobres, que os servos permanecessem servos, que a pirâmide social não fosse minimamente alterada. Em outras palavras, um pobre ganhar dinheiro era ótimo para a burguesia, mas um péssimo negócio para a nobreza.

A Igreja, por sua vez, "precisava" dos pobres pela mesma razão que a nobreza (lembremos que a Igreja possuía muitas terras e que era ainda mais rica que a nobreza). Quase todos os clérigos, a propósito, nada mais eram que "nobres de batina" (ou seja, gente da nobreza que decidiu entrar para a vida religiosa, coisa quase impossível às pessoas simples). Por isso criou-se a teologia que via nos pobres um modelo de piedade, ainda que esse modelo fosse inaplicável para o próprio clero e nobreza. Os pobres também eram vistos como um meio pelo qual o rico conseguiria a salvação, através de obras meritórias na forma de esmolas.

Assim, a pobreza era duplamente útil: além de um meio de assegurar a riqueza dos nobres, ajudava-lhes a garantir um lugar no céu (ou pelo menos um tempo menor no purgatório). Por isso, as autoridades da época – tanto a nobreza como o clero – não tinham razões para *combater* a pobreza, mas tinham muitas para *conservá-la.*

Segundo Lindberg, a Igreja endossava a pobreza como o caminho preferencial para a salvação, por isso se limitava a estimular a caridade através de esmolas[742].

A prática de dar esmolas era vista como uma «obra salvífica»[743], mas para que essa "obra salvífica" fosse realizada, era preciso que os pobres continuassem sempre pobres. Quanto mais pobres houvesse, mais "obras meritórias" os ricos poderiam praticar através deles. Os próprios pregadores medievais não hesitavam em se referir a essa relação como uma transação comercial – "os pobres carregam as riquezas dos ricos em suas costas para o céu"[744].

O pregador dominicano Giordano da Pisa (1260-1311) explicava essa estranha relação nessas palavras:

> Deus ordenou que existam ricos e pobres, de sorte que os ricos possam ser servidos pelos pobres e os pobres possam receber os cuidados dos ricos. E esta é uma forma de organização comum entre todos os povos. Por que os pobres têm sua posição na sociedade? Para que os ricos possam ganhar a vida eterna através deles.[745]

Ou seja, o pobre existe para que o rico ganhe a salvação através deles. A pobreza realmente não importava, o que importava era como o rico poderia explorar isso em benefício próprio. Como Chatellier comenta, "o principal propósito da caridade não era o de aliviar as dificuldades dos que a recebiam, mas obter mérito diante de

[742] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 137.
[743] ibid, p. 138.
[744] ibid, p. 139.
[745] LESNICK, Daniel. *Preaching in Medieval Florence: the social world of Franciscan and Dominican spirituality.* Athens: University of Georgia, 1889, p. 126.

Deus"[746]. Os pobres eram vistos como simples «objetos de boas obras», cuja finalidade era servir de «meio de salvação» aos mais ricos[747].

Por essa razão, quanto mais os pobres continuassem pobres, melhor. Não impressiona que "no final da Idade Média a pobreza era, evidentemente, um problema social crescente que a tradição medieval das esmolas e da caridade pessoal era incapaz de abordar de forma construtiva, a despeito da caridade monástica"[748]. Lindberg discorre de forma precisa:

> Estudos estatísticos dos livros de registro de impostos da época indicam que a parte da população que não possuía propriedade, os chamados "despossuídos", somava nas cidades de 30 a 75 por cento da população. Além do mais, havia flutuações significativas nessa tão disseminada pobreza, pois um grande número de diaristas sobrevivia no nível da mera subsistência, sem quaisquer reservas para épocas de crise; assim, os diaristas estavam sempre à beira da mendicância. Esforços práticos para pôr limites à mendicância acabavam sendo frustrados por uma teologia que legitimava a mendicância e valorizava o dar esmolas, bem como por uma Igreja cujos próprios monges mendicantes aumentavam os problemas sociais da pobreza.[749]

[746] CHATELLIER, Louis. *The Europe of the Devout: the catholic reformation and the formation of a new society.* Cambridge: Cambridge University, 1989, p. 133.
[747] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 140.
[748] ibid, p. 138.
[749] ibid, p. 140.

Ele conclui que "as esmolas para os aleijados, crianças famintas e pessoas pobres, assim como para os monges mendicantes, surgiram como uma ajuda bem-vinda para a busca da salvação eterna, mas elas pouco fizeram no sentido de libertar a consciência de quem dava esmolas ou de aliviar as condições de pobreza"[750]. Em decorrência da cultura que via os pobres como um meio e a pobreza como útil, até mesmo as "missões de caridade" não se preocupavam com os necessitados, mas os usavam para fins de penitência pessoal.

Hoje, já são amplamente documentados os métodos maquiavélicos e as condições deploráveis das "casas de caridade" de Madre Teresa de Calcutá, o «anjo da morte» que por tanto tempo foi tido como o maior exemplo de piedade no mundo. Como o tempo provou, sua imagem de pessoa "caridosa" e "humanitária" não passava de um mito, tendo ela ativamente contribuído para o sofrimento e morte de milhares de pacientes que eram deliberadamente deixados sem remédio, sem comida e sem tudo aquilo que é básico – e não por falta de recursos, pois a própria admitia que dinheiro era o que não faltava. Para ela, o sofrimento era bom em si mesmo, e, portanto, quanto mais seus pacientes sofressem, mais chances teriam de ir para o céu[751].

Esse tipo de penitência compulsória que parece cena de filme de terror era apenas o reflexo do modo como a teologia medieval enxergava os pobres e necessitados, cuja caridade recebida nunca tinha por objetivo aliviar seu sofrimento, pois convinha mantê-los nessa condição. Dava-se esmola suficiente para que não

[750] ibid, p. 141.
[751] Tudo isso é detalhado no documentário *Hell's Angel* (1994), dirigido por Christopher Hitchens e Tariq Ali, e no livro *The Missionary Position: Mother Teresa in Theory and Practice* (2012), de Hitchens.

morressem, pois importava que permanecessem vivos a fim de que os ricos pudessem continuar explorando essa condição, mas nunca o bastante para deixar a miséria ou ganhar uma oportunidade na vida.

• Pobreza e caridade na perspectiva protestante

Do que vimos até aqui, fica claro que "o protestantismo é essencialmente uma religião burguesa"[752] – ou seja, uma religião que favorecia esses homens de negócios que deram origem ao capitalismo em substituição à antiga nobreza. Alguns poderiam ver nisso uma relação de desprezo aos pobres, especialmente aqueles que ainda têm uma visão pejorativa da burguesia, que leem o mundo com as lentes marxistas da "luta de classes" (como os socialistas dos quais falamos no primeiro capítulo).

Estes ainda nutrem um verdadeiro horror pelo próprio termo "burguês", o qual ainda é visto como não mais que um "explorador do proletariado" e "inimigo dos pobres", apesar de que desde a ascensão da burguesia a pobreza tenha diminuído como nunca antes. Como os reformadores não interpretavam o mundo com a ótica marxista, eles compreendiam que através da burguesia os próprios pobres poderiam melhorar de vida.

[752] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 57.

Assim, a ética protestante "pró-burguesa" de modo algum implicava que os pobres fossem desprezados, muito pelo contrário. Mas diferente da ética católica, que incentivava uma vida de pobreza e se interessava pela perpetuação da miséria alheia, a ética protestante se interessava pelos pobres não no sentido de perpetuar essa condição, mas no propósito de superá-la.

Se o catolicismo queria mais pobres porque isso ajudava o rico a ir pro céu, os protestantes queriam menos pobres, não porque tivessem horror a pobre, mas porque não tinham interesse algum na perpetuação da pobreza. Em outras palavras, pela primeira vez temos uma teologia que não se "contentava" com a pobreza, mas que buscava a superação da mesma mediante o trabalho; uma teologia na qual o pobre não era um "meio" para outros tirarem vantagem, mas um fim em si mesmo; onde se importar com o pobre não significava multiplicar a quantidade de pobres, mas ajudar o pobre a superar a pobreza, que é o que o pobre realmente quer.

Os reformadores não olhariam para as favelas do Rio de Janeiro como um modelo de sociedade, mas se empenhariam em dar condições de vida mais dignas a cada família, com a finalidade de que tivessem condições de deixar a favela. Por isso os "pobres" de países protestantes como Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Holanda, Noruega, Dinamarca, Suécia, Austrália e Nova Zelândia costumam ter um padrão de vida muito superior à «classe média» de países católicos como o Brasil – e que dirá dos pobres daqui.

Não são poucos os casos de brasileiros que migram aos Estados Unidos com pouco ou nada para trabalhar em serviços de baixa renda como atendente de fast-food ou

empregada doméstica, e que em poucos anos se tornam mais realizados financeiramente do que quase todo mundo daqui. Sobre isso, Lindberg escreveu:

> Lutero minou essa ideologia religiosa medieval da pobreza com sua doutrina da justificação somente pela graça, à parte de obras humanas. Uma vez que a justiça diante de Deus é adquirida somente por meio da graça e uma vez que a salvação é a fonte da vida, e não a realização da vida, é impossível racionalizar a pobreza e o infortúnio dos pobres transformando-os numa forma peculiar de bem-aventurança. Não há nenhum valor salvífico em ser pobre ou em dar esmolas. Esta nova teologia desideologizava a forma medieval de tratar os pobres, que tinha tanto obscurecido os problemas sociais e econômicos da pobreza quanto obstruído o desenvolvimento da assistência social.[753]

O professor Marlon Ronald Fluck também ressalta:

> Este amor ao próximo é que levou Lutero a lutar pela municipalização do cuidado com os pobres. Ele era da opinião que a nível municipal se teria condições de descobrir se alguém era pobre por dificuldades reais decorrente de tragédias ocorridas na vida, por falta de preparação para o trabalho ou por vagabundagem. Esta terceira possibilidade foi fortemente combatida pela Reforma luterana. Não se aceitava mais a profissão de mendigo. O catolicismo havia criado a necessidade dos mendigos como meio dos participantes das missas

[753] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 141.

> se salvarem. As esmolas eram vistas como meio de indulgência, como algo que ajudaria a receber perdão e ser salvo por Deus. Como era contrário a esta prática de ganhar perdão divino às custas dos pobres, Lutero defendeu que não devia haver mendigos entre os cristãos. A mendicância era vista como sinal da inexistência de um verdadeiro Cristianismo ali onde ela ainda ocorria.[754]

Da mesma forma que Lutero, Calvino abominava a teologia que prezava pela perpetuação da pobreza:

> Calvino vê que a questão da função do pobre como mensageiro de Deus não é apenas para mantê-lo nessa condição, mas ao contrário, é para tirá-lo dessa condição na medida em que exista a justa distribuição de bens entre todos. Isso pode ser realizado, segundo o teólogo, a partir da circulação de bens. Portanto, através de um sistema econômico eficiente e justo, o pobre seria agraciado pela oportunidade que o rico lhe daria no sentido de fornecer-lhe condições para receber aquilo que lhe fosse útil para cobrir suas necessidades.[755]

Isso não significa que os reformadores desprezassem a assistência social. O que eles desprezavam era o tipo de caridade barata que visava apenas perpetuar a pobreza, sem dar oportunidades reais de crescer na vida. É como diz o velho ditado: «Dê um

[754] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 92.
[755] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 56.

peixe a um homem e ele comerá por um dia; ensine-o a pescar, e ele comerá a vida toda». No entanto, para os mais necessitados e marginalizados, que ainda não tinham condições de "ir pescar", o próprio Lutero aconselhou a assistência.

A Constituição de Wittenberg de 1522 tinha 17 artigos, dos quais 14 visavam aliviar o infortúnio dos pobres. Lindberg resumiu o conteúdo deles:

> Uma caixa comum foi estabelecida com o objetivo de prestar assistência aos pobres, empréstimos a juros baixos passaram a ser oferecidos a trabalhadores e artesãos, e subsídios foram alocados para a educação e o treinamento profissional de crianças pobres. Os fundos para tanto vieram das dotações das instituições religiosas e propriedades eclesiásticas dissolvidas. Caso os fundos fossem insuficientes, o artigo 11 estipulava uma espécie de imposto segundo diferentes categorias de posses e receitas, aplicado ao clero e aos cidadãos "para a manutenção da multidão de pobres". A mendicância, inclusive a de monges e ordens mendicantes, foi proibida. Artesãos e trabalhadores especializados sem condições de pagar seus empréstimos teriam suas dívidas perdoadas por amor de Deus. As filhas de gente pobre receberiam dotes apropriados e seriam dadas em casamento.[756]

Outra legislação implementada em auxílio aos pobres foi a Constituição de Leisnig, de 1523, na qual Lutero declara que "não há maior culto a Deus do que o amor cristão que ajuda e serve aos carentes, como o próprio Cristo professará e julgará

[756] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 145.

no derradeiro dia (Mt 25:40)"[757]. Lindberg diz que a igreja de Leisnig "estabeleceu uma caixa comum de assistência social com base nos conselhos de Lutero"[758], e seus fundos também eram utilizados para a criação de escolas, inclusive uma escola especial para meninas, algo inovador para aquela época[759].

> A Constituição de Leisnig, assim como a que a precedeu em Wittenberg, proibia toda e qualquer mendicância. Isso representava uma divergência em relação às ordens mendicantes da Idade Média tardia, cujo propósito era controlar, e não eliminar a mendicância, e que eram motivadas por razões de economia política, e não pela ética social de motivação religiosa característica das constituições surgidas com a Reforma. As constituições eclesiásticas da Reforma determinavam que só deviam receber apoio financeiro os que realmente tinham necessidade; todos os outros deviam optar entre abandonar a cidade ou trabalhar – um tema que mais tarde seria repetido em incontáveis panfletos sob o lema um tanto batido de que se alguém não quer trabalhar, também não coma (2ª Tessalonicenses 3:6-13).[760]

Lindberg ainda acrescenta:

> Em termos de assistência direta aos pobres, a constituição regulamentou desembolsos em empréstimos e doações para recém-chegados a fim de auxiliá-los a se estabelecer na cidade: para os

[757] LUTERO apud LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 145.
[758] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 146.
[759] ibid.
[760] ibid, p. 147.

> pobres com casa que, depauperados por circunstâncias fora de seu controle, moravam em sua própria residência e não pediam esmolas em público, a fim de ajudá-los a se firmar num negócio ou numa ocupação; e para os órfãos, dependentes menores, inválidos e idosos, a fim de prover seu sustento diário. A constituição concluía, em nome de todos os habitantes, que todos os seus artigos e disposições devem "em todo tempo... ser executado, usado e administrado fielmente e sem qualquer restrição [pela paróquia aqui em Leisnig] única e exclusivamente para a glória de Deus e por amor ao semelhante cristão e, portanto, para o bem comum".[761]

Johannes Bugenhagen (1485-1558), o reformador luterano que introduziu a Reforma na Dinamarca, acolheu as recomendações de Lutero e implementou em seu país as políticas de assistência social. Assim ordenou ele:

> Reuni todos os bens, como, por exemplo, aqueles provenientes de prebendas e de outras fundações caritativas. (...) [Com estes recursos] estabelecei uma caixa comum para viúvas dependentes, órfãos, pobres, enfermos, pobres com casa mas em dificuldades, mulheres solteiras pobres e pessoas com problemas semelhantes em relação às quais cidadãos honestos podem determinar, com base nas necessidades delas, o que deve ser doado ou emprestado e como isso deve chegar a elas de maneira apropriada.[762]

[761] ibid, p. 148.
[762] BUGENHAGEN apud VOGT, Karl A. T. *Johannes Bugenhagen Pomeranus: leben und ausgewahlte schriften.* Elberfeld: R. L. Friedrichs, 1867, p. 261.

Essa assistência social se distinguia da simples esmola, que apenas mantinha o miserável na miséria e o acostumava a viver assim. O próprio Bugenhagen entendia que os pobres deviam ser encorajados a viver de maneira independente, em vez de se limitarem a viver da caridade dos ricos:

> Bugenhagen era da opinião de que o empenho de ajudar os pobres a viverem de maneira independente correspondia ao ensinamento evangélico (Mt 10:10, 20:1-16, 25:14-30; Lc 10:7; Ef 4:28; 1Ts 4:11-12; 2Ts 3:6-12; 1Tm 5:18), além de fazer sentido em termos econômicos. Mas acima de tudo aquele empenho pressupunha que as pessoas que recebiam ajuda não deviam ser vistas como objetos impessoais das boas obras, e sim como membros independentes da paróquia. Assim, esta nova forma de assistência aos pobres tinha um aspecto comunitário.[763]

Nas palavras de Lutero, os pobres deviam ser providos convenientemente «para que não morram de fome ou de frio», mas faz a importante ressalva de que "não é cabível que alguém, às custas do trabalho de outro, ande ocioso, seja rico e viva bem, enquanto o outro passa por dificuldades, conforme o abuso ora vigente"[764]. Muitas pessoas na época estavam gastando o dinheiro que não tinham para peregrinar a Roma, deixando para trás famílias carentes que sofriam privações de todos os tipos. Lutero defende que esse dinheiro, usado para «satisfazer a ganância

[763] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 152.
[764] LUTERO, Martinho. *À nobreza cristã de nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão.* In: *Pelo evangelho de Cristo: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma.* São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984, p. 122.

de Roma», deveria ser aplicado para o bem-estar da família ou dos pobres mais próximos[765].

Voegelin comenta que para Lutero

> o pobre homem que se entrega a tais extravagâncias, na convicção errada de que está fazendo uma boa obra, deveria ser esclarecido de que é muito mais meritório cuidar da família e gastar o dinheiro com sua mulher e filhos. A única desculpa legítima para tais viagens é a curiosidade de ver países e cidades estrangeiras.[766]

Das 95 Teses de Lutero, destacam-se a 43: «Deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências»[767] e a 45: «Quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus»[768].

Lindberg sublinha que "sua teologia não só minou a idealização medieval da pobreza, mas também forneceu um embasamento teológico para a assistência social que se traduziu em legislação"[769]. Lutero repudiava a coleta de enormes fortunas para a construção de igrejas suntuosas, e em lugar disso defendia que

[765] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 43-44.
[766] VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Renascença e Reforma.* São Paulo: Realizações, 2014. v. 4, p. 283.
[767] Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html>. Acesso em: 15/05/2019.
[768] ibid.
[769] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 138-139.

fossem direcionadas para a alimentação dos pobres[770]. Também recrimina o envolvimento do papado em alianças políticas e tramóias para aumentar sua hegemonia econômica, quando em vez disso deveria "pregar, orar, estudar e cuidar dos pobres"[771].

Yoder destaca que Lutero "questionou o 'ofício' de mendigo, para que se passasse a tratar o pobre como um ser amado por Deus e, por isto, digno de atenção"[772]. Qualquer auxílio concedido aos pobres devia, portanto, "visar a promoção humana e o encontro de uma profissão digna"[773]. Ele apresentou uma "expressão explícita e vigorosa de assistência para o bem-estar social embasada na doutrina da justificação"[774], e exortou cada cidade e localidade a cuidar de seus pobres[775].

Embora a mendicância fosse proibida, ele "concebeu a ideia de assegurar uma assistência mínima para as pessoas incapazes de trabalhar, mas também acentuou que os que eram capazes de trabalhar deveriam fazê-lo"[776]. Vale destacar que essa oposição à mendicância já era defendida pelo pré-reformador inglês John Wycliffe (1330-1384), que dizia que "os frades devem ganhar seu sustento pelo trabalho de suas mãos e não pela mendicância"[777].

[770] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 92.
[771] MACKINNON, James. *Sobre a ética econômica de Lutero,* cf.: FISCHER, Joachim. *Lutero e o capitalismo incipiente.* Estudos Teológicos; *Reflexões em torno de Lutero.* São Leopoldo, 21 (número especial): 1981, p. 239.
[772] YODER, John. *Aportes de la historia frente a la problematica de la riqueza*. Buenos Aires: Fraternidade Teológica Latino-americana, 1978. p. 7.
[773] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 92.
[774] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 143.
[775] ibid.
[776] ibid, p. 144.
[777] WYCLIFFE apud BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 219.

Essa tese foi uma das suas proposições condenadas no Concílio de Constança (1415), que mandou abrir o sepulcro do reformador e queimar seus restos mortais[778]. Se por um lado a mendicância era incentivada como "profissão", por outro lado a Igreja medieval havia rompido o vínculo entre o culto e a assistência social, restando apenas missas repetidas à exaustão. Diante disso, Lutero dizia:

> É o que, infelizmente, vemos agora: não obstante rezarem-se muitas missas, a comunhão cristã, que deveria ser pregada, exercitada e confrontada com o exemplo de Cristo, desaparece por completo. (...) Outrora, porém, se praticava este sacramento tão corretamente e se ensinava o povo a entender essa comunhão tão bem, que chegavam a reunir também os alimentos e bens materiais na igreja para distribuí-los aos carentes.[779]

Por isso Lutero defendia uma coleta geral e um fundo em dinheiro reunido para ser dado aos pobres[780]. A assistência social era uma das muitas coisas que existia na igreja primitiva (At 2:45; 2Co 8:11:15), mas que já havia sido esquecida há muito tempo. Na época de Lutero, os recursos adquiridos eram usados para o enriquecimento do alto clero ou para a construção de catedrais cada vez mais ostensivas, e o povo mais pobre era esquecido.

Falava-se muito na "comunhão dos santos" no céu, mas quase nada sobre a comunhão com o próximo na terra. Os "santos" eram adorados à exaustão, mas o

[778] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 650.
[779] LUTERO apud LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 143.
[780] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 143.

irmão ao lado era esquecido e desprezado. Lutero trouxe a comunhão dos santos à terra, defendendo que "quem desejar fazer algo pelos santos deve dar atenção aos santos vivos, não aos mortos. O santo vivo é o próximo, é o nu, o faminto, o sedento, o pobre que tem esposa e filhos e sofre humilhações. Dirija sua ajuda a eles, comece seu trabalho aqui"[781].

A assistência social era para Lutero "um exemplo específico de liturgia depois da liturgia, uma obra do povo que se seguia à liturgia, um serviço prestado aos outros que continuava depois do culto formal"[782]. Por essa razão, nas igrejas protestantes os diáconos eram responsáveis pela supervisão da caridade, incluindo a assistência aos pobres e enfermos[783]. Zwetsch reconhece que "Lutero defendeu os pobres, os oprimidos e os injustiçados, sem nenhuma dúvida"[784].

Ele cita um trecho da interpretação de Lutero dos dez mandamentos, onde o reformador escreve em letras cristalinas:

> Aqui temos que nos opor em primeiro lugar a toda injustiça, onde a verdade ou a justiça estão sofrendo violência e passando por dificuldade. E nisto não devemos fazer qualquer distinção entre as pessoas, como é o caso de alguns que lutam mui zelosa e ativamente contra a injustiça infligida aos ricos, aos poderosos e aos amigos; porém onde o pobre, o desprezado ou o inimigo a sofre, eles ficam

[781] LUTERO apud GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores.* São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 97.
[782] STROHM, Theodor. "Theologie der Diakonie" in der Perspektive der Reformation. In: PHILIPPI, Paul; STROHM, Theodor (Eds.). *Theologie der Diakonie.* Heidelberg: Heidelberger, 1989, p. 183.
[783] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 313.
[784] ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993, p. 93.

> muito quietos e pacientes... pois a maior parte dos poderosos, ricos e amigos praticam injustiça e usam de violência contra os pobres, pequenos e adversários. E quanto maiores, tanto piores. Quando não se pode impedi-lo à força e ajudar a verdade, deve-se ao menos professá-lo e tomar posição por meio de palavras, não assumindo o partido do injusto, não lhe dando razão, mas dizendo a verdade abertamente.[785]

Robert Jutte comenta:

> Não resta dúvida de que a discussão em torno dos princípios de assistência cunhados por Lutero, bem como seus efeitos no século XVI, acabaram moldando o sistema centralizado de assistência aos pobres não só na Alemanha do início da época moderna, mas também em outras partes da Europa. A Reforma abriu o caminho para o desenvolvimento de uma nova política social que favorecia sistemas seculares de auxílio aos pobres.[786]

Lindberg diz que "sua preocupação com a assistência aos pobres levou a seu envolvimento na mudança de estruturas sociais, e seu compromisso com as boas obras o levou a empreender sua última viagem, já com a saúde fraca e com idade avançada, para mediar uma disputa entre os condes de Mansfeld"[787]. Até mesmo o

[785] LUTERO apud ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993, p. 93.
[786] JUTTE, Robert. *Poverty and Deviance in Early Modern Europe.* Cambridge: Cambridge University, 1994, p. 108.
[787] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 161.

padre Cechinato, que não nutre qualquer simpatia por Lutero, reconhece que "de fato Lutero pregava uma melhor justiça social"[788].

Há quem reconheça que Lutero pregava a justiça social, mas que Calvino, por ser um dos grandes precursores do capitalismo, era um "burguês opressor" que não se preocupava em nada com os mais pobres. Nada mais longe da verdade, no entanto. Duduch atesta que Calvino também "trabalhou pelo estabelecimento de um sistema eclesiástico de auxílio aos pobres e de promoção do bem-estar social"[789], e que deve-se a ele a "criação de manufaturas de pano, veludo e relógios, que foram introduzidas em Genebra para dar trabalho aos pobres e desempregados"[790].

Mais uma vez, nota-se aqui a ênfase protestante em dar trabalho e dignidade a essas pessoas mais pobres que o catolicismo se preocupava apenas em ajudar com esmolas. A velha máxima de *ensinar a pescar* em vez de simplesmente dar o peixe nunca foi tão verdadeira. Por isso Calvino conseguiu junto ao Conselho genebrino que fosse desenvolvida a indústria da tecelagem, preocupado com a formação profissional da população em geral para assim proporcionar a riqueza de todos[791].

A preocupação em ensinar a pescar em vez de apenas dar o peixe fez com que em Genebra houvesse a clara distinção entre os *desempregados* (pessoas dispostas a trabalhar, mas que não conseguiam emprego) e os *vagabundos* (pessoas que simplesmente se recusavam a trabalhar). A respeito destes, Biéler comenta:

---

[788] CECHINATO, Luiz. *Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 251.
[789] DUDUCH, João. *História da Igreja.* São Paulo: Novas edições líderes evangélicos, 1974, p. 191.
[790] ibid.
[791] BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: CEP, 1990, p. 226.

> Ao mesmo tempo em que o governo e a comunidade garantem o sustento para qualquer pessoa vítima de incapacidade social, seja qual for o motivo, no novo modelo social da cidade não há lugar para vadios, mendicante ou ocioso. Em 1539, é publicado um novo édito contra os vagabundos que todos que assim fossem deveriam trabalhar cada um em sua profissão sob pena de serem presos e os vagabundos estrangeiros que não tinham meio de ganhar a vida, eram obrigados a deixar a cidade em três dias.[792]

Calvino não compartilhava o mesmo espírito papista de oposição às riquezas (as riquezas *dos outros,* como já destacamos), pois dizia que "ainda que tenhamos toda sorte de bens em grande abundância, não temos, entretanto, nada senão pela só bênção de Deus, uma vez que só ela nos ministra tudo o de que temos necessidade"[793]. Para Calvino, «quando as riquezas dominam o homem, Deus é despojado de sua dominação», mas «aquele que, obedecendo a Deus, não é escravo das riquezas, delas pode usar na fé»[794]. A este respeito, Oliveira comenta:

> Calvino afasta-se nitidamente dos teólogos medievais no que diz respeito à pobreza voluntária. Como se supunha na Idade Média, a vida cristã deveria estar desvinculada de bens materiais. Ao contrário, o reformador genebrino coloca que a vida espiritual exige que o crente assuma diante de Deus a responsabilidade integral de sua vida,

[792] ibid, p. 221-222.
[793] CALVINO apud BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990, p. 430.
[794] ibid, p. 421.

> inclusive a material. Tal ideia rompe definitivamente com a visão veteroteológica da oposição espírito e matéria.[795]

Não obstante, Calvino alertava que "para bem servir a Deus e resistir a Satanás, aprendamos a contentar-nos cada um com a sua medida; e os que são ricos reflitam que tem obrigação muito maior, e que terão de prestar contas dos bens que Deus pôs em suas mãos"[796]. Ele também explica que "pôr o coração nas riquezas significa mais que simplesmente cobiçar a posse delas. Implica em ser arrebatado por elas a nutrir uma falsa confiança"[797].

Acrescenta ainda que "embora a liberdade dos fiéis com respeito às coisas externas não deva ser limitada por regras ou preceitos, sem dúvida deve regular-se pelo princípio de se regalar o mínimo possível"[798]. Ou seja, Calvino não defendia o luxo e a ostentação, mas condenava a noção da pobreza como um ideal de vida. Tal como Lutero, "Calvino e os pastores não se cansavam de se preocuparem com os mais desfavorecidos ordenando que semanalmente fosse feita uma coleta para os necessitados"[799].

A Genebra calvinista já implementava fórmulas modernas de gestão pública, como a fiscalização de monopólios, a limitação da jornada de trabalho e a educação

[795] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 57.
[796] CALVINO apud BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990, p. 432.
[797] CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Editora Fiel, 2011. v. 2, p. 580.
[798] CALVINO apud COSTA, Hermisten. *Pensadores cristãos: Calvino de A a Z.* São Paulo: Editoria Vida, 2006, p. 56.
[799] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 41.

pública obrigatória[800]. Ele mostrou a necessidade de uma legislação social capaz de proteger os fracos e os pobres contra abusos[801]. Por isso, os juros eram permitidos, mas cercados de "muitas precauções e restrições, a fim de impedir que se transforme em fonte de destruição das relações sociais e das liberdades humanas"[802].

Calvino defendia a legitimidade de impostos e taxas para a manutenção do governo, mas ressaltava que tais recursos deveriam ser administrados "com moderação e equilíbrio e nunca para o luxo e ostentação nas custas do povo, pois estes recursos são subsídios para necessidades públicas"[803]. Através de seu pensamento econômico e social, Calvino lutou "contra todas as formas de perversão social, contra os que abusavam do poder político e poder de riquezas, contra toda forma de opressão, pois entendia ele ser isso contra o próprio Deus"[804].

Por mais lícita que a riqueza fosse quando conseguida por meio do trabalho honesto, os crentes não deviam perder de vista o fato de que a finalidade maior dessas riquezas é abençoar outras vidas por meio delas, favorecendo assim toda a sociedade, não somente a si próprio. Assim ele escreve:

> Ao fazer o bem a nossos irmãos e mostrarmos humanitários, tenhamos em mente esta regra: que de tudo quanto o Senhor nos tem

[800] ibid, p. 34.
[801] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 63.
[802] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 93.
[803] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 38.
[804] ibid, p. 86.

> dado, com o que podemos ajudar nossos irmãos, somos dispensadores; que estamos obrigados a dar conta de como o temos realizado; que não há outra maneira de dispensar devidamente o que Deus pôs em nossas mãos, que se ater à regra da caridade. Daí resultará que não somente juntaremos ao cuidado de nossa própria utilidade a diligência em fazer o bem ao nosso próximo, senão que, inclusive, subordinaremos nosso proveito ao dos demais.[805]

E ainda:

> Quando o Senhor nos abençoa, também nos convida a seguirmos seu exemplo e a sermos levados para com o nosso próximo. As riquezas do Espírito não são para serem guardadas para nós mesmos, mas sempre que alguém as recebe deve também passá-las a outrem. Isto deve ter uma aplicação especial aos ministros da Palavra, mas também uma aplicação geral a todos os homens, a cada um em sua própria esfera.[806]

Em outras palavras, Deus não nos dá riquezas para acumularmos tesouros na terra (cf. Mt 6:19), guardando tudo para nós mesmos e para o nosso próprio proveito, mas nos usa como uma represa, cujas águas são redirecionadas a outras fontes. Em vez do acúmulo de riquezas para o consumo próprio, o dinheiro deve ser usado para movimentar a economia e assim ajudar a todos.

[805] CALVINO apud COSTA, Hermisten. *Pensadores cristãos: Calvino de A a Z.* São Paulo: Editoria Vida, 2006, p. 55.
[806] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 221.

Desta forma, alguém abençoado com mais riquezas não deve nunca se esquecer do pobre e do necessitado, seja em sua caridade pessoal ou fornecendo-lhe emprego e vida digna. Para Calvino, Deus não nos dá bens materiais para dispormos deles de forma egoísta, mas para distribuirmos generosamente entre aqueles que mais precisam[807]:

> Portanto, para nos orientarmos na prática do bem e das ações humanitárias, adotemos esta norma: de tudo o que o Senhor nos deu com o que podemos ajudar o nosso próximo, somos despenseiros ou mordomos, sendo que teremos que prestar contas de como nos desincumbimos de nossa responsabilidade.[808]

Como comenta Oliveira, "Calvino insistia em que os bens econômicos acumulados deviam ser devolvidos através da circulação em forma de assistência aos necessitados. Assim, para Calvino, a riqueza estava em não se desejar mais do que se tem"[809]. O homem deveria "viver de forma grata a Deus por tudo aquilo que o Criador lhe estava proporcionando, e, em contrapartida, utilizar-se dessa abundância em liberalidade para com o seu próximo em situação contrária à sua"[810].

Costa assegura que "Calvino defendeu três princípios éticos fundamentais: trabalho, poupança e frugalidade. Note-se que a poupança deveria ter sempre o

[807] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 55.
[808] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 189.
[809] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 52.
[810] ibid.

sentido social"[811]. A partir de textos como Hebreus 13:16, Calvino entendia que os benefícios que prestamos aos homens constituem um culto a Deus, sendo isto uma grande honra que Deus nos concede. A prosperidade conquistada mediante o trabalho tinha por finalidade "o bem comum e o progresso de todos, especialmente dos necessitados"[812].

Por isso a assistência social não era esquecida na Genebra de Calvino, como escreve Ronald Wallace:

> As ordenanças que Calvino dispôs em 1541 falam do "hospital comunitário" que devia ser "bem mantido", com comodidades disponíveis para o doente e para o ancião que eram incapacitados de trabalhar, com uma ala bem separada para as viúvas, para as crianças órfãs e outras pessoas pobres e com um abrigo para viajantes. Além disso, seria necessário também, tanto para os pobres no hospital, quanto para aqueles que estavam na cidade que não tinham meio de sobrevivência, que um médico e um cirurgião fossem especialmente nomeados às expensas da cidade.[813]

Também não foram poucas as vezes em que Calvino reclamou por aumentos de salários em favor dos professores, reivindicando junto ao Conselho que os docentes pudessem viver satisfatoriamente[814]. Para Calvino, "confiscar ou reter, no todo ou em parte, o salário que cabe a alguém é um sacrilégio, por ser uma ofensa a Deus e

[811] COSTA, Hermisten. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 120.
[812] ibid, p. 128.
[813] WALLACE, Ronald S. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 82.
[814] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 227.

também ao próximo"[815]. Uma vez que os artesãos e operários ganham a vida trabalhando, "privá-los dos bens necessários é como degolá-los"[816]. A prática de manipular, baixar e reter o salário dos pobres era comum naquela época, e suscitava a revolta do reformador:

> Eis como muitas vezes procedem os ricos. Espreitam as ocasiões favoráveis para reduzir à metade os salários dos pobres, quando estes não têm onde empregar-se. "Estes estão desprovidos de tudo", dirá o rico, "tê-los-ei por um pedaço de pão, porque precisam, embora contra a vontade, de se renderem a mim. Dar-lhes-ei meio salário e têm que contentar-se". Quando, pois, usamos de tal maldade, conquanto não tenhamos negado o salário, há sempre crueldade, e lesamos um pobre.[817]

Comentando Tiago 5:4, ele escreve:

> Com que maior violência se pode deparar do que fazer morrer de fome e de miséria os que nos fornecem o pão com o seu trabalho? E, apesar disso, essa maldade tão absurda é muito comum. É que existem muitas pessoas que possuem temperamento tirânico e pensam que a humanidade foi feita somente para eles. Tiago afirma que o salário grita, porque tudo o que os homens retêm em seu poder,

[815] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 47.
[816] CALVINO, João. *Sermon CXXXVII sur le Deutéronome*, c. 24, v. 1-6. Citado em: BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 89.
[817] ibid, c. 24, v. 14-18. Citado em: BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 91.

> ou por fraude, ou por violência ou força, clama vingança aos gritos. Faz-se imperioso observar o que acrescenta: o grito dos pobres chega até os ouvidos de Deus, a fim de que saibamos que as maldades que lhes são feitas não ficarão impunes.[818]

Mas Calvino não ficava apenas no discurso. Quando ocorreu a greve dos gráficos em algumas regiões da Europa, ele ficou do lado dos trabalhadores lesados e juntamente com os demais reformadores intermediou um acordo favorável aos grevistas, o que tornou a greve muito mais curta e menos grave do que em outras localidades:

> Em algumas localidades surgem greves nas quais os reformadores têm papel atuante. É o caso das greves dos gráficos de 1539, na cidade de Lyon, motivada pela insuficiência dos salários, de um lado, e pela má repartição do horário de trabalho, de outro. (...) Em Genebra, onde a organização de corporações é muito mais recente que em outras cidades, o Estado intervém no mesmo sentido. Em 1559, o Conselho da cidade fixa o limite máximo dos salários dos operários e em seguida priva-os do direito da coalizão. Tal repressão da liberdade suscita descontentamento geral e desencadeia distúrbios sociais. Que fazem então os dirigentes espirituais da cidade? (...) Sob a iniciativa dos pastores, o Conselho da cidade, de comum acordo com os representantes da profissão, regulamenta a indústria gráfica. Graças a

[818] CALVINO, João. *Commentaire N. T. Tiago*, c. 5, v. 4. Citado em: BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 91.

> isso, e à ponderação dos interessados, Genebra consegue evitar as greves que conturbaram Lyon e Paris por volta da mesma época.[819]

Biéler comenta que "essa paz social, obtida mediante a negociação entre todas as partes, contribuiu para a recuperação da economia de Genebra e para seu desenvolvimento rápido em comparação com as economias vizinhas"[820]. Ele corretamente acentua as preocupações sociais de Calvino, em direto contraste a seus detratores que veem no reformador um "inimigo da classe operária":

> É absolutamente exato que, como muitas vezes se ressaltou, Calvino valorizou a livre iniciativa, base do atual capitalismo liberal, porque a liberdade corresponde a um aspecto importante da vocação, que Deus dirige a cada indivíduo pelo exercício de um trabalho particular. Mas é também absolutamente verdadeiro que, por outro lado, ele insistiu muito nos corretivos sociais, que devem beneficiar a livre iniciativa, para evitar os abusos sempre sedutores da liberdade. Deu evidência à necessidade de legislação social rigorosa, capaz de proteger os fracos e os pobres contra os abusos sempre possíveis dos fortes e dos ricos.[821]

> Se, pois, Calvino é muitas vezes considerado, não sem razão, embora de maneira demasiadamente simplista às vezes, como um teólogo que estimulou o desenvolvimento do liberalismo econômico, deve-se a bem da verdade dizer que ele é, também, indiscutivelmente o

[819] BIÉLER, André. *O Humanismo Social de Calvino*. São Paulo: Edições Oikumene, 1970, p. 57-58.
[820] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 91.
[821] ibid, p. 86.

> ancestral do Cristianismo social. Não cessou de insurgir-se contra as injustiças de uma liberdade econômica sem compensação social e esforçou-se por corrigir-lhe os efeitos nocivos.[822]

Calvino dizia que "uma vez que o bem que podemos fazer não pode subir a Deus, como diz o profeta, devemos praticá-lo em favor dos seus servos que vivem neste mundo"[823]. Como Lindberg comenta, "com a ascensão da Reforma enquanto movimento popular, o homem comum concebeu a eliminação da opressão e da miséria como partes integrantes da salvação e da bem-aventurança"[824].

Os reformadores contribuíram para o «desenvolvimento da assistência e previdência social moderna» e foram "sensíveis a causas estruturais do desemprego e subemprego e à necessidade de formação profissional e de responsabilidade pública por prevenir e aliviar a pobreza"[825]. Com a Reforma,

> a Igreja já não se definia nem se organizava com referência ao ofício sacerdotal, mas sim como comunidade reunida sob a palavra de Deus e em torno do sacramento de Cristo. A assistência aos pobres exprimia a solidariedade dessa comunidade através da fé ativa no amor; ela era, para todos os efeitos, um ato de culto e de serviço divino.[826]

[822] ibid.
[823] CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 189.
[824] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 195.
[825] ibid, p. 438.
[826] ibid, p. 154.

Biéler entende que "a ética reformada do trabalho ordena, portanto, ação social eficaz para prevenir o desemprego e intervir em benefício de suas vítimas"[827]. Isso também aconteceu na Escócia, sob a liderança do ministro protestante John Knox (1515-1572), que ajudou a redigir o *Primeiro Livro de Disciplina.* Ali ele estabelecia que os recursos da igreja seriam destinados «ao suporte do ministério, à educação e o alívio dos pobres»[828]. Paralelamente, na Inglaterra de Isabel, as políticas de assistência social foram implementadas de forma inédita, por ordens da rainha. Pirenne informa como isso se deu:

> O Parlamento, em cujo seio preponderava a burguesia mercantil, não se preocupava muito disso; foi a rainha quem, após uma viagem por seus domínios, abraçou e defendeu a causa dos deserdados. Sob Henrique VIII, os mendigos e vagabundos haviam sido tratados como deliquentes, mas Isabel foi a primeira na Europa a ordenar a promulgação de leis sociais que não só tiveram por objetivo, como na França, de assegurar à indústria mão de obra barata, mas de organizar o trabalho e aliviar a miséria. No ano 1563 se implantou um estatuto para os trabalhadores no qual a aprendizagem, fixada em sete anos, era obrigatória ainda fora das corporações e responsabilizando aos juízes de paz, com o auxílio de peritos, na fixação de uma jornada de trabalho em harmonia com o custo de vida. Graças a tais medidas pôde evitar-se, durante um século, a desvalorização de salários, que tão lastimavelmente pesou sobre os países continentais.[829]

[827] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 89.
[828] LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2, p. 1044.
[829] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 120.

Isso não aconteceu sem a devida distinção entre os que não trabalhavam por falta de oportunidade ou por incapacidade física, e os que *não queriam* trabalhar para viver à custa dos outros. Quanto a estes, a lei não podia ser mais rigorosa, embora fosse condizente com o espírito da época. Eles se esforçavam em criar no povo uma mentalidade proativa voltada ao trabalho sério e honesto, deixando para trás a velha cultura da mendigagem e da malandragem, que de tão presentes que eram demandavam medidas severas. Assim, Grimberg escreve:

> Publicaram-se numerosos regulamentos onde a autoridade organizava a assistência aos pobres. A sociedade começava a tomar consciência dos seus deveres para com as pessoas que não podiam sustentar-se a si próprias. Sob o reinado de Isabel, as leis de assistência aos pobres faziam uma muito nítida distinção entre os que podiam mas não queriam trabalhar e os que eram realmente incapazes. Quando os preguiçosos caíam nas mãos da autoridade, a sua sorte nada tinha de invejável. Homens e mulheres eram chicoteados até ficarem com o corpo em sangue e depois marcados com ferro em brasa.
>
> Mas os que as circunstâncias impediam verdadeiramente de trabalhar, como os doentes e os velhos, recebiam uma ajuda da comunidade. Cada cidade devia constituir depósitos de cânhamo e de algodão, de lã e de outras matérias-primas para dar trabalho e um salário aos desempregados. Além disso, todos os juízes de paz deviam receber dos ricos do seu distrito uma certa soma de dinheiro destinado aos pobres. Para os órfãos deviam fundar-se estabelecimentos de

> educação, onde os velhos indigentes podiam também encontrar refúgio. Esta legislação progressista foi muito eficaz. No fim do reinado, os estrangeiros que se demoravam na Inglaterra maravilharam-se por verem aí tão poucos mendigos.[830]

Essa «lei dos pobres» se tornou o fundamento da legislação social inglesa até 1834[831] e influenciou a legislação americana. Nos estatutos antigos de Nova York, a jogatina a dinheiro era proibida, pois lesava os pobres. Se alguém fosse pego ganhando dinheiro jogando, tinha que pagar uma multa cinco vezes maior que o valor ganho, a qual era direcionada aos pobres da comunidade[832]. Mérida afirma que "todas as igrejas foram fundando centros assistenciais, nos quais se incluíam bibliotecas, cursos de alfabetização e de ensino do inglês, universidades, clubes de recreação e de lazer, etc"[833].

Ruppell comenta que a ética protestante "transformou profundamente a vida econômica da sociedade ao unir a restrição do uso dos bens adquiridos com sua livre possibilidade de conquista pelo trabalho, resultando em um capitalismo novo, alimentado constantemente por frutos econômicos próprios"[834]. Tanto a ética protestante não era opressora contra os mais pobres que aqueles por ela influenciados tendiam a ser os mais caridosos, como é o caso do industrial Jean

[830] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p.112.
[831] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 120.
[832] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 487.
[833] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 118.
[834] RUPPELL JÚNIOR, Ivan Santos. *A ética protestante e o pensamento de João Calvino*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007, p. 25.

Dollfus (1800-1887), um dos mais famosos «patrões sociais protestantes» da época, que construía moradas para os seus trabalhadores, sem lhes cobrar nada[835].

Lindberg destaca os efeitos imediatos da Reforma no campo social, estimulados pela doutrina bíblica da salvação pela graça (cf. Ef 2:8-9), a *Sola Gratia:*

> Que esse tipo de pregação não deixou de ter efeitos sociais pode ser depreendido do testamento de Ana Büring, a viúva idosa e rica do prefeito de Hamburgo. Em 1535, ela modificou o testamento que havia redigido em 1503. Declarou ter deixado, em seu testamento anterior, dinheiro para adquirir vigílias, missas por sua alma e inúmeras outras boas obras a fim de evitar a dor do purgatório. Agora, porém, depois de ter ouvido a palavra de Deus e seu santo evangelho, ela dizia renunciar a essa inclinação anterior. Visto que agora acreditava ser salva somente pela graça, ela decidiu garantir o sustento de sua família e deixar o resto de sua fortuna para os doentes, os pobres e os carentes. Isso incluía o estabelecimento de habitações para os pobres e uma bolsa de estudos de cinco anos numa universidade cristã. Doações menores feitas em testamento foram recebidas pela igreja para construções e pela cidade em favor do bem comum.[836]

Em outras palavras, em vez da doutrina da salvação pela graça gerar um estilo de vida egoísta, ela produziu exatamente o efeito contrário. Os crentes que tinham a

[835] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 123.
[836] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 153-154.

consciência de que foram salvos pela graça divina não doavam seus bens *para* serem salvos, mas *porque* eram salvos. Essa diferença fundamental permitia olhar para o próximo *por aquilo que ele é,* e não pelo que podemos obter através dele. Como Postel destaca,

> os testamentos dão um testemunho especialmente sério e sincero acerca das convicções pessoais de seus autores. A tradição, relativamente ampla, demonstra que Ana Büring é um caso representativo da mudança que teve lugar com a Reforma. Ao mesmo tempo, demonstra algumas das dimensões sócio-históricas da Reforma.[837]

Antes de Lutero, havia o sentimento de que era mais importante decorar a igreja do que cuidar dos pobres. Não sem razão, Erasmo questionava: "Quantas pessoas dedicam velas à virgem e mãe de Deus, mesmo no meio do dia, quando não servem a nenhum propósito? Quão poucas pessoas dedicam-se da mesma maneira a uma vida de castidade, modéstia e amor às coisas espirituais?"[838]. Longe de reforçar essa mentalidade, a ética protestante asseverou que "a verdadeira decoração da igreja consiste na moderação, na piedade e nas virtudes de vidas reformadas, e não em materiais caros"[839].

Estudos recentes provam que os protestantes são os maiores ativistas sociais em favor dos mais necessitados, dando razão a McGrath quando escreve:

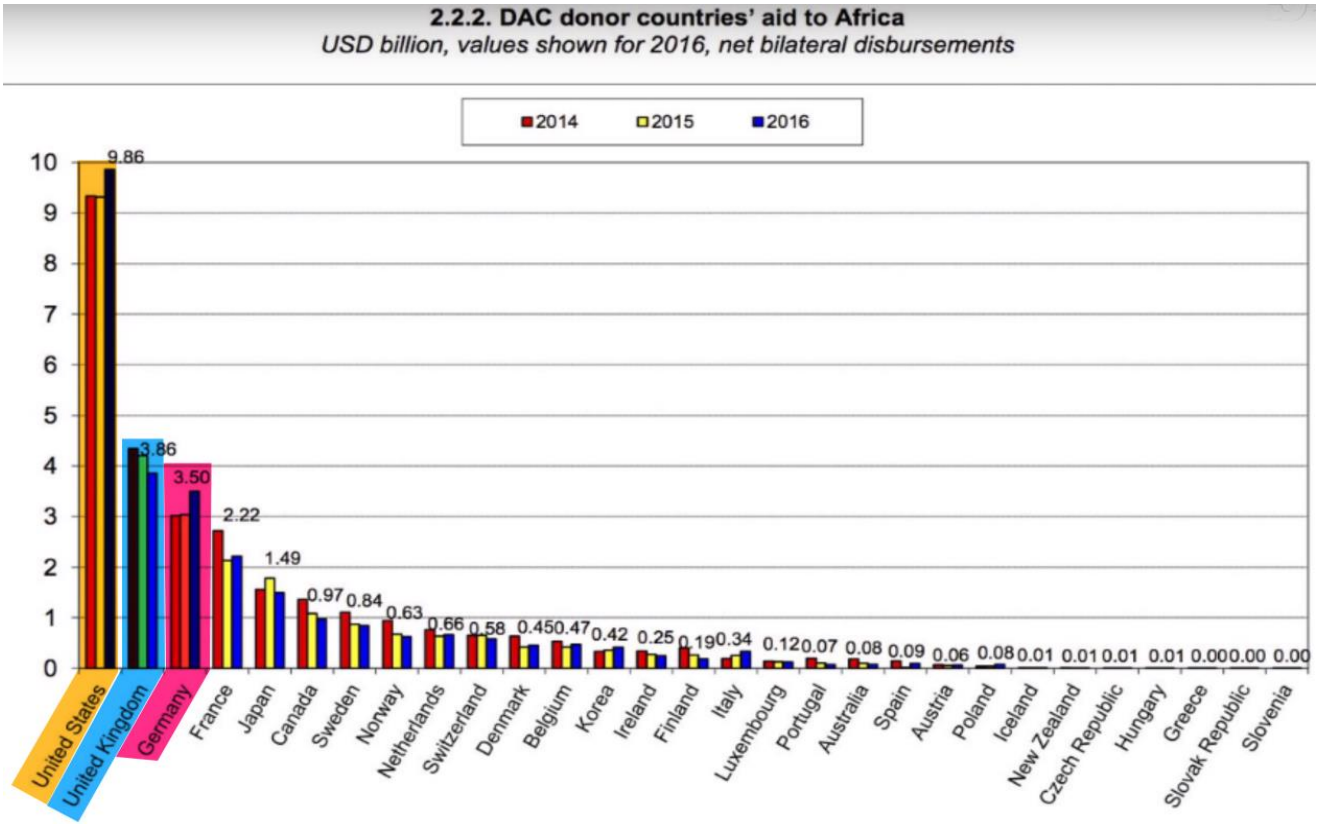
[837] POSTEL, Rainer. "Sozialgeschichtliche Folgewirkungen der Reformation in Hamburg". In: LOHFF, Wenzel (Ed.). *450 Jahre Reformation in Hamburg: eine festschrift.* Hamburg: Agentur des Rauhen Hauses, 1980, p. 63-64.
[838] ERASMO apud HOFMANN, Werner. *Luther und die Folgen fur die Kunst.* Munchen: Prestel, 1983, p. 8.
[839] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 443.

> O trabalho ético protestante encontra aplicação em muitos contextos no século XXI. Talvez o mais óbvio seja o fenômeno do "ativismo baseado na fé": grupos religiosos usando sua fé como uma plataforma e um princípio orientado para o envolvimento social e o trabalho voluntário. Embora esse não seja mais um fenômeno tipicamente protestante, a história de seu desenvolvimento deixa claro sua forte e intencional ligação com a corrente principal do protestantismo, em especial, nos Estados Unidos. Está claro que o ativismo protestante, expresso no trabalho ético protestante, é provavelmente o recurso que desempenha papel mais relevante no futuro se a verba governamental para os programas sociais for reduzida.[840]

Assim, longe de incentivar o egoísmo e a avareza, a ética protestante que estimulou o capitalismo estimulou igualmente a caridade – não uma caridade hipócrita e egocêntrica, mas caridade em seu sentido real e pleno. É curioso notar que o país que mais pratica caridade no mundo é precisamente aquele que menos esperaríamos se o capitalismo e o protestantismo levassem ao egoísmo: os Estados Unidos da América.

Nenhum país do planeta doa mais dinheiro para questões humanitárias quanto os Estados Unidos. Para você ter uma ideia, os americanos gastam mais com ajuda humanitária para o continente africano, por exemplo, do que a soma do segundo, do terceiro e do quarto colocados da lista, como podemos observar no gráfico abaixo:

[840] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 334.



Os dados americanos envolvendo caridade são de deixar qualquer anticapitalista de cabelo em pé:

> No total, os americanos gastam US$ 410 bilhões por ano com filantropia. Só para ter dimensão, isso é mais do que o dobro do valor de mercado de todas as empresas estatais federais brasileiras somadas. E esse gasto vem aumentando (era o equivalente a 1,7% do PIB em 1977 e passou para 2,1% em 2017). O total de dinheiro privado doado pelos americanos para causas ligadas à saúde é maior do que o dinheiro público gasto pelo governo federal brasileiro com o SUS. O que os americanos gastam com filantropia com educação é maior do que o total gasto pelo governo brasileiro com o Ministério da Educação. O que os americanos gastam com filantropia com arte é

quatro vezes maior do que o orçamento do governo federal brasileiro com cultura. O que os americanos gastam com programas sociais privados é maior do que a soma de todos os programas sociais do governo brasileiro (na verdade, apenas o gasto com filantropia para a causa ambiental nos Estados Unidos é maior do que o Bolsa Família).

Na prática, há mais dinheiro privado americano com programas de ajuda internacional do que dinheiro público brasileiro com programas sociais. Os números impressionam. Há 1,5 milhão de organizações sem fins lucrativos atuando nos Estados Unidos. No total, 10% da força de trabalho estadunidense está concentrada no setor – a terceira maior força de trabalho do país, atrás apenas do varejo e da manufatura. No total, 63 milhões de americanos – o equivalente a 25% da população adulta – oferece o seu tempo pelo menos uma vez por ano para alguma ação social. Considerando o custo de uma hora de voluntariado, isso é o mesmo que afirmar que os americanos contribuem todos os anos com mais de US$ 193 bilhões para a caridade. De acordo com a OCDE, nenhuma população do planeta dedica tanto tempo e dinheiro à caridade. Mesmo os estados de bem-estar social supostamente altruístas da Europa, como França, Alemanha, Itália e Espanha, têm níveis baixos de doação e caridade, proporcionalmente pelo menos quatro vezes menor que os Estados Unidos.[841]

[841] SPOTNIKS. *Esses são os mitos que a esquerda precisa parar de acreditar sobre os Estados Unidos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VeRFaJrsQtk>. Acesso em: 10/12/2019. Os dados e referências citados no vídeo incluem:
- https://lclsonline.org/wp-content/uploads/2018/12/Giving-USA-2018-Annual-Report.pdf
- https://fee.org/articles/americans-are-more-charitable-than-socially-conscious-europeans
- https://independentsector.org/about/the-charitable-sector
- https://stats.oecd.org/Index.aspx?datasetcode=SOCX_AGG

Com a Reforma e o liberalismo, obteve-se o efeito contrário ao esperado pelos críticos do protestantismo e do liberalismo: os pobres foram favorecidos, não só pela assistência social, mas sobretudo por uma coisa que falta em todo o mundo não-protestante e antiliberal: emprego. Se a Igreja que acumulava fortunas ensinava que o destino do pobre era continuar pobre (quem nascia nobre, morria nobre; quem nascia camponês, morria camponês), com o protestantismo o pobre teve a inédita experiência de ascensão social.

Não é por acaso que não se encontra hoje muitos pobres em países protestantes como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Suíça ou Noruega. Onde a pobreza era estimulada ela se alastrou como um vírus; onde foi combatida, foi derrotada.

CAP. 3 – IGREJA E POLÍTICA NA IDADE MÉDIA

• A influência da Igreja na cultura e no cotidiano

No capítulo anterior, vimos como a ética protestante desatou os nós que impediam o desenvolvimento do capitalismo na Europa, onde predominava uma ética hostil a todo o "espírito" do capitalismo. No próximo capítulo, iremos comparar os países que seguiram a Reforma com aqueles que permaneceram católicos, mas antes precisamos destacar o grau de envolvimento da Igreja com a política da época e sua influência na cultura e no cotidiano, o que faremos neste capítulo.

Só assim poderemos entender que o rumo que as nações tomavam de fato refletia a orientação da religião oficial adotada em cada país, e não como se os resultados fossem acidentais ou influenciados meramente por outras forças. Podemos dizer que, hoje em dia, a religião não é o fator que mais influencia diretamente a vida de uma nação, embora ainda seja extremamente importante. Mas, naqueles tempos, a religião era de longe a influência mais forte e decisiva que guiava a vida das pessoas mais poderosas até as mais simples, de modo que muito do que era feito em cada lugar espalhava a ética que aprendiam na igreja.

Como veremos no capítulo seguinte, os países protestantes constituíram um bloco liberal, burguês, capitalista e modernizante, enquanto os países católicos se mantiveram em grande parte feudais, estatistas, burocráticos e atrasados, apegados ainda à antiga nobreza exploradora e ao clero que espelhava a ética católica tradicional. Em outras palavras: enquanto os países protestantes

progrediram para a modernidade, os católicos se mantiveram presos na Idade Média, pelo tempo que lhes foi possível.

Isso lhes garantiu um atraso considerável que despertou a atenção de Weber e de muitos outros estudiosos, atraso este que permanece em grande medida até hoje e que só é satisfatoriamente explicado pelas características discrepantes da ética religiosa de cada um. Note que isso não é o mesmo que dizer que os países protestantes eram "todos iguais". Eles podiam ter enormes diferenças entre si, a começar pelo idioma, etnia, costumes e gostos, mas *quando se tratava da ética do capitalismo,* todos eram unânimes, porque todos eram protestantes.

O mesmo se aplica aos países católicos, que também não eram iguais, mas todos refletiam a mesma ética da Igreja medieval (aquela mesma que vimos no capítulo anterior que era contra todos os princípios básicos do capitalismo). Uma vez que a influência religiosa era tão forte, as pessoas tinham a tendência de aceitar como verdade o que era pregado nos púlpitos, fosse para o bem ou para o mal. E o impacto disso ia além da esfera religiosa, pois tanto a ética católica como a protestante abraçam mais do que apenas dogmas doutrinários.

Como Lindberg diz, "a pessoa medieval não compartimentava a vida em uma esfera sagrada e outra secular"[842]. Não havia separação entre Igreja e Estado. Tudo estava relacionado ao sagrado, e, por sua vez, vinculado à Igreja. Como Lindsay escreve, "o velho sistema eclesiástico descia até aos próprios alicerces da vida cotidiana, e tudo apertava nas suas garras"[843]. Onde quer que as pessoas caminhassem, trabalhassem

[842] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 77.
[843] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 216.

e se reunissem para saber das notícias e ouvir os boatos, havia lembretes religiosos acerca de sua origem e de seu destino no céu ou no inferno[844].

A Igreja moldava as estruturas ideológicas e os comportamentos sociais[845], e sua influência se estendia a tal ponto que os indivíduos nem mesmo contavam os dias do ano da forma que fazemos hoje, mas pelo «calendário religioso», como escreve Mousnier:

> Todos os atos quotidianos acham-se saturados de religião. Os tribunais não retomam seus trabalhos no dia 13 de novembro, mas "no dia seguinte à festa de São Martinho". Os dias de trabalho mais curtos não ocorriam no dia 9 de outubro, para os trabalhadores dos mestres, mas "no dia de São Remy". As corporações, além do domingo, guardam 60 dias santos. A jornada de trabalho é reduzida nos sábados e nas vésperas das festas, para a preparação religiosa das cerimônias dos dias seguintes. As universidades realizam os exames numa igreja, ao som dos órgãos, entre uma missa e uma ação de graças. Os livros científicos trazem o exórdio: "Para prazer e em louvor do Deus Criador...". Os testamentos são concebidos "em nome da Santa Trindade, una e indivisa...". Os pincheis de cidra em cima das mesas levam a inscrição: "Pensa na morte, pobre tolo". O fervor religioso parece aumentar no fim do século XV e princípio do XVI. Grande número de igrejas novas, capelas laterais e oratórios isolados surgem então. Em toda a parte vendem-se estampas religiosas e

[844] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 77.
[845] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 243.

> imagens de madeira gravada. Imprimem-se, também, numerosos missais, breviários, livros de horas, orações, milagres da Virgem, dos santos, palavras memoráveis de Jesus, alegrias de Nossa Senhora.[846]

Herman também discorre:

> Durante a Idade Média, a Igreja é onipresente. A sua influência estende-se a todos os setores da atividade humana e a todos os momentos da vida do homem. Detentora dos meios e formas de ensino, domina o pensamento individual. Para além disso, é rica e poderosa: além do dízimo, recebe ofertas e legados; o alto clero possui bens consideráveis. A sua estrutura é a de uma monarquia absoluta fortemente organizada.[847]

Não à toa, Le Goff diz que "a Igreja era o grande poder em todos os domínios da Idade Média"[848], e Luz crava que "a Igreja detinha todo o poder, quer político quer eclesiástico e se constituía na detentora de todas as relações políticas, comerciais e senhoriais daqueles tempos"[849]. Numa sociedade em que a Igreja domina tudo, apartar-se dela significava a exclusão da própria sociedade. Por isso a excomunhão, tão em desuso hoje em dia, era usada na época como uma arma, inclusive política, de controle e dominação. Sobre isso, Geremek comenta:

---

[846] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 81-82.
[847] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 91.
[848] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 14.
[849] LUZ, Liliane Pinheiro da. *Inquisição: Poder e Política em Terras Lusitanas (1536-1540).* Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001, p. 77-78.

> A excomunhão – pelo menos, em teoria, porque, na prática, os seus efeitos dependiam da posição social da pessoa e eram, em proporção, facilmente reversíveis – determinava o isolamento da pessoa, excluindo-a das relações comunitárias mundanas (era, inclusivamente, proibido ter contatos de qualquer tipo com os familiares do excomungado) e privando-a da esperança de salvação eterna.[850]

Nichols também escreve:

> A Igreja infligia punição aos que não se submetiam à sua disciplina. Havia penalidades menores, como suspensão dos privilégios eclesiásticos e multas. Para as grandes faltas, a penalidade era a excomunhão, isto é, expulsão da Igreja com privações dos seus ministérios. Para o povo daquela época, isto constituía uma punição aterradora. Os fiéis da Igreja eram impedidos de manter qualquer aproximação com a pessoa excomungada, e desde que, praticamente, todos estavam na Igreja, o contato com o excomungado era evitado por todo mundo. Em alguns países o excomungado perdia os direitos legais e era considerado fora-da-lei. A excomunhão, portanto, representava virtualmente a expulsão da sociedade humana. E desde que faltar aos sacramentos da Igreja e morrer fora da sua comunhão importava na perda da salvação, alguém nesta situação era considerado como condenado ao castigo eterno. O medo da excomunhão concedia, à Igreja, terrível poder para tratar com os

[850] GEREMEK, Bronislaw. *O Marginal.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 235.

> homens em todas as suas atividades. Até mesmo grandes reis e imperadores tremiam ante essa arma terrível.[851]

A "onipresença" da Igreja era perceptível nos eventos mais banais do cotidiano até os mais importantes, como conta J. M. Roberts:

> Sua influência ainda dominava todos os níveis da sociedade, controlando, moldando e estabelecendo em rotinas e padrões conhecidos os fatos da vida de cada um, vigiando a todos, do berço até o túmulo. A religião era tão entranhada na vida cotidiana que a separação parecia quase impensável. Na maioria das aldeias e das pequenas cidades, por exemplo, não havia outro prédio público além da igreja; e não é de surpreender que as pessoas se encontrassem ali para tratar dos assuntos da comunidade e se divertir nas "cervejadas da igreja" e nos dias festivos (quando até mesmo as danças eram realizadas no seu interior).[852]

> Quase toda a sua vida se definia pela religião. A Igreja era para a maioria dos homens e mulheres o único registro e o único autenticador dos grandes momentos das suas existências – casamento, nascimento, batismo dos filhos, morte. Muitas pessoas se dedicavam inteiramente à Igreja; havia proporcionalmente muito mais religiosos, tanto homens como mulheres, do que nos dias de hoje, mas alguns procuraram se retirar para um claustro devido a um

[851] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 105.
[852] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 461-462.

> cotidiano hostil, e o que deixaram do lado de fora não era um mundo secular como o nosso.[853]

Saulo de Melo lembra que a Igreja, na prática, constituía um "Estado à parte do Estado", pois todas as pessoas estavam sujeitas à lei eclesiástica da mesma forma deviam obediência à lei civil:

> O domínio da Igreja Católica cresceu tanto que ela mantinha um verdadeiro controle sobre a vida humana, mediante leis aplicadas por seus próprios tribunais, muito além de um simples sistema disciplinar. Na Idade Média, todas as pessoas estavam tanto debaixo da lei civil quanto da lei canônica ou eclesiástica dos países onde habitavam. A Igreja era um grande governo internacional e, como todo governo, possuía leis que consistiam nas decisões dos papas e dos concílios. Tinha seus próprios tribunais: o dos bispos, o dos arcebispos e o do papa. Muitos casos da vida civil, como os testamentos, não eram tratados pela legislação civil, mas pelos tribunais eclesiásticos. Todas as questões, nas quais alguém do clero estivesse envolvido, eram remetidas aos tribunais eclesiásticos, de sorte que o clero não era subordinado às leis dos países onde estavam domiciliados. Diante disso, pode-se constatar o enfraquecimento do poder temporal do Estado e o fortalecimento do poder espiritual do clero. A hegemonia do poder eclesiástico cresceu de tal maneira que passou a ter autoridade para colocar reis em seus tronos e também removê-los.[854]

[853] ibid, p. 396-397.
[854] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011, p. 88-89.

Em outras palavras, o clero era imune à lei civil, mas ninguém era imune às leis da Igreja. A supremacia jurídica da Igreja sobre o Estado ia tão longe que "até mesmo nas cortes judiciais civis, apelava-se para o papa"[855]. O matrimônio era um dos maiores exemplos de uma competência na qual a lei da Igreja se sobrepunha ao Estado. Não existia algo como um "casamento civil". O casamento era de competência exclusiva da Igreja, e por essa razão o casamento de não-católicos era considerado ilegal, assim como o divórcio:

> A discussão sobre a competência exclusiva da Igreja para julgar as causas matrimoniais se materializou por ocasião do Concílio de Trento. Dentre outros motivos, o principal foi combater a posição dos reformadores que declaradamente não admitiam tal competência. Durante toda a Idade Média, a Igreja julgou as causas matrimoniais, com exclusão do poder civil, sem que ninguém, de modo geral, contestasse-lhe esse direito. Em Portugal, até o século XIX, toda a causa matrimonial, propriamente dita, quer de nulidade, quer de separação de pessoas, e até mesmo as causas relativas aos efeitos temporais conexas com as primeiras, eram da competência exclusiva do foro eclesiástico. No Brasil, a hegemonia católica nas questões de direito de família foi quebrada somente após a proclamação da república, quando o Estado atrai para si a prerrogativa de cuidar das questões matrimoniais ao instituir o casamento civil como única forma válida.[856]

[855] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 1000-101.
[856] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011, p. 89.

Isso afetava não apenas o matrimônio dos não-católicos, mas também a honra dos filhos decorrentes desse matrimônio, que eram considerados "ilegítimos" e por isso não tinham direito à herança:

> As questões entre marido e mulher, entre pais e filhos, e as que diziam respeito a heranças e testamentos, estavam na alçada dos tribunais eclesiásticos, e nunca eram submetidos às instâncias ordinárias do reino. A Igreja é que decidia se um casamento era ou não era legal, se este ou aquele grau era proibido, se este ou aquele filho era legítimo, etc. Estas questões levantavam sempre consigo uma outra, a da propriedade, pois só os filhos legítimos podiam herdar os bens de seus pais. Só era lícito o casamento que fosse feito dentro dos graus autorizados, e efetuado à face da Igreja por um sacerdote ordenado. E isto porque, em conformidade com as ideias da Igreja medieval, o matrimônio era um sacramento.
>
> E assim protestante algum podia estar legalmente casado, porque a legalidade de um matrimônio só podia provir de um sacramento que não podia ser administrado a rebeldes, por constituir um ato de desobediência à autoridade da Igreja. E a lei da Igreja era a lei da nação; pois que antes da Reforma a Igreja tinha o direito de resolver todos estes casos. A não ser que as leis fossem alteradas, filho algum de protestantes, casados por pastores protestantes, podia herdar de seus pais, pois que, segundo a lei da Igreja medieval, os pais não tinham contraído um casamento legal. E, portanto, não andavam somente envolvidas nisto as questões que diziam respeito à

> propriedade; afetava-se também a honra pessoal, e a dignidade das esposas e dos filhos.[857]

A influência desmensurada da Igreja na sociedade também era visível na quantidade de igrejas e padres, incomparavelmente maior que nos dias de hoje. A cidade de Colônia tinha apenas 40 mil habitantes, mas possuía 22 conventos, 11 igrejas em conventos, 19 igrejas paroquianas e 100 capelas[858]. Dos 6 mil habitantes de Zurique, nada a menos que 200 eram sacerdotes (um para cada trinta)[859]. Erfurt era conhecida como a «pequena Roma», por haver nela incríveis doze ordens monásticas diferentes, para uma população de dez mil habitantes[860].

Isso talvez ajude a explicar a pobreza medieval, já que toda essa multidão de clérigos não trabalhava e nem pagava impostos. Nem a economia escapava ao predomínio da Igreja, como vimos no capítulo anterior. Os principais edifícios da Idade Média não eram construídos para fins comerciais ou administrativos, mas religiosos[861]. Tudo estava orientado do modo como a Igreja queria que estivesse, o que explica a falta de liberdade econômica em virtualmente toda a Europa católica:

> Pudemos observar que a economia no período medieval estava, de certa forma, amarrada a pressupostos de sacralização, ou seja, tudo o que deveria ser realizado era amparado pela Igreja, e sem ela não

[857] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 216.
[858] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 22.
[859] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 208.
[860] FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 24.
[861] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 110.

> poderia haver qualquer prática. A regulamentação era baseada na condição e na aprovação do clero. Nesse período, segundo a história nos mostra, tal sistema econômico não tinha qualquer liberdade. Aliás, essa falta de liberdade estava condicionada diretamente às práticas realizadas pela própria Igreja medieval. Assim, o clero era a autoridade máxima, e por conseguinte, o modelo econômico estava ligado a esse tipo de autoridade.[862]

Frente a toda essa influência esmagadora da Igreja no mundo medieval, Duché questiona: "Senhora da vida pública, soberana na vida privada, que falta, pois, para que esta sociedade medieval seja uma teocracia?"[863].

Hoje podemos ser tentados a pensar que essa presença massiva da Igreja na cultura é uma coisa boa. Porém, tudo o que ganha muito poder e se torna "onipresente" na sociedade tem a tendência de se tornar totalitário, e era justamente este o retrato da Igreja medieval. Hoje não vemos mais os espetáculos de gente queimada até a morte em praça pública por discordar de uma doutrina, nem famílias de "infiéis" tendo a cabeça decepada, nem genocídios por motivações religiosas como o da Noite de São Bartolomeu e tantos outros que conferimos no volume anterior, porque a influência e o poder da Igreja diminuiu muito desde então.

É assim também que surgem as ditaduras: quando um poder demasiado é acumulado nas mãos de uma pessoa só, a consequência só pode ser o totalitarismo.

---

[862] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 73.

[863] DUCHÉ, Jean. *Historia de la Humanidad II – El Fuego de Dios.* Madrid: Ediciones Guadarrama, 1964, p. 476.

Curiosamente, era exatamente nisso que a Igreja da época consistia: além de ser extremamente influente culturalmente, dominava também politicamente, seja diretamente (governando os Estados Pontifícios) ou indiretamente (exigindo a submissão temporal dos reis, que na prática eram fantoches do papa). Tudo o que vimos nos leva à conclusão de que "seria inviável, na Europa medieval, governar em litígio com o Vaticano"[864], o que se torna ainda mais patente quando observamos os conflitos entre reis e papas, com prevalência dos que vestiam batina.

• A influência da Igreja na política

A influência do papado na política não se deu desde sempre e nem de uma hora pra outra. No princípio, os pontífices romanos eram vistos apenas como mestres espirituais, cuja jurisdição se limitava ao próprio território romano[865]. O anseio por um poder cada vez maior o levou a reivindicar essa jurisdição sobre todo o Ocidente e posteriormente sobre o mundo inteiro, terminando por provocar o Cisma do Oriente (1054 d.C).

A Igreja do Oriente, que viria a tomar o nome de "Igreja Ortodoxa", preferiu romper os laços com Roma para resguardar sua autonomia, continuamente ameaçada diante de pretensões cada vez maiores e mais prepotentes dos pontífices romanos[866]. Valentin atesta que o bispo de Roma "no começo era só um bispo como

[864] LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 35.
[865] Os próprios teólogos e historiadores católicos mais conceituados reconhecem que não havia primado papal nos primeiros séculos, como você pode conferir em: <http://www.lucasbanzoli.com/2019/03/imperdivel-historiadores-e-teologos.html>.
[866] Sobre o Cisma do Oriente, confira: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2015/11/como-igreja-de-roma-rachou-igreja-de.html>.

os outros e dentro em pouco gozou dum imenso prestígio como senhor da comunidade da velha capital do mundo"[867].

O cânon 6 de Niceia (325 d.C), por exemplo, dizia que «o bispo de Alexandria terá jurisdição sobre o Egito, Líbia e Pentápolis; assim como o bispo romano sobre o que está sujeito a Roma. Assim, também, o bispo de Antioquia e os outros, sobre o que está sob sua jurisdição». Ou seja, o governo da igreja de Roma se limitava à própria Roma, não ao mundo inteiro. Roma tinha apenas uma jurisdição local, assim como as outras igrejas, não uma jurisdição universal, como o papado pretendeu mais tarde.

Essa pretensão começou sutilmente, a princípio dentro do próprio Ocidente. Enquanto no Oriente a variedade de «sedes apostólicas» evitava que um dos bispos se impusesse como o "chefe" da Igreja, "no Ocidente, ao contrário, havia uma só sede apostólica, Roma, e a ausência de poder político central facilitou a seus bispos adquirir cada vez mais força"[868]. Importa ressaltar que nem mesmo no Ocidente o bispo de Roma conseguiu impor uma supremacia sem enfrentar oposição, precisando para isso apelar à hegemonia política e militar de Roma:

> Se não tivesse sido pelo apoio político e militar dos poderes militares, o bispo romano nunca teria podido declarar suas pretensões, nem no Ocidente. O bispo Hilário de Arlés lutou vigorosamente por manter este princípio, mas o papa Leão o humilhou mediante poder político.

[867] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo I*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 262.
[868] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 95.

> O mesmo sucedeu com o bispo Hinemaro de Reims em sua luta com o papa Nicolau no século nono.[869]

Uma vez consolidada sua primazia no Ocidente, Roma não descansa. Sem perder tempo, volta o seu olhar para além dos confins do Ocidente, onde tenta impor seu governo sobre toda a Igreja oriental, a qual sempre reconheceu o bispo romano como um «primeiro entre iguais» (*primus inter pares*) – ou seja, um primado de honra, não de governo. Se a história bíblica nos fala de um anjo que se julgou maior do que os outros e caiu devido a seu orgulho e altivez, a história cristã é ainda mais clara sobre um bispo que trilhou o mesmo caminho:

> O orgulho romano dos quirites ensoberbeceu o bispo: quem dominava em Roma, parecia-lhe, devia dominar também no mundo todo. O papa incipiente já era o metropolitano da Baixa e Alta Itália, do sul da França; a Igreja toda devia ser a sua Igreja; uma Igreja romana, isto é, uma Igreja universal e imperial; sua cabeça reclamava a suprema autoridade jurídica, não reconhecia nenhuma jurisdição estrangeira sobre ele.[870]

Valentin ainda acrescenta:

> O papa, como senhor absoluto, impunha sua autoridade sobre todas as coisas, a vida e a salvação eterna e podia exercer uma influência decisiva sobre os destinos humanos, o prestígio, a felicidade conjugal,

[869] BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 99.
[870] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo I*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 263.

> o sucesso e até sobre as consciências; os bispos, abades, padres até ao último capelão dentro dos limites de suas circunscrições não só exigiam o respeito natural, como a obediência incondicional.[871]

Uma vez estabelecida por completo a primazia sobre os bispos do Ocidente e incapaz de subjugar o Oriente após o grande cisma, este «monstruoso império teocrata romano»[872] decidiu olhar ainda mais alto, elevando suas ambições a um patamar até então desconhecido. Agora, o alvo era o poder dos próprios reis. Os papas saíam definitivamente da condição de "líderes espirituais" e se tornavam monarcas absolutistas com exército e súditos, disputando o poder temporal com os outros reis e cobiçando a soberania alheia.

E para isso eles não precisavam destronar rei algum: bastava se colocar acima deles e exigir submissão incondicional, tornando-se, na prática, um «rei dos reis» (como se o próprio papado em si já não fosse usurpação o bastante). A tese da supremacia papal sobre os reis foi invocada desde o século X e basicamente reivindicava o governo temporal sobre os monarcas em seus próprios territórios, em um exemplo incomparável de cobiça movida por um desejo inesgotável de poder. O historiador medievalista Christopher Brooke escreve:

> O Anônimo (mais conhecido como o Anônimo de York) escrevia que "o rei reina com Cristo", refletindo a comum doutrina do século X e princípios do XI de que o rei era vicário de Cristo, que era *rex et sacerdos,* que, ainda que não pudesse administrar os sacramentos,

[871] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo II.* 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 60.
[872] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo I*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 307.

> governava sobre a Igreja e também sobre seu reino temporal, e que estava investido de toda autoridade. Quando o Anônimo escrevia, esta doutrina estava coberta por neblinas, e seus escritos são uma mescla fascinante da nova lógica de finais do século X e uma visão da monarquia com um profundo conservadorismo. Os tempos estavam mudando; os papas haviam abolido o uso do crisma na coroação imperial, haviam negado a autoridade dos reis sobre os sacerdotes, e pouco tempo passaria para que os mesmos papas se chamassem vigários de Cristo, interpretando isto como que, em definitivo, toda autoridade terrena passava através deles, e não mais dos reis.[873]

O exemplo mais antigo de um papa tentando invocar esse poder sobre os reis – em linguagem popular, *se metendo onde não foi chamado* – é o de Gregório VII (1073-1085), que não disfarçava suas intenções totalitárias. O documento mais conhecido que este papa nos deixou foi um memorando intitulado *Dictatus Papae,* onde defende abertamente uma *ditadura do papa*. Le Goff explica que este memorando de 1075 d.C consiste em 27 proposições e axiomas que «definem os princípios da teocracia pontifícia»[874], entre eles:

> III. Só ele [o papa] pode absolver ou depor aos bispos.
>
> VI. Com respeito aos que foram excomungados por ele, não se pode entre outras coisas habitar sob o mesmo teto.

[873] BROOKE, Christopher. *Europa en el centro de la Edad Media (962-1154).* Madrid: Aguilar, 1973, p. 148-149.
[874] LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 82.

XII. Lhe está permitido depor aos imperadores.

XVI. Nenhum sínodo geral pode ser convocado sem sua ordem.

XVII. Nenhum texto nem nenhum livro pode tomar um valor canônico à margem de sua autoridade.

XVIII. Sua sentença não deve ser reformada por ninguém e só ele pode reformar a sentença de todos os demais.

XIX. Não pode ser julgado por ninguém.

XXII. A Igreja Romana não erra e não errará jamais, isto está de acordo com as Sagradas Escrituras.

XXIII. O pontífice romano, canonicamente ordenado, se faz duplamente santo, graças aos méritos do bem-aventurado Pedro.

XXVI. Quem não está com a Igreja Romana, não deve ser considerado católico.

XXVII. O Pontífice pode absolver os súditos do juramento de fidelidade a iníquos.[875]

[875] ibid, p. 82-83.

Fazendo jus ao memorando, Gregório VII se esforçou em agir como o verdadeiro ditador declarado que era:

> Herdeiro do antigo poder absoluto romano, profeta espiritual e temporal, [Gregório VII] exercia uma soberania ao mesmo tempo ocidental e ecumênica. O papa, foi ele o primeiro que o quis e conseguiu, seria o rei dos reis e imperador dos imperadores; assim como todo o sacerdote deve ter primazia sobre o rei e o duque e o papa sobre todos os poderes terrestres. Se São Pedro é o senhor do mundo terreno e os apóstolos dispõem do céu e da eternidade com tanto mais certeza disporão das coisas deste mundo, dos seus bens e de tudo o que diz respeito à vida secular.[876]

Ballesteros comenta:

> Seus planos visavam impor a supremacia papal sobre os reis da terra. Como chefe supremo da Igreja era no mundo o representante de Deus, e não só a Igreja tinha que lhe estar submetida, mas também lhe estava incumbido dirigir e governar aos príncipes seculares, aos quais podia depor caso necessário. Os reis e o imperador eram, então, meros assessores da Igreja para o governo temporal. Gregório VII enviou legados a todos os países para comunicar e impor suas decisões. (...) Um concílio reunido em Roma, em fevereiro de 1075, sistematizou todos os planos do pontífice, proibindo taxativamente a

[876] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo I*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 306-307.

> admissão de dignidades das mãos laicas e excomungando a toda pessoa secular que outorgasse investiduras.[877]

Wells corrobora que este papa "instituiu a supremacia da Igreja sobre reis e príncipes, pela centralização do poder da Igreja Romana"[878]. Tornell observa com precisão que "o grande propósito de sua vida e ao que consagrou todo o seu ímpeto foi emancipar o poder eclesiástico de toda tutela temporal, como necessária premissa para chegar a seu objetivo final, que era instaurar uma teocracia na qual o papa seria o chefe supremo governante do mundo, tanto no temporal quanto no religioso"[879]. Roberts também que diz que Gregório pretendia que "os reis fossem removidos quando o papa os julgasse inadequados ou indignos"[880].

A este respeito, González comenta:

> Gregório VII reivindicou para ele próprio e para o papado poderes que até então não se conhecia. De acordo com ele, o Estado havia sido instituído apenas a fim de controlar o pecado humano. Visto que a Igreja é eterna, e seu motivo é a salvação final dos que creem, sua autoridade está acima da do Estado. Portanto, o papa, a cabeça da Igreja, tinha o direito e autoridade não somente de estabelecer bispos, mas até de despojar do ofício príncipes e imperadores.[881]

[877] BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967, p. 413-414.
[878] WELLS, H. G. *História Universal.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. v. 4, p. 148.
[879] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 578.
[880] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 373.
[881] GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 177.

Como era de se esperar, nem todos os reis aceitaram se prestar ao glorioso papel de fantoche do papa. Henrique IV (1084-1105), um dos imperadores mais poderosos da época, que reinava sobre todo o Sacro Império Romano-Germânico, reagiu à «ditadura do papa» depondo o papa, ocasionando um conflito de poder cujos resultados ressoariam nos séculos seguintes. Tão longe iam as pretensões do papa que até os bispos alemães ficaram contra ele nesta ocasião, convocando o Sínodo de Worms para se opor abertamente às pretensões papais. Os bispos declararam em conjunto:

> Siegfried, arcebispo de Mogúncia, Udo de Tréveris, Guilherme de Utrecht, Hermano de Metz... ao irmão Hildebrando [Gregório VII]. Embora, quando começaste a tomar o controle da Igreja, já nos fosse claro quão ilegal e ímpia era a coisa que desejavas, fazendo o que era contrário ao direito e à justiça com tua bem conhecida arrogância, julgamos conveniente colocar um véu de indulgente silêncio sobre os maus inícios da tua entronizacão, esperando que esse princípio iníquo seria emendado e cancelado pela integridade e diligência do resto de teu reinado. Mas agora, como bem o proclama a lamentável condição de toda a Igreja, és consistente e pertinazmente fiel a teu mau início, na iniquidade crescente de tuas ações e decretos... a chama da discórdia que suscitaste com o auxílio de ruinosas facções na Igreja de Roma, tu a espalhaste com insensato furor por todas as igrejas da Itália, da Alemanha, da Gália e da Espanha...
>
> Por conseguinte... decidimos de comum acordo fazer chegar a ti coisas sobre as quais até agora guardamos silêncio, isto é, que nem

agora nem em tempo algum podes presidir à Sé Apostólica. No tempo do imperador Henrique, de abençoada memória, tu te ligaste por um juramento pessoal de que nunca no decorrer da vida do imperador e de seu filho, nosso glorioso rei presentemente reinante, aceitarias o papado, ou, enquanto estivesse em teu poder, não consentirias que outro o aceitasse, sem o consentimento e a aprovação do pai, enquanto estivesse vivo, ou do filho, enquanto vivesse. Existem hoje em dia muitos bispos que testemunharam esse juramento, que o viram com seus olhos e ouviram com seus ouvidos. Lembra-te também que, quando a ambição do papado moveu a muitos dos cardeais, para afastar toda rivalidade, nessa ocasião, te ligaste por um juramento de nunca aceitares o papado sob a condição de eles fazerem o mesmo.

Vê quão fielmente guardaste os juramentos! Além disto, quando se celebrou um sínodo no tempo do papa Nicolau... ao qual assistiram 125 bispos, foi estabelecido e decretado sob pena de anátema que ninguém jamais seria feito papa senão pela eleição dos cardeais, a aprovação do povo e o consentimento e a autorização do rei. E dessa decisão e decreto tu mesmo foste o autor, o fiador e o signatário. Igualmente encheste toda a Igreja com o mau odor de um grave escândalo, vivendo mais intimamente do que é necessário com uma mulher que não é tua parenta.

Trata-se mais de um assunto de conveniência do que de moralidade; não obstante, a queixa geral em toda parte é de que na Sé Apostólica todos os julgamentos e todos os decretos são obra de uma mulher e

> que toda a Igreja é governada por esta nova espécie de senado constituído de uma só mulher. (...) Por conseguinte, daqui em diante recusamos, agora e para o futuro, qualquer obediência a ti – a qual na realidade nunca te prometemos. E como tu mesmo publicamente proclamaste que nenhum de nós é bispo para ti, assim de agora em diante não és mais papa para nenhum de nós.[882]

Mesmo com a repreensão solene dos bispos de sua própria Igreja, Gregório prosseguiu firme em seu propósito de sujeitar todos ao seu domínio. Um mês depois, a resposta veio. Em vez de se retratar ou de refutar as sérias acusações, ele responde ao sínodo depondo o imperador:

> Apoiando-me, portanto, nessa fé, para a honra e defesa da Igreja e em nome do Deus onipotente, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, pelo teu poder e autoridade, retiro do rei Henrique, filho do imperador Henrique, o governo de todo o reino dos germanos e da Itália. Porque ele se levantou contra a tua Igreja com orgulho e arrogância. Liberto todos os cristãos do vínculo do juramento que fizeram, ou fizerem, em favor dele. Proíbo a qualquer pessoa lhe sirva como rei, pois é justo que quem tende a diminuir a honra da tua Igreja perca até mesmo a honra que parece ter[883]. (...) Proíbo ao rei Henrique, o qual, por insensato orgulho, se lançou contra a Igreja, governar o reino da

[882] Carta do Sínodo de Worms a Gregório VII, janeiro de 1076. *Bernheim, Quellen zur Geschiehte des Investiturstreits*, 1907, I. 68. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 144-146.
[883] Deposição de Henrique IV por Gregório VII, fevereiro de 1076. Mirbt, n.° 147. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 146-147.

> Alemanha e da Itália. E desligo a todos os cristãos do juramento que os unia a ele, e proíbo a todo o mundo que o reconheça como rei.[884]

Henrique IV respondeu à deposição do papa da melhor maneira: depondo o papa também. Após esse fogo cruzado de deposições, o papa escreveu uma nova carta onde reforça a supremacia da Igreja sobre o Estado, exigindo a obediência deste. Todos os tipos de documentos falsos são usados como argumento, incluindo a fantasiosa "Doação de Constantino" (sobre a qual falaremos mais adiante). Para o papa Gregório, os reis deviam se dobrar ao papado até em assuntos temporais competentes a eles. Ele literalmente se via como um imperador acima dos imperadores, um «rei dos reis» e «senhor dos senhores», se apropriando de todos os títulos que na Bíblia são dados somente a Cristo.

Antes de ler, leve em conta que a excomunhão nessa época significava, como vimos, a *exclusão da sociedade,* e não um simples afastamento da Igreja, como nos dias de hoje em que a Igreja não manda em nada. Por isso todos temiam ser excomungados, e por isso a excomunhão de um rei implicava em sua deposição do trono. Mais do que isso: implicava que qualquer um poderia assassiná-lo impunemente, o que na prática era um convite aberto ao homicídio. Não impressiona que o cardeal Roberto Belarmino (1542-1621), posteriormente canonizado pela Igreja, tenha atacado como herética a tese de Matias Tortus, que dizia ser "ímpia e herética a doutrina e asserção de que os príncipes excomungados

[884] GREGÓRIO VII apud DUCHÉ, Jean. *Historia de la Humanidad II – El Fuego de Dios*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1964, p. 365.

ou privados de seus Estados pelo papa possam ser depostos ou mortos por seus súditos, ou por qualquer pessoa que seja"[885].

Ou seja, quando um rei era excomungado, isso representava muito mais do que a exclusão no rol de membros da igreja. Ele também era excluído do trono, e, em última instância, da própria existência. Uma vez excomungado, podia ser morto pelas mãos de qualquer um do povo, e quem fizesse isso estaria livre da acusação de assassinato ou traição (como Pio V tentou fazer com Isabel). Tendo em mente o que realmente significava a excomunhão na época, vejamos o que escreve o papa:

> Bispo Gregório, servo dos servos de Deus, a seu amado irmão em Cristo, bispo Hermano de Metz, saudação e bênção apostólica. (...) Pedes ser socorrido por nossos escritos e fortificado contra a loucura daqueles que falam com a língua ímpia de que a autoridade da santa e apostólica Sé não tinha poder de excomungar a Henrique – homem que despreza a lei cristã; destruidor das igrejas e do império, defensor e companheiro de hereges – ou de absolver alguém do juramento de fidelidade para com ele; mas isso nos parece pouco necessário, pois tantas e tão absolutamente decisivas são as garantias que se encontram nas páginas da Sagrada Escritura. Na verdade, não acreditamos que aqueles que (amontoando sobre si a condenação) imprudentemente negam a verdade e a contradizem tenham acrescentado tais afirmações à audácia de sua defesa o tenham feito mais por ignorância do que por certa loucura...

[885] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 22, p. 162.

Quem pode sequer duvidar que os sacerdotes de Cristo devem ser considerados como pais e mestres de reis e príncipes e de todos os fiéis? Não se trata simplesmente de deplorável loucura para um filho tentar sujeitar a si seu pai, o discípulo a seu mestre; ou que alguém tente submeter a seu poder o ligar com vínculos iníquos aquele de quem sabe poder ligá-lo e desligá-lo, não só na terra mas também no céu? Isto compreendeu plenamente Constantino, o Grande, senhor de todos os reis e príncipes de quase todo o mundo – assim corno no-lo rememora o bem-aventurado Gregório numa carta ao imperador Maurício – quando sentado em último lugar, depois de todos os bispos no santo Concílio de Nicéia, não teve a presunção de proferir sobre eles uma sentença de julgamento, mas se lhes dirigiu como a deuses e decretou que eles não estariam sujeitos a seu tribunal, mas que ele dependeria da vontade deles...

Muitos pontífices excomungaram reis ou imperadores. De fato, se pedem exemplos particulares de tais príncipes, o bem-aventurado papa Inocêncio excomungou o imperador Arcádio por consentir que S. João Crisóstomo fosse expulso de sua Sé; da mesma forma outro pontífice romano, Zacarias, depôs um rei dos francos, não tanto por suas iniquidades, mas porque não era apto para exercer tão grande poder, e em seu lugar colocou a Pepino, pai do imperador Carlos, o Grande, desligando todos os francos do juramento de fidelidade que lhe tinham feito. Assim, portanto, a Santa Igreja frequentemente o faz mediante sua autoridade quando absolve súditos dos vínculos de um juramento feito a bispos que, por sentença apostólica, são depostos de sua ordem pontifical. E o bem-aventurado Ambrósio que, embora

santo, não era bispo sobre toda a Igreja, excomungou e excluiu da Igreja o imperador Teodósio, o Grande, por uma falta que por outros sacerdotes não era considerada muito grave, mostra também em seus escritos que o valor pelo qual o ouro é superior ao estanho não é tanto quanto a dignidade sacerdotal transcende o poder real...

Além disto, todo rei cristão quando chega a morte busca como mísero suplicante o auxílio de um sacerdote a fim de poder escapar da prisão do inferno, passar das trevas para a luz, e no tribunal de Deus apresentar-se absolvido da condenação de seus pecados. Quem nessa hora derradeira – que leigo, para não falar de sacerdotes – implorou o auxílio de um rei terreno para a salvação de sua alma e que rei ou imperador é capaz, em razão do ofício que tem, de resgatar um cristão do poder do demônio pelo santo batismo para contá-lo entre os filhos de Deus e fortificá-lo com a divina unção? Quem dentre eles pode por suas próprias palavras produzir o corpo e o sangue de Nosso Senhor – o ato máximo da religião cristã! Ou quem dentre eles possui o poder de ligar nos céus e na terra? De todas essas considerações fica claro quanto o ofício sacerdotal sobressai em poder. Quem dentre eles pode ordenar um só clérigo na Santa Igreja e muito menos depô-lo por qualquer falta? Pois nas ordenações da Igreja é necessário um poder maior para depor do que para ordenar.

Bispos podem ordenar outros bispos, mas de nenhum modo podem depô-los sem a autorização da Sé apostólica. Quem, portanto, que tenha pelo menos uma mediana compreensão, pode hesitar em dar aos sacerdotes a precedência sobre os reis? Pois, se os reis devem ser

julgados pelos sacerdotes em razão de seus pecados, por quem podem ser julgados com melhor direito do que pelo pontífice romano? (...) Com efeito, que imperador ou rei projetou-se mediante milagres como S. Martinho, Sto. Antão e S. Bento, para não mencionar os apóstolos e os mártires? Que imperador ou rei ressuscitou mortos, purificou leprosos ou curou cegos? Veja-se como a Igreja louva e venera o imperador Constantino de abençoada memória, Teodósio e Honório, Carlos e Luís como amantes da justiça, promotores da fé cristã, defensores das igrejas; contudo, não declara que resplandeceram com tais gloriosos milagres.

De resto, a quantos reis e imperadores a Igreja ordenou que fossem dedicadas capelas ou altares, ou que missas fossem celebradas em sua honra? Que os reis e os outros governantes temam, pois quanto mais se alegrarem por estarem colocados sobre os outros homens nesta vida, tanto mais sujeitos estarão ao fogo eterno, pois deles está escrito: "Os poderosos sofrerão tormentos poderosamente" [Sb 6.6] (...) Sempre se associem aos homens bons; que não pretendam sujeitar a si mesmos ou a subjugar a Santa Igreja de Deus como uma criada, mas que, acima de tudo, busquem, reconhecendo aqueles que são mestres e pais, render honra aos olhos da Igreja – os sacerdotes de Deus. Com efeito, se somos obrigados a honrar nosso pai e nossa mãe segundo a carne, quanto mais a nossos pais espirituais! E se aquele que amaldiçoou seu pai ou sua mãe segundo a carne deve ser

> punido com a morte, o que merecerá aquele que amaldiçoa seu pai ou sua mãe espiritual?[886]

Com seu reinado ameaçado, Henrique foi forçado a ir se penitenciar perante o papa em Canossa (1077), descalço em plena neve. Para humilhá-lo ainda mais, o papa o deixou nessas condições por três dias, até conceder o perdão[887]. Este é apenas um exemplo do quão poderoso e influente era o papado naquela época. Como Wells destaca, "além de incitar cruzadas, Roma podia impor impostos, forçar imperadores arrogantes a se ajoelharem em penitência na neve e enviar inquisidores para aterrorizar os habitantes locais"[888].

A "batalha" entre papas e reis continuou após Gregório e Henrique, com a maioria destes cedendo à pressão e aceitando o governo de uma entidade supranacional, o papado, ao qual não podiam oferecer resistência:

> O dramático debate em torno da investidura, que foi causa da famosa peregrinação a Canossa do imperador germânico Henrique IV em 1077, em busca da absolvição do grande papa Gregório VII, foi decidido pela Concordata de Worms, em 1122, que constituiu, fundamentalmente, uma vitória do papado. A este correspondia a investidura eclesiástica dos bispos por sua autoridade religiosa, e a investidura secular dos mesmos, por sua autoridade temporal, na qualidade de vassalos feudais. Mas a batalha pelo controle continuou,

[886] Carta de Gregório VII ao bispo de Metz, 1081. 40 ss. Mirbt, n. 297. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 147-153.
[887] WELLS, H. G. *História Universal.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. v. 4, p. 149.
[888] WHITE, Matthew. *O Grande Livro das Coisas Horríveis: a Crônica Definitiva da História das 100 Piores Atrocidades*. São Paulo: Texto Editores, 2012.

> e gradualmente se converteu em uma contenda pela supremacia mundial no campo político. Parecia que o papado havia conseguido o triunfo com Inocêncio III (1198-1216). Se escutou sua voz nos conselhos reais, e o rei João Lackland lhe cedeu a Inglaterra, submetendo seu reino à vassalagem do papa.[889]

A grande arma da Igreja não era ter muitos soldados (embora ela tivesse um exército, o dos Estados Pontifícios), mas o pretenso "direito" de quebrar o juramento de fidelidade que unia um povo ao seu rei, o que supostamente tornaria o rei ilegítimo.

Muitos reis temiam perder a legitimidade aos olhos do povo – um povo fervorosamente católico, não se esqueça – e por isso faziam todas as concessões possíveis para se manter de acordo com as reivindicações de Roma, mesmo quando isso implicava em se rebaixar diante da mitra papal e abrir mão de sua própria soberania temporal. Para o papado, portanto, essa era uma arma poderosa que lhe conferiu vantagem sobre os reis durante todo o período de dominação da Igreja sobre o Estado.

A teoria de que os papas têm o direito de desligar os súditos do juramento de fidelidade ao seu rei era amparada, adivinhe, em Tomás de Aquino, que escreveu:

> A infidelidade dos que a receberam pode ser punida por uma sentença. Assim, os chefes são convenientemente punidos, sendo

[889] Comité editorial del curso de evolución de la civilización contemporánea de la facultad de economia. *Evolución de la civilización contemporânea – Capítulo III: La herencia medieval: Economia, sociedade, política.* Monterrey: Universidad de Nuevo León, 1963, p. 181.

> proibidos de continuar a governar súditos fiéis. Pois, tal governo poderia causar grande detrimento à fé, porque, como se disse, o homem apóstata com depravado coração maquina o mal e semeia distúrbios, visando separar os homens da fé. Por onde, logo que, por sentença, alguém é declarado excomungado, por apostasia da fé, por isso mesmo os seus súditos são-lhe desligados do governo e do juramento de fidelidade, que a ele os ligava.[890]

Este terrível e ameaçador recurso de efeito moral foi amplamente usado pelos papas do século XI em diante, para os quais "a *auctoritas* dos pontífices sobrepuja a *potestas* dos reis, como o ouro sobrepuja o chumbo"[891]. Um século após Gregório VII, um novo papa surgiria reforçando e até mesmo extrapolando os limites do absolutismo papal: Inocêncio III (1198-1216). O reinado deste papa foi cheio de aventuras, como nos conta Jonathan Phillips:

> Seu pontificado esteve acompanhado de cruzadas contra os muçulmanos na Espanha e na Terra Santa, contra os hereges, os católicos renegados, os cristãos ortodoxos, assim como contra os pagãos do Báltico. Permitiu a fundação das Ordens dos freis franciscanos e dominicanos, excomungou a reis e príncipes, revitalizou a administração da corte papal e conseguiu que a autoridade de Roma se estendesse ainda mais ao longo da Europa católica.[892]

[890] AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica.* "Secunda Secundae". Questão 12, Art. 2.
[891] FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 176.
[892] PHILLIPS, Jonathan. *La cuarta cruzadas y el saco de Constantinopla.* Barcelona: CRÍTICA, S. L., 2005, p. 37.

Este papa tinha ambições ainda mais megalomaníacas que as de Gregório VII, como descreve Valentin:

> O papado, assim se expressou ele, está colocado entre Deus e a humanidade como o governo de Cristo; exerce por isto o verdadeiro principado sobre toda a terra, tem o direito de admoestar todos os cristãos e por isto o direito de arbitragem e o de exercê-lo em todas as disputas profanas e perante todos os governos terrenos. O papa é ao mesmo tempo o bispo máximo e o imperador sobre a terra. Era a velha doutrina do imperador e Sumo Pontífice.[893]

Lins concorda que Inocêncio III reivindicava para si "todos os reinos da terra, em virtude de direito divino"[894]. Entre as frases mais icônicas (e soberbas) deste papa, destaca-se a de que o papa está «entre Deus e o ser humano; debaixo do primeiro e acima do segundo»[895], que «é menos que Deus, e mais do que o homem»[896], e que «julga a todos, mas não é julgado por ninguém»[897].

Foi este papa que substituiu o título de "vigário de Pedro" (usado pelos papas até então) por "vigário de Cristo" (vigário significa literalmente «aquele que substitui outro»)[898]. Os papas dessa época já não mais se contentavam em se colocar "apenas" no lugar de Pedro: tinham que usurpar a posição de Cristo.

---

[893] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo II.* 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 42-43.
[894] LINS, Ivan. *A Idade Média: A Cavalaria e as Cruzadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1944, p. 393.
[895] INOCÊNCIO III apud FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011, p. 35.
[896] ibid.
[897] ibid.
[898] GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 214.

Como o papa ocupava o lugar de Cristo na terra, podia reivindicar autoridade sobre todos os reis e príncipes, uma vez que a Cristo pertencem todas as coisas no céu e na terra e o papa era o seu "substituto". Essa era a mesma lógica usada para exigir a submissão dos nativos indígenas do Novo Mundo ao papado, como conferimos no volume anterior.

Por isso, em seu decreto *Sicut universitatis conditor* (1198), Inocêncio reivindicou a subordinação do Estado à Igreja, argumentando que "da mesma forma como Deus estabeleceu luminares 'maiores' e 'menores' no céu para governar o dia e a noite, também ordenou que o poder do papa excedesse o de qualquer monarca"[899]. E da mesma forma que a lua retira sua luz do sol e é inferior a ele em tamanho e qualidade, "também o poder real deriva sua dignidade da autoridade pontifícia"[900].

Para Inocêncio, o papa foi estabelecido para «reinar sobre povos e reinos», recebendo «a autoridade pela qual Samuel ungiu Davi»[901], podendo ele «com razão depor um príncipe e dar seu título a outro»[902]. Assim escreve ele:

> O Criador do universo colocou dois grandes luminares no firmamento do céu; o luminar maior para governar o dia, e o menor para governar a noite. Da mesma forma para o firmamento da Igreja universal, da qual se fala como sendo o céu, Ele apontou duas grandes dignidades: a maior para exercer o governo sobre as almas (sendo estas na realidade, dias), a menor para exercer governo sobre os corpos (sendo

[899] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 24.
[900] ibid, p. 25.
[901] GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 214.
[902] ibid.

> estes na realidade, noites). Essas dignidades são a autoridade pontifícia e o poder real. Além disto, a lua tira a sua luz do sol, e é na realidade inferior ao sol, tanto em tamanho e qualidade, como em posição e efeito. Da mesma forma o poder real tira sua dignidade da autoridade pontifícia, e quanto mais estreitamente se aproxima da esfera dessa autoridade, tanto menor é a luz de que ela mesma está adornada, e quanto mais dela se afasta, tanto mais aumenta seu próprio esplendor.[903]

Assim como Gregório, Inocêncio também encontrou resistência a esse projeto ambicioso, que colocava os reis debaixo dos seus pés. Dessa vez, quem teve a audácia de se opor foi João, da Inglaterra (1199-1216), contra quem o papa convocou uma cruzada conduzida pelo rei da França. Tratava-se de outra arma poderosa do papado: ele nem precisava mover seus exércitos contra o rei insubmisso, bastava convocar os exércitos de outro rei (que caso se recusasse, seria alvo das mesmas sanções). Assim Cantù descreve os fatos que se sucederam:

> Tendo morrido Huberto (1205), os religiosos mais jovens apressaram-se em lhe elegerem um sucessor, sem se importarem com a vontade do rei, enquanto que os velhos dóceis às mínimas recomendações nomeavam outro pela sua parte. Daí nasceu um conflito. O papa anulou as duas nomeações, reconhecendo todavia o direito dos frades, e proibindo-lhes de fazerem caso das recomendações do rei. (...) [João] expulsou os frades da ilha e jurou que, se o pontífice pronunciasse contra ele o interdito, confiscaria todos os bens do clero

[903] INOCÊNCIO III. *Sicut universitatis conditor. Ep.* I. 401, outubro de 1198. *P. L.* CCXIV 377. Mirbt, n. 326. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 156.

> e cortaria o nariz e as orelhas a todos os romanos que encontrasse na Inglaterra. Nada podia, porém, atemorizar Inocêncio III, quando se tratava do que ele julgava seu dever. (...) O papa e os príncipes estavam então envolvidos na guerra dos albigenses; porém, assim que a sorte das armas se voltou contra a heresia, Inocêncio pronunciou a queda de João (1212), publicou contra ele a cruzada e encarregou Filipe Augusto, para quem transferiu o reino, de executar a sentença. O rei da França armou uma esquadra considerável, e pela sua parte João fez um recrutamento de sessenta mil homens; em breve, porém, reconheceu quão pouco numerosos eram os em que se podia fiar. Humilhando, pois, o seu orgulho ante a influência do perigo, assinou a obrigação de obedecer em tudo ao papa, de reconhecer o arcebispo de Cantuária e de pagar ao papa mil libras esterlinas cada ano, fazendo-lhe homenagem da Inglaterra e da Irlanda, patrimônio de S. Pedro, com a promessa de fazer reviver as leis de Eduardo.[904]

Durante esse imbróglio, assim escreveu o papa em defesa do seu direito de escolher e depor os reis ao seu bel-prazer:

> Mas os príncipes deveriam reconhecer, e seguramente reconhecem, que o direito e a autoridade de examinar a pessoa assim eleita (e que deve ser elevada ao império) pertence a nós [os papas], que os tingimos, consagramos e coroamos. É uma regra geralmente aceita que o exame de uma pessoa pertence àquele que tem o dever de impor as mãos. De fato, supondo que os príncipes elejam um homem

[904] CANTÙ, Cesare. *História Universal.* São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 16, p. 84-86.

> sacrílego e excomungado, um tirano ou um imbecil, um herege ou um pagão, e isto não por maioria mas por unanimidade, neste caso, estaremos obrigados a ungir, consagrar e coroar tal pessoa? Certamente que não. (...) Por que, se depois de tal aviso os príncipes não podem ou não querem concordar, a Sé Apostólica estará sem advogado ou defensor, e assim ser punida por falta daqueles?[905]

Uma vez que João não era capaz de fazer frente às legiões do papa, tudo o que lhe restou foi se humilhar como Henrique da Alemanha fizera perante Gregório. Em 1213, ele é forçado a entregar seus reinos ao papa, em um ato no qual reconhece o pontífice romano como seu suserano e se sujeita a pagar taxas extras à Igreja (como se os impostos eclesiásticos então vigentes já não fossem extorsão o bastante):

> Oferecemos e livremente entregamos a Deus e a seus santos apóstolos Pedro e Paulo e à Santa Igreja Romana, nossa mãe, e a nosso senhor o papa Inocêncio e seus sucessores católicos, todo o reino da Inglaterra e todo o reino da Irlanda, com todos os seus direitos e pertences, para a remissão de nossos pecados e dos de toda a nossa raça, tanto vivos corno mortos; e, de agora em diante, recebendo-os de volta e administrando-os como um dependente feudal, de Deus e da Igreja Romana, na presença do sábio homem Pandulfo, subdiácono e um prelado doméstico do Senhor papa, juramos por eles fidelidade ao supradito Senhor papa Inocêncio e a seus sucessores católicos e à Igreja Romana, segundo a forma transcrita abaixo, e prestamos homenagem ao mesmo Senhor papa

[905] INOCÊNCIO III. Decretal *Venerabilem,* março de 1202. *Corpus Iuris Canoni,* (Friedberg), II. 80. Mirbt, 323. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 156-157.

> em sua presença se nos for possível apresentar-nos a ele; ligando nossos sucessores e herdeiros através de nossa mulher para sempre, a fim de que da mesma forma prestem fidelidade e reconhecimento sem contradição à Igreja Romana.
>
> Além disto, como prova desta nossa perpétua obrigação e concessão, queremos e estabelecemos que das rendas próprias e especiais de nossos supraditos reinos, por todos os serviços e taxas que deveríamos pagar por nós mesmos, excetuado em todos os casos o óbolo do bem-aventurado Pedro, a Igreja Romana receba 1.000 marcos esterlinos cada ano, a saber 500 marcos na festa da páscoa e 500 marcos na festa de S. Miguel; 700 marcos peio reino da Inglaterra e 300 pelo reino da Irlanda, reservando para nós e nossos herdeiros os nossos direitos, liberdades e dignidades reais. Tudo isto, como dissemos, queremos que seja ratificado e confirmado, ligando perpetuamente a nós, e nossos sucessores que não o contravenham. E se nós, ou qualquer de nossos sucessores, presumirmos tentar isto, seja quem for, se não reconsiderar seu ato depois da devida admoestação, que perca o direito ao reino, para que esta carta de obrigação e de concessão permaneça para sempre.[906]

Em breve surgiria outro papa, Inocêncio IV (1243-1254), com a mesma sede insaciável de poder, enfrentando o imperador Frederico II do Sacro Império e o destituindo da condição de rei no Concílio de Lyon (1245)[907]. Graças a isso,

[906] Entrega do reino ao papa por João, 1213. *Stubbs,* S. C. 279. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 214-215.
[907] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 354.

Frederico foi «combatido por quase todos na Alemanha e na Itália» até morrer, cinco anos depois[908]. Le Goff afirma que após todos esses conflitos entre imperadores e papas pela supremacia temporal, "o papado pareceu, por fim, sair vitorioso"[909].

O papado só sofreu sua primeira derrota com Bonifácio VIII (1294-1303), que também viveu altas emoções. Bonifácio era mais um daqueles papas megalomaníacos que queriam o mundo inteiro aos seus pés, ou seja, um papa comum da Idade Média. Não era surpresa a ninguém que "seu propósito era ser o governo supremo da Europa, tanto temporal como espiritual, isto é, queria ser imperador e papa"[910]. Durante as festas do jubileu do ano 1300, ele foi visto por milhares de peregrinos sentado em um trono com a coroa e a espada de Constantino, enquanto exclamava: «Sou o César; sou o Imperador»[911].

Ocorre que dessa vez o adversário era o rei Filipe o Belo (1285-1314) da França, dono do mais poderoso reino da Europa, e talvez por isso não se deixaria intimidar tão fácil. Filipe teve a audácia de cobrar impostos do clero parasitário tal como era cobrado de qualquer cidadão comum, deixando o papa furioso. Bonifácio protestou contra esse atrevimento, e após vários conflitos promulgou a famosa bula *Unam Sanctam* (1302), onde lembra ao rei francês o quão superior o papa é, mesmo em se tratando de política de Estado.

[908] LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval.* Lisboa: Editorial Estampa, 1983. v. 1, p. 132.
[909] ibid.
[910] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 133.
[911] ibid.

Para Bonifácio, o verdadeiro soberano da França era o papa, não o rei francês, que não passava de um vassalo que lhe devia sujeição e obediência. A disputa, que a princípio dizia respeito ao direito do rei de cobrar impostos do clero, logo tomou um caráter mais amplo: "Era a Igreja ou a nação que devia governar o território nacional?"[912]. Bonifácio defende a primeira opção através de sofisticados arrazoados que deixariam Tomás de Aquino orgulhoso. Leia com atenção e repare cuidadosamente nos textos bíblicos usados pelo papa na tentativa de fundamentar sua tese:

> Pelas palavras evangélicas nos é ensinado que nesta sua potestade há duas espadas: uma espiritual e outra temporal. Pois, ao dizer aos apóstolos: "Eis aqui duas espadas" (Lc 22:38), não respondeu o Senhor que eram demasiadas, senão suficientes. Certamente, quem nega que a espada temporal está na potestade de Pedro, interpreta mal as palavras de Deus quando diz: "Guarda tua espada" (Mt 26:52). Logo, ambas as espadas estão na potestade da Igreja, isto é, a espada espiritual e a material: esta para ser exercida em favor da Igreja, e aquela pela Igreja; aquela pelo sacerdote, esta pela mão dos reis e guerreiros, mas com o conhecimento e tolerância do sacerdote. Mas uma espada deve estar sob a outra, e a autoridade temporal deve submeter-se à potestade espiritual, pois como diz o apóstolo: "Toda potestade vem de Deus, e o que vem de Deus está ordenado" (Rm 13:1). Não estariam ordenadas se uma espada não estivesse sob a outra, e, como inferior, fosse desembainhada por aquela para mais

[912] ibid.

> altos fins, já que, segundo São Dionísio, a lei da divindade é levar o ínfimo, através do meio, até o supremo...
>
> Logo, se erra a potestade terrena, será julgada pela potestade espiritual; e se erra a potestade espiritual menor, será julgada pela potestade espiritual superior. Mas se erra a potestade espiritual suprema, só poderá ser julgada por Deus, e não pelo homem, como atesta o apóstolo: "O homem espiritual julga tudo, mas ele não é julgado por ninguém" (1Co 2:15). (...) Em consequência declaramos, dizemos e definimos que é absolutamente necessário, para a salvação de toda criatura humana, que se submeta ao pontífice romano.[913]

Difícil saber o que é mais cômico: a pretensão de se colocar acima dos imperadores e reis em matéria política, ou os textos bíblicos bisonhamente tirados do contexto e interpretados da forma mais bizarra possível. O texto onde Pedro diz que os discípulos tinham duas espadas (espadas literais, usadas para a autodefesa) é interpretado alegoricamente, como uma alusão ao governo espiritual e temporal dos papas.

E o texto em que Jesus repreende Pedro por ter usado a espada para cortar a orelha do servo do sumo sacerdote é interpretado de forma ainda mais patética. O «guarda a tua espada» é entendido no sentido de que a "espada temporal" pertence a Pedro (afinal, ele a guardou!), e como o papa é o sucessor de Pedro, então pertence ao papa!

[913] BONIFÁCIO VIII. *Unam Sanctam.* Citado em: Comité editorial del curso de evolución de la civilización contemporánea de la facultad de economia. *Evolución de la civilización contemporânea – Capítulo III: La herencia medieval: Economia, sociedade, política.* Monterrey: Universidad de Nuevo León, 1963, p. 184.

Nos dias de hoje, é difícil até mesmo um católico olhar para interpretações como essas sem rir, mas naquela época malabarismos hilários como esses já bastavam para fornecer a base "teológica" necessária (quando se tem uma fogueira, fica tudo mais fácil). É irônico que os papas se dissessem "vigários" justamente daquele mesmo que disse que "meu Reino **não** é deste mundo" (Jo 18:36) e que sempre recusou um governo temporal (ao contrário, aceitou ser humilhado e maltratado pelas autoridades civis sem oferecer resistência). O Reino de Cristo podia não ser deste mundo, mas o dos seus "substitutos" era, e era muito.

Por isso Bonifácio interpreta o «homem espiritual» de 1ª Coríntios 2:15 como uma referência ao papa(!), uma interpretação tão surreal que merece uma apreciação à parte. Vejamos o texto de Paulo em seu devido contexto:

"O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus. Pois, quem dentre os homens conhece as coisas do homem, a não ser o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, ninguém conhece as coisas de Deus, a não ser o Espírito de Deus. Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente. Delas também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais. Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente. Mas quem é espiritual discerne todas as coisas, e ele mesmo por ninguém é discernido; pois 'quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?'. Nós, porém, temos a mente de Cristo" (1ª Coríntios 2:10-16)

Quem, em sã consciência, diante de todo o contexto, interpretaria o «homem espiritual» do verso 15 como uma referência particular aos papas, e ainda concluiria que eles estão acima da crítica? Nem mesmo o teólogo católico mais devoto seria capaz de uma interpretação dessas nos dias de hoje, mas era esse o nível de argumentação do papa Bonifácio, no alto de sua infalibilidade (repito: quando se tem uma fogueira, não é preciso muitos argumentos). E o pior: usava isso como pretexto para usurpar a autoridade do rei da França, o mais poderoso de toda a Europa. Seria cômico se não fosse trágico!

Bonifácio não perdeu tempo e decidiu usar todo esse poder autoconferido para excomungar e depor o rei francês (sujeito a todas aquelas consequências que já falamos)[914]. Em resposta, Filipe manda prendê-lo, e nem as "duas espadas" do papa puderam impedir isso[915]. Dessa vez, porém, o papa ficou isolado. Não encontrou sequer um soberano europeu que se colocasse em seu favor e comprasse a briga contra o rei da França, como os papas anteriores haviam conseguido.

O papa ficou três dias preso, levou uma bela surra e faleceu um mês depois. Como comenta Nichols, "o poder que governara o mundo foi publicamente envergonhado e ninguém sequer levantou a mão para defendê-lo. E o que lhe deu o golpe foi a nova força política do nacionalismo. As nações estavam unidas e fortalecidas pelo sentimento nacionalista"[916].

[914] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 133.
[915] BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004, p. 113.
[916] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 133.

Bonifácio havia sido derrotado, mas poucos anos mais tarde o papado pediria a revanche. Desta vez, a disputa era entre o pontífice Bento XII (1334-1342) e o imperador germânico Luís IV (1328-1347). Quando o papa intimou o imperador a renunciar a seus direitos e a seu título, os príncipes alemães reagiram com a lei *Licet Juris* (1338), que assim dizia:

> Ainda que os caracteres das duas classes de lei (civil e canônica) mostram evidentemente que a dignidade e poder imperiais procedem desde antigamente diretamente do Filho de Deus, e que Deus deu em forma ostensiva as leis ao gênero humano por conduto do imperador e os reis do mundo; e ainda que o imperador é promovido como verdadeiro imperador pela única eleição daqueles a quem concerne esta missão, e não necessita da confirmação ou aprovação de ninguém mais, já que não tem superior na terra, no que respeita às coisas temporais, senão que, pelo contrário, a ele estão submetidos os povos e nações, e nosso Senhor Jesus Cristo mesmo ordenou dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César; há alguns que, não obstante isso, arrastados pela cegueira da avareza do reto sentir para cair em certos enganos iníquos e perversos, e, proferindo detestáveis afirmações, arremetem contra o poder e autoridade imperiais, e contra as prerrogativas dos imperadores, eleitores e outros príncipes e súditos leais do império, assegurando falsamente que a dignidade e o poder imperiais procedem do papa, e que aquele que é eleito imperador não é verdadeiro imperador ou rei, a menos que haja sido previamente confirmado e coroado pelo papa ou pelo legado apostólico; e posto que, apoiando-se em tais

> afirmações malvadas e dogmas pestilentos, o antigo inimigo promove discórdias, excita disputas, prepara dissensões e acarreta sedições, para evitar estes males, por conselho e consentimento dos eleitores e de outros príncipes do império, declaramos que a dignidade e poder imperiais vem direta e unicamente de Deus, e que, pelo direito e costume antigos e aprovados do império, depois que alguém é eleito imperador ou rei pelos eleitores do império, unanimemente ou pela maioria deles, pela única consequência desta eleição, deverá aquele ser considerado e titulado verdadeiro imperador dos romanos, e deverá ser obedecido por todos os súditos do império.
>
> E terá poder pleno para administrar as leis do império, e para fazer tudo o que incube a um verdadeiro imperador; e não necessita a aprovação, confirmação, autorização ou consentimento do legado apostólico, nem de ninguém mais. E, em consequência, declaramos por esta lei, promulgada com validez permanente, que aquele que é eleito imperador por unanimidade ou maioria dos eleitores, deverá ser, como consequência unicamente da eleição, considerado e olhado por todos como o verdadeiro e legítimo imperador; e deverá ser obedecido por todos os súditos do império, e possuirá a administração e jurisdição e todos deverão reconhecer e confessar firmemente que lhe pertencem e as detém.[917]

[917] Comité editorial del curso de evolución de la civilización contemporánea de la facultad de economia. *Evolución de la civilización contemporânea – Capítulo III: La herencia medieval: Economia, sociedade, política.* Monterrey: Universidad de Nuevo León, 1963, p. 186-187.

A *Licet Juris* é mais um testemunho de como a ambição dos papas ultrapassava qualquer limite, e de como os reis e príncipes não foram completamente impassíveis a isso. Isso também explica a rápida adesão de muitos príncipes alemães à Reforma, na época de Lutero. Já há muito tempo a Igreja Romana não apenas extorquia o Sacro Império, mas também usurpava os poderes imperiais ao se julgar acima do imperador, por tê-lo coroado rei. Como destaca o historiador espanhol José Pijoán,

> os papas se sentiam onipotentes, e com direito sobre os reis, como está plenamente confirmado pela linguagem empregada em suas bulas e excomunhões. Paulo II destituiu o rei da Hungria e pôs em seu lugar Matias Corvino; Júlio II excomungou o rei de Navarra, João d'Albret, e sua esposa Catarina, e Fernando o Católico, que estava preparado, levou a cabo o ato de despossuí-los de suas terras. Outro exemplo, o mais eloquente, da segurança que tinha o papa de ser o juiz do mundo, é a divisão que fez Alexandre VI das terras ultramar entre castelhanos e portugueses.[918]

Os papas coroavam e destituíam reis, incitavam revoltas populares contra o seu soberano e convocavam cruzadas contra os que se recusassem a se dobrar perante eles. Eles só conseguiam ser tão poderosos assim porque contavam com o forte elemento da religiosidade popular. Entre apoiar um rei mortal ou o representante de Deus na terra, o povo não hesitava em ficar ao lado do segundo (mesmo porque só ele poderia condená-los a um inferno de tormento eterno com demônios de rabo grande e tridente).

[918] PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro*. Barcelona: Salvat Editores, 1933, p. 100.

Já vimos que a máxima de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, era a de que "devemos sempre estar dispostos a crer que o que o branco que eu vejo é negro, se a hierarquia da Igreja o tiver determinado"[919]. Se este era o pensamento que predominava entre os jesuítas, tidos como os católicos mais instruídos da época, imagine o nível de credulidade do povo comum.

Deixarei para o terceiro volume o capítulo referente às "relíquias sagradas" que existiam aos montões e eram veneradas em toda parte, como o leite das mamas da virgem Maria e as (várias) cabeças de João Batista, que exemplificam com louvor a credulidade popular. Essa credulidade, que ia muito além da mera ingenuidade, permitia que a Igreja abusasse deles como quisesse e ampliasse o seu poder sem que os reis pudessem fazer muita coisa para impedir isso.

Mesmo entre os reis havia muitos verdadeiros católicos romanos tão fanáticos, fervorosos e crédulos quanto o povo comum, dispostos a pegar em armas contra os "infiéis" e a abrir mão de suas prerrogativas para cumprir os decretos papais em obediência. Mas haviam exceções, é claro. Um deles nós já vimos no volume anterior, o qual, tal como Filipe o Belo, se opôs de peito aberto ao papado: o rei inglês Henrique VIII. Como vimos, ele não tinha nada de "reformador" e por isso mesmo manteve todas as doutrinas católicas, mas colocou-se a si mesmo como soberano do Estado e da Igreja da Inglaterra em lugar do papa.

Na época, o papa Paulo III convocou uma cruzada contra ele, mas também não encontrou quem estivesse disposto a levar a cabo um empreendimento tão

[919] LOYOLA, Inácio de. *Exercícios de Santo Inácio de Loiola.* Petrópolis: Vozes, 1959, p. 333.

inconsequente (em parte porque os reis mais importantes estavam ocupados em outras guerras, e em parte porque desde o final da Idade Média o papado estava caindo em descrédito). Por essa razão há dúvidas se a bula chegou a ser promulgada, mas seu conteúdo deixava claro o parecer do papa com relação àqueles que ousavam contrariar seus interesses:

> §7. Mas se o rei Henrique e os outros citados acima não se apresentarem dentro dos prazos especificados para cada um deles, e se eles levarem com espírito endurecido a dita sentença de excomunhão por três dias (o que Deus impeça) depois de passados os ditos prazos, impomos a eles penas sucessivamente mais pesadas. Proclamamos que o rei Henrique incorreu no castigo da privação de seu reino e que ele para sempre foi afastado de todos os fiéis cristãos e seus bens. E se no meio tempo ele partir desta vida decretamos e declaramos, com a autoridade e a plenitude do poder antes expostas, que ele deve ser privado do sepultamento eclesiástico, e nós o fulminamos com a espada do anátema, da maldição e da eterna condenação.
>
> §9. E que os filhos do rei Henrique, seus cúmplices, fautores, etc, participem do castigo, como é justo neste caso. Decretamos e declaramos que todos os filhos do rei Henrique, que ele teve pela dita Ana, e os filhos que teve de todas as outras mencionadas, nascidos ou por nascer, e o restante de seus descendentes, até o grau em que as penalidades da ira se estendem em casos desse gênero (sem nenhuma exceção e sem consideração de minoridade ou sexo,

> ignorância ou qualquer outra escusa), sejam privados de todas as dignidades e honras, quaisquer que sejam, em que estejam colocados.
>
> §10. E a todos os súditos do mesmo rei Henrique absolvemos e completamente libertamos de seu juramento de fidelidade, de sua lealdade e de qualquer espécie de sujeição ao rei e às outras pessoas acima mencionadas. Ordenamos-lhes, além disto, que, sob pena de excomunhão, total e inteiramente subtraiam-se da obediência ao dito rei Henrique, seus oficiais, juízes e magistrados e que não os considerem como superiores nem que obedeçam às suas ordens.[920]

Também vimos no volume anterior que a mesma coisa foi feita anos mais tarde por Pio XII contra a rainha Isabel, através de uma bula na qual a excomunga, a destitui e declara seu reino «como alvo para as cruzadas da fé»[921]. Desta vez os espanhóis se encarregaram de invadir o país, mas a "Armada Invencível" não fez muito jus ao nome.

O papado via a si mesmo como um poder supranacional com o direito legal de intervir na política de qualquer país quando e como bem entendesse, partindo da premissa de que era superior a qualquer rei, mesmo em questões de Estado que não deveriam ser da alçada de um líder religioso. Por isso, em seu *De consideratione*

[920] Condenação de Henrique pelo papa, 1535. Bula de Paulo III, *Eius qui immobilis*, datada de 30 de agosto de 1535. *B. R.* VI. 195ss; Mirbt, 42. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 273-274..

[921] OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *História do Cristianismo em Esboço.* Recife: STBNB Edições, 1998, p. 195.

(1149-1152), o santo católico Bernardo de Claraval concede ao papa Eugênio III os dois poderes: o temporal e o espiritual, com a supremacia em ambos os terrenos[922].

Le Goff afirma que "na tradição carolíngia, a função imperial e real fica reduzida a um papel policial a serviço da Igreja, como sendo seu braço secular"[923]. A expressão «braço secular» é muito usada pelos canonistas da época, especialmente pela Santa Inquisição, que obrigava o «braço secular» (isto é, as autoridades civis) a queimar os "hereges" por ela condenados. O Estado não era entendido como um ente à parte (como no Estado laico), mas como um *servo* da Igreja a serviço dela, a qual poderia dispor dele como e quando bem entendesse. Da mesma forma que um ser humano usa o braço para executar tarefas convenientes no dia a dia (tais como comer, beber, gesticular e escrever), a Igreja dispunha do seu "braço" (o Estado) para executar (às vezes literalmente) o que ela desejasse.

Como González afirma, "Bernardo tomou a metáfora das espadas e alegou que ambas as espadas pertencem à Igreja, embora ela use uma diretamente e a outra por meio do governo leigo"[924]. Prinsterer corrobora que "a doutrina das duas espadas foi interpretada como se a espada espiritual fosse a usada pela Igreja e a espada temporal pelos soldados e governantes que dominavam como representantes da Igreja, por seu mandato e permissão"[925]. São Bernardo escreveu sobre o papel do Estado como um simples "capacho" da Igreja nas seguintes

[922] LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971, p. 86.
[923] ibid.
[924] GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 214.
[925] VAN PRINSTERER, *Guillaume Groen. Ongeloof en revolutie: Eene reeks van historische voorlezingen*. Leiden: S. en J. Luchtmans, 1847, p. 100.

palavras, que foram mais tarde convenientemente tomadas quase ao pé da letra por Bonifácio VIII na *Unam Sanctam:*

> Por que tu deverias uma vez mais desembainhar a espada que te foi dito para colocar na bainha? Entretanto, se alguém nega que esta espada pertence a ti, isto não parece para mim atentar propriamente à palavra do Senhor, que disse assim: *Retome tua espada à bainha*. Assim, ela também é tua, embora ela provavelmente não deva ser desembainhada por tua mão, mas somente por tua indicação. De outro modo, se ela não pertencesse a ti, quando o discípulo disse: *nós temos aqui duas espadas*, o Senhor não teria respondido: *é suficiente*, mas *é muito*. Ambas as espadas, isto é, a espiritual e a material, pertencem à Igreja, e uma é manejada pela Igreja, pela mão do sacerdote, enquanto que a outra é manejada pelo soldado, mas sobre a alusão sutil do sacerdote e comando do rei.[926]

Foi assim que se desenvolveu "a teoria de acordo com a qual o papa possui ambas as espadas diretamente, e ele, portanto, tem a autoridade de depor reis e imperadores"[927]. Mousnier entende que o papa "aspirava à suserania universal, ao direito de libertar seus súditos do juramento de fidelidade, de depor os soberanos, de coroar o imperador e de dirigir os reis"[928]. Já Dickens sustenta que o papa Sisto V (1585-1590) arrogava possuir domínio direto sobre o governo das nações, não meramente um domínio indireto[929].

[926] CLARAVAL, Bernardo de. *De cons.* 4.3.7. Citado em: GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 215.
[927] GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 215.
[928] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 147.
[929] DICKENS, A. G. *A Contra-Reforma.* Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 180.

Duduch elenca entre os fatores que influenciaram a Reforma "o sentimento patriótico que não suportava mais a interferência do papa nos assuntos políticos de cada país"[930], e Lindsay conclui que "a Igreja medieval tinha a tendência de se tornar cada vez mais um reino político, e cada vez menos uma Igreja"[931]. Diferente do que muitos pensam, essa pretensão se manteve por muito tempo, mesmo depois que o papa havia perdido grande parte de seu poder temporal.

Em pleno ano de 1875, os bispos canadenses da arquidiocese de Quebec escreveram uma carta pastoral coletiva onde alegam que "a Igreja não é somente independente da sociedade civil, mas também é superior a esta, tanto por sua extensão, como por seu fim... porque não é a Igreja que se encontra imersa no Estado, mas o Estado na Igreja"[932]. Essa carta pastoral saiu poucos anos após o *Syllabus* de Pio IX, documento que já examinamos no volume anterior, que condena como **erradas** as seguintes proposições:

> Que o pontífice romano e os concílios ecumênicos excederam os limites de seu poder, que usurparam os direitos de príncipes.
>
> Que a Igreja não tem o poder de se prevalecer da força, ou de qualquer poder temporal direto ou indireto.
>
> Que a Igreja deve ser separada do Estado e o Estado da Igreja.[933]

[930] DUDUCH, João. *História da Igreja.* São Paulo: Novas edições líderes evangélicos, 1974, p. 167.
[931] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 209.
[932] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 96.
[933] PIO IX. *Sílabo de Erros*, 1864 (*Acta Sanctae Sedis,* 3), 168 ss. Denzinger, 1701 ss. BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 309-310.

Em outras palavras, o papa ***não*** aceitava que os papas excederam os limites de seu poder, que usurpavam os direitos dos príncipes, que a Igreja não podia prevalecer pela força, que não tinha direito ao poder temporal direto e que a Igreja fosse separada do Estado. O mundo ideal de Pio IX era uma teocracia católica que teria o papa como chefe dessa Igreja/Estado, com o mundo todo aos seus pés, como soberano temporal e espiritual, sacerdote e imperador.

Como diz Biéler, "o chefe da Igreja Católica Romana afirmava ser, então, simultaneamente a autoridade política suprema das nações e a autoridade religiosa universal dos cristãos"[934].

> A única autoridade suprema reconhecida era, com efeito, a que provinha de Deus e este, pretendia-se, exercia-a mediante o único poder religioso então reconhecido no Ocidente, o da Igreja Romana. Ela achava-se, por sua vez, autorizada a delegá-la ao poder político. Essa era a autoridade político-religiosa de direito divino.[935]

> O acúmulo da autoridade religiosa e da autoridade política na mesma pessoa, o Soberano Pontífice, é, no tocante ao Cristianismo, invenção relativamente recente. O imperador César e os sucessores desempenharam ambas as funções. Persistentes disputas ocorreram entre o poder político e o religioso para conseguir acumular esses dois poderes supremos. Mas os imperadores, cristianizados, rejeitaram tal amálgama, reputando-o indigno de sua fé.[936]

[934] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 23-24.
[935] ibid, p. 38.
[936] ibid, p. 23.

Foi assim que tal ambição político-religiosa, que era "totalmente estranha ao espírito dos primeiros cristãos por muitos séculos"[937], foi gradualmente ganhando espaço na Igreja do Ocidente, que tinha por papa/soberano o pontífice romano. Além de se apresentar como o soberano das nações, o papa também exercia um controle direto sobre os assim chamados Estados Pontifícios (ou Estados Papais), sobre os quais exercia o domínio de um soberano, sem a mediação ou intervenção de qualquer outra autoridade[938].

Ou seja, nestes estados o papa era o próprio rei com poderes ilimitados, onde ele podia agir como gostaria que os outros reis fizessem. Eles conseguiram o domínio direto desses territórios em parte devido a doações[939], em parte por falsificações tão escandalosas quanto as "relíquias sagradas". Tudo começou com a famigerada *Doação de Constantino,* uma falsificação meticulosa segundo a qual supostamente o imperador Constantino (306-337) teria doado ao papa Silvestre (314-335) terras e prédios dentro e fora da Itália.

Valentin diz que o suposto documento "conferia ao papa ascendência sobre todos os patriarcas, concedia-lhe inúmeras honrarias e presenteava-o com a posse de toda a Itália e territórios ocidentais"[940], e opina que "essa falsificação mostra a que extremos as ambições de poder do papa poderiam chegar"[941]. Tal documento que ninguém conheceu até o século VIII (ou seja, quatro séculos após Constantino)

[937] ibid.
[938] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 99.
[939] BASTOS, Plínio. *História do Mundo - Da pré-história aos nossos dias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Império, 1983, p. 96.
[940] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo I*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 264-265.
[941] ibid, p. 265.

passou a ser usado pelas autoridades eclesiásticas para reivindicar a autoridade papal sobre todo o domínio anteriormente exercido pelo imperador na Itália.

Essa "doação" era constantemente citada nos debates medievais em defesa do governo direto dos papas, e graças a essa fraude "os papas provocaram cismas constantes e questões através de toda a Cristandade"[942]. Um século após forjarem o documento, os papas já estavam "se dirigindo aos reis e imperadores como se fossem os senhores do mundo, lembrando-lhes que podiam indicá-los e depô-los"[943]. Também recorriam a este documento para fundamentar a doutrina da supremacia papal sobre o imperador bizantino e os patriarcas ortodoxos.

Como Roberts destaca, "era o máximo da pretensão, e difícil de se sustentar na prática"[944]. Somente na década de 1450 a Doação de Constantino foi denunciada pelo escritor humanista Lorenzo Valla, que também desmascarou "muitos outros textos fundamentais, que não passavam de flagrantes falsificações"[945]. Mas aí já era tarde: os papas haviam conseguido consolidar seus territórios na Itália e no resto da Europa, e não estavam dispostos a devolvê-los de mão beijada.

Outra famosa falsificação medieval elaborada com semelhante finalidade foram as *Falsas Decretais,* atribuídas a Isidoro de Sevilha (560-636), mas na verdade produzidas no século IX. Esses falsos decretos assumiam a ideia de que os bispos tinham supremacia sobre os príncipes, e reforçavam a autoridade papal:

[942] DICKENS, A. G. *A Contra-Reforma.* Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 14.
[943] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 364.
[944] ibid.
[945] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 322.

> Introduzidas no nono século, delas fez uso pela primeira vez o ambicioso Nicolau I (858-867) para provar a sua autoridade pontifícia. Destas decretais resultava que o papa tem a supremacia sobre todos os bispos, que os bispos postos sob acusação têm o direito de apelar ao papa, que o papa tem a "plena potestade" sobre a Igreja, que a Igreja de Roma, com base num único privilégio, tem o direito de abrir e fechar as portas do paraíso a quem ela quer. Estas *decretais* foram reconhecidas falsas pela Igreja Católica Romana em 1789 por meio de Pio VI, mas fica o fato que enquanto não foram reconhecidas falsas foram declaradas autênticas e que na Idade Média contribuíram para aumentar a autoridade papal. Portanto, o papado que nós hoje vemos se formou também com a ajuda destes falsos documentos.[946]

Faltar-nos-ia tempo para falar de todas as adulterações nos cânones dos concílios, nos escritos dos Pais da Igreja, nas traduções da Bíblia e nos decretos reais, bastando dizer que os séculos XI e XII foram a «idade de ouro da falsificação»[947]. A própria abadia de Westminster, que futuramente seria o berço da Reforma, era no século XII um grande «centro de falsificações», que se espalhavam por todo o continente europeu[948]. Graças a isso, os Estados Papais se expandiam cada vez mais, bem como a autoridade do papa.

O papa "governava os seus próprios domínios como qualquer outro monarca"[949], e eram eles próprios "governantes seculares, que se veem obrigados a ajustar

[946] GIACINTO, Butindaro. *Falsificações e imposturas perpetradas pela Igreja Católica Romana*. Disponível em: <https://portoghese.lanuovavia.org/portoghese_conf_1_ccr_10_falsificazioni_imposture.htm>. Acesso em: 06/06/2019.
[947] BROOKE, Christopher. *Europa en el centro de la Edad Media (962-1154).* Madrid: Aguilar, 1973, p. 29.
[948] ibid, p. 30-31.
[949] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 348.

responsabilidades mundanas e espirituais, funções regionais e universais"[950]. Os papas da Renascença foram o maior exemplo disso, os quais achavam bem mais interessante cuidar dos seus domínios temporais do que do governo espiritual da Igreja:

> Alexandre VI Bórgia (1492-1503) e Júlio II (1503-1513) haviam sido mais soberanos italianos do que papas. Manifestadamente, o Concílio de Latrão, reunido em 1512 e ao que assistiram uns cem prelados, italianos quase todos, não quis modificar a situação interna da Igreja, tão favorável às grandes famílias italianas que haviam se tornado em verdadeiro feudo seu a Santa Sé e seus imensos recursos, se limitando a suprimir alguns privilégios demasiado escandalosos.[951]

> Desde os fins do século XV, o papa se deixou dominar cada vez mais pela política italiana, enquanto sua condição de soberano dos estados da Igreja se antepunha à de chefe da Cristandade. Alexandre VI Bórgia (1492-1503), Júlio II da Rovere (1503-1512) e Leão X Médicis (1513-1531) foram antes de tudo e sobretudo príncipes romanos.[952]

Nesses estados da Igreja viviam cerca de 2,5 milhões de pessoas, quase todas em condições miseráveis que nem de longe faziam sombra ao antigo prestígio milenar de Roma. Com um governo tão incompetente e inábil, esses estados "vão

[950] DICKENS, A. G. *A Contra-Reforma.* Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 154.
[951] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 59.
[952] ibid, p. 25.

sobrevivendo em uma decadência anárquica"[953]. Os papas se apropriaram das terras mais prósperas da Europa e as transformaram na favela do continente, que não mais podia suscitar a admiração de ninguém, senão a comiseração de todos.

A história dos papas é a história do orgulho. Primeiro usurparam a autoridade dos bispos do Ocidente, depois fizeram o mesmo com os do Oriente; então, com o poder temporal dos reis. Dizendo-se "vigário" (substituto) de Cristo, o papa usurpa o lugar de Cristo; dizendo-se Sumo Pontífice, usurpa o sumo sacerdócio único de Jesus; dizendo-se "católico" (universal), usurpa a legitimidade das outras igrejas e toma como universal aquilo que é particular ("Romana").

Achando-se os donos do mundo, os papas reivindicaram terras e posses em toda a Europa, exigiram a conversão forçada ou escravização de indígenas no Novo Mundo, cobraram o sangue de judeus, perseguiram os protestantes, queimaram as bruxas, torturaram os valdenses, massacraram os albigenses, expulsaram os mouros, saquearam os bizantinos, apoiaram os fascistas e colocaram uma máscara de cordeiro quando perderam o poder político e precisavam limpar sua imagem diante da opinião pública.

Em suma, ao estudarmos a história da Idade Média, percebemos na sociedade a influência massiva, esmagadora e cada vez mais presente de uma instituição: a Igreja Católica Romana. Com seu poder de coroar e depor imperadores e reis, com o monopólio da cultura e da ética e com seu controle direto e indireto sobre estados

[953] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 264.

e indivíduos, a Igreja conseguia exercer uma influência que nenhum outro ente jamais conseguiu.

Isso explica por que os estados católicos eram tão parecidos uns com os outros em matéria econômica, como veremos no capítulo seguinte. Todos eles tinham uma forte tendência estatista, uma notável antipatia ao capitalismo e uma burocracia sem fim, porque todos eles se inspiravam em um modelo falido e fracassado que espelhava a moral religiosa. Por isso os países protestantes, que estavam livres da ética católica e independentes de qualquer interferência de Roma, conseguiram um progresso *sui generis* que rapidamente deixou para trás o mundo medieval e feudal ao qual o papado se agarrou até o último suspiro.

CAP. 4 – A POLÍTICA ECONÔMICA DOS PAÍSES CATÓLICOS

Ao findar a Idade Média, os países mais ricos – ou *menos pobres,* o que é mais adequado – da Europa eram França, Espanha, Portugal e Itália. Os que mais tarde seguiriam a Reforma, tais como Inglaterra, Gales, Escócia, Suécia, Dinamarca, Noruega, Finlândia, Holanda e Suíça constavam entre os mais pobres e fracos do continente. A grosso modo, podemos dizer que os países do norte europeu aderiram à Reforma, e os do sul permaneceram católicos.

Dos países do norte, o que mais se destacava era a Inglaterra, que havia perdido uma guerra centenária contra a França e que, renegada ao patamar de «potência de segunda ordem»[954], ainda não fazia nem sombra ao que se tornaria após a Reforma. Nessa época ela passava longe de ser uma potência econômica ou industrial, e estava ainda mais longe do seu famoso domínio dos mares.

Os demais – sobretudo os países nórdicos, que hoje tem os maiores IDHs do planeta – variavam entre pobres e miseráveis, tão miseráveis que quando aderiram à Reforma suscitaram relativamente pouca resistência por parte da Igreja, que mal se importava com eles (um caso bem diferente da França, que se mergulhou em guerras religiosas por ser um Estado que Roma não aceitava perder ou dividir de modo algum). Dos que aderiram à Reforma, o calvinismo se espalhou pela Suíça,

[954] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 192.

Holanda e Inglaterra, enquanto o luteranismo conquistou o norte da Alemanha e os países nórdicos[955].

Se por um lado o papado havia perdido metade do continente territorialmente falando, por outro lado restou-lhe as principais potências, que estavam claramente à frente em comparação ao resto da Europa e que constituíam dois terços do continente em termos populacionais. A França era o país mais povoado e com o maior exército, a Espanha tinha o maior império colonial do mundo, o império português não ficava por menos e as províncias italianas tinham o maior poder econômico.

Todavia, como vimos no capítulo 2, a Igreja era refratária a transformações, o que se tornou ainda mais problemático na passagem da Idade Média para a Moderna, quando a Europa cada vez mais transitava do feudalismo para o mercantilismo – um passo a mais em direção ao capitalismo. Neste novo cenário, a ética eclesiástica em relação ao dinheiro e ao comércio fazia menos sentido ainda. Suas teses convinham apenas "a um sistema agrário, de indústria reduzida, a uma sociedade de pequenos patrões e camponeses"[956], sendo completamente obsoletas em um mundo moderno.

Mousnier resume a ética da Igreja quando escreve:

[955] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 140.
[956] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 60.

> A propriedade é um mal necessário... trabalhar para aumentar as riquezas é um pecado: o trabalho deve visar apenas a satisfação das necessidades vitais. A produção é necessária e honrosa; o comércio é também necessário, mas é perigoso; os juros do capital são imorais e infames... o empréstimo deve ser efetuado sem juros.[957]

Uma visão tão hostil ao capitalismo não poderia resultar em outra coisa senão atraso, que não demorou a se tornar perceptível a olhos nus. Aqui iremos explorar caso a caso, para entendermos aquilo que estará mais cristalino nas estatísticas do capítulo 6.

• Espanha

O poderio espanhol se explica, antes de tudo, pelo fato da Espanha ter passado por um longo período de dominação muçulmana antes de ser reconquistada pelos católicos. O historiador católico Cesare Cantù diz que "os muçulmanos alcançaram um alto grau de civilização sob governo de reis desejosos de darem ao país esplendor e prosperidade"[958], e, como vimos no primeiro capítulo, na Idade Média o mundo islâmico estava à frente da Europa católica em termos civilizacionais. Essa presença em solo espanhol durou de 711 até 1492 d.C, e trouxe consequências "extremamente importantes em termos econômicos; modernizou a agricultura,

[957] ibid.
[958] CANTÙ, Cesare. *História Universal.* São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 16, p. 480.

fortaleceu o comércio de produtos agrícolas e promoveu um grande avanço na navegação costeira"[959].

Na Espanha muçulmana, os acadêmicos islâmicos e judeus se uniram para dar origem aos florescentes centros de estudo em Genebra e Córdoba, que tornaram a Espanha o centro intelectual da Europa medieval[960]. Mas tanto judeus como muçulmanos seriam expulsos do país pouco após a Reconquista. Com a expulsão, a Espanha se tornou o primeiro Estado «católico puro», o que fez dela «a defensora maior do catolicismo», nas palavras de Earle Cairns[961], e «o pilar do papismo», nas palavras de Jacques Pirenne[962].

"O autoritarismo fez da Espanha a nação guardadora da ordem católica"[963], um símbolo de dogmatismo e obscurantismo. Não à toa, foi ali que a Inquisição fez mais vítimas que em qualquer lugar, e os reis que estiveram à frente disso receberam do papa o honorífico título de «Reis Católicos». A ideia, que de modesta não tinha nada, era conceber um império mundial, que teria à sua cabeça o pontífice romano e o imperador da Espanha:

> A Contrarreforma podia erigir-lhe em líder da ideia católica, e deste modo a aliança das duas magnas potências, a temporal e a espiritual,

[959] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 82.
[960] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 81.
[961] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 311.
[962] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 182.
[963] ibid, p. 254.

> asseguraria o triunfo da Igreja e da Espanha, as quais, apoiando-se mutuamente, exerceriam sobre o mundo uma hegemonia absoluta. A Contrarreforma empreendia a luta afirmando uma ideologia autoritária apoiada pela Inquisição, e o imperialismo do rei afirmaria, no plano político, o mesmo absolutismo autoritário, mas apoiado pelas armas. A justificação seria sua missão católica.[964]

No entanto, o projeto não poderia dar mais errado. Os católicos da Reconquista herdaram uma civilização relativamente desenvolvida para os padrões da época, mas ao reprimir o livre pensamento e por optar pelo modelo econômico mais defasado possível, impuseram à Espanha uma vertiginosa decadência. Os anos passam, mas a Espanha se perde no tempo, restando apenas a memória de suas glórias do passado:

> O menosprezo ao trabalho, o desperdício, a visão pré-capitalista de mundo – tudo isso tornou a Espanha defasada em relação ao resto da Europa. A estagnação e o parasitismo foram sustentados com os metais preciosos do Novo Mundo. O país não se desenvolveu em nenhum setor – agrícola, manufatureiro, comercial, financeiro – e parou na Idade Média, mantendo a estrutura política e burocrática do absolutismo monárquico e condenando-se ao endividamento e à paralisia.[965]

[964] ibid, p. 77.
[965] LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 91.

A expulsão dos judeus rendeu à Espanha "um desastre econômico, paralisando o setor agrícola e manufatureiro"[966] e privando-a do capital[967]. Por outro lado, a expulsão dos muçulmanos (ali chamados de "mouros") "atingia o setor produtivo, privando o país da mão de obra"[968]. Calcula-se que as expulsões privaram a Espanha de nada a menos que 700 mil artesãos, comerciantes e agricultores insubstituíveis[969]. Como resultado dessa política xenófoba de pureza étnica e religiosa, a Espanha livre de não-católicos se isolou em um mar de obscurantismo, "perdeu a vitalidade como potência europeia e acabou no atraso e na estagnação"[970].

A respeito da expulsão dos judeus, o historiador espanhol Pedro Aguado Bleye comenta:

> Não é de se estranhar que em Andaluzia ficassem mais de quatro mil casas vazias, abandonadas pelos judeus que escapavam com suas mulheres e seus filhos. Disseram à rainha que a emigração de gentes tão ativas fazia decair o comércio e diminuía as rendas reais. Mas as súplicas para que a evitasse não a fizeram mudar de propósito.[971]

A razão pela qual os «Reis Católicos» eram tão insensíveis à dor humana de milhares de famílias e tão inflexíveis mesmo diante do clamor das pessoas mais esclarecidas

[966] ibid, p. 106.
[967] ibid.
[968] ibid.
[969] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 201.
[970] LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 106.
[971] BLEYE, Pedro Aguado. *Manual de Historia de España, Tomo II: Reyes católicos – Casa de Austria (1474 – 1700).* 7ª ed. Madrid: ESPASA-CALPE, S. A., 1954, p. 165.

é porque a Espanha havia abraçado a faceta mais autoritária do papado, que exigia medidas drásticas de «limpeza de sangue» como essa[972]. Foi assim que a Espanha se tornou o berço da Contrarreforma, o que ajudou a arruinar o que sobrou do país, como Dickens escreve:

> Nem a alta nobreza nem a nobreza rural tiraram proveitos seculares imediatos da Contrarreforma. Contrariamente ao que sucedera com a Reforma Protestante, esta nada faz para matar aos leigos a fome de novas terras. Nos países protestantes, as classes dirigentes desenvolvem-se com rapidez, juntamente com os parlamentos, que manobram à sua vontade, ao passo que na Espanha as suas dificuldades são tão grandes que muitos aristocratas se veem reduzidos à pobreza ou a servir a coroa no estrangeiro.[973]

A Espanha só não entrou em um quadro imediato de miséria e falência porque ainda tinha uma carta na manga: suas muitas colônias no Novo Mundo, com inesgotáveis jazidas de ouro que ela nem mesmo precisava gastar com mão de obra, pois era tudo trabalhado na base da escravidão massiva de nativos indígenas e de africanos transportados em navios negreiros. Essas riquezas tornariam facilmente a Espanha a mais rica potência do mundo se não fosse por sua administração pífia, seu viés antiliberal e seu fanatismo religioso. Cantù não está errado quando diz que as riquezas transportadas do Novo Mundo em um único

[972] Discorremos sobre a "limpeza de sangue" praticada pela Inquisição espanhola no capítulo 12 do volume anterior.
[973] DICKENS, A. G. *A Contra-Reforma.* Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 199.

ano (1545) "eram tão numerosas que não bastariam dez anos de trabalho, segundo o cálculo que se formou, para as satisfazer"[974].

Não obstante, os reis espanhóis se esforçavam como podiam em esgotar estes recursos o quanto antes, com uma política econômica tão execrável que pareciam estar conspirando contra o próprio país. Para início de conversa, a própria expulsão de judeus e mouros afastou os investidores, pois ninguém em sã consciência cogitaria investir numa indústria se essa indústria corre o risco de ser expropriada pelo Estado. Como Stark destaca, "a invenção e a inovação só são possíveis quando a propriedade está segura, porque os poderes do Estado são restritos"[975].

Sem «a invenção e a inovação», a Espanha se tornou o símbolo-mor do atraso e da decadência, onde absolutismo e obscurantismo andavam de mãos dadas. Ribard diz que "a Espanha era incapaz de participar verdadeiramente da economia da Europa atual, porque ela própria era retardatária. Em toda parte sua presença sufocava a atividade industrial dos estados que ela controlava, enquanto bancarrotas e *déficit* eram o regime permanente de sua tesouraria"[976].

Mesmo após a expulsão de judeus e mouros, a propriedade privada não estava segura, porque a Inquisição se encarregou de perseguir os judeus conversos (ou seja, os que preferiram "se converter" para não ter de deixar o país). A qualquer momento a Inquisição podia confiscar os bens não apenas deles, mas de qualquer

[974] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 19, p. 53.
[975] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 86.
[976] RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 33-34.

um que fosse declarado um "herege". Frequentemente o Santo Ofício condenava à perda de bens aqueles que escapavam do suplício da fogueira[977], o que "contribuiu para a decadência econômica do país"[978].

Com Inquisição e absolutismo, a Espanha não podia ser outra coisa senão o lugar mais impróprio para os negócios, onde nenhum investimento era realmente seguro. Quando um "herege" burguês tinha seus bens confiscados, todos que estavam de alguma forma ligados a ele sofriam prejuízo – seus sócios, que iam à falência junto, seus funcionários, que ficavam sem emprego, sua família, que ficava desamparada, e por fim toda a sociedade que de uma forma ou de outra usufruía dos bens ou serviços por ele fornecidos.

Em outras palavras, a Inquisição fez da Espanha o lugar mais hostil ao empreendedorismo em todo o continente, e nem todo o ouro do Novo Mundo foi capaz de compensar isso. Como Lopez assinala, "a Inquisição foi o instrumento repressivo de uma estrutura aristocrático-feudal que manteve a Espanha defasada em relação ao resto da Europa"[979]. Quem "ganhava" com isso eram os dois estratos parasitários da sociedade medieval, que permaneciam mais vivos do que nunca em uma Espanha que de fato não tinha saído da Idade Média: a nobreza e o clero.

As riquezas da Igreja cresciam na medida em que a pobreza dos cidadãos aumentava, e uma nobreza improdutiva e inútil ocupava o lugar que nos países

[977] Para quem quiser se aprofundar neste tópico, eu escrevo sobre o confisco dos bens pela Inquisição neste artigo: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2016/06/a-inquisicao-e-o-confisco-dos-bens.html>.
[978] CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 134.
[979] LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 120.

protestantes pertencia à burguesia industrial, que gerava emprego e desenvolvimento. Por sua vez, o confisco dos bens reforçou o absolutismo dos reis, pois na ausência de judeus e mouros e com o empobrecimento da população o Estado assegurou o monopólio do capital (análogo ao que acontece no modelo socialista):

> Na Península Ibérica, depois da expulsão dos mouros e judeus e a confiscação de seus bens, passavam à disposição da monarquia enormes recursos financeiros. O Estado foi a principal, para não dizer a única, potência financeira, e esse capitalismo estatal, posto a serviço de uma monarquia centralizada, permitiu a esta uma independência total e a afirmação de um absolutismo que logo se tornou autoritário.[980]

Pirenne ainda acrescenta:

> Uma vez criados tão fabulosos impérios, o capitalismo estatal se tornou um obstáculo para a exploração subsequente, pois ao concentrar nas mãos do rei quase a totalidade das rendas coloniais, a política de monopólio real impedia a formação de empresas ou companhias privadas, ao mesmo tempo em que destinava aquelas quantidades a fins políticos, já que os gastos que ditos fins exigiam não só absorviam os recursos coloniais, mas obrigavam periodicamente a novas ações expropriatórias. Às confiscações de

[980] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 238.

> mouros e judeus "declarados" sucediam as dos "mal convertidos", única maneira de que os capitais e rendas fossem investidos nos gastos improdutivos, o que implicou na busca de uma hegemonia puramente política. O país se empobrecia economicamente e a indústria e o comércio caminhavam para a ruína; ademais, a administração dos monopólios do Estado tornava necessário todo um exército de funcionários que absorvia, também improdutivamente, uma grande parte do erário público. Para superar essa desgraça política, o rei teve que recorrer a empréstimos da finança e comércio estrangeiros, que, por fim, foram os únicos beneficiários dos negócios coloniais.[981]

Como se pudesse piorar, o rei "expropriou o setor mais rico e ativo de sua burguesia, trazendo com isso um golpe mortal na economia do país"[982]. Com a classe burguesa destruída para favorecer uma nobreza arcaica e ociosa, a Espanha se perdia em guerras intermináveis sem um setor industrial que as sustentasse. O resultado foi a paralisação total da economia do país, que mesmo com todo o ouro colonial ainda precisava recorrer a empréstimos estrangeiros, pois os recursos se esgotavam tão logo chegavam[983].

Como Stark escreve, "a riqueza do Novo Mundo não trouxe grandes benefícios para a Espanha, que continuou a ser uma nação subdesenvolvida e feudal"[984]. Dickens concorda quando diz que "fora do seu império colonial, a Espanha nada mais possui

[981] ibid, p. 239.
[982] ibid, p. 243.
[983] ibid, p. 250.
[984] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 206.

que lhe dê a categoria de grande potência política ou cultural, e seu exemplo religioso não inspira simpatia"[985].

É extremamente representativo o fato dos Países Baixos, uma pequena terra de comerciantes, conseguir a independência frente ao maior império colonial do mundo, com um dos maiores exércitos do mundo e com ouro que não acabava mais. Esse "milagre" não aconteceu por sorte ou por acaso, mas pela discrepância gritante que separava a ética de um e do outro. A Espanha podia ter toda a *vantagem teórica* ao seu lado, mas seu império era uma colcha de retalhos, um castelo de areia prestes a desmoronar.

Desorganizado e extremamente burocrático, sua política estatista massacrava a economia, seu apego aos velhos costumes a mantinha consideravelmente longe de qualquer inovação tecnológica, sua relação com a Igreja se traduzia em intolerância e ódio, e sua nobreza era sinônimo de atraso e decadência. Seu império era gigantesco, mas sua força era meramente aparente. A Espanha se mantinha feudal e dogmática; suas instituições eram um pedaço da Idade Média no mundo moderno, um cenário perfeitamente preparado para o inevitável colapso que estava por vir.

A Holanda era o inverso de tudo isso: um país modesto, porém livre, democrático, liberal, burguês, moderno e protestante. À primeira vista era uma guerra de Davi contra Golias, mas a parte de baixo do iceberg escondia uma vantagem incontestável do mais organizado, inovador e eficiente. Em termos simples, a

[985] DICKENS, A. G. *A Contra-Reforma.* Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 202.

Espanha era uma Ferrari, mas uma Ferrari com gasolina adulterada dirigida por um motorista bêbado e sem carteira, que jamais foi capaz de usar todo o potencial do seu veículo – como a Espanha jamais usou o potencial de seu imenso império.

Até mesmo Portugal, seu vizinho e irmão mais novo, que até então lhe estava sujeito, rompeu a união dinástica e conseguiu sua independência por ocasião da Guerra da Restauração (1640-1668), à exemplo da Catalunha e das províncias italianas[986]. A Espanha havia se tornado um "Golias" que não precisava nem de pedra para ser derrubado por qualquer um. Enquanto os países protestantes caminhavam cada vez mais em direção ao capitalismo liberal, a Espanha se manteve firme na direção oposta, pisando o pé a mil por hora na «economia estatista» e no «absolutismo autoritário do direito divino»[987], e insistindo nisso mesmo depois do fracasso comprovado.

Assim, ela "ficou congelada no feudalismo, e produzia jovens, muitos deles da nobreza, que só escapavam à pobreza ao tornarem soldados profissionais"[988]. Ela não conseguia nem mesmo armar esse seu enorme exército, razão pela qual frequentemente perdia batalhas teoricamente fáceis de se vencer. Stark expõe as condições lastimáveis nas quais a Espanha se encontrava, que nem de longe fazia jus a seu invejável império:

[986] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 250.
[987] ibid, p. 260-261.
[988] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 208.

> Infelizmente, a Espanha não conseguia armar os seus ótimos soldados. Não tinha fábricas de armas, não fabricava sequer pólvora, canhões, nem balas de canhão. Quando faltaram balas de canhão em 1572, Filipe II escreveu para Itália pedindo que dois especialistas italianos fossem enviados de imediato a Madri, porque "não existe aqui ninguém que as saiba fabricar". Nada aconteceu, e quando a enorme frota espanhola partiu rumo à Inglaterra em 1588, todas as armas e balas de canhão, como quase tudo a bordo, eram importados. Não havia mapas porque não existiam fabricantes de mapas na Espanha; o primeiro mapa de Madri foi publicado na Holanda. Foram convocados pilotos com conhecimentos da costa do Canal da Mancha. Não se encontrou nenhum na Espanha. O almirante Medina Sidonia foi obrigado a contratar pilotos franceses para a sua frota. É evidente que os navios também não foram construídos na Espanha.[989]

A Espanha não apenas estava sucateada tecnologicamente, mas seu próprio povo passava fome por falta de recursos. A consequência foi a entrada de milhares de espanhóis no clero, não tanto pelo fervor religioso que dominava o país, mas porque o clero era sustentado pela Igreja (através dos impostos eclesiásticos pagos pelo povo), e assim não passava fome. Naturalmente, isso privou ainda mais a Espanha de mão de obra, deixando o país num marasmo de improdutividade, inteiramente dependente da exploração das colônias:

> A metade das terras cultiváveis do país foi concentrada em enormes latifúndios que eram trabalhados por um proletariado rural que vivia

[989] ibid, p. 209.

> de modo miserável, e o capital que ficava no país se imobilizava, postura financeira que não só fazia impossível uma recuperação econômica, mas que ia a engendrar ódios sociais. Impossibilitada de conseguir meios de vida nas atividades livres da agricultura, indústria ou comércio, a população espanhola não tinha mais recurso que solicitar empregos na administração. A finais do século XVII, os empregados do Estado representavam a quinta parte do censo, e uns 30% dos espanhóis formavam parte do clero ou ordens religiosas, ou viviam da Igreja, características econômico-sociais da vida espanhola que explicam o grande descenso demográfico que se observou no século de referência. Resumindo, o capitalismo de Estado, base de uma política de absolutismo que se proclamava de direito divino, conduziu o povo espanhol a um estado de prostração e servidão da qual somente tirava proveito uma oligarquia cortesã.[990]

É importante diferenciar este «capitalismo de Estado», que consiste no monopólio estatal dos meios de produção, do «capitalismo privado», onde o setor econômico é impulsionado por empresas privadas em um ambiente de livre mercado e livre concorrência. Este era praticado em países protestantes como a Holanda, em contraste com o modelo espanhol que conduziu o país à ruína:

> O capitalismo de Estado permitiu à Espanha uma política de imperialismo confessional ou ideológico, que, como vimos, a conduziu à ruína; em contrapartida, o capitalismo privado

[990] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 239.

> administrado pelo banco de Amsterdã foi para a burguesia holandesa um valioso instrumento de imperialismo econômico, pois concedendo créditos aos estados estrangeiros encontrava nessa atividade político-financeira uma nova fonte de benefícios de grande valia.[991]

Nem mesmo toda a riqueza confiscada (leia-se: roubada) dos judeus e dos mouros expulsos do país lhes serviu para algo, pois o Estado espanhol usava estes recursos para ganhar a colaboração das classes dirigentes, distribuindo entre elas altos cargos públicos[992]. Em outras palavras, o Estado tornou a nobreza ociosa ainda mais rica e poderosa, em detrimento de quem carregava a economia nas costas. Quando estes foram expulsos e os poucos empreendedores que restaram foram lesados pela Coroa, a Espanha simplesmente teve que decretar falência.

Pirenne compara a Espanha à Holanda e conclui que enquanto o primeiro «imobilizava as fortunas», o segundo movimentava a economia, criando o incipiente capitalismo industrial[993]. Enquanto o estatismo espanhol havia fixado a população em «hierarquias quase imutáveis», a liberdade econômica "estimulava o dinamismo do povo holandês, cuja burguesia constituía uma classe em contínua evolução"[994].

Como a Espanha era economicamente débil, quase nada do ouro trazido do Novo Mundo ficava com eles. A maior parte era usada para pagar dívidas externas

[991] ibid, p. 241.
[992] ibid, p. 250.
[993] ibid, p. 241.
[994] ibid.

contraídas para sanar despesas básicas, como o pagamento de funcionários públicos, e o povo mesmo jamais chegou a ver ouro algum. O embaixador de Veneza dizia que "o ouro das Índias chove na Espanha como sobre um telhado: cai em cima dela e escorre para outro lugar"[995]. Rodney Stark nos mostra o quanto a dívida do império espanhol havia crescido ao ponto de se tornar impagável:

> A riqueza do império era escassa em comparação com as dívidas esmagadoras. As dívidas começaram com os Reis Católicos, que nunca conseguiram equilibrar o orçamento. Carlos V assumiu as dívidas quando foi coroado, e aumentou-as numa escala verdadeiramente imperial, a começar por mais de meio milhão de florins de ouro que pediu emprestado a Jakob Fugger para assegurar a eleição a Santo Imperador Romano. E foi apenas a primeira gota. Enquanto reinou, Carlos V contraiu mais de quinhentos empréstimos em bancos europeus que, juntos, vingaram a 29 milhões de ducados. Grande parte desse dinheiro não tinha sido pago de volta quando Filipe II subiu ao trono em 1556. Um ano depois, Filipe II declarou falência. Contudo, cinco anos mais tarde a dívida imperial era tão alta que 1,4 milhões de ducados, mais de 25% do orçamento anual, serviam para pagamentos de juros.
>
> Pior ainda, em 1565 a dívida imperial nos Países Baixos era de 5 milhões de ducados, e o pagamento de juros, juntamente com os custos fixos de administração, geraram um défice adicional de 250.000 ducados por ano. O ciclo vicioso continuou em todo o império: a dívida dominava

[995] CIPOLLA, Carlo M. *Guns, Sails and Empires: technological innovation and the early phases of european expansion, 1400-1700.* Nova York: Minerva Press, 1965, p. 36.

> tudo. Na primeira metade da década de 1570 os rendimentos de Filipe II foram de cerca de 5.5 milhões de ducados por ano, mas ele gastou quase o dobro em juros sobre dívidas de 2 milhões por ano. (...) O império sangrou dinheiro desde o reinado dos Reis Católicos. Finalmente, Filipe II viu a realidade nua e crua após ter passado quase todos os dias do longo reinado sentado à sua secretaria no Escorial, lendo e escrevendo cartas a oficiais do império, tentando sem sucesso equilibrar o orçamento, pedindo empréstimos sucessivos, tentando renegociar prazos de pagamento, e interrogando por que razão ignorava Deus as suas súplicas.[996]

Filipe não tinha dinheiro nem mesmo para pagar as suas tropas, e se tinha um país que gostava de fazer guerra era a Espanha. Uma das mais trágicas consequências disso foi o episódio conhecido como a «Fúria Espanhola», quando os soldados revoltados pela falta de pagamento decidiram saquear a cidade de Antuérpia (na Bélgica católica) e massacrar seus habitantes, arruinando aquela prodigiosa cidade:

> Filipe deixou de pagar as tropas. Em novembro houve uma revolta do exército imperial; depois de saquear várias aldeias, um grupo de soldados chegou a Antuérpia, naquela altura ainda fiel ao império. O que se seguiu ficou conhecido para a história como a "Fúria Espanhola". Milhares de pessoas morreram, em grande sofrimento. Os espanhóis penduraram homens pelos braços e pernas, e mulheres pelo cabelo; chicotearam pessoas e queimaram-lhes as solas dos pés para que revelassem onde guardavam as riquezas. As moças foram

[996] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 210-211.

> arrastadas, aos gritos, até a nova fortaleza. Ninguém estava seguro, nem sequer os pobres que eram mortos porque nada tinham para dar, nem os clérigos, que também eram obrigados e torturados para dizer onde escondiam bens valiosos, inclusive cálices das missas. A empresa Fugger estimou que a comunidade comercial de Antuérpia perdeu pelo menos 2 milhões de coroas em moeda de prata e ouro. Quando as tropas finalmente partiram, Antuérpia transferiu-se para a União Protestante de Utrecht, tornando-se o principal centro de resistência da Holanda do sul.[997]

Quando Filipe II morreu, a Espanha estava "financeiramente esgotada e militarmente caída"[998]. Sir Thomas Gresham, agente de Filipe nos Países Baixos, dizia que nem todo o ouro das Índias seria suficiente para pagar suas enormes dívidas[999]. De durável em sua obra só restava a ruína da Espanha, que "se esvazia de qualquer atividade comercial, vive-se de expedientes, a depressão atinge a agricultura, há ainda escravos, e o país está mais pobre do que nunca"[1000].

Por detrás da fachada de sua potência militar, "a Espanha ia se arruinando e, aniquilando-se em estéril ociosidade, assistia impotente à fuga ao estrangeiro da torrente de ouro e prata que suas frotas embarcavam nos cais de Cádis"[1001]. Mesmo

[997] WEGG, Jervis. *The Decline of Antwerp Under Philip of Spain.* Londres: Methuen, 1924, p. 202-203.
[998] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 93.
[999] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 88.
[1000] RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 45.
[1001] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa*. Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 102.

após a morte deste rei sobre quem já falamos muito no volume anterior, "notícias econômicas e militares continuavam a ser universalmente negativas"[1002].

A Espanha, que já havia decretado falência em 1596, teve que decretar falência de novo em 1607, e mais uma vez em 1627, e novamente em 1647, e o mesmo em 1653[1003]. As frequentes falências eram o sintoma de um país que já estava na UTI há muito tempo, respirando com a ajuda de aparelhos (leia-se: empréstimos estrangeiros que se avolumavam cada vez mais). A balança comercial espanhola era «cada vez mais desfavorável», e o governo «aumentava continuamente sua dívida»[1004].

Mas se você pensa que essas dívidas gigantescas faziam os reis cortarem os gastos e diminuírem o tamanho do Estado, está redondamente enganado. Na época de Carlos V (o imperador da época de Lutero), os gastos com a corte imperial já eram os mais elevados da Europa, girando em torno dos 200.000 ducados. Mas os reis que o sucederam acharam isso pouco, e na época de Filipe III (o filho de Filipe II) os gastos já haviam subido para 1.300.000[1005]. A corte havia se tornado "uma potência ingente rodeada de ruinosa pompa, na qual os nobres foram atraídos"[1006].

Como em todo regime estatista, quem pagava a conta era o povo. Os reis aumentavam os impostos cada vez mais, tornando o custo de vida altíssimo. Os

[1002] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 225.
[1003] ibid.
[1004] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 202.
[1005] ibid, p. 98.
[1006] ibid.

impostos em Castela eram os mais altos da Europa, e em 1590 um terço do rendimento bruto dos camponeses era consumido por impostos[1007]. Pirenne acentua que

> com o clero, também a nobreza privilegiada vivia às custas da corte, encerrada em um exclusivismo e um orgulho de casta que a instituição das fidedignidades fomentava, já que graças a eles se mantinham intactos os grandes latifúndios nos quais a população se transformava em um proletariado assalariado e miserável.[1008]

A Espanha não apenas destruiu a si mesma, mas arruinou também os estados a ela submetidos. Ela «destruiu o capitalismo em Flandres e nas cidades-estado italianas»[1009], «arruinou a talassocracia portuguesa da Índia»[1010] e consumiu os recursos das suas colônias no Novo Mundo, que por muito tempo seriam tão ou mais miseráveis que a África.

Como a Igreja via o comércio com maus olhos e a Espanha era a que melhor refletia o espírito do catolicismo da época, "os espanhóis desprezaram o comércio"[1011] e transmitiram para as suas colônias e províncias essa mentalidade hostil à burguesia, dilacerando uma a uma.

[1007] PARKER, Geoffrey. "Spain, her Enemies and the Revolt of the Netherlands, 1559-1648". *Past and Present.* n. 49, 1970, p. 188.
[1008] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, 1953, p. 198.
[1009] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 204.
[1010] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 166.
[1011] CANTÙ, Cesare. *História Universal.* São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 16, p. 484.

Como que acreditando que sua única fonte de subsistência (os metais extraídos das colônias) iria durar para sempre, a Espanha "desprezava também a cultura das terras, do que resultou o empobrecimento e a corrupção"[1012]. Para piorar, essa fonte de riqueza começava a declinar. Com um ápice de 2.707.626 quilos de prata entre 1592 e 1600, no período entre 1630 e 1640 conseguem apenas a metade disso (1.396.759 kg), e no período seguinte (entre 1651 e 1660) cai mais um terço (433.256 kg)[1013].

Sem sua galinha dos ovos de ouro, a Espanha foi definhando até o ponto em que essas colônias miseráveis do outro lado do Atlântico sentiram que podiam derrotá-la. A Espanha lutou, mas, sem recursos, nada pôde fazer senão reconhecer, a duras penas, que seu grandioso império se reduzira a pó. A decadência econômica da Espanha resultou também na perda da sua «Armada Invencível», que, como vimos no volume anterior, era a maior da Europa até o confronto com a armada inglesa de Isabel.

Sem recursos para repor sua armada com navios novos, ela foi deixada às moscas, até a total decadência. Quando o holandês Martin Tromp destruiu o que restava da armada espanhola em 1639, na batalha de Oures, "a Espanha estava aniquilada como potência marítima"[1014]. No volume anterior, vimos que na batalha com os ingleses os espanhóis tinham uma frota consideravelmente maior, mas mal

[1012] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 19, p. 52.
[1013] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 165.
[1014] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 186.

equipada, arcaica e obsoleta. Daqui em diante, eles perderiam a superioridade numérica, e ficariam ainda mais defasados em inovação e tecnologia.

Na fatídica Batalha de Cavite (1898) contra os Estados Unidos (na qual a marinha americana destroçou a espanhola), os navios norte-americanos disparavam 5.808 tiros por minuto, enquanto os espanhóis só podiam disparar 2.504[1015]. Como o esperado, a Espanha perdeu a batalha, para depois perder a guerra. Tão acentuado foi o atraso espanhol que Labrousse e Mousnier dizem que em pleno ano de 1715 ela ainda «não conseguia sair da Idade Média», a despeito do esforço tardio dos reis em suprimir o poder político da nobreza[1016].

Como diz Douglas C. North no livro que o ajudou a ganhar o Prêmio Nobel de Economia, a Espanha "permaneceu medieval onde tentou a liderança política. Nos lugares onde reteve uma influência política, como por exemplo na Holanda espanhola, a economia da região sofreu"[1017]. Lopez também ressalta que a ausência de burguesia na Espanha foi fundamental para a estagnação econômica do país:

> O fato de a Espanha não ter, ao longo da Idade Moderna, desenvolvido um núcleo burguês e capitalista fez com que, no interior de sua organização social, não surgisse nenhum elemento capaz de se constituir em agente de transformação e modernização. Em razão disso, o país rapidamente estagnou, acomodou-se, viveu

[1015] *La Revista Moderna*. Madrid, 14 de Maio de 1898. Ano II n. 6. Citado em: DIAS, Arthur. *O Problema Naval: condições atuais da marinha de guerra e seu papel nos destinos do país.* Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1899, p. 155-156.
[1016] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 201.
[1017] NORTH, Douglass C; THOMAS, Robert Paul. *The Rise of the Western World: a new economic history.* Cambridge University Press, 1973, p. 131.

> parasitariamente das colônias e não acompanhou os tempos que mudavam. O pior da herança medieval sobreviveu justamente para destruir o que de melhor a Espanha tivera na Idade Média: o progresso material e a convivência tolerante de culturas diferentes quando isso era estranho ao resto do continente.[1018]

Este cenário não se alterou significativamente até o século XX, quando a Espanha finalmente rompeu com sua longa tradição de autoritarismo católico e se abriu ao laicismo:

> Ao longo do séc. XIX e boa parte do séc. XX, a Espanha permaneceu agrária e retrógrada, enquanto a Europa se tornava urbana, industrial e capitalista. A herança da estagnação se traduziu em números dolorosos. Cerca de 70% da população espanhola dependia de uma agricultura de baixa produtividade. De um total de 11.000.000 de pessoas da população ativa, cerca de 8.000.000 viviam em precárias condições de subsistência – diaristas, operários, mineiros, pequenos proprietários, rendeiros, trabalhadores rurais, artesãos.[1019]

Se a tolerância religiosa anterior à Reconquista deu à luz uma Espanha rica e próspera, na vanguarda da produção do conhecimento e pioneira das grandes navegações, a Espanha dogmática da Contrarreforma fez da síntese entre Igreja e Estado um espetáculo de horror a olhos nus, com seus autos-da-fé em praça

[1018] LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 121.
[1019] ibid, p. 120.

pública e seus milhares de censores responsáveis por fiscalizar os passageiros dos navios que chegavam para controlar a entrada de "livros proibidos"[1020].

> A Espanha do séc. XIX, no melhor estilo do subdesenvolvimento latino-americano, conheceu diversos golpes militares, os *pronunciamientos.* A Espanha possuía um general para cada 100 soldados e um padre ou monge para cada 493 habitantes. São algarismos que evidenciam o peso que tinham naquele país os setores parasitários.[1021]

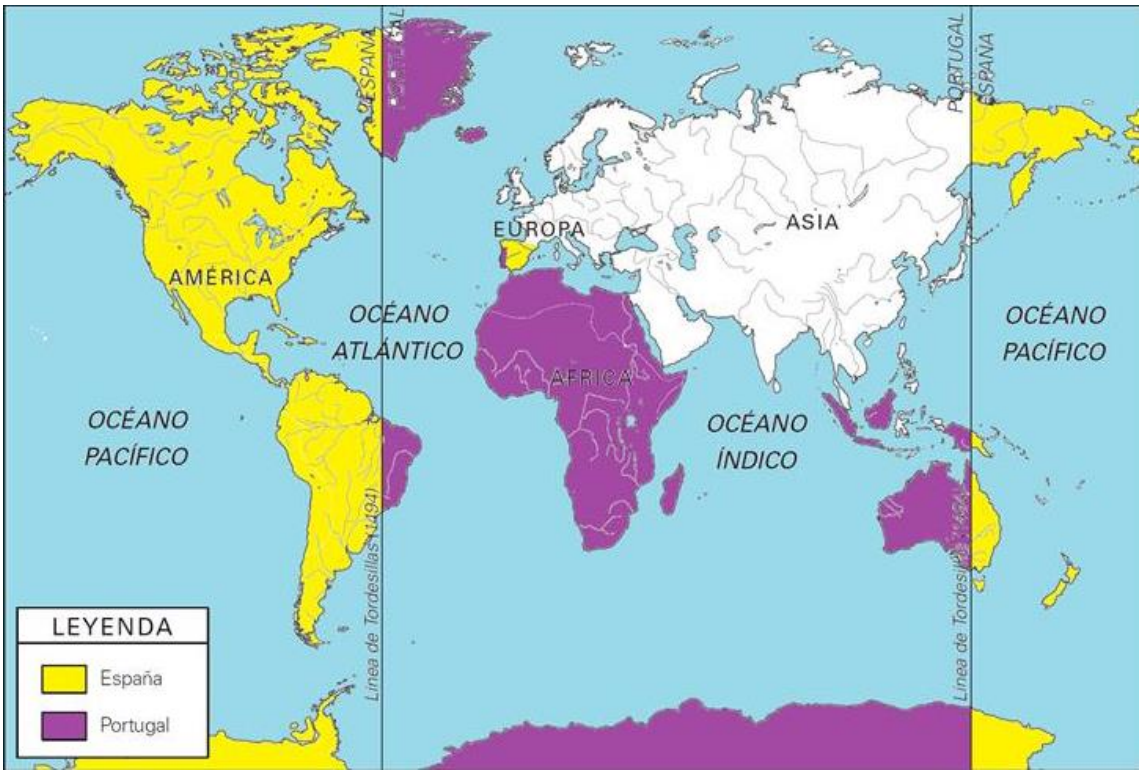
Já desde o século XVII os historiadores procuram explicar o fracasso da Espanha. Francis Willoughby, um viajante inglês que escreveu em 1673, elencou as seguintes causas do declínio: (1) a má religião; (2) a Inquisição tirânica; (3) o grande número de prostitutas; (4) a terra pouco fértil; (5) a terrível preguiça do povo; (6) a expulsão de judeus e muçulmanos; (7) as guerras[1022].

Seja como for, uma análise mais acurada dos outros países católicos nos mostra que a Espanha esteve longe de ser um caso isolado, embora fosse o mais evidente por ser o que mais se alinhou à ideologia contrarreformista.

[1020] ibid, p. 127.
[1021] ibid, p. 120.
[1022] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 205.

• Portugal

Se na Espanha o cenário foi de total decadência, com seu vizinho não foi diferente. Portugal e Espanha sempre tiveram laços estreitos, sendo os dois principais países da Península Ibérica. Assim como a Espanha, Portugal também tinha um enorme império colonial no século XVI. Quando o papa Alexandre VI dividiu o mundo ocidental em duas partes, no Tratado de Tordesilhas (1494), a Espanha ficou com quase toda a América, enquanto Portugal garantiu a África e parte daquilo que seria o Brasil. Em outras palavras, em finais do século XV, Portugal dividia com a Espanha a soberania sobre mais da metade do mundo então conhecido.



(Em amarelo, os territórios concedidos pelo papa à Espanha, e em roxo os de Portugal. A Espanha não conseguiu manter o domínio sobre a América do Norte e mais tarde perdeu a maior parte dela para os ingleses, além de perder uma faixa maior de terra na América do Sul para os portugueses)

As grandes navegações fizeram de Portugal o país mais abastado da Europa entre finais do século XV e início do XVI[1023], além da maior potência europeia na Ásia durante o século XVI[1024]. Porém, cabe ressaltar que isso aconteceu mais a despeito da Coroa do que por causa dela. Como escreveu Sérgio Buarque de Holanda, "essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora e enérgica: fez-se antes com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores"[1025].

Nem mesmo a Escola de Sagres, que por tanto tempo foi citada como um exemplo do interesse da Coroa na formação de navegadores no século XV, a história provou ter existido de fato. A fórmula que levou esse grande império à falência não é nenhum segredo. Eles só precisaram copiar o modelo espanhol fundamentado em fanatismo católico + agigantamento do Estado, uma fórmula infalível cujo fracasso é certo.

O caso português era ainda mais grave, pois em Portugal se mantinha os velhos preconceitos medievais ao trabalho manual. Portugal era "uma nação onde se menosprezava cada vez mais os ofícios servis"[1026], sendo testemunha disso a carta de Clenardo a seu amigo Latônio, escrita em 1535:

[1023] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 110.
[1024] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850.* Lisboa: Edições 70, 2010, p. 93.
[1025] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 43.
[1026] LOBO, Costa; SILVA, António de Sousa. *História da sociedade em Portugal no século XV.* Lisboa: Lisboa Imprenta nacional, 1904, p. 49.

> Se em algum lugar a agricultura foi tida em desprezo, é incontestavelmente em Portugal. E antes de mais nada, ficai sabendo que o que faz o nervo principal de uma nação é aqui de uma debilidade extrema; para mais, se há algum povo dado à preguiça sem ser o português, então não sei onde ele exista.[1027]

Como veremos no tópico sobre o Brasil, essa mentalidade hostil ao trabalho foi transportada para a colônia, o que explica por que as regiões economicamente mais fortes do Brasil (i.e, Sul e Sudeste) são aquelas que mais receberam imigrantes de outros países da Europa, ao passo em que as regiões mais atrasadas (i.e, Norte e Nordeste) são justamente aquelas que receberam menos imigrantes (ou seja, onde a mentalidade tradicional importada dos portugueses foi menos afetada). Também não é por acaso que Portugal seja historicamente um dos países mais atrasados da Europa, ainda mais que a Espanha.

Assim como a Espanha, Portugal não abraçou a Reforma, "não pela recusa das populações a abandonarem as suas práticas religiosas tradicionais, mas tão somente pela ação da Inquisição e por outros fenômenos poucas vezes referidos"[1028]. A Inquisição controlava o conhecimento de forma tão rigorosa que até o século XIX nem se ouvia falar de publicações protestantes no país, uma vez que a censura lá era tão eficaz quanto na Coreia do Norte atual:

[1027] CLENARDO apud CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. *O humanismo em Portugal.* Coimbra: Coimbra Editora, 1926, p. 271.
[1028] OLIVEIRA, Rui A. Costa. "Resquícios históricos da presença da Reforma no espaço lusófono, durante o século XVI". *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – Ano V, 2006, n. 9/10, p. 78.

> Até ao séc. XIX, não aparecem a circular, em Portugal, quaisquer impressos protestantes, devido especialmente à apertada malha de vigilância inquisitorial que, permanentemente, remetia para o rol dos livros proibidos os textos suspeitos dessa proveniência e, de um modo sistemático, vasculhava tipografias, bibliotecas e arquivos particulares, além do controle das cargas dos navios que escalavam os portos nacionais.[1029]

Se no plano religioso Portugal copiou o modelo espanhol baseado na adesão ao radicalismo católico da Contrarreforma (tendo a Inquisição mais mortífera depois da espanhola), no plano econômico Portugal seguiu o mesmo caminho, aderindo a um Estado grande e burocrático, que privilegiava a aristocracia feudal em detrimento da burguesia industrial. Mousnier diz que "o país não aproveitou o comércio de outrora para criar uma indústria e renovar a agricultura"[1030], de modo que "a sua organização econômica e social continua medieval"[1031].

Nos livros escolares, ainda é comum a ideia de que a Revolução de Avis (1383-1385) foi uma vitória da burguesia em Portugal, tal como mais tarde fariam os países influenciados pela Reforma. Contudo, o que de fato aconteceu foi o contrário. O historiador C. R. Boxer, destacado especialista em história colonial portuguesa e holandesa, sustenta que Portugal não tinha propriamente uma burguesia, mas um reduzido número de comerciantes instalados em algumas regiões costeiras[1032].

[1029] ibid.
[1030] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 202.
[1031] ibid.
[1032] BOXER, Charles. *O império marítimo português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 22-23.

Ao invés do rei suprimir o poder dos senhores feudais, a Revolução fez o contrário: ancorou-se em valores e práticas medievais para fortalecer o poder da aristocracia, ao passo em que o rei era reconhecido como um *primus inter pares*, isto é, um senhor feudal mais poderoso que os demais[1033]:

> A luta pelo poder, que desde a Revolução de Avis vinha sendo travada entre a nobreza e o grupo mercantil, terminou com a derrota deste último, quando, em 1506, os judeus foram expulsos de Portugal. Como a maior parte dos comerciantes era composta por judeus, sua expulsão debilitou seriamente o grupo mercantil, impedindo a formação, em Portugal, de uma burguesia comercial poderosa e moderna. E num mundo em que o capitalismo começava a se formar, um país sem uma burguesia forte dificilmente escaparia ao declínio.[1034]

Assim, em Portugal não houve a substituição da nobreza pela burguesia, mas sim a *consolidação da nobreza,* que se tornou ainda mais forte. Essa é a razão pela qual o curto período de prosperidade portuguesa – fundamentada na figura do rei (Estado) e não da burguesia (empreendedores) – não poderia se sustentar por muito tempo.

[1033] SIQUEIRA, Lucília. *O nascimento da América portuguesa no contexto imperial lusitano. Considerações teóricas a partir das diferenças entre a historiografia recente e o ensino de História*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000100004>. Acesso em: 13/06/2019.
[1034] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 110.

Em Portugal, assim como na Espanha, "o rei tinha poder inquestionável, absoluto"[1035]. Esse poder absoluto provinha da doutrina do direito divino dos reis, originada no catolicismo medieval, que tanto serviu aos monarcas para fortalecer seu poder pessoal em detrimento de todos os outros. Como é evidente, do absolutismo decorria tirania, arbitrariedades, opressão e despotismo, que por sua vez impactavam o setor econômico da pior forma possível.

Afinal, pouca gente sã e sóbria investiria (e arriscaria) seu capital em um lugar cujo rei tem poder irrestrito de fazer o que quiser, até de confiscar propriedades ao seu bel-prazer. Os estados católicos da Península Ibérica pagariam caro por sua insistência no estatismo em detrimento do capitalismo. A antiga hegemonia dos mares seria reduzida a pó alguns anos mais tarde, cedendo espaço a nações protestantes que valorizavam a iniciativa individual:

> Ao desastre da Armada Invencível (1588) seguiu a decadência da marinha portuguesa nas Índias e a hegemonia, no referido oceano, das Províncias Unidas e da Inglaterra. Em sua luta pela conquista dos mares, o individualismo e a iniciativa dos marinheiros holandeses e ingleses triunfaram sobre o estatismo hispano-português.[1036]

[1035] SIQUEIRA, Lucília. *O nascimento da América portuguesa no contexto imperial lusitano. Considerações teóricas a partir das diferenças entre a historiografia recente e o ensino de História*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000100004>. Acesso em: 13/06/2019.

[1036] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 193.

Enquanto o desenvolvimento marítimo e comercial da Inglaterra se sustentava numa «economia liberal e capitalista»[1037], o de Portugal seguia a «antiga tradição estatista»[1038], tradição essa que refletiria em suas respectivas colônias no Novo Mundo. Em Portugal, assim como na Espanha, judeus e mouros foram expulsos, o que a médio e longo prazo resultaria em um desastre econômico, uma vez que o Estado português era incapaz de administrar a riqueza confiscada:

> Todos os bens que acabavam de confiscar não serviam para viver mais que uns vinte anos, enquanto o potencial humano baixava a um nível inquietante. Por outro lado, as consequências da expulsão dos judeus se tinham deixado sentir em Portugal até o ponto que Filipe III se viu obrigado a revogar as leis restritivas que pesavam sobre sua atividade, medida esta que provocou uma violenta reação por parte do clero e das ordens religiosas.[1039]

Logo os portugueses perceberiam que administrar o capital não era tão fácil quanto roubá-lo, e sentiriam falta dos judeus aos quais expulsaram. Não obstante, a Coroa portuguesa preferiu seguir obstinadamente seus velhos princípios de monopólio do Estado até o século XVIII[1040]. Em Portugal não havia um estímulo empreendedor, mas uma massa de funcionários públicos parasitando às custas do Estado. Em vez de reinvestir a riqueza obtida das suas colônias para a produção de mais riqueza, os

[1037] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 293.
[1038] ibid.
[1039] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa*. Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 201.
[1040] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 270.

reis desperdiçavam esse capital "sustentando o luxo da corte e fazendo enormes doações à nobreza e ao clero, que nada produziam"[1041].

Assim, o ouro trazido do Novo Mundo acabava apenas "passando" por Espanha e Portugal, mas parando nas mãos dos países que impulsionavam o capitalismo:

> Desde o século XVI, os metais preciosos de que dispõe o Ocidente provêm essencialmente das colônias espanholas e portuguesas. A partir da exploração de minas de prata e ouro, os governos de Portugal e da Espanha reservam para o Estado a totalidade de sua produção, mas semelhante monopólio, em vez de reservar estes metais preciosos à economia das nações ibéricas, as priva em proveito das Províncias Unidas (Holanda), da Inglaterra e da França. Vimos como os governos de Madri e Lisboa, ao estabelecer o monopólio de metais preciosos, os põem a serviço de sua política. Deste modo impedem que sejam investidos no progresso industrial de seus respectivos países, o que os obrigou em seguida a apelar à importação estrangeira. Desde então, os metais preciosos resvalam sobre Espanha e Portugal como a chuva sobre o telhado e servem para dar um vigoroso impulso à indústria dos países abastecedores da Espanha, ou seja, as Províncias Unidas, Inglaterra e França.[1042]

Por todas essas razões, "em meados do século XVI Portugal já se encontrava em decadência, o que evidentemente influenciou a colonização do Brasil, iniciada nessa

[1041] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 110.
[1042] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 302-303.

mesma época"[1043]. A combinação de radicalismo católico com políticas de agigantamento do Estado que já havia resultado na ruína da Espanha foi seguida à risca por Portugal, que trilhou os mesmos passos rumo à decadência:

> A partir da segunda metade do século XVI, em termos de relações internas, Portugal entrou num período obscuro e, no campo religioso, entrou num período de terror e de densa penumbra. A deserção dos homens mais lúcidos e dos descontentes, aliada à fuga ou expulsão dos grandes empreendedores, deixou Portugal à mercê da insignificância e mesquinhez durante quase cem anos, com ecos repercutidos nos séculos seguintes e, lamentavelmente, determinaram a emergência de tempos de muita dificuldade, de desilusão, de desânimo, de descrença que culminaram na tragédia nacional de 1580, com a perda da independência.[1044]

O «capitalismo de Estado»[1045] e a ética católica romana arruinaram os países ibéricos, que de potências europeias em princípios do século XVI se tornaram decadentes no final do século e miseráveis no século seguinte. Portugal e Espanha, que tanto se esforçaram em ser os países católicos mais "puros", morreram abraçados com o papado. Criaram os estatutos de «limpeza de sangue» para assegurar que todos tinham sangue católico puro correndo em suas veias, expulsaram os judeus, mataram os infiéis, perseguiram os humanistas, queimaram

[1043] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 111.
[1044] OLIVEIRA, Rui A. Costa. "Resquícios históricos da presença da Reforma no espaço lusófono, durante o século XVI". *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – Ano V, 2006, n. 9/10, p. 96.
[1045] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 238.

os "hereges", censuraram seus livros, e terminaram em maior desgraça que aqueles a quem tanto oprimiu.

• França

Se a França não tinha um império colonial com as dimensões de Espanha e Portugal, por outro lado ela era «a mais poderosa das monarquias europeias», porque sua população se igualava às da Espanha, Países Baixos e Inglaterra juntos[1046]. No início do século XVII, a França contava com 15 milhões de habitantes, comparado a 8 milhões da Rússia e 5 milhões da Inglaterra[1047]. Em 1789, cerca de um em cada cinco europeus era francês, o que lhe conferia uma evidente vantagem militar[1048]. Por isso vimos no volume anterior numerosas ocasiões em que a França encarava sozinha os exércitos de Carlos V, que comandava a uma só vez o Sacro Império Romano-Germânico, a Espanha e muitas das províncias italianas.

Para entender a situação da França no século XVI, seria imprescindível a leitura do capítulo 5 do volume anterior, onde abordamos as disputas recorrentes entre as três principais facções da nação: os católicos radicais (com o apoio do papado), os *politiques* (políticos católicos moderados, cansados do banho de sangue religioso que varria o país) e os huguenotes (protestantes que queriam a liberdade religiosa). Os católicos radicais eram liderados pela "Liga Católica", que tinha por cabeça Henrique de Guise. Sobre os propósitos dessa Liga, Grimberg escreve:

[1046] ibid, p. 20.
[1047] ibid, p. 194.
[1048] HOBSBAWN, Eric. *A era das revoluções*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 72.

> Henrique de Guise tomara ao seu serviço um certo número de jesuítas e de franciscanos, que percorriam a França fazendo propaganda da Liga. O novo organismo queria restabelecer, em toda a França, a verdadeira fé católica e romana e, em todas as províncias, a liberdade e os direitos "em vigor no tempo do rei Clóvis". Esta declaração mostrava que as teorias de François Hotman haviam penetrado igualmente nos círculos ultracatólicos e revelava as tendências revolucionárias do movimento. A Liga queria fazer voltar a França ao regime feudal, estabelecido antes de se ter instituído o poder pessoal de Luís XI.[1049]

Como se nota, se essa facção extremada tivesse ganhado o poder na França, o país facilmente sucumbiria à mesma morte súbita de Espanha e Portugal, que nem mesmo com um imenso império colonial conseguiam se sustentar. A Igreja nunca aceitou o fim da Idade Média, a «era de ouro» do papado. Por isso mesmo, o regime feudal era requerido como o modelo de um bom país católico, o único que estava em conformidade com todos os aspectos do Direito Canônico que já vimos no capítulo 2. Não seria exagero supor que, se não fosse pela Reforma, estaríamos até hoje numa Idade Média prolongada, tão duradoura quanto a Antiguidade.

Porém, a França teve mais sorte que seus antagonistas ibéricos. Se na Espanha e em Portugal prevaleceu o radicalismo católico, na França o grupo dos moderados é que assumiu o poder, após muita luta e sangue derramado. Como vimos no volume anterior, os protestantes foram perseguidos, massacrados e dizimados, mas mesmo

[1049] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 35.

assim conseguiram a conversão de Henrique de Navarra (também conhecido como Henrique IV), que era o próximo na linha de sucessão ao trono. Vimos também que a Liga fez de tudo e mais um pouco para impedir que Henrique assumisse o trono, ameaçando invadir Paris e iniciar uma guerra civil. Por isso Henrique foi obrigado a condescender, renegar o protestantismo formalmente e "voltar" ao catolicismo.

Isso na prática representou a vitória dos *politiques,* pois a Liga conseguiu impedir que um protestante declarado reinasse sobre a França, mas falhou em conseguir que um católico radical o fosse. Com isso, a França não teve o mesmo surto de desenvolvimento que os países protestantes do continente, mas pelo menos se manteve longe da miséria e decadência dos países católicos que se alinhavam completamente ao espírito da Contrarreforma. Henrique de Navarra tinha como colaborador Maximilien de Béthune, mais conhecido como o duque de Sully.

Sully era protestante e braço-direito do rei, um sobrevivente do massacre de São Bartolomeu que, mesmo a contragosto dos católicos da Liga, foi o responsável por cuidar das finanças do país, na época arruinado pelas constantes guerras religiosas. O que este homem que passou toda a sua vida num sombrio gabinete de trabalho – onde tinha por única decoração os retratos de Lutero e Calvino[1050] – fez na França só é comparável à Inglaterra de Isabel. Pautado pela ética reformada, Sully "começou por afastar todos os funcionários incompetentes ou desonestos"[1051].

[1050] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 45.
[1051] ibid.

Ele "recuperou a economia do país, arrasado por quarenta anos de guerras civis"[1052]. Graças a Sully, o governo de Henrique IV se destacou como "um dos mais notáveis da história da França, pela sua administração enérgica e eficiente durante 16 anos, e durou até o dia em que o hábil monarca foi assassinado por um fanático"[1053]. Henrique contava com o apoio dos huguenotes, apesar de ter formalmente negado a fé protestante para assegurar a paz pública e a liberdade de culto. Na França ainda havia um núcleo considerável de protestantes, que, embora fossem a minoria, eram os responsáveis pelo dinamismo da economia.

Curtis afirma que "de modo geral, os huguenotes eram prósperos comerciantes da cidade e donos de lojas"[1054], e Latourette acrescenta que eles "enfatizavam escolas para a juventude e eram muito melhor formados do que seus vizinhos católicos"[1055]. Os huguenotes eram "prósperos, proeminentes nas profissões e nos negócios, e mais influentes na vida nacional e na vida da comunidade do que se podia esperar"[1056].

Como Johnson observa, a iniciativa empreendedora na França «era tomada pelos membros da minoria protestante», o que era recorrente também em outros países católicos como Bélgica e Áustria[1057]. Pirenne escreve que "Henrique IV restaurou a França com a tolerância e a autoridade"[1058], e dá destaque ao raro período de paz

[1052] MAIOR, Armando Souto. *História Geral.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 361.
[1053] ibid.
[1054] CURTIS, A. Kenneth. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China.* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 126-127.
[1055] LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2, p. 1040.
[1056] ibid.
[1057] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 382.
[1058] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 124.

interna e externa que se fez no país com a sua coroação, refletindo uma política de diplomacia, diálogo e tolerância completamente anacrônicos para aquele período:

> O plano econômico de Henrique IV só podia se realizar em um regime de paz, tanto interior como exterior. Durante seu reinado, o absolutismo tolerante no plano nacional também foi resolutamente pacifista no exterior, e repudiando toda atitude imperialista sua política estrangeira não tinha outro norte que a segurança do país. Para consolidá-la, não recorreu à guerra, mas à diplomacia.[1059]

Henrique e Sully instauraram na França o «capitalismo privado», em oposição à política estatizante levada a cabo por Espanha e Portugal. Com isso, o país viveu um «extraordinário renascimento»[1060], que lhe serviu de sobrevida após todo o desgaste com as guerras religiosas que assolaram a nação e derramaram muito sangue inocente. Por isso Pirenne alega que o capitalismo foi, "nos tempos de Henrique IV, a doutrina oficial do Estado"[1061], pois o rei "orientou sua política frente ao enriquecimento da nação, e impulsionou a reação da economia"[1062].

Robert Nichols retrata com mais detalhes a função social e econômica dos protestantes franceses tolerados por Henrique IV, os quais carregavam a economia do país nas costas até que a ala radical católica voltasse a conquistar o poder e os expulsasse do país, deixando uma lacuna na vida econômica da nação que não seria preenchida tão cedo:

[1059] ibid, p. 128.
[1060] ibid, p. 244.
[1061] ibid.
[1062] ibid.

A importância que tinham os huguenotes e a influência que exerciam no país estavam muito acima da sua proporção numérica. Entre eles havia muitos líderes das várias profissões, no comércio e na indústria e muitos dos melhores artífices e trabalhadores vários. Eram franceses patriotas, de uma lealdade a toda prova. A França não possuía na sua população outro elemento tão valioso. Mas o clero católico romano, hipócrita e fanático, não podia tolerar este protestantismo tão próspero. Sobre este clero romano caíram e ainda permanecem o vitupério, a culpa e a principal responsabilidade do terrível desastre que sobreveio à França nesse tremendo ataque contra os huguenotes. Sob a pressão desse clero, o governo começou o ataque em 1659. As primeiras medidas contra os protestantes foram: a suspensão total dos direitos civis e a perseguição para obrigá-los a professar o catolicismo romano.

Em 1681, Luís XIV levou a efeito, com muita pertinácia, um esforço selvagem para esmagar o protestantismo. Tal campanha atingiu o seu clímax quatro anos depois, com a revogação do Édito de Nantes. Os protestantes não tinham sequer a menor segurança perante a lei. Muitas leis, com as penalidades mais bárbaras, proibiam-nos de emigrar. Toda a natureza de opressão e crueldade foi usada a fim de obrigá-los a voltar para o catolicismo romano. O resultado de tudo isto foi uma perda irreparável para a França. Milhares dos seus mais excelentes cidadãos foram levados à morte, outros tantos viram-se metidos a horríveis torturas e prisão. Muitos outros corajosos, por causa da sua fé, enfrentando os perigos da emigração, fugiram do

> país. Nesse período, cerca de quatrocentos mil huguenotes deixaram a Franca.
>
> A saída deles resultou num triste desastre para a nação. O comércio e a indústria muito sofreram. Pior ainda foi para a nação francesa a perda moral, perda que jamais foi reparada. Os huguenotes foram para toda a parte, para a Inglaterra, Holanda, Alemanha protestante e América. Foi assim que a Reforma francesa deu o melhor das suas forças para erigir o protestantismo em outros países. Depois de 1635 o protestantismo na França, embora vergonhosamente perseguido, levou uma vida de heroísmo por quase oitenta anos. Foi quando cessou a perseguição, mas a liberdade religiosa não veio antes de 1789, concedida pelo primeiro dos governos da Revolução francesa.[1063]

A expulsão dos protestantes «abalou a economia francesa e desencadeou uma crise»[1064], pois "perto de cem mil habitantes se refugiaram na Alemanha e na Inglaterra, para onde levaram a sua indústria"[1065]. A França perdia a energia produtiva que movia sua economia, e entrava num estágio de decadência que culminaria na Revolução de 1789. Da revogação de Édito de Nantes (1685) à Revolução (1789), a França perdeu as guerras mais importantes que disputou, incluindo a Guerra da Sucessão Espanhola de 1701-1714 e a Guerra dos Sete Anos de 1756-1763 (em ambas as ocasiões, a Inglaterra estava no lado vencedor).

[1063] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 195-196.
[1064] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 114.
[1065] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 22, p. 17.

A França não mais podia contar com o poder industrial conquistado a partir do reinado de Henrique IV e reduzido a pó com a expulsão dos protestantes e a retomada de uma agenda católica radical, semelhante à que levou à ruína dos ibéricos[1066]. Sob o domínio da facção católica radical, a França se tornou "o mais duro e intolerante regime autoritário"[1067], tomando o modelo do papado que Espanha e Portugal copiaram tão bem.

Luís XIV "obedecia às ordens políticas e religiosas da Igreja-Estado de Roma"[1068], e por consequência "o reino se esvaziou de grande parte de sua elite, que achou refúgio nos países vizinhos e lhes trouxe a prosperidade de que se tem conhecimento"[1069]. Paris, outrora a cidade mais glamorosa da Europa, "em termos de edifícios públicos, tratamento de esgoto e condições sanitárias, estava muito aquém da glória da cidade de Roma no seu auge, cerca de mil e quinhentos anos antes"[1070].

Nada mais representativo disso do que o Palácio de Versalhes, que simplesmente não tinha banheiros e era um dos lugares mais fétidos do mundo[1071]. Fezes e urina eram despejados nos corredores, e até as princesas eram obrigadas a levar um penico para poder fazer o nº 1 e o 2. Um decreto de 1715 estipulava que as fezes

[1066] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 208.
[1067] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 66.
[1068] ibid.
[1069] ibid.
[1070] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 197.
[1071] MENDES, Lucas. *Império dos mijões.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/cultura/2010/02/100218_lucasmendes_tp>. Acesso em: 17/06/2019.

deveriam ser retiradas dos corredores uma vez por semana (o que sugere que antes disso a frequência devia ser ainda menor)[1072].

A podridão das ruas e dos palácios se somava à podridão social, sendo a França um dos países que em finais do século XVII ainda conservava o regime senhorial[1073], e onde os camponeses "viviam em completa miséria em comparação com os agricultores holandeses e ingleses"[1074]. A ética católica restaurada por Luís XIV destruiu o capitalismo emergente da época de Henrique IV[1075], e assim a França abandonava o capitalismo para se tornar "absolutista, intolerante e intervencionista em economia, tendendo ao estatismo"[1076].

Essa «nova França», que já não tinha mais nada em comum com a França de Henrique IV, ficaria marcada por uma imensa burocracia, um governo centralizador e impostos elevadíssimos, que caracterizariam o período conhecido como o "Antigo Regime" (cujo atraso e miséria seriam as principais causas da Revolução Francesa). O aumento de impostos era acompanhado do aumento da dívida, do autoritarismo e da desigualdade, com o povo comum cada vez mais esmagado na pirâmide social, enquanto o clero e a nobreza monopolizavam a riqueza que ainda restava:

[1072] SÉRGIO, Ricardo. *Cartas ao Leo.* Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cartas/1978441>. Acesso em: 14/12/2019.
[1073] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 455.
[1074] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 204.
[1075] ibid, p. 203-204.
[1076] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 326.

Uma vez criado o Estado absolutista, os impostos franceses foram exorbitantes, como acontece sempre que os criadores de impostos são os principais beneficiários do Estado. Mas apesar dessa fonte de rendimento, a Coroa francesa endividou-se cada vez mais. Quando os impostos atingiram 200 milhões de libras por ano, o rei devia 200 milhões. Muito dinheiro foi gasto nas Forças Armadas, despesa menor para a Coroa não fosse a fracassada política de expansão. Como é normal no caso de um governo despótico, gastava-se imenso na vida da corte.

Estima-se que durante o reinado de Luís XVI pelo menos 6% dos rendimentos do Estado foram consumidos pela extravagante corte de Versalhes. Mais dinheiro dos impostos foi usado para financiar uma hierarquia imensa e pouco produtiva de parentes e criados, e mais ainda foi devorado por oficiais corruptos. O cardeal Richelieu foi o verdadeiro governante da França durante o reinado de Luís XIII, e sobreviveu a várias tentativas de assassinato. Devia ser mais célebre ainda pelo seu fantástico talento corruptor; tornou-se muito mais rico que o rei. O seu sucessor, cardeal Mazarino, foi ainda mais rico. O imposto sobre a propriedade era a *taille,* cheia de inconsistências e isenções.

O clero e a nobreza não pagavam impostos sobre as suas terras. As aldeias pagavam como um todo, e muitas vezes pagavam como "uma relíquia de tempos passados" quando a população não tinha crescido nem diminuído. Além disso, o governo criou impostos sobre os mais variados produtos: sal, vinho, licor, tabaco, velas e sabão, tudo o que

> gerava rendimentos. Também havia um imposto por cabeça, chamado *capitation*. A quantia devida dependia do estatuto social, que estava dividido em vinte e dois escalões.[1077]

A Assembleia dos Estados Gerais passou quase dois séculos sem ser convocada (de 1614 até 1789, o ano da Revolução), e durante todo esse tempo os reis governaram sem nenhum limite à sua autoridade[1078]. O absolutismo atingiu seu apogeu no governo do Luís XIV[1079], o monarca que expulsou os protestantes, o qual se autointitulava o «Grande Rei Sol» e era virtualmente "adorado na França como divindade nacional"[1080]. Esse despotismo permaneceria marcante nos governos de Luís XV e de Luís XVI, até estourar a Revolução[1081].

Sob Luís XIV, "a França conheceu a maior centralização governamental que se pôde conceber, pois o mesmo homem fazia as leis gerais e tinha o poder de interpretá-las, representava a França no exterior e agia em seu nome. «O Estado sou eu», dizia ele, e tinha razão"[1082]. Uma vez que o rei era o Estado ("*L'état c'est moi*"), ele podia criar e aumentar impostos de forma arbitrária e desmedida sem precisar passar por qualquer crivo ou aprovação prévia[1083].

[1077] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 227-228.
[1078] WESSON, Robert G. *State Systems: international pluralism, politics and culture.* Nova York: Free Press, 1978, p. 138.
[1079] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 114.
[1080] ibid, p. 112.
[1081] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 12.
[1082] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 98-99.
[1083] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 227.

Assim, ao mesmo tempo em que o absolutismo crescia, a burguesia sofria com numerosos entraves à sua ascensão, fundamental num sistema capitalista. O Estado absoluto privilegiava a antiga nobreza, na mesma medida em que lesava o setor econômico e produtivo. Enquanto os nobres ociosos e improdutivos desfrutavam de todos os tipos de privilégios (incluindo a isenção de impostos), os burgueses estavam de mãos atadas, impedidos de desenvolver a indústria necessária ao capitalismo, esmagados que eram com impostos sem fim que tornavam qualquer projeto inviável.

Vicentino diz que "a ascensão econômica da burguesia esbarrava nos regulamentos, proibições e taxações por parte do Estado absoluto"[1084], e quando Calonne sugeriu à nobreza e ao clero a contribuição com o fisco na intenção de aliviar o resto do povo, "essas ordens privilegiadas não só se recusaram a pagar impostos, como ameaçaram o rei Luís XVI com uma 'revolução aristocrática'"[1085].

Essa predileção escancarada pela nobreza e pelo clero era perceptível nas próprias licenças reais, concedidas em sua maior parte para quem mamava nas tetas do governo. A concorrência praticamente não existia, visto que o protecionismo dominava tudo:

> Quem tinha ligações com o Estado tinha grande vantagem na obtenção de licenças reais. Como resultado, a aristocracia dominou a indústria francesa. Dos 601 investidores na indústria metalúrgica em 1771, 305 eram nobres e 55 pertenciam ao clero. As licenças reais

[1084] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 12.
[1085] ibid, p. 13.

> eram limitadas, e portanto exista escassa competição comercial e industrial no país. Houve pouca competição direta do estrangeiro, porque quase todos os produtos franceses eram vendidos no mercado doméstico e os produtores nacionais eram protegidos por elevadas taxas de importação.[1086]

Você pode pensar que «proteger os produtos nacionais com elevadas taxas de importação» era uma coisa boa, mas na verdade só agravava os problemas econômicos. Ao fazer isso, o Estado tornava o mercado interno ainda mais acomodado. Limitando a entrada de produtos estrangeiros, o Estado aumentava os monopólios e privava o povo de bens e serviços que teria melhor e mais barato de outros mercados. Sempre que a concorrência é eliminada e o Estado "protege" a indústria nacional, só quem tem a perder é o povo. E é claro que quem alcançava o favor do Estado eram justamente os setores parasitários, que nada produziam.

Stark reforça o quão trágico isso foi para a indústria e o comércio da França:

> Quase todos os franceses pagavam impostos exagerados. Mas o efeito mais destrutivo na indústria e no comércio veio da venda de privilégios. Quase tudo era proibido, exceto mediante a obtenção de uma licença real. Alguém queria criar uma mina? O rei tinha direitos sobre os minérios, independentemente de quem fosse o dono do terreno. Era, portanto, necessário comprar uma licença real para extrair a produção em qualquer lugar. Mais espantoso ainda: a

[1086] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 229.

> empresa que comprasse uma licença podia procurar curar minérios em terrenos alheios, sem nada pagar ao dono do terreno, e sem restrições de acesso. É evidente que a propriedade privada era um assunto problemático. Se alguém quisesse importar uma especiaria, tinha igualmente que comprar uma licença ao rei, e utilizar navios licenciados pelo rei para esse propósito. A Coroa podia vender várias licenças para a mesma atividade comercial, mas a base do comércio francês eram os monopólios comprados ao rei.[1087]

O maior câncer da França era a burocracia. Graças a ela, uma imensidão de sanguessugas sugavam os cofres públicos sem fazer literalmente nada, enquanto os poucos empreendedores que haviam no país tinham todas as dificuldades do mundo para abrir e manter um negócio. Em busca de prestígio e status, a França do Antigo Regime asfixiou a si mesma em meio a um festival de extravagâncias cujo efeito na economia não poderia ser menos que destrutivo:

> A França pré-revolucionária tinha uma imensa burocracia. Alguns cargos administrativos comportavam poder e influência. Outros eram inúteis e sem função. Todos são descritos pelos historiadores como "cargos venais", porque todos estavam à venda. Os burocratas compravam os cargos dos burocratas anteriores. Deviam à Coroa apenas uma taxa anual (*droit annuel*) baseada no rendimento anual declarado (proveniente em grande parte de taxas cobradas ao público). As declarações de rendimento eram "avaliadas por baixo". Pouco antes da Revolução existiam dezenas de milhares de cargos

[1087] ibid, p. 228-229.

> venais na França, abrangendo até 2 ou 3% da população masculina adulta. A maioria nada fazia. Os restantes ajudavam a entupir e a confundir o governo. Os rendimentos legítimos provenientes de cargos venais eram muito pequenos relativamente ao custo de comprar o cargo. Alguns dos cargos mais lucrativos rondavam talvez 5% ao ano sobre o investimento, mas a maior parte rendia 1 a 2%, e muitas pessoas compravam cargos sabendo que iam perder dinheiro com o negócio. Qual era então a atração? Status! A sociedade francesa era doente com a mania do prestígio. Em troca do prestígio de ser um funcionário do Estado, muitos contentaram-se com um baixo rendimento em retorno ou até perda de capital. É evidente que não resultava em governo eficiente. Muitos ignoravam as funções. Muitos só ajudaram os seus amigos ou aliados mais poderosos. Todos estavam à venda, exatamente como os cargos.[1088]

Em busca de status, os franceses deixavam de investir nos setores mais importantes da economia, deixando a indústria às moscas e a agricultura a definhar:

> O estilo de vida almejado era usufruir das rendas provenientes de inquilinos agricultores. E o ponto de vista correto era que as rendas deviam ser aumentadas para gerir mais dinheiro, em vez da produtividade agrícola ser aumentada. Não admira que numa estimativa cuidadosa de 1788, pelo fundador da química moderna, Antoine-Laurent Lavoisier, se afirmasse que as terras na Inglaterra eram quase três vezes mais produtivas do que na França, porque os

[1088] ibid, p. 230.

> franceses raramente investiam na agricultura. A falta de investimento prejudicou a indústria francesa. O dinheiro a investir numa economia capitalista foi consumido ou desviado para formas aristocráticas de riqueza, porque o objetivo da riqueza era permitir que o homem comum vivesse como um senhor. Weber afirma, com toda a razão, que os franceses não tiveram o "espírito do capitalismo".
>
> A conversão de capital comercial em investimentos que trouxessem um status mais elevado era tão geral que, nas vésperas da Revolução, mais de 80% da riqueza da França estava investida em terras, edifícios e cargos venais, e não no comércio e indústria. É evidente que existiam indústrias na França, mas eram tão poucas que George Taylor declara que "quando os autores dão exemplos, são sempre os mesmos". Esses exemplos não se referem a indústrias importantes. A metalurgia é sempre citada como uma grande indústria francesa da época, mas na realidade a produção foi "pequena, dispersa, de fraca qualidade e muito cara... e não havia o ferro verdadeiro". Uma razão foi que os franceses mineraram pouco carvão. As indústrias eram pequenas, pouco evoluídas e pouco valorizadas relativamente às indústrias inglesas, holandesas, ou até as das cidades-estado italianas. O mesmo aplica-se ao capitalismo francês, e pelas mesmas razões.[1089]

Tamanho era o câncer burocrático que o empreendedorismo foi virtualmente proibido no país. Até mesmo um simples tingimento de tecidos estava sujeito a

[1089] ibid, p. 233-234.

centenas de regulamentações, que na prática tornavam impossível a viabilidade do projeto:

> As corporações francesas, apoiadas por funcionários que tinham comprado os seus cargos ao Estado, assim como os dirigentes das corporações, criaram fortes e minuciosas restrições em todos os aspectos do processo de fabricação e administração. O tingimento de tecidos, por exemplo, estava sujeito a 327 regras. Para aplicar as regras, todos os tecidos eram inspecionados por oficiais das corporações, durante o processo de fabricação. As regras das corporações, reforçadas por decretos reais, também desincentivaram a invenção e a inovação: a inovação foi estrangulada ou proibida em toda a parte, através da minuciosa regulamentação do processo de fabricação, que não permitia qualquer desvio da tradição.[1090]

A imensurável burocracia se somava ao inigualável corporativismo, que amarrava ainda mais as mãos de quem buscava empreender. Pra começo de conversa, os trabalhadores não eram contratados e demitidos pelas empresas, mas pelas corporações. Em 1751, um empresário de Lille teve a audácia de tentar contratar um trabalhador diretamente e foi imediatamente censurado pelo Conselho da cidade, que sublinhou que "nunca foi permitido em Lille que um fabricante tivesse trabalhadores empregados diretamente por ele. Esse direito sempre pertenceu aos dirigentes das corporações"[1091]. Stark comenta que

[1090] NORTH, Douglass C; THOMAS, Robert Paul. *The Rise of the Western World: a new economic history.* Cambridge University Press, 1973, p. 126-127.
[1091] BOSSENGA, Gail. "Protecting Merchants: Guilds and Commercial Capitalism in lighteenth-Century France". *French Historical Studies*. n. 4, v. 15, 1988, p. 695.

> naquela época, como hoje em dia, essa prática dificultava ou até impossibilitava que uma empresa despedisse trabalhadores de pouca confiança ou baixa produtividade, ou que oferecesse incentivos monetários aos melhores trabalhadores. Por fim, trabalhando em cooperação com a burocracia do Estado, as corporações muitas vezes fixaram os preços de venda de produtos, mantendo os preços altos para criar salários e impostos altos, sem nenhuma preocupação com as leis do mercado. Práticas como essas ajudaram a destruir o capitalismo em Veneza, e fizeram com que o capitalismo se desenvolvesse na França de uma forma rudimentar.[1092]

A França absolutista do Antigo Regime seguiu à risca toda a cartilha anticapitalista, com uma eficácia de dar inveja a qualquer socialista:

> O capitalismo depende da existência de três fatores: direito à propriedade privada, mercados livres e trabalhadores livres. Na França não existiam. O Estado tratou os direitos de propriedade como privilégios a ser vendidos ou ignorados. Os mercados foram tão controlados por regras e licenças reais que as empresas não puderam desenvolver novas atividades. A venda de monopólios limitou muitos mercados e desincentivou a eficiência e os rendimentos. E o poder das corporações afetou gravemente a liberdade dos trabalhadores: era muito difícil a entrada de indivíduos em novas atividades, e difícil para as empresas criarem essas oportunidades. A economia comercial e industrial francesa tinha empresas monopolistas, limitadas a

[1092] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 232.

> mercados específicos, sujeitas à usura, não contratando trabalhadores individuais mas uma corporação. Dadas as circunstâncias, é surpreendente que tenham existido vestígios de capitalismo na França. Existiram empresas que pareciam ser empresas racionais, especialmente nas indústrias de extração e metalurgia, mas o comércio francês foi limitado pelos defeitos econômicos de um governo despótico: a riqueza era encarada não como uma ferramenta mas como prova de status. Muitos investidores franceses compraram cargos sem rendimentos ou funções. Dificilmente queriam investir em atividades comerciais ou industriais, consideradas de baixo nível.[1093]

Assim como no caso espanhol, o aumento de impostos para compensar o estrago econômico foi acompanhado da mordomia de uma elite minoritária que parasitava no governo. Já vimos que em Cuba o povo mal tem o que comer e faz racionamento das coisas mais básicas, mas isso não impede a família Castro de viver em um luxuoso palácio, tendo tudo do bom e do melhor à custa da miséria do seu próprio povo.

Na França do Antigo Regime, a coisa não era diferente. O "Rei Sol" Luís XIV construiu o famoso palácio de Versalhes, onde viviam seis mil nobres e clérigos sustentados pelo Estado[1094]. Não é preciso dizer que eles nada produziam na economia e nada contribuíam com impostos. Stark resume todo esse quadro caótico quando escreve:

[1093] ibid, p. 232-233.
[1094] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 114.

> A França também era excessivamente subdesenvolvida. Depois dos traumas da Guerra dos Cem Anos, desenvolveu um governo muito centralizado e absolutista. Esse novo regime, que os historiadores preferem chamar de Antigo Regime, gerou imensa burocracia. O rei tinha poder absoluto para determinar os impostos, que não eram regulados por qualquer corpo legislativo. Os impostos sobre a agricultura e o comércio depressa chegaram a níveis altíssimos. Além disso, o Estado cooperou com as corporações para regular a indústria e a invenção a tal ponto, que o capitalismo quase não existiu.[1095]

Por tudo isso, não impressiona que Thomas Jefferson dissesse que "não há país em que a mania de governar demais tenha raízes mais profundas do que na França e em que mais cause mal"[1096]. Como era de se esperar, um país que luta tão bravamente contra todos os princípios econômicos mais básicos do capitalismo só poderia ser "assolado por várias epidemias e profundamente endividado"[1097], com um nível de vida muito abaixo dos próprios padrões da época[1098].

Sem indústria, a França permanece "muito mais agrícola do que a Inglaterra"[1099], com o agravante de que na França a condição dos camponeses era bem mais precária. Enquanto o clero e a nobreza "são duas ordens privilegiadas, o terceiro estado não conhece privilégios"[1100]. Essa classe desfavorecida, que constituía

[1095] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 225-226.
[1096] JEFFERSON apud TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 499.
[1097] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 191.
[1098] ibid.
[1099] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 195.
[1100] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 191.

aproximadamente 97% da população, carregava sozinha nas costas a corte mais pomposa e luxuosa da Europa, todos os gastos administrativos do Estado e as Forças Armadas[1101].

Tanto o clero como os nobres nada produziam e tampouco pagavam impostos, ou seja, eram verdadeiras sanguessugas do Estado. Com isso, até mesmo o padre Cechinato reconhece que nos tempos de Luís XVI "o país estava na miséria, devido ao luxo e aos privilégios da nobreza [ele não menciona os do clero], e o povo andava revoltado com a situação de injustiça e desigualdade"[1102]. Com uma desigualdade escandalosa e dificuldades econômicas «cada vez maiores»[1103], a França caminhava a passos largos para um fim tão previsível quanto inevitável: a Revolução.

Todo mundo conhece a história, mas nunca é demais relembrar: os jacobinos (ala radical da Revolução) tomaram as rédeas do movimento, o Terror foi instaurado, Luís XVI e sua família foram executados e entre 16 e 40 mil pessoas foram guilhotinadas, incluindo numerosos clérigos, nobres e até mesmo revolucionários moderados, que se opunham a esse banho de sangue que não acabava mais.

A partir da França, a ideologia antirreligiosa se espalhou pela Europa e hoje está mais forte do que nunca, causando muito daquilo que proselitistas católicos com pouco apreço pela verdade colocam na conta do protestantismo – apesar dos protestantes terem sido completamente expulsos da França um século antes da

[1101] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 13.
[1102] CECHINATO, Luiz. *Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 325.
[1103] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 193.

Revolução, que ocorreu em um dos países mais fervorosamente católicos do mundo (que o diga o massacre de São Bartolomeu).

Apologistas católicos são rápidos em apontar os crimes da Revolução, mas não contam o outro lado da história: o que *levou* à Revolução. Não falam nada dos crimes, da miséria, dos genocídios, do absolutismo tirânico, da gritante desigualdade social, do imenso estatismo burocrático, dos escandalosos privilégios da nobreza e do clero, da condição deplorável dos camponeses, do fanatismo das massas, dos pesados e excessivos impostos, da indústria sucateada e falida, das guerras desnecessárias e fracassadas, da dívida gigantesca e impagável, da impossibilidade de se abrir e manter uma empresa, do jugo cada vez mais pesado imposto ao povo para sustentar o luxo e a pompa dos nobres e de um clero cada vez mais corrupto e poderoso.

É como se a Revolução tivesse surgido *ex nihilo,* sem um contexto que tenha conduzido a este ponto, sem ter sido provocada por coisa alguma. A Igreja é apenas a "vítima" de tudo, como se em uma bela e ensolarada manhã os camponeses tivessem acordado com uma vontade incompreensível e incontrolável de mudar toda a ordem social então vigente, descontando no clero bondoso e na nobreza amável um sentimento de revolta e de ódio que lhes sobreveio inexplicavelmente.

Da mesma forma que não se pode discutir os horrores da Revolução, também não se discute que ela só ocorreu como uma reação tardia a séculos de impiedades sem fim perpetradas pelos dois estados que detinham todo o poder, e que deixaram o país em ruínas após a expulsão daqueles que sustentavam toda a economia nas costas – a minoria protestante.

Assim como a expulsão de judeus e mouros mergulhou Espanha e Portugal numa crise de séculos, a expulsão dos protestantes privou a França do espírito empreendedor, e o que sobrou foi um estatismo burocrático tão monstruoso e nefasto quanto o de Espanha e Portugal. Com isso, a França foi definhando em um mar de miséria e de caos que teria sido muito pior se tivesse continuado por mais tempo.

Ironicamente, apesar de toda a destruição, anarquia e carnificina que marcaram os anos da Revolução Francesa, ela conseguiu um feito importante: transferir o poder dos nobres para os burgueses, o que salvou a economia da França. Os protestantes foram aceitos de volta, e a economia voltou a crescer após mais de um século perdido.

Agora, os donos do capital não eram mais nobres improdutivos e inúteis vivendo às custas do Estado e explorando os mais pobres para o seu único enriquecimento, mas empreendedores que arriscavam o seu capital para investir na indústria e na criação de empregos que movimentavam a economia e geravam riqueza a toda a sociedade. Assim, a França renasceria nos séculos seguintes à Revolução como uma grande potência, mas com traumas profundos cujos efeitos políticos ressoariam até hoje.

• Itália

No tempo dos Césares, a Itália era a terra de maior renome e prestígio do mundo. Sua capital, Roma, era a sede do maior império da Antiguidade, sinônimo de luxo e ostentação, e a igreja ali estabelecida herdara toda a pompa imperial. As outras cidades italianas, embora menos suntuosas, desenvolviam um comércio ativo, o que lhes conferia uma condição econômica vantajosa em relação ao resto do continente.

Martinez alega que até o século XV, "a prosperidade econômica dos minúsculos Estados italianos era extraordinária. De uns portos saíam anualmente uns quatro mil barcos, que monopolizavam o comércio no Ocidente e no Oriente"[1104]. Neste quesito, duas repúblicas italianas se destacavam entre as demais: Veneza e Florença. Somadas, elas faziam da Itália medieval "a região mais rica da Europa"[1105]. Porém, ao findar da Idade Média, Roma já não era mais que uma sombra de seu glorioso passado, e as cidades italianas, esmagadas pelas sanções eclesiásticas, declinavam vertiginosamente.

Em pouco tempo, a Itália já não era mais sinônimo nem de riqueza, nem de grandeza cultural. Isso aconteceu sobretudo devido à intervenção da Inquisição romana na cultura, e ao domínio espanhol no terreno político. Juntas, a Igreja e a Espanha conseguiram transformar aquelas cidades até então autônomas e livres em mais um fantoche do papa e do imperador, que as fizeram seguir o mesmo modelo

[1104] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna.* Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960, v. 3, p. 9.
[1105] ibid.

eclesiástico que resultou no declínio da Espanha e de todos os outros que seguiram o mesmo caminho:

> Estava patente que a monarquia espanhola e a Igreja sufocavam os países em que se impunham. Em toda parte onde alcançava sucesso a intrusão dos jesuítas, liquidava-se qualquer tentativa de progresso: assim havia a Inquisição asfixiado o Renascimento na Itália: os espanhóis tornaram-se os senhores tristes daquela terra encantadora; o duque Manuel Felisberto de Saboia, cuja casa, não podendo desenvolver-se em direção à França, escolhera para estender-se à vertente italiana dos Alpes, compreendia que lhe seria necessário disputar a península com a Espanha. Com esta e com a Igreja, a Itália perdera o gosto pela independência e estava reduzida a imitar a si mesma.[1106]

«Caída sob as garras da Espanha», a Itália perde "aquele imenso esplendor intelectual e artístico que haviam conhecido na época do humanismo e do Renascimento para abandonar-se no transcurso do século XVII, em uma total imobilidade inspirada pelo espírito da Contrarreforma"[1107]. Foi assim que a Itália deixou para trás as glórias do passado para se manter "completamente à margem da corrente que transformava a vida econômica dos estados ocidentais, e por conseguinte do mundo, na segunda metade do século XVIII"[1108]. Até mesmo

[1106] RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964, p. 38.
[1107] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 407.
[1108] ibid, v. 4, p. 262.

Veneza, a cidade europeia mais rica da Idade Média[1109], foi sufocada pelo espírito da Contrarreforma, que liquidou a burguesia mercantil e dizimou a economia:

> Veneza, que até princípios do século XVI ocupou o primeiro lugar entre as potências marítimas e coloniais, é a capital de um estado de 3 milhões de habitantes, uma república patrícia vinculada a um estreito conservadorismo, opulento e inativo. Seu porto, que é só uma recordação do que já foi, já não tem relações comerciais com Levante, que perdeu em proveito de Marselha, Livorno, Ancona, Genoa e Trieste, e o Grande Conselho da República, que representava em outro tempo a poderosa burguesia comercial, não é mais que uma assembleia de patrícios – conta 1.023 em 1780 – ferozmente opostos a toda tentativa de reforma, os quais vivem sem admitir mais liberdade que os costumes que evocam as memórias de Casanova.[1110]

O golpe infligido a Veneza foi rápido e mortal. Já em finais do século XVI, «a decadência de Veneza parecia irremediável»[1111], não tardando a perder sua antiga soberania do mar[1112]. Nos séculos seguintes, a presença de navios venezianos se reduziria a um patamar insignificante[1113]. O que liquidou Veneza foi o mesmo veneno que levou à morte os outros estados italianos: a intromissão da Igreja nos assuntos econômicos, especialmente através de sua maior porta-voz, a Espanha.

[1109] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 12.
[1110] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 262.
[1111] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 106.
[1112] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 262.
[1113] A este respeito, confira as tabelas disponíveis no capítulo 6.

Submetidas à tutela da Espanha, as cidades italianas se viram atoladas de impostos que muito contribuíram para o declínio do comércio, uma vez que já não mais podiam ser competitivas como outrora:

> Desta maneira, Itália, em outro tempo o centro econômico e urbano mais ativo da Europa, onde maior vitalidade haviam tido os sentimentos de autonomia, foi caindo sob a tutela da Espanha, que apoiada pela Igreja e as castas privilegiadas governou aqueles territórios em benefício exclusivo da dinastia hispânica, que para sustentar a política hegemônica de Filipe II encheu de impostos as riquezas acumuladas na Itália. Só o reino de Nápoles acrescentou, entre 1558 e 1620, 1.800.000 ducados à soma ingente de 5.000.000, o que equivalia à metade dos impostos de toda a França na mesma época.[1114]

Como era de se esperar, houve resistência a esse aumento exorbitante de impostos que tinha por efeito imediato aniquilar o comércio e a economia, mas esse apelo foi vão. Quanto mais instavam os venezianos, mais esmagados eram pela mão pesada do Estado:

> Os comerciantes venezianos esforçavam-se por convencer o governo a reduzir impostos e permitir tecnologias que reduzissem o custo de fabricação. Infelizmente, quando os tiranos começam a comer a galinha dos ovos de ouro, a prosperidade acaba. Em 1635 o beleguim

[1114] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 103-104.

> veneziano em Constantinopla escrevia: «Os ingleses esforçam-se em privar o nosso povo do pouco comércio que lhes resta no mercado de Constantinopla». Mas não foram os ingleses que destruíram o capitalismo veneziano. Foi o governo de Veneza. Foi o fim das glórias da Itália medieval.[1115]

A fala do beleguim veneziano ilustra bem a mentalidade anticapitalista de nosso tempo. Já virou moda: em todo lugar em que um estatista irresponsável quebra a economia de um país, coloca a culpa no "capitalismo financeiro internacional", em vez de reconhecer que foram as suas próprias medidas desastrosas que asfixiaram o comércio, afastaram os investimentos e tornaram a economia local não-competitiva.

O governo veneziano culpar os ingleses pelo declínio do comércio é como um time derrotado colocar a culpa da derrota no time vencedor, em vez de reconhecer que perdeu pelos seus próprios erros (ainda mais quando estava em vantagem antes). Por isso é sempre muito mais fácil culpar o capitalismo, ou a má sorte, ou Deus, ou os astros, do que assumir os próprios erros que levaram ao fracasso.

Se este foi o trágico fim da mais prodigiosa cidade italiana, as demais não tiveram mais sorte. Os ducados de Parma e Módena «tampouco desenvolvem atividade alguma»[1116], o reino da Sardenha «não mais participava da vida econômica internacional»[1117] porque "vivia miseravelmente submetida ao regime latifundiário,

[1115] RAPP, Richard T. "The Unmaking of the Mediterranean Trade Hegemony: international trade rivalry and the commercial revolution". *The Journal of Economy History.* n. 3, v. 35, 1975, p. 510.
[1116] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 264.
[1117] ibid, p. 265.

cujos senhores eram espanhóis em sua maior parte"[1118], Nápoles «se desenvolvia pobremente»[1119] e a eminente Florença "viu desaparecer sua indústria ao mesmo tempo da autonomia urbana que a fez possível"[1120].

Da mesma forma que elas, a Sicília

> já não obtinha benefício algum de sua estratégica posição marítima nas rotas do comércio pelo Mediterrâneo, sua antiga burguesia havia desaparecido quase completamente e era um estado senhorial no qual 800.000 habitantes – de 1.200.000 que contava a população total da ilha – viviam sob a dependência de grandes senhores de terra. Sua intervenção na economia mundial havia terminado.[1121]

Por tudo isso, no século XVIII a antes tão gloriosa Itália "ocupa um lugar secundário na economia internacional"[1122], cuja decadência é «total»[1123]. Descrevendo a Itália do século XVIII, Mousnier diz que "as cidades vegetam, os burgueses são pouco numerosos, pobres, sem influência. Os camponeses encontram-se, em toda a parte, numa situação de atraso e miséria"[1124]. Apenas um lugar do mundo encontra-se em um estado de mais deplorável decadência, abandono e atraso: os Estados do papa.

[1118] ibid.
[1119] ibid.
[1120] ibid, p. 262.
[1121] ibid, p. 265.
[1122] ibid, p. 266.
[1123] ibid, p. 262.
[1124] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 203.

• Os Estados Papais

Vimos no capítulo anterior que naqueles tempos o papa não era apenas um "líder espiritual", mas se destacava como um proeminente monarca que almejava a soberania do mundo[1125]. Mas conquanto se colocasse acima dos reis e cobiçasse um império universal, na prática ele só tinha um *governo direto* sobre os chamados "Estados Pontifícios", onde atuava como um monarca absolutista (no resto da Europa o seu domínio era indireto, ou seja, controlando e dirigindo os reis dos diversos países).

Por isso, estudar a política desses estados é o ponto mais importante deste capítulo, uma vez que ali o papado não apenas influenciava fortemente, mas *governava de fato* com poder absoluto, sem ter que dividi-lo com ninguém. Em outras palavras, nenhum estado católico pode expressar com mais perfeição as ideias políticas e econômicas da Igreja do que os próprios Estados Papais, onde os papas podiam governar e legislar livremente, como bem entendessem.

Ocorre que esses estados do papa "são os que têm a pior administração e os mais miseráveis da península"[1126]. Seu governo, de caráter obviamente teocrático, «desinteressa-se das questões materiais» e deixa seu povo morrendo de fome[1127]. Nestes estados viviam não menos que 2,5 milhões de pessoas, que "vão sobrevivendo em uma decadência anárquica"[1128].

[1125] Em um sentido técnico, o papa ainda é um monarca absolutista, embora hoje em dia o seu reinado se restrinja ao menor Estado do mundo, o Vaticano (com apenas 0,44 km²).
[1126] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 203.
[1127] ibid.
[1128] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 264.

Charles de Brosses (1709-1777), presidente do Parlamento de Dijon, assim descrevia o governo desses estados:

> O governo é o pior que se possa imaginar. (...) Imagine um povo cuja terceira parte são sacerdotes, outra terceira parte gente que apenas trabalha, e outra terceira de gente que não faz absolutamente nada; onde não há agricultura, nem comércio, nem fábricas.[1129]

O mais irônico nisso tudo é que os Estados Pontifícios enchiam o bolso com o turismo religioso (procissões, peregrinações, exposições de "relíquias sagradas" e afins), e nem assim conseguiam sair da mediocridade:

> O dinheiro que a piedade das massas católicas aflui ali de todas as partes permite ao Vaticano e à aristocracia romana agrupada a seu redor aumentar continuamente a ostentação arquitetônica da Cidade Eterna, mas atrás dessa fachada devida a uma riqueza vinda de fora, os estados da Igreja definham na miséria e na ociosidade.[1130]

Com tais condições lastimáveis, já é de se imaginar que o sistema econômico em vigência não era lá essas coisas. Mas é muito pior do que você pensa: em pleno século XIX, o papa Leão XII (1823-1829) "restaurou a aristocracia feudal nos Estados Pontifícios"[1131]. Se os papas queriam mostrar ao mundo que continuavam

[1129] BROSSES apud PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 264.
[1130] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 264.
[1131] McBRIEN, Richard P. *Os Papas: de São Pedro a João Paulo II.* 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 340.

amarrados à Idade Média, nada melhor do que manter um regime feudal quatrocentos anos após seu fim, quando todos os países da Europa já se industrializavam e modernizavam (até aqueles mais refratários à modernidade). Não seria surpresa se encontrassem um neanderthal ainda vivo nesses estados do papa.

Como Pirenne destaca, "a Igreja se manteve sempre desconfiada e receosa frente a transformações sociais que, mesmo assim, lhe era impossível evitar"[1132]. Os Estados Papais não conservavam apenas o feudalismo, mas todos os horrores típicos da Idade Média – uma lembrança viva do obscurantismo. Neles, os judeus eram segregados em guetos e tinham seus bens confiscados, a tolerância religiosa era nula, ninguém fazia ideia do que eram direitos civis e em lugar do liberalismo o que havia era escravidão, censura da imprensa, Index de livros proibidos, Inquisição e outras maravilhas do mundo medieval (por sorte, o papa não tinha um exército grande o suficiente para convocar novas cruzadas).

O renomado teólogo e sacerdote católico Richard McBrien assim descreveu a administração papal desses estados:

> Em maio de 1825, [Leão XII] publicou condenações do indiferentismo religioso, da tolerância religiosa e da maçonaria. Também reforçou o Index de Livros Proibidos e o Santo Oficio (antiga Inquisição), devolveu a Universidade Gregoriana aos jesuítas e criou novas cadeiras de teologia, mas aumentou a supervisão da ortodoxia dos

[1132] PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939, p. 27.

> professores. Restaurou a aristocracia feudal nos Estados Pontifícios, com posições privilegiadas, e também os tribunais eclesiásticos pré-1800. Ao restaurar a predominância do clero e da nobreza, pôs fim à tendência laicizante da administração dos Estados Pontifícios e, em 1826, os judeus foram, mais uma vez, confinados em guetos e tiveram suas propriedades confiscadas.
>
> Em seguida, o Estado moderno que o cardeal Consalvi tentara criar, sem abrir mão dos direitos e interesses da Igreja, foi destruído, em favor de um sombrio Estado policial completo com censura da imprensa, pena de morte, sociedades secretas (precursoras do *Sodalitium Pianum* no pontificado de Pio X no início do século XX) que farejavam os mais leves sinais de revolução. Em resultado da nova política reacionária do papa, os Estados Pontifícios perderam muitos cidadãos produtivos, inclusive judeus, e sofreram estagnação econômica. A classe média ascendente irritou-se com o declínio de seu bem-estar econômico e as violações de suas liberdades pessoais, e os Estados Pontifícios adquiriram a fama de serem os mais atrasados da Europa[1133]

Michael Baigent e Richard Leigh também escrevem:

> Escrevendo na década de 1950, um historiador e apologeta católico descreveu os Estados Papais do período pós-napoleônico imediato como uma teocracia benévola. Entre 1823 e 1846, cerca de 200 mil

[1133] McBRIEN, Richard P. *Os Papas: de São Pedro a João Paulo II.* 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 341.

> pessoas nessa teocracia benévola foram mandadas para as galés, banidas para o exílio, sentenciadas à prisão perpétua ou à morte. A tortura, pelos inquisidores do Santo Ofício, era rotineiramente praticada. Toda comunidade, fosse ela uma pequena aldeia rural ou uma grande cidade, mantinha um patíbulo permanente na praça central. A repressão corria solta e a vigilância era constante, com espiões papais à espreita em toda parte. Reuniões de mais de três pessoas eram oficialmente proibidas. As ferrovias foram proibidas, porque o papa Gregório XVI acreditava que podiam fazer mal à religião. Também os jornais não podiam circular. Segundo um decreto do papa Pio VIII, quem possuísse um livro de um autor herético seria também considerado herege. Quem ouvisse críticas ao Santo Ofício e não as denunciasse às autoridades era considerado tão culpado quanto o crítico. Por ler um livro do Index ou comer carne na sexta-feira, podia-se ir para a prisão.[1134]

Sobre a liberdade de imprensa nos Estados Papais, eles dissertam:

> Em seu próprio domínio, o papa Pio IX governava como monarca absoluto. As antigas restrições, como as que proibiam o direito de reunião, ainda se aplicavam. Não se permitia qualquer jornal independente. Os despachos dos repórteres e correspondentes que trabalhavam dentro do Estado Papal eram interceptados pela polícia antes de poderem ser mandados para fora. Censurava-se ou eliminava-se qualquer crítica contrária, e muitas vezes baniam-se os

[1134] BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. *A Inquisição.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 210.

> próprios críticos. Negava-se entrada a livros e jornais indesejados. Todos os textos que defendiam a reforma clerical, ou mesmo a posição galicana, eram automaticamente postos no Index.[1135]

E sobre o «Estado policial» criado para reprimir a liberdade de consciência:

> A polícia e os espias papais continuavam por toda parte e agiam rápido contra transgressões teológicas. As prisões eram comuns e numerosas. Os crimes políticos eram julgados por tribunais especiais, apenas por padres, que exerciam autoridade incontestada. Nas melhores tradições da Inquisição, os acusados jamais podiam encontrar-se com as testemunhas usadas contra eles pela promotoria, nem ser defendidos por um advogado. Os médicos eram proibidos de continuar tratando de um paciente que, após uma terceira visita, não consultasse o seu confessor. Os médicos judeus simplesmente eram proibidos de praticar; por pressão do papa, também estavam banidos do território adjacente da Toscana. Esse era o regime temporal de Pio IX.[1136]

McBrien diz que Gregório XVI "opunha-se tanto ao modernismo que proibiu as ferrovias nos territórios pontifícios, denunciou a liberdade de consciência, a liberdade de imprensa e a separação entre a Igreja e o Estado"[1137]. Você não leu errado: a aversão à modernidade e o ódio ao progresso chegavam a um nível tão insano que as próprias *ferrovias* eram proibidas nos estados do papa.

[1135] ibid, p. 212.
[1136] ibid, p. 213.
[1137] McBRIEN, Richard P. *Os Papas: de São Pedro a João Paulo II.* 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 443-444.

Certamente se ele pudesse voltar no tempo para os "dias de glória" do papado (os de Gregório VII e de Inocêncio III) não pensaria duas vezes. Como não podia, se esforçava em se opor energicamente a qualquer avanço, em qualquer área que fosse. Nunca antes o termo «reacionário» foi tão bem usado. Qualquer coisa que destoasse da Idade Média era combatida. Nem as ferrovias escapavam!

Podemos resumir que os Estados Papais eram basicamente como a Coreia do Norte atual, com a diferença de que esta pelo menos não se opõe às ferrovias. Os estados do papa se consolidaram como o símbolo-mor do atraso, de um reacionarismo obscurantista que resultou num pedaço permanente da Idade Média até 1870, quando finalmente foram tirados das mãos dos pontífices romanos e ganharam uma sobrevida.

Nesses estados, tudo o que era moderno ou que estava associado à modernidade era condenado; por isso, democracia, capitalismo e liberdade – seja a liberdade pessoal, ou econômica, ou de imprensa, ou de consciência, ou em qualquer sentido imaginável – eram abominados e literalmente resultavam em pena de morte para aqueles que ousavam se opor ao modo com o qual os papas governavam seus estados.

Mergulhado nesse marasmo de fanatismo e totalitarismo, essa Igreja/Estado de Roma deu seu próprio exemplo pessoal de como se governa de acordo com a ética católica – para a desgraça de seus cidadãos. Com um governo de dar inveja ao Estado Islâmico, os papas estabeleceram o modelo que seria copiado pelos países católicos mais próximos dos ideais da Contrarreforma (aquilo que levou à decadência de Espanha, Itália e Portugal, e à ruína da França do Antigo Regime).

O fim dos Estados Pontifícios foi tão deprimente quanto sua vida: seus próprios cidadãos voltaram-se contra Pio IX, seu último governante, assassinaram o primeiro-ministro (o conde Rossi) e sitiaram o papa no Palácio Quirinal, o qual se viu forçado a fugir disfarçado para Gaeta, ao sul de Roma. O papa pediu socorro às potências católicas da Europa, a França veio em seu auxílio e restaurou o poder papal, mas por pouco tempo. O regime implementado pelo papa em seu retorno seria ainda mais tirânico e repressivo, "a tal ponto que seu próprio conselheiro, monsenhor Giovanni Corboli-Bussi, descreveu como «reacionário e desastroso»"[1138].

Em 1870, a própria Itália católica ocuparia Roma e tomaria os territórios papais, e dessa vez nem mesmo a França tentaria impedir. Ao papa só restou o Vaticano, atualmente reconhecido como o menor Estado do mundo, com menos de um quilômetro quadrado (0,44 km²), pequeno o suficiente para os papas não terem como estragar tudo de novo.

• Polônia

A Polônia era mais um país em que a ética católica se misturava com o nacionalismo local, o que fazia do catolicismo romano "o símbolo e fundamento da nacionalidade polaca"[1139]. Como o Estado polonês era «um dos mais extensos da Europa»[1140], ele

[1138] ibid, p. 351.
[1139] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa*. Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 74.
[1140] ibid, p. 447.

fornecia condições favoráveis para um rápido crescimento, impulsionado pelo grande contingente populacional e pela possibilidade de se investir na indústria e no comércio. Todavia, na prática se observava o contrário. Assim como os Estados Papais, a Polônia se manteve fundamentalmente rural e senhorial, ou seja, não havia transitado do feudalismo para o capitalismo.

Isso lhe conferiu um atraso considerável em comparação ao resto da Europa, razão pela qual a Polônia jamais conseguiu usar todo o seu potencial para se tornar, de fato, uma *potência* europeia, como nos tempos medievais. Sobre isso, Pirenne escreve:

> Polônia, nação essencialmente senhorial, se manteve por inteiro estranha a ela, e as cidades, muito pouco povoadas – só contavam com 6% da população total – não desempenhavam papel algum. Só os judeus mantinham certa atividade econômica. Fora das regiões fronteiriças do Oeste, onde se achavam estabelecidos imigrantes alemães e holandeses que constituíram uma população camponesa livre, o país estava repartido entre senhores proprietários de terra sob cuja autoridade soberana se encontravam os servos em uma situação cada vez mais miserável, já que o capitalismo ocidental, impulsionando os proprietários de terras a aumentar sua produção, obrigou a impor aos servos um trabalho cada vez mais duro. Conservando um direito exclusivamente patrimonial, a Polônia estava longe da evolução da Europa.[1141]

[1141] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954, v. 4, p. 290-291.

Em outras palavras, a Polônia se manteve atrasada porque se manteve alheia ao capitalismo, *como todos os países que seguiram a ética católica.* Mesmo com mais população e mais terras, ela produzia menos do que os países capitalistas ocidentais, que tinham tecnologia mais avançada para produzir mais e melhor. Em consequência, os senhores passaram a exigir cada vez mais de seus servos (na prática, tratados como escravos), numa tentativa desesperada de gerar produtividade sem capitalismo, o que tornou a vida do camponês polonês ainda mais dura.

Neste cenário, o pouco que movimentava a economia recaía inteiramente sobre a minoria de judeus:

> A leste do Sacro Império, a Polônia forma uma imensa folha incoerente, ainda senhorial, à que só a comunidade da religião católica presta unidade; Hungria, quase inteiramente em poder dos turcos, vive sob um idêntico regime de domínios senhoriais. Todo esse centro europeu possui uma economia exclusivamente agrícola, e a sociedade está formada pela nobreza e uma classe camponesa de condição servil; exceto o núcleo judeu, não existe, salvo na Boêmia, uma burguesia urbana.[1142]

Mousnier também diz que "as cidades, todas pequenas (6 a 7% da população), quase não têm burguesia, composta apenas por alguns comerciantes judeus"[1143]. A

[1142] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa*. Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 270.
[1143] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 212.

grande Polônia já não mais podia medir forças com a Suécia de Gustavo Adolfo (1611-1632), que "criou um exército e uma marinha fortes e modernos"[1144], enquanto ela permanecia "um país quase exclusivamente rural"[1145]. Em pleno século XVIII, 72% dos seus habitantes ainda eram camponeses sujeitos a uma condição servil, "dominados por vinte a trinta mil famílias de pequenos nobres, por vezes muito pobres, clientes de uma vintena de famílias de nobres, grandes proprietários, os magnatas"[1146].

A demora em sair da Idade Média manteve a Polônia atrasada até hoje, figurando entre os países mais pobres da Europa[1147].

• A América Espanhola

Como a Espanha levou às suas colônias suas instituições, sua cultura política e sua ética religiosa, não é de se admirar que o destino das mesmas fosse parecido com o da metrópole, *só que muito pior*. Se a Espanha que "roubava" todo o ouro das colônias ainda assim se endividava e empobrecia, imagine a situação das próprias colônias. Adicione a isso o fato de que essas colônias reproduziam a intolerância religiosa da metrópole, onde a Inquisição varria judeus, protestantes, muçulmanos

[1144] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa*. Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953, v. 3, p. 207.
[1145] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 212.
[1146] ibid, p. 212-213.
[1147] A Polônia é o antepenúltimo país com pior economia da Europa, ficando à frente apenas de Hungria e Croácia (também católicos).

e "maus" católicos. O fanatismo religioso impedia a manifestação do pensamento e suprimia as minorias, como Mayer escreve:

> O Santo Ofício na Nova Espanha foi eficaz: não houve ali um movimento protestante organizado e com canais respeitáveis de difusão. No século XVIII, os protestantes já não eram uma ameaça à ordem estabelecida da Igreja ou do Estado. A política espanhola através de suas instituições cumpriu seu objetivo: evitou a heresia protestante no Novo Mundo.[1148]

Todos os não-católicos e estrangeiros foram proibidos de entrar nas colônias espanholas[1149], o que fomentou nas colônias um isolacionismo cultural que resultou no mesmo espírito antiprotestante e anticapitalista que já predominava na metrópole. Ao mesmo tempo, a Igreja Católica monopolizava terras e dinheiro no Novo Mundo, os quais estavam longe de servir a qualquer propósito economicamente útil:

> No fim do século XVII, a Igreja era a maior potência econômica da sociedade colonial. No fim do séc. XVIII, no Peru, quase todos os terrenos pertenciam em parte ou na totalidade aos clérigos. Em Lima, 1.135 das 2.805 casas pertenciam a congregações religiosas, eclesiásticos diocesanos ou legados piedosos. Na mesma época, a Igreja possuía metade dos terrenos produtivos, rurais e urbanos, na

[1148] MAYER, Alicia. "Política contrarreformista e imagen anti-luterana en Nueva España". *Hispania Sacra*, LXVIII. n. 137, enero-junio 2016, p. 41.
[1149] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 254.

> enorme colônia da Nova Espanha, e quase dois terços das casas na Cidade do México.[1150]

Com isso, a Igreja trouxe às colônias ibéricas o mesmo parasitismo que corroeu a Europa medieval e os Estados Pontifícios: uma imensidão de terras controladas pela Igreja para nenhum fim produtivo, onde a iniciativa empreendedora inexistia e a administração não podia ser pior. Quando uma terra não era propriedade da Igreja, era controlada por senhores feudais, o que mostra como era difícil se tornar um pequeno empresário de sucesso no Novo Mundo[1151]. O contraste com a colonização protestante é tão grande que Rodney Stark, um autor que discorda da tese weberiana, é obrigado a reconhecer:

> Não requer conhecimentos profundos compreender por que razão tantos imigrantes ilegais passam todos os anos do México para os Estados Unidos. Quem não desejaria fugir da miséria e ter oportunidade para participar na prosperidade norte-americana? Também não é necessária uma análise profunda para percebermos por que razão o norte do Novo Mundo, a norte do Rio Grande, acabou por ultrapassar a Europa em termos de poder econômico, enquanto as zonas mais a sul entraram em declínio: a América do Norte foi modelada na Inglaterra e a América Latina recriou a Espanha. O fato das primeiras povoações inglesas se chamarem "Nova Inglaterra", e das primeiras colônias espanholas serem conhecidas como "Nova Espanha", é revelador. Como eram colônias britânicas, os Estados

[1150] MECHAM, J. Lloyd. *Church and State in Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1966, p. 38.
[1151] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 253.

> Unidos herdaram a liberdade e o capitalismo. Em contraste, as colônias espanholas da América do Sul herdaram o feudalismo repressivo e pouco produtivo. Os dois continentes foram colonizados por cristãos: católicos no sul e, em geral, protestantes no norte.[1152]

Tanto Espanha como Portugal eram «reinos feudais, católicos», e ambos estabeleceram «colônias feudais, católicas»[1153]. Em outras palavras, a América Latina já começou errada desde o princípio, porque copiou o fracassado modelo ibérico/católico em contraste ao anglo-saxão/protestante, que analisaremos no capítulo seguinte. Em consequência, a economia já nasceu precária e sem perspectiva de ascensão.

Palavras como empreendimento, indústria, investimento e comércio, que estavam bem presentes no vocabulário das colônias inglesas, eram verdadeiros palavrões para as colônias ibéricas. Os primeiros enviados a essas colônias eram "a escória de suas cidades, vagabundos e criminosos"[1154]. Stark mostra como o espírito da Contrarreforma liquidou a economia das colônias católicas do Novo Mundo ao seguir o modelo católico romano, que prezava por uma economia planificada e se opunha abertamente ao capitalismo (como veremos com mais detalhes no capítulo 7):

> A Contrarreforma restaurou uma fé adequada apenas a uma época ultrapassada: uma fé compatível com as economias planificadas, mas incompatível com a democracia, e muito menos com o capitalismo.

[1152] ibid, p. 237-238.
[1153] ibid, p. 239.
[1154] SÉDILLOT, René. *Histoires des colonisations*. Paris: Fayard, 1958, p. 343.

> Foi essa a Igreja que sobreviveu no sul da Europa e nas colônias do Novo Mundo. E foi dessas raízes que nasceu a expressão, por parte de alguns dirigentes da Igreja (Católica) na América Latina, de um anticapitalismo insensato, e da ilusão esquerdista da "Teologia da Libertação".[1155]

Como as colônias eram proibidas de fazer comércio com outro país que não a metrópole, elas ficavam inteiramente dependentes economicamente da Espanha – aquela mesma Espanha falida e em franca decadência. Por isso elas nunca estavam bem abastecidas, como conta Cesare Cantù:

> A carregação das duas esquadras não excedia nunca de vinte e sete mil e quinhentas toneladas, o que era muito menos do que o reclamado pelas necessidades das colônias, que ficavam, portanto, mal abastecidas, e que o eram de qualidades inferiores. O contrabando supria o resto: quando se sentiram os efeitos dele, quiseram reprimi-lo com uma severidade monstruosa; por exemplo, infligindo a pena de morte, ou cometendo o processo do delito à Inquisição como se se tratasse de uma impiedade.[1156]

Os colonos não tinham qualquer poder administrativo e eram inteiramente dirigidos pela Coroa espanhola, o que fortalecia o modelo feudal desejado pela metrópole:

[1155] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente.* Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 244.
[1156] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 19, p. 55.

> As colônias espanholas eram governadas por um vice-rei, juntamente com um corpo administrativo supremo chamado a Audiência, constituído por oficiais veteranos enviados da Espanha. Não se esperava qualquer ação legislativa da América Espanhola: todas as leis impostas nas colônias vinham da Espanha. O governo espanhol não era democrático, pois o país continuava a ser um reino feudal. De fato, todos os cargos administrativos coloniais eram *vendidos* pelo rei da Espanha![1157]

Stark ainda compara a autonomia dada pelos ingleses às suas colônias com o autoritarismo espanhol que impedia a menor emancipação colonial:

> A produção nas colônias foi desincentivada. A Coroa espanhola opunha-se, e era incompatível com o feudalismo rural que existia. As colônias espanholas não conseguiam exportar matérias-primas para a Espanha porque as herdades eram quase todas auto-suficientes e, de qualquer forma, a matérias-primas seriam de pouca utilidade para a economia espanhola não-industrializada. Em conclusão: as colônias britânicas gozaram de um nível muito elevado de autonomia política local, com base em instituições relativamente democráticas. As colônias espanholas foram governadas por oligarquias espanholas e locais. Todas as colônias foram exploradas, e as suas economias foram alteradas e controladas pelo mercantilismo. O mercantilismo gerou o

[1157] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 252.

> desenvolvimento econômico local no norte, mas reforçou o feudalismo no sul.[1158]

Se o historiador francês Alexis de Tocqueville (1805-1859) descrevia os Estados Unidos como «um dos países mais livres e mais esclarecidos do mundo»[1159], Stark observa que "ninguém escreveu nada que se pareça sobre qualquer país a sul do Rio Grande"[1160]. O retrato que Tocqueville faz dos países latino-americanos demonstra com clareza que seu atraso em relação à América do Norte definitivamente não é uma coisa recente. Ainda na primeira metade do século XIX, assim ele descrevia os povos latinos do Novo Mundo:

> Os espanhóis e os portugueses fundaram na América do Sul grandes colônias que, desde então, tomaram-se impérios. A guerra civil e o despotismo desolam hoje essas vastas regiões. O movimento da população se estanca aí e o pequeno número de homens que as habita, absorto no cuidado de se defender, mal sente a necessidade de melhorar sua sorte. Mas não pode ser sempre assim. A Europa entregue a si mesma conseguiu, por seus próprios esforços, varrer as trevas da Idade Média; a América do Sul é cristã como nós; ela tem nossas leis, nossos usos; encerra todos os germes da civilização que se desenvolveram no seio das nações europeias e de seus rebentos. A América do Sul tem, sobre nós, a vantagem de nosso exemplo: por que ficaria sempre bárbara? Evidentemente, trata-se aqui apenas de uma questão de tempo: virá sem dúvida o dia, mais ou menos

[1158] ibid, p. 258.
[1159] TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America.* Nova York: Vintage Books, 1956. v. 1, p. 319.
[1160] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 252.

> distante, em que os americanos do Sul formarão nações florescentes e esclarecidas.[1161]

Nós não sabemos se a previsão de Tocqueville irá um dia se concretizar, mas o fato é que ainda hoje os países latino-americanos estão longe dos países de primeiro mundo (embora já não sejam mais tão bárbaros como outrora). De todo modo, uma coisa que sabemos que Tocqueville previu com precisão foram as revoluções (ditaduras de esquerda ou de direita) da América Latina, em consequência da instabilidade política e da pobreza do continente. Ele escreve:

> Mas quem pode afirmar que as revoluções não são, em nosso tempo, o estado mais natural dos espanhóis da América do Sul? Nesses países, a sociedade se debate no fundo de um abismo do qual seus esforços próprios não podem fazê-la sair.[1162]

Tocqueville também mostra o abismo existente entre os Estados Unidos e a América Latina quando diz que os norte-americanos "ainda não tem vizinhos poderosos na América"[1163], e também quando afirma que «os espanhóis do Novo México renunciaram ao comércio», algo que os estadunidenses praticavam ativamente[1164]. Nenhum contraste era mais evidente que o do vizinho México, que mesmo tendo copiado as mesmas leis norte-americanas na tentativa de obter o mesmo êxito, permanecia em um estado de despotismo e miséria:

[1161] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 466.
[1162] ibid, p. 263.
[1163] ibid, p. 265.
[1164] ibid, p. 461.

> A Constituição dos Estados Unidos parece essas belas criações da indústria humana que enchem de glória e de bens os que as inventam, mas que permanecem estéreis em outras mãos. É o que o México faz ver nos dias de hoje. Os habitantes do México, querendo estabelecer o sistema federativo, tomaram por modelo e copiaram quase inteiramente a Constituição Federal dos anglo-americanos, seus vizinhos. Mas, ao transportarem para seu país a letra da lei, não puderam transportar ao mesmo tempo o espírito que a vivifica. Vimo-los então se embaraçar o tempo todo entre as engrenagens de seu duplo governo. A soberania dos Estados e a da União, saindo do círculo que a Constituição traçara, penetraram cada dia uma na outra. Atualmente ainda, o México se vê incessantemente arrastado da anarquia ao despotismo militar, e do despotismo militar à anarquia.[1165]

> As leis federais constituem seguramente a porção mais importante da legislação dos Estados Unidos. O México, que é tão bem situado quanto a União anglo-americana, apropriou-se das mesmas leis, mas não pode se habituar ao governo da democracia. Há, pois, uma razão independente das causas físicas e das leis, que faz que a democracia possa governar os Estados Unidos.[1166]

Novamente predizendo o futuro com precisão, Tocqueville diz que "por muito tempo ainda o estado pouco avançado da civilização, a corrupção dos costumes e a miséria impedirão que o México assuma uma posição de destaque entre as

[1165] ibid, p. 187.
[1166] ibid, p. 361.

nações"[1167]. Um século depois, como se nada tivesse mudado, Sergio Buarque de Holanda escrevia que "as constituições feitas para não serem cumpridas, as leis existentes para serem violadas, tudo em proveito de indivíduos e oligarquias, são fenômeno corrente em toda a história da América do Sul"[1168].

Nenhum lugar do mundo tinha terras tão férteis e uma riqueza natural tão grande quanto a América do Sul (quesito no qual a América do Norte deixava muito a desejar), o que em tese colocaria a América do Sul em evidente vantagem sobre a do Norte (somado ao fato de que a colonização das colônias inglesas só aconteceu um século após a colonização ibérica). Isso nos mostra que a explicação para o sucesso de um e o fracasso do outro independe completamente de qualquer fator natural, como Tocqueville também observa:

> Mas em que porção do mundo encontram-se ermos mais férteis, rios maiores, riquezas mais intactas e mais inesgotáveis do que na América do Sul? No entanto, a América do Sul não pode suportar a democracia. Se bastasse aos povos, para serem felizes, serem postos num canto do universo e poderem estender-se à vontade nas terras inabitadas, os espanhóis da América meridional não teriam podido queixar-se de sua sorte. E, mesmo se não desfrutassem da mesma felicidade dos habitantes dos Estados Unidos, deveriam pelo menos fazer-se invejar pelos povos da Europa. **Contudo não há na terra nações mais miseráveis do que as da América do Sul.**[1169]

[1167] ibid, p. 192.
[1168] HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 182.
[1169] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 360.

Se a explicação não está na natureza, ela só pode estar em *aspectos culturais.* Mesmo Tocqueville (um católico) reconhece que a resposta está nas «suas leis e seus costumes», que faziam dos Estados Unidos uma grande nação em contraste com a miséria da América Espanhola:

> Percebo entre outros povos da América as mesmas condições de prosperidade que entre os anglo-americanos, menos suas leis e seus costumes; e esses povos são miseráveis. As leis e os costumes dos anglo-americanos são, pois, a razão especial de sua grandeza e a causa predominante que procuro.[1170]

Lembre-se, porém, que o próprio Tocqueville reconhece que o México havia copiado as leis americanas, mas mesmo assim era miserável e anárquico. A resposta, portanto, deve recair mais nos costumes do que nas leis. Mas de onde vem costumes tão benéficos de um lado, comparado a costumes tão nocivos do outro? Se você não pulou o capítulo anterior, deve saber que nada moldava mais a cultura e a mentalidade de um povo do que a sua religião.

Nos séculos passados, a religião era de longe o aspecto cultural mais relevante e de maior impacto na sociedade. Com isso em mente, é mais do que lógico que essa disparidade reside na ética protestante (seguida pelos ingleses) em relação à ética católica (seguida pelos ibéricos). Não à toa, a América Latina esteve completamente à margem do processo de industrialização que se acelerava a passos largos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Stark diz que

[1170] ibid, p. 360-361.

> em 1870, a América [referindo-se aos Estados Unidos] era um gigante industrial, apenas ultrapassada pela Grã-Bretanha em termos de volume, e muito à frente de Alemanha e França. Em contraste, quase não existia indústria na Espanha e na América Latina.[1171]

A Espanha trouxe às suas colônias a mesma cultura católica, estatista e burocrática que custou tanto à própria Espanha – e com Portugal não seria diferente. Não surpreende que os países latino-americanos sejam os mais suscetíveis ao discurso da esquerda marxista, onde a narrativa da luta de classes adentrou as universidades e ganhou o status de verdade absoluta, desistimulando o trabalho honesto e provocando revoltas, sobretudo entre os mais jovens (os mais doutrinados).

Como a guatemalense Gloria Álvarez observa, essa mentalidade revolucionária tão inculcada nos povos latinos estimula as convulsões sociais, o roubo, a desordem, a instabilidade e a sensação de incapacidade e superdependência do Estado, em direto contraste à cultura americana de trabalho, empreendedorismo e meritocracia:

> ...depois essa criança vai pra escola tem um professor que tem encruado o marxismo dialético e que o ensina o ressentimento; ensina que ele é pobre, que há ricos, que há pessoas que o humilharão, que ele não é dono da sua vida, que há gente que controla o mundo, e que, por mais que lute, não vai dar em nada. Essa criança cresce e se torna um jovem com muitos problemas, que pode se envolver com o

[1171] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 262.

> crime e com drogas, e se sentir completamente confuso. Se tiver a sorte de chegar à universidade, se juntará a outros que, como ele, terão desenvolvido um ressentimento social em seus corações, e a única coisa que farão será repetir a mesma dialética de luta de classes. Quando se tornam adultos, preferem fazer isso ou pedir ajuda do governo, porque se sentem incapazes de se manter por seus próprios pés. Então temos um círculo de vitimismo psicológico, que é o maior dano do populismo, porque estamos formando gerações que se sentem impotentes.[1172]

A mentalidade revolucionária vê nos ricos a causa das suas mazelas e produz um inconformismo que só pode ser satisfeito através da revolução. E como o problema é "o sistema", roubar quem possui mais bens materiais é moralmente legitimado no imaginário dessas pessoas, o que explica o elevado índice de violência nos países latinos.

Na obsessão de forçar a igualdade, muitos cauterizam sua consciência moral e recorrem ao crime, justificado pelo discurso marxista em função da dicotomia entre "oprimidos" e "opressores", onde qualquer um pode se imaginar na classe dos "oprimidos" e fazer "justiça" com as próprias mãos. Isso explica por que a esquerda adora defender bandido: ela própria é quem os cria, mediante a mentalidade revolucionária na qual um ladrão só está recuperando o que seria dele por direito.

[1172] ÁLVAREZ, Gloria. *A distância mínima entre esquerda e direita na AL*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=--2q_0eMdLU>. Acesso em: 14/11/2019.

• Brasil

Que "o Brasil deu errado", está acima da dúvida. Para constatar algo fácil assim basta ser brasileiro e saber como as coisas funcionam aqui (ou melhor, como não funcionam). O que nem todo mundo sabe (mas todo mundo suspeita) é que o Brasil já começou errado desde o começo, e este 'começo' é ter sido colonizado pelos portugueses. Até Roger Scruton, o escritor conservador mais lido no mundo todo, afirmou que "o erro do Brasil foi ter sido colonizado pelos portugueses. O Brasil deveria ter sido colonizado pelos ingleses. Isso tornaria as coisas muito mais simples"[1173].

O erro começou realmente cedo: a metrópole enviava para cá os piores tipos possíveis, desesperada em se livrar de um problema cuja solução encontrada foi a colônia:

> Os ingleses que chegaram aos Estados Unidos eram homens de bem e com suas famílias, enquanto que, no Brasil, os portugueses eram aventureiros e degredados que vieram sem suas esposas. Daí a miscigenação advinda da licenciosidade com índias e negras. De acordo com Gilberto Freire, o colonizador português chegou ao Brasil "hiperexcitado" e aqui encontrou o ambiente próprio para liberar sua sexualidade. Além disso, havia a influência do culto afro-brasileiro, cujos deuses são louvados por sua sexualidade. Xangô, por exemplo,

[1173] SCRUTON, Roger Vernon. *Roger Scruton: "Os conservadores dizem o que as pessoas querem ouvir".* Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/06/roger-scruton-os-conservadores-dizem-o-que-as-pessoas-querem-ouvir-cjxg4z6yr03pv01o9m9sfbqfs.html>. Acesso em: 03/12/2019.

> tinha 400 mulheres e Oxum é uma espécie de deusa do desejo. A situação era tão periclitante que mesmo clérigos de provada virtude acabaram por queimar seus cabelos no forno babilônico, como escreveu Euclides da Cunha: "A mancebia com as caboclas descambou logo em franca devassidão, de que nem os clérigos se isentavam"[1174].
>
> Além dos problemas causados pela baixa qualificação dos portugueses que para cá migraram, na sua maioria degredados e aventureiros, muitos missionários acabaram cedendo à pressão da carnalidade, postura relapsa e escandalosa, formando o retrato da evangelização católica em terras brasileiras. Só para exemplificar, Tomé de Souza, o primeiro governador geral do Brasil, trouxe na primeira leva de colonos portugueses nada menos que 400 degredados. Homens sem qualificação de qualquer espécie.[1175]

O sistema administrativo implementado pela Coroa portuguesa foi o das capitanias hereditárias, criadas em 1534. Das 14 capitanias, "apenas Pernambuco prosperou, graças ao açúcar; São Vicente sobreviveu com uma economia de subsistência, e as demais fracassaram"[1176]. Ou seja, o projeto colonial já começou falido. Tal como na América Espanhola, os brasileiros só podiam comercializar com a metrópole, que impunha a monocultura justamente na intenção de impedir que a colônia fosse autossuficiente[1177].

[1174] HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil.* São Paulo: ASTE, 1989, p. 48.
[1175] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011, p. 162-163.
[1176] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 134.
[1177] ibid, p. 110.

Uma vez que os fazendeiros daqui eram proibidos de cultivar mais de um produto agrícola, ficavam inteiramente dependentes da metrópole para a própria sobrevivência – e não precisamos dizer o quanto isso dizimou nossa economia. "Mas com a independência tudo mudou", pensará você. Não exatamente. Apesar de se libertar da monocultura, "não houve mudanças em nossa estrutura econômica, que continuou fundamentalmente colonial: agrária, latifundiária, escravista e dependente do mercado externo"[1178].

Não é sem razão que o Brasil foi literalmente o último país da América a abolir a escravidão, já à beira do século XX, pressionado por todas as partes (principalmente pelos ingleses). O Brasil nunca foi um país liberal e jamais apoiou a livre iniciativa. As leis que aqui vigoravam sempre tiveram como foco a manutenção de uma classe de parasitas, que contava com o governo para lhe dar terras, dinheiro público e poder. Palavras como "indústria", "banco", "Bolsa de Valores" e "empreendedorismo" eram um bicho papão para adultos.

Nosso primeiro banco (o Banco do Brasil) só foi fundado em pleno século XIX (1808). Apenas vinte depois, adivinhe: faliu. Foi recriado apenas em 1853, quando outros países já tinham centenas de bancos[1179]. Até 1888, o penúltimo ano da monarquia, o Brasil não tinha mais que 26 bancos, cujo capital combinado totalizava menos que 48 milhões de dólares – algo que uma empresa americana sozinha superava fácil. Apenas sete dos vinte estados do Brasil tinham bancos, e

[1178] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 44.
[1179] ibid, p. 53.

metade de todos os depósitos eram feitos por alguns bancos no Rio de Janeiro[1180]. Tal era o cenário de atraso do Brasil em relação ao mercado. O capitalismo era tão estranho ao brasileiro quanto o espelho era aos índios.

O Brasil Império era o retrato falado do que havia de mais atrasado no mundo, a começar pela própria Constituição. A Constituição de 1824 (que vigorou até a proclamação da República, em 1889) estabelecia um regime unitário, ou seja, "quase todos os poderes político-administrativos concentravam-se em mãos do governo central, e os governos das províncias tinham autonomia mínima"[1181]. Enquanto o mundo desenvolvido seguia o caminho da descentralização, o Brasil tomava o rumo oposto e acelerava sem medo.

Até mesmo o conceito de parlamentarismo eles conseguiram distorcer pateticamente. Embora oficialmente a monarquia fosse parlamentarista (um sistema criado para limitar os poderes do executivo), aqui eles conseguiram dar um jeitinho tipicamente brasileiro de inverter o propósito do parlamentarismo, recorrendo a uma manobra que na prática tornava o imperador quase tão poderoso quanto os reis absolutistas: o "Poder Moderador", uma daquelas coisas que só podia existir no Brasil. Foi assim que o parlamentarismo tupiniquim virou piada pronta no mundo todo, que o apelidou de «parlamentarismo às avessas»[1182].

[1180] HABER, Stephen. *How Latin America Fell Behind: Essays on the Economic Histories of Brazil and Mexico, 1800-1914*. Califórnia: Stanford University Press, 1997, p. 151.
[1181] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 55.
[1182] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imp*erial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Como o Brasil era um país fundamentalmente agrário e hostil aos princípios mais elementares do capitalismo, nele não existiam fábricas. Durante o período colonial, Portugal impedia a existência de qualquer fábrica no Brasil, exceto aquelas destinadas a produzir panos grosseiros para serem usados pelos escravos[1183]. Se você pensa que essa situação se alterou com a independência, se engana novamente. Em pleno ano de 1881 – apenas oito antes do fim da monarquia – havia míseras 200 fábricas *em todo* o país, que tanto em território como em população era um dos maiores do mundo. Qualquer cidade inglesa, por minúscula que fosse em comparação ao Brasil, tinha mais fábricas do que isso[1184].

Os republicanos trataram de dar alguma atenção à indústria, ainda que aquém do necessário. Em 1900 havia pouco mais de mil fábricas[1185], e na época do primeiro censo industrial, em 1907, o número girava em torno de três mil estabelecimentos industriais no país inteiro, sendo a maioria não mais que pequenas oficinas. Ao todo, o número de pessoas empregadas não passava de 150 mil[1186], para um país cuja população se aproximava de 20 milhões[1187]. Com isso, não é de se admirar que as condições tecnológicas do país fossem tão pífias.

A foto abaixo foi tirada pelo fotógrafo francês Victor Frond por volta de 1860, e mostra a pesagem e embalagem do açúcar em um engenho brasileiro:

[1183] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 181.
[1184] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 102.
[1185] ibid, p. 100.
[1186] KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO, MEC, 2007, p. 79.
[1187] Disponível em: https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/evolucao-da-populacao-brasileira.html>. Acesso em: 28/06/2019.



O atraso tecnológico é evidente: a balança, as caixas e o método de socar o açúcar dentro delas, com pilões de madeira, pouco diferem dos métodos utilizados no século XVI. Este atraso reduzia a lucratividade, o que impedia a contratação de imigrantes assalariados[1188]. Uma das razões para esse atraso colossal era, como já mencionamos, a ausência quase total de industrialização no Brasil Império. Os poucos empresários em solo nacional eram mais que demonizados (qualquer semelhança com os dias de hoje pode não ser mera coincidência), de modo que praticamente toda a economia do país dependia do regime escravista nas mãos de oligarquias rurais.

[1188] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 106.

Quem acentuou este atraso evidente no início do século passado foi o historiador Sérgio Buarque de Holanda (brasileiro, apesar do sobrenome), em sua clássica obra *Raízes do Brasil* (1936), onde escreve:

> No Brasil, a organização dos ofícios segundo moldes trazidos do reino [de Portugal] teve seus efeitos perturbados pelas condições dominantes: preponderância absorvente do trabalho escravo, indústria caseira, capaz de garantir relativa independência aos ricos, entravando, por outro lado, o comércio, e, finalmente, escassez de artífices livres na maior parte das vilas e cidades.[1189]

O grande problema do Brasil era o controle da economia nas mãos de uns poucos oligarcas que conservaram a escravidão por tão longo tempo e que, mesmo após a abolição, mantinham nossa economia dependente da exportação agrícola, tal como era desde os tempos coloniais. Diante disso, o autor comenta:

> Como esperar transformações profundas em um país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intactos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiais.[1190]

[1189] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 57-58.
[1190] ibid, p. 78.

Assim, se por um lado uma minoria aristocrática acumulava riquezas, por outro lado a população como um todo sofria na falta de uma indústria forte e de investimentos, não havendo emprego para nenhum dos escravos recém-libertos (muitos dos quais se viam obrigados a continuar trabalhando para seus senhores em condições análogas à da escravidão). No Brasil da época não faltava ganância, mas o capitalismo mesmo passava longe:

> Engana-se quem tente discernir aqui os germes do espírito capitalista. A simples ganância, o amor às riquezas acumuladas à custa de outrem, principalmente de estranhos, pertence, em verdade, a todas as épocas e não caracteriza a mentalidade capitalista se desacompanhada de certas virtudes econômicas que tendam a contribuir decisivamente para a racionalização dos negócios.[1191]

A razão pela qual o capitalismo fez tão pouco sucesso aqui é que o Brasil herdou a mesma mentalidade de desprezo aos trabalhos manuais que havia em Portugal (preconceito esse que, como vimos no capítulo 2, tem suas raízes na Europa medieval). Assim, da mesma forma que em Portugal, apenas as atividades "intelectuais" eram valorizadas, enquanto as manuais eram tidas como "coisa de escravo", razão pela qual os ricos não moviam um dedo sequer:

> Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e "inteligência", em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do

[1191] ibid, p. 135.

> "talento", com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.[1192]

Até as mentes mais notáveis do nosso país compartilhavam a mesma opinião, que depreciava o trabalho em detrimento da "inteligência" (e no final não tinham nem uma coisa e nem outra):

> Nem mesmo um Silva Lisboa, que, nos primeiros decênios do século passado, foi grande agitador de novas ideias econômicas, parece ter ficado inteiramente imune dessa opinião generalizada, de que o trabalho manual é pouco dignificante, em confronto com as atividades do espírito. Nos seus *Estudos do Bem Comum,* publicados a partir de 1819, o futuro visconde de Cairu propõe-se mostrar aos seus compatriotas, brasileiros ou portugueses, como o fim da economia não é carregar a sociedade de trabalhos mecânicos, braçais e penosos. E pergunta, apoiando-se confusamente numa passagem de Adam Smith, se para a riqueza e prosperidade das nações contribui mais, e em que grau, a quantidade de trabalho ou a quantidade de inteligência.

[1192] ibid, p. 82-83.

A propósito dessa questão que, diga-se de passagem, não figura no trecho referido de Smith, mas resulta, sem dúvida, de uma tradução malfeita e, em verdade, mais segundo o espírito do tradutor do que do original, nosso economista toma decididamente o partido da "inteligência". Às faculdades intelectuais competiria, no seu modo de ver, a imensa tarefa de aliviar as atividades corporais "pelo estudo das leis e obras do Criador", a fim de "terem os homens a maior riqueza possível com o menor trabalho possível". Ao economista baiano deveria parecer inconcebível que a tão celebrada "inteligência" dos seus compatriotas não pudesse operar prodígios no acréscimo dos bens materiais que costumam fazer a riqueza e prosperidade das nações. Essa é, em resumo, a ideia que, julgando corrigir ou rematar o pensamento do mestre escocês, expõe em seu livro.

Não lhe ocorre um só momento que a qualidade particular dessa tão admirada "inteligência" é ser simplesmente decorativa, que ela existe em função do próprio contraste com o trabalho físico, por conseguinte não pode supri-lo ou completá-lo, finalmente, que corresponde, numa sociedade de coloração aristocrática e personalista, à necessidade que sente cada indivíduo de se distinguir dos seus semelhantes por alguma virtude aparentemente congênita e intransferível, semelhante por esse lado à nobreza de sangue. A "inteligência", que há de constituir o alicerce do sistema sugerido por Silva Lisboa, é, assim, um princípio essencialmente anti-moderno. Nada, com efeito, mais oposto ao sentido de todo o pensamento econômico oriundo da Revolução Industrial e orientado pelo emprego progressivo da máquina do que essa primazia conferida a

> certos fatores subjetivos, irredutíveis a leis de mecânica e a termos de matemática.[1193]

Essa cultura de desprezo aos trabalhos manuais estava tão enraizada na sociedade que até mesmo um carpinteiro se recusava a usar as próprias mãos para carregar suas ferramentas, preferindo usar um negro pra isso:

> Estereotipada por longos anos de vida rural, a mentalidade de casa-grande invadiu assim as cidades e conquistou todas as profissões, sem exclusão das mais humildes. É bem típico o caso testemunhado por um John Luccock, no Rio de Janeiro, do simples oficial de carpintaria que se vestia à maneira de um fidalgo, com tricórnio e sapatos de fivela, e se recusava a usar das próprias mãos para carregar as ferramentas de seu ofício, preferindo entregá-las a um preto. Muitas das dificuldades observadas, desde velhos tempos, no funcionamento dos nossos serviços públicos, devem ser atribuídas, sem dúvida, às mesmas causas. Num país que, durante a maior parte de sua existência, foi terra de senhores e escravos, sem comércio que não andasse em mãos de adventícios ambiciosos de riquezas e de enobrecimento, seria impossível encontrar uma classe média numerosa e apta a semelhantes serviços.[1194]

Assim, enquanto os Estados Unidos tinham indústria a todo o vapor e capitalismo pra dar e vender, aqui a economia consistia em um negro trabalhando o dia todo para um fazendeiro rico enquanto recebia chibatada no tronco. Diante disso,

[1193] ibid, p. 83-84.
[1194] ibid, p. 87-88.

entender o porquê que o Brasil demorou tanto em abolir a escravidão fica fácil. O capitalismo era tão estranho ao povo brasileiro que durante *toda* a monarquia não tivemos sequer o mais básico do capitalismo: uma Bolsa de Valores[1195]. A primeira coisa que os republicanos fizeram foi criar uma (em 1890), mas como ninguém sabia como funcionava, numerosos aproveitadores estrangeiros surgiram passando a perna nos brasileiros, criando empresas-fantasmas para lucrar com a venda de ações.

E como o brasileiro não conhecia nada do mercado de ações, investia nessas empresas que literalmente não existiam, algumas delas obtendo lucros extraordinários às custas da ignorância do pequeno empresariado brasileiro. O capitalismo para eles era como um alienígena pousando em uma nave espacial – eles literalmente não sabiam o que fazer. Parece engraçado, mas custou ao Brasil uma década perdida, acarretando a Crise do Encilhamento que teria sido perfeitamente evitada se aqui tivesse sido cultivado um mínimo de "espírito do capitalismo", o qual os brasileiros desconheciam completamente.

Por conta dessa estranheza ao capitalismo, os poucos homens visionários que tivemos até o século XIX ficaram isolados e desamparados, como alguém que dá murro em ponta de faca. O mais importante que tivemos foi Irineu Evangelista de Sousa (1813-1889), mais conhecido como o Barão de Mauá. Este homem era uma verdadeira raridade, com uma mente incrível, genial, criativa e corajosa que não perdia em nada para os empreendedores americanos mais ilustres. Meio século

[1195] Para entender a importância da Bolsa de Valores numa economia capitalista, confira: MUELLER, Antony; MURPHY, Robert. *Por que a bolsa de valores e os especuladores são cruciais para uma economia.* Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2967>. Acesso em: 15/10/2019.

antes da Lei Áurea, ele já lutava pela abolição da escravidão, pois sabia que somente por meio do livre comércio através de trabalhadores livres o Brasil poderia alcançar uma condição de prosperidade.

Apenas citar cada uma de suas realizações exigiria um enorme trabalho, mas podemos nos limitar a lembrar que ele foi responsável pela primeira fundição de ferro e estaleiro do Brasil, pela construção da primeira ferrovia, pelo início da exploração do rio Amazonas e afluentes com barcos a vapor, pela iluminação pública a gás na cidade do Rio de Janeiro (até então ainda se iluminava à luz de velas!), pela instalação do cabo submarino telegráfico que liga a América do Sul e a Europa, pela criação do Banco do Brasil (que Dom Pedro II estatizou, pois não gostava de capitalistas e de empresários), e a lista vai longe, muito longe.

Um homem genial como esse, em um país capitalista com mentalidade empreendedora como os Estados Unidos, seria facilmente um sucesso estrondoso, aclamado com fama e pompa, e seus negócios teriam vida longa e próspera. Mas ele era o homem certo no lugar errado e na hora errada. No Brasil do século XIX, ser um empreendedor era quase um crime.

O barão acabou perseguido por suas ideias modernas e liberais em um país defasado e reacionário, sofreu sabotagens criminosas, foi traído e boicotado, esmagado pelos pesados impostos e pela imensa burocracia e chegou à falência. Falido, foi obrigado a vender suas empresas a estrangeiros e até mesmo seus bens pessoais para quitar as dívidas. Morreu como um corretor de café aos 76 anos, poucas semanas após a queda do Império. Vicentino escreve a seu respeito:

> Entre as indústrias fundadas pelo Visconde de Mauá, se destacava a fundição e o estaleiro naval da Ponta da Areia, em Niterói. Dali saíram tubulações pesadas, pontes metálicas para estradas de ferro e, em 11 anos, 72 navios mercantes e de guerra. (...) Os empreendimentos de Mauá eram sempre arrojados de grande porte. A fábrica de gás, construída em 1860, permitiu a modernização da iluminação pública do Rio de Janeiro. Para os padrões da época, era uma unidade industrial grande e moderna, que utilizava tecnologia razoavelmente avançada. No entanto, nem Mauá nem qualquer outro industrial daquele período conseguiram sobreviver, devido à política econômica então dominante, que privilegiava apenas o setor agroexportador e o comércio importador.[1196]

Em um artigo muito elucidativo sobre os "Dez grandes derrotados da nossa história (como o Brasil poderia ter dado certo, mas não deu)", o diplomata e ministro-conselheiro na embaixada do Brasil em Washington (entre 1999-2003) Paulo Roberto de Almeida, doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Bruxelas, escreveu sobre a oportunidade de ouro que o Brasil perdeu com o Barão de Mauá:

> Homem possuidor do mesmo espírito empreendedor e liberal de seus tutores ingleses (primeiro numa casa de importação no Rio, depois mediante viagem à Inglaterra, em 1840), ele enfrentou inúmeras dificuldades num país escravocrata e caracterizado pela mão pesada do Estado em todo e qualquer setor da economia (o governo tinha de autorizar qualquer novo empreendimento que ele desejasse fazer), e

[1196] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 101.

> teve vários atritos com ministros de sucessivos gabinetes do Segundo Império; essas desavenças o levaram à ruína comercial e financeira, e obstaram a que suas ideias progressistas pudessem ser reconhecidas como válidas e implementadas num país em que o status de senhor de escravos ainda era sinal de distinção. (...) O Brasil perdeu a oportunidade de implementar as reformas preconizadas por Mauá, seja no terreno da força de trabalho, seja na política monetária, ou no ambiente de negócios e no da infraestrutura. Não há nenhuma dúvida que, ao final do Império, o Brasil teria sido um país muito diferente se as ideias (não só econômicas) de Mauá tivessem sido implementadas como políticas públicas. Ele foi, provavelmente, o primeiro empresário derrotado de nossa história.[1197]

O Barão de Mauá é a prova de que o fracasso do Brasil não está relacionado à falta de mentes geniais, mas sim à falta de *oportunidade* que essas mentes geniais tinham para fazer alguma coisa. Como a maioria das grandes invenções são obra de estadunidenses, pode-se passar a impressão de que os Estados Unidos se difere do Brasil por ter tido a sorte de ali ter nascido mais gênios, mas quando estudamos história percebemos que sorte é uma resposta evasiva e errada para questões bem mais profundas.

A diferença não está na quantidade de mentes à frente de seu tempo, mas nas *possibilidades* que essas mentes tinham de ir adiante. Enquanto o Brasil esmagava (e ainda esmaga) o empreendedorismo, os Estados Unidos o apoiou em todo o

[1197] ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Dez grandes derrotados da nossa história (ou, como o Brasil poderia ter dado certo, mas não deu)*. Disponível em: <https://spotniks.com/dez-grandes-derrotados-da-nossa-historia-ou-como-o-brasil-poderia-ter-dado-certo-mas-nao-deu>. Acesso em: 29/06/2019.

tempo, o que permitiu com que lá os "Barões de Mauá" levassem a efeito suas ideias, enquanto aqui a maioria sequer deu início, sabendo que seria perda de tempo (e de dinheiro). Melhor então era sentar e esperar que o Estado fizesse tudo.

Quem também escreveu sobre isso foi o Dr. Stephen Haber, professor de ciência política na Universidade de Stanford e pesquisador na área de desenvolvimento econômico e social em países subdesenvolvidos. Em um livro que aborda como a América Latina se atrasou entre os anos 1800-1914, ele afirma:

> A falta de apoio do governo a novas ferrovias sugere que seria ingênuo esperar que o estado brasileiro no século XIX demonstrasse interesse em promover o desenvolvimento econômico. As elites políticas e administrativas do país estavam mais preocupadas em auto-engrandecimento e expansão burocrática do que em desenvolvimento econômico.[1198]

Sobre a economia do Brasil Império, ele escreve:

> Nos Estados Unidos, a renda per capita cresceu numa taxa de longo-prazo aproximadamente 1,5% por ano no século XIX. O crescimento anual em um período de 91 anos (entre 1822 e 1913) implica num crescimento per capita de 100 para 388 no final do período. Por contraste, os dados disponíveis do Brasil sugerem uma grande dificuldade econômica no século XIX. Apesar da população ter

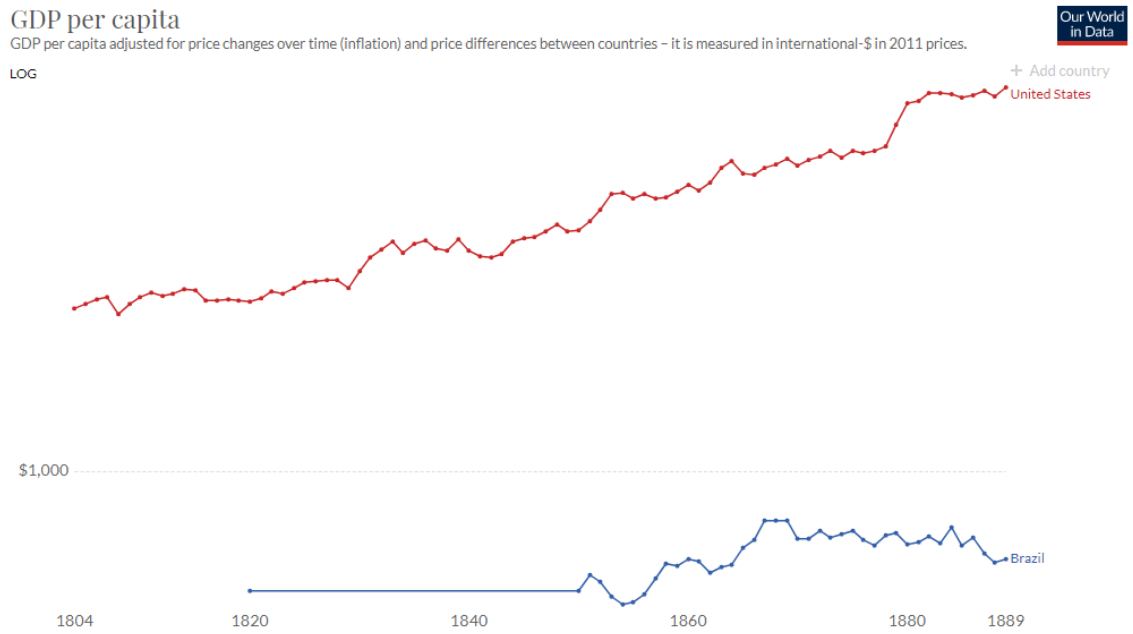
[1198] HABER, Stephen. *How Latin America Fell Behind: Essays on the Economic Histories of Brazil and Mexico, 1800-1914*. Califórnia: Stanford University Press, 1997, p. 51.

> crescido rapidamente, a renda per capita parece ter crescido muito pouco entre 1822 e 1913. Ademais, a maior parte desse crescimento entre 1822 e 1913 ocorreu no período entre 1900-1913. Esses anos são tidos como um período de rápido progresso econômico. Pela mesma razão, os anos 1822-1899 são tidos como um longo período de decepcionante crescimento econômico no Brasil.[1199]

> O Brasil era uma economia agrícola antes da independência e continuou sendo depois. A transição para uma economia moderna, onde a produtividade agrícola aumenta e a indústria começa a substituir os setores econômicos tradicionais, não ocorreu até a última década do século XIX.[1200]

Essa discrepância se vê presente nos gráficos de Max Roser, do *Our World in Data* (falaremos muito sobre ele no capítulo 6). Repare na linha vermelha (Estados Unidos) com uma progressão ascendente, em comparação com a linha azul (Brasil), que além de ser muito inferior ainda sofre com seguidas crises que fazem com que ao final do período monárquico o índice de PIB per capita brasileiro seja o mesmo de 25 anos antes[1201]:

[1199] HABER, Stephen. *How Latin America Fell Behind: Essays on the Economic Histories of Brazil and Mexico, 1800-1914*. Califórnia: Stanford University Press, 1997, p. 34.
[1200] ibid, p. 245.
[1201] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/maddison-data-gdp-per-capita-in-2011us?tab=chart&yScale=log&time=1804..1889&country=BRA+USA>. Acesso em: 03/12/2019.



A grande falha na formação literária de Dom Pedro II foi sua predileção pela França, em detrimento dos ingleses e americanos. Se tivesse lido *A Riqueza das Nações,* de Adam Smith, entenderia que a economia escravagista e emperrada do Brasil da época nunca, jamais, em hipótese alguma criaria um país desenvolvido. Se tivesse lido, teria apoiado o Barão de Mauá e industrializado o Brasil, em vez de manter a estrutura agroexportadora, que interessava apenas às velhas oligarquias. Os «séculos perdidos» da nossa economia foram decisivos para deixar o país numa situação de mero "subdesenvolvimento", onde se encontra hoje.

Diferente do que se possa pensar, os brasileiros mais esclarecidos dos séculos passados tinham consciência desse atraso em relação aos países mais civilizados. Um deles era o jornalista, escritor e memorialista Arthur Dias, que escreveu um livro prefaciado por Rui Barbosa em finais do século XIX. Ele reconhecia francamente que "nós não somente somos fracos, como realmente não poderíamos parecer mais

fracos"[1202]. Para ele, o que melhor demonstrava essa fraqueza era a fragilidade da nossa marinha, que se encontrava em um estado de abandono completo.

Lembremos que nessa época o avião ainda não tinha sido inventado, e por isso a marinha era muito mais decisiva em qualquer guerra que envolvesse países com saída pro mar (como o Brasil). Dela dependia a segurança nacional acima de tudo, e sem ela o país era um alvo fácil de invasões e bloqueio comercial. Foi a marinha que deu muitas vitórias aos ingleses em guerras contra a França e outras nações com um contingente populacional e militar muito maior que o deles, porque uma guerra se vencia antes de tudo no mar.

Todos conhecem a história de Napoleão, que para ter a Europa inteira aos seus pés só faltava a Inglaterra, a qual ele era incapaz de invadir pelo mar. A Inglaterra foi a pedra no sapato de Napoleão, porque exército algum era capaz de fazer frente à marinha inglesa. Por isso Dias diz que "o mar é o depositário da ruína ou da grandeza, para os povos que ele banha"[1203]:

> O poder naval é o árbitro dos destinos dos povos banhados pelo mar, ele dá a vitória ou inflige a derrota; porque, mesmo que a luta não seja marítima senão numa das suas fases, ou num dos seus episódios, é no mar afinal que se decidirá os resultados da guerra; pelo mar se fazem os abastecimentos, pelo mar se renovam os meios de resistência, pelo mar se sustentam as comunicações com o exterior, e às vezes, como

[1202] DIAS, Arthur. *O Problema Naval: condições atuais da marinha de guerra e seu papel nos destinos do país.* Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1899, p. 59.
[1203] ibid, p. 134.

> no nosso país, também as com localidades ou circunscrições do interior.[1204]

O problema é que na época de Arthur Dias a marinha nacional, símbolo maior da força militar de um país, estava abandonada. A situação era tão decadente que ele dizia que se o Brasil entrasse em guerra com a Argentina, esta derrotaria todos os portos do Brasil com apenas uma parte de sua esquadra[1205]. Ao todo, o Brasil não tinha mais que 86 navios, e apenas vinte deles estavam prontos para uso (os demais se encontravam em concerto ou em fabricação)[1206]. No relatório da Escola Naval de 1899, constava-se:

> Com relação à artilharia, e com grande prejuízo para o ensino, nada existe neste estabelecimento, por não ter tido ainda solução a reclamação feita da bateria Krupp que dali foi retirada; não se tendo, por falta de verba, dado andamento à construção de uma linha de tiro e seus acessórios.[1207]

O problema não era recente. Desde a época da monarquia, a marinha brasileira sempre foi modesta. Dias diz que os republicanos apenas "imitaram a política imperial, com a mesma imprevidência e a mesma cegueira aleatória"[1208], porque o império "nunca deu à missão da marinha a importância que ela tem nos destinos nacionais"[1209]. Com uma das maiores costas marítimas do mundo, o Brasil não tinha

[1204] ibid, p. 196.
[1205] ibid, p. 78.
[1206] ibid, p. 177.
[1207] ibid, p. 158-159.
[1208] ibid, p. 72.
[1209] ibid, p. 162.

mais que uma Escola Prática de Artilharia para todo o território nacional, a qual era "deficiente, mas ia prestando seus serviços"[1210], e que alguns anos mais tarde fechou as portas sem nenhuma explicação.

Como ele comenta, "no Brasil não são raros estes atos de incapacidade, que parecem beirar a demência"[1211]. Essa incapacidade ia muito além de fechar a única escola de artilharia do país ou de possuir uma frota medíocre para o nosso tamanho, mas envolvia também a própria incapacidade técnica dos nossos oficiais. Dias diz que

> seria de se desejar que os nossos oficiais se achassem todos a um nível de instrução prática do comando dos navios, dos segredos da estratégia e da tática naval, do domínio dos modernos e complicados instrumentos de guerra; mas a verdade é que grandíssima parte deles não está a esse nível, não por culpa sua, mas das administrações que os privam de exercícios, viagens, manobras e estudos práticos.[1212]

A situação era tão trágica que os navegadores estrangeiros conheciam mais da costa brasileira do que os próprios marinheiros do Brasil:

> Quanto às longas travessias, aos estudos de circunavegação, pode-se dizer que a nova geração de oficiais os desconhece praticamente. "Em longos anos de paz e inação absolutas, dos nossos navios de guerra", escreve competente autoridade, "que largas contribuições não

[1210] ibid, p. 156.
[1211] ibid, p. 156.
[1212] ibid, p. 160.

> poderia ter feito a nossa marinha para a oceanografia do Atlântico Sul, do qual formamos na maior extensão a margem ocidental, e para a hidrografia das nossas costas, que até hoje só têm sido feitas por hidrógrafos estrangeiros?". Como consequência, os nossos jovens oficiais e as tripulações dos nossos vasos de guerra sabem menos, praticamente, acerca das condições do litoral do país, do que os estrangeiros que o visitam.[1213]

Na época da Guerra do Paraguai (1864-1870), os paraguaios tinham uma população consideravelmente inferior à nossa – e sem saída para o oceano, como é sabido – mas ainda assim tinham mais navios de guerra que o império brasileiro, que a despeito disso venceu as batalhas no rio Paraguai devido à inexperiência e incapacidade técnica dos marinheiros paraguaios[1214].

Um episódio que demonstrou na prática a fraqueza da nossa marinha foi a Revolta da Armada, de 1893. Metade dos oficiais da marinha se apoderaram de 17 navios de guerra e ameaçaram bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Como o presidente da república conseguiu controlar uma situação tão temerária como essa? Muito simples: bastou comprar dos Estados Unidos um punhado de navios de segunda mão, que ao chegarem à baía de Guanabara a revolta estava liquidada:

> Floriano reorganizava suas forças. Determinou a compra, nos Estados Unidos, de navios militares de segunda mão. A formação de uma esquadra legalista foi ironizada pelos rebeldes, que a apelidaram de

[1213] ibid, p. 163-164.
[1214] ibid, p. 144.

> "esquadra de papelão". Quando a "esquadra de papelão" entrou na baía de Guanabara, em março de 1894, os revoltosos foram bloqueados, mas não houve combate entre as duas frotas. Os rebeldes renderam-se e buscaram refúgio em navios de guerra portugueses que estavam fundeados nas proximidades.[1215]

O pior de tudo não foi metade da marinha brasileira ser derrotada por uma "esquadra de papelão" norte-americana de segunda classe e enviada às pressas, mas sim que os navios brasileiros que se rebelaram não tinham sequer munição, precisando comprá-la dos ingleses[1216]! Uma esquadra sem munição e facilmente derrotada por um punhado de navios americanos de segunda classe adquiridos de última hora – era este o retrato deprimente e não menos cômico do nosso poder naval.

Se no mar nossa fraqueza era evidente, por terra as coisas não eram melhores. No início da Guerra do Paraguai (1864), os paraguaios tinham um exército de 100 mil homens, enquanto o Brasil estava «quase sem exército»[1217]. Para a sorte do imperador, o Brasil é um país de dimensões continentais e sua população era infinitamente maior que a do Paraguai. Assim, convocaram 60 mil soldados às pressas, sem qualquer treinamento prévio, os quais após alguns anos de confrontos conseguiram a vitória graças à aliança com mais dois países (Argentina e Uruguai), que deixaram a guerra desigual[1218].

[1215] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 160-161.
[1216] ibid, p. 161.
[1217] DIAS, Arthur. *O Problema Naval: condições atuais da marinha de guerra e seu papel nos destinos do país.* Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1899, p. 95.
[1218] ibid, p. 97-98.

O próprio Dias reconhecia que "nós estamos no número das nações fracas, temos tudo a prever, tudo a temer, da nova grande potência"[1219]. Essa «nova grande potência» que ele se referia era os Estados Unidos, que atuava como um irmão mais velho e mais forte que nos protegia das ameaças europeias, mas que na opinião de Dias estava se tornando ele próprio uma ameaça:

> Antes, quando só havia a ameaça das potências europeias, descansávamos na intervenção norte-americana que elas temiam, sempre atuando a força centrífuga dos interesses individualmente antagônicos, a qual lhes impossibilitava uma ação em comum; agora, porém, associada às mesmas tendências, convertida à mesma moral do egoísmo, desapareceu a protetora, e aumentou-se a mais uma o número das ameaças. Então, sem ponderador que o equilibre, o egoísmo atuará, pela própria inércia do peso, levando de vencida todas as conveniências, todas as exterioridades impertinentes do Direito, contra os povos desarmados que não deixarão de se submeter. Eis ao que nós chamamos o perigo americano.[1220]

Hoje em dia, na era da "pós-verdade", é corrente a ideia disseminada por grupos monarquistas revisionistas de que "o Brasil era mais rico e poderoso que os Estados Unidos" no século XIX (o que faria qualquer cidadão da época se revirar no túmulo). Mas observe a linguagem utilizada por Arthur Dias, que deixa nítida a imensa superioridade dos americanos naqueles tempos. Para ele, havia dois "pesos-

[1219] ibid, p. 5.
[1220] ibid, p. 6-7.

pesados" que se equilibravam na balança militar do mundo: a Europa, de um lado, e os Estados Unidos, do outro.

Ele deixa claro que o único que impunha medo nos europeus eram os Estados Unidos, em quem os próprios brasileiros se amparavam (em caso de uma eventual invasão europeia em nosso território). Os Estados Unidos eram a «nação protetora» dos brasileiros, porque o próprio Brasil era incapaz de defender a si mesmo de qualquer ameaça externa séria (nem contra a pequena e fraca Cisplatina foi capaz de medir forças). Nós constávamos na lista de «povos desarmados», que seriam presas fáceis no caso de uma invasão estrangeira[1221].

Como as autoridades responderam às críticas de Arthur Dias? Não com fatos ou evidências, tampouco com argumentos ou refutações de qualquer tipo. Em vez disso, numa época marcada por fortes traços nacionalistas, denunciar os problemas do país significava ser "antipatriota". Ele respondia essa acusação simplesmente dizendo que "se é patriotismo desviar os olhos das questões de defesa nacional, para não encarar o perigo que elas desvendariam, nós não somos patriotas"[1222].

A teimosia em repetir os mesmos erros para não correr o risco de se passar por "antipatriota" nos levou ao estado atual, onde todos os erros são repetidos até virar hábito. O Brasil é o país com o maior potencial de crescimento no mundo. É um dos poucos que contam com um imenso território, uma das maiores populações do mundo, a maior riqueza natural em área preservada, uma terra extremamente

[1221] ibid, p. 7-8.
[1222] ibid, Introdução.

produtiva para o cultivo, sem terremotos, vulcões ativos, tsunamis ou furacões que são extremamente comuns em outros lugares.

Mesmo assim, temos apenas o 79º IDH e somos o 64º em PIB per capita, números comparáveis aos de países da África. Isso porque até hoje não nos libertamos da nefasta tradição do estatismo, da burocracia, do populismo barato e da intervenção do Estado na economia – todas elas heranças da nossa cultura católica e ibérica. A burocracia aqui atinge níveis tão surreais que para ser treinador de futebol não basta saber treinar bem: tem que ter a "carteirinha" de treinador.

E para conseguir a "carteirinha", tem que pagar por um curso da conceituadíssima CBF, pelo singelo valor de R$ 19 mil. E pasme: até mesmo um treinador que é campeão da América e não tem que provar nada a ninguém, como Renato Gaúcho, é obrigado a fazer o cursinho, senão é proibido de treinar times profissionais. Recentemente ele teve problemas com a CBF por ter faltado a algumas aulas desse maravilhoso curso (onde aprenderia a treinar um time de futebol com o Dunga) e só foi liberado para continuar treinando o Grêmio após pagar e realizar o curso todo[1223].

Este é o mesmo país que exigiu salva-vidas em provas de natação nas Olimpíadas Rio 2016 com os melhores nadadores do mundo (Michael Phelps deve ter ficado

[1223] AZAMBUJA, Roberto; MOURA, Eduardo. *Após ausência de Renato em curso, Grêmio se esquiva e aguarda definição da CBF*. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/apos-ausencia-de-renato-em-curso-gremio-se-esquiva-e-aguarda-definicao-da-cbf.ghtml>. Acesso em: 03/07/2019.

muito aliviado ao saber disso, tamanha devia ser sua preocupação em morrer afogado nas provas)[1224].



(Antes de rir, lembre-se que é o seu dinheiro que está ali)

Apesar das brincadeiras, a realidade é cruel: por detrás de todos esses "cursos obrigatórios de treinador" e "salva-vidas de nadador olímpico" há um órgão público interessado em encher a mão com o seu dinheiro, e para isso estão empenhados em aumentar a burocracia o quanto for possível. Há milhares de leis como essas no mundo empresarial brasileiro, que só servem para amarrar as mãos de quem quer criar emprego no Brasil e tornar essa missão cada vez mais impossível.

Para a nossa vergonha, o Brasil consta no Banco Mundial como o país mais burocrático do mundo. Só para se ter uma ideia, as empresas gastam quase duas

[1224] O GLOBO. *Salva-vidas em provas da natação viram piada na web*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/salva-vidas-em-provas-da-natacao-viram-piada-na-web-19876827>. Acesso em: 03/07/2019.

mil horas e 60 bilhões de reais apenas em burocracia tributária, todos os anos. A título de curiosidade, o segundo pior colocado é a Bolívia, com mil horas por ano gastas com burocracia tributária (ou seja, metade do Brasil). Na planilha da burocracia tributária no Brasil estão 63 tributos, 97 obrigações acessórias e 3.790 normas. No papel, uma extensão de seis quilômetros só de burocracia[1225].

Como se já não bastasse a concorrência das outras empresas, uma empresa brasileira tem um inimigo maior: o próprio Estado. Uma burocracia tão imensa leva facilmente qualquer empresa à falência, e torna praticamente impossível a vida de um microempresário (alguém que está começando um negócio). Mesmo os grandes empresários enfrentam hoje uma resistência quase tão grande quanto a que enfrentava o Barão de Mauá.

Toda essa monstruosidade burocrática e a cultura intervencionista que controla e regula ao máximo a iniciativa privada explica por que no Brasil há poucos empreendedores e menos investidores ainda. Enquanto nos Estados Unidos mais de 50% da população investe na Bolsa de Valores[1226], este número no Brasil não chega a 0,5%[1227].

Em vez de investir em ações que vão impulsionar o empreendedorismo, movimentar a economia e gerar progresso, o brasileiro médio prefere gastar

[1225] FENACON. *Brasil é o país mais burocrático do mundo, segundo Banco Mundial*. Disponível em: <http://www.fenacon.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-mais-burocratico-do-mundo-segundo-banco-mundial-2963>. Acesso em: 12/09/2019.
[1226] SCHRAGER, Allison. *Americans own more stock than ever – how will it change the economy?* Disponível em: <https://qz.com/1700958/more-americans-own-stock-than-ever>. Acesso em: 03/12/2019.
[1227] TAKAR, Téo. *Para chegar a 1 milhão de investidores, Bolsa fez campanha até na praia.* Disponível em: <https://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2019/05/09/bolsa-alcanca-1-milhao-de-investidores-pessoas-fisicas.htm>. Acesso em: 03/12/2019.

dinheiro em loteria, apostando na insignificante chance de ficar rico de forma fácil e da noite pro dia. Um levantamento divulgado pela revista inglesa *The Economist* mostrou que os brasileiros perderam cerca de 16 bilhões de reais em 2014 em loterias e sites de apostas[1228]. E diferente de quem aposta em Las Vegas por diversão e lazer, a maioria dos brasileiros aposta na loteria na tentativa de ganhar dinheiro "fácil" e não precisar mais trabalhar.

Uma reportagem do G1 conta alguns casos interessantes, como o do aposentado Eli da Silva, que investe diariamente entre 20 e 30 reais por dia na loteria. "Está acabando com a minha renda, mas continuo jogando porque já estou duro e tenho que continuar jogando para ver se sai"[1229], diz ele. Outro apostador diz: "A gente trabalha, trabalha e não ganha. Estou com 47 anos, comecei com 18 e nunca ganhei, só estou depositando, um dia eu tiro"[1230].

Os trinta anos de dinheiro jogado no lixo, em vez de servir de razão para parar de jogar, acabam servindo de motivação para continuar jogando e ver se assim compensa um dia todo o dinheiro, tempo e esforço jogado no lixo. Enquanto o americano investe para gerar riqueza, o brasileiro conspira para a sua própria pobreza.

Se ao invés de jogar dinheiro fora na loteria Seu Eli tivesse investido nas ações do BTG, que valorizaram 121% no primeiro semestre do ano, ele teria mais que

[1228] EXAME. *Em meio a crise pequena parte dos brasileiros recorrem a jogos da loteria.* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/em-meio-a-crise-pequena-parte-dos-brasileiros-recorrem-a-jogos-da-loteria>. Acesso em: 03/02/2019.
[1229] G1. *Cresce o número de brasileiros que apostam na loteria*. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL736799-5598,00-CRESCE+O+NUMERO+DE+BRASILEIROS+QUE+APOSTAM+NA+LOTERIA.html>. Acesso em: 03/12/2019.
[1230] ibid.

dobrado o seu investimento em poucos meses[1231]. O problema é que brasileiro não quer saber de investimento calculado com lucros "modestos", mas sim de apostas megalomaníacas que dependem exclusivamente de uma sorte tão excepcionalmente improvável que é garantia de prejuízo, tudo isso pra conseguir ficar milionário repentinamente e não precisar mais trabalhar.

É o velho e bom "jeitinho brasileiro" de tentar vencer na vida pelos atalhos, em vez de pelo trabalho justo e honesto. Com uma mentalidade dessas, não admira que mais de 63 milhões de brasileiros estejam com o nome sujo no Serasa[1232]. Quantas pessoas você não conhece que se endividaram para pagar aquele eletrodoméstico das Casas Bahia em singelas 64 parcelas mesmo sem ter a menor condição disso?

A irresponsabilidade financeira chega ao ponto de muitos se entusiasmarem e comprarem apenas pelo valor das parcelas, sem sequer se importar com a *quantidade* de parcelas (que é o que mais pesa no final). Uma prestação vai se acumulando à outra até se tornar uma bola de neve impagável. E depois que quebra, a culpa é do capitalismo e a solução é votar no Ciro.

A burocracia astronômica, os impostos colossais, a confiança no Estado como uma muleta e a mentalidade completamente avessa ao capitalismo são a prova de que o Brasil conseguiu a independência de Portugal, mas jamais se livrou da cultura nefasta que afundou ambos os países.

[1231] SANTOS, Poliana. *Confira 5 ações que mais valorizaram no 1° semestre de 2019.* Disponível em: <https://www.sunoresearch.com.br/noticias/acoes-valorizaram-confira-primeiro-semestre>. Acesso em: 03/12/2019.

[1232] FERREIRA, Afonso. *Nº de brasileiros com nome sujo bate novo recorde, diz Serasa: 63,2 milhões*. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/06/dividas-atrasadas-nome-sujo-serasa.htm>. Acesso em: 04/12/2019.

CAP. 5 – A POLÍTICA ECONÔMICA DOS PAÍSES PROTESTANTES

Como vimos no capítulo anterior, os países dominados pela ética católica tomaram da Igreja o modelo "autoritário, centralizado e hierárquico que permanece o arquétipo das sociedades de srcem católica romana"[1233], constituindo sociedades hostis ao capitalismo e por isso atrasadas em todos os aspectos – um pedaço da Idade Média em plena Idade Moderna. Agora é a vez de analisarmos os países que aderiram à Reforma ao menos parcialmente, como é o caso alemão.

• Alemanha

Na Alemanha, o norte do país aderiu ao luteranismo, enquanto os estados do sul e do centro permaneceram católicos[1234]. Assim, embora a maior parte da Alemanha continuasse católica romana, até 1542 "todos os príncipes do norte da Alemanha passavam ao protestantismo"[1235]. Assim como no quadro geral da Europa, o mesmo se configurava na Alemanha: a Igreja Romana conseguia conservar para si os estados mais importantes, enquanto a Reforma fez sucesso nos mais desprezados, os que Pirenne chama de «menos civilizados da Alemanha»[1236].

[1233] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 16.
[1234] TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo II.* Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958, p. 41.
[1235] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 54.
[1236] ibid, p. 67.

Por isso, quando o norte aderiu à Reforma, seus estados ainda eram um aglomerado de feudos senhoriais onde a civilização urbana não havia penetrado[1237], enquanto o sul já começava a se urbanizar[1238]. Curiosamente, o que se veria dali em diante, com a ascensão da Reforma e da Contrarreforma, seria uma inversão de papeis. O norte protestante progrediria e logo superaria a prosperidade do sul, enquanto o sul seguiria à risca a cartilha da Contrarreforma e regressaria a uma condição feudal e servil[1239].

Assim, enquanto os estados protestantes como a Boêmia seguem a «evolução urbana e do humanismo»[1240], no sul a agricultura entra em ruína[1241]. Um estado protestante em especial faria tanto sucesso que se tornaria um reino. Estamos falando da Prússia, que sob Frederico II (1740-1786) passaria por "uma transformação econômica que marca o primeiro passo da evolução que vai fazê-la se transformar, em menos de um século, de país agrícola à grande potência industrial"[1242].

Em seu reinado, a indústria prussiana produzia cerca de 120 milhões de libras numa época em que o Brasil não sabia nem o que era indústria[1243], e os estados do norte tomariam a dianteira na industrialização do país. Essa evolução só não foi mais rápida por causa da trágica Guerra dos Trinta Anos (1618-1638), que, como vimos

[1237] ibid, p. 264.
[1238] ibid, p. 67.
[1239] ibid.
[1240] ibid, p. 74.
[1241] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 259.
[1242] ibid, p. 279.
[1243] ibid, p. 282.

no volume anterior, foi motivada pelo anseio da Igreja em exterminar todos os focos da Reforma e retomar o continente para a fé católica.

Graças à Guerra dos Trinta Anos, a Alemanha como um todo seria devastada e destruída, em especial os estados protestantes que eram alvos das campanhas genocidas do exército de Wallenstein, o capitão católico que não poupava nem terras, nem propriedades, nem vidas humanas que visse pela frente, com as centenas de milhares de soldados que o seguiam. Além das muitas mortes provocadas pelos soldados a serviço de Wallenstein, milhões pereceram de fome.

Huxley diz que "os sobreviventes comiam ervas e raízes, bem como as crianças e doentes, além de cadáveres há pouco enterrados"[1244]. Uma das carnificinas mais conhecidas foi a de Magdeburgo, em 20 de maio de 1631, quando "seus habitantes foram tratados com brutal ferocidade"[1245] e o exército católico assassinou "milhares dos habitantes da cidade"[1246], incluindo os civis – velhos, mulheres e crianças – que não estavam envolvidos na guerra, mas que eram massacrados assim mesmo, por serem protestantes.

Coube a Wallenstein e ao conde de Tilly as maiores matanças da guerra, em sua maioria de civis assassinados covardemente, ou dos que pereceram em decorrência das indescritíveis devastações que assolaram a Alemanha. Suas legiões queimavam campos, ocupavam e pilhavam cidades por todo o império a ponto de obrigar até

[1244] HUXLEY, Aldous. *L'Emineza grigia*. Milão: Mondadori, 1966, p. 243.
[1245] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 127.
[1246] COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 153.

os príncipes neutros a entrar na guerra para não ter que sofrer com a devastação, e os que permaneceram neutros viram suas terras serem arrasadas enquanto abrigavam as tropas imperiais.

A Alemanha estava arruinada, e os protestantes terem vencido a guerra no final apenas evitou uma dizimação completa, mas nem de longe compensou todas as perdas materiais e de vidas humanas de uma guerra nestas proporções – onde, segundo estimativas, metade da população alemã pereceu[1247]. A perda foi ainda maior nos territórios protestantes, onde a população decaiu de dezesseis milhões para menos de seis, os campos estavam devastados e o comércio e a indústria destruídos[1248].

Do ponto de vista econômico, social e humano, as consequências foram desastrosas[1249]. Com tantos milhões de mortos, o dano causado à indústria alemã foi irreparável. Como Pirenne escreve, "as lutas e miséria que havia suportado o povo alemão durante aquela guerra interminável, imposta por Fernando II para conseguir uma unidade que não possuía e nem desejava, haviam sido tão cruéis como vãs, e mais de um século ia ser necessário para voltar a uma vida normal"[1250].

Este «século perdido» custaria caro à Alemanha, razão pela qual ela não consegue se desenvolver tão rápido como os outros países protestantes do continente. Ainda

[1247] CURTIS, A. Kenneth. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China.* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 134..
[1248] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 130.
[1249] MALUCELLI, Laura; FO, Jacob; TOMAT, Sergio. *O livro negro do Cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 182.
[1250] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 217.

assim, no século XIX a Alemanha já estaria consideravelmente à frente da média dos países católicos europeus, o que só pode ser explicado em função do progresso proporcionado pela ética protestante.

Isso fica mais claro quando comparamos os estados protestantes com os estados católicos da Alemanha, com uma notável prevalência do primeiro sobre o segundo. Como Weber destaca, os protestantes sempre estiveram à frente dos empreendimentos econômicos do país:

> Basta uma vista de olhos pelas estatísticas ocupacionais de um país pluriconfessional para constatar a notável frequência de um fenômeno por diversas vezes vivamente discutido na imprensa e na literatura católicas bem como nos congressos católicos da Alemanha: o caráter predominantemente protestante dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão de obra qualificada, notadamente do pessoal de mais alta qualificação técnica ou comercial das empresas modernas.
>
> Não só nos lugares onde a diferença de confissão religiosa coincide com uma diferença de nacionalidade e, portanto, com um grau distinto de desenvolvimento cultural, como ocorre no leste da Alemanha entre alemães e poloneses, mas em quase toda parte onde o desenvolvimento do capitalismo [na época de sua expansão] esteve com as mãos livres para redistribuir a população em camadas sociais e profissionais em função de suas necessidades – e quanto mais assim se deu, tanto mais nitidamente esse fenômeno aparece estampado

> em números na estatística religiosa. Está claro que a participação dos protestantes na propriedade do capital, na direção e nos postos de trabalho mais elevados das grandes empresas modernas industriais e comerciais, é relativamente mais forte, ou seja, superior à sua porcentagem na população total.[1251]

O desinteresse dos católicos pelo capitalismo é evidenciado também pelas universidades alemãs, que sempre formaram muito mais protestantes do que católicos para os estudos técnicos e as profissões comerciais e industriais:

> Desses fazem parte, só para mencionar alguns: primeiro, a flagrante diferença generalizada, em Baden como na Baviera ou ainda na Hungria, entre pais católicos e pais protestantes quanto à *espécie* de ensino superior que costumam proporcionar a seus filhos. O fato de que a porcentagem de católicos entre os alunos e os bacharelandos dos estabelecimentos de ensino "superior" fique no geral consideravelmente aquém de sua cota no total da população deve-se em boa parte às diferenças de patrimônio herdado já mencionadas.
>
> Mas que também entre os bacharelandos católicos a porcentagem daqueles que saem dos estabelecimentos modernos, *Realgymnasien*, *Real-schulen*, *hõhere Biirgerschulen* etc, especialmente destinados e orientados a preparar para os estudos técnicos e as profissões comerciais e industriais, em poucas palavras, para a vida burguesa de negócios, fique uma vez mais notavelmente muito atrás da dos

[1251] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 29-30.

> protestantes, e que a formação oferecida pelos *Gymnasien* humanísticos tenha a preferência dos católicos – esse é um fenômeno que não fica explicado pela diferença de fortunas, mas, pelo contrário, é a ele que se deve recorrer para explicar, por sua vez, o reduzido interesse dos católicos pela aquisição capitalista.[1252]

Weber lembra ainda que Frederico Guilherme I admitiu os menonitas na Prússia oriental (a despeito da recusa deles ao serviço militar) por considerá-los "imprescindíveis ao desenvolvimento industrial"[1253], e que numa cidade de população mista, como Baden, a receita tributária sobre rendas de capital em 1895 foi de 954.060 marcos por mil protestantes, contra 589.000 marcos por mil católicos (o que significa que a renda média dos protestantes era quase o dobro da dos católicos)[1254].

Assim, embora a Alemanha não fosse propriamente um «país protestante» na concepção própria do termo (uma vez que sua população era bem dividida), sua prosperidade e ascensão econômica se deu sobretudo devido à forte influência protestante, que mudou a configuração da Alemanha e transformou os antes atrasados estados do norte nos mais avançados de todo o país.

[1252] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 32.
[1253] ibid, p. 38.
[1254] ibid, p. 170.

• Suíça

Na época da Reforma de Zwínglio, a Suíça "iniciava o caminho de uma crise de desmoralização interna"[1255]. A Suíça era então uma terra abandonada, teoricamente ligada ao Sacro Império, mas na prática autônoma e fracionada em diversos estados conhecidos como "cantões". Sua fragilidade econômica era tão evidente que a Suíça era famosa por seus mercenários, que na falta de alimento e condições dignas de vida vendiam o seu trabalho para lutar por outras nações – coisa que o próprio Zwínglio abominava, pois rebaixava à Suíça ao patamar de mera linha auxiliar das nações mais fortes e respeitadas.

McGrath diz que nos primeiros anos da Reforma "Genebra era uma cidade sem região interior econômica e enfrentava considerável pressão do crescente número de refugiados religiosos, que, com frequência, iam para lá fugindo de perseguição na França"[1256]. Este cenário começou a ganhar contornos diferentes com a Reforma, que lhe conferiu um "incrível impulso para o comércio, os investimentos e a educação"[1257].

Este impulso econômico deve muito aos refugiados protestantes do continente, que com sua mentalidade empreendedora forneceram o aumento de capital necessário para a expansão econômica na Genebra de Calvino[1258]. Até mesmo

[1255] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 45.
[1256] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 330.
[1257] MALUCELLI, Laura; FO, Jacob; TOMAT, Sergio. *O livro negro do Cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, p. 170.
[1258] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 330.

Daniel Rops, um proselitista católico e notório inimigo da Reforma, reconhece que Calvino

> não deixou de procurar para o seu povo o bem material, tanto quanto procurava o espiritual. Genebra ficou-lhe a dever admiráveis hospitais, asilos noturnos e casas de caridade. Foi ele quem introduziu na cidade as indústrias da lã e da seda que fizeram a sua riqueza. A organização econômica da cidade no seu tempo mereceria um estudo especial; as leis contra a alta de preços foram draconianas, mas eficazes.[1259]

Pirenne também escreve:

> Genebra substitui Lyon como mercado internacional e se torna desde então um importante centro bancário diretamente associado à vida econômica da França, cujo desenvolvimento financeiro se encontrava entorpecido pela economia dirigida. (...) O comércio desfrutou, em Genebra, o mesmo que em Zurique, de especial prosperidade, e na segunda metade do século XVIII foram muitos os suíços que fundaram bancos privados em Paris. Alguns deles desempenharam papel principal na política financeira francesa, como o Schweizer, de Zurique.[1260]

Na onda desse progresso, a Suíça passou de um patamar secundário e periférico para constar entre as economias mais prósperas da Europa[1261]. Ali "a servidão é

[1259] ROPS, Daniel. *A Igreja da Renascença e da Reforma (I).* São Paulo: Quadrante, 1996, p. 428.
[1260] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 261-262.
[1261] ibid, p. 260.

excepcional, os impostos são escassos e os municípios rurais são ricos graças aos bens comuns que possuem"[1262]. A urbanização dos cantões protestantes "teve por consequência social banir o regime senhorial e quase a totalidade dos direitos feudais"[1263].

Assim como o restante do Sacro Império, a Suíça sofreu com a Guerra dos Trinta Anos, mas renasceu com «um marcante caráter capitalista»[1264]. Mas, como vimos no volume anterior, nem toda a Suíça aderiu à Reforma. Os cantões católicos pararam no tempo, se mantiveram estagnados e não saíram do feudalismo[1265]. Eram estados essencialmente rurais e pobres[1266], com «escassez de dinheiro»[1267] e "ausência dos meios de divulgação e cultura"[1268].

Diante de tal contraste, está claro que a razão do desenvolvimento dos cantões protestantes está relacionada à própria ética reformada, em contraposição à ética católica alheia aos princípios do capitalismo. Num estudo qualitativo de Frank Betz e Christoph Basten, foi demonstrado que a parte protestante da Suíça era mais definida pela mentalidade capitalista de trabalho e poupança em comparação com a parte católica.

A partir da análise minuciosa dos referendos suíços, os autores observaram que os cantões protestantes apresentavam um padrão de votação mais alinhado ao livre

[1262] ibid.
[1263] ibid.
[1264] ibid, p. 261.
[1265] OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *História do Cristianismo em Esboço.* Recife: STBNB Edições, 1998, p. 137.
[1266] ibid.
[1267] ibid.
[1268] ibid.

mercado, enquanto os cantões católicos apresentavam uma tendência maior por medidas de intervenção estatal, o que explica o fato de os cantões protestantes terem uma renda per capita superior aos cantões católicos[1269].

Por ocasião do 75º aniversário da Sociedade Suíça das Indústrias Químicas, em 1957, um convidado de renome mundial, o professor William Rappard, então diretor do Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais de Genebra, apresentou um estudo detalhado sobre a prosperidade suíça. No fim da exposição, ele se interrogou quanto às razões dessa prosperidade. Declarando-se «absolutamente alheio a qualquer ideia de propaganda religiosa», apresentou um quadro comparativo do nível de riqueza dos cantões católicos e dos cantões protestantes da Confederação Suíça, e concluiu:

> Constatamos que dos treze cantões mais prósperos, dez são de maioria protestante. Dos doze cantões menos prósperos, nove são de maioria católica. E dos cinco cantões mais prósperos, todos são protestantes, como são todos católicos os seis cantões menos prósperos. Inútil analisar com mais profundidade esses números. Eles são tão eloquentes que, ao examiná-los sem preconceito, não se pode senão ficar chocado com seu ensinamento.[1270]

Rappard não podia estar mais certo. Nas estatísticas do capítulo seguinte veremos que os números, de fato, falam por si só.

[1269] BASTEN, Christoph; BETZ, Frank. *Beyond Work Ethic: Religion, Individual, and Political Preferences*. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/pol.5.3.67>. Acesso em: 19/09/2019.
[1270] RAPPARD apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 79.

• Países Nórdicos

Chamamos de "países nórdicos" os que se localizam no noroeste da Europa, em especial Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia. Antes da Reforma estes países eram os menores e mais insignificantes (em termos militares e econômicos) de toda a Europa, e por isso foram as regiões onde a Igreja Romana se esforçou menos em manter sob os seus domínios. Como já dissemos, na Noruega quase não havia espaço para a agricultura[1271], pois uma característica dos países nórdicos eram as terras pouco férteis, o que provocava a situação miserável em que se encontravam na época da Reforma (quando toda a economia girava em torno da agricultura).

Diante disso, assim escreve Geoffrey Blainey:

> A ascensão do noroeste da Europa ao domínio do cenário mundial, nunca conquistado pelos antigos impérios do leste do Mediterrâneo e da Ásia Menor, não podia ter sido prevista no ano de 1600. A ascensão não podia ser evitada, mas, revendo o passado, alguns fatores fortes já estavam promovendo esse fato. (...) O protestantismo foi parte dessa energia do noroeste da Europa. Esse movimento religioso floresceu principalmente no lado norte dos Alpes. Pode-se afirmar, quase com certeza, que era mais fácil que uma reforma obtivesse sucesso quando acontecia longe de Roma e daquelas outras cidades e principados italianos em afinidade com o papado e com interesse econômico e emocional em apoiá-lo. Além disso, a

[1271] GUREVIC, Aron Ja. *O Mercador.* In: LE GOFF, Jacques. "O homem medieval". Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 167.

> Reforma, em seus primeiros anos, foi adotada e promovida pelos expoentes desse comércio e capitalismo, bastante concentrado em tecidos, que já eram vigorosos no noroeste da Europa. Com algumas exceções importantes, as crenças protestantes eram mais solidárias com o espírito de pesquisas que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia exigia.[1272]

Na Suécia e na Dinamarca, Gustavo Vasa e Cristiano III aderiram ao luteranismo e "orientaram esses países frente ao mar, fazendo-os entrar no âmbito da economia naval e, por conseguinte, da política ocidental"[1273]. Latourette escreve sobre os desdobramentos da Reforma no campo econômico e social:

> Nessa adoção do luteranismo, Cristiano III parece que foi movido por motivos genuinamente religiosos. Contudo, por meio disso ele fortaleceu grandemente o poder da coroa. O confisco da propriedade da Igreja deu ao rei grandes recursos econômicos. Sua posição, como líder administrativo da Igreja em seus domínios, melhorou o seu prestígio e autoridade. Sob ele e seus sucessores imediatos, a Dinamarca entrou em uma era de prosperidade. A erudição foi tal como nunca havia sido antes. Foi muito grande a preocupação de dar ao reino mestres, pregadores e escolas.[1274]

[1272] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010.
[1273] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 129-130.
[1274] LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2, p. 994.

Os países nórdicos não tardaram em se industrializar e logo ultrapassaram em riqueza os países mais fervorosamente católicos, como Espanha e França. Tal foi o desenvolvimento da indústria sueca no século XVII que 30% de toda a produção de ferro na Europa vinha de lá[1275]. Pirenne diz que "tamanha revolução econômica havia de dar a Suécia, em poucos anos, uma grande prosperidade"[1276], obtendo um «rápido desenvolvimento econômico»[1277] e não demorando para se notar uma "profunda diferença social que separava a Suécia luterana da Polônia católica"[1278].

Martinez reconhece que Gustavo Vasa (1523-1560) "remediou o mal estado da economia"[1279], e que com Gustavo Adolfo (1611-1632) "a Suécia se tornou uma grande potência protestante"[1280]. Graças ao bom governo desses monarcas regidos pela ética protestante, Pirenne escreve:

> Os camponeses formavam uma classe de homens livres que gozava de um alto nível de vida graças ao cultivo de terra e à exportação de minas de ferro e de grandes florestas pela burguesia ativa e pela nobreza proprietária de terras, não cessando de aumentar sua importância por causa do grande desenvolvimento alcançado a finais do século XVIII pela metalurgia inglesa. A Suécia se uniu, pois, cada vez mais estreitamente à vida econômica da Inglaterra, até chegar a se tornar um dos elementos básicos da indústria ocidental e se apartar

[1275] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 130.
[1276] ibid.
[1277] ibid, p. 133.
[1278] ibid.
[1279] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna.* Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 38.
[1280] ibid.

> da Europa central e oriental para se unir pelo mar com as potências marítimas do Ocidente.[1281]

Com razão, Mousnier define a Suécia como um pequeno país que "praticou uma grande política europeia e se beneficiou de um surto econômico"[1282]. A Suécia protestante tornou-se "um país rico, produtor de cereais na Escânia, dotado de belas indústrias metalúrgicas"[1283]. Ao mesmo tempo, a "Dinamarca, dona dos estreitos, seguiu a mesma evolução marítima"[1284], se destacando pelo seu próspero comércio e por sua respeitável marinha, num evidente contraste com a Dinamarca pré-reformada:

> Na segunda metade do século XVIII, a Dinamarca, com uma frota mercante cada dia mais importante, assumiu no mar Báltico o papel de primeira potência marítima e se esforça em conservá-la praticando continuamente uma prudente política de neutralidade, única que convinha à escassez de sua população – 2 milhões de habitantes. Seu próspero comércio produziu em 1763 a criação do Banco de Copenhague, e em 1787 Cristiano VII libertou para sempre os camponeses dinamarqueses da servidão. Dinamarca, economicamente orientada frente à Inglaterra e socialmente

[1281] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 267.
[1282] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 327.
[1283] ibid.
[1284] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 130.

> emancipada, tomou posição, como Suécia, no grupo de nações marítimas do Ocidente.[1285]

O mesmo pode-se dizer em relação aos demais países nórdicos, que hoje encabeçam a lista de economias mais fortes do mundo e detém os melhores índices de IDH – em um extraordinário salto que começou com o primeiro protestante. Foi aderindo aos princípios reformados que uma região inexpressiva, irrelevante e insignificante da "periferia" da Europa se tornaria, dentro de poucos séculos, o melhor lugar para se viver no mundo.

• Holanda

De todos os países que aderiram à Reforma, nenhum teve resultados tão imediatos quanto a Holanda. Na época da Reforma, os Países Baixos tinham uma população pequena e de condição modesta, e a situação ficou bem pior quando Filipe II exportou para lá o que havia de pior na Espanha: a Inquisição. Apelidado de "Tribunal de Sangue", sob o comando do duque de Alba, ela perseguiu ativamente os setores produtivos e aniquilou a vida econômica do país da mesma forma que fazia na própria Espanha.

Em decorrência das milhares de pessoas presas, com bens confiscados ou condenadas à morte, "o comércio ficou paralisado, as indústrias desapareceram, e

[1285] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 268.

todo o país parecia ter passado por um enorme cataclismo"[1286]. O governo do duque de Alba (enviado aos Países Baixos por Filipe II) "tinha quase conduzido o país à ruína. As suas proscrições e execuções haviam diminuído muito a população. O comércio tinha chegado à última; da agricultura ninguém cuidava; as indústrias estavam paralisadas"[1287].

Em poucos anos, o governo espanhol conseguiu «transformar um país rico em um país pobre»[1288]. Tenha em conta que não existia ainda um país independente chamado "Holanda". O que hoje chamamos de Holanda era naquela época as províncias do norte dos Países Baixos, conhecida pelo nome de "Províncias Unidas", sujeitas ao domínio espanhol[1289]. Se Filipe II já cobrava pesados impostos dos seus súditos na Espanha, imagine o que ele cobrava dos estados estrangeiros a ele sujeitos.

Assim como as colônias espanholas do Novo Mundo e as províncias italianas, os Países Baixos foram esmagados com taxas e mais taxas abusivas cuja única finalidade era enriquecer os cofres do rei da Espanha. Lindsay descreve algumas delas e mostra como elas destruíram a economia da região:

> O seu plano consistia em tributar um por cento sobre toda a propriedade; esse imposto ficou sendo chamado a *centésima.* A acrescentar a isto, ficava-se também na obrigação de contribuir com cinco por cento, ou seja, a vigésima parte, de todas as rendas de terras,

[1286] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 119.
[1287] ibid, p. 125.
[1288] ibid.
[1289] PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro*. Barcelona: Salvat Editores, 1933, p. 143.

> ou bens imóveis, e com dez por cento, ou a décima parte, de todas as vendas de gêneros, ou de bens móveis. Este novo imposto, dividido em três taxas, representava a ruína completa do país. Seria impossível existir comércio numa terra onde ele tivesse de ser pago.[1290]

O resultado imediato foi «parar logo todo o comércio e indústria»[1291]. Os padeiros "não quiseram cozer pão, os cervejeiros não quiseram fabricar cerveja, os sapateiros recusaram-se a fazer calçado; e não havia quem vendesse os artigos de primeira necessidade"[1292]. Com a economia paralisada e em frangalhos, vendo muitos dos seus sendo perseguidos até a morte, os holandeses não tiveram outra opção a não ser declarar a independência diante do maior império do mundo da época.

A guerra em si lembrava Davi contra Golias: a Espanha tinha um exército e um império infinitamente maior, e contava ainda com inesgotáveis riquezas extraídas das suas colônias. Mas a Holanda, com seu pequeno território e com um exército modesto e simples, tinha ao seu lado uma coisa que a Espanha jamais contou: a ética protestante. R. H. Tawney descreve os holandeses da época como

> uma geração séria, zelosa, piedosa, que desprezava os prazeres, pontual no trabalho, constante na oração, poupada e próspera, cheia de orgulho em si própria e no seu empenho, segura que o trabalho duro agrada aos céus, eis os calvinistas holandeses cujo triunfo econômico é tão célebre como o seu protestantismo de ferro.[1293]

[1290] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 125.
[1291] ibid, p. 126.
[1292] ibid.
[1293] TAWNEY, R. H. *Religion and the Rise of Capitalism: a historical study.* Nova York: Harcourt, 1962, p. 211.

Por sua vez, Cantù os descreve como

> excessivamente sóbrios, moderados, prezando o trabalho, instruídos e por conseguinte menos inclinados ao crime, inimigos do luxo e de toda profusão inútil, os holandeses gostam do asseio, das coleções de flores e de coisas raras; eles sabem sacrificar o presente ao futuro, e é o que lhes faz entregar grossos capitais em empresas cujos resultados se farão esperar muito tempo.[1294]

Em outras palavras: os holandeses eram o exato oposto dos espanhóis. Não à toa, Le Goff sustenta que foi na Holanda do século XVI que o capitalismo teve início[1295]. Desafiando a tirania da Espanha, os holandeses só conseguiriam o reconhecimento de sua independência 80 anos mais tarde, mas estavam desde já livres do jugo espanhol na forma de impostos, taxas e órgãos eclesiásticos que emperravam sua economia – aí incluso a Inquisição.

Assim, embora a guerra de independência tenha custado caro, pelo menos assim a Holanda se livrou do governo espanhol, que era o grande câncer que corroía a sua economia. Aproveitando a liberdade, as Províncias Unidas aderiram à fé reformada, e ali todas as minorias étnicas e religiosas foram bem acolhidas. Exilados do mundo inteiro encontravam abrigo na Holanda, a qual, como vimos no volume anterior, era o país mais tolerante do mundo no século XVI. E essa liberdade ia além da esfera religiosa: o comércio era livre, e as leis do mercado não encontravam resistência estatal.

[1294] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 22, p. 8.
[1295] LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, c. 15.

Diferente do Brasil, que se livrou do jugo português para ficar debaixo do jugo do Estado, a Holanda se fez livre da Espanha e livre da mão pesada do Estado. Assim, ela "transbordava de vida: o comércio, a navegação, a indústria e a pesca estavam em pleno desenvolvimento, as artes e as ciências atingiam um nível nunca antes alcançado até então; em parte alguma era o homem da rua tão livre como nos Países Baixos do Norte"[1296].

A economia da Holanda crescia tão rápido que, no início do século XVII, o país já era a maior potência comercial, financeira e marítima do mundo[1297], e sua capital Amsterdã era «o principal centro do capitalismo internacional»[1298], «o primeiro centro do capitalismo burguês»[1299] e «o maior centro bancário da Europa»[1300]. Dois séculos antes do primeiro banco brasileiro, os holandeses fundaram o Banco de Amsterdã (1609), "instituição que chegaria a ser a potência financeira mais considerável do mundo"[1301]. Pirenne escreve:

> Os benefícios comerciais que se acumulam nas Províncias Unidas fazem de Amsterdã o maior mercado de dinheiro do mundo. O Banco de Amsterdã, primeiro em estabelecer o crédito à produção, foi o grande iniciador na Europa dos métodos do capitalismo criador, e seu

[1296] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 188.
[1297] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 149.
[1298] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 240.
[1299] CLARK, Kenneth. *Civilização.* São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 217.
[1300] ibid.
[1301] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 112.

> fundo de 8 milhões de florins é superior ao dos demais bancos de todos os países.[1302]

O período que compreende os anos de 1584 a 1702 é conhecido como o «século de ouro» da Holanda, quando ela alcançou a hegemonia europeia e a liderança mundial no comércio, nas artes, na literatura, na arquitetura, na marinha, na indústria, na ciência[1303] e na cultura[1304]. A Holanda era o grande centro de produção literária no mundo, a quem também se deve o mérito pela multiplicação da impressão de livros[1305]. Era ainda a região mais urbanizada do planeta[1306], tinha o mercado de ações mais moderno e eficaz[1307] e criou a primeira Bolsa de Valores do mundo, em 1602, através da Companhia Holandesa das Índias Orientais.

Sua hegemonia naval desbancou a influência portuguesa no Oceano Índico e no Oriente, quebrou definitivamente o poderio marítimo da Espanha e abalou o lucrativo tráfico de escravos africanos para as colônias da América Espanhola[1308]. Nos séculos XVII e XVIII, os neerlandeses foram a nação europeia economicamente mais rica e cientificamente mais avançada (até serem superados por outro país protestante, a Inglaterra, que mais tarde foi superada por outro país protestante, os

[1302] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 240.
[1303] Irei abordar os avanços culturais e científicos desenvolvidos na Holanda no próximo volume, que se volta a essas temáticas.
[1304] GARDNER, Helen; KLEINER, Fred S; MAMIYA, Christin J. *Gardner's Art Through the Ages.* Belmont, CA: Thomson/Wadsworth, 2005, p. 718–719.
[1305] WELLS, H. G. *História Universal.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. v. 4, p. 243.
[1306] COOK, Chris; BROADHEAD, Philip. *The Routledge Companion to Early Modern Europe, 1453-1763*. London: Routledge, 2006, p. 186.
[1307] ARRIGHI, Giovanni. *The Long Twentieth Century*. London: Verso, 2002, p. 47.
[1308] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 212.

Estados Unidos). Por todos esses avanços conquistados, a Holanda é tida por Goldstone como a «primeira nação moderna» da história[1309].

Embora fosse a região mais urbanizada do mundo, sua produtividade agrícola duplicava a da Itália e da Espanha, que tinham muito mais terras e trabalhadores para cultivar e eram quase inteiramente rurais[1310], mas estavam completamente à margem do processo de modernização que permitia aos Países Baixos produzir muito mais com muito menos[1311].

Melhor ainda, na Holanda não havia servidão senhorial, algo tão comum na Espanha[1312]. Seus famosos moinhos de vento "faziam tudo, desde serrar madeira e esmagar polpa de fruta a bombear água para drenar pântanos e irrigar canais"[1313]. Na Holanda, a função do Estado não era controlar e planificar toda a economia como se fazia nos países católicos, mas estimular o desenvolvimento do próprio capitalismo:

> Longe de confiscar as fortunas particulares, como se fazia na Espanha, o Estado pôs sua energia e influência à disposição dos homens de negócios. Os benefícios obtidos pelas companhias, repartidos entre os acionistas, enriqueciam a toda a população, e concentrados de novo pelo banco de Amsterdã serviram de base para a organização

[1309] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 34.
[1310] ibid, p. 139.
[1311] ibid, p. 194.
[1312] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 250.
[1313] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 45.

> do crédito que, por sua vez, fomentava a iniciativa privada. Desta maneira, sem nenhuma ajuda financeira do Estado, a indústria holandesa chegou a ser a mais florescente da Europa.[1314]

Assim, a ruptura com a Espanha rendeu aos holandeses "um regime muito distinto da Espanha"[1315], pois "frente ao órgão central do poder não existia nenhuma instituição; só os capitalistas dispunham de uma indiscutível hegemonia e eram quem se arrogavam da direção do Estado"[1316]. Em vez do Estado controlar os indivíduos, como na tradição católico-ibérica, na Holanda os indivíduos é que dirigiam o Estado no sentido de estimular a iniciativa privada.

Assim, a Holanda era um caso extraordinário de país no qual o poder público servia ao capitalismo, e não o contrário[1317]. Como Pirenne destaca, "o capitalismo holandês não considerava o Estado mais que como um mero instrumento de sua propriedade"[1318]. Enquanto a Espanha tinha um Estado grande e inchado que sufocava qualquer iniciativa empreendedora, na Holanda os capitalistas ocupavam o lugar principal e o Estado lhes servia apenas de linha auxiliar – como qualquer Estado deveria ser.

Mousnier diz que "uma oligarquia burguesa detém todo o poder"[1319], os quais são "calvinistas moderados, tolerantes por necessidade de atrair os mercadores

---

[1314] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 241.
[1315] ibid, p. 248.
[1316] ibid.
[1317] ibid, p. 111.
[1318] ibid, p. 243.
[1319] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 176.

estrangeiros"[1320]. A Holanda transformou-se assim num "Estado burguês constitucional, federal e liberal"[1321], e com isso o seu comércio externo em princípios do século XVIII já era "com grande diferença o mais importante do mundo, alcançando os 300 milhões de florins"[1322].

Não demorou muito para que essa pequena nação de capitalistas superasse largamente o enorme e poderoso império espanhol, inclusive com uma marinha consideravelmente maior e mais moderna[1323]. Em 1614, a Holanda já tinha mais marinheiros que Espanha, França e Inglaterra juntas[1324], e "as grandes companhias marítimas e comerciais, como a das Índias Orientais, a mais importante, a das Índias Ocidentais, a do Norte e a do Levante, enriquecem consideravelmente o país"[1325]. Pirenne afirma que

> no transcurso do século XVII, as Províncias Unidas ocuparam indiscutivelmente o primeiro posto entre as potências econômicas, pois a finais do mesmo sua frota de 25.000 barcos representava três quartos da tonelagem mundial. Graças ao barateamento das suas tarifas de transporte, navega em todos os mares, tem em suas mãos o mercado de seguros marítimos, e quase monopoliza o transporte de metais preciosos e de toda classe de moeda.[1326]

[1320] ibid.
[1321] ibid, p. 123.
[1322] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 240.
[1323] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 111.
[1324] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 176.
[1325] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 145.
[1326] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 248.

Enquanto isso, a indústria, veludos, tecidos, panos de lã, seda e faianças de Delft floresciam como nunca antes[1327]. A inovação tecnológica se tornou a marca registrada da Holanda, onde se verifica "melhoramentos na construção naval, no armazenamento, na fabricação de cerveja, na pesca, na reprodução e criação de animais, na utilização de moinhos de vento, na drenagem de cheias, na rotação de culturas e na transformação de alimentos"[1328]. Foi assim que o capitalismo fez da Holanda «o país mais rico da Europa»[1329], ou, nas palavras de Jacques Herman, a «primeira potência econômica mundial da época»[1330].

O que mais impressiona (e espanta) os historiadores não é o fato da Holanda ter sido a nação mais rica da Europa por dois séculos, mas sim que isso tenha acontecido com um país tão pequeno, tanto em termos geográficos como populacionais, em comparação a outros países como Espanha e França. Não apenas isso: a Holanda não tinha nem de longe o mesmo império colonial gigantesco de Espanha e Portugal, e conseguiu tudo isso enquanto batalhava pela sua própria independência contra o maior império do mundo, numa guerra que durou nada a menos que oitenta anos, período no qual o inimigo espanhol tinha um contingente militar dez vezes superior (eram 20 mil holandeses resistindo heroicamente a 200 mil espanhóis)[1331].

[1327] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 176.
[1328] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 194.
[1329] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 250.
[1330] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 145.
[1331] MADDISON, Angus. *The World Economy: A Millennial Perspective*. Paris: OECD, 2001, p. 81.

Não à toa, Cantù confessa que "causa extrema admiração ver os esforços então feitos por um país pequeno, quando se pensa que ele sustentava vinte mil infantes, dois mil cavalos, numerosa marinha, e que, apesar disso, o comércio o fazia prosperar como nunca"[1332]. No seu livro *A Cultura Holandesa no Século XVII,* Huizing se espanta ao questionar como um território tão pequeno e tão isolado como a Holanda tenha conseguido desempenhar um papel tão proeminente na Europa e no mundo durante os séculos XVI e XVII[1333]. Nada além da ética protestante pode explicar uma mudança tão radical e inesperada entre a Holanda católica do século XV e a Holanda protestante dos séculos seguintes.

A Reforma não mudou apenas a confissão religiosa da maior parte das pessoas: ela transformou a própria mentalidade popular. Como este efeito foi igual nos outros países influenciados pela Reforma, é natural que o avanço de outros países protestantes como a Inglaterra desafiasse a hegemonia econômica de um país tão pequeno como a Holanda, mas ela "continuou desempenhando, graças a seu poder bancário, um dos postos essenciais na organização do comércio mundial, e Amsterdã continuou sendo o primeiro mercado monetário"[1334].

Hoje, a Holanda tem o 10º melhor IDH do mundo e o 12º melhor PIB per capita, refletindo os avanços conquistados desde a transformação religiosa que o país experimentou.

[1332] CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 22, p. 27.
[1333] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 191.
[1334] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 254.

Como nota de acréscimo, não podemos nos esquecer da ocupação holandesa no Nordeste brasileiro, no período correspondente a 1637-1654, sob a liderança do célebre conde Maurício de Nassau. Embora geralmente se discuta a ocupação holandesa sob o ponto de vista político, o fato é que no campo econômico os holandeses, no curto espaço de tempo em que aqui estiveram, geraram mais progresso do que séculos de dominação portuguesa na região.

Os holandeses reestruturaram os defasados engenhos de açúcar do Nordeste, introduziram inovações com relação à sua fabricação, modernizaram Recife, construíram diques, palácios e pontes; um observatório astronômico, um Jardim Botânico, um museu natural e um zoológico; estabeleceram e organizaram os sistemas de coleta de lixo e os serviços de bombeiros na cidade, e ainda construíram a primeira ponte da América Latina.

Antes da ocupação, Olinda era a cidade mais importante do estado, mas Nassau tinha o projeto de transformar Recife na "capital das Américas". Ele reformou os bairros e as vilas católicas onde os moradores jogavam fezes nas ruas e os transformou numa cidade urbanizada e moderna para os padrões da época, com novas ruas, praças, jardins, canais e transporte de água.

Graças à sua tolerância religiosa, Nassau abrigou os judeus fugitivos da perseguição portuguesa, os quais fundaram a primeira sinagoga da América. Os holandeses

ainda traduziram a Bíblia ao tupi para os índios e reformaram o porto do Recife, que passou a bombar com a exportação do açúcar[1335].

Até hoje se discute se o Nordeste seria mais desenvolvido hoje se os holandeses não tivessem sido expulsos. Embora a resposta pareça um tanto óbvia, é preciso ressaltar que não basta ser ocupado ou colonizado por um país protestante: a própria *cultura e mentalidade* popular precisam ser remodeladas para tornar este projeto viável a longo prazo.

Um exemplo é o Suriname, colonizado por holandeses, mas abandonado ao seu próprio destino. O país rapidamente se tornou como os outros da região, com uma população de maioria católica e acostumada ao modo de vida latino-americano. Não existe um efeito mágico que transforme países pobres em ricos apenas por um protestante botar os pés ali. Ou a sociedade local entende, assimila, compreende e abraça a ética protestante como um todo, ou será eternamente dependente de intervenções esporádicas como a dos holandeses no Nordeste brasileiro.

• Inglaterra

Quando falamos da Inglaterra, muita gente pensa que ela já era uma potência desde os tempos medievais, como a França e a Espanha. Nada mais longe da verdade, no entanto. A população inglesa era muito inferior à das grandes

[1335] CORDEIRO, Tiago. *Como foi a ocupação holandesa no Brasil?* Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-a-ocupacao-holandesa-no-brasil>. Acesso em: 15/07/2019.

potências, e a condição geral dessa população era de severa pobreza. André Maurois, um dos grandes estudiosos da história da Inglaterra, afirma que em meados do século XIV ela "já não era senão um país humilhado e descontente"[1336].

Durante quase toda a Idade Média os reis ingleses viveram na condição de meros vassalos dos reis da França[1337], e quando se revoltaram na Guerra dos Cem Anos (1337-1453) foram derrotados (derrota essa que a Igreja em muito contribuiu, aliada que era dos franceses no período do papado de Avinhão, que acontecia na mesma época[1338]). Como se não bastasse, a Inglaterra se revolvia em guerras internas, como a das Duas Rosas (1455-1485), uma "luta civil que ensanguentou a Inglaterra durante trinta anos, provocada pela rivalidade política das duas casas reais de York e de Lancaster"[1339].

Já que a maior parte da nobreza morreu nas batalhas, seus bens foram confiscados pelo Estado e passaram ao domínio real, ajudando a fomentar o absolutismo inglês que só seria superado dois séculos mais tarde, na Revolução Gloriosa (1688). O retrato não podia ser pior: "Os burgueses estavam arruinados, os campos despovoados e ninguém podia se opor ao poder real"[1340]. Por tudo isso, "os cofres públicos estavam vazios"[1341], o povo passava fome e o país se mantinha à margem dos descobrimentos, do comércio nas Índias e do capitalismo incipiente.

[1336] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 155.
[1337] CANTÙ, Cesare. *História Universal.* São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 16, p. 86.
[1338] DEANESLY, Margaret. *A História da Igreja Medieval: de 590 a 1500.* São Paulo: Ed. Custom, 2004, p. 224.
[1339] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna.* Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 16.
[1340] ibid, p. 17.
[1341] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 174.

Frágil e fraca, a Inglaterra ganhou uma certa sobrevida no reinado de Henrique VIII (1509-1547), que, embora abominasse a Reforma, rompeu com o papado e confiscou as propriedades da Igreja, passando-as para o setor produtivo. Parte das terras foi vendida a baixo preço e outras foram literalmente doadas à classe média[1342], o que aliviou temporariamente suas condições. Mousnier discorre sobre este período quando escreve:

> Henrique VIII, por seu turno, deu à economia inglesa um impulso decisivo, pondo em circulação os bens dos mosteiros, em 1536-1539. A partir deste afluxo de capital, ocorreu verdadeira revolução econômica e comércio marítimo relativamente grande e uma grande indústria concentrada, que se tornava necessário proteger. A burguesia enriquecida comprava terras, entrava na *gentry,* concorria com os antigos notáveis na luta pelas funções locais.[1343]

Mas como alegria de pobre dura pouco, tudo mudou quando a católica Maria (apelidada carinhosamente de «a Sanguinária» por seus próprios súditos) assumiu o poder (1553-1558). Em seu anseio imparável de recatolizar a Inglaterra, ela entregou as terras de volta à Igreja, produzindo «um grande descontentamento»[1344] e esvaziando os cofres mais uma vez. Para resolver este problema, ela teve a genial ideia de aumentar os impostos, o que a tornou mais odiável ainda perante o povo[1345].

[1342] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 298.
[1343] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 119.
[1344] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 187.
[1345] ibid.

Como ela não leva esse nome à toa, grande parte de suas vítimas consistia em artesãos e comerciantes de classe média, dos quais a economia muito dependia[1346]. Grimberg alega que a Sanguinária deixou a Inglaterra num estado miserável[1347] e que a crise mergulhava tanta gente em dificuldades que era "absolutamente necessário fazer algo para sair do marasmo"[1348]. Se a Espanha dos séculos seguintes era pobre, pelo menos seus reis eram ricos; na Inglaterra, porém, até mesmo a rainha era pobre[1349].

Foi nessa Inglaterra que ia de mal a pior que Isabel herdou o trono, em 1558. Já falamos muito dela no volume anterior, mas nunca é demais relembrar a importância única e singular que ela teve na construção da grandeza britânica, erguida das cinzas de uma Inglaterra desacreditada e falida. Lindsay diz que quando ela subiu ao trono "a Inglaterra achava-se em deploráveis condições, mais precárias que se pode imaginar"[1350], pois "nos cofres do Estado não havia dinheiro"[1351]. Pior ainda, a Inglaterra "já não possuía aquele domínio do mar, em cuja falta ela deixa de ser invulnerável"[1352].

A frota inglesa havia sido aniquilada em La Rochelle, e como se fosse pouco "os navios franceses entravam impunemente no Tâmisa, flotilhas francesas devastavam as cidades da costa e queimavam as aldeias de pescadores"[1353]. Renegada ao

[1346] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 354.
[1347] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 87.
[1348] ibid, p. 107.
[1349] ibid, p. 68.
[1350] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 189.
[1351] ibid.
[1352] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 155.
[1353] ibid.

patamar de «nação cismática e fraca»[1354], uma aliança com a «onipotente e ortodoxa Espanha»[1355] seria «uma honra e uma garantia»[1356] para a Inglaterra, em um contraste monumental com o estado de ambos os países apenas um século mais tarde.

Sem marinha, sem indústria, sem dinheiro e sujeita a "sangrentos motins de camponeses"[1357]: foi essa a Inglaterra que caiu no colo de uma jovem princesa protestante, que havia sido encerrada na Torre de Londres por sua irmã sanguinária e só não foi executada porque dissimulou uma conversão ao catolicismo. O «estágio caótico da Inglaterra»[1358] se contrastava com a alta cultura de Isabel, que discutia com os embaixadores nos idiomas deles numa época em que a Inglaterra era tida como tão insignificante que nem mesmo os embaixadores dos outros países se esforçavam em aprender seu idioma:

> Educada no espírito humanista, lia sem dificuldade as obras clássicas, gregas e latinas, no texto original. Os que a rodeavam admiravam imenso a sua mestria no espanhol, no italiano e no francês. Estes conhecimentos linguísticos vieram a propósito, porque pôde negociar pessoalmente com os embaixadores estrangeiros, que, regra geral, não sabiam o inglês. Naquele tempo a Inglaterra era efetivamente um

[1354] ibid, p. 192.
[1355] ibid, p. 207.
[1356] ibid, p. 192.
[1357] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 87.
[1358] CLARK, Kenneth. *Civilização.* São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 162.

> reino tão pouco importante que ninguém se dava ao trabalho de estudar a sua língua.[1359]

Neste cenário, nem o inglês mais otimista poderia prever a incrível revolução econômica que Isabel proporcionou ao país. A rainha começou fazendo aquilo que qualquer governante sério sempre deveria: corte de gastos. E ela não começou pelo povo pobre e sofrido, mas pela corte, tornando-a consideravelmente menos pomposa que as cortes dos outros reinos da Europa. A boa administração financeira de Isabel é destacada por Pirenne, que escreve:

> Para não solicitar novos impostos, que teriam provocado protestos parlamentaristas, ela se esforçou por realizar poupanças, o que explica a parca ostentação da corte inglesa em comparação com as da Espanha e França, assim como a boa gestão levada a cabo nas finanças nacionais. O direito parlamentário de votar os impostos contribuiu também para evitar na Inglaterra as desastrosas falências que ocorriam na França e na Espanha pela carência de qualquer fiscalização nacional na política dispendiosa dos seus soberanos.[1360]

A própria Câmara dos Lordes jamais contou com mais de 51 membros durante o longo reinado de Isabel (1558-1603), numa tentativa de cortar gastos começando com os de cima[1361]. Francis Bacon (1561-1626), considerado o fundador da ciência

[1359] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 62.
[1360] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 114.
[1361] ibid.

moderna e contemporâneo de Isabel, dizia que "Sua Majestade ama a paz e detesta ter de despender dinheiro"[1362]. A Inglaterra de Isabel "se esquivou do estatismo econômico, da burocratização, do militarismo e das guerras"[1363], ou seja, de tudo aquilo que assombrava os países alheios à Reforma.

Isabel era uma intelectual que "escrevia latim tão bem quanto inglês, falava italiano e francês, e lia, afirma um dos seus mestres, mais grego num dia do que um cônego lê latim numa semana"[1364]. Johnson a descreve como, "sem dúvida, uma princesa erasmiana – culta, moderada em suas posições religiosas e protetora de eruditos como o Dr. Dee"[1365]. Até o papa Sisto V reconhecia, a contragosto, que "na Europa há unicamente duas pessoas verdadeiramente feitas para serem chefes: Isabel da Inglaterra e Henrique de Navarra"[1366].

Seu reinado é até hoje reconhecido como a «era de ouro» da Inglaterra, pois sob o cetro de Isabel foram estabelecidos os «fundamentos da grandeza britânica»[1367]. Martinez afirma que "foi esta uma grande época, um momento decisivo na evolução histórica da Inglaterra"[1368], e Roberts destaca que "o reinado de Isabel é visto, corretamente, como uma época áurea, e assim foi"[1369]. Lindberg diz que seu

[1362] BACON apud GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 116.
[1363] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 116.
[1364] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 202.
[1365] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 389.
[1366] GRIMBERG, Carl. *História Universal 11: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940, p. 37.
[1367] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 116.
[1368] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna*. Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 67.
[1369] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 471.

reinado "pode bem ser descrito como um caso de amor de 45 anos entre a rainha e os ingleses"[1370], pois sob Isabel "a Inglaterra tornou-se protestante, tornou-se uma das principais nações da Europa, conquistou um império mundial e passou por uma renascença cultural"[1371].

Latourette escreve que "seu nome está associado por sua literatura, seu comércio e crescimento em riqueza, e sua exploração dos mares"[1372]. Mousnier, por sua vez, nota que "todos os soberanos se esforçam em imitar o exemplo fornecido por Isabel da Inglaterra, no século XVI"[1373]. Nas palavras de Grimberg, a Inglaterra de Isabel era "um mundo de exageros, transbordante de energia e com uma inesgotável alegria de viver"[1374]. Isabel, "culta e realizadora, gozava de grande popularidade"[1375], tanto que Shakespeare a descrevia como "a grande rainha sentada em meio aos mares sobre o trono do Ocidente"[1376].

Seus súditos a chamavam de «a Boa Rainha Bess»[1377], e "todo o povo mostrava sua lealdade à coroa e o seu amor pela rainha"[1378]. Quando Isabel ia de Londres a Hampton Court, "multidões imensas comprimiam-se à sua passagem e aclamavam-

[1370] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 386.
[1371] SPITZ, Lewis W. *The Renaissance and Reformation Moviments.* Chicago: Rand McNally, 1971, p. 523.
[1372] LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2, p. 1096.
[1373] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961. v. 5, p. 205.
[1374] GRIMBERG, Carl. *História Universal 11: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940, p. 111.
[1375] MAIOR, Armando Souto. *História Geral.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 373.
[1376] SHAKESPEARE apud MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna*. Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 67.
[1377] ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 472.
[1378] GRIMBERG, Carl. *História Universal 11: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940, p. 98.

na, chamando sobre ela a bênção de Deus e reclamando penas severas para todos os que pretendiam atentar contra a sua vida"[1379].

Resistiu por toda a vida aos muitos pedidos de casamento das mais altas autoridades estrangeiras, incluindo o próprio Filipe II, que mais tarde a atacaria com sua "Armada Invencível" (e você pensando que tem um ex ciumento), os quais estavam interessados exclusivamente em aumentar seu poder político através do matrimônio. Como ela nunca se casou, ficou conhecida como a «rainha virgem»[1380]. Como Grimberg escreve,

> Isabel queria viver no seu país e para o seu país. Não abandonaria o seu reino por metade do mundo, disse um dia a um dos seus pretendentes, Eric XIV da Suécia. Queria mostrar aos seus súditos e às outras nações que era uma honra ser inglês. O povo inglês amava a sua nova soberana pela sua infalível confiança em tudo o que era inglês, pela sua vontade de sacrificar a sua felicidade e o seu conforto pessoais ao bem do país.[1381]

Quando os ingleses temiam um ataque de Alexandre de Parma, Isabel dirigiu-se pessoalmente a Tilbury para inspecionar seu exército, onde lhes pronunciou essas memoráveis palavras:

[1379] ibid.
[1380] LOADES, David. *Elizabeth I: The Golden Reign of Gloriana*. Londres: The National Archives, 2003, p. 61.
[1381] GRIMBERG, Carl. *História Universal 11: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940, p. 63.

> Pessoas que se inquietam pela minha segurança aconselharam-me a ser prudente e a não aparecer perante soldados armados. Mas deixai-me que vos diga que a vida me seria insuportável se tivesse de desconfiar dos meus próprios súditos. Que os tiranos temam pela sua vida! Quanto a mim, sempre confiei na lealdade dos meus vassalos. Tal é a razão por que vim aqui: para viver ou morrer no meio de vós. Sei que o meu corpo é um fraco corpo de mulher, mas o meu coração é o de um rei, de um rei da Inglaterra! Que o duque de Parma, ou não importa que outro duque soberano, se arrisque a atacar o meu reino! De preferência a aceitar essa afronta, pegarei eu própria em armas![1382]

Enquanto os soberanos católicos do continente impunham obstáculos à iniciativa privada, Isabel fazia exatamente o contrário, estimulando o desenvolvimento econômico, comercial e industrial, que seriam a tônica de seu governo:

> Isabel, longe de pôr obstáculos à iniciativa privada que se manifestava no país nas esferas industrial e marítima, procurou por todos os meios favorecê-la. Assim, aproveitando a decadência das cidades fabris flamengas, os capitalistas desenvolveram fabricação de pano no campo, se apoderaram das minas de chumbo e estanho de Cornualha e Gales e exploraram os primeiros depósitos de carvão, enquanto os comerciantes aventureiros fundavam a Sociedade de Moscou para entrar em relações com a Rússia e o Oriente para disputar com os holandeses os mercados do Báltico. Em 1584, eles concentravam suas

[1382] ibid, p. 105.

> operações até na distante Goa, enquanto organizavam o tráfico de escravos e a luta em curso contra os galeões espanhóis.[1383]

Em contraste com os estados católicos, onde o Estado intervinha fortemente em todos os setores da economia, na Inglaterra o desenvolvimento econômico era deixado à cargo da iniciativa privada, "sem que o Estado fizesse nada para impor-lhe sua direção ou obstrui-la com direitos fiscais"[1384]. Isabel colocou a Inglaterra nos trilhos do capitalismo, dando um impulso decisivo à burguesia. Ainda em 1571 fundou a Bolsa de Londres[1385], que se dedicava a «enormes negócios»[1386], e desde 1572 "a Inglaterra já não subscrevia nenhum empréstimo fora da ilha; o Estado unia sua sorte à riqueza dos capitalistas e ia se esforçar, por todos os meios, em fomentá-la"[1387].

A rainha estimulou a criação da Companhia Britânica das Índias Orientais[1388], "administrou habilmente os recursos da nação"[1389], desenvolveu o comércio, a marinha e a indústria «esplendorosamente»[1390] e acolheu de braços abertos os milhares de protestantes fugitivos das perseguições católicas no continente, os quais muito beneficiaram a indústria e o comércio ingleses[1391]. Sua época não só

[1383] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 118.
[1384] ibid.
[1385] ibid.
[1386] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 112.
[1387] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 118.
[1388] ibid.
[1389] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 197.
[1390] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna*. Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 67.
[1391] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 88-89.

ficou marcada pela prosperidade material, mas também pelo brilhantismo intelectual. Basta lembrar que em seu reinado a Inglaterra teve homens como William Shakespeare, Edmund Spenser e Francis Bacon, os quais podiam expressar suas ideias livremente, sem se preocupar com a censura de um Index ou com a perseguição de um Santo Ofício (Galileu que o diga)[1392].

Ao mesmo tempo em que o trabalho era incentivado, novas oportunidades de emprego surgiam e a renda do cidadão comum crescia. Mas uma coisa era proibida: a "vadiagem", como se chamava o hábito de quem não trabalhava porque *não queria* trabalhar, vivendo exclusivamente à custa do suor alheio. Numa terra onde o trabalho era valorizado, a preguiça e o parasitismo eram punidos com todo o rigor, ao mesmo tempo em que leis eram feitas no sentido de proteger e amparar os trabalhadores honestos:

> Tornavam-se necessárias leis sociais mais precisas para a repressão da vadiagem. Chegou-se assim ao famoso *Poor Law Act* de 1602 que incumbia cada paróquia de cuidar de seus pobres, dando-lhe trabalho e assistência; não podiam mais estes se transferirem de uma paróquia para outra. Era esta lei de trabalho e assistência consequência de leis anteriores, entre as quais destacava-se o *Estatuto dos Artífices e dos Aprendizes* de 1563, cujas determinações mais importantes eram as seguintes: 1º Para ser artesão qualificado eram necessários sete anos de aprendizagem; 2º Filhos de pobres podiam ser preparados para profissões simples ou para especializações; 3º Nenhum contrato de

[1392] MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna*. Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3, p. 67.

> trabalho podia ser feito por menos de um ano; 4º Todo trabalhador podia ser requerido para trabalho no campo na época da colheita; 5º Em cada condado os preços da mão-de-obra eram fixados pela justiça local. Em consequência destes dispositivos legais, foram numerosos os operários estrangeiros, principalmente holandeses que emigraram para a Inglaterra onde foram bem acolhidos.[1393]

Como vimos no volume anterior, a prosperidade inglesa fomentada pelo protestantismo suscitou o ódio e a inveja do papado, que incitou as nações católicas à reação (não uma reação no sentido de evoluírem também, mas de acabarem com a Inglaterra, o que parecia ser mais fácil). Por isso, após excomungar Isabel e considerá-la deposta do trono, Pio V convocou Filipe II (sempre ele) para atacar a Inglaterra, destronar a rainha e reestabelecer o catolicismo como a religião oficial e única do país.

Uma vez que a Inglaterra se situa numa ilha, o único jeito que Filipe tinha de realizar essa missão era pelo mar. E para isso ele não mediu esforços, mobilizando a maior marinha que a Espanha já tinha visto. Apesar de já termos discorrido amplamente sobre essa batalha no volume anterior, aqui importa ressaltar não tanto a batalha em si, mas *como* a Inglaterra conseguiu derrotar uma frota tão maior que a dela, se apegando a basicamente uma coisa: modernização.

Fosse em qualquer reinado dos outros monarcas ingleses que a antecederam, a Inglaterra estaria aniquilada. Mas Isabel investiu pesado na modernização de toda

[1393] CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 324.

a marinha, anulando a imensa vantagem material dos espanhóis. Enquanto a Espanha se apegava à tradição e aos velhos costumes, a Inglaterra olhava para frente e avançava rumo à modernidade, como reconhece Stark:

> Filipe II e seus conselheiros decidiram que o melhor era retirar a Inglaterra da equação. Decidiram transportar os seus batalhões invencíveis da Holanda para o outro lado do Canal da Mancha, vencer as tropas irregulares de Isabel, colocar um monarca católico em seu lugar; seria esse o fim da história. Foi uma ideia genial. Podia ter resultado se a Inglaterra também fosse governada por um tirano. Mas fracassou contra a nação de comerciantes, com liberdade e tecnologia, onde o engenho era incentivado, e onde a rainha era uma capitalista devota.[1394]

A frota de Isabel revelava "a dinâmica capitalista da guerra e a natureza única da frota comercial inglesa"[1395], contra a qual nem mesmo toda a imensurável marinha espanhola podia fazer frente. Recorrendo à inovação, os ingleses facilmente neutralizaram os ataques espanhóis, que só sabiam combater da forma tradicional. Tirando proveito da vantagem tecnológica, os ingleses colocaram os espanhóis numa encruzilhada que custaria quase toda a sua frota:

> Quando a Armada finalmente partiu, revelaram-se as grandes falhas no plano espanhol. A frota inglesa não podia ser derrotada porque se recusava a combater da forma convencional. Em vez de se

[1394] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 220.
[1395] ibid, p. 221.

> aproximarem para batalhas campais entre navios, os barcos ingleses, velozes, permaneciam longe, e utilizavam flancos poderosos. Os navios espanhóis estavam carregados de tropas ansiosas por usar a espada contra os ingleses, mas tinham poucos canhões, e também começou a faltar pólvora e chumbo.[1396]

A superioridade dos navios ingleses era evidente pelo simples fato de serem muito mais resistentes à fúria do mar, enquanto os navios espanhóis se destroçavam com facilidade:

> O fato das tempestades terem causado tamanho prejuízo à Armada revela muito sobre as duas marinhas. A construção naval inglesa era excelente, e os navegadores ingleses muito capazes. Durante todo o reino de Isabel, um período de quarenta e cinco anos, nem um só navio de guerra inglês foi perdido por naufrágio, mas durante o mesmo período, esquadrões inteiros de navios espanhóis foram submergidos pelo mar.[1397]

> A derrota da Armada foi um golpe terrível para o orgulho espanhol, mas ninguém em Sevilha ou no Escoriai considerou o caso como um acontecimento decisivo. Filipe II e os seus conselheiros decidiram reorganizar as tropas e recomeçar a batalha. Assim, nove anos mais tarde, os espanhóis enviaram uma segunda Armada contra a Inglaterra. Uma frota de cerca de cem navios partiu em outubro, época do ano em que há tempestades. Desta vez, os ingleses não estavam

[1396] ibid, p. 223.
[1397] MATTINGLY, Garrett. *The Armada.* Boston: Houghton Mifflin, 1962, p. 109.

> preparados, e tinham a maioria da frota dentro dos portos, em manutenção. Infelizmente, após quatro dias no mar a segunda Armada foi atingida por uma tempestade. Os navios espanhóis revelaram-se, mais uma vez, pouco seguros contra a fúria do mar, e as tripulações eram novatas e mal treinadas. Depois da tempestade, verificou-se que um terço das embarcações, incluindo alguns dos melhores navios de guerra, estavam destruídos ou naufragaram; milhares de espanhóis tinham morrido. Mesmo assim, em 1602 os espanhóis conseguiram desembarcar aí algumas tropas na Irlanda. Pouco numerosas e com pouco apoio, em breve se renderam.[1398]

A batalha da "Armada Invencível" representa muito mais que uma guerra naval como qualquer outra. Ela é o símbolo do triunfo do capitalismo sobre os velhos costumes. Ninguém se apegava mais às tradições do que a Espanha, que pagou caro pela sua aversão à modernidade – o ponto forte dos ingleses. Mais que uma batalha entre Espanha e Inglaterra, o que se viu ali foi uma batalha entre o mundo medieval e o mundo moderno, entre a mentalidade tradicional e a empreendedora, entre o feudalismo e o capitalismo, entre a tirania e a liberdade.

Não foi uma batalha de navios, mas de *ideias.* Toda a lógica do mundo antigo (onde quem tinha mais exército quase sempre vencia as batalhas) foi feita em pedaços, por incluir um fator novo e extremamente decisivo: a inovação tecnológica. Isabel é considerada "a verdadeira fundadora da potência naval inglesa"[1399], e graças ao

[1398] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 224.
[1399] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 116.

novo poder naval britânico a Inglaterra foi capaz de desbravar o Novo Mundo e dividi-lo com portugueses e espanhóis.

Como era de se esperar, as terras sob o domínio inglês se tornaram as duas grandes potências do continente – Estados Unidos e Canadá –, enquanto os territórios conquistados pelos ibéricos só não são mais pobres que a África. Em sinal de gratidão, os colonos deram à primeira colônia inglesa no Novo Mundo o nome de Virgínia, em homenagem à "rainha virgem" (Isabel), nome também dado à primeira criança que nasceu na colônia, em 1587[1400].

As companhias coloniais se desenvolveram rapidamente sob a proteção e o apoio da Coroa, que em vez de monopolizar o capital (como faziam Espanha e Portugal) preferiu investir fundos privados que transformariam as colônias numa grande potência, futuramente capaz de derrotar a própria Inglaterra[1401]. Toda a superioridade dos ingleses sobre as potências católicas do continente pode ser resumida na antítese entre o empreendedorismo privado, de um lado, e a forte presença do Estado, de outro.

Enquanto a Inglaterra incentivava o capitalismo, os países católicos se mantinham apegados à mentalidade estatista que resultou num esquerdismo desenfreado até os dias de hoje:

[1400] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 30.
[1401] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 241.

> Espanha e França, arrasadas pela política do fácil, se deixavam levar de vez em vez como a maneira mais simples para o Estado de restabelecer sua situação financeira, mas ao renunciar ao cumprimento de seus compromissos não faziam senão deslocar a dificuldade e impor aos capitalistas e comerciantes o déficit que se retirava, e é sabido o quão desastrosas foram as consequências disso para a economia espanhola. O governo inglês, cuja política estava fiscalizada pelo Parlamento e cujo crédito aprovavam os bancos, entrou por um caminho diametralmente oposto, fazendo prevalecer os interesses privados e adotando o princípio, jamais abandonado, de garantir aos mercadores ingleses uma moeda sã e estável que facilitaria suas transações. Isso devia constituir um dos fatores essenciais da prosperidade de Londres, que depois da ruína de Antuérpia ia a se consolidar como grande centro financeiro, capaz de rivalizar em breve com Amsterdã, e sendo, assim mesmo, uma das razões da estabilidade política da Inglaterra.[1402]

Pirenne ainda acrescenta:

> Enquanto a Espanha edificava no Máximo e no Peru um vasto império, a Inglaterra dedicava seus esforços à fundação de empresas comerciais. Se o monopólio impedia a sociedade espanhola se adaptar à concentração capitalista, o liberalismo inglês, ao dar livre curso à atividade individual, permitia a criação espontânea de um equilíbrio social novo. O governo espanhol pretendia dirigir a

[1402] ibid, p. 118-119.

> economia nacional e reservar-se a melhor parte dos benefícios; o inglês, ao contrário, se limitava a coordenar os diversos movimentos nascidos ao impulso dos interesses privados, e antes de acumular o máximo possível de capital unia a sorte de sua prosperidade à dos negociantes. A guerra entre Espanha e Inglaterra não representava somente o choque de dois poderes políticos, mas era, também, a luta entre dois sistemas econômicos adversos: a economia de Estado contra a economia liberal.[1403]

Isabel impulsionou a indústria inglesa, o que seria fundamental para a ascensão da burguesia urbana, "tirando a Inglaterra de uma economia quase exclusivamente agrícola para se tornar um país comercial e industrial"[1404]. Em pouco tempo, o comércio, a navegação e a indústria fariam de Londres o centro da vida econômica mundial, atrás apenas de Amsterdã, na Holanda[1405]. Foi assim que Isabel "colocou a Inglaterra na rota da grandeza e do império"[1406], para figurar entre as maiores potências do mundo[1407] e consumar um período de prosperidade econômica e de harmonia entre o Parlamento e o poder real[1408].

Com razão, o historiador britânico John Lingard escreve:

> Isabel foi contada entre os maiores e mais felizes de nossos soberanos. A paz que durante um reinado de quase meio século ela

[1403] ibid, p. 120.
[1404] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 198.
[1405] ibid.
[1406] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 303.
[1407] LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912, p. 197.
[1408] JOANILHO, André Luiz. *História Moderna II*. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010, p. 67.

> manteve nos seus domínios, enquanto as nações vizinhas eram convulsionadas em dissensões internas, tem servido de prova da sabedoria e do vigor de seu governo. (...) Quando ela chegou ao trono, a Inglaterra se achava ainda na categoria das monarquias secundárias; antes de sua morte, o país já tinha alcançado o nível das primeiras nações da Europa.[1409]

Isabel e seu fiel conselheiro Cecil são considerados os «verdadeiros fundadores do poder britânico»[1410], que não apenas transformaram a Inglaterra num país protestante, mas fizeram dela uma potência capitalista que tomaria a dianteira do mundo nos séculos seguintes[1411]. Não à toa, o embaixador espanhol na Inglaterra comunicava a Filipe II: «*Cette reine est extrememement sage, et a des yeux terribles*» ("Esta rainha é inteligente em extremo e tem um olhar terrível")[1412].

Seu nome está associado com "uma época gloriosa na Inglaterra, lembrada por sua literatura, comércio e riqueza"[1413], e com sua morte "terminava uma das mais belas épocas da história da Inglaterra"[1414]. A transição da Inglaterra católica para a Inglaterra protestante a tirou da condição de coadjuvante na conjuntura europeia e colocou essa pequena ilha em patamares que ninguém pensaria ser possível antes da Reforma.

[1409] LINGARD, John. A History of England. Citado em: CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 325.
[1410] PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro.* Barcelona: Salvat Editores, 1933, p. 213.
[1411] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 189.
[1412] PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro.* Barcelona: Salvat Editores, 1933, p. 215-216.
[1413] OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *História do Cristianismo em Esboço.* Recife: STBNB Edições, 1998, p. 194.
[1414] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 118.

A mentalidade empreendedora do protestantismo inglês contribuiu para tornar a Inglaterra o país mais industrializado do mundo por volta de 1688[1415], além de revolucionar a produtividade agrícola no século XVII[1416] e dominar os mares com seus navios que comercializavam em toda parte e garantiam a segurança da costa inglesa. A extraordinária vantagem marítima da Inglaterra lhe conferiu a alcunha de «dona dos mares»[1417], pois no século XVIII ela possuía mais que o dobro de navios de guerra em relação à França (o país católico com maior marinha) e cinco vezes mais que a Itália (o segundo maior)[1418].

Em finais do século XIX, havia no mundo inteiro um total de 372.362 toneladas em produção de navios, sendo a Inglaterra sozinha responsável por nada a menos que 153.732 (ou seja, quase a metade da produção mundial total)[1419]. A supremacia da marinha inglesa saltava aos olhos de Arthur Dias, que escreveu:

> A Inglaterra, o povo prático por excelência, tem se mostrado igualmente o mais inabalável convicto destas verdades. De toda a história moderna desse povo, se pode, sem o menor esforço de penetração, apreender o traço dominante da sua política, baseada nessa ordem de verdades, e que se traduz não só pela solicitude ostensiva com que mantém a sua superioridade naval sobre todos os outros, como ainda mais pelos esforços que emprega, para que

[1415] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 161.
[1416] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 45.
[1417] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 219.
[1418] DIAS, Arthur. *O Problema Naval: condições atuais da marinha de guerra e seu papel nos destinos do país.* Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1899, p. 138.
[1419] ibid, p. 135.

> os vizinhos não a possam acompanhar, nem exceder. O capitão de mar e guerra, Mahan, observa que um dos efeitos do bloqueio em que os ingleses mantinham nos portos da França, nas guerras marítimas do século passado e do atual, era conservar os franceses em um estado de constante inferioridade no manejo prático dos seus navios.[1420]

A Inglaterra foi também um dos poucos países em que "o capitalismo pôde desenvolver-se sem a intromissão do Estado"[1421]. O economista Douglass North, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1993, destacou o contraste abismal entre a política econômica de Portugal e Espanha com a da Inglaterra, contraste este que se refletiria em suas respectivas colônias:

> Tome-se o caso da gestão das contas públicas – hoje um assunto tão em voga – para comparar os países da Europa de quatro séculos atrás. Em Portugal e na Espanha, os reis tinham poder absoluto e sustentavam a nobreza, mesmo quando a renda vinda das colônias murchava. Depois disparavam nos impostos sobre o povo, que vivia num clima de incertezas, sem saber o que esperar para o futuro próximo. Parece familiar com o que vemos atualmente em muitos dos países da América Latina, não é? Veja como o quadro era diferente na Inglaterra do século XVII. O poder de autorizar as despesas do rei e de lançar tributos era atribuição do Parlamento e, além disso, havia o banco inglês, que fazia auditoria nas finanças públicas. Um modelo

[1420] ibid, p. 99-100.
[1421] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 241.

> sofisticado que resultou em avanços na Inglaterra e, mais tarde, nos Estados Unidos.[1422]

Pirenne concorda quando escreve:

> Na Espanha o rei pôde empregar seus recursos em uma política de interesse dinástico, arruinando o país pelo caráter absoluto e sem fiscalização de seu poder; na Inglaterra, o pressuposto do Estado conservou seu equilíbrio graças à oposição do Parlamento e não permitiu ao rei que distribuísse em proveito de uma política de prestígio. (...) O Estado inglês, pondo seus fundos à disposição do Estado e fiscalizados pelo Parlamento, preparou ao mesmo tempo a grandeza do reino e o desenvolvimento e prosperidade de suas empresas privadas.[1423]

O capitalismo inglês criou "a economia mais próspera da história, e gerou o crescimento industrial e a inovação"[1424]. Graças ao capitalismo, a Grã-Bretanha já era em 1620 "a maior potência econômica do mundo, descrita por europeus rivais e invejosos como uma «nação de comerciantes»"[1425]. Neste quesito ninguém superava os ingleses, que, mesmo com uma população muito inferior à de sua rival

[1422] NORTH, Douglass. *Entrevista concedida à Revista Veja.* 23 de novembro de 2003. Disponível em: <http://desenvolvimentoemquestao.blogspot.com/2009/01/douglass-cecil-north-entrevista-revista.html>. Acesso em: 29/07/2013.
[1423] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 242-243.
[1424] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 261.
[1425] ibid.

França, conseguia um lucro comercial consideravelmente maior, alcançando as 300 milhões de libras esterlinas em finais do século XVIII[1426].

O sucesso comercial e o investimento em infraestrutura fizeram aumentar em 50% os salários reais em Londres na segunda metade do século XVIII (correspondente à primeira Revolução Industrial)[1427]. A Inglaterra foi o único país em que o trabalho industrial e de manufatura empregava metade da população ainda em 1850, e é onde os salários dos trabalhadores "aumentam para níveis históricos antes de 1900"[1428].

A Inglaterra foi o berço da inovação tecnológica: a utilização de carvão para fundir minério de ferro em 1709, a invenção da primeira máquina a vapor em 1712, o desenvolvimento de maquinaria para produzir e alisar ferro em 1783 e a fiação de algodão em 1769 foram apenas algumas das inovações que fizeram a Inglaterra ser conhecida como a «oficina do mundo»[1429]. Como forma de incentivar o investimento de capital privado, os impostos e as taxas industriais eram muito baixos na Inglaterra, assim como os custos de fabricação.

Isso permitia aos comerciantes ingleses conseguir lucros excelentes, mesmo quando vendiam por metade do preço habitual[1430]. Como Adam Smith demonstrou, o agricultor francês evitava ter cavalos ou bois por causa dos elevados

[1426] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 224.
[1427] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 149.
[1428] ibid, p. 151.
[1429] ibid, p. 194-195.
[1430] RAPP, Richard T. "The Unmaking of the Mediterranean Trade Hegemony: international trade rivalry and the commercial revolution". *The Journal of Economy History.* n. 3, v. 35, 1975, p. 510.

impostos, preferindo em vez disso trabalhar com instrumentos agrícolas piores e mais rudimentares[1431].

Em contraste, uma das coisas que mais surpreendeu o filósofo francês Voltaire em sua visita à Inglaterra foi observar que os camponeses ingleses "não têm medo dos seus impostos serem aumentados no próximo ano se comprarem mais gado ou cobrirem os seus telhados com telhas"[1432]. A Inglaterra era a antítese da França do Antigo Regime: enquanto os franceses sofriam nas mãos de um Estado grande, os ingleses desfrutavam de uma rara e invejável liberdade econômica.

Stark afirma que "o capitalismo inglês evoluiu assim devido à liberdade ímpar"[1433], e complementa que "não é coincidência que o país com a maior tradição de liberdade individual seja o país onde primeiro floresceram a invenção e a indústria"[1434]. Como vimos no volume anterior, a Inglaterra protestante foi um dos países mais religiosamente tolerantes da época, e essa tolerância se refletia no campo político e econômico.

O clima de liberdade, tolerância e progresso garantiu o rápido desenvolvimento do capitalismo inglês, que fez da Inglaterra a maior potência do mundo até finais do século XIX, quando sua economia foi finalmente superada pelos Estados Unidos[1435]. É de se admirar a descrição que Jack Goldstone faz de Londres no século XIX, que

[1431] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 228.
[1432] VOLTAIRE apud ROOT, Hilton L. *The Fountain of Privilege: Political Foundations of Markets in Old Regime France and England*. Berkeley: University of California Press, 1994, p. 62.
[1433] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 201.
[1434] ibid.
[1435] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 155.

só foi possível graças a esse aumento súbito de produtividade, que mudou completamente a história do país:

> A capital da Grã-Bretanha é uma metrópole vibrante, com cerca de 4 milhões de habitantes, eclipsando de longe qualquer cidade de qualquer região do mundo em tempos anteriores. O seu perfil é delimitado por enormes edifícios novos e pontes de ferro e vidro, bem como de tijolo e pedra. Pelas suas resplandecentes estações ferroviárias passam dezenas de milhares de passageiros e milhões de toneladas de mercadorias, enquanto o porto está cheio de barcos a vapor e veleiros. As suas ruas são iluminadas com candeeiros a gás; as casas, fábricas e escritórios estão repletos de pessoas com níveis de vida mais elevados do que os atingidos por qualquer grande sociedade do mundo antes de 1800.[1436]

O protestantismo não deu à Inglaterra apenas uma nova religião: deu uma nova forma de pensar, uma visão empreendedora e inovadora que resultou na maior produção de riqueza de todos os tempos. Essa mentalidade seria transportada ao Novo Mundo, onde as colônias inglesas se sobressaíram sobre todas as outras, dando origem à maior nação dos tempos modernos: os Estados Unidos da América.

[1436] ibid, p. 198.

• Estados Unidos

"Nos Estados Unidos, não há ódio religioso, porque a religião é universalmente respeitada e nenhuma seita é dominante; não há ódio de classes, porque o povo é tudo e ninguém ainda ousa lutar contra ele; enfim não há misérias públicas a explorar, porque o estado material do país oferece tão imensa carreira à indústria, que basta deixar o homem entregue a si mesmo para que faça prodígios"

(Alexis de Tocqueville)

Os ingleses iniciaram a colonização no Novo Mundo cerca de um século após espanhóis e portugueses[1437]. No entanto, este século de atraso foi logo compensado pelos puritanos devotos que aportaram na América do Norte – homens simples e humildes, mas crentes fervorosos que levavam na mão uma Bíblia e no coração a moral cristã, e sobre esta pedra edificaram as treze colônias. Já aí vemos um forte contraste com o tipo de gente que colonizou o Brasil, como aponta Melo:

> A colonização americana, que teve início quase um século depois do Brasil, é completamente diferente no que diz respeito à qualificação moral, ética, cultural e religiosa em relação ao contingente que os portugueses para cá trouxeram. A presente comparação não é fruto de qualquer tipo de preconceito, mas é a pura realidade dos fatos. (...) Qual o perfil dos que chegaram aos Estados Unidos para colonizá-lo, por volta do ano 1620? Foram os peregrinos e depois os puritanos, provenientes da Inglaterra. Um povo marcado pela graça de Deus e um excelente testemunho de vida. Gente de fé e compromisso com a

[1437] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 145.

> Palavra de Deus, que valorizavam a família e tinham a maior dedicação ao trabalho e à educação.[1438]

Quem também destaca esse aspecto é o pensador político, historiador e escritor francês Alexis de Tocqueville, um dos autores conservadores mais célebres do século XIX, notabilizado principalmente por sua obra *A Democracia na América.* O livro foi escrito ainda em 1832, após viajar por muitas regiões dos Estados Unidos e conhecer de perto a sua cultura.

O testemunho de Tocqueville é importante não só por ser uma obra-prima do século XIX, mas sobretudo por ser um testemunho isento, uma vez que Tocqueville era católico e francês (e portanto não devia nutrir muita simpatia a priori pelos anglo-americanos, ainda mais numa época marcada pela forte religiosidade e por nacionalismos ferrenhos). A despeito disso, Tocqueville se impressionou com muita coisa que viu na América, por mais cético que fosse em relação a coisas como a democracia ou as classes populares dominando a política.

Ele também não deixou de ressaltar o quanto a religião (protestante) foi importante na construção dessa grande nação. De acordo com Tocqueville, "os emigrantes da Nova Inglaterra traziam consigo admiráveis elementos de ordem e de moralidade; eles iam para o deserto acompanhados da mulher e dos filhos"[1439]. Essa descrição concorda com o primeiro relato dos viajantes puritanos à América do Norte, que dizia:

[1438] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011, p. 163.
[1439] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 40-41.

> Está frio nestes dias do ano de 1620. Nós todos, que realizamos esta viagem de Plymouth para a nova terra, vamos ter de enfrentar grandes dificuldades. Somos 102 homens e mulheres, repletos de esperanças, mas também exaustos pela travessia, pelas tempestades, pelo frio e pelo tempo inóspito. Nós firmamos um contrato de fundar uma colônia, na qual nos sentiremos como comunidade, para a glória de Deus e para a honra do rei da Inglaterra. (...) Hoje, 19 de novembro de 1620, tudo isto ainda parece distante. Mas em breve vamos fundar Provincetown. Assim deverá se chamar nosso povoado. E nossa fé será forte. Nenhuma ordem mundial poderá mais nos oprimir aqui. Apenas a Bíblia será nossa autoridade. Foi assim, é assim e assim permanecerá.[1440]

Os homens que atravessaram o Atlântico para colonizar a América do Norte não queriam apenas extrair riquezas naturais e gozar de uma boa vida europeia, como os portugueses e espanhóis. Ao contrário, desejavam construir uma vida sólida no Novo Mundo com sua família e sua fé. A este respeito, Tocqueville escreve:

> Os imigrantes da Nova Inglaterra levavam consigo admiráveis elementos de ordem e de moralidade; entravam pelo deserto acompanhados de suas esposas de seus filhos. Mas o que os distinguia, sobretudo, de todos os outros (colonizadores) era a própria finalidade de sua empreitada. Não tinham abandonado o seu país forçados pela necessidade; deixavam para trás uma posição social cuja perda seria lamentável e meios da vida garantidos;

[1440] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro*. Maringá: Orvalho, 2011, p. 225.

> tampouco passaram ao Novo Mundo a fim de ali melhorar a sua situação ou de fazer aumentar as suas riquezas, arrancavam-se às doçuras da prática para obedecer a uma necessidade puramente intelectual; expondo-se às misérias inevitáveis do exílio, desejavam fazer triunfar uma ideia.[1441]

Um dos aspectos mais curiosos das treze colônias era a ausência de pessoas muito ricas ou muito pobres. Tocqueville observa que "não é que nos Estados Unidos não haja ricos... mas lá a fortuna circula com incrível rapidez, e a experiência ensina que é raro ver duas gerações recolherem seus favores"[1442]. O que havia era uma vasta "classe média" cujo poder aquisitivo crescia cada vez mais, na medida em que a ética protestante voltada ao trabalho e ao empreendimento era colocada em ação.

Por isso Tocqueville dizia que "o primeiro acumula o capital que o segundo faz frutificar, e não há miséria nem entre os estrangeiros nem entre os nativos"[1443]. Desta forma, mesmo os americanos "pobres" eram ricos se comparados a um europeu da época:

> Compreende-se que a palavra *pobre* tem aqui, como no resto do capítulo, um sentido relativo e não uma significação absoluta. Os pobres da América (Estados Unidos), comparados com os da Europa, poderiam muitas vezes parecer ricos; contudo está certo chamá-los pobres, quando contrapostos a seus concidadãos mais ricos.[1444]

[1441] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América*. Editora Itatiaia Limitada e Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 33.
[1442] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 60.
[1443] ibid, p. 331.
[1444] ibid, p. 532.

Ele acrescenta que nos Estados Unidos "a maioria dos ricos começaram sendo pobres"[1445], mas que "quase todos os americanos vivem bem"[1446], porque o país "oferece tão imensa carreira à indústria, que basta deixar o homem entregue a si mesmo para que faça prodígios"[1447]. A cultura americana empreendedora tornava possível o «sonho americano», não só em favor dos próprios americanos que construíram a nação, mas sobretudo para estrangeiros vindos de países pobres latino-americanos, cujo maior sonho é obter um *green card.*

Tudo isso foi possível *apesar* das circunstâncias externas, que eram bastante desfavoráveis aos colonos. Tocqueville já dizia que a América do Norte é "infinitamente mais fria que a Europa"[1448], o que prejudicava fortemente as colheitas. Mas apesar do mau clima, o espírito empreendedor logo os fizeram prosperar na nova terra:

> Antes da escala holandesa, partidos de Plymouth, haviam deixado a Inglaterra com a esperança de aportar eles também na Virgínia. Mas uma nova tempestade desviou-lhes a embarcação, que atingiu a costa deserta que Smith havia já entrevisto e batizado de Nova Inglaterra. Esses novos colonos fazem-se donos de um país novo mas inóspito, em virtude do rigor de seu clima. No primeiro inverno, a metade deles pereceu e os sobreviventes estabeleceram-se em terras ingratas e incultas, que eles arrotearam com obstinação (cultura do milho). Seu entusiasmo no trabalho e seu espírito de empreendimento inventivo

[1445] ibid, p. 62.
[1446] ibid, p. 61.
[1447] ibid, p. 203.
[1448] ibid, p. 553.

> orientaram-nos para novas atividades, que os fizeram prosperar rapidamente.[1449]

Vicentino diz que a criação de uma empresa agrícola do tipo que os portugueses montaram no Brasil "revelou-se inviável, pois o clima temperado da região só permitia produzir gêneros agrícolas que a própria Inglaterra já produzia"[1450]. Neste quesito, o Brasil "levava ampla vantagem, pois dispunha de extensas áreas planas e férteis"[1451]. Além do clima inóspito, os colonos encontraram um território sem metais preciosos nem especiarias, muito diferente das riquezas encontradas logo de cara pelos espanhóis e mais tarde pelos portugueses[1452].

Mas o clima estava longe de ser a única dificuldade encontrada pelos colonos ingleses. Diferente dos portugueses, que em geral lidaram com nativos pacíficos (índios sedentários vivendo de subsistência, os quais foram explorados e escravizados com facilidade), os ingleses encontraram uma terra de nativos selvagens e hostis, que chegavam a comer carne humana e a praticar sacrifícios de crianças. Conta a história que os primeiros colonizadores ingleses foram recebidos da seguinte maneira:

> A aventura de sir Walter, no entanto, fracassou. Os ataques indígenas aos colonizadores, a fome e as doenças minaram a experiência inicial da Inglaterra. A ilha de Roanoke, sede destas primeiras tentativas, estava deserta quando, em 1590, chegou uma expedição de reforço

[1449] SÉDILLOT, René. *Histoires des colonisations*. Paris: Fayard, 1958, p. 398.
[1450] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 124.
[1451] ibid, p. 126.
[1452] ibid, p. 124.

> para os colonos. O líder da expedição que tinha vindo salvar a colônia desaparecida encontrou apenas a palavra "Croatoan" escrita numa árvore. Talvez a palavra indicasse uma tribo ou um líder indígena próximos. Ninguém foi achado. O Novo Mundo tragaria seus debutantes ingleses.[1453]

Um caso famoso e emblemático é o do capitão inglês John Smith e a jovem índia Pocahontas, que o salvou da morte:

> Já nos primórdios da colonização temos um caso significativo. Em 1607 chegara a Jamestown o capitão inglês John Smith. Pouco tempo após sua chegada, foi capturado por índios. Dominando a língua indígena, tenta inutilmente convencer o chefe da tribo a não matá-lo. Quando a cabeça do capitão estava para ser esmagada pelos tacapes dos índios, a jovem Pocahontas (que então contava dez ou onze anos) reivindica a vida do prisioneiro para si. No futuro, muitas vezes a jovem Pocahontas levaria comida até a vila faminta dos ingleses, avisaria o capitão dos ataques indígenas e tudo faria para agradá-lo. No entanto, ao contrário do que se poderia esperar, o capitão J. Smith não se casa com a jovem Pocahontas. Ele acaba voltando para a Inglaterra. Em 1614, Pocahontas aceita a fé cristã, passa a se chamar Rebeca, e casa-se com um plantador de tabaco: John Rolfe. Em 1616 ela viaja para a Inglaterra e lá morre tentando voltar para a América.[1454]

[1453] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 32.
[1454] ibid, p. 56-57.

Mas os nativos não eram o único risco de morte que os colonos enfrentavam. A maior inimiga era a própria fome, que nestes primeiros anos fez muitas vítimas:

> As dificuldades foram imensas. Só para se ter uma ideia de quantos obstáculos havia, 144 colonos tinham partido para a fundação de Jamestown. Apenas 105 colonos desembarcaram e, passados alguns meses, a fome mataria outra parcela importante desta comunidade. A fome inicial era tanta, que cães, gatos e cobras foram utilizados como alimentos e um colono foi acusado de fatiar o corpo da sua esposa falecida e utilizá-lo para alimentar-se. Não bastassem todos estes problemas, havia ainda traições e ataques de índios.[1455]

A terra que os ingleses encontraram era diametralmente oposta à encontrada pelos espanhóis, que não demoraram a se deparar com imensas riquezas naturais que poderiam extrair facilmente para benefício próprio (o que explica por que os espanhóis não haviam tomado posse do território das treze colônias antes dos ingleses):

> Outra grande diferença era a realidade encontrada na América espanhola e inglesa. Ao chegarem ao México e Peru, os espanhóis encontraram civilizações já estabelecidas, com imensas quantidades de ouro e prata, estrutura urbana formada, população concentrada e toda uma vida econômica da qual era possível extrair imensos ganhos. Os ingleses não encontraram nada disso. Os índios da costa leste das treze colônias não apresentavam riquezas fabulosas que pudessem

[1455] ibid, p. 34.

> ser imediatamente exploradas. A riqueza, no período colonial, teve de ser muito mais construída do que usufruída. Para esta construção, naturalmente, a concepção inglesa de trabalho iria colaborar.[1456]

Em síntese, os primeiros colonos ingleses desembarcaram em condições extremas de uma terra pouco fértil e sem riquezas, e ali lutaram contra o mau clima, contra nativos selvagens e contra a fome, e nestas condições absolutamente desfavoráveis conseguiram construir a nação mais próspera e poderosa do mundo. O motivo? Ética puritana. Como Melo discorre, os puritanos que se estabeleceram na «Nova Inglaterra» "deixaram um legado para a formação de uma nação única na história"[1457] e tiveram "uma significativa influência no desenvolvimento subsequente da América"[1458].

Através de trabalhos como o *Christian Directory*, de Richard Baxter, e o *Religious Tradesman,* de Richard Steele, os puritanos enfatizavam a "diligência incessante no trabalho árduo e no pecado de aproveitar riquezas por um consumo dispendioso e caro, na medida em que ele ordena fazer fortuna como um dever sagrado. Trabalho e poupança juntos construíram o capitalismo moderno"[1459]. Os puritanos levaram à América suas instituições tradicionais, e ali puderam colocar em prática desde o princípio uma mentalidade favorável aos negócios, ao comércio e ao

[1456] ibid, p. 50.
[1457] MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011, p. 229.
[1458] ibid.
[1459] STEELE, Richard. *The Religious Tradesman.* Citado em: TAWNEY, R. H. "Religious Thought em Social and Economic Questions in the Sixteenth and Seventeenth Centuries". *Journal of Political Economy,* 1923.

empreendedorismo, em um notável contraste com a mentalidade ibérica que prevaleceu nas colônias católicas[1460].

Com razão, Pirenne escreve:

> Se o sistema de monopólios havia permitido que a Espanha formasse um império colonial diretamente administrado pelo monarca, a liberdade desfrutada pelas companhias fez das colônias inglesas na América verdadeiros estados autônomos que, espontaneamente, se deram a si mesmos caminhos institucionais parlamentaristas. E se o regime autoritário penetrou nas colônias espanholas como uma lógica consequência do capitalismo de Estado que praticavam os reis da Espanha, os colonos ingleses estabeleceram um regime de liberdade na América do Norte sob a égide do capitalismo das grandes companhias do comércio marítimo.[1461]

Como herança do liberalismo inglês, os colonos das treze colônias desfrutaram de uma liberdade incomum para uma colônia. Embora ainda devessem submissão ao rei da Inglaterra, "a administração inglesa sobre seus territórios americanos era menos rígida e controladora do que a ibérica"[1462], o que lhes rendia uma relativa autonomia que seria essencial no desenvolvimento das colônias.

[1460] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 184.
[1461] ibid, p. 242.
[1462] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 146.

Um dos detalhes de maior importância é o tipo de colonização protagonizada pelos ingleses, que se baseava na concessão a companhias capitalistas, o que limitava a interferência estatal. Em contraste, a colonização ibérica era organizada e controlada pelo próprio Estado, que dispunha das colônias ao seu bel-prazer:

> No início do século XVII, já sob a dinastia Stuart, a Inglaterra reviveu o impulso colonizador. Passou o perigo espanhol imediato, o país estava tranquilo e a necessidade de comércio avançava. A estabilidade alcançada na Era Tudor continuava a dar frutos. Mais uma vez, porém, a Coroa entrega a particulares esta atividade. Não mais nobres individuais, mas a companhias como a de Londres e a de Plymouth. Estas companhias foram organizadas por comerciantes e apresentavam todas as características de empresas capitalistas. Aqui, ao contrário da América Ibérica, define-se uma colonização de empresa, não de Estado. A Companhia de Plymouth receberia as terras e o monopólio do comércio entre a região da Flórida e o rio Potomac, restando à Companhia de Londres as terras entre os atuais cabo Fear e Nova York. Separando as duas concessões havia uma região neutra, para evitar conflitos de jurisdição.[1463]

Como os americanos colocavam os negócios acima de tudo, ali a política ocupava um lugar secundário, se resumindo à condição de linha auxiliar dos negócios, jamais como algo que lhe servisse de entrave:

[1463] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 32-33.

> As paixões que agitam mais profundamente os americanos são as comerciais, não as políticas; ou, antes, eles transpõem à política os hábitos do negócio. Gostam da ordem, sem a qual os negócios não poderiam prosperar, e apreciam particularmente a regularidade dos costumes, que funda as boas casas.[1464]

Uma das coisas que mais impressionou Tocqueville foi essa "obsessão" pelos negócios, que fazia dos Estados Unidos uma nação de empreendedores por excelência:

> Tudo se reúne para entreter a alma numa espécie de agitação febril que a dispõe admiravelmente a todos os esforços e a mantém por assim dizer acima do nível comum da humanidade. Para um americano, a vida inteira passa como um jogo, um tempo de revolução, um dia de batalha. Essas mesmas causas, agindo ao mesmo tempo sobre todos os indivíduos, acabam imprimindo um impulso irresistível ao caráter nacional. O americano tomado ao acaso deve ser pois um homem ardente em seus desejos, empreendedor, aventureiro, sobretudo inovador. De fato, esse espírito se encontra em todas as suas obras; ele o introduz em suas leis políticas, em suas doutrinas religiosas, em suas teorias de economia social, em sua indústria privada; leva-o a toda a parte consigo, no fundo dos bosques como no seio das cidades. É esse mesmo espírito que, aplicado ao comércio marítimo, faz o americano navegar mais depressa e mais barato do que todos os comerciantes do mundo.[1465]

[1464] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 335.
[1465] ibid, p. 465.

Esse espírito «empreendedor, aventureiro e sobretudo inovador» do povo americano os levava a se superar cada vez mais, especialmente no que se refere ao comércio marítimo. A paixão pelo comércio impressionava Tocqueville, que destacou a forma como eles destemidamente desafiavam todas as circunstâncias problemáticas para fazer bons negócios:

> O navegador europeu só se aventura com prudência nos mares; só parte quando o tempo o convida; se lhe sobrevêm um acidente imprevisto, volta ao porto; à noite, recolhe uma parte das velas e, quando vê o Oceano embranquecer ao se aproximar a terra, reduz a marcha e interroga o sol. O americano despreza essas precauções e afronta os perigos. Parte enquanto a tormenta ainda brame; de noite como de dia oferece ao vento todas as suas velas; conserta em marcha seu navio cansado pela tempestade e, quando se aproxima enfim do termo de seu trajeto, continua a correr para a costa, como se já percebesse o porto. O americano naufraga com frequência, mas não há navegador que atravesse os mares tão rapidamente quanto ele. Fazendo as mesmas coisas que outro em menos tempo, pode fazê-las a menor preço. Antes de chegar ao fim de uma viagem de longo curso, o navegador europeu acredita que deve aportar várias vezes em seu caminho.
>
> Perde um tempo precioso buscando o porto de escala ou esperando a ocasião de partir deste, e paga cada dia o direito de estadia. O navegador americano parte de Boston para ir comprar chá na China. Chega a Cantão, fica alguns dias e volta. Percorre em menos de dois

> anos a circunferência inteira do globo e vê terra uma só vez. Durante a travessia de oito ou dez meses, bebe água salobra e vive de carne salgada; luta sem cessar contra o mar, a doença, o tédio; mas, ao voltar, pode vender a libra de chá um vintém mais barato do que o mercador inglês. O objetivo foi alcançado A melhor forma de exprimir meu pensamento seria dizer que os americanos imprimem uma espécie de heroísmo em seu modo de fazer comércio. Será sempre difícil para o comerciante europeu seguir seu concorrente americano no mesmo trajeto. Agindo da maneira que descrevi, o americano não segue apenas um cálculo, mas sobretudo obedece à sua natureza.[1466]

A paixão pelo comércio levava os americanos a ocupar os portos das outras nações em número bem maior que os delas mesmas, mais uma coisa que impressionava Tocqueville:

> Os navios dos Estados Unidos enchem o porto do Havre e o de Liverpool. Só se vê um pequeno número de navios ingleses ou franceses no porto de Nova York. Assim, não apenas o comerciante americano enfrenta sem temor a concorrência em seu próprio solo, como ainda combate vantajosamente os estrangeiros no deles.[1467]

A intrepidez com que os estadunidenses comercializavam levava Tocqueville a pensar que um dia eles se tornariam a primeira potência marítima do mundo, o que se tornaria realidade menos de um século mais tarde:

[1466] ibid, p. 463-464.
[1467] ibid, p. 462.

> Penso que as nações, como os homens, indicam quase sempre, desde sua mais tenra idade, os principais traços de seu destino. Quando vejo com que espírito os anglo-americanos comerciam, as facilidades que encontram para fazê-lo, os sucessos que alcançam nisso, não posso me impedir de crer que se tomarão um dia a primeira potência marítima do globo. São impelidos a tomar conta dos mares, assim como os romanos o eram a conquistar o mundo.[1468]

Já naquela época os Estados Unidos tinham uma marinha de guerra respeitável, com 256 navios a vapor em 1829[1469], fazendo frente ao famoso poderio naval britânico:

> Os anglo-americanos mostraram desde sempre um gosto decidido pelo mar. A independência, rompendo os vínculos comerciais que os uniam à Inglaterra, deu a seu gênio marítimo um novo e poderoso impulso. Desde essa época, o número de navios da União aumentou numa progressão quase tão rápida quanto a do número de seus habitantes.[1470]

Além disso, Tocqueville diz que "o salário do marinheiro americano é mais alto do que o do marinheiro europeu"[1471] e que "não há povo no mundo que possa oferecer ao comércio portos mais profundos, mais vastos e mais seguros do que os americanos"[1472]. O próprio Arthur Dias reconhecia que "a administração yankee, ao

[1468] ibid, p. 468.
[1469] ibid, p. 558.
[1470] ibid, p. 461.
[1471] ibid, p. 462.
[1472] ibid, p. 461.

contrário da nossa, nunca descurou, um instante, o adestramento da sua marinhagem, no manejo da artilharia; nunca poupou despesas com a instrução prática dos artilheiros"[1473].

Ademais, nos Estados Unidos, testemunha Tocqueville, "onde a grande maioria dos cidadãos é proprietária, encontra-se numa situação mais favorável do que a França"[1474]. Ali, a democracia "traz sem cessar novos homens à direção dos negócios"[1475]. A intensa paixão pelos negócios levava Tocqueville a dizer que "as más leis, as revoluções e a anarquia não seriam capazes de destruir entre eles o gosto pelo bem-estar e o espírito empreendedor, que parece ser o caráter distintivo de sua raça, nem apagar de todo as luzes que os iluminam"[1476].

Com uma expectativa de vida elevada e uma taxa de mortalidade infantil baixa para os padrões da época, a população americana dobrava a cada 22 anos, algo incogitável para qualquer outro país do mundo[1477]. De 2.500 habitantes em 1620, a nação teria três milhões de cidadãos um século mais tarde[1478]. As regiões urbanas cresciam numa velocidade ainda mais impressionante: Nova York tinha 60.000 habitantes em 1800 e passou para 550.000 em 1850, um crescimento de quase dez vezes em apenas cinquenta anos[1479].

[1473] DIAS, Arthur. *O Problema Naval: condições atuais da marinha de guerra e seu papel nos destinos do país.* Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1899, p. 157.
[1474] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 247.
[1475] ibid, p. 215.
[1476] ibid, p. 475.
[1477] ibid, p. 555.
[1478] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 39.
[1479] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 87.

Nas palavras de Tocqueville, "sua prosperidade não para; eles até crescem mais impetuosamente do que qualquer reino da Europa"[1480]. Blainey escreve que os Estados Unidos "mostravam espírito de aventura e energia de conhecimento"[1481], e em 1900 já tinham mais habitantes do que a combinação de quaisquer dois países europeus juntos[1482]. Tudo isso fez com que ao final do século XIX e início do XX, os Estados Unidos já fosse a primeira potência industrial e econômica do mundo[1483].

Tocqueville conseguia enxergar tão longe que foi capaz de prever a Guerra Fria com mais de um século de antecedência. Ele já notava que havia na terra "dois grandes povos que, partindo de pontos diferentes, parecem avançar rumo ao mesmo objetivo: os russos e os anglo-americanos"[1484]. Os russos tinham a vantagem de seu imenso exército, mas os americanos tinham a tecnologia e a inovação ao seu lado. Os russos representavam a servidão; os americanos, a liberdade:

> O americano luta contra os obstáculos que a natureza lhe opõe; o russo está às voltas com os homens. Um combate o deserto e a barbárie, o outro a civilização revestida de todas as suas armas. Por isso as conquistas do americano se fazem com o arado do lavrador, as do russo com a espada do soldado. Para alcançar seu fim, o primeiro se apoia no interesse pessoal e deixa atuar, sem as dirigir, a força e a razão dos indivíduos. O segundo concentra de certa forma num homem toda a potência da sociedade. Um tem por principal meio de

[1480] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 440.
[1481] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010.
[1482] ibid.
[1483] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 134.
[1484] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 476.

> ação a liberdade; o outro, a servidão. O ponto de partida de ambos é diferente, diversos são seus caminhos; no entanto cada um deles parece chamado, por um desígnio secreto da Providência, a ter um dia em suas mãos o destino de metade do mundo.[1485]

Rapidamente os Estados Unidos assumiu a hegemonia do continente, hegemonia essa que saltava aos olhos de qualquer observador. Não à toa, Tocqueville dizia que "não se pode dissimular que a raça inglesa adquiriu enorme preponderância sobre todas as outras raças europeias do Novo Mundo. Ela lhes é muito superior em civilização, indústria e potência"[1486]. A inegável supremacia norte-americana sobre os países da América do Sul era proporcional à supremacia inglesa sobre os países católicos da Europa, como Itália, Espanha e Portugal (citados nominalmente por Tocqueville, um católico):

> Os americanos dos Estados Unidos já exercem grande influência moral sobre todos os povos do Novo Mundo. É deles que parte a luz. Todas as nações que habitam esse mesmo continente já estão habituadas a considerá-los os rebentos mais esclarecidos, mais poderosos e mais ricos da grande família americana. Eles voltam pois para a União (Estados Unidos) seus olhos e se assimilam, tanto quanto podem, aos povos que a compõem. Cada dia vêm buscar nos Estados Unidos doutrinas políticas e inspirar-se em suas leis. Os americanos dos Estados Unidos se encontram, diante dos povos da América do Sul, precisamente na mesma situação que seus pais, os ingleses,

[1485] ibid, p. 477.
[1486] ibid, p. 473.

> diante dos italianos, espanhóis, portugueses e de todos esses povos da Europa que, sendo menos evoluídos em centralização e indústria, recebem de suas mãos a maior parte dos objetos de consumo. A Inglaterra é hoje o foco natural do comércio de quase todas as nações que dela se aproximam; a União americana está fadada a desempenhar o mesmo papel no outro hemisfério. Cada povo que nasce ou que cresce no Novo Mundo, nasce e cresce, pois, de certa forma, em benefício dos anglo-americanos.[1487]

Tocqueville escreveu isso em 1832, mas se tivesse escrito hoje ninguém notaria a diferença. Os Estados Unidos permanecem tão incontestavelmente à frente do resto da América que todos os anos milhões de latinos tentam entrar no país ilegalmente, buscando escapar da violência, da pobreza e das péssimas condições de saúde e educação de seus respectivos países[1488]. No século passado, o romancista e jornalista brasileiro Viana Moog já se perguntava:

> Como foi possível para os Estados Unidos, país mais novo do que o Brasil e menor em superfície continental contínua, realizar o progresso quase milagroso que realizaram e chegar aos nossos dias à vanguarda das nações, com a prodigiosa realidade do presente, sob muitos aspectos a mais estupenda e prodigiosa realidade de todos os tempos, quando o nosso país, com mais de um século de antecedência histórica, ainda se apresenta, mesmo à luz de

[1487] ibid, p. 466-467.
[1488] Confira um exemplo em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-caravana-de-refugiados-da-america-central-que-esta-em-um-limbo-legal-na-fronteira-entre-o-mexico-e-os-eua.ghtml>. Acesso em: 03/08/2019.

> interpretações e profecias mais otimistas, apenas como o incerto país do futuro?[1489]

Diante de tudo o que vimos até aqui, responder isso é fácil.

***

> *"Os Estados Unidos não são apenas um país. Não é apenas a soma dos seus 50 estados. É uma ideia. Uma ideia corajosa e justa, uma luz guia que nunca pode ser apagada"*
>
> *(Designated Survivor, Temp. 1, Ep. 21)*

Os Estados Unidos não apenas é o maior referencial de empreendedorismo, inovação e capitalismo, mas também é o berço da democracia moderna. Herman diz que a democracia americana é «a primeira dos tempos modernos»[1490], Blainey afirma que "a abordagem democrática da Reforma tem efeitos surpreendentes, em especial nos Estados Unidos"[1491], e Tocqueville reconhece que o puritanismo "não era apenas uma doutrina religiosa; ele também se confundia em vários pontos com as teorias democráticas e republicanas mais absolutas"[1492] – era «quase tanto uma teoria política quanto uma doutrina religiosa»[1493].

[1489] MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Lisboa: Livros do Brasil, 1957, p. 15.
[1490] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 162.
[1491] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo.* São Paulo: Fundamento, 2012, p. 142.
[1492] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 41.
[1493] ibid, p. 43.

Os puritanos eram «fervorosos congregacionalistas» que formavam comunidades locais autônomas[1494], constituindo um tipo de religiosidade diferente daquele praticado na Inglaterra, pela Igreja oficial (anglicana). Além do fervor religioso, os puritanos eram "os mais ardorosos democratas de todos"[1495]. Priorizavam «o amor, a igualdade e a liberdade»[1496].

Foram decisivos na implantação da república, criando um sistema de governo democrático onde o chefe de Estado não assume mediante direito de nascimento, mas por competência e pelo crivo popular. Tocqueville atribui a esse "DNA republicano", trazido pelos puritanos, uma das causas da prosperidade americana:

> Já disse precedentemente que via na origem dos americanos, no que chamei de seu ponto de partida, a primeira e mais eficaz de todas as causas a que possamos atribuir a prosperidade atual dos Estados Unidos. Os americanos têm a seu favor o acaso do nascimento: seus pais importaram outrora para a terra que habitam a igualdade das condições e das inteligências, de que a república democrática devia brotar um dia como de sua fonte natural. Ainda não é tudo. Com um estado social republicano, legaram a seus descendentes os hábitos, as ideias e os costumes mais aptos a fazer florescer a república. Quando penso no que esse fato original produziu, parece-me ver todo o destino da América encerrado no primeiro puritano que abordou àquelas costas, assim como se pode ver toda a raça humana no primeiro homem.[1497]

[1494] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 52.
[1495] ibid.
[1496] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 328.
[1497] ibid, p. 327.

Antes que os Estados Unidos tivesse generais, filósofos ou escritores, "um homem podia se erguer em presença de um povo livre e dar, ante as aclamações de todos, uma bela definição da liberdade"[1498]. A liberdade, princípio que guia a América, se refletia em leis únicas no mundo todo, que visavam proteger o pobre antes que o rico, e os mais fracos em detrimento dos poderosos. Tocqueville se impressionou ao constatar que, diferente de todos os lugares que conhecia, nos Estados Unidos eram os ricos e poderosos que reclamavam da lei:

> Na América, por estar invertida a escala europeia dos poderes, os ricos se encontram numa posição análoga a dos pobres na Europa: são eles que, muitas vezes, desconfiam da lei. Eu o disse em outra ocasião: a vantagem real do governo democrático não é garantir os interesses de todos, tal como se pretendeu algumas vezes, mas apenas proteger o da maioria. Nos Estados Unidos, onde o pobre governa, os ricos sempre têm a temer que este use de seu poder contra eles.[1499]

Não é incomum a Constituição de algum país dizer que «todo poder emana do povo», mas em nenhum lugar isso era uma realidade concreta como nos Estados Unidos da América. Os Estados Unidos era um desses exemplos raros de país onde *o povo prevalecia sobre o Estado,* o que se refletia nos negócios:

> O povo participa da composição das leis pela escolha dos legisladores, da sua aplicação pela eleição dos agentes do poder executivo; podemos dizer que governa por si mesmo; a tal ponto a

[1498] ibid, p. 50.
[1499] ibid, p. 281.

> importância deixada à administração é fraca e restrita, a tal ponto ela é marcada por sua origem popular e obedece ao poder de que emana. O povo reina sobre o mundo político americano como Deus sobre o universo. Ele ê a causa e o fim de todas as coisas. Tudo provém dele e tudo nele se absorve.[1500]
>
> Há países em que um poder, de certa forma exterior ao corpo social, atua sobre ele e força-o a caminhar em certo sentido. Outros há em que a força ê dividida, situando-se ao mesmo tempo na sociedade e fora dela. Nada parecido se vê nos Estados Unidos; lá a sociedade age por si e sobre si mesma.[1501]

Nada ilustra melhor o caráter empreendedor do americano e o resultado dessa cultura no país do que quando Tocqueville escreve:

> Nos Estados Unidos, não há ódio religioso, porque a religião é universalmente respeitada e nenhuma seita é dominante; não há ódio de classes, porque o povo é tudo e ninguém ainda ousa lutar contra ele; enfim não há misérias públicas a explorar, porque o estado material do país oferece tão imensa carreira à indústria, que basta deixar o homem entregue a si mesmo para que faça prodígios.[1502]
>
> O americano habita uma terra de prodígios, em tomo dele tudo se move sem cessar e cada movimento parece um progresso. A ideia do

[1500] ibid, p. 68.
[1501] ibid.
[1502] ibid, p. 203.

> novo se liga, pois, intimamente, em seu espírito, à ideia de melhor. Em parte alguma ele percebe o limite que a natureza pode ter imposto aos esforços do homem; a seu ver, o que não existe é o que ainda não foi tentado.[1503]

Nos Estados Unidos, o princípio da «soberania do povo» "não é oculto ou estéril, como em certas nações; ele é reconhecido pelos costumes, proclamado pelas leis; estende-se com liberdade e chega sem obstáculos às últimas consequências"[1504]. Quando se quer falar das leis americanas, "é sempre pelo dogma da soberania do povo que convém começar"[1505].

Tocqueville atesta que a soberania do povo "teve nos Estados Unidos todos os desenvolvimentos práticos que a imaginação é capaz de conceber"[1506], pois "cada indivíduo constitui uma porção igual do soberano e participa igualmente do governo do Estado"[1507]. Enquanto em outros lugares as leis eram feitas completamente à margem do povo, que não tinha participação e muitas vezes nem mesmo ciência das mesmas, nos Estados Unidos a participação popular era ativa e intensa:

> Na América, o povo nomeia aquele que faz a lei e aquele que a executa; ele mesmo constitui o júri que pune as infrações à lei. Não apenas as instituições são democráticas em seu princípio, mas também em todos os seus desdobramentos. Assim, o povo nomeia

[1503] ibid, p. 465.
[1504] ibid, p. 65.
[1505] ibid.
[1506] ibid, p. 67.
[1507] ibid, p. 75.

> diretamente seus representantes e os escolhe em geral todos os anos, a fim de mantê-los mais ou menos em sua dependência. É, pois, realmente o povo que dirige e, muito embora a forma do governo seja representativa, é evidente que as opiniões, os preconceitos, os interesses, até as paixões do povo não podem encontrar obstáculos duradouros que os impeçam de produzir-se na direção cotidiana da sociedade.[1508]

Tocqueville faz ainda o importante adendo de que os Estados Unidos produziu uma revolução social «de maneira simples e fácil» sem ter passado pela «revolução mesma», isto é: conseguiu todos esses avanços sociais e democráticos sem precisar passar por uma revolução sangrenta e traumática como a da França:

> Há um país no mundo em que a revolução social de que falo parece ter alcançado mais ou menos seus limites naturais; produziu-se nele de uma maneira simples e fácil, ou antes podemos dizer que esse país vê os resultados da revolução democrática que se realiza entre nós sem ter passado pela revolução mesma.[1509]

Como efeito da soberania do povo, o Estado tinha um poder bem limitado, se comparado às outras nações. Tudo girava em torno do povo e para o povo. Um cidadão em particular tinha mais poder político nos Estados Unidos do que em qualquer outro lugar – uma antítese clamorosa com os Estados absolutistas, onde a opinião de um só (o rei) é que importava. O próprio presidente tinha seus poderes

[1508] ibid, p. 197.
[1509] ibid, p. 19.

limitados, uma vez que cada um dos estados funcionava na prática como "pequenas nações soberanas, cujo conjunto forma o grande corpo da União"[1510].

Esse sistema federalista conservava a autonomia dos estados ao mesmo tempo em que impedia que uma única pessoa acumulasse muito poder em mãos. Para entender o tamanho do problema que é uma única pessoa acumular muito poder em mãos, imagine que um louco possua uma bomba atômica que possa usar para destruir o seu país, e que para acionar essa bomba basta apenas que ele mesmo decida isso.

Agora mudemos um pouco o cenário, e suponhamos que para esse louco acionar sua bomba ele precise da aprovação de dez pessoas que sejam tão loucas como ele. Mudando um pouco mais, suponhamos que para o louco acionar essa bomba seja necessária a aprovação de centenas de indivíduos, os quais precisariam primeiro disputar e vencer contra milhares de concorrentes, e cada um deles (ou pelo menos a maior parte) precisasse ser tão louco quanto ele.

Em qual desses cenários você se sentiria mais seguro? Em qual deles pensa haver mais chances da bomba ser acionada? Se você não for um dos loucos, certamente preferirá o terceiro, onde o louco tem um poder bem mais limitado que, mesmo que queira, não é suficiente para fazer sozinho um estrago deste tamanho. Eis aí a vantagem da descentralização política sobre a centralização do poder. A história nos mostra que o poder é tão perigoso como uma bomba.

[1510] ibid, p. 69.

Um velho ditado diz que se você quer realmente conhecer uma pessoa, basta dar poder a ela. O poder não apenas pode corromper pessoas boas, mas tem sobretudo a capacidade de mostrar quem elas de fato são, extraindo delas o que há de pior (verdade essa bem ilustrada por Tolkien no *Senhor dos Anéis*). Uma pessoa má que não detenha nenhum poder só poderá afetar um número reduzido de pessoas à sua volta, mas essa mesma pessoa com todo o poder em mãos pode levar um povo inteiro à desgraça e dirigir toda uma nação à ruína.

Se Hitler fosse apenas um síndico de prédio, teria muito menos potencial destrutivo do que como o Führer, cujos poderes eram ilimitados. A história nos mostra que o poder ilimitado conduz quase sempre à tirania, ao despotismo e à eliminação das classes "indesejadas" pelo Estado. Isso nos leva a um sério problema: por um lado nós precisamos de um Estado para não cair na anarquia, mas, por outro, dar o poder a alguém é uma coisa extremamente perigosa, com um potencial tão danoso que alguns preferem mesmo a anarquia.

Este dilema só pode ser respondido de duas formas: ou por um governante perfeito e infalível que terá poderes ilimitados mas que o usará sempre e somente para o bem (como Cristo no Reino eterno), ou *fracionando* o poder em muitas partes, de modo a atenuar o problema. Com a divisão de poder, nenhuma pessoa sozinha – nem mesmo o chefe de Estado – tem tanto poder a ponto de fazer o que quiser.

Ao poder concentrado em uma mão chamamos *ditadura* (no caso de uma república) ou *absolutismo* (no caso de uma monarquia), mas ao poder diluído em muitas chamamos *democracia,* que literalmente significa o «governo do povo», porque cada cidadão em particular tem um pouco deste poder fracionado. Via de

regra, a humanidade viveu por milênios sob a égide de líderes despóticos, que mandavam e desmandavam como bem entendiam.

Pelas razões mais frívolas, esses reis levavam nações inteiras a guerras completamente desnecessárias, aumentavam os impostos desmedidamente, viviam em palácios esplendorosos enquanto o povo não tinha onde cair morto, não precisavam entregar resultados porque seus cargos eram garantidos pelo sangue que corria em suas veias, mandavam matar qualquer desafeto sem precisar dar satisfação a ninguém e transformavam o Estado numa imagem de si mesmo, sem qualquer preocupação real pelo bem-estar social de um povo ao qual olhava de cima pra baixo.

As pessoas literalmente se prostravam aos pés desses reis e rainhas que, não obstante já possuíssem todo o poder, não buscavam outra coisa senão ampliá-lo – mesmo que para isso tivessem que tirá-lo de outros reis, em sucessivas e intermináveis guerras por território (que nada mais eram que guerras para governar sobre mais gente). Cansados de viver sob a mão forte do Estado, os puritanos criaram um modelo revolucionário de sociedade: a descentralização.

Inspirados em seu modelo religioso, no qual muitas igrejas conviviam harmonicamente à parte de uma liderança centralizadora como o papado, eles criaram um modelo político igualmente descentralizado, algo bastante inusitado para os padrões da época. O resultado dessa descentralização política foi a criação dos Estados Unidos da América, a primeira democracia moderna, com um sistema republicano que se afastava largamente da centralização monárquica predominante até mesmo na Inglaterra.

Essa descentralização administrativa impressionava Tocqueville, que não deixa de notar a imensa diferença existente em sua época entre o presidente americano e o rei francês:

> O rei, na França, constitui realmente uma parte do soberano, pois as leis não existirão se ele se recusar a sancioná-las; além disso, é o executante das leis. O presidente também é o executante da lei, mas não contribui realmente para fazê-la, pois que, ao recusar seu assentimento, não pode impedi-la de existir. Portanto, não faz parte do soberano; nada mais é que seu agente. Não apenas o rei, na França, constitui uma porção do soberano, mas também participa da formação da legislatura, que é a outra porção. Participa dela nomeando os membros de uma câmara e fazendo, à sua vontade, cessar a duração do mandato da outra. O presidente dos Estados Unidos não contribui em nada para a composição do corpo legislativo, nem pode dissolvê-lo.
>
> O rei partilha com as Câmaras o direito de propor a lei. O presidente não tem iniciativa semelhante. O rei é representado, no seio das Câmaras, por um certo número de agentes, que expõem seus pontos de vista, sustentam suas opiniões e fazem prevalecer suas máximas de governo. O presidente não tem entrada no Congresso; seus ministros são excluídos deste, como ele próprio, e é tão somente por vias indiretas que faz penetrar nesse grande corpo sua influência e suas opiniões. O rei da França caminha pois de igual para igual com a legislatura, que não pode agir sem ele, como ele não poderia agir sem ela. O presidente está colocado ao lado da legislatura, como um poder

> inferior e dependente. No exercício do poder executivo propriamente dito, ponto sobre o qual sua posição parece mais se aproximar da do rei da França, o presidente ainda tem várias e grandes causas de inferioridade.
>
> O poder do rei, na França, tem antes de tudo, sobre o do presidente, a vantagem da duração. Ora, a duração é um dos primeiros elementos da força. Só se ama e só se teme o que deve existir muito tempo. O presidente dos Estados Unidos é um magistrado eleito por quatro anos. O rei, na França, é um chefe hereditário. No exercício do poder executivo, o presidente dos Estados Unidos acha-se continuamente submetido a uma vigilância ciosa. Ele prepara os tratados, mas não os faz; designa para os cargos, mas não nomeia. O rei da França é senhor absoluto na esfera do poder executivo. O presidente dos Estados Unidos é responsável por seus atos. A lei francesa diz que a pessoa do rei da França é inviolável.[1511]

As diferenças entre o presidente dos Estados Unidos e o rei da França iam mais além, se refletindo no número de funcionários públicos (a maioria simplesmente parasitários), que era muito maior na França (onde o rei tinha o direito absoluto de fazer nomeações) do que nos Estados Unidos (onde o presidente não tinha esse direito):

> Notei que o poder do presidente dos Estados Unidos só é exercido na esfera de uma soberania restrita, ao passo que o do rei, na França, age

[1511] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 139-141.

> no círculo de uma soberania completa. Teria podido mostrar o poder governamental do rei da França ultrapassar inclusive seus limites naturais, por mais amplos que sejam, e penetrar, de mil maneiras, na administração dos interesses individuais. A essa causa de influência eu podia somar a que resulta do grande número de funcionários públicos que, quase todos, devem seu mandato ao poder executivo. Esse número superou, em nosso país, todos os limites conhecidos: eleva-se a 138.000. Cada uma dessas 138.000 nomeações deve ser considerada um elemento de força. O presidente não tem o direito absoluto de nomear para os cargos públicos, e esses cargos não são mais que 12.000.[1512]

Como é evidente, esse tipo de prática na França resultava num Estado grande, inchado e sobrecarregado, cujos tentáculos tocavam todas as partes da vida pública e privada. Incapaz de pagar suas próprias contas, o Estado era obrigado a transferir essa conta ao povo, através de impostos cada vez mais altos. Nos Estados Unidos, ocorria o contrário: a União cuidava apenas daquilo que era mais básico, desafogando o Estado e liberando espaço para a iniciativa privada empreendedora, que fez da nação a primeira do mundo.

Como nos Estados Unidos os impostos eram baixos, não havia lugar para o luxo excessivo de uma "corte", como na França. Até mesmo os governadores viviam de forma simples, indistinguível de um cidadão comum. Em Ohio, por exemplo, o governador só ganhava 1.200 dólares, o equivalente a 6.504 francos (moeda

[1512] ibid, p. 141.

francesa da época)[1513]. A comparação com a França da época (1834) feita por Tocqueville deixa evidente a discrepância de gastos públicos (os valores estão em francos)[1514]:

Cargo	Estados Unidos	França
Secretário Geral	10.840	20.000
Ministro da Fazenda	32.520	80.000
Chefe de Estado	135.000	12.000.000

Tenha em conta que estes números correspondem à França pós-revolucionária. Se a comparação fosse com a França do Antigo Regime, a discrepância seria ainda mais assustadora. Se o ministro da Fazenda em 1834 recebia 80.000 francos mensais, na França do Antigo Regime ele ganhava o dobro disso (160.000). Da mesma forma, o Secretário Geral, que em 1834 recebia 20.000, no Antigo Regime ganhava mais que o dobro (50.000)[1515]. Nem queira saber quanto ganhava Luís XIV, pois talvez a fileira de zeros quebraria o meu simples e modesto teclado.

Como se não bastasse toda essa gastança desenfreada do Estado francês com políticos, os cofres públicos também se esvaziavam com o pagamento do numeroso e luxuoso clero (católico), enquanto nos Estados Unidos as igrejas (protestantes) eram sustentadas exclusivamente pelas doações voluntárias dos fiéis[1516]. Por contraste, enquanto nos Estados Unidos o Estado cuidava dos mais pobres, na França os pobres dependiam exclusivamente da caridade dos ricos (ou

[1513] ibid, p. 532.
[1514] ibid.
[1515] ibid, p. 533.
[1516] ibid, p. 535.

seja, morriam de fome), uma vez que tudo e mais um pouco já havia sido gasto com os funcionários públicos e com o clero[1517].

O Estado americano não apenas era menor do que o francês: era sobretudo mais *eficiente,* pois direcionava suas energias para aquilo que era realmente mais básico e necessário. Enquanto a França gastava o dinheiro que não tinha para tornar os ricos mais ricos, os Estados Unidos pagava um salário modesto para as autoridades mais importantes do país, mas não faltava comida no prato de ninguém. Se na França os ricos monopolizavam e desperdiçavam os recursos com o patrocínio do Estado, nos Estados Unidos qualquer pessoa comum podia facilmente se tornar mais rica que um agente do Estado, até mesmo que o presidente da república.

Não sem razão, Tocqueville acentua que "a democracia dá pouco aos governantes e muito aos governados"[1518]. O americano, diz ele, "dá ao Estado uma parte menor de sua renda do que o francês"[1519]. Por isso, "o governo da democracia, apesar de seus defeitos, ainda é de todos o mais apto a fazer essa sociedade prosperar"[1520]. A visão de um Estado mínimo e eficiente pautou a cultura americana desde o início, razão pela qual os servidores públicos nos Estados Unidos nunca estiveram acima dos trabalhadores comuns, e jamais tiveram as regalias que a nobreza e o clero francês tinham às custas de um povo sofrido:

> Os funcionários públicos, nos Estados Unidos, permanecem confundidos no meio da multidão dos cidadãos; não têm nem

[1517] ibid.
[1518] ibid, p. 250.
[1519] ibid, p. 254.
[1520] ibid, p. 271.

> palácios, nem guardas, nem uniformes aparatosos. Essa simplicidade dos governantes não é produto apenas de uma feição particular do espírito americano, mas dos princípios fundamentais da sociedade. **Aos olhos da democracia, o governo não é um bem, é um mal necessário**. É preciso conceder aos funcionários certo poder, porque, sem esse poder, de que serviriam? Mas as aparências exteriores do poder não são indispensáveis à marcha dos negócios; elas ferem inutilmente a vista do público. Os próprios funcionários sentem perfeitamente que só obtiveram o direito de se pôr acima dos outros por seu poder com a condição de descer ao nível de todos por suas maneiras.[1521]

Estatistas veem o Estado como um bem em si mesmo, por isso querem aumentá-lo sem parar (cujo ápice é o socialismo). Liberais democratas, por outro lado, entendem que o Estado é um "mal necessário", como diz Tocqueville, porque sabem o quanto o poder pode ser perigoso. Por isso um Estado deve existir, mas minimizado na medida do possível, de modo a evitar ao mesmo tempo a anarquia e o totalitarismo.

O Estado não cria riqueza, ele apenas administra. Quem gera riqueza é a iniciativa privada, e ao Estado cabe apenas administrar as coisas de um modo que favoreça o empreendedorismo e alivie a pobreza. É assim que os Estados Unidos entendiam a função do Estado, entendimento este que foi crucial para o rápido desenvolvimento que a nação experimentou até se tornar a primeira do mundo.

[1521] ibid, p. 238.

Como nos Estados Unidos o Estado era bem menor do que nos países católicos e estatistas mundo afora, ninguém entrava na política para ficar rico, como sempre aconteceu aqui. Pelo contrário, quem queria enriquecer se envolvia em negócios privados, onde era muito mais fácil fazer dinheiro:

> Nos Estados Unidos, as pessoas moderadas em seus desejos é que se empenham nos meandros da política. Os grandes talentos e as grandes paixões em geral se afastam do poder, a fim de buscar a riqueza; e acontece com frequência que alguém só se encarregue de dirigir a fortuna do Estado quando se sente pouco capaz de conduzir seus próprios negócios. É a essas causas, tanto quanto às más escolhas da democracia, que se deve atribuir o grande número de homens comuns que ocupam as funções públicas. Nos Estados Unidos, não sei se o povo escolheria os homens superiores que disputassem seus sufrágios, mas é certo que estes não os disputam.[1522]

Enquanto nos Estados Unidos quem quer ficar rico vai empreender e deixa a política de lado, no Brasil sempre ocorreu exatamente o contrário. Como aqui sempre foi difícil empreender, sempre foi mais fácil ficar rico através da política, razão pela qual nunca faltaram oportunistas para parasitar no governo e enriquecer através da máquina pública – essa sim uma fonte inesgotável de riqueza, *a nossa* riqueza.

O sistema americano baseado no liberalismo gerava um dinamismo econômico e o progresso de toda a nação; o sistema brasileiro baseado no estatismo gera um

[1522] ibid, p. 240.

parasitismo político que só enche os bolsos de uma minoria de terno e gravata, às nossas custas. Nos Estados Unidos, os políticos perdem e a sociedade ganha; no Brasil, os políticos ganham e a sociedade perde.

Não à toa, os deputados brasileiros custam mais que o dobro dos americanos para os cofres públicos, com muito mais benefícios e privilégios custeados com os nossos impostos[1523]. Em contrapartida, nos Estados Unidos qualquer trabalhador comum ganha muito mais que um trabalhador brasileiro, e o poder de compra também é bem maior. No Brasil trabalha-se mais de 50 horas para comprar o mesmo que um americano consegue comprar com 7 horas de trabalho, o que significa que o brasileiro precisa trabalhar 6 vezes mais que o americano para conseguir comprar as mesmas coisas[1524].

Um Estado grande é bom para os políticos e ruim para o povo; um Estado mínimo é bom para o povo e ruim para os políticos. Nos Estados Unidos, a noção que se tinha do Estado não era de um "senhor", mas de um "servo". Jesus disse que "se alguém quer ser o primeiro, seja o último e servo de todos" (Mc 9:35). Essa é a função de um líder: servir. Os americanos entendiam bem isso, por isso lá a pirâmide de poder era invertida, de modo a impedir a ascensão de ditadores. O poder não partia "de cima pra baixo", mas "de baixo pra cima".

[1523] CAMARGO, Cristina. *Deputados brasileiros custam mais do que o dobro dos americanos*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/instituto-millenium/deputados-brasileiros-custam-mais-do-que-o-dobro-dos-americanos>. Acesso em: 10/08/2019.
[1524] GFC. *EUA x Brasil: comparando o Poder de Compra*. Disponível em: <http://gestaofinanceiracriativa.com.br/eua-x-brasil-comparando-o-poder-de-compra>. Acesso em: 10/08/2019.

O Estado não mandava no povo, ele *servia* o povo. Sem a vontade popular, o chefe de Estado não podia fazer coisa alguma. Muitas vezes o governo perdia a maioria na Câmara dos Representantes[1525], fato não tão incomum nas democracias modernas de nossos dias, mas inusitado e surpreendente para aquela época. Como Tocqueville assevera,

> na maior parte das nações europeias a existência política começou nas regiões superiores da sociedade e comunicou-se, pouco a pouco, e sempre de maneira incompleta, às diversas partes do corpo social. Já na América, podemos dizer que a comuna foi organizada antes do condado, o condado antes do Estado, o Estado antes da União.[1526]

Os Estados Unidos foi a primeira nação politicamente construída "de baixo pra cima", de modo a dar o máximo de liberdade, autonomia e poder aos indivíduos particulares, e o mínimo necessário ao chefe de Estado. Por isso o presidente podia governar sobre uma área bem mais ampla que um prefeito; porém, dentro da área do prefeito, o prefeito mandava mais que o presidente.

Essa forma de enxergar a política estava totalmente fora da caixinha de pensamento que predominou desde os tempos antigos até então, onde o chefe de Estado (normalmente um rei) não apenas governava um território maior, como governava *mais* do que qualquer um em qualquer lugar (às vezes, com um poder absoluto). Nos Estados Unidos, ao contrário, as comunas (equivalente aos municípios de hoje) eram praticamente independentes do governo do Estado:

[1525] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 535.
[1526] ibid, p. 48.

> Em tudo o que diz respeito apenas a elas, as comunas permaneceram corpos independentes; e entre os habitantes da Nova Inglaterra não há nenhum, penso eu, que reconheça ter o governo do Estado o direito de intervir na direção dos interesses puramente comunais. Vemos, pois, as comunas da Nova Inglaterra vender e comprar, atacar e defender-se diante dos tribunais, onerar seu orçamento ou aliviá-lo, sem que nenhuma autoridade administrativa sequer cogite de se opor.[1527]

Como Tocqueville assevera, Estados Unidos e Inglaterra se destacavam como os países onde as províncias desfrutavam de mais liberdade administrativa, o que era do desejo de todo o povo:

> Visitei as duas nações que desenvolveram no mais alto grau o sistema das liberdades provinciais e escutei a voz dos partidos que dividem essas nações. Na América, encontrei homens que aspiravam em segredo a destruir as instituições democráticas de seu país; na Inglaterra, encontrei outros que atacavam em alta voz a aristocracia; mas nunca encontrei um só que não considerasse a liberdade provincial um grande bem. Vi, nesses dois países, os males do Estado serem imputados a uma infinidade de causas diversas, mas nunca à liberdade comunal. Ouvi cidadãos atribuírem a grandeza ou a prosperidade de sua pátria a uma multidão de razões; mas ouvi todos eles colocarem em primeira linha e classificarem à frente de todas as outras vantagens a liberdade provincial.[1528]

[1527] ibid, p. 76-77.
[1528] ibid, p. 110.

Nos Estados Unidos, em especial, "o governo federal praticamente só cuida dos negócios externos; os governos estaduais é que dirigem realmente a sociedade americana"[1529]. A primazia da comuna sobre a União se fazia presente nos gestos mais simples, como destaca Tocqueville:

> Na França, o coletor do Estado arrecada as taxas comunais; na América, o coletor da comuna arrecada a taxa do Estado. Assim, entre nós, o governo central empresta seus agentes à comuna; na América, a comuna empresta seus funcionários ao governo. Esse simples fato permite compreender em que grau as duas sociedades diferem.[1530]

O princípio da preeminência das comunidades em relação à Washington estava em conformidade com o princípio da divisão de poder, uma vez que o chefe de Estado não podia exercer um poder absoluto enquanto os magistrados municipais possuíssem autonomia em sua própria jurisdição:

> Não há país no mundo em que a lei fale uma linguagem tão absoluta quanto na América, e tampouco existe país em que o direito de aplicá-la esteja dividido entre tantas mãos. O poder administrativo nos Estados Unidos não oferece em sua Constituição nada central nem hierárquico; é isso que o faz não ser percebido. O poder existe, mas não se sabe onde encontrar seu representante. Pudemos ver mais acima que as comunas da Nova Inglaterra não eram tuteladas. Elas próprias cuidam, pois, de seus interesses particulares. Os magistrados

[1529] ibid, p. 536.
[1530] ibid, p. 77.

> municipais é que são encarregados, na maioria das vezes, de zelar pela execução das leis gerais do Estado, ou executá-las eles mesmos. Independentemente das leis gerais, o Estado faz algumas vezes regulamentos gerais de polícia; mas de ordinário as comunas e os funcionários comunais é que, conjuntamente com os juízes de paz e segundo as necessidades das localidades, acertam os detalhes da existência social e promulgam as prescrições relativas à saúde pública, à boa ordem e à moralidade dos condados.
>
> Enfim, os magistrados municipais é que, por si mesmos e sem necessidade de receber um impulso externo, atendem a essas necessidades imprevistas que as sociedades têm com frequência. Do que acabamos de dizer resulta que, em Massachusetts, o poder administrativo está quase inteiramente encerrado na comuna, mas dividido aí entre várias mãos. Na comuna francesa existe, na verdade, um só funcionário administrativo, o prefeito. Vimos que havia pelo menos dezenove na Nova Inglaterra. Esses dezenove funcionários não dependem em geral uns dos outros.

O mesmo princípio da autonomia das comunas em relação ao governo federal também era uma realidade em relação aos condados (divisões administrativas em cada estado). Tocqueville escreve:

> A lei estabeleceu com cuidado em torno de cada um desses magistrados um círculo de ação. Nesse círculo eles têm todo o poder para desempenhar os deveres de seu cargo e não dependem de nenhuma autoridade comunal. Se erguermos os olhos acima da

> comuna, mal perceberemos o indício de uma hierarquia administrativa. Acontece às vezes que os funcionários do condado reformem a decisão tomada pelas comunas ou pelos magistrados comunais, mas em geral podemos dizer que os administradores do condado não têm o direito de dirigir a conduta dos administradores da comuna. Eles só os comandam nas coisas que dizem respeito ao condado.
>
> Os magistrados da comuna e os do condado são obrigados, num número muito pequeno de casos previstos, a comunicar o resultado de suas operações aos funcionários do governo central. Mas o governo central não é representado por um homem encarregado de elaborar regulamentos gerais de polícia ou de baixar portarias para a execução das leis; nem de se comunicar habitualmente com os administradores do condado a que pertence a comuna; nem de fiscalizar sua conduta, dirigir seus atos e punir seus erros. Não há, pois, em parte alguma um centro para o qual os raios do poder administrativo vêm convergir.[1531]

Uma das vantagens da primazia comunal é que isso respeitava o princípio da autonomia individual, onde cada indivíduo é senhor das suas próprias ideias, em detrimento do coletivismo, onde o indivíduo é esmagado por um abstrato coletivo que se coloca no direito de decidir o que é melhor para ele no lugar dele:

[1531] ibid, p. 84-85.

> A comuna e o condado não são constituídos em toda a parte da mesma maneira; mas pode-se dizer que a organização da comuna e do condado, nos Estados Unidos, baseia-se em toda parte nessa mesma ideia: a de que cada um é o melhor juiz do que concerne apenas a si mesmo e é quem está em melhores condições de prover a suas necessidades particulares. A comuna e o condado são pois encarregados de zelar por seus interesses especiais. O Estado governa, não administra. Encontramos exceções a esse princípio, mas não um princípio contrário. A primeira consequência dessa doutrina foi fazer os próprios habitantes escolherem todos os administradores da comuna e do condado, ou pelo menos escolher esses magistrados exclusivamente entre eles. Sendo os administradores eleitos em toda a parte, ou em todo caso não-exoneráveis, resulta que em parte alguma foi possível introduzir as regras da hierarquia. Houve portanto quase tantos funcionários independentes quantas eram as funções. O poder administrativo viu-se disseminado numa multidão de mãos.[1532]

A sociedade americana não era coletivista, no sentido de esmagar a liberdade individual em detrimento do que exige um governante que supostamente fala em nome do coletivo. Pelo contrário, cada cidadão em particular tinha sua liberdade, autonomia e individualidade assegurados, o que, no conjunto, trabalhava em favor do progresso de toda a comunidade. Assim, nos Estados Unidos as coisas não partiam do coletivo para o individual, mas do individual para o coletivo, sempre respeitando o princípio primordial e básico da liberdade individual.

[1532] ibid, p. 93.

Podemos dizer, como Tocqueville sugere, que os americanos não eram apenas independentes em relação à Inglaterra, mas também ao Estado:

> Os americanos estabeleceram também um governo no seio das associações; mas, se assim posso me exprimir, é um governo civil. A independência individual nelas encontra seu lugar: como na sociedade, todos os homens nelas caminham ao mesmo tempo para o mesmo objetivo, mas cada um não é obrigado a marchar exatamente pelos mesmos caminhos. Não se faz nelas o sacrifício de sua vontade e de sua razão, mas aplica-se sua vontade e sua razão para o êxito de uma empresa comum.[1533]

Por isso, diz Tocqueville, os americanos "creem que, ao nascer, cada um recebe a faculdade de governar a si mesmo e que ninguém tem o direito de forçar seu semelhante a ser feliz"[1534]. A individualidade era respeitada no seu máximo, o que, em vez de gerar uma sociedade "egoísta" como afirmam os críticos, deu origem à sociedade mais filantrópica do mundo (como vimos no final do capítulo 2).

Onde a individualidade é respeitada, quem ganha é a comunidade; onde ela é suprimida, toda a comunidade perde. Não se gera uma sociedade forte com indivíduos fracos, mas se fortalece a sociedade quando os indivíduos em particular têm todos os seus direitos – sobretudo o direito à liberdade, autonomia e individualidade – plenamente respeitados e integralmente assegurados.

[1533] ibid, p. 227.
[1534] ibid, p. 432.

Em todo lugar em que o Estado unilateralmente impôs algo "em nome do povo", se colocando no direito de falar pelo coletivo, tudo o que fez foi suprimir as liberdades individuais e manter o povo escravo de um Estado controlador e autoritário, como na Coreia do Norte ou em Cuba. Os Estados Unidos sempre passou longe disso. Como diz Tocqueville, "até aqui não houve ninguém nos Estados Unidos que tenha ousado avançar a máxima de que tudo é permitido no interesse da sociedade. Máxima ímpia, que parece ter sido inventada num século de liberdade para legitimar todos os tiranos por vir"[1535].

A liberdade de um indivíduo em particular não podia ser privada em nome de um coletivo, pois não é enfraquecendo os indivíduos que se faz uma sociedade forte, como Tocqueville acentua:

> Como fazer uma multidão que não aprendeu a servir-se da liberdade nas pequenas coisas suportá-la nas grandes? Como resistir à tirania num país em que cada indivíduo é fraco e em que os indivíduos não estão unidos por nenhum interesse comum? Os que temem a licença e os que temem o poder absoluto devem, pois, desejar igualmente o desenvolvimento gradual das liberdades provinciais.[1536]

Os americanos tinham um verdadeiro gosto pela liberdade, uma obsessão que superava de longe qualquer outra. É normal um país querer a independência para ser livre, mas nos Estados Unidos o conceito de liberdade ia muito além da independência diante da metrópole. Liberdade para os americanos envolvia, acima

[1535] ibid, p. 344.
[1536] ibid, p. 109.

de tudo, cada um ter o direito de governar sua própria vida, em vez de ser dirigido pela mão do Estado. Afinal, de nada adiantaria conquistar a independência de um Estado para se tornar escravo de outro, como ocorreu com as colônias católicas do Novo Mundo.

Essa preocupação levou à criação de um Estado diferente de todos os outros, tão descentralizado que mal se podia encontrar o governo:

> O que mais chama a atenção do europeu que percorre os Estados Unidos é a ausência do que, em nossos países, chamamos governo ou administração. Na América, vemos leis escritas; percebemos sua execução cotidiana; tudo se move à nossa volta e não descobrimos em parte alguma o motor. A mão que dirige a máquina social escapa a cada instante. No entanto, assim como todos os povos são obrigados, para exprimir seus pensamentos, a recorrer a certas formas gramaticais constitutivas das línguas humanas, assim também todas as sociedades, para subsistirem, são obrigadas a se submeter a certa soma de autoridade, sem a qual caem na anarquia. Essa autoridade pode ser distribuída de diferentes maneiras, mas é sempre necessário que ela se encontre em algum lugar.
>
> Há dois meios de diminuir a força da autoridade numa nação. O primeiro é debilitar o poder em seu princípio mesmo, tirando da sociedade o direito ou a faculdade de se defender em certos casos: debilitar a autoridade dessa maneira é, em geral, o que se chama na Europa fundar a liberdade. Há um segundo meio de diminuir a ação

> da autoridade. Este não consiste em despojar a sociedade de alguns de seus direitos ou em paralisar seus esforços, mas em dividir o uso de suas forças entre várias mãos; em multiplicar os funcionários, atribuindo a cada um deles todo o poder de que necessita para fazer o que é destinado a executar.
>
> Há povos que essa divisão dos poderes sociais ainda pode levar à anarquia; por si mesma, porém, ela não é anárquica. Partilhando assim a autoridade, sua ação, é verdade, toma-se menos irresistível e menos perigosa, mas não é destruída. A revolução nos Estados Unidos foi produzida por um gosto maduro e refletido pela liberdade, não por um instinto vago e indefinido de independência. Ela não se apoiou em paixões de desordem, mas, ao contrário, marchou com amor à ordem e à legalidade.[1537]

O apego à liberdade manteve o Estado descentralizado e o poder dividido em muitas mãos, o que foi fundamental em evitar ao longo de todos esses anos o surgimento de qualquer ditadura de esquerda ou de direita (enquanto as colônias ibéricas não demoraram em aderir a todo tipo de ditadura após a independência). Tocqueville ressalta essa preocupação dos americanos ao escrever:

> Os americanos têm evidentemente um grande temor. Percebem que, na maioria dos povos do mundo, o exercício dos direitos da soberania tende a se concentrar em poucas mãos, e se apavoram com a ideia de que acabará sendo assim em seu país. Os próprios homens de Estado

[1537] ibid, p. 82-83.

> sentem esses terrores, ou, pelo menos, simulam senti-los; porque, na América, a centralização não é popular, e não se poderia cortejar mais habilmente a maioria do que se insurgindo contra as pretensas intromissões do poder central.[1538]

Nada apavorava mais os americanos do que um poder central controlando cada passo da vida dos cidadãos. Enquanto a história de outros países nos mostra que o povo tende a apoiar uma ditadura que concorde com suas opiniões, nos Estados Unidos o próprio conceito de ditadura era abominável em si mesmo, pois representa uma violação ao princípio da descentralização de poder e da liberdade tal como vivida na América. Nem o totalitarismo de esquerda nem o de direita eram uma opção, porque a própria ideia de totalitarismo era rejeitada com horror.

Por isso a soberania do chefe de Estado nos Estados Unidos foi sempre relativa e praticamente abstrata, uma vez que os estados da União têm autonomia para decidir sobre si mesmos:

> A soberania da União é um ser abstrato que só se prende a um pequeno número de objetos externos. A soberania dos estados é perceptível a todos os sentidos; compreendemo-la sem dificuldade; vemo-la agir a cada instante. Uma é nova, a outra nasceu com o próprio povo. A soberania da União é obra da arte. A soberania dos estados é natural, existe por si mesma, sem esforços, como a autoridade do pai de família.[1539]

[1538] ibid, p. 442.
[1539] ibid, p. 188.

Da mesma forma que não havia um Estado controlando a vida privada dos cidadãos, também não havia um Estado que controlasse a vida econômica da nação, cujos negócios eram corretamente deixados a cargo da iniciativa privada, que era protegida (e não suprimida, obstruída ou ofuscada) pelo Estado:

> Os Estados Unidos não têm capital: as luzes, como o poder, são disseminadas em todas as partes dessa vasta terra; os raios da inteligência humana, em vez de partir de um centro comum, lá se cruzam em todos os sentidos; os americanos não sediaram em lugar nenhum a direção geral do pensamento, como tampouco a dos negócios.[1540]

A facilidade de empreender nos Estados Unidos era tanta que mesmo quando um funcionário público era demitido, ele podia facilmente fazer a vida no setor privado:

> Cumpre confessar que a falta de fixidez na sorte dos funcionários não produz na América os males que poderiam ser esperados em outros países. Nos Estados Unidos, é tão fácil construir uma existência independente, que tirar de um funcionário a posição que ocupa é, algumas vezes, tirar-lhe a comodidade da vida, mas nunca os meios de prover a ela.[1541]

A democracia americana não apenas limitava o poder do chefe do Estado, mas também evitava que um servidor público tivesse um poder desproporcional em

[1540] ibid, p. 212.
[1541] ibid, p. 147.

relação a outro. Um servidor não podia ter ao mesmo tempo as prerrogativas de contratar e de demitir, de ordenar e de reprimir, de recompensar e de punir, o que encurtava as barreiras hierárquicas e democratizava todo o trabalho[1542].

Além disso, todo magistrado precisava ser eleito, o que impunha um limite de autoridade cujo teto era o próprio povo, que podia demiti-lo da mesma forma que o elegeu. Isso evitava a ocorrência de abusos de poder e de tirania, contra os quais a América Latina não tinha qualquer remédio[1543].

O extraordinário sucesso da descentralização americana logo influenciou o resto do mundo ocidental. Parte dele adotou o sistema republicano (mesmo que não da mesma forma que os americanos), e os que mantiveram a monarquia retiraram quase todo o poder real, dividindo-o com o Parlamento, que é quem realmente governa. Por isso o governo da Inglaterra atual recai sobre o primeiro-ministro, a quem compete decidir os rumos do país junto ao Parlamento.

A Inglaterra ainda tem uma rainha, mas que hoje está ali para acenar e sorrir; uma realeza que mantém todos os ritos e tradições dos velhos tempos, mas cujo poder efetivo se reduziu a um nível meramente simbólico, quase indistinguível de uma república parlamentarista. Ou seja, o sucesso do modelo americano forçou as próprias monarquias a se modernizarem e descentralizarem o poder também, não mais existindo em nossos dias monarquias absolutistas em países de primeiro mundo, mas apenas "monarquias de fachada".

[1542] ibid, p. 85.
[1543] ibid.

É importante ressaltar novamente que os puritanos só conseguiram construir uma sociedade como essa porque este já era o seu modelo religioso, completamente independente da sujeição a uma autoridade religiosa suprema, como o papado, e de igrejas do Estado, como eram a luterana e a anglicana. Tocqueville escreve com razão:

> A maior parte da América inglesa foi povoada por homens que, depois de terem se furtado à autoridade do papa, não se haviam submetido a nenhuma supremacia religiosa; eles levavam pois ao Novo Mundo um Cristianismo que eu não poderia pintar melhor do que chamando-o democrático e republicano. Isso favorecerá singularmente o estabelecimento da república e da democracia nos negócios. Desde o princípio, a política e a religião estavam de acordo, e desde então não deixaram de estar.[1544]

Em outras palavras, a sociedade americana construída pelos puritanos com suor e trabalho pesado só se tornou realidade porque refletia seu caráter religioso, que sempre primou pela independência e liberdade. Deles decorre a descentralização do poder e a pluralidade religiosa em detrimento de uma igreja oficial ou única do Estado.

Se a centralização política resultava em crises, golpes, totalitarismo e despotismo, a centralização religiosa não ficava por menos, sendo a grande responsável pela corrupção da Igreja medieval, que se acentuou cada vez mais quanto mais o poder se centralizava nas mãos de um só: o papa. O papa era um grande monarca

[1544] ibid, p. 338.

absolutista nos Estados Pontifícios e possui até hoje as prerrogativas de um ditador na Igreja de Roma – como diz o catecismo católico, "possui na Igreja poder pleno, supremo e universal, e pode exercer sempre livremente este seu poder"[1545] (o que é basicamente a definição de absolutismo).

Como na Igreja Romana o poder é totalmente centralizado, especialmente após a derrota do conciliarismo que defendia a supremacia dos concílios ecumênicos sobre o papa (o que na prática significou dizer que o consenso dos bispos tinha *menos* autoridade que a do papa sozinho), os papas foram foi se sentindo cada vez mais livres para atuarem como verdadeiros tiranos, que concentravam todo o poder em suas mãos.

Assim, novos dogmas e doutrinas foram sendo criados com cada vez menos oposição, uma vez que a autoridade papal por si só falava mais alto que o parecer de toda a Igreja. Com o tempo, ninguém mais pôde questionar nada. O papa proclama o dogma da assunção de Maria 1950 anos depois de Cristo? Tem que crer. Declara a si mesmo infalível? Tem que aceitar. Institui a Inquisição para perseguir e queimar os "hereges" até a morte? Tem que matar. Ordena cruzadas suicidas contra os "infiéis" no outro lado do mundo? Tem que achar uma ótima ideia.

Essa submissão incondicional e cega ao pontífice romano é o fruto da centralização aplicada ao campo religioso, que faz com que todos se precipitem num abismo bastando apenas que seu líder supremo o faça. Os estados católicos se espelharam no modelo eclesiástico e criaram os estados absolutistas; os puritanos se

[1545] §882 do Catecismo Católico. Disponível em: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/s/sumo.html>. Acesso em: 12/08/2019.

espelharam na Bíblia e deram luz à democracia moderna, onde ninguém é obrigado a concordar com uma autoridade contra a sua própria consciência.

Os puritanos sabiam que só há um capaz de centralizar o poder em si mesmo: o próprio Senhor Jesus Cristo. É ele quem reinará «com cetro de ferro» sobre as nações durante o milênio e no estado eterno (Ap 12:5, 19:15). Os mortais, contudo, estão universalmente sujeitos às mesmas fraquezas e falhas humanas, razão pela qual é tão temerário colocar muito poder nas mãos de um só.

Todos os exemplos que temos no campo político e religioso nos mostram o quão importante é a descentralização, que limita o poder de um só e o dilui, não de forma a impedir que erros aconteçam, mas para evitar que contaminem o sistema por completo – até que «Rei dos reis» assuma entre nós o seu lugar de direito. A democracia é uma consequência natural da descentralização do poder, o que propicia a igualdade de condições. Como Tocqueville destaca,

> os anglo-americanos levaram para o Novo Mundo a igualdade das condições. Nunca houve entre eles nem vilões nem nobres; lá os preconceitos de nascimento sempre foram tão desconhecidos quanto os preconceitos de profissão. O estado social sendo assim democrático, a democracia não teve dificuldade de estabelecer seu império.[1546]

Nada o surpreendia mais do que a transbordante e inesgotável energia que movia todos os cidadãos. Enquanto no Brasil a república foi proclamada sem que o povo

[1546] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 359.

sequer fizesse ideia do que era uma república e frequentemente estava completamente à margem de todos os acontecimentos políticos, incluindo os mais importantes, nos Estados Unidos o que acontecia no Congresso era apenas uma extensão do movimento popular que agitava todo o país:

> É difícil dizer que importância ocupam os cuidados da política na vida de um homem nos Estados Unidos. Meter-se no governo da sociedade e discutir a esse respeito é o maior assunto e, por assim dizer, o único prazer que um americano conhece. Percebe-se isso nos menores hábitos de sua vida: as próprias mulheres comparecem muitas vezes às assembleias públicas e se distraem, ouvindo os discursos políticos, dos aborrecimentos domésticos. Para elas, os clubes substituem até certo ponto os espetáculos. Um americano não sabe conversar, ele discute; não discorre, disserta. Ele sempre fala com você como se falasse a uma assembleia e se, por acaso, se inflamar, dirá "senhores", dirigindo-se a seu interlocutor.
>
> Em certos países, o habitante só aceita com uma espécie de repugnância os direitos políticos que a lei lhe concede; parece-lhe que é lhe roubarem o tempo fazerem-no ocupar-se dos interesses comuns, ele gosta de se fechar num egoísmo estreito, cujo limite exato é formado por quatro valas encimadas por uma cerca viva. Ao contrário, se o americano fosse reduzido a só cuidar de seus próprios assuntos, a metade de sua existência lhe seria furtada; ele sentiria como que um imenso vazio em seus dias e se tomaria incrivelmente infeliz.

> Estou persuadido de que, se o despotismo um dia vier se estabelecer na América, encontrará mais dificuldades ainda para vencer os hábitos que a liberdade engendrou do que para superar o próprio amor à liberdade. Essa agitação sempre renascente, que o governo da democracia introduziu no mundo político, passa em seguida à sociedade civil.[1547]

Make America Great não era apenas um lema, mas um projeto compartilhado e vivido por todos os cidadãos, que se esforçavam conjuntamente para tornar os Estados Unidos uma grande e poderosa nação. Tocqueville nos mostra como a conscientização política, econômica, empreendedora e religiosa atuavam juntas e envolviam intensamente toda a comunidade:

> Mal pisa no solo da América, você se encontra no meio de uma espécie de tumulto; eleva-se de toda a parte um clamor confuso; mil vozes chegam ao mesmo tempo a seu ouvido, cada uma das quais exprime algumas necessidades sociais. À sua volta, tudo se agita: aqui, o povo de um bairro está reunido para saber se deve construir uma igreja; ali, trabalha-se para escolher um representante; mais longe, os deputados de um cantão correm a toda pressa para a cidade, a fim de providenciar certas melhorias locais; em outro lugar, são os cultivadores de uma aldeia que abandonam seus campos para irem discutir o projeto de uma estrada ou de uma escola.

[1547] ibid, p. 283-284.

> Cidadãos se reúnem, com a única finalidade de declarar que desaprovam os passos do governo, enquanto outros se reúnem para proclamar que os homens no poder são os pais da pátria. Eis outros que, considerando o alcoolismo a principal fonte dos males do Estado, vêm se comprometer solenemente a dar o exemplo da temperança. O grande movimento político que agita sem cessar as legislaturas americanas, o único que se pode perceber do exterior, não passa de um episódio e de uma espécie de prolongamento desse movimento universal que começa nas fileiras mais baixas do povo e conquista em seguida, pouco a pouco, todas as classes de cidadãos. Não se poderia trabalhar mais laboriosamente para ser feliz.[1548]

Admirado, Tocqueville dizia que "não há país no mundo em que os homens façam, em definitivo, tantos esforços para criar o bem-estar social. Não conheço povo que tenha conseguido estabelecer escolas tão numerosas e tão eficazes; templos mais condizentes com as necessidades religiosas dos habitantes; estradas comunais mais bem conservadas"[1549].

Enquanto a mentalidade ibérica nos acostumou a esperar de braços cruzados que o Estado faça tudo por nós, nos Estados Unidos era o contrário – os próprios cidadãos se envolviam em empreendimentos privados que tinham por finalidade gerar o bem-estar social à parte da ação direta do Estado:

[1548] ibid, p. 283.
[1549] ibid, p. 104.

> Ele confia sem temor em suas próprias forças, que lhe parecem bastar para tudo. Um particular concebe um empreendimento qualquer; mesmo se esse empreendimento tem uma relação direta com o bem-estar da sociedade, não lhe vem à cabeça dirigir-se à autoridade pública para obter seu concurso. Ele dá a conhecer seu plano, oferece-se para executá-lo, convoca as forças individuais em auxílio da sua e luta corpo a corpo contra todos os obstáculos. Muitas vezes, sem dúvida, ele tem menos êxito do que se o Estado estivesse em seu lugar, mas a longo prazo o resultado geral de todos esses empreendimentos individuais supera em muito o que o governo poderia fazer.[1550]

Tocqueville destaca o grande privilégio dos americanos de serem «mais esclarecidos do que os outros»[1551], de modo que "cada indivíduo é tido como tão esclarecido, tão virtuoso, tão forte quanto qualquer outro de seus semelhantes"[1552]. Até mesmo os cidadãos mais pobres e simples eram incrivelmente mais esclarecidos do que se poderia esperar em qualquer outro lugar:

> Mal chegando ao lugar que lhe deve servir de asilo, o pioneiro abate algumas árvores apressadamente e ergue uma cabana sob a folhagem. Não há nada que ofereça aspecto mais miserável do que essas moradas isoladas. O viajante que se aproxima ao entardecer percebe de longe reluzir, através das paredes, a chama do fogão; e à noite, se o vento se põe a soprar, ouve o teto de folhagem se agitar

[1550] ibid, p. 107.
[1551] ibid, p. 262.
[1552] ibid, p. 75.

> ruidosamente no meio das árvores da floresta. Quem não iria acreditar que esse pobre casebre serve de asilo à grosseria e à ignorância? No entanto não se deve estabelecer nenhuma relação entre o pioneiro e o lugar que lhe serve de asilo.
>
> Tudo é primitivo e selvagem em torno dele, mas ele é, por assim dizer, o resultado de dezoito séculos de trabalho e de experiência. Ele traja roupa citadina, fala o linguajar da cidade; sabe o passado, é curioso do futuro, argumenta sobre o presente; é um homem civilizadíssimo, que, por algum tempo, se submete a viver no meio dos bosques e que se mete pelos desertos do Novo Mundo adentro com a Bíblia, um machado e jornais. É difícil imaginar com que incrível rapidez o pensamento circula no seio desses desertos. Não acredito que se produza um movimento intelectual tão grande assim nos cantões mais esclarecidos e mais populosos da França.[1553]

O gosto pela política, pelos negócios e pela liberdade fez dos americanos um povo único, capaz de alcançar êxitos incríveis em todas as áreas:

> Em política, ele participa de empreendimentos que não concebeu, mas que lhe dão o gosto geral de empreender. Indicam-lhe todos os dias novos melhoramentos a fazer na propriedade comum, e ele sente nascer o desejo de melhorar a que lhe é pessoal. Talvez não seja nem mais virtuoso nem mais feliz, porém é mais esclarecido e mais ativo do que seus antecessores. Não duvido que as instituições democráticas,

[1553] ibid, p. 357.

> somadas à natureza física do país, sejam a causa, não direta, como tanta gente diz, mas indireta do prodigioso movimento de indústria que se nota nos Estados Unidos. Não foram as leis que o fizeram nascer, o povo é que aprende a produzi-lo fazendo a lei.[1554]

Tocqueville aqui destaca um ponto importante: não foram as leis que fizeram os Estados Unidos ser o que é, mas sim *o povo* que por sua cultura decidiu elaborar leis em conformidade ao seu próprio espírito. Algo diferente ocorreu nas colônias ibéricas do Novo Mundo, que não tardaram em copiar em parte as leis americanas na tentativa de alcançar o mesmo êxito, mas que fracassaram miseravelmente, porque essas leis eram inerentemente contrárias ao seu espírito. Tornavam-se, assim, leis "para inglês ver".

Não basta copiar um modelo liberal e democrático quando toda a sua estrutura mental é hostil à democracia liberal. Simplesmente não vai dar certo, como não deu a tentativa de forçar a democracia no Iraque. Uma Ferrari dirigida por um bêbado ainda é uma Ferrari, mas não vai chegar longe. As leis americanas copiadas pelos latinos são leis boas, mas não os ajudaram a ir longe o suficiente. Os Estados Unidos não simplesmente implementaram leis boas: eles fizeram leis que refletiam quem eles eram. Tocqueville descrevia essa cultura da seguinte maneira:

> Os republicanos, nos Estados Unidos, estimam os costumes, respeitam as crenças, reconhecem os direitos. Professam a opinião de que um povo deve ser moral, religioso e moderado, à mesma proporção que é livre. O que chamamos república nos Estados Unidos

[1554] ibid, p. 285.

> é o reinado tranquilo da maioria. A maioria, depois de ter tido tempo de se reconhecer e de constatar sua existência, é a fonte comum dos poderes. Mas a maioria mesma não é onipotente. Acima dela, no mundo moral, estão a humanidade, a justiça e a razão; no mundo político, os direitos adquiridos.[1555]

Os Estados Unidos era um raro exemplo de país "livre e feliz como uma pequena nação, glorioso e forte como uma grande"[1556]. Ali, os olhos estavam sempre focados no amanhã, voltados para novos horizontes e possibilidades que lhes fariam crescer ainda mais. Ali não havia o obstinado apego à tradição e aos velhos costumes, mas uma busca incessante por inovação e modernização. Ali,

> todos consideram a sociedade um corpo em progresso, a humanidade, um quadro mutável, em que nada é fixo para sempre, nem deve sê-lo; e admitem que o que lhes parece bom hoje pode ser substituído amanhã pelo melhor que ainda se esconde.[1557]

Enquanto ainda vigorava no mundo o entendimento medieval do "direito divino dos reis", os Estados Unidos revolucionou a política global ao criar um sistema onde os governantes *precisam* do consentimento dos governados para governar, representando um golpe fatal no despotismo:

> Sua autoridade legítima repousa no consentimento dos governados. Quando uma forma de governo, seja ela qual for, trai essa missão, é

[1555] ibid, p. 454.
[1556] ibid, p. 184.
[1557] ibid, p. 432.

> direito do povo resistir-lhe, destituí-lo e implantar novo governo. Esse acontecimento revolucionário, cuja repercussão foi mundial, soava o dobre do despotismo de direito divino bem como do imperialismo colonial.[1558]

Tocqueville dizia que nos Estados Unidos "as cidades constituem como que grandes assembleias de que todos os habitantes são membros. O povo exerce aí uma influência prodigiosa sobre os magistrados, e muitas vezes executa sem intermediários sua vontade"[1559]. Nos países democráticos, havia "uma tendência oculta que faz os homens concorrerem frequentemente para a prosperidade geral, apesar de seus vícios ou de seus erros, ao passo que, nas instituições aristocráticas, revela-se às vezes uma propensão secreta que, a despeito dos talentos e das virtudes, leva-os a contribuir para as misérias de seus semelhantes"[1560].

Para Tocqueville, o movimento da sociedade americana parecia «cada vez mais democrático»[1561], o que se refletia particularmente na admirável liberdade de imprensa, tão pouco habitual naquela época. Impressionado, ele diz que "entre os doze milhões de homens que vivem no território dos Estados Unidos, não há um só que tenha ousado propor a restrição da liberdade de imprensa"[1562]. O primeiro jornal que ele se deparou quando chegou à América foi o *Vincenne's Gazette,* que assim dizia:

[1558] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 6.
[1559] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 327.
[1560] ibid, p. 273-274.
[1561] ibid, p. 459.
[1562] ibid, p. 209-210.

> Em todo esse caso, a linguagem de Jackson (o presidente) foi de um déspota sem coração, preocupado unicamente em conservar seu poder. A ambição é seu crime, e ele encontrará sua pena para este. Ele tem por vocação a intriga, e a intriga confundirá seus desígnios e lhe tirará o poder. Ele governa pela corrupção, e suas manobras culpadas resultarão em sua confusão e em sua vergonha. Ele se mostrou na arena política como um jogador sem pudor e sem freio. Teve êxito; mas a hora da justiça se aproxima; logo terá de devolver o que ganhou, jogar para longe de si seu dado enganador e acabar em algum retiro em que possa blasfemar em liberdade contra sua loucura, porque o arrependimento não é uma virtude que foi dada a conhecer a seu coração.[1563]

Como Tocqueville observa, uma crítica neste nível seria impossível e impensável em outros países da época – e em muitos até hoje –, se o redator tivesse algum amor à vida. Mas os Estados Unidos estava muito à frente de seu tempo. Até as mais altas autoridades eram criticadas, atacadas e vilipendiadas publicamente, sem sequer pensarem em cercear a liberdade de expressão de seus detratores, ainda que estes exagerassem ou faltassem com a verdade.

Assim como a liberdade econômica, a liberdade de expressão era um bem sagrado e irrestrito, razão pela qual não podia ser jamais tolhida ou censurada, nem mesmo pelo chefe de Estado. Nos Estados Unidos do século XIX, criar um jornal era fácil e simples. Bastavam poucos assinantes para que o jornalista pudesse cobrir suas

[1563] ibid.

despesas, e por isso o número de periódicos, segundo Tocqueville, estava «além do imaginável»[1564]. "Quase não há cidadezinha que não tenha seu jornal"[1565], diz ele.

Enquanto a Inquisição se esforçava como podia em proibir a circulação de livros não-católicos em seus países temendo a mudança de costumes, os Estados Unidos mantinham seus costumes mesmo sem precisar recorrer à censura. Ali, a liberdade de imprensa fazia prosperar a ideia de que a própria liberdade é um bem inegociável:

> A Inquisição nunca pôde impedir que circulassem na Espanha livros contrários à religião da maioria. O império desta faz melhor nos Estados Unidos: ele tirou até mesmo a ideia de publicá-los. Encontramos incrédulos na América, mas a incredulidade lá não encontra, por assim dizer, um órgão. Vemos governos que se esforçam por proteger os costumes condenando os autores de livros licenciosos. Nos Estados Unidos, não se condena ninguém por esse gênero de obras; mas ninguém se sente tentado a escrevê-los. Não é, porém, que todos os cidadãos tenham costumes puros, mas a maioria é regular nos seus.[1566]

Não apenas a imprensa era livre, mas o povo tinha o direito de protestar contra o governo e fazer petições contra um ato governamental que não lhe agradasse[1567]. Essas coisas podem parecer triviais nos dias de hoje, mas para a época eram mais

[1564] ibid, p. 212.
[1565] ibid, p. 213.
[1566] ibid, p. 300.
[1567] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 95.

que revolucionárias. A maior parte do mundo só conseguiu esses direitos muito tempo depois, copiando o legado deixado pelos Estados Unidos, e alguns não conseguiram até hoje. Se hoje podemos falar de democracia, imprensa livre, direitos civis e liberdade individual, é a eles que devemos agradecer em primeiro lugar.

A democracia era mais que uma lei; era uma realidade pulsante e vívida, uma experiência única compartilhada por toda a sociedade. Muitos países tinham uma Constituição democrática, mas na prática eram ditaduras e o povo não tinha qualquer liberdade ou influência nos rumos do governo. Esses países queriam ser iguais aos Estados Unidos e por isso copiavam suas leis, mas vinham de cultura e tradição completamente antagônicas.

Os Estados Unidos foi a primeira nação do mundo em que a Constituição refletia de fato a cultura de um povo que primava pela liberdade e respirava democracia. Seu principal autor, Thomas Jefferson, o terceiro presidente da história dos Estados Unidos, "foi o indivíduo universal típico do século XVIII, linguista, cientista, agricultor, educador, urbanista e arquiteto"[1568].

Jefferson está sepultado nos Jardins de Monticello. Deixou instruções para que não se escrevesse em seu túmulo nenhuma palavra a mais além de: "Aqui jaz Thomas Jefferson, autor da Declaração da Independência Americana, dos Estatutos da Liberdade Religiosa na Virgínia e Fundador da Universidade de Virgínia"[1569]. Nada sobre a presidência é mencionado.

[1568] CLARK, Kenneth. *Civilização.* São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 186-187.
[1569] ibid, p. 187.

A Constituição americana de Jefferson definia "ser evidentes estas verdades: que todos os homens foram criados iguais, que seu Criador lhes outorgou direitos inalienáveis, entre os quais o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade, e que, para assegurar esses direitos, são instituídos governos entre os homens"[1570]. Como Biéler observa, "a Constituição, redigida em consequência da independência americana, é a primeira de um grande Estado moderno que empresta tanta importância aos Direitos do Homem, particularmente desenvolvidos"[1571].

Essa ênfase na liberdade inspirou a maioria das revoluções democráticas no mundo todo, incluindo "os movimentos de libertação anticolonial da América Latina, no início, e dos outros continentes depois"[1572]. Duzentos anos após a Constituição de 1787, o presidente republicano Ronald Reagan faria um discurso de despedida da Casa Branca, onde fez questão de ressaltar os valores americanos que formaram a maior nação de todos os tempos e que continuam a sustentando até hoje.

Reagan ajudou a sepultar a União Soviética e a China comunista, os regimes mais opressivos da história, pressionou e conseguiu a queda do muro de Berlim e a reunificação da Alemanha, e fez tudo isso enquanto os Estados Unidos crescia economicamente como nunca antes. Seu discurso alude à expressão *We the People* ("Nós, o povo"), presente na abertura do preâmbulo da Constituição dos Estados Unidos:

[1570] ibid, p. 288.
[1571] BIÉLER, André. A Força Oculta dos Protestantes. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 62.
[1572] ibid, p. 63.

> Nossa revolução é a primeira na história da humanidade que realmente mudou o rumo do governo, e com apenas três palavras: "**Nós, o povo**". Somos nós, o povo, que dizemos ao governo o que fazer, e não o contrário. Nós, o povo, somos o motorista, o governo é o carro, e somos nós que decidimos para onde ele deve ir, por qual rota e em que velocidade. Quase todas as Constituições do mundo são documentos nos quais o Estado diz aos seus cidadãos quais são os seus privilégios. Nossa Constituição é um documento pelo qual nós, o povo, dizemos ao governo o que lhe é permitido fazer. Nós, o povo, somos livres. (...) E espero ter, uma vez mais, recordado às pessoas que o homem não é livre, a não ser que o governo seja limitado. Há uma relação de causa e efeito aqui, tão clara e previsível quanto as leis da física: à medida que o governo aumenta, a liberdade diminui.[1573]

Tocqueville já destacava o mesmo no século XIX, quando escreveu:

> Há países onde um poder, de certo modo exterior ao corpo social, age sobre ele e o força a marchar em certa direção. Outros há em que a força é dividida, estando ao mesmo tempo situada na sociedade e fora dela. Nada de semelhante se vê nos Estados Unidos; ali, a sociedade age sozinha e sobre ela própria. (...) O povo reina sobre o mundo político americano como Deus sobre o universo. É ele a causa e o fim de todas as coisas, tudo sai de seu seio e tudo se absorve nele.[1574]

[1573] REAGAN, Ronald. *Discurso de despedida, 11 de janeiro de 1989.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GlgTwp93E48>. Acesso em: 16/12/2018.
[1574] TOCQUEVILLE apud KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 96-97.

É isso o que fazia os Estados Unidos ser tão especial em relação a todas as nações do globo terrestre: não era o povo que servia o Estado, mas o Estado que servia o povo. Isso se refletia em tudo, desde o tamanho do Estado até a quantidade de impostos e o salário dos políticos. Nos Estados Unidos, o imperativo é a liberdade, mas para que essa liberdade seja mais do que um mero discurso é preciso que os cidadãos sejam maiores que o Estado.

E nenhum país do mundo entendeu isso tão bem quanto os Estados Unidos. Fundado sobre os direitos inalienáveis, *nós, o povo,* somos livres – não um governo, não o Estado, não uma autoridade, mas o povo. Socialistas odeiam os Estados Unidos porque não suportam a *ideia* que ele representa. Um país que prosperou devido à ética puritana, ao capitalismo e ao apego ímpar pela liberdade, quando tudo o que os regimes socialistas conseguiram foi totalitarismo, miséria e genocídio.

Os Estados Unidos representa a antítese do socialismo e do estatismo, do fascismo e do totalitarismo, da ética católica e medieval, de um modelo ultrapassado e centralizador. Os colonos puritanos queriam mais do que fundar um país: desejavam «fazer triunfar uma ideia», uma ideia que atravessou os séculos e ganhou o mundo. Como declarou Henry Luce, "Deus fundou os Estados Unidos para servirem de farol mundial da liberdade"[1575], um farol que nunca se apaga.

***

[1575] VIDAL, Gore. *As Diversões Imperiais.* Citado em: Folha de S. Paulo. São Paulo, 07/12/1997, p. 4.

Já vimos que os Estados Unidos foi fundado por protestantes puritanos e construído nos princípios da ética reformada. Mas até que ponto a religião era importante para os americanos? Melhor dizendo, até que ponto podemos dizer que o protestantismo influenciou a mentalidade e moldou a cultura da maior nação do mundo? A julgar pela descrição que Tocqueville faz do impacto da religião na vida privada e comunitária americana no século XIX e pelos censos religiosos do período, não poderia ser maior.

Desde a colonização o aspecto religioso ocupou um lugar central na «Nova Inglaterra», como se chamavam os territórios colonizados pelos ingleses. O documento mais importante que possuímos sobre o primeiro inicial da história americana, segundo Tocqueville, é o *Magnalia Christi Americana,* de Cotton Mather (1663-1728), que assim dizia:

> Os ingleses haviam tentado várias vezes povoar o país que habitamos; mas, como não visavam mais alto que ao sucesso de seus interesses materiais, logo foram abatidos pelos obstáculos; não foi assim com os homens que chegaram à América, impulsionados e sustentados por um elevado pensamento religioso. Conquanto eles tenham deparado mais inimigos do que os fundadores de qualquer outra colônia talvez já tenham encontrado, persistiram em seu projeto, e o estabelecimento que formaram ainda subsiste em nossos dias.[1576]

[1576] MATHER apud TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 491.

Entre os motivos que levaram os puritanos a atravessar o oceano para uma terra desconhecida, o que encabeçava a lista de Cotton era "prestar um grande serviço à Igreja, levar o evangelho a essa parte do mundo (a América do Norte) e erguer uma muralha capaz de defender os fiéis contra o anticristo [referindo-se ao papado], cujo império trabalham para fundar no resto do universo"[1577]. Os puritanos se opunham ao conceito de "Igreja do Estado" (como era a Igreja Anglicana em sua terra natal) e defendiam abertamente a pluralidade religiosa.

Assim, havia uma multidão de igrejas nos Estados Unidos, todas se tolerando mutuamente em uma época marcada pela intolerância religiosa. Como Tocqueville acentua, "todas diferem no culto que se deve render ao Criador, mas todas se entendem sobre os deveres dos homens uns para com os outros"[1578]. Assim, cada igreja "adora Deus à sua maneira, mas todas pregam a mesma moral em nome de Deus"[1579].

Embora houvessem tantas igrejas diferentes, "não há uma só doutrina religiosa que se mostre hostil às instituições democráticas e republicanas"[1580]. Todos concordavam com as leis, não porque fossem obrigados a isso por um Estado policial e autoritário, mas porque "não reina mais que uma só corrente no espírito humano"[1581]. Tocqueville chega mesmo a dizer que todas as igrejas nos Estados Unidos "se encontram numa grande unidade cristã, e a moral do Cristianismo é a mesma em toda a parte"[1582].

[1577] ibid, p. 492.
[1578] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 342.
[1579] ibid.
[1580] ibid, p. 340.
[1581] ibid.
[1582] ibid, p. 342.

Portanto, embora houvesse nos Estados Unidos muitas igrejas de diferentes denominações protestantes com alguma diferença doutrinária, todas elas compartilhavam o mesmo espírito empreendedor, liberal e democrático que pautava a sociedade americana e a fazia prosperar:

> Embora tenham várias religiões, os anglo-americanos têm a mesma maneira de encarar a religião. Nem sempre se entendem sobre os meios a adotar para governar bem e divergem sobre algumas das formas que convém dar ao governo, mas estão de acordo sobre os princípios gerais que devem reger as sociedades humanas. Do Maine à Flórida, do Missouri ao Atlântico, creem que a origem de todos os poderes legítimos está no povo. Têm as mesmas ideias sobre a liberdade e a igualdade; professam as mesmas opiniões sobre a imprensa, o direito de associação, o júri, a responsabilidade dos agentes do poder. Se passamos das ideias políticas e religiosas às opiniões filosóficas e morais que regem as ações cotidianas da vida e dirigem o conjunto da conduta, notaremos a mesma concordância.[1583]

As *igrejas* protestantes podiam ser muitas, mas a *ética* protestante era uma só, que pautava todas essas igrejas. Essa ética incidia diretamente sobre governados e governantes da mesma forma e fazia do país «o mais esclarecido e o mais livre», nas palavras de Tocqueville. A utilidade da religião era provada no simples fato de que em nenhum lugar ela exercia mais influência do que nos Estados Unidos, e nenhum lugar era mais esclarecido e mais livre que os Estados Unidos:

[1583] ibid, p. 431.

> Nos Estados Unidos, aliás, o soberano é religioso e, por conseguinte, a hipocrisia deve ser comum; mas a América ainda é, porém, o lugar do mundo em que a religião cristã mais conservou verdadeiros poderes sobre as almas, e nada mostra melhor quanto ela é útil e natural ao homem, pois o país em que ela exerce em nossos dias maior império é ao mesmo tempo o mais esclarecido e o mais livre.[1584]

Nos Estados Unidos, "a religião não regra apenas os costumes, ela estende seu império até a inteligência"[1585]. Tenha em mente que quem disse essas coisas não foi um protestante devoto, mas um católico romano, que, não obstante, sabia reconhecer os avanços que o protestantismo havia produzido nos Estados Unidos. A religião estava tão intimamente atrelada ao espírito de liberdade que, nas palavras de Tocqueville, "os americanos confundem tão completamente em seu espírito o Cristianismo e a liberdade que é quase impossível fazê-los conceber um sem o outro"[1586].

O antagonismo entre a religião na França e nos Estados Unidos era claramente percebido por sua forma de encarar a liberdade e os direitos civis:

> Vi entre nós [franceses] o espírito religioso e o espírito de liberdade caminharem quase sempre em sentido contrário. Eu os encontrava intimamente unidos um ao outro lá [nos Estados Unidos]: reinavam juntos sobre o mesmo território.[1587]

[1584] ibid, p. 342.
[1585] ibid, p. 343.
[1586] ibid, p. 345.
[1587] ibid, p. 347.

A razão pela qual Tocqueville diz que a religião e a liberdade eram inimigas na França e aliadas nos Estados Unidos é facilmente explicada pelo *tipo* de religião que predominava em cada um deles. Na França, a religião do Estado era a católica, cujo soberano pontífice se opunha vigorosamente a conceitos como liberdade de culto, de imprensa, de consciência ou de expressão, se apegando com todas as forças a um Estado grande, centralizador e absolutista e se opondo a todas as formas de emancipação do povo pobre e explorado.

Nos Estados Unidos, em contraste, predominava as teses protestantes de liberdade de consciência, que por sua vez se estendiam a todas as áreas, desde as liberdades civis até a liberdade econômica. Por isso religião e liberdade, que eram inimigas na França, eram inseparáveis e até indistinguíveis nos Estados Unidos. Tocqueville também acentua o modo como a religião e as liberdades civis estavam vinculadas na América protestante quando escreve:

> Longe de se prejudicarem, essas duas tendências, em aparência tão opostas, caminham em concórdia e parecem prestar-se um apoio mútuo. A religião vê na liberdade civil um nobre exercício das faculdades do homem; no mundo político, um campo entregue pelo Criador aos esforços da inteligência. Livre e poderosa em sua esfera, satisfeita com o lugar que lhe é reservado, ela sabe que seu império está ainda mais bem estabelecido por ela reinar apenas graças a suas próprias forças e dominar sem outro apoio os corações. A liberdade vê na religião a companheira de suas lutas e de seus triunfos, o berço da sua infância, a fonte divina de seus direitos. Ela considera a religião

> como a salvaguarda dos costumes; os costumes como a garantia das leis e penhor de sua própria duração.[1588]

Michael Collins e Matthew Price também escreveram:

> A maioria dos colonos era protestante de uma ou outra forma, e acreditavam que o governo não tinha papel nenhum na vida espiritual do indivíduo. Não só acreditavam que cada pessoa devia responder primeiro a Deus e não a um monarca secular ou a um papa divinamente nomeado, como sustentavam a atitude inglesa favorável à liberdade e a uma forma representativa de governo, acreditando que a liberdade de governar-se a si mesmo e a de praticar a própria religião eram direitos invioláveis.[1589]

Tocqueville mostra como até mesmo os missionários tinham uma consciência política de impressionar. Temas como democracia, liberdade e república não saíam pensamento de quem trazia a Bíblia:

> Encontrei ricos habitantes da Nova Inglaterra que abandonavam sua terra natal a fim de irem lançar, nas margens do Missouri ou nas pradarias de Illinois, os fundamentos do Cristianismo e da liberdade. Assim, nos Estados Unidos, o zelo religioso se aquece sem cessar ao pé do fogo do patriotismo. Você acha que esses homens agem unicamente pensando na outra vida, mas se engana: a eternidade é

[1588] ibid, p. 52.
[1589] COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé.* São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 174.

> apenas uma de suas preocupações. Se você interrogar esses missionários da civilização cristã, ficará surpreso ao ouvi-los falar com tanta frequência dos bens deste mundo e de encontrar políticos onde acreditava ver religiosos. "Todas as repúblicas americanas são solidárias umas das outras", irão dizer-lhe; "se as repúblicas do Oeste caíssem na anarquia ou sofressem o jugo do despotismo, as instituições republicanas que florescem à beira do oceano Atlântico estariam em grande perigo; portanto temos todo interesse em que os novos Estados sejam religiosos, para que nos permitam continuar livres".[1590]

Como ele escreve, os protestantes americanos "procuram com um ardor quase igual as riquezas materiais e os deleites morais, o Céu no outro mundo e o bem-estar e a liberdade neste"[1591]. Por não se preocuparem apenas com o pós-morte, os protestantes construíram uma sociedade harmoniosa de cooperação mútua entre os indivíduos, que era muito mais eficaz do que qualquer política de Estado. Tocqueville cita alguns exemplos de como a própria sociedade resolvia os seus problemas internos, a despeito da intervenção do Estado:

> Existe nos Estados Unidos um sistema proibitivo. O pequeno número de fiscais da alfândega e a grande extensão das costas tornam o contrabando muito fácil; no entanto ele é feito numa proporção infinitamente menor do que em outras partes, porque cada um trabalha para reprimi-lo. Como não há prevenção nos Estados Unidos, ocorrem lá muito mais incêndios do que na Europa; mas eles são

[1590] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 345-346.
[1591] ibid, p. 51.

> geralmente extintos mais depressa, porque a população vizinha não deixa de dirigir-se com rapidez ao local do sinistro.[1592]

Um legado que ficou dessa sociedade harmoniosa e cooperativa são as casas. Isso mesmo, as casas. Como qualquer um que já tenha assistido filmes americanos sabe, não existem muros que as protejam de invasores. Embora isso seja algo tão natural para eles, nós encaramos com perplexidade e espanto, pois como brasileiros não podemos imaginar uma propriedade "desprotegida", o que para a nossa realidade seria um convite fácil para invasões frequentes de delinquentes.

Nós protegemos nossas casas com muros altos, portões pontiguados, arame farpado, cerca elétrica e um rottweiler, e mesmo assim vivemos atemorizados com a possibilidade sempre presente de sofrermos com invasões. Eles têm apenas uma porta – que frequentemente é deixada aberta – e mesmo assim o índice de invasões é infinitamente menor do que aqui. O que explica que uma propriedade superprotegida no Brasil seja *menos segura* a invasões do que propriedades sem qualquer proteção nos Estados Unidos?

A diferença é que lá o povo não apenas é muito mais civilizado, como a própria comunidade coopera entre si a fim de gerar esse bem-estar coletivo. Los Angeles tem "apenas" 10 mil policiais, dez vezes menos que São Paulo, que conta com um efetivo de 100 mil, mas há muito menos crimes em Los Angeles do que em São Paulo. Todos os indicativos nos mostram que não basta a força do Estado quando a cultura de um povo é precária.

[1592] ibid, p. 498.

A ética protestante deu luz a países civilizados em que a própria sociedade coopera entre si, enquanto as outras sociedades só se resolvem na base do Estado policial, que nem assim é o bastante para resolver seus problemas. Como veremos no capítulo 7, isso também explica a estabilidade política dos países protestantes em contraste aos países de outras confissões, que se mergulham em regimes sucessivos de tirania e opressão, de despotismo e ditadura, de populismo e golpes.

Não há estabilidade política quando a sociedade já começa errada em seu princípio, pautada por uma ética que conduz ao atraso e à violência, na espera de que o Estado resolva todos os problemas. A ética protestante conseguiu tudo isso sem *impor* nada a ninguém, mas apenas instruindo e esclarecendo as mentes. Como Tocqueville assevera, na América "a religião talvez seja menos *poderosa* do que foi em certos tempos e em certos povos, mas sua *influência* é mais duradoura"[1593].

Note a diferença entre *poder* e *influência,* que Tocqueville destaca aqui. A religião nos Estados Unidos não tinha nem de longe o mesmo *poder* que o catolicismo romano tinha na Idade Média. Ninguém era *obrigado* a ir na igreja aos domingos, nem tinha que prestar contas por suas opiniões religiosas a um órgão de vigilância policial como a Inquisição, tampouco havia a obrigação de se sujeitar incondicionalmente a um soberano religioso como o papa.

A religião nos Estados Unidos era a antítese do catolicismo medieval: ela tinha um poder *persuasivo,* não um poder *impositivo*. O espírito de liberdade, e não a força, era o que a tornava tão influente nas entranhas da sociedade.

[1593] ibid, p. 351.

Desde cedo a religião americana se caracterizou pelas diversas confissões de fé protestantes, que compartilhavam uma mesma essência e um mesmo espírito. No século XIX, as principais denominações protestantes eram a metodista (com cerca de 1.500.000 de membros), a batista (com 1.000.000), a presbiteriana (com 500.000), os congregacionais (com 200.000) e os episcopais (com 100.000)[1594]. A influência da religião na sociedade se vê presente nas publicações do período: três em cada quatro periódicos e livros tinham caráter religioso. Como Mérida afirma, "o protestantismo em todas as variantes dominava o pensamento e o comportamento social dos Estados Unidos"[1595].

Dos representantes (deputados) responsáveis pela aprovação da Constituição de 1787, excetuando dois católicos, todos eram protestantes[1596]. Eles eram, em sua maior parte, anglicanos, presbiterianos, congregacionalistas, quakers, huguenotes ou metodistas[1597]. Para os Pais Fundadores, "a legitimidade do governo vem de seu respeito às leis de Deus, às leis da natureza, aos direitos inalienáveis dos homens. E o poder está a serviço dos Direitos do Homem, limitado por eles, o que exclui todo absolutismo"[1598].

A moeda oficial, o dólar, é a única moeda do mundo que vem com a inscrição *In God We Trust* (Em Deus Nós Confiamos), que é também o lema nacional dos Estados Unidos e do estado da Flórida. As treze colônias tinham "uma população de ampla maioria protestante"[1599], que elegeram ao longo dos séculos 44

[1594] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 85.
[1595] ibid, p. 87.
[1596] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 62.
[1597] ibid.
[1598] ibid, p. 63.
[1599] GALTIER, Jacques. *Protestants en Révolution*. Genebra: Labor et Fides, 1989, p. 35.

presidentes protestantes e 1 católico[1600] (o contrário ocorre no Brasil, que teve até hoje 37 presidentes católicos e 1 protestante[1601]).

Apesar da ampla liberdade religiosa concedida a todas as religiões, os católicos «representavam apenas uma minoria insignificante»[1602] nos Estados Unidos: eram quatro mil em 1805, para uma população de 6 milhões de habitantes[1603]. O clero católico era ainda mais escasso, totalizando não mais que 19 sacerdotes em todo o país[1604]. Somente em 1808 seria fundada a primeira diocese de Nova York (que mesmo assim ficou vaga até 1814)[1605]. Em 1815, o número de católicos havia subido para 150 mil, embora ainda representasse menos de 2% do todo[1606].

O que contribuiu para esse crescimento não foi uma súbita onda de conversões ao catolicismo, mas imigrações em massa de povos latinos e de irlandeses fugindo da fome e das guerras em suas terras natais, na esperança de encontrar melhores condições de vida na terra do Tio Sam. Os dados públicos de 1838 atestavam que apenas 20% dos 430 párocos católicos eram nascidos nos Estados Unidos[1607].

Mas nem mesmo toda a onda de imigração católica foi capaz de transformar os Estados Unidos em um país católico. Os católicos eram 7% em 1850[1608], 11% em

[1600] John F. Kennedy.
[1601] Ernesto Geisel.
[1602] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 76.
[1603] ibid, p. 98.
[1604] ibid, p. 76.
[1605] ibid, p. 78.
[1606] ibid.
[1607] ibid, p. 79.
[1608] ibid, p. 98.

1870[1609], 15% em 1900[1610], 16% em 1914[1611], 19% em 1921[1612] e alcançou o ápice de 25% em 1964[1613], quando os protestantes eram 66%[1614]. Impulsionado pela imigração, o contingente católico nos Estados Unidos crescia, mas nunca passou de um quarto da população. Curiosamente, o número vem caindo desde então: atualmente (2019) o percentual é de 20%, com 51% de protestantes[1615].

Com a imigração massiva que vem ocorrendo ao longo dos séculos, era para os Estados Unidos já ter se tornado um país católico há muito tempo se não fosse pela conversão de parte expressiva desses imigrantes hispânicos e irlandeses[1616]. De fato, o catolicismo é a religião que sofre mais perda líquida devido à mudança religiosa do que qualquer outra confissão religiosa dos Estados Unidos. No geral, 13% de todos os adultos americanos são ex-católicos (a maioria dos quais se definem como atualmente protestantes).

Por outro lado, apenas 2% dos adultos americanos são convertidos ao catolicismo – o que significa que o catolicismo perde 6,5 vezes mais fiéis do que ganha. Nenhum outro grupo religioso analisado no *Religious Landscape Study* de 2014 experimentou algo próximo a essa proporção de perdas e ganhos por meio de

[1609] ibid, p. 100.
[1610] ibid, p. 123.
[1611] ibid, p. 148.
[1612] ibid.
[1613] ibid.
[1614] ibid, p. 193.
[1615] PEW RESEARCH CENTER. *"Nones" on the Rise*. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2012/10/09/nones-on-the-rise>. Acesso em: 22/08/2019.
[1616] Como este estudo indica, imigrantes hispânicos convertidos são mais ativos no evangelismo e plantam mais igrejas "per capita" do que os americanos nativos: <https://folhagospel.com/imigrantes-latinos-estao-evangelizando-a-america-revela-pesquisa>. Acesso em: 11/11/2019.

conversão religiosa[1617]. Isso mantém relativamente estável o índice de católicos do país, que deveria crescer substancialmente se não fosse pelas conversões.

Como o catolicismo sempre foi minoria nos Estados Unidos, ele nunca pôde estabelecer ali o seu próprio sistema de governo, que predominava nos países católicos ao redor do mundo. Ao contrário, viviam na sombra da ética protestante que guiava o país, razão pela qual não podiam fazer nos Estados Unidos o mesmo que procediam em suas terras natais, como escreve Tocqueville:

> A maioria dos católicos é pobre, e eles necessitam que todos os cidadãos governem para eles mesmos chegarem ao governo. Os católicos são minoritários e necessitam que todos os direitos sejam respeitados para terem segurança do livre exercício dos seus. Essas duas causas os levam, até mesmo sem que o saibam, a doutrinas políticas que adotariam com talvez menos ardor se fossem ricos e predominantes.[1618]

Essas «doutrinas políticas que adotariam com talvez menos ardor se fossem ricos e predominantes» se referem justamente às teorias liberais e democráticas que os católicos americanos tiveram que aceitar e tolerar, embora os próprios países católicos repudiassem a democracia liberal com veemência. Assim, esses católicos americanos eram levados a aceitar teorias políticas oriundas do protestantismo que

[1617] PEW RESEARCH CENTER. *7 facts about American Catholics*. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/10/10/7-facts-about-american-catholics>. Acesso em: 11/11/2019.
[1618] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 340.

de outro modo jamais tolerariam, pois iam na contramão de tudo o que a Santa Sé defendia.

Como vimos no capítulo 12 do volume anterior, todas as encíclicas papais até o Concílio Vaticano II (1962-1965) repudiaram com firmeza e furor teses como a liberdade de consciência, de culto e de imprensa, além da democracia, da república e do Estado laico – basicamente, tudo aquilo que a religião americana representava. Os papas tinham até um nome cunhado para essas "heresias" dos católicos americanos: o «americanismo».

E como Roma abominava a cultura americana na qual os católicos estavam imersos, foi surgindo nos Estados Unidos cada vez mais uma igreja "paralela", que concordava com os dogmas católicos principais, mas que abraçava o mundo moderno construído com êxito pela ética protestante (aquilo que a Igreja condenava como "modernismo"). Ou seja, boa parte dos católicos americanos rejeitava as teses tradicionais da Igreja no que compete às questões políticas, pois já estavam inseridos numa cultura antagônica muito mais exitosa.

Mérida diz que o Concílio Vaticano I (1870), que continuou recriminando o «americanismo», "colaborou a seguir mantendo, com uma ou outra atitude, através de um outro decreto, a Igreja Católica à margem da vida pública norte-americana"[1619]. Com o tempo, a Igreja teve que recuar e aceitar o "americanismo", não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o mundo globalizado e moldado pela cultura americana.

[1619] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 107.

Assim, a queda de braço entre a Igreja Católica e o mundo moderno da qual tanto falamos no volume anterior pode ser melhor descrita como a guerra cultural entre a Igreja Romana tradicional, cujas raízes de pensamento remontam à Idade Média, e a cultura americana, que representava a sua antítese. A Igreja Romana hesitou tanto em aceitar o "americanismo" porque sabia que o mesmo estava eivado de cultura protestante liberal, diametralmente oposta ao modo como o papado dirigia os Estados Pontifícios com mão de ferro.

Em contraste à ditadura papal, a cultura americana primava pelas liberdades individuais, que mantiveram o país sempre longe de qualquer tentação totalitária:

> Foi inculcado a todos os americanos um forte individualismo, um inconformismo profundo e uma espécie de sentimento libertário, típicos do protestantismo, esses mesmos fatores tem ajudado e colaborado em preservar o país, ao longo dos anos, de qualquer tentação totalitária.[1620]

> A religião norte-americana tem alimentado o dinamismo, a generosidade, o igualitarismo, a tolerância em termos gerais, o humanismo... e tudo com um profundo idealismo que tem sido capaz, com o grande povo que é, de mesclar todas as etnias e alçar-se à primazia mundial. Tomando elementos daqui e dali, mesclando diversas ideologias religiosas, a religião tem ajudado a formar a consciência, a moldar-se como nação e a ser capaz de confiar em toda

[1620] ibid, p. 251-252.

> a sua força interior, para poder olhar ao futuro sem nenhuma nostalgia.[1621]

Essa «força interior» da religião americana ainda a mantém viva, mesmo em meio a um mundo cada vez mais incrédulo. Tocqueville já via nos Estados Unidos a prova de que os filósofos deístas do século XVIII estavam errados quando prediziam o desaparecimento da religião nos países mais esclarecidos:

> Os filósofos do século XVIII explicavam de uma maneira bem simples o enfraquecimento gradativo das crenças. O fervor religioso, diziam eles, deve se apagar à medida que a liberdade e as luzes aumentam. Pena que os fatos não coincidam com essa teoria. Há certa população europeia cuja incredulidade só é igualada pelo embrutecimento e pela ignorância, ao passo que na América vê-se um dos povos mais livres e mais esclarecidos do mundo realizar com ardor todos os deveres externos da religião. Ao chegar aos Estados Unidos, o aspecto religioso do país foi a primeira coisa a me chamar a atenção. À medida que prolongava minha permanência, percebia as grandes consequências políticas que decorriam desses novos fatos.

Mesmo hoje em dia, em pleno século XXI, céticos como Richard Dawkins se impressionam ao constatar que nos Estados Unidos, diferente da Europa, a religião continua desempenhando um papel importante na sociedade (ainda que não mais como outrora). Como Silva destaca, "vemos hoje que entre os países mais ricos e desenvolvidos do mundo, nenhum apresenta aguçado destaque da religião na vida

[1621] ibid, p. 252.

individual e coletiva de seus cidadãos quanto os Estados Unidos da América. Desde sua formação até o presente, os Estados Unidos sempre foram muito influenciados pela religiosidade, de seus presidentes inclusive"[1622].

***

Como vimos, os Estados Unidos não são apenas uma nação: são uma ideia. Uma ideia que podemos resumir em uma palavra que o fascismo, o marxismo, o nazismo, o mundo muçulmano e o papado sempre odiaram: liberdade. Por isso, não impressiona que os Estados Unidos seja alvo de uma campanha de difamação nunca antes vista contra outro país (com a provável exceção de Israel). Nenhum outro país do mundo sofre tanto com mitos e propaganda ideológica com todo tipo de mentira das mais fajutas às mais engenhosas.

Não que os Estados Unidos não tenha em sua história falhas morais como qualquer outro país (incluindo racismo, escravidão e dizimação de índios, que eram lamentavelmente males comuns da época), mas o interesse em se passar uma imagem negativa *especificamente* dos Estados Unidos é muito maior, precisamente porque ao atacar os Estados Unidos eles não estão visando um país, mas uma *ideia* – ideia essa que eles odeiam de corpo e alma, pois representa o oposto a todos os seus ideais.

Para isso, muitas vezes apela-se a *fake news* das mais escandalosas possíveis, sendo a maior delas a de que os Estados Unidos têm um elevado índice de pobreza.

[1622] SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Uma nação com alma de igreja – religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Argumentam eles que 38 milhões de americanos vivem abaixo da linha da pobreza, o que seria mesmo execrável se não fosse por um pequeno detalhe: o critério de avaliação usado pelos Estados Unidos para qualificar o que é "pobreza" não é o mesmo padrão internacional usado pelo Banco Mundial (o que os críticos nunca dizem). Para o governo americano, é considerado pobre quem ganha 10.400 dólares por ano, um número 26 vezes maior que a medida utilizada pelo Banco Mundial.

Dos americanos "abaixo da linha da pobreza", 99% têm eletricidade, água corrente, descarga e geladeira, 95% têm televisão (e mais de 60% tem TV à cabo), 92% tem microondas, 88% tem telefone, quase 75% tem um carro ou mais, 70% tem ar condicionado, mais da metade tem computador e 42% são proprietários das residências onde moram[1623]. Muitos deles tem piscina ou jacuzzis e levam uma vida melhor que a de qualquer brasileiro considerado de classe média alta, e mesmo de muitos da classe A.

Os 5% mais pobres dos Estados Unidos têm uma renda maior que 68% da população mundial – o que significa que quase sete em cada dez pessoas do mundo são mais pobres do que os *mais pobres* dos Estados Unidos[1624]. Em outras palavras, mesmo havendo desigualdade, a condição dos americanos mais pobres é incomparavelmente melhor que a condição de qualquer cidadão cubano, por

[1623] CIMENTI, Carolina. *Pobreza americana é mais rica do que a brasileira.* Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/pobreza-americana-e-mais-rica-do-que-a-brasileira/n1597268071225.html>. Acesso em: 09/12/2019.
[1624] RAMPELL, Catherine. *The Haves and the Have-Nots.* Disponível em: <https://economix.blogs.nytimes.com/2011/01/31/the-haves-and-the-have-nots/?_r=0>. Acesso em: 09/12/2019.

exemplo – o que explica por que tanta gente foge da "igualitária" Cuba para o "desigual" Estados Unidos.

Enquanto 43% dos americanos *mais pobres* têm acesso à internet, em Cuba praticamente *cidadão nenhum* tem internet (exceto a família Castro, é claro). Recentemente a estatal cubana responsável pelo monopólio de telecomunicação anunciou que passará a vender pacotes de internet com validade de 30 dias para contas pré-pagas: 600 MB pelo equivalente a 7 dólares, e 4 GB por 30 dólares. O problema é que 30 dólares equivale a todo o salário mínimo cubano, o que significa que um cubano teria que gastar tudo (ou boa parte) do que ganha no mês se quisesse usar internet durante algumas horas (por mês)[1625].

Por falar em internet, ela foi criada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em 1969. Inicialmente seu uso era restrito ao meio acadêmico e científico estadunidense, e dali se expandiu para o mundo inteiro[1626]. Não apenas internet: os americanos também inventaram a vacina, a eletricidade, câmeras, microondas, telefone, celular, lâmpada, fonógrafo, telégrafo, transistor, laser, foguete, microfone, guitarra, ar condicionado, cinema, helicóptero, ~~avião~~, televisão, rádio, GPS, cartão de crédito, controle remoto, notebook, modem, monitor de computador, preservativo, elevador, escada rolante, fones de ouvido, máquina de lavar roupa, máquina de escrever, máquina de costurar e muitas outras invenções

[1625] G1. *Estatal de Cuba anuncia que começará a fornecer internet para celular*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/12/05/estatal-cubana-anuncia-que-comecara-a-fornecer-internet-para-celulares.ghtml>. Acesso em: 09/12/2019.
[1626] SILVA, Leonardo Werner. *Internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos EUA*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>. Acesso em: 09/12/2019.

que tendem a impactar cada vez mais o futuro, como drones, robôs e impressora 3D.

Quando penso em comer fora, não há nada que eu goste mais que o Mc Donald's (uma empresa americana). Quando penso em beber algo, não conheço nada melhor que Coca-Cola (americana). Quando escrevo algo em meu site, o faço através da plataforma (americana) do blogger. Quando divulgo esses artigos, o faço através do Facebook (americano) e do Twitter (americano). Quando gravo algum vídeo, o lanço no YouTube (americano). Quando preciso contactar alguém, o faço pelo WhatsApp (americano) através de um iPhone (americano), ou uso o meu computador da Microsoft (americana) para enviar um e-mail através do Yahoo (americano) ou do Gmail (americano).

Quando preciso pesquisar algo na internet, uso o Google (americano). Quando preciso comprar algo, o faço pelo Amazon (americano) ou vou ao Walmart (americano). De vez em nunca posto fotos no Instagram (americano), e para distrair assisto séries (americanas) na Netflix (americana), vejo filmes (americanos) no cinema (invenção dos americanos) e jogo Age of Empires III (da Microsoft Game Studios, americana) e alguns jogos (americanos) no PlayStation (americano).

Do seu nascimento até sua morte, você sempre usará algum produto com patente americana. Por mais que odeie os Estados Unidos, você não consegue viver sem ele. Não se atiram pedras em árvores que não dão frutos. Isso acontece porque, diferente do Brasil e da maior parte do mundo, os Estados Unidos têm uma cultura empreendedora por excelência, com leis que favorecem (em vez de atrapalhar) o empreendedorismo.

Enquanto no Brasil ser empreendedor é sinônimo de ser um vilão maquiavélico de cinema, 86% dos americanos atuais veem positivamente os empreendedores[1627]. Por conta disso, enquanto no Brasil toda a lei trabalhista visa sufocar os empreendimentos, nos Estados Unidos eles são estimulados de muitas formas. Para compensar o estrago, nosso governo impõe pesadas taxas alfandegárias sobre os produtos estrangeiros, como se isso fosse estimular o consumo interno (quando na verdade só restringe ainda mais as possibilidades dos consumidores).

Ou seja, o Estado brasileiro não deixa que as empresas nacionais prosperem e ao mesmo tempo dificulta o trabalho das empresas estrangeiras. Assim, tanto o empresário quanto o consumidor brasileiro saem prejudicados, um pelo custo trabalhista e pelas taxas exorbitantes, o outro por não poder comprar um produto bom e barato de fora (que chega caro aqui graças às medidas protecionistas). Mesmo assim, as músicas americanas são as mais tocadas, os filmes americanos são os mais assistidos, os produtos americanos são os mais comprados e os serviços americanos são os mais usados.

O que seria do Brasil sem o legado cultural, científico e tecnológico dos Estados Unidos? O que seria do mundo sem a entrada decisiva dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial (ajudando a derrotar os nazistas e os fascistas), sem um peso-pesado capitalista para equilibrar as forças diante da constante ameaça da URSS (cuja influência fatalmente incidiria sobre o mundo todo), sem ter quem derrubasse o Muro de Berlim, que derrotasse o stalinismo, que fizesse frente ao

[1627] NEWPORT, Frank. *Democrats More Positive About Socialism Than Capitalism*. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/240725/democrats-positive-socialism-capitalism.aspx>. Acesso em: 09/12/2019.

terrorismo islâmico, que estabelecesse as bases da democracia moderna, que colocasse um pouco de ordem em um mundo perdido em caos, que desse à luz às mentes mais brilhantes que este mundo já viu?

O que seria do mundo se fosse dominado por um país que espelha os princípios opostos aos Estados Unidos? Desde os tempos remotos a nação que conquistava a supremacia do mundo exercia influência sobre as demais, como a Grécia Antiga conseguiu com grande maestria. Através do processo conhecido como helenismo, os gregos difundiam sua cultura pelos povos que conquistavam, o que se refletia no idioma, na filosofia, na política e até na religião (não à toa, os deuses romanos eram os mesmos deuses gregos, embora batizados com outros nomes).

Essa influência foi tão grande que permaneceu mesmo após a queda do Império Grego, sendo muitos os Pais e Doutores da Igreja que, para o bem ou para o mal, beberam da filosofia grega (o próprio Tomás de Aquino cita Aristóteles milhares de vezes apenas na Suma Teológica).

Como hoje quem detém a supremacia é os Estados Unidos, nós aprendemos a falar inglês na escola, incorporamos termos do idioma deles em nosso vocabulário (ex: *impeachment, download, shopping, zoom,* etc), ouvimos músicas americanas, assistimos filmes de Hollywood e séries da Netflix, usamos app e redes sociais criadas nos Estados Unidos (Facebook, Twitter, WhatsApp, Instagram, etc), compramos produtos americanos (Coca-Cola, Pepsi, Kit Kat, tênis da Nike, carros da Ford, etc) e de suas multinacionais (Walmart, McDonald's, Burger King, ~~Lojas Americanas~~, Amazon, etc).

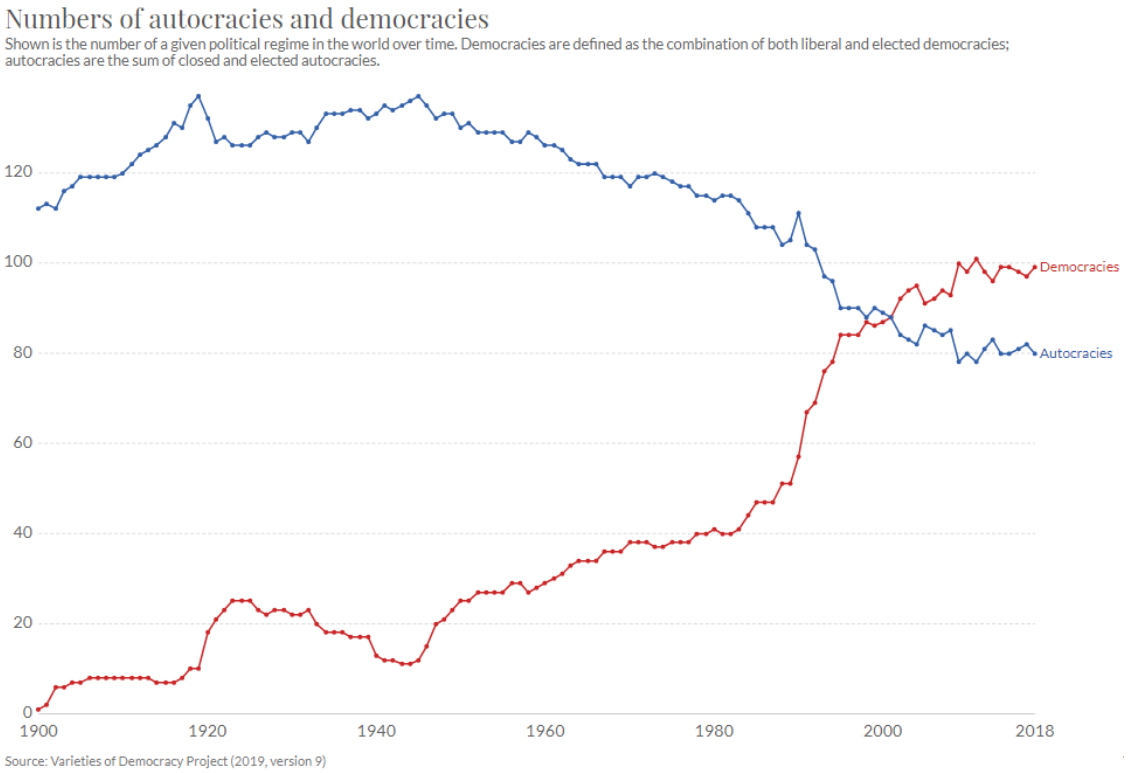
Essa influência também se estende ao nível político, econômico e ideológico, e é o que melhor explica por que a maioria dos países que até o século XIX eram ditaduras implacáveis hoje sejam democracias. A influência americana é a grande responsável por difundir o liberalismo mundo afora, mesmo em países tradicionalmente hostis à democracia. Onde a influência americana é menor (i.e, em lugares como Cuba, Coreia do Norte, China, Rússia e países árabes) também se observa que o grau de liberdade civil e política é reduzido ou nulo.

Em outras palavras, embora muitos se oponham à globalização e ao "imperialismo yankee", é este "imperialismo" o principal responsável por garantir no século XXI que as visões alinhadas ao campo democrático prevaleçam sobre as visões contrárias – que foram sempre muito mais populares no mundo todo. A razão pela qual todos os povos sempre flertaram com alguma forma de ditadura ao longo da história (seja na forma de um rei tirânico ou de um líder despótico) é porque a ditadura é muito mais "natural" que a democracia.

Quase todo mundo prefere que todas as pessoas tenham a mesma forma de pensar que a sua, e quase todos gostariam de ter o poder de impor seus pontos de vista sobre os demais, e assim fariam se pudessem. A democracia é a única forma de governo em que um chefe de Estado é obrigado a se curvar perante a opinião popular majoritária, ou seja, o único regime político em que a vontade do povo prevalece (e não a de um líder supremo ou de uma elite restrita).

Essa é a razão pela qual a democracia sempre foi extremamente rara até a Reforma Protestante, e continuou pouco usual até a Revolução Americana, cujo sucesso levou o mundo a enxergar com outros olhos a forma habitual de se governar. Isso

é demonstrado nos gráficos de Max Roser, que calcula a quantidade de autocracias (ditaduras), em azul, e o de democracias, em vermelho[1628]. Note como o número de democracias cresce vertiginosamente a partir de 1900, exatamente no período em que os Estados Unidos começa a impor sua hegemonia cultural sobre o mundo:



Isso também nos leva a pensar o que seria do mundo se os nazistas vencessem a Segunda Guerra Mundial e impusessem sua ideologia ao mundo, ou então, para usar um exemplo mais atual e factível, se a China assumir a supremacia mundial e espelhar o mundo à sua imagem e semelhança – um regime totalitário de partido único comunista, onde centenas de milhões vivem na mais profunda miséria e outros milhões trabalham em condições sub-humanas de escravidão ou semiescravidão.

[1628] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/numbers-of-autocracies-and-democracies>. Acesso em: 10/12/2019.

Os Estados Unidos é a terra da esperança, o berço da democracia moderna, o primeiro Estado laico, a primeira nação a garantir liberdade religiosa irrestrita e o país que mais promoveu a liberdade e o capitalismo. Além do campo político, promoveu numerosas inovações na tecnologia, ciência, medicina, direito e entretenimento. Em contrapartida, na China quase ninguém possui liberdade e direitos humanos básicos, não existe imprensa livre e nem democracia, e se ela se abriu um pouco ao capitalismo em tempos recentes foi apenas pela mais pura necessidade.

Foi durante o período de hegemonia britânica e americana que o mundo cresceu como nunca antes, e uma hegemonia chinesa representaria um retrocesso colossal – não apenas em termos econômicos, mas em tudo o que envolve liberdade e direitos inalienáveis. Se você duvida disso, pergunte a um povo que já vive hoje sob a dominação chinesa: Hong Kong, cujos manifestantes recentemente cantaram o hino americano e pediram a ajuda dos Estados Unidos para livrá-los da opressão chinesa[1629]. Não há dúvidas de que todos sentirão saudades do "imperialismo americano" no dia em que a China vermelha dominar o mundo.

[1629] G1. *Manifestantes em Hong Kong cantam hino americano e pedem ajuda dos EUA*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/08/manifestantes-em-hong-kong-cantam-hino-americano-e-pedem-ajuda-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 10/12/2019.

CAP. 6 – UMA ANÁLISE DOS ÍNDICES ECONÔMICOS

Nos últimos dois capítulos abordamos um pouco da trajetória econômica dos países católicos e protestantes desde a Reforma, e constatamos que a Igreja Romana conseguiu manter para si o domínio dos estados mais importantes da Europa, ao passo em que a Reforma teve êxito nos estados mais desprezados do continente. No entanto, com o passar dos séculos, o que notamos é uma inversão notável neste panorama: os que se mantiveram católicos se estagnaram economicamente ou cresceram a passos lentos, e os que aderiram à Reforma passaram, dentro em pouco, a serem os mais prósperos do continente (e do mundo).

O mesmo se observa em suas colônias: embora os ibéricos tenham colonizado um século antes o território que hoje chamamos de América Latina, não demorou muito para que os países de maioria protestante (Estados Unidos e Canadá) se destacassem largamente sobre os demais e assumissem a supremacia continental, mesmo com uma terra menos produtiva, com menos riquezas naturais e um clima mais hostil.

O que explica esse cenário tão antagônico não é a mera coincidência ou acaso, mas a ética protestante quando comparada à ética católica tradicional – a qual, como vimos no capítulo 2, sempre foi avessa a todos os princípios mais elementares de uma economia capitalista. Os protestantes, ao contrário, seguiam uma ética do trabalho pautada no princípio do sacerdócio universal de todos os crentes, o qual favorecia e impulsionava os negócios, o comércio e o empreendedorismo.

Mas nada melhor do que mostrar isso através das estatísticas econômicas mais aceitas universalmente, deixando que os números falem por si só.

• Os índices de Angus Maddison

A principal fonte de referência acadêmica sobre o PIB per capita mundial ao longo dos séculos vem do Dr. Angus Maddison (1926-2010), o pioneiro no campo da construção de contas nacionais, onde as contas de um país são calculadas desde os tempos mais remotos. Maddison era um historiador econômico que chefiou o Departamento de Economia da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), uma das mais importantes organizações internacionais com foco em economia.

Os dados que ele apresenta são frutos de décadas de pesquisas minuciosas e de estudo exaustivo, que fizeram dele um historiador multipremiado e amplamente reconhecido, sendo considerado o estudioso mais proeminente do mundo em sua área. Os resultados são detalhados em sua obra *The World Economy: A Millennial Perspective*[1630], que mede não apenas o PIB per capita histórico[1631], mas outros

[1630] MADDISON, Angus. *The World Economy: A Millennial Perspective*. Disponível em: <https://theunbrokenwindow.com/Development/MADDISON%20The%20World%20Economy--A%20Millennial.pdf>. Acesso em: 29/08/2019.

[1631] Enquanto o produto interno bruto (PIB) é a soma de toda a riqueza de um país, o PIB *per capita* diz respeito à riqueza média dos cidadãos, independentemente do tamanho da população. Por isso a China tem o segundo maior PIB do mundo, impulsionada por seus 1,3 bilhão de habitantes, embora seja apenas a 77ª em PIB per capita (ou seja, ela tem a segunda maior economia do mundo porque é onde vive mais pessoas, embora grande parte dessas pessoas seja miserável). Em contrapartida, o Catar é o 2ª em PIB per capita (porque seus cidadãos são muito ricos), mas fica apenas em 49º no PIB absoluto (porque possui apenas 2 milhões de habitantes, que juntos não somam a riqueza total da China com seus mais de 1,3 bilhão). Em outras palavras, o PIB de um país muitas vezes mascara a pobreza do mesmo quando este país é muito povoado, não sendo, portanto, um bom parâmetro para medir a riqueza *dos cidadãos*. Por essa razão, é o PIB per capita que é usado como parâmetro neste livro.

aspectos igualmente importantes, como a expectativa de vida e a mortalidade infantil. Um deles coloca lado a lado os índices da Inglaterra e o do melhor país católico, a França:

País e período	Expectativa de vida	Mortalidade infantil (a cada mil nascimentos)
Egito (33-258)	24	329
Inglaterra (1301-1425)	24,3	218
Inglaterra (1541-1556)	33,7	(não informado)
Inglaterra (1620-1626)	37,7	171
Inglaterra (1726-1751)	34,6	195
Inglaterra (1801-1826)	40,8	144
França (1740-1749)	24,8	296
França (1820-1829)	38,8	181

As taxas informadas confirmam, em primeiro lugar, aquilo do qual já falamos no capítulo 1: na Idade Média, o nível de vida não era muito superior comparado à Antiguidade. Mais de mil anos se passaram entre o Egito dos séculos I à III e a Inglaterra dos séculos XIV e XV, mas a expectativa de vida de um e do outro era praticamente a mesma (apesar de uma certa melhora na mortalidade infantil). Note como isso começa a mudar a partir da Reforma: no período de 1620-1626 a expectativa de vida já estava em 37,7 (contra 24,8 da França) e, dois séculos depois, em 40,8 (contra 38,8 da França).

Vemos também que o salto no nível de vida que se viu na Inglaterra com a Reforma só acontece na França após a Revolução. Nos tempos do Antigo Regime, a França apresentava um índice de expectativa de vida semelhante ao da Inglaterra medieval, com uma mortalidade infantil ainda maior. Isso confirma o quadro paupérrimo da França do Antigo Regime, como vimos no capítulo 4. Contudo, mesmo após os burgueses tomarem o poder, a França continuou atrás da Inglaterra protestante em ambos os quesitos.

Na tabela abaixo podemos ver a expectativa de vida de mais países, a partir de onde a tabela anterior termina:

País	1820	1900	1950	1999
França	37	47	65	78
Alemanha	41	47	67	77
Itália	30	43	66	78
Holanda	32	52	72	78
Espanha	28	35	62	78
Suécia	39	56	70	79
Reino Unido	40	50	69	77
Estados Unidos	39	47	68	77
Rússia	28	32	65	67
Brasil	27	36	45	67
México	n.i.[1632]	33	50	72

[1632] Número não informado na tabela de Maddison.

Perto do ano 2000, quando quase todos os países civilizados já haviam aderido ao capitalismo, os números de todos os países já eram similares. Mas dois séculos antes, em 1820, o Reino Unido liderava com 40 anos em média, seguido de perto pelos Estados Unidos, com 39, e pela Suécia, também com 39 (todos protestantes). Os piores índices são do Brasil (quem diria), seguido da Espanha, também católica, ao lado da Rússia ortodoxa.

Maddison também apresenta os índices econômicos do Brasil em comparação aos Estados Unidos, refutando as pretensões daqueles que acham que o Brasil já foi rico em algum momento no passado. Os números do Brasil são os seguintes:

Ano	PIB (em milhões de $)[1633]	PIB per capita
1500	400	400
1820	2.912	646
1890	11.267	794
1929	37.415	1.137
1950	n.i.	1.672
1980	639.093	5.199
1998	926.919	5.459

Observe que o PIB per capita brasileiro cresceu muito mais nas primeiras três décadas da república do que em todas as sete décadas da monarquia, e cresceu mais ainda no período seguinte, quando o Brasil se abriu um pouco mais à industrialização e ao mercado. Os monarquistas pegaram um país com um PIB per

[1633] Tomando como padrão o valor do dólar em 1990.

capita de 646 e o elevaram a 794; os republicanos pegaram esses 794 e o transformaram em 5.459 – ou seja, multiplicaram quase *dez vezes* a renda do brasileiro médio.

Mesmo assim, o Brasil continuou longe dos Estados Unidos, que sempre teve números econômicos bem superiores, corroborando a descrição de Tocqueville que vimos no capítulo anterior:

Ano	PIB (em milhões de $)[1634]	PIB per capita
1500	800	400
1820	12.548	1.257
1890	214.714	3.392
1929	843.335	6.899
1950	n.i.	9.561
1980	4.239.558	18.575
1998	7.394.598	27.331

Em 1500, a região que hoje compreende os Estados Unidos era quase inabitada, com exceção de alguns postos avançados espanhóis em alguns estados como a Flórida. Lembremos que originalmente o papa havia dividido toda a América em duas partes, entregando-a aos portugueses e espanhóis através da bula *Inter cætera* (1493), confirmada um ano mais tarde pelo Tratado de Tordesilhas (1494), com pouca modificação.

[1634] ibid.

Os espanhóis ficaram responsáveis por todo o território da América do Norte e grande parte da América do Sul, enquanto os portugueses ganhavam uma terra menor na América do Sul e toda a África. No entanto, os espanhóis não conseguiram dominar e povoar um território tão extenso, abrindo uma lacuna que seria ocupada por outros povos, como os ingleses, que iniciaram sua colonização apenas em finais do século XVI e início do XVII. Isso explica por que o PIB per capita de ambos era igual em 1500, como notamos na comparação entre as duas tabelas.

Note como isso mudou completamente após a colonização e povoação inglesa do território, e com a formação dos Estados Unidos em si. Em 1820, no princípio do império brasileiro, os Estados Unidos já tinha um PIB per capita que dobrava o nosso, e ao final do império o PIB americano já era quase *vinte vezes* maior que o brasileiro, com uma diferença per capita superior a quatro vezes (o que significa que a renda média de um cidadão americano era quatro vezes maior que a renda média de um brasileiro).

Isso significa que nas sete décadas de monarquia os Estados Unidos *triplicaram* a vantagem econômica que tinham sobre o Brasil. Desde então ela se manteve constante até o final do século XX, quando a renda média do americano era "apenas" cinco vezes maior que a de um brasileiro, não muito diferente do que já era em 1890.

Esses dados nos mostram com clareza que a pretensa "superioridade" econômica do Império do Brasil nunca passou de um grande mito que contraria gritantemente não apenas a impressão de quem viveu na época, mas também os dados econômicos internacionais mais aceitos academicamente no mundo todo. Na

tabela abaixo podemos comparar o PIB per capita dos outros países ao longo dos séculos.

Coloquei em azul os países predominantemente protestantes, em vermelho os predominantemente católicos, e mantive em preto os estados mistos:

País	1500	1700	1820	1913	1950
Grã-Bretanha	762	1.405	2.121	5.150	6.907
França	727	986	1.230	3.485	5.270
Itália	1.100	1.100	1.117	2.564	3.502
Holanda	754	2.110	1.821	4.049	5.996
Bélgica	875	1.144	1.319	4.220	5.426
Portugal	632	854	963	1.244	2.069
Espanha	698	900	1.063	2.255	2.397
Alemanha	676	894	1.058	3.648	3.881
Irlanda	526	715	880	2.736	3.446
Áustria	707	993	1.218	3.465	3.706
Escócia	596	1.096	1.505	n.i.	n.i.
Noruega	640	900	1.104	2.501	5.463
Dinamarca	738	1.039	1.274	3.912	6.946
Finlândia	453	638	781	2.111	4.253
Suécia	695	977	1.198	3.093	6.738
Suíça	742	1.044	1.280	4.266	9.064
México	425	568	759	1.732	2.365
América Latina	416	529	665	1.511	2.554

O que observamos aqui? Dos seis países com melhor PIB per capita em meados do século passado, cinco são predominantemente protestantes (Dinamarca, Grã-Bretanha, Suécia, Holanda e Noruega). A "exceção" é a Suíça, um Estado misto que, como vimos no capítulo anterior, só chegou a esse patamar graças ao extraordinário sucesso dos cantões protestantes, que estavam muito à frente dos cantões católicos e impulsionaram o progresso da nação.

Considerando os Estados Unidos (já citado anteriormente), que lidera o PIB per capita desta época (com 9.561), chegamos à conclusão que dos sete países mais prósperos do mundo em 1950, *todos eram protestantes,* com a ressalva de que na Suíça também havia estados católicos (mas eram os estados protestantes que se sobressaíam). Agora vejamos os piores classificados. O Brasil (já citado na outra tabela) é o último em disparado, com ínfimos 1.672 de PIB per capita em 1950.

Em seguida aparecem outros seis países quase tão pobres quanto, *todos eles católicos* (Portugal, México, Espanha, Irlanda, Itália e Áustria). Já estou desconsiderando a América Latina por não ser um país, mas o fato da média ser uma das piores (com 2.554) já nos mostra que se tivéssemos a lista de cada um deles estariam todos dividindo as últimas posições (sim, o Brasil estava consideravelmente *abaixo* da média dos nossos vizinhos, que já eram muito pobres).

Dentre os estados mais ricos, todos são protestantes; dentre os mais pobres, todos são católicos. É preciso ser extraordinariamente ingênuo – para não dizer incrivelmente desonesto – para pensar que todos esses números são apenas mera

coincidência, como se não houvesse nada na cultura protestante que estimulasse uma vantagem tão arrasadora como essa.

A única coisa que poderia justificar isso seria *se tivesse sido assim desde o começo* – ou seja, se os países protestantes já fossem os mais ricos desde a época em que ainda eram católicos, e apenas mantiveram esse padrão linear desde então. Mas basta um olhar simples na tabela para notar como este argumento não se sustenta. A Reforma Protestante é um evento de 1517, mas em 1500 os países europeus estavam todos mais ou menos no mesmo patamar de riqueza (ou melhor, de pobreza), que no geral varia entre 600 e 750.

A grande exceção é a Itália, a única que poderia ser considerada "rica" para os padrões da época, que tinha 1.100 per capita, graças ao ativo comércio das cidades italianas como Florença e Veneza do qual já falamos no capítulo 2. Também vimos que isso acontecia não *por causa* da Igreja, mas *apesar* dela, razão pela qual esse comércio vai cada vez mais definhando, e a Itália vive uma estagnação econômica até o século XIX (quando finalmente o papado perde a influência sobre a península).

Vemos que dos oito melhores colocados em 1500, quatro estão entre os que permaneceram católicos (Itália, Bélgica, França e Áustria), três estão entre os que aderiram à Reforma (Grã-Bretanha, Holanda e Dinamarca) e um é misto (Suíça). Portanto, é simplesmente falso que os países protestantes já eram os mais ricos desde o início. Pelo contrário: dos quatro países mais pobres da Europa da época (Finlândia, Irlanda, Escócia e Suécia), três aderiram à Reforma, incluindo o mais pobre deles, a Finlândia (com apenas 453).

E em relação às colônias, já vimos que Estados Unidos e Brasil começaram do mesmo patamar, e a superioridade de um sobre o outro foi se construindo com o tempo (o que também é verdade na comparação entre Canadá e Austrália, colonizados pelos britânicos, com todo o restante da América Latina, colonizada pelos espanhóis). O caso australiano é ainda mais contundente, pois a Austrália foi colonizada já em finais do século XVIII e era usada como prisão para onde eram enviados os piores tipos de criminosos que a colônia queria ver bem longe dali[1635].

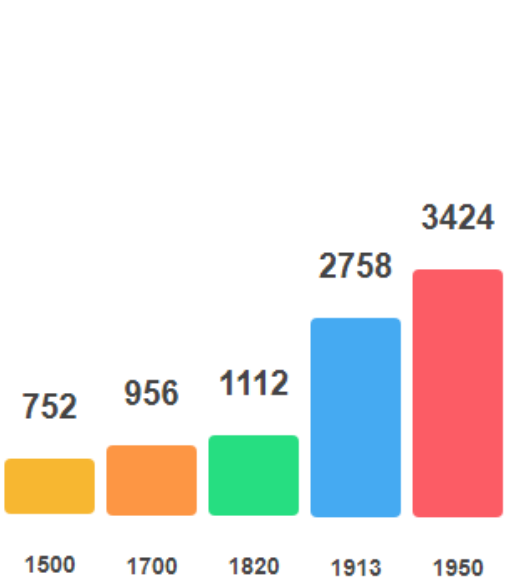
Mesmo assim, a Austrália chega a 1950 com um PIB per capita de 7.493 (compare com os 1.672 do Brasil ou com os 2.554 da América Latina!). Para se ter uma ideia, no início (em 1820) o PIB per capita australiano era de 517 – um índice quase tão miserável quanto o do Brasil em 1500 –, mas apenas cinquenta anos depois já estava em 3.645, um índice mais de quatro vezes superior ao Brasil do mesmo período, ao final da monarquia. Em termos simples, a Austrália precisou de 50 anos para fazer o que o Brasil só conseguiu em 450.

Se isso fosse uma corrida de 100 metros rasos, a Austrália seria Usain Bolt e o Brasil seria o André Marques (de antes da cirurgia). Mesmo que este começasse a corrida 90 metros à frente, saberíamos bem quem chegaria antes no final. Diante deste quadro, qualquer um poderia facilmente concluir que é melhor ser uma colônia cheia de criminosos mas com *a ética protestante e o espírito do capitalismo* do que ser uma colônia católica qualquer, que já está fadada ao fracasso desde o princípio.

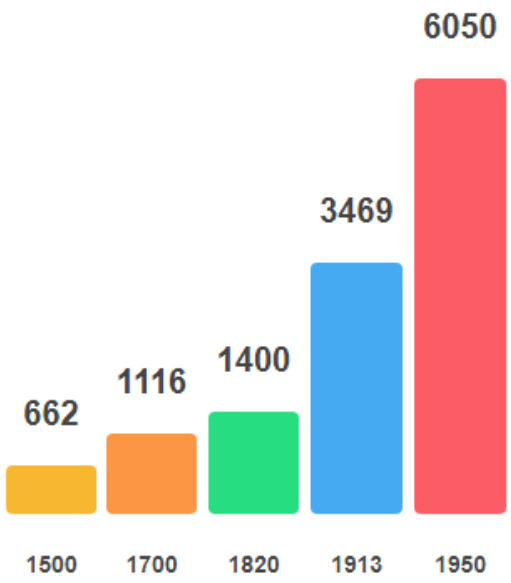
[1635] HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 164.

Está claro que a superioridade dos países influenciados pela Reforma não é uma "herança" da época em que eram católicos, pois nenhum deles era rico quando católico, e poucos se sobressaíam na comparação com os estados que permaneceram católicos. A maior parte dos países que aderiram à Reforma era pobre até mesmo para o padrão europeu, que já estava longe de ser grande coisa para o mundo da época.

No gráfico abaixo consideramos todos os países europeus citados na tabela de Maddison[1636] e traçamos uma média, colocando lado a lado os países católicos e protestantes. Observe como que, apesar dos países católicos serem mais ricos em 1500, pouco antes da Reforma (quando os «países protestantes» ainda eram católicos), eles logo são ultrapassados, e essa diferença só tende a aumentar com o passar do tempo (principalmente após a Revolução Industrial):



(Países católicos da Europa)

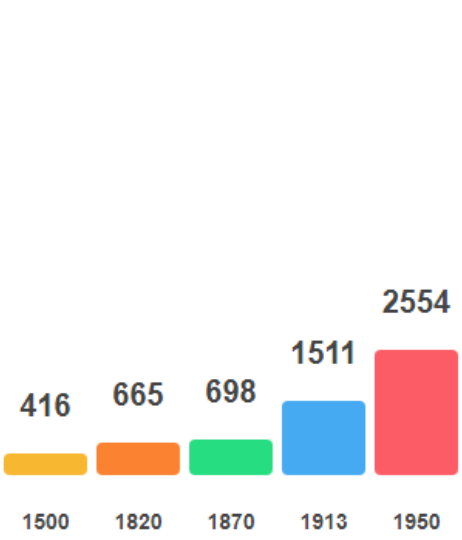


(Países protestantes da Europa)

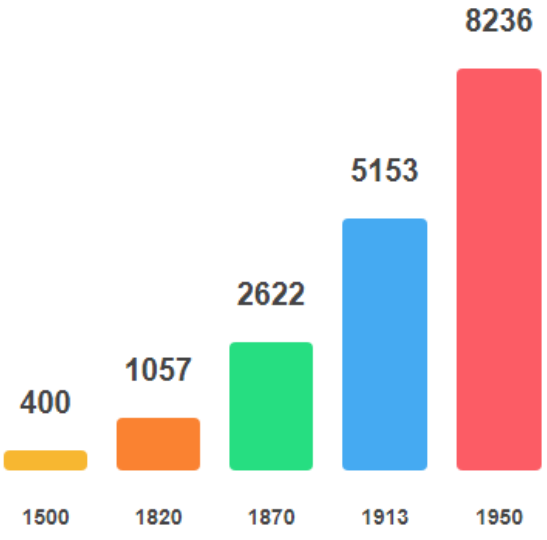
[1636] Já excetuando os casos de Alemanha e Suíça, como explicado anteriormente. Se os considerássemos, a discrepância seria ainda maior (uma vez que ambos eram países pobres em 1500 e que após a influência protestante se tornaram ricos com o passar do tempo). Por outro lado, considera-se os países católicos cujos números só estão disponíveis na tabela de Maddison num momento posterior: a Hungria, com 2.098 em 1913 e 2.480 em 1950, a Polônia, com 2.447 em 1950, e a Tchecoslováquia, com 3.501 neste mesmo ano.

Agora consideremos os países que *já nasceram* protestantes ou católicos, ou seja, que puderam implementar sua cultura, ética e estilo de vida desde o princípio. Estamos falando das colônias católicas e protestantes, onde essa discrepância é ainda mais impressionante. Consideramos aqui a média da América Latina citada por Maddison (à esquerda), ao lado das colônias protestantes que ele registra (Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia)[1637].

Embora as colônias católicas e protestantes iniciem no mesmo patamar, não demora para as colônias protestantes dispararem na frente:



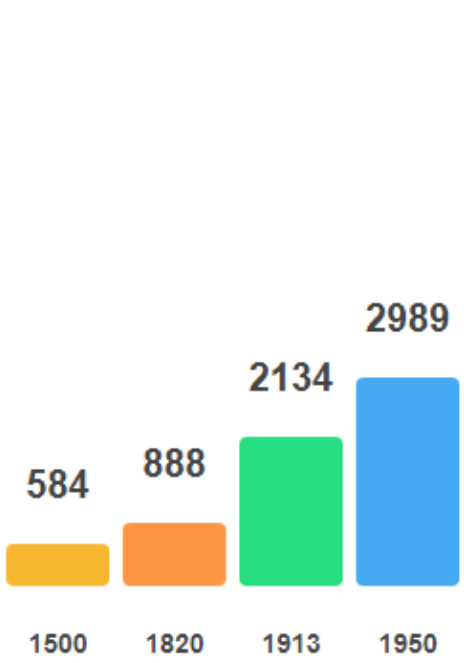
(Colônias católicas)



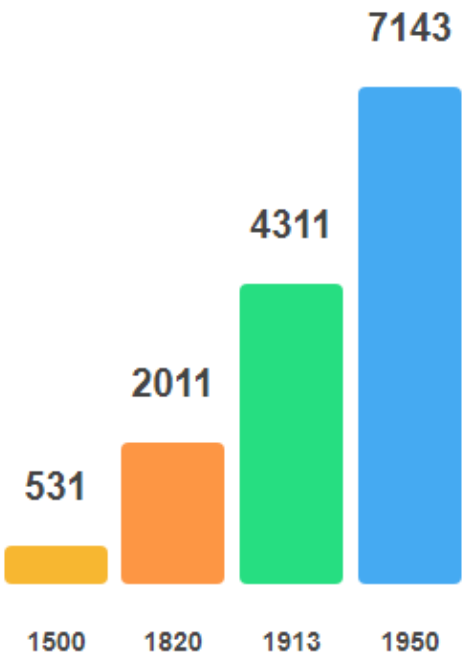
(Colônias protestantes)

Se tirarmos a média dos dois gráficos, chegamos ao seguinte resultado:

[1637] Só temos dados do Canadá a partir de 1820 (1820 = 893; 1870 = 1.695; 1913 = 4.447; 1950 = 7.437). Como Austrália e Nova Zelândia só foram colonizados séculos depois da América, são considerados os dados a partir de 1870. Para a Austrália: 1870 = 3 645; 1913 = 5.715; 1950 = 7.493. Para a Nova Zelândia: 1870 = 2.704; 1913 = 5.152; 1950 = 8.453.



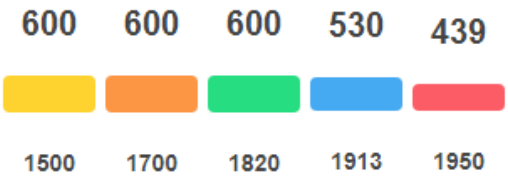
(Católicos)



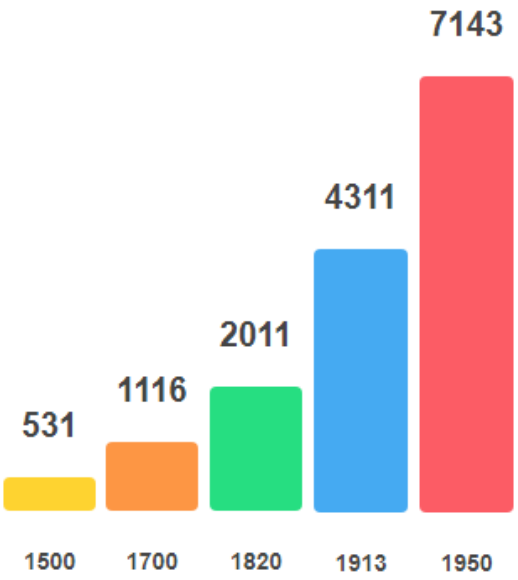
(Protestantes)

Os dados falam por si só e não demandam maiores explicações. Não se pode honestamente negar que a Reforma Protestante transformou a vida econômica dos países por ela influenciados, convertendo países pequenos e pobres nas maiores potências do mundo, além de torná-las um símbolo do triunfo do capitalismo, do liberalismo econômico e da Revolução Industrial.

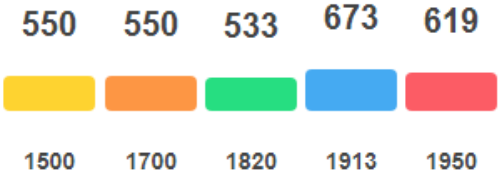
Obviamente, a vantagem sobre os países asiáticos ou africanos (com suas próprias confissões religiosas) é ainda mais devastadora, o que dispensa o trabalho de detalhar um a um. Mas apenas a título de curiosidade, segue algumas comparações:



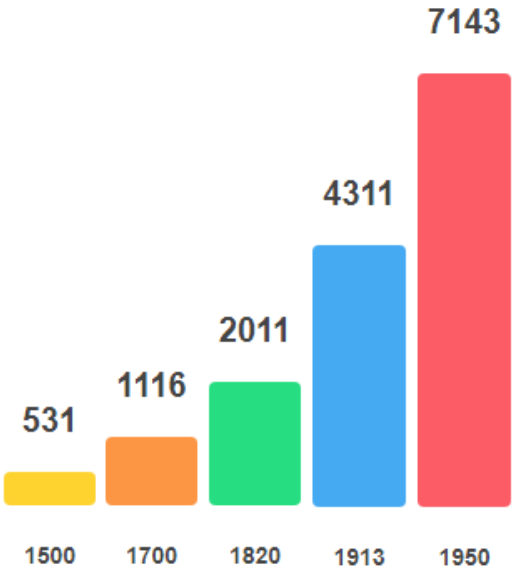
(China)



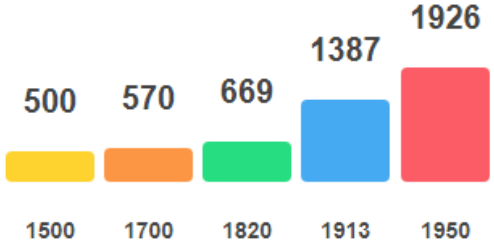
(Países protestantes)



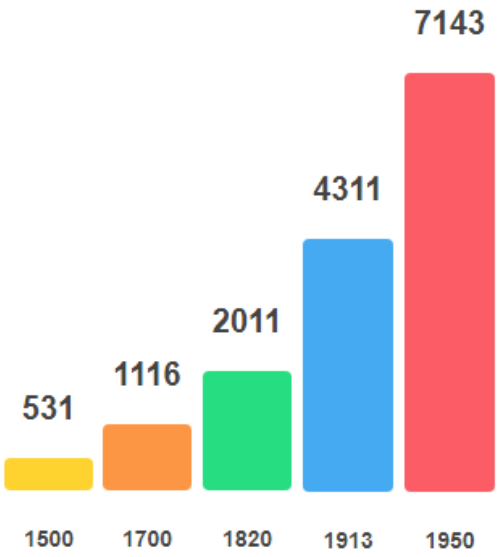
(Índia)



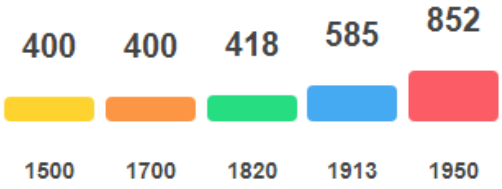
(Países protestantes)



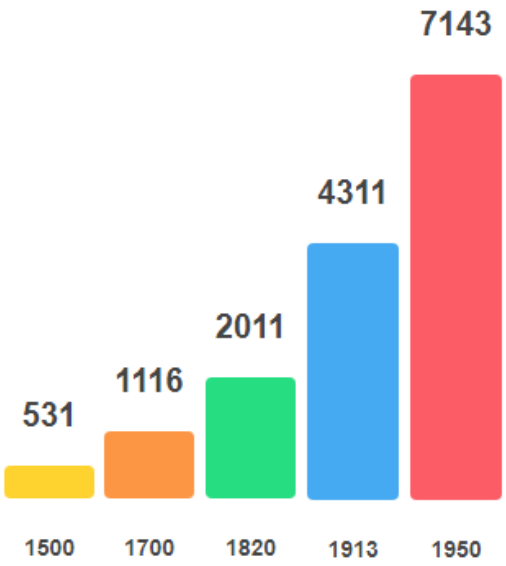
(Japão)



(Países protestantes)



(Continente africano)



(Países protestantes)

Os países católicos só não ficaram tão ruins como os da África e Ásia porque eram vizinhos dos países protestantes, o que os levava a manter relações comerciais com eles e a contar com uma importante minoria protestante (de imigrantes ou conversos) que impulsionava a economia (algo que não acontecia nas zonas mais afastadas, as quais tinham pouco ou nenhum contato com o mundo reformado).

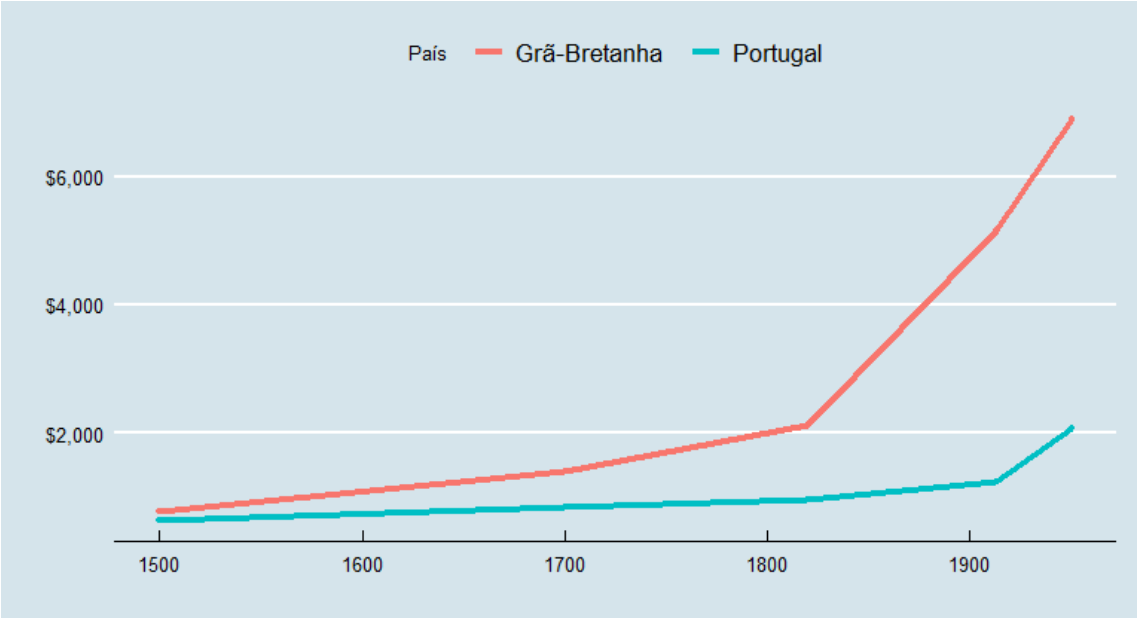
Alguns deles, como Bélgica e França, tiveram um significativo impulso econômico pela minoria protestante, responsável por levar nas costas os empreendimentos do país, algo que não ocorria com os asiáticos, alienados que estavam de tudo o que revolucionava a civilização ocidental – em especial, a Reforma Protestante e a Revolução Industrial.

Essa superioridade dos países protestantes foi sendo construída aos poucos, século a século, até que a mentalidade capitalista fosse impregnada ao resto do mundo, fazendo cada qual se desenvolver a seu devido tempo. Isso também refuta as teorias de que a Europa só ficou rica porque "roubou as riquezas" das colônias do Novo Mundo.

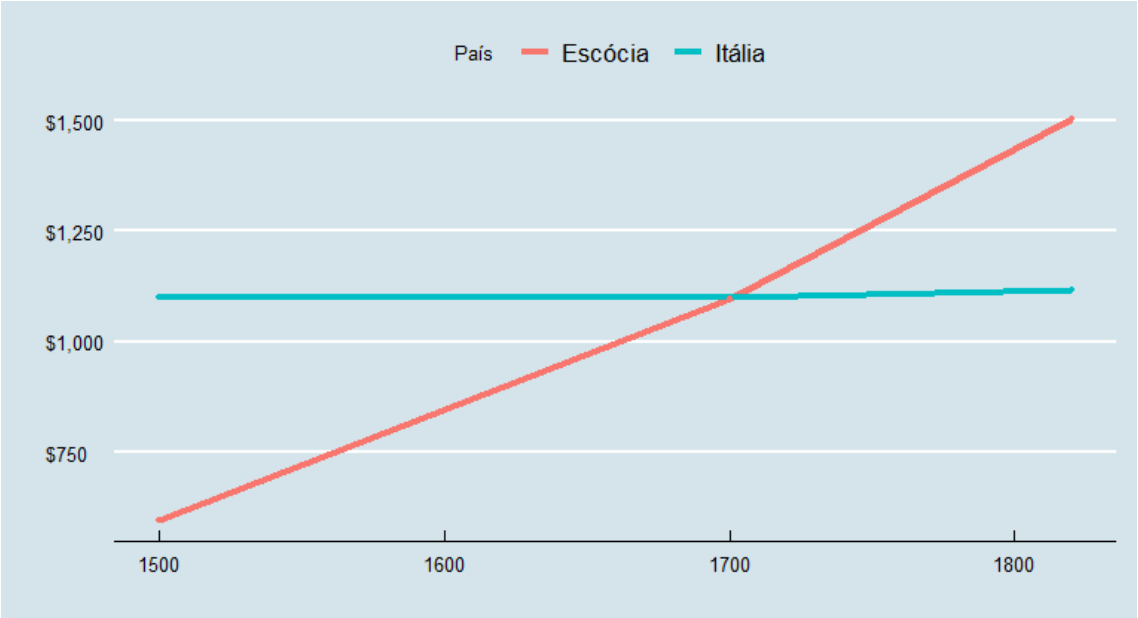
Como já vimos, os dois países que "roubaram" mais riquezas – Espanha e Portugal – estavam entre os mais miseráveis de toda a Europa, durante este mesmo período de "saque". Com certeza eles estariam ainda piores se não fosse por isso, mas dizer que a extração de riquezas foi o que tornou a Europa rica (quando não serviu para tornar ricos nem os próprios "ladrões") é um exagero gigante.

Ademais, países protestantes que jamais tiveram qualquer império colonial, nem sequer um mísero terreno baldio, como Dinamarca, Noruega e Suécia, encabeçam a lista de mais ricos do mundo. A extração do ouro das colônias pouco contribuiu para a riqueza das metrópoles: foi o capitalismo que mudou de patamar os países que se alinharam ao liberalismo econômico (deixando para trás os que teimaram numa economia dirigida pelo Estado).

Tanto a Inglaterra como Portugal tinham colônias além-mar (sendo o império português por muito tempo maior que o britânico), mas basta um simples olhar nos gráficos para notar como a Grã-Bretanha se desenvolveu bem mais que Portugal, o qual permaneceu quase estagnado durante todo o tempo que seu império durou (o que implica que a prosperidade não está dependente ou diretamente atrelada ao colonialismo):



Agora comparemos um dos países mais pobres no século XVI – a Escócia, que aderiu à Reforma na mesma época que a Inglaterra –, com o estado mais rico da Idade Média, a Itália (que permaneceu católica):



Enquanto a poderosa Itália passa por três séculos de paralisação econômica quase total, a pequenina Escócia triplica o seu PIB per capita no mesmo período, tornando realidade algo inimaginável nos séculos anteriores: um simples escocês ter em média uma renda maior que um italiano da velha gloriosa Roma dos césares ou das outrora respeitáveis cidades mercantis.

Nos tempos de Lutero, ninguém daria nada na Escócia. A «pequena, pobre e devastada terra da Escócia»[1638] era um país "pobre e atrasado, com condições sociais medievais, uma nobreza turbulenta e uma Igreja rica em terras, possuindo cerca de metade do país"[1639]. Se a Igreja de Roma roubava-lhe as terras, a nobreza não ficava por menos. "Brutal e indisciplinada, a nobreza escocesa continuava inteiramente feudal" [1640], comenta Maurois. Não havia país mais desprezado em

[1638] CURTIS, A. Kenneth. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China.* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 123.
[1639] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 10.
[1640] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 225.

toda a Europa. Como Grimberg escreve, "a Escócia não tinha dinheiro. O traço mais característico deste país era a sua pobreza"[1641].

Em meio a este cenário desanimador, o protestantismo rapidamente atraiu a simpatia do povo escocês. O sucesso da Reforma na Escócia não se deu apenas pelas pregações de um John Knox, mas sobretudo pelo desgosto com toda a hierarquia secular e clerical que os mantinha nessas condições. O povo não tinha mais perspectiva mantendo tudo como estava. Abraçar a Reforma foi consequência – consequência de alguém desesperado e que já não nutria mais esperança alguma.

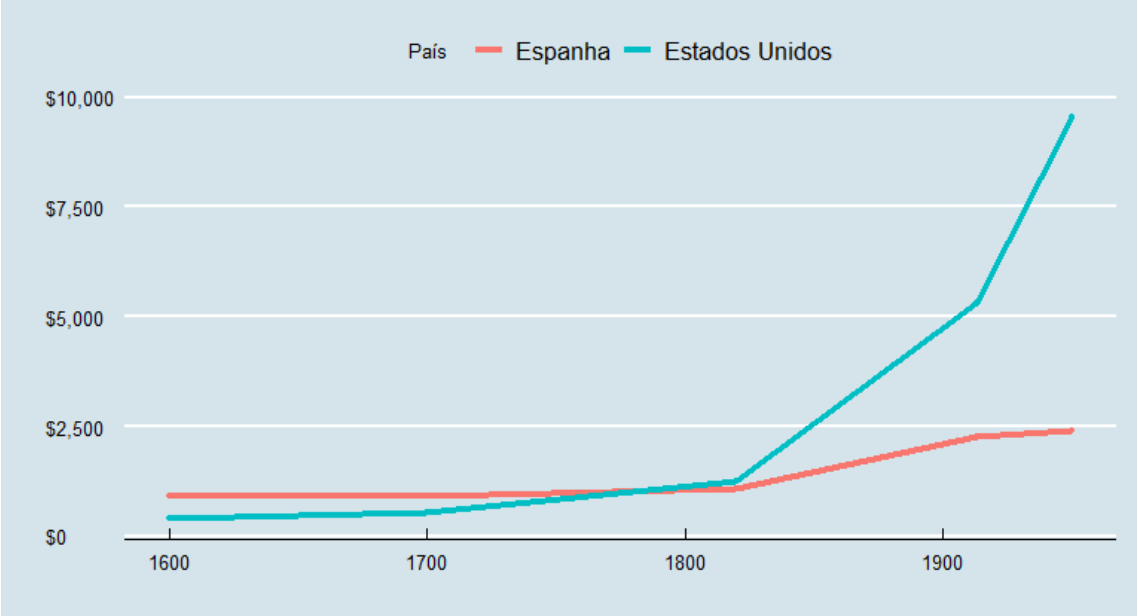
Como declara Maurois, "a nova religião reformada exercera imediata atração no povo escocês que, pobre e austero, nunca estimara o aparato feudal dos bispos católicos"[1642]. Poucos séculos se passariam até que a Escócia tivesse uma das maiores economias do mundo, com um PIB per capita superior ao dos países católicos mais poderosos na Idade Média, como Itália, Portugal e Espanha. Aconteceu aquilo que ninguém jamais poderia esperar: aquele "país pobre, isolado e semibárbaro se torna uma força europeia"[1643].

Este pequeno país, que em toda a Idade Média teve por principal característica sua extrema pobreza, se tornaria consideravelmente mais rico que os estados mais ricos na Idade Média.

[1641] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 69.
[1642] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 225.
[1643] CLARK, Kenneth. *Civilização.* São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 278.

Bastou a Reforma e a Contrarreforma para inverter tudo: de um lado, *a ética protestante e o espírito do capitalismo,* que desenvolveu a Escócia assustadoramente; do outro, um reacionarismo intransigente que reduziu a Itália a uma mera lembrança das glórias do passado, mergulhando-a num mar de obscurantismo, neutralizando o pouco de vida econômica que ainda era permitido na Europa católica.

Podemos ainda comparar uma nação que teve um grandioso império colonial, como a Espanha, com uma que estava na condição oposta, como colônia. Embora os Estados Unidos tenha sido fundado por puritanos dos mais simples possíveis, que colonizaram uma terra hostil e perigosa das menos propensas a riquezas, em poucos séculos eles conseguiram ultrapassar largamente o maior império colonial do mundo, que tirava riquezas das colônias como um mágico tira coelhos da cartola:



Um outro fenômeno que a Reforma causou foi a transição do campo para as cidades. Maddison nos dá o percentual de população que vivia nas cidades, que até o século XIX sempre foi menor do que o percentual de gente do campo, mas que nos países reformados crescia cada vez mais:

País	1500	1600	1700	1800	1890
Bélgica	21,1%	18,8%	23,9%	18,9%	34,5%
França	4,2%	5,9%	9,2%	8,8%	25,9%
Alemanha	3,2%	4,1%	4,8%	5,5%	28,2%
Itália	14,9%	16,8%	14,7%	18,3%	21,2%
Holanda	15,8%	24,3%	33,6%	28,8%	33,4%
Escandinávia	0,9%	1,4%	4%	4,6%	13,2%
Suíça	1,5%	2,5%	3,3%	3,7%	16%
Inglaterra e Gales	3,1%	5,8%	13,3%	20,3%	61,9%
Escócia	1,6%	3%	5,3%	17,3%	50,3%
Irlanda	0%	0%	3,4%	7%	17,6%
Portugal	3%	14,1%	11,5%	8,7%	12,7%
Espanha	6,1%	11,4%	9%	11,1%	26,8%

Com exceção dos países escandinavos, que permanecem essencialmente rurais, nota-se uma tendência dos países protestantes pelas cidades, enquanto a maioria dos países católicos continuam fundamentalmente rurais. Observe o caso da França, que durante todo o Antigo Regime tem uma população urbana inferior a 10%, só vindo a mudar de realidade após a Revolução. É nos países onde a mão de

Roma pesa menos, como a Bélgica, que o processo de urbanização se acelera mais nos estados católicos.

A própria Itália, embora termine o século XVIII com um índice relativamente elevado, de 18%, só consegue isso porque já era o lugar mais urbanizado da Europa desde os tempos dos césares. Em contraste, a Inglaterra tinha nessa época apenas 3% de população urbana, que ao final do século XVIII já são 20%, e que fecha o século seguinte com mais de 60% (é a única que supera a população rural, junto com a Escócia, que começa o século XVI com apenas 1%).

As cidades medievais costumavam ser tão poluídas e sujas que a expectativa de vida ali era ainda menor do que no campo (para se ter uma ideia, as fezes eram deixadas nas ruas, e esperava-se que as chuvas as levassem por si), mas este quadro se inverte nos séculos seguintes à Reforma, quando passa a haver uma melhor higienização e a expectativa de vida nas cidades ultrapassa de longe a do campo.

A razão para isso não é difícil de adivinhar: uma vez que quem trabalha no campo depende exclusivamente de suas colheitas, basta uma peste, um clima desfavorável ou uma guerra devastadora para comprometer tudo, o que fazia com que milhões de pessoas literalmente morressem de fome, deixando a expectativa de vida em um degrau tão baixo. A vida de subsistência podia parecer mais simples, mas era muito mais arriscada e perigosa (além de descartar qualquer conforto adicional, que a tecnologia industrial nos oferece hoje).

Além disso, há uma razão óbvia pela qual as pessoas migram para as cidades: quanto mais a população cresce, mais começa a faltar campo para todo mundo

plantar e colher o suficiente para o seu sustento e o de sua família. Isso não era um problema na época em que a expectativa de vida era tão baixa que mesmo as pessoas tendo dez filhos ainda assim o contingente populacional se mantinha estável, mas após as melhorias proporcionadas pelo capitalismo – coisas como saneamento básico, energia elétrica, uma medicina avançada, mais ciência e tecnologia e uma produção industrial que eleva em muito o padrão de vida de toda a sociedade – a população mundial começou a crescer como nunca, tornando necessária a transição para as cidades.

E apesar de todas as histórias que ouvimos sobre o sofrimento e aflição do proletariado na primeira fase da Revolução Industrial, o fato é que a industrialização proporcionou com o tempo uma renda cada vez maior aos países que investiram nela. Em 1870, o Reino Unido e os Estados Unidos eram responsáveis por mais da metade da produção industrial do planeta (com os ingleses à frente, com 31,8%)[1644]. A renda dos ingleses em 1870 era *o dobro* que a dos brasileiros em 1950 (quando a renda britânica já era mais de quatro vezes superior).

Só no regime militar é que o Brasil chegaria ao patamar econômico da Inglaterra de 1870, com cem anos de atraso. Coincidência ou não, a indústria brasileira quase inexistia, enquanto a britânica era a maior do planeta. Trinta anos depois (em 1900), a indústria americana já havia ultrapassado de longe a do Reino Unido e se tornava a maior do mundo, responsável por 35,5% da produção industrial mundial[1645].

[1644] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 263.
[1645] ibid.

A mesma ultrapassagem notamos no gráfico de Maddison: se em 1870 o PIB per capita britânico era superior ao americano (3.487 contra 2.445), em 1913 a renda britânica aumentaria para 5.150, mas subiria muito mais nos Estados Unidos (5.301). Em outras palavras, quanto maior a indústria, maior o salário e o poder de compra. Não é à toa que os piores salários do mundo eram pagos na América Latina, onde a indústria era insignificante.

Todos os países latinos juntos não somavam sequer 0,1% da produção industrial mundial até 1900, e tinham menos de 1% da produção industrial dos Estados Unidos sozinho[1646]. Não admira que o salário pago nos Estados Unidos em 1950 tivesse um poder de compra quase *seis vezes maior* que no Brasil – o que explica a disparidade no nível de vida de um e do outro. A industrialização de um país tem tudo a ver com o grau de capitalismo que ele se sujeita, que tem tudo a ver com a prosperidade de seus cidadãos.

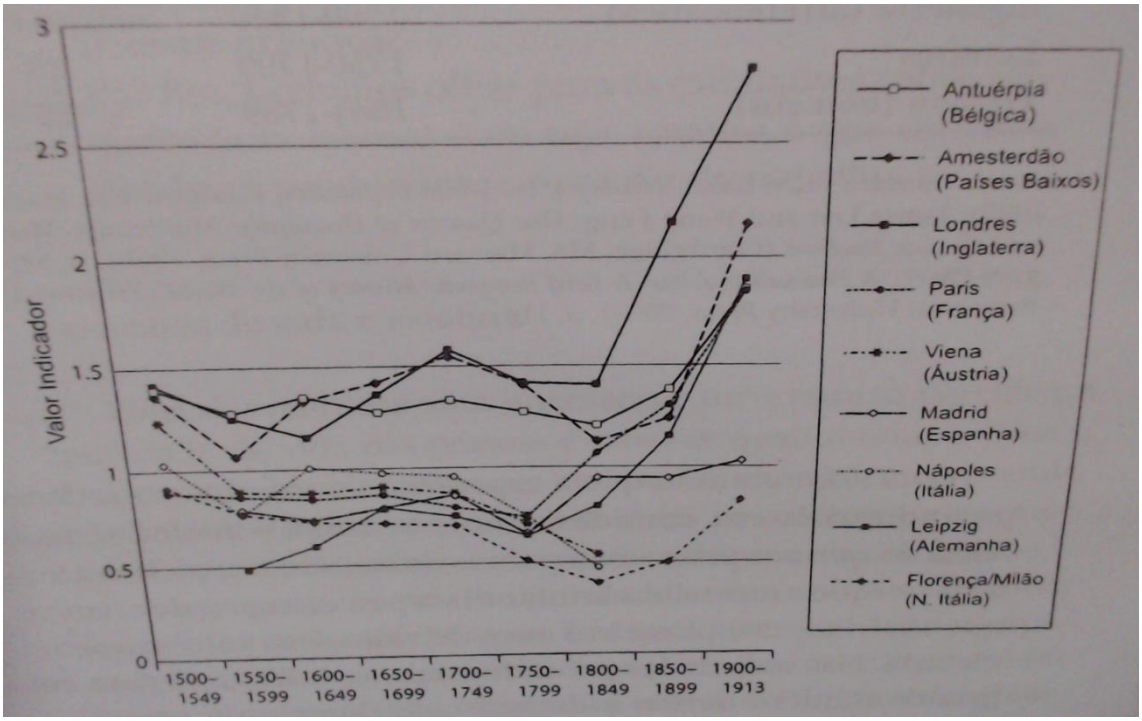
Os países mais resistentes ao capitalismo foram também os que mais lentamente se industrializaram, como é o caso de toda a América Latina e da Espanha:

> Passados mais trinta anos, em 1900, os Estados Unidos ultrapassavam de longe a Grã-Bretanha e fabricavam mais de um terço dos produtos do mundo. Em 1929 eram a maior potência industrial do mundo, produzindo 42,2% de todos os produtos, comparada com 11,6% na Alemanha e 9,4% na Grã-Bretanha. A Espanha ainda não aparecia nos rankings, mas pela primeira vez a América Latina produziu o suficiente

[1646] ibid.

para aparecer, embora apenas com cerca de 80% da produção do Canadá.[1647]

Quando pensamos em Revolução Industrial, a primeira imagem que nossas mentes evocam é a de famílias inglesas miseráveis trabalhando o dia todo em condições sub-humanas para não ganhar quase nada, mas a verdade é que um trabalhador inglês ganhava mais por hora trabalhada do que qualquer outro trabalhador europeu, *justamente porque foi o primeiro a se industrializar*. Mais uma vez recorremos ao gráfico de Jack Goldstone, que nos mostra o salário real nas cidades da Europa entre os anos 1500-1913. Repare que Londres não apenas está à frente de todos os outros, como também é o que dá o salto mais elevado, justamente no período correspondente à Revolução Industrial:



(Fonte: GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 129)

[1647] ibid.

Apesar de toda a propaganda marxista, o salário real pago na Inglaterra do século XIX era o maior da Europa – lembremos que o Brasil precisou de oitenta anos para *chegar na metade* do PIB per capita inglês de 1870, e ninguém diz que o trabalhador brasileiro em 1950 era um miserável vivendo em condições sub-humanas sem poder se sustentar. O fato é que dificuldades existiram, como não podia ser diferente, mas não há como negar que a Revolução Industrial representou uma *evolução* nos ganhos salariais e no poder de compra, quando comparamos com qualquer país que não seguiu o mesmo ritmo industrial.

Se achamos ruim a vida dos trabalhadores ingleses na Revolução Industrial, é porque não conhecemos a vida dos trabalhadores nos outros países, que, embora fosse muito pior, é convenientemente omitida dos livros escolares. Tampouco podemos pensar que a vida no campo era melhor que nas cidades, pois se fosse assim ninguém pensaria em migrar do campo para a cidade, como aconteceu em todo o mundo capitalista.

Devemos lembrar que dificuldades já existiam – e existiam em escala bem maior – desde muito antes do capitalismo, com a diferença de que apenas o capitalismo foi exitoso em elevar o padrão de vida dos trabalhadores em comparação a épocas extremamente difíceis que hoje nos parecem tão remotas, mas que eram a realidade *de todo o mundo* até poucos séculos.

Até mesmo o trabalhador rural foi favorecido pela Revolução Industrial, pois através dela pôde contar com instrumentos mais modernos que cultivam a terra de forma muito mais rápida e eficaz do que os métodos antigos eram capazes. Graças às novas tecnologias proporcionadas pela Revolução Industrial, a produtividade

agrícola aumentou incrivelmente, tornando possível alimentar uma quantidade muito maior de pessoas do que antes. Hoje em dia, é produzido alimento suficiente para alimentar bem mais que as sete bilhões de pessoas que povoam o planeta[1648], embora nem todos sejam alimentados devidamente, em função da cultura do desperdício[1649].

• Os índices de Leandro Prados de la Escosura

O professor em história econômica Leandro Prados de la Escosura (1951) é doutor em filosofia pela Universidade de Oxford e doutor em economia pela Universidade Complutense de Madri. Membro da *Royal Academy of History,* ele ocupou a Cátedra Honorária de Maddison na Universidade de Groningen, foi diretor da Revista de História Econômica Ibérica e da América Latina e contribuiu para as principais revistas de história econômica, além de atuar no Comitê Executivo da Associação Internacional de História Econômica e como presidente da Sociedade Europeia de Economia Histórica (EHES).

Atualmente, Escosura é membro do Conselho Consultivo Científico da *European Review of Economic Histor*y e da *Scandinavian Economic History Review*. Seus trabalhos sobre liberdade econômica e desenvolvimento humano global de longo prazo estão disponíveis online no "Espacio Investiga", da Fundação Rafael Del

[1648] NEXO. *Mundo produz comida suficiente, mas fome ainda é uma realidade*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade>. Acesso em: 04/11/2019.
[1649] ALVES, Janaina. *Das 4 bilhões de toneladas de alimentos produzidas anualmente em todo planeta, cerca de 50% são desperdiçadas*. Disponível em: <http://www.usp.br/portalbiossistemas/?p=5230>. Acesso em: 04/11/2019.

Pino[1650]. Escosura calculou o PIB per capita histórico[1651] incluindo mais países que os catalogados por Maddison, embora abrangendo um passado menos remoto. Os resultados apresentados para os países protestantes foram estes:

País	1870	1890	1913	1929	1950
Reino Unido	563	600	633	652	689
Holanda	529	564	602	657	665
Noruega	424	461	520	573	649
Dinamarca	489	527	597	638	689
Finlândia	395	427	496	537	610
Suécia	401	430	533	586	615
Suíça*	495	562	610	674	733
Alemanha*	491	536	599	602	561[1652]
Estados Unidos	496	570	642	685	745
Canadá	458	511	616	637	698
Austrália	567	617	641	644	700
Nova Zelândia	545	562	621	631	701
Média 1	**486**	**526**	**590**	**624**	**676**
Média 2	**487**	**530**	**592**	**626**	**671**

*A «Média 1» desconsidera Suíça e Alemanha, que, embora tenham evoluído graças à influência protestante, tinham uma população religiosamente bem dividida. Para efeitos de comparação, eles são considerados na «Média 2».

[1650] FUNDACIÓN RAFAEL DEL PINO. *Espacio Investiga*. Disponível em: <https://espacioinvestiga.org/estadisticas>. Acesso em: 07/09/2019.

[1651] O PIB per capita de Escosura é expresso em dólares de 1990 (Geary-Khamis), ajustados pela paridade do poder de compra (i.e, pelas diferenças nos níveis de preço entre os países). A tabela original é apresentada em números decimais, aqui convertidos para números inteiros para facilitar a compreensão (por exemplo, de "0,563" para "563").

[1652] Essa queda em relação ao período anterior se dá devido à derrota na Segunda Guerra Mundial.

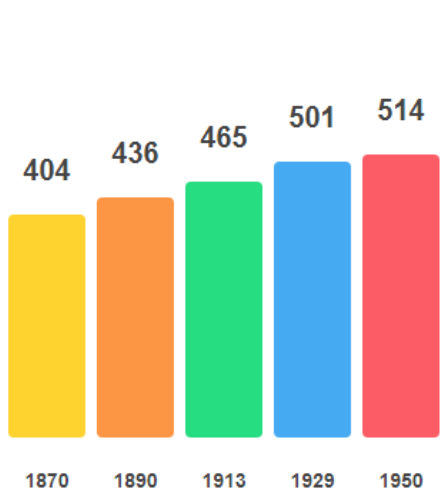
Já para os países católicos, os resultados são os seguintes:

País	1870	1890	1913	1929	1950
França	468	509	574	627	642
Itália	459	479	527	558	578
Bélgica	576	595	631	632	650
Portugal	379	397	411	452	494
Espanha	395	445	481	531	500
Polônia	365	415	464	496	520
Irlanda	468	505	538	543	576
Áustria[1653]	504	527	576	587	587
Hungria	403	451	495	522	522
Eslovênia	395	445	481	531	500
República Tcheca	399	441	495	555	578
Brasil	325	331	364	400	445
Chile	419	485	553	575	589
Bolívia	356	368	419	466	491
Equador	225	241	318	374	452
Argentina	447	559	598	621	642
Peru	393	282	383	475	509
Uruguai	471	485	564	588	619
Colômbia	307	301	347	450	500

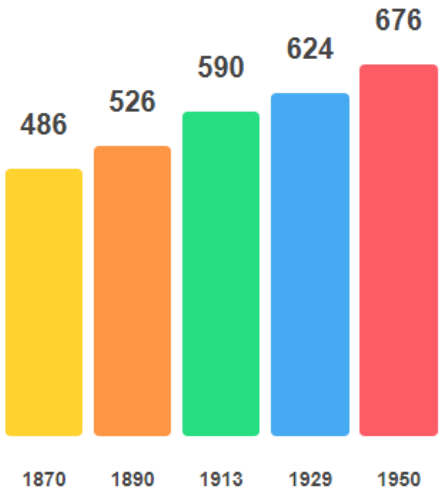
[1653] Como se pode notar, os números da Áustria para 1870 parecem exageradamente altos se comparados aos de Maddison. Isso se explica pelo fato de que Escosura, neste caso específico, preferiu projetar para trás o nível de Maddison para a Áustria de 1913, pressupondo que a produção real per capita na Áustria Moderna fosse a mesma da Áustria Imperial (em vez de tomar os dados fornecidos por Maddison para a Áustria de 1870, o que seria mais lógico).

Paraguai	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	431
México	292	380	419	435	509
Cuba	443	523	547	536	573
El Salvador	n.i.	n.i.	383	399	464
Costa Rica	n.i.	n.i.	444	446	481
Haiti	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	394
Guatemala	n.i.	n.i.	428	447	483
Rep. Dominicana	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	385
Honduras	n.i.	n.i.	407	444	423
Nicarágua	n.i.	n.i.	367	454	447
Panamá	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	475
Porto Rico	n.i.	n.i.	346	388	498
Média[1654]	**404**	**436**	**465**	**501**	**514**

No gráfico abaixo, podemos ver bem o contraste entre os países católicos e protestantes (sem incluir Suíça e Alemanha):



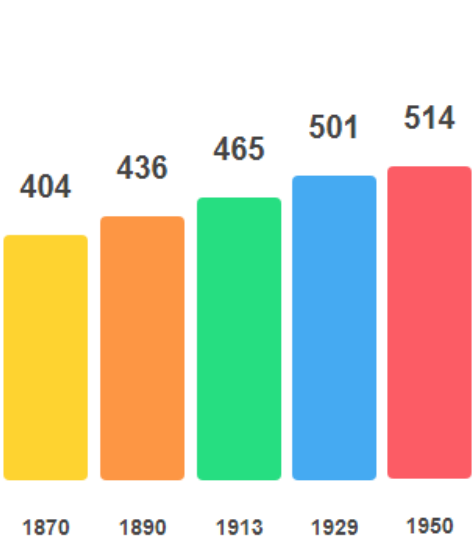
(Católicos)



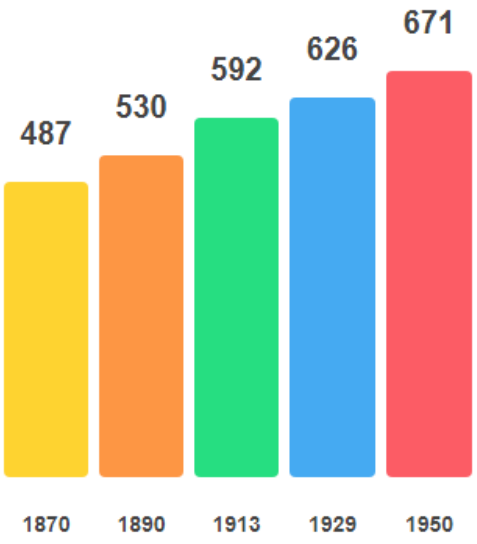
(Protestantes)

[1654] A média desconsidera os dados não informados, que, se considerados, abaixariam ainda mais a média (uma vez que estes dados não informados vêm dos países mais pobres da América Latina).

Incluindo Alemanha e Suíça:



(Católicos)



(Protestantes)

Como se nota nos gráficos, os países protestantes estiveram à frente dos países católicos em *todos* os períodos. De fato, o índice apresentado pelos países protestantes em 1870 só seria superado mais de meio século depois pelos países católicos, o que mostra o quão atrasados estavam em relação aos países protestantes.

Na tabela abaixo, podemos ver o índice de liberdade econômica (medido de 0 a 100) dos países protestantes[1655]. O índice leva em conta doze critérios: (1) direitos de propriedade; (2) integridade do governo; (3) eficácia judicial; (4) carga tributária; (5) gastos públicos; (6) saúde fiscal; (7) liberdade empresarial; (8) liberdade trabalhista; (9) liberdade monetária; (10) liberdade comercial; (11) liberdade de investimento; (12) liberdade financeira. Os resultados são os seguintes:

[1655] A tabela original é apresentada em números decimais de 0 a 10, aqui convertidos para números inteiros (por exemplo, de "7,8" para "78").

País	1850	1875	1900	1925	1950	Atual[1656]
Austrália	82	91	88	84	75	80
Nova Zelândia	n.i.	87	90	86	81	80
Canadá	n.i.	88	88	86	82	77
Estados Unidos	80	83	86	85	92	75
Reino Unido	85	92	89	87	77	78
Dinamarca	n.i.	80	82	79	76	76
Finlândia	n.i.	66	80	80	63	74
Holanda	82	86	90	84	70	76
Noruega	65	86	91	84	73	74
Suécia	72	86	86	84	80	76
Suíça*	67	87	93	87	89	81
Alemanha*	n.i.	81	85	69	76	74
Média 1	**77**	**84**	**87**	**84**	**77**	**76**
Média 2	**76**	**84**	**87**	**83**	**77**	**76**

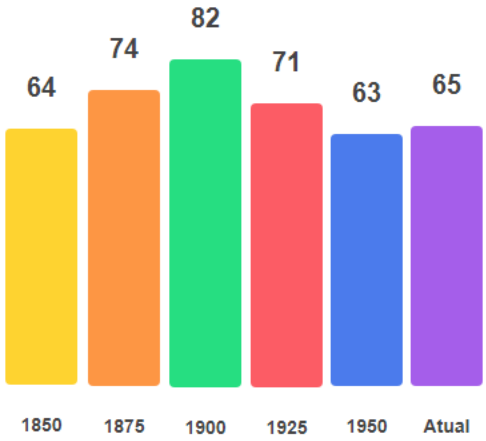
Por comparação, os únicos países católicos presentes na tabela de Escosura sobre liberdade econômica são estes:

País	1850	1875	1900	1925	1950	Atual[1657]
Áustria	n.i.	78	84	78	52	71
Bélgica	73	86	88	79	81	67
França	73	76	89	72	67	63

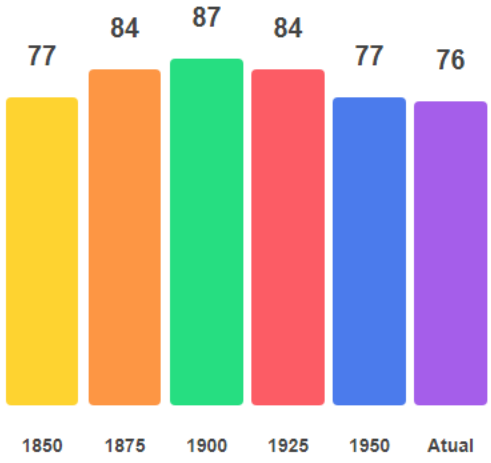
[1656] Os dados de Escosura vão somente até 2007. Para os dados atuais (o mais recente é de 2018), utilizei os dados da Heritage Foundation, que desde 1995 é usada como padrão internacional para medir a liberdade econômica dos países com base nos doze critérios já mencionados.
[1657] ibid.

Itália	n.i.	68	82	67	65	62
Portugal	51	71	72	68	66	63
Espanha	60	70	79	66	49	65
Média	**64**	**74**	**82**	**71**	**63**	**65**

Colocando os gráficos lado a lado:



(Católicos)



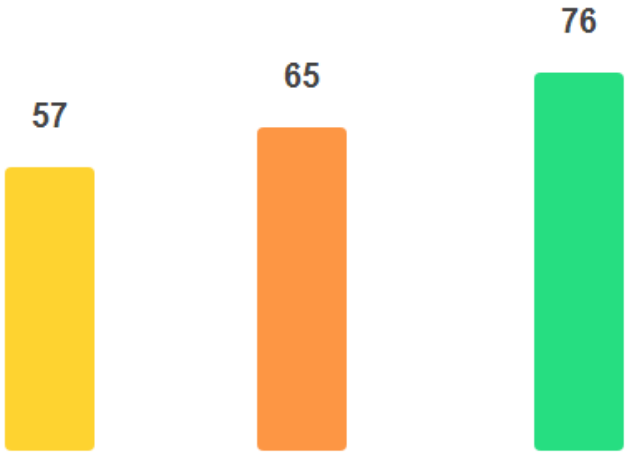
(Protestantes)

Como se pode notar, em todos os períodos abordados os países protestantes tiveram um índice superior aos países católicos. A discrepância seria maior ainda se tivéssemos os índices de outros países católicos europeus e principalmente dos países latinos (omitidos na tabela fornecida por Escosura), que sempre atuaram contra a liberdade econômica. No índice atual do *The Wall Street Journal* e da *Heritage Foundation,* eles apresentam estes índices:

País	Pontuação	Ranking
Chile	75	20º
Uruguai	69	38º
Colômbia	68	42º
Peru	68	43º
Panamá	67	54º
Costa Rica	65	57º
México	64	63º
Guatemala	63	73º
El Salvador	63	75º
Paraguai	62	82º
República Dominicana	61	89º
Honduras	60	94º
Nicarágua	58	100º
Haiti	55	124º
Argentina	52	144º
Brasil	51	153º
Equador	48	165º
Bolívia	44	173º
Cuba	31	178º
Venezuela	25	179º
Média	**57**	**97º**

No índice, que compreende 180 países do mundo todo – incluindo países africanos miseráveis –, dois dos três últimos colocados são países de tradição católica. O

gráfico abaixo considera a média atual dos países católicos da América Latina, dos países católicos da Europa e dos países protestantes:



(Católicos latinos) (Católicos europeus) (Protestantes)

Um dos parâmetros mais básicos para o bom funcionamento de um sistema capitalista é o Índice de Direitos de Propriedade, que classifica os direitos individuais e a capacidade de possuir propriedade privada nos países do mundo inteiro. Neste quesito, os países protestantes apresentam os seguintes resultados:

País	1850	1875	1900	1925	1950	Atual[1658]
Austrália	73	85	92	97	95	78
Nova Zelândia	n.i.	94	97	97	95	83
Canadá	n.i.	85	92	95	93	80
Estados Unidos	71	84	91	95	93	77
Reino Unido	84	89	91	89	90	78
Dinamarca	48	58	61	93	89	79
Finlândia	n.i.	20	48	84	91	85

[1658] Os dados de Escosura vão somente até 2007. Para os dados atuais (o mais recente é de 2014), utilizei os dados da Americans for Tax Reform, que desde 2012 é usada como padrão internacional para medir os direitos de propriedade em cada país.

Holanda	67	68	82	83	83	81
Noruega	36	74	94	95	89	83
Suécia	37	72	78	96	93	83
Suíça*	60	81	91	95	89	82
Alemanha*	37	50	69	72	83	78
Média 1	**59**	**72**	**82**	**92**	**91**	**80**
Média 2	**57**	**71**	**82**	**90**	**90**	**80**

Já os principais países católicos da Europa apresentam estes resultados:

País	1850	1875	1900	1925	1950	Atual[1659]
Áustria	n.i.	49	60	88	81	78
Bélgica	53	80	89	84	74	75
França	54	48	84	79	72	73
Itália	n.i.	31	63	37	88	60
Portugal	27	30	43	69	35	68
Espanha	35	27	67	29	35	63
Média	**42**	**44**	**67**	**64**	**64**	**69**

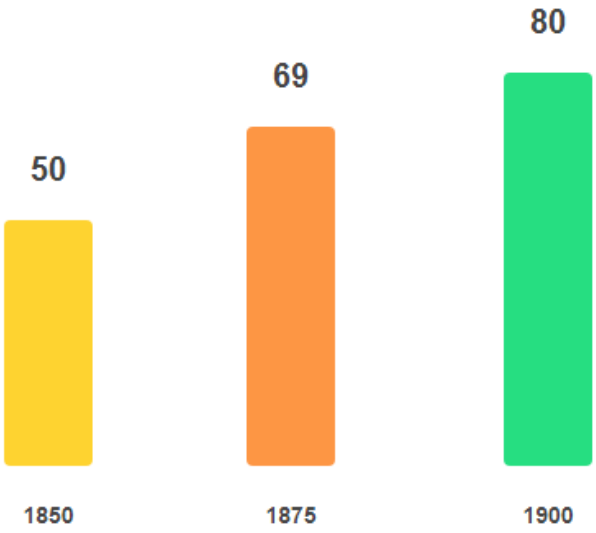
Mais uma vez, Escosura não traz os dados históricos referentes aos países latino-americanos[1660], mas podemos ter uma ideia do quão ruim eles são ao nos depararmos com seus índices atuais:

[1659] ibid.
[1660] ibid.

País	Pontuação	Ranking
Chile	68	24º
Uruguai	61	36º
Costa Rica	60	40º
Panamá	56	44º
Brasil	55	46º
México	52	54º
Colômbia	50	59º
Peru	50	59º
Equador	50	59º
Rep. Dominicana	49	64º
El Salvador	49	64º
Guatemala	48	66º
Nicarágua	46	75º
Honduras	45	78º
Bolívia	45	78º
Argentina	44	83º
Paraguai	41	89º
Venezuela	32	97º
Média	**50**	**61º**

(Os dados de Cuba e Haiti não foram informados, mas provavelmente não eram muito bons)

O índice abrange 97 países, e como se pode ver, os países latinos estão consideravelmente abaixo da média. Na média dos países católicos latinos, dos católicos europeus e dos protestantes, temos o seguinte:



(Católicos latinos) (Católicos europeus) (Protestantes)

Outro índice vital para se medir a qualidade de vida de um povo é a expectativa de vida. Via de regra, pessoas que moram em países pobres com péssimas condições sanitárias vivem menos, e pessoas que moram em países ricos vivem mais. Não é à toa que Serra Leoa tem a pior expectativa de vida, enquanto países como Japão, Suíça e Austrália apresentam os índices mais elevados. Escosura apresenta uma longa tabela de expectativa de vida histórica desde 1870, onde "0" equivale a 20 anos, e "1000" equivale a 85 (antes que alguém pense que os suíços vivem como Matusalém). Nessa tabela, os países protestantes apresentam os seguintes índices:

País	1870	1890	1913	1929	1950	Atual[1661]
Austrália	135	169	213	271	340	784
Nova Zelândia	160	190	241	287	339	739
Canadá	91	115	171	239	330	755
Estados Unidos	110	118	159	223	326	580
Reino Unido	95	121	172	237	340	659

[1661] Os dados mais atuais são de 2015.

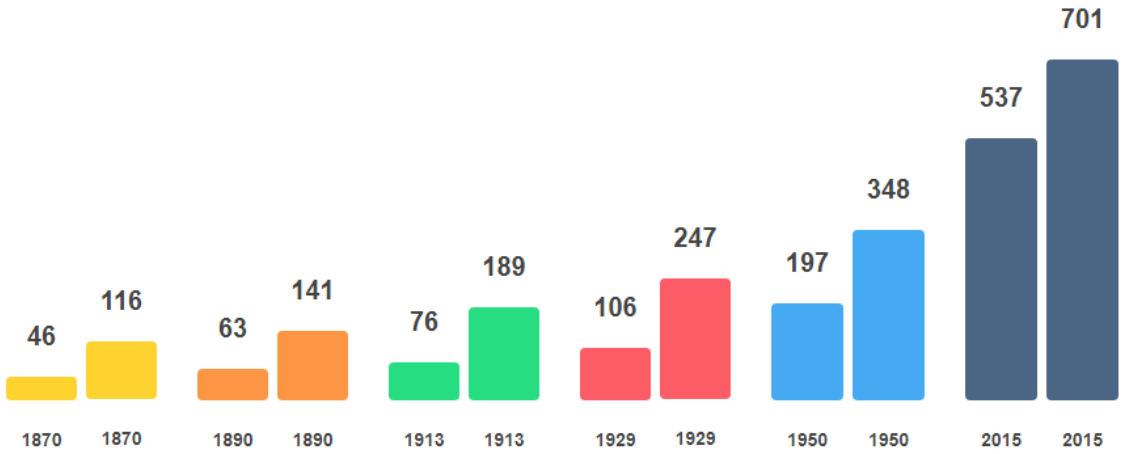
Dinamarca	125	135	208	246	352	635
Finlândia	97	112	123	180	303	668
Holanda	86	132	194	269	381	714
Noruega	147	164	203	264	403	715
Suécia	116	156	210	260	375	766
Suíça*	98	129	164	240	330	850
Alemanha*	73	100	142	223	301	673
Média 1	**116**	**141**	**189**	**247**	**348**	**701**
Média 2	**111**	**136**	**183**	**244**	**343**	**711**

E os países católicos:

País	1870	1890	1913	1929	1950	Atual
França	87	129	151	199	300	767
Itália	51	84	118	168	288	878
Bélgica	88	124	146	210	284	667
Portugal	68	105	110	129	211	679
Espanha	39	49	96	147	250	808
Polônia	46	51	87	147	231	521
Irlanda	101	128	176	210	292	671
Áustria	48	70	100	198	276	706
Hungria	38	59	87	147	239	456
República Tcheca	57	63	103	174	262	562
Brasil	28	30	43	56	155	442
Chile	19	29	43	64	184	733

Bolívia	19	19	35	58	90	332
Equador	19	19	19	35	138	477
Argentina	48	70	121	156	254	486
Peru	19	19	31	52	110	444
Uruguai	89	122	152	184	298	513
Colômbia	21	30	42	56	152	431
Paraguai	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	255	405
México	19	19	36	56	153	501
Cuba	32	43	70	98	224	595
El Salvador	n.i.	n.i.	26	34	117	410
Costa Rica	n.i.	n.i.	57	95	204	597
Haiti	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	76	261
Guatemala	n.i.	n.i.	19	19	99	387
Rep. Dominicana	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	122	418
Honduras	n.i.	n.i.	33	56	98	411
Nicarágua	n.i.	n.i.	19	28	101	454
Panamá	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	188	526
Porto Rico	n.i.	n.i.	79	96	274	587
Média	**46**	**63**	**76**	**106**	**197**	**537**

O gráfico abaixo compara a média dos países católicos e protestantes ano a ano (à esquerda o católico, e ao lado o protestante):



Não importa em que ângulo se olhe: os índices dos países de tradição protestante são sempre indiscutivelmente superiores. Isso não é algo que deva ser *discutido,* mas *explicado.*

• Os índices de Max Roser

Max Roser é um economista mundialmente reconhecido, diretor do departamento de economia da Universidade de Oxford e criador do portal *Our World in Data,* a maior plataforma mundial sobre mudanças globais a longo prazo e usada como referência pela ONU, da qual Roser é consultor e já foi muitas vezes convidado a discursar sobre suas pesquisas de desenvolvimento global na presença das maiores autoridades do mundo. A *Prospect Magazine* o listou como "um dos 50 melhores pensadores do mundo"[1662], e Bill Gates elencou Roser como um de seus economistas favoritos[1663].

[1662] ALDERMAN, Naomi. *The world's top 50 thinkers 2019*. Disponível em: <https://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/prospect-worlds-top-50-thinkers-2019>. Acesso em: 13/09/2019.
[1663] Disponível em: <https://twitter.com/BillGates/status/987721112049070080>. Acesso em: 13/09/2019.

Os estudos de Roser são mais abrangentes que os de Maddison e Escosura, embora boa parte desses dados sejam abordados apenas no próximo volume, que tratará temas como educação, ciência e tecnologia. Por hora, nos focaremos naquilo que concerne à economia e expectativa de vida, podendo assim verificar se sua pesquisa concorda ou discorda dos dados fornecidos por Maddison e Escosura. No que concerne à expectativa de vida histórica, o *Our World in Data*[1664] exibe os seguintes números para os países de tradição protestante (dessa vez em anos mesmo)[1665]:

País	1870	1890	1910	1930	1950	Atual[1666]
Austrália	n.i.	53*	57*	64	69	82
Nova Zelândia	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	69	81
Canadá	42	45*	52*	58	69	81
Estados Unidos	n.i.	45	51	59	68	78
Reino Unido	40	44	53	60	69	81
Dinamarca	46	47	58	62	71	80
Finlândia	41	44	48	55	66	80
Holanda	37	48	55	64	71	81
Noruega	50	48	58	64	72	81
Islândia	38	36	52	60	72	82
Suécia	45	50	57	63	71	81
Suíça*	n.i.	45	52	61	69	82

[1664] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/life-expectancy>. Acesso em: 12/09/2019.
[1665] Tanto nessa tabela como nas demais, os números representados com um asterisco (*) se referem ao ano mais próximo dentro de cinco anos, uma vez que não há dados especificamente para o ano em questão (enquanto os "n.i." não tem dados nem para o ano em questão, nem para os cinco anos mais próximos). Os números são arredondados somente quando ficam a menos de 0,05 do número inteiro mais próximo.
[1666] Os dados mais atuais são de 2015.

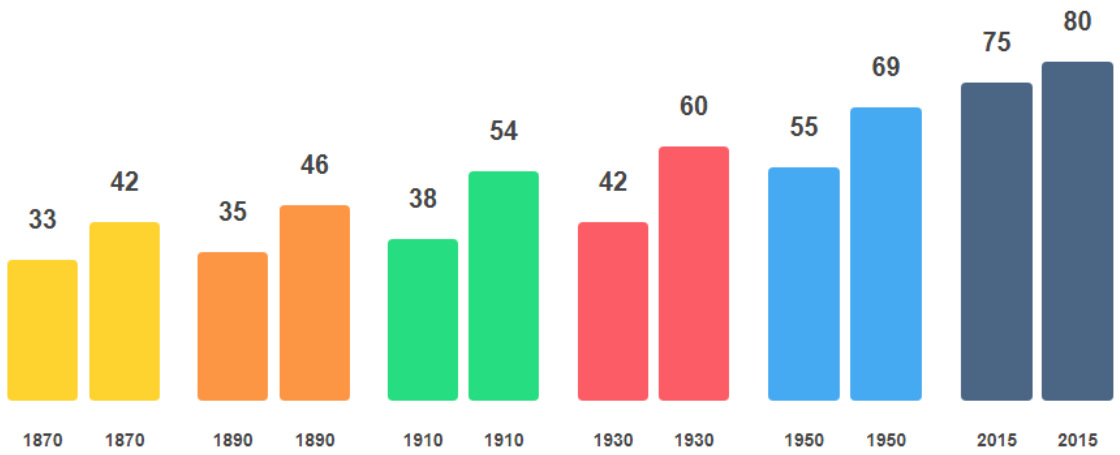
Alemanha*	38*	42*	40*	61*	67	80
Média 1	**42**	**46**	**54**	**60**	**69**	**80**
Média 2	**41**	**45**	**52**	**60**	**69**	**80**

Por sua vez, os países católicos estão assim representados:

País	1870	1890	1910	1930	1950	Atual
França	36	43	51	56	67	81
Itália	29	38	46	55	66	82
Bélgica	40	44	51	57	67	80
Portugal	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	60	80
Espanha	n.i.	32	40	49	64	82
Polônia	n.i.	n.i.	n.i.	49*	61	77
Irlanda	n.i.	n.i.	53*	57*	66	80
Áustria	34	37*	45*	56*	66	81
Hungria	n.i.	n.i.	39	50	64	75
República Tcheca	35*	n.i.	44	55	66	78
Brasil	n.i.	n.i.	31	34	50	74
Chile	n.i.	n.i.	30	35	54	78
Bolívia	n.i.	n.i.	28	33	40	67
Equador	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	48	75
Argentina	33*	34	44	52	62	76
Peru	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	43	74
Uruguai	n.i.	n.i.	52	50	66	77
Colômbia	n.i.	n.i.	30	35	50	73

Paraguai	n.i.	n.i.	29	38	62	72
México	n.i.	23*	28	34	50	76
Cuba	n.i.	n.i.	36	42	59	79
El Salvador	n.i.	n.i.	n.i.	29	44	72
Costa Rica	30*	n.i.	33	42	56	79
Haiti	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	37	62
Guatemala	n.i.	n.i.	24	25	42	72
Rep. Dominicana	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	46	73
Honduras	n.i.	n.i.	n.i.	34	41	72
Nicarágua	n.i.	n.i.	n.i.	28	42	74
Panamá	n.i.	n.i.	n.i.	36	56	77
Porto Rico	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	63	79
Média	**33**	**35**	**38**	**42**	**55**	**75**

Embora nos faltem muitos números dos países católicos latinos entre 1870 e 1890, ainda assim a média católica é inferior à protestante (discrepância essa que se manteve nos períodos seguintes, até os dias atuais):



Roser apresenta também o ranking de liberdade econômica em 1950. Dos 54 países com dados referentes a 1950[1667], a classificação ficou assim:

Nº	País	Pontos
1º	Estados Unidos	6,90
2º	Suíça	6,84
3º	Canadá	6,47
4º	Luxemburgo	6,46
5º	Bélgica	6,17
6º	Reino Unido	6,09
7º	Noruega	6,07
8º	Austrália	6,06
9º	Alemanha	6,05
10º	Suécia	6,05
11º	Malásia	5,95
12º	Itália	5,88
13º	Holanda	5,88
14º	Panamá	5,86
15º	Nova Zelândia	5,85
16º	Irlanda	5,81
17º	Dinamarca	5,79
18º	Finlândia	5,73
19º	Áustria	5,63

[1667] A pontuação de cada país está disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/economic-freedom?year=1950>. O ranking, em: <https://ourworldindata.org/grapher/economic-freedom-ranking?year=1950>. Acesso em: 15/09/2019.

20º	França	5,60
21º	Honduras	5,58
22º	Uruguai	5,47
23º	Espanha	5,28
24º	Portugal	5,26
25º	Tailândia	5,16
26º	Sri Lanka	5,15
27º	Venezuela	5,14
28º	Costa Rica	5,06
29º	Filipinas	5,02
30º	África do Sul	5,01
31º	Grécia	4,98
32º	Marrocos	4,94
33º	México	4,94
34º	Turquia	4,86
35º	Israel	4,79
36º	Índia	4,75
37º	Guatemala	4,72
38º	Chile	4,72
39º	El Salvador	4,67
40º	Colômbia	4,63
41º	República Dominicana	4,61
42º	Equador	4,59
43º	Taiwan	4,36
44º	Paquistão	4,31

45º	Egito	4,29
46º	Bolívia	4,23
47º	Peru	4,06
48º	Brasil	4,05
49º	Argentina	3,99
50º	Irã	3,91
51º	Paraguai	3,80
52º	Nicarágua	3,79
53º	Myanmar	3,75
54º	Síria	3,72

Dos 18 primeiros, cinco são de tradição católica (o que inclui o minúsculo estado de Luxemburgo[1668]) e onze são de tradição protestante (treze, se incluir Alemanha e Suíça). Dos 18 últimos, nenhum é de tradição protestante, e doze são de tradição católica. O *pior* país protestante está em 18º lugar, com um score muito acima da média dos países católicos.

Esses dados confirmam o que vimos sobre a liberdade econômica ímpar dos países protestantes – em especial dos Estados Unidos, que liderou por mais tempo – e estão de acordo com os índices de liberdade econômica levantados por Escosura. Os dados de PIB per capita de Roser também evidenciam a hegemonia econômica dos países protestantes:

[1668] Luxemburgo tinha menos de 300 mil habitantes nessa época (sete vezes menos que o menor estado brasileiro, o Sergipe).

País	1780	1820	1860	1900	1940
Estados Unidos	1.883*	2.080	3.425	6.252	11.307
Canadá	n.i.	1.545	2.477	4.630	9.105
Austrália	n.i.	n.i.[1669]	3.796	5.992	11.725
Nova Zelândia	n.i.	n.i.	3.078	5.942	8.701
Reino Unido	2.011	2.181	3.355	5.608	9.264
Holanda	n.i.	1.724	2.485	4.402	5.283
Dinamarca	n.i.	1.706	2.333	4.295	6.706
Noruega	n.i.	1.330	1.816	3.813	5.760
Suécia	1.343	1.192	1.636	3.438	6.206
Finlândia	n.i.	895	1.038	1.813	3.732
Suíça*	n.i.	n.i.	2.380	5.124	6.860
Alemanha*	n.i.	n.i.	1.592	4.596	7.566
Média 1	**1.745**	**1.581**	**2.543**	**4.618**	**7.778**
Média 2	**1.745**	**1.581**	**2.450**	**4.658**	**7.684**

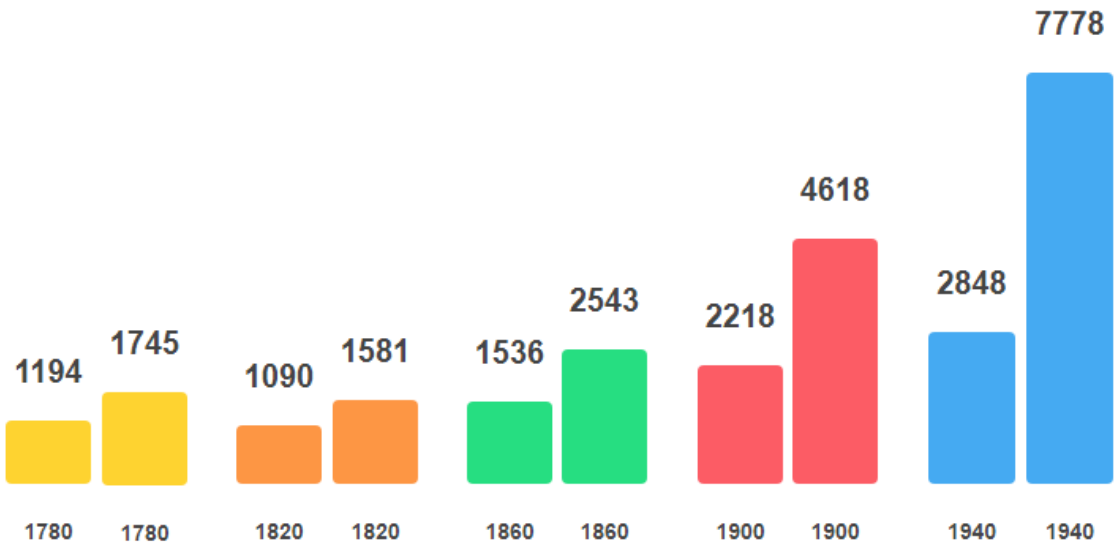
Em relação aos países católicos:

País	1780	1820	1860	1900	1940
França	1.364	1.442	2.404	4.214	5.131
Espanha	n.i.	n.i.	2.779	3.853	4.189
Portugal	1.506	1.419	1.172	1.729	2.145
Itália	n.i.	1.473	1.422	2.144	3.131

[1669] O índice australiano de 1820 não foi considerado aqui porque a maior parte do país sequer havia sido colonizado ainda (e o pouco que havia sido, tinha sido há poucos anos).

Bélgica	n.i.	n.i.	2.869	5.950	5.408
Áustria	n.i.	1.320	1.925	3.122	4.594
Polônia	808	658	1.094	2.174	2.801*
Irlanda	n.i.	1.179	n.i.	n.i.	4.115
Hungria	n.i.	n.i.	n.i.	1.218	2.378
Brasil	n.i.	600	687	606	1.115
Argentina	n.i.	1.710	2.321	4.925	7.128
Uruguai	n.i.	1.773	2.681	3.027	4.453
Chile	n.i.	616	1.187	2.533	3.873
Peru	n.i.	n.i.	731	604	1.696
Colômbia	n.i.	739	794	946	2.627
Venezuela	n.i.	464	949	885	2.286
Paraguai	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	1.444
Bolívia	n.i.	n.i.	n.i.	790	1.441
Equador	n.i.	n.i.	n.i.	903	1.685
México	1.101	760	695	1.374	1.932
Cuba	n.i.	n.i.	1.554*	2.448*	3.012
Guatemala	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	2.802
Honduras	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	1.623
El Salvador	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	1.023
Nicarágua	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	1.476
Costa Rica	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	2.574
Panamá	n.i.	n.i.	n.i.	n.i.	2.132
Média	**1.194**	**1.090**	**1.536**	**2.218**	**2.848**

Na comparação:



Infelizmente, Roser possui poucos dados para o período anterior ao século XIX, razão pela qual apenas os principais países de cada lado têm números referentes a 1780 (o que explica por que a média cai na comparação com 1820, quando surgem os dados de muitos outros países). De todo modo, tanto na comparação com os poucos países presentes em 1780, como na comparação mais ampla dos períodos seguintes, os países de tradição protestante apresentam uma evidente vantagem, tão larga e expressiva quanto nos gráficos de Maddison e Escosura.

Podemos comparar os dados de PIB per capita atual[1670] de Max Roser com os fornecidos pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e os do Banco Mundial, que, embora sigam metodologias diferentes, chegam todos ao mesmo coeficiente básico:

[1670] Os dados mais atuais de Roser vão até 2016, os do FMI até 2015, e os do Banco Mundial até 2014.

Nº	Ranking de Roser[1671]	Ranking do FMI	Ranking do Banco Mundial
1º	Catar (139.783)	Luxemburgo (102.000)	Luxemburgo (116.613)
2º	Noruega (76.397)	Suíça (80.675)	Noruega (97.300)
3º	Emirados Árabes (70.284)	Catar (76.576)	Catar (96.732)
4º	Luxemburgo (69.057)	Noruega (74.822)	Suíça (85.617)
5º	Kuwait (67.798)	Israel (58.343)	Israel (63.206)
6º	Singapura (67.180)	Singapura (55.888)	Austrália (61.980)
7º	Suíça (61.844)	Estados Unidos (52.888)	Dinamarca (60.718)
8º	Irlanda (55.653)	Dinamarca (52.114)	Suécia (58.899)
9º	Estados Unidos (53.015)	Irlanda (51.351)	Singapura (56.284)
10º	Holanda (49.254)	Austrália (50.962)	Estados Unidos (54.630)
11º	Arábia Saudita (47.474)	Islândia (50.855)	Irlanda (54.339)
12º	Alemanha (46.841)	Suécia (49.866)	Holanda (52.139)
13º	Dinamarca (45.141)	San Marino (49.847)	Islândia (52.037)
14º	Áustria (45.010)	Reino Unido (43.771)	Áustria (51.122)
15º	Austrália (44.783)	Áustria (43.724)	Canadá (50.231)
16º	Suécia (44.371)	Holanda (43.603)	Finlândia (49.843)
17º	Islândia (42.980)	Canadá (43.332)	Alemanha (47.774)
18º	Canadá (42.969)	Finlândia (41.974)	Bélgica (47.328)
19º	Taiwan (42.304)	Alemanha (40.997)	Reino Unido (46.297)
20º	Bahrein (39.773)	Bélgica (40.107)	Nova Zelândia (44.342)

[1671] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/maddison-data-gdp-per-capita-in-2011us>. Acesso em: 16/09/2019.

Dos vinte primeiros da tabela de Roser, dez são de tradição protestante. Dos vinte primeiros na lista do FMI, doze são de tradição protestante. E dos vinte primeiros do Banco Mundial, treze são de tradição protestante. Olhando assim, ninguém suspeitaria que os países de tradição protestante se limitam a treze no mundo todo[1672] (composto por 193 países). Nenhuma outra religião, grupo étnico ou espaço geográfico apresenta índices tão assustadoramente acima da média como os países de matriz protestante.

Na mesma lista em que treze dos vinte melhores países do mundo são de tradição protestante, aparecem quatro países católicos, um budista, um judeu e um muçulmano. Nenhuma outra confissão religiosa apresenta índices tão elevados de IDH, expectativa de vida, PIB per capita, saúde, educação, segurança e tecnologia. Não há país protestante pobre ou de terceiro mundo. Cada um deles disputa o topo de todos os rankings internacionais de economia e bem-estar.

Embora os países de tradição protestante sejam apenas 6% do total de países do mundo, eles representam 65% das vinte melhores economias do mundo. Se recuarmos para 1900, constatamos que dos dez melhores ranqueados por Roser, oito aderiram à Reforma (80%)[1673]. Considere ainda que muitos dos países não-protestantes que constam nas três tabelas acima são países muçulmanos que fizeram uma fortuna recente com o petróleo, mas que eram miseráveis até bem pouco tempo (como a maioria dos países muçulmanos continua sendo até hoje).

[1672] Noruega, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Suíça, Alemanha, Reino Unido, Islândia, Holanda, Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos e Canadá.
[1673] Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido, Suíça, Canadá, Alemanha e Holanda. As exceções são Bélgica e Argentina.

E os países católicos que mais se destacam são estados minúsculos que não eram sequer considerados países até pouco tempo e que precisam de uma lupa para serem encontrados no mapa. Tal é o caso de Luxemburgo, com uma população de 590 mil habitantes, e de San Marino, com não mais de 33 mil. Para efeitos de comparação, o Sergipe, menor estado brasileiro, tem mais de 2,2 milhões de habitantes (quase 4 vezes o estado de Luxemburgo e 66 vezes o de San Marino).

• Dados referentes à marinha

Como vimos nos capítulos anteriores, nos séculos passados a marinha era da mais suma importância em questão de soberania nacional, pois era ali que a maioria das guerras se decidia. Consequentemente, a força militar de um país estava mais atrelada à sua força marítima do que à quantidade de soldados de terra. Neste quesito, a partir do século XVIII, a marinha real inglesa foi absolutamente soberana, dominando todo o globo terrestre.

Em 1792, a Grã-Bretanha tinha um total de 661 navios de guerra, 14 mil canhões e 100 mil tripulantes. O país que mais se aproximava era a França, com 291 navios, 12 mil canhões e uma tripulação de 78 mil[1674]. Dos navios à vela construídos entre 1700 e 1860[1675], a Inglaterra lidera com folga (mesmo com menos de um quarto da população da França)[1676]:

[1674] HICKS, Peter. *The British Navy, 1793-1802*. Disponível em: <https://www.napoleon.org/en/history-of-the-two-empires/articles/the-british-navy-1793-1802>. Acesso em: 17/09/2019.
[1675] SAILING WARSHIPS. *Small ships & Frigates 1700-1860*. Disponível em: <http://felipe.mbnet.fi/html/small_ships_1700-1860.html>. Acesso em: 18/09/2019.
[1676] *Na tabela original, Dinamarca e Noruega aparecem juntas, e a Rússia consta em terceiro com 229 navios.

Inglaterra	França	Holanda	Espanha	Portugal	Dinamarca*	EUA	Suécia
731	574	200	183	94	80	74	66

Mesmo com uma população pequena, os países nórdicos tinham uma marinha do tamanho de Portugal e maior que a de países católicos cuja marinha era tão pequena que nem aparecem na tabela (por exemplo, Brasil, Itália, Polônia e Áustria), embora tivessem uma população consideravelmente maior. Se recalcularmos a quantidade de navios de acordo com o contingente populacional de cada um, a média é a seguinte[1677]:

Inglaterra	França	Holanda	Espanha	Portugal	Dinamarca*	EUA	Suécia
1.462	267	1.052	208	470	666	740	523

*Até onde se sabe, o valor recalculado da Dinamarca não tem relação direta com a marca da besta.

Com os valores ajustados de acordo com o tamanho da população, a Inglaterra mantém sua supremacia nos mares com uma vantagem ainda maior e a Holanda passa a ser a segunda maior força marítima em números proporcionais, seguida pelos Estados Unidos, por Dinamarca/Noruega e pela Suécia. Abaixo deles vem Portugal, França e Espanha. Ou seja, com os índices recalculados proporcionalmente de acordo com a população (uma espécie de "navios per capita"), a hegemonia naval dos países protestantes é ainda mais surpreendente.

[1677] Os cálculos de proporção foram feitos tomando como base a projeção populacional de Maddison para o ano de 1700 (Inglaterra: 5.000.000; França: 21.471.000; Holanda: 1.900.000; Espanha: 8.770.000; Portugal: 2.000.000; Dinamarca + Noruega: 1.200.000; Estados Unidos: 1.000.000; Suécia: 1.260.000).

Quanto ao total de armas presentes nos navios de guerra em 1851, o quadro é o seguinte:

Nº	Estado	Armas	Proporcional
1º	Grã-Bretanha	18.000	23.100 **(1º)**
2º	França	8.000	6.797 **(6º)**
3º	Rússia	7.000	2.631 **(9º)**
4º	Holanda	2.500	23.052 **(2º)**
5º	Suécia	2.400	19.212 **(4º)**
6º	Estados Unidos	2.257	1.869 **(11º)**
7º	Itália[1678]	1.399	1.672 **(12º)**
8º	Dinamarca	1.120	19.774 **(3º)**
9º	Turquia	800	2.261 **(10º)**
10º	Espanha	721	1.483 **(13º)**
11º	Portugal	700	5.360 **(7º)**
12º	Áustria	600	4.424 **(8º)**
13º	Noruega	560	10.758 **(5º)**
14º	Grécia	131	1.194 **(14º)**
15º	Prússia	114	0,1 **(16º)**
16º	Bélgica	36	0,2 **(15º)**

Considerando a classificação proporcional à população, temos: (1) Grã-Bretanha, (2) Holanda, (3) Dinamarca, (4) Suécia, (5) Noruega, (6) França, (7) Portugal, (8)

[1678] Este número é a soma de três províncias italianas (as únicas que nessa época ainda tinham marinha): Sardenha (com 900), Nápoles (com 484) e Toscana (com 15).

Áustria, (9) Rússia, (10) Turquia, (11) Estados Unidos, (12) Itália, (13) Espanha, (14) Grécia, (15) Bélgica. Ou seja, os cinco países com maior marinha proporcional à sua população eram protestantes. Em números absolutos, os países protestantes acumulavam 26.951 das 46.338 armas de navios de guerra em 1851 (um total de 58%). Os países católicos eram responsáveis por 11.456 (24%), os ortodoxos (Grécia e Rússia) por 7.131 (15%), e os muçulmanos (Turquia) por 800 (1,7%).

Mais importante que a quantidade de navios e de armas era o preparo dos marinheiros, quesito no qual a vantagem inglesa era ainda mais avassaladora, tanto em técnica como em estratégia. Se os britânicos humilharam a "Armada Invencível" dos espanhóis, não ficaram por menos contra os franceses nas Guerras Napoleônicas. Como você já deve ter ouvido, embora Napoleão tivesse o maior exército da Europa e tenha conseguido colocar grande parte do continente debaixo de seus pés, ele tinha uma pedra no sapato que entravava suas ambições nada modestas: a Inglaterra.

Como a Inglaterra não podia ser atacada por terra (por se tratar de uma ilha afastada do resto do continente), o imenso exército a serviço de Napoleão era pouco útil. Para usá-lo, ele teria que passar pela marinha inglesa, a «dona dos mares». Ciente disso, Napoleão tentou ampliar sua marinha às pressas, na tentativa de fazer frente aos ingleses. Só não contava com o fato de que a supremacia britânica não se dava apenas pela grande quantidade de navios, mas pelo conhecimento técnico e instrução que os ingleses tinham por tradição.

Mesmo que Napoleão conseguisse igualar os navios de guerra, ele não conseguiria se igualar aos ingleses em estratégia naval e capacidade técnica. Os marinheiros ingleses não eram formados às pressas, mas treinados desde a mocidade com este objetivo. Os ingleses sabiam bem que manter sua hegemonia naval ia muito além de ter mais navios: era crucial que sua tripulação soubesse o que estava fazendo mais do que qualquer outra, dominando cada situação do início ao fim.

Foi assim que os britânicos destroçaram a marinha francesa, lançando por terra os planos de Napoleão, o qual, sem ter como atacar os ingleses por terra ou por mar, restou invadir a Rússia (o resto da história você já sabe). Durante as Guerras Napoleônicas,

> a Marinha Francesa se mostrou muito inferior em tática à Marinha Real. A marinha francesa, mesmo com a ajuda das marinhas aliadas, era menor: em 1812, a marinha real, composta por 600 cruzadores e algumas embarcações menores, era do tamanho do resto das marinhas do mundo combinadas. Durante as guerras napoleônicas, a maioria de seus embates com os britânicos terminou em derrota. Entre 1793 e 1812, a Marinha Francesa perdeu 377 navios para os britânicos, enquanto os britânicos perderam 10 navios para os franceses. Em quatorze grandes batalhas entre 1794 e 1806, a Marinha Francesa sofreu 23.000 baixas, enquanto a Marinha Real sofreu 7.000 baixas. Uma em cada quatro vítimas britânicas foram mortas, enquanto mais da metade das vítimas francesas morreram. (...) A Marinha Francesa não conseguiu impedir o bloqueio naval britânico

> da França durante as Guerras Napoleônicas e passou grande parte da guerra bloqueada no porto.[1679]

Mas nem só de guerras vive a marinha. Em se tratando da marinha mercante, os países protestantes como Holanda e Inglaterra também se destacavam. Maddison calculou o número de navios que navegaram para a Ásia entre os séculos XVI e XVIII e chegou aos seguintes resultados:

País	1500-1600	1600-1700	1700-1800
Portugal	705	371	196
Holanda	65	1.770	2.950
Inglaterra	–	811	1.865
França	–	155	1.300

Os dados confirmam o que vimos nos últimos dois capítulos: Portugal liderava o quadro no início do século XVI, mas entrou em franca decadência e terminou o século XVIII com apenas 196 navios comercializando na Ásia. A França, melhor país católico neste quesito e o mais populoso da Europa, ainda estava bem atrás da Holanda e da Inglaterra, que a partir da Reforma começam a investir pesado no comércio marítimo, partindo do zero para se tornar em pouco tempo os líderes mundiais em marinha mercante.

Holanda e Inglaterra também lideravam em termos de capacidade de carga das frotas comerciais:

[1679] WIKIA. *French Navy*. Disponível em: <https://military.wikia.org/wiki/French_Navy>. Acesso em: 18/09/2019.

País	1570	1670	1780
Holanda	232.000	568.000	450.000
Alemanha	110.000	104.000	155.000
Grã-Bretanha	51.000	260.000	1.000.000
França	80.000	80.000	700.000
Itália, Portugal e Espanha	n.i.	250.000	546.000

Como se vê, em quase todo o período Grã-Bretanha e Holanda, sozinhas, conseguem números mais expressivos do que Itália, Portugal e Espanha juntos (que eram os melhores ao final da Idade Média[1680]). Os números também atestam a notável evolução da marinha britânica a partir do reinado de Isabel, quintuplicando sua capacidade em apenas um século.

• Considerações adicionais

Se recuarmos para a época da Reforma, em 1517, nos depararíamos com uma Europa atrasada e desigual, sobrevivendo nos escombros do feudalismo, com os países do norte extremamente miseráveis, e os do sul um pouquinho melhores. Poucos séculos mais tarde, o que vemos é uma Europa na dianteira do mundo, com os estados do norte bastante desenvolvidos, e os do sul relativamente atrasados. Um bom observador notaria que os países do norte foram precisamente os que aderiram à Reforma, e os do sul os que a rejeitaram.

[1680] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 248.

Notaria também que as colônias fundadas por esses países do norte se tornariam tão ou mais prósperas quanto eles, enquanto as colônias do sul se afundariam em mazelas sem fim, tornando-se ainda mais pobres que suas metrópoles. Logicamente, ao longo da história houve muitos «bons observadores» como Weber. Um grande economista francês, Octave Gélinier, se questionou sobre as razões do desenvolvimento econômico tardio da França.

Também ele se dizia chocado pelo contraste norte-sul dos países europeus no que tange ao nível de riqueza. Constatava que o sul da Europa era aquela região do continente que rejeitou a Reforma, ao passo em que o norte da Europa adotou a Reforma em seu âmago[1681]. De fato, "a França levava um século de atraso em relação à Inglaterra"[1682], enquanto "Espanha e Portugal estavam um século atrasados em relação à França"[1683].

Ainda hoje há aqueles que contestam o fato de que o protestantismo impulsionou a economia europeia, usando como argumento precisamente a França. Argumentam eles que a França era a maior economia da Europa até o século XVII, e como a França não era protestante, então Weber estava errado. O erro deles está no básico da economia: medir a riqueza dos cidadãos de um país através do produto interno bruto total, em vez de fazer isso pelo PIB *per capita.*

A França tinha a maior economia da Europa até o século XVII não porque seu povo era o mais rico, mas porque tinha de longe a maior população do continente. Por

[1681] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 79-80.
[1682] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 202.
[1683] ibid.

analogia, a China tem hoje o segundo maior PIB do mundo[1684] (atrás apenas dos Estados Unidos), mas é apenas o 77º em PIB *per capita* (consegue ser pior do que o Brasil)[1685]. Como a China pode estar tão à frente em PIB, mas tão atrás em PIB per capita? A razão é simples: enquanto o PIB se refere à soma de todos os bens de um país, o PIB per capita divide essa soma pela quantidade de habitantes.

Por isso países com uma população muito grande tem um PIB mais alto, mas isso não significa que as pessoas deste país estejam bem de vida. Pelo contrário: nenhum país do mundo tem mais miseráveis do que a China, assim como nenhum país da Europa tinha mais gente passando fome do que a França. É por isso que o parâmetro usado para medir a riqueza *dos cidadãos* é o PIB per capita, onde a França nunca esteve à frente de países protestantes como Holanda e Inglaterra.

Erro semelhante ocorre quando alguém confunde *produção* com *produtividade.* A França podia ter a mesma *produção* agrícola que a Inglaterra, mas a Inglaterra conseguia isso com muito menos gente trabalhando no campo, porque tinha uma *produtividade* muito maior, como explica Wood:

> Alguns historiadores puseram em dúvida a ideia mesma de capitalismo agrário, sugerindo que a "produtividade" da agricultura francesa era mais ou menos a mesma que a inglesa no século XVIII. Mas o que eles realmente querem dizer é que a produção agrícola total nos dois países era mais ou menos a mesma. O que eles

[1684] De acordo com os dados mais recentes do FMI (2015), do Banco Mundial (2014) e das Nações Unidas (2014).
[1685] Na lista do Banco Mundial (2014). Na do FMI (2015), a China aparece em 72º, e na das Nações Unidas (2014) consta em 83º.

desconsideram é que num país este nível de produção era atingido por uma população majoritariamente composta de camponeses, enquanto no outro país a mesma produção global era atingida por uma força de trabalho muito inferior, numa população rural declinante. Em outras palavras, a questão aqui não é produção total, mas produtividade, no sentido de produção por unidade de trabalho. O fato demográfico sozinho explica muito. Entre 1500 e 1700, a Inglaterra teve um crescimento substancial de população – como outros países europeus.

Mas o crescimento da população na Inglaterra foi diferente num aspecto essencial: a porcentagem da população urbana mais que dobrou neste período (alguns historiadores consideram que era de um pouco menos de 25% já no final do século XVII). O contraste com a França é flagrante: lá, a população rural permaneceu estável, em torno de 85 a 90% no tempo da Revolução, em 1789, e depois. Por volta de 1850, quando a população urbana da Inglaterra e do país de Gales era de mais ou menos 40,8%, a da França era ainda de 14,4% (e da Alemanha 10,8%). A agricultura na Inglaterra, já no início da Época Moderna, era produtiva o bastante para sustentar um número excepcional de pessoas não mais engajadas na produção agrícola.

Este fato, obviamente, revela mais do que a eficiência das técnicas agrícolas. Ele também indica uma revolução nas relações sociais de apropriação. Enquanto a França permanecia um país de camponeses proprietários, a terra na Inglaterra estava concentrada em muito menos mãos e a massa dos sem-propriedade estava crescendo

> rapidamente. Enquanto a produção agrícola na França ainda seguia as práticas camponesas tradicionais (nada parecido com a literatura inglesa sobre "melhoramentos" existia na França, e a aldeia comunitária ainda impunha suas regulações e restrições na produção, afetando até mesmos grandes proprietários), os fazendeiros ingleses estavam respondendo aos imperativos da competição e dos melhoramentos.[1686]

Vale ressaltar que, como vimos no capítulo 4, a iniciativa empreendedora na França dos séculos XVI e XVII devia-se principalmente à minoria protestante[1687], que até a revogação do Édito de Nantes (1685) era uma minoria expressiva no país. Foi após sua expulsão por Luís XIV que a economia francesa entrou em colapso, definhando de pouco em pouco até resultar, um século depois, na Revolução Francesa (1789). Como o historiador católico Paul Johnson reconhece,

> a questão foi observada já em 1804, por Charles de Viller, em seu *Essai sur l'espirit ET l'influence de la réformation de Luther.* No século XIX, tornou-se lugar-comum vincular o sucesso econômico e a industrialização ao credo protestante, especialmente quando se observa que, nos países católicos como França, Bélgica e Áustria, **a iniciativa empreendedora era tomada pelos membros da minoria protestante**.[1688]

[1686] WOOD, Ellen M. *As origens agrárias do capitalismo*. São Paulo, v. 1, n. 10, 2000, p. 19.
[1687] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 325.
[1688] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001, p. 382.

O próprio autor tem uma explicação para o atraso dos países católicos, que só aderiram de fato ao capitalismo em pleno século XX. Ele relaciona esse atraso ao excesso de clericalismo católico, notadamente forte nos séculos passados, que se interpunha à liberdade econômica:

> O capitalista beneficiava-se da observância dos Dez Mandamentos; contudo, considera uma sociedade dominada por uma Igreja institucional dispendiosa e arrogante um ambiente hostil. Em seu aspecto religioso, constituía um recolhimento do Cristianismo público para o privado. Era um movimento favorável ao livre-arbítrio e à liberdade individual e contrário à obediência coletiva. A força do clericalismo variava muito nos países protestantes, mas em nenhum deles era tão forte quanto nos católicos. Daí ter sido nas sociedades protestantes que o capitalismo primeiro arraigou-se com força. Porém, com o declínio do poder institucional da Igreja Católica, no século XX, o capitalismo disseminou-se para os estados outrora clericalistas.[1689]

Por isso, como observa Alister McGrath, até nas nações mais notadamente católicas o empreendedorismo recaía à minoria protestante:

> Uma das diferenças mais visíveis entre protestantes e católicos na Europa do início do século XVII era a marcante superioridade econômica do primeiro sobre o segundo. Por exemplo, considere Flandres, dilacerada na segunda metade do século XVI pela revolta

[1689] ibid.

> protestante e pela reconquista católica com os espanhóis. Por boa parte dos duzentos anos seguintes, a zona protestante estava alvoroçada e próspera, e a área católica estava deprimida e improdutiva. Até mesmo nas nações robustamente católicas, como França e Áustria, o empreendedorismo econômico devia-se principalmente aos calvinistas. Na metade do século XVII, o capitalismo e o calvinismo tinham praticamente o mesmo tempo de vida.[1690]

O mesmo não se podia dizer das minorias católicas em países protestantes, as quais, como Weber sublinha, permaneciam economicamente inertes, espelhando o *modus operandi* dos países em que dominavam:

> Mas, com os católicos na Alemanha, nada vemos de semelhante efeito, ou pelo menos nada que salte à vista, e mesmo no passado [ao contrário dos protestantes] não conheceram eles nenhum desenvolvimento econômico particularmente saliente nos tempos em que foram perseguidos ou apenas tolerados, nem na Holanda nem na Inglaterra. Resta, isso sim, o fato de que os protestantes (em particular certas correntes internas, que mais adiante serão tratadas especificamente), seja como camada dominante ou dominada, seja como maioria ou minoria, mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico que não pôde e não pode ser igualmente observada entre os católicos, nem numa nem noutra situação. A razão desse comportamento distinto deve pois ser procurada

[1690] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 325.

> principalmente na peculiaridade intrínseca e duradoura de cada confissão religiosa, e *não* [somente] na [respectiva] situação exterior histórico-política.[1691]

Isso ajuda a explicar por que Espanha e Portugal eram atrasados até mesmo em comparação a outros países católicos: neles não havia nem mesmo uma minoria protestante. O protestantismo era classificado como "heresia" e punido a fogo e ferro, nas prisões e nas fogueiras da Santa Inquisição. Por isso, o mesmo atraso que se viu na França do século XVIII se viu na Espanha e em Portugal por muito mais tempo, apesar de toda a exploração colonial.

É notável observar que os países católicos mais prósperos – ou menos pobres, dependendo da perspectiva – sejam justamente aqueles onde havia uma minoria protestante expressiva, onde a Igreja Romana não conseguia impor a uniformidade e o autoritarismo religioso que tanto desejava (e que conseguiu com os ibéricos). O exemplo mais óbvio é o da Bélgica, que se destaca em todos os índices econômicos como o país católico mais próspero da Europa desde a época da Reforma.

Nesse tempo, a Bélgica formava com a Holanda um país só, conhecido pelo nome de «Países Baixos» (termo atualmente usado para se referir especificamente à Holanda). Mesmo após a independência holandesa, os dois mantiveram laços muito próximos, e da mesma forma que a Reforma alcançou a Holanda, ela também fez muito sucesso na Bélgica. Embora as autoridades belgas permanecessem

[1691] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 33-34.

católicas, "o povo abraçava o calvinismo"[1692], razão pela qual a Bélgica teve muito mais «espírito do capitalismo» do que países robustamente católicos (como Espanha, Portugal, Itália e Polônia, assim como a França de Luís XIV à Luís XVI).

Isso explica o elevado índice de renda per capita na Bélgica, o único país católico com índices comparáveis aos dos países protestantes. Se por um lado a Bélgica não tinha uma economia tão sólida como a da vizinha Holanda, por outro lado estava muito à frente de qualquer país católico afundado no espírito fanático e reacionário da Contrarreforma.

A Bélgica não tinha Inquisição, e lá havia muito mais flexibilidade em relação a outras confissões religiosas quando comparamos aos outros países católicos. O contato próximo com os holandeses (hábeis comerciantes capitalistas) lhes rendeu uma minoria protestante influente e uma mentalidade consideravelmente mais esclarecida em relação aos seus pares católicos.

Portanto, uma análise nos dados de renda por capita não apenas nos mostram a hegemonia dos países protestantes sobre os países católicos, como também nos mostram uma hegemonia dos países católicos mais abertos (como a Bélgica e a França anterior à expulsão dos huguenotes e posterior à Revolução[1693]) sobre os países católicos mais fechados (como Espanha, Portugal e Itália, onde a mera presença de protestantes era proibida sob pena de morte).

[1692] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 89.
[1693] Quando os protestantes foram novamente tolerados.

Não é por acaso que após a expulsão dos huguenotes a França tenha caído numa crise de um século até a Revolução, nem por coincidência que os países cuja presença de protestantes era nula tenham passado pela mesma crise por muito mais tempo. Tanto nos países protestantes como nos católicos, quem sustentava a economia eram protestantes e judeus: onde eles não existiam, a economia se fazia inteiramente dependente do ouro colonial para não cair num marasmo completo.

Outro argumento falso que constantemente vemos sendo utilizado por leigos em economia e que é facilmente refutável pela análise dos índices econômicos é o mito de que a prosperidade de um país está relacionada ao seu nível de produtividade agrícola. Com base neste pressuposto, muitos governos desmataram tudo o que puderam (ou querem desmatar tudo o que sobrou) para cultivar o máximo de terra possível, como se desse jeito fossem se tornar grandes potências econômicas.

No entanto, como já abordamos, a terra e o clima da América do Sul são muito mais propícios para a agricultura do que a terra e o clima da América do Norte, e mesmo assim a América do Norte é muito mais desenvolvida que a do Sul. Além disso, numerosos países pequenos com pouquíssimo espaço para a agricultura, como é o caso do Japão (que além de tudo ainda precisa lidar com terremotos e tsunamis), conseguiram ser muito mais ricos do que o Brasil, apenas empreendendo e investindo na indústria.

Se a agricultura bastasse para fazer um país prosperar, a Europa feudal seria um paraíso na terra, mas parece que este não era o caso.

Outro argumento muitas vezes dado por aqueles que negam o papel decisivo da Reforma no capitalismo (e por consequência na economia global) é o exposto por Gladstone[1694], que escreve:

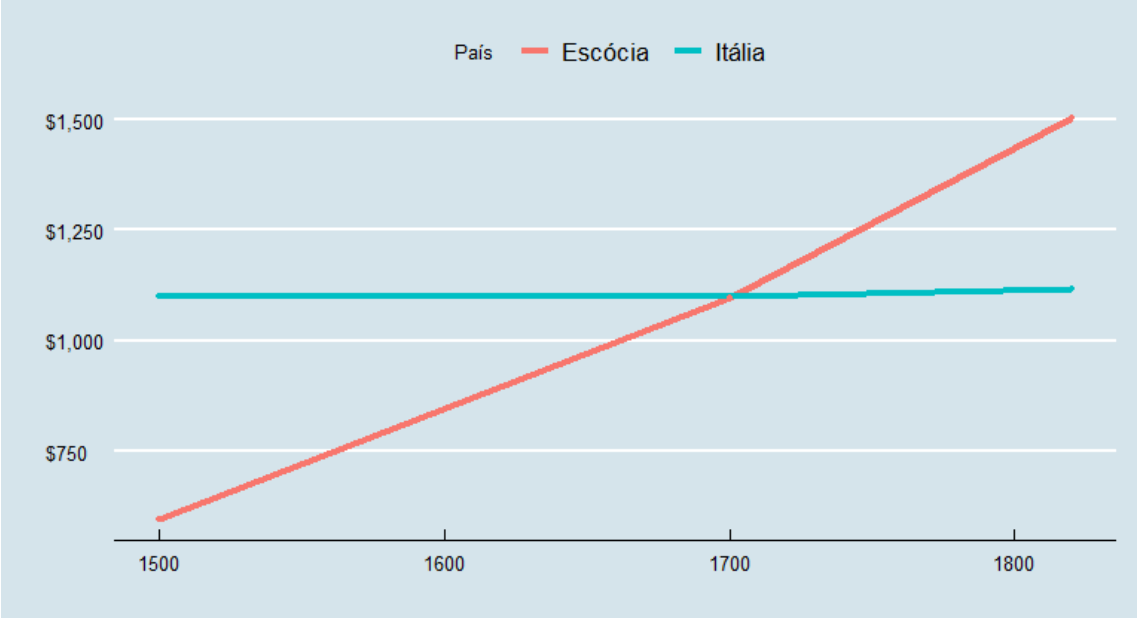
> O protestantismo emergiu em princípios do século XVI, e o seu ramo calvinista enraizou-se com mais força em Genebra (Suíça), na Escócia e nos Países Baixos. Porém, durante o século XVI, os polos criativos e econômicos da Europa eram as cidades católicas da Itália renascentista, e os líderes das viagens de exploração e do comércio mundial eram Portugal e a Espanha católicos. A maioria das nações protestantes – incluindo a Suíça, a Escócia, Brandenburgo-Prússia, a Suécia, a Dinamarca e a Inglaterra – não teve grandes avanços econômicos no século XVI, enquanto as nações católicas levaram à conquista do Novo Mundo e à abertura do comércio marítimo com a Índia, China e África.[1695]

Há dois erros fundamentais neste argumento. O primeiro é tomar como referência apenas o século XVI, como se todos os efeitos da Reforma tivessem que se manifestar imediatamente e apresentar resultados instantâneos que mudassem completamente a situação de um país. Mas como qualquer economista sabe, não se muda completamente a economia de um país da noite pro dia – pelo menos não para melhor.

[1694] O autor não nega que o protestantismo contribuiu em alguma medida para o capitalismo, mas acredita que a "tese weberiana" é exagerada.
[1695] GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 75.

Embora um regime desastroso como o de Maduro na Venezuela e de Fidel em Cuba possam ser capazes de destruir uma economia em poucos anos, ninguém consegue fazer o contrário tão rápido. Você não compensa séculos de atraso senão com séculos de prosperidade.

Peguemos como exemplo o caso da Escócia e da Itália, citados por Goldstone. O autor observa que no século XVI a Itália permaneceu mais rica que a Escócia, o que é verdade. O que ele não diz é que a partir da Reforma, no século XVI, a Escócia começou a crescer como nunca antes, a ponto de ultrapassar a Itália estacionária em poucos séculos, como vimos no gráfico de Maddison:



Enquanto Goldstone olha para um gráfico como este e conclui superficialmente que "a Itália era mais rica que a Escócia no século XVI", um estudioso mais atento (como Weber) constata que houve uma ruptura no padrão de ambos os países: enquanto a Itália não conseguia fazer crescer sua riqueza, a Escócia foi crescendo cada vez

mais, até ultrapassá-la com sobras. E embora este processo não tenha se *consumado* no século XVI, ele se *iniciou* ali.

O mesmo podemos notar ao observar o gráfico de todos os outros países protestantes, na comparação com os países católicos. Algo ocorreu que mudou um e não mudou o outro, e a única explicação razoável é a Reforma. Guerras, fatores climáticos, populacionais e geopolíticos explicam por que os países protestantes eram os mais atrasados em 1517; a Reforma explica por que eles *deixaram* essa condição para assumir a hegemonia continental.

O outro erro fundamental da análise de Goldstone é tomar como referência a descoberta do Novo Mundo por países católicos. Primeiro porque isso aconteceu por acaso: Colombo queria chegar nas Índias Orientais, tanto é que até hoje chamamos os nativos daqui de "índios". E aconteceu mais *apesar* da Coroa e da Igreja do que *por causa* deles. A Colombo concederam apenas três caravelas, o que ele conseguiu após muita oposição e resistência.

Colombo morreu traído pela Coroa, que se recusou a pagar 10% de todos os proveitos obtidos nos territórios descobertos, tal como estipulado nas capitulações de Santa Fé, e seus herdeiros a processaram em vão. Só depois que descobriram o ouro é que houve um interesse real pelos novos territórios. Goldstone ignora ainda que essa descoberta se deu em 1492, quando não existia ainda nenhum "país protestante" para se comparar.

Naquela época, todos os países da Europa eram formalmente católicos; portanto, usar o descobrimento como um argumento em favor de uma supremacia católica

na comparação com os países protestantes é um anacronismo amador. Por razões óbvias, os dois precisam ser comparados a partir de princípios do século XVI, não antes disso. E alguns países, como a Inglaterra, só adotaram a Reforma mais tarde ainda.

Como vimos no volume anterior, o protestantismo se consolidou ali apenas no reinado de Isabel (1558-1603), ou seja, somente na segunda metade do século XVI, que coincide com a «era de ouro» inglesa, quando a Inglaterra passa a constar entre as principais potências continentais. Se os países católicos devem ser comparados com alguém antes do século XVI não é com os protestantes, mas com os países orientais fora do eixo europeu.

E o próprio autor reconhece que antes do século XVI a Europa era mais atrasada que a Ásia[1696], o que prova que não existe supremacia católica nem na comparação com o protestantismo do século XVI em diante, nem com as demais religiões anteriores ao século XVI. O que precisamos entender é que a dinâmica econômica até o século XV é totalmente diferente da que se estabeleceu no século XVI em diante.

Basicamente, até o século XV "ganhava" quem comercializava mais e conquistava mais territórios. Por isso, Itália, Espanha e Portugal estavam relativamente "bem" no início do século XVI (i.e, quando comparados aos outros países católicos do mesmo período, embora fossem miseravelmente pobres se colocados diante de uma perspectiva moderna). Do século da Reforma em diante, a economia cada vez mais

[1696] ibid, p. 17.

começa a ser pautada por um viés capitalista; isto é: ganha quem empreende mais, quem inova mais, quem se moderniza mais, quem favorece os negócios e se industrializa mais cedo.

O problema é que os países católicos não se adaptaram a essa dinâmica capitalista. Eles foram resistentes às mudanças – verdadeiros *reacionários,* no sentido próprio do termo – e preferiram se manter o quanto possível na velha lógica do feudalismo, com o mínimo de movimentação econômica, com políticas estatizantes e com uma inesgotável burocracia. Os protestantes, ao contrário, abraçaram a lógica capitalista desde o início, uma vez que ela não contrariava seus princípios éticos.

Isso rendeu aos países protestantes um rápido desenvolvimento, e aos países católicos o crescimento lento característico a um sistema feudal, que sobrevive de subsistência. É como se a corrida até o final do século XV fosse de bicicleta: quem pedalava mais rápido chegava mais longe. A partir de então, uns fabricam carros e chegam mais longe em bem menos tempo, e outros insistem nas velhas bicicletas de sempre e se veem ultrapassados em algum momento, mais cedo ou mais tarde.

Como vimos no capítulo 1, o capitalismo deu ao mundo uma prosperidade econômica em níveis infinitamente maiores que qualquer período anterior da história da humanidade, porque em um momento ou outro quase todos os países do mundo se tornaram capitalistas em alguma medida. Mas aqueles que o adotaram mais cedo se sobressaíram sobre os que demoraram a adotar o novo sistema ou o adotaram timidamente – especialmente aqueles inchados de dogmatismo, reacionários a qualquer mudança e avessos ao mundo moderno.

Um exemplo dos mais notáveis neste aspecto é a Coreia do Sul. Embora o país não seja de tradição protestante histórica, ele foi fortemente influenciado pela ética protestante na segunda metade do século XX. Em 1901, apenas 1% dos coreanos eram cristãos, mas uma série de movimentos pentecostais independentes conhecido como o Avivamento de Pyongyang (1907) começou a propagar o Cristianismo protestante na Coreia[1697].

Não obstante, não foi senão após a Segunda Guerra Mundial que a fé evangélica se espalhou em definitivo, conquistando uma vasta quantidade de fiéis no país, que se dividiu entre Coreia do Sul e do Norte em 1948. E se no Norte o Cristianismo passou a ser proibido pelo governo comunista totalitário, o Sul passou pelo processo inverso, como conta McGrath:

> Depois da Segunda Guerra Mundial, a Coreia dividiu-se em Coreia do Norte, comunista, e Coreia do Sul, democrática, em consequência da Guerra da Coreia iniciada em 25 de junho de 1950. O grande envolvimento das agências missionárias cristãs nos programas de auxílio que se seguiram ao fim da guerra foi um poderoso estímulo para o desenvolvimento do Cristianismo, desenvolvimento esse que foi catalisado ainda mais pelos programas de ação social das igrejas coreanas durante a década de 1960. O crescimento continuou sem pausa, especialmente no protestantismo coreano. Em 1957, havia cerca de 800 mil protestantes na Coreia do Sul. Esse número tinha

[1697] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 441.

> mais que dobrado em 1968 (1,87 milhão) e decolou ainda mais por volta de 1978 (5,29 milhões).[1698]

Atualmente, cerca de 20% dos sul-coreanos são protestantes[1699]. A Coreia do Sul tem inclusive a maior igreja evangélica do mundo, a Igreja do Evangelho Pleno, uma igreja pentecostal em Seul que conta com um milhão de membros, que ali frequentam todos os domingos em oito cultos diferentes. McGrath escreve sobre o impacto da fé evangélica neste país:

> Hoje, a Coreia do Sul envia missionários cristãos para nações de toda a Ásia e cada vez mais para as grandes diásporas coreanas em importantes cidades ocidentais, de Sydney a Los Angeles, de Melbourne a Nova York. Esses missionários, agora, estão intimamente ligados com a rede de igrejas que cada vez mais servem como ponto focal para a ação da comunidade, apoio mútuo e alimento espiritual. Em 1979, as igrejas coreanas enviaram 93 missionários para o estrangeiro. Em 1990, esse número cresceu para 1.645; em 2000, o número atingiu 8.103 missionários. A Coreia do Sul, hoje, abriga algumas das maiores igrejas protestantes do mundo. (...) A Coreia do Sul é um exemplo de uma nação essencialmente budista que passou a ter predominância protestante.[1700]

O que essa transformação na vida religiosa do país significou em termos econômicos? Em 1950, a Coreia do Sul tinha um PIB per capita abaixo da média dos

[1698] ibid, p. 442.
[1699] Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/paises/coreia_do_sul>. Acesso em: 25/09/2019.
[1700] McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012, p. 442-443.

países asiáticos. Era um país pobre, cujo PIB per capita era pior que o do Brasil (o Brasil tinha 1.549 nos índices de Roser, frente a 1.122 dos sul-coreanos). O que aconteceu desde então? Basta dizer que hoje a Coreia do Sul tem um PIB per capita que quase triplica o nosso[1701]. Compare a evolução dos sul-coreanos em comparação a países asiáticos que estavam à sua frente em 1950:

Ano	Coreia do Sul	Índia	Irã	Turquia	Indonésia
1950	1.122	1.417	2.568	1.912	1.175
1960	1.487	1.403	3.198	3.059	1.475
1970	2.568	1.234	6.153	4.837	1.356
1980	5.645	1.143	5.817	6.921	2.578
1990	12.646	1.283	5.129	10.029	3.179
2000	22.930	2.003	7.573	11.830	3.472
2016	36.151	5.961	15.529	18.784	10.511

Em 1950, a Coreia do Sul era mais pobre que Índia, Irã, Turquia e Indonésia. Pouco mais de meio século depois, os sul-coreanos já eram duas vezes mais ricos que os turcos e que os iranianos; três vezes mais ricos que os indonésios e seis vezes mais que os indianos. A Coreia do Sul tem hoje o 7º maior PIB per capita da Ásia (entre 50 países) e o 28º do mundo (entre 193 países)[1702]. Tem ainda o 4º maior IDH da Ásia e o 23º maior do mundo.

E isso sem os inumeráveis poços de petróleo que constituem a riqueza de quase todos os países asiáticos que estão à sua frente. Pela tabela, fica claro ainda que

[1701] 36.151 da Coreia do Sul, frente a 13.439 do Brasil.
[1702] De acordo com os dados mais recentes do FMI (2015) e do Banco Mundial (2014).

essa ascensão da economia sul-coreana se deu principalmente no período de maior expansão do protestantismo no país: as décadas de 60 e 70 em diante (quando o PIB per capita dobrava a cada década).

O sucesso sul-coreano não apenas é mais uma evidência da transformação que a ética protestante é capaz de proporcionar à vida econômica de um país, mas também é a prova de que a economia não se traduz por linhas simples de "exploradores vs explorados", como quer a historiografia marxista. A Coreia do Sul era um país asiático pobre em meados do século passado, mas conseguiu crescer tão rapidamente graças pura e simplesmente ao capitalismo colocado em prática sem obstrução, impulsionado pela ética protestante que influenciou o país no mesmo período de sua ascensão. Outros países bem mais hesitantes ao capitalismo cresceram, mas muito menos que os sul-coreanos.

Culpa-se muito os britânicos pela dominação da Índia (que durou de 1858 até 1947), mas em 1947 a Índia tinha uma economia acima da média asiática, e hoje (passados quase um século em que a Índia se viu livre da dominação britânica) ela está consideravelmente abaixo da média continental, porque voltou aos seus velhos hábitos, abandonando o pouco de capitalismo herdado pelos britânicos. Os indianos ganharam a independência, mas perderam em todo o resto.

Por sua vez, a Coreia do Sul não precisou se tornar "imperialista" e nem explorar outros países para formar sua riqueza. Ela conseguiu isso simplesmente aderindo ao mesmo capitalismo que fez dos Estados Unidos e do Reino Unido duas grandes potências. A história nos mostra que o imperialismo por si só não faz de país nenhum uma potência, caso contrário Espanha e Portugal não constariam entre os

países mais pobres da Europa durante todo o período em que mantiveram seu extenso império colonial.

A história também nos mostra que a independência por si só também não faz de país nenhum uma potência, e que a ausência de colônias também não é um empecilho à prosperidade. Colocado de modo simples, a prosperidade se dá na medida em que um governo estimula o capitalismo, em vez de se esforçar em restringi-lo ao máximo – como sempre ocorreu aqui. Neste sentido, a ética protestante desempenha um papel fundamental, pois os protestantes nunca tiveram problema com o capitalismo, como o tinham (ou tem) católicos, ortodoxos, hindus, muçulmanos e etc.

Em outras palavras, quanto maior era a influência protestante numa localidade, maior também tendia a ser a liberdade econômica, e menor os entraves ao capitalismo. Isso resultou em riqueza, não apenas para os donos de fábricas e banqueiros, mas para toda a sociedade numa medida maior ou menor. Como Pirenne corretamente destaca, "resulta de todo impossível negar o paralelismo que existiu entre o desenvolvimento da história da Reforma e a evolução da história econômica e política"[1703].

O pensador francês Alain Peyrefitte (1925-1999), que Olavo de Carvalho chamou de «um dos homens mais inteligentes do mundo»[1704] e a quem teve a honra de

[1703] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 39.
[1704] CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *Olavo de Carvalho entrevista Alain Peyrefitte*. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/olavo-de-carvalho-entrevista-alain-peyrefitte>. Acesso em: 26/09/2019.

entrevistar em 1998, reconhecia que nos países católicos, sobretudo após a Contrarreforma, "contata-se a submissão a uma autoridade hierárquica, a desconfiança com relação aos indivíduos e aos grupos, uma organização hostil à autonomia e à inovação e o preconceito antieconômico"[1705], enquanto nos países reformados

> constata-se a ruptura com toda tutela de direito divino, a confiança conferida aos indivíduos e aos grupos, o gosto pela pesquisa científica e pela técnica, o entusiasmo dedicado à iniciativa, a mentalidade econômica.[1706]

Para Peyrefitte, a Reforma "elimina pouco a pouco a autoridade cesariana, liberando a energia emancipadora"[1707], ao passo em que

> a Contrarreforma esmaga a virtualidade emancipadora e reforça a tendência opressora. Os países protestantes apropriaram-se da lição de Erasmo, evoluíram para a tolerância e o policentrismo. Os países católicos, em sua obsessão unitária, perseguiram o pluralismo e construíram o monocentrismo. Disso resultou, aqui, uma caminhada caótica, lá, uma marcha rápida para a democracia; aqui, a rotina, lá, a inovação; aqui, a economia menosprezada, lá, a economia exaltada.[1708]

[1705] PEYREFITTE, Alain. *Le Mal Français*. Paris: Plon 1976, p. 162.
[1706] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 80.
[1707] PEYREFITTE apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 18.
[1708] ibid.

A principal obra onde Peyrefitte expõe seu pensamento sobre as causas do desenvolvimento ocidental é *A Sociedade de Confiança,* que reforça como um ambiente de confiança era determinante no sucesso ou insucesso econômico de uma sociedade. Enquanto os países protestantes eram definidos como "sociedades de confiança", onde o comércio era valorizado e os negócios prosperavam, as nações católicas eram assoladas por um espírito de desconfiança e hostilidade a tudo o que envolvia o *ethos* capitalista.

O economista Tiago Barreira resumiu a obra de Peyrefitte em um artigo publicado pela Revista MISES:

> Peyrefitte foi um importante homem erudito que se destacou na política e cultura francesa. Político da direita gaullista, ministro da cultura; membro da Academia Francesa; diplomata e intelectual ensaísta. Embora muito pouco conhecido fora do mundo de língua francesa, fora autor de vários livros e ensaios sobre economia, sociologia e história, tratando principalmente de temas relacionados à visão intervencionista francesa sobre o Estado. Em sua obra principal, *A Sociedade de Confiança,* publicada originalmente em 1995 e editada no Brasil em 1999, desenvolve um estudo histórico e sociológico exaustivo da ética de livre iniciativa e das origens do espírito empreendedor na economia moderna. Nessa obra, Peyrefitte expõe o papel da confiança enquanto fator fundamental no desenvolvimento e atraso econômico de países. Peyrefitte separa dois tipos de sociedade na história: Sociedades de Desconfiança e Sociedades de Confiança.

A Sociedade de Desconfiança é definida como uma sociedade de conflito; é presente nela o clima de constante insegurança entre seus membros, cuja ordem é garantida pela sujeição de todos a uma autoridade externa despótica. Todas as interações voluntárias em uma sociedade são vistas sob o prisma de medo e passividade, tendendo a serem malvistas e desestimuladas. O comércio é visto como logro e trapaça: trocas nada mais seriam do que um jogo de soma zero, no qual se um ganha o outro é necessariamente visto como perdedor. Sociedades de desconfiança tendem a apresentar estados altamente intervencionistas sobre os cidadãos, e sustentando uma burocracia hipertrofiada e ineficiente. Em paralelo, possuem uma sociedade mergulhada em um círculo vicioso de estagnação cultural, social e econômica.

O segundo tipo, a Sociedade de Confiança, é caracterizada como uma sociedade cooperativa. Interações voluntárias são estimuladas socialmente, resultando em uma sociedade civil vibrante e dinâmica. Trocas voluntárias são tratadas como um elemento de ganho mútuo, ao passo que inovação e concorrência são não somente aceitos como também um fator de dignificação moral. No lugar da passividade, a liberdade de consciência. A Sociedade de Confiança é marcada por indivíduos ativos e seguros de si, associada ao baixo grau de arbítrio estatal. Inúmeros dados apresentados ao longo do livro servem de ilustração a essas diferenças.

Sociedades definidas por Peyrefitte como historicamente promotoras da confiança, como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Israel, Austrália e Hong Kong, apresentam melhor performance nos indicadores de liberdade econômica e de negócios. O mesmo grupo de países também lidera os rankings de transparência institucional, com baixos índices de corrupção. Também possuem uma menor dependência da economia ao Estado, com um setor financeiro menos dependente de financiamentos públicos e mais de empréstimos privados. Outro dado interessante é que tendem a apresentar uma postura mais favorável à competição, entre elas a esportiva, se destacando no ranking de medalhas olímpicas, e sendo pioneiras na fundação de associações esportivas. Uma prática esportiva mais enraizada culturalmente demonstra a atitude valorizadora de tais países com o espírito de competição e o respeito às regras do jogo.

Para Peyrefitte, os países que integram a Sociedade de Confiança são os mesmos que experimentaram historicamente uma libertação de amarras e entraves morais e institucionais que limitavam a livre iniciativa e o empreendedorismo. Em consequência tendem a obter maior prosperidade econômica no longo prazo. É a conduta ética (também chamada de "ethos") de uma sociedade que define as disparidades econômicas entre nações. O *ethos* da confiança exerce não só uma influência direta, ao fomentar um ambiente cultural de estímulo ao desenvolvimento, mas também indireta, enquanto propulsora de todas as demais variáveis explicativas do desenvolvimento econômico analisadas por economistas *mainstream* contemporâneos, como poupança, educação e instituições.

Um ambiente onde impera a confiança entre os contratos e ações individuais termina por estimular a escolarização e poupança. No longo prazo, isso implica em maior acumulação de capital humano e físico, e maior crescimento. Também torna a sociedade demandante de instituições mais sólidas e transparentes, que punam com eficácia indivíduos que violem o estado de direito e os direitos de propriedade. O caso das revoluções inglesas é emblemático nesse sentido, com uma crescente submissão da Coroa à prestação de contas à sociedade, representada pelo Parlamento. A valorização de um *ethos* centrado na confiança seria, portanto, a fonte de todo crescimento.

No decorrer da obra, Peyrefitte analisa as origens históricas e os fatores que motivaram o aparecimento do *ethos* de confiança na modernidade. Menciona como uma das origens históricas a Reforma Protestante no século XVI, que teria garantido a autonomia de consciência das massas com a livre interpretação das Escrituras, e trazendo como consequência um impulso à alfabetização nos países que a adotaram. Por outro lado, como fatores que reprimiram o *ethos,* Peyrefitte contrasta o espírito da Contrarreforma no catolicismo latino – doutrina religiosa que privilegiava a obediência à hierarquia eclesiástica e via com desconfiança a autonomia individual. Ambas as teologias cristãs adotavam posturas divergentes em relação ao dinheiro.

Para Peyrefitte, enquanto a teologia católica medieval mantinha uma postura cética e restritiva da atividade comercial, a mentalidade

protestante a tolerava e favorecia. Os juros decorrentes da atividade bancária eram tidos como legítimos, enquanto frutificação dos dons naturais do indivíduo conferidos por Deus. A teologia calvinista estaria fundada na confiança irrestrita do indivíduo, que possuído pela graça divina e talentos naturais conferidos pelo Criador, possui uma consciência livre para agir, trabalhar e produzir. Tais divergências teológicas mudariam para sempre o destino dos países europeus, então unificados culturalmente pelo catolicismo medieval.

Com a Reforma Protestante de Martinho Lutero e João Calvino, no século XVI, observa-se o limiar da divergência, o progressivo distanciamento econômico dos países do norte (Holanda, Inglaterra e Suíça) em relação aos do sul (Portugal, Espanha, Itália). Peyrefitte compara a mentalidade predominante dos dois grupos de países e observa o quanto o primeiro valorizava trocas comerciais e exaltava a autonomia individual presente na figura do comerciante. Enquanto em países contrarreformistas predominava um rígido código de diferenciação social em estamentos de classe, associadas a noções de linhagem hereditária, nos países protestantes (como Holanda e Suíça) já se começava a observar uma valorização das elites ao trabalho e lucro, com maior integração entre as classes burguesas e aristocráticas.

(...)

Na obra *A Sociedade de Confiança,* é possível notar claramente como o desenvolvimento econômico não depende unicamente de fatores determinísticos e condicionantes da ação humana, como acumulação de capital, anos de estudo. Produção e riqueza são produtos do fator

> mental e cultural, e este está sujeito à vontade e decisões unicamente humanas. O livro conclui que a origem do desenvolvimento está nas disposições de comportamento e atitudes internas que tornem o homem aberto a inovar, agir, empreender e produzir, sem que se sinta inibido por retaliações ou hostilidades sociais.[1709]

O que Peyrefitte defende pode ser resumido de modo simples e prático: um investidor prefere aplicar seu dinheiro em um lugar seguro onde as casas não tem muros e as pessoas podem dormir sem medo, do que em um com 70 mil homicídios por ano. O simples fato de nossas casas *precisarem* ser muradas, como se fossem pequenas "fortalezas", é um sintoma da falta de confiança no próximo (uma falta de confiança tão justificável pelos números que nós achamos isso normal, a ponto de pensarmos que os "estranhos" são eles que não precisam de muros).

Nenhuma sociedade vivia num clima de mais insegurança do que a medieval, que se fechava em seus castelos e altos muros. Com o passar do tempo, a confiança foi aumentando, e os muros diminuindo. Curiosamente, as casas no Brasil têm um histórico de invasões muito maior do que nos Estados Unidos, embora as daqui sejam muradas, e as de lá não. O que nós tentamos evitar com muros eles previnem com a ética protestante, que atua como um "muro" invisível que funciona muito melhor que um muro de tijolo ou pedra.

Quando há uma relação de confiança na comunidade, quando a sociedade é integrada e cada pessoa tem motivos para confiar no próximo, os muros são

[1709] BARREIRA, Tiago Cabral. "A Sociedade de Confiança: Ensaio sobre a Origem e a Natureza do Desenvolvimento". *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*. v. 3, n. 2 (Edição 6), jul/dez. 2015, p. 603-606.

desnecessários, pois só construímos muros contra inimigos e invasores. Como já discorri, em São Paulo há dez vezes mais policiais do que em Los Angeles e mais policiais do que no Canadá inteiro, mas mesmo assim São Paulo é muito mais perigoso do que Los Angeles ou qualquer cidade do Canadá.

Quanto maior é o nível de confiança da sociedade nela mesma e quanto mais os princípios da ética cristã estão impregnados nessa sociedade, menor é a *necessidade* de forças policiais. Em contraste, quando a sociedade não está estabelecida em bases sólidas, não há aumento de efetivo policial que dê conta (embora não há nada mais que se possa fazer de imediato). É a isso que me refiro quando digo que as sociedades católicas são fracas, e as protestantes sólidas: não se trata apenas de números, mas de confiança e reciprocidade.

Enquanto uma sociedade é regida pelo princípio de não fazer ao outro o mal que não gostaria que lhe fizessem, a outra espera a primeira oportunidade de tirar vantagem sobre o próximo – o velho (e nada bom) "jeitinho brasileiro", que não é nada a mais que a velha e conhecida trapaça de onde vem toda a corrupção[1710]. A sociedade é apenas o reflexo de sua cultura; sem mudar a cultura, não devemos esperar qualquer mudança significativa na sociedade.

O economista liberal clássico francês Jérôme-Adolphe Blanqui (1798-1854) já observava essa clara discrepância em sua época, reconhecendo o valor da ética protestante nos «hábitos regulares» mais condizentes com a mentalidade capitalista que conduz à prosperidade econômica e à estabilidade política:

[1710] Confira alguns estudos de caso muito interessantes em: NERDOLOGIA. *O Jeitinho Brasileiro.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CM9xBCj7h5Q>. Acesso em: 10/12/2019.

> Em todas as partes em que o protestantismo está estabelecido, as populações tem contraído hábitos regulares, costumes mais austeros, maior propensão ao trabalho. (...) Comparem Holanda e Portugal, Inglaterra e Espanha, a Alemanha luterana e a católica. Os Estados Unidos chegaram ao mais alto grau de prosperidade, mas as repúblicas da América do Sul não puderam ainda estabelecer um governo estável.[1711]

McGrath considera essa verdade tão clarividente que "outros inúmeros exemplos podem ser fornecidos: entre a Europa setentrional e meridional, entre o norte e o sul da Irlanda, ou entre as duas Américas. Onde floresceu o calvinismo, floresceu também o capitalismo... a demonstrável afinidade entre o calvinismo e o capitalismo funciona como uma premissa na análise de Weber, em vez de uma conclusão. É algo que necessita ser explicado, em vez de demonstrado"[1712].

Tanto na América como na Europa, "o espírito criador e o trabalho assíduo dos reformados conduziram suas sociedades a rápido desenvolvimento econômico"[1713]. Antes de se tornar o guru da direita católica, até mesmo Olavo de Carvalho reconhecia o caráter parasitário e burocrático do papado, que se esforçou como pôde em obstruir o pouco de capitalismo que era permitido nos países católicos. Em um artigo de 2003, ele escreveu:

[1711] BLANQUI, Adolphe J. *Historia de la economía política en Europa.* Madrid: Imp. Nicolás Arias, 1839, p. 132.
[1712] McGRATH, Alister E. A Vida de João Calvino. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 268.
[1713] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 61.

> Desprovidos de uma autoridade central como a do papado, os grupos religiosos independentes encontraram na convivência igualitária, no livre comércio e na fidelidade aos mandamentos evangélicos, interpretados segundo a consciência de cada qual, os princípios de uma nova ordem social e econômica que floresceu no capitalismo moderno. Nos países católicos, inversa e complementarmente, a causa da paralisia econômica não foi a moral da Igreja, mas a centralização burocrática.
>
> O papado, assustado com a rebelião protestante, atormentado de suspeitas contra tudo e contra todos, e ao mesmo tempo fortalecido pela súbita ascensão das monarquias católicas que as navegações haviam enriquecido, fechou-se numa hierarquia rígida e numa reivindicação de poder absoluto, eliminando o que restava do pluralismo medieval e sufocando a iniciativa de auto-organização da sociedade. Seu exemplo não demorou a ser seguido pelas monarquias sob a sua influência, especialmente Portugal e Espanha. O sonho de Sto. Tomás, de uma sociedade cristã de homens livres, unidos tão-somente como membros do corpo místico de Cristo, acabou-se realizando entre os "infiéis" protestantes.[1714]

Dispensa dizer que o discurso rapidamente mudou quando o que estava em jogo não era mais a verdade histórica, mas o proselitismo barato, a propaganda ideológica e o charlatanismo puro.

[1714] CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *Cultura e desenvolvimento econômico.* Revista Leader (Porto Alegre), agosto de 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nXyBGs0l9Iqv9DYWMBF8LqAs8ogC9uhG/view?fbclid=IwAR2A0lZTI-CWX1H3IIf1TzuT_STEx3aKzgdi0YlSNcwuaWH5rPJili30TpQ>.

CAP. 7 – PROTESTANTISMO, CATOLICISMO E DEMOCRACIA LIBERAL

• O protestantismo e a democracia

Para falamos em democracia liberal, precisamos primeiro discorrer sobre a democracia, e depois sobre o liberalismo. Uma vez que o protestantismo foi diretamente responsável por ambos, é correto dizer que a democracia liberal é uma herança da Reforma Protestante. Sim, já havia o conceito de "democracia" desde os tempos da Grécia Antiga, que aliás é a responsável pela criação do termo. "Democracia" vem do grego *dēmokratía,* que é a junção de *demos* (povo) com *kratos* (poder) – ou seja, o "governo do povo".

O diferencial da democracia é que nela quem detém o poder (*kratos*) não é uma autoridade isolada, mas o povo (*demos*). Infelizmente, no entanto, o povo governava de fato muito pouco na Grécia. Mesmo em Atenas, essa "democracia" era muito limitada e restrita. A cidadania ateniense excluía mulheres, escravos, estrangeiros e homens com menos de vinte anos de idade, os quais estavam todos à margem do processo democrático.

Mesmo que alguém cumprisse todos esses requisitos, precisava ainda ser proprietário de terras, o que era um privilégio pra poucos. Por isso, estima-se que apenas 6% dos habitantes de Atenas participavam da "democracia" ateniense, que

era de fato o governo de uma elite oligárquica, não "do povo"[1715]. Ademais, na Grécia Antiga o termo era usado de forma depreciativa, uma vez que os principais intelectuais gregos, como Platão e Aristóteles, desprezavam a ideia de um governo do povo.

Para Aristóteles, por exemplo, o governo deveria ser aristocrático, isto é, exercido por filósofos nobres, no topo da pirâmide social e intelectual. A noção do povo comum decidindo os rumos da nação e escolhendo seus governantes era ridicularizada e tratada com escárnio. Foram necessários dois milênios para a ideia ser finalmente levada a sério e implementada, a começar pelos Estados Unidos.

Como nós já discorremos amplamente sobre a democracia americana no capítulo 5, resta-nos apenas reforçar que essa não foi uma atitude tomada por meia dúzia de mentes isoladas fora de um contexto histórico, mas um produto resultante da Reforma, que plantou as primeiras sementes da democracia moderna.

O primeiro passo dado nessa direção foi sustentar a "liberdade de consciência, que habilita cada homem a servir a Deus segundo sua própria convicção e os ditames de seu próprio coração"[1716]. Robert Beauvais, um «católico nostálgico»[1717], assegura que "as tendências individualistas e liberais do espírito democrático agitam o calvinismo desde a Reforma"[1718].

[1715] LAPE, Susan. *Reproducing Athens: Menander's Comedy, Democratic Culture, and the Hellenistic City*. Princeton: Princeton University Press, 2009, p. 4.
[1716] OMES, Antonio Máspoli de Araújo. *Ética Cristã, educação e responsabilidade social em Lutero e Calvino*. São Paulo: Arauco Editora, 2005, p. 33.
[1717] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 22.
[1718] BEAUVAIS, Robert. *Nous serons tous des protestants*. Paris: Plon, 1976, p. 90

Também católico e francês, Alain Peyrefitte identifica no sistema católico romano a permanência do modelo de sociedade hierárquico e autoritário, e no protestantismo a gênese da sociedade liberal e democrática. Enquanto o modelo papista se inspirava no cesarismo da Roma Antiga, o modelo anglo-saxão se devia "ao triunfo da Reforma e a seu desdobramento rumo à aquisição das liberdades humanas"[1719]. Biéler resume o pensamento de Peyrefitte quando diz que

> a herança de Roma induz uma estrutura mental, religiosa e sócio-política, centralizadora, hierárquica e autoritária que reduz a importância da personalidade e da iniciativa individual. Ao contrário, o "pensamento revolucionário" da Reforma, que foi uma verdadeira "revolução cultural", conduz a uma mentalidade e a uma sociedade de progresso e de imaginação criadora na liberdade. "A mensagem essencial do protestantismo é emancipadora"[1720], diz Peyrefitte.[1721]

Ainda na França, o economista católico Octave Gélinier dedicou vinte anos de estudos sobre técnicas de organização e gestão eficiente de empresa, e concluiu que

> quando se parte de tal experiência profissional, a leitura dos textos dos puritanos dos séculos XVII e XVIII reveste-se de surpreendente relevância: aí se encontram com extraordinária clareza todas as ideias básicas da moderna administração científica, ensinadas à guisa de

[1719] PEYREFITTE apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 18.
[1720] PEYREFITTE, Alain. *Le Mal Français*. Paris: Plon 1976, p. 174.
[1721] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 19.

> preceitos morais. Aí se encontram simultaneamente os postulados básicos da democracia.[1722]

Prosseguindo em sua análise, Gélinier escreve:

> Os puritanos rejeitaram em bloco como nefasta toda hierarquia social: os reis, os nobres, a autoridade administrativa, os bispos, e naturalmente o papa. Cada homem deve ser livre em suas escolhas e responsável por seu destino. A descentralização das decisões deve ser a mais ampla possível ao nível de cada homem, de cada empresa, de cada município.[1723]

Biéler corrobora a visão de Gélinier quando escreve:

> O princípio do sacerdócio universal estará na base da concepção democrática da Igreja, primeiro, e da cidade, depois, quando os protestantes terão dele apreendido todo o significado religioso e político. Essa perspectiva da plena responsabilidade de cada indivíduo, tanto no seu comportamento espiritual e moral quanto na sua função eclesiástica e cívica, revoluciona consideravelmente a antiga visão do catolicismo romano. Neste, a autoridade desce do alto para baixo até o fiel. É a hierarquia que detém um poder sagrado e que dita a cada indivíduo como deve compreender a verdade do evangelho e qual deve ser consequentemente seu comportamento moral e social. Mais profundamente ainda, é essa hierarquia que se

[1722] GÉLINIER, Octave. *Morale de l'entreprise et destin de la nation*. Paris: Plon, 1965, p. 133.
[1723] ibid, p. 134.

> apropria do direito exclusivo de distribuir o que é sagrado. Ela é o relé obrigatório que faz a comunicação entre Deus e o homem, por intermédio dos sacramentos. Isso sob o aspecto psicológico: contribui imensamente para sagrar as hierarquias eclesiásticas e, por analogia, as hierarquias políticas. E estas também se agrupam sob o modelo vertical. Além disso, a hierarquia espiritual comanda e ordena o regime temporal.[1724]

A ideia revolucionária do sacerdócio universal de todos os crentes deu luz no campo político à concepção de um Estado igualmente plural e democrático, como escreve Blainey:

> A Reforma lançou algumas sementes da democracia moderna, embora sem saber como e quando iriam germinar. Enquanto a tradição católica se baseava na hierarquia – na autoridade dos papas, cardeais e bispos – os protestantes enfatizavam a leitura da Bíblia e o relacionamento do indivíduo com Deus. Os protestantes batizados podiam ser sacerdotes de si mesmos; não precisavam de padres ou bispos como intermediários em seu contato com Deus. Lutero se referia a isso como "o sacerdócio de todos os crentes", e seu espírito democrático permeou as seitas protestantes que surgiram depois. Com a Bíblia em linguagem acessível, o protestantismo favorecia o debate e a discussão, que representam o cerne da democracia.[1725]

[1724] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 33.
[1725] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*. São Paulo: Fundamento, 2012, p. 141-142.

Como sabemos, as sementes plantadas pela Reforma brotaram, sobretudo, nos Estados Unidos. Como Blainey acentua, "o surgimento dos Estados Unidos, com sua cultura característica, sua promoção de debates intensos e sua democracia ampla, provavelmente deve muito aos reformadores protestantes"[1726]. Em outras palavras, a formação dos Estados Unidos como a primeira democracia moderna não surgiu ao acaso, mas decorre dos princípios reformados que remetem desde aos reformadores.

O próprio Lutero foi um precursor da democracia ao defender a participação de todo o povo no governo, incluindo os mais marginalizados na sociedade:

> Deus não quer que reis, príncipes, senhores e nobreza por nascimento governem e sejam donos sozinhos. Quer que também seus mendigos participem. Do contrário, irão pensar que somente o nascimento nobre faz senhores e governantes, e não Deus somente.[1727]

Como Camargo afirma,

> não foi por acaso que entre os protestantes nasceram os principais movimentos democráticos, tanto no âmbito da Igreja quanto no do Estado. (...) Só a constatação da existência de vários protestantismos dá uma ideia do seu caráter, de um lado fragmentário e de outro democrático. Lutero, conservador em muitos aspectos, limitou-se à

[1726] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010, p. 188.
[1727] LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995. v. 5, p. 257.

> aplicação do sacerdócio universal dos crentes, um princípio democrático, até suas implicações mais extremas.[1728]

Quem também defendeu os princípios democráticos foi Guilherme de Orange, o *statholder* holandês sobre o qual discorremos no volume anterior. Durante o seu governo (1544-1584), esse príncipe protestante implementou na Holanda os conceitos democráticos que tanto defendeu durante toda a vida. Na assembleia dos Estados Gerais, Guilherme aplicou a doutrina do sacerdócio universal ao campo político, implicando em responsabilidades mútuas de governantes e governados, os quais se encontravam livres da tirania na medida em que a assembleia representativa estava acima do próprio *statholder:*

> Entre os senhores e os vassalos, há obrigação recíproca... a Assembleia dos Estados, freio e barreira à tirania, odiada pelos tiranos, amada pelos príncipes leais, é o único fundamento do Estado.[1729]

No mesmo espírito, a Declaração da Independência holandesa de 1581, redigida por Orange, dizia: "Deus não criou os povos escravos de seus príncipes para obedecer suas ordens, boas ou más; ao contrário, criou os príncipes para seus súditos"[1730]. Em vista disso, Biéler conclui que "o apego profundo do povo à realeza, conjugado à influência determinante do Cristianismo reformado, conduziu à forma

[1728] CAMARGO, César S. "A visão de Estado no pensamento da Reforma Protestante". *Revista Grifos: dossiê religião*, Chapecó/SC, n. 17, nov. 2004, p. 66.
[1729] ORANGE apud DOUMERGUE, Emile. *Jean Calvin, les hommes et les choses de son temps – Tomo V.* Lausanne: G. Bridel & cie, 1927, p. 621.
[1730] ibid.

moderada da democracia que é a realeza parlamentar"[1731]. Biéler também escreve sobre o papel do pensamento protestante na formação da democracia:

> A herança das democracias antigas se mantivera, ao longo da Idade Média, em pequenas comunidades rurais ou urbanas. Mas, sempre controlada pelas grandes monarquias reais ou imperiais, esse modelo não gerara qualquer das grandes democracias ocidentais. Ademais, a democracia era frequentemente muito relativa, acompanhando-se, por vezes, da servidão e, mais tarde, do regime censitário. Com a Reforma e nos séculos seguintes, surgem na Europa outros tipos de governo.
>
> Forjam-se a partir das mentalidades protestantes e das estruturas democráticas de suas igrejas. Desde o século XVI em Berna, Bale ou Genebra, no século XVII na Inglaterra (um século antes da Revolução Francesa), depois na Holanda, nos Estados Unidos, nos países nórdicos, por toda parte onde prosperam maiorias ou fortes minorias protestantes, instalam-se regimes liberais e democráticos, sob a forma de repúblicas ou de monarquias parlamentares constitucionais.[1732]

Quem também contribuiu à sua maneira para o florescimento da democracia foi Calvino, que se opunha com veemência a todo governo tirânico, considerando legítimos apenas os magistrados que servissem ao povo. Ao trair o povo, a autoridade traía a Deus:

[1731] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 58.
[1732] ibid, p. 31.

> Se existirem magistrados do povo, não é parte de minhas intenções proibi-los de agirem em conformidade com seu dever de resistir à licenciosidade e ao furor dos reis; ao contrário, se eles forem coniventes com a violência desenfreada e suas ofensas contra as pessoas pobres em geral, direi que uma tal negligência constitui uma infame traição de seu juramento. Eles estão traindo o povo e lesando–o daquela liberdade cuja defesa sabem ter-lhes ordenada por Deus.[1733]

Quem também se opôs desde o princípio à tirania estatal foram os huguenotes, como evidenciado na obra *Vindiciae contra tyrannos* (publicada em português com o título de "O Direito de Resistir"), um influente tratado huguenote publicado em 1579. Ao mesmo tempo em que o tratado defendia a liberdade de consciência e a livre expressão da fé, questionava a legitimidade do poder do rei se este agisse contrariamente aos propósitos de um bom governo.

Chegava ao ponto de dar aos magistrados, representantes do povo, o direito de depor um governante, se ele fosse um tirano[1734]. Por isso os protestantes franceses tiveram um papel decisivo na formação da democracia moderna, como um exemplo de resistência à tirania do Estado. Não à toa, Denis de Rougemont observou que nenhuma ditadura moderna se estabeleceu em um país calvinista, enquanto que "os ditadores Lenin, Stalin, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Pinochet

[1733] CALVINO, Juan. *Institución de la religion cristiana*. Países Bajos: Fundacion Editorial de Literatura Reformada, 1967, p. 1193.
[1734] CARVALHO, Frank Viana. *Vindiciae Contra Tyrannos - O Direito de Resistir*. Disponível em: <http://atelierdosaber.blogspot.com/2017/03/vindiciae-contra-tyrannos-o-direito-de.html>. Acesso em: 22/10/2019.

e tantos outros déspotas de segunda categoria eram todos de origem ortodoxa russa ou católica romana"[1735].

A democracia simplesmente não consegue se instalar nem permanecer "onde as premissas religiosas ou filosóficas profundas das populações são estranhas aos princípios evangélicos, iluminados pelo Cristianismo reformado"[1736]. Por volta de 1850, as «pioneiras na expansão da democracia» eram as ex-colônias protestantes dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia[1737]. Se na Idade Média o papa e o imperador disputavam entre si o governo do mundo, "a Reforma fez despontar em cena um novo ator, aquele que, até então, era o galardão da luta entre aqueles dois: o povo"[1738].

A democracia não surgiu por acaso: ela foi *imaginada* na Grécia e *implementada* primeiramente nos países protestantes, como fruto da Reforma que revolucionou o mundo. A ideologia protestante "unifica a liberdade do indivíduo, a democracia liberal e o progresso econômico como expressões do espírito do protestantismo"[1739]. Um princípio naturalmente decorrente da democracia é a laicidade do Estado. Embora os Estados Unidos tenha sido a primeira experiência de um Estado oficialmente laico, o princípio da laicidade do Estado pode ser facilmente deduzido dos escritos dos reformadores e dos primeiros protestantes.

[1735] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 19.
[1736] ibid, p. 32.
[1737] BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010.
[1738] BOEGNER apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 43.
[1739] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 91.

Antes mesmo da Reforma, os anabatistas já propunham a separação entre a Igreja e o Estado[1740], sendo eles os primeiros a reivindicar essa separação[1741]. Mais tarde, os batistas também levantariam a bandeira da independência entre Igreja e Estado[1742], não estando eles longe da teologia dos reformadores. Lutero sempre defendeu que as «autoridades» de Romanos 13 diziam respeito apenas ao poder secular e não às autoridades eclesiásticas como se pensava na época[1743], e separava expressamente as funções de um e do outro:

> Lutero, baseado em Mateus 22:21, adverte que a obediência ao poder temporal se refere a tributos, impostos, honra e respeito; ele não deve se intrometer em questões que dizem respeito à bem-aventurança da alma e tampouco combater heresias e falsas doutrinas, pois isso seria tarefa dos bispos e não dos príncipes, e para essa tarefa deve ser usada a Palavra de Deus e não a espada.[1744]

O próprio Lutero escreveu:

> Se, pois, teu príncipe ou senhor temporal te ordenar que te coloques do lado do papa, ou que creias isto ou aquilo, ou se te ordenar entregar livros, deves dizer-lhe: "Amado senhor, é meu dever obedecer-vos com corpo e bens. Dai-me ordens na medida de vosso

[1740] CURTIS, A. Kenneth. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China.* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 114.
[1741] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 42.
[1742] CURTIS, A. Kenneth. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China.* São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 130.
[1743] LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 216.
[1744] BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Igreja, Estado e educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007, p. 169-170.

> poder na terra, e obedecerei. Contudo, se me ordenais crer e entregar livros, não obedecerei. Pois neste caso sois tirano e vos excedeis. Dais ordens onde não tendes direito nem poder".[1745]

O reformador alemão distinguia claramente Igreja e Estado, esfera espiritual e secular. Apoiado no princípio da liberdade de consciência, ele enfrentou o poder político e apontou seus limites: "Este não tem nenhuma competência em questões de fé"[1746]. Para Lutero, "não existe igreja por detrás, para atuar como juiz da conduta do príncipe"[1747]. Nem a Igreja devia governar o Estado, nem o Estado devia se intrometer nos negócios da Igreja: sua função específica era garantir a ordem pública, a justiça e o bem-estar social[1748].

Para Lutero, não cabia à Igreja o poder político e nem econômico, que são atribuições do Estado, mas "viver pela fé por meio das condições necessárias que o Estado deve prover"[1749]. Embora a distinção feita por Lutero não representasse na época exatamente a mesma coisa que hoje concebemos como Estado laico, ela foi certamente um passo adiante nessa direção – passo esse que contribuiu amplamente para a conceituação moderna de Igreja e Estado. Neste sentido, "Lutero representou, dentro de seu tempo, a modernidade"[1750].

[1745] LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1996. v. 6, p. 102.
[1746] ibid, p. 123.
[1747] LASKI, Harold J. *O liberalismo europeu*. São Paulo: Mestre Jou, 1973, p. 33.
[1748] GEORGE, Timothy. "Ansiando pela graça: Martinho Lutero". In: *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 100.
[1749] CESCA, V. "Origens do pensamento político-educacional de Martinho Lutero". *Revista de Educação*, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, v. 22, n. 2, 1998, p. 6.
[1750] BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Igreja, Estado e educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007, p. 181.

Como defende John Cooper, o entendimento de Lutero sobre o papel do Estado lhe conferia autonomia, não em relação ao «Reino invisível», mas a qualquer igreja visível que quisesse se sobrepor ao Estado nas questões do Estado:

> O Estado serve uma ordem mais alta que não é identificada com a igreja visível, mas com o Reino invisível. Isto significou que o Estado era autônomo, liberto das mãos controladoras das instituições religiosas; sobre esse assunto Lutero formulou uma doutrina-chave da moderna teoria do Estado: a autonomia do Estado.[1751]

Os «dois reinos» de Lutero oferecia "uma nova visão na relação da religião com a política na sociedade moderna"[1752], na qual a Igreja não tinha mais o governo sobre o Estado ou vice-versa, mas cada um tinha suas próprias responsabilidades e atribuições. Assim, Lutero quebrou o "cabo de guerra" entre Igreja e Estado, do qual falamos no capítulo 3, rompendo tanto com o autoritarismo papal quanto com o totalitarismo do Estado.

Nem o papa, nem qualquer outra autoridade eclesiástica poderia mais interferir nos negócios civis, à rebelia da autoridade secular (e vice-versa)[1753]. Estes conceitos foram trazidos à tona em seu *Apelo à nobreza germânica,* onde ele derruba os "três grandes muros" que os romanistas construíam em sua defesa, sendo o primeiro deles o de que não estavam sujeitos a qualquer poder temporal:

[1751] COOPER, John W. "The outlines of political theology in the Protestant Reformation". *Teaching Political Science*, Beverly Hills, v. 10, n. 1, 1982, p. 47.
[1752] ibid, p. 46.
[1753] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 262.

> Os romanistas, com grande sagacidade, se cercaram de três muros que até agora defenderam, de modo que ninguém foi capaz de reformá-los, razão por que toda a cristandade sofreu terrivelmente. Primeiro: quando apertados pelo poder temporal afirmaram e sustentaram que o poder temporal não possui jurisdição sobre eles; pelo contrário, que o poder espiritual está acima do temporal. Segundo: menos quando se propunha que fossem admoestados por meio das Escrituras, objetavam que ninguém, exceto o papa, pode interpretar as Escrituras. Terceiro: se não ameaçados com um concílio, inventam a noção de que ninguém senão o papa pode convocar um concílio. Deste modo, sorrateiramente nos roubaram os nossos três bastões de modo que não pudessem ser atingidos. E com segurança se abrigaram atrás de seus três muros, de modo que podem levar adiante suas espertezas e sagacidades, tal como agora observamos[1754].

Então ele começa a demolir o muro, sem deixar pedra sobre pedra:

> Antes de mais nada, ataquemos o primeiro muro. Existiu a ficção pela qual o papa, os bispos, os sacerdotes e os monges são chamados o "estado espiritual", e os príncipes, senhores, artesãos e camponeses, o "estado temporal". Trata-se de uma astuta mentira e de uma invenção hipócrita; mas que ninguém se assuste com ela e isto pela seguinte razão: todos os cristãos pertencem verdadeiramente ao estado espiritual e não existe diferença entre eles a não ser de ofício. Como

[1754] LUTERO, Martinho. *Apelo à nobreza germânica*. Luther's Werke (Weimar) XI, p. 405-415. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 240-243.

diz S. Paulo (1Co 12), todos somos um corpo, embora cada membro faça sua própria obra de modo a servir os outros. Isto porque temos um batismo, um evangelho, uma fé, e todos são igualmente cristãos; porque o batismo, o evangelho e a fé: somente esses, produzem o povo cristão e espiritual. Quanto à unção recebida do papa ou do bispo, a tonsura, a ordenação, a consagração e as vestes diferentes das dos leigos, tudo isto pode produzir um hipócrita e um boneco ungido, mas nunca um homem cristão ou espiritual. Desta forma todos nós somos consagrados como sacerdotes pelo batismo, como diz S. Pedro: "Vós sois um sacerdócio real, uma nação santa" (1Pe 2:9), e no livro do Apocalipse: "E nos fizeste para nosso Deus (pelo teu sangue) reis e sacerdotes" (Ap 5:10).

(...)

Portanto, visto que o "poder temporal" é tão batizado como nós e tem a mesma fé e o mesmo evangelho, devemos permitir-lhe que seja sacerdote e bispo e ter o seu ofício como um ofício que é próprio e útil para a comunidade cristã, pois cada pessoa que recebeu o batismo pode gloriar-se de ter sido consagrada sacerdote, bispo e papa, embora não convenha a cada um exercer esses ofícios. Visto que somos todos igualmente sacerdotes, ninguém pode ir à frente e tomar sobre si, sem o consentimento ou eleição nossa, para fazer aquilo que todos igualmente temos o poder de fazer. Pois, se uma coisa é comum a todos ninguém pode tomá-la para si sem desejo ou ordem da comunidade... segue-se, portanto, que entre leigos e sacerdotes, entre príncipes e bispos, ou – como eles dizem – entre pessoas "espirituais" e temporais –, a única diferença real é a de ofício e função e não de estado. (...) Mas que espécie de doutrina cristã é esta de que

> o "poder temporal" não está acima do "espiritual" e por isto não pode puni-lo? Como se a mão não devesse ajudar o olho, por mais que o olho esteja sofrendo.
>
> (...)
>
> Não, quanto mais nobre o membro, mais estão os outros obrigados a ajudá-lo. Por isto digo: visto que o poder temporal foi instituído por Deus para o castigo dos maus e a proteção dos bons devemos considerar isto como seu dever também em todo o corpo cristão, sem distinção de pessoas, quer atinja papas, bispos, sacerdotes, monges, freiras, ou qualquer outra pessoa. (...) Tudo o que a lei eclesiástica disse em contrário é meramente invenção da arrogância romanista. Penso que o primeiro muro de papel já está derrubado, visto que o poder temporal se tornou membro do corpo cristão; embora sua obra se refira ao corpo ele pertence ao "estado espiritual". Deve ter sido o nosso arqui-inimigo em pessoa que disse, como lemos na lei canônica: "Mesmo se o papa fosse tão perniciosamente mau que arrastasse exércitos de almas ao demônio, contudo não poderia ser deposto". Tal é o fundamento maldito e demoníaco sobre o qual constroem em Roma, pensando que todo o mundo deve antes ir ao diabo do que sejam eles depostos em sua velhacaria. Se um homem devesse escapar ao castigo simplesmente porque está acima de seus irmãos, então nenhum cristão poderia castigar o outro visto que Cristo ordenou que cada um de nós se julgue o mais baixo e o mais humilde de todos (Mt 18:4; Lc 9:48).[1755]

[1755] ibid.

Lutero usa o princípio bíblico do sacerdócio universal de todos os crentes para frustrar a pretensão de uma «classe sacerdotal» que se colocava acima do poder secular no que diz respeito aos assuntos terrenos. Na época, os padres não apenas se julgavam acima dos magistrados públicos, mas eram julgados por cortes eclesiásticas próprias e se achavam no direito de não prestar contas a autoridade secular alguma. Era como um "Estado dentro do Estado", isto é, um ente que por se julgar acima do Estado, não aceitava se sujeitar às mesmas leis que qualquer cidadão comum tinha de se submeter.

Mas se todos os crentes são sacerdotes – argumentava Lutero –, o clero não tinha um poder superior à autoridade temporal, muito menos podia se colocar acima da lei. A ambição papista em colocar um poder absoluto nas mãos do papa ia tão longe que a lei canônica dizia que ele não poderia ser deposto do cargo mesmo se fosse tão mau a ponto de levar uma multidão de almas ao inferno, o que mostra o quão disposto o papado estava em aumentar seu poder não importasse o quão danoso isso fosse.

Para os papistas, o Estado não era um ente "à parte" da Igreja, muito menos acima dela, mas estava "submerso" na Igreja, sob a sua tutela e subordinação. Por isso, a linguagem eclesiástica técnica para se referir ao Estado era o «braço secular», isto é, uma parte de um corpo maior, que é a Igreja, à qual todos (inclusive o Estado) deviam estar subordinados. Por essa razão, o papa não era visto como mais um monarca entre tantos, mas como um verdadeiro "imperador de imperadores", como já falamos no capítulo 3.

Ao se colocar contra as pretensões clericais de uma "Igreja acima do Estado", que tinha na Inquisição seu órgão mais representativo (no qual as autoridades públicas eram obrigadas a cumprir seus decretos e queimar os "hereges" entregues pela Igreja), Lutero abriu caminho para uma visão equilibrada de Igreja e Estado, onde cada um deve atuar em sua própria esfera e buscar não interferir na do outro.

Calvino seguiu o exemplo de Lutero e também separou Igreja e Estado, vinculando o Estado à ética da vida pública, e a Igreja à ética da vida privada (o que implicava que nenhuma religião deveria ser imposta à força por ninguém e para ninguém):

> Calvino propôs a distinção entre Igreja e Estado, sendo por esta razão o precursor dos limites entre a ética da vida pública e a ética da vida privada. Na sua concepção, o Estado e tudo o que lhe diz respeito estariam na ordem da ética da vida pública, enquanto a Igreja se encontra nos limites da ética da vida privada. Essa contribuição foi fundamental para o surgimento dos Estados nacionais, especialmente o da França e posteriormente para o nascimento do Estado laico.[1756]

Para Calvino, "a Igreja deve colaborar com a Magistratura, cujo dever é manter o respeito pelos mandamentos de Deus, mas os dois poderes têm de ficar separados: deve-se evitar a teocracia"[1757]. Por isso, em toda a sua vida, "Calvino lutou contra as

[1756] GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002, p. 79.
[1757] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 9.

ingerências dos conselhos na igreja, pois ele defendia a separação dos assuntos da Igreja e do Estado"[1758].

Sua visão de independência entre Igreja e Estado o fez abolir os privilégios que o clero tinha sobre o Estado, o que inclui a lei canônica que até então livrava os sacerdotes de serem julgados em tribunais civis como qualquer cidadão comum:

> Para Calvino a Igreja e o Estado eram duas entidades independentes, tendo cada qual recebido suas autoridades do Deus soberano, pois para ele Igreja e Estado devem viver em paz e, juntos, cooperarem na sujeição à Palavra de Deus. Cada um tem sua função, o Estado nas questões civis e a Igreja nas questões espirituais. Seguindo esta visão Calvino mostrou que não era apenas um mero pastor ou teólogo preocupado com seu rebanho, com atuação teológica apenas, mas um humanista com uma cosmovisão tão forte capaz de produzir mudanças profundas para sua época com grande impacto político, inclusive, como exemplo cita-se a abolição da cláusula da lei canônica do benefício do clérigo, colocando-os em subordinação aos magistrados em todas as questões civis.[1759]

A ideia de que Estado e Igreja pudessem ser dirigidos por uma mesma autoridade (como o papa, que era ao mesmo tempo chefe de Estado e líder espiritual) era estranha aos reformadores, que sempre se recusaram a exercer a magistratura

[1758] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 24.
[1759] ibid, p. 27.

pública e se limitaram à função de pregador. O próprio Calvino, como vimos no capítulo 4 do volume anterior, não tinha qualquer cargo público, chegando até mesmo a ser expulso de Genebra pelo Conselho da cidade, por não concordar com a intromissão do Estado nas questões religiosas[1760].

Mesmo após seu retorno, ele continuou sem qualquer poder político e lutou muitas vezes com o Conselho (por exemplo, para conseguir o direito de excomunhão, o que até então era uma prerrogativa exclusiva do Estado)[1761]. E o mais impressionante é que ele só se tornou *cidadão* de Genebra em 1559, ou seja, cinco anos antes de morrer (antes disso, não tinha nem os mesmos direitos de um cidadão comum)[1762].

A despeito disso, Calvino é ainda hoje chamado de «ditador de Genebra» por papistas que não conseguem compreender como um líder religioso tão proeminente de sua congregação poderia não ocupar uma posição civil à altura, acostumados que estão ao modelo do papado, onde o papa além de papa é ditador[1763]. Latourette afirma que "Calvino e os reformados, em geral, foram mais longe em pugnar pela independência da Igreja do Estado do que o fez Lutero. Todavia, ambos colaboraram com ele"[1764].

Quem também contribuiu para isso foi o reformador escocês John Knox, que além de um «eloquente tribuno popular» era ainda o principal defensor da ideia de

[1760] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 75.
[1761] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 312.
[1762] ibid.
[1763] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 35.
[1764] LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2, p. 1053.

separar Igreja e Estado[1765]. Mais do que isso, ele ensinou uma nova teoria democrática segundo a qual o povo tem o direito de depor um soberano que tivesse perdido sua confiança, o que foi encarado na época com pavor e assombro[1766].

Roland Mousnier resume o posicionamento dos reformados sobre essas questões quando escreve:

> Deve haver separação entre a Igreja e o Estado. O Estado é uma sociedade destinada a garantir aos cidadãos o gozo de seus direitos naturais. A Igreja é uma sociedade destinada a permitir-lhes conquistar a salvação eterna, uma "sociedade" de homens que se reúnem de livre vontade, a fim de adorarem publicamente Deus, da maneira que pensam ser-lhe agradável e capaz de salvar suas almas. A religião, por conseguinte, não é da competência da magistratura. As igrejas são como as corporações de artesãos e as sociedades eruditas: elaboram seus próprios regulamentos e pronunciam penas espirituais. Não lhes é dado, contudo, tocar na pessoa ou nos bens dos fiéis. A liberdade de consciência e de culto são completas.[1767]

Esse posicionamento ficou claro na Dieta de Augsburgo (1530), onde os protestantes expressaram sua convicção nessa matéria:

[1765] GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11, p. 69.
[1766] ibid, p. 70.
[1767] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 365.

Desastradamente, muitos têm confundido o poder episcopal com o poder temporal e, dessa confusão, têm resultado grandes guerras, revoltas e sedições. É por este motivo, e para tranquilizar a consciência dos homens, que nos vemos forçados a estabelecer a diferença existente entre o poder da Igreja e o poder da espada. Nós, por conseguinte, ensinamos que o poder das chaves, ou dos bispos, é, segundo a Palavra do Senhor, uma ordem, que provém de Deus, para pregar o evangelho, perdoar e reter pecados e administrar sacramentos. Este poder diz respeito tão somente aos bens eternos, é exercido apenas pelo ministro da palavra, e não se preocupa com a administração política. A administração política, por outro lado, ocupa-se de tudo o mais, menos do evangelho.

O magistrado protege, não as almas, mas os corpos e os bens temporais. Ele os defende contra os ataques de fora e, servindo-se da espada e da penalidade, obriga os homens a observar a paz e a justiça civil. Por este motivo, devemos tomar especial cuidado para não confundirmos o poder da Igreja com o poder do Estado. O poder da Igreja não deve jamais se intrometer numa função que lhe for alheia, pois o próprio Cristo disse: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18:36). E também: "Quem me pôs a mim por juiz entre vós?" (Lc 12:14). Paulo escreveu aos filipenses: "A nossa cidade está nos céus" (Fp 3:20). E aos coríntios: "As armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus" (2Co 10:4). Assim é que nós distinguimos os dois

> governos e os dois poderes, e que exaltamos ambos como as mais excelentes dádivas que Deus concedeu aqui na terra.[1768]

Como Valentin comenta, "surgiu assim a nova doutrina do verdadeiro Cristianismo. O que ele aspirava sempre, o que continuava pedindo, foi e ficou sendo espiritual, a pureza religiosa devia ser recuperada, independente da hierarquia. Das forças temporais não esperava senão a proteção para essa liberdade cristã"[1769]. Assim, ao desbancar a supremacia da Igreja sobre o Estado na vida pública, os reformadores abriram espaço para o moderno conceito da laicidade do Estado, que garantiu os mesmos direitos civis a quem quer que fosse.

Desta forma, os reformadores contribuíram cada qual à sua maneira para a abolição do modelo de uma Igreja dominadora do Estado ou de um Estado que interfere na Igreja, abrindo caminho "a uma civilização neutra com referência à religião"[1770]. Em lugar nenhum do mundo isso se tornou mais nítido que nos Estados Unidos, o primeiro país do mundo a adotar oficialmente a política do Estado laico em sua própria Constituição.

Nós já vimos que os Estados Unidos sempre teve uma maioria protestante, e que essa influência era notória em toda a ética política, econômica e religiosa do país. No entanto, em vez de usar essa maioria esmagadora para esmagar as minorias e criar um Estado autocrático e policial que reprime a liberdade religiosa das minorias,

[1768] D'AUBIGNÉ, Merle J. H. *História da Reforma do décimo-sexto século.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1962. v. 5, p. 201-202.
[1769] VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo II.* 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 257-258.
[1770] WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2, p. 165.

os Pais Fundadores decidiram fazer o contrário, dando a mesma liberdade, tolerância e direitos civis a todos, independente da confissão religiosa.

Como diz Mérida, nos Estados Unidos havia o "reconhecimento legal do princípio de liberdade religiosa e de igualdade para todas as confissões e agrupações religiosas, sob a influência do novo ideal democrático"[1771]. Desde a colonização, escreve Mousnier, "na sua população mesclavam-se povos e confissões; reinava a tolerância religiosa"[1772]. O contraste com as colônias católicas – onde a Inquisição era chamada para atuar contra a simples presença de não-católicos – era manifesto e notório, sendo um dos maiores exemplos de como a ética protestante abriu caminho para a liberdade religiosa que de modo algum teríamos sem ela:

> Imaginem uma cidade no México colonial. Lá todos são católicos e só encontramos igrejas católicas. Em toda a colônia a missa é rezada com o mesmo ritual romano, na mesma língua e por um grupo que, com traços gerais, teve uma formação semelhante: os padres. Todo o ensino está nas mãos da Igreja e a noção de Deus é igual por toda a colônia. As diversidades são consideradas crime e a heresia, punida com a Inquisição. Imaginem agora as aldeias e cidades das colônias inglesas. A diversidade da Inglaterra chega com toda a força às colônias. Aqui puritanos, lá batistas, mais adiante quakers, por vezes também católicos, além de uma infinidade de pequenas seitas protestantes também de outras partes da Europa. Unidade?

[1771] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 76.
[1772] MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p. 337.

> Genericamente, todos acreditam em Jesus. Daí por diante o caleidoscópio muda de forma com grande variação.[1773]

Em outras palavras, enquanto nas terras católicas prevalecia a uniformidade religiosa imposta pela força da lei, nos Estados Unidos a pluralidade religiosa era assegurada de tal forma que as colônias aceitavam a presença de imigrantes católicos e de outras confissões cristãs ou não-cristãs. A Primeira Emenda proibiu que se estabelecesse uma religião oficial ou que se limitasse o exercício de qualquer religião[1774], seguindo o princípio de «uma Igreja livre num Estado livre»[1775].

O princípio da *livre concorrência,* que prevalecia no campo econômico, foi trazido à esfera religiosa com o mesmo sucesso:

> Nos novos Estados Unidos, os dois ficariam completamente separados (a Constituição nem sequer menciona Deus). As igrejas ficariam livres do controle estatal, e o Estado, livre da interferência eclesiástica. Fundou-se assim na esfera da religião uma cultura análoga à do "livre mercado" na esfera da economia – todas as religiões eram deixadas para florescer ou morrer por seus próprios esforços, sem o apoio ou a inimizade do Estado. Este se tornaria cada vez mais o modelo para o mundo moderno.[1776]

[1773] KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007, p. 42-43.
[1774] ibid, p. 95.
[1775] NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 270.
[1776] COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé.* São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 175.

Robert Baker também enfatiza:

> Um forte espírito democrático, e o princípio de separação da Igreja e do Estado, influenciaram grandemente e deram direção à vida religiosa dos Estados Unidos. Estas características proporcionaram a aparição do individualismo religioso, do denominacionalismo, da religião por convicção em vez de coerção, da competência na religião, de um agudo sentido de obrigação dos leigos, de atividade missionária extensa e zelosa, da organização de corpos ou sociedades éticas e filantrópicas não religiosas, e da secularização da beneficência pública e das instituições.[1777]

A liberdade religiosa aos não-protestantes, garantida pela laicidade do Estado, tornou possível que um católico, R. B. Taney, chegasse a ocupar em 1836 a presidência da Corte Suprema dos Estados Unidos[1778], algo incogitável em países católicos da época (que não aceitavam nem mesmo a simples *presença* de protestantes no país, muito menos que ocupassem cargos tão altos) ou em países muçulmanos até nossos dias.

Em pleno ano de 1864, o papa Pio IX publica o seu famoso "Compêndio dos Erros", o *Syllabus,* onde condena como **erradas** as seguintes sentenças (típicas da cultura americana):

[1777] BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 251.
[1778] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 99.

> **15º** É livre a qualquer um abraçar e professar aquela religião que ele, guiado pela luz da razão, julgar verdadeira.[1779]
>
> **55º** A Igreja deve estar separada do Estado e o Estado da Igreja[1780].
>
> **77º** No presente tempo não é mais necessário que a religião católica seja mantida como a única religião do Estado com a exclusão de todos os outros modos de culto.[1781]

Como vimos no volume anterior, para os papas deste período a tolerância religiosa (aos não-católicos) era abominável, a laicidade do Estado era execrável, a liberdade de consciência era intolerável e a liberdade de culto ainda mais detestável. O papa seguinte, Leão XIII, declarou que o *Syllabus* era *ex cathedra* (ou seja, livre de erros, pois o papa o promulgou no alto de sua infalibilidade papal), o que

> acabou colocando a Igreja Romana em tal posição que esteve continuamente em apertos, particularmente aos católicos americanos que aceitavam a doutrina da separação entre Igreja e Estado, e alguns que defendiam com unhas e dentes a liberdade de consciência, ideais americanos básicos.[1782]

[1779] PIO IX. *Syllabus*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=silabo&lang=bra>. Acesso em: 01/07/2018.
[1780] ibid.
[1781] PIO IX. *Syllabus.* Denzinger, 1701 ss. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 310.
[1782] BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 308.

O mais irônico é que esse mesmo papa, que abominava a liberdade de culto a não-católicos nos países católicos, louvava e exaltava a liberdade religiosa da qual os católicos americanos desfrutavam num país protestante:

> Assim disse o próprio papa às autoridades eclesiásticas norte-americanas, na Carta que lhes dirigiu em função da Epifania de 1895. Nela, o papa fazia alusão ao progresso religioso e material conquistado, que se havia conseguido até então devido ao esforço de todos os católicos, amparados pela própria Constituição, que permitia uma total liberdade de ação à Igreja.[1783]

Desta forma, não é totalmente correto dizer que os papas eram contra a liberdade. Eles eram a favor, desde que fosse a liberdade *deles.* Dos outros, nem pensar.

Quem mais contribuiu para quebrar esse estigma e garantir constitucionalmente a liberdade a *todas* as religiões sem restrições foram os batistas. A primeira Igreja Batista nos Estados Unidos foi fundada por Roger Williams (1603-1683), notabilizado até hoje por seus avançados conceitos no que se refere à liberdade religiosa, à separação entre Igreja e Estado, à democracia e aos direitos universais[1784]. Ainda no século XVII, ele pregava a absoluta liberdade religiosa para todos os cristãos, judeus, pagãos, turcos e nativos indígenas, que deveriam ter direitos civis e políticos em pé de igualdade[1785].

[1783] MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 121.
[1784] BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 256-257.
[1785] ASIMOV, Isaac. *La formación de América del Norte desde los tiempos primitivos hasta 1763*. Madrid: Alianza Editorial, 2004, p. 139-141.

Em 1638 ele fundou uma colônia em Providence (Rhode Island), "baseada em seus avançados conceitos de democracia e liberdade religiosa"[1786], a qual reconhecia pela primeira vez a liberdade plena em assuntos religiosos a todos os cidadãos. Seu co-fundador, John Clarke (1609-1676), também tinha "um espírito generoso e afetuoso, expressando-se em amplos e sacrificais trabalhos em prol do evangelho, da liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, sendo ele o batista proeminente deste período"[1787].

Seus profundos princípios democráticos serviram de inspiração para a legislação da Virgínia e de outros estados, e posteriormente de base para a Constituição americana. A legislação da Virgínia, sancionada pelos batistas e «fortemente ajudados pelos presbiterianos e metodistas»[1788], incluía uma ata de direitos garantindo a liberdade religiosa a todos da colônia[1789].

Baker diz que "esta promessa se cumpriu, e o primeiro dos direitos protegeu a recém nascida nação dos males de uma igreja estabelecida"[1790], e ressalta que "os batistas americanos foram enérgicos patriotas durante a Revolução Americana, e muitos de seus ministros serviram como capelães no exército"[1791]. Os batistas estiveram à frente dos movimentos democráticos de tolerância religiosa nas treze colônias e "romperam os ferros da união entre a Igreja e o Estado, desenvolvendo

[1786] BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 257.
[1787] ibid.
[1788] ibid, p. 333.
[1789] ibid.
[1790] ibid.
[1791] ibid, p. 349.

um serviço similar para conseguir as garantias constitucionais de liberdade religiosa na nova nação"[1792].

Embora em nossos dias a democracia e o Estado laico sejam defendidos pela vasta maioria do mundo ocidental civilizado, ainda há aqueles que compartilham do mesmo espírito de Pio IX no *Syllabus,* e atribuem à laicidade do Estado tudo de ruim que existe nas sociedades modernas – como se antes do Estado ser laico as coisas fossem melhores.

Na verdade, é graças à laicidade do Estado que não vemos hoje os confrontos constantes (e bélicos) entre a autoridade política e a religiosa – como os que vimos no capítulo 3 –, graças a isso somos livres para escolher a religião que nossa consciência apontar como a verdadeira, graças a isso não punimos mais a ferro e fogo os incrédulos e "apóstatas", nem torturamos os que se opõem aos dogmas estabelecidos pela Igreja oficial. Não é possível pregar a liberdade sem defender a laicidade do Estado.

Também é graças ao Estado laico que o Estado não pode mais interferir nos dogmas religiosos, nem tem o poder de nomear bispos ou excomungá-los da Igreja – ou seja, tudo o que acontece nas igrejas é decidido internamente pelas próprias igrejas, e não por autoridades políticas, como ocorria antigamente. Lembremos que todos os sete concílios ecumênicos da Igreja antiga foram convocados por imperadores bizantinos, não por líderes religiosos[1793], o que demonstra o quanto a política

[1792] ibid.
[1793] Confira em: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2015/06/os-concilios-da-igreja-primitiva.html>.

influenciava os rumos da Igreja. A história nos mostra que a união entre Igreja e Estado causa a corrupção tanto de um como do outro.

Pouca gente sabe, mas foi a separação entre Igreja e Estado que levou à criação dos cartórios de Registro Civil e transferiu a administração dos cemitérios para as prefeituras, o que antes era de inteira atribuição da Igreja[1794]. Antes da proclamação da república (1889), que tornou o Estado brasileiro laico, os protestantes não podiam se casar, pois não existia o casamento civil. O único casamento aceito era o realizado numa igreja católica através de um padre, que só casava católicos batizados[1795].

Evangélicos e demais não-católicos não eram considerados legalmente casados, apenas "ajuntados", e consequentemente não tinham alguns dos direitos civis mais básicos, como o da herança. A marginalização dos não-católicos antes da laicidade do Estado era total. Durante a monarquia, que durou quase todo o século XIX,

> os protestantes foram perseguidos, estigmatizados, humilhados. Proibidos por lei de construir templos, construíram 'casas de oração'. Muitas delas foram apedrejadas ou queimadas. Ser protestante era um sinal de vergonha numa sociedade que se definia como católica romana.[1796]

[1794] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 149.
[1795] GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 33.
[1796] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 67.

É por isso que o Estado laico é tão odiado pelos papistas mais radicais: eles não aceitam a ideia de um Estado que seja neutro em relação a todas as religiões, numa "livre concorrência" de igrejas onde cada indivíduo tem o direito de decidir por si. O Estado para eles precisa aceitar e promover unicamente a religião católica e coibir as outras manifestações de culto (a mesma lógica usada pelos muçulmanos em seus países).

O mesmo ódio que se tem ao livre mercado também se nota contra a laicidade do Estado, porque no fundo a lógica é a mesma. O Estado laico não é apenas um triunfo da democracia, mas sobretudo do liberalismo e do individualismo. Só onde o indivíduo é livre ele é capaz de decidir por si mesmo que religião seguir ou não, em vez de ser constrangido a isso pela força maior do Estado.

• O protestantismo e o liberalismo

O liberalismo está intrinsecamente relacionado ao capitalismo e à democracia, que são, como vimos, legados da Reforma. É a forma mais pura de capitalismo – com o mínimo de intervenção estatal – e como o próprio nome sugere, é regido pelo princípio da liberdade, o grande pilar da democracia. Ser liberal significa, acima de tudo, defender a liberdade em todas as suas esferas: liberdade individual, liberdades civis, liberdade de expressão, liberdade de consciência, liberdade de imprensa, liberdade religiosa, liberdade econômica e assim por diante.

Embora hoje em dia se use o termo "liberalismo" mais para a área econômica, ser liberal engloba defender a liberdade como um todo. Tudo está tão conectado que não à toa "o capitalismo triunfa ao mesmo tempo que a liberdade de escrever e de pensar"[1797]. Como Pirenne escreve, "as nações em que a economia se desenvolveu com mais rapidez foram aquelas em que a liberdade, tornando possível a iniciativa individual, era um estímulo constante para a produção e o câmbio"[1798].

No século XXI, pelo menos no mundo ocidental, poucos seriam capazes de se dizer abertamente *contra* a liberdade de culto, ou *contra* a liberdade de imprensa, ou *contra* a liberdade de consciência. Por isso o debate atual gira em torno da liberdade *econômica*, que ainda segue sendo um tabu. Há poucos séculos, contudo, havia uma disputa acirrada sobre cada um desses pontos, e grande parte do mundo adotava posições autoritárias, quando não totalitárias.

Vimos que há menos de um século os papas vociferavam abertamente contra todas essas formas de liberdade em suas encíclicas, assim como o mundo muçulmano (e o asiático, no geral) tradicionalmente sempre se portou de forma hostil ao liberalismo, em todas as suas vertentes. De fato, o mundo muçulmano é o que melhor espelha na prática a política da Igreja Romana até o início do século XX.

Como já foi elencado, a grande razão do atraso do mundo muçulmano (em todos os aspectos) se deve à ausência de uma reforma análoga à que a Europa cristã passou no século XVI. Eles ainda vivem de modo pouco diferente do que todos os

[1797] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 27.
[1798] ibid, p. 298.

cristãos vivam na Idade Média – se pra melhor ou pra melhor, é difícil dizer. Mas se o mundo católico, o mundo muçulmano e o mundo asiático se opunham ao liberalismo até pouco tempo (e em alguns casos, até hoje), quem sustentou as teses liberais por todo esse tempo, que hoje são amplamente aceitas em todo o mundo civilizado? A resposta não poderia ser outra senão os protestantes.

Desde o início, Estados Unidos, Holanda e Reino Unido foram os grandes baluartes da democracia liberal no mundo. Embora alguns considerem a Revolução Francesa como um marco da democracia liberal, isso está bem longe de ser verdade, uma vez que na França o que predominou de fato foram as ditaduras: primeiro no período do Terror, depois com o Diretório, depois com Napoleão (que assumiu como um imperador absolutista) e depois com golpes atrás de golpes em ditaduras que se sucediam umas às outras, num período de grande instabilidade e autoritarismo até a Quinta República Francesa (1958).

A própria Declaração dos Direitos do Homem, tida como uma histórica declaração em favor dos direitos individuais e universais após a Revolução Francesa, não foi colocada em prática na França senão com um século de atraso, e só foi possível graças ao esforço do marquês francês de La Fayette, amigo de Franklin, que combateu com as tropas da Virgínia em 1777 pela independência dos Estados Unidos e ao retornar à França foi fundamental na redação da Declaração[1799]. Ou seja, foi a Constituição Americana de 1787 que serviu de inspiração para a Declaração dos Direitos do Homem de 1789, e não o contrário.

[1799] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 41.

Quem também teve um papel decisivo na assembleia francesa que definiu a Declaração dos Direitos do Homem foi um pastor protestante que pouco depois seria executado por suas posições humanistas e moderadas:

> O pastor Rabaut Saint-Etienne tornou-se célebre pela vida clandestina que levou no deserto de Cévennes e depois, em 23 de agosto de 1789, pelo discurso importante que pronunciou sobre a Declaração dos Direitos do Homem, como deputado do Terceiro Estado. Em 1790, presidirá a Assembleia Nacional, depois a Convenção. Mas, sua atitude moderada valer-lhe-á ser executado em 5 de dezembro de 1793, no ensejo da grande crise revolucionária precipitada pela ingerência de Roma nos assuntos franceses.[1800]

Deve-se a esse pastor ardorosas intervenções a favor dos Direitos do Homem durante os debates da assembleia. Em uma dessas intervenções, ele exclamou:

> É sobre nossos princípios que me fundamento, senhores, para pedir-lhes declarar num artigo que todo cidadão é livre em suas opiniões, tem o direito de professar livremente seu culto e não deve ser de forma alguma importunado por causa de sua religião. (...) A liberdade deve, portanto, adornar a todos os franceses igualmente e da mesma maneira. Aquele que agride, seja no que for, a liberdade dos outros, ataca a sua própria e merece perdê-la por seu turno.[1801]

[1800] ibid, p. 67.
[1801] GALTIER, Jacques. *Protestants en Révolution*. Genebra: Labor et Fides, p. 62.

O avanço das ideias liberais coincide com o auge do capitalismo, durante a Primeira Revolução Industrial. Em 1776, Adam Smith publica *A Riqueza das Nações,* que logo se tornaria um best-seller mundial e uma obra de referência do liberalismo econômico[1802]. Em um período de pouco mais de dez anos, o mundo passaria por transformações importantes, desde a "Bíblia do liberalismo" de Adam Smith (1776) até a Declaração dos Direitos do Homem (1789), passando pela Constituição norte-americana (1787).

Naquela época, assim como hoje (mas numa escala muito maior), o mundo passava por um conflito ideológico profundo, que anteciparia a guerra cultural entre capitalismo e socialismo. Tratava-se de um choque de culturas: de um lado, o estatismo burocrático, pautado por um Estado forte e centralizador, hesitando entre o absolutismo e o fascismo, representado sobretudo pelas nações católicas e muçulmanas.

Do outro, a democracia liberal, pautada pela abertura do mercado, pelo livre comércio, pela livre iniciativa, pelas liberdades civis e por um Estado descentralizado que buscava interferir o mínimo possível na economia e na vida privada dos cidadãos, representado pelas nações protestantes, em especial Estados Unidos, Holanda e Reino Unido. Até mesmo Stark, que não tem nenhuma simpatia pela tese de Weber ou pelo protestantismo, reconhece isso quando escreve:

> A Europa teria estagnado se tivessem ganho as ambições territoriais espanholas e francesas. Felizmente, o capitalismo sobreviveu e o

[1802] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 225.

> progresso da Europa continuou, porque a Holanda travou a ambição imperial espanhola, e a marinha inglesa derrotou a Armada e Napoleão. Devido ao capitalismo? É bem possível que sim.[1803]

"Devido ao capitalismo", conclui Stark, que poderia facilmente ter sublinhado que essas «nações capitalistas» responsáveis pelo progresso do mundo eram protestantes, e as que ele corretamente vincula ao atraso eram católicas. Como vimos em todo esse livro, isso não é mera coincidência: os países protestantes adotavam uma postura política condizente com seus princípios éticos – por isso sustentavam o capitalismo – e os católicos faziam o mesmo em relação à ética da Igreja (por isso se prendiam ao atraso).

O próprio Calvino simpatizava com a liberdade econômica, especialmente no que se referia aos impostos:

> Calvino trata, também, do poder que as autoridades têm de receber tributos. Ele aponta o fato de que o imposto, apesar de ser aplicado para a manutenção do Estado e da função social, no final repercutiria diretamente sobre o povo e, portanto, viria a ser "o sangue do povo". Dessa forma, o imposto deveria ser, em princípio, para o bem do povo e não pra sua exploração. Esta, portanto, era a razão pela qual a arrecadação de impostos excessiva sobre a população equivalia, para Calvino, à "pilhagem" e "tirania".[1804]

[1803] STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007, p. 205.
[1804] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 51-52.

Lutero, por sua vez, defendia a restrição do poder da autoridade secular, o que o distanciava de teorias políticas de Estado grande como o absolutismo e o totalitarismo, e o aproximava da visão descentralizadora do Estado que pautou a sociedade americana. Sobre isso, comenta Skinner:

> Lutero não mostra qualquer hesitação nesse aspecto de sua doutrina da obrigação política. Trata toda pretensão a um poder absoluto como um equívoco e uma perversão da autoridade por Deus convertida aos príncipes, afinal, ele mesmo teria recorrido inúmeras vezes à passagem do livro de Atos que afirma que mais vale agradar a Deus que aos homens (Atos 5:29), texto que, para Lutero, sempre tem o sentido de impor uma decisiva limitação ao dever genérico de obediência política.[1805]

John Cooper também enfatiza o posicionamento de Lutero em favor da liberdade de consciência e contra o poder ilimitado do Estado:

> O Estado não pode legitimamente distribuir comandos que contradizem a liberdade religiosa. (...) A consciência do cristão, a proclamação da Palavra de Deus pelos ministros cristãos e a soberania de Deus constituem um julgamento moral sobre o Estado; é um julgamento que nega a própria manifestação do estadismo.[1806]

[1805] SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 299.
[1806] COOPER, John W. "The outlines of political theology in the Protestant Reformation". *Teaching Political Science*, Beverly Hills, v. 10, n.1, 1982, p. 48.

Graças ao novo pensamento da Reforma, as teorias liberais foram ganhando cada vez mais espaço nos países de tradição protestante, a começar pela Inglaterra, que Pirenne define como "antes de tudo liberal, como os Países Baixos"[1807]. Na Inglaterra, "o sentimento religioso não se encontrava, como na França, aprisionado no rígido marco de um dogma intangível, o que permitiu que o liberalismo se impusesse sem romper com o Cristianismo"[1808]. O próprio Tocqueville dizia:

> Não me consta que tenha existido uma aristocracia tão liberal quanto a da Inglaterra e que tenha, sem interrupção, fornecido ao governo do país homens tão dignos e tão esclarecidos.[1809]

Tocqueville não podia estar mais certo. A Inglaterra foi o berço dos maiores ícones do liberalismo – nomes como John Locke, Adam Smith, Edmund Burke, John Stuart Mill, William Ewart Gladstone, William Stanley Jevons, Alfred Marshall, Isaiah Berlin, John Dalberg-Acton, Thomas Malthus, David Ricardo, Thomas Paine, Herbert Spencer e tantos outros. Locke, um dos pioneiros do liberalismo, teve importância crucial na Revolução Gloriosa de 1688, a «Revolução Sem Sangue» que acabou com o absolutismo inglês.

Para ele, "os governos devem respeitar os direitos naturais e, caso não o façam, a sociedade civil pode rebelar-se contra essa tirania"[1810]. Em suas palavras, "ao

[1807] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 121.
[1808] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 332-333.
[1809] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 273.
[1810] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 6.

governante não caberia jamais o direito de destruir, de escravizar ou de empobrecer propositalmente qualquer súdito; as obrigações das leis naturais não cessam, de maneira alguma, na sociedade"[1811].

Com isso, "demolia-se o sustentáculo lógico do Estado absoluto, um Estado que ficava acima da sociedade civil, como haviam defendido Maquiavel, Bossuet e Hobbes"[1812]. Biéler destaca que "são os Estados de maioria protestante, nórdicos e ingleses principalmente, que se opõem à tendência de um Estado europeu de tipo centralizador"[1813]. Como já vimos, na Inglaterra a corte era muito menos pomposa do que na Espanha, e nos Estados Unidos os gastos com políticos era significativamente menor do que na França.

Isso não é coincidência: onde prevalecia a ética protestante, os impostos e gastos públicos tendiam a ser menores porque o Estado era mais liberal; onde não prevalecia, o que se via era um Estado inflado cujos tentáculos envolviam toda a sociedade e sufocava toda a iniciativa empreendedora, além de incidir diretamente na vida privada dos cidadãos.

Camargo tem razão quando diz que "nos países protestantes o liberalismo democrático lançou raízes mais profundas, em relação à propriedade privada alçada como garantia indispensável de uma sociedade civil livre e forte"[1814], e Pirenne corretamente conclui que "o calvinismo se unia ao liberalismo e o

[1811] LOCKE apud VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 6.
[1812] VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008, p. 6.
[1813] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 62.
[1814] CAMARGO, César S. "A visão de Estado no pensamento da Reforma Protestante". *Revista Grifos: dossiê religião*, Chapecó/SC, n. 17, nov. 2004, p. 63-64.

catolicismo ao absolutismo"[1815]. O autor ressalta o contraste entre a Espanha e os Países Baixos, que fala mais alto que qualquer outro exemplo:

> Enquanto na Espanha a monarquia adotava a fórmula da economia estatal, os Países Baixos, cujo desenvolvimento se operava seguindo a ação natural das forças espontâneas, entravam nas normas do liberalismo econômico.[1816]

O quadro político da Europa ganhava contornos cada vez mais nítidos: de um lado, o liberalismo, que tinha à sua frente os países protestantes; do outro, o autoritarismo, encabeçado pelas principais potências católicas. Essa luta «se manifestava nos terrenos econômico, político e cultural»[1817] e atravessou o Atlântico, trazendo às colônias a mesma tendência que cada qual se adequava na Europa.

Assim, enquanto "a prosperidade dos Estados Unidos se baseava em liberdade econômica"[1818], as colônias ibéricas amargavam estatismo, burocracia e parasitismo, que fez desses países os mais atrasados do mundo ocidental por longo tempo. Enquanto as velhas ordens dominantes continuavam intocáveis no mundo antiliberal, "o liberalismo econômico produziu a ruína da antiga nobreza feudal e o enriquecimento da classe média, rural e cidadã, graças à difusão do luxo e as comodidades"[1819].

[1815] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3, p. 147.
[1816] ibid, p. 240.
[1817] ibid, p. 237.
[1818] ibid, p. 232.
[1819] ibid, p. 120.

A velha nobreza parasitária foi substituída por uma burguesia geradora de riqueza, que arriscava seu capital para fazer bons negócios e oferecer bens e serviços úteis a toda a sociedade – além de criar empregos cujo salário real aumentaria progressivamente, em oposição ao velho sistema escravista que permaneceu vigente por muito mais tempo nos países antiliberais, como o nosso.

Os protestantes são um exemplo raro de grupo religioso que não é "gado" de nenhuma autoridade religiosa com o poder de falar por todos do grupo (como o papa na Igreja Romana, o patriarca grego na Igreja Ortodoxa, o aiatolá no mundo islâmico, o Dalai-lama no budismo tibetano e assim por diante). Ou seja, embora existam lideranças no meio protestante, não há nenhuma que fale em nome de todos os evangélicos.

Isso é essencial, pois resguarda o direito de liberdade de pensamento, evitando que alguém seja constrangido a mudar de opinião contra a sua consciência só porque um líder religioso ditou assim. Além disso, a liberdade protestante dificulta a infiltração de grupos que pretendem corromper o sistema "de dentro pra fora", como reconhece o apologista católico e antiprotestante Bernardo Küster, ao se referir à dificuldade que o PT terá em controlar as igrejas evangélicas agora que já tem a católica na mão:

> A Igreja Católica, de certo modo, tem uma vantagem de resistência porque ela é uma coisa só, ela tem uma hierarquia fixa, ela é muito bem organizada, mas por outro lado se você começa a tomar a hierarquia você também vai tomando conta da organização. Então, por um lado isso é bom, e por outro é ruim. A Igreja protestante

> também tem o mesmo problema, só que invertido. Ela não tem um núcleo central, na igreja protestante cada igreja é uma sentença, cada pastor é uma sentença, a gente sabe que funciona mais ou menos assim. **Então, é muito mais difícil você controlar e você dominar**. Por isso que o PT vai ter que se alastrar muito e começar a dominar igreja a igreja, bairro a bairro, pastor a pastor, para fazer a cabeça do rebanho.[1820]

Como todo bom católico, Bernardo tenta ver uma "vantagem" onde não existe. Do fato da Igreja Católica ser uma hierarquia rígida não decorre que tenha uma «vantagem de resistência», do contrário o próprio Bernardo não reconheceria, no mesmo vídeo, que o PT teve muito mais facilidade e êxito em dominar a Igreja Católica do que em conquistar os evangélicos. Nós já discorremos sobre isso quando falamos sobre o mal da centralização do poder: quando um se corrompe, toda a estrutura se corrompe.

Por isso, quanto mais diluído o poder estiver, quanto mais descentralizado ele for, mais difícil é a estrutura toda se corromper. Não existe um «lado bom» na centralização: ela sempre leva a corrupções e desvios, mais cedo ou mais tarde. A questão não é "se", mas *quando.* Daí decorre a conclusão do próprio Bernardo, de que é «muito mais difícil você controlar e dominar» os evangélicos.

Não à toa o direito ao livre exame é levado tão a sério no meio protestante, onde cada fiel tem o direito de examinar as Escrituras e chegar às suas próprias

[1820] KÜSTER, Bernardo P. *Protestantes, acordem! Vocês serão os próximos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=axwF7jvoNJo>. Acesso em: 13/01/2020.

conclusões a partir daquilo que considera o mais convincente, em vez de estar condicionado a aceitar as conclusões de outrem. Enquanto no catolicismo basta empurrar um do precipício para que todos caiam junto, no protestantismo tem que derrubar um por um.

Por isso o protestantismo é o que mais se aproxima no campo religioso daquilo que o liberalismo é no campo político, enquanto o papado é no campo religioso análogo àquilo que a Coreia do Norte é no campo político (o que para alguns tradicionalistas é até um elogio). Isso explica por que o protestantismo criou sociedades livres como os Estados Unidos, enquanto o papado promoveu ditaduras rígidas e sanguinárias.

• O catolicismo e o liberalismo

Ao contrário do protestantismo, o catolicismo é antiliberal por excelência, a começar pela forma de governo que desde sempre predominou nos Estados Papais: o absolutismo. Tocqueville já dizia que «o catolicismo é como uma monarquia absoluta»[1821], e ele novamente estava banhado pela razão. Toda a hierarquia católica é centrada no papa como o chefe supremo, o qual «possui na Igreja poder pleno, supremo e universal»[1822] de acordo com o catecismo católico.

Lembremos que o papa não é apenas uma figura religiosa, mas um chefe de Estado que durante a Idade Média e nos séculos seguintes dominou um vasto território

[1821] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 339.
[1822] §882 do Catecismo Católico.

com as mesmas prerrogativas destacadas no catecismo – um poder pleno, supremo e universal sobre todos os seus súditos; o absolutismo em seu estado mais puro.

A Igreja Romana está tão envolvida em política que ela mesma é uma "Igreja-Estado" que participa dos órgãos internacionais na condição de Estado, ao mesmo tempo em que se apresenta ao mundo como uma instituição espiritual fundada por Cristo. Essa ambivalência não deixa de ser notada por Biéler, que escreve:

> No capítulo consagrado à ação ecumênica contemporânea, ressaltar-se-á que a sobrevivência dessa estranha estrutura político-religiosa constitui obstáculo incontornável ao avanço da unidade dos cristãos. Decisivamente incompatível com uma noção evangélica das relações entre a Igreja e o Estado, ela é ademais inadmissível sob a visão política de um Estado democrático leigo. Está-se um pouco diante do mesmo tipo de relações ambíguas estabelecidas entre poder religioso e poder político que estabelece o Islã. Por mais radicalmente diferentes que sejam, esses dois modelos favorecem a ingerência de uma religião estrangeira nos assuntos públicos de todo o país que mantém relações diplomáticas com eles.
>
> Quando os núncios apostólicos intervêm, nunca se sabe exatamente quando a Igreja (Estado) estrangeira de Roma intervém na política da nação, nem quando o Estado (Igreja) estrangeiro se intromete nos assuntos religiosos. Além disso, o Estado (Igreja) do Vaticano é a única Igreja (Estado) que tem acesso às inumeráveis instituições internacionais enquanto tal. Isso permite à religião católica agir

> oficialmente junto a todos os Estados da ONU e fazer valer suas pretensões particulares por via diplomática, em detrimento das opções das outras igrejas.[1823]

Uma vez que essa Igreja-Estado de Roma sempre foi uma monarquia absolutista e que o liberalismo é o exato oposto do absolutismo, catolicismo e liberalismo nunca deram *match*. Embora exista até hoje um ou outro católico de linha mais liberal (principalmente nos Estados Unidos, fundado sob princípios liberais que todos aprendem a admirar desde cedo), a doutrina oficial da Igreja – compartilhada pela ampla maioria do clero e dos leigos – é ferrenhamente antiliberal, como evidenciado nos ataques ferozes aos princípios do liberalismo presentes no *Syllabus* e em outros documentos papais que conferimos no volume anterior[1824].

Tudo, desde a consciência individual até a liberdade de culto, passando pela «monstruosidade da liberdade de imprensa»[1825], era rotulado de "modernismo" e condenado energicamente. Mesmo Collins e Price, dois historiadores católicos, reconhecem que "o papado parecia ser contra a liberdade e o progresso"[1826]. Se no campo social a oposição ao progresso era total, no aspecto econômico a Igreja-Estado de Roma não ficava por menos.

Papa após papa, os decretos contra o liberalismo econômico aumentavam substancialmente, condenando todo o progresso econômico pelo qual o mundo

[1823] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 38-39.
[1824] Mais especificamente no capítulo 12.
[1825] GREGÓRIO XVI. *Mirari Vos*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=mirarivos&lang=bra>. Acesso em: 01/07/2018.
[1826] COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé.* São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 177.

havia passado desde o fim da Idade Média. A *Rerum Novarum* de Leão XIII, publicada em 1891, foi um marco neste sentido. Opondo-se ao capitalismo industrial e à livre concorrência – além da "usura", como não podia deixar de ser – a encíclica do papa sustenta:

> O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição.[1827]

Essa encíclica foi tão celebrada no mundo católico que muitas outras encíclicas foram escritas em sua memória. Exatamente quarenta anos após a *Rerum Novarum,* o papa Pio XI publica a *Quadragesimo Anno,* onde exclama contra a "livre competição sem limites, que deixa sobreviver somente os mais fortes, o que significa muitas vezes os mais violentos e inescrupulosos lutadores"[1828].

O mesmo papado que nunca ergueu a voz contra a antiga nobreza, detentora de privilégios por natureza e de poder sobre os mais fracos herdado por sangue, agora

[1827] LEÃO XIII. *Rerum Novarum*, 3. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso em: 09/12/2018.
[1828] PIO XI apud BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 317. *Quadragesimo Anno* de Pio XI, de 15 de maio de 1931. *Acta Apostolicae Sedis* 23 (1931) 118ss. Excertos em Denzinger 2253 ss.

esbravejava contra a livre concorrência capitalista, baseada em um mercado livre no qual diversos burgueses competem entre si e arriscam seu capital para gerar emprego, bens e serviços à sociedade.

Em vez de identificar na falta de concorrência a raiz dos problemas econômicos, o papa achava que o "excesso" dela é que era o problema. Suas palavras espelham com uma exatidão monumental o discurso rotineiro da esquerda, em direta oposição aos princípios da livre concorrência e da autorregulação do mercado:

> Como não pode a unidade social basear-se na luta de classes, assim a reta ordem da economia não pode nascer da livre concorrência de forças. Deste princípio como de fonte envenenada derivaram para a economia universal todos os erros da ciência econômica «individualista» olvidando esta ou ignorando, que a economia é juntamente social e moral, julgou que a autoridade pública a devia deixar em plena liberdade, visto que no mercado ou livre concorrência possuía um princípio diretivo capaz de a reger muito mais perfeitamente, que qualquer inteligência criada. Ora a livre concorrência, ainda que dentro de certos limites é justa e vantajosa, não pode de modo nenhum servir de norma reguladora à vida econômica. Aí estão a comprová-lo os fatos desde que se puseram em prática as teorias de espírito individualista. Urge por tanto sujeitar e subordinar de novo a economia a um princípio diretivo, que seja seguro e eficaz.[1829]

[1829] PIO XI. *Quadragesimo Anno*, Parte 2. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 09/12/2018.

O papa não fazia questão de disfarçar sua repulsa a tudo o que sustenta o capitalismo, chegando a bradar não apenas contra a «livre concorrência», mas também contra a «liberdade do mercado» e a redução do tamanho e do papel do Estado. Ele chegou mesmo a defender abertamente um Estado grande e intervencionista, como uma rainha sentada num trono que controla todo o capital financeiro:

> As últimas consequências deste espírito individualista no campo econômico são essas que vós, veneráveis irmãos e amados filhos, vedes e lamentais: a livre concorrência matou-se a si própria; à liberdade do mercado sucedeu o predomínio econômico; à avidez do lucro seguiu-se a desenfreada ambição de predomínio; toda a economia se tornou horrendamente dura, cruel, atroz. Acrescem os danos gravíssimos originados da malfadada confusão dos empregos e atribuições da pública autoridade e da economia, quais são: primeiro e um dos mais funestos, o aviltamento da majestade do Estado, a qual do trono onde livre de partidarismos e atenta só ao bem comum e à justiça, se sentava como rainha e árbitra suprema dos negócios públicos, se vê feita escrava, entregue e acorrentada ao capricho de paixões desenfreadas; depois, no campo das relações internacionais, dois rios brotados da mesma fonte: de um lado o nacionalismo ou imperialismo econômico, do outro o internacionalismo ou imperialismo internacional bancário, não menos funesto e execrável, cuja pátria é o interesse.[1830]

[1830] ibid, Parte 3.

Se por um lado Pio XI reconhecia a propriedade privada, por outro impunha um mercado fortemente regulado pelo Estado, opondo-se assim tanto ao capitalismo como ao comunismo. Os dois eram condenados com o mesmo ímpeto, como fica nítido em suas próprias palavras:

> Conheceis, veneráveis irmãos e amados filhos, e sabeis perfeitamente a admirável doutrina, que tornou a encíclica «Rerum Novarum» digna de eterna memória. Nela o bom Pastor, condoído ao ver «a miserável e desgraçada condição, em que injustamente viviam» tão grande parte dos homens, tomou animoso a defesa dos operários, que «as condições do tempo tinham entregado e abandonado indefesos à crueldade de patrões desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada». Não pediu auxílio nem ao liberalismo nem ao socialismo, pois que o primeiro se tinha mostrado de todo incapaz de resolver convenientemente a questão social, e o segundo propunha um remédio muito pior que o mal, que lançaria a sociedade em perigos mais funestos.[1831]

Na teoria econômica defendida por Pio XI, toda a economia é dirigida em torno do Estado, o qual tem a função de controlar, regular e intervir na livre concorrência, no capital, na propriedade e no trabalho, «adaptando a sociedade inteira às exigências do bem comum» (leia-se: às exigências do Estado):

[1831] PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 09/12/2018.

> Para evitar a escolha quer do individualismo [liberalismo] quer do socialismo, ter-se-á em conta o duplo caráter individual e social tanto do capital ou propriedade, como do trabalho. As relações mútuas de um com o outro devem ser reguladas segundo as leis de uma rigorosa justiça comutativa, apoiada na caridade cristã. A livre concorrência contida dentro de justos e razoáveis limites e mais ainda o poderio econômico devem estar efetivamente sujeitos à autoridade pública, em tudo o que é da sua alçada. Enfim as públicas instituições adaptarão a sociedade inteira às exigências do bem comum, isto é, às regras da justiça; donde necessariamente resultará, que esta função tão importante da vida social, qual é a atividade econômica, se encontrará por sua vez reconduzida a uma ordem sã e bem equilibrada.[1832]

Embora alguns católicos mais esclarecidos e liberais (especialmente os americanos) tivessem se oposto à *Rerum Novarum,* Pio XI reforçou as palavras de seu antecessor, criticou essas vozes destoantes e atacou os "ídolos do liberalismo":

> No meio de tanta harmonia de sentimentos não faltaram vozes discordantes de alguns, mesmo de católicos, a quem a doutrina de Leão XIII, tão nobre e elevada, tão nova para humanos ouvidos pareceu suspeita e até escandalizou. Ela assaltava ousadamente e derribava os ídolos do liberalismo, não fazia caso de preconceitos inveterados, prevenia inopinadamente o futuro.[1833]

[1832] ibid, Parte 3.
[1833] PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>. Acesso em: 09/12/2018.

Opondo-se uma vez mais ao liberalismo, Pio XI corrobora as palavras de Leão XIII ao propor que o Estado é que deve ser responsável pela «prosperidade da nação e dos indivíduos» (o que obviamente não funcionou em lugar nenhum e só tornou as nações católicas ainda mais atrasadas em relação às protestantes):

> Quanto à autoridade civil, Leão XIII, ultrapassando com audácia os confins impostos pelo liberalismo, ensina impertérrito, que ela não deve limitar-se a tutelar os direitos e a ordem pública, mas antes fazer o possível «para que as leis e instituições sejam tais, que da própria organização do Estado dimane espontaneamente a prosperidade da nação e dos indivíduos».[1834]

O papa reconhece abertamente que a *Rerum Novarum* ajudou a produzir no seio das nações uma «corrente política francamente social» (de onde vem partidos maravilhosos como o PT, PTB, PDT e afins, todos com ênfase "trabalhista"):

> E na verdade, em quanto vacilavam os princípios do liberalismo, que havia muito paralisavam a obra eficaz dos governos, a encíclica «Rerum Novarum» produziu no seio das nações uma grande corrente favorável a uma política francamente social, e de tal modo excitou os melhores católicos a cooperar com as autoridades, que não raro foram eles os defensores mais ilustres da nova legislação nos próprios parlamentos.[1835]

[1834] ibid.
[1835] ibid.

Ainda sobrou tempo pra vociferar contra os liberais de Manchester, qualificados como «monstros», e contra todos aqueles que, mesmo não sendo liberais, contribuíam em alguma medida para formar uma sociedade liberal:

> É bem verdade que as obras nem sempre estavam de acordo com semelhantes monstruosidades dos chamados liberais de Manchester: não se pode contudo negar que para elas tendia com passo certeiro e constante o regime econômico e social. Por isso não é para admirar que estas opiniões errôneas e estes postulados falsos fossem energicamente impugnados, e não só por aqueles a quem privavam do direito natural de adquirir melhor fortuna.[1836]

Para fechar com chave de ouro, a encíclica de Pio XI reconhece que o socialismo, embora seja um erro, "encerra algo de verdade, o que os Sumos Pontífices nunca negaram"[1837]. Entre essas "verdades" do socialismo que os papas nunca negaram se destacam as «verdades que a tradição cristã sempre solenemente ensinou», as quais o socialismo «em certa maneira se aproxima», porque «é inegável que as suas reivindicações concordam às vezes muitíssimo com as reclamações dos católicos que trabalham na reforma social».

Ou seja, embora o papa "condenasse" o socialismo formalmente, ele flertava com o mesmo descaradamente:

[1836] ibid, Parte 2.
[1837] ibid, Parte 3.

Mais moderada é a outra facção, que conservou o nome de socialismo: porque não só professa abster-se da violência, mas abranda e limita de algum modo, embora não as suprima de todo, a luta de classes e a extinção da propriedade particular. Dir-se-ia que o socialismo, aterrado com as consequências que o comunismo deduziu de seus próprios princípios, tende para as verdades que a tradição cristã sempre solenemente ensinou, e delas em certa maneira se aproxima; por quanto é inegável que as suas reivindicações concordam às vezes muitíssimo com as reclamações dos católicos que trabalham na reforma social.

Com efeito a luta de classes, quando livre de inimizades e ódio mútuo, transforma-se pouco a pouco numa concorrência honesta, fundada no amor da justiça, que se bem não é aquela bem-aventurada paz social, por que todos suspiramos, pode e deve ser o princípio da mútua colaboração. Do mesmo modo a guerra à propriedade particular, afrouxando pouco a pouco, chega a limitar-se a ponto de já não agredir a posse do necessário à produção dos bens, mas aquele despotismo social, que a propriedade contra todo o direito se arrogou.

E de fato um tal poder não pertence aos simples proprietários mas à autoridade pública. Por este caminho podem os princípios deste socialismo mitigado vir pouco a pouco a coincidir com os votos e reclamações dos que procuram reformar a sociedade segundo os princípios cristãos. Estes com razão pretendem que certos gêneros de bens sejam reservados ao Estado, quando o poderio que trazem

> consigo é tal, que, sem perigo do mesmo Estado, não pode deixar-se em mãos dos particulares. Tão justos desejos e reivindicações em nada se opõem à verdade cristã, e muito menos são exclusivos do socialismo.[1838]

Todo esse discurso socialista não foi feito por um Frei Betto ou Leonardo Boff, mas pelo papa Pio XI, que expressamente declara que «os princípios deste socialismo mitigado» coincidem com «os votos e reclamações dos que procuram reformar a sociedade segundo os princípios cristãos». Daí se pode perceber facilmente como a Teologia da Libertação não surgiu da "infiltração marxista" na Igreja Católica, mas precisamente do discurso dos próprios papas, que foram os primeiros a tentar conciliar um "socialismo moderado" com a moral da Igreja.

Fazendo jus à tradição papista de ser antiliberal em todos os aspectos, Pio XI proíbe o direito à greve, exatamente o mesmo que fazia a *Carta del Lavoro* de Mussolini: "É proibida a greve; se as partes não podem chegar a um acordo, intervém a autoridade"[1839]. Suas palavras ecoam com exatidão a ideologia fascista do século passado: antiliberal no campo econômico (pretensamente para "defender" a classe trabalhadora, numa típica jogada populista), mas igualmente antiliberal no campo social, reprimindo com violência as manifestações civis dessa mesma massa proletária que diz defender.

O mesmo Estado que bate no patrão com uma mão derruba o operário com a outra. De comum só há o fato de ambos estarem debaixo da mão forte do Estado, que

[1838] ibid.
[1839] ibid.

amarra um e oprime o outro. Não obstante, o atual compêndio da Doutrina Social da Igreja declara que a encíclica de Pio XI "refutou" o liberalismo econômico e confirmou o direito à propriedade privada (mas não sem reservas):

> A «Quadragesimo anno» reafirma o princípio segundo o qual o salário deve ser proporcionado não só às necessidades do trabalhador, mas também às de sua família. O Estado, nas relações com o setor privado, deve aplicar o princípio de subsidiariedade, princípio que se tornará um elemento permanente da Doutrina Social. A encíclica refuta o liberalismo entendido como concorrência ilimitada das forças econômicas, mas reconfirma o direito à propriedade privada, evocando-lhe a sua função social.[1840]

Seu sucessor, Pio XII, seguiu os mesmos passos, não deixando de condenar o capitalismo e de criticar o direito de propriedade, logo após reprovar o comunismo:

> Outros, porém, se mostram tímidos e incertos quanto ao sistema econômico conhecido pelo nome de capitalismo, do qual a Igreja não tem cessado de denunciar as graves consequências. A Igreja, de fato, apontou não somente os abusos do capital e do próprio direito de propriedade que o mesmo sistema promove e defende, mas tem igualmente ensinado que o capital e a propriedade devem ser instrumentos da produção em proveito de toda a sociedade e meios de manutenção e de defesa da liberdade e da dignidade da pessoa

[1840] PONTIFÍCIO CONSELHO. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 91. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 09/12/2018.

> humana. Os erros dos dois sistemas econômicos [comunismo e capitalismo] e as ruinosas consequências que deles derivam devem a todos convencer, e especialmente aos sacerdotes, a manter-se fiéis à Doutrina Social da Igreja e a difundir-lhe o conhecimento e a aplicação prática.[1841]

Reforçando que tanto o capitalismo como o comunismo são igualmente condenáveis, ele declara:

> Igualmente cega é a confiança quase supersticiosa no mecanismo do mercado mundial para equilibrar a economia, como a de quem a fiam a um Estado providenciar e encarregar de procurar a todos seus súditos, e em todas as circunstâncias da vida, o direito a satisfazer exigências, ao fim das contas, irrealizáveis.[1842]

Poucos anos mais tarde, sem muitos rodeios, ele se lançou contra o livre-comércio, dizendo:

> Ganha terreno a concepção que é da economia, e em particular de uma forma sua específica, que é o livre-comércio, que se deve esperar a solução do problema da paz. Tivemos outra vez a ocasião de expor o erro de tal doutrina. E mais ou menos cem anos atrás os sequazes

[1841] PIO XII. *Menti Nostrae*, 115. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-xii_exh_19500923_menti-nostrae.html>. Acesso em: 12/12/2018.
[1842] PIO XII. *Discurso ao Congresso Internacional de Estudos Sociais*, 3 de junho de 1950.

> do sistema de livre-comércio esperavam dele coisas maravilhosas, vendo nisso um poder quase mágico.[1843]

Na década seguinte viria o famigerado Concílio Vaticano II (1962-1965), endossando as mesmas teses antimercado que já haviam sido enfatizadas pelos papas precedentes. O destaque fica por conta do roubo, expressamente autorizado em casos de "necessidade". Diz o concílio: "Aquele, porém, que se encontra em extrema necessidade, tem direito de tomar, dos bens dos outros, o que necessita"[1844].

Obviamente, uma sentença tão vaga e subjetiva como essa abriria uma margem enorme para qualquer morador pobre de periferia recorrer ao crime a fim de cobrir suas "necessidades", o que ajuda a explicar o alto índice de criminalidade presente nos países católicos de terceiro mundo. Apenas dois anos após o concílio, o papa Paulo VI escreveu uma encíclica onde volta a condenar o capitalismo, atribuindo-lhe todos os «sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas» do mundo (como se o mundo fosse melhor antes do capitalismo).

Suas palavras reverberam a profunda ignorância dos princípios mais básicos da economia e a confusão mental do papado em se tratando de assuntos econômicos, o qual era incapaz de entender que os maiores problemas sociais do mundo se davam justamente nos países *menos* capitalistas, e não nos *mais* capitalistas. Embora os países mais pobres fossem os menos capitalistas, e embora esses

[1843] PIO XII. *Radiomessaggio a tutto il mondo in occasione del Natale*, 24 de dezembro de 1954.
[1844] CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, 69. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 12/12/2018.

mesmos países fossem muito mais pobres antes do capitalismo, é o capitalismo que é apontado como a raiz de todos os males:

> Infelizmente, sobre estas novas condições da sociedade, construiu-se um sistema que considerava o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limite nem obrigações sociais correspondentes. Este liberalismo sem freio conduziu à ditadura denunciada com razão por Pio XI, como geradora do "imperialismo internacional do dinheiro". Nunca será demasiado reprovar tais abusos, lembrando mais uma vez, solenemente, que a economia está ao serviço do homem. Se é verdade que um certo capitalismo foi a fonte de tantos sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas com efeitos ainda duráveis, é contudo sem motivo que se atribuem à industrialização males que são devidos ao nefasto sistema que a acompanhava.[1845]

Embora o trecho acima pareça ter sido extraído direto de um discurso do Lula ou de uma ocupação do Boulos, ele consta na *Populorum Progressio* de Paulo VI, que entra na onda de culpar o capitalismo por todos os males da humanidade, esquecendo que a humanidade tinha muito mais problemas antes do capitalismo, e esquecendo também que os lugares que superaram esses problemas com mais rapidez foram justamente os países mais capitalistas da terra. Ainda em sua cruzada

[1845] PAULO VI. *Populorum Progressio*, 26. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 12/12/2018.

anticapitalista, Paulo VI arremete contra o livre mercado, usando um argumento esquerdista recusado até mesmo por principiantes em economia:

> A regra da livre troca já não pode, por si mesma, reger as relações internacionais. As suas vantagens são evidentes quando os países se encontram mais ou menos nas mesmas condições de poder econômico: constitui estímulo ao progresso e recompensa do esforço. Por isso os países industrialmente desenvolvidos veem nela uma lei de justiça. Já o mesmo não acontece quando as condições são demasiado diferentes de país para país: os preços "livremente" estabelecidos no mercado podem levar a consequências iníquas. Devemos reconhecer que está em causa o princípio fundamental do liberalismo, como regra de transações comerciais.[1846]

Não é de se admirar que até hoje as nações católicas de terceiro mundo se apeguem a um protecionismo retrógrado que pretensamente visa "proteger" a indústria nacional, mas que na prática acaba emperrando seu desenvolvimento econômico, como vemos a olhos nus. Esses países são o exato oposto da Coreia do Sul, que se inspirou na ética protestante para se abrir ao mercado e prosperar como nunca através do capitalismo – embora a princípio fosse tão ou mais pobre que os países latinos, que seguiram as orientações de Paulo VI, se fecharam ao mercado e garantiram estagnação e pobreza.

O papa prometeu que intervenção estatal e controle de mercados levaria à prosperidade, e acabou entregando crises, divisão social e a mesma decadência que

[1846] ibid, 58.

assolou os Estados Papais enquanto ainda existiam. A própria administração (ou a ausência dela) dos Estados Pontifícios já deveria ser mais que o suficiente para ninguém levar a sério o discurso de um papa na esfera político-econômica, que seria como confiar sua poupança a um tesoureiro do PT.

O que monarcas que arruinaram as terras que possuíam e as tornaram os lugares mais miseráveis da Europa (até perdê-las completamente, sem que ninguém sentisse falta) tem a ensinar sobre teorias políticas e econômicas? A simples hipótese chega a ser bizarra. Não obstante, para muitos da direita católica, João Paulo II foi um papa diferenciado, por ter se notabilizado na luta contra o comunismo mundial (o que para eles significa que foi um grande defensor do capitalismo).

Nada mais longe da verdade, no entanto. Como vimos, todos os papas anteriores que condenavam o capitalismo condenavam igualmente o comunismo. Em outras palavras, o fato de um papa criticar um sistema não faz dele um defensor do sistema oposto, como o raciocínio binário e limitado de alguns pressupõe. A prova disso é que, ao se completar cem anos da *Rerum Novarum,* João Paulo II escreveu a *Centesimus Annus*, onde expressa claramente a oposição da Igreja a ambos os sistemas:

> É inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado «socialismo real» deixe o capitalismo como único modelo de organização econômica. Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios que deixam tantos povos à margem do progresso, e

> garantir, a todos os indivíduos e nações, as condições basilares que lhes permitam participar no desenvolvimento.[1847]

E ainda:

> A queda do sistema comunista, em tantos países, elimina certamente um obstáculo para enfrentar de modo adequado e realístico estes problemas, mas não basta para resolvê-los. Existe até o risco de se difundir uma ideologia radical de tipo capitalista, que se recusa mesmo a tomá-los em conta, considerando a priori condenada ao fracasso toda a tentativa de os encarar e confia fideisticamente a sua solução ao livre desenvolvimento das forças de mercado.[1848]

Como se nota, a rejeição ao comunismo não se traduzia em uma adesão ao capitalismo. João Paulo II abominava ambos. Sua aversão ao «livre desenvolvimento das forças de mercado» também se faz presente na crítica aberta ao liberalismo, colocado lado a lado com o socialismo:

> Outra nota importante, rica de ensinamentos para os nossos dias, é a concepção das relações entre o Estado e os cidadãos. A *Rerum Novarum* critica os dois sistemas sociais e econômicos: o socialismo e o liberalismo. Ao primeiro, é dedicada a parte inicial, na qual se reafirma o direito à propriedade privada; ao segundo, não se dedica

[1847] JOÃO PAULO II. *Centesimus Annus*, 35. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em: 12/12/2018.
[1848] ibid, 42.

> nenhuma seção especial, mas – fato merecedor de atenção – inserem-se as críticas, quando se aborda o tema dos deveres do Estado.[1849]

Demonstrando a mesma ignorância sobre o mundo que seus predecessores já haviam comprovado, João Paulo II atribui ao capitalismo os "males da modernidade", incluindo a «carência dos bens materiais, do conhecimento e da ciência» (ainda que com o capitalismo a extrema-pobreza tenha caído de 95% em 1820 para 10% em 2015[1850], e a ciência tenha avançado como nunca antes):

> Apesar das grandes mudanças verificadas nas sociedades mais avançadas, as carências humanas do capitalismo, com o consequente domínio das coisas sobre os homens, ainda não desapareceram; pelo contrário, para os pobres à carência dos bens materiais juntou-se a do conhecimento e da ciência, que lhes impede de sair do estado de humilhante subordinação.[1851]

A alienação midiática que nos faz pensar que o mundo está piorando e que o capitalismo gera pobreza é seguida à risca por João Paulo II, que numa extraordinária demonstração de ignorância chega a dizer que o capitalismo é responsável por impedir que as pessoas mais pobres deixem o «estado de humilhante subordinação», quando a história nos mostra que a possibilidade de ascensão social se deu justamente com o capitalismo e que antes disso as estruturas

[1849] ibid, 10.
[1850] Sobre isso, confira os dados apresentados no capítulo 1.
[1851] JOÃO PAULO II. *Centesimus Annus*, 33. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em: 12/12/2018.

sociais eram rigidamente imóveis, numa hierarquia intransponível em que ninguém subia ou descia.

Nesses tempos de escuridão e feudalismo, nenhum papa se atreveu a denunciar o "estado de humilhante subordinação" de uma classe (todo o povo, incluindo escravos e servos) diante da outra (nobreza e clero). Pelo contrário, os papas sempre o trataram como o "modelo ideal e harmônico" de sociedade, que só foi desfeita pelos avanços trazidos pelo capitalismo (o que ajuda a explicar por que os papas sempre demonstraram tanta hostilidade ao capitalismo, sobretudo ao capitalismo liberal).

A economia de mercado, tão detestada pelos papas, não apenas trouxe a mobilidade social que antes inexistia, mas desfez o monopólio do poder por uma classe de nobres de sangue azul que não precisava fazer nada além de escravizar pessoas e provocar guerras. Mas como tudo que é ruim ainda pode piorar, em outra encíclica (*Laborem Exercens*) o papa apela aos mesmos jargões esquerdistas de que o liberalismo "causa desigualdade e injustiça" e que "só é bom para os ricos":

> Na esteira da Encíclica *Rerum Novarum* e dos numerosos documentos do magistério da Igreja que se lhe seguiram, francamente tem de se reconhecer que se justificava, sob o ponto de vista da moral social, a reação contra o sistema de injustiça e de danos que bradava ao céu vingança e que pesava sobre o homem do trabalho nesse período de rápida industrialização. Este estado de coisas era favorecido pelo sistema sócio-político liberal que, segundo as suas premissas de

> «economismo», reforçava e assegurava a iniciativa econômica somente dos possuidores do capital.[1852]

Como não poderia deixar de ser, ele reforça a posição sustentada por seus predecessores, de que a Igreja «diverge radicalmente» tanto do marxismo quanto do capitalismo liberal:

> O princípio a que se alude, conforme foi então recordado e como continua a ser ensinado pela Igreja, diverge radicalmente do programa do coletivismo, proclamado pelo marxismo e realizado em vários países do mundo, nos decênios que se seguiram à publicação da encíclica de Leão XIII. E, ao mesmo tempo, ele difere também do programa do capitalismo, tal como foi posto em prática pelo liberalismo e pelos sistemas políticos que se inspiram no mesmo liberalismo.[1853]

João Paulo II escreveria ainda uma outra encíclica, intitulada *Sollicitudo Rei Socialis,* na qual mais uma vez expressaria seu desgosto tanto pelo capitalismo liberal como pelo marxismo, reforçando que a Doutrina Social da Igreja se distancia de ambos:

> No Ocidente, existe de fato um sistema que se inspira fundamentalmente nos princípios do capitalismo liberalista, tal como este se desenvolveu no século passado, com a industrialização; no Oriente, há um sistema inspirado pelo coletivismo marxista, que

[1852] JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens,* 8. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em: 12/12/2018.
[1853] ibid, 14.

> nasceu da interpretação da condição das classes proletárias feita à luz de uma leitura peculiar da história... a Doutrina Social da Igreja adota uma atitude crítica, quer em relação ao capitalismo liberalista, quer em relação ao coletivismo marxista.[1854]

O sucessor de João Paulo II foi Bento XVI, que seguiu avante a cruzada anticapitalista dos papas. Quando ele veio ao Santuário de Aparecida, em 13 de maio de 2007, acompanhado do presidente Lula (que ainda estava solto), reforçou a antipatia da Igreja tanto ao marxismo como ao capitalismo, ambos considerados «caminhos equivocados» com «receitas destruidoras»:

> Aqui está precisamente o grande erro das tendências predominantes no último século, erro destruidor, como demonstram os resultados tanto dos sistemas marxistas como também dos capitalistas. Falsificam o conceito de realidade com a deturpação da realidade fundante e por isso decisiva, que é Deus. Quem exclui Deus do seu horizonte falsifica o conceito de "realidade" e, por conseguinte, só pode terminar por caminhos equivocados e com receitas destruidoras.[1855]

Ainda em seu discurso militante contra o capitalismo e o marxismo, ele ataca o capitalismo com espantalhos e falsidades que provam que o papa possui a mesma

[1854] JOÃO PAULO II. *Sollicitudo Rei Socialis*, 20-21. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 12/12/2018.

[1855] BENTO XVI. *Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe,* 3. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>. Acesso em: 05/10/2019.

ignorância sobre o mundo que Hans Rosling denuncia em seu "Projeto da Ignorância" (ver capítulo 1):

> Tanto o capitalismo como o marxismo prometeram encontrar o caminho para a criação de estruturas justas e afirmaram que estas, uma vez estabelecidas, funcionariam por si mesmas; afirmaram que não só não teriam tido necessidade de uma precedente moralidade individual, mas também que fomentariam a moralidade comum. E esta promessa ideológica demonstrou-se falsa. Os fatos o comprovam. O sistema marxista, onde governou, deixou não só uma triste herança de destruições econômicas e ecológicas, mas também uma dolorosa opressão das almas. E o mesmo vemos também no Ocidente [referindo-se ao capitalismo], onde cresce constantemente a distância entre pobres e ricos.[1856]

Como já vimos no capítulo 1, a desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres regrediu significativamente com o avanço do capitalismo. O coeficiente de Gini[1857], usado como padrão internacional para medir a desigualdade de renda em uma sociedade, nos mostra que quanto mais o capitalismo avançou, mais a desigualdade regrediu. O Reino Unido, país mais capitalista por excelência, tinha um coeficiente de desigualdade calculado em 58,9 em 1800.

Na medida em que o capitalismo foi avançando, este índice foi caindo cada vez mais, até chegar aos 33,2 atuais (caiu para 41,3 em 1850, para 39,2 em 1900, para

[1856] ibid, 4.
[1857] GAPMINDER. *Gini – Data Documentation*. Disponível em: <https://www.gapminder.org/data/documentation/gini>. Acesso em: 06/10/2019.

36,7 em 1950 e para 33,2 em 2019). Os Estados Unidos, outro grande símbolo do capitalismo, tinha um coeficiente de desigualdade calculado em 52 em 1800, que hoje está estabelecido em 41,5. A Suíça, país que lidera os índices de liberdade econômica, foi o que teve a queda mais brusca de desigualdade.

O índice suíço era de 60,5 em 1800, e hoje é de 32,3 (ou seja, a desigualdade caiu quase pela metade ao longo desses dois séculos de capitalismo liberal no país). Para efeitos de comparação, Cuba tinha um coeficiente de desigualdade fixado em 37,5 em 1959 (o ano da Revolução), e tem hoje (2019) um índice de 43,4 (ou seja, enquanto os países mais capitalistas do mundo *diminuíram* a desigualdade, a Cuba revolucionária a *aumentou* desde então).

Isso se deve ao fato de que grande parte da renda cubana se concentra nas mãos de uma pequena elite política que sustenta a ditadura – especialmente a família Castro –, enquanto a massa de miseráveis reparte entre si as migalhas expropriadas dos ricos. Nos países capitalistas, todavia, embora a riqueza não seja distribuída de forma perfeitamente igualitária, ela passa por muito mais mãos que no regime socialista.

De fato, um cidadão americano considerado "pobre" para os padrões do país concentra mais de sete vezes a renda da média de um cidadão cubano – o que torna menos denso o contraste com os mais ricos. Ao elevar o padrão de vida de toda a sociedade, o capitalismo encurta progressivamente a distância entre as classes, sem com isso precisar prejudicar os mais ricos.

Hoje em dia, qualquer cidadão de classe média de um país tradicionalmente capitalista, e até mesmo muitos da periferia, consegue ter acesso a bens e serviços que fora do mundo capitalista são privilégio exclusivo de uma elite dominante – coisas como televisão, computador, internet, celular, saneamento básico, eletricidade, chuveiro, geladeira, fogão, lavadora e microondas. Isso significa que a "igualdade" do socialismo é na prática uma utopia, assim como o mito de que o capitalismo *causa* desigualdade.

Os países capitalistas eram muito mais desiguais antes de se tornarem capitalistas, e desde então a barreira entre ricos e pobres vem diminuindo consideravelmente (criando uma vasta *classe média* que antes não existia, classe média essa que saiu da extrema-pobreza na qual se encontrava antes).

Não obstante, embora o capitalismo tenha representado um enorme progresso na superação da desigualdade – que sempre esteve imensamente presente no mundo antigo, não nos esqueçamos –, o papa maldosamente atribui a ele a «distância entre ricos e pobres», enxergando como a causa do problema aquilo que na verdade é parte da solução. Assim, o papa se soma à mídia e à imensidão de militantes de esquerda no papel de desinformação, alimentando a ignorância que domina o mundo.

Mais grave do que isso foi o livro que Bento XVI escreveu no mesmo ano (2007), *Jesus de Nazaré,* onde apela aos mesmos jargões esquerdistas de sempre, rotulando o capitalismo como um sistema "cruel" que torna o homem uma "mercadoria" e que "adora Mamon":

> Perante o abuso do poder econômico, perante a crueldade de um capitalismo que degrada o homem a simples mercadoria, descobrimos também os perigos da riqueza e compreendemos o que Jesus queria dizer com o aviso acerca da riqueza, acerca do ídolo Mamon que estraga o homem, que mantém grande parte do mundo na sua cruel corda de estrangulamento.[1858]

Curioso é notar que nem Bento XVI, nem papa algum jamais ergueu a voz contra a imensidão de riquezas acumuladas pela Igreja Católica Romana até hoje – muitas vezes às custas de venda de indulgências e de outros métodos pouco escrupulosos –, nem tampouco atacou a antiga nobreza que acumulava riquezas e privilégios às custas da escravidão e da servidão alheia, nem contra as mazelas sociais tão comuns ao feudalismo, o sistema adorado pela Igreja e adotado nos seus tempos de glória.

Uma época em que a expectativa de vida era metade do que é hoje, em que a mortalidade infantil superava 200 a cada mil nascimentos (hoje é inferior a cinco), em que a medicina, a ciência e a tecnologia eram muito menos avançadas, em que grande parte do povo consistia em escravos ou servos vivendo em condições sub-humanas e abaixo do nível de pobreza, e em condições sanitárias que mesmo para os ricos eram pífias – essa mesma época é louvada como um modelo de sociedade ideal, jamais recriminada por papa algum. O problema mesmo é o mundo moderno, e o problema do mundo moderno é o capitalismo.

[1858] RATZINGER, Joseph Aloisius. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 98.

H. L. Mencken dizia que "para todo problema complexo, há sempre alguém com uma resposta simples, elegante e errada"[1859]. Os papas também mostraram ter uma resposta simples, elegante e errada sobre os problemas do mundo, que é a mesma dada pelos esquerdistas de todas as épocas: o capitalismo. Nem mesmo em um de seus últimos discursos públicos como papa, Joseph Ratzinger poupou o capitalismo. Um mês antes de anunciar sua renúncia, Bento XVI fez um discurso que parece ter sido formulado pelo próprio Karl Marx (e que se tivesse, ninguém notaria a diferença):

> Causam apreensão os focos de tensão e conflito causados por crescentes desigualdades entre ricos e pobres, pelo predomínio duma mentalidade egoísta e individualista que se exprime inclusivamente por um capitalismo financeiro desregrado.[1860]

Novamente o capitalismo é considerado o culpado pela desigualdade social, que desta vez se soma ao "egoísmo" e ao "individualismo", além dos conflitos que há no mundo (como se antes não existissem muito mais guerras e ninguém fosse egoísta). É como se literalmente os papas vivessem num universo alternativo onde tudo era um mar de pétalas de rosa até chegar o capitalismo malvadão e estragar tudo. Sempre que o capitalismo é citado, é como uma fonte de problemas, nunca como parte da solução.

[1859] MENCKEN, Henry Louis. *Prejudices: Second Series*. New York: Alfred A. Knopf, 1920, p. 158.
[1860] BENTO XVI. *XLVI Dia Mundial da Paz,* 1. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20121208_xlvi-world-day-peace.html>. Acesso em: 05/10/2019.

Liberais veem o capitalismo como um progresso óbvio na história humana, mas os papas sempre o viram como um inconveniente obstáculo aos seus propósitos. E embora as verdadeiras motivações que teriam levado Bento XVI à renúncia sejam até hoje especuladas, uma coisa não se discute: que ele foi sucedido por um esquerdista notório, que conseguiu atrair o ódio de toda a direita católica no mundo e fazê-la sentir saudade do velho e bom cardeal Ratzinger.

Apesar de sua crítica ao capitalismo ser a mesma de seus predecessores, a frequência e a ênfase que ele coloca nisso, somada à virtual ausência de condenações explícitas ao marxismo, fizeram dele um "ícone pop" da esquerda. Nunca antes um papa foi tão usado como propaganda pela esquerda internacional, e nunca antes um papa deu tanto motivo pra isso.

Uma das primeiras iniciativas de Francisco foi fazer as pazes com a Teologia da Libertação, o ramo marxista da Igreja Católica. Apenas seis meses após sua eleição, Bergoglio convidou Gustavo Gutiérrez (o fundador da TL) para uma reunião em particular em sua residência no Vaticano, o qual louvou o "novo clima" na Santa Sé[1861]. Em seguida, Francisco beatificou o arcebispo Óscar Romero, o «maior nome da Teologia da Libertação»[1862], apesar dos protestos dos bispos conservadores[1863].

[1861] WINFIELD, Nicole. *Fundador da teologia da libertação louva "novo clima" do Vaticano*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/2015/05/fundador-da-teologia-da-libertacao.html>. Acesso em: 12/10/2019.
[1862] EL PAÍS INTERNACIONAL. *Papa aprova a beatificação do maior nome da Teologia da Libertação*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/03/internacional/1422976165_889510.html>. Acesso em: 12/10/2019.
[1863] YARDLEY, Jim; ROMERO, Simon. *Com papa Francisco, Vaticano faz as pazes com Teologia da Libertação.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1634840-sob-papa-francisco-vaticano-reata-com-teologia-da-libertacao.shtml>. Acesso em: 12/10/2019.

Ele autorizou ainda o processo de beatificação de Dom Hélder Câmara (patrono da esquerda católica brasileira e um dos maiores expoentes da TL), dando um parecer favorável apenas dez dias após receber o pedido[1864]. Até o arcebispo que enviou o pedido se surpreendeu pela resposta favorável ter vindo tão cedo[1865]. Como se fosse pouco, Francisco lhe concedeu o título oficial de «Servo de Deus»[1866] – um privilégio para poucos no Vaticano.

Pela primeira vez na história, a Igreja promoveu um diálogo institucional com organizações marxistas, como a rede *Transform!,* associada ao Partido da Esquerda Europeia, de predominância socialista (o coordenador do *Transform!* é o comunista austríaco Walter Baier). Os marxistas se reuniram oficialmente com o Vaticano para seis encontros entre 2016 e 2018.

Além dos encontros, é interessante notar que os marxistas começam a ser convidados a participar de eventos católicos, como ocorreu na recente comemoração no Vaticano dos 50 anos da encíclica *Populorum Progressio,* de Paulo VI. O detalhe é que essas iniciativas partiram do próprio Vaticano. Frei Betto, um conhecido frade dominicano socialista, disse que "é admirável que Francisco tenha convocado este diálogo entre católicos e marxistas"[1867], pois "no momento

[1864] SEVERO, Julio. *Vaticano autoriza processo de beatificação de Dom Hélder Câmara, patrono da esquerda católica no Brasil*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/2015/04/vaticano-autoriza-processo-de.html>. Acesso em: 12/10/2019.
[1865] O GLOBO. *Dom Hélder Câmara recebe título de 'Servo de Deus' da Santa Sé*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/dom-helder-camara-recebe-titulo-de-servo-de-deus-da-santa-se-15813954>. Acesso em: 12/10/2019.
[1866] ibid.
[1867] BETTO apud LOPES, Mauro. *Avança diálogo entre o Vaticano e marxistas na Europa*. Disponível em: <https://pazebem.org/igreja/2533/avanca-dialogo-entre-o-vaticano-e-marxistas-na-europa>. Acesso em: 11/10/2019.

em que o marxismo parece em baixa, o Vaticano reconhece a sua importância como importante método de análise da realidade"[1868].

Antes disso, o papa já havia dito que "os comunistas pensam como os cristãos"[1869], recebeu um crucifixo com a foice e o martelo marxista e disse não ter se ofendido com isso[1870], defendeu abertamente o projeto socialista da «Pátria Grande»[1871], consultou Leonardo Boff (principal nome da TL no Brasil) para escrever sua encíclica ambientalista[1872], afirmou a empresários que "dinheiro é esterco do diabo"[1873] (um excelente estímulo aos negócios) e exclamou que "o capitalismo continua a produzir descartes e exclusões"[1874].

Note com atenção que o papa não disse simplesmente que "há exclusões no capitalismo", mas sim que o capitalismo *produz* as exclusões – o que, como vimos, é um disparate mentiroso e infame. Comentando mais essa declaração desastrosa do papa, Narloch escreveu:

[1868] ibid.
[1869] EXAME. *Papa diz que "comunistas pensam como os cristãos".* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-diz-que-comunistas-pensam-como-os-cristaos>. Acesso em: 11/10/2019.
[1870] EXAME. *Papa diz que não ficou ofendido por "crucifixo comunista"*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-diz-que-nao-ficou-ofendido-por-crucifixo-comunista>. Acesso em: 11/10/2019.
[1871] ibid.
[1872] ANSA. *Papa consulta Boff para escrever nova encíclica*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2014/10/02/papa-consulta-boff-para-escrever-nova-enciclica.htm>. Acesso em: 11/10/2019.
[1873] CANÇÃO NOVA. *Dinheiro é "esterco do diabo", alerta Papa a empresários*. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/dinheiro-e-esterco-do-diabo-alerta-papa-empresarios>. Acesso em: 11/10/2019.
[1874] GAMBARINI, Alberto. *Papa: multiplicar os bens para todos. Capitalismo produz exclusõe*s. Disponível em: <https://www.encontrocomcristo.com.br/papa-multiplicar-os-bens-para-todos-capitalismo-produz-exclusoes>. Acesso em: 11/10/2019.

> Antes do capitalismo industrial, quatro em cada dez pessoas morriam ou durante a gestação ou até completar 15 anos. Crises de fome ceifavam 10% a 15% da população pelo menos uma vez por século. Vestidos e casacos, de tão caros, apareciam em testamento como herança. Quase todos os gordos eram ricos, mas só os ricos tinham comida de sobra. Quem ingeria 900 calorias por dia poderia se considerar sortudo – hoje temos que nos esforçar para ingerir menos que 2400 calorias. A altura média dos homens passou de 1,68 metro (em 1700) para 1,77 hoje. Desculpa, caro papa Francisco, mas na Idade Média, quando a Igreja dominava o mundo, a pobreza era um pouquinho maior. Não foi o capitalismo que excluiu os pobres, e sim a falta de capitalismo.[1875]

Não satisfeito com isso, Francisco culpou o capitalismo pela crise[1876] e pediu mudanças no sistema socioeconômico, alegando que o capitalismo "produz gente descartável"[1877], que "faz da busca do lucro o seu único objetivo"[1878] e que "continua a destruir milhões de famílias no mundo"[1879] (bom mesmo devia ser a época em que ninguém lucrava nada e se limitava a socializar as misérias). Em uma entrevista ao

[1875] NARLOCH, Leandro. *Três mitos sobre o capitalismo no discurso do papa*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/tres-mitos-sobre-o-capitalismo-no-discurso-do-papa>. Acesso em: 11/10/2019.
[1876] EXAME. *Papa diz que vê na crise frutos do "capitalismo selvagem".* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-diz-que-ve-na-crise-frutos-do-capitalismo-selvagem>. Acesso em: 14/10/2019.
[1877] EFE. *Papa critica capitalismo e pede mudanças no sistema socioeconômico*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/02/04/papa-critica-capitalismo-e-pede-mudancas-no-sistema-socioeconomico.htm>. Acesso em: 12/10/2019.
[1878] FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no encontro promovido pelo Movimento dos Focolares.* Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170204_focolari.html>. Acesso em: 12/10/2019.
[1879] ibid.

jornalista espanhol Jordi Évole, o papa sustentou que o capitalismo é a causa da pobreza, da fome e das guerras.

Perguntado se "é o sistema econômico que domina o mundo, o capitalismo, que causa essa pobreza", Bergoglio responde: "Em geral sim, em linhas gerais sim. Cada vez há menos ricos com muito dinheiro e cada vez há mais pobres com muito pouco dinheiro"[1880]. Não contente em contrariar todos os índices de pobreza e desigualdade, Francisco prossegue seus ataques ao capitalismo dizendo que ele "também cria as guerras internacionais e nacionais, a fome, a exploração. Sustento que já estamos em uma terceira guerra mundial, em pedaços"[1881].

Infelizmente, Évole não questionou o papa sobre por que havia muito mais guerras internacionais e nacionais no período pré-capitalista do mundo – especialmente quando a Igreja dominava tudo e os países europeus viviam em conflitos intermináveis uns com os outros –, nem questionou a pobreza do período pré-capitalista, que era incomparavelmente maior que a atual. No mundo de fantasia do papa, não havia fome, nem guerras, nem pobreza antes do capitalismo, que ele acha ter causado tudo de ruim. É uma grosseira, covarde e criminosa inversão dos fatos.

Sem perder tempo, Francisco declarou ainda que a causa das migrações é um sistema econômico capitalista "concebido como selvagem"[1882], e discursando numa

[1880] TELESUR. *Papa Francisco: El capitalismo provoca pobreza, hambre y guerra*. Disponível em: <https://www.telesurtv.net/news/papa-francisco-capitalismo-entrevista-salvados-20190401-0007.html>. Acesso em: 16/10/2019.
[1881] ibid.
[1882] VATICAN NEWS. *Papa Francisco: entrevista à TV espanhola*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-04/papa-francisco-entrevista-tv-espanhola.html>. Acesso em: 16/10/2019.

siderúrgica italiana ele mostrou estar com os mantras esquerdistas na ponta da língua ao exclamar que "por meio da meritocracia, o novo capitalismo dá um manto moral à desigualdade"[1883]. Um papa que se declara como inimigo público do capitalismo não poderia fazer outra coisa senão lutar pelo fim do mesmo.

Para isso, o Vaticano organizou um congresso que ocorrerá na Itália entre os dias 26 a 28 de março de 2020, que convidará economistas canhotos e militantes de movimentos sociais de esquerda para promover a derrocada do capitalismo e sua substituição por alguma coisa que não deu certo no passado e tampouco funciona hoje ou funcionará amanhã. Segundo o papa, o encontro buscará

> uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cria e não deprecia. Um evento que ajude a estar juntos e a conhecer, e que leve um pouco de "pacto" para mudar a economia atual e dar uma alma à economia do amanhã[1884].

Belíssimas palavras, se não fossem completamente falsas e tão ardilosas quanto o discurso de qualquer socialista típico. Conhecendo o papa e a Igreja do papa, esse "pacto" que ele fala só pode ser com o diabo (ou com o marxismo, o que dá no mesmo).

O objetivo manifesto do evento é elaborar uma proposta alternativa ao sistema capitalista liberal, que para isso contará com a presença de numerosos economistas,

[1883] WOODEN, Cindy. *'Capitalism gives a moral cloak to inequality,' Pope Francis says at Italian steel plant.* Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2017/05/30/capitalism-gives-moral-cloak-inequality-pope-francis-says-italian-steel-plant>. Acesso em: 16/10/2019.
[1884] BETTO, Frei. *A economia de Francisco*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/a-economia-de-francisco-23875547>. Acesso em: 16/10/2019.

ambientalistas e militantes de extrema-esquerda, incluindo a indiana Vandana Shiva, diretora do Fórum Internacional sobre Globalização e declaradamente "ecofeminista", a qual pertence ao comitê do Partido Socialista espanhol. Misteriosamente, nenhum economista liberal foi convidado.

Salta aos olhos que o papado que por tanto tempo fomentou sociedades anêmicas e superdependentes do Estado[1885] continue numa cruzada anticapitalista até nossos dias – mesmo após o capitalismo ter provado ser muito superior a todos os outros sistemas já testados (e defendidos pelo papado). Só evoluímos como sociedade quando nos libertamos do jugo de Roma, que ao perder o controle sobre a economia não pôde impedir a ascensão e o sucesso do capitalismo. Agora ela quer de volta esse controle, para levar de novo o mundo a tempos sombrios. A mesma força reacionária que se opunha à ascensão do capitalismo ainda luta pela sua derrocada, aliada ao mesmo discurso esquerdista disseminado pela mídia e pela doutrinação ideológica.

Ao mesmo tempo em que atacava o capitalismo com espantalhos e clichês já superados e promovia eventos para a abolição do capitalismo, Francisco restabelecia os laços com a ditadura cubana, se tornando o primeiro pontífice a se reunir amigavelmente com o ditador comunista Raúl Castro nas confortáveis salas do Vaticano[1886]. Como selo dessa aliança, o papa foi pessoalmente a Cuba assinar um documento em conjunto com o patriarca Kirill, em 12 de fevereiro de 2015, no

[1885] Como vimos no capítulo 4.
[1886] O GLOBO. *Raúl Castro e Papa Francisco se encontram no Vaticano*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/raul-castro-papa-francisco-se-encontram-no-vaticano-2-16129594>. Acesso em: 14/10/2019.

qual declara que Cuba é o «símbolo das esperanças do Novo Mundo» (espero que se referindo à esperança de fugir em um bote pra Miami):

> O nosso encontro fraterno teve lugar em Cuba, encruzilhada entre Norte e Sul, entre Leste e Oeste. A partir desta ilha, símbolo das esperanças do "Novo Mundo" e dos acontecimentos dramáticos da história do século XX, dirigimos a nossa palavra a todos os povos da América Latina e dos outros continentes.[1887]

A cada dia que passa, a Santa Sé se distancia mais do capitalismo e se aproxima mais do sistema que antes era tão detestado pelos papas quanto o próprio capitalismo. Essa conclusão não é minha, mas de uma imensurável nuvem de testemunhas que inclui milhões de católicos no mundo todo que não suportam mais o novo papa e contam os dias para o próximo (que provavelmente será tão ruim quanto, senão pior).

De fato, o esquerdismo de Bergoglio é tão notório e patente que em menos de dois anos no poder já era acusado de "marxista" pelos católicos de direita[1888], e não sem razão Michael Lowy pontuou que "nenhum papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco"[1889]. Nenhum papa foi tão fiel à cartilha socialista de A

[1887] SANSON, Cesar. *"Nenhum Papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco". Entrevista com Michael Löwy*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/556989-nenhum-papa-foi-tao-longe-na-condenacao-ao-capitalismo-como-francisco>. Acesso em: 16/10/2019.
[1888] GOSPEL PRIME. *Papa é marxista, dizem católicos conservadores*. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/papa-marxista-catolicos-conservadores>. Acesso em: 14/10/2019.
[1889] SANSON, Cesar. *"Nenhum Papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco". Entrevista com Michael Löwy*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/556989-nenhum-papa-foi-tao-longe-na-condenacao-ao-capitalismo-como-francisco>. Acesso em: 16/10/2019.

à Z, nem seguiu tão de perto os mitos sobre o capitalismo disseminados com tanta frequência pela extrema-esquerda e pelas forças totalitárias.

Por defender posicionamentos sabidamente esquerdistas de forma populista e irresponsável, o papa suscitou a ira dos católicos conservadores, sobretudo do "guru" da direita católica no Brasil, o filósofo (e astrólogo nas horas vagas) Olavo de Carvalho. Baseado no movimento dos astros (ou não), Olavo concluiu que o papa Francisco "não é papa coisíssima nenhuma"[1890], que está «sob pena de interdito», que está «no rol dos heréticos», que «incorreu em heresia explícita, indisfarçável e escandalosa», que é um «mentiroso abjeto», que «já não pode ser reconhecido como papa exceto pela mídia anticatólica» e, por fim, que ele é «obviamente, manifestamente, inequivocamente o falso profeta anunciando um falso reino»[1891].

Para apaziguar a fúria de católicos conservadores de direita como o Sr. Carvalho, o papa decidiu mudar de vocabulário – eu disse de *vocabulário,* não de *ideologia* – e começou a se referir ao capitalismo por outro nome (um que os socialistas sempre usaram): o "sistema". Há poucos anos, ele disse ter "chegado o momento de uma mudança em um *sistema* que já não se sustenta"[1892]. De que "sistema" ele estava falando? Adivinhe. No mesmo discurso, o papa disse que

> queremos uma mudança, uma mudança real, uma *mudança de estrutura*. Este *sistema* já não se sustenta, não sustenta os

[1890] Disponível em: <https://twitter.com/odecarvalho/status/646099984115466240?lang=pt>. Acesso em: 15/10/2019

[1891] Citações disponíveis em: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2015/07/papa-abraca-causa-da-luta-para-que.html>.

[1892] PORTAL TERRA. *Papa Francisco diz que chegou a hora de uma mudança de sistema*. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/papa-francisco-diz-que-chegou-a-hora-de-uma-mudanca-de-sistema,a9cec7ac7fb6ae4e9abeeddaae55c17bmogeRCRD.html>. Acesso em: 15/10/2019.

> camponeses, não sustenta os trabalhadores, não sustenta as comunidades, não sustenta os povos. E a terra também não sustenta esse sistema, a irmã 'Mãe Terra' como dizia São Francisco.[1893]

O papa aproveitou para reiterar que o dinheiro é «esterco do diabo» e pediu a mobilização dos "movimentos sociais", mencionando nomeadamente os movimentos sem-terra, sem-teto e trabalhistas[1894]. Francisco defendeu ainda que "se devolvam aos pobres e aos povos o que lhes pertence"[1895] e considerou que "a propriedade, muito especialmente quando afeta os recursos naturais, deve estar sempre em função das necessidades das pessoas"[1896].

O pontífice também denunciou um suposto "novo colonialismo" que chega pelas mãos de "alguns tratados denominados de livre comércio e a imposição de medidas de austeridade, que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres"[1897]. Como se nota, esse "sistema" ao qual o papa se opõe com tanto vigor não é outra coisa senão o capitalismo que ele sempre atacou. Tratados de livre comércio e medidas de austeridade, que qualquer economista sério sabe que são absolutamente imprescindíveis para a saúde econômica de qualquer país, são abominados pelo homem que diz ser o vigário de Cristo e o sucessor de São Pedro.

O detalhe é que todo esse discurso foi feito na presença do socialista Evo Morales, o presidente boliviano que lhe entregou o 'crucifixo marxista' e que aplaudiu esse discurso de pé. De fato, a Bolívia há muito tempo tem seguido à risca a cartilha

[1893] ibid.
[1894] ibid.
[1895] ibid.
[1896] ibid.
[1897] ibid.

política e econômica do papa, por isso é uma superpotência continental com índices formidáveis de desenvolvimento humano, uma invejável igualdade e insuperável prosperidade econômica (#sqn).

Em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium,* Francisco também condena o capitalismo sem citá-lo pelo nome, novamente optando por chamá-lo de "sistema" (esperando causar menos desgosto aos bispos americanos e aos católicos de direita). Contudo, seus ataques ao livre mercado, à autonomia dos mercados de ações, à especulação financeira e à não-intervenção do Estado na economia deixam suficientemente claro qual o «sistema» que ele se refere:

> Neste contexto, alguns defendem ainda as teorias da «recaída favorável» que pressupõem que todo o crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante. Entretanto, os excluídos continuam a esperar.[1898]

Não satisfeito em atacar o livre mercado e os demais «mecanismos do sistema econômico reinante», Francisco prossegue seus impropérios ao "sistema" apelando a manobras esquerdistas de senso comum que não se sustentam nem no mundo de imaginação e fantasia do papa:

[1898] FRANCISCO. *Evangelii Gaudium,* 54. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 12/10/2019.

> Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz. Tal desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum. Instaura-se uma nova tirania invisível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras.
>
> Além disso, a dívida e os respectivos juros afastam os países das possibilidades viáveis da sua economia, e os cidadãos do seu real poder de compra. A tudo isto vem juntar-se uma corrupção ramificada e uma evasão fiscal egoísta, que assumiram dimensões mundiais. A ambição do poder e do ter não conhece limites. Neste sistema que tende a fagocitar tudo para aumentar os benefícios, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa face aos interesses do mercado divinizado, transformados em regra absoluta.[1899]

O "mercado", para o papa, é um monstro que deve ser aniquilado, e quem tem o dever de aniquilá-lo é o Estado. Tudo isso, é claro, camuflado no cínico discurso do "bem comum", o que na prática significa dizer que o Estado sabe o que você precisa mais do que você mesmo, então ele tem o direito de controlá-lo. Ao despersonalizar os indivíduos em prol de um coletivo abstrato personificado no

[1899] ibid, 56.

Estado, o famigerado "bem comum" se torna a ruína de todos, em detrimento do bem único do Estado (leia-se: dos políticos e de quem mama em suas tetas).

Ninguém tem a capacidade de saber o que é melhor pra você do que você mesmo, e quando o Estado tenta tomar a frente nessa escolha em prol de um suposto "bem comum" ele não está favorecendo o bem comum, mas precisamente rechaçando o bem comum *em nome* de um coletivo sem rosto. Só numa sociedade onde todos são livres e podem fazer suas próprias escolhas à parte da intervenção do Estado é que a sociedade é realmente favorecida, e consequentemente o bem comum é realizado (ou seja, quando as escolhas de todos são respeitadas, uma vez que todos formam a sociedade, e não quando o Estado define unilateralmente o que é o "bem comum").

Por isso todos aqueles que depositaram suas esperanças no Estado e a ele incumbiram de realizar o "bem comum" o que ceifaram foi ditadura, fome, genocídio e crises sem fim. Em contrapartida, quanto mais o capitalismo avançou por meio da iniciativa individual, mais gente que antes era completamente marginalizada na sociedade passou a *se inserir* nela – o simples fato da extrema-pobreza ter caído de 95% para 14% nos últimos dois séculos prova que o avanço do capitalismo proporciona a *inclusão social,* não à exclusão (que predominou em todo o tempo em que o mundo não conhecia o capitalismo).

Não obstante, o papa recorre aos mesmos sofismas e estereótipos já refutados quando insiste em bater na tecla de que o capitalismo (ou melhor, "o sistema") é o responsável pela exclusão social:

> Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade. Isto não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz.[1900]

O papa não demonstra apenas um gritante amadorismo a respeito dos princípios mais básicos da economia, mas também uma incrível ignorância sobre o mundo – incluindo a parte do mundo que ele, como bom argentino, deveria conhecer bem. Quando perguntado sobre «como vê seu continente e sua terra», sua resposta não poderia ser mais cínica e falsa: a culpa é do liberalismo econômico! Diz o papa:

> Minha região está sofrendo os efeitos de um sistema econômico cujo centro está o deus dinheiro, e então cai em políticas de exclusão muito grandes, e sofre muito. E evidentemente, hoje em dia a América Latina está sofrendo um forte ataque de liberalismo econômico, esse que eu condeno na *Evangelii Gaudium* quando digo que "esta economia mata".[1901]

Alguém faltou avisar o papa que a América Latina tem um histórico de políticas populistas de esquerda, não de liberalismo, e que a região dele está sofrendo não por culpa de políticas econômicas que Macri sequer chegou a colocar em prática,

[1900] ibid.
[1901] LA VOZ. *Cipayismo latinoamericano según Bergoglio*. Disponível em: <https://www.lavoz.com.ar/mundo/cipayismo-latinoamericano-segun-bergoglio>. Acesso em: 14/11/2019.

mas por um buraco sem fim deixado por Cristina Kirchner, que deixou o governo em 2014 em estado de recessão econômica. A não ser que o papa também ache que Cristina era liberal na economia, o que ele diz é completamente insano.

Tampouco faz sentido para o resto da América Latina, já que a maioria dos países sequer teve um governo liberal em toda a trajetória política, e até hoje são assolados por governos sucessivos de esquerda. O detalhe é que o papa disse isso em 2017, quando a Venezuela já estava vivenciando a maior crise da história de um país latino-americano, mas ele nem sequer menciona o socialismo ou as políticas esquerdistas de Estado grande na lista de problemas do continente, se limitando a jogar toda a culpa na sua antítese, o liberalismo.

Para fechar com chave de ouro, ele afirma que "os sistemas liberais não dão possibilidades de trabalho e favorecem delinquências"[1902], aparentemente sem perceber ainda que os latinos de países estatistas como Cuba fogem para os Estados Unidos liberal em busca de emprego e oportunidade de vida, e não o contrário. Ao que tudo indica, o papa vive num universo alternativo onde estadunidenses buscam emprego em Cuba e o México quer construir um muro na fronteira com os Estados Unidos (possivelmente o mesmo universo alternativo onde o Palmeiras tem mundial[1903]).

Faltaria-me tempo para discorrer aqui sobre o famigerado Sínodo da Amazônia, que acabou de ocorrer no Vaticano. Basta dizer que o sínodo foi iniciativa da REPAM

[1902] ibid.
[1903] Se você estiver lendo este livro num futuro remoto, distante e longínquo (talvez pós-apocalíptico) no qual o Palmeiras realmente já tem mundial, ignore essa parte.

(Rede Eclesial Pan-amazônica), uma organização católica que tem como presidente Dom Cláudio Hummes, relator geral nomeado pelo papa e amigo de Lula e do MST[1904], e como co-fundadora Cristiane Murray, a vice-porta-voz do papa[1905] ligada ao Partido Comunista Francês[1906]. O papa proibiu que militares, políticos e membros de governos da Amazônia participassem dos eventos do sínodo, mas permitiu a participação de deputados do PT, PSB e REDE – tudo isso dias após receber deputados comunistas no Vaticano, como denunciado por Küster[1907].

Não há jargão esquerdista que já não tenha sido exaustivamente usado pelos papas, os quais têm servido como propaganda em massa da agenda que visa a destruição da economia global e a intervenção cada vez mais pesada por parte do Estado. Francisco está longe de ser o primeiro papa com uma doutrina econômica-social notoriamente de esquerda, pois seus predecessores condenaram o capitalismo tanto quanto ele, e sob as mesmas bases.

O que o diferencia dos demais é que os outros pelo menos condenavam o marxismo com a mesma ênfase, enquanto o papa atual direciona o seu canhão quase que exclusivamente numa única direção, sempre que pode. Pior ainda: se encontra com ditadores socialistas da pior espécie, enquanto se recusa a receber as famílias das vítimas de Maduro e da ditadura cubana.

[1904] BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Católicos conservadores veem comunismo em sínodo sobre Amazônia no Vaticano.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/catolicos-conservadores-veem-comunismo-em-sinodo-sobre-amazonia-no-vaticano.shtml>. Acesso em: 05/12/2019.
[1905] G1. *Brasileira Cristiane Murray é nomeada a nova vice-porta-voz do Papa Francisco*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/25/brasileira-cristiane-murray-e-nomeada-a-nova-vice-porta-voz-do-papa-francisco.ghtml>. Acesso em: 05/12/2019.
[1906] KÜSTER, Bernardo P. *Fim do Sínodo da Amazônia: Papa, política e pachamama*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9aJj6Fjt6Lg&t>. Acesso em: 05/12/2019.
[1907] Disponível em: <https://twitter.com/bernardopkuster/status/1187689542914072576>. Acesso em: 05/12/2019.

Quando Francisco visitou Cuba em 2015, para se encontrar com o ditador comunista Raúl Castro, um grupo de mães e esposas de cidadãos presos por se oporem à ditadura cubana e por lutarem pela liberdade, conhecido como as «Damas de Branco» (nome dado em alusão à vestimenta branca usada em memória de seus parentes mortos), pediu que o papa as recebesse em Cuba, mas foram solenemente ignoradas.

E enquanto Trump e todo o mundo civilizado condenam abertamente as atrocidades cometidas por Maduro na Venezuela, a posição do papa em relação ao ditador venezuelano é na melhor das hipóteses omissa, e, na pior, de cúmplice de um regime genocida que levou todo o país à mais completa miséria. É no mínimo vergonhoso pensar que os chefes de Estado seculares e não-católicos critiquem Maduro aberta e energicamente, enquanto justamente o chefe de Estado que se diz infalível, sucessor de Pedro e representante de Deus na terra tenha uma postura tão covarde.

Ninguém comentou isso melhor que a cientista política Gloria Álvarez, filha de um pai cubano que fugiu de Cuba e de uma mãe húngara que fugiu da URSS:

> É realmente vergonhoso como o papa Francisco recebe os ditadores socialistas do século XXI que cada vez mais estão anulando as liberdades e os direitos dos seus povos. O pior dos casos é o venezuelano, onde se reúne com Nicolás Maduro, sem que ninguém soubesse de antemão, em uma conjuntura em que Maduro se opôs que fizessem um reverendo exigido pelo povo venezuelano para tirá-lo do poder. Em vez do papa orar por essas nações, o que essas nações

> realmente necessitariam é uma condenação oficial e uma condenação real por parte do Vaticano. Porque para os princípios cristãos, todo indivíduo é merecedor de uma vida digna, de liberdade. Esses são valores que os cristãos comungam, e quando vemos um papa que se recusa a se reunir com as Damas de Branco – mulheres que são golpeadas, espancadas e levadas à prisão por tentar levar a Igreja Católica à ilha de Cuba –, e com elas não se reúne, mas se reúne com ditadores como Raúl Castro, sem se preocupar minimamente em dizer algo contra todos os anos e décadas em que essa ilha não tem tido liberdade, é vergonhoso.[1908]

E quanto à mentalidade econômica do papa (com todos os seus clichês antimercado), ela afirma:

> Também é vergonhoso que o papa Francisco condene o mercado, quando o mercado não é mais que a vontade de indivíduos comercializando livre e voluntariamente produtos que eles decidem, e que ele veja o mercado como uma maneira de aumentar a pobreza, quando se este fosse o caso Venezuela e Cuba estariam entre as nações mais ricas do mundo. Mas onde não há mercado, onde as pessoas não podem comercializar, usar seus talentos e usufruir do seu esforço, então vêm a miséria. Que o papa Francisco seja incapaz de ver como funciona a economia e não condenar estas coisas é realmente preocupante; o qual se reúne com esses ditadores, mas não com essa gente que é espancada. Eu gostaria que o papa Francisco,

[1908] ÁLVAREZ, Gloria. *Es vergonzoso que el Papa Francisco se reúna con dictadores*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FPCB6_2Yp8Y>. Acesso em: 14/11/2019.

> assim como se reúne com eles, se reúna com os presos políticos em Cuba, com as Damas de Branco, com os presos políticos da Venezuela, e que pelo menos tenha a dignidade de escutar as duas versões.[1909]

Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras, mas se pudéssemos resumir tudo o que Gloria Álvarez disse em duas, seriam essas:



(Papa visitando ditadores)



(Papa visitando Trump)

[1909] ibid.

Se os papas anteriores mantiveram a Igreja longe do capitalismo mas também não ao ponto de aderir ao socialismo, Bergoglio inclina a Igreja para cada vez mais perto dos ideais socialistas, enfurecendo a fração mais conservadora da cúria romana (que parece ser cada vez menor). Como se vê, desde o surgimento do capitalismo os papas sempre o viram como um *problema,* e não como a *solução.* Não há nas encíclicas papais um único endosso ao capitalismo, uma mísera palavra de apoio, uma só orientação para que as nações católicas o adotassem.

Pelo contrário, quase sempre que o capitalismo é mencionado em algum contexto, é em um sentido pejorativo e condenatório, recriminando ora o capitalismo em si, ora supostos "males" produzidos por ele (os quais já existiam antes do capitalismo e em volume incomparavelmente maior). Há muito tempo católicos de direita tem denunciado os bispos da CNBB e os "padres vermelhinhos" que fazem missa todos os domingos aos gritos de "Lula livre". O que esses católicos de direita não dizem é que, ao denunciar e atacar o capitalismo, esses padres não estão fazendo nada que os papas não fizeram antes deles.

De fato, eles não estão fazendo mais do que seguir o exemplo dos papas, e indiscutivelmente estão muito mais bem amparados na Doutrina Social da Igreja do que os leigos católicos de direita, que defendem o capitalismo em desobediência às encíclicas e discursos papais que o condenam expressamente. Não é que os esquerdistas "infiltraram padres dentro da Igreja", é que a própria Igreja que sempre detestou o capitalismo produziu naturalmente esse tipo de sacerdote, bem diferente do que se vê na maior parte das igrejas evangélicas.

Recentemente a revista *America,* órgão dos jesuítas americanos que tem como redator-chefe o célebre "apóstolo dos LGBTs", padre James Martin, publicou uma longa defesa do comunismo. O artigo, que tem por título *A Defesa Católica do Comunismo* ("The Catholic Case for Communism"), é, como o nome sugere, uma defesa entusiasmada do comunismo e de sua compatibilidade com a doutrina católica. O autor, Dean Dettloff, não tem vergonha de se declarar abertamente comunista, declarando que "muitos católicos, inclusive eu, contam-se entre os comunistas"[1910].

Para provar que não está sozinho, ele destaca outras várias figuras emblemáticas do catolicismo que aderem ou colaboram com a ideologia comunista:

> Apesar e além das diferenças teóricas, padres como Herbert McCabe, Ernesto e Fernando Cardenal, Frei Betto, Camilo Torres e muitos outros católicos – membros do clero, religiosos e leigos – foram inspirados por comunistas e em muitas ocasiões contribuíram para o comunismo e influenciaram movimentos comunistas enquanto membros. Alguns ainda influenciam – por exemplo, nas Filipinas, onde os "cristãos pela libertação nacional", um grupo ativista organizado primeiramente por freiras, padres e cristãos explorados, estão politicamente alojados na Frente Democrática Nacional, uma coalizão de movimentos que inclui uma forte corrente comunista atualmente

[1910] DETTLOFF, Dean. *The Catholic Case for Communism*. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2019/07/23/catholic-case-communism>. Acesso em: 11/11/2019.

> lutando contra o líder autoritário de extrema-direita Rodrigo Duterte.[1911]

E para coroar um texto repleto dos mesmos clichês de sempre, ele conclui da melhor forma possível (ou da pior, dependendo do seu nível de sadismo):

> Dorothy Day estava certa quando disse que os comunistas são bons quando são perigosos. Os comunistas estão buscando o bem quando são perigosos; opõem-se a um sistema econômico baseado na avareza, na exploração e no sofrimento humano, afligindo os confortáveis e confortando os aflitos. E em um mundo pertencente a uma economia da morte, que está prejudicando nosso "lar comum", como o papa Francisco nos diz, e afirmando-se como o fim da história, também devemos acrescentar: é quando os comunistas são perigosos que eles são bons.[1912]

Impressiona que um artigo como este, que consiste unicamente numa defesa apaixonada do comunismo, tenha sido autorizado para publicação numa revista jesuíta chefiada por um padre jesuíta. Para melhorar as coisas, o papa também é jesuíta, e em vez de repudiar essa publicação ou de excomungar seu redator-chefe, ele preferiu nomeá-lo como consultor do Secretariado de Comunicações do Vaticano[1913] – e isso já depois de toda a onda de protestos por suas polêmicas

[1911] ibid.
[1912] ibid.
[1913] MARTÍN, Inés San. *Pope taps James Martin and EWTN chief as communications consultants.* Disponível em: <https://cruxnow.com/global-church/2017/04/12/pope-taps-james-martin-ewtn-chief-communications-consultants>. Acesso em: 11/11/2019.

envolvendo o endosso ao homossexualismo, que escandalizou a parte mais conservadora do clero (aquela que Francisco aparentemente não se importa).

Uma revista jesuíta defendendo fervorosamente o comunismo diante dos olhos de um editor jesuíta que presta serviços no Vaticano para um papa jesuíta que o promoveu... não é preciso ser um Sherlock Holmes para notar algo suspeito aqui. Há quem diga que o papa é apenas descuidado, mas a quantidade massiva e sucessiva de "descuidos" faz pensar que o papa merece o Oscar de pessoa mais ingênua do mundo. Isso se não for outra coisa: comunista.

"Mas a Igreja já condenou o comunismo", dirá você. Sim, assim como já condenou um tanto de coisas que hoje permite ou endossa (como é o caso da liberdade de imprensa, da liberdade de culto, da laicidade do Estado e, mais recentemente, em relação à pena de morte, que passou a ser proibida após ser praticada e endossada durante séculos[1914]). Para o Vaticano mudar de opinião por conveniência basta um estalar de dedos – sem sequer precisar de uma manopla. E se alguém questionar, nada que uma boa dose de ginástica mental não seja capaz.

Já há inclusive especialistas em Direito Canônico que interpretam de modo diverso o "Decreto contra o Comunismo" de Pio XII, alegando que ele não excomungou os comunistas em si, mas apenas quem endossava o materialismo ateísta do comunismo (como que liberando um "comunismo cristão"), como fez Rodrigo R.

[1914] G1. *Por que a Igreja Católica decidiu condenar a pena de morte – e por que não havia feito isso antes*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/02/por-que-a-igreja-catolica-decidiu-condenar-a-pena-de-morte-e-por-que-nao-havia-feito-isso-antes.ghtml>. Acesso em: 31/12/2019.

Pedroso em defesa do cardeal Odilo Scherer em sua disputa com Olavo de Carvalho[1915] (que o acusava, adivinhe só, de ser comunista[1916]).

Mesmo as facções católicas mais tradicionalistas, que diferentemente do papa condenam o comunismo em alto e bom som, abominam o capitalismo tanto quanto. Tal é o caso da Associação Cultural Montfort, fundada pelo finado professor Orlando Fedeli, que deixou bem claro o modo como a Igreja encara o capitalismo:

> Pio XI declarou que "ninguém pode ser, ao mesmo tempo, bom católico e verdadeiro socialista". Isso não significa que a Igreja aprove o capitalismo, sem restrição ou condenação, como se fosse uma escolha excelente. A Igreja sempre fez crítica ao capitalismo. Sua pergunta [do leitor] coloca um dilema – que não existe – entre socialismo e capitalismo, como se fôssemos obrigados a escolher ente esses dois sistemas econômicos, considerando um ótimo, e o outro péssimo. O capitalismo é ruim. O socialismo é péssimo. Na realidade, o capitalismo é pai do socialismo e do comunismo, assim como a democracia liberal é mãe da tirania comunista (...) O capitalismo é o liberalismo na economia. Portanto, assim como o liberalismo político gera o comunismo, assim o capitalismo gera o socialismo na economia.[1917]

[1915] PEDROSO, Rodrigo R. *A excomunhão dos comunistas.* Disponível em: <https://apologeticacatolicasite.files.wordpress.com/2016/03/a-excomunhc3a3o-dos-comunistas.pdf>. Acesso em: 11/11/2019.
[1916] Disponível em: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2015/05/o-que-podemos-aprender-com-o-fight.html>.
[1917] FEDELI, Orlando. *Economia Liberal, Capitalismo e Socialismo*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/cartas/politica/20050319112251>. Acesso em: 05/10/2019.

Não me pergunte que tipo de ginástica mental ele usou para chegar à conclusão de que "o capitalismo gera o socialismo na economia" (e em se tratando desse tipo de gente, é melhor nem tentar entender mesmo). De todo modo, Fedeli continua seu raciocínio brilhante atacando desta vez a livre concorrência, considerada tão nociva quanto a liberdade religiosa:

> Um segundo ponto negativo do capitalismo – que a Igreja sempre condenou também – foi a livre concorrência absoluta na economia. Assim como na democracia liberal, nascida da Revolução Francesa, se deu a liberdade religiosa completa, acabando-se com a distinção entre verdade e mentira, assim como se deu livre concorrência ao erro e à verdade, assim também, na economia, se dava a livre concorrência absoluta, com o falso raciocínio de que sempre venceria o melhor produto. Ora, a livre concorrência entre a verdade e a mentira só pode favorecer a mentira, porque a mentira não traz obrigações, enquanto a verdade traz duros deveres.[1918]

Essa ideia de igualar capitalismo e socialismo para se opor a ambos não é nova. O famoso escritor católico Chesterton (1874-1936) dizia que "o capitalismo e o comunismo são praticamente a mesma coisa, em essência ética"[1919]. Chesterton abominava o capitalismo e o considerava o responsável pela "destruição da família" e pelo divórcio. Lembremos que antes disso o divórcio era ilegal, por isso uma esposa era obrigada a continuar com o marido mesmo se fosse espancada cotidianamente.

[1918] ibid.
[1919] CHESTERTON, G. K. *Autobiography*, c. 3. Disponível em: <http://www.gkc.org.uk/gkc/books/GKC-Autobiography.html>. Acesso em: 16/12/2018.

As pessoas casavam cedo, sendo comum contraírem matrimônio aos 14 ou 15 anos, e então eram forçadas a permanecer com o seu respectivo cônjuge não importasse o que acontecesse. Ainda que fossem maltratadas, agredidas, traídas ou humilhadas, tinham que permanecer no relacionamento querendo ou não, gostando ou não. Era a lei. Depois que o liberalismo deu liberdade a quem quisesse se divorciar, ele foi tratado como um "destruidor de lares" (como se esses lares já não estivessem destruídos).

Quem também iguala capitalismo e socialismo é Thomas Storck, um católico militante e eminente estudioso da Doutrina Social da Igreja. Ele afirma que "tanto o socialismo quanto o capitalismo são produtos do iluminismo europeu e são, portanto, forças modernizantes e anti-tradicionais"[1920]. Mas se tanto o capitalismo como o socialismo são considerados "anti-tradicionais" pelos tradicionalistas católicos, qual seria esse sistema "tradicional"?

A resposta não poderia ser outra senão o mesmo sistema que predominou em todo o período hegemônico da Igreja Romana: o feudalismo. Mas como talvez ficaria muito feio defender feudalismo em pleno século XXI, ele é apresentado com uma nova roupagem, chamado de "distributismo". A mesma Igreja que sempre condenou o capitalismo nunca fez o mesmo com o feudalismo, porque este é considerado um sistema "tradicional" (portanto, ideal a reacionários com uma visão romantizada da Idade Média).

[1920] STORCK, Thomas. "Capitalism and Distributism: two systems at war". In: *Beyond Capitalism and Socialism*. TOBIAS, J. Lanz (ed.). New York: IHS Press, 2008, p. 75.

Uma vez que o capitalismo "modernizante" veio para substituir o feudalismo "tradicional", o sistema adotado pelos católicos tradicionalistas não poderia ser outro senão um feudalismo disfarçado, que em linhas gerais pouco se difere do padrão apresentado em toda a Idade Média. A "Sociedade Chesterton Brasil", que promove o distributismo no Brasil, sustenta que o mesmo "advoga o retorno a formas de organização pré-capitalistas, inspiradas nas guildas ou corporações de ofício"[1921].

Essas "formas de organização pré-capitalistas" são as mesmas que existiam nos tempos feudais e que consistiam em formas primitivas de economia, com pouco ou nenhum desenvolvimento tecnológico, com uma renda per capita risível e um poder de compra ínfimo. Se esse sistema primitivo de subsistência não tivesse sido substituído pelo capitalismo, provavelmente a "Sociedade Chesterton Brasil" sequer poderia estar defendendo esse sistema numa internet que sequer existiria.

Se o capitalismo produz riqueza numa sociedade industrial e moderna, o distributismo manda as pessoas de volta ao campo e as obriga a produzir seu próprio alimento, retornando a eras primitivas que lembram o estado em que Cabral encontrou os índios – os quais eram excelentes "distributistas", diga-se de passagem. O distributismo foi amplamente difundido no Brasil na década de 30 através da "Ação Integralista Brasileira", um movimento católico de cunho fascista que caiu no ostracismo quando o fascismo saiu de moda.

[1921] MENEZES, Pedro G. *Distributismo: economia porque as pessoas importam*. Disponível em: <https://medium.com/sociedade-chesterton-brasil/distributismo-economia-porque-as-pessoas-importam-4a7bcdf6013a>. Acesso em: 16/10/2019.

Foi "revivido" em tempos recentes, com a internet e as redes sociais, onde tudo que é tipo de ideologia fracassada ganha holofotes novamente – e ainda engana muita gente que acredita que o caminho para um "mundo melhor" é copiando os erros do passado e os fracassos do presente. Não à toa, os proponentes do distributismo citam períodos da Idade Média como exemplo da "viabilidade histórica a longo prazo do distributismo"[1922], como se a Idade Média fosse um belo referencial.

Surpreendentemente, mesmo após a Igreja rejeitar oficialmente o capitalismo liberal encíclica após encíclica e papa após papa, ainda há hoje uma minoria de católicos liberais que tenta pintar a Igreja como liberal na economia e ainda atribui a ela o sucesso do liberalismo. Funciona assim: até 'x' dar certo, 'x' é coisa do inimigo, mas quando não há mais argumentos contra a eficácia de 'x', ele passa a ser obra e fruto da digníssima "Santa Igreja" (mesmo quando ela própria rejeita essa associação).

Primeiro eles se opõem e resistem ao liberalismo por séculos, e depois que veem que o liberalismo é o único sistema que fez o mundo andar pra frente mudam o discurso e atribuem todo o mérito a eles. Quem mais se notabilizou por essa artimanha rasteira foi Thomas Woods, em um livro que tenta atribuir à Igreja Católica todo o mérito pela "construção da civilização ocidental" – incluindo a área econômica[1923].

[1922] BELLOC, Hilaire. *The Servile State*. Indianapolis: Liberty Fund, 1977, p. 71.
[1923] WOODS JR, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental.* São Paulo: Quadrante, 2008.

Em sua frustrada tentativa de conciliar catolicismo com liberalismo, Woods ignora completamente o fato de que a Igreja da época sempre se opôs ao lucro e aos juros e via com maus olhos o comércio e o trabalho (essenciais num sistema capitalista), e tampouco menciona os papas que se opuseram abertamente ao capitalismo (especialmente ao capitalismo liberal). Em vez disso, ele prefere citar meia dúzia de escolásticos que teriam tido uma visão mais "liberal" para a época, e conclui que a Igreja Católica foi a propulsora do liberalismo – ainda que ela se posicionasse oficialmente e em peso contra todos os princípios liberais.

É a típica manobra de tomar uma exceção para invalidar a regra, o mesmo que atualmente é praticado por liberais islâmicos que citam um ou outro teólogo muçulmano com uma visão mais aberta ao mercado para concluir que o liberalismo se deve a eles[1924]. De fato, entre os milhares de teólogos escolásticos existiu um ou outro com uma visão mais "heterodoxa" em relação à economia, assim como também houve um ou outro no Islã, mas isso não significa que em algum momento a Igreja Católica ou o mundo islâmico adotou essas visões minoritárias em seu meio.

Pelo contrário, tanto um como o outro sempre foram vigorosamente contrários ao capitalismo até os nossos dias, razão pela qual as sociedades católicas e muçulmanas sempre foram avessas ao capitalismo e lograram índices econômicos tão pífios (ao menos até a primeira metade do século XX, quando se inicia o fenômeno da globalização).

[1924] Você pode conferir um exemplo desse tipo de proselitismo em: <https://www.facebook.com/historiaislamica/photos/a.179269395601634/896966543831912/?type=3&theater>. Acesso em: 17/10/2019.

O único lugar onde esses princípios de liberdade econômica foram realmente levados a sério e encontraram uma ampla maioria para facultar seus negócios sem qualquer impedimento foi nos países protestantes, influenciados pela ética reformada que lançou por terra os preconceitos medievais ao comércio, ao trabalho e ao lucro, que tanto impediam o desenvolvimento do capitalismo.

É irônico que esses mesmos proselitistas que tem na ponta da língua meia dúzia de nomes "liberais" em suas fileiras são incapazes de citar um único país que tenha adotado esses pensamentos dentro de sua confissão religiosa – o que prova que esses casos isolados foram ignorados em sua época e de forma alguma representavam o pensamento majoritário ou hegemônico. Tudo o que as sociedades católicas e muçulmanas lograram foi autoritarismo, absolutismo, totalitarismo, estatismo e fascismo – estes sim amplamente difundidos pela vasta maioria dos "intelectuais" e legitimados pelo poder religioso.

O próprio Woods dificilmente estaria defendendo o liberalismo se não tivesse nascido nos Estados Unidos, o país mais liberal por excelência, construído por puritanos protestantes (curiosamente, os puritanos não estão entre os "construtores da civilização ocidental" no livro de Woods). Ele se soma a muitos outros católicos influenciados pela ética protestante relacionada ao trabalho e poupança, o que gerou esse estranho tipo de "católico capitalista" que contraria a Doutrina Social da própria Igreja.

Como já vimos, os papas chegaram até a cunhar um termo específico para esses católicos americanos liberais: o "americanismo". Este termo, cunhado no início do século XX, designava os católicos americanos considerados hereges por

defenderem a cultura americana – protestante e liberal – em detrimento das doutrinas católicas obscurantistas.

Enquanto os papas condenavam expressamente ideais como liberdade de culto, liberdade de imprensa, liberdade de pensamento e liberdade econômica, uma parte da Igreja Católica estadunidense defendia esses princípios liberais por serem parte de sua cultura americana. É importante ressaltar que esses católicos não eram "protestantes disfarçados": eles frequentavam a missa, criam nos dogmas católicos e recebiam os sacramentos normalmente.

O que os difere é a resistência em aceitar a ética católica antiliberal, que na primeira metade do século XX era bem mais acentuada do que se tornou após o Vaticano II. Esse tipo de "católico culturalmente protestante", tratado como herege aos olhos de Roma, continuou existindo até os dias de hoje, o que explica anomalias como Thomas Woods e outros proselitistas que se esforçam para dar ares de "liberalismo" à Igreja que condenou todas as formas de liberalismo desde sempre – sobretudo o liberalismo econômico, que segue condenado até segunda ordem.

• Conservadorismo, reacionarismo e coletivismo

Embora seja rotina classificar "liberais" e "conservadores" como antagônicos, não há qualquer contradição em ser liberal e conservador. Na última eleição, por exemplo, vários candidatos se apresentaram como liberais conservadores (até que ponto eles são mesmo, é uma outra conversa). A aparente "contradição" surge quando

supostos "liberais" se posicionam a favor de pautas como a legalização do aborto e das drogas, fazendo parecer para alguns que para ser liberal *precisa* ser abortista e "maconheiro".

Nada mais longe da verdade, no entanto. Na época dos grandes teóricos liberais ingleses recém-mencionados, essas pautas não eram sequer discutidas, tampouco faziam parte de uma agenda liberal. O republicano Ron Paul, um liberal clássico dos mais proeminentes dos Estados Unidos, se opõe ao aborto precisamente porque defende a *liberdade* do feto existir, que se sobrepõe às outras liberdades (como a escolha da mãe)[1925].

Note que ele não precisa suspender seus princípios liberais para ser "pró-vida", porque são *os próprios princípios liberais* que levam a priorizar o direito à vida, que se encontra acima dos outros direitos (os quais dependem desse direito primordial e básico). No liberalismo clássico, ser liberal não é ser "abortista" e "gayzista", mas consiste fundamentalmente em defender a liberdade de imprensa, a liberdade religiosa, a liberdade de consciência, a liberdade política e, é claro, a liberdade econômica – e não há nada disso que um autêntico conservador não possa ser.

Não sem razão, Edmund Burke, considerado o maior ícone do conservadorismo, era do partido liberal britânico (o *Whig Party*) e se identificava com os ideais liberais de Locke, Smith e dos Pais Fundadores dos Estados Unidos[1926]. Isso acontece porque não há contradição alguma em ser conservador e liberal, desde que entendidos

[1925] PAUL, Ronald Ernest. *Entrevista com Ron Paul*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QFO_Bg0QVK4>. Acesso em: 18/10/2019.
[1926] RAEDER, Linda C. *The Liberalism/Conservatism of Edmund Burke and F. A. Hayek: A Critical Comparison*. Disponível em: <http://www.nhinet.org/raeder.htm>. Acesso em: 31/12/2019.

corretamente. Ser conservador significa conservar *valores e princípios inegociáveis* (como a preservação da ordem, da justiça e da liberdade, o direito à vida, a valorização da família e o respeito às instituições).

Isso é muito diferente de se opor a qualquer mudança ou de exigir a volta a um passado nostálgico. Quem se opõe à modernidade não tem nada de conservador, é apenas um *reacionário.* Infelizmente, a maioria dos tradicionalistas católicos, dos saudosistas da ditadura, dos intervencionistas e dos que querem a volta da monarquia, de "conservador" não tem nada.

Opondo-se radicalmente ao mundo moderno e buscando um regresso a como as coisas eram no passado (seja ele um passado remoto, como a Idade Média, ou então um passado mais próximo, como os dias do Império ou da ditadura), tais "conservadores" não conservam nada além de um ódio a tudo que é moderno, *reagindo* a qualquer mudança no mundo que o torne um pouco mais distante de seu ideal nostálgico.

Isso ocorre com frequência em decorrência de uma visão romantizada do passado, como a que os tradicionalistas tem da Idade Média. "A Idade Média foi, sem dúvida, a melhor época da história"[1927], é como começa a palestra de um professor do instituto tradicionalista católico Flos Carmeli sobre o período. No site do instituto, eles respondem a um leitor que os indaga se num "provável estado católico" as outras religiões poderiam prestar culto público. A resposta não poderia ser mais aterradora:

[1927] MELO, André. *Igualdade, Causa Formal da Revolução (parte 2).* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nK15PFweGKM&feature=youtu.be>. Acesso em: 18/10/2019.

> Em um hipotético "Estado Católico", os cultos públicos de outras religiões deveriam ser proibidos ou confinados em um local determinado (como aconteceu com os judeus em certas épocas), mas é claro que a primeira opção é melhor. Cultos privados seriam tolerados. Quanto ao caso de heresias ou de apostasias, seria melhor a atuação da Igreja por meio de uma "Inquisição" ou de um "Santo Ofício" e não do Estado, muito embora sabendo que a heresia corrói o "bem comum" e isto também se relacionaria com a "função estatal", como aconteceu na Espanha, por exemplo. De toda a forma, ninguém é obrigado a se converter à verdadeira fé, mas o erro não tem direitos, muito menos o de ser divulgado, assim, seria proibida ao herege ou ao não batizado, a propagação de seus erros, eles deveriam retê-los para si mesmos.[1928]

Observe ainda o que escreve uma página católica chamada "Guerra Cultural", com milhares de seguidores:

> O Brasil tem suas mazelas, mas ainda pode buscar sua Restauração, que lhe trará a prosperidade terrena e a Salvação divina. Isso só é possível em virtude das suas bases civilizacionais. Graças a Deus, os portugueses e espanhóis chegaram primeiro e ocuparam o continente antes que aquela escória [referindo-se aos britânicos] aqui pudesse botar os pés. (...) A pseudo-direita neocon é um fracasso. Jamais será capaz de coordenar um ataque eficaz e duradouro contra

[1928] FLOS CARMELI. *Outras religiões poderiam prestar culto público?* Disponível em: <http://floscarmeliestudos.com.br/outras-religioes-poderiam-prestar-culto-publico>. Acesso em: 18/10/2019.

> as forças da revolução, porque é parte dela. E tampouco conseguirá alçar o Brasil ao destino que Deus lhe reservou. Nenhuma direita brasileira conseguirá cumprir tais missões se não for profundamente católica, reacionária e comprometida com a defesa dos interesses nacionais. E para isso deve buscar ensinamentos da linha ibérica mais tradicional.[1929]

Como parece óbvio, esses «ensinamentos da linha ibérica mais tradicional» não devem ser coisa boa. Não se trata de conservar valores bons: se trata de negar todo o progresso do mundo e se apegar a um passado nostálgico que de fato não se assemelha em nada com o passado real. Um conservador não tem problema com mudanças, desde que essas mudanças sejam positivas e mantenham os direitos inalienáveis e os valores morais. O reacionário é que tem problema com mudanças, um problema sério e intratável.

Ele é em essência um anti-modernista que se opõe a todo o avanço civilizacional, fechado numa bolha ideológica e confinado em uma torre de marfim criada pela sua própria mente doentia. O reacionário faz apologia da Inquisição, se gloria pelas cruzadas, odeia o Estado laico, repudia a república, tem horror à democracia e asco do capitalismo. Como a realidade é sua maior inimiga, ele *precisa* recorrer a revisionismos, como se todo o consenso historiográfico esteja conspirando contra a "Santa Igreja" ou seja lá o que for.

[1929] Disponível em: <https://www.facebook.com/TrincheiraMoral/photos/a.247251082341207/557278641338448/?type=3&theater&ifg=1> Acesso em: 18/10/2019.

No imaginário reacionário, os casais deveriam continuar tendo dezenas de filhos como antigamente, o sexo é só para a procriação, a camisinha deve ser proibida, "planejamento familiar" é um bicho de sete cabeças, as mulheres deveriam voltar a ser apenas boas donas de casa, o voto popular foi um erro, o feudalismo era o ideal e o protestantismo é um "elemento revolucionário" por ter ajudado a superar toda essa mentalidade.

É como se estivessem literalmente perdidos no mundo moderno, despertando aqui de repente saindo direto da Idade Média (o inverso do que ocorreu com Martin Lawrence no filme "Loucuras na Idade Média"). E agora que despertaram aqui, querem transformar toda a nossa cultura nos moldes deles – literalmente um retrocesso. Pode parecer piada, mas um dos partidos mais fortes no período do Brasil Imperial se chamava "Partido Regressista", o qual se opunha a qualquer avanço liberal no país, ajudando a nos manter no atraso por tanto tempo.

Não há mais um "Partido Regressista" hoje em dia (talvez porque o nome soe um pouco fora de moda), mas não se engane: há "regressistas" hoje tanto quanto havia antigamente. Infelizmente para o Brasil, o tipo de "conservadorismo" que pegou aqui não foi o modelo anglo-saxão de Burke, Smith e Locke, mas aquele conservadorismo ibérico «profundamente católico e reacionário» do qual os tradicionalistas tanto se orgulham.

Esse tipo de "conservadorismo" se opôs a todos os direitos civis mais básicos – desde a abolição da escravidão até os direitos das mulheres –, razão pela qual a esquerda daqui conseguiu atrair para si o "monopólio das virtudes", como se fosse a mãe de todas as conquistas sociais. Nota-se que o contrário ocorreu nos países

de cultura anglo-saxã, onde os movimentos sociais foram encabeçados por conservadores, tais como Abraham Lincoln (presidente republicano), William Wilberforce (protestante devoto e amigo próximo de Wesley) e Martin Luther King Jr (reverendo batista filiado ao Partido Republicano).

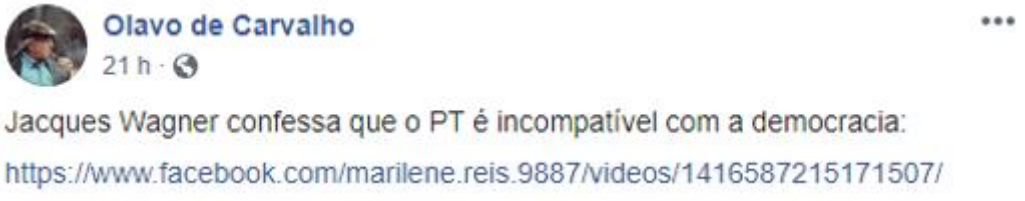
Enquanto lá a direita adotava um conservadorismo liberal esclarecido e a favor do progresso, a "direita" daqui sempre flertou com a ditadura, com o populismo e com o estatismo. Todos os governos de direita que já tivemos adotaram um discurso protecionista, antiliberal na economia e "conservador" apenas nos costumes, sendo um exemplo notório disso o regime militar (1964-1985), notabilizado pela criação de estatais que endividaram o país até o talo e facilitaram a corrupção, conseguindo com isso elevar a inflação a patamares assustadores. Até mesmo o governo FHC, alegadamente de esquerda[1930], foi mais "liberal" que os militares.

Isso ocorre porque a "direita" que tradicionalmente tivemos aqui nunca foi uma direita liberal, mas uma direita nacionalista, protecionista e protofascista, como foi na ditadura militar e no Estado Novo. Sergio Buarque de Holanda já previa isso há um século, quando disse que "não é impossível que o fascismo de tipo italiano, a despeito de sua apologia da violência, chegue a alcançar sucesso entre nós"[1931], pois "esse sistema lhes dá, aparentemente, a dignidade de um triunfo positivo sobre o liberalismo e também sobre as pretensões revolucionárias da esquerda"[1932]. Ou seja, um "triunfo" sobre tudo aquilo que a direita brasileira mais temia.

[1930] FOLHA POLÍTICA. *Sou de esquerda, mas ninguém acredita, diz FHC*. Disponível em: <https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/116654456/sou-de-esquerda-mas-ninguem-acredita-diz-fhc>. Acesso em: 19/12/2019.
[1931] HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 186.
[1932] ibid.

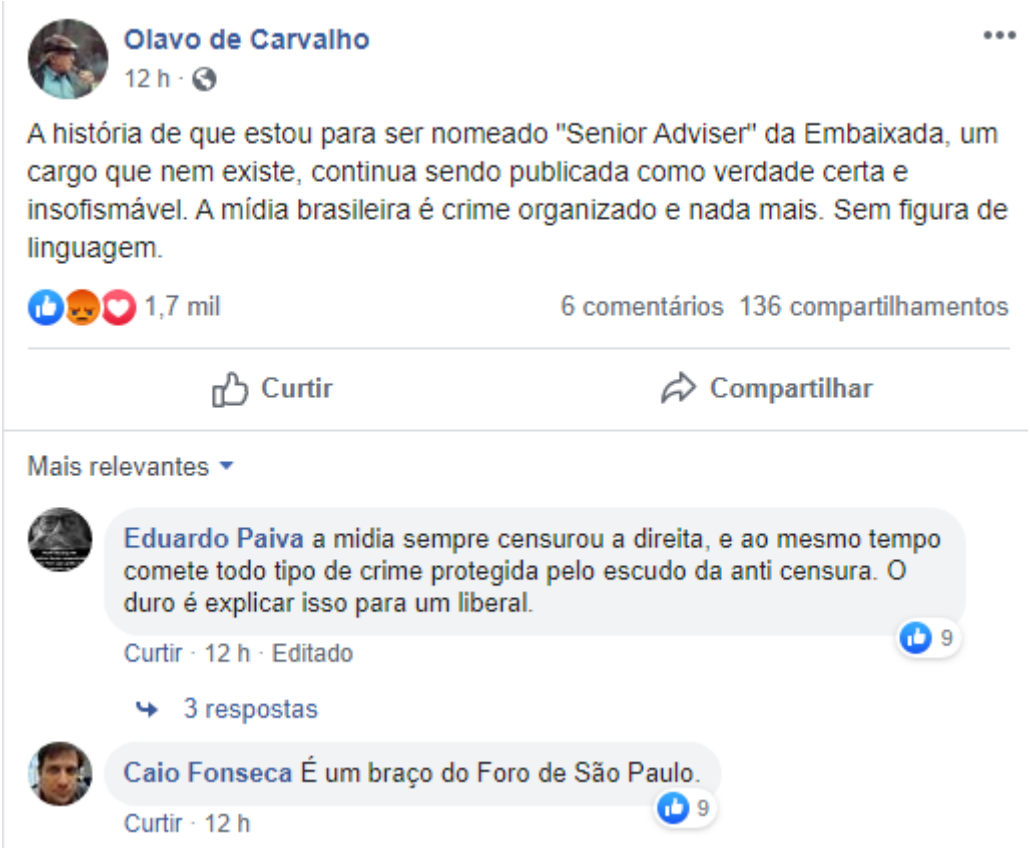
Não é de se estranhar, portanto, que uma das figuras mais icônicas e celebradas da direita brasileira nos últimos tempos tenha sido Enéas Carneiro, que se declarava abertamente nacionalista, protecionista e antiliberal. Era o oposto da direita americana, a quem ele tinha tanta repulsa quanto a esquerda tradicional, comprando as mesmas teorias conspiratórias de "imperialismo" americano que supostamente seria a causa da pobreza brasileira, a qual só seria solucionada com um governo autenticamente nacionalista que rompesse com o "imperialismo" americano em prol da "indústria nacional" (embora o Estado Novo e os militares tenham feito isso e não chegaram nem perto).

Quem não entende que existem várias "direitas" (assim como há muitas "esquerdas") corre o risco de comprar gato por lebre, igualando toda a direita que há em qualquer lugar e fazendo com que uma direita pague o preço pelo que é feito por outra totalmente diferente, mas que se apropria do mesmo rótulo – o que é um equívoco dos mais trágicos e mais comuns. Tome como exemplo o "filósofo" Olavo de Carvalho, principal expoente da direita brasileira, que recentemente postou o seguinte comentário em sua página no Facebook:



O comentário é acompanhado de um vídeo do ex-governador da Bahia (e atual senador) Jaques Wagner, do PT, o qual afirma que o grande erro do PT foi ter

chegado ao poder pelo voto, e não por uma revolução como em Cuba[1933]. Qualquer um que lesse um comentário desses seria tentado a pensar que o Sr. Carvalho, que denuncia esse ataque à democracia, é um grande defender do Estado Democrático de Direito. Entretanto, naquele mesmo dia, apenas poucas horas mais tarde, ele escreve:



O esquerdista revolucionário acha que o voto é um problema e que o bom mesmo é um totalitarismo de esquerda, e o direitista reacionário acha que toda a mídia é criminosa e deve ser presa porque fala mal dele. Da boca pra fora, ambos se dizem

[1933] Disponível em: <https://www.facebook.com/marilene.reis.9887/videos/1416587215171507/?fref=mentions>. Acesso em: 06/11/2019.

amantes da democracia, mas na prática o que os une é o discurso totalitário e o ódio aos princípios mais elementares de uma democracia.

A única coisa que impede os dois de implementar a ditadura que querem é porque nenhum deles têm todo o poder em mãos (ainda não conseguiram aparelhar tudo) e nem contam com todo o apoio popular necessário para isso (de um povo que acabou de sair de uma ditadura e não quer ver outra tão cedo), e não porque eles sejam minimamente simpáticos à democracia. Enquanto nos Estados Unidos a direita e a esquerda têm em comum a defesa da democracia, no Brasil ser de direita ou de esquerda significa esperar a primeira oportunidade para implantar uma ditadura e calar a oposição na base da força, da corrupção ou do golpe.

Até mesmo o nosso atual presidente dizia na década de 90 que «através do voto não vamos mudar nada nesse país, absolutamente nada», que o Brasil só mudaria com uma guerra civil que matasse 30 mil – começando por FHC – e que se fosse eleito daria um golpe no mesmo dia, fecharia o Congresso e faria uma ditadura mais dura que a dos militares[1934]. O "Bolsonaro raiz" era o modelo da direita que se tinha no Brasil, e se ele mudou de lá pra cá deve-se muito à influência de liberais como Paulo Guedes.

A própria ideia de uma direita ditatorial que fecha o Congresso, suspende as eleições e coloca tanque de guerra na rua, ou mesmo que ameaça fechar o Supremo «com um soldado e um cabo» e pôr em ação um AI-5 seria impensável, escandaloso e inadmissível para a direita americana, que sempre apoiou os princípios da

[1934] Confira os trechos em: <https://www.youtube.com/watch?v=ElBQbueU0tQ&feature=emb_title>. Acesso em: 19/12/2019.

democracia liberal e nunca assumiu o poder senão pela via democrática, na qual toda a cultura americana se sustenta.

A partir do momento em que alguém suprime a democracia para chegar ao poder, ele pode ser considerado qualquer coisa, menos conservador. A direita republicana está intrincada ao princípio da liberdade, que rege a nação americana desde o início. A ideia de um conservador defendendo a censura e a ditadura soaria para os americanos como um judeu defendendo o nazismo e o holocausto. No Brasil, todavia, muitos que se identificam como conservadores defendem a censura e a ditadura.

Por que isso acontece? Quando investigamos a raiz do problema, percebemos que em todos os países católicos a direita tende a associar conservadorismo com tradicionalismo, como se fossem a mesma coisa. Essa vinculação faz dos "conservadores" verdadeiros reacionários retrógrados, o que explica essa tendência tão forte de apoiar tudo aquilo que é repressivo e antidemocrático (ou seja, tudo aquilo que lembra os tempos antigos que o tradicionalista tanto idealiza).

Conservadorismo consiste em conservar direitos inalienáveis como o direito à vida, à liberdade e à propriedade, enquanto tradicionalismo é a normatização de costumes transmitidos de geração a geração, que com o tempo ganham status de lei. Em outras palavras, tradição é *continuidade,* o que não necessariamente significa uma coisa boa. Ninguém é mais "tradicionalista" que os xiitas, que se apegam tanto às suas tradições que exigem o uso da burca em pleno século XXI e mantém todo tipo de lei medieval aberrante e brutal, tal como o apedrejamento de adúlteras e de homossexuais. Quando a tradição é ruim, conservá-la não é ser

conservador, a não ser que seja para conservar o atraso, a ignorância e o preconceito.

Por confundir reacionário com conservador, o Brasil pagou um alto preço. Responda rápido: quantos presidentes realmente bons o Brasil já teve? Se veio à sua mente dois ou três nomes, estou mais do que impressionado. Em todos esses anos de alternância de poder entre esquerda e direita, parece que não temos muitos exemplos notórios de sucesso político e administrativo para nos orgulhar.

Isso acontece porque nem a esquerda e nem a direita que sempre tivemos aqui defendiam o único tipo de ideologia política capaz de gerar riqueza e estabilidade a longo prazo: o conservadorismo liberal. Na verdade, como vimos, ser conservador aqui consistia justamente em ser antiliberal. Só os países de tradição ibérica conseguem identificar como "conservadores" ditadores como Pinochet, Salazar, Franco e Mussolini, que o que tinham de anticomunistas tinham de antiliberais.

Só os países de tradição ibérica conseguem *defender, apoiar e até mesmo idolatrar* esses ditadores, vendo-os como exemplos de bons conservadores. Só os países de tradição ibérica acham que ser conservador é falar muito palavrão, fumar compulsivamente e consultar os astros. Só os países de tradição ibérica acreditam que a Idade Média é o modelo ideal de sociedade, e que tudo o que veio para substituir esse modelo é subversivo e maléfico.

Há não muito tempo, o influenciador católico tradicionalista Flavio Morgenstern disse em podcast que nem a bancada evangélica nem a Renovação Carismática Católica são "conservadores de verdade". Na visão dele, como na de todo bom

tradicionalista, ser conservador é ser um reacionário medievalista, conceito este que exclui *a priori* os protestantes e os católicos carismáticos (que surgiram mais tarde)[1935].

Esse é o tipo de "conservadorismo" que faria Edmund Burke se revirar no túmulo. Por causa desse tipo de reacionário travestido de "conservador", muitos tem se convencido de que para ser conservador é preciso ser católico – e não um católico qualquer, mas um que daria orgulho a Gregório VII e Inocêncio III, um tipo de católico que nem o próprio papa atual se encaixa.

O mais curioso é que Morgenstern, assim como quase todos os outros que reproduzem o mesmo discurso em terras tupiniquins, é discípulo de Olavo de Carvalho, o mesmo que já disse que não existe conservadorismo no Brasil e que cita como exemplo de conservadorismo o conservadorismo inglês de filósofos como Roger Scruton, um protestante. Ele comentou:

> Pra você saber o que é direita, você precisa investigar onde isso existe como um fenômeno constituído. Por exemplo, eu recomendo que você leia os livros de um filósofo inglês chamado Roger Scruton. Scruton é um dos ideólogos do Partido Conservador inglês. Então, pra você saber o que é direitismo, você tem que procurar onde existe. No Brasil nunca existiu direitismo, no Brasil só tem dois tipos de coisa: o pessoal comunista (esquerdista) e o oligarca. Você só tem esses dois tipos de picareta, pra um lado e pro outro. Aqui nunca existiu um

[1935] MORGENSTERN, Flavio. *Guten Morgen 66: A mitologia de Bolsonaro (e O Imbecil Coletivo) – com Filipe G. Martins*. Disponível em: <http://sensoincomum.org/2018/10/03/guten-morgen-66-mitologia-bolsonaro-imbecil-coletivo>. Acesso em: 18/10/2019.

> conservador. (...) Quando você fala em conservadorismo, tem que ter algo a conservar, quer dizer: tem que ter valores que já estão ali há muito tempo e que vale a pena conservar. Na Inglaterra você tem leis que tem 800 anos e que representam um direito sagrado das pessoas, então tem que ter um partido conservador que defenda essas coisas pra não vir um Hitler ou Stalin tirar isso deles. A ideia de conservadorismo está ligada a valores tradicionais muito antigos; valores religiosos e culturais. Aqui no Brasil esses valores nunca entraram, portanto não tem conservador nenhum aqui. Como você vai ser conservador sem nada pra conservar? Esse pessoal só quer conservar sua conta bancária.[1936]

E numa entrevista mais recente, usando seu linguajar chulo de sempre, exclamou: "Eu quero que a política brasileira se f***. Eu sei que nada disso tem concerto"[1937].

A despeito disso, a militância católica tradicionalista (uma cria do próprio Olavo), que não conseguiu nada com o debate bíblico e teológico nos últimos séculos, mudou de estratégia e viu na "guerra cultural" um campo próspero para angariar prosélitos, os quais se alinham ao pior modelo de "direita" que existe – uma direita reacionária, obscurantista, nacionalista e antiliberal. Uma vez que a Reforma ajudou a "produzir o nascimento do mundo moderno e deixar atrás o mundo medieval"[1938], o ódio à Reforma é um imperativo.

[1936] CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *O que é um conservador? – Olavo de Carvalho.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ikRrEJ85bXA>. Acesso em: 12/11/2019.
[1937] CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *Bastidores – No quintal do Olavão*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsqFwO-FacM&feature=emb_title%2F>. Acesso em: 12/11/2019.
[1938] RANDALL, John H. *La formación del pensamiento moderno.* Buenos Aires: Editorial Nova, 1952, p. 170.

De fato, devemos reconhecer que a Reforma foi mesmo *revolucionária,* não no sentido pejorativo acusado pelos reacionários, mas no mesmo sentido em que o próprio Cristianismo foi revolucionário em sua época, emergindo em um mundo que tratava escravos como mercadoria, que considerava as mulheres um pouco acima dos animais e que assassinava bebês que nasciam com deformidades físicas. De modo semelhante, a Reforma Protestante representou uma *revolução social* numa época em que os princípios morais estavam novamente relaxados, e quando o padrão de vida era inacreditavelmente baixo.

O dicionário define "revolucionário" como aquilo que «se caracteriza pela inovação, pela originalidade, pela possibilidade de renovar os padrões estabelecidos». A Reforma é revolucionária, não por ser comunista ou socialista, mas por *renovar os padrões estabelecidos* pela Igreja na Idade Média, libertando o homem das amarras do obscurantismo que o mantinham preso ao atraso:

> Em definitivo, podemos verificar que os diferentes autores católicos ou protestantes, aos quais nos referimos, fazem a mesma análise do protestantismo e do catolicismo: o primeiro, o protestantismo, é fermento algo revolucionário, semente de liberdade que liberta o homem dos conformismos religiosos, sociais e políticos e o encoraja a iniciativas benéficas que lhe sugere o evangelho; o segundo, o catolicismo, baseado, ao contrário, sobre a autoridade primeira da tradição (religiosa e por analogia social e política) assegura a permanência de uma ordem, que mantém o povo em tranquila e voluntária submissão. O primeiro estimula a sociedade e sua vontade de enriquecimento; o segundo, conquanto lute, como o primeiro, pela

> caridade individual e sua doutrina social contra a miséria, estimula, porém, o princípio de certa pobreza propícia à meditação espiritual e que não leva à exaltação da riqueza.[1939]

Que a Reforma não foi revolucionária no sentido de "levar ao comunismo", isso é reconhecido até por Olavo de Carvalho, que já afirmou que a Reforma *deteve a revolução* (em vez de ser parte dela), permitindo que o Cristianismo tivesse uma sobrevida:

> A Reforma Luterana, sobrevindo no rastro dessa avalanche, foi no fim das contas o contra-movimento que deteu a revolução e permitiu que o Cristianismo sobrevivesse em algumas áreas onde ele ameaçava reduzir-se, com quatro séculos de antecedência, em uma espécie de Teologia da Libertação, com padres enfurecidos pregando a revolução permanente e matança geral dos ricos.[1940]

Pelo menos nisso Olavo tem (ou tinha) razão: a Reforma não precipitou as revoluções modernas, mas, ao contrário, as retardou na medida em que abalou o poder da Igreja, que já suscitava uma onda de revoltas, tumultos, agitações e insurreições populares naquela época, como escreve Van Prinsterer:

> Particularmente antes da Reforma, verificou-se uma terrível agitação entre os nobres, os camponeses e as pessoas das cidades. Por toda a Europa, as relações estavam por um fio, dava-se livre expressão às

[1939] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 23.
[1940] CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *A autoridade religiosa do mal*. Diário do Comércio, 29 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/a-autoridade-religiosa-do-mal>.

> paixões, a liberdade foi além da legalidade e os estados foram atingidos por tumultos, se não pela insurreição. A tradição chegou a ser desprezada e o clamor por mudanças tornou-se universal. Essas eram as condições do Cristianismo sob as doutrinas religiosas e políticas do papado, que não conseguiram curar ou proteger da enfermidade.[1941]

Olavo ressaltava ainda o papel decisivo do papado na criação de «sociedades anêmicas, desfibradas, intimidadas e corrompidas pela subserviência à burocracia onipotente», cuja centralização burocrática levaria, em última análise, às modernas ditaduras nazista, fascista e socialista:

> Três elementos foram decisivos para o bom resultado econômico do capitalismo: (a) a liberdade de auto-organização; (b) a homogeneidade moral, resultado da fidelidade geral ao evangelho (tanto mais estrita porque, não havendo autoridade formal superior, a Bíblia se tornava, diretamente, o critério comum para a arbitragem de todas as disputas); (c) o ambiente de confiança, honradez e seriedade criado pelos dois fatores anteriores. Em contrapartida, o autoritarismo papal e monárquico criou sociedades anêmicas, desfibradas, intimidadas e corrompidas pela subserviência à burocracia onipotente. Nas modernas ditaduras nazista, fascista e socialista, a centralização burocrática foi levada às últimas consequências, criando

[1941] VAN PRINSTERER, *Guillaume Groen. Ongeloof en revolutie: Eene reeks van historische voorlezingen*. Leiden: S. en J. Luchtmans, 1847, p. 101.

> o totalitarismo propriamente dito, o projeto da sociedade inteiramente controlada e planejada.[1942]

Como é de se esperar, um modelo autoritário, reacionário e centralizador como o papado não poderia gerar outra coisa senão sociedades antiliberais por excelência e hostis à democracia, ao capitalismo e à liberdade de pensamento. Por isso, em vez de funcionar como uma resistência às revoluções modernas, a estrutura católica romana contribuiu para fomentar um clima de instabilidade, autoritarismo e desconfiança nas instituições democráticas, que seria facilmente instrumentalizado pelos ditadores de regimes totalitários do século XX.

Mesmo em pleno século XXI, ninguém poderia olhar para os países católicos da América do Sul e dizer que são democracias estáveis com instituições sólidas. No Brasil, dois dos últimos quatro presidentes foram presos, e dois dos últimos cinco presidentes eleitos sofreram *impeachment.* O atual presidente quase foi assassinado em campanha, louva a ditadura e está a ponto de ser expulso do próprio partido[1943]; o anterior foi preso após ser flagrado numa comprometedora "gravação clandestina" com Joesley Batista; a que governou antes dele sofreu *impeachment* por crime de responsabilidade fiscal, e seu mentor e antecessor foi detido na "república de Curitiba", vendo o sol nascer quadrado[1944].

[1942] CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *Cultura e desenvolvimento econômico.* Revista Leader (Porto Alegre), agosto de 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nXyBGs0l9Iqv9DYWMBF8LqAs8ogC9uhG/view?fbclid=IwAR2A0lZTI-CWX1H3IIf1TzuT_STEx3aKzgdi0YlSNcwuaWH5rPJili30TpQ>.

[1943] Atualizando: no momento em que edito o livro, ele decidiu criar um novo partido...

[1944] Atualizando: no momento em que edito o livro, ele está solto graças a uma manobra do STF, embora já tenha sido condenado em vários outros processos...

A instabilidade política se soma à instabilidade jurídica, que talvez seja ainda mais grave. A sucessão de fatos chega a ser bizarra: em 2009, o STF decide que era preciso aguardar todos os recursos antes de prender um condenado, invertendo a interpretação vigente desde o início da Constituição de 1988. Sete anos depois, em fevereiro de 2016, o plenário definiu que a pena poderia ser executada após a condenação em segunda instância (revogando a decisão de 2009, que já havia revogado o entendimento prévio).

Parece piada, mas antes de terminar o ano o STF julgou mais duas vezes a prisão em segunda instância (em 5 de outubro e em 11 de novembro), confirmando o que já estava estabelecido. Como se julgar três vezes a mesma coisa no mesmo ano não fosse suficiente, dois anos mais tarde o plenário se reúne novamente para julgar o habeas corpus do presidiário Luiz Inácio Lula da Silva e reafirma a prisão em segunda instância. Inacreditavelmente, há poucos meses (07/11/2019) o STF voltou a julgar o tema e mudou de entendimento sobre o que *esses mesmos ministros* haviam votado nos últimos anos, proibindo a prisão após condenação em segunda instância[1945].

Para fechar com chave de ouro, um dos ministros deu ao Congresso a permissão para rediscutir a questão e possivelmente revogar (de novo) a decisão tomada pelos ministros[1946]. Um país onde os próprios ministros do Supremo não se dão ao respeito, julgam um mesmo assunto diversas vezes num mesmo ano para ver se

[1945] G1. *Por 6 votos a 5, STF muda de posição e decide contra prisão após condenação em 2ª instância*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/ao-vivo/stf-julgamento-prisao-de-condenados-segunda-instancia.ghtml>. Acesso em: 07/12/2019.
[1946] SADI, Andréia. *Fala de Toffoli deu senha para Congresso rediscutir prisão após condenação, dizem líderes*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2019/11/08/fala-de-toffoli-deu-senha-para-congresso-rediscutir-momento-prisao-apos-condenacao-dizem-lideres.ghtml>. Acesso em: 07/12/2019.

alguém muda de ideia e revogam suas próprias decisões de forma totalmente arbitrária e dentro de pouquíssimo tempo, não pode ser levado a sério por investidores estrangeiros (ou por quem quer que seja).

Enquanto em todos os países de primeiro mundo a prisão ocorre após primeira ou segunda instância (o condenado ainda pode recorrer, mas vai recorrer preso), no país da impunidade um criminoso só é preso quando o STF quer. Muitas vezes os processos demoram tanto para serem julgados que o réu já morreu ou o crime prescreveu. Se existe um país no mundo onde o crime compensa, ninguém tiraria de nós esse troféu.

Se você pensa que o Brasil é instável, imagine a Venezuela, que está tão miseravelmente arruinada que o povo está fugindo para o Brasil. Após uma fracassada tentativa de golpe contra o governo anterior, Hugo Chávez se torna um líder carismático e popular que anos depois consegue ganhar a presidência democraticamente, prometendo abandonar o cargo após quatro anos – mas se agarra ao poder e só sai depois de morto.

Pouco depois, o próprio Chávez é alvo de um golpe fracassado, que durou 47 horas. Usando o golpe como pretexto, ele mudaria a Constituição do país e multiplicaria o número de ministros do Supremo para reinar como um ditador, aparelhando toda a máquina pública[1947]. Depois que ele morre, quem assume é seu vice, Nicolás Maduro, que "vence" uma eleição fraudulenta e pratica mais golpes.

[1947] BRASIL PARALELO. *Venezuela: Uma Tragédia do Século 21*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0LuZFE_BRE>. Acesso em: 12/11/2019.

Fecha o Congresso, convoca mais uma Constituinte para ampliar ainda mais seus poderes, prende opositores políticos, manda executar manifestantes de rua e coloca o país na maior crise econômica de toda a história da América do Sul, obrigando seu povo a escolher entre fugir do país ou comer a carne de cachorros de rua[1948] e de cadáveres putrefatos[1949]. O detalhe é que a Venezuela, por ser rica em petróleo (um "pedaço da Arábia" na América), tinha a maior renda per capita latino-americana até pouco tempo.

De acordo com os dados de Maddison, a Venezuela tinha em 1950 um PIB per capita de 7.462$. O segundo melhor país latino era a Argentina, com 4.987$ (para efeitos de comparação, o Brasil tinha míseros 1.672$). Isso não evitou, no entanto, que a Venezuela fosse alvo de ditadores, assolada por golpes, tomada por convulsões sociais e consumida com todas as desgraças possíveis e impossíveis. De nada adianta ter dinheiro ou um bom nível de vida, se a ética que pauta a sociedade é um tipo de ética que levará irremediavelmente à dizimação de tudo o que foi conquistado com tanto suor.

No exato momento em que escrevo este livro, temos diante de nós um exemplo dos mais emblemáticos: o Chile. Por meio de reformas liberais tomadas nas últimas décadas[1950], o Chile melhorou de forma significativa todos os dados econômicos e

[1948] O'GRADY, Mary Anastasia; GARCÍA, Andrea Rondón; ROQUE, Leandro. *O socialismo venezuelano: pessoas comendo cachorros, saqueando supermercados e morrendo de inanição*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2410>. Acesso em: 30/10/2019.

[1949] BBC NEWS. *Na Venezuela, venda de carne podre e cadáveres que explodem por falta de eletricidade em necrotérios.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45882976?SThisFB&fbclid=IwAR3MUoWiQ98NQrU9r8yp23Gick1qTE3P1KXIlAO6LRjzJ5405Ln9yoWHoHk>. Acesso em: 30/10/2019.

[1950] Ironicamente, a única pauta concreta das manifestações chilenas estava relacionada ao aumento da tarifa do metrô, que é um monopólio estatal (uma das coisas que os governos liberais decidiram não privatizar). Ou seja, a base dos protestos contra o "neoliberalismo" não foi nenhum serviço privado (que sempre tende a ser mais eficiente a um custo menor em função da livre concorrência), mas justamente

assumiu a dianteira no Índice de Desenvolvimento Humano entre os países das América do Sul[1951]. Mas isso não bastou para evitar que o Chile passasse por manifestações gigantescas que mobilizaram milhões de cidadãos, com direito a depredação de patrimônios públicos e mortes em conflitos com a polícia.

Em clima de guerra, o presidente foi forçado a declarar estado de sítio[1952] e toque de recolher[1953]. Ninguém mais sabe o que fazer para conter os manifestantes, e o governo se viu obrigado a voltar atrás em algumas medidas importantes de estabilização econômica, comprometendo o futuro do país. É por isso que de nada adianta implantar medidas liberais, se essas medidas forem tomadas em um país com uma cultura estatista e antiliberal, com forte doutrinação ideológica fazendo a cabeça dos mais jovens.

É a mesma coisa que tentar implantar a democracia em países muçulmanos acostumados à ditadura (os Estados Unidos tentou isso no Iraque e acabou surgindo o Estado Islâmico no lugar), ou tentar forçar um índio a abandonar sua cultura de subsistência e entrar para o mercado de ações – simplesmente não vai dar certo. Primeiro é preciso preparar o terreno cultural, só depois é que se coloca em prática.

---

o aumento de um serviço público e ineficiente, uma das poucas coisas que não funcionam no Chile. Isso lembra as manifestações de 2013 no Brasil, que também teve como estopim o aumento na tarifa de um serviço público (o ônibus) onde o Estado tem o monopólio.

[1951] BRUM, Maurício. *Como o Chile se tornou o melhor país da América Latina*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/como-o-chile-se-tornou-o-melhor-pais-da-america-latina-3cevn7t81qhsopb0ff43iiofu>. Acesso em: 12/11/2019.

[1952] Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/674763/exercito-declara-estado-de-sitio-em-santiago-do-chile->. Acesso em: 30/10/2019.

[1953] G1. *Manifestantes voltam às ruas do Chile; toque de recolher termina*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/26/manifestantes-voltam-as-ruas-do-chile-toque-de-recolher-termina.ghtml>. Acesso em: 30/10/2019.

Mas no Chile foi feito o oposto: se implementou o liberalismo econômico através de uma ditadura sanguinária de Pinochet – ou seja, tentaram fazer o Chile dar certo na base da força, o que nunca funciona. Mesmo que se consiga bons resultados econômicos, o resultado final é esse: um povo doutrinado que quer voltar à mediocridade assim como a porca volta ao lamaçal e o cão ao seu próprio vômito.

Ao mesmo tempo em que o Chile convoca uma nova constituinte para se tornar tão medíocre quanto os países à sua volta, na França de Emmanuel Macron o governo encara uma onda enorme de protestos e greves que paralisaram o país contra a necessária e urgente reforma da previdência (em um país que aumenta a sua expectativa de vida ao mesmo tempo em que tem cada vez menos filhos, ou seja, onde a quantidade de aposentados é cada vez maior em relação aos contribuintes)[1954].

E embora a necessidade de ajustar as contas da previdência em um país como a França seja algo tão óbvio quanto 2+2=4, uma massa de alienados doutrinados que pensam que o Estado cria dinheiro do nada para custear todas as despesas se opõe a qualquer reforma necessária para conter o rombo. E depois que a conta dessa irresponsabilidade fiscal finalmente chega, colocam a culpa no capitalismo, é lógico. É por isso que os países católicos não têm solução, pelo menos não enquanto a cultura católica paternalista e estatista continuar dirigindo as consciências.

[1954] G1. *Confira o que pode mudar com a reforma da Previdência na França*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/12/confira-o-que-pode-mudar-com-a-reforma-da-previdencia-na-franca.ghtml>. Acesso em: 12/11/2019.

Também no exato momento em que escrevo, acredite se quiser, a Bolívia literalmente não tem presidente. Após treze anos no poder, Evo Morales renunciou anteontem (10/11/2019) após uma série de rebeliões populares que exigiram sua saída. A Bolívia vive hoje um caos social e um clima de tensão e guerra entre os que apoiavam Morales e os que queriam a sua saída. O próprio presidente teve sua casa invadida por vândalos e teve que fugir para o México[1955], enquanto seus familiares tiveram as casas incendiadas, da mesma forma que governadores e outros políticos bolivianos[1956].

O detalhe é que a Bolívia vivia um raro período de crescimento econômico, o que não impediu que chegasse ao ponto em que chegou. Sentindo-se o dono do país, Evo Morales deu um golpe na Constituição e decidiu que poderia governar indefinidamente, como um ditador (o que a Constituição boliviana proíbe). Para driblar a Constituição ele proclamou há três anos um plebiscito popular para reformar a Constituição e permitir reeleições ilimitadas, mas a maioria do povo votou contra[1957].

Mesmo assim, chegando na época da eleição ele decidiu que disputaria a reeleição assim mesmo, pisando na Constituição e no seu próprio referendo. Para ganhar a eleição desta vez, ele recorre à fraude eleitoral, como é típico de governos latinos de extrema-esquerda. A OEA (Organização dos Estados Americanos) confirmou

[1955] O GLOBO. *Evo Morales deixa Bolívia rumo ao México, onde ficará asilado*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/evo-morales-deixa-bolivia-rumo-ao-mexico-onde-ficara-asilado-24075819>. Acesso em: 12/11/2019.
[1956] G1. *Evo Morales diz que casas da irmã e de dois governadores foram incendiadas na Bolívia.* Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/10/evo-morales-diz-que-casas-da-irma-e-de-dois-governadores-foram-incendiadas-na-bolivia.ghtml>. Acesso em: 12/11/2019.
[1957] G1. *Tribunal Eleitoral confirma vitória do 'Não' em referendo na Bolívia*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/tribunal-eleitoral-confirma-vitoria-do-nao-em-referendo-na-bolivia.html>. Acesso em: 12/11/2019.

fraudes escandalosas nas urnas, o que aumentou a revolta popular e obrigou Evo a renunciar. Como toda a linha de sucessão presidencial renunciou também, a Bolívia é hoje terra de ninguém, uma anarquia que não sabemos onde e quando vai parar.

Os exemplos da Venezuela, do Chile e da Bolívia se somam a dúzias de outros exemplos de países católicos latinos que passam hoje pelo mesmo tipo de convulsão social que tanto caracterizou a Europa católica nos séculos passados, mostrando que de nada adianta crescer economicamente, se este crescimento não for acompanhado de um progresso *cultural,* como o observado nos países de tradição protestante.

Se o progresso econômico não for acompanhado de uma *ética democrática, liberal e conservadora,* as convulsões sociais virão em um momento ou outro, independentemente das condições socioeconômicas. Sem um fundamento cultural sólido, inevitavelmente surgirão revoltas, conflitos, violência, caos e anarquia, propiciando um terreno fértil para a ascensão de ditadores ou de líderes populistas messiânicos (isso quando não são o mesmo), e assim continuar o ciclo de mazelas.

Até os dias de hoje, a ética católica não tem se demonstrado capaz de fornecer esse fundamento cultural sólido, razão pela qual acompanhamos diante dos nossos olhos ciclos intermináveis de agitação social, revoluções e golpes em todo o mundo católico. Países católicos tem sido uma presa fácil da extrema-esquerda porque não estão estruturados em bases sólidas. É como o homem que construiu sua casa sobre a areia, e assim que caiu a chuva e sopraram os ventos foi facilmente destruída (Mt 7:26-27).

É preciso entender que, sem o pilar cultural, de nada adianta copiar modelos econômicos bem-sucedidos ou esperar que o milagre caia do céu. Só um país moldado e lapidado com uma ética adequada pode ser resistente à índole revolucionária. Só uma nação edificada sobre a rocha pode permanecer inabalável quando vier a tempestade. A história tem nos mostrado que apenas os países de tradição protestante se provaram politicamente estáveis, ao passo em que os países de matriz católica são visivelmente inaptos e incapazes de resistir à tentação revolucionária em qualquer medida.

Tocqueville já notava isso desde princípios do século XIX, quando escreveu que "a América talvez seja, neste momento, o país do mundo que encerra em seu seio menos germes de revolução"[1958]. Um país sem os «germes de revolução» é um país *estável,* ou seja, um país em que os cidadãos confiam uns nos outros – um pressuposto básico para o sucesso nos negócios. A relação de confiança entre os membros de uma comunidade tem reflexo na estabilidade *política* da nação – o que pode ser demonstrado pela quantidade de Constituições que ela precisou mudar.

Nos Estados Unidos, a Constituição é a mesma desde a sua criação, em 1787. Em compensação, o Brasil teve sete desde 1824, e a Venezuela teve impressionantes vinte e sete Constituições diferentes desde 1811 (e todo ano ameaça fazer uma nova Constituição que favoreça os gostos pessoais de um ditador que aparelhou tudo). Mesmo um país católico de primeiro mundo, como a França, não teve menos que treze Constituições em sua história.

[1958] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 210.

A Constituição americana não apenas é mais longínqua, como também é mais breve: são apenas 7 artigos somados a 27 emendas, enquanto a nossa tem mais de 200 artigos e 100 emendas, que se multiplicam a cada ano. Uma Constituição duradoura é geralmente o reflexo de um país com estabilidade política. Não à toa, os Estados Unidos sempre elegeu seu presidente democraticamente e nunca teve uma ditadura em mais de dois séculos desde a independência.

Além disso, uma Constituição duradoura é mais respeitada, porque ninguém respeita uma Constituição que é trocada a toda hora como quem troca de roupa, e que a qualquer momento pode ser substituída por outra e ir para a lata do lixo. Nós só damos valor ao que é duradouro. Por isso, uma Constituição respeitada atravessa as gerações.

Quando todo mundo sabe que a Constituição pode ser facilmente mudada quando os políticos bem entenderem, os políticos tendem a se achar acima da Constituição. Como pode alguém como Maduro respeitar uma Constituição sabendo que pode mudá-la quando der na telha? Como pode se submeter a algo contrário à sua vontade, se a sua vontade basta para reverter isso?

É óbvio que os políticos estão acima da Constituição quando a Constituição é mudada com tanta facilidade. Ditador nenhum precisa pisar na Constituição quando pode simplesmente mudá-la ao seu bel-prazer. Não é à toa que os países com as Constituições mais antigas, como Estados Unidos, Inglaterra e Suíça, tenham também mais ordem, democracia, lei e justiça, além de instituições mais sólidas e respeitadas.

Em contrapartida, os estados católicos do continente foram assolados por ditaduras que sucediam umas às outras, em um amontoado de golpes, traições, revoluções e chacinas. A própria revolução cubana de 1959 surgiu em oposição à ditadura de Fulgencio Batista, enquanto no México a Revolução de 1910 se dá em resposta à ditadura Porfírio Díaz.

A Argentina bateu todos os recordes com nada a menos que nove fases de governos militares que assumiram mediante golpes de Estado, e a Bolívia teve seis presidentes diferentes entre 2001 e 2006 (e depois um que não quis mais largar o osso). No Brasil, a monarquia começou com um golpe de Dom Pedro I, que depois deu mais um golpe fechando o Congresso; em seguida veio o golpe da maioridade (que colocou Dom Pedro II no poder antes do tempo previsto em lei), seguido do golpe da república e depois do golpe de Vargas (dando início ao Estado Novo), chegando finalmente ao golpe civil-militar de 64.

Mesmo quando alguém não estava dando um golpe, isso não significa que a democracia estava vencendo. Assim como não havia democracia na monarquia tupiniquim do "parlamentarismo às avessas", na República Velha podia haver eleições, mas essas eleições eram tão fraudulentas que um candidato chegou a vencer com mais votos que o total de votantes (sem nem precisar usar a joia da realidade)[1959].

[1959] Para quem estiver curioso, trata-se de Afonso Pena, que em 1906 obteve 1,41% dos votos sobre o total da população, quando apenas 1,4% da população podia votar (VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2*. São Paulo: Anglo, 2008, p. 176).

Essa tendência antidemocrática pode ser observada no mundo todo. À exceção dos países de tradição protestante, governos ditatoriais e revoluções são comuns em toda a parte, quase sempre seguidos de um histórico de opressão.

A Revolução Francesa surge em resposta ao absolutismo monárquico de Luís XVI, a Revolução Russa de 1917 surge em resposta ao absolutismo czarista, a Revolução Comunista Chinesa emerge de um passado de absolutismo dos imperadores e da ocupação japonesa, e em diversos países da África e da Ásia o passado de colonização abriu caminho para a implantação de inúmeras ditaduras após esses países alcançarem a independência. Em suma, é muito raro um lindo condado hobbit ser subitamente destruído por um exército de orcs malvadões. Quase sempre os orcs surgem quando os hobbits estão se matando.

A explicação mais óbvia é que uma população submetida há anos de agressões tende a se agarrar a qualquer oposição violenta contra esse sistema de opressão, sem pensar se este novo regime será tão ou mais opressor que o anterior (o que explica o porquê de muitos países católicos caírem em ditaduras socialistas, fascistas e secularistas radicais).

Assim, em vez de servir como um "baluarte do conservadorismo" e evitar as revoluções, o que a ética católica faz é estimular a mentalidade revolucionária pelo "efeito mola", o mesmo que ocorreu na Revolução Francesa. Só um país com estabilidade política, econômica e social é realmente capaz de resistir à mentalidade revolucionária, e essa é a razão primordial por que jamais os países protestantes aderiram a qualquer forma de totalitarismo (diferente de todos os demais).

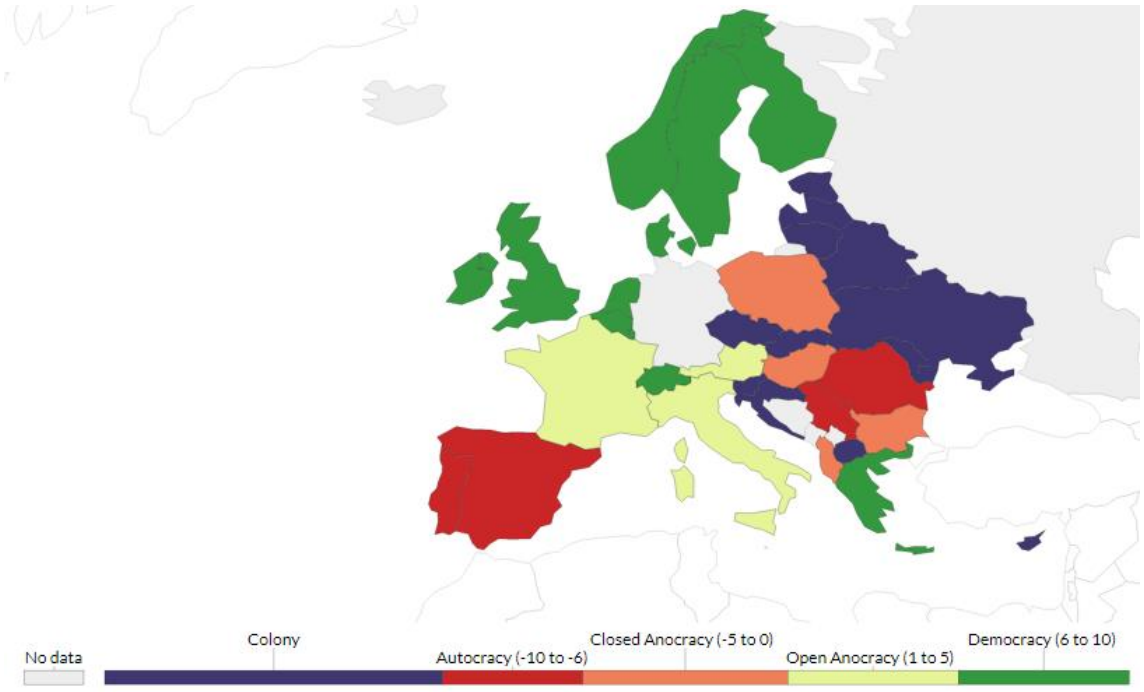
A explicação para isso também é óbvia: alguém próspero, que vive em segurança, com boa educação, com plenos direitos políticos e que vê as instituições funcionando tem pouca ou nenhuma razão para clamar por "revolução", e mesmo se fizesse isso encontraria pouca ou nenhuma adesão das massas.

A história mostra que é quando o povo não tem o que comer que as revoluções batem à porta, por isso é tão importante o bem-estar social que somente a ética protestante foi capaz de proporcionar. Em contrapartida, os estados católicos tem se demonstrado mestres na arte do totalitarismo, e não sem razão poucos deles podem se orgulhar de uma democracia sólida e de instituições respeitadas.

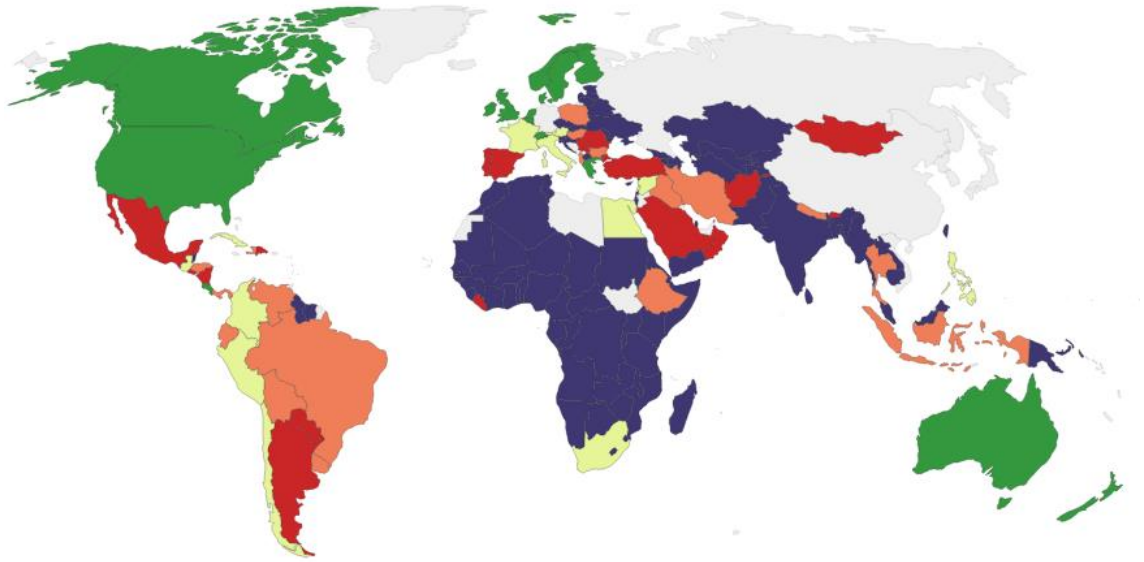
O projeto *Our World in Data* apresenta um quadro político da Europa em 1945, dividido entre colônias (países dominados por outros), autocracias (ditaduras na sua forma mais pura), anocracia rígida e leve (mistura de democracia com traços autocráticos) e democracia[1960].

De todos os países europeus, como pode-se notar, apenas Reino Unido, Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Suíça, Bélgica, Irlanda, Luxemburgo e Grécia eram democracias. Entre as anocracias temos França, Itália, Áustria, Holanda, Hungria, Bulgária e Albânia, e entre as autocracias constam Portugal, Espanha, Romênia e Sérvia (os demais países eram colônias ou não tem dados referentes ao período especificado):

[1960] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/political-regime-updated2016?year=1945&region=Europe>. Acesso em: 23/10/2019.



No mundo de uma forma geral, o resultado para o mesmo período é o seguinte[1961]:



Como podemos ver, fora da Europa apenas Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Costa Rica eram democracias. Todos os outros alternavam entre

[1961] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/political-regime-updated2016?year=1945>. Acesso em: 23/10/2019.

colônias, autocracias e anocracias (o Brasil vivia ainda no Estado Novo de Vargas, e a Argentina em um de seus infindáveis governos militares). Tanto no quadro europeu como no cenário global, a única característica comum a quase todas as democracias é a tradição protestante. Embora os países de tradição protestante sejam menos de 7% no mundo (ou 13 em 193 países), eles constituíam quase 70% das democracias mundiais em 1945 (ou 11 em 16).

Em qualquer outro período do século XX o resultado encontrado é semelhante. Apenas a partir de finais da década de 80 é que a maior parte dos países católicos foi se democratizando (e mesmo assim ainda estão longe do nível de solidez das democracias protestantes). O mesmo projeto também fornece dados referentes à idade das democracias (ou seja, quais são as democracias mais antigas e quais se firmaram apenas em tempos recentes).

De todos os países do mundo, as únicas democracias europeias com 100 anos ou mais (contando até 2019, ano da escrita deste livro) são Suíça, Reino Unido, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Noruega, Islândia e Finlândia[1962]. Em escala global, elas se somam a Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia[1963]. Estes dados são ainda mais impressionantes, pois de todos os treze países cuja democracia dura mais de cem anos, apenas um (a Bélgica) não é de tradição protestante (e é, como vimos, o país católico que mais teve influência da ética protestante).

[1962] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/age-of-democracies?region=Europe>. Acesso em: 23/10/2019.
[1963] Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/age-of-democracies>. Acesso em: 23/10/2019.

Tais dados falam por si só e demonstram com clareza quem realmente estimula a "mentalidade revolucionária" com totalitarismos de Estado e cerceamento das liberdades individuais, e quem possui democracias sólidas com um nível de bem-estar social que as mantém longe da tentação revolucionária. O verdadeiro "baluarte do conservadorismo" nunca foi a ideologia reacionária que provoca agitação social e despotismo, mas a democracia liberal fomentada pela ética protestante que serve como um remédio contra toda tirania.

A lógica é mais simples do que parece: revoluções são causadas por tensões sociais; tensões sociais são causadas por problemas crônicos de uma sociedade (tais como pobreza, autoritarismo e insegurança); os países protestantes eram os que menos sofriam com esses problemas; logo, foram os menos propensos a revoluções sangrentas e a revoltas sociais. A falta de uma tradição liberal obrigou os países de matriz católica a se apegar a algo quase tão nocivo quanto o socialismo na tentativa de escapar ao socialismo: o fascismo.

Diferente do que se pensa, no entanto, fascismo e socialismo tem muita coisa em comum, a começar pelo caráter totalitário do governo. A exaltação ao Estado, tão vital para os socialistas, se vê presente na máxima fascista de Benito Mussolini: «Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado». Embora o fascismo seja tido como de direita por seu caráter marcadamente nacionalista e reacionário, era uma direita violentamente antiliberal, do tipo que agradava os papas e a Igreja de Roma.

> O fascismo é um movimento de direita e podemos dizer que possui uma ideologia híbrida. Ele é uma mistura indistinta entre

> nacionalismo, racismo e socialismo. Mas pode ser caracterizado principalmente por ser antiliberal, isto é, prega um tipo de sociedade na qual o Estado seria o mais importante e não o indivíduo, e também por ser completamente anticomunista.[1964]

À Igreja Católica, que sempre detestou o liberalismo e que condenava igualmente o socialismo, restou abraçar o fascismo, que logo se tornaria bem popular nos países mais católicos do mundo. Não à toa, foi no quintal do papa – a Itália – que o fascismo chegou ao poder pela primeira vez, resultando na execução de pelo menos 300 mil pessoas e em muitos outros desaparecimentos, torturas e exílios.

A Igreja legitimou Mussolini ao firmar com ele o Pacto Lateranense (1929), no qual o papa Pio XI descreve Mussolini como "um homem necessário que a providencia colocou em nosso caminho: um homem que não partilha as preocupações da escola liberal... é então com grande satisfação que cremos com isso ter dado a Deus a Itália e a Itália a Deus"[1965].

O Pacto declarava ainda que "a Santa Sé e a Itália reconhecem que convém descartar toda causa de diferença existente entre as duas e acertar um regulamento definitivo entre suas relações recíprocas que esteja de acordo com a justiça e a dignidade das duas Altas Partes"[1966]. Em 1924, quando Giacomo Matteotti foi assassinado pelos fascistas por denunciar a fraude eleitoral de Mussolini e o Partido Popular exigiu novas eleições, Pio XI repreendeu os parlamentares católicos e

[1964] JOANILHO, André Luiz. *História Contemporânea II*. Ponta Grossa: NUTEAD, 2011, p. 45.
[1965] Discurso do dia 5 de fevereiro de 1929, publicado no jornal da Igreja Católica "Osservatore Romano".
[1966] ibid.

manteve o apoio ao ditador fascista, ajudando-o a superar a crise e a consolidar seu poder[1967].

Anos mais tarde, o papa seguinte (Pio XII) continuaria exaltando Mussolini, a quem reconhecia ser «um grande homem sem reparos e profundamente bom». Mussolini retribuiu o favor, abolindo a laicidade do Estado e restaurando o catolicismo como a única religião do Estado, com os demais cultos públicos proibidos. O poder público voltou a agir como o «braço secular» da Igreja, como nos bons e velhos tempos em que a autoridade secular e a religiosa estavam unidas na construção de um Estado totalitário no campo político e tirânico na esfera religiosa.

Essa união nefasta provocava uma "troca de favores", onde o papado fechava os olhos para os crimes do fascismo e em troca os fascistas trabalhavam por restaurar o poder da Igreja na Itália:

> Mussolini passou a baixar decretos que punham fim à separação entre Igreja e Estado. Mandou decorar todos os tribunais, salas de aulas e quartos de hospital italianos com crucifixos. Tornou crime insultar um padre ou falar mal do catolicismo e deu poder à polícia para demitir editores de jornais que criticassem o Vaticano. Incorporou feriados religiosos ao calendário e capelães católicos às Forças Armadas. Introduziu o ensino da religião católica no currículo escolar e restringiu as atividades dos protestantes. E destinou 3 milhões de liras para restaurar igrejas arruinadas pela Primeira Guerra Mundial. Em 11

[1967] GABRIEL, Ruan de Souza. *Como a Igreja Católica ajudou a consolidar o fascismo.* Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/05/como-igreja-catolica-ajudou-consolidar-o-fascismo.html>. Acesso em: 25/10/2019.

> de fevereiro de 1929, Mussolini e o cardeal Pietro Gasparri, secretário de Estado da Santa Sé e um dos aliados mais próximos de Pio XI, assinaram o Tratado de Latrão, no qual o governo italiano reconheceu a soberania política e territorial do Vaticano.[1968]

A história mostra que o papa não assinou o Tratado de Latrão com um inimigo, mas com um *cúmplice.* Ambos tinham algo a ganhar: Mussolini consolidava sua ditadura, que permaneceria vigente por longos anos, e a Igreja consolidaria um território na Itália e ampliaria sua influência no país, em detrimento das demais confissões religiosas.

À custa do derramamento de sangue de centenas de milhares de vítimas que se opunham à ditadura, o ensino religioso (católico) passaria a ser obrigatório nas escolas, o casamento religioso teria efeito civil, o divórcio seria proibido e o papa teria soberania sobre o Palácio de Castelgandolfo e a Basílica de São João de Latrão, Santa Maria Maior e São Paulo Extramuros (além do Vaticano e de uma gratificação de 90 milhões de dólares)[1969].

Quem recentemente expôs como a Igreja Católica emprestou sua reputação para legitimar a ditadura fascista foi o historiador David I. Kertzer, no livro *O papa e Mussolini: a conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa*. Kertzer passou longos anos estudando relatórios de espiões de Mussolini na Santa

[1968] ibid.
[1969] RIBAS, Mariana. *O papa e Mussolini: há 90 anos, um tratado garantia o Vaticano.* Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/tratado-latrao-foto-acordo-papa-mussolini-igreja-fascismo-italia-vaticano-historia.phtml>. Acesso em: 25/10/2019.

Sé e os "arquivos secretos" do Vaticano, abertos por Bento XVI em 2006, e por essa rigorosa investigação recebeu o Prêmio Pulitzer de melhor biografia de 2015.

Kertzer demonstrou ainda que a Igreja, em vez de se opor ao antissemitismo fascista, deu apoio às medidas severas de Mussolini contra os judeus, o que inclui um acordo secreto entre o Vaticano e o ditador para evitar qualquer crítica às infames leis antissemitas, em troca de privilégios às organizações católicas. Embora 99% dos italianos fossem católicos e quase toda a Cúria romana fosse italiana, o papa preferiu usar seu prestígio e influência para legitimar Mussolini e o fascismo, em vez de combatê-lo abertamente da forma que deveria.

E fez isso não apenas pelos privilégios concedidos à Santa Sé, mas porque a própria ideologia fascista não se distanciava muito da Doutrina Social da Igreja, a qual, como vimos, era tão violentamente antiliberal quanto o fascismo e também não compartilhava simpatia alguma pelos direitos civis e políticos do povo, tampouco pela própria democracia (denunciada abertamente no *Syllabus* e em outros documentos oficiais da Igreja que já vimos no volume anterior).

Um desses documentos papais que expõe a hostilidade da Igreja à democracia e à liberdade política é a encíclica *Inter Praecipuas,* escrita pelo papa Gregório XVI em 1844. Temendo a liberdade política da Itália, ele escreve:

> Nem isso dissimulam os novos sócios da "Aliança cristã", os quais, embora se professem alheios a incitar à desobediência civil, todavia confessam que do tornar comum a cada um do povo o arbítrio de interpretar as Escrituras e do difundir, assim, entre os italianos aquela

> que eles chamam de total liberdade de consciência, virá espontaneamente também a liberdade política da Itália.[1970]

O "grande erro" da Aliança Cristã eram os seus princípios de liberdade de consciência, que o papa sabia que levariam à liberdade política (algo que ele não suportava nem pensar):

> Por isso, tendo eles se proposto oferecer a todos os povos aquela sua liberdade de consciência, ou seja, do erro – do qual, como de sua natural fonte, também a liberdade política viria junto com o incremento da pública prosperidade como eles entendem.[1971]

Leve em conta que o papa disse isso quase um século antes do fascismo se estabelecer neste mesmo país, pregando a mesma doutrina que condenava exatamente a mesma coisa que o papa condenou.

O fascismo não surgiu na Itália por acaso ou por azar. Ele tem muito o que agradecer ao papado, que teve todo o trabalho de preparar cuidadosamente o terreno, moldando o pensamento popular, cultivando na consciência coletiva a ideologia antiliberal e estabelecendo as bases daquilo que viria a ser o regime mais brutal da história da Itália. É por isso que grande parte do povo italiano deu apoio a um regime facínora *com o qual foi doutrinado a concordar desde antes de sua ascensão ao poder.* Primeiro se molda a cultura, depois se coloca em prática.

[1970] GREGÓRIO XVI. *Inter Praecipuas,* 14. Disponível em: <https://www.fsspx.com.br/carta-enciclica-inter-praecipuas-sobre-as-insidias-das-sociedades-biblicas>. Acesso em: 28/10/2019.
[1971] ibid, 9. Disponível em: <https://www.fsspx.com.br/carta-enciclica-inter-praecipuas-sobre-as-insidias-das-sociedades-biblicas>. Acesso em: 28/10/2019.

Cabe lembrar que o próprio Adolf Hitler, como destaca Peyrefitte, veio do sul, "a região mais romanizada do Santo Império Romano Germânico... austríaco de nascimento, teve na Baviera seu maior apoio popular"[1972]. A Baviera, como é sabido, é a zona mais católica da Alemanha e o principal baluarte do papado nos tempos do Sacro Império, como também é católica a Áustria[1973]. Hitler foi criado por pai e mãe católicos, recebeu educação católica, estudou em um mosteiro beneditino, foi batizado, recebeu o crisma e até cantava no coro do mosteiro[1974].

Embora seu círculo mais íntimo atestasse que ele era em realidade um ateu e que odiava o Cristianismo (especialmente por ser fundado por um judeu), o führer em seus discursos públicos fazia questão de se identificar como um cristão católico para conquistar a simpatia das massas[1975] e nunca abandonou formalmente o catolicismo[1976]. Ainda que Hitler tenha abominado o Cristianismo em sua fase adulta e nunca mais tenha pisado os pés numa igreja, sua rígida educação católica enraizou nele um dos aspectos mais importantes dessa cultura: um profundo e desmedido apego à tradição.

Ele se apegou tanto à tradição que pretendia destruir o Cristianismo na Alemanha e restaurar o culto aos deuses tribais do paganismo primitivo germânico[1977]. Além

[1972] PEYREFITTE, Alain. *Le Mal Français*. Paris: Plon 1976, p. 146.
[1973] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 22.
[1974] SMITH, Bradley. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Stanford: Hoover Institution Press, 1967, p. 42.
[1975] BAYNES, Norman H. *The Speeches of Adolf Hitler, April 1922 – August 1939*. Oxford: Oxford University Press, 1942, p. 19-20. v. 1.
[1976] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* São Paulo: Imago, 2001, p. 644.
[1977] SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich*. 3ª ed. New York: Simon & Schuster, 1990, p. 24.

do apego à tradição, Hitler aprendeu com a moral católica o antissemitismo[1978], que se tornaria a marca registrada do nazismo e de seus campos de concentração e extermínio. «No que diz respeito aos judeus», disse ele ao bispo Berning de Osnabruch, «me limito a executar a mesma política que a Igreja Católica adotou durante 1500 anos»[1979].

Por sua vez, toda a base ideológica do nazismo era uma cópia quase integral do fascismo italiano, convertido para o arianismo alemão: ambos eram racistas, antissemitas, nacionalistas, antiliberais, anticomunistas, totalitários e autoritários. Não à toa, nazistas e fascistas foram parceiros na Segunda Guerra Mundial e Hitler era um grande admirador de Mussolini de longa data, a ponto de ter um busto do Duce em seu gabinete[1980].

Fascistas e nazistas compartilhavam não apenas uma sólida aliança em torno de um projeto em comum, mas também um pacto com o Vaticano. Assim como havia firmado vários pactos com os regimes fascistas, a Igreja assinou com os nazistas uma concordata em 20 de julho de 1933. Ao mesmo tempo em que os nazistas prometiam liberdade de culto à Igreja (liberdade essa que foi sumariamente ignorada anos mais tarde), o artigo 16 do acordo firmava que «os clérigos devem

[1978] Sobre o histórico antissemita da Igreja Romana ao longo dos séculos, consulte o capítulo 12 do volume anterior, ou acesse: <http://www.lucasbanzoli.com/2018/06/conheca-todo-o-odio-intolerancia-e.html>.
[1979] HITLER apud JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* São Paulo: Imago, 2001, p. 650.
[1980] KERTZER, David I. *Hitler, Mussolini e o Papa: o silêncio do Vaticano e os sussurros do Duce diante da ascensão do Führer.* Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hitler-mussolini-e-o-papa>. Acesso em: 31/10/2019.

prestar um juramento de lealdade ao governador local ou presidente do Reich» e que deveriam «se esforçar em evitar qualquer dano ao Reich»[1981].

O artigo 3 determinava que «para manter as boas relações entre a Santa Sé e o Reich alemão, um núncio apostólico residirá na capital do império e um embaixador do Reich alemão na Santa Sé»[1982]. Já o artigo 30 instituía uma «oração pelo bem-estar do Reich», que deveria ser realizada sempre após as missas[1983]. A concordata assinada pela Igreja "desarmava unilateralmente o catolicismo alemão como uma força política e social, e indicava aos sacerdotes católicos de base e aos leigos que deviam submeter-se plenamente ao novo regime"[1984].

Assim, o Vaticano legitimava o regime nazista aos olhos do mundo católico, só vindo a se manifestar contra o Reich depois que os católicos passaram a ser perseguidos, e mesmo assim de forma parca e exígua, "sem que tenha provocado oposição dos católicos ao regime"[1985]. De acordo com o historiador católico Paul Johnson, em todo o Reich alemão, "apenas sete católicos recusaram cumprir o serviço militar, seis foram executados e o sétimo declarado louco. Os sacrifícios dos protestantes foram mais consideráveis, porém também insignificantes"[1986].

Um desses católicos que serviram no exército nazista era ninguém menos que Joseph Aloisius Ratzinger, que mais tarde se tornaria Bento XVI[1987].

[1981] Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071107144055/http://www.salvator.net/salmat/pw/pw1/macht/konktext.htm>. Acesso em: 31/10/2019.
[1982] ibid.
[1983] ibid.
[1984] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* São Paulo: Imago, 2001, p. 650.
[1985] ibid, p. 647.
[1986] ibid, p. 650.
[1987] SARTO, Pablo Blanco. *Joseph Ratzinger: uma biografia*. São Paulo: Quadrante, 2004, p. 34.

A relação entre a ética católica e o fascismo fez prosperar esse regime também nos outros países que ainda conservavam a tradição católica e onde o catolicismo seguia exercendo forte influência no início do século XX, o que se aplica sobretudo a Espanha e Portugal. Na Espanha, em 1936, o general Franco deu um golpe de Estado que resultou na Guerra Civil Espanhola, na qual mais de 400 mil espanhóis perderam a vida. Somada às vítimas políticas do fascismo espanhol, a cifra ultrapassa 2 milhões de vítimas. Basicamente, qualquer um que se opusesse ao regime franquista era perseguido e morto.

Como o esperado, o papado apoiou os fascistas em todo o período, o que ajudou a queimar o filme da Igreja nas décadas seguintes. Já em 1953, depois de tanto morticínio consumado, a Igreja assina uma concordata com o general Franco, onde ambos fazem concessões e se comprometem a favorecer um ao outro[1988]. O papa Pio XII (o mesmo que enalteceu Mussolini) louvou a ascensão de Franco ao poder como um símbolo do triunfo do catolicismo no país, sem se importar com milhões de vidas sacrificadas para este propósito. Ainda hoje muitos tradicionalistas católicos exaltam Franco por ter "matado os comunistas" (embora Hitler tenha feito a mesma coisa na Alemanha).

Se a Espanha pertencia a Franco, Portugal também tinha um dono: Salazar. Este homem, que governou como um ditador por 36 anos, era um católico devoto e militante, que sob a destra da Igreja levou seu país a três décadas de censura, fuzilamentos, prisões políticas, exílios, tortura e desaparecimentos "misteriosos". Foi com este regime sanguinário que a Igreja Romana assinou uma concordata em

[1988] DW. *1953: Concordata entre Franco e Santa Sé*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1953-concordata-entre-franco-e-santa-s%C3%A9/a-320240>. Acesso em: 25/10/2019.

1940, que, à semelhança dos acordos com Mussolini e Franco, atribuía privilégios e benefícios à Santa Sé, ao mesmo tempo em que esta legitimava o regime fascista. A liberdade de culto das outras religiões foi vedada, só o catolicismo podia ser ensinado nas escolas, o clero passava a ter isenção fiscal e o divórcio voltava a ser proibido.

Na Croácia católica, os *ustaše* (uma organização paramilitar nazifascista) assassinaram centenas de milhares de sérvios, judeus, ciganos e quaisquer outros que a eles se opusessem ou não professassem a fé católica, os quais eram submetidos a campos de concentração e de extermínio entre os anos de 1929 e 1945. Abraçando o discurso de pureza racial, étnica e religiosa, o movimento funcionava como uma organização terrorista até passar a governar uma parte da Iugoslávia controlada pelo Eixo, atuando como um estado-fantoche da Alemanha nazista.

As três principais metas declaradas dos *ustaše* consistiam em converter um terço dos sérvios ao catolicismo, exterminar um terço dos sérvios residentes na Croácia e expulsar o terço restante. As atrocidades por eles cometidas eram tão horrendas que horrorizavam até os nazistas, que tiveram que intervir para frear o terrorismo *ustaše*. Estudiosos estimam que 700 mil pessoas foram exterminadas só no campo de concentração de Jasenovac (entre 500 e 600 mil reconhecidos oficialmente pela Iugoslávia), o único cujo comando não teve envolvimento dos alemães.

Em toda a Iugoslávia, o número estimado de mortes ultrapassa a faixa dos milhões, embora toda essa monstruosidade seja pouco lembrada nos livros escolares e o assunto ainda seja um grande tabu na mídia internacional, graças ao lobby católico.

O mais revoltante não é o esquecimento de quem deveria se indignar com isso, mas a memória bem viva por parte daqueles que ainda defendem o regime. No ano passado (2018), dezenas de milhares de neonazistas (incluindo freiras) se reuniram em um antigo campo de concentração para chorar a queda dos *ustaše*, na maior manifestação fascista da Europa.

O evento anual de luto é organizado pela Igreja Católica croata e autorizado pelo governo, apesar dos protestos populares contra a realização do evento. Sob a fachada de uma "missa em memória dos mortos", símbolos e bandeiras racistas tremulavam abertamente no campo, acompanhados de saudações nazistas, discursos enaltecendo o fascismo e camisetas com o slogan da *ustaše,* usadas até pelas crianças[1989]. A colaboração entre a Igreja Católica e a *ustaše* era bem maior no passado, especialmente quando o genocídio sérvio era levado a cabo:

> Os *ustaše* eram radicalmente católicos, e seu líder tinha pessoalmente recebido uma bênção e audiência do papa Pio em Roma logo após sua ascensão ao poder. O papa Pio escreveu sobre a oportunidade única para a Igreja restabelecer a relação medieval entre a Igreja e o Estado, e seus ministros se referiram à limpeza étnica como "dor de dente" da Croácia. O plano da *ustaše* para conversões forçadas não poderia ter sido bem-sucedido sem a participação do clero católico. O arcebispo Aloysius Stepinac e outros católicos eventualmente se opuseram ao regime, mas se recusaram a condenar publicamente a *ustaše* até que a maioria dos judeus sérvios já estivesse morta, e

[1989] MÖSENEDER, Roman. *Neonazis e freiras na 'maior manifestação fascista' da Europ*a. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/qv8dmv/6-mil-neonazis-reunidos>. Acesso em: 28/10/2019.

> apoiaram as conversões forçadas. Sem o apoio da Igreja Católica, a *ustaše* nunca teria sido capaz de passar de uma organização terrorista para um governo eficaz. Na verdade, Stepinac originalmente ajudou a *ustaše* no poder, encontrando-se com os líderes antes mesmo da rendição e derrota do governo legal iugoslavo. A intenção declarada da *ustaše* de limpar etnicamente a Croácia era clara, mas a Igreja Católica manteve laços com a *ustaše* até 1943, quando o papa Pio voltou a encontrar-se com Ante Pavelić. Muitos clérigos católicos participaram diretamente do extermínio e da conversão forçada. Um dos mais famosos destes foi Miroslav Filopovic, um sacerdote franciscano, que acabou como comandante de um campo de concentração. O Movimento Católico Croata e a Ação Católica, ambas organizações católicas leigas, foram mobilizados para participar do genocídio. Stepinac cooperou com tudo isso.[1990]

O Vaticano ajudou na fuga de vários líderes *ustaše* para a América, na Operação conhecida como "Ratlines", que tinha à sua frente o bispo católico Alois Hudal. Hudal era membro honorário do Partido Nazista e reitor de um seminário católico próximo a Roma, e dali emitia documentos falsos de figuras importantes do nazismo e do fascismo para que pudessem fugir do continente. O destino favorito dos nazifascistas era a Argentina, sob a anuência do presidente Perón, que os recebia de braços abertos e jamais escondeu sua preferência pelo Eixo (apesar de ter entrado de última hora na guerra em favor dos Aliados por pressão dos Estados Unidos, à semelhança do que fez Getúlio).

[1990] CASTRO, Arthur. *Opus Dei: Neofascismo dentro da Igreja Católica*. Disponível em: <http://elcoyote.org/opus-dei-neofascismo-dentro-da-igreja-catolica>. Acesso em: 28/10/2019.

A própria Argentina tem um longo histórico de ditaduras militares de cunho protofascista, aos quais a Igreja nunca se opôs, da mesma forma que se calou diante do Estado Novo brasileiro (1937-1946), que misturava elementos fascistas e populistas (fascismo nunca foi um problema, problema mesmo é o liberalismo). Não é preciso fazer muito esforço pra perceber que os países católicos não só estiveram muito mais expostos ao fascismo, mas também que o fascismo era autorizado – para não dizer expressamente recomendado – pela Igreja. Foi assim também com o *Parti Rexiste* na Bélgica, com os Camisas-Azuis irlandeses e com quase todos os movimentos fascistas na Europa e na América Latina.

Fabio Blanco diz que "totalitarismo, ataque à liberdade, estatismo, coletivismo e tantos outros meios de impor sobre o cidadão o peso de um Estado autoritário sempre foram obras de políticos de esquerda. Foram eles que sempre diminuíram o indivíduo à mera partícula da sociedade"[1991]. Não restam dúvidas de que a esquerda sempre gostou disso tudo, mas faltou mencionar que a mesma descrição se aplica com perfeição aos Estados Papais e aos estados fascistas que a Igreja Católica, defendida por Blanco, apoiou o tempo todo. A Igreja não podia erguer a voz contra o totalitarismo sendo ela mesma totalitária dos pés à cabeça. Seria como Sérgio Cabral falar mal da corrupção.

Até mesmo um dos mais proeminentes filósofos católicos do século XX, Coudenhove-Kalergi, reconhece isso quando diz:

[1991] BLANCO, Fabio. *Fascismo de Esquerda*. Disponível em: <http://www.fabioblanco.com.br/fascismo-de-esquerda>. Acesso em: 04/12/2019.

> O catolicismo é a forma fascista de Cristianismo do qual o calvinismo representa a asa democrática. A hierarquia católica descansa inteira e seguramente no princípio de liderança com o papa infalível em comando supremo para a vida nesse mundo. (...) Como o partido fascista, seu sacerdócio torna-se o mediador para uma minoria antidemocrática legislar por uma hierarquia. (...) Nações católicas seguem as doutrinas fascistas mais voluntariamente do que nações protestantes, que são as maiores defensoras da democracia de fato. A democracia coloca as dificuldades a cargo da consciência pessoal; o fascismo, na autoridade e obediência.[1992]

Na mesma época, Paul Blanshard também escreveu:

> Em muitas das grandes crises na Europa o Vaticano tem, através de colaboração passiva ou ativa com o fascismo, pesado a balança do poder contra a democracia. (...) Ele alinhou-se com as forças mais reacionárias na Europa e América Latina. É claro que não é por acidente que as duas nações mais fascistas do mundo hoje – Itália e Portugal – sejam nações católicas cujos ditadores têm sido abençoados pelo papa e são conspicuamente fiéis a ele! A afinidade do Vaticano com o fascismo não é nem acidental nem incidental. O catolicismo condiciona seu povo a aceitar censura, através do controle, e finalmente a ditadura.[1993]

[1992] COUDENHOVE-KALERGI, Richard Nikolaus Graf. *Crusade for Pan-Europe*. New York: G. P. Putnam's sons, 1943, p. 173.
[1993] BLANSHARD, Paul. *American Freedom and Catholic Power*. Boston: Beacon Press, 1958, p. 291.

Temendo uma revolução socialista, os países mais católicos do mundo abriram as pernas para um regime de cunho tão autoritário quanto, e com a mesma ênfase estatista. Por comparação, os países protestantes jamais precisaram aderir ao fascismo para não sucumbir ao socialismo, porque neles a tentação revolucionária era muito menor e a democracia estava bem mais consolidada – uma coisa que se forma com séculos de ética protestante moldando a cultura, e não algo que se crie da noite pro dia ou recorrendo aos mesmos métodos de quem se pretende evitar.

Um exemplo de como não é fácil criar democracias de um dia pro outro são os países de tradição muçulmana, que ainda hoje adotam a Sharia e são governados por ditaduras que não perdem em nada para o fascismo. As poucas "democracias" neste meio são puramente nominais (do tipo que votar na oposição é o mesmo que assinar seu atestado de óbito), e mesmo a Turquia, que até pouco tempo era tida como o "exemplo de democracia" no mundo islâmico, voltou aos velhos hábitos autocráticos de sempre.

A democracia "não funciona" em países assim porque neles não há o *ethos* da Reforma, isto é: o espírito da democracia liberal. Consequentemente, só com muita luta e muito tempo é que poderão assimilar um dia a cultura da democracia, o que os países católicos assimilaram há pouco tempo, sob a influência da cultura americana liberal aliada ao efeito da globalização (que faz com que cada vez mais gente esteja disposta a abandonar suas raízes para copiar aquilo que é bom).

Mas quando a democracia é imposta a um país como o Iraque, o que surge no lugar é um ISIS – algo ainda pior que o despotismo de Saddam Hussein. Para que uma verdadeira transformação ocorra, é preciso uma *revolução cultural,* como a que a

Reforma do século XVI proporcionou ao mundo ocidental. Não podemos nos esquecer que antes da Reforma Protestante o mundo ocidental do qual nós hoje nos orgulhamos era tão autoritário, despótico e antiliberal nas mãos da Igreja quanto o mundo oriental é hoje nas mãos de muçulmanos e comunistas.

Não fosse a ética protestante, tão estranha para o mundo ocidental de então quanto continua sendo para a maior parte do mundo oriental contemporâneo, provavelmente estaríamos ainda sendo regidos pelo mesmo tipo de ética política, social e econômica que obstruiu o desenvolvimento do mundo por tanto tempo. A *ideologia reacionária* expressa no ódio ao mundo moderno é o ponto convergente que une, cada qual à sua maneira, o papado e o califado.

Poucos anos antes do Concílio Vaticano II, ponto culminante na mudança de pensamento da Igreja em seu modo de encarar o mundo moderno, Lorraine Boettner escreveu:

> Nossas liberdades americanas estão sendo ameaçadas hoje por dois sistemas totalitários: o comunismo e o catolicismo romano. Nós não podemos entender adequadamente esse problema a menos que tenhamos consciência que o tipo de catolicismo romano que se vê nos Estados Unidos não é, em sua maior parte, o verdadeiro catolicismo romano, isto é, não é o catolicismo romano como ele existe onde ele é a força dominante na vida da nação, mas uma forma modificada e comprometida que ajustou-se à vida com uma maioria protestante. (...) O tipo de sociedade que o catolicismo romano produziu em outros países onde ele foi dominante serve como um grave aviso do que

> podemos esperar se ele se tornar dominante aqui. Precisamos de aviso mais claro do que esse? Vejamos as condições daqueles países e perguntemos a nós mesmos se uma América católica romana é o tipo de herança que queremos deixar pra nós mesmos e o tipo que queremos deixar para as próximas gerações. Através da indiferença dos protestantes e da agressividade dos romanistas nós estamos correndo o perigo de perder muitas coisas que fizeram dessa uma grande nação[1994]

E listando algumas dessas «condições daqueles países», ele destaca:

> A Itália teve 32 crises governamentais em 25 anos, e atualmente, como na França, caracterizada pela demissão do governo, seguiu-se um período de insegurança e paralisia até a eleição que uma nova eleição foi realizada ou um novo alinhamento de partidos foi trabalhado. A Espanha, que é comumente apontada como o modelo de estado católico romano, é governado em concordata com o Vaticano, tem um único partido político, o clerical-fascista partido do general Franco, e tem estado sob a ditadura de Franco desde 1938. Portugal, também, é um estado clerical-fascista, debaixo da ditadura de Antonio Salazar. Naquele país a queda da monarquia em 1910 foi seguida por um período de caos político e econômico, com 40 mudanças governamentais em 18 anos, até que Salazar tornou-se ministro de finanças em 1928 e o primeiro ministro ditatorial com poderes ditatoriais em 1932, cuja posição manteve-se desde então.

[1994] BOETTNER, Lorraine. *Roman Catholicism*. New York: P & R Publishing, 1962.

> Nas nações latino-americanas, a derrubada de governos nacionais, seguidas por períodos de ditadura, têm ocorrido repetidamente durante os últimos 15 anos – Argentina, Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru, Cuba, Chile e Nicarágua tendo sido os mais recentes. Não podemos deixar passar como mero acaso que os governos de países protestantes, como os Estados Unidos, Inglaterra, Grã-Bretanha, Canadá, Holanda e os países escandinavos tem sido estáveis por longos períodos de tempo enquanto os países católicos romanos têm sido tão instáveis.[1995]

Boettner acrescenta ainda que, se não fosse pela ajuda americana, muito provavelmente Itália e França teriam sucumbido ao comunismo no final da Segunda Guerra, ao passo em que

> o Vaticano apoiou o fascismo de Mussolini e suas políticas militares, incluindo a conquista da Etiópia (que foi condenada pela Liga das Nações e por praticamente todos os países civilizados do mundo), sua abertura e apoio extensivo a Franco na Espanha com tropas e armas, e sua invasão da Albânia e Grécia.[1996]

O papa não apenas apoiou a entrada da Itália na guerra (ao lado dos nazistas, lembremos bem), mas também deu suas bençãos a um grande número de tropas italianas e alemãs que apareceram diante dele de uniforme[1997].

[1995] ibid.
[1996] ibid.
[1997] ibid.

É perfeitamente possível inferir que se não fosse a intervenção americana que preservou a ordem no país, a desordem que se seguiria à queda de Mussolini fatalmente resultaria na derrubada da Igreja Romana de forma análoga ao que aconteceu com a Igreja Ortodoxa Russa quando o regime czarista caiu ao final da Primeira Guerra, quando "uma igreja morta e meramente formal perdeu o respeito do povo e tornou-se identificada com o despotismo do Czar"[1998].

Se a Igreja Romana fosse mesmo o "baluarte do conservadorismo", esperaríamos ver nos países católicos a melhor defesa contra convulsões sociais, mas o que vemos é precisamente o oposto – e seria pior ainda se não fosse a intervenção e a influência de democracias ocidentais sólidas de países de tradição protestante. Como Boettner observa, "governos em países católicos romanos têm sido extremamente instáveis. Repetidamente as pessoas derrubam seus governos. Praticamente todos aqueles países têm sido governados por ditadores em vários momentos, e algumas vezes por longos períodos"[1999].

Só nos países de tradição reformada a democracia é tida como um bem inviolável e inegociável, mantendo-os consideravelmente longe de regimes totalitários. Essa noção é alimentada pela consciência liberal de que o Estado tem que ser limitado – noção essa que inexiste fora do *ethos* reformado, onde quem é limitado são os indivíduos *pelo* Estado, e não o Estado pelos indivíduos, como na tradição liberal.

O mesmo ceticismo que no campo religioso implicou em questionar os dogmas estabelecidos pela religião oficial e em *protestar* contra os erros e perversões desse

[1998] ibid.
[1999] ibid.

sistema é aplicado de forma análoga no campo político, razão pela qual os protestantes sempre tiveram uma visão crítica em relação ao Estado e cética em relação às suas intenções.

Se no campo religioso foi rejeitada a sujeição incondicional a uma autoridade infalível e absolutista (o papa), no terreno político foi igualmente rejeitado o domínio absoluto de um governante sobre os governados. O poder não parte mais "de cima" (papado/Estado), mas "de baixo" (o povo), que é no que consiste uma democracia. Isso ajuda a explicar por que os países católicos sempre foram tão simpáticos a ditadores, uma vez que já se sujeitavam a um poder supranacional na figura de um chefe de Estado com poder absoluto (o papa), ao passo em que os protestantes, guiados pelos princípios do livre exame e do sacerdócio universal, entendem que o poder emana do povo, não do Estado.

Primeiro vem o indivíduo e depois o coletivo, nunca o contrário. Uma autoridade não pode mandar em você mais do que você mesmo. Embora nos tempos modernos muitas Constituições de países tradicionalmente católicos como o nosso reconheçam que o poder emana do povo, na prática isso é continuamente ignorado e desprezado, apelando-se à mão forte do Estado sempre que é preciso decidir alguma coisa em nome daquilo que é genericamente chamado "povo" (e frequentemente rasgando a própria Constituição, a qual, como vimos, é constantemente alterada em democracias instáveis).

Ainda hoje vemos em nossa política os traços claros de uma mentalidade coletivista em detrimento da autonomia individual, e é desse coletivismo que procedem o socialismo, de um lado, e o fascismo, do outro.

• A mentalidade coletivista

Você pode não saber (e principalmente não ter a intenção), mas quando vota em um deputado, você não está votando primordialmente no deputado em si, mas no *partido* dele. É o chamado "quociente eleitoral", responsável em 2014 por eleger quatro deputados do PRB *apenas* com os votos de Celso Russomanno[2000], e em 2010 por eleger nove candidatos na "carona" de Tiririca (todos eles da coligação que incluía PT e PCdoB), que tiveram menos votos que os candidatos das outras coligações[2001].

Ou seja, quando você votou em Tiririca em 2010, trouxe junto com ele deputados do PT e do PCdoB que tiveram pouquíssimos votos e que jamais seriam eleitos se não fosse pelo quociente eleitoral – o mesmo quociente maldito responsável por reeleger Jean Wyllys com apenas 24 mil votos, puxado pelos 342 mil votos de Freixo[2002]. E como o mandato não é do parlamentar, mas do partido, um deputado não pode simplesmente sair de um partido e ir para outro (a não ser que seja expulso da legenda).

Um caso recente é o da deputada Tabata Amaral, que foi suspensa do partido (PDT) por ter votado a favor da Reforma da Previdência e teve que entrar na Justiça para

[2000] BURGARELLI, Rodrigo; BRAMATTI, Daniel. *Saiba quem foi eleito na 'carona' de Tiririca e Russomanno.* Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,saiba-quem-foi-eleito-na-carona-de-tiririca-e-russomanno,1573406>. Acesso em: 24/12/2019.
[2001] OLIVEIRA, Mariana. *Confira 'puxadores' de voto que ajudaram a eleger outros candidatos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/confira-puxadores-de-voto-que-ajudaram-eleger-outros-candidatos.html>. Acesso em: 24/12/2019.
[2002] BRASILINO, Carlos Estênio. *Quociente eleitoral assegurou vaga de Jean Wyllys na Câmara Federal*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2018/quociente-eleitoral-assegurou-vaga-de-jean-wyllys-na-camara-federal>. Acesso em: 24/12/2019.

pedir seu mandato[2003]. Tudo isso porque ela decidiu votar de acordo com a sua consciência nesta questão, em vez de seguir a orientação do partido. Nos sistemas coletivistas, como o nosso, o indivíduo não tem valor: ele é "pau-mandado" do coletivo. Suas opiniões pessoais, pensamentos e conclusões são completamente sufocados pelo coletivo que diz o que se deve pensar, falar e agir.

Por essa mesma razão candidaturas independentes são proibidas no Brasil, embora sejam permitidas em qualquer democracia séria que valoriza o indivíduo, como a norte-americana. Ademais, nos Estados Unidos é mais do que comum um candidato de um partido votar contra a maioria do seu partido e até mesmo contra o presidente da república. Trump encontrou muita resistência para aprovar os projetos do governo mesmo tendo uma Câmara dos Representantes amplamente republicana, e o mesmo ocorre nos governos democratas. O princípio do livre exame de consciência, que foi o grande apelo de Lutero em Worms, governa os protestantes também na esfera política.

Enquanto no Brasil a oposição a qualquer governo joga sempre contra o governo, seguindo à risca a máxima do "quanto pior, melhor" (porque quanto pior o país ficar mais fácil será para chegar ao poder depois), nos Estados Unidos é comum a ampla maioria dos parlamentares oposicionistas votar em favor de um projeto do presidente ou do partido do presidente, desde que julguem que esse projeto é bom para a nação. Isso não significa que os partidos não tenham divergências

[2003] UOL. *Tabata diz que vai à Justiça pedir mandato: "PDT deixou de ser meu partido".* Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/14/tabata-amaral-a-forma-como-sou-criticada-e-por-ser-mulher-por-ser-jovem.htm>. Acesso em: 30/10/2019.

ideológicas claras em alguns pontos, mas a ideologia não está acima da consciência individual. *Isso é liberalismo*.

Da extrema-esquerda à extrema-direita, a população de países tradicionalmente católicos prefere um ditador que concorde com suas ideias do que um democrata que defenda pontos de vista contrários, razão pela qual muitas vezes as ditaduras latino-americanas receberam um amplo apoio popular (ao menos em princípio), assim como o fascismo de Mussolini, Franco e Salazar sempre contou com o apoio dos massas.

Este é o destino natural de qualquer país que não tenha enraizado os princípios da democracia liberal, bem ilustrados na declaração de John McCain logo após perder a eleição de 2008 para Obama: "Até aqui ele foi meu oponente, agora ele é o meu presidente"[2004]. Que contraste imenso com o *modus operandi* latino-americano, onde quem perde o poder não aceita a derrota e tenta retomá-lo de todo modo, seja através de golpes ou de revoltas que paralisam o país.

A principal diferença entre a direita liberal e os outros sistemas (incluindo a esquerda e a direita reacionária) é que estes acham que o Estado é um ente essencialmente bom, enquanto os liberais o entendem como um mal necessário, como dizia Tocqueville. Por ser necessário, ele deve existir; mas por ser um mal, deve ser limitado. Disso decorre que um Estado grande ou totalitário é o exato oposto

[2004] MCCAIN, John Sidney. *John McCain concession speech*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2008/nov/05/john-mccain-concession-speech>. Acesos em: 05/12/2019.

da visão liberal – embora seja precisamente o tipo de coisa que sempre teve lugar nos regimes fascistas e socialistas.

Enquanto no liberalismo o Estado trabalha para os indivíduos (daí o respeito aos princípios do livre mercado e da livre concorrência, que nada mais são do que as escolhas individuais postas em ação), nos sistemas coletivistas o Estado decide tudo em lugar dos indivíduos, se apropriando até mesmo das coisas mais particulares (como a consciência individual, a liberdade de expressão e, em última análise, a propriedade privada). O quadro a seguir resume as discrepâncias entre o pensamento liberal e o coletivista:

Liberalismo	Coletivismo
Democracia	Totalitarismo
Individualismo	Nacionalismo
Indivíduo antes do coletivo	Coletivo antes do indivíduo
Capitalismo	Fascismo, Socialismo, Distributismo
Conservador	Reacionário ou Revolucionário
Poder emana do povo	Poder emana do Estado
Descentralização do poder	Centralização do poder
Liberdade de mercado	Protecionismo
Liberdades individuais	Ditadura
Estado mínimo	Estado grande
Estado laico	Estado teocrático ou ateu
Modelo protestante/anglo-saxão	Modelo católico/ibérico

Note que, embora socialistas e fascistas se vejam como antagônicos, eles têm muito mais em comum do que você pensa. Ambos adotam a doutrina do coletivismo, segundo a qual o indivíduo não existe, mas apenas um grande coletivo que é guiado por alguém (leia-se: um ditador) na direção que ele quer que siga. A disputa entre fascistas e socialistas residia em quem é o "coletivo" em questão – o proletariado ou a raça? Os trabalhadores ou os brancos?

No entanto, todos concordavam que indivíduos não tem direitos, apenas coletivos tem. A propriedade privada tinha que ser abolida ou controlada pelos coletivos, e se um indivíduo se encontrar no caminho do coletivo (leia-se novamente: do ditador) ele tem que ser esmagado. Mas se fascistas e socialistas concordam no essencial e discordam apenas nas particularidades, por que eles lutavam entre si, como se fossem inimigos? A resposta é simples: poder. Dois sistemas totalitários, por mais próximos ideologicamente que possam ser, nunca irão dialogar bem entre si. Só há espaço para um tirano, e nenhum dos dois aceitará dividi-lo com o outro.

Assim como não há mais de um rei, não há mais de um ditador. Ou todos se submetem, ou são perseguidos e mortos. Algo semelhante ocorreu dentro do próprio movimento comunista soviético, com suas disputas internas entre stalinistas e trotskistas. É sabido que ninguém matou mais comunistas do que Stalin, que também mandou matar Trótski. Quando a luta é pelo poder total, qualquer mínima divergência é levada a extremos e vira justificativa para os maiores e mais sangrentos conflitos.

A ideologia que de fato diverge *em essência* tanto do fascismo como do socialismo é o liberalismo, que defende a propriedade privada e o indivíduo, e não à toa é

mortalmente odiado por ambos os sistemas. Só no liberalismo é que cada indivíduo tem direitos inalienáveis e pode buscar a felicidade ao seu próprio modo – e não um gado obediente que é obrigado a seguir a manada. Mas como fora do mundo protestante o liberalismo virtualmente inexistia, ele era descartado da disputa política, restando os dois outros polos (fascismo e socialismo), passando-se a impressão de que eram dois extremos opostos (um na direita e outro na esquerda) e que precisava-se aderir a um deles para evitar o outro.

Em matéria econômica, ambos repudiam os princípios liberais de livre mercado, livre-comércio, livre concorrência e desburocratização. Nenhum deles acha que o Estado deve se limitar a setores básicos (especialmente saúde, educação e segurança), e ambos são contra reduzir impostos. A razão pela qual os regimes de esquerda e da direita reacionária adoram aumentar os impostos é porque a lógica do imposto é uma lógica coletivista, onde o Estado toma posse da renda dos cidadãos por julgar que fará melhor uso destes recursos do que os próprios cidadãos.

Mais uma vez, o indivíduo não existe, o que existe é o Estado que decide em nome de um coletivo. Diferente de libertários, liberais concordam que impostos são necessários para manter o aparato estatal (como policiais e juízes responsáveis por manter a ordem), mas justamente por ser um princípio coletivista deve ser minimizado na medida do estritamente necessário (e não maximizado, como pregam fascistas e socialistas).

Enquanto no liberalismo o indivíduo é responsável pelo seu próprio resultado (seja ele o sucesso ou o fracasso), no coletivismo ele é refém do Estado, que se encarrega

de fazer tudo por ele, servindo como uma muleta que obstrui toda a capacidade individual de criar coisas novas e fazer seu próprio caminho. E como transferir a responsabilidade e esperar que alguém faça tudo por você é sempre muito mais fácil e cômodo do que arcar com a própria responsabilidade, o coletivismo soa atraente a uma parcela significativa da população.

No liberalismo, o melhor pra cada um é o melhor para todos. No coletivismo, o Estado define o que é melhor para todos, a despeito das preferências individuais. O governo se dá ao direito de definir o que é um "bem comum", em detrimento dos próprios indivíduos tomarem essa decisão para si. É como se todo mundo fosse obrigado a assistir um mesmo filme que o Estado define como sendo de "interesse comum", em vez de dar liberdade a cada pessoa escolher assistir ao filme que quiser. Se outorgando ao direito de falar em nome do povo, o Estado coletivista usa o povo como gado para dominá-los e controlá-los com facilidade.

O grande erro dos coletivistas é considerar "o povo" como uma entidade, quando "o povo" é meramente um imaginário. O que existe de forma concreta são indivíduos que fazem escolhas, e o que cada um escolhe individualmente constitui as escolhas daquilo que chamamos de "povo". Por isso é tão absurdo um político decidir algo em nome do povo sem que isso respeite a liberdade individual de cada um. A "nação" não pode vir antes do indivíduo, como pensam os nacionalistas, porque são os indivíduos que formam a nação, e nação alguma existe à parte dos indivíduos. Antes de se lutar pelo "interesse da nação", é preciso lutar pelos interesses de cada indivíduo que constitui a nação.

A mentalidade coletivista está tão enraizada na esquerda moderna que ela dividiu a sociedade em classes, mas não apenas em classes sociais como fazia a velha esquerda "ortodoxa", mas também em raça, etnia, sexo, gênero e tudo o mais que for conveniente – com o Estado ou coletivos se dando ao direito de falar por toda a "classe" que diz representar. Isso ultrapassou tanto os limites da razão que gerou a indignação de esquerdistas clássicos como Paulo Francis, que escreveu:

> Nos anos 60 a chamada Nova Esquerda me fascinou bastante. Porque à parte "ajudar os pobres" e humilhar os ricos, propunha uma liberdade sexual e um espírito de aventura ausentes do que eu conhecia da vida de revolucionários comunistas. Tudo isso degringolou na preguiça, ignorância e incompetência que marcam a contracultura, em que prevalece a linha mínima, biquini de auto-afirmação: sou bom porque [sou] negro, porque homossexual, porque mulher, porque isso e aquilo. Voltou a valer o que se é, não o que se faz, o que não passa de reacionarismo, ainda que mascarado de libertarismo em favor dos oprimidos.[2005]

Levando a ideologia coletivista aos extremos, a Nova Esquerda analisa o indivíduo não pelo indivíduo em si, mas como pertencente a um coletivo que determina como ele deve pensar e agir, esmagando por completo suas vocações, aptidões e particularidades. O indivíduo já não é mais um provedor de suas próprias ações, mas uma marionete nas mãos de coletivos com uma política identitária. E quando alguém ousa ir contra o coletivo no qual é inserido contra a sua própria vontade, o linchamento virtual é o que pode acontecer de menos ruim.

[2005] FRANCIS, Paulo. *Trinta Anos Esta Noite: 1964, o que vi e vivi.* São Paulo: Cia. Das Letras, 1994, p. 64.

Isso aconteceu com o vereador Fernando Holiday, que se opõe às cotas raciais e ao movimento LGBT. Isso não seria um "escândalo" se não fosse por um detalhe: ele é negro e homossexual! Quando os coletivos ficaram sabendo disso, não faltaram ataques dos mais baixos e rasteiros. Holiday foi ofendido com gritos racistas de coletivos que supostamente visam defender os direitos dos negros, chamado de "capitão do mato" por um presidenciável[2006] e alvo até de um tiro[2007].

Movimentos como o feminismo, o movimento negro e o homossexual querem o tempo todo falar pelos indivíduos no lugar deles, como se os indivíduos fossem inteiramente destituídos de autonomia, personalidade e responsabilidade pessoal para decidir o que querem para si mesmos. Não existe individualidade; todos são obrigados a seguir uma agenda vinda de cima. É exatamente a mesma lógica do fascismo.

A consciência individual é tão repelida por eles quanto o era pelo papado e pelos fascistas. Cada indivíduo é visto meramente como um número a mais em favor de sua causa, seja ela qual for. A partir do momento em que ele decide pensar por si mesmo, torna-se um inimigo. E ao mesmo tempo em que os coletivos exigem que seus "representados" pensem e ajam de uma certa maneira, eles também proíbem que outras pessoas (fora do coletivo) pensem e ajam de outra maneira.

[2006] BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Ciro volta a chamar Holiday de capitão do mato, e vereador diz que o processará.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/ciro-volta-a-chamar-holiday-de-capitao-do-mato-e-vereador-diz-que-o-processara.shtml>. Acesso em: 19/12/2019.
[2007] HOLANDA, Marianna. *Laudo da polícia indica tiro em gabinete de Fernando Holiday*. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/laudo-da-policia-indica-tiro-em-gabinete-de-fernando-holiday>. Acesso em: 06/12/2019.

Um exemplo foi a moça com câncer covardemente atacada por usar um turbante sem ser negra, acusada de um fantasmagórico crime de "apropriação cultural"[2008] (um daqueles muitos "crimes sem vítima" que os coletivistas adoram criar). Nem mesmo o fato da menina Thauane usar os panos como parte do seu tratamento contra o câncer diminuiu a cólera dos coletivos.

Não é nem preciso dizer o quanto a proibição de usos e costumes que não afetam nem violam em nada a liberdade de terceiros é contrária aos princípios mais básicos do liberalismo – embora seja precisamente o tipo de coisa que se espera de um coletivista. Que tipo de sociedade teríamos se os princípios liberais de autonomia e liberdade individual fossem completamente abolidos? Provavelmente o mesmo mundo imaginado por Aldous Huxley, de dar inveja a qualquer coletivista:

> Não sei se você sabe disso, mas no livro *Admirável Novo Mundo,* de Huxley, onde a família foi completamente destruída e as crianças foram concebidas em garrafas e produzidas em fábricas, a ideia da relação entre sexo e procriação tornou-se um tabu. Um dos mantras do slogan da sociedade era "cada um pertence a todos". Portanto, recusar-se a dormir com alguém era um erro, assim como era errado ter qualquer tipo de relacionamento exclusivo – porque outra coisa que você pode notar é que não há nada mais discriminador do que se apaixonar por alguém. É como dizer: "Você é especial, e todos vocês não". Portanto, é o máximo da exclusão, e, no entanto, assumimos que

[2008] EXTRA. *Criticada por apropriação cultural ao usar turbante, jovem com câncer rebate: 'Uso o que quero'.* Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/viral/criticada-por-apropriacao-cultural-ao-usar-turbante-jovem-com-cancer-rebate-uso-que-quero-20912104.html>. Acesso em: 06/12/2019.

> é aceitável – e não apenas aceitável, exigimos isso como um direito.[2009]

A mentalidade coletivista está longe de ser um monopólio da esquerda. Um exemplo típico de coletivismo são os sindicatos, que se colocam no direito de falar em nome dos trabalhadores. Hoje em dia, quando falamos de sindicatos, geralmente pensamos em movimentos de esquerda, particularmente socialistas. É sabido, no entanto, que os países da Europa que mais tinham sindicatos e que mais apoiavam o sindicalismo eram a Itália fascista de Mussolini e a Alemanha nazista de Hitler.

O próprio fascismo francês e italiano surgiu a partir de um grande movimento sindical conhecido como "sindicalismo revolucionário". O movimento era liderado por Georges Sorel, um marxista francês que defendia a violência nas ruas e as brigas durante greves gerais para derrubar o capitalismo. Sorel serviu de inspiração tanto para fascistas como para marxistas, sendo idolatrado igualmente por Mussolini (tido como a "extrema-direita") e por Gramsci (tido como a "extrema-esquerda").

Antes de se tornar o líder fascista que foi, Mussolini era um organizador e agitador sindical que instigou greves e motins violentos na Itália. Ele apoiou abertamente a Revolução Russa de 1917 e chamou a si mesmo de "Lenin da Itália" nas eleições de 1919 – isso quatro anos *após* ter fundado o Partido Revolucionário Fascista, em 1915. Mussolini nomeou Edmondo Rossoni, um conhecido líder sindicalista revolucionário, como chefe da Confederação Geral das Empresas Sindicais Fascistas

[2009] PETERSON, Jordan Bernt. *Amar é discriminar*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=__aDvS5fYTQ>. Acesso em: 06/12/2019.

da Itália, em um esforço para igualar o poder dos trabalhadores e dos empregadores sob uma estrutura de sindicato corporativo[2010].

> O movimento sindicalista revolucionário estava bem mergulhado na ideologia do fascismo italiano. Segundo o historiador israelense Zeev Sternhell, uma das principais autoridades sobre o fascismo, a maioria dos líderes sindicalistas estava entre os fundadores do movimento fascista, onde muitos ocupavam cargos importantes no regime de Mussolini. De fato, o sindicalismo revolucionário italiano de inspiração marxista tornou-se a espinha dorsal da ideologia fascista, o que significa que um grande setor do sindicalismo deu origem ao fascismo – mais tarde conhecido como sindicalismo fascista.[2011]

Samuels ainda acrescenta:

> E o movimento nacional-socialista na Alemanha? Os nazistas não apenas cortejaram trabalhadores e sindicalismo, mas também colocaram "Trabalhadores" em seu nome oficial do partido – Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Eles pareciam tão pró-trabalhadores que a imprensa estrangeira durante a década de 1920 simplesmente se referiu a Hitler e seu partido socialista como o "Partido Socialista Nacional do Trabalho". Os nacional-socialistas se esforçaram para conseguir apoio dos trabalhadores. Em alguns casos, os nazistas chegaram a aliar-se ao Partido Comunista da Alemanha,

[2010] SAMUELS, L. K. *Unions in Italy and Germany during the Age of Fascism.* Disponível em: <https://californiapolicycenter.org/unions-italy-germany-age-fascism>. Acesso em: 02/112/2019.
[2011] ibid.

> exigindo melhores salários para os trabalhadores. Os "camisas marrons" de Hitler e os comunistas de bandeiras vermelhas marcharam lado a lado pelas ruas de Berlim em 1932 e destruíram violentamente qualquer ônibus cujos motoristas tivessem se recusado a participar da greve dos trabalhadores. De fato, a maior contingência de eleitores para os candidatos nacional-socialistas veio de operários alemães. Logo após Hitler se tornar chanceler, ele declarou aquele dia um feriado nacional pago e organizou elaboradas celebrações com canções, discursos, marchas e fogos de artifício. O slogan dos nazistas para a celebração da comunidade desse povo era «a Alemanha honra o trabalho».[2012]

Lenin, Hitler e Mussolini não apenas incentivaram a criação de sindicatos, mas também os nacionalizaram, tornando-os parte do Estado e devidamente controlado por este. Como Samuels comenta, "certamente essa nacionalização estaria de acordo com a doutrina marxista ortodoxa que exigia a propriedade e o controle estatal sobre todas as organizações independentes. Mas eles eram ainda mais draconianos. Eles tornaram obrigatória a participação no sindicato"[2013].

Curiosamente, os mesmos militantes socialistas que defendem a estatização total e o fim da propriedade privada são hoje contra a estatização dos sindicatos, praticada tanto pelos socialistas quanto pelos fascistas em todo o século XX (e uma consequência lógica do sistema defendido por ambos). Mas como fascistas e socialistas, que se colocam como dois opostos, podem ser tão parecidos no que

[2012] ibid.
[2013] ibid.

compete ao sindicalismo? A resposta é simples: coletivismo. Sindicatos são exemplos típicos de coletivismo: o trabalhador (indivíduo) não tem voz; quem fala por ele é o sindicato.

Por isso, ter um sindicato controlado pelo Estado é uma boa forma de controlar os indivíduos. Não à toa, na Itália fascista e na Alemanha nazista os sindicatos foram tornados *obrigatórios* por lei, enquanto nos Estados Unidos os trabalhadores não são legalmente obrigados a ingressar nos sindicatos da empresa e podem até mesmo se opor a eles, se desejar[2014]. Em outras palavras, enquanto no liberalismo os trabalhadores tem liberdade de escolha, nos sistemas coletivistas a liberdade individual é totalmente suprimida em nome de um coletivo.

Um funcionário público não pode decidir se entra em greve ou não, ele é *obrigado* a entrar em greve se o sindicato decide que ele deve entrar em greve. Um professor, por exemplo, não pode dar aula se o sindicato decide que ele deve entrar em greve – mesmo quando essa decisão é tomada a portas fechadas com "representantes sindicais" que não somam sequer 1% dos que dizem representar. Muitas vezes grevistas ocupam escolas e proíbem que alunos possam entrar na escola (que é pública) para estudar, o que deveria ser um direito de todos.

A razão pela qual a liberdade individual é esmagada para satisfazer os desejos de um sindicato é porque sistemas coletivistas não tem nenhum respeito pela consciência individual, acreditando que o indivíduo não tem direito às suas próprias escolhas e que suas decisões não podem ser livres. Ele é apenas uma marionete dos

[2014] ibid.

sindicatos, alguém totalmente destituído de vontade e personalidade. Enquanto no liberalismo cada indivíduo é plenamente livre e responsável por si mesmo, no coletivismo ele é "mais um" em um grupo que se responsabiliza por falar em nome dele, como se o indivíduo não existisse ou fosse incapaz de falar por si.

Em uma sociedade liberal podem haver sindicatos – justamente porque todos são livres para se organizar em grupos, caso queiram –, mas esses sindicatos não podem falar por *toda* a classe que diz representar, nem sufocar a liberdade individual. Ninguém é *obrigado* a participar desses sindicatos e nem pagar para ser "representado" por eles. No Brasil, a lei que diz respeito à organização sindical (o artigo 138 da Constituição Federal de 1937, criada por Vargas) é uma tradução quase literal da declaração III da Carta del Lavoro, de Mussolini. Ali estão previstos a unicidade sindical sub a tutela do Estado, as contribuições compulsórias e os contratos coletivos de trabalho, que permanecem em vigor até hoje.

Isso criou uma verdadeira "farra de sindicatos", havendo nada a menos que 17 mil sindicatos(!) custeados com o nosso dinheiro, enquanto nos Estados Unidos e Reino Unido há pouco mais de uma centena. A cada dia que passa novos sindicatos são criados com a única intenção de se apropriar do "imposto sindical" que enche o bolso dos líderes sindicais. Esses sindicatos movimentam um total de R$ 3,5 bilhões e são o maior exemplo de "corrupção branca" do nosso país[2015].

Com Vargas e sua CLT, os sindicatos, que eram associações livres de trabalhadores que se uniam com base em interesses mútuos, passaram a ser organizações

[2015] ESTADÃO. *A farra dos sindicatos.* Disponível em: <https://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,a-farra-dos-sindicatos,70002479457>. Acesso em: 02/11/2019.

obrigatórias dominadas pelo governo[2016]. Com o pretexto de defender os trabalhadores, tais sindicatos os defraudam e saqueiam. Mas, perguntaria você, por que a mentalidade coletivista está tão fortemente impregnada nos países de tradição católica?

A resposta para isso está na própria estrutura católica romana, baseada numa hierarquia rígida que tem no topo um papa autodeclarado infalível, a quem todos os católicos no mundo devem submissão cega e incondicional (ao menos em tese, porque hoje o que não falta é católico detonando o papa, o que no passado seria razão de sobra pra ser queimado). Nada exemplifica melhor esse "efeito manada" em torno do papa do que o Discurso aos Sacerdotes da União Apostólica feito pelo então papa Pio X, em 1912, com o sugestivo título de "Como amar o Papa".

Se você também quer saber como amar o papa, aprende aí:

> Parece inacreditável, e é contudo doloroso, que haja padres aos quais se deve fazer esta recomendação, mas nos nossos dias nós estamos infelizmente nesta dura e triste condição de dever dizer a padres: Amai o papa! E como se deve amar o papa? Não por palavras somente, mas por atos e com sinceridade. *"Non verbo neque lingua, sed opere et veritate"* (1 Jo 3,18). Quando amamos a alguém, **procuramos nos conformar em tudo a seus pensamentos**, a executar suas vontades e a interpretar seus desejos. E se nosso Senhor Jesus Cristo dizia de si

[2016] CONSTANTINO, Rodrigo. *Entenda por que a CLT é fascista, apesar de sindicatos e de esquerda acusarem os liberais de fascistas.* Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/entenda-por-que-clt-e-fascista-apesar-de-sindicatos-de-esquerda-acusarem-os-liberais-de-fascistas>. Acesso em: 02/11/2019.

mesmo: *"Si quis diligit me, sermonem meum servabit"* ("se alguém me ama, guardará minha palavra" Jo 14,23), assim para mostrar nosso amor ao papa, é necessário obedecer. É por isso que, quando se ama ao papa, **não se fica a discutir sobre o que ele manda ou exige, a procurar até onde vai o dever rigoroso da obediência, e a marcar o limite desta obrigação**. Quando se ama o papa, não se objeta que ele não falou muito claramente, como se ele estivesse obrigado a repetir diretamente no ouvido de cada um sua vontade e de exprimi-la não somente de viva voz, mas cada vez por cartas e outros documentos públicos.

Não se põem em dúvida suas ordens, sob fácil pretexto, para quem não quer obedecer, de que elas não dimanam diretamente dele, mas dos que o rodeiam! **Não se limita o campo onde ele pode e deve exercer sua autoridade**; não se opõe à autoridade do papa a de outras pessoas, por muito doutas que elas sejam, **que diferem da opinião com o papa**. Por outro parte, seja qual for sua ciência, falta-lhes santidade, pois **não poderia haver santidade onde há dissentimento com o papa**. É o desabafo de um coração dolorido... para deplorar a conduta de tantos padres que, **não somente se permitem discutir e criticar as vontades do papa**, mas que não têm a receio de chegar a atos de desobediência imprudente e atrevida, ao grande escândalo dos bons e para a ruína das almas.[2017]

[2017] PIO X. *Discorso del Santo Padre Pio X ai Sacerdoti Dell'unione Apostolica in Occasione del Cinquantesimo Anniversario della Fondazione*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-x/it/speeches/documents/hf_p-x_spe_19121118_unione-apostolica.html>. Acesso em: 19/12/2019.

Com um exemplo tão tocante de comportamento de gado, fica fácil entender por que a mentalidade coletivista está tão fortemente enraizada no mundo católico. Desde cedo eles foram treinados a aceitar que suas opiniões pessoais não tem valor algum, devendo apenas submissão cega, acrítica e irrestrita ao papado. Tudo vem de cima pra baixo e exige aceitação incondicional por parte destes (mesmo quando o que vem de cima é um claro atentado à razão, à moral ou ao bom senso). Nunca podemos nos esquecer dos "Exercícios Espirituais" de Inácio de Loyola, que dizia que "para não nos desviarmos da verdade, devemos sempre estar dispostos a crer que o que o branco que eu vejo é negro, se a hierarquia da Igreja o tiver determinado"[2018].

Se no catolicismo romano as massas são obrigadas a aceitar tudo o que vem de um coletivo (neste caso o papado, que diz falar em nome de todos os cristãos), no protestantismo nunca houve uma autoridade autoproclamada infalível ou identificada como a "voz" de todos os cristãos. Nem mesmo Lutero ousava tal coisa. A consciência individual é tão respeitada no meio protestante que qualquer um é livre para criar uma nova comunidade religiosa caso assim deseje e para pensar de modo diferente de qualquer autoridade eclesiástica por mais respeitada que seja.

Assim, enquanto o catolicismo acostumou as massas a aceitarem tudo o que vem de cima sem questionar, o protestantismo criou um espírito oposto, onde o indivíduo tem voz e valor, capaz de usar o senso crítico para se opor a qualquer engano e chegar às suas próprias conclusões. E isso, sem dúvida, teve implicações profundas no campo político.

[2018] LOYOLA, Inácio de. *Exercícios de Santo Inácio de Loiola.* Petrópolis: Vozes, 1959, p. 333.

Em síntese, a mentalidade coletivista adotada como princípio pelos países de cultura católica (sobretudo pelos ibéricos e suas colônias) resultou nos males do fascismo e do socialismo, no *ethos* reacionário e revolucionário. Fascismo e socialismo são dois irmãos briguentos que se odeiam; um foi adotado pela Igreja Católica e o outro rejeitado por ela (embora em tempos recentes pareçam estar se reconciliando). O verdadeiro antagonismo nunca foi fascismo vs socialismo, mas fascismo *e* socialismo vs liberalismo.

O liberalismo é o inimigo mútuo compartilhado por fascistas e socialistas porque é o único sistema que dinamita as bases coletivistas de ambos os sistemas, ao valorizar o indivíduo e sua liberdade de consciência e autonomia. Isso explica por que o protestantismo, o capitalismo e os Estados Unidos são alvos de propaganda tão odiosa no mundo todo: os três são produtos de um mesmo ideal, que constitui a base da democracia liberal e da moderna civilização ocidental.

Tanto o fascismo quanto o socialismo copiam o modelo césaro-papista da autoridade "de cima pra baixo" (distinguindo-se apenas em *quem* é essa elite que detém todo o poder), em flagrante contraste com o modelo protestante expresso no lema americano do *We the People:*

> No âmbito religioso como no âmbito temporal, no regime teocrático como no regime césaro-papista, a autoridade vem de cima. Ela dita sua vontade, suas ordens e suas leis a um povo educado para recebê-las e obedecê-las. Esta é, como se verá em parágrafo próximo, a razão pela qual o exercício da democracia será tão tardio e tão difícil nos países do leste assim como nas nações católicas, ou de srcem católica

> mas secularizadas. São esses, também, os motivos por que nelas é tão fácil o advento de regimes autoritários e militares, por vezes totalitários.[2019]

Biéler acrescenta ainda:

> Análise semelhante poder-se-ia fazer, hoje, acerca da história e da evolução dos países do leste assim como da América Latina, da África ou da Ásia. Ditaduras ou regimes pessoais aparentemente democráticos neles se instalaram por toda a parte onde subsistia, ou subsiste ainda, a imagem do velho modelo de sociedade hierárquica e autoritária, frequente nas civilizações primitivas. Este modelo, tomado de empréstimo da Antiguidade pagã pela Igreja Romana, perdurou ou reproduziu-se nas estruturas mentais, eclesiásticas e sociais de numerosas regiões que não conheceram a Reforma.[2020]

Por essa razão, observa Biéler, "nenhuma ditadura moderna se estabeleceu em país influenciado pela Reforma... notar-se-á, com efeito, que os ditadores Lenin, Stalin, Mussolini, Franco, Salazar, Pinochet e tantos outros déspotas de segunda categoria eram todos de origem ortodoxa russa ou católica romana"[2021]. A mesma estrutura hierárquica, autoritária e autocrática vigente nos Estados Papais era copiada e tomada como modelo pelos estados mais católicos do mundo, que se inspiravam nesse modelo supondo ser coisa boa:

[2019] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 30.
[2020] ibid, p. 19.
[2021] ibid, p. 32.

> Ainda que a Igreja Romana haja reconhecido muito tardiamente o princípio da democracia (Leão XIII, em 1892, recomendando, enfim, a "adesão" à república), o modelo autoritário e hierárquico permanece o modelo supremo de referência dessa Igreja. Após ter legitimado o Antigo Regime e o prolongamento das estruturas monárquicas nos países latinos, esse modelo inspirou os regimes autoritários e militares nascidos em terra católica no século XX na Europa e, em seguida, na América Latina especialmente. O regime teocrático, depois de ter por muito tempo governado os Estados Pontifícios que se estendiam, com as diversas propriedades da Igreja Romana, por parte importante da Europa, sobrevive ainda no Estado moderno do Vaticano. O Soberano Pontífice é simultaneamente chefe espiritual da Igreja e chefe temporal do Estado, embora esse Estado seja minúsculo (foi reduzido à mais simples expressão, não pela vontade do papa, mas pela imposição dos adversários, decididos a reduzir o poder então temível dos Estados Pontifícios).[2022]

Essa lógica se aplica até mesmo a coisas menores, mas não menos desumanas, como a máfia. Como é mundialmente sabido, o lugar onde a máfia tem mais controle e poder é na Itália, o país mais tradicionalmente católico do mundo, o único que leva o nome da própria Igreja ("Romana"). Violente, um magistrado católico italiano, testemunha que "a cultura protestante tem maior vigor na sua luta contra a máfia do que a cultura católica"[2023], pois nesta "as confissões e a absolvição levam a comportamentos de irresponsabilidade"[2024].

[2022] ibid, p. 38-39.
[2023] VIOLENTE apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 22.
[2024] ibid.

O próprio fato da Igreja Romana ter se oposto energicamente à laicidade do Estado mostra o quanto ainda estava apegada às teses reacionárias próprias de seu tempo, quando a Igreja dominava tudo. Já vimos essas citações no volume anterior, mas nunca é tarde rememorar as teses **condenadas** por Pio IX em sua encíclica *Quanta Cura* (1864), que incluem:

> • A melhor forma de governo é aquela em que não se reconheça ao poder civil a obrigação de castigar, mediante determinadas penas, os violadores da religião católica, senão quando a paz pública o exija.
>
> • A liberdade de consciências e de cultos é um direito próprio de cada homem, que todo Estado bem constituído deve proclamar e garantir como lei fundamental, e os cidadãos têm direito à plena liberdade de manifestar suas ideias.
>
> • A Igreja não tem direito de castigar com penas temporais os que violam suas leis.[2025]
>
> • No presente tempo não é mais necessário que a religião católica seja mantida como a única religião do Estado com a exclusão de todos os outros modos de culto.

[2025] PIO IX. *Quanta Cura*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/action.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=quantacura&lang=bra&action=print>. Acesso em: 29/06/2018.

> • Foi uma providência muito sábia da lei, em alguns países nominalmente católicos, que pessoas que vêm a habitar neles possam gozar do livre exercício de seu próprio culto.[2026]
>
> • A Igreja deve estar separada do Estado e o Estado da Igreja.[2027]

Lembre-se que essas foram as teses *condenadas* por Pio IX, o que significa que ele se opunha a cada uma delas. Duas décadas mais tarde, Leão XIII escreveria em sua encíclica *Libertas Praestantissimum:*

> Outros são um pouco mais moderados, mas sem serem mais consequentes consigo mesmos. Segundo estes, as leis divinas devem regular a vida e o modo de proceder dos particulares, mas não o dos estados; é permitido, nas coisas públicas, desviar-se das ordens de Deus e legislar sem as ter em conta alguma. Donde nasce esta perniciosa consequência da separação da Igreja e do Estado.[2028]

Essa rejeição taxativa à separação entre Igreja e Estado é outra característica do coletivismo que une fascistas e socialistas, ainda que em direções opostas. Ambos estão de acordo que o indivíduo não existe e que o Estado deve abranger tudo, por isso em ambos os casos o Estado deve interferir na vida religiosa dos cidadãos, embora em um deles interfira em favor de uma religião e contra todas as demais

[2026] PIO IX. *Syllabus.* Denzinger, 1701 ss. Citado em: BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967, p. 310.
[2027] PIO IX. *Syllabus*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=silabo&lang=bra>. Acesso em: 01/07/2018.
[2028] LEÃO XIII. *Libertas Praestantissimum*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/libertas-praestantissimum>. Acesso em: 01/07/2018.

(fascismo), e no outro o Estado intervém contra todas as religiões sem exceção, introduzindo o ateísmo de Estado (socialismo). Mais uma vez, o coletivismo esmaga a autonomia individual, induzindo (quando não obrigando) os indivíduos a aceitarem a religião do Estado ou o ateísmo de Estado.

É importante destacar, no entanto, a tendência contemporânea da Igreja Romana em se desvincular desse passado sombrio, o que ela passou a fazer especialmente após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o grande ponto de convergência entre a Igreja e o mundo moderno. Nele houve o esforço em conciliar a doutrina católica com as teses liberais (excluindo o liberalismo econômico), em especial a democracia, a liberdade de consciência, a liberdade política, a liberdade de expressão e a laicidade do Estado – razão pela qual não vemos hoje as autoridades da Igreja rejeitando essas teses como faziam antes, exceto uma minoria de tradicionalistas ainda apegados à boa e velha Igreja tridentina.

Assim, o atual compêndio da Doutrina Social da Igreja abraça a laicidade do Estado nos seguintes termos:

> O empenho político dos católicos é frequentemente posto em relação com a «laicidade», ou seja, a distinção entre a esfera política e a religiosa. Tal distinção «é um valor adquirido e reconhecido pela Igreja, e faz parte do património de civilização já conseguido».[2029]

[2029] COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 03/11/2019.

Uma vez que os papas infalíveis do presente revogaram as condenações ao mundo moderno pregadas exaustivamente pelos papas infalíveis do passado, criou-se uma Igreja ambígua e dividida, com uma ala de sedevacantistas (que defendem que os papas modernos são impostores e que a cátedra papal está atualmente vaga), uma ala de tradicionalistas (que rejeitam o Concílio Vaticano II e a Missa Nova de Paulo VI[2030]), uma ala de modernistas (que aceitam as mudanças e criticam a antiga postura da Igreja), uma ala de carismáticos (que misturam o catolicismo com elementos do pentecostalismo protestante) e muitos outros que se veem perdidos nesse coquetel de ramificações da Santa e Una Igreja de Cristo.

Daí se depreende por que uns são liberais, outros flertam com o socialismo, outros defendem o distributismo, outros não escondem sua preferência pelo fascismo e outros não fazem a menor ideia do que são, variando entre a extrema-esquerda e a extrema-direita com uma enorme facilidade (sem mencionar os que querem a volta do feudalismo).

Quanto mais tradicionalista um católico é, maior é a tendência de aderir a um sistema reacionário tipicamente defendido pela Igreja (como o fascismo, o feudalismo ou o distributismo, ou as variantes dos mesmos), e quanto mais modernista um católico é, maior é a tendência de se alinhar à teologia da libertação (que hoje é a que faz mais sucesso entre o clero, especialmente o clero latino-americano). Tradicionalistas citam o fato da Reforma ter sido "revolucionária" como

[2030] A bula *Quo Primum Tempore,* de Pio V (1570), proibia que se alterasse a missa: "E a fim de que todos, e em todos os lugares, adotem e observem as tradições da Santa Igreja Romana, Mãe e Mestra de todas as igrejas, decretamos e ordenamos que a missa, **no futuro e para sempre, não seja cantada nem rezada de modo diferente do que esta**, conforme o missal publicado por nós, em todas as igrejas" (Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/documentos/decretos/quoprimum>. Acesso em: 04/11/2019). Sorte dos católicos que a infalibilidade papal vai tão longe que pode anular a sentença de outro papa infalível. Essa foi por pouco!

uma forma de dizer que ela precipitou as revoluções socialistas modernas, quando ela fez justamente o contrário, precipitando a revolução capitalista e liberal.

Quem realmente se alinhou em todo o período com uma visão à esquerda na economia (favorecendo assim o socialismo, ainda que rejeitando-o formalmente) foi a própria ética católica, razão pela qual o fascismo sempre foi fortemente estatista mesmo quando combatia o socialismo, e até hoje os padres e papas reforçam o discurso esquerdista de que é necessário aumentar o tamanho do Estado para diminuir a pobreza e a desigualdade.

É fato insofismável e perceptível a todos os olhos que os países católicos são os que mais flertam com o socialismo, como ocorreu em Cuba e Angola, e como recentemente ocorre na Venezuela e em outros países latinos de tradição populista, antiliberal e anticapitalista. Isso tem ocorrido não "apesar" do clero católico, mas sobretudo *por causa* dele.

Isso é reconhecido até mesmo pelo padre Paulo Ricardo, um verdadeiro ícone da apologética católica no Brasil, que alude ao envolvimento do clero nos regimes fascistas do século passado para alertar a respeito do monstro ainda maior que está sendo criado no seio da Igreja contemporânea:

> Durante a década de 30 e de 40 nós vimos o espetáculo horroroso na Itália de padres e bispos se transformando em "teólogos de corte". Mussolini tinha padres e bispos que faziam juramentos fascistas, que faziam todo tipo de ritual fascista diante do Altar da Pátria, na Praça Veneza em Roma. Há vídeos na internet a este respeito. Hoje,

> passados 60 anos desses acontecimentos, nós olhamos para aqueles clérigos que se associaram àquele governo tirânico, anticristão e fascista com vergonha e com desprezo. (...) Como hoje nós olhamos para aqueles clérigos fascistas, que serviram do lado de Hitler e de Mussolini, olharemos no futuro para esses teólogos que se dizem da libertação, que se dizem proféticos, que se dizem do lado do povo, mas que estão do lado de uma elite governante.[2031]

Podemos discordar de muita coisa do padre Paulo, mas nisso ele está coberto de razão. De fato, não é preciso fazer muito esforço para notar que a clara tendência do clero romano não é a transição de um reacionarismo fascista para o liberalismo, mas para uma Teologia da Libertação socialista que hoje é o retrato de boa parte do clero católico, sobretudo do clero latino (o que presumivelmente inclui um que ocupa o «trono de São Pedro»).

Tal teologia "da libertação" se opõe ao fascismo, mas repudia o liberalismo com um ímpeto ainda maior (da mesma forma que os próprios fascistas). É a velha disputa de poder entre os irmãos gêmeos da mãe coletivista que criou os dois filhos briguentos. O antiliberalismo de Roma nunca foi abandonado, apenas troca de roupa conforme a conveniência.

[2031] AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo de. *Padre Paulo Ricardo admite que evangélicos representam o Cristianismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jz_8IflZGVk>. Acesso em: 03/11/2019.

• Como o catolicismo é o sustentáculo da extrema-esquerda

Dizer que hoje em dia uma grande parte do clero católico é esquerdista seria chover no molhado. Os próprios católicos tradicionalistas são os primeiros a reconhecer isso. No entanto, para os católicos de direita, os "padres da libertação" e os "bispos vermelhinhos" não são "católicos de verdade", mas gente *infiltrada* na Igreja. Seguindo uma narrativa de dar inveja a qualquer bom conspiracionista, eles sustentam que nas últimas décadas os marxistas conseguiram "se infiltrar" nas fileiras da Igreja para corrompê-la por dentro, razão pela qual há hoje tantos padres militantes de extrema-esquerda – mas isso não tem nada a ver com a doutrina da Igreja, trata-se apenas de uma "infiltração".

Por essa ótica, o próprio papa Francisco seria um "infiltrado", pois, como vimos, não há nada que os padres de esquerda digam que Francisco já não tenha expressado em algum momento. Mas o buraco é mais embaixo: como vimos ao longo de todo este livro, a Igreja Romana adota posições estatistas *desde sempre,* e essa é a razão primordial por que os países católicos sempre estiveram mais alinhados com a esquerda (sobretudo na parte econômica), também sendo o motivo fundamental pelo qual até hoje há tantos padres (e papas) de esquerda.

Em outras palavras, o fato do clero católico ser predominantemente de esquerda não se trata de uma "infiltração", mas de uma consequência lógica da Doutrina Social da Igreja que ela sempre sustentou. Segundo Eric Voegelin, um dos autores favoritos dos tradicionalistas, os franciscanos foram os primeiros a considerarem a ideia do comunismo como um ideal "cristão":

> Nem a indiferença escatológica à propriedade dos primeiros cristãos é uma forma de comunismo, como a maior parte dos franciscanos a considerava em função do ideal de pobreza intramundana da ordem. Não obstante, este debate representou na história das ideias o começo da discussão sobre "comunismo" dos primeiros cristãos ainda em andamento.[2032]

O autor acrescenta ainda:

> Quando Francisco de Assis ataca o "mundo", o *mundus* ou o *saeculum*, utiliza um vocabulário evangélico, mas nem sempre com o significado evangélico. O homem não é chamado a arrepender-se porque o reino de Deus está próximo, mas porque a vida de pobreza e obediência é aconselhada como constituição permanente do mundo [supostamente] em conformidade com a vida do salvador.[2033]

A obsessão de Francisco de Assis pela pobreza chegava ao ponto de obrigar um de seus discípulos a colocar uma moeda de ouro entre os dentes e enfiá-la no esterco, dizendo-lhe que este era o lugar que cabia ao ouro[2034]. Essa mentalidade voltada à pobreza ajudou a fomentar uma atitude passiva diante da miséria que assola todo o continente latino, tal como um anestésico que deixa as massas dormentes. Gloria Álvarez enfatizou este aspecto quando disse:

[2032] VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Idade Média Tardia.* São Paulo: Realizações, 2013. v. 3, p. 136.
[2033] VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Idade Média até Tomás de Aquino.* São Paulo: Realizações, 2012. v. 2, p. 28.
[2034] GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo.* São Paulo: 2011. v. 1, p. 404.

> Eu fui católica os primeiros 22 anos da minha vida, fui à missa todos os domingos, e me dava conta que de um livro enorme sempre se citavam as mesmas escrituras e sempre se enaltecia a pobreza: quanto mais você sofrer neste mundo, quanto mais miserável for, maior será o Reino dos céus pra você. Por outro lado, o rico é mau. Então, se coloca na sua cabeça que ser pobre é uma virtude, e assim você se acomoda, não sente necessidade de mudar.[2035]

E embora apologistas católicos adorem citar Voegelin por sua visão crítica da Reforma (embora ele próprio fosse um luterano), eles convenientemente omitem o fato de que para Voegelin até Tomás de Aquino "beirava o revolucionário", constando "entre os pecadores":

> Mesmo Aquino, que segundo Voegelin obteve um equilíbrio e harmonia entre os muitos elementos de experiência humana e cristã, é descrito por Voegelin como «beirando o revolucionário" em alguns de seus pensamentos (sua ênfase na liberdade e participação no governo, e o papel do intelectual independente, por exemplo). Voegelin refere-se ainda ao «espiritualismo quase protestante de Santo Tomás».[2036]

> O problema não começou com Calvino, como o próprio Voegelin indica claramente. A este respeito, é imprescindível que o leitor deste volume da *História das Ideias Políticas* lembre que ela é parte de uma

[2035] ÁLVAREZ, Gloria. *Roda Viva.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8EswUD6JSzk>. Acesso em: 14/11/2019.
[2036] VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Renascença e Reforma.* São Paulo: Realizações, 2014. v. 4, p. 28 (Prefácio).

> série maior. O que Voegelin chama «a má compreensão iluminada dos símbolos» e «a inclinação gnóstica a estender a operação do intelecto até o reino da fé e do mito» é um processo que já tinha começado no século XII. Nesse contexto, ele chega a colocar Santo Tomás «entre os pecadores».[2037]

O próprio comunismo foi idealizado por um santo católico muito antes de Marx surgir pregando o mesmo para o mundo real. Trata-se de Thomas More (1478-1535), canonizado e reconhecido como mártir pela Igreja Romana (um dos muitos que morreram pelas mãos do católico nacionalista Henrique VIII, como vimos no volume anterior). Em sua obra *Utopia* – termo este que não sem razão foi apossado pelos comunistas do mundo todo – ele idealiza uma sociedade que não perde em nada para uma Coreia do Norte, excetuando o ateísmo de Estado:

> O humanista inglês Thomas More, membro do Conselho Privado de Henrique VIII e chanceler da Inglaterra, publica em 1516 a *Utopia,* inspirada na evolução capitalista inglesa e na *República* de Platão. (...) A Utopia é uma ilha longínqua, cujo regime é uma ditadura comunista: todos os bens são comuns, os cidadãos não têm o direito de se deslocarem, pois se assim procedessem seria impossível controlar o trabalho e o consumo. Todos os funcionários são eleitos e os utopistas são consultados em todas as questões importantes, mediante referendos. Uma religião do Estado impõe a crença comum num Ser supremo e um culto cívico. O clero, também eleito, escolhe os trabalhadores, os cidadãos letrados, que executam os trabalhos

[2037] ibid, p. 29.

> intelectuais e fornecem os candidatos a funcionários. O governo dirige a economia mediante um plano de produção e detém o monopólio do comércio exterior. Os utopistas auxiliam os seus vizinhos a "utopizar-se" e transformam-nos em Estados protegidos. Tudo é válido no combate aos inimigos: põe-se a prêmio a cabeça de seus chefes e provocam-se revoltas.[2038]

Na utopia de More não há propriedade privada, que é considerada uma abominação. Seguindo uma linha argumentativa de dar inveja a qualquer comunista, ele escreve:

> Onde existe a propriedade privada, onde o dinheiro é a medida de todas as coisas, não é possível governar de forma justa e próspera.[2039]

> Embora essas instituições possam parecer superiores (como na verdade são), ainda assim, aqui, afigurar-se-iam inapropriadas porque aqui vigora o regime da propriedade privada, ao passo que lá tudo é desfrutado em comum.[2040]

> O mais sábio entre os homens percebia claramente que o único caminho para o bem-estar de todos repousa sobre a igualdade na posse dos bens, e eu duvido que essa igualdade possa ser obtida onde a propriedade pertence a particulares. Por mais que os bens sejam abundantes, uma vez que cada homem procura agarrar o mais que

[2038] MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1, p. 55-56.
[2039] MORUS, Thomas. *Utopia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, p. 41-42.
[2040] ibid, p. 39-40.

> pode para seu uso exclusivo, inevitavelmente uns poucos acabarão por possuir tudo, enquanto os demais ficarão na indigência. O resultado é, geralmente, o surgimento de dois tipos de pessoas cuja sorte deveria ser intercambiada: os ricos que são avaros, imorais e inúteis; e os pobres, que são irresponsáveis e tímidos, mas que trabalham duro, mais para o bem público do que para si mesmos.[2041]
>
> Assim sendo, estou plenamente convencido de que, a menos que a propriedade privada seja completamente abolida, não é possível haver distribuição justa de bens e nem a humanidade pode ser governada adequadamente. Se a propriedade privada permanecer, a grande e melhor parte da humanidade continuará oprimida por um fardo pesado e inevitável de angústia e sofrimento.[2042]

Como Maurois afirma, "More anelava a morte do espírito de cavalaria; anunciava o comunismo, o desprezo do ouro, o trabalho obrigatório para todos"[2043]. Lastimavelmente, este livro logo se tornou o mais popular da época[2044], não demorando a inspirar autores que buscavam realizar a *utopia* de More aqui na terra. De fato, a ilha que More idealizou se concretizou alguns séculos mais tarde, numa ilha próxima a Miami, que fez do bote o bem de consumo mais desejável da população dessa ilha (algo que More infelizmente não previu em seu livro). Se Marx estivesse vivo, teria aplaudido entusiasmado: era desse tipo de ilha que ele gostava!

[2041] ibid, p. 42-43.
[2042] ibid, p. 43.
[2043] MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959, p. 188.
[2044] ibid.

Dois séculos mais tarde, a "utopia" de More serviu de inspiração para um outro inimigo da propriedade privada: trata-se de Étienne-Gabriel Morelly (1717-1778), um pensador e romancista utópico de um dos países mais fortemente católicos do mundo, a França do Antigo Regime. Seu livro *O Código da Natureza* serviu de base para os pensadores socialistas e comunistas posteriores, onde propunha "uma Constituição destinada a levar a uma sociedade igualitária sem propriedade, casamento, igreja ou polícia"[2045]. Sobre isso, Pirenne comenta:

> O Direito se transforma em uma ideologia que, apresentando-se como única verdade, pretende se impor inclusive pela força, ideia de igualdade que se faz assim revolucionária. Em seu *Código da Natureza* (1755), Morelly afirma, de acordo com Rousseau, que a propriedade privada é causa de todos os males e invoca a instauração de um comunismo cujos princípios tenta fixar Mably em *Da legislação* (1776).[2046]

Este Mably que Pirenne menciona se refere a Gabriel Bonnot de Mably (1709-1785), um filósofo também francês, que estudou no Colégio de Jesuítas de Lyon e no Seminário de Saint-Sulpice, em Paris. Foi subdiácono da Igreja Católica e confidente do cardeal Pierre Guérin de Tencin. Ele se notabilizou como um dos grandes oponentes da propriedade privada, foi um dos principais inspiradores da legislação revolucionária de 1789 e é considerado um dos precursores do socialismo ao lado

[2045] GOLDIE, Mark; WOKLER, Robert. *The Cambridge History of Eighteenth-Century Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 762.
[2046] PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4, p. 340.

de Claude-Henri de Rouvroy, mais conhecido como o Conde de Saint-Simon (1760-1825).

Curiosamente, Saint-Simon, a quem a história consagra como o «fundador do socialismo», também era da França, que possuía praticamente o monopólio das ideias socialistas na época. Não deixa de ser curioso o fato do pensamento socialista ter ganhado notoriedade e fama justamente na França posterior à revogação do Édito de Nantes (1685), quando todos os protestantes foram expulsos do país. Foi nestes cem anos seguintes à expulsão que a ideologia revolucionária ganhou corpo e força, se tornando extremamente popular na França, até mesmo entre os católicos mais devotos.

Foi também na França que se deu a primeira experiência moderna de um governo socialista, com a Comuna de Paris (1871). Embora tenha durado apenas dez dias (o suficiente para constatar o fracasso de qualquer regime socialista), Marx e Engels a citavam como um exemplo de ditadura do proletariado[2047]. Baker sustenta que "a perseguição católica romana contribuiu às misérias do período e desviou muitos para o ceticismo e a revolução"[2048], o que ajuda a explicar por que a França era uma verdadeira fábrica de revolucionários radicais. Em contraste,

> a Inglaterra, enquanto isso, se movia para a democratização de sua monarquia. O Parlamento continuamente recebia mais responsabilidades governamentais e políticas. O avivamento de

[2047] ROUGERIE, Jacques. *Paris libre 1871*. Paris: Points, 2004, p. 264.
[2048] BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 271.

> Wesley indubitavelmente salvou a Inglaterra de uma revolução similar à da França.[2049]

Na Inglaterra também havia autores iluministas, mas nenhuma revolução se desenvolveu ali nos moldes da Revolução Francesa. Isso se deve sobretudo a dois fatores: a Inglaterra não se via agravada por tantos males como a França, nem o clero era tão imoral e desumano como lá. Por isso não se cultivou na Inglaterra um anticlericalismo como na França, nem um clima de constante indignação popular que se transformaria em revolta, e de revolta em revolução.

No século XX, o livro *Humanisme Intégral* (1937), do filósofo católico tomista Jacques Maritain, "foi um marco no caminho em direção ao que hoje conhecemos como pensamento social católico progressista"[2050]. Maritain era mentor e amigo de longa data do papa Paulo VI, que o homenageou no final do Concílio Vaticano II. As obras de Maritain foram decisivas na transição do pensamento católico tradicional para o "modernismo", e influenciou diretamente o Vaticano II.

Por volta da mesma época surgiu a JUC (Juventude Universitária Católica), que tinha como objetivo difundir os ensinamentos da Igreja no meio universitário, mas que logo se tornou um braço da esquerda católica. A JUC tinha como presidente Plínio de Arruda Sampaio, um socialista católico (aquele mesmo que disputou as eleições presidenciais de 2010 pelo PSOL e virou um dos primeiros memes da internet). O grande expoente do pensamento da JUC era o padre jesuíta francês Jean-Yves

[2049] ibid, p. 259.
[2050] KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO, MEC, 2007, p. 81.

Calvez (1927-2010), especialista em Doutrina Social da Igreja e autor de um livro sobre Marx que aproximou muitos católicos do marxismo.

Sua obra *O Pensamento de Karl Marx* o tornou célebre no Partido Comunista Francês e lhe rendeu inúmeros convites para conferências comunistas em países da Ásia e do Leste Europeu. Ele nunca foi excomungado pela Igreja e poucos anos antes de morrer proferiu uma série de sermões na Catedral de Notre Dame a convite do cardeal Jean-Marie Lustiger. O viés esquerdista da JUC não podia ser mais claro:

> Em 10 de setembro de 1950, logo após a JUC ter sido lançada como movimento nacional, o bispo franciscano da pequena e antiga cidade de Campanha, Minas Gerais [D. Inocêncio Engelke], publicou uma carta pastoral por ocasião de uma semana (de estudos) ruralista, que reuniu 1.920 padres de paróquias rurais, 250 proprietários de terras, 270 professores rurais e muitas pessoas de ordens religiosas que trabalhavam em escolas secundárias. O título da carta pastoral era: *Conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma social.*[2051]

Dez anos depois (1960), o Congresso da JUC se reuniu para aprovar o documento intitulado *Algumas diretrizes de um ideal histórico cristão para o povo brasileiro,* que incluía a "opção por um «socialismo democrático»"[2052]. No início da década de 60, dos 95 mil estudantes universitários do país, quase 10 mil eram da JUC, o que

[2051] ibid, p. 97.
[2052] GÓMEZ DE SOUZA, L. A. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 101.

demonstra a força do movimento que foi um «importante precursor da Teologia da Libertação»[2053].

Dali surgiu a Ação Popular, outro movimento nacional de cunho católico, que "carregou a marca do catolicismo progressista até o golpe de abril de 1964"[2054]. De acordo com Emanuel de Kadt, "a Ação Popular estava convencida de que somente estruturas em moldes socialistas tornariam isso possível"[2055]. Embora tais movimentos tenham sofrido um duro golpe durante a ditadura, muitos dos bispos da CNBB surgiram dali ou foram fortemente influenciados por eles.

O próprio Gustavo Gutiérrez, tido como o fundador da Teologia da Libertação, manteve contato com ex-integrantes da JUC antes de publicar o livro *Teologia de la Liberatión,* em 1971[2056]. Ele declarou a Gómez de Souza que enquanto redigia este livro, que se tornaria a Bíblia da Teologia da Libertação, "parou na metade e sentiu necessidade de vir ao Brasil para discutir certos detalhes e entrevistar alguns antigos militantes da JUC, sobretudo aqueles do período 1960-1963"[2057].

A mentalidade esquerdista está tão impregnada no pensamento dos bispos da Igreja Católica brasileira que o pai da CNBB (a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) é ninguém menos que Dom Hélder Câmara, o patrono da esquerda católica e um dos ideólogos da Teologia da Libertação[2058]. Cabe lembrar que a CNBB é um

[2053] BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *V Congresso Nacional da ANPTECRE – Religião, Direitos Humanos Laicidade*. Teologia da Libertação e Geração Universitária, 2015 (Congresso).
[2054] KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO, MEC, 2007, p. 111.
[2055] ibid, p. 117.
[2056] RIDENTI, Marcelo. *O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo*. Prepared for delivery at the 1998 meeting of the Latin American Studies Association, The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois. September 24-26, 1998.
[2057] GÓMEZ DE SOUZA, L. A. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 9.
[2058] KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO, MEC, 2007, p. 97.

organismo permanente autorizado pelo Código de Direito Canônico da Igreja e aprovado oficialmente pelo papa Pio XII, em 1952.

Não se trata, portanto, de bispos isolados em rebelião à Igreja, mas de um órgão vinculado ao Vaticano que congrega todos os bispos católicos brasileiros com jurisdição sobre todo o território nacional, ao qual todos os católicos devem (ao menos em tese) submissão. Na prática, porém, isso não impede que católicos de direita esbravejem contra este órgão da Igreja, acusando os bispos de serem comunistas e de militarem em prol de ideais socialistas (o que até certo ponto não deixa de ser verdade).

Certo apologista católico conhecido por fazer saudações nazistas chegou a dizer que «a CNBB serve ao diabo» e chamou os bispos de «apóstatas»[2059]. Outro youtuber católico, Bernardo Küster, tem um canal quase inteiramente destinado a denunciar a ligação entre a CNBB e a esquerda, particularmente com a esquerda petista. São toneladas de provas e um caminhão de evidências que expõem o modo com que a Igreja tem se aliado ao PT e profanado o altar com mensagens de "Lula livre"[2060].

Um site apologético católico chega a dizer que a CNBB é "uma organização comunista revolucionária em favor da implantação do regime comunista no Brasil"[2061], enquanto outro alega que a CNBB financia o MST e ONGs abortistas –

[2059] LOPPEUX, Conde. *A máscara da CNBB caiu*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3mSqbC1zVzQ>. Acesso em: 06/11/2019.
[2060] KÜSTER, Bernardo P. *Profanação – Tirem o PT do altar!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1emyhCFbOcI>. Acesso em: 06/11/2019.
[2061] Disponível em: <http://blogdeunojornal.blogspot.com/2011/06/cnbb-e-uma-organizacao-comunista.html>. Acesso em: 06/11/2019.

tudo isso diante das "vistas grossas" do Vaticano[2062]. O curioso é que eles não falam nada contra o Vaticano, embora o Vaticano não faça nada contra a CNBB e demonstre uma condescendência perturbadora.

Não faz um mês da escrita desde capítulo que Dom Orlando Brandes, o arcebispo metropolitano de Aparecida e uma das maiores autoridades católicas do Brasil, descreveu a direita como «violenta» e «injusta» e atacou o «dragão do tradicionalismo» (sem mencionar que foi a própria Igreja quem criou esse dragão):

> Temos o dragão do tradicionalismo. A direita é violenta, é injusta, estão fuzilando o papa, o sínodo, o Concílio Vaticano II. Parece que não queremos vida, o Concílio Vaticano II, o evangelho, porque ninguém de nós duvida que esta é a grande razão do sínodo, do concílio, deste santuário.[2063]

O arcebispo de Aparecida não está sozinho. Um apologista católico e antiprotestante reconhece que "tirando alguns padres, 1% dos padres do Brasil, que se posicionam a favor de Jair Bolsonaro, o resto ou são comunistas, ou são relativistas"[2064]. Ele também alegou que o padre da sua própria paróquia prega

[2062] PARACLITUS. *Denúncia Grave – Coleta da Campanha da Fraternidade financiou MST e ONGS abortistas!* Disponível em: <https://www.paraclitus.com.br/atualidades/denuncia-grave-coleta-da-campanha-da-fraternidade-financiou-mst-e-ongs-abortistas>. Acesso em: 06/11/2019.
[2063] G1. *Em sermão na missa de Aparecida, arcebispo critica 'dragão do tradicionalismo' e diz que 'direita é violenta e injusta'*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2019/noticia/2019/10/12/em-sermao-missa-de-aparecida-arcebispo-critica-dragao-do-tradicionalismo-e-diz-que-direita-e-violenta-e-injusta.ghtml>. Acesso em: 06/11/2019.
[2064] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XrEHXYC_uO8>. Acesso em: 06/11/2019.

abertamente o comunismo[2065] e por causa disso ele deixou de ir à missa[2066] – a despeito do fato de que faltar à missa é um pecado mortal na teologia católica.

Tamanha é a revolta contra a CNBB que católicos conservadores chegaram a invadir uma reunião dos bispos, os agrediram verbalmente e iniciaram um caos generalizado[2067]. O mesmo aconteceu na PUC, quando um representante da CNBB defendeu o comunismo naquela instituição e foi enquadrado por um grupo de tradicionalistas que iniciou um bate-boca violento com direito a ofensas para todos os lados[2068].

Até mesmo a maior autoridade católica do Brasil, o cardeal Odilo Scherer, já foi agredido durante a missa aos gritos de "comunista". Uma mulher interrompeu a missa e berrou: "Você e a CNBB são comunistas infiltrados, não podem fazer isso com a minha igreja!". Então ela avançou sobre o cardeal, arrancou sua mitra, o derrubou no chão e o feriu no rosto[2069]. Além de agredido fisicamente, ele também é agredido verbalmente: sem saber que a Igreja também excomunga os astrólogos[2070], Olavo declara que Dom Odilo é «um mentiroso e um excomungado»

[2065] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gx_Y46sRq8U&fbclid=IwAR3etWJFT2DqxCQu_2LwjaQmT_xnKa7yPN5LdYre8B3gbqy5vjYN_JRd2sY>. Acesso em: 06/11/2019.
[2066] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XrEHXYC_uO8>. Acesso em: 06/11/2019.
[2067] REPÓRTER DO DIA. *Bolsonaristas ensandecidos invadem a CNBB e agridem verbalmente os bispos e a Igreja católica.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3l5ZyoRDP8U>. Acesso em: 06/11/2019.
[2068] ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS HOJE. *Briga de estudante católico desmascara comunismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aazQo0R8_tE>. Acesso em: 06/11/2019.
[2069] GENTEDEOPINIÃO. *Dom Odílio é agredido em missa aos gritos de comunista*. Disponível em: <https://www.gentedeopiniao.com.br/politica-nacional/dom-odilio-e-agredido-em-missa-aos-gritos-de-comunista>. Acesso em: 06/11/2019.
[2070] SILVA, Eder. *Olavo de Carvalho: católico ou astrólogo?* Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/olavo-de-carvalho-catolico-ou-astrologo>. Acesso em: 06/11/2019.

por ter incitado a votar no PT[2071] (só falta avisar o Vaticano disso). Nunca é tarde lembrar que essas são as mesmas pessoas que acusam os evangélicos de serem divididos e se orgulham de sua pretensa "unidade".

O cardeal recentemente se envolveu em outra polêmica, ao realizar um culto ecumênico na Catedral da Sé com a presença de uma sacerdotisa do candomblé, de um xeique islâmico e, principalmente, de vários cartazes de "Lula livre" – o qual foi louvado pelo próprio cardeal, que também convidou para a cerimônia os maiores ícones da extrema-esquerda, tais como Ivan Valente, Eduardo Suplicy e Eduardo Jorge (só gente do bem)[2072]. Até o Santuário de Aparecida virou palco de discurso político pró-Lula, numa missa que mais parecia comício eleitoral do PT[2073].

Já em Canindé, no Ceará, um padre ao terminar a missa convidou os fiéis para a "manifestação Lula livre", e recebeu em troca gritos de "Bolsonaro" e "mito"[2074]. E pelo jeito não é apenas o "baixo clero" que clama por "Lula livre": o próprio papa Francisco escreveu uma carta amigável ao presidiário, na qual, entre outras coisas, diz querer "lhe manifestar a minha proximidade espiritual e lhe encorajar pedindo para não desanimar e continuar confiando em Deus"[2075]. Se o papa se considera

[2071] Disponível em: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2015/05/o-que-podemos-aprender-com-o-fight.html>.
[2072] KÜSTER, Bernardo P. *Eu, o mentiroso! (resposta a Dom Odilo).* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ynebQmkNZHA>. Acesso em: 06/11/2019.
[2073] KÜSTER, Bernardo P. *Missa vergonhosa por Lula em Aparecida.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ea_gOCZkuU4>. Acesso em: 06/11/2019.
[2074] BRASIL RESISTENTE. *Padre pede ato 'Lula livre' e o povo grita 'Bolsonaro'.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_gDecBABiY>. Acesso em: 06/11/2019.
[2075] SE LIGA PB. *Lula divulga carta em que Papa Francisco lamenta perdas familiares e pede coragem para o petista 'não desanimar'.* Disponível em: <https://seligapb.com.br/politica/lula-divulga-carta-em-que-papa-francisco-lamenta-perdas-familiares-e-pede-coragem-para-o-petista-nao-desanimar>. Acesso em: 06/11/2019.

espiritualmente próximo de Lula, devemos desconfiar de sua pretensa distância do diabo.

Por falar em Lula, o próprio reconheceu que só chegou ao poder graças à Igreja Católica:

> Por que eu cheguei aonde eu cheguei? Porque eu tenho por detrás de mim um movimento. Eu tenho por detrás de mim uma grande parte dos estudantes, do PT, a CUT, a base da Igreja Católica... eu sou fruto da Teologia da Libertação[2076].

Não admira que o próprio PT tenha sido fundado em um convento de freiras por teólogos da libertação, que transformaram o Lula na figura de um líder sindical. Quem diz isso não sou eu, mas o professor católico Júlio Loredo de Izcue, em uma palestra dada no Instituto Plinio Corrêa de Oliveira, de linha rigidamente tradicionalista[2077]. O PT não apenas foi fundado pelo clero católico, mas deve a ele o sucesso em seguidas eleições, sem o qual jamais teria chegado ao poder no país mais católico do mundo.

Podemos mesmo dizer que se não fosse pelo voto evangélico, o PT estaria ainda no poder, dando uma opção a menos de país para os venezuelanos fugirem. A pesquisa do Datafolha realizada em 25 de outubro de 2018 (três dias antes do segundo turno) indicou uma intenção de voto de 56% para Bolsonaro e de 44%

[2076] SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Lula explica como a Igreja Católica ajudou-o no socialismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UgF_1tj7a7c>. Acesso em: 06/11/2019.
[2077] IZCUE, Júlio Loredo de. *Conferência: A Teologia da Libertação morreu?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6C1ebziX4nk>. Acesso em: 06/11/2019.

para Haddad (números muito próximos do resultado efetivo, que foi de 55,1% para Bolsonaro e 44,8% para Haddad). Essa mesma pesquisa trouxe a intenção de voto por segmento religioso, que apresentou os seguintes resultados[2078]:

Religião	Bolsonaro	Haddad
Católica	51%	49%
Evangélica	69%	31%
Afro-brasileiras	30%	70%
Espírita	55%	45%
Sem religião	45%	55%
Ateu ou agnóstico	45%	55%
Média total	56%	44%

O único segmento em que o petista perdia por uma vantagem expressiva era entre os evangélicos (entre os católicos houve praticamente um empate técnico, e Haddad ganhava entre as religiões afro e os irreligiosos). Em vista disso, é certo dizer que se o segmento evangélico não existisse, Haddad teria ganho – e com uma certa folga.

Na eleição anterior (2014), em primeiro turno, Dilma tinha o voto de 31% dos evangélicos pentecostais e de 23% dos evangélicos não-pentecostais, em comparação a 39% de católicos, 39% de umbandistas, 32% dos espíritas e 30% dos

[2078] INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro.* Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em: 07/11/2019.

sem religião[2079]. Mais uma vez, era o segmento evangélico que concentrava a maior oposição à petista. Antes disso, em 2010, o percentual de evangélicos que votou em Serra, o adversário de Dilma, era 44% maior que o de católicos que votavam nele[2080].

Mesmo em 2006, quando Lula ainda surfava na boa onda econômica, ele foi rejeitado em segundo turno por 35% dos evangélicos pentecostais e 47% dos não-pentecostais, frente a apenas 28% de rejeição dos católicos[2081]. No primeiro turno, ele tinha a preferência de 43% dos pentecostais, 34% dos não-pentecostais e 47% dos católicos[2082]. E em 2002, quando Lula obteve 46% dos votos no primeiro turno, o setor religioso que menos votou nele foi justamente o evangélico. Somente 27% dos evangélicos optaram por ele, índice bem abaixo da média de votos que obteve[2083].

A primeira vez em que se produziu esse tipo de pesquisa no Brasil foi na eleição de 94, quando mais de dez mil pessoas foram entrevistadas em todo o país, num levantamento de dados que surpreenderia a muitos naquela época. O próprio autor

[2079] G1. *Datafolha para presidente por religião, renda, escolaridade, idade e região*. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/datafolha-para-presidente-por-religiao-renda-escolaridade-idade-e-regiao-3-9.html>. Acesso em: 07/11/2019.
[2080] NICOLAU, Jairo. "Determinantes do voto no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010: uma análise exploratória". *Opin. Publica*, vol. 20, n. 3, Campinas, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762014000300311>. Acesso em: 07/11/2019.
[2081] BOHN, Simone R. "Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006)". *Opin. Publica*, vol. 13, n. 2, Campinas, Nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762007000200006>. Acesso em: 07/11/2019.
[2082] DATAFOLHA. *Vantagem de Lula em relação à Alckmin se mantém estável; Heloísa Helena ganha quatro pontos*. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2006/07/1195090-vantagem-de-lula-em-relacao-a-alckmin-se-mantem-estavel-heloisa-helena-ganha-quatro-pontos.shtml>. Acesso em: 07/11/2019.
[2083] G1. *Eleição acirra debate sobre impacto do voto evangélico*. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/eleicao-acirra-debate-sobre-impacto-do-voto-evangelico.html>. Acesso em: 07/11/2019.

da matéria da Folha, Antônio Flávio Pierucci, disse espantado: "Quem poderia imaginar que o candidato do PT à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, fosse mais aceito pelos católicos?"[2084]. Que surpresa!

O que os dados mostraram? Que a taxa mais baixa de intenções de voto em Lula vinha das mulheres pentecostais (apenas 15% delas tinha a intenção de votar nele), enquanto a taxa mais alta vinha justamente dos homens das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), entre os quais 52% pretendia votar em Lula. No total do eleitorado, Lula recebia 24% das intenções de voto, mas este percentual era muito mais alto nas comunidades católicas (38%) e muito menor entre os evangélicos (18%)[2085].

Por que as comunidades católicas eram tão mais propícias a votar no PT em comparação ao resto da sociedade? Prandi e Pierucci explicam:

> Por sua politizada concepção de mundo, as CEBs têm estado associadas aos mais diferentes movimentos sociais de reivindicação e de construção de identidades no campo e na cidade, muito próximas dos partidos políticos de esquerda, sobretudo o PT e, em menor grau, o PCdoB, tendo se mostrado eficientes na "produção de militantes", ou seja, na formação de lideranças comunitárias e partidárias de esquerda.[2086]

[2084] PIERUCCI, Antônio Flávio. *Religião interfere em voto do eleitor*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/28/caderno_especial/35.html>. Acesso em: 07/11/2019.
[2085] ibid.
[2086] PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. "Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994". *Opin. Publica,* vol. 3 n. 1, Campinas, May. 1995, p. 37. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IE*BMDM_MDA_01319_/v3n1a02.pdf>. Acesso em: 07/11/2019.

Infelizmente nós não temos dados concretos da eleição de 89, a primeira desde a redemocratização, mas uma matéria da Folha de 94 dizia que "o candidato do PT não quer repetir o erro de 89, quando perdeu a maioria dos votos dos evangélicos para Collor"[2087]. A posição majoritária dos evangélicos podia ser resumida nas palavras do então pastor e deputado Salatiel Carvalho: "Pedirei votos para qualquer candidato que dispute com Lula no segundo turno"[2088].

Também não é coincidência que a região mais esmagadoramente católica do Brasil – o Nordeste, a única região onde o protestantismo fez poucos avanços[2089] – seja também o quartel-general da esquerda, o reduto eleitoral onde o PT e os partidos mais radicais de esquerda sempre conseguem eleger prefeitos e governadores com pouca ou nenhuma oposição, e onde criticar o Lula é o mesmo que falar mal de Jesus Cristo.

Coincidência ou não, o Nordeste é também a região menos desenvolvida do Brasil[2090], com mais problemas de todos os tipos. É a região mais pobre, com mais violência e com as piores condições de saúde e educação quando comparada a qualquer outra região do Brasil (e em alguns casos, do mundo todo[2091]). Mais

[2087] TREVISAN, Cláudia. *Quércia e Lula disputam voto evangélico*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/12/brasil/32.html>. Acesso em: 07/11/2019.
[2088] CARVALHO apud TREVISAN, Cláudia. *Quércia e Lula disputam voto evangélico*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/12/brasil/32.html>. Acesso em: 07/11/2019.
[2089] IBOPE. *Catolicismo mantém maioria dos fiéis*. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/catolicismo-mantem-maioria-dos-fieis>. Acesso em: 08/11/2019.
[2090] BRANDÃO, Marcelo. *Pnud comprova desenvolvimento desigual entre regiões do Brasil*. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/08/pnud-comprova-desenvolvimento-desigual-entre-regioes-do-brasil-6121>. Acesso em: 08/11/2019.
[2091] Como se nota pelos dados, o Nordeste brasileiro não é a região mais violenta *do Brasil*, mas a mais violenta *do mundo*: <https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/113786123/nordeste-brasileiro-e-a-regiao-mais-perigosa-e-violenta-do-mundo-aponta-estudo>. Acesso em: 08/11/2019.

coincidência (ou não): a região menos católica (e mais evangélica), o Sudeste[2092], é a mais desenvolvida do país[2093].

Em síntese, os católicos tem um longo histórico de votação maciça nas candidaturas do PT, o que não é de se estranhar, visto que este partido é um produto do clero romano. De fato, não seria exagero concluir que se não fosse pela resistência evangélica, o Brasil de hoje estaria completamente entregue à extrema-esquerda, de modo análogo à Venezuela.

Ao contrário do Brasil, que passou por um "boom" protestante a partir da década de 80, a Venezuela permanece ainda hoje esmagadoramente católica, como era o Brasil na época da ditadura. Como 92% dos venezuelanos são católicos[2094] e quase não há protestantes no país, Chávez e Maduro encontraram um terreno fértil para a proliferação de seus ideais socialistas, se perpetuando no poder e deixando a Venezuela nas condições atuais.

Por contraste, o país latino-americano mais percentualmente protestante, a Guatemala (onde 34% da população é evangélica), só teve um presidente esquerdista desde a redemocratização, em 1986 (Álvaro Colom, entre 2008-2012). Nas últimas três décadas, que coincidem com o período de ascensão evangélica, a Guatemala tem sido sistematicamente governada por políticos de direita, sendo um

[2092] MIRANDA, Juliana. *Religião na Região Sudeste*. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/religiao-na-regiao-sudeste.html>. Acesso em: 08/11/2019.
[2093] CERQUEIRA E FRANCISCO, Wagner de. *Região Sudeste*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/a-regiao-sudeste.htm>. Acesso em: 08/11/2019.
[2094] Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/paises/venezuela>. Acesso em: 08/11/2019.

dos poucos países em que o conservadorismo liberal não é encarado como um bicho papão.

Até mesmo Olavo de Carvalho foi obrigado a reconhecer o papel que as igrejas evangélicas desempenham na salvaguarda do conservadorismo, quando disse:

> Tenho mil objeções filosóficas, teológicas e históricas ao protestantismo, mas devo reconhecer uma coisa: o clero católico nacional se rendeu tão completamente à Teologia da Libertação que, sem o trabalho das igrejas evangélicas, o sentimento cristão já teria desaparecido do Brasil. Obrigado, irmãozinhos. Orarei sempre para que Deus atenda as suas preces.[2095]

O que impediu que Lula e Dilma fizessem no Brasil o mesmo que seus «companheiros» fizeram na Venezuela é porque encontraram pela frente uma resistência que lá praticamente inexiste: os evangélicos. Mais uma vez, quem chegou a essa conclusão não fui eu, mas o ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República nos tempos de Dilma Rousseff.

Trata-se do petista Gilberto Carvalho, ligado à Pastoral Operária (movimento da Igreja Católica), que também atuou como assessor e conselheiro do presidente Lula, sendo uma das figuras de maior destaque e importância nos "bastidores" durante todo o período de governo petista. Quando perguntado sobre o principal inimigo do PT, ele respondeu abertamente e sem rodeios:

[2095] Disponível em: <https://www.obuxixogospel.com.br/2019/05/depois-de-brigasolavo-de-carvalho-e-silas-malafaia-concordam-sobre-os-evangelicos>. Acesso em: 12/11/2019.

> É preciso fazer uma **disputa ideológica com os líderes evangélicos** pelos setores emergentes. (...) Aí a necessidade importantíssima de uma disputa ideológica, de uma disputa de projeto frente a esse novo público que nós sabemos é um público homogenizado por setores conservadores. Lembro aqui, sem nenhum preconceito, **o papel da hegemonia das igrejas evangélicas, das seitas pentecostais**, que são a grande presença para o público que está emergindo.[2096]

Se eles mesmos confessam que a principal resistência ao projeto de poder do PT são os evangélicos, quem somos nós para negar? Ironicamente, ninguém comentou isso com mais lucidez do que o padre Paulo Ricardo, que disse:

> Agora a oposição não é mais o problema [para a esquerda]. O problema agora são os cristãos. O problema é a Igreja. A Igreja à qual ele [Gilberto Carvalho] se refere são os evangélicos. Por quê? Porque a Igreja Católica já está domesticada. Isso me fez cair a ficha. Isso me fez compreender que estes homens que estão no poder já não olham mais para a Igreja Católica como uma instância profética que irá questioná-los. (...) Me envergonha. Me envergonha que o governo não esteja planejando nem minimamente perseguir a Igreja Católica. Esteja planejando, sim, fazer algo, entrar numa batalha, mas com os evangélicos – porque são eles que estão representando o Cristianismo em nossos dias. Você que é católico e ouve isso não fica envergonhado? (...) Eu me envergonhei de ser católico... eu me

[2096] GOSPEL PRIME. *PT planeja disputar a classe C com líderes evangélicos*. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/pt-planeja-disputar-a-classe-c-com-lideres-evangelicos>. Acesso em: 08/11/2019.

> envergonho que as pessoas olhem para mim, padre, e digam: "Você está no bolso do governo". (...) Onde estão as vozes proféticas da Igreja Católica do Brasil? (...) Eu me envergonho deste silêncio vil. Eu me envergonho desta covardia. Eu me envergonho destes teólogos de corte.[2097]

Quem também foi uma das poucas vozes no clero a se levantar contra a inércia da Igreja Católica e a reconhecer o trabalho quase único desempenhado pelos evangélicos foi o padre José Augusto, por ocasião das eleições de 2010. Em plena missa, ele corajosamente pronunciou esse discurso antipetista:

> Estou falando para os cristãos que comungam, que rezam o seu 'tercinho', que adoram e dizem que adoram o nosso Senhor Jesus Cristo e que não se pronunciam, tudo com medo. Se os evangélicos se pronunciam, nós católicos devemos nos pronunciar também. Chega de sermos católicos mornos, frios e medrosos! (...) Se os outros estão falando, não é possível que os padres da Igreja Católica estejam calados. A gente fala tanto dos evangélicos, diz isso dos evangélicos, fala aquilo dos evangélicos, mas eles têm coragem de se pronunciar, e nós não temos, nós nos calamos. Medrosos! Bando de covardes! Bando de covardes que só querem o benefício de Deus![2098]

[2097] AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo de. *Padre Paulo Ricardo admite que evangélicos representam o Cristianismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jz_8IflZGVk>. Acesso em: 08/11/2019.
[2098] AUGUSTO, José. *Padre Jose Augusto denuncia o PT e Canção Nova se acovarda!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Qln88pzEHU>. Acesso em: 08/11/2019.

Misteriosamente, depois disso o padre José Augusto «não foi mais visto em nenhum quadro da Canção Nova»[2099] e recebeu uma nota de repúdio do presidente da Fundação João Paulo II, que em nome da Canção Nova disse que

> não autorizamos o pronunciamento público do sacerdote padre José Augusto Souza Moreira sobre o Partido dos Trabalhadores, bem como a opinião do mesmo representa tão somente seu pensamento, não sendo em hipótese alguma o pensamento da instituição. Lamentamos o ocorrido e manifestamos mais uma vez nossa obediência aos princípios democráticos.[2100]

Mais irônico ainda: o indivíduo que assinou nessa nota é o mesmo que pediu aos sócios da Canção Nova que votassem numa candidata do PT[2101] e que convidou o presidente do PT para o seu programa de estreia em sua emissora católica[2102]!

Mas não é só o ministro-chefe do PT que reconhece nos evangélicos a maior resistência ao seu projeto de poder. Isso tem sido percebido pelos extremistas de esquerda de toda a parte, incluindo na vizinha Bolívia, onde o socialista Evo Morales tentou criminalizar a evangelização pela criação de um novo Código Penal do país,

[2099] Disponível em: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR79590>. Acesso em: 08/11/2019.
[2100] TENÓRIO, Marcelo. *Em defesa do Padre José Augusto da Canção Nova*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/veritas/politica/defesa-padre>. Acesso em: 08/11/2019.
[2101] FRATRES IN UNUM. *Inacreditável! Nova nota da Canção Nova desautoriza publicamente Padre José Augusto.* Disponível em: <https://fratresinunum.com/2010/10/05/nova-nota-da-cancao-nova-desautoriza-publicamente-padre-jose-augusto>. Acesso em: 08/11/2019.
[2102] AZEVEDO, Reinaldo. *A petização e a peemedebização da Canção Nova – Presidente do PT-SP ganha programa na TV da comunidade; na estreia, Gilberto Carvalho e Chalita!* Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-petizacao-e-a-peemedebizacao-da-cancao-nova-8211-presidente-do-pt-sp-ganha-programa-na-tv-da-comunidade-na-estreia-gilberto-carvalho-e-chalita>. Acesso em: 08/11/2019.

que proibia o «recrutamento para a participação em conflitos armados ou organizações religiosas ou cultos», punível com sete à doze anos de prisão[2103].

Até o início do ano os evangélicos não tinham direitos religiosos, razão pela qual as igrejas protestantes que existiam no país funcionavam de forma clandestina[2104]. O detalhe é que a Bolívia é um país 88% católico[2105], o que nunca foi impedimento algum à ascensão de líderes socialistas e de políticos populistas de extrema-esquerda. Morales não se preocupou com os 88% de católicos, mas precisamente com a crescente minoria protestante, essa sim encarada como uma ameaça.

Nem ele nem ninguém da esquerda se incomoda com o catolicismo, que desde muito já não é uma força capaz de fazer resistência aos governos tirânicos e totalitários de esquerda ou de direita (isso quando não se alia a esses próprios governos). A razão pela qual os católicos tendem a ser tão complacentes com os governos de esquerda, mesmo os mais radicais, é explicada pelo bispo argentino Marcelo Sánchez Sorondo, amigo de longa data do papa Francisco.

Em entrevista ao jornal *La Stampa,* ele declarou o que se deduz das declarações do próprio papa: a China comunista é, "neste momento, quem melhor interpreta a doutrina social da Igreja"[2106]. Classificando o regime comunista de «brilhante

[2103] GUIAME. *Evo Morales pretende criminalizar o evangelismo na Bolívia*. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/evo-morales-pretende-criminalizar-o-evangelismo-na-bolivia.html>. Acesso em: 13/11/2019.
[2104] GONÇALVES, Marina. *Oposição a Evo Morales usa religião como arma na Bolívia*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/oposicao-evo-morales-usa-religiao-como-arma-na-bolivia-24075784>. Acesso em: 13/11/2019.
[2105] Dados disponíveis em: <https://www.suapesquisa.com/paises/bolivia>. Acesso em: 13/11/2019.
[2106] SORONDO apud ÁLVAREZ, Andrés Beltramo. *"Chinos, quienes mejor realizan la doctrina social de la Iglesia".* Disponível em: <https://www.lastampa.it/vatican-insider-es/2018/02/02/news/chinos-quienes-mejor-realizan-la-doctrina-social-de-la-iglesia-1.33975278?refresh_ce>. Acesso em: 13/11/2019.

exemplo» e «extraordinário», ele não poupa elogios à ditadura chinesa: "Eles procuram o bem comum, subordinando todas as coisas ao bem geral"[2107], diz ele.

De forma bizarra, ele afirma que "a economia [na China] não domina a política, como acontece nos Estados Unidos"[2108] (talvez porque na China nem existam eleições!). Diz ainda que "o pensamento liberal liquidou o conceito de bem comum"[2109] ao passo em que a China "propõe trabalho e bem comum"[2110], e termina assegurando que entre o Vaticano e a China "existem muitos pontos de encontro"[2111].

Uma vez que a China é o país que melhor aplica a Doutrina Social da Igreja e ela é uma ditadura de partido único comunista onde toda a economia é controlada pelo Estado (bem como os próprios cidadãos, que não tem qualquer liberdade), é fácil entender por que a ideologia esquerdista faz tanto sucesso nos países de matriz católica. Não é porque eles ignoram a Doutrina Social da Igreja, mas justamente porque a praticam. Assim como a China comunista, a Doutrina Social representa o oposto ao liberalismo americano – por isso o ódio aos Estados Unidos.

Não admira que o papa tenha atacado publicamente as políticas de Donald Trump, ao mesmo tempo em que jamais ergueu a voz contra as ditaduras sanguinárias de Cuba, China e Venezuela. Após Francisco dizer que Trump não é cristão[2112] e que o

[2107] ibid.
[2108] ibid.
[2109] ibid.
[2110] ibid.
[2111] ibid.
[2112] G1. *Papa diz que Trump não é cristão por suas opiniões sobre imigração*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/02/papa-diz-que-trump-nao-e-cristao-por-sua-opiniao-sobre-imigracao.html>. Acesso em: 13/11/2019.

confrontaria pessoalmente sobre muro na fronteira com o México[2113], Trump chamou o papa de «manipulado» (embora de manipulado mesmo Bergoglio não tenha nada), e declarou: "Um líder religioso questionar a fé alheia é vergonhoso. Eu tenho orgulho de ser cristão"[2114].

Um papa que elege Trump como inimigo e tem Maduro, Morales e Castro como aliados não pode ser coisa boa. Não à toa, o Planalto vê a Igreja Católica como uma «potencial opositora» que trabalha para uma «agenda da esquerda»[2115]. Até mesmo o site de apologética católica e antiprotestante "Templário de Maria" recentemente reconheceu:

> Quando Bolsonaro era deputado e falava contra o famigerado kit de sexualização precoce infantil, a CNBB virava as costas para ele e se juntava aos promotores do kit em pautas de esquerda que nada dizem respeito à doutrina e ao magistério da Igreja Católica. Ao seu lado estavam os pastores evangélicos e os políticos protestantes que se uniram ao parlamentar católico em defesa da família. Quando Bolsonaro levou uma facada, nenhum padre ou bispo de Juiz de Fora o procurou na Santa Casa. Da mesma forma, após ser transferido para São Paulo, Dom Odilo em momento nenhum se solidarizou por sua luta pela vida e levou um mês para que o primeiro sacerdote católico

[2113] G1. *Papa diz que confrontaria Trump pessoalmente sobre muro na fronteira*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/28/papa-francisco-diz-que-confrontaria-pessoalmente-donald-trump-sobre-muro-na-fronteira-com-o-mexico.ghtml>. Acesso em: 13/11/2019.
[2114] IG. *Donald Trump rebate crítica e chama papa Francisco de "vergonhoso".* Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2016-02-18/donald-trump-rebate-critica-e-chama-papa-francisco-de-vergonhoso.html>. Acesso em: 13/11/2019.
[2115] ESTADÃO. *Planalto vê Igreja Católica como potencial opositora.* Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,planalto-ve-igreja-catolica-como-potencial-opositora,70002714758>. Acesso em: 13/11/2019.

> o visitasse. Ao seu lado estiveram desde o primeiro momento, durante todo o tempo em que permaneceu convalescente, os pastores e políticos evangélicos. Quando Bolsonaro foi eleito, o papa não lhe deu os parabéns e mandou como representante para sua posse um representante do Vaticano considerado alguém desprestigiado de escalão inferior. Com Bolsonaro eleito, o Vaticano e os bispos católicos se voltaram para o tal Sínodo da Amazônia, com foco político de oposição ao governo Bolsonaro e à soberania nacional brasileira numa clara afronta onde um Estado nacional soberano (Vaticano) visa ditar como outra nação deve proceder na condução de suas riquezas naturais e no domínio de seu território[2116]

Mas mesmo entre os apologistas católicos há muitos que defendem o PT com unhas e dentes. Um exemplo é Paulo Leitão, o mais conhecido apologista católico brasileiro, um roqueiro e fisiculturista que se diz ex-protestante e tem um programa de TV numa emissora católica. Leitão vive basicamente de duas coisas: atacar o protestantismo e a direita.

Nos comentários de uma publicação em que aparece ao lado de Dilma, um seguidor o parabeniza por «finalmente assumir seu lado comunista», ao que ele responde: "Pra combater a direita, nos unimos até com Satanás"[2117]. Em seguida, outro seguidor lhe pergunta se ele apoia Fidel Castro e compartilha com o que ele fez, e a resposta não poderia ser melhor: "Sim, além de aplaudi-lo de pé"[2118].

[2116] BELLOTE, Caio. *Um recado aos católicos que promovem linchamento virtual ao Presidente Bolsonaro.* Disponível em: <https://templariodemaria.com.br/um-recado-aos-catolicos-que-promovem-linchamento-virtual-ao-presidente-bolsonaro>. Acesso em: 08/11/2019.
[2117] Disponível em: <http://heresiascatolicas.blogspot.com/2017/12/imperdivel-provas-incontestaveis-de-que.html> (na parte de "Material Bônus").
[2118] ibid.

Isso não significa que não existam católicos conservadores de direita, mas são, nas palavras dos próprios padres e apologistas católicos, uma minoria acovardada diante de um órgão oficial da Igreja (CNBB) que promove ativamente a militância esquerdista e de um esquadrão de padres da Teologia da Libertação que fazem dos púlpitos um lugar de militância petista e socialista (tudo isso somado a uma maioria de leigos católicos de esquerda que vivem alienados e ajudaram a promover os governos petistas ao longo de todos esses anos).

Você pode ser levado a pensar que essa é uma realidade apenas do Brasil, como se no resto do mundo o cenário fosse um pouco melhor. Leda ilusão. Onde há esquerda no mundo, há uma forte colaboração de movimentos católicos. Quase toda a América Latina foi dominada pela esquerda e muitos deles sobrevivem por um fio, com crises que não parecem acabar nunca (em Cuba e na Venezuela, nem o "fio" existe mais).

Os países católicos da África, como Angola, sucumbiram à revolução e são marcadamente esquerdistas, e na Europa aqueles mesmos países católicos que aderiram ao fascismo tiveram longas décadas de regimes esquerdistas em sequência (alguns que duram até hoje). Na Espanha, o país mais tradicionalmente católico do mundo, a esquerda esteve no poder durante quase todo o período desde o fim da ditadura franquista até hoje.

Pedro Sánchez, atual presidente do governo da Espanha desde o ano passado (2018), é do Partido Socialista Operário Espanhol, o mesmo partido de Felipe González (que governou de 1982 a 1996) e de José Luis Rodríguez Zapatero (que governou de 2004 a 2011). Somado os três períodos, o Partido Socialista esteve no

poder durante 25 dos últimos 37 anos. No mesmo período, Portugal esteve em mãos dos presidentes Mário Soares (1986-1996) e Jorge Sampaio (1996-2006), ambos do Partido Socialista de Portugal. Após duas décadas de presidentes socialistas, Portugal tem sido governado nos últimos anos por sociais-democratas (uma esquerda mais moderada).

O Partido Socialista também faz sucesso na França, de tradição católica, que foi governada por mais de uma década pelo socialista François Mitterrand (1981-1995) e mais recentemente por François Hollande (2012-2017), também do Partido Socialista francês. Os socialistas também triunfam na Itália, que elegeu para a presidência Giuseppe Saragat (1964-1971), do Partido Socialista Democrático Italiano, e Sandro Pertini (1978-1985), do Partido Socialista Italiano. A última vez que a direita esteve no poder na Itália foi ~~quando os dinossauros ainda existiam~~ no governo de Luigi Einaudi (1948-1955).

Também não faltam primeiros-ministros socialistas na história recente da Bélgica, tais como Achille Van Acker (1945-1946 e depois de novo entre 1954-1958), Paul-Henri Spaak (1946), Camille Huysmans (1946-1947), Paul-Henri Spaak (1947-1949) e Elio Di Rupo (2011-2014), todos do Partido Socialista Belga. Embora nenhum deles tenha conseguido (ainda) fazer uma verdadeira revolução socialista à la cubana, estes dados nos mostram o quão suscetível os países mais católicos da Europa são a políticos socialistas, como alguém que não aprende com os erros do passado.

De fato, nestes países o socialismo soa atrativo por boa parte do povo (que em sua maioria permanece católico). Na década de 60, Boettner corretamente observava:

> Durante os últimos cinquenta anos o comunismo fez grandes conquistas nas nações católicas romanas, tanto na Europa quanto na América Latina, enquanto as nações protestantes, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Canadá, a Holanda, a Noruega, a Suécia e a Dinamarca, têm sido seus mais efetivos oponentes. De uma Igreja totalitária para um Estado totalitário é um pequeno passo, uma vez que o povo tenha sido treinado a aceitar a autoridade como imposta sobre eles antes de pensarem por si mesmos e planejarem seus próprios negócios. (...) Hoje o maior partido comunista fora da Rússia e da China Vermelha é encontrado na Itália católica romana, morada do papado, precisamente onde, se o catolicismo romano fosse a defesa efetiva que afirma ser, nós encontraríamos o destino derradeiro do comunismo. Aproximadamente um terço de todos os eleitores na Itália hoje são comunistas, como são aproximadamente um quarto daqueles da França.[2119]

A mesma tendência de votar em partidos de esquerda que se vê entre os eleitores católicos do Brasil também se faz presente nos outros países católicos do mundo e até mesmo onde os católicos são minoria, como é o caso dos Estados Unidos. Conquanto haja nos Estados Unidos uma grande rotatividade no poder entre o Partido Republicano (de direita) e o Partido Democrata (de esquerda), esse revezamento não existiria se dependesse apenas dos votos dos eleitores católicos do país, que tem uma longa tradição de fidelidade ao Partido Democrata.

[2119] BOETTNER, Lorraine. *Roman Catholicism*. New York: P & R Publishing, 1962.

Um dos estados mais católicos dos Estados Unidos é o Novo México, formado em grande parte por imigrantes, onde 42% da população é católica. Coincidência ou não, ele é também a principal fortaleza do Partido Democrata, que sempre ganha com larga vantagem todas as eleições municipais, estatuais e federais neste estado. Em contrapartida, os estados do assim chamado «Cinturão Bíblico» (Carolina do Sul e do Norte, Alabama, Geórgia, Mississipi, Tennessee, Kentucky, Arkansas, Texas, Virgínia, Missouri, Oklahoma e Louisiana), onde a tradição protestante está fortemente enraizada e os evangélicos são ampla maioria, são também o principal pilar do Partido Republicano, assim como o Novo México é para o Partido Democrata.

E mais: de acordo com os dados do Instituto Gallup, a ampla maioria dos católicos apoiou o candidato democrata na vasta maioria das eleições presidenciais desde 1952. Entre 1952 e 2000 houve treze eleições presidenciais: em nove delas os católicos apoiaram majoritariamente o candidato democrata, enquanto neste mesmo período os protestantes apoiaram o candidato democrata apenas uma vez[2120]. Como afirma Jeffrey Jones, "os católicos apoiaram o candidato democrata em todas as eleições de 1952 a 1968, mesmo na vitória esmagadora de 1956 de Dwight Eisenhower sobre Adlai Stevenson"[2121].

Os católicos também optaram por Barack Hussein Obama contra McCain, em 2008, e novamente contra Romney, em 2012 (em ambas as ocasiões o candidato

[2120] JONES, Jeffrey M. *The Protestant and Catholic Vote*. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/11911/protestant-catholic-vote.aspx>. Acesso em: 10/11/2019.
[2121] ibid.

republicano foi o mais votado pelos evangélicos)[2122]. Nas eleições parlamentares de 2018, os protestantes apoiaram os republicanos com uma margem de 55% contra 40%, enquanto os católicos apoiaram os democratas numa margem de 51% contra 48%.

Os protestantes sempre foram o carro-forte do Partido Republicano desde a sua fundação em 1854, enquanto os católicos, judeus e pessoas sem afiliação religiosa sempre foram o carro-forte do Partido Democrata desde sua fundação em 1828. Não é surpresa que o único presidente católico da história dos Estados Unidos, John F. Kennedy, era um democrata (apoiado na ocasião por 78% dos católicos e 38% dos protestantes), assim como os outros dois candidatos católicos à presidência (Al Smith em 1928 e John Kerry em 2004)[2123].

Em nossos dias, os políticos mais devotamente católicos e influentes na política americana são também do Partido Democrata, como Gavin Newsom, atual governador da Califórnia, e Andrew Cuomo, atual governador de Nova York. Ambos defendem o aborto, a legalização das drogas, o controle de armas e uma maior participação do Estado na economia. A congressista católica de maior destaque no Congresso americano é Alexandria Ocasio-Cortez, de ascendência porto-riquenha, uma das poucas que se declara abertamente socialista (contrariando toda a cultura americana).

[2122] MARTÍNEZ, Jessica; SMITH, Gregory A. *How the faithful voted: A preliminary 2016 analysis.* Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis>. Acesso em: 11/11/2019.
[2123] JONES, Jeffrey M. *The Protestant and Catholic Vote*. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/11911/protestant-catholic-vote.aspx>. Acesso em: 10/11/2019.

Seus pais porto-riquenhos, em condições de miséria, fugiram de um país estatista para uma potência capitalista e conseguiram ganhar a vida ali, para agora ela querer transformar os Estados Unidos na mesma coisa de Porto Rico. Em vez dos imigrantes católicos assimilarem a cultura americana que os fez ser o que são, muitos deles querem transformar essa cultura à imagem e semelhança daquilo de onde fugiram. Se houvessem mais congressistas como Cortez, provavelmente seria o México que estaria interessado em construir o muro na fronteira.

Isso não deve servir de estímulo a um discurso racial ou xenófobo, mas devemos ter consciência que o que fez os Estados Unidos se tornar o que é hoje é justamente sua cultura protestante, capitalista e liberal, que em tempos recentes está sendo desafiada e posta em xeque por grupos tradicionalmente hostis ao capitalismo e à cultura americana como um todo. Diferentemente do que pensava a Klu Klux Klan, a superioridade americana não está na raça ou no sangue, mas na cultura.

Não há raças superiores ou inferiores, mas há culturas diferentes vindas de mundos diferentes, algumas delas notoriamente nocivas aos princípios democráticos e liberais, que quando colocadas em prática não resultam coisa boa. Não é surpresa que o Vaticano tenha fomentado por muito tempo a imigração de católicos aos Estados Unidos na esperança de que um dia essa nação se tornasse católica, o que lhe garantiria a nação mais poderosa e influente do planeta.

De acordo com os dados internacionais de migração, os Estados Unidos possuem hoje quase 20% de população imigrante, índice quatro vezes maior que o segundo

colocado, a Alemanha (com quase 5% de imigrantes)[2124]. Os Estados Unidos possuem ainda um fluxo imenso de imigração ilegal incomparavelmente maior que qualquer outro, este predominantemente vindo dos países da América Central (como Porto Rico, da senhorita Cortez).

Da mesma forma que há infindáveis inimigos declarados dos Estados Unidos em todos os lugares do mundo, também não faltam inimigos dentro do próprio país, ansiosos por acabar com tudo o que o país tradicionalmente representa. Tal é o caso de uma parte (não todos, como é evidente) de imigrantes ou de descendentes de imigrantes vindos de países hostis a tudo aquilo que os Estados Unidos representa, e que mantém essa hostilidade mesmo dentro de seus domínios.

Boettner via no catolicismo romano uma dessas fontes de influência negativa e anticultural na nação americana, e talvez se ele estivesse vivo hoje se acharia um verdadeiro profeta. Foi dali que veio o movimento mais radical jamais visto na história da esquerda americana, que soaria como um escândalo e um disparate há tempos atrás entre os próprios esquerdistas do país: os "Socialistas Democráticos da América" (ou "DSA", a sigla em inglês para *Democratic Socialists of America*).

Este movimento, que é a "esquerda da esquerda" do Partido Democrata, foi fundado por Michael Harrington (1928-1989), um socialista católico descendente de irlandeses[2125]. Harrington era editor do jornal *Catholic Worker* e depois veio a se

[2124] Dados disponíveis em: <https://migrationdataportal.org/?i=stock_abs_&t=2019>. Acesso em: 11/11/2019.
[2125] DETTLOFF, Dean. *The Catholic Case for Communism*. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2019/07/23/catholic-case-communism>. Acesso em: 11/11/2019.

tornar ateu. Seguindo as diretrizes da Internacional Socialista desde a sua fundação, em 1982, o DSA visa estatizar toda a rede de saúde (ou seja, transformar os hospitais americanos de ponta em um grande "SUS" gringo), estatizar todo o setor financeiro, estatizar toda a propriedade privada e os meios de produção, e, por fim, abolir as classes sociais e toda a hierarquia (incluindo a hierarquia entre professor e aluno)[2126].

A organização, que inicialmente era um partido fracassado e depois se tornou uma ala radical do Partido Democrata, tem como principais expoentes a já citada Alexandria Ocasio-Cortez, católica de ascendência porto-riquenha, e Rashida Tlaib, muçulmana de origem palestina[2127]. Ambos países com intensa propaganda antiamericana que domina a mídia e os centros universitários. Entre as pautas defendidas por elas, além das já mencionadas, destaca-se a «faculdade gratuita para todos»[2128] (leia-se: paga com o dinheiro de todos) e, o mais assustador, o «desmantelamento da polícia de fronteira»[2129] e a «abolição da agência de imigração e alfândega dos Estados Unidos»[2130].

[2126] NEUFELD, Jennie. *Alexandria Ocasio-Cortez is a Democratic Socialists of America member. Here's what that means.* Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2018/6/27/17509604/alexandria-ocasio-cortez-democratic-socialist-of-america>. Acesso em: 12/11/2019.
[2127] DETTLOFF, Dean. *The Catholic Case for Communism*. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2019/07/23/catholic-case-communism>. Acesso em: 11/11/2019.
[2128] NEUFELD, Jennie. *Alexandria Ocasio-Cortez is a Democratic Socialists of America member. Here's what that means.* Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2018/6/27/17509604/alexandria-ocasio-cortez-democratic-socialist-of-america>. Acesso em: 12/11/2019.
[2129] MARS, Amanda. *Alexandria Ocasio-Cortez, o fenômeno da nova esquerda em Washington*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/14/internacional/1550183671_937782.html>. Acesso em: 12/11/2019.
[2130] NEUFELD, Jennie. *Alexandria Ocasio-Cortez is a Democratic Socialists of America member. Here's what that means.* Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2018/6/27/17509604/alexandria-ocasio-cortez-democratic-socialist-of-america>. Acesso em: 12/11/2019.

Faz sentido. Se o objetivo é destruir a cultura americana, nada melhor do que abrir as portas para a entrada total e irrestrita de imigrantes hispânicos que não compartilham a mesma cultura que os norte-americanos nem cultivam o mesmo apego aos seus princípios, valores e crenças historicamente estabelecidos. É a tentativa descarada de "cubanizar" os Estados Unidos, de implodir a América de dentro pra fora.

Mas o pior ainda está por vir. Pense no seguinte: se você quisesse causar o caos, a violência e a anarquia para destruir uma nação a qual odiasse, por onde começaria? Se você pensou em abrir os presídios e acabar com a polícia, acertou na mosca. Parece inacreditável, mas é exatamente isso o que os "Socialistas Democráticos da América" defendem, com esses brilhantes argumentos:

> À medida que a DSA cresce e adota campanhas mais ambiciosas, enfrentaremos a repressão estatal de maneiras totalmente novas. Prisões, polícia e um exército crescente de prestadores de serviços de segurança semi-privados são forças repressivas. São ameaças existenciais claras a qualquer movimento por socialismo e justiça. Portanto, a abolição da polícia e das prisões deve ser uma meta explícita e institucionalizada da DSA. (...) A abolição da polícia e das prisões é uma necessidade material do socialismo e, portanto, o futuro da DSA e da esquerda de maneira mais ampla. (...) Temos a convicção de que a polícia e o sistema penitenciário não têm lugar no mundo socialista. (...) Comunidades fortes e com bons recursos não exigem repressão para manter a ordem. Não há nada democrático nem socialista na polícia e nas prisões. A abolição do sistema policial

> e penitenciário pode parecer impossível, mas se a abolição é impraticável, o socialismo também é. Acreditamos muito que o socialismo é possível, até provável, e sabemos que muitos de vocês estão conosco.[2131]

O que eles realmente querem pregando a abolição da polícia e dos presídios? A resposta é simples: causar o caos para destruir a América. Tudo o que gente como Alexandria Ocasio-Cortez mais odeia é o que os Estados Unidos representa com perfeição. Por isso, para eles é imperativo a destruição da cultura americana por meio de um processo revolucionário. É a velha máxima do "quanto pior, melhor", levada aos seus maiores extremos. Só com os Estados Unidos dizimado e com sua cultura aniquilada é que o comunismo pode prosperar, sobre os escombros da velha grande nação.

Portanto, tudo o que servir para destruir o sistema atualmente vigente e provocar a anarquia é bem-vindo na mentalidade psicopata de tais indivíduos. Era o que Boettner temia, e para o qual já alertava um século atrás. Uma vez enfraquecida a sociedade capitalista pela eliminação da polícia e dos presídios, os socialistas assumem o comando para botar "ordem" ao caos que eles mesmos criaram.

Não é surpresa pra ninguém que nos estados socialistas as forças policiais sempre foram incomparavelmente mais repressivas, violentas e autoritárias do que em qualquer estado capitalista, chegando ao ponto dos campos de concentração não suportarem tantos presos políticos submetidos às condições mais degradantes

[2131] DSA PRAXIS. *Abolish Police and Prisons*. Disponível em: <https://medium.com/@DSA_Praxis/abolish-police-and-prisons-fa263c44b3cb>. Acesso em: 12/11/2019.

possíveis, desde a tortura até o extermínio (e sem nenhum agente dos direitos humanos).

É curioso como os "Socialistas Democráticos da América" prometem aquilo que nenhum país socialista jamais entregou: democracia e extinção da polícia. Eles prometem o inverso completo daquilo que sempre ofereceram no mundo todo, justamente porque não tem a menor intenção de colocá-los em prática. A estratégia é conquistar para destruir, e então construir algo totalmente diferente no lugar – a morte da cultura americana. Este plano soa muito mais maquiavélico do que na Guerra Fria, quando a União Soviética representava um perigo externo muito menor que o perigo interno representado atualmente pela ala mais radical do Partido Democrata.

Se a URSS enviava (na maior parte das vezes, sem sucesso) espiões para se infiltrar nas instituições americanas e implodir a nação americana por dentro, o Vaticano está conseguindo isso com muito mais êxito, simplesmente incentivando a imigração massiva de povos católicos com uma cultura totalmente diferente da americana. O mesmo podemos dizer da imigração islâmica, em menor número, mas não com menos gravidade.

Não poucos imigrantes receberam uma educação familiar que reflete antes a cultura de seus países de origem do que a cultura americana tradicional transmitida de pai para filho, geração após geração. Isso é particularmente perigoso quando consideramos que a cultura americana é a base da democracia moderna, das liberdades civis e dos direitos inalienáveis, sem a qual o mundo hoje certamente seria outro.

Alguns nutrem um indisfarçado ódio dos Estados Unidos porque foram ensinados que a razão pela qual tiveram que migrar de sua terra natal não foi por causa da pobreza cultural e política de seus países de origem, mas por causa do "imperialismo americano" que supostamente é a causa do atraso e da pobreza desses povos, levando-os a pensar que para que o "imperialismo" acabe, a própria cultura americana precisa acabar.

Todos os grandes expoentes do DSA são imigrantes ou filhos de imigrantes, incluindo Bernie Sanders, filho de pai polonês, que quase ganhou as primárias do Partido Democrata contra Hillary Clinton na última eleição presidencial (2016). Isso obviamente não significa que todos os imigrantes sejam socialistas, e certamente há muitos que apreciam a cultura americana de liberdade e democracia e nela se inserem com prazer, compartilhando os mesmos valores e ideais republicanos.

Não obstante, não há como negar que muitos deles simpatizam com o socialismo, refletindo a mentalidade predominante em suas terras natais. Não há nada de errado em ser imigrante, o erro é a mentalidade revolucionária (que entre os imigrantes é muito maior). Alarmado com a recente e crescente onda de americanos socialistas filiados ao DSA, Trump foi aplaudido de pé em seu discurso no Capitólio. Na presença de socialistas como Bernie Sanders (em cuja face o *camera man* fez questão de dar um belo de um zoom), Trump afirmou:

> Aqui nos Estados Unidos estamos preocupados com as novas tentativas de implantar o socialismo em nosso país. A América foi fundada na liberdade e na independência, não na coerção, domínio e controle do governo. Nós nascemos livres e permaneceremos livres.

> Esta noite, reafirmamos que os Estados Unidos jamais será um país socialista.[2132]

Outro contraste entre a ética católica e a política americana é o direito ao porte de armas, garantido pela Segunda Emenda da Constituição, que diz: "Sendo necessária à segurança de um Estado livre a existência de uma milícia bem organizada, o direito do povo de possuir e usar armas não poderá ser infringido"[2133].

Como se pode notar, o direito à posse de armas, diferente do que muitos pensam, não se relaciona primordialmente com a proteção do "cidadão de bem" da ameaça de bandidos de rua (pois para isso já existe a polícia, embora ela nem sempre seja eficiente), mas sim com proteger os cidadãos *do próprio Estado,* ou seja, da ameaça de um Estado totalitário que atue contra a liberdade dos seus cidadãos. O Estado pode proteger os cidadãos de criminosos comuns, mas *se o próprio Estado* for o vilão, não restará ao povo senão proteger a si mesmo contra os agentes do Estado.

Por isso os ditadores de regimes totalitários dão prioridade absoluta para o desarmamento dos cidadãos, sabendo que só assim podem implementar um Estado totalitário eficiente. Foi exatamente isso o que ocorreu em todos os regimes totalitários do século passado: primeiro o Estado desarma o povo, e então, com este indefeso e incapaz de resistência, implementa uma ditadura totalitária que oprime a população ao seu bel-prazer.

[2132] TRUMP, Donald John. *President Trump: We will never be a socialist country*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FKF_590azfw>. Acesso em: 12/11/2018.
[2133] UNITED STATES SENATE. *Constitution of the United States*. Disponível em: <https://www.senate.gov/civics/constitution_item/constitution.htm>. Acesso em: 14/11/2019.

Não é de se admirar que o desarmamento tenha sido a primeira medida que Fidel Castro tratou de implementar em Cuba quando chegou ao poder[2134], e também a primeira resolução de Hitler na Alemanha nazista[2135]. Exatamente o mesmo fizeram a China comunista[2136] e a URSS[2137]. Mais uma vez, a Igreja Romana se alia aos regimes totalitários ao reservar uma sessão sobre «desarmamento» no Compêndio da Doutrina Social da Igreja, onde afirma: "A Doutrina Social propõe a meta de um desarmamento geral, equilibrado e controlado. O enorme aumento das armas representa uma ameaça grave para a estabilidade e a paz"[2138].

Também prega que "medidas apropriadas são necessárias para o controle da produção, da venda, da importação e da exportação de armas leves e individuais"[2139], e a "não-proliferação, produção, comércio e uso dos diferentes tipos de armamentos"[2140]. Não basta «controlar severamente» os armamentos pesados do Estado, tem que coibir também as armas «leves e individuais»:

> A postura dos Estados que aplicam severos controles sobre a transferência internacional de armamentos pesados, mas não

[2134] GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 3: controle de armas no mundo comunista – O leste europeu e Cuba*. Disponível em: <https://www.defesa.org/breve-historia-do-desarmamento-parte-3-controle-de-armas-no-mundo-comunista-o-leste-europeu-e-cuba>. Acesso em: 14/11/2019.
[2135] GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 5: controle de armas na Alemanha Nazista*. Disponível em: <https://defesa.org/dwp/breve-historia-do-desarmamento-parte-5-controle-de-armas-na-alemanha-nazista>. Acesso em: 14/11/2019.
[2136] GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 4: controle de armas no mundo comunista – China*. Disponível em: <https://defesa.org/dwp/breve-historia-do-desarmamento-parte-4-controle-de-armas-no-mundo-comunista-china>. Acesso em: 14/11/2019.
[2137] GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 2: controle de armas no mundo comunista – A União Soviética.* Disponível em: <https://defesa.org/dwp/breve-historia-do-desarmamento-parte-2-controle-de-armas-no-mundo-comunista-a-uniao-sovietica>. Acesso em: 14/11/2019.
[2138] COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, §508. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 14/11/2019.
[2139] ibid, §511.
[2140] ibid, §508.

> preveem nunca, ou tão-somente em raras ocasiões, restrições sobre o comércio das armas leves e individuais, é uma contradição inaceitável. É indispensável e urgente que os governos adotem regras adequadas para controlar a produção, o acúmulo, a venda e o tráfico de tais armas.[2141]

Copiando à risca o discurso dos regimes totalitários, a Doutrina Social da Igreja prega o monopólio estatal das armas:

> O princípio de suficiência, em virtude do qual um Estado pode possuir unicamente os meios necessários para a sua legítima defesa, deve ser aplicado seja pelos Estados que compram armas, seja por aqueles que as produzem e as fornecem.[2142]

O catecismo católico reproduz o mesmo discurso em sua sessão sobre armas, dizendo: "A produção e o comércio de armas afetam o bem comum das nações e da comunidade internacional. Por isso as autoridades públicas têm o direito e o dever de regulamentá-los"[2143]. Quem também gosta muito dessa doutrina desarmamentista é o papa Francisco, que já disse que quem fabrica armas ou investe na indústria armamentista não é cristão[2144], e condenou a "tendência cada vez mais difusa para se armar por parte tanto dos indivíduos como dos Estados"[2145].

[2141] ibid, §511.
[2142] ibid, §508.
[2143] §2316 do Catecismo Católico. Disponível em: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/a/arma.html>. Acesso em: 14/11/2019.
[2144] G1. *Papa diz que fabricantes de armas não podem se dizer cristãos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/papa-diz-que-fabricantes-de-armas-nao-podem-se-dizer-cristaos-20150621163504098059.html>. Acesso em: 14/11/2019.
[2145] VATICAN NEWS. *Francisco: mercado de armas é uma ameaça para a humanidade.* Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-01/papa-francisco-armas-nucleares.html>. Acesso em: 14/11/2019.

Mostrando que sua ignorância não se limita ao campo econômico, ele twitou: "Nós realmente queremos a paz? Então, vamos banir as armas para não ter que viver no medo da guerra"[2146]. Com certeza o mundo vivia tempos incríveis de paz na época em que a Igreja dominava tudo e não havia armas de fogo (#sqn).

Nos comentários, Bene Barbosa, um dos maiores especialistas em segurança pública e contrário ao estatuto do desarmamento, corrigiu o papa com o texto bíblico que fala da proibição dos israelitas fabricarem espadas e lanças na época em que estes eram dominados pelos filisteus (como se os papas alguma vez tivessem se importado com o que a Bíblia diz)[2147]:

"Naquele tempo não havia nem mesmo um único ferreiro em todo o território israelita, porquanto os filisteus haviam proibido os hebreus de fazer espadas e lanças" (1ª Samuel 13:19)

Bene ainda poderia ter questionado o papa se quando os Aliados fabricavam armas contra os nazistas eles também não estavam sendo cristãos, e se seria melhor eles terem ido à guerra com estilingues, já que não podiam ter fabricado armas.

Como se não fosse o bastante, os papas desde João XXIII pedem a existência de uma «autoridade política mundial» que possa «realizar um oportuno e integral desarmamento», novamente primando pela centralização política e violando o

[2146] Disponível em: <https://twitter.com/pontifex_pt/status/990553784274239488?lang=pt>. Acesso em: 14/11/2019.
[2147] ibid.

princípio da soberania dos povos, preparando o terreno para aquele a quem a Bíblia chama de anticristo. Relembrando as palavras de João XXIII, Bento XVI escreveu:

> Para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma e em consequência maiores desequilíbrios, para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz, para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios **urge a presença de uma verdadeira autoridade política mundial**, delineada já pelo meu predecessor, o beato João XXIII.[2148]

Isso é tão importante para a Igreja Católica que foi novamente lembrado pelo papa Francisco, poucos anos mais tarde, na mesma encíclica em que ataca o liberalismo:

> O século XXI, mantendo um sistema de governança próprio de épocas passadas, assiste a uma perda de poder dos Estados nacionais, sobretudo porque a dimensão econômico-financeira, de caráter transnacional, tende a prevalecer sobre a política. Neste contexto, torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre os governos nacionais e dotadas de poder de sancionar. Como afirmou Bento XVI, na linha desenvolvida até agora pela doutrina social da Igreja, para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas

[2148] BENTO XVI. *Caritas in Veritate*, 67. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 10/12/2018.

> pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma e consequentes maiores desequilíbrios, para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz, para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar os fluxos migratórios urge a presença de uma verdadeira autoridade política mundial, delineada já pelo meu predecessor, [São] João XXIII.[2149]

Por que os papas fazem tanta questão de reiterar vez após vez a necessidade de uma autoridade política global que promova um desarmamento integral de toda a população mundial? Por que eles insistem que um único homem deva ter o poder de governar o mundo inteiro? O que poderíamos esperar de um governo desses, que nas palavras dos próprios bispos católicos tem como modelo a China comunista? O que mais precisa para um governo totalitário global do que alguém que governe o mundo inteiro e desarme todo o povo? Seria o papado uma peça-chave no tabuleiro de xadrez da Nova Ordem Mundial?

Responder essas questões estaria além dos objetivos deste livro, mas o tempo e o bom senso se encarregam disso.

[2149] PAPA FRANCISCO. *Laudato si'*, 175. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#_ftn129>. Acesso em: 10/12/2018.

• Como o protestantismo é o sustentáculo da direita

A primeira coisa que o candidato petista derrotado nas últimas eleições (Fernando Haddad, mais conhecido como o "poste de presidiário") disse após a derrota acachapante que sofreu foi justificar seu fracasso culpando o "fenômeno evangélico". Em suas palavras, "a pauta regressiva afeta esse mundo [evangélico] de forma importante. Há um fenômeno evangélico sobre o qual temos que nos debruçar. Não podemos dar de barato que essas pessoas estão perdidas"[2150].

Haddad pode estar errado sobre muitas coisas, mas certamente tem razão em culpar os evangélicos por sua derrota. Eu admito: foi nossa culpa!

O que mais impressiona Haddad e os cientistas políticos é que o Brasil é um caso *sui generis*. A sociedade se tornou cada vez mais progressista nas últimas décadas, mas ao mesmo tempo uma força conservadora mais robusta e concentrada se formou graças às igrejas evangélicas. É interessante notar que os evangélicos no Brasil estão entre os que tem a menor renda média de todos os grupos religiosos, mesmo porque o «fenômeno evangélico» é uma coisa extremamente recente em nossa história, e boa parte dos convertidos vem das periferias.

E como se sabe, quanto menor a renda, maior a tendência de votar no PT, o que significa que o fator religioso é mais forte que o fator renda nesse caso. A mudança mais profunda que o Brasil experimentou nas últimas décadas foi com certeza a

[2150] ARAGÃO, Jarbas. *Haddad diz que "fenômeno evangélico" ditou a sua derrota*. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/haddad-fenomeno-evangelico-derrota/?>. Acesso em: 17/11/2019.

ascensão do protestantismo, que constitui um verdadeiro fenômeno social que deveria ser exaustivamente estudado na academia.

Este «fenômeno evangélico» foi responsável por eleger um presidente com uma agenda econômica declaradamente liberal pela primeira vez em nossa história – embora seja um com um passado notadamente nacionalista e muito menos refinado que os presidentes americanos (como se diz aqui, "era o que tinha"). Mais do que isso: foi responsável por frustrar o projeto de poder do partido mais corrupto da história do mundo, que estava levando o Brasil a passos largos para se tornar a nova Venezuela.

Isso representa uma ruptura notável com toda a nossa tradição política e um duro golpe no projeto de uma esquerda que projetava se perpetuar no poder para sempre. Somente um fato *sui generis* poderia comprometer esse projeto, e foi exatamente isso o que aconteceu. O "boom protestante" foi a variável com a qual a esquerda não contava, que levantou uma nova força conservadora e liberal que eles definitivamente não estavam esperando – ou que pensavam poder ludibriá-los facilmente, assim como fizeram com a Igreja Católica. Ledo engano. Triste resultado. Um fenômeno sobre o qual Haddad ainda vai se debruçar por longo tempo...

O lado bom é que ele não vai se debruçar sozinho. Esquerdistas como ele tem há muito tempo se dado conta do mesmo, e externado o ódio contra esse grupo religioso que é uma verdadeira pedra no sapato da esquerda, uma pedra que insiste em frustrar seus planos totalitários. Um dos esquerdistas com mais notabilidade no

YouTube, dono de um canal chamado "Saia da Matrix" (parece canal de terra plana, mas é coisa bem pior), comentou em seu twitter:

> Ou detemos os evangélicos ou amanhã seremos uma teocracia autoritária. Não é exagero.[2151]

Em seguida, acrescentou um comentário onde diz estar em guerra contra os neopentecostais e que essas igrejas devem ser «banidas da existência»[2152] (originalmente em caixa alta). Há não muito tempo a revista Superinteressante publicou como capa uma matéria intitulada "Extremismo Evangélico"[2153], onde recorre aos mesmos clichês de que o Brasil se tornaria uma teocracia religiosa nas mãos de talibãs evangélicos fundamentalistas se os protestantes se tornarem a maioria.

Obviamente, quem propaga esse tipo de discurso *sabe* que se trata de uma mentira abjeta, e tem plena consciência de que todas as experiências de países com maioria evangélica resultaram nas maiores e mais bem-sucedidas democracias do mundo. Mas, então, por que eles insistem em dizer que um país evangélico viraria uma teocracia? A resposta é simples: medo. Mas não o teatral e fantasioso medo de uma teocracia de fato, mas o medo de saberem que com uma maioria evangélica todos os projetos maquiavélicos da esquerda vão por água abaixo.

[2151] Disponível em: <https://twitter.com/H1SaiaDaMatrix/status/1193875773796634624>. Acesso em: 19/11/2019.
[2152] Disponível em: <https://twitter.com/H1SaiaDaMatrix/status/1193908925134987267>. Acesso em: 19/11/2019.
[2153] Disponível em: <https://2.bp.blogspot.com/-nYXe8wD9nxM/WPsVieyw-BI/AAAAAAAADYk/P1oarsA7CbExfHD3gIwbt-0lrdnTj8sYACLcB/s1600/8.jpg>. A versão digital da matéria pode ser consultada em: <https://super.abril.com.br/historia/extremismo-evangelico>. Acesso em: 19/11/2019.

Se com uma minoria expressiva de protestantes a hegemonia da esquerda foi chutada pra longe, imagine se os evangélicos já fossem a maioria. O mínimo que isso exigiria por parte da esquerda seria a capacidade de se adaptar, abandonando os ideais marxistas obsoletos que ainda defende para o Brasil em pleno século XXI. É por isso que não existe nenhuma esquerda socialista relevante em nenhum país de tradição protestante.

Num tópico anterior, mostramos como a esquerda tradicionalmente conquista a preferência dos votos católicos no Brasil e nos Estados Unidos, enquanto a direita conquista a preferência dos votos protestantes em ambos os países. Vimos também que o mesmo se nota em um cenário maior: os países tradicionalmente católicos, seja da América Latina ou da Europa, são os que mais elegem governos alegadamente socialistas ou de extrema-esquerda, enquanto os países tradicionalmente protestantes são os que apresentam mais resistência ao socialismo.

Se, como vimos, os partidos socialistas fazem um enorme sucesso na Europa católica, o mesmo não se pode dizer da Europa protestante, onde os partidos socialistas tem pouca ou nenhuma representatividade. O Reino Unido, por exemplo, tem 18 partidos políticos, dos quais apenas dois são socialistas, ambos inexpressivos. Curiosamente, ambos têm origem irlandesa e católica: um é o *Sinn Féin,* criado por nacionalistas irlandeses ligados ao IRA (um grupo paramilitar católico e terrorista), o outro é o *People Before Profit,* também criado por irlandeses.

O *Sinn Fé* tem 7 membros entre os 650 da Câmara dos Comuns e nenhum entre os 776 da Câmara dos Lordes, enquanto o *People Before Profit* não tem nenhum

membro em nenhuma das duas câmaras. O partido inglês mais forte é justamente o Partido Conservador, que tem 310 membros na Câmara dos Comuns e 238 na Câmara dos Lordes, fundado em princípios protestantes, conservadores e liberais.

Entre 1979 e o ano presente (2019), o Reino Unido teve cinco primeiros-ministros do Partido Conservador (Margaret Thatcher, Sir John Major, David Cameron, Theresa May e Boris Johnson) e dois do Partido Trabalhista (Tony Blair e Gordon Brown). Nos últimos quarenta anos, a direita esteve no poder por 27 anos, e a esquerda por 13. E a última vez que alguém de um partido socialista chegou ao poder foi... nunca.

Enquanto em Portugal, Espanha, Áustria, Itália e França os socialistas ficam longas décadas no poder, o Reino Unido jamais conheceu um primeiro-ministro (ou um monarca) socialista. Por sua tradição liberal, nada impede que os socialistas se organizem como partido e disputem as eleições, mas eles não conseguem enganar facilmente os ingleses usando as mesmas manobras que enganam as pessoas daqui.

Citemos outro exemplo: a Alemanha. Desde 1949, o partido que tem governado por mais tempo é a União Democrata-Cristã, um partido conservador de direita. Durante este período, a Alemanha teve oito primeiros-ministros, sendo cinco deles da UDC (Konrad Adenauer, Ludwig Erhard, Kurt Georg Kiesinger, Helmut Kohl e Angela Merkel) e os outros três da SPD (os sociais-democratas Willy Brandt, Helmut Schmidt e Gerhard Schröder).

Neste período, a direita esteve no poder por 48 anos, e a esquerda por 22. Tal como no caso inglês, a esquerda que às vezes chega ao poder não é uma esquerda socialista, mas uma centro-esquerda moderada que afeta bem menos a economia de seus respectivos países do que a esquerda latino-americana. Dos 15 partidos da Alemanha, apenas um (o *Die Linke*) é socialista, que conta com apenas 69 membros no Parlamento (que possui 709 cadeiras).

A Suíça, por sua vez, possui 12 partidos. Três deles são socialistas, que juntos possuem 45 cadeiras no Conselho Nacional. O partido mais forte é o Partido Popular Suíço, conservador e liberal na economia, que possui 65 cadeiras. A Dinamarca possui 10 partidos, sendo dois deles socialistas, que juntos somam 27 cadeiras na Assembleia, que possui 205 membros. A Finlândia tem também 10 partidos, com um só socialista, que possui apenas 16 membros no Parlamento (de 200).

A Noruega possui 9 partidos, sendo dois deles socialistas, que juntos somam 12 membros no Parlamento (de 169). A Suécia também tem 9 partidos, um deles socialista, que possui 28 membros no Parlamento (de 349). Já a Holanda tem 20 partidos, sendo dois deles socialistas, que juntos somam 44 membros nas duas Câmaras dos Estados Gerais, que contam com 225 cadeiras. Na Austrália há 10 partidos, e nenhum deles socialista. O partido mais representativo ali é o Partido Liberal da Austrália, que defende o conservadorismo liberal.

A vizinha Nova Zelândia tem 5 partidos, um deles socialista, que possui 8 membros na Câmara dos Representantes (de 120). No Canadá, dos 6 partidos existentes, um é socialista, que conta com 40 cadeiras no Parlamento (de 338). Finalmente, no

bipartidarismo norte-americano não há partidos socialistas, embora haja o DSA atuando dentro do Partido Democrata como uma ala radical do mesmo (mas também com relativamente pouca representatividade).

Em suma, enquanto nos países de tradição católica há uma imensidão de partidos socialistas extremamente representativos, que frequentemente chegam ao poder e não poucas vezes fazem um estrago irreparável, nos países de tradição protestante há partidos socialistas, porém em bem menor número, e principalmente com muito menos representatividade.

Em quase todos os casos são partidos inexpressivos, que jamais conseguiram chegar perto de eleger um presidente ou um primeiro-ministro (algo rotineiro nos países católicos). Assim, os fatos concretos, mensuráveis e observáveis lançam por terra a narrativa da apologética católica, segundo a qual o protestantismo é o "pai do comunismo" e leva à "mentalidade revolucionária". Se algo estimula a mentalidade revolucionária, sabemos bem o que é (e não é o protestantismo).

Tanto nos países católicos quanto nos países protestantes (e em qualquer outro lugar onde haja democracia em algum nível) há alternância entre direita e esquerda no poder; o que muda é o *tipo* de direita e de esquerda que predomina em cada lugar, e a *força* que cada um deles possui. Enquanto a direita católica é fundamentalmente uma direita nacionalista e reacionária, pouco distinta economicamente da própria esquerda, a direita protestante é uma direita liberal, diametralmente oposta ao nacionalismo, ao populismo, ao protecionismo, ao paternalismo, ao patrimonialismo e ao estatismo.

Por outro lado, enquanto nos países católicos a esquerda que predomina é uma esquerda radical e declaradamente socialista, que visa a revolução e a luta de classes, que quer abolir a propriedade privada e estatizar tudo, nos países protestantes esse tipo de esquerda é inexpressiva, e a esquerda que às vezes ocupa o poder é consideravelmente mais moderada e compatível em alguma medida com o capitalismo.

É por isso que os Estados Unidos continua sendo o maior símbolo do capitalismo no mundo, mesmo sendo governado por presidentes democratas (da esquerda) metade do tempo. Isso teria sido impossível se a esquerda americana fosse uma esquerda ao maior estilo latino-americano, que ao chegar ao poder trataria de estatizar empresas e elevar os impostos e a burocracia estatal de tal modo que o estrago já teria sido feito antes que outro ocupasse o lugar.

Para ilustrar isso de forma simples, basta lembrar que por muito tempo o que tivemos de mais próximo de uma "direita" no Brasil era o DEM (Democratas), tradicional aliado do PSDB, que ganhou este nome em alusão ao Partido Democrata norte-americano, que é a esquerda de lá. O próprio PSDB, como o próprio nome diz, é social-democrata, uma ideologia considerada de centro-esquerda no mundo todo, embora seja tratado como de "direita" aqui. Se o que nós tínhamos de mais próximo da direita é considerado esquerda nos Estados Unidos e no resto do mundo, isso diz muito sobre o tipo de esquerda que temos aqui.

Como a esquerda americana não é predominantemente socialista, eles não costumam quebrar o país quando chegam ao poder (pelo contrário, os índices econômicos continuaram crescendo nos governos de Obama, Clinton e outros

presidentes democratas). O problema dos países latinos é que a esquerda que aqui predomina é uma esquerda declaradamente anticapitalista, que quando chega ao poder faz de tudo para destruir o pouco de capitalismo que sobrou.

É uma esquerda que ainda está presa na Guerra Fria, que não sabe que o muro de Berlim já caiu e que continua querendo aplicar literalmente o que Marx escreveu dois séculos atrás (e que não funcionava nem naquela época, quanto menos hoje). Quando *essa* esquerda assume o poder, eles dizimam a economia do país ou deixam uma herança maldita para o governo seguinte (que mesmo que seja de direita, irá governar com as mãos atadas).

Muito se fala da social-democracia dos países nórdicos, mas poucos lembram que esses países chegaram a esse nível de riqueza graças ao capitalismo liberal. É muito mais fácil dividir o bolo depois que ele cresceu do que quando está em formação (ou quando nem bolo há). Quando um país latino tenta "copiar o modelo escandinavo" por meio da simples distribuição de riqueza, tudo o que conseguem é dividir as migalhas, em vez de compartilhar riqueza. Se não há capitalismo, não há riqueza para ser distribuída.

Até Lenin sabia disso, razão pela qual reintroduziu o capitalismo em sua Nova Política Econômica (NEP), dando sobrevida à economia soviética. Para ele, a revolução deveria acontecer em etapas: primeiro a etapa de uma revolução burguesa, e apenas depois disso a revolução socialista (afinal, não há como roubar o dinheiro dos outros se os outros não tem dinheiro)[2154]. Ele chamou isso de "um

[2154] GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: das ilusões pedidas à luta armada.* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

passo para trás, para depois dar dois à frente"[2155] (mas depois que começaram a dar os "passos pra frente", viram que teria sido melhor se continuassem dando os "passos pra trás" mesmo).

Ademais, embora a social-democracia faça sucesso nos países nórdicos, eles não são tão tolos a ponto de tentar dinamitar o capitalismo, como fazem os latino-americanos que tentam copiar esse modelo *através de lentes socialistas.* Como Sanandaji comenta,

> é sempre bom ressaltar que, segundo o site Doing Business, nas economias nórdicas, você demora no máximo 6 dias para abrir um negócio (contra mais de 130 no Brasil); as tarifas de importação estão na casa de 1,3%, na média (7,9% no Brasil); o imposto de renda de pessoa jurídica é de 25% (34% no Brasil); o investimento estrangeiro é liberado (no Brasil, é cheio de restrições); os direitos de propriedade são absolutos (no Brasil, grupos terroristas invadem fazendas e a justiça os convida para um cafezinho); e o mercado de trabalho é extremamente desregulamentado. Não apenas pode-se contratar sem burocracias, como também é possível demitir sem qualquer justificativa e sem qualquer custo. E tudo com o apoio dos sindicatos, pois eles sabem que tal política reduz o desemprego. Não há uma CLT (inventada por Mussolini e rapidamente copiada por Getúlio Vargas) nos países nórdicos.[2156]

[2155] MUNDO EDUCAÇÃO. *NEP.* Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/nep.htm>. Acesso em: 16/11/2019.
[2156] SANANDAJI, Nima. *Mitos nórdicos: "impostos e gastos públicos altos são populares".* Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2161>. Acesso em: 16/11/2019.

Em outras palavras, enquanto a esquerda dos países latinos tenta a todo o custo conspirar contra o capitalismo e dificultar ao máximo a vida de empresários (que são os vilões do maniqueísmo marxista), a esquerda dos países nórdicos sabe que *precisa* do capitalismo para continuar produzindo riqueza, razão pela qual *facilita* o capitalismo ainda que com uma taxa maior de impostos do que um país tipicamente liberal. Enquanto o objetivo da esquerda dos países católicos é derrubar o capitalismo e implementar uma revolução que não deu certo em lugar nenhum, a esquerda dos países protestantes sabe da importância do capitalismo para a economia e busca adaptá-lo, não destruí-lo (ainda que essa adaptação não seja lá coisa boa).

Essa diferença mais do que fundamental, baseada na disparidade entre as esquerdas, explica por que os países de tradição protestante continuam sempre crescendo apesar da alternância no poder, enquanto os países de tradição católica tem um crescimento muito mais lento (isso quando não há recessão), apesar de ter a mesma alternância (geralmente entre uma esquerda radical que estraga tudo e uma esquerda um pouco mais moderada que estraga um pouco menos).

E a razão pela qual a esquerda nos países católicos é tão mais hostil ao capitalismo do que a esquerda protestante tem muito a ver com a hostilidade histórica do papado ao capitalismo, que cultivou nos povos de tradição católica desde cedo a cultura de que o capitalismo é cruel e perverso, responsável por causar pobreza e desigualdade. Isso ajuda a explicar por que nos Estados Unidos nunca houve um partido socialista, ou mesmo pensadores marxistas relevantes.

Tampouco possuem eles movimentos sem-terra como o nosso MST, já que no capitalismo americano muito mais gente prospera e tem condições de adquirir prosperidade, enquanto em nosso país de tradição oligárquica ter terras era um privilégio para poucos (desde a época colonial a Coroa portuguesa tinha o costume de distribuir terras apenas a uma pequena elite oligárquica através do sistema de capitanias hereditárias).

É sempre válido lembrar que por mais esquerdista que seja, o Partido Democrata está longe de ser um PSOL, PSTU, PCO ou mesmo um PT da vida, visto que na política americana o socialismo sempre foi visto com maus olhos, como o antagonismo total a tudo o que os Estados Unidos representa.

Recentemente, políticos republicanos e democratas deixaram bem claro que, sejam quais forem suas diferenças, ambos concordam que na cultura política norte-americana o apoio ao capitalismo é inegociável, como disse a democrata Nancy Pelosi (presidente da Câmara dos Representantes e grande adversária de Trump) a um interlocutor socialista durante uma entrevista à CNN[2157]. Palavras assim dificilmente sairiam da boca de um esquerdista brasileiro, seja ele qual for.

Até pouco tempo seria escandaloso um americano se dizer socialista, e os democratas se defendiam com veemência das acusações de socialismo. Os poucos socialistas americanos se organizavam em grupos pequenos e sem qualquer representatividade na Câmara ou na vida política americana. Isso tem mudado em

[2157] DETTLOFF, Dean. *The Catholic Case for Communism*. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2019/07/23/catholic-case-communism>. Acesso em: 11/11/2019.

tempos recentes, quando o Partido Democrata decidiu aceitar a adesão de socialistas do DSA, os quais, embora ainda sejam minoria no partido, quase conseguiram eleger Bernie Sanders nas prévias de 2016 do Partido Democrata, o qual acabou derrotado por muito pouco para Hillary Clinton (que depois perdeu as eleições gerais contra Trump).

Os dados da pesquisa Gallup mostram que o socialismo vem crescendo nos Estados Unidos na mesma proporção em que o índice de protestantes vem diminuindo[2158]. A mesma pesquisa também confirmou o óbvio: essa aceitação é bem maior entre os democratas do que entre os republicanos, o que, como vimos, deve-se em grande parte à influência de imigrantes oriundos de países católicos com uma cultura, criação e educação totalmente diferentes da cultura americana tradicional.

Se os Estados Unidos ainda fosse tão protestante como outrora, provavelmente a esquerda continuaria vencendo eleições de vez em quando, mas teria que se adaptar, moderar seu discurso e entrar na linha se quisesse que isso acontecesse. Basta um simples olhar no mundo à nossa volta para perceber que quanto menor é a influência protestante em um país, mais radicalizada a esquerda deste país tende a ser – precisamente por não ver essa necessidade de moderação e adaptação.

Uma esquerda que se diz socialista jamais ganharia uma eleição geral nos Estados Unidos, embora atualmente tenha chances reais de vencer uma eleição primária entre os democratas, que são rejeitados pela vasta maioria dos evangélicos.

[2158] NEWPORT, Frank. *Democrats More Positive About Socialism Than Capitalism*. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/240725/democrats-positive-socialism-capitalism.aspx>. Acesso em: 16/11/2019.

Podemos mesmo assegurar que se não fosse a influência protestante, que constitui a principal base do Partido Republicano, a política americana estaria completamente entregue aos democratas, o que logo resultaria numa radicalização à esquerda. É precisamente isso o que constatamos em países onde a influência protestante é baixa ou nula.

Se um olhar ao que acontece no mundo nos faz concluir que a influência protestante implica numa guinada à direita (ou para ser mais preciso, ao conservadorismo liberal), um olhar na história nos faz entender o porquê. Cairns afirma que Lutero "se opunha ao recurso da revolução para derrubar um governo arbitrário e opressivo, por entender que o tempo ou inimigos externos corrigiriam a situação"[2159], e Fischer acrescenta que "Lutero sempre rejeitou energicamente a ideia de que o evangelho, pregado por ele, levaria à revolução"[2160].

Cabe lembrar aqui a veemente oposição de Lutero à revolta dos camponeses, que se associava em sua época a uma revolução socialista (como abordamos no volume anterior). Como Mehring corretamente acentua, "na ótica dos marxistas, Müntzer foi o autêntico líder revolucionário, e Lutero o traidor de todos os elementos revolucionários"[2161]. Calvino, da mesma forma, "se posicionava consistente contra a revolução política"[2162].

[2159] CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 267.
[2160] FISCHER, Joachim. *Lutero e Müntzer.* São Leopoldo: Estudos Teológicos, 1989. v. 29, p. 12.
[2161] MEHRING, Franz. *Deutsche Geschichte vom Ausgange des Mittelalters, ein Leitfaden fur Lehrende und Lernende.* 6ª ed. Berlim: Dietz, 1952, p. 44.
[2162] LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 341.

O sociólogo e historiador francês Jean Baubérot observou que o modelo político do protestantismo francês «deriva mais do modelo puritano que do modelo jacobino», no sentido de que "o protestante é imune às ideologias e aos modelos políticos utópicos, e espera da sociedade não que ela fixe a cada indivíduo «um destino social comum», mas que lhe subministre simplesmente «os meios de atingir a florescência individual»"[2163].

Como já foi observado, na Inglaterra havia muitos iluministas na época da Revolução Francesa, mas não ocorreu nenhum movimento revolucionário análogo ao que se desenvolveu na França. Muito disso se deve a avivalistas evangélicos como John Wesley, que moldou o espírito do povo inglês de um modo que a religião católica era incapaz de produzir na França. Como disse o historiador irlandês William Lecky, "o Grande Avivamento causado por Wesley ficou conhecido como a influência que salvou a Inglaterra de uma revolução igual a que, na mesma época, deixou a França em ruínas"[2164].

Se os padres com sua missa em latim eram incapazes de falar ao coração e atraíam a indiferença e até mesmo a hostilidade do povo francês, a Inglaterra de Wesley, Spurgeon e Bunyan se inflamava com a palavra de Deus pregada em alto, bom e inteligível som, atraindo enormes multidões que encontravam descanso e conforto em Cristo. Como comenta Severo, "a diferença básica é que nas igrejas católicas o

[2163] BAUBÉROT apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 16.
[2164] LECKY apud BOYER, Orlando. *Heróis da Fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo.* São Paulo: CPAD, 2002, c. 7.

evangelho não é tão proeminentemente pregado quanto nas igrejas evangélicas. Esse é o segredo contra o comunismo: a proclamação do evangelho"[2165].

De fato, Marx foi o primeiro a constatar que a religião, quando levada a sério e vivida com a alma, é o maior obstáculo à mentalidade revolucionária. Descrevendo-a como o «ópio do povo»[2166], ele sabia que para uma revolução ter sucesso era necessário a supressão da religião ou uma religião tão morta quanto inoperante, que fosse incapaz de fazer resistência ao ímpeto revolucionário. Ou seja, o tipo de religião que existia na França.

Biéler também ressalta a contribuição do movimento iniciado por Wesley na Inglaterra e de outros movimentos igualmente importantes que impactaram as classes populares, o que ajudou a evitar que os mais pobres vissem no comunismo a única saída para as suas mazelas:

> Verificar-se-á que, graças à penetração do individualismo desenvolvido pelo liberalismo econômico nos países latinos fiéis ao catolicismo romano, tais regimes democráticos neles se estabelecerão embora progressiva e tardiamente, mas não sem sofrimento e violentas reações contra-revolucionárias. Constatar-se-á também que, nesses mesmos países, o comunismo penetrará mais rapidamente e será muito mais ativo e virulento que naqueles outros. Na Inglaterra, por exemplo, o notável esforço do metodismo

[2165] SEVERO, Julio. *Billy Graham e o fator esquecido na derrubada do comunismo soviético*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/2019/11/billy-graham-e-o-fator-esquecido-na.html>. Acesso em: 06/12/2019.
[2166] MARX, Karl. "Marx and Engels: Basic Writings on Politics and Philosophy". In: FEUER, Louis S (ed.). *Marx and Engels: Basic Writings on Politics and Philosophy*. Londres: Fontana, 1959, p. 304.

> protestante no intuito de acudir e mesmo sustentar na luta as camadas miseráveis do proletariado, no curso da Revolução Industrial, encorajou muito cedo um trabalhismo moderado e democrático que por longo tempo erigiu barreiras ao comunismo. Desde os primórdios, a Reforma correspondeu, também, à expectativa dos pobres propondo, como fez em Genebra por exemplo, um novo humanismo social, o do Cristianismo srcinal. Tais serão, nos países reformados, os fundamentos de uma democracia equilibrada tanto quanto de prosperidade relativamente equitativa para todos.[2167]

Em suma, a mentalidade capitalista e empreendedora, a liberdade econômica, os direitos civis e a democracia moderna são heranças que remontam à Reforma, conquistadas a penas e duras penas por quem levava uma Bíblia na mão e uma nova e desafiadora visão de mundo no coração, que transformariam o mundo para sempre.

[2167] BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 31.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos pensam a história como uma repetição cíclica de eventos, ou como uma longa linha de evolução gradual e natural. Tudo neste livro vem a se opor a isso. Como vimos no capítulo 1, a história do mundo até o capitalismo é uma longa linha reta de estagnação econômica que permanece praticamente inalterável por milênios.

Podemos apontar muitas diferenças *culturais* entre um egípcio do tempo dos faraós e um católico da França medieval, mas ambos tinham o mesmo padrão econômico, a mesma expectativa de vida, a mesma (falta de) tecnologia, a mesma medicina precária, o mesmo nível de analfabetismo, as mesmas condições sofríveis de higiene e saneamento, o mesmo contingente populacional vivendo em extrema-pobreza e quase a mesma ignorância sobre o mundo.

Então, por mais que um cultuasse Ámon e o outro Maria, que um construísse pirâmides e o outro catedrais, que um colocasse seus mortos em sarcófagos e o outro os enterrasse, o *nível de vida* de um e do outro eram mais próximos do que parece – não obstante os três milênios que separam um do outro. Se um cidadão de Mênfis viajasse milhares de anos no tempo até Paris do século XIII, ele encontraria traços culturais bem diferentes, mas nada que o surpreenderia mais do que uma longa viagem para regiões longínquas de sua própria época. Dá mesmo pra se discutir se ele adivinharia que viajou no tempo, se não soubesse disso.

Imagine agora um francês medieval usando essa mesma máquina do tempo para viajar ao mundo moderno, passados apenas alguns séculos. Ele encontraria um mundo com carros, aviões, metrô, computador, internet, redes sociais, TV digital, smartphones, vídeo-game, teleconferência, GPS, cinema 3D e filmes 4D, realidade virtual e realidade aumentada, drones, ~~TekPix~~, reconhecimento facial, foguetes, estação espacial, telescópio Hubble, robôs em Marte, impressora 3D e inteligência artificial – isso sem falar em coisas "básicas" e "simples" para nós (mas igualmente impressionantes para eles), como geladeira para conservar o alimento, microondas para aquecê-lo rapidamente, relógio de pulso para contar as horas, calculadora para resolver operações difíceis em questão de segundos, esteira pra perder peso sem precisar sair do lugar e fones de ouvido para ouvir a qualquer momento aquilo que só se ouvia em ocasiões solenes.

Melhor ainda, ele encontraria vacinas que previnem as crianças de doenças contra as quais elas não tinham nenhuma opção senão esperar pela morte, encontraria idosos de 70 anos muito mais bem preservados que os que tinham 40 em sua época, se depararia com uma medicina muito mais avançada com remédios e operações para quase tudo, teria energia elétrica em casa e nas ruas, não encontraria ninguém sendo queimado em praça pública por "heresia" e a única bruxa seria a sogra.

Ele ainda ouviria falar de guerras, mas bem menos do que em sua época; ainda veria fome, mas no geral as pessoas comuns seriam mais bem alimentadas que os nobres de seu tempo; ainda encontraria sujeira nas ruas, mas não as fezes a céu aberto que enchiam as calçadas das cidades; ainda encontraria analfabetos, mas quase todo

mundo saberia ler e os livros estariam disponíveis em toda parte, sendo escritos até mesmo por gente simples e sem recursos.

Com certeza, esse francês medieval não pensaria ter viajado no tempo: acharia que mudou de planeta!

O que explica que tanta coisa tenha mudado nos últimos séculos, mas que, à exceção das mudanças culturais, tão pouco tenha se alterado ao longo de milênios até então? A resposta para isso certamente não é uma "evolução lenta, contínua e gradual" da sociedade, como alguns que ainda pensam que o mundo evolui "naturalmente". O que notamos é que o mundo evoluiu muito pouco até alguns séculos, quando houve uma *ruptura* no padrão estabelecido até então, dando início a uma nova era que se distanciou de tal modo da antiga realidade que é como se esta fosse parte de um mundo completamente diferente do nosso.

Não houve uma continuidade, mas uma *ruptura* que *transformou* a realidade do mundo de forma verdadeiramente *revolucionária.* Os avanços que hoje nos parecem "naturais" foram, na verdade, o resultado de séculos de luta ideológica envolvendo velhas ideias que reinavam como verdade absoluta, e ideias novas que ganharam espaço na sociedade. O que é preciso entender é que não existe uma força imaginária que faz o mundo progredir por si só: o que muda o mundo são ideias, e *ideias tem consequências,* seja para o bem ou para o mal.

Como vimos no capítulo 2, a Reforma foi uma luz no escuro que revolucionou toda a ética medieval relacionada ao trabalho, poupança e lucro, o que fez florescer o capitalismo em todos os países por ela influenciados, e, mais tarde, em quase todo

o mundo globalizado. Um exemplo de como o mundo não progride por conta própria são os ideais de liberdade, que ainda hoje são estranhos a grande parte do mundo oriental, em especial os estados muçulmanos.

Eles nunca passaram pela mesma transformação do Ocidente; ou seja, permanecem iguais o Ocidente era até a Reforma. Ideias que hoje nos parecem tão imprescindíveis e inegociáveis, tais como liberdade de expressão, liberdade de culto e liberdade política (expressa na forma de direitos civis) permanecem ainda hoje tão estranhas ao mundo islâmico e às ditaduras de partido único comunista da China e da Coreia do Norte quanto eram em todo o mundo ocidental até a Reforma.

Em outras palavras, as ideias que se firmaram no Ocidente, sobretudo após a consolidação da Reforma Protestante, ainda hoje encontram forte resistência no mundo oriental – a mesma resistência que o próprio Ocidente experimentou na forma de Inquisição, caça às bruxas, Guerra dos 30 Anos, absolutismo, totalitarismo e autoritarismo. Não foi senão com luta, suor e sangue que as ideias liberais se estabeleceram no Ocidente, e é com luta, suor e sangue que até hoje tentam encontrar espaço no Oriente – enfrentando pela frente a resistência de grupos nacionalistas racistas, de facções islâmicas terroristas e de ditaduras sanguinárias socialistas.

Um dos mais célebres investigadores chineses escreveu:

> Uma das coisas que nos pediram para investigar foi a causa do sucesso, aliás, da supremacia do Ocidente relativamente ao resto do mundo. Estudamos tudo que se possa imaginar, de uma perspectiva

> histórica, política, econômica e cultural. Primeiro, pensamos que foi porque tiveram melhores armas do que nós. Depois, pensamos que foi porque tiveram o melhor sistema político. A seguir, passamos ao sistema econômico. Mas durante os últimos vinte anos, percebemos que o coração da vossa cultura é a vossa religião: o Cristianismo. Foi essa a causa do poder do Ocidente. Foi a base moral cristã da vida social e cultural que possibilitou o surgimento do capitalismo e, mais tarde, a transição com sucesso para a democracia. Nós não temos qualquer dúvida sobre isso.[2168]

Embora não haja nada de errado na resposta, deve-se ressaltar que a «causa do poder do Ocidente» é uma *forma específica* de Cristianismo, que não se desenvolveu no Ocidente anterior ao século XVI, tampouco na Cristandade oriental.

Como vimos no capítulo 1, o Ocidente era inferior em muitos aspectos ao Oriente antes da Reforma, mas o Oriente não desenvolveu nada parecido com o que se observou nos países influenciados pela Reforma. Foi o Cristianismo *protestante* a causa do poder do Ocidente, com sua ética peculiar e bem diferenciada da católica romana e da ortodoxia oriental (que jamais causaram qualquer progresso notável em suas terras).

Na verdade, Thomas Woods não estaria tão errado em dizer que a Igreja Católica construiu a civilização ocidental, se ele acrescentasse o importante adendo de que se referia especificamente à civilização ocidental *medieval,* quando a Igreja detinha

[2168] AIKMAN, David. *Jesus in Beijing: How Christianity Is Transforming China and Changing the Global Balance of Power*. Washington, DC: Roguery, 2003, p. 5.

todo o poder e a sociedade ocidental como um todo era extremamente pobre, terrivelmente desigual, perturbadoramente intolerante e atrasada até mesmo em relação ao mundo bizantino e árabe.

A verdadeira grandeza do Ocidente não se deve aos gregos, nem aos romanos, muito menos à Igreja Católica, mas à Reforma. Todos contribuíram em alguma medida, mas só a Reforma *revolucionou* o mundo, elevando-o a patamares maiores e bem mais expressivos dentro de um período de tempo muito mais curto. Lopes tem razão quando diz que

> a verdade sempre traz benefícios: as nações que cresceram sugando o leite da verdade, colonizadas pelo protestantismo, foram nações ricas, fortes e prósperas, enquanto as que cresceram sob o báculo do papa foram nações pobres e atrasadas. A Reforma não foi um desvio da Igreja Romana, mas uma volta ao Cristianismo apostólico[2169].

O mundo não é uma linha ascendente de evolução, nem uma repetição cíclica de eventos previsíveis, mas uma folha em branco que só pode ser mudada se for preenchida com novas ideias. Por isso, como Allen escreve, as «cinco solas» da Reforma (Sola Scriptura, Sola Fide, Sola Gratia, Sola Christus e Soli Deo Gloria), "ainda que dirigidas exclusivamente a imprimir caráter às novas igrejas evangélicas e em seus fiéis, acabaram por desencadear efeitos não previstos pelos reformadores, até chegar a transformar as bases materiais e sociais dos países que abraçaram a Reforma"[2170].

[2169] LOPES, Hernandes Dias. *O papado à luz da Bíblia e da história*. Disponível em: <http://hernandesdiaslopes.com.br/o-papado-a-luz-da-biblia-e-da-historia>. Acesso em: 20/11/2019.
[2170] ALLEN, R. Michael, *Reformed Theology*. Londres: T&T Clark, 2010, p. 77.

Ou, como diz Alves de uma forma mais simples, "o mundo moderno é um fruto do protestantismo"[2171]. Presumivelmente, o mundo sem a Reforma continuaria apresentando os mesmos padrões acompanhados até então, e viveríamos numa Idade Média prolongada. O comércio, o lucro e o empreendedorismo continuariam sendo demonizados, e consequentemente o capitalismo seguiria obstruído em prol de uma visão estatizante e feudal de mundo que caracterizou toda a hierarquia social por séculos.

Sem a Reforma, o capitalismo não teria se desenvolvido; sem capitalismo, não haveria indústria (mas no máximo artesãos trabalhando em guildas, como no modo antigo, ineficiente e improdutivo de produção), e sem indústria não teríamos tecnologia (mas no máximo a tecnologia precária que existia antes). Assim, os ideais da Reforma não impactaram somente a religião, mas revolucionaram o mundo como um todo.

Como Weber assinala, numa época marcada por uma religiosidade tão aguda, "só o poder dos movimentos religiosos – não somente ele, mas ele em primeiro lugar – poderia criar as diferenças que sentimos hoje"[2172]. Oliveira acrescenta que "o espírito da Reforma desenvolveu firme vontade de transformação religiosa, política e social"[2173], e para Delgado "as alterações econômicas promovidas pelo espírito

[2171] ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 91.
[2172] WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 80.
[2173] OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009, p. 63.

protestante foram profundas"[2174], visto que "o pietismo alemão e o puritanismo inglês favoreceram a austeridade e o enriquecimento capitalista"[2175].

A Reforma, nas palavras de Jean-Bernard Racine, contribuiu intensamente para o desenvolvimento das sociedades democráticas industriais[2176], modelando toda a vida econômica, social e cultural[2177]. Como o Dr. Wolkmer destaca,

> não se pode deixar de reconhecer a influência do protestantismo na gênese do capitalismo moderno, na formulação da mentalidade livre individualista, na valoração da consciência moral, na contribuição da filosofia dos direitos humanos e, fundamentalmente, no impulso para a moderna concepção de jusnaturalismo.[2178]

Em Worms, Lutero estava sozinho quando disse em sua defesa que "não posso e nem quero retratar-me de coisa alguma, pois não é nem seguro e nem correto agir contra a consciência"[2179]. Séculos mais tarde, uma dúzia de nações reformadas faria coro ao apelo de Lutero, assegurando e consolidando o direito à liberdade de consciência.

[2174] CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3, p. 130.
[2175] ibid, p. 129.
[2176] RACINE apud BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 10.
[2177] XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012, p. 26.
[2178] WOLKMER, Antônio Carlos. "Cultura Jurídica Moderna, Humanismo Renascentista e Reforma Protestante". *Revista Sequência*, nº 50, p. 9-27, jul. 2005, p. 20.
[2179] LUTERO apud SAUSSURE, A de. *Lutero: o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja.* São Paulo: Editora Vida, 2004, p. 73.

A partir delas, o mundo conheceria também o direito à liberdade política e econômica, emergindo o capitalismo e construindo os trilhos de um progresso nunca antes visto e tampouco sonhado, pelo qual o mundo trilharia os séculos seguintes. Em 500 anos, a ética reformada trouxe luz ao obscurantismo, quebrou os grilhões do passado e revolucionou o mundo.

ADENDO:

• Este é o segundo volume de uma série de três livros sobre as contribuições da Reforma Protestante no mundo contemporâneo. Todos os meus livros estão disponíveis gratuitamente na versão digital, que você pode baixar na página dos livros (www.lucasbanzoli.com/2017/04/0.html), ou adquirir a versão impressa através do Clube de Autores.

• Se você gostou deste livro ou o considera importante, **divulgue-o** aos seus amigos e conhecidos. Envie livremente este PDF a quem você puder, sua divulgação é **fundamentalmente importante** para que a mensagem deste livro chegue adiante. Eu não posso fazer mais do que escrever, mas é você quem tem a capacidade de tornar este trabalho relevante.

• Visite o meu site, onde estou sempre publicando artigos sobre os mais diversos temas da teologia e da história, meu canal no YouTube, onde postarei vídeos novos, e siga-me no Facebook para estar por dentro das atualizações:

• **Site:** www.lucasbanzoli.com

• **Facebook:** www.facebook.com/lucasbanzoli1

• **YouTube:** https://www.youtube.com/channel/UCIWkZNgtKfDDqITGYICPKAA

• Qualquer dúvida ou sugestão pode ser feita em um comentário em qualquer post do meu site, onde respondo a todos prontamente.

REFERÊNCIAS

• Fontes impressas

AIKMAN, David. *Jesus in Beijing: How Christianity Is Transforming China and Changing the Global Balance of Power*. Washington, DC: Roguery, 2003.

ALLEN, R. Michael, *Reformed Theology*. Londres: T&T Clark, 2010.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância.* São Paulo: Edições Loyola, 2004.

AQUINAS, St. T. *Summa theologiae*. London: Blackfriars, 1963.

ARRIGHI, Giovanni. *The Long Twentieth Century*. London: Verso, 2002.

ASIMOV, Isaac. *La formación de América del Norte desde los tiempos primitivos hasta 1763*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

ATTALI, Jacques. *1492: os acontecimentos que marcaram o início da era moderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. *A Inquisição.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

BAKER, Robert A. *Compendio de la historia cristiana.* El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1974.

BALLESTEROS, Manuel; ALBORG, Juan Luis. *Historia Universal Hasta el Siglo XIII*. 4ª ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1967.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *V Congresso Nacional da ANPTECRE – Religião, Direitos Humanos Laicidade*. Teologia da Libertação e Geração Universitária, 2015.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Igreja, Estado e educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

BARREIRA, Tiago Cabral. "A Sociedade de Confiança: Ensaio sobre a Origem e a Natureza do Desenvolvimento". *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia*. v. 3, n. 2 (Edição 6), jul/dez. 2015.

BASTOS, Plínio. *História do Mundo - da pré-história aos nossos dias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Império, 1983.

BAUER, P. T. *West African Trade: A study of competition, oligarchy and monopoly in a changing economy*. Cambridge University Press, 1954.

BAXTER, Richard. *A Christian Directory, Or, A Body of Practical Divinity and Cases of Conscience: Christian ethics.* Cambridge: Richard Edwards, 1825, p. 376. v. 1.

BAYNES, Norman H. *The Speeches of Adolf Hitler, April 1922 – August 1939*. Oxford: Oxford University Press, 1942.

BEAUVAIS, Robert. *Nous serons tous des protestants*. Paris: Plon, 1976.

BELLOC, Hilaire. *The Servile State*. Indianapolis: Liberty Fund, 1977.

BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã.* São Paulo: Aste, 1967.

BIAGI, Orivaldo Leme. "O Imaginário da Guerra Fria". *Revista de História Regional.* v. 6, n. 1, 2001.

BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes.* São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

BIÉLER, André. *O Humanismo Social de Calvino*. São Paulo: Edições Oikumene, 1970.

BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de João Calvino.* São Paulo: Cultura Cristã, 1990.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo.* São Paulo: Fundamento, 2012.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010.

BLANQUI, Adolphe J. *Historia de la economía política en Europa.* Madrid: Imp. Nicolás Arias, 1839.

BLANSHARD, Paul. *American Freedom and Catholic Power*. Boston: Beacon Press, 1958.

BLEYE, Pedro Aguado. *Manual de Historia de España, Tomo II: Reyes católicos – Casa de Austria (1474 – 1700).* 7ª ed. Madrid: ESPASA-CALPE, S. A., 1954.

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987.

BONNASSIE, Pierre. *From Slavery to Feudalism in South-Western Europe.* Cambrigde University Press, 1991.

BOOCKMANN, Hartmut. *Stauferzeit und Spates Mittelalter: Deutschland 1215-1517.* Berlim: Siedler, 1987.

BOSSENGA, Gail. "Protecting Merchants: Guilds and Commercial Capitalism in lighteenth-Century France". *French Historical Studies*. n. 4, v. 15, 1988.

BOXER, Charles. *O império marítimo português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOYER, Orlando. *Heróis da Fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo.* São Paulo: CPAD, 2002.

BROM, Juan. *Esbozo de historia universal*. 21ª ed. México: Grijalbo, 2004.

BROOKE, Christopher. *Europa en el centro de la Edad Media (962-1154).* Madrid: Aguilar, 1973.

CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2000.

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CALVINO, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Editora Fiel, 2011. v. 2.

CALVINO, Juan. *Institución de la religion cristiana*. Países Bajos: Fundacion Editorial de Literatura Reformada, 1967.

CAMARGO, César S. "A visão de Estado no pensamento da Reforma Protestante". *Revista Grifos: dossiê religião*, Chapecó/SC, n. 17, nov. 2004.

CANTÙ, Cesare. *História Universal.* São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 16.

CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 22.

CANTÙ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. v. 19.

CARMO, Sonia Irene do. *História: passado, presente*. São Paulo: Atual, 1994.

CARVALHO, Delgado de. *História Geral: Idade Moderna.* Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1974. v. 3.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imp*erial. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CECHINATO, Luiz. *Os vinte séculos de caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. *O humanismo em Portugal.* Coimbra: Coimbra Editora, 1926.

CESCA, V. "Origens do pensamento político-educacional de Martinho Lutero". *Revista de Educação*, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, v. 22, n. 2, 1998.

CHATELLIER, Louis. *The Europe of the Devout: the catholic reformation and the formation of a new society.* Cambridge: Cambridge University, 1989.

CHIFFOLEAU, Jacques. *La Compabilité de I'Au-delà: lês hommes, la mort et la religion dans la région d'Avinhão à la fin du Moyen Age (vers 1320-1480).* Roma: École Française de Rome, 1980.

CIPOLLA, Carlo M. *Guns, Sails and Empires: technological innovation and the early phases of european expansion, 1400-1700.* Nova York: Minerva Press, 1965.

CLARK, Kenneth. *Civilização.* São Paulo: Martins Fontes, 1980.

COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do Cristianismo: 2000 anos de fé.* São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CONSTANTINO, Rodrigo. *Esquerda caviar: A hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo*. São Paulo: Record, 2013.

COOK, Chris; BROADHEAD, Philip. *The Routledge Companion to Early Modern Europe, 1453-1763*. London: Routledge, 2006.

COOPER, John W. "The outlines of political theology in the Protestant Reformation". *Teaching Political Science*, Beverly Hills, v. 10, n. 1, 1982.

COSTA, Herminsten M. P. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

COSTA, Hermisten M. P. da. *Pensadores Cristãos: Calvino de A a Z*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

COUDENHOVE-KALERGI, Richard Nikolaus Graf. *Crusade for Pan-Europe*. New York: G. P. Putnam's sons, 1943.

COURTOIS, Stéphane. *O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror, Repressão*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

CURTIS, A. Kenneth. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China.* São Paulo: Editora Vida, 2003.

D'AUBIGNÉ, Merle J. H. *História da Reforma do décimo-sexto século.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1962. v. 5.

DEANESLY, Margaret. *A História da Igreja Medieval: de 590 a 1500.* São Paulo: Ed. Custom, 2004.

DIAS, Arthur. *O Problema Naval: condições atuais da marinha de guerra e seu papel nos destinos do país.* Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1899.

DIAS, Thiago Fernando. "A religiosidade sustentada pelo medo: elementos de mudança no imaginário popular a partir da peste do século XIV". *Em tempo de Histórias.* PPGHIS/UnB. Nº. 29, Brasília, Ago-Dez 2016.

DICKENS, A. G. *A Contra-Reforma.* Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

DOUMERGUE, Emile. *Jean Calvin, les hommes et les choses de son temps – Tomo V.* Lausanne: G. Bridel & cie, 1927.

DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.* São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DUCHÉ, Jean. *Historia de la Humanidad II – El Fuego de Dios*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1964.

DUDUCH, João. *História da Igreja.* São Paulo: Novas edições líderes evangélicos, 1974.

FEBVRE, Lucien. *Esboço de um retrato de João Calvino*. Cadernos de Pós-Graduação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

FEUER, Louis S. *Marx and Engels: Basic Writings on Politics and Philosophy*. Londres: Fontana, 1959.

FISCHER, Joachim. *Lutero e Müntzer.* São Leopoldo: Estudos Teológicos, 1989. v. 29.

FISCHER, Joachim. *Lutero e o capitalismo incipiente.* Estudos Teológicos; *Reflexões em torno de Lutero.* São Leopoldo, 21 (número especial), 1981.

FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.

FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma.* Curitiba: Editora Escritores Associados, 2011.

FOURQUIN, Guy. *Senhorio e Feudalidade na Idade Média*. São Paulo: Edições 70, 1970.

FRANCIS, Paulo. *Trinta Anos Esta Noite: 1964, o que vi e vivi.* São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.

FRANCO, Hilário. *As Cruzadas.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

GALTIER, Jacques. *Protestants en Révolution*. Genebra: Labor et Fides, 1989.

GARDNER, Helen; KLEINER, Fred S; MAMIYA, Christin J. *Gardner's Art Through the Ages.* Belmont, CA: Thomson/Wadsworth, 2005.

GÉLINIER, Octave. *Morale de l'entreprise et destin de la nation*. Paris: PLON, 1965.

GEORGE, Timothy. "Ansiando pela graça: Martinho Lutero". In: *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores.* São Paulo: Vida Nova, 1994.

GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

GOLDIE, Mark; WOKLER, Robert. *The Cambridge History of Eighteenth-Century Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GOLDSTONE, Jack. *História global da ascensão do Ocidente – 1500-1850*. Lisboa: Edições 70, 2010.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. "O Pensamento de João Calvino e a Ética Protestante de Max Weber, Aproximações e Contrastes". *Fides Reformata.* São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n. 2, 2002.

GÓMEZ DE SOUZA, L. A. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984.

GONZAGA, João Bernardino Garcia. *A Inquisição em seu Mundo*. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

GONZÁLEZ, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo.* São Paulo: 2011. v. 1.

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: das ilusões pedidas à luta armada.* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

GOTHEIN, Eberhard. *Wirtschaftsgeschichte des Schwarzwalds*. New York: K.J. Trübner, 1970.

GRIMBERG, Carl. *História Universal: As lutas empreendidas nos séculos XVI-XVII.* Estocolmo: Publicaciones Europa-America, 1940. v. 11.

HABER, Stephen. *How Latin America Fell Behind: Essays on the Economic Histories of Brazil and Mexico, 1800-1914*. Califórnia: Stanford University Press, 1997.

HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil.* São Paulo: ASTE, 1989, p. 48.

HARRIS, James F. *German-American Interrelations: Heritage and Challenge.* Tubingen: Tubingen University, 1985.

HERMAN, Jacques. *Guia de história universal*. Lisboa: Edições 70, 1981.

HITCHENS, Christopher. *The Missionary Position: Mother Teresa in Theory and Practice*. Londres: Atlantic Books Ltd, 2012.

HOBSBAWN, Eric. *A era das revoluções*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HOFMANN, Werner. *Luther und die Folgen fur die Kunst.* Munchen: Prestel, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOYKAAS, R. *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna.* Brasília: Editora Polis, 1988.

HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

HUIZINGA, Johan. *The Waning of the Middle Ages: a study of the forms of life, thought and art in France and the Netherlands in the dawn of the Renaissance.* Garden City: Doubleday Anchor, 1956.

HUXLEY, Aldous. *L'Emineza grigia*. Milão: Mondadori, 1966.

JOANILHO, André Luiz. *História Contemporânea II*. Ponta Grossa: NUTEAD, 2011.

JOANILHO, André Luiz. *História Moderna II*. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.

JUTTE, Robert. *Poverty and Deviance in Early Modern Europe.* Cambridge: Cambridge University, 1994.

KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO, MEC, 2007.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação.* São Paulo: Contexto, 2007.

KERTZER, David I. *O papa e Mussolini: a conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa.* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

LAPE, Susan. *Reproducing Athens: Menander's Comedy, Democratic Culture, and the Hellenistic City*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

LASKI, Harold J. *O liberalismo europeu*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

LATOURETTE, Kenneth Scott. *Uma história do Cristianismo: 1500 a.D. a 1975 a.D.* São Paulo: Hagnos, 2006. v. 2.

LAVELEYE, Emílio. *Do futuro dos povos católicos, estudo de economia social*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1951.

LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a Vida*. São Paulo: Brasilíense, 1986.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média e o Dinheiro: ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LE GOFF, Jacques. *La Baja Edad Media*. Madrid: Siglo XXI, 1971.

LE GOFF, Jacques. *Mercaderes y Banqueros en la Edad Media*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LESNICK, Daniel. *Preaching in Medieval Florence: the social world of Franciscan and Dominican spirituality.* Athens: University of Georgia, 1889.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. *Reformas na Europa.* São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LINDSAY, T. M. *A Reforma*. Lisboa: Typ. a vapor de Eduardo Ros, 1912.

LINS, Ivan. *A Idade Média: A Cavalaria e as Cruzadas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pan-Americana, 1944.

LITTLE, Lester K. *Religious Poverty and the Profit Economy in Medieval Europe.* Ithaca: Cornell University, 1978.

LOADES, David. *Elizabeth I: The Golden Reign of Gloriana*. Londres: The National Archives, 2003.

LOBO, Costa; SILVA, António de Sousa. *História da sociedade em Portugal no século XV.* Lisboa: Lisboa Imprenta nacional, 1904.

LOHFF, Wenzel. *450 Jahre Reformation in Hamburg: eine festschrift.* Hamburg: Agentur des Rauhen Hauses, 1980.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios de Santo Inácio de Loiola.* Petrópolis: Vozes, 1959.

LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1995. v. 5.

LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1996. v. 6.

LUTHY, Herbert. *Cahier Vilfredo Paretto*. Genebra, 1963. v. 2.

LUZ, Liliane Pinheiro da. *Inquisição: Poder e Política em Terras Lusitanas (1536-1540).* Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001.

MADDISON, Angus. *The World Economy: A Millennial Perspective*. Paris: OECD, 2001.

MAHMASSANI, Sobhi. *The Economic Thought of Ibn Khaldoun*. Lyon: BOSC Frères, 1932.

MAIOR, Armando Souto. *História Geral.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

MALUCELLI, Laura; FO, Jacob; TOMAT, Sergio. *O livro negro do Cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

MARTINEZ, Jesus P. *Historia Universal: Edad Moderna.* Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas, S. A., 1960. v. 3.

MARX, Karl. *Le Capital*. Paris: Garnier-Flammarion, 1969. v. 1.

MATTINGLY, Garrett. *The Armada.* Boston: Houghton Mifflin, 1962.

MAUROIS, André. *História da Inglaterra.* Rio de Janeiro: Pongetti, 1959.

MAYER, Alicia. "Política contrarreformista e imagen anti-luterana en Nueva España". *Hispania Sacra*, LXVIII. n. 137, enero-junio 2016.

McBRIEN, Richard P. *Os Papas: de São Pedro a João Paulo II.* 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

McGRATH, Alister E. *A Vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

McGRATH, Alister E. *Revolução Protestante.* Brasília: Palavra, 2012.

McGRATH, Alister; McGRATH, Joanna. *O Delírio de Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

McKIN, Donald K. *Grandes Temas da Tradição Reformada*. Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998.

McNEILL, William H. *Plagues and Peoples.* Garden City: Anchor, 1976.

MECHAM, J. Lloyd. *Church and State in Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1966.

MEHRING, Franz. *Deutsche Geschichte vom Ausgange des Mittelalters, ein Leitfaden fur Lehrende und Lernende.* 6ª ed. Berlim: Dietz, 1952.

MELO, Saulo de. *História da igreja e evangelismo brasileiro.* Maringá: Orvalho, 2011.

MENCKEN, Henry Louis. *Prejudices: Second Series*. New York: Alfred A. Knopf, 1920.

MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y religión en los Estados Unidos y Canadá*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Lisboa: Livros do Brasil, 1957.

MORUS, Thomas. *Utopia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

MOUSNIER, Roland. "Os séculos XVI e XVII". In: *História geral das civilizações.* São Paulo: Difel, 1973. v. 1.

MOUSNIER, Roland. *História Geral das Civilizações: Os Séculos XVI e XVII – Tomo IV.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. v. 1.

MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. *História Geral das Civilizações, Tomo V: O Século XVIII – O último século do Antigo Regime.* 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960.

NOEBEL, David. *The Battle for Truth*. Oregon: Harvest House, 2001

NORTH, Douglass C; THOMAS, Robert Paul. *The Rise of the Western World: a new economic history.* Cambridge University Press, 1973.

OLIN, John C. *Catholic Reform: from cardinal Ximenes to the Council of Trent 1495-1563.* New York: Fordham University, 1990.

OLIVEIRA, Antonio José. *A contribuição de Calvino na administração da economia de Genebra no século XVI e seu impacto no mundo contemporâneo.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Rui A. Costa. "Resquícios históricos da presença da Reforma no espaço lusófono, durante o século XVI". *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* – Ano V, 2006, n. 9/10.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *História do Cristianismo em Esboço.* Recife: STBNB Edições, 1998.

OMES, Antonio Máspoli de Araújo. *Ética Cristã, educação e responsabilidade social em Lutero e Calvino*. São Paulo: Arauco Editora, 2005.

PARKER, Geoffrey. "Spain, her Enemies and the Revolt of the Netherlands, 1559-1648". *Past and Present.* n. 49, 1970.

PECES-BARBA MARTINEZ, Gregorio. *História de los Derechos Fundamentales. Tomo I: Transito a la modernidad. Siglos XVI – XVII.* Madrid: Dykinson, 1998.

PEYREFITTE, Alain. *Le Mal Français*. Paris: Plon 1976.

PHILIPPI, Paul; STROHM, Theodor. *Theologie der Diakonie.* Heidelberg: Heidelberger, 1989.

PHILLIPS, Jonathan. *La cuarta cruzada y el saco de Constantinopla*. Barcelona: CRÍTICA, S. L., 2005.

PIJOAN, J. *Historia del Mundo – Tomo Cuatro*. Barcelona: Salvat Editores, 1933.

PIRENNE, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1939.

PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

PIRENNE, Henry. *História Econômica e Social da Idade Média*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1963.

PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, desde el Renascimiento hasta la formación de los grandes estados continentales de Europa.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1953. v. 3.

PIRENNE, Jacques. *Historia Universal: las grandes corrientes de la historia, el siglo XVIII liberal y capitalista.* Barcelona: Ediciones Leo, S. A., 1954. v. 4.

RANDALL, John H. *La formación del pensamiento moderno.* Buenos Aires: Editorial Nova, 1952.

RAPP, Richard T. "The Unmaking of the Mediterranean Trade Hegemony: international trade rivalry and the commercial revolution". *The Journal of Economy History.* n. 3, v. 35, 1975.

RATZINGER, Joseph Aloisius. *Jesus de Nazaré.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

RAUM, Elizabeth. *North Korea. Series: Countries Around the World*. North Mankato: Heinemann, 2012.

RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade – Tomo II*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

RICHARDSON, Anne. *William Tyndale and the Law.* Kirksville: Sixteenth Century, 1994.

RIDENTI, Marcelo. *O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo*. Prepared for delivery at the 1998 meeting of the Latin American Studies Association, The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois. September 24-26, 1998.

ROBERTS, J. M. *O livro de ouro da história do mundo.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ROOT, Hilton L. *The Fountain of Privilege: Political Foundations of Markets in Old Regime France and England*. Berkeley: University of California Press, 1994.

ROPER, Hugh Trevor. *A Formação da Europa Cristã*. Lisboa: Editorial Verbo, 1975.

ROPS, Daniel. *A Igreja da Renascença e da Reforma (I).* São Paulo: Quadrante, 1996.

ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUGERIE, Jacques. *Paris libre 1871*. Paris: Points, 2004.

RUPPELL JÚNIOR, Ivan Santos. *A ética protestante e o pensamento de João Calvino*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

SARTO, Pablo Blanco. *Joseph Ratzinger: uma biografia*. São Paulo: Quadrante, 2004.

SAUSSURE, A de. *Lutero: o grande reformador que revolucionou seu tempo e mudou a história da igreja.* São Paulo: Editora Vida, 2004.

SÉDILLOT, René. *Histoires des colonisations*. Paris: Fayard, 1958.

SEVCENKO, Nicolau. "Meio ambiente, corpos e comunidades". In: *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich*. 3ª ed. New York: Simon & Schuster, 1990.

SIDER, Ronald J. *Cristãos Ricos em Tempos de Fome*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1982.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Uma nação com alma de igreja – religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SILVA, Francisco. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções: 1919-1945: a época dos fascismos, das ditaduras e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. v. 2.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SMITH, Bradley. *Adolf Hitler: His Family, Childhood and Youth*. Stanford: Hoover Institution Press, 1967.

SPITZ, Lewis W. *The Renaissance and Reformation Moviments.* Chicago: Rand McNally, 1971.

STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

TAWNEY, R. H. "Religious Thought in Social and Economic Questions in the Sixteenth and Seventeenth Centuries". *Journal of Political Economy,* 1923.

TAWNEY, R. H. *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A, 1971.

TAWNEY, R. H. *Religion and the Rise of Capitalism: a historical study.* Nova York: Harcourt, 1962.

TOBIAS, J. Lanz. *Beyond Capitalism and Socialism*. New York: IHS Press, 2008.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America.* Nova York: Vintage Books, 1956. v. 1.

TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo I*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958.

TORNELL, Ricardo Vera. *Historia de la Civilización – Tomo II.* Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1958.

VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo I*. 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

VALENTIN, Veit. *História Universal – Tomo II.* 6ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

VAN PRINSTERER, *Guillaume Groen. Ongeloof en revolutie: Eene reeks van historische voorlezingen*. Leiden: S. en J. Luchtmans, 1847.

VAN TIL, Henry R. *O Conceito Calvinista de Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 1.* São Paulo: Anglo, 2008.

VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 2.* São Paulo: Anglo, 2008.

VICENTINO, Cláudio; MOURA, José Carlos Pires de. *Anglo: ensino médio: livro-texto 3.* São Paulo: Anglo, 2002.

VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Idade Média até Tomás de Aquino.* São Paulo: Realizações, 2012. v. 2.

VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Idade Média Tardia.* São Paulo: Realizações, 2013. v. 3.

VOEGELIN, Eric. *História das Ideias Políticas: Renascença e Reforma.* São Paulo: Realizações, 2014. v. 4.

VOGT, Karl A. T. *Johannes Bugenhagen Pomeranus: leben und ausgewahlte schriften.* Elberfeld: R. L. Friedrichs, 1867.

VOYENNE, Bernard. *Historia de la Idea Europea*. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1979.

WALKER, Williston. *História da Igreja Cristã.* São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1967. v. 2.

WALLACE, Ronald S. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Die Protestantische Ethik und der Geis des Kapitalismus*. Tübingen: Holzinger, 1920.

WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism.* New York: Scribner, 1958.

WEGG, Jervis. *The Decline of Antwerp Under Philip of Spain.* Londres: Methuen, 1924.

WELLS, H. G. *História Universal.* 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. v. 4.

WESSON, Robert G. *State Systems: international pluralism, politics and culture.* Nova York: Free Press, 1978.

WHITE, Matthew. *O Grande Livro das Coisas Horríveis: a Crônica Definitiva da História das 100 Piores Atrocidades*. São Paulo: Texto Editores, 2012.

WOLKMER, Antônio Carlos. "Cultura Jurídica Moderna, Humanismo Renascentista e Reforma Protestante". *Revista Sequência*, nº 50, p. 9-27, jul. 2005.

WOOD, Ellen M. *As origens agrárias do capitalismo*. São Paulo, v. 1, n. 10, 2000.

WOODS JR, Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental.* São Paulo: Quadrante, 2008.

WURMBRAND, Richard. *Torturado por amor a Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

XAVIER, Paulo da Costa. *Ética Protestante e Relações de Trabalho: Contribuições do Calvinismo para a Gestão de Pessoas*. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012.

YODER, John. *Aportes de la historia frente a la problematica de la riqueza*. Buenos Aires: Fraternidade Teológica Latino-americana, 1978.

ZIEGLER, Philip. *The Black Death.* London: Penguin, 1969.

ZWETSCH, Roberto E. *Lutero e o Movimento da Reforma.* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1993.

ZWETSCH, Roberto Ervino. "Lutero e o Movimento da Reforma". *Startseite*. Bd. 33, Nr. 1 (1993).

• Fontes digitais

AGÊNCIA BRASIL. *Inflação na Venezuela ultrapassa 1 milhão por cento*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-06/inflacao-na-venezuela-ultrapassa-1-milhao-por-cento>.

AL JAZEERA ENGLISH. *Prison slaves: China is the world's factory, but does a dark secret lurk behind this apparent success story?* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/slaverya21stcenturyevil/2011/10/2011101091153782814.html>.

ALDERMAN, Naomi. *The world's top 50 thinkers 2019*. Disponível em: <https://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/prospect-worlds-top-50-thinkers-2019>.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Dez grandes derrotados da nossa história (ou, como o Brasil poderia ter dado certo, mas não deu)*. Disponível em: <https://spotniks.com/dez-grandes-derrotados-da-nossa-historia-ou-como-o-brasil-poderia-ter-dado-certo-mas-nao-deu>.

ÁLVAREZ, Andrés Beltramo. *"Chinos, quienes mejor realizan la doctrina social de la Iglesia".* Disponível em: <https://www.lastampa.it/vatican-insider-es/2018/02/02/news/chinos-quienes-mejor-realizan-la-doctrina-social-de-la-iglesia-1.33975278?refresh_ce>.

ÁLVAREZ, Gloria. *A distância mínima entre esquerda e direita na AL*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=--2q_0eMdLU>.

ÁLVAREZ, Gloria. *Es vergonzoso que el Papa Francisco se reúna con dictadores*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FPCB6_2Yp8Y>.

ÁLVAREZ, Gloria. *Roda Viva.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8EswUD6JSzk>.

ALVES, Janaina. *Das 4 bilhões de toneladas de alimentos produzidas anualmente em todo planeta, cerca de 50% são desperdiçadas*. Disponível em: <http://www.usp.br/portalbiossistemas/?p=5230>.

AMNESTY INTERNATIONAL. *North Korea: Political Prison Camps*. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/library/asset/ASA24/001/2011/en/2671e54f-1cd1-46c1-96f1-6a463efa6f65/asa240012011en.pdf/>.

AMNESTY INTERNATIONAL. *North Korea: torture, death penalty and abductions - information sheet*. Disponível em: <http://www.amnesty.org/en/documents/ASA24/003/2009/en>.

ANSA. *Papa consulta Boff para escrever nova encíclica*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2014/10/02/papa-consulta-boff-para-escrever-nova-enciclica.htm>.

ARAGÃO, Jarbas. *Haddad diz que "fenômeno evangélico" ditou a sua derrota*. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/haddad-fenomeno-evangelico-derrota/?>.

AUGUSTO, José. *Padre Jose Augusto denuncia o PT e Canção Nova se acovarda!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Qln88pzEHU>.

AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo de. *Padre Paulo Ricardo admite que evangélicos representam o Cristianismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jz_8IflZGVk>.

AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo de. *Padre Paulo Ricardo admite que evangélicos representam o Cristianismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jz_8IflZGVk>.

AZEVEDO, Reinaldo. *A petização e a peemedebização da Canção Nova – Presidente do PT-SP ganha programa na TV da comunidade; na estreia, Gilberto Carvalho e Chalita!* Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-petizacao-e-a-peemedebizacao-da-cancao-nova-8211-presidente-do-pt-sp-ganha-programa-na-tv-da-comunidade-na-estreia-gilberto-carvalho-e-chalita>.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. *Católicos conservadores veem comunismo em sínodo sobre Amazônia no Vaticano.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/catolicos-conservadores-veem-comunismo-em-sinodo-sobre-amazonia-no-vaticano.shtml>.

BALTHAZAR, Ricardo. *Desigualdade é maior no Brasil, mas cresce mais na China, afirma relatório.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/12/1943159-desigualdade-e-maior-no-brasil-mas-cresce-mais-na-china-afirma-relatorio.shtml>.

BASTEN, Christoph; BETZ, Frank. *Beyond Work Ethic: Religion, Individual, and Political Preferences*. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/pol.5.3.67>.

BBC NEWS. *Desigualdade na China: a jovem que se alimentou só de arroz e pimenta por 5 anos*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50288203>.

BBC NEWS. *Na Venezuela, venda de carne podre e cadáveres que explodem por falta de eletricidade em necrotérios.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45882976?SThisFB&fbclid=IwAR3MUoWiQ98NQrU9r8yp23Gick1qTE3P1KXIlAO6LRjzJ5405Ln9yoWHoHk>.

BELLOTE, Caio. *Um recado aos católicos que promovem linchamento virtual ao Presidente Bolsonaro.* Disponível em: <https://templariodemaria.com.br/um-recado-aos-catolicos-que-promovem-linchamento-virtual-ao-presidente-bolsonaro>.

BENTO XVI. *Caritas in Veritate*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>.

BENTO XVI. *Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe.* Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>.

BENTO XVI. *XLVI Dia Mundial da Paz*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20121208_xlvi-world-day-peace.html>.

BETTO, Frei. *A economia de Francisco*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/a-economia-de-francisco-23875547>.

BLANCO, Fabio. *Fascismo de Esquerda*. Disponível em: <http://www.fabioblanco.com.br/fascismo-de-esquerda>.

BOHN, Simone R. "Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006)". *Opin. Publica*, vol. 13, n. 2, Campinas, Nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762007000200006>.

BRASIL PARALELO. *Venezuela: Uma Tragédia do Século 21*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0LuZFE_BRE>.

BRASIL RESISTENTE. *Padre pede ato 'Lula livre' e o povo grita 'Bolsonaro'.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_gDecBABiY>.

BRÍGIDO, Carolina. *STF vai gastar R$ 30 mil em frutas para lanche de ministros e servidores*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/stf-vai-gastar-30-mil-em-frutas-para-lanche-de-ministros-servidores-23936850>.

BRUM, Maurício. *Como o Chile se tornou o melhor país da América Latina*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/como-o-chile-se-tornou-o-melhor-pais-da-america-latina-3cevn7t81qhsopb0ff43iiofu>.

CAMARGO, Cristina. *Deputados brasileiros custam mais do que o dobro dos americanos*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/instituto-millenium/deputados-brasileiros-custam-mais-do-que-o-dobro-dos-americanos>.

CANÇÃO NOVA. *Dinheiro é "esterco do diabo", alerta Papa a empresários*. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/dinheiro-e-esterco-do-diabo-alerta-papa-empresarios>.

CAPLAN, Bryan. *Museum of Communism*. Disponível em: <http://econfaculty.gmu.edu/bcaplan/museum/comfaq.htm>.

CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *A autoridade religiosa do mal*. Diário do Comércio, 29 de janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/a-autoridade-religiosa-do-mal>.

CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *Cultura e desenvolvimento econômico.* Revista Leader (Porto Alegre), agosto de 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nXyBGs0l9Iqv9DYWMBF8LqAs8ogC9uhG/view?fbclid=IwAR2A0lZTI-CWX1H3IIf1TzuT_STEx3aKzgdi0YlSNcwuaWH5rPJili30TpQ>.

CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *O que é um conservador? – Olavo de Carvalho.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ikRrEJ85bXA>.

CARVALHO, Olavo Luiz Pimentel de. *Olavo de Carvalho entrevista Alain Peyrefitte*. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/olavo-de-carvalho-entrevista-alain-peyrefitte>.

CASTRO, Arthur. *Opus Dei: Neofascismo dentro da Igreja Católica*. Disponível em: <http://elcoyote.org/opus-dei-neofascismo-dentro-da-igreja-catolica>.

CHESTERTON, G. K. *Autobiography*. Disponível em: <http://www.gkc.org.uk/gkc/books/GKC-Autobiography.html>.

CIMENTI, Carolina. *Pobreza americana é mais rica do que a brasileira.* Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/pobreza-americana-e-mais-rica-do-que-a-brasileira/n1597268071225.html>.

COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>.

CONSTANTINO, Rodrigo. *Entenda por que a CLT é fascista, apesar de sindicatos e de esquerda acusarem os liberais de fascistas.* Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/entenda-por-que-clt-e-fascista-apesar-de-sindicatos-de-esquerda-acusarem-os-liberais-de-fascistas>.

CONSTANTINO, Rodrigo. *Fuga desesperada do "paraíso" socialista: enquanto os cubanos querem fugir de lá, o PT quer importar o modelo para cá*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/fuga-desesperada-do-paraiso-socialista-enquanto-os-cubanos-querem-fugir-de-la-o-pt-quer-importar-o-modelo-para-ca>.

CORDEIRO, Tiago. *Como foi a ocupação holandesa no Brasil?* Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-a-ocupacao-holandesa-no-brasil>.

CORDERO, Yoani María Sánchez. *Yoani: 'Tentam me calar porque divulgo a Cuba real'.* Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/yoani-tentam-me-calar-porque-divulgo-a-cuba-real>.

CORRÊA, Marcello. *Comissão aprova fundo eleitoral de R$ 2 bilhões para 2020*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/comissao-aprova-fundo-eleitoral-de-2-bilhoes-para-2020-psl-pt-deixarao-de-receber-356-milhoes-24144506>.

DESIDÉRIO, Mariana. *Quanto tempo demora para abrir uma empresa no Brasil?* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/quanto-tempo-demora-para-abrir-uma-empresa-no-brasil>.

DETTLOFF, Dean. *The Catholic Case for Communism*. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2019/07/23/catholic-case-communism>.

DSA PRAXIS. *Abolish Police and Prisons*. Disponível em: <https://medium.com/@DSA_Praxis/abolish-police-and-prisons-fa263c44b3cb>.

DW. *1953: Concordata entre Franco e Santa Sé*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1953-concordata-entre-franco-e-santa-s%C3%A9/a-320240>.

EFE. *Papa critica capitalismo e pede mudanças no sistema socioeconômico*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/02/04/papa-critica-capitalismo-e-pede-mudancas-no-sistema-socioeconomico.htm>.

EL PAÍS INTERNACIONAL. *Papa aprova a beatificação do maior nome da Teologia da Libertação*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/03/internacional/1422976165_889510.html>

EL PAÍS INTERNACIONAL. *Um desertor norte-coreano: "Delatei minha mãe por uma ração de arroz".* Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/18/internacional/1392732706_750079.html>.

ESTADÃO. *A farra dos sindicatos.* Disponível em: <https://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,a-farra-dos-sindicatos,70002479457>.

ESTADÃO. *Brasil concede asilo a atletas cubanos que desertaram no Pan*. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-concede-asilo-a-atletas-cubanos-que-desertaram-no-pan,57875>.

ESTADÃO. *Planalto vê Igreja Católica como potencial opositora.* Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,planalto-ve-igreja-catolica-como-potencial-opositora,70002714758>.

EXAME. *64% dos venezuelanos perderam média de 11kg por falta de alimento*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/64-dos-venezuelanos-perderam-11kg-por-falta-de-alimentos>.

EXAME. *Horrores de campos de concentração norte-coreanos expostos*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/coreanos-sao-expostos-em-comissao-da-onu/>.

EXAME. *Papa diz que "comunistas pensam como os cristãos".* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-diz-que-comunistas-pensam-como-os-cristaos>.

EXAME. *Papa diz que não ficou ofendido por "crucifixo comunista"*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-diz-que-nao-ficou-ofendido-por-crucifixo-comunista>.

EXAME. *Papa diz que vê na crise frutos do "capitalismo selvagem".* Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-diz-que-ve-na-crise-frutos-do-capitalismo-selvagem>.

FANTÁSTICO. *Da capital moderna ao interior atrasado, conheça a vida na Coreia do Norte*. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7038844>.

FEDELI, Orlando. *Economia Liberal, Capitalismo e Socialismo*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/cartas/politica/20050319112251>.

FENACON. *Brasil é o país mais burocrático do mundo, segundo Banco Mundial*. Disponível em: <http://www.fenacon.org.br/noticias/brasil-e-o-pais-mais-burocratico-do-mundo-segundo-banco-mundial-2963>.

FERRARI, Hamilton. *Guerra comercial entre EUA e China afeta economia do Brasil*. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/05/14/internas_economia,1053577/guerra-comercial-entre-eua-e-china-afeta-economia-do-brasil.shtml>.

FLOS CARMELI. *Outras religiões poderiam prestar culto público?* Disponível em: <http://floscarmeliestudos.com.br/outras-religioes-poderiam-prestar-culto-publico>.

FOX NEWS. *Larry Hagman and 'Dallas' helped end communism in Romania*. Disponível em: <https://www.foxnews.com/entertainment/larry-hagman-and-dallas-helped-end-communism-in-romania>.

FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no encontro promovido pelo Movimento dos Focolares.* Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170204_focolari.html>.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>.

FUNDACIÓN RAFAEL DEL PINO. *Espacio Investiga*. Disponível em: <https://espacioinvestiga.org/estadisticas>.

G1. *China diz que maioria dos internos em campos de concentração foram libertados*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/30/china-diz-que-maioria-dos-internos-em-campos-de-concentracao-foram-libertados.ghtml>.

G1. *Chineses em condições análogas à escravidão são resgatados no Rio*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/mais-chineses-em-condicao-analoga-escravidao-sao-resgatados-no-rio.html>.

G1. *Com país em crise, Maduro janta em restaurante famoso na Turquia e é criticado por opositores e venezuelanos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/18/com-pais-em-crise-maduro-janta-em-restaurante-famoso-na-turquia-e-e-criticado-por-opositores-e-venezuelanos.ghtml>.

G1. *Datafolha para presidente por religião, renda, escolaridade, idade e região*. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/datafolha-para-presidente-por-religiao-renda-escolaridade-idade-e-regiao-3-9.html>.

G1. *Desmate acelerado na China ameaça espécie de gibão, diz Greenpeace*. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2011/11/desmate-acelerado-na-china-ameaca-especie-de-gibao-diz-greenpeace.html>.

G1. *Eleição acirra debate sobre impacto do voto evangélico*. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/eleicao-acirra-debate-sobre-impacto-do-voto-evangelico.html>.

G1. *Em sermão na missa de Aparecida, arcebispo critica 'dragão do tradicionalismo' e diz que 'direita é violenta e injusta'*. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2019/noticia/2019/10/12/em-sermao-missa-de-aparecida-arcebispo-critica-dragao-do-tradicionalismo-e-diz-que-direita-e-violenta-e-injusta.ghtml>.

G1. *Escassez de comida leva a longas filas e desespero em Cuba: 'A gente quase se mata para comprar uma língua de porco'*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/02/escassez-de-comida-leva-a-longas-filas-e-desespero-em-cuba-a-gente-quase-se-mata-para-comprar-uma-lingua-de-porco.ghtml>.

G1. *Escravidão moderna atinge mais de 40 milhões no mundo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/20/escravidao-moderna-atinge-mais-de-40-milhoes-no-mundo.ghtml>.

G1. *Estatal de Cuba anuncia que começará a fornecer internet para celular*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/12/05/estatal-cubana-anuncia-que-comecara-a-fornecer-internet-para-celulares.ghtml>.

G1. *Igreja Católica da China jura lealdade ao Partido Comunista após acordo com Vaticano*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/23/igreja-catolica-da-china-jura-lealdade-ao-partido-comunista-apos-acordo-com-vaticano.ghtml>.

G1. *Manifestantes em Hong Kong cantam hino americano e pedem ajuda dos EUA*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/08/manifestantes-em-hong-kong-cantam-hino-americano-e-pedem-ajuda-dos-eua.ghtml>.

G1. *Na Venezuela, falta remédio, comida e até papel higiênico*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/hugo-chavez/videos/v/na-venezuela-falta-remedio-comida-e-ate-papel-higienico/4266101>.

G1. *Papa diz que confrontaria Trump pessoalmente sobre muro na fronteira*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/28/papa-francisco-diz-que-confrontaria-pessoalmente-donald-trump-sobre-muro-na-fronteira-com-o-mexico.ghtml>.

G1. *Papa diz que fabricantes de armas não podem se dizer cristãos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/papa-diz-que-fabricantes-de-armas-nao-podem-se-dizer-cristaos-20150621163504098059.html>.

G1. *Papa diz que Trump não é cristão por suas opiniões sobre imigração*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/02/papa-diz-que-trump-nao-e-cristao-por-sua-opiniao-sobre-imigracao.html>.

G1. *Parlamentares aumentam os próprios salários em 91%.* Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1387610-5601,00-PARLAMENTARES+AUMENTAM+OS+PROPRIOS+SALARIOS+EM.html>.

G1. *Sem luzes noturnas, Coreia do Norte 'desaparece' em foto espacial*. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/02/sem-luzes-noturnas-coreia-do-norte-desaparece-em-foto-espacial.html>.

GABRIEL, Ruan de Souza. *Como a Igreja Católica ajudou a consolidar o fascismo.* Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/05/como-igreja-catolica-ajudou-consolidar-o-fascismo.html>.

GAMBARINI, Alberto. *Papa: multiplicar os bens para todos. Capitalismo produz exclusõe*s. Disponível em: <https://www.encontrocomcristo.com.br/papa-multiplicar-os-bens-para-todos-capitalismo-produz-exclusoes>.

GAPMINDER. *Gini – Data Documentation*. Disponível em: <https://www.gapminder.org/data/documentation/gini>.

GENTEDEOPINIÃO. *Dom Odílio é agredido em missa aos gritos de comunista*. Disponível em: <https://www.gentedeopiniao.com.br/politica-nacional/dom-odilio-e-agredido-em-missa-aos-gritos-de-comunista>.

GFC. *EUA x Brasil: comparando o Poder de Compra*. Disponível em: <http://gestaofinanceiracriativa.com.br/eua-x-brasil-comparando-o-poder-de-compra>.

GIACINTO, Butindaro. *Falsificações e imposturas perpetradas pela Igreja Católica Romana*. Disponível em: <https://portoghese.lanuovavia.org/portoghese_conf_1_ccr_10_falsificazioni_imposture.htm>.

GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 2: controle de armas no mundo comunista – A União Soviética.* Disponível em: <https://defesa.org/dwp/breve-historia-do-desarmamento-parte-2-controle-de-armas-no-mundo-comunista-a-uniao-sovietica>.

GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 3: controle de armas no mundo comunista – O leste europeu e Cuba*. Disponível em: <https://www.defesa.org/breve-historia-do-desarmamento-parte-3-controle-de-armas-no-mundo-comunista-o-leste-europeu-e-cuba>.

GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 4: controle de armas no mundo comunista – China*. Disponível em: <https://defesa.org/dwp/breve-historia-do-desarmamento-parte-4-controle-de-armas-no-mundo-comunista-china>.

GIACONI, Luiz. *Breve história do desarmamento, parte 5: controle de armas na Alemanha Nazista*. Disponível em: <https://defesa.org/dwp/breve-historia-do-desarmamento-parte-5-controle-de-armas-na-alemanha-nazista>.

GORKY, Maxim. *Letter from Gorky to Stalin*. Disponível em: <http://www.loc.gov/exhibits/archives/f2gorky.html>.

GOSPEL PRIME. *Papa é marxista, dizem católicos conservadores*. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/papa-marxista-catolicos-conservadores>.

GOSPEL PRIME. *PT planeja disputar a classe C com líderes evangélicos*. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/pt-planeja-disputar-a-classe-c-com-lideres-evangelicos>.

GREGÓRIO XVI. *Inter Praecipuas.* Disponível em: <https://www.fsspx.com.br/carta-enciclica-inter-praecipuas-sobre-as-insidias-das-sociedades-biblicas>.

GREGÓRIO XVI. *Mirari Vos.* Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=mirarivos&lang=bra>.

HAWK, David. *The hidden gulag – Part Five: summary of torture and infanticide information*. Disponível em: <http://www.hrnk.org/uploads/pdfs/HRNK_HiddenGulag2_Web_5-18.pdf>.

HICKS, Peter. *The British Navy, 1793-1802*. Disponível em: <https://www.napoleon.org/en/history-of-the-two-empires/articles/the-british-navy-1793-1802>.

IG. *Donald Trump rebate crítica e chama papa Francisco de "vergonhoso".* Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2016-02-18/donald-trump-rebate-critica-e-chama-papa-francisco-de-vergonhoso.html>.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro.* Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>.

IZCUE, Júlio Loredo de. *Conferência: A Teologia da Libertação morreu?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6C1ebziX4nk>.

JOÃO PAULO II. *Centesimus Annus*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>.

JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>.

JOÃO PAULO II. *Sollicitudo Rei Socialis*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>.

JONES, Jeffrey M. *The Protestant and Catholic Vote*. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/11911/protestant-catholic-vote.aspx>.

KERTZER, David I. *Hitler, Mussolini e o Papa: o silêncio do Vaticano e os sussurros do Duce diante da ascensão do Führer.* Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hitler-mussolini-e-o-papa>.

KRISTOF, Nicholas D. *Survivors report torture in North Korea labor camps*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1996/07/14/world/survivors-report-torture-in-north-korea-labor-camps.html>.

KÜSTER, Bernardo P. *Eu, o mentiroso! (resposta a Dom Odilo).* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ynebQmkNZHA>.

KÜSTER, Bernardo P. *Fim do Sínodo da Amazônia: Papa, política e pachamama*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9aJj6Fjt6Lg&t>.

KÜSTER, Bernardo P. *Missa vergonhosa por Lula em Aparecida.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ea_gOCZkuU4>.

KÜSTER, Bernardo P. *Profanação – Tirem o PT do altar!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1emyhCFbOcI>.

LA VOZ. *Cipayismo latinoamericano según Bergoglio*. Disponível em: <https://www.lavoz.com.ar/mundo/cipayismo-latinoamericano-segun-bergoglio>.

LAFFALOT, Clarion de. *Como é que o hamburgão da esquina vai concorrer com o McDonald's?* Disponível em: <https://www.patreon.com/posts/como-e-que-o-da-18917579>.

LEÃO XIII. *Libertas Praestantissimum*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/libertas-praestantissimum>.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>.

LENIN, Vladmir. *Letter from Lenin*. Disponível em: <http://www.loc.gov/exhibits/archives/ae2bkhun.html>.

LENIN, Vladmir. *The attitude of the workers' party to religion*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1909/may/13.htm>.

LEWIS, Aaron. *Inside the Lao Gai*. Disponível em: <http://news.sbs.com.au/dateline/inside_the_lao_gai_130581>.

LOPES, Hernandes Dias. *O papado à luz da Bíblia e da história*. Disponível em: <http://hernandesdiaslopes.com.br/o-papado-a-luz-da-biblia-e-da-historia>.

LOPES, Mauro. *Avança diálogo entre o Vaticano e marxistas na Europa*. Disponível em: <https://pazebem.org/igreja/2533/avanca-dialogo-entre-o-vaticano-e-marxistas-na-europa>.

LOPPEUX, Conde. *A máscara da CNBB caiu*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3mSqbC1zVzQ>.

MADDISON, Angus. *The World Economy: A Millennial Perspective*. Disponível em: <https://theunbrokenwindow.com/Development/MADDISON%20The%20World%20Economy--A%20Millennial.pdf>.

MARS, Amanda. *Alexandria Ocasio-Cortez, o fenômeno da nova esquerda em Washington*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/14/internacional/1550183671_937782.html>

MARTÍN, Inés San. *Pope taps James Martin and EWTN chief as communications consultants.* Disponível em: <https://cruxnow.com/global-church/2017/04/12/pope-taps-james-martin-ewtn-chief-communications-consultants>.

MARTÍNEZ, Jessica; SMITH, Gregory A. *How the faithful voted: A preliminary 2016 analysis.* Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis>.

MARX, Karl. *Introduction to a contribution to the critique of Hegel's philosophy of right*. Disponível em: <http://www.quotationspage.com/quote/31765.html>.

MARX, Karl. *MIA: Marxists: Marx & Engels: Library: 1848: Manifesto of the Communist Party: Chapter 2*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1848/communist-manifesto/ch02.htm>.

MARX, Karl. *Private property and communism*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/manuscripts/comm.htm>.

MATTHEWS, Dylan. *This chart shows one of humanity's greatest modern accomplishments*. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/8/13/9145467/extreme-poverty-global-poverty>.

MELO, André. *Igualdade, Causa Formal da Revolução (parte 2).* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nK15PFweGKM&feature=youtu.be>.

MENDES, Lucas. *Império dos mijões.* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/cultura/2010/02/100218_lucasmendes_tp>.

MENEZES, Pedro G. *Distributismo: economia porque as pessoas importam*. Disponível em: <https://medium.com/sociedade-chesterton-brasil/distributismo-economia-porque-as-pessoas-importam-4a7bcdf6013a>.

MISES, Ludwig von. *Fatos e mitos sobre a "Revolução Industrial".* Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1056>.

MORGENSTERN, Flavio. *Guten Morgen 66: A mitologia de Bolsonaro (e O Imbecil Coletivo) – com Filipe G. Martins*. Disponível em: <http://sensoincomum.org/2018/10/03/guten-morgen-66-mitologia-bolsonaro-imbecil-coletivo>.

MÖSENEDER, Roman. *Neonazis e freiras na 'maior manifestação fascista' da Europ*a. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/qv8dmv/6-mil-neonazis-reunidos>.

MUELLER, Antony; MURPHY, Robert. *Por que a bolsa de valores e os especuladores são cruciais para uma economia.* Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2967>.

NARLOCH, Leandro. *Os mitos e omissões da Oxfam sobre a desigualdade*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/os-mitos-e-omissoes-da-oxfam-sobre-a-desigualdade>.

NARLOCH, Leandro. *Três mitos sobre o capitalismo no discurso do papa*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/tres-mitos-sobre-o-capitalismo-no-discurso-do-papa>.

NEUFELD, Jennie. *Alexandria Ocasio-Cortez is a Democratic Socialists of America member. Here's what that means.* Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2018/6/27/17509604/alexandria-ocasio-cortez-democratic-socialist-of-america>.

NEWPORT, Frank. *Democrats More Positive About Socialism Than Capitalism*. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/240725/democrats-positive-socialism-capitalism.aspx>.

NEXO. *Mundo produz comida suficiente, mas fome ainda é uma realidade*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade>.

NICOLAU, Jairo. "Determinantes do voto no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010: uma análise exploratória". *Opin. Publica*, vol. 20, n. 3, Campinas, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762014000300311>.

NORTH, Douglass. *Entrevista concedida à Revista Veja.* 23 de novembro de 2003. Disponível em: <http://desenvolvimentoemquestao.blogspot.com/2009/01/douglass-cecil-north-entrevista-revista.html>.

NUNES, Augusto. *Se o exército de jalecos cubanos não for outra mentira da série dos 6 mil, vai aumentar espetacularmente a taxa de mortalidade estabelecida por militantes do MST diplomados em medicina na ilha-presídio*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/se-o-exercito-de-jalecos-cubanos-nao-for-outra-mentira-da-serie-dos-6-mil-vai-aumentar-espetacularmente-a-taxa-de-mortalidade-estabelecida-por-militantes-do-mst-diplomados-em-medicina-na-ilha-presidio>.

NUNN, Ryan; SHAMBAUGH, Jay. *O lugar onde um salário anual de R$ 450 mil é considerado baixo.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2018/07/1974434-o-lugar-onde-um-salario-anual-de-r-450-mil-e-considerado-baixo.shtml>.

O GLOBO. *Coreia do Norte admite existência de campos de concentração para 'reformar' cidadãos*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/coreia-do-norte-admite-existencia-de-campos-de-concentracao-para-reformar-cidadaos-14179373>.

O GLOBO. *Dom Hélder Câmara recebe título de 'Servo de Deus' da Santa Sé*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/dom-helder-camara-recebe-titulo-de-servo-de-deus-da-santa-se-15813954>.

O GLOBO. *Raúl Castro e Papa Francisco se encontram no Vaticano*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/raul-castro-papa-francisco-se-encontram-no-vaticano-2-16129594>.

O SUL. *Os Estados Unidos possuem 12 mil bancos e cooperativas de crédito*. Disponível em: <http://www.osul.com.br/os-estados-unidos-possuem-12-mil-bancos-e-cooperativas-de-credito>.

O'GRADY, Mary Anastasia. *O socialismo venezuelano: pessoas comendo cachorros, saqueando supermercados e morrendo de inanição*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2410>.

O'GRADY, Mary Anastasia; GARCÍA, Andrea Rondón; ROQUE, Leandro. *O socialismo venezuelano: pessoas comendo cachorros, saqueando supermercados e morrendo de inanição*. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2410>.

PAIVA, Vitor. *União Europeia reflorestou um Portugal inteiro em 15 anos*. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/07/uniao-europeia-reflorestou-um-portugal-inteiro-em-15-anos>.

PAPA FRANCISCO. *Laudato si'*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#_ftn129>.

PARACLITUS. *Denúncia Grave – Coleta da Campanha da Fraternidade financiou MST e ONGS abortistas!* Disponível em: <https://www.paraclitus.com.br/atualidades/denuncia-grave-coleta-da-campanha-da-fraternidade-financiou-mst-e-ongs-abortistas>.

PASSARINHO, Nathalia. *Segundo mais caro do mundo, Congresso brasileiro tem parlamentares demais?* Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46427803>.

PAULO VI. *Populorum Progressio*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>.

PEDROSO, Rodrigo R. *A excomunhão dos comunistas.* Disponível em: <https://apologeticacatolicasite.files.wordpress.com/2016/03/a-excomunhc3a3o-dos-comunistas.pdf>.

PETERSON, Jordan Bernt. *Amar é discriminar*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=__aDvS5fYTQ>.

PEW RESEARCH CENTER. *"Nones" on the Rise*. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2012/10/09/nones-on-the-rise>.

PEW RESEARCH CENTER. *7 facts about American Catholics*. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/10/10/7-facts-about-american-catholics>.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Religião interfere em voto do eleitor*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/28/caderno_especial/35.html>.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. "Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994". *Opin. Publica,* vol. 3 n. 1, Campinas, May. 1995, p. 37. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IE*BMDM_MDA_01319_/v3n1a02.pdf>.

PINTO, Ana Estela de Sousa. *Sem internet nem redes sociais, norte-coreanos ainda falam ao celular*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/sem-internet-nem-redes-sociais-norte-coreanos-ainda-falam-ao-celular.shtml>.

PIO IX. *Quanta Cura*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/action.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=quantacura&lang=bra&action=print>.

PIO IX. *Syllabus*. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=silabo&lang=bra>.

PIO X. *Discorso del Santo Padre Pio X ai Sacerdoti Dell'unione Apostolica in Occasione del Cinquantesimo Anniversario della Fondazione*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-x/it/speeches/documents/hf_p-x_spe_19121118_unione-apostolica.html>.

PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html>.

PIO XII. *Menti Nostrae*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-xii_exh_19500923_menti-nostrae.html>.

PONTIFÍCIO CONSELHO. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja.* Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>.

PORTAL TERRA. *Crianças eram dadas como 'prêmio' para cães na Coreia do Norte*. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/mundo/asia/criancas-eram-dadas-como-premio-para-caes-na-coreia-do-norte,4f4243ec72e64410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>.

PORTAL TERRA. *Do luxo ao lixo: conheça ganhadores da loteria que perderam tudo*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/do-luxo-ao-lixo-conheca-ganhadores-da-loteria-que-perderam-tudo,5c184af60c6ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>.

PORTAL TERRA. *Papa Francisco diz que chegou a hora de uma mudança de sistema*. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/papa-francisco-diz-que-chegou-a-hora-de-uma-mudanca-de-sistema,a9cec7ac7fb6ae4e9abeeddaae55c17bmogeRCRD.html>.

RAEDER, Linda C. *The Liberalism/Conservatism of Edmund Burke and F. A. Hayek: A Critical Comparison*. Disponível em: <http://www.nhinet.org/raeder.htm>.

RAMPELL, Catherine. *The Haves and the Have-Nots.* Disponível em: <https://economix.blogs.nytimes.com/2011/01/31/the-haves-and-the-have-nots/?_r=0>.

REAGAN, Ronald. *Discurso de despedida, 11 de janeiro de 1989.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GlgTwp93E48>.

REPÓRTER DO DIA. *Bolsonaristas ensandecidos invadem a CNBB e agridem verbalmente os bispos e a Igreja católica.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3l5ZyoRDP8U>.

RFI. *China é o país que mais "devora" florestas tropicais, diz Ong*. Disponível em: <http://www.rfi.fr/br/mundo/20121129-china-e-o-pais-que-mais-devora-florestas-tropicais-no-planeta-diz-ong>.

RIBAS, Mariana. *O papa e Mussolini: há 90 anos, um tratado garantia o Vaticano.* Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/tratado-latrao-foto-acordo-papa-mussolini-igreja-fascismo-italia-vaticano-historia.phtml>.

ROJAS, Jose. *El capitalismo vs el socialismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kvl6U-5ZvKA&feature=youtu.be>.

ROSARIO, Mariana. *Dono da Dolly comanda império multimilionário e é rodeado por polêmicas*. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/laerte-codonho-dolly-polemicas-perfil>.

ROSLING, Hans. *200 países, 200 anos, 4 minutos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qe9Lw_nlFQU>.

ROSLING, Hans. *Como não ser ignorante sobre o mundo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Un_NuAlbplo>.

SAILING WARSHIPS. *Small ships & Frigates 1700-1860*. Disponível em: <http://felipe.mbnet.fi/html/small_ships_1700-1860.html>.

SAMUELS, L. K. *Unions in Italy and Germany during the Age of Fascism.* Disponível em: <https://californiapolicycenter.org/unions-italy-germany-age-fascism>.

SANANDAJI, Nima. *Mitos nórdicos: "impostos e gastos públicos altos são populares".* Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2161>.

SANSON, Cesar. *"Nenhum Papa foi tão longe na condenação ao capitalismo como Francisco". Entrevista com Michael Löwy*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/556989-nenhum-papa-foi-tao-longe-na-condenacao-ao-capitalismo-como-francisco>.

SCHRAGER, Allison. *Americans own more stock than ever – how will it change the economy?* Disponível em: <https://qz.com/1700958/more-americans-own-stock-than-ever>.

SCRUTON, Roger Vernon. *Roger Scruton: "Os conservadores dizem o que as pessoas querem ouvir".* Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/06/roger-scruton-os-conservadores-dizem-o-que-as-pessoas-querem-ouvir-cjxg4z6yr03pv01o9m9sfbqfs.html>.

SE LIGA PB. *Lula divulga carta em que Papa Francisco lamenta perdas familiares e pede coragem para o petista 'não desanimar'.* Disponível em: <https://seligapb.com.br/politica/lula-divulga-carta-em-que-papa-francisco-lamenta-perdas-familiares-e-pede-coragem-para-o-petista-nao-desanimar>.

SEVERO, Julio. *Billy Graham e o fator esquecido na derrubada do comunismo soviético*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/2019/11/billy-graham-e-o-fator-esquecido-na.html>.

SEVERO, Julio. *Vaticano autoriza processo de beatificação de Dom Hélder Câmara, patrono da esquerda católica no Brasil*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/2015/04/vaticano-autoriza-processo-de.html>.

SILVA, Leonardo Werner. *Internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos EUA*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Lula explica como a Igreja Católica ajudou-o no socialismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UgF_1tj7a7c>.

SIQUEIRA, Lucília. *O nascimento da América portuguesa no contexto imperial lusitano. Considerações teóricas a partir das diferenças entre a historiografia recente e o ensino de História*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742009000100004>.

SMITH, Alexander. *30 million people still live in slavery, human rights group says*. Disponível em: <http://www.nbcnews.com/news/other/30-million-people-still-live-slavery-human-rights-group-says-f8C11409499>.

SPOTNIKS. *Esses são os mitos que a esquerda precisa parar de acreditar sobre os Estados Unidos*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VeRFaJrsQtk>.

STARK, Rodney. *A Vitória da Razão: Como o Cristianismo gerou a liberdade, os direitos do homem, o capitalismo e o sucesso do Ocidente*. Lisboa: Tribuna da História, 2007.

TELESUR. *Papa Francisco: El capitalismo provoca pobreza, hambre y guerra*. Disponível em: <https://www.telesurtv.net/news/papa-francisco-capitalismo-entrevista-salvados-20190401-0007.html>.

TIME. *Running Out of the Darkness*. Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1186569,00.html>.

TREVISAN, Cláudia. *Quércia e Lula disputam voto evangélico*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/12/brasil/32.html>.

TREVISAN, Karina. *Guerra comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/16/guerra-comercial-entenda-a-piora-das-tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial.ghtml>.

TRUMP, Donald John. *President Trump: We will never be a socialist country*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FKF_590azfw>.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS HOJE. *Briga de estudante católico desmascara comunismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aazQo0R8_tE>.

UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. *Report of the Commission of Inquiry on Human Rights in the Democratic People's Republic of Korea*. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/CoIDPRK/Pages/ReportoftheCommissionofInquiryDPRK.aspx>.

UOL ECONOMIA. *Bancos nas mãos de poucos.* Disponível em: <https://www.uol/economia/especiais/concentracao-de-bancos.htm#bancos-nas-maos-de-poucos>.

VATICAN NEWS. *Francisco: mercado de armas é uma ameaça para a humanidade.* Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-01/papa-francisco-armas-nucleares.html>.

VATICAN NEWS. *Papa Francisco: entrevista à TV espanhola*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-04/papa-francisco-entrevista-tv-espanhola.html>.

WATKINS, Nathalia. *Medicina de Cuba é cheia de exemplos a não ser seguidos*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/medicina-de-cuba-e-cheia-de-exemplos-a-nao-ser-seguidos>.

WINFIELD, Nicole. *Fundador da teologia da libertação louva "novo clima" do Vaticano*. Disponível em: <http://juliosevero.blogspot.com/2015/05/fundador-da-teologia-da-libertacao.html>.

WOODEN, Cindy. *'Capitalism gives a moral cloak to inequality,' Pope Francis says at Italian steel plant.* Disponível em: <https://www.americamagazine.org/faith/2017/05/30/capitalism-gives-moral-cloak-inequality-pope-francis-says-italian-steel-plant>.

WU, Harry. *Labor camps reinforce China's totalitarian rule*. Disponível em: <http://edition.cnn.com/SPECIALS/1999/china.50/red.giant/prisons/wu.essay/>.

YARDLEY, Jim; ROMERO, Simon. *Com papa Francisco, Vaticano faz as pazes com Teologia da Libertação.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1634840-sob-papa-francisco-vaticano-reata-com-teologia-da-libertacao.shtml>.